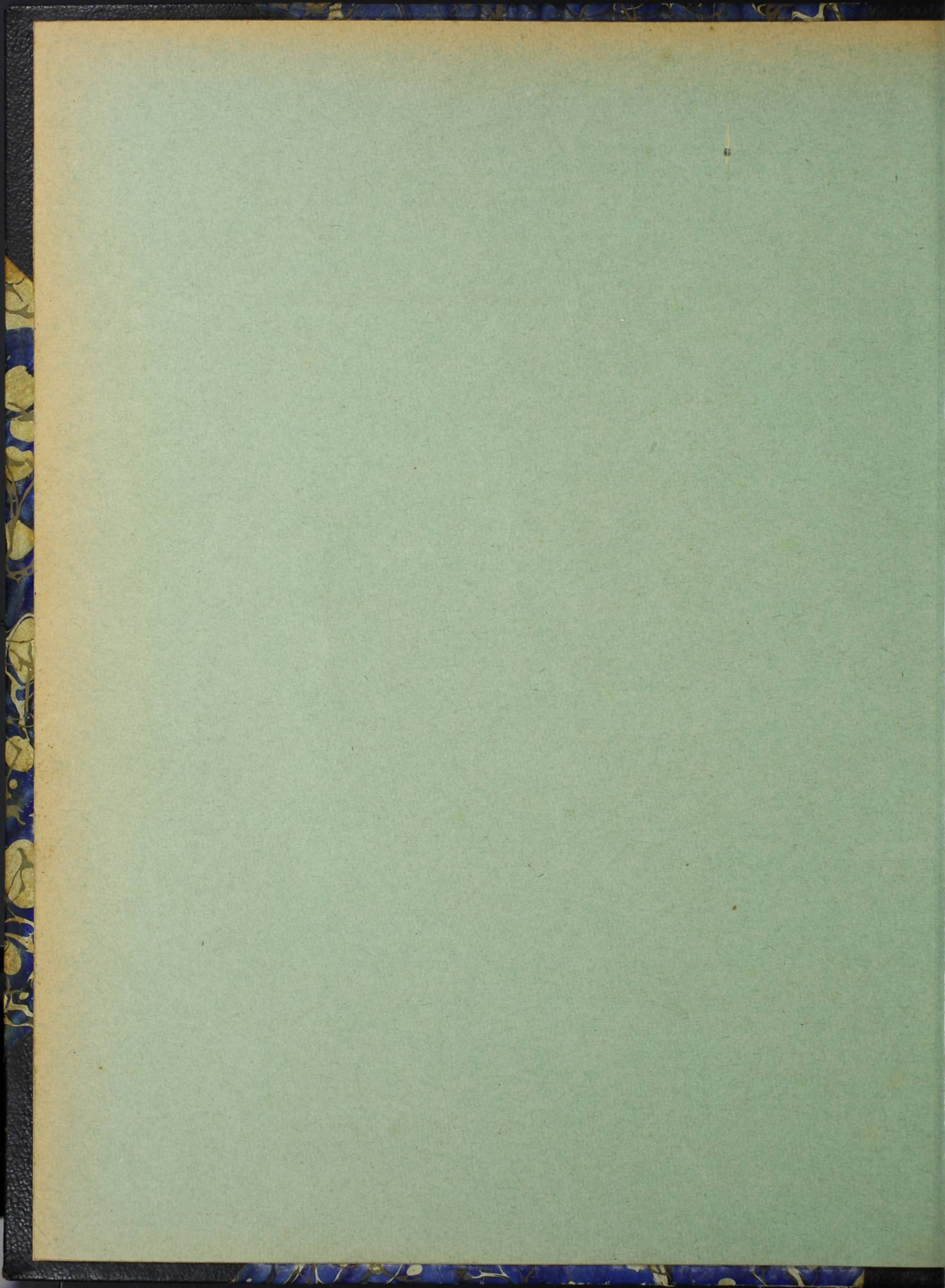




Je ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



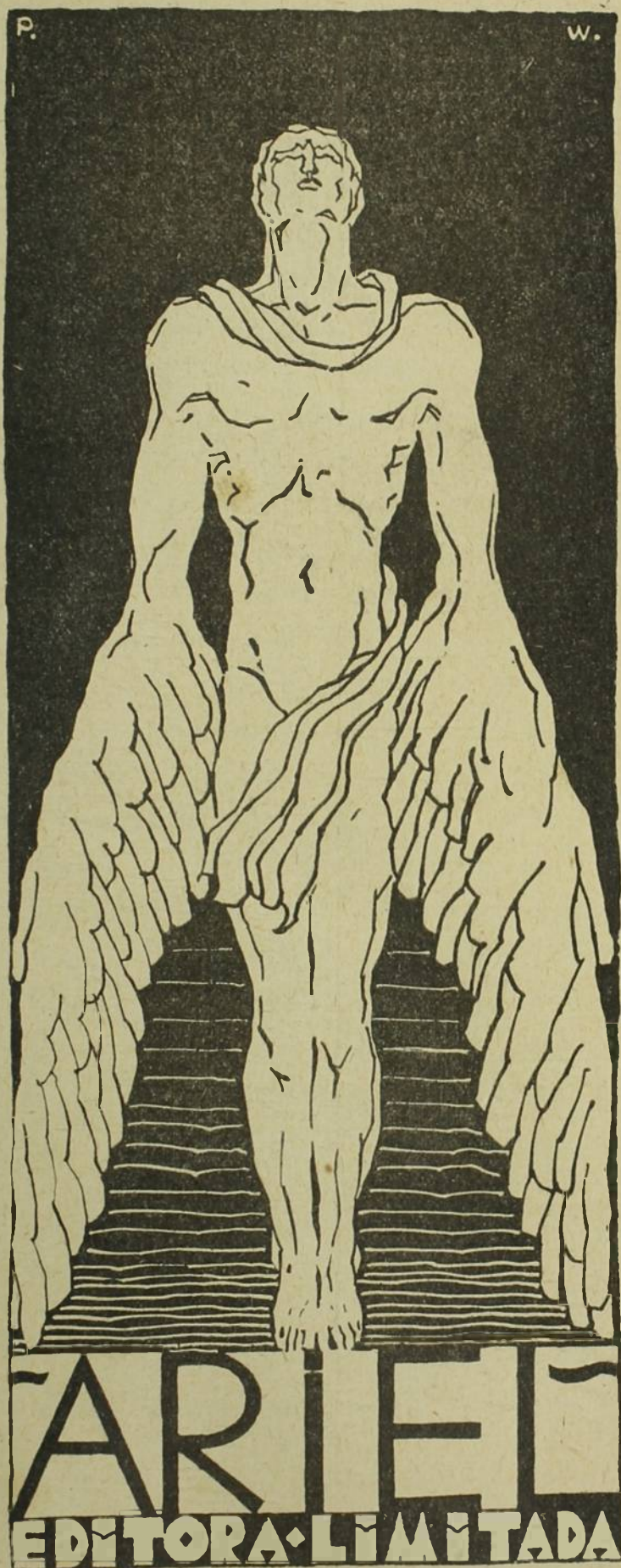
BOLETIM *de* ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

LETTRAS

ARTES

SCIENCIAS



DIRECTOR:
Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:
Agrippino Grieco

ANNO IV

OUTUBRO 1934

α

SETEMBRO 1935

ARIEL, editora Ltda. Rua Senador Dantas, 40-5º-- Rio de Janeir

COLLABORADORES

ABNER MOURÃO — ALDO MORAES — ADERBAL JUREMA — ADHEMAR VIDAL — AFRANIO PEIXOTO
AGRIPPINO GRIECO — AIRES DA MATTA MACHADO FILHO — A. J. DE SAMPAIO — ALBERTO CAVALCANTI
ALBERTO RAMOS — ALBERTO RANGEL — ALCIDES BEZERRA — ALDO MORAES — ALFONSO REYES
ALOYSIO NAPOLEÃO — ALVARO MOREYRA — ALVES PINHEIRO — ANTONIO GABRIEL
ARMANDO DE OLIVEIRA — ARTHUR COELHO — ARTHUR RAMOS — ASTROGILDO PEREIRA
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — AZEVEDO CORREIA — BELMIRO BRAGA — BEZERRA DE FREITAS
CARLOS LEBEIS — C. INGLEZ DE SOUZA — CORRÊA DE SA' — DANTE COSTA — D. MILANO — DIAS DA COSTA
EDISON CARNEIRO — EDYLA MANGABEIRA — ENIO FONTES — E. PINTO MONTEIRO — EUGENIO GOMES
FRANCISCO DE ASSIS BARBOZA — FRANCISCO VENANANCIO FILHO — GASTÃO CRULS — GASTÃO VIEIRA
GILBERTO AMADO — GILBERTO FREYRE — GUILHERMINO CESAR — HELENA T. DA CUNHA
HELOISA ALBERTO TORRES — HELIO VIANNA — HENRIQUE PONGETTI — JACK SAMPAIO
JAYME CARDOSO — J. NUNES GUIMARÃES — JOÃO CORDEIRO — JOÃO PACHECO — JOAQUIM DE SALLES
JOAQUIM RIBEIRO — JORGE AMADO — JORGE DE LIMA — JOSE' AMERICO DE ALMEIDA
JOSE' BEZERRA GOMES — JOSE' LINS DO REGO -- JOSE' MARIA BELLO — JUDITH NUNES PIRES
LUC DURTAİN — LUCIA MIGUEL PEREIRA — LUIZ ANNIBAL FALCÃO — LUIS DA CAMARA CASCUDO
MANLIO GIUDICE — MANUEL BANDEIRA — MARIO DE ANDRADE — MARQUES REBELLO
MAURICIO V. WELLISCH — MELLO LEITÃO — MERCEDES IRIGOYEN — MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA
MIRAN M. DE BARROS LATIF — MURILO MENDES — OCTAVIO DE FARIA — ODYLO COSTA FILHO
OLIVIERI, YOLANDA LUIZA — OSORIO DE OLIVEIRA — OSWALD DE ANDRADE — PEREGRINO JUNIOR
PHOCION SERPA — PINHEIRO DE LEMOS — RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR — RAYMUNDO MORAES
REINALDO MOURA — RENATO MENDONÇA — RIBEIRO COUTO — ROCHA FILHO
RODRIGO M. F. DE ANDRADE — RONALD DE CARVALHO — ROQUETTE-PINTO — ROSARIO FUSCO
SAUL BORGES CARNEIRO — SAUL DE NAVAREO — TRISTÃO DA CUNHA — UBALDO SOARES
V. DE MIRANDA REIS — VERA PEREIRA — VIRGINIO SANTA ROSA — WILLY LEVIN



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

OUTUBRO 1934

ANNO IV

SETEMBRO 1935

INDICE DE AUTORES E TITULOS

A

- Abner Mourão — Anadyomenico, 329.
A. de Moraes Coutinho — "La Socialización de la Medicina", 50; Rotina e Revolução, 197.
Aderbal Jurema — "S. Bernardo", 68; Estado Negro, 103; Subindo a Escada Vermelha, 141; Poesia e saudosismo, 234; O romance contemporaneo, 283.
Adhemar Vidal — A vida Rural fixada nos nossos romances, 99; Belazarte me contou, 157; O que era o Capitão de Campo, 188; Primeiros Povoadores do Brasil, 293.
Afranio Peixoto — Traduttore — Traditore, 7.
Agrippino Grieco — Pirandello, 75; Coelho Netto e Humberto de Campos, Memorialistas, 114; Jornalistas Argentinos, 193; Velharias sobre um escriptor velho, 244; Dostoievski, 294; "Ultimo Bandeirante", 303.
Aires da Matta Machado Filho — Acerca dos Dicionarios, 115.
A. J. Sampaio — Ethnobotanica, 233.
Alberto Cavalcanti e Allistair Cooke — Discussão sobre o film sonoro, 332.
Alberto Ramos — A inquietação Moderna, 8; Uma phrase, 8; O Accordo Orthographico, 44; Razões contra a Rima, 125; Pagina de Testamento, 152; Traduzir Poetas, 152; Ecce Homo (Epistolario de Nietzsche), 178, 218; Variações sobre a liberdade, 235; Servir e calar, 235; Signaes da Escripita, 267; Theoria da Virgula, 267; Oscar Wilde e o Jury, 319; Heróe — Histrião, 319.
Alberto Rangel — "Gastão de Orléans", 1.
Alcides Bezerra — A' margem de uma novella psychanalytica, 20; Pequenas Bibliothecas, 58; Americanidade, 65; Analyse espectral de uma familia carioca, 97; O Humour e o Spenglerismo, 123; Ainda o salão de Madame Haritoff, 213; Problemas de Philosophie da Cultura, 272; Litteratura Portuguesa, 317.
Aldo Moraes — A maternidade no homem, 190; Fronteira, 282.
Affonso Reyes — Fuga de Natal, 95.
Aluizio Napoleão — A' margem de "Improprios para Menores", 98; A estréa

- de uma romancista, 227; Commentarios sobre "O Boqueirão", 338.
Alvaro Moreyra — Noite, 21.
Alves Ribeiro — A poesia de Augusto Frederico Schmidt, 191; Realidade Brasileira, 282.
Antonio Gabriel — O Espirito em face da Revolução Mundial, 142.
Antonio Torres — Correspondencia, 32, 59, 89, 117, 144, 174, 201, 228, 257, 284, 310, 341.
Armando de Oliveira — Carta a um grego, 110.
Arthur Coelho — Emilia no Paiz Maravilhoso da Grammatica, 14; Estandar-tização, 52; Cabine de projecção, 130; Conversa de dois cavallos e outro bicho, 254.
Arthur Ramos — O Negro na America, 46.
Astrogildo Pereira — Espelho da Familia Burgueza, 182.
Augusto Frederico Schmidt — Mendigos, 177.
Azevedo Corrêa — Arranha-céu, 129.

B

- Belmiro Braga — Chispas, 192.
Bezerra de Freitas — Oriente e Occidente na Actualidade Litteraria, 67; O populismo e a novella dos sentimentos, 135.

C

- Carlos Lebeis — Ode aos Dias de Ouro, 306.
C. Inglez de Souza — Francisco de Rainville, 138.
Corrêa de Sá — Enio Fontes e a Orthodoxia, 252.

D

- Dante Costa — Supposições, livros e revistas, 22; "Imagens do Brasil e do Pampa", 36; Os "donos do assumpto", 181; "Caminhos Cruzados", 300.
D. Milano — A Partida, 18.
Dias da Costa — "Suor", 34; O homem que se recordava, 226.

E

- Edison Carneiro — Fronteiras, 136; Nota sobre "O Negro Brasileira", 184; Hegel, Feuerbach, Marx, 330.

- Edyla Mangabeira — Litteratura Alle-mã Contemporanea, 308; Poesia Alle-mã Contemporanea, 240.
Enio Fontes — Horizontal, 237.
E. Pinto Monteiro — Inqueritos, 145.
Eugenio Gomes — Gordon, poeta hippico, 106; A linguagem actual da Poesia, 162; Ligando dois mundos, 242.

F

- Francisco de Assis Barbosa — O Poeta Ruy Ribeiro Couto, 82; Antonio de Alcantara Machado, 215.
Francisco Venancio Filho — Litteratura Infantil Norte-americana, 39; A Creação e o Creador, 112; O mez feminino em Viçosa, 140; O ensino das linguas vivas, 198; Pablo Pizzurno, 302; A Gloria de Euclides da Cunha, 321.

G

- Gastão Cruls — Visita inesperada, 27; "Nijinsky", 86; Brasileira, 105; Ronald de Carvalho, 152; "Le Comte de Gobineau au Brésil", 179.
Gastão Vieira — Terrivel Tragedia (tradução), 217.
Gilberto Amado — Barthou e Poincaré, 37; "Contos fóra do tempo", 151.
Gilberto Freyre — Pontos em certos il, 216.
Guilhermino Cesar — "Brejo das Almas", 40.
Helena T. da Cunha — Vinci, 161.

H

- Heloisa Alberto Torres — "Introdução á Archeologia Brasileira", 72.
Helio Vianna — "La Fin de la Nuit", 165.
Henrique Pongetti — A culpa de Michael Gold, 13.

I

- Ismael Nery — Poemas (recolhidos por Murilo Mendes), 247, 293; Arte e Artista, 331.

J

- Jack Sampaio — "Le Visionnaire", 24; "Adam and Eve", 47; "Juan in America", 49; "All men are enemies", 66; Reflexões á margem do "Combat avec l'Ange", 94; Actualidades, 156; "Hen-

ry the Eighth", 186; "Jean de Bleu", 273; "Loat Horizons", 318.

Jayme Cardoso — Um Moysés epicurista, 18; O estranho Claudel, 62; Os cinco sentidos de um artista, 170; O romancista da timidez, 129; Um grande livro de sempre, 274.

J. Nunes Guimarães — "A Crise Mundial e a solução bimetallista", 172.

João Cordeiro — Nota sobre o "Alambique", 88; Notícia de um grande romance, 325.

João Pacheco — "Tempo e Eternidade", 336.

Joaquim de Salles — "Tu es sacerdos in num. 4.

Joaquim Ribeiro — A apologia das atitudes quotidianas, 108; Uma novella cerebral, 309.

Jorge Amado — Vizinhaça, 3; Anyone Costa, 84; "S. Bernardo" e a política litteraria, 134; A volta de um romancista, 158; Retrato do Intellectual, 222; Historia da Primavera, 298.

Jorge de Lima — Aos Suicidas, 24; Exposição Hugo Adami, 329.

José Americo de Almeida — O Rio, 122.

José Bezerra Gomes — O Grupo Modernista de Minas, 280.

José Lins do Rego — Poesia, 261.

José Maria Bello — Iniciação Filosófica, 160.

Judith Nunes Pires — Poemas, 125.

L

Luc Durtain — Paul Valéry, 56; Ronald de Carvalho, 196.

Lucia Miguel Pereira — Para Crianças, 17; Lição de Cesar, 43; "Les Célibataires", 104; O sonho e a machina, 121; Crise da Europa ou Crise do Espirito? 205; "La Vie de D. H. Lawrence", 268; "Le temps du mépris", 297.

Luiz Annibal Falcão — "Pluie d'Étoiles", 25.

Luiz da Camara Cascudo — Estudos Apontados, 169.

M

Manlio Giudice — Krishnamurti visto por um profano, 212.

Manuel Bandeira — O sonho de França Junior, 16; Impressões de um Christão Novo do Regionalismo, 266.

Mario de Andrade — "Amérique Latine", 12.

Marques Rebello — Inqueritos, 23; Mais inqueritos e outras notas, 44; "Mara-fa", 323.

Mauricio von Wellisch — "Uma familia carioca", 240.

Mello-Leitão — "Os Arcos dos Annos", de Sutherland, 324.

Mercedes Irigoyen — Lettras platinas, 71.

Miguel Ozorio de Almeida — Einstein — "Comment je vois le monde", 9; Carlos Chagas, 69; O futuro da Cultura, 154; A Cultura e seu futuro, 210.

Miran M. de Barros Latif — Encruzilhada, 279; Contrariando Loti... 327.

Murilo Mendes — Calunga, 291; Pintura, 303.

O

Octavio de Faria — "O Inutil de Cada Um", 48; "Salgueiro", 236; Excesso de Norte, 263.

Odylo Costa, Filho — Roberto, Heróe, 276.

Olivieri, Yolanda Luiza — Poema, 55.

Osorio de Oliveira — Reflexões de um luso-brasileiro, 79; Balanço dum anno litterario, 132.

Oswald de Andrade — Duas creações da cidade americana, 164.

P

Peregrino Junior — Apologia do Regionalismo, 11; Ribeiro Couto, 101.

Phocion Serpa — Prophecias... 61.

Pinheiro de Lemos — Das esteppes ás caatingas, 26; Uma artista nova, 78.

R

Raymundo Magalhães Junior — O suicidio intellectual de João Lyra Filho, 42; Ribeiro Couto, az do volante, 74; Erotismo e misticismo, 269.

Raymundo Moraes — Imagens alheias... 322.

Reinaldo Moura — Veneza, 301; Momentos, 314.

Renato Mendonça — "O Alambique", 221.

Ribeiro Couto — "Confidences des Iles", 41; "Caminhos", 51.

Rocha Filho — Destino da Poesia, 246.

Rodrigo M. F. de Andrade — Um tratadista brasileiro, 166.

Ronald de Carvalho — Arte e Tradição, 93.

Roquette-Pinto — Anthropologia Portuguesa, 6; Um Heróe Negro, 38; "O Negro brasileiro", 96; "Gastão de Orleães", 207; "Rôle et formation du Bibliothécaire", 265; "Cariocas e Paulistestast", 271; "Kukulcán", 273; Divagações, 320.

Rosario Fusco — Esthetica, 194.

S

Saul Borges Carneiro — Tobias Barreto, 5; Um livro premiado, 150; No bom caminho, 180.

Saul de Navarro — Uma Chamma e uma Sombra, 248.

T

Tristão da Cunha — Flor de sol, 125.

U

Ubaldo Soares — Slovacki, grande vate da Polonia, 30; "Civilização Ultrajada", 46; Choromanski, romancista polonez, 80; "Challemel Lacour", 173; Um homem de dois séculos", 246; "Études sur l'Allemagne", 295.

V

V. de Miranda Reis — Questiuunculas, 29; Desobriga, 76; Ethnographia e Psychanalyse, 127; O negro — denominador commum das duas Americas, 168; Maskerade, 187; A esquerda e a direita litterarias, 290.

Véra Pereira — "Salgueiro", 304; "O Moleque Ricardo", 326.

Virginio Santa Rosa — Duas novellas que se dizem domances, 199; O theatro de Somerset Maugham, 238; "Main Street", 270.

W

Willy Levin — Poesia de Theatro, 111.

INDICE DE ASSUMPTOS E PRINCIPAES ALLUSÕES

A

Academia Amazonense de Lettras, 183; Academia Franceza, 203; Accioly (Hildebrando), 166; Acevedo (Pablo Blanco), 119; Adami (Hugo), 329; Adensohn (F.), 36; Affonso Celso, 328; Ajalbert (Jean), 231; Albano (Ildefonso), 250; Albuquerque (Matheus de), 170; Alcantara Machado (Antônio de), 215; Aldington (Richard), 66; Alencar (José de), 51; Allemanha, 295; Almeida (Gal. Gil de), 33; Almeida (José Americo de), 145, 159, 199, 338; Almeida Junior (A.), 7; Almeida Prado (J. F. de), 129, 292; Almeida (Renato), 44; Alphonsus (João), 280; Amado (Gilberto), 5; Amado (Jorge), 34, 105; Amaral (Luiz), 196; Amaral (Rubens do), 64; America Latina, 12, 65; Americano (Djalmar), 96; Amorim (Clovis), 88, 147, 221; Anchieta, 10, 288; Andersen, 108; Andrade (Almir de), 124; Andrade (Mario de), 157, 299; Andrade (Oswald de), 141, 173; Annes Dias (Carmen de R.), 340; Anthropologia, 6; d'Annunzio, 244; Aragon (Louise de), 318; Araujo Jorge (J. G. de), 91; Archeologia, 72; "Archivos do Instituto de Educação", 11; "Archivos de Medicina Legal e Identificação", 59; Arinos (Affonso), 303; Arlen (Michael), 156; Armandy (André), 146; "Arte", 176; Arthur Augusto, 129, 267; Azevedo Amaral, 64; Azevedo (Fernando de), 235, 294; Azevedo (Washington), 220.

B

Backheuser (Everardo), 133; Bacot (Jacques), 203; Bailly (Auguste), 203; Bainville (Jacques), 232; Balmaceda Cardoso, 339; Bandeira (Beatriz), 193; Barbosa (Francisco de Assis), 91, 108; Barbosa Rodrigues, 343; Barbosa (Ruy), 147; Barreiro (José), 193; Barreto (Tobias), 5; Barroso (Gustavo), 43, 287; Barros Vidal, 114; Barthou (Louis), 17, 37, 215; Bazan (Juan F.), 288; Beer (Max), 15, 153; Beers (Clifford W.), 64; Bellessort (André), 20; Belleza (Othoniel), 124; Bello (José Maria), 183; Benda (Julien), 246; Béraud (Henri), 74; Berl (Emmanuel), 217; Bernard (Tristan), 68; Bertaut (Jules), 239; "O Bibliophilo", 209; Bibliothecas, 265; Bibliotheca Central de Educação, 119; "Bibliotheca de Estudos Contemporaneos", 47, 133; Bibliotheca Universitaria Brasileira, 6; Bibolini (Casaccia), 305; Bittencourt (Adalzir), 70; Blanche (Jacques-Émile), 229; Blanco (Juan Carlos), 103; Blond (Georges), 265; Bloy (Léon), 94; "Boletim de Ariel", 319, 328; "Boletim da Soc. Luso Africana", 193; "Boletim da Soc. Pestalozzi", 214; Bollery (Joseph), 94; Bordeaux (Henry), 152; Borges Fontes (General), 100; Botanica, 146, 323; Boulenger (Jacques), 157; Bourgeois (Nicolas), 152; Bourget-Pailleron (Robert), 282; Bourget (Paul), 107; Brancour (René), 103; Brândão (Wellington), 218, 280; Brasil (Juvenal), 92; Brion (Marcel), 314; Briquet (Raul), 284; Britto (Bugyja), 124; Brocke (Rupert), 242; Bruneau (Alfred), 107; Burroughs (E. Rice), 161.

C

Caiuby (Amado), 343; Caldwell (Erskine), 156; Calmon (Pedro), 204, 288; Calvino, 226; Campos (Humberto de), 114, 146, 183, 267, 344; Canabarro Reichardt (H.), 75; Canepa (V.), 146; Capek (Irmãos), 17; Capistrano de Abreu, 96; Carco (Francis), 56, 265, 305; Cardoso (Lucia), 31, 44, 235, 304; Carlos (M.), 331; Carmen Cinira, 25; Carneiro Leão (A.), 180; Carneiro (Suikire), 331; Carré (Henri), 299; Caruso (Victor), 108; Carton de Wiart (Conde), 260; Carvalho Filho, 23; Carvalho (Jader de), 55; Carvalho (Ronald de), 8, 87, 153, 194, 196, 344; Casaes (Henrique de), 340; Casaes Monteiro (Adolfo), 339; Casseville (H.), 24; Cassou (Jean), 239; Castro (Erasmo), 125; Castro (Josué de), 214; Castro (René de), 64; Castro e Silva (Guilherme de), 31; Cathoud (Arnaldo), 286; Cavalcanti (Alberto), 203, 333; Cégos, 320; Cesar (Sebastião), 301; Chack

(Commandante), 237; Chagas (Carlos), 69; Chamberg (G.), 18; Champsaur, Félicien), 225; Chamson (André), 151; Champris (A. Gaillard de), 203; Chateau (Othon), 231; Chevalley (Abel), 253; Choromanski, 80; Christo, 267; Chrysanthème, 91; Cinema, 130, 231, 306, 333; Claudel (Paul), 62, 86, 147, 265; Coteau (Jean), 111; Coelho de Carvalho, 18; Coelho Netto, 114, 192; Collecção H. Leonardos, 70; Collecção Menina e Moça, 41; Collecção "Problemas Contemporaneos", 131; Colette, 187; Conde d'Eu, 1, 207; Condivi (Ascanio), 214; Conferencia sobre as Indias Occidentaes, 96; Congresso Afro-Brasileiro, 63; Contreiras Rodrigues (F.), 200, 230; Conus (Esther), 156; Corrêa (Roberto), 105; Corrêa (Viriato), 146; Costa (Angyone), 72, 84, 120, 181, 339; Costa Filho (Odylo), 95; Costallat (Benjamin), 75; Couto Ferraz (Aydano do), 313; Crémieux (Benjamin), 163; "Critica", 193; "Criticus", 81; Croiset (A. e M.), 303; Croisset (Francis de), 253; Cruls (Gastão), 97, 182, 256; Cruz (Estevão), 70, 153; Cultura Brasileira (Livraria), 214, 337; Cunha (Euclides da), 321, 331; Cured (François de), 187; Cysneiros (Amador), 36, 102.

D

Dabit (Eugène), 147; Dale (Gustavo), 131; Danjou (Henri), 6; Dantas (Julio), 125; Dante, 74; Daudet (Alphonse), 203; Davray (J.), 221; Deambrosis Martins (C.), 343; Delamare (Alcibiades), 315; Délétang-Tardif (I.), 41; Delfino (Luiz), 296; Deloche (Faximin), 252; Del-pino Jr., 276; Descaves (Lucien), 18, 229; Devinelli (Carlos), 194; Dictionarios, 115; Dickens, 287; Dierx (Léon), 232; Dieudonné (Eugène), 217; Dimier (Louis), 148, 314; Direito, 166; Doliveira (C.), 120; Domingues (Alpheu), 114; Dostoievski, 292; Doumic (René), 187; Drummond de Andrade (Carlos), 40, 224, 276; Du Bos (Charles), 1, 316; Duche (Adolpho), 146; Duhamel (Georges), 189; Dumas (Ch. Robert), 119; Duménil (René), 31; Dumont-Wilden (D.), 157; Durtain (Luc), 8, 35, 39, 86, 194, 260.

E

Economia, 29, 200; Einstein, 9; Ellis (Havelock), 258; Elis Junior (Alfredo), 36, 146; Emboaba (C.), 36, 319; Erskine (John), 47; Epstein (J.), 163; Equitação, 145; Escholier (Rymond), 314; España (José d'), 193; Espiritismo, 242; "Espírito Novo", 256; Essad Bey, 214; Estandarização, 52; Esthetica, 194; Estrada de Ferro do Paraná, 218; "Estudos Afro-Brasileiros", 256; Ethnobotanica, 233; Ethnographia, 29, 127, 169, 233, 290, 308, 321.

F

Fabre-Luce (Alfred), 143, 267; Faria Neves Sobrinho, 326; Farrère (Claude), 232, 259; Fauchet (Raymond), 152; Fauconnet (André), 295; Faulkner (William), 39; Fayol (Amedée), 70; Fenimore Cooper, 193; "Festa", 148; Ferraz (Enéas), 240; Feuchtwanger (L.), 253; Figueira (Gaston), 299; Figueiredo (Sylvio), 47; Fleuret (Fernand), 218; Fogazzaro, 81; Folk-Lore 20; Fontes (Enio), 252; Fouillet (H.), 120; Fournier (Alain), 121; Franco (P. J. J.), 252; Francovich (Guillermo), 262; França Junior, 16; Freire (Affonso), 313; Freire (Laudelino), 74; Freyre (Gilberto), 76, 149, 168, 216; Fridman (S.), 186; Frieiro (Eduardo), 276.

G

Gallarati Scotti (T.), 81; Galtier-Boissière, 282; Garcet (André), 143; Gengiskhan, 231; Geographia, 29, 276, 343; George (Henry), 314; George Sand, 24; Ghika (Matila), 26; Gide

(André), 71; Gikovate (M.), 146; Gil (Roberto), 60; Giono (Jean), 147, 273, 278; Giraudoux (Jean), 94; Gobineau (Conde de), 179, 275; Godoy (Armand), 200, 343; Góes (Eurico de), 129; Gold (Michael), 13, 308; Gomes (Carlos), 294; Gomes de Moura, 218; Gomes Netto, 35; Goncourt (Irmãos), 318; Gôngora (Luiz de), 63; Gordon (Adam Lindsay), 106; Gorki (Maximo), 291; Gounod, 313; Goutton (Francis), 232; Graça Aranha, 95; Graça Aranha (Heloisa), 126; Grammatica, 14; Grasset (Bernard), 148; Green (Julien), 24; Grenard (Fernand), 231; Grieco (Agrippino), 79, 192, 256; Grimaux (Edouard), Grimm (Irmãos), 124; Gsell (Paul), 39; Guibourg (Edmundo), 193; Guillaumin (Emile), 203; Guimarães Cova, 92; Gurgel do Amaral (L.), 151; Gusmão (Ismael), 108.

H

Hackett F(rancis), 186; Halévy (Daniel), 231, 260; Hamp (Pierre), 178; Hamsun (Knut), 28; Handelman (H.), 290; Haritoff (Madame), 213; Heine (Henrich), 157; Hermant (Abel), 330; Harriot, 147; Hesse (Herman), 222; Hilton (James), 318; Historia, 290; Hitler, 124; "Hoje", 71; Hollanda (Guy de), 146; Momet (Marcel), 143; Humour, 123, 137, 171; Hungria (Nelson), 64; Huxley (Aldous), 63.

I

Ibarbourou (Juana de), 147; "Idéa", 148.

J

Jabor (Diva), 120; Jacobina (Eduardo), 287; Jammes (Francis), 198, 231; Jean-Bernard, 70; Jesualdo, 275; Jobim (Anisio), 222; Jougla de Morenas (Henri), 244; Jurema (Aderbal), 256; "Juridicas y Sociales", 138.

K

"Kalevala", 246; Kehl (Renato), 256, 343; Kelly (Celso), 31; Kessel (Joseph), 267; Keyserling, 142; Khayyam (Omar), 332; Krakowski (Eduardo), 173; Krishnamurti, 212.

L

Lacuzon (Adolphe), 282; Lamennais, 239; Larreta (Enrique), 178; Lavoisier, 198; Lawrence (D. H.), 268, 284, 342; Léandre, 221; Leão (Mucio), 61, 98; Leblond (M. e A.), 107; Le-cache (Bernard), 147; Leite Pinheiro (José), 146; Lemos (Florian de), 103; Lenine, 30, 64, 114; Levin (Willy), 224; Lewak (Adam), 246; Lewis (Franklin), 31; Liger-Belair (E.), 296; Lima Campos (Aluizio de), 105, 172; Lima Guerreiro de Castro (Annita), 343; Lima (Jorge de), 10, 187, 224, 256, 261, 269, 291, 313, 315, 336; Lima Junior (Augusto de), 301; Linklater (Eric), 49; Lins do Rego (José), 99, 105, 267, 326; Litteratura Allemã, 308, 340; Litteratura Belga, 319; Litteratura Cubana, 200; Litteratura Finlandeza, 246; Litteratura Infantil, 14, 17, 39, 70, 124, 146; Litteratura Japoneza, 67, 148; Litteratura Judaica, 163; Litteratura Mineira, 280; Litteratura Nordestina, 263; Litteratura Platina, 71, 107; Litteratura Poloneza, 80, 246; Litteratura Portuguesa, 132, 317; ; Litteratura Proletaria, 137; Litteratura Russa, 26, 318; Livraria do Globo, 70; Livros Didacticos, 145; London (Jack), 119; Longworth-Chambrun (Madame), 203; Lopes (Alfredo Cecilio), 194; Lopes Bittencourt (Alexandre), 313; Lopes Rodrigues, 288; Lopes (Silvina), 288; Lopez Lecube (Francisco), 193; Lorenzo (Tirzo), 140; Loti (Pierre), 327; Loureiro (Pizarro), 91; Louzada (A. M.), 36; Luccock (John), 308; Lund (Peter), 287; Lyautey, 146; Lyra Filho (João), 42; Lyra (Heitor), 112; Lyra (Roberto), 163.

M

Machado de Assis, 49, 192, 331; Machado (Leão), 328; Maeterlinck, 284; Magalhães (Basilio de), 294; Magalhães (Hildebrando de), 75; Magalhães Junior (R.), 41, 98; Magre (Maurice), 38; Malheiro Dias (Carlos), 46; Malraux (André), 297; Mann (Thomas), 321; Marcos, 282; Mardelle (Maurice), 231; Martins (Valfredo), 316; Massa (Monsenhor Pedro), 55; Massis (Henri), 203; Matis (Roger), 165; Matta Machado Filho (Aires da), 288; Mattos (Annibal), 262; Mattos (Lobivar), 183; Mattos (Mario), 303; Maclair (C.), 31; Maugham (Somerset), 4; Maupassant, 274; Mauriac (François), 165; Maurois André, 146, 156; Maute S. J. (Pe. Frederico), 328; Maxence (Jean), 198; May (Karl), 325; Mazeline (Guy), 147; M. C. 192; Medicina, 50, 192, 284, 288; Mello-Leitão (C. de), 92, 105, 343; Mello Macedo (J.), 316; Mello (Mario), 286; Memento Bibliographico, 36, 64, 92, 120, 148, 176, 204, 232, 250, 288, 316, 344; Mendes Corrêa, 271; Mendes (Murilo), 256, 261, 269, 313, 336; Menezes (Djacir), 267; Menna Barreto Costa (Marietta), 202; Mennucci (Sud), 137; Meredith (G.), 147; Merejkovsky (D.), 31; Mergulhão (Benedicto), 91; Mérimée (Prosper), 176; Merrel Concordia), 152; Meteorologia, 118; Metz (André), 39; Meyer (Augusto), 331; Milliet (Sergio), 225, 276; Miomandre (Francis de), 178; Miranda Reis (V. de), 216, 256, 293; "Momento", 22; Monardi (Pierre), 22; Monteiro de Barros Lins (Ivan), 305; Monteiro Lobato, 14, 256; Montherlant (H. de), 33, 104, 219; Moraes Costa (C. de), 76; Morand (Paul), 203; Morçay (Raoul), 203; Moréas (Jean), 226; Morgan (Charles), 44, 316; Moscoso (Alexandre), 328; Motta (Othoniel), 146; Moura Costa (Gilberto), 316; Moura (Emilio), 276; "Movimento", 343; M. P., 120; Mun (Alberto de), 246; Munthe (Axel), 203.

N

Nabuco (Carolina), 91, 227; Nagel (Willibald), 259; Napoleão (Aluizio), 232; Neves (Domingos), 124; Neves (Graciliano), 344; Nietzsche, 180, 218; Nijinsky, 86; Nina Rodrigues, 259; Nizan (Paul), 71; Noailles (Condessa de), 157; Nobre de Mello (Martinho), 331; Nobrega de Siqueira, 10; Nogales (Rafael de), 143; Noguchi (Yone), 290; Nogueira (Hamilton), 294; A Nova Gazeta Allemã, 225; Nunes (Arnaldo), 309.

O

O'Flaherty (Liam), 31; Oliveira (Armando de), 120; Oliveira (Clodoveu d'), 315; Olympio Guilherme, 31; "Onze de Agosto", 51; "Orto", 252; Orthographia, 146; Osorio (Pae) (Fernando L.), 291; Ozorio de Almeida (Miguel), 193.

P

Pailleron (M. L.), 74; Paléologue (Maurice), 231; Pareja (Wenceslao), 194; Pareto (Vilfredo), 203; Paula Barros (C.), 287, 343; Paulo Gustavo, 63; Payró (Roberto), 313; Pedagogia, 133, 140, 146, 148, 180, 186, 190, 198, 225, 267, 284; Peisson (Edouard), 51, 314; Peixoto (Mario), 48; Pellene (Jean), 265; Pereira Caldas (A.), 264; Pereira (Juvenille), 218; Peretz (I. L.), 163; Pernetta (Emiliano), 153; Pessoa Raja Gabaglia (Lauria), 343; Peyré (J.), 24; Philippe (Charles-Louis), 177; Philosophia, 160, 330; Philosophia da Cultura, 154, 205, 210, 272; Piá-do-Sul, 222; Picchia (Menotti del), 267; Piéron (Henri), 225; Pilnick (Boris), 131; Pimentel de Borba (Jenny), 291; Pinto (Estevão), 275; Pirandello, 75; Pizzurno (Pablo), 302; Poesia, 125, 162, 224, 245, 261, 314; Poincaré (R.), 37; Pongetti (Yolanda), 78; Portinari, 303; Pourtalès (Guy de), 36; Pozner (W.), 133; Prado (Paulo), 11; Prates da Fonseca (T.), 31; Premios Literarios na França, 131, 256, 282, 284; Premio Machado de Assis, 209, 296, 319; "Presença", 220; Prevost (Marcel), 265; Proudhon (J. P. P.), 276; Proust (Marcel), 165; Psychari (E.), 95; Psychanalyse, 127; Pujol (Alfredo), 146; 146.

Q

Quiroga (Horacio), 260.

R

Rabinovitch (M.), 46; Rachilde, 151, 265; Raeders (Georges), 179, 275; Rainville (Francisco de), 138; Raja Gabaglia, 278; Ramos (Alberto), 75, 110, 192; Ramos (Arthur), 96, 127, 176, 184; Ramos (Graciliano), 68, 119, 134; Rangel (Alberto), 207, 250; Regionalismo, 11, 266; Régnier (Paule), 38; Renard (Jules), 259; Rensi (Giuseppe), 74; Renzo (Alberto), 147; "Revista Brasileira", 6, 148; "Revista Contemporanea", 287; "Revista da Bahia", 209; "Revista do Globo", 148; Revoredo (Julio de), 96; "Revue Française du Brésil", 148; Ribeiro Couto, 7, 8, 74, 82, 101, 173, 339; Ribeiro (Joaquim), 344; Ribeiro (Julio), 258; Ribeiro (Leonidio), 200; Ribeiro Pinheiro (João), 309; Ribeiro Sampaio (Francisco), 146; Ribeiro da Silva (Hermano), 287; Rider Haggard, 131; Robert (Claude Maurice), 299; Rocha Ferreira, 340; Rocheblave (Samuel), 66; Rodrigo Octavio, 13, 38, 339; "Rodriguesia", 343; Romance, 135, 283; Romero (Sylvio), 5; Rondon (Cap. Frederico A.), 51; Roquette-Pinto, 3, 235; Rosa (Othelo), 315; Rostand (Maurice), 203; Roth (Joseph), 342; Rousseau (J. J.), 63; Roux (Georges), 43; Roy (M.), 24.

S

Saboia Lima (A.), 259; Sampaio (A. J. de), 105, 323; Sampaio (Alde), 133; Sampaio Ferraz (J. de), 118; Santos (Florencio), 91; Sardou, 299; Schmidt (A. F.), 13, 134, 191; Séché e Bertaut, 256; Seidl (R.), 294; "Seiva", 339; "Série Negra", 30, 343; Serrano (Jonathas), 192; Sette (Mario), 293; Setubal (Paulo), 31, 286; Shakespeare, 203; Shaw (Bernard), 318; Siciliano (Italo), 143; Siegfried (André), 12; Silva (Abdias), 203; Silva (Jair), 23; Silva (Moacyr), 119; Simenon (Georges), 315, 342; Simone, 265; Sinclair Lewis, 202, 270; Skansen (Per), 64; Sladen (Douglas), 104; Slovacki, 30; Soares de Faria, 202; Socialismo, 237; Sociedade do Livro mensal, 119; Sociologia, 235; Souza (Antonio de), 51; Souza Barros, 186; Souza Martins (J. de), 284; Epengler, 123; Spinetti Dini (A.), 193; Stalin, 75; Stein (Alban), 309; Stendhal, 107; Stock (M. P. V.), 315; Stravinsky, 267; Suarês (André), 342; Supervielle (Jules), 143; "Surco", 179; Sutherland (H), 324; Svensson (Jon), 35.

T

Talheimer (A.), 64; Tarquinio de Souza (Octavio), 95, 331; Tasso Fragoso (Gal. Augusto), 192; Tavares (Adelmar), 129; Tavares (Heckel), 156; Tharaud (Jerôme et Jean), 342; Théo-Filho, 31; Thompson (Almte.), 92; Tonelli (Luigi), 74; Torres (Alberto), 259; Torres (Antonio), 4, 79, 248, 289, 319; Tostes Malta (A.), 166; Tourinho (Eduardo), 70, 273; Tude de Souza (Fernando), 91; Turismo, 150.

U

"Ulenspiegel", 147.

V

Valéry (Paul), 56, 141; Valéry-Radot (Robert), 187; Van Dine (S. S.), 41; "Vanitas", 148; Van Loon (H.), 100, 102; Varaldo (Alessandro), 296; Varejão (Lucilo), 222; Vasconcellos (Diogo de), 313; Vaudoyer (J.-L.), 159; Vaz (Léo), 92; Veiga Lima (C. da), 20, 64; Vercel (Roger), 102; Vergara (Telmo), 22; Verissimo (Erico), 300, 316, 325; Verissimo (José), 11; Verlaine, 315; Vianna (Godofredo), 220; Vianna (Helio), 204; Vianna Moog, 123, 171; Victor Hugo, 18, 202, 215, 231, 246, 314; Vieira (José), 55; Villaroel (Giuseppe), 206; Villon (Francois), 143; Vioux (Marcelle), 194.

W

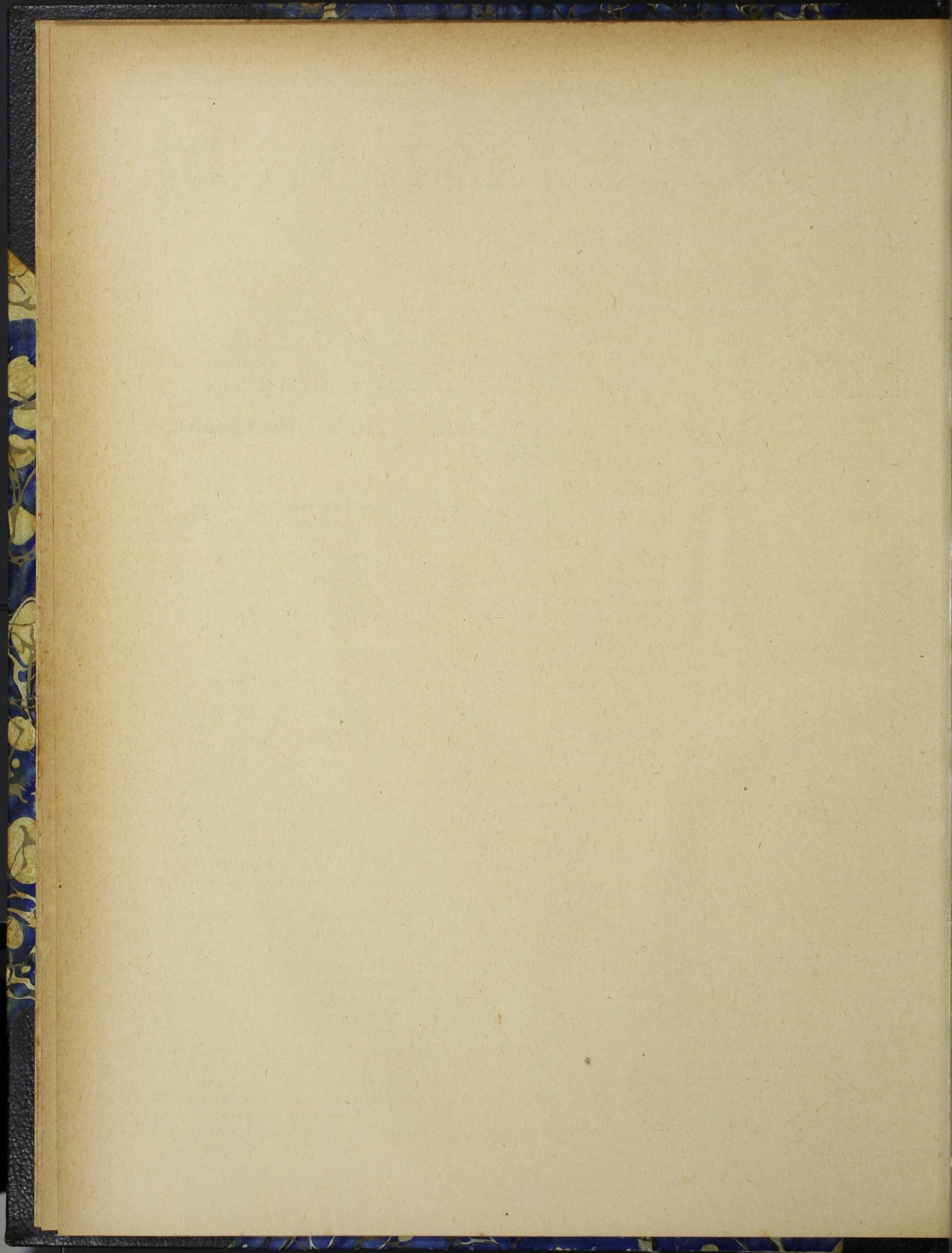
Wagner, 315; Wallon (Henri), 284; Warshow (P. L.), 153; Wateville (Bernard de), 318; Wilde (Oscar), 203, 319, 339; Wilder (Thornton), 222; Wirta (Guy), 176.

X

Xavier Marques, 36.

Z

Zeno (Dr. Lelio O.), 192; Ziegler (Henri de), 290; Zola, 217; Zweig (Stefan), 60, 260.





BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

“GASTÃO DE ORLEANS”

(O ultimo Conde d'Eu)

Bazin, tracejando a vida do duque de Nemours, poz em destaque as linhas bem intensas e profundas do caracter desse Principe, cuja rigidez de enfiatura e gravidade de animo, modelando um desdenhoso das approvações alheias, o dispensaram do entusiasmo de seus contemporaneos. Coube-me tarefa semelhante, acercando-me da memoria do filho do duque de Nemours, esse Conde d'Eu, a que os brasileiros rodearam das reservas de uma ogerisa formal, excedidos no mau gosto de cingil-o de epithetos de calumnia e pouco caso, esse par de injurias faceis e recalci-trantes: “Conde dos Corliços” e “Tenente de Mar-rocos”.

Começando em Agosto de 1932 a biographia do Conde d'Eu, dava-a por terminada grosso modo, em Novembro desse mesmo anno. Facilitou-me o empreendimento o abundante material documentario que approuve á benignidade de S. A. o Sr. D. Pedro de Orléans Bragança offerecer ao exame e estudo do compatriota, quando não faltariam outros de maior competencia e mais gulosos da importancia de semelhante e superlativa occupação litteraria. E' assim que, pela primeira vez no Brasil, intentando um processo á Ingratidão nacional, se tornou possivel desdobrar em torno de typo politico e principesco um inquerito dos mais minuciosos, pondo em publico e raso sua intimidade nas relações de filho, de marido, de genro, de irmão, de sobrinho, de discipulo e de amigo, no quadro familiar em que deviam desenvolver-se as notaveis qualidades do homem e a honra de toda sua existencia publica e privada. Nessa carda de confidencias apurou-se, com effeito, um sujeito limpo, rectilineo e sereno; no metéco surdiu um brasileiro ás direitas...

De minha parte, confesso, conservava da repugnancia geral ao esposo de D. Isabel, o meu es-

tupido quinhão. Das recordações de 1888 guardo bem nitidas ainda as que se referem a esse sujeito distante, desprovido de romanesco, sem bagagem de seducção pessoal, recortado dentre os zuavos de uma estampa do cerco de Constantina, ou da batalha de Alma, galopando através do Campo de S. Christovão, com o branco tapa-nuca de seu boné á Cavaignac e a pêra louraça, cintado da banda de seda vermelha como surdido das macé-gas de Uruguayana, ou de um charco do Paraguay. O real personagem debalde se reproduzia numa imagem d'Epinal das mais vivas lembrando Campo Grande ou Peribebuhy. A ninguém attrahia a sombra do victorioso soldado do Brasil! A popularidade tinha então outra coisa que fazer, circumdar as chammass da cabelleira de Lopes Trovão de um resplendor de Apostolo e Incorruptivel e babar-se toda com as tiradas de Silva Jardim, fremente, apontando á horda dos descontentes do cambio a 27 a bastilha em que dormitava o Senhor D. Pedro II.

Seria, com effeito, um homem differente dos demais esse marechal que passava, inspeccionando as tropas em manobras sob a égide do Conde de Lippe e tendo nas veias, em vez do sangue de Zumbi ou Cunhambeba, o de Henrique IV do Pennacho Branco. Sua falla espessada no rancido de tantos rr dobrados, sua situação constitucional de nem carne nem peixe, com que se lhe rematava a posição domestica de varão emprestado para os effeitos physiologicos indispensaveis á estrutura e continuidade hereditaria da Casa Imperial, suas oiças durissimas facultando-lhe indifferença a tanta palavra de adulação e a tanto pedido-de-empenho, sua formação individual antagonica aos processos da vida brasileira mais ordinaria, extranho ao gosto do vatapá e do aluá, incomprehensivel ás imposições consuetudinarias do “não póde” e do “tenha paciencia”,

sua sensibilidade mais restricta e melhor applicada, sua intuição anti-democratica, nutrida nas reacções do espirito cultivado em principios politicos crystallizados nas circumstancias dolorosas da Revolução e do Exilio, tudo isso explica ter sido o Conde d'Eu o "principe antipathico" a que se referia um do nojosos e acovardados pasquins que carramente o ultrajavam nas vespas do Quinze de Novembro.

Aconteceu que dos papeis manuseados, na intenção do perfil do Conde d'Eu, surgisse perfilada á minha frente uma personalidade de escol, apenas lhe foi despida a figura equilibrada e secca do chumaco de turvas e mesquinhas detracções de hontem. Nunca a aversão dos brasileiros redundara num contrasenso, rejeitando o individuo de que mais precisavamos, por sua capacidade superior de arbitro no conflicto de vaidades e cobiças em cujo reino o Brasil descambará, entre a China e o Mexico, se não se sustiver na prancha do escorrego ao esphacelamento final.

Raça escolhida, e por assim dizer seleccionada no contacto historico com as peripecias do governomillennar de um povo, tão sujeito a crises de impressão quanto o nosso, apurara naturalmente um individuo como o segundo Gastão de Orléans, e ultimo Conde d'Eu, fazendo-o maravilhoso exemplar de qualidades sadias e medias. Não o poderíamos acceitar na cota razoavel de seu valor precioso, porque, na psychopathia de extremados, não comprehendemos a prevalencia politica desses typos.

A autoridade e a ponderação, os dons, por assim dizer, ethnicos desse principe de Orléans, o mando para que nasceu, a excepção da altura para a qual foi preparado, o reflexo de glorias da longa progenie, tudo isso nos preveniu contra aquelle que julgámos ser o simples adventicio, desembarcado sem mais aquella de um paquete inglez para ter o titulo, um bello dia, de Imperador do Brasil.

Em dado momento, admittimos o Conde d'Eu como o instrumento physiologico da successão do Throno, um reproductor entre as cabeceiras do thalamo da Princeza Imperial. Mas se houvesse sido dado ao povo brasileiro ter lavrado o contracto nupcial de 1864, esse instrumento só disporia desta clausula final: "O Conde d'Eu, cumprido o mandato especial de co-autor de um herdeiro do Throno, retirar-se-á do Imperio e nunca mais se ouvirá fallar de Sua Alteza". Da parte do Brasil, teria com applausos geraes referendado tal documento algum Aristides Lobo ou Benjamin Constant dessa época, prevenidos contra essa especie de forasteiros privilegiados...

Certo é que nunca uma nação, mesmo sob os tropicos, se esforçou tanto no cultivo da má vontade e xingação a um homem de bem. A biographia do Conde d'Eu é a historia dessa animadversão cruel e que, prosperada na athmosphera propicia á ignorancia e á suspeita de um povo susceptivel de tudo esperar de quem mais grita ou mais intrica, foi alimentada por baixos publicistas,

pamphletarios ou periodiqueiros resolvidos á exploração das paixões publicas com discursos e mexericos, senão com artigalhões, cujo ouropel litterario excitava a admiração de semi-cultos, o extasis de mal letrados. Dominadora a vaga da diffamação nacional, obliterando o justo meio e a limpida razão das cousas, Teixeira Mendes, sacerdote da Humanidade, formularia a razão philosophica da birra ao Conde d'Eu, pois este finalizara com feliz exito a campanha contra o Lopez! Eramos assim em 1870, em 1889 e assim iremos por deante...

O que apparece tirado da papelada da justificação nos autos do Conde d'Eu é nitido e vingador. Não é tanto minha culpa de plumitivo como da Posteridade, senhora das tomadas de contas, chamando a si o dever exarado no programma de seu dia seguinte.

Que será com effeito do Brasil, se não nos preoccuparmos da reacção da justiça na apreciação de nossos homens, dos sentimentos de resistencia á falsidade e aos erros nascidos dessa "jalousie de la superiorité", que Luis XIV affirmava ser a razão maior da agitação dos espiritos, parecendo ter assim previsto os maus lenções do primo Conde d'Eu nos peraus da opinião de além Atlantico?

Em Gastão de Orléans sustenta-se a causa da dignidade e do alto valor do francez, naturalizado brasileiro nos sacrificios e triumphos da guerra e no mau querer e affrontas publicas com que o fuzilaram por toda parte, na Escola Militar, no Diario de Noticias, nos cartazes de anonymos. Nem sempre o tom do volume é o da serenidade mais plausivel. Força é, por vezes, poupar-se o autor á commodidade de deixar tranquillamente a verdade ensaburrada e malcozida.

Por bem pagas se darão essas paginas, impedindo que a penna de quem quer que seja, d'ora avante e sem remorso, possa reproduzir ou paraphrasear aquillo que ultimamente foi impresso sem o protesto de quem quer que fosse: "O Imperador tímido e indeciso, prevendo o terremoto economico e politico, evadiu-se para a Europa, deixando o poder nas mãos frageis de Isabel, boa senhora, casada com um pobre homem que, se tivesse tombado nos campos do Paraguay morreria abraçado com uma virgem — a sua espada..."

Mestre Maurras vê no adjectivo qualificativo um direito sagrado do Homem e do Cidadão. Entretanto, como considero-o assim, quando, fructo e abuso de um primarismo exercido nas manivellas da irreflexão, ousa juntar ao nome do grande servidor do paiz a attribuição que escandalosamente o menoscaba?

"Boa senhora" ainda se comprehende. Mas esse "pobre homem" só se legitimaria na pobre historia do pobre Brasil reduzida a um rico emporio de affirmações gratuitas, a um barathro de palavras no ar...

Comtudo, seja como fôr, haverá sempre um nobre recurso á certa especie de poder judiciario

VIZINHANÇA

Fui vizinho de Roquette-Pinto durante mais de um anno. Nessa época escrevi um enorme romance — *Ruy Barbosa numero 2* — que, felizmente, uma auto-crítica posterior me impossibilitou de publicar. A acção do livro se passava na rua Villa Rica, e não poucas vezes os personagens iam discutir os seus tolos problemas na sala do nosso sabio vizinho. Um meu amigo, companheiro de casa e personagem importante do livro, se damnava porque Roquette-Pinto não figurava entre os heroes. Figurava, sim, a sala do illustre escriptor com as suas decorações indigenas e o seu magnifico aparelho de radio. O respeito me impediu de fazer de Roquette-Pinto personagem de um livro tão besta e tambem uma certa piedade para com os heroes. Esses heroes eram os sujeitos mais conversadores do mundo. Conversadores não é bem o termo. Discutidores fica melhor. O livro era quasi um dialogo. Os personagens discutiam acerca de tudo e de qualquer coisa. Desde o destino do mundo até a côr dos olhos de uma certa Elisa que era a heroína. Citava Marx, Engels, varios outros sujeitos serios ao mesmo tempo que Julio Dantas e outros da mesma força. Peor que litteratos, eram creaturas litteralizadas, sem nada de humano. Ora, Roquette-Pinto é o que ha de mais humano. Estragaria com meia duzia de palavras acertadas os meus personagens. Botaria em dois tempos as coisas em seus logares. Acabaria com a sua palavra de mestre, as discussões. Exactamente o que os meus personagens não queriam.

Se terminassem as discussões de que iriam viver? Fica sabendo agora o meu amigo porque não botei Roquette-Pinto no romance.

*

Realizámos naquelle tempo umas monumentaes feijoadas presididas pelo poeta Raul Bopp que usava como cadeira um *calepinus* de longa historia. Sentado sobre o *calepinus* o Bopp começava a falar latim. Heitor Marçal escreveu numa noite o seu *Sinhá Dona*. Um gaúcho lia versos em voz alta e o seu irmão, jornalista, nos acordava ás quatro em ultima instancia julgue, na sua ultra soberania, os homens agigantados ou diminuidos na depressão proveniente das crises do senso nacional. A esse tribunal supremo trago uma batelada de peças apreciaveis. O Minos dos infernos, que invocamos, trará á mão menos a tocha da allegoria que um trapo de alimpar a fuligem de boatos e desaranhar certos esconderijos da maledicencia. O tempo entre nós, ao contrario do que pensava o moralista, não desgasta o erro, dá-lhe mesmo radículas e rhizomas. Aliás, em parte nenhuma da terra ha prazo legal para que a mentira succumba. Por isso mesmo convirá não tardarem mais as razões e os embargos do recorrente... Peço a palavra em nome da Justiça Publica, o réu é um "pobre homem" que...

Bourg la Reine — 1934.

ALBERTO RANGEL.

tro horas da manhã para contar as novidades politicas. Eu fazia para uma revista da Bahia, umas entrevistas com litteratos. Nossa maior ambição era penetrar na casa de Roquette-Pinto e conversar com o sabio.

As minhas entrevistas serviram de pretexto. E um dia lá estávamos na sala de Roquette-Pinto a ouvi-lo. Me deu uma entrevista magnífica. Desde então tem sido meu mestre. Durante o anno de vizinhança rara a noite em que não batia na sua casa para a "conversazinha".

Dos sujeitos mais admiraveis que tenho conhecido. Sabio, sem nenhuma vaidade inutil. Grande escriptor que jámais se fez importante. Acreditando na humanidade e acreditando no nosso mulato. Dizendo coisas acertadissimas com a maior simplicidade. Rindo dos nossos genios, mas rindo alegremente sem maldade. Incapaz de uma injustiça ou de uma palavra amarga.

*

Sua *Rondonia* é dos "20 maiores livros brasileiros". Mas não é della que vamos falar, nem dos *Seixos Rolados*, nem dos *Ensaio de anthropologia brasileira*.

Vamos nos encontrar agora com outro Roquette-Pinto. O *conteur*. *Samambaia* reúne varios contos seus, diversos como plano e realização, mas unidos por um certo tom de doçura e de bondade que os atravessa a todos.

Contos de sabio sem duvida. Em cada conto de *Samambaia* ha sempre alguma coisa a aprender. Não é apenas a narrativa, o estylo, o conto em si. Ha nelles algo a mais. Ha lição. Hoje não interessa mais a litteratura pela litteratura. Dahi escriptores e estylistas admiraveis não terem publico. Pela simples razão de que não têm nada a ensinar. Ainda estão trancados na classica torre de marfim.

Isso não acontece nem acontecerá com Roquette-Pinto. Elle é o educador por excellencia.

A's vezes uma ironia risonha. Vejam as *Paginas do velho Duarte*. Outras vezes é uma tristeza, porém, uma tristeza suave que não magôa. Um livro suave, agradável. E cheio de lições. Roquette-Pinto é um homem que sabe mas não guarda o seu thesouro de sabedoria como um avaro. Vae distribuindo a sua riqueza pelos seus livros. *Samambaia* contem uma parte desse enorme thesouro de Roquette-Pinto, meu mestre e meu amigo.

JORGE AMADO

BREVEMENTE:

S. BERNARDO

ROMANCE DE
GRACILIANO RAMOS

TU ES SACERDOS IN AETERNUM

Antonio Torres era padre. Aos 23 annos de idade o Arcebispo de Diamantina, D. Joaquim Silverio de Souza, derramou sobre sua fronte o oleo santo que o fez, para todo o sempre, levita do Senhor.

Na sua cidade natal, desde os seus estudos theologicos e nos dois primeiros annos que se seguiram á sua ordenação sacerdotal, Antonio Torres ensinou portuguez, latim, litteratura e musica.

Ao deixar Diamantina, vindo para o Rio, Torres pensou em bacharelar-se em direito "para dar maior prestigio á batina". Não realizou seu intento e procurou outros ares em Botucatu de cujo Bispo, seu conterraneo e amigo, D. Lucio dos Santos, foi secretario particular durante 3 mezes.

Voltou depois ao Rio. Deixou a batina e metteu-se na vida aspera e terrivel do jornalismo. Tive a fortuna de proporcionar-lhe um jornal onde a sua primeira chronica sobre Isadora Duncan sagrou-o desde logo escriptor consumado.

Torres, porém, vivia corroído de um desejo insoffrido de aprender e saber sempre mais. A sua cultura que era então para o seu meio um phenomeno extraordinario, para elle era quasi nada, porque nos seminarios costumam os mestres ensinar a seus discipulos que quanto mais sabemos mais descobrimos o muito que ignoramos. E Antonio Torres só tinha um ideal, uma grande ansia interior: aprender, aprender, aprender sempre.

E não havia de ser nos nossos institutos de ensino, numa terra de bachareis onde não existe, uma unica faculdade de lettras, que Torres poderia satisfazer as inquietações de seu grande espirito. Por isso mesmo fez um concurso no Itamaraty e foi nomeado auxiliar de Consulado e despachado para Londres. Na carreira teve uma ou duas promoções e serviu na Inglaterra, em Roma, em Hamburgo, em

Berlim e por ultimo de novo em Hamburgo onde o surpreendeu a morte.

Não me compete fallar do poeta, do chronista, do phamphletario e do grande escriptor. Quero dizer apenas de Torres como padre.

Direi que Torres foi padre por vocação e que de certo modo foi um padre exemplar. Não me refiro ao tempo em que vestiu a batina e exerceu o munus sacerdotal; mas ao tempo em que viveu á secular, de calças e jaquetação.

Antonio Torres era o typo perfeito do padre: pela indole, pelos sentimentos, pelas suas proprias attitudes exteriores.

Em primeiro lugar não admitia, ainda a seu intimos, que se fallasse de coisas de Deus e da Igreja em tom de galhofa e do mais ligeiro desrespeito. Todos os seus amigos não faltaram nunca a esse dever de delicadeza moral; mas Torres permittia e muita vez iniciava ataques cerrados ao protestantismo, ao espiritismo e a todas as doutrinas e formas de atheismo e heresias. O culto externo do lutherianismo provocava nelle satyras venenosissimas.

O mais extraordinario, contudo, em Antonio Torres é que elle se mostrava padre em todas as suas maneiras exteriores: o andar, o fato, o tom de voz, o olhar, tudo nelle trahia o padre despojado das vestes talaes. Mesmo quando abusava dos prazeres da mesa, em repetidos licores após o jantar, sentado numa cadeira de café em roda de amigos, Torres inclinava a cabeça para a frente e era quando mais se parecia com um bom vigario cheio de virtudes, mas cedendo um pouco aos excessos da intemperança.

Torres, desde que deixou a batina, vivia atormentado por uma idéa fixa: a de vir a morrer sem se reconciliar com Deus e sua Igreja. Era devotissimo de Nossa Senhora e a mim, especie de frade perdido entre as vaidades e frivolidades do mundo, muita vez

confiou os seus receios. Eu procurava tranquillizal-o dizendo-lhe: "Você bem sabe que um filho de Maria nunca se perderá — *filius Mariae nunquam peribit*" — e elle replicava tristemente: "assim seja"...

E assim foi! Que grande alegria experimentei, na immensa consternação que me causou a sua morte prematura, ter sabido por carta de um amigo, que Antonio Torres morrera confortado por todos os sacramentos da Igreja e que o sacerdote que lhe assistiu aos ultimos momentos, devidamente autorizado, lhe transmittiu a benção do Santo Padre!

Bem merecia Antonio Torres essa graça divina. De padre, e padre fiel, tinha elle todas as qualidades. Só não tinha a batina, mäs não é o habito que faz o monge... No meio de toda a sua vida agitada, Torres procurava apenas amortecer as perturbações profundas de sua vida espiritual.

Se a sua apostasia toda apparente merecia algum castigo, elle o recebeu no soffrimento constante de um homem que passou longos annos vivendo artificialmente fóra de seu verdadeiro ambiente. Já agora o seu coração inquieto descansa no seio da infinita misericórdia divina. Tinha de ser assim!...

Inquietum est cor nostrum, Domine, et non quiescet, donec quiescat in te!...

JOAQUIM DE SALLES.

— Somerset Maugham, vertido para o francez, ganhou a divulgação que merecia e os seus livros hoje têm quasi a mesma popularidade que os de Kipling, Conrad e London, também escriptores de lingua ingleza que correm mundo e empolgam a imaginação de milhares e milhares de leitores. Agora mesmo, sob o titulo de *La femme dans la jungle*, as Editions de France acabam de lançar mais uma collectanea de novos contos seus e que dizem com o sabor e o mesmo encanto do *Archipelago das Sereias*, seu livro de estreia em traducção franceza e até hoje um dos de maior successo junto á sua numerosa clientela.

TOBIAS BARRETO

Tobias Barreto foi, na sua época, uma das figuras mais discutidas do nosso resumido mundo literário.

Quando Sylvio Romero veio para o Rio de Janeiro, ali por volta de 1880, trazia na mala, inédita, a *Philosophia no Brasil*, e na cabeça a idéa de divulgar entre as gentes do sul os meritos poeticos e philosophicos de Tobias Barreto. Já nesse livro, que pelo tom com que era escripto e pelas novidades que apresentava despertou algumas inquietações nos pacatos circulos intellectuaes da Cêrte, havia um capitulo consagrado a Tobias.

Dahi por diante Sylvio Romero nunca mais descançou na faina de impôr o poeta e critico sergipano á admiração dos contemporaneos. Não foram poucas as discussões em que se metheu defendendo o seu idolo, a cujo valor mental não admitia restricções. De uma feita, escreveu um volume inteiro para provar a superioridade de Tobias sobre Machado de Assis, empresa essa que provocou vigorosa *revanche* por parte dos devotos do criador de *Braz Cubas*.

A flechada mais venenosa, dentre as muitas que então attingiram o generoso Sylvio, foi sem duvida a desferida pelo conselheiro Lafayette, no *Vindiciae*, agora reeditado em Minas. Mas Sylvio, se não poudé ou não quiz refutar o impressionante libello de Labieno, também não se deu por achado: continuou a sua propaganda de "tobiista impenitente". E o caso é que Tobias, mesmo longe do Recife, seu campo de batalha, foi lido, commentado, admirado por duas ou tres gerações.

Depois Sylvio morreu. A guerra modificou em todos os sectores o curso da vida no mundo inteiro, Tobias foi ficando para traz...

Agora a personalidade de Tobias Barreto, emergindo do passado, torna de novo á scena. Quem o apresenta desta vez aos novos e o recorda aos velhos e maduros é ainda um sergipano, bacharel também do Recife. E' porém, um sergipano "pertencente a uma geração que não recebeu influencia de Tobias Barreto".

Com esta affirmação abre Gilberto Amado a sua recente conferencia no Centro Oswaldo Spengler, ora divulgada em *plaquette*.

Fixando, no exordio dessa conferencia que é um magnifico ensaio, as suas relações intellectuaes com o mestre da Faculdade do Recife, Gilberto Amado esboça um dos capitulos mais interessantes da historia da estylistica brasileira.

Com effeito, a incompatibilidade mais grave entre a geração de Gilberto Amado e a de Tobias e Sylvio provinha principalmente da fôrma, do estylo, da linguagem. A intuição que tinha da vida era ainda a mesma. Philosophica e politicamente eram os mesmos burguezes liberaes, darwinistas, haeckelistas, ou, quando mais avançados, scepticos. O que os separava era apenas a maneira de exprimir as attitudes mentaes.

Os pronomes deslocados e certos destemperos de expressão peculiares aos escriptores da chamada escola do Recife, ou teuto-sergipana, como dizia Laet, arranhavam a sensibilidade esthetica dos jovens de 1905, já affeitos á ironia elegante de Eça e Anatole, e irritavam os melindres puristas dos clientes da *Replica*. "Eramos todos mais ou menos parnasianos, isto é, a Fôrma nos medusava. Ella era tudo para nós", explica-nos o ensaista.

No caso pessoal de Gilberto Amado não concorriam sómente, para o afastar de Tobias, naquela phase, os seus "verdadeiros horrores syntacticos." No terreno mais elevado das idéas o futuro autor da *Chave de Salomão* nutria outras predilecções, seguia rumos não conhecidos por Tobias. Um dos pontos de divergencia entre os dois foi Augusto Comte, que para Gilberto Amado "em muita coisa ainda está no centro", e que Tobias não comprehendeu.

Entretanto, essas divergencias não impediram que Gilberto divisasse, comprehendesse e nos retratasse um Tobias admiravel de vida, de pujança e de verdade. Tobias foi, com todos os seus inegaveis defeitos, com todas as suas comprehensíveis incomprehensões, um genial desbravador de caminhos para o pensamento brasileiro. Essa é a maior gloria do grande sergipano, e Gilberto Amado a assignala mais de uma vez. "Elle está no centro da cultura do Brasil. Dahi será impossivel arredal-o. Ha uma fogueira ardendo no meio do deserto do Brasil... essa fogueira, em que se consomme uma vida humana votada ao espirito e só ao espirito, é Tobias Barreto."

Tobias tinha a preocupação da sciencia, porque julgava que a sciencia assegurava a cultura, produzindo, em ultima analyse, o progresso e a felicidade. Dahi o seu entusiasmo pela Alemanha, paiz onde as sciencias positivas mais floresciam nos decennios de 1870 a 90.

Esse ideal de Tobias Barreto era afinal, a suprema aspiração do seculo XIX, concretizada ironicamente por Eça de Queiroz na formula do Jacyntho:

summa sciencia + summa potencia = summa felicidade.

Aproveitando essa circumstancia, Gilberto Amado contrapõe Tobias Barreto a Oswald Spengler, isto é, o seculo XIX, tudo esperando da sciencia positiva trabalhada pela intelligencia pura, ao seculo XX, desnorteado pela conflagração européa, e procurando novos factores para resolver o problema da finalidade da vida.

Mas o ensaista, depois de ter fixado definitivamente o papel de Tobias Barreto na litteratura brasileira, não quer tomar partido entre o passado e o presente. Quer tão sómente: ver a vida viver!

SAUL BORGES CARNEIRO

Anthropologia Portuguesa

Publicados pelo Instituto de Anthropologia da Universidade de Coimbra vêm sahindo notaveis *Contribuições para o Estudo da Anthropologia Portuguesa*. E', evidentemente, assumpto de alta valia para nós, interessados nas questões de raça, mormente as que se relacionam com a nossa gente.

O *indice orbitario dos portugueses* é de Armando Themido. Methodos modernos. Technica habitual. Os portugueses são, em geral, *mesosemos* ou, como dizem os allemães, *mesoconquios*. Tendem os homens de Portugal para a *microsemia* ou *cameconquia*; as mulheres são antes portadoras de orbitas grandes e, sobretudo, *altas*. As dos homens são mais *largas*.

J. G. de Barros e Cunha estudou os *diametros e os indices craneanos*.

E' de Euzebio Tamagnini — O *indice cephalico e a estatura*. O autor apresenta elementos que corrigem trabalhos anteriores de Fonseca Cardoso, Mendes Corrêa e outros.

Os mais dolichocephalos dos portugueses são os de Bragança (75.33); Villa Real (74.91); Vi-seu (75.64); Guarda (75.92).

O indice cephalico é muito mais homogeneo em Portugal do que em Hespanha. Em Portugal vae de 75.08 (Traz-os-Montes) a 77.45 (Estremadura); na Hespanha vae de 76.7 (Valencia) a 81 (Oviedo).

O valor medio do indice no vivo é igual a 76.39 leva os portugueses a figurar entre as populações europeas mais dolichocephalas. A estatura dos portugueses foi, pelo mesmo autor, estudada em cerca de onze mil individuos. A variação vae de 1.385mm. a 1.865mm. O valor mais frequente corresponde a 1.645mm.

As estaturas mais elevadas encontram-se nos extremos norte e sul de Portugal. As areas das estaturas menores occupam o centro do paiz (Santarem).

O *indice facial superiol* de Kallmann permite fazer idéa das proporções da face. De accordo

com a nomenclatura adoptada são *eurienas* as faces largas (indices até 49.9); *mesenas*, as faces medias (50.0 a 54.9); *leptenas*, as faces estreitas (de 55.0 em deante).

Os portugueses do norte têm a face mais estreita do que os do centro e do sul.

Tomando por base tres dos caracteres somaticos mais correntes, os typos portugueses são assim discriminados:

Traz-os-Montes: alto, dolichocephalo, face estreita.

Entre Douro e Minho: alto, brachycephalo, face estreita.

Beira Litoral: baixo, dolichocephalo, face estreita.

Beira Baixa: baixo, dolichocephalo, face larga.

Beira Baixa: baixo, dolichocephalo, face larga.

Alentejo: meio, brachycephalo, face larga.

Algarve: alto, brachycephalo, face larga.

E' tambem de Euzebio Tamagnini uma excellente monographia sobre os Antigos habitantes das Canarias.

Finalmente cabe nesta nota de leitura mencionar o trabalho de Antonio Armando Themido — *Sobre alguns caracteres anthropometricos da População Portuguesa*.

Algumas conclusões:

Em 80 % dos portugueses, masculinos, a envergadura é superior á estatura. No sexo feminino a porcentagem é de 51 %.

O *indice Esquelico* (Indice de Manouvrier) é de 53.19 para os homens e 54.41 para as mulheres. Os portugueses são brachymesatiesquelicos.

Os anthropologos portugueses estão, como se vê, trabalhando a valer.

ROQUETTE-PINTO

BIBLIOTHECA UNIVERSITARIA BRASILEIRA

Os editores Flores e Mano em boa hora organizaram essa "Bibliotheca Universitaria Brasileira" que tão sérios trabalhos já apresenta, sob a segura orientação dos drs. Helion Povoá e W. Berardinelli. Annuncia-se agora, nessa Bibliotheca, a edição de trabalhos importantissimos de Miguel Couto, sob a direcção do Dr. Miguel Couto Filho. Assim, serão publicados tres volumes substanciosos de *Clinica Medica*, e dois tomos de considerações das mais bem formuladas sobre *Medicina e Cultura*. E' de prever-se o successo dessas publicações de um dos nomes mais gloriosos da medicina brasileira.

— Ainda sobre o inesgottavel thema dos forçados na Guyana, o Sr. Henri Danjou acaba de publicar um attrahente romance: *La Belle*. Na gyrta do presidio, *La belle* é a evasão, a liberdade a que todos aspiram e a que não raro se afoitam com risco da propria vida. Nestas paginas á clef, apparece a figura do famoso Dr. Bougrat, que com exito fugiu da gehena verde dos tropicos e graças ao seu diploma de medico poudé viver cercado de consideração na Venezuela.

"REVISTA BRASILEIRA"

Attrahente leitura a do ultimo numero desse victorioso mensario. Trata-se evidentemente de uma publicação em que o sentido da verdadeira cultura não é um só instante olvidado. O sr. Baptista Pereira, que já se distinguira como autor de ensaios historicos e politicos, vae assim realizando um trabalho de critica segura ao movimento das idéas mundiaes, sendo auxiliado, nessa obra nobilissima, por um grupo de notaveis colaboradores.

Proximas edições "ARIEL":

GASTÃO CRULS

VERTIGEM

(Romance)

GRACILIANO RAMOS

S. BERNARDO

(Romance)

ALBERTO RAMOS

POEMAS

F. CONTREIRAS RODRIGUES

Traços da Economia Política e Social do Brasil Colonial

TRADUTTORE — TRADITORE

Meu amigo Myron Malkiel-Jirmounsky é um sabio, artista e escriptor, do Renascimento, perdido no tempo actual... Do Renascimento, porque, só assim, se lhe comprehenderá o encyclopedismo. De origem russa, vive em Paris, mas toda a Europa, até Portugal, lhe é familiar, como tudo o mais que fôr humano, como ao homem de Terencio. Sabe todas as linguas classicas, e não classicas, do chinez ao portuguez. E' architecto, é poeta, é philologo, é erudito, é tudo!. Lembra aquelle sujeito, de quem dizia Sainte Beuve: *il sait tout*, obtemperando, maliciosamente: *mais il ne sait que ça*. Malkiel-Jirmounsky, porém, como Pico de Mirandola, se sabe *de omne re scibili*, tambem sabe alguma coisa mais, *et quibusdam aliis*. Tem a sua originalidade, a sua inventiva, e isto não está nas encyclopedias, do saber sabido e sabivel.

Agora mesmo sobre esses dois motos italianos, que definem uma critica superficial ás versões de uma em outra lingua, elle produz no *Redressement Français*, de junho deste anno, curiosa exegése da idea, por um exemplo, que é pedra de toque, psychologica. E, o caso da saudação. O *chaire* grego; o *vale* romano; o *adeus*, *addio*, *adios*, *adieu*... novi-latinos, o *good-by*, inglez, o *lebe wohl* germanico, o *prosti* russo, o *salam* árabe... traduzem sem trahição, para cada povo, cada lingua, seu idiotismo proprio a uma mesma situação psychologica de humanidade. No "adeus" está a Idade-Media, dando-se *rendez-vous*, de ephemeris, no seio do Eterno, como no "prosti" ou "proscái", "perdoai-me", excusa de quem se despede, na Russia, já ha toda a piedade de que é symbolo Dostoiewsky, a passividade activamente dolorosa e dolorida, da alma slava. "A Deus" é uma esperança, desesperançada da terra, a que bem corresponde esse perdão que se pedem duas criaturas que interromperam sua pena, de silencio e clausura, para conviverem um instante, de peccado, pela tentativa vã de expressão, e, resignadas, partem, para seus destinos diversos. Povos doentes. Modernidade soffredora. Antigamente, os povos judeus eram innocentes: o grego saudava "sede alegre", o romano cumprimentava "sede são"... Viviam para a terra. Viviam contentes nella... Tanto ella degenerou, ou nós degeneramos nella, que houve mister appellar para o céu, para Deus, e traduzindo ou trahindo o sentido, trocar-lhe os valores, estrangeiros aqui, desejarmos o outro mundo, a patria commun...

Foi isto mesmo que eu li, no meu amigo Malkiel-Jirmounsky? Não sei bem. Tambem os leitores somos trahidores, mesmo sem traduzir. Sentimos, comprehendemos, cada qual differentemente. Ha um autor diverso para cada um dos seus innumeros leitores... *Pro capitu lectoris*... já dizia Terenciano Mauro. Só entendemos, o que podemos, o que queremos. Leitores.... trahidores...

AFRANIO PEIXOTO

Ribeiro Couto — *Poesia* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

E' a reedição, num unico volume, do *Jardim das Confidencias* e dos *Poemetos de Ternura e Melancolia* que, em apparecendo, asseguraram ao autor um dos mais bellos logares na poesia brasileira do nosso tempo. Basta recordar os elogios, nitidamente consagradores, com que foram recebidos os dois volumes. "Tudo, na poetica de Ribeiro Couto, deflue de igual simplicidade", escreveu Mario Rodrigues. "Ribeiro Couto é, como artista, dos mais avançados entre os novos", declarou o sr. Tasso da Silveira. O sr. Rodrigo M. F. de Andrade viu nelle "um artista subtil e sabio que conhece e calcula os effeitos de cada corda de seu instrumento, dando embora a impressão de que os sons se combinam naturalmente, sem nenhuma premeditação". "Seu pensamento — disse o sr. Ronald de Carvalho — refoge ás pompas decorativas. Nos jardins que evoca, ha simplesmente as arvores, as relvas e as flores do Senhor". E o nosso redactor-chefe, em critica d'*O Jornal*, teve este periodo: "Nervoso e vibrante, incisivo e delicado, já agora o sr. Ribeiro Couto não está mais afinando o instrumento e sim executando os seus themas lyricos com uma segurança que poucos dos seus confrades possuem".

A. Almeida Junior — *Escola pittoresca* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

O autor deste volume, em boa hora incluído na Bibliotheca Pedagogica Brasileira, da notavel casa editora da Paulicéa, procurou aproveitar, com bom senso e bom gosto, certos aspectos risonhos e amaveis da educação das creanças, até hoje desdenhados. Acha elle que nem tudo deve ser rigidamente austero no trato das almas novas e é dentro desse modo de ver, profundamente humano, que se põe a indicar tudo aquillo que a pedagogia comporta de util no terreno do pittoresco. Trabalho de originalidade indiscutivel e cujas conclusões os espiritos progressistas não deixarão de examinar.

"JORGE AMADO, ALÉM
DE UM ROMANCISTA, É
UM HOMEM"

Gilberto Amado



"LAMPEÃO É O LIVRO MAIS
COMPLETO E IGUALMENTE O
MAIS BEM FEITO ACERCA DO
FAMOSO BANDIDO"

João Ribeiro

A inquietação moderna

Inquietação moderna, assim se convencionou chamar a crise que devasta hoje o mundo. Crise sobretudo moral e espiritual, crise talvez sem precedentes na história destes ultimos seculos e que erroneamente se pretende datar da época da grande guerra mas que sem duvida existia anteriormente em muitos dos seus aspectos. Já Baudelaire, precursor illustre, exclamava: "Je suis attaqué d'une effroyable maladie qui ne m'a jamais tant ravagé que cette année, je veux dire *la rêverie, le marasme, le découragement et l'indécision*". Não é outra a linguagem da mocidade do nosso tempo. Numa revista da vanguarda, que se intitula precisamente *Jeunesse*, um dos expoentes da novissima geração franceza declara: Estamos ludibriados e exhaustos. "*Nous sommes joués et sans force*". E conclue: "La dignité, vraiment... Tant mieux, tant mieux, mais il y a longtemps que je ne sais ou j'ai mis la mienne." Ernest Goujon, outro corypheu da mocidade contemporanea, afina pelo mesmo tom: "Offerecem-se para nos ensinar a desesperar. Caminhamos para a animalidade pura e até para o nada." Aqui mesmo, um dos mais legitimos valores do Brasil novo, o sr. Dante Costa, escrevia recentemente com leves tintas de ironia e scepticismo: "As novas gerações já sabem querer, mas ainda não sabem o que querem."

A causa deste phenomeno de ordem geral, mais sensível nos paizes de velha cultura européa, e que no fundo não passará talvez de uma crise normal de crescimento na vida da humanidade, está evidentemente na falencia irremediavel de todos os valores moraes e espirituaes, dogmas, theorias, doutrinas, que até aqui regeram a conducta da vida e que já não satisfazem as aspirações insaciaveis do homem moderno.

A grande arvore da fé já não produz os seus fructos dourados,

impalpaveis e enganadores, a fonte seccou onde o homem bebia ávidamente a substancia elementar do divino e do fabuloso. Precisamos ter enfim a coragem de proclamar que chegamos a um extremo em que todos os valores moraes e espirituaes do passado estão peremptos, em que a humanidade precisa de renovar-se para viver.

Descobrir e captar novas fontes de fé porventura ainda occultas e subterraneas, novas razões de crer e esperar. Uma nova lei moral, uma nova autoridade independente da concepção theologica, um novo ideal colectivo ou um objectivo determinado e limitado (um patriotismo espiritualizado: a patria encarnação parcial da humanidade), como quer Durkheim. Um ideal humano ou nacional, em summa.

Não é outra certamente a origem remota, necessaria e profunda do credo fascista de Mussolini na Italia, de Hitler na Alemanha.

O que não constitue propriamente uma objecção, note-se, aos que entendem hoje que os novos destinos da humanidade não estão sendo forjados em Roma nem em Berlim, mas em Moscou.

UMA PHRASE

Uma phrase leve aérea iriada, que vestisse como tunica inconsutil a idéa sem lhe tirar das suas propriedades essenciaes de clareza, mobilidade e luminosa transparencia; que fosse como a secreta resonancia das operações abstractas da alma em seus infinitos registros, qualquer cousa como o halito sonoro da palavra interior livremente dos labios exhalada, intacta... A despeito de Homero, que lhe deu azas, a palavra pésa. Na floresta do vocabulario, hirta, cerrada, opaca, o pensamento debate-se emparelhado; mil vezes ensaia o vôo, outras tantas retomba vencido e num ultimo arranco para as estrellas a madrugada livida amortalha aquella agonia.

A propria voz humana, com as suas asperezas glotticas, os seus ridiculos sons nasaes e gutturaes, as suas horriveis dissonancias, é inapta para celebrar

as excelsas harmonias do mundo espiritual, barbara e primitiva. A linguagem elementar dos passaros e das aves desafia e confunde a nossa prosodia. Até os secretos entendimentos das cousas na surdina do crepusculo são mais ricos de tonalidades concertantes e concordantes sonoridades.

Só a voz de certas mulheres excepcionaes (geralmente da estirpe das grandes amorosas ou luciferianas), tem por vezes aquelle extranho poder de expressão que seria a forma sensível da espiritualidade. Mas nesse caso já não é voz, é musica, e ineffavel celeste beatitude.

ALBERTO RAMOS

LUC DURTAİN

A proposito do seu artigo *Imagem de Luc Durtain* não ha muito publicado no *Jornal do Brasil* e que com prazer transcrevemos em outro local desta revista, o sr. Ribeiro Couto recebeu a seguinte carta do illustre autor de *Vers la Ville Kilomètre 3*:

Dim. 12 Aout. S. Paulo.

Mon cher Ribeiro Couto,

Vous avez décrit — dans cette Imagem que je viens de lire, non sans émotion —, avec une franchise et une vigueur parfaites, ce que fut l'âme du Brésil, au moment où j'ai eu la douloureuse chance de le voir pour la première fois. Peut-être, comme vous l'indiquez, d'ailleurs, fut-ce à ce que votre terre était "ensopada de sangue", à ce que la "façade pour touristes" venait de subir une brèche, que j'ai du de pouvoir passer plus avant.

Une "sympathie profonde pour vos problèmes, pour votre énergie constructive", voilà ce qui devait, par une réaction naturelle et fraternelle, sortir de ces moments de deuil. "Voyager, pour sentir que la vie est dramatique, et que l'humanité souffre partout — en espérant ne sait quoi..." Comment mieux indiquer la substance de cette enquête que je poursuis, depuis vingt ans, à travers le monde?

Votre analyse à larges traits de l'ouvrage est remarquable. J'y ai, comme je vous le télégraphiais, reconnu le poète et l'ami: et aussi le critique de qualité, qui va droit à l'essentiel.

Merci de l'hommage que vous rendez à l'admirable traduction de Ronald de Carvalho. Merci de cette fin si affectueuse que vous donnez a votre article. Oui, le Brésil est la plus chère de ces patries cosmiques que j'ai trouvées de par le monde, la plus imprégnée d'avenir, la plus irriguée d'un sang universel.

Avec les pensées cordiales, et l'amitié de votre

(assig.) Luc Durtain.

Albert Einstein -- COMMENT JE VOIS LE MONDE, Paris, Flammarion

Ha cerca de quinze annos Einstein occupa um logar privilegiado no mundo intellectual: passa por ser a maior intelligencia da época. Uma posição dessas apresenta grandes perigos. A um homem que chega a tal eminencia é quasi impossivel manter-se no isolamento e na calma necessarios á eclosão de novos trabalhos. Em mais de uma passagem sente-se, no actual livro de Einstein, essa melancolica saudade dos tempos em que, obscuro e desconhecido, era livre de entregar-se ás suas meditações.

Um homem que descobre falhas em um monumento como a mecanica de Newton, cuja pureza de linhas era o orgulho da intelligencia humana, que consegue reconstruir um universo, curvando-o e dobrando-o a necessidades muito mais imperiosas de uma logica muito mais exigente, de facto apparece-nos como dotado de excepcionaes poderes. Modestamente Einstein mostra-nos como sua obra é um resultado de esforços sustentados, porfiadamente mantidos por seus predecessores. Sinceramente assignala o facto de Newton ter, elle proprio, sentido os pontos fracos de seu systema, em particular a inconveniencia de attribuir o caracter de absolutismo aos conceitos do espaço e do tempo. Não importa; a obra de Einstein continúa a dar a impressão de um gigantesco passo para a frente, permanece como um progresso incomparavel na série de conquistas da intelligencia pura, que affirma direitos tantas vezes contestados.

Desde que a theoria da relatividade se tornou um objecto de curiosidade universal, seu autor não mais pode repousar. Sua intelligencia não lhe pertencia mais; era solicitado de todos os lados a dar opinião sobre todas as coisas. As entrevistas, os pedidos de artigos, as cartas, as conferencias, todos os recursos da publicidade moderna, aos quaes é humanamente impossivel resistir, foram, em larga escala, empregados *contra* Einstein. Apesar de sua serenidade, pouco a pouco elle foi se deixando vencer. Algumas phrases hontem, algumas linhas hoje, o pensamento de Einstein sobre as grandes questões do momento, foi sendo pacientemente captado, em pequenas porções, ás vezes mesmo em parcas gottas. Mas o resultado foi alcançado. Einstein não mais é um pensador isolado e solitario. Suas idéas e opiniões circulam. O eremita volta de sua Thebaida e espalha suas palavras entre os homens do seculo.

O livro que aqui analysamos é constituido por pequenos fragmentos sobre innumeradas questões sociaes, politicas, economicas, pessoas e tambem ás vezes scientificas. Nem sempre as opiniões de Einstein são originaes. Pertencem a modalidades de pensamentos já ha muito em circulação. Isso não tem importancia: o facto de terem sido adoptadas por Einstein ou de terem de novo germinado em seu cerebro poderoso empresta-lhes novo perstigio. Em alguns pontos poderiam ser notadas contradicções nos pensamentos do autor da theoria da re-

latividade. Ora elle attribue ao individuo uma extraordinaria predominancia, ora assevera o contrario. Assim ás paginas 18 encontramos esta phrase: "Só o individuo isolado póde pensar e por consequencia crear novos valores para a sociedade, mesmo estabelecer novas regras moraes, pelas quaes a sociedade se aperfeiçoa". E ás paginas 47, lemos: "E, entretanto, só a cooperação impessoal de muitos individuos póde realizar coisas que tenham verdadeiramente valor".

Essas contradicções são, porém, simplesmente apparentes, e o leitor precisa disso estar prevenido. Reconstruindo, com os elementos esparsos de suas affirmações, o modo de pensar de Einstein, não é difficil comprehender que elle crê fundamentalmente em uma especie de collaboração entre o individuo e a sociedade. Sem a acção desta, sem a possibilidade de utilizar o immenso acervo de riquezas accumuladas, principalmente no dominio intellectual, o individuo pouco ou quasi nada poderia fazer; permaneceria quasi um homem primitivo a braços com a ingrata tarefa do eterno recommear. Mas tambem sem a eclosão das qualidades pessoas, sem essa differenciação que fórma o individuo com seus talentos, a sociedade decae, não progride, immobiliza-se na monotonia da uniformidade e da homogeneidade. A communidade precisa concorrer para formar o individuo de valor, mas nunca reduzil-o ás dimensões communs. E o individuo, mesmo o mais caracterizadamente original não se pertence; deve-se á humanidade. Cioso de sua personalidade, quando ella é distincta, elle resistirá ás pressões excessivas da educação e das limitações sociaes. Neste ponto, Einstein chega a desconcertar as mentalidades disciplinadas e doces. Em uma carta a uma americana, diz elle: "Em geral, ha plethora de educação, sobretudo nas escolas americanas. Só existe uma educação racional, a de tomar a si proprio para modelo, mesmo que este seja assustador."

Theoricamente, pois, não é difficil fazer desaparecer a contradicção apparente que assignálamos acima. Na pratica, entretanto, os obstaculos surgem a toda hora. Einstein, em politica, é partidario da democracia, e depois de affirmar o seu ideal democratico, em que directa ou indirectamente o individuo é subordinado ás massas, elle repete: "Para mim, o elemento precioso nas engrenagens da humanidde, não é o Estado, é o individuo, creador e sensivel, a personalidade; é só ella que crêa o nobre e o sublime, emquanto a massa permanece estúpida de pensamento e estreita nos sentimentos." Einstein offerece-nos assim, mais um exemplo desse conflicto intimo das idéas com os sentimentos, tantas vezes bastante agudo para transpôr os limites do drama, que caracteriza um bom numero dos intellectuaes modernos: de um lado, a defesa instinctiva de seu eu, de sua superior vida de reflexão, em que a in-

telligencia livre se expande e encontra a maior recompensa nas similitudes com outras intelligencias igualmente livres, nos ecos e reflexos provocados em outros espiritos; de outro, o desejo incorrigivel de melhorar a especie humana, de servil-a, de contemplal-a com os olhos benevolentes e optimistas. Em seu estylo, talvez um tanto dogmatico, cada phrase é uma affirmação. Raramente essas affirmações resultam de uma analyse minuciosa; ellas quasi representam actos de fé. E creio não me enganar, pensando que Einstein, como tantos homens perseguidos pela tortura da duvida, nos quaes o espirito de critica nada respeita e tudo corróe, involuntariamente empresta tanto mais força a uma affirmação quanto menos ella lhe parece solida. O ar de convicção com que esses homens asseveram é o resultado do esforço para se convencerem a si proprios, e se elles não obtêm esse resultado, ao menos illudem-se a si mesmos ou pelo menos inconscientemente concorrem para crear illusões em outros, o que afinal, não é um resultado para desprezar.

Em todo caso, não deixa de ser um pouco desanimador esse espectáculo de um homem capaz de introduzir uma harmonia nova nas leis elementares do Universo, e tão manifestamente incapaz de fazer qualquer coisa de semelhante nesse mundo chaotico da politica ou da vida em sociedade! Não ha nisso nenhuma diminuição ou insufficiencia da intelligencia de Einstein, da qual ninguem tem o direito de duvidar. Existe, antes, uma verificação a mais dessa noção: a politica não é objecto de intelligencia, escapa em grande parte ao poder das idéas, move-se em um outro mundo differente daquelle a que estão habituados os grandes espiritos, mundo incerto, oscillante e avesso á comprehensão das mentalidades hamoniosas e nobres...

Quando são das generalidades, onde talvez se sinta mal, Einstein condensa suas idéas politicas em dois grandes problemas: o pacifismo e o judaismo. Raça nenhuma apresenta mais completos representantes do pacifismo que a israelita. O culto real, aberto ou disfarçado da guerra, é uma consequencia logica do sentimento de patria com todos os seus preceitos e seus exaggeros deshumanos. O judeu realmente nunca tem uma patria. Por outro lado, a essencia da alma hebraica e o respeito pela vida em todas suas manifestações, e Einstein explica-nos isso em uma bella pagina, cujo final merece ser repetido: "Uma pequena phrase que Walther Rathenau me disse um dia no correr de uma conversação, exprime muito bem quanto a consciencia da santidade da vida permanece vivaz no povo israelita: *quando um judeu diz que vai á caça por prazer, mente.*" Além desse sentimento tradicional, o judeu culto é por natureza capaz de se collocar fóra do tempo presente, apreciar esse eterno curso da vida, tão profundo e tão cheio de mysterios, no qual as guerras apparecem como accidentes, como perturbações occasionaes, totalmente desprovidas de significa-

ção. Judaismo e pacifismo são, pois, duas idéas ou dois sentimentos que não podiam deixar de encontrar em Einstein um solido e decidido apoio. Einstein foi sempre uma especie de cidadão do mundo. Na época mais brilhante de sua vida, quando era convidado por todos os paizes que lhe abriam as portas, elle tratou a questão de sua nacionalidade com humorismo. Logo após a guerra, em uma carta ao "Times" de Londres, dizia: "Eis aqui ainda uma especie de applicação do principio de relatividade para divertir o leitor: que eu seja hoje chamado na Allemanha de *sabio alemão* e na Inglaterra de *judeu suíço*, não será menos verdade que se um dia eu estiver em situação de me tornar a *bête noire*, serei inversamente para os allemães um *judeu suíço* e para os inglezes um *sabio alemão*."

E' entretanto, nesses pontos e principalmente na questão do pacifismo que a autoridade de Einstein póde intervir de modo incomparavel. Nesse assumpto, no que diz respeito a Einstein, toda e qualquer critica deve cessar. Que esse homem, que sente as raizes de sua personalidade fortemente fixadas no sólo dadivoso de sua raça, ha milhares de annos empenhada em uma lucta sem treguas para firmar principios humanos e universaes, dedique todas as suas forças no sentido de trabalhar para a maior das conquistas do tempo presente: a paz definitiva, a destruição completa de todos os germens damninhos da mentalidade guerreira e de todos os sentimentos que concorrem para a permanencia dessa mentalidade.

As idéas de philosophia scientifica de Einstein serão objecto de um outro artigo.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

Jorge de Lima — *Anchieta* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Trata-se de um bello estudo do notavel poeta alagoano que tambem se apresentou ultimamente como romancista nas paginas do *Anjo*. Sinceramente entusiasta da memoria de Anchieta, em quem enxerga um dos grandes civilizadores do Brasil, o sr. Jorge de Lima evoca a figura do Thaumaturgo em paginas a que não falla poesia e tambem não faltam certas notações realistas que ainda mais approximam de nós o glorioso filho das Canarias. E' esse um livro que crentes e incrédos percorrerão com o mesmo prazer.

Nobrega de Siqueira — *Memorias do "Almirante Jaceguay"* — Renascença Editora — Rio, 1934.

Não são memorias do almirante Jaceguay homem, porque elle proprio se encarregou de redigir as suas e sempre num tom de auto-apologia que o fez comparar a um Narciso de agua salgada. São as memorias do "Almirante Jaceguay" navio, e apenas na viagem em que transportou pelas costas do Brasil o sr. Getulio Vargas e uma numerosa comitiva. Nesta figurava o sr. Nobrega de Siqueira, como representante de um jornal paulista, e as coisas que viu e ouviu são relatadas por um cidadão tremendamente malicioso que sabe desentranhar do retrato mais sereno os traços de uma caricatura diabolica. Reporter á moderna, sem precauções inuteis, marca elle em poucas palavras, ainda que por vezes burlescamente, o essencial de uma situação, de um dialogo, de uma attitude. Ha ali um homem que sabe furar, em rapidas alfinetadas, as borbullhas de vaidade dos seres mais conspiciosos.

APOLOGIA DO REGIONALISMO

(A proposito do prefacio da "Paulistica", de Paulo Prado)

José Verissimo era um sujeito rispido e secco. Usava conta-gotas para os adjectivos. Era incapaz de excessos. Entretanto, teve evidentemente na vida um instante de exaltação e enthusiasmo: foi, por ocasião do centenario de Belém, quando elle fez o elogio commovido da sua terra e da sua gente. E nesse momento elle declarava com muita razão — que das fórmulas do amor da Patria, a mais espontanea, a mais natural, e até a mais legitima, era o bairrismo, — esse affecto um pouco ingenuo, um pouco sub-consciente, que todos nós consagramos á terra onde nascemos.

Depois de Freud, não é difficil explicar o phenomeno. A infancia é uma idade excepcionalmente receptiva — para o que ouve e para o que vê. E aquillo que se vê e ouve na infancia — ai de nós! — fica guardado nos recessos mais fundos e obscuros da nossa memoria para o resto da vida. A pupilla da criança é uma placa ultra-sensivel, que fixa tudo quanto em torno se move ou passa: as paizagens, as pessoas, os factos e as coisas.

Como o rio tranquillo que leva para o mar a imagem constellada do céu, todos nós trazemos para a vida a dôce imagem da nossa terra e da nossa gente. Na agitação do mar como no tumulto da vida, todas as imagens se diluem, se perdem e apagam...

Mas isto não impede que nas novas imagens que nos povôam então as pupillas inquietas ou desencantadas, sorria de vez em quando, subtil e invencivel, a recordação commovida daquellas paizagens remotas que nos encantaram um dia os olhos e o coração...

E' essa talvez a explicação do

phenomeno lyrico do regionalismo. Porque o regionalismo, em ultima analyse se reduz a isso: poesia. E' um phenomeno sobretudo de ordem sentimental. E eu não sei se é elle que faz o nosso lyrismo, ou se é o nosso lyrismo que o cria e alimenta. De qualquer forma, o regionalismo faz parte do rythmo da realidade brasileira — e nos tem sido de uma enorme utilidade.

Encontrei, não ha muito, no admiravel prefacio da 2.^a edição da *Paulistica* do sr. Paulo Prado, uma apologia opportunissima do regionalismo. E, além do mais, escripta com sinceridade, lucidez e aguda penetração. O sr. Paulo Prado vê nesses regionalismos que aparentemente nos fragmentam e separam, não só o segredo da unidade do paiz, senão também a segurança da conservação da independencia nacional. A resistencia ao embate dos imperialismos estrangeiros, segundo elle, dependerá em grande parte da legitima expansão dos regionalismos.

São os regionalismos "que constituem a parte viva e plastica em que se conservam e se desenvolvem a variedade e a originalidade do complexo nacional". "De facto, em tão vasto territorio como o nosso, seria insensatez nivelar as nossas differenciações, para favorecer uma centralização que significaria, dentro de pouco tempo, o odio, a revolta, o desastre final." E elle vê nitido o problema quando propõe com Bryce: amor da independencia local e da autonomia, contrabalançado pelo orgulho commum da historia. "Duas fidelidades, dois patriotismos."

Poucas vezes tenho visto o problema posto em equação de mo-

do tão claro e exacto. E o proprio caso de São Paulo — ultimamente tão discutido, e que tem sido encarado sempre com tanta imprudencia e tanta incomprehensão — está ahi para dar razão ao sr. Paulo Prado. Ainda não ha muito, a proposito da derrota do *scratch* brasileiro em Roma, a attitude do povo paulista foi uma demonstração indiscutivel de sentimento nacional. Os directores do *Paletstra Italia*, que se recusaram a fornecer elementos para o *team* do Brasil, passaram graves momentos de susto, em S. Paulo, sob os apupos e as ameaças do povo, que os accusava de serem "maus brasileiros". Esse facto é sufficiente para desfazer os equívocos e desmoralizar a má fé dos que teimam em confundir com separatismo o que é apenas regionalismo justo e natural.

Eu, com franqueza, estou de accordo com José Verissimo e Paulo Prado. O regionalismo não é apenas humano e legitimo: é também necessario. Vou mais longe: no caso particular do Brasil, tem sido util e providencial. Quem é que nos garante que não é nelle que reside o segredo do milagre da unidade brasileira?

PEREGRINO JUNIOR

"ARCHIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO"

Eis ahi uma publicação que se destina ao mais honroso triumpho em nossos círculos pensantes. Logo o seu primeiro numero não nos deixa duvida alguma quanto á excellencia dos trabalhos que ella irá estampando e ao prestigio dos collaboradores que a recommendarão aos homens de gosto e cultura. Basta dizer que, no volume de estréa, alongam-se magnificos ensaios pedagogicos de Lourenço Filho, Mario de Brito, Delgado de Carvalho e outros vivificadores de uma nobre campanha em prol dos cerebros jovens do paiz.

Casa Oscar Machado

Rua do Ouvidor, 101/103

JOIAS, RELOGIOS E

ARTIGOS FINOS PARA PRESENTE

“AMÉRIQUE LATINE”

Talvez haja uma receita de fazer livros prudenciaes sobre paizagens alheias á nossa vida pessoal, e me parece que este livro de André Siegfried (*Amérique Latine*, ed. Colin, Paris, 1934) não escapa muito dessa receita. Esta se resume em viajar realmente pelo... assumpto do livro, escutar muito e tomar muitas notas. Não será preciso olhar muito nem se esforçar por sentir e compreender muito, mas escutar demais e tomar notas por demais. Em seguida synthetiza-se o muito escutado, sommam-se as notas numa estatística geral, um boccado simplista, que não só despreza as variantes, mas, pela necessidade de generalização, não penetra jámais a profundidade. Macaqueando no emtanto a profundidade, por ser eschematica, e por isso um tanto mystica, um tanto cabalistica... Prompto isso, a gente esfrega as mãos satisfeito, e se quizer pronunciará o “heureux qui, comme Ulysse”...

Não pretende minimamente diminuir quem escreveu o *Tableau des Partis en France*. Nem ignoro que para certos americanos que vivem só de leitura extraamericana, o *Amérique Latine* terá a sua utilidade grave, pelas verdades que encerra. Porém essas verdades são simples reedições de coisas já muito affirmadas por homens da nossa America. Houve certamente na maneira com que André Siegfried procurou nos ver e, sim, nos amar, uma dose vasta de bôa-vontade, e de gratidão para com os que contaram para elle coisa muita e o hospedaram de braços-abertos. Houve mesmo entusiasmo, creio, sangrando de patriotico amor-proprio latino. Porém, não seria mesmo tudo isso que faz a tal ou qual pressa com que o sociologo reduziu tudo a syntheses e eschemas simplistas?

E' mesmo incrivel que André Siegfried, embora fazendo tão essencial distincção das tres Sulamericas indiatica, branca e afronegra, inda conservasse a noção de “America Latina” que não corresponde a nenhuma identidade sulamericana. E' tambem incrivel que, tendo designado o natural espirito americano, o “americanismo” que já nos distingue tanto do latinismo mediterraneo: conceba esse americanismo nosso apenas e facilmente no sentido de yankismo, o americanismo da America do Norte. E quando nos percebe diferentes do americanismo (dos yankees) é para nos reverter ao latinismo de Portugal e Hespanha — quando justamente o que nos converte ainda como psychologia, moral, religião, como entidade emfim, a Portugal e Hespanha, é o que estes paizes têm de propriamente iberico e não latino. E até mesmo do que elles têm de arabe... Mesmo na synthese, se não quizesse distinguir os traços que separam tão profundamente um boliviano dum peruano, um gaúcho dum carioca, um mineiro dum nordestino, mesmo dentro do eschema, seria porventura facil a André Siegfried notar que outros “americanismos” existem na America do Sul, diferentes do yankismo utilitarista, outros optimis-

mos diferentes do de Babbitt, que são originaes, especificos, ou nos approximam mais da Asia e da Africa do Norte. Na nossa economia, que só pôde ser maljulgada por quem se colloque sob o ponto-de-vista economico-psychologico europeu, mais que o optimismo, não seria possivel ver o fatalismo?... E sobretudo uma irresponsabilidade muito mystica e desbragadamente sensual?... E em nossa moral, que aliás elle procura desculpar no caso das vergonheiras politicas sulamericanas não seria possivel distinguir o em que ella se differença já profundamente da moral christã, numa apparencia de desleixo, de falta de vergonha, de valorização da inconsciencia, de heroismo aos arrancos, de deslealdade envaidecida de si, que designam um tropicalismo humido e fatigado?...

De resto: a senvergonhice politica das nações sulamericanas, será possivel ainda comprehendel-a como traço especifico duma entidade nossa? O cinema dos Estados Unidos está cansado de nos mostrar o que de baixaza vae pela politica e pela justiça de lá. O que está se dando agora no mundo é apenas uma gradação de disfarces ou, meu Deus! de... pureza de costumes, com que a França apenas de longe em longe deixa escapar um “negocio” Stavisky, os Estados Unidos se disfarçam menos, ainda menos Argentina e Uruguay, ainda menos, bem menos o Brasil, e quasi nada certas outras republicas. E' engraçado, mas a tal de “pureza de costumes” neste caso, creio que está com estas ultimas republicas! O tempo que corre já não permite mais differencar baixaza politica de politica baixaza, nem liberdade falsa, de falsa liberdade. Hoje Venezuela e Allemanha, Italia e Cuba se equiparam. Ou a synthese attingirá esse espirito mais abusivo de contemporaneidade, e será util, expressiva, ou terá que distinguir. Mas não será mais synthese, será analyse. O meio-terco em que André Siegfried pretendeu ficar, a criação duma entidade synthetica latinoamericana, é que não me parece mais possivel. Os phenomenos são mais vastos. Ou então são regionaes.

As qualidades do livro e de André Siegfried, sua clareza extrema, sua fôrça de synthetização, que já agora, e tratando de problemas tão inexperimentados e complexos, só puderam se tornar dum dogmatismo dictatorial (hélas!...), não são propriamente qualidades de Siegfried nem do livro. São qualidades francezas. A gente é tentado sempre a verificar que a França, no seu equilibrio aparente, é agora o derradeiro reducto da civilização burgueza. Não é o derradeiro não, mas será talvez o mais perfeito, o mais bonito. A França está simples. Daquella mesma perfeição um boccado simploria dum livro de Maurois... André Siegfried reconhece em nós a permanencia dum quid que elle chama de “selvagem” com razão. A Sulamerica tem realmente muito de primitiva, de selvagem. Mas nada existe mais complicado que esse primitivismo. Nada existe de mais chaotico e insolúvel que o primitivo. As civilizações

A CULPA DE MICHAEL GOLD

Michael Gold, você não sabe o estrago que fez o seu livro *Judeus sem dinheiro* neste meu pittoresco paiz de macacos que escrevem e de papagaios que lêem como gente. Nem queira saber, porque, entre tantas feridas abertas por East Side no seu coração e cicatrizadas pelos dollares dos seus editores — você já deve ser um judeu com dinheiro: não seja tão modesto! — a do remorso jámais crearia casca.

Estamos — como diria de outro modo sua mãe, se mister Zunzer, o senhorio, puzesse na rua seus cacarecos — “perdidos” e mal pagos... Todos os macacos e todos os papagaios aprenderam a repetir seus nomes feios e resolveram criar, nesta terra de vastidão sem cercados, de sol e de fartura, de rios e de aguas nascentes — de “facadas” infallíveis e de subscrições felizes — a East Side mais suja, mais faminta, mais humida, mais hedionda que jámais sonharam as larvas do esterco das estrebarias novayorkinas, em cima das quaes sua Mary Sugaz Bum se deixava gozar...

Não tínhamos tragedias, Michael Gold, e você as inventou no cerebro dos nossos macacos que escrevem e dos nossos papagaios que lêem como gente. Nossos ultimos livros são apavorantes porque querem convencer-nos, com anemias pintadas de acafrão, misérias feitas com trapos de guarda-roupa theatral, fomes desmentidas pelo scenario campestre, pobreza proletarias desmascaradas pelas meias de seda, que temos esse assumpto litterario maravilhoso que se chama — nos paizes exhaustos — problema social. Na bocca dos seus personagens as pragas e os palavrões tomam geito de hymno da justiça humana. Na bocca dos seus socios brasileiros, tudo vira anedota de Bocage e o autor — aos olhos das proprias victimas exaltadas nos romances — jamais deixará de ser o mais porcalhão dos advogados do diabo...

Somos felicissimos, Michael Gold, como pode ser feliz uma nação que tem quarenta milhões de almas num territorio fertil capaz de alimentar qua-

trocam-se influencias sem desaparecer. A troca historica de influencias entre Inglaterra e França, França e Allemanha, tambem se processou aqui entre as civilizações incaica, iberica e até congueza. Mas o amerindio primitivissimo, complicadissimo e chaotico, não influenciou propriamente: desapareceu amalgamado. Não somos nós os simples, e muito menos os simplistas. E' antes a França que nos parece clara, simples, reductivel a fórmulas, que nem visão antidiluviana. Muito antiga. O mal de que soffrerá um André Siegfried, é que elle fala que nem phantasma, ressurgido duma civilização que já passou...

MARIO DE ANDRADE

trocentos milhões de agricultores. Você mudou cem vezes de profissão para comer, apenas para comer. No Brasil, para encher o estomago, o nosso agricultor nem remove a terra com a enxada, porque cança. Atira a semente pela varanda, deitado na rede. Para comer, basta isso. Você que morou em East Side, está comprehendendo? Não temos um *sem trabalho* porque noventa por cento do Brasil offerece tarefa aos homens de boa vontade. Temos o maior numero de *sem vontade de trabalhar* do mundo e os nossos romancistas não têm o direito de atrapalhar sua vocação, embarcando-os, litterariamente, para East Side...

Dous flagellos possuímos, Michael Gold, e nem tentarei sophismal-os. A secca do nordeste: sol demais, o sol que não se via na sua viella imunda e escura. Já convidaram os nordestinos a mudar de casa: chove sobre mais de dous terços vasio de Brasil. Elles não querem. Vão para melhor e ficam com saudades do inferno. Ninguém discute a felicidade...

O outro flagello são os litteratos que leram *Judeus sem dinheiro* e nem sequer fizeram a circumcisão para tirar vantagens na synagoga...

HENRIQUE PONGETTI

Augusto Frederico Schmidt — *Canto da Noite* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Raros dos nossos poetas vivos desfrutam do prestigio mental obtido pelo sr. Augusto Frederico Schmidt. Colaborador nosso, os leitores do *Boletim de Ariel* não podem deixar de ter retido esse nome, de ter dispensado invulgar attenção aos bellos poemas e aos bellos trechos de prosa que elle vem inserindo nestas mesmas columnas. Tambem o ensaio que o grande escriptor Gilberto Amado consagrou á poesia do sr. Schmidt foi divulgado por nós outros. E tudo isto evidencia tratar-se de alguém que, estampando agora o *Canto da Noite*, não deixará de inspirar aos nossos criticos alguns estudos duradouros. Da nossa parte, nesta nota fugitiva, queremos apenas registrar o apparecimento do novo livro de um poeta que, desde os primeiros numeros, vem espontaneamente cooperando para a victoria do *Boletim*.

Rodrigo Octavio — *Coração aberto* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Livro de saudades, commovido ementario em que o autor passa em revista o seu tempo de infancia e os seus annos de advocacia e magistratura. Muita simplicidade de linguagem e a plena confirmação do que escreveu Renan: “Ce qu'on dit de soi est toujours poésie”.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

"Emilia no Paiz Maravilhoso da Grammatica"

Quando Monteiro Lobato levantou no pico dos *Urupês* a antena de sua estaçãozinha *home made* e della começou a diffundir pelas largas terras do Brasil os seus *broadcastings* de litteratura nacional, eu estava em Ma-nãos e tinha no fundo de casa um arame esticado entre duas estacas, e da cozinha costumava ouvir pelo meu receptor de galena as falas litterarias que vinham do sul.

Naquele tempo não se irradiava nada que tivesse cunho nativo. Heroe feito em casa era "heroe sem nenhum character", ninguém o queria.

Os *speakers* nacionaes, uns McNamees, Floyd Gibbons e Milton Sills de grande *pose* e linguagem muito retorcida, approximavam-se do *micro* sobraçando pacotes de discos franco-graphicos, e em vez de cantarem suas tioregas na toada da *Cabocla Bonita*, fazere[m] chibé com o assucar produzido pelo *Menino de Engenho*, e beberem licôr do *Cacáu* da terra, o que elles faziam era pôr no ar umas adaptações, feitas com dissimulo, dessas peças phonographadas na estranja.

Uma vez por outra, um classico pedia a palavra. Fazia uns salamaleques á nação navegadora, e de mistura com a estatica, ouvia-se o vozarrão de pororóca com a emphase clangorosa de uma trombeta de fim de mundo:

"...eu sou aquelle occulto e grande
cabo
a que chamaes vós outros Tormento-
torio!"

Era um tormento, e os arames do "sem-fio" ficavam a zinir de raiva...

Dando-se preferencia ás anilinas extrahidas das hulhas do Sarr e de Cardiff, esquecia-se a tinturaria do *Pau-Brasil*, que muito antes de vir o *Juca-Mulato* com seus casos de amor mestiço, já espalhára a fama da terra pelo mundo.

E ali pelos cantos, indifferente, beicorra derramada, o Brasilão dormia...

Não se zangue o leitor com estas comparações; o bicho-homem é meio tapado, e se a gente não lhe falar assim, por meio de pauladas, digo parabolás, elle é capaz de não entender.

O que eu queria dizer é que comecei ainda no Amazonas a pegar a estaçãozinha do Lobato. Comprei um dos cinco unicos exemplares dos *Urupês* recebidos pela livraria de Cesar Cavalcanti, isto antes de Ruy Barbosa falar do Jeca no Senado. Exteriormente, era uma brochura como qualquer outra, com uma gravura do "mata-pau" na capa amarella... Eu abri o livro no conto da "Peroba", lêra algumas linhas e me decidira a conhecê-lo todo. *Love at first sight*, como amiude confessam as misses sexualissimas do cinema.

Depois, o Lobato cresceu que nem embaúba do brejo — viçosa, refohuda, fazendo sombra sobre o mattinho canalha. Cresceu tanto que veio bater em Nova York, para onde o destino também atirára commigo, e aqui nos demos a conhecer. Mera apresentação, pois o conhecimento vinha já de longe.

Morava elle em Jackson Heights e eu na rua 19 — separando-nos uma floresta de arranha-céus de muitas milhas... O destino deu porém algumas voltas mais e me collocou na rua 138 e ao Lobato na Broadway, junto á rua 143. Fizemo-nos vizinhos, e aos domingos estiravamos as nossas caminhadas pela beira do Hudson até á linda ponte de George Washington, que estava ainda em construcção.

Se o Lobato editado é aquillo que se conhece — escriptor espontaneo, codaquista dos nossos costumes roceiros (unicos que merecem as honras de um instantaneo), senhor absoluto do senso das proporções — o Lobato dessas manhãs de primavera, que eu "lia" no inedito, era o que poucos terão logrado conhecer. E se o lograrem, não foi no mesmo scenario!

Imagine-se um tômo falante das historias do Jeca, das nari-

zinhadas da Lucia, que dissertasse da salvação do Brasil pelo uso do ferro, do babassú, do petroleo; fizesse critica de cinema, versasse manicurando unhas sobre a dansa dos pretos do Harlem, sempre com aquelle jeito de quem sabe penetrar as coisas complexas e tem a curiosidade das creanças deante das coisas mais simples!

Ali estava o homem inteiro!

Um dia, rebentou uma revolução no Brasil e o Lobato teve que voltar. Fiquei com pena; mas, como era ordem do governo, que fazer!

Não é nenhuma novidade o affirmar-se que Monteiro Lobato é o unico escriptor nosso que tem verdadeira queda para os livros infantis. Pôde-se adeantar mais: assim como com os seus contos regionalistas lhe coube criar um gosto novo, e proprio, pelo que já hoje se chama "litteratura brasileira", fazendo assim que a gente barbada se interessasse pelo que dantes não conseguia ver, — da mesma fórma fez surgir com as suas historias para criança toda uma roda de pequeninos leitores, ávidos como os grandes das proezas da sua imaginação. Fez mais ainda: ampliando a estante da gurizada, elle pôz ao lado dos seus proprios livros esplendidas traducções do que para crianças de melhor havia na litteratura de outros povos.

Não sei de ninguém, entre nós, que pudesse ter dado melhor fórma em linguagem portugueza ás abstrusas invenções de Lewis Carrol, nos seus livros traduzidos por Lobato.

Mas, se elle fizera já de Pedrinho e Lucia o *Jack e Jill* das nossas lettras infantis, se de trapos alinhavára a caprichosa dona Emilia e de um sabugo engendrara o illustre Visconde de Sabugosa, estava-lhe reservado para este anno fazer o livro mais original, mais util, mais engraçado de quantos tem dado á petizada — *Emilia no Paiz da Grammatica*!

Depois das aventuras de Lucia, das caçadas de Pedrinho, de engarrafar um Sacy e tirar-lhe do couro o segredo das lendas — virou-se o Lobato para os sym-bolos do nosso idioma, e emulando o animismo genial de um Walter Disney ou Max Fleischer, deu vida a toda a bicharada glot-tica que vivia empalhada como mumias naquelle museu de raridades, que é uma grammatica portugueza... ou qualquer grammatica.

E aquelle rhinoceronte como professor de portuguez — que symbolo! A crosta corrugada do quadrupede é bem a couraça com que os grammaticos caturras envolvem a lingua, e contra cuja defesa bate a escumilha dos neologismos, sem lhe deixar móssa!

E' impagavel a concepção do Lobato quando estabelece ou delimita a Cidade das Linguas, e adeante, na descripção dos bairros dos Archaismos, por dentro do qual o lapis do Belmonte faz passar numas attitudes de capoeiragem as gyrias e innovações dialectaes do brasileiro. — Arreda, pessoal, deixa a "encrenca" passar!

E' Quindim quem explica, com a sua experiencia de velho africano, como se dera a bifurcação de Lusopolis: — "A parte de lá é o bairro antigo, onde só existiam palavras portuguezas. Com o andar dos tempos essas palavras foram atravessando o mar e deram origem ao bairro de cá, onde se misturaram com as palavras indigenas locaes. Desse modo se formou o grande districto da Brasilandia".

Feito para a imaginação das crianças (ou dos grandotes curiosos), quão justo é esse quadro, pois, de facto, são as linguas que verdadeiramente conquistam os territorios e paizes. E quando a lingua intrusa não consegue contaminar a nativa, não ha sujeição politica nem espadagão insolente de tyranno que domine um povo. Ah! estão os exemplos bem frisantes da Irlanda e da Catalunha, que ha seculos fazem do seu idioma a sua mais alta barreira de defesa.

Comquanto o esqueleto da

obra seja feito da rija ossada da conhecida e intratabilissima Senhora Grammatica (pena é que o Lobato não procurasse traduzir numa *linguagem de gente pequenina* essa terminologia malvada, que ainda exige conhecimento do grego e do troyano), vae elle pondo por dentro desse turismo pelo Paiz da Lingua observações muito espirituosas, de muito *wit*, quasi sempre sahidas da cabecinha ôca da Emilia, que por não ser ninguem, diz o que lhe vem ás ventas.

E' ella, que assombrada da sabedoria linguistica do Rhinoceronte, lembra que o chifrudo Professor talvez tenha comido uma grammaticorra que havia no sitio de Dona Benta, e que por uma estranha assimilação de suas vitaminas, se saturasse de todas as sabenças que a bicha continha. Ou então, é o proprio Quindim que explica:

— Os Verbos Regulares são os bem comportados... Poderia adeantar ainda: são os individuos bem-casados, funcionarios que chegam á repartição á hora certa, vão á missa aos domingos, confessam-se dos peccados de um tempo por outro — emfim, os bons cidadãos da republica. Com os Srs. Irregulares, nem a policia pôde! São bigamos, compram e não pagam, mentem, furtam, enganam. Bebem cachaça e cáem na rua — uns perdidos!

No banquete dos pronomes, lá está o *Leguelhé* de nariz no ar — é o criado á ingleza, de costelhetas, perfilado, todo serviçal, prompto a entrar obliquamente e executar ordens.

E' pena não tenhamos ainda um publico maior e preparado para apreciar um livro tão engenhoso e bem feito, como o ultimo do Lobato. Talvez não se já mesmo tomado na devida conta, como, ao que me consta, está se dando com o esplendido trabalho do sr. Gilberto Freyre — *Casa Grande & Senzala* — outro livro que não nos faria vergonha traduzido em qualquer lingua culta.

Outros povos, de mais longa historia, têm as suas soberbas allegorias litterarias — o *Inferno* do Dante, o *Peregrino* de John

Bunyan, a *Tentação de Santo Antônio*, o *Paraíso Perdido*, etc. Nós, amarellinhos de Goyanna, podemos apontar já duas obras de alta imaginação — o *Macunaima* do sr. Mario de Andrade (cuja loucura — do heroe — quasi contamina o leitor) e as peripecias da *Emilia no Paiz da Grammatica*.

Eu, dictador do Brasil, mandaria que fôsse adoptada a "grammatica" da Emilia em todas as escolas do paiz!

ARTHUR COELHO

Max Beer — *Historia do socialismo e luctas sociaes* — Livraria Cultural Brasileira — S. Paulo, 1934.

E' a primeira parte da importante obra de Max Beer, prendendo-se á antiguidade e ao periodo medieval. Exposição das mais claras e, no assumpto e questões affins, uma erudição das mais fortes. São dignas de apreço, mesmo por parte de pensadores que não acceitam de todo as affirmações do autor, os seus capitulos referentes ao communismo em Sparta, ao christianismo primitivo e á extensão e repressão do movimento heretico na Idade Média. A traducção é do sr. Horacio Mello e a feitura do livro é das mais attrahentes.

Banco do Rio Grande do Sul

Fundado em 1928 pelo Governo Dr. Getulio Vargas, este instituto de crédito tem prestado e continuará prestando ao povo rio-grandense os serviços para que foi creado.

Surgiu no momento que se caracterizou pela excitação economica peculiar ás vesperras das grandes depressões, e tem desempenhado desde então o papel de estimulante da agricultura, da pecuaria e do commercio, graças ao que está sendo possivel a estes factores da economia regional o equilibrio dentro da baixa desastrosa dos ultimos annos. Com duas carteiras distinctas — a commercial e a hypothecaria — domina completamente a situação economica do Estado sulino, com tendencia manifesta a tornar-se o seu banco primaz, tanto mais quanto o Governo do eminente General Flôres da Cunha toma o especial cuidado de amparal-o e fomentar-lhe as operações.

Neste instante accusa já um movimento de cerca de um milhão de contos, com recursos e applicações que ultrapassam os 200.000 contos. Tendo á sua frente directores, como Constante Ballvé, Moraes Fernandes, Orloff Franco e F. Contreiras Rodrigues, que tanto são indefessos trabalhadores, quanto manejaes probos do capital do Banco, não só cresce elle em importancia e confiança publica, como aproveitam todos os fautores da economia estadual.

O sonho de França Junior

O sr. Pedro Dantas, escreveu ha tempos, uma longa apologia de França Junior, que lhe parece ser um escriptor injustamente esquecido pelas gerações vivas. Menos esquecido que menoscabado. Com effeito o antropophago paulista que certa vez chamou ao sr. Antonio de Alcantara Machado "o França Junior do modernismo", teve intenção de menoscabar a ambos.

Muita gente se riu com a perfidia, muita gente que nunca lera França Junior e apenas o conhecia pela tradição de folhetinista facil dos tempos em que se jantava ás 5 horas, em que se tomava o bondinho de burros, na esquina da rua do Ouvidor e se frequentava em agosto a novena de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro. Mas o sr. Pedro Dantas não riu. Elle nunca ri sem saber bem do que ri, como ri e porque ri. E' um poeta, — está-se vendo logo que é um poeta e excellente — mas é ao mesmo tempo esta coisa mais rara — um espirito critico. Precisamente o que constitue o singular encanto de tudo o que elle escreve é esse constante equilibrio entre a intelligencia e a sensibilidade. Sente-se atrás do escriptor um homem com saude e com character. O sr. Pedro Dantas ouviu a pilheria do anthropophago, reflectiu que ainda não conhecia França Junior, — conhecia o outro, o admiravel Antonio de Alcantara Machado, e sabia que daquillo tudo poderia resultar que o folhetinista esquecido valesse a pena de ser lido. Como de facto valeu. E eis o nosso Pedro Dantas desmontando methodicamente, com precisão e vagares, a pilheria anthropophaga, o riso da galeria, o commentario da *Pequena Historia da Litteratura Brasileira*, sempre com aquelle ar pachorrento de quem é capaz, como o Príncipe do Fogo, "de vos suscitar grandes peixes mansos"...

O artigo de Pedro Dantas, interessou-me tambem por França Junior, que eu só conhecia pelos elogios de Arthur Azevedo. Li os *Folhetins*. Admirei-me da isenção critica de Pedro Dantas. Ninguém, como este, tão differente do Antonio de Alcantara Machado de 1876.

O folhetinista era improvisador loquaz e descuidado. O typo do conversa fiada. Ao passo que Dantas procedeu como o sujeito que, munido de esquadros perfeitos e lapis Faber de ponta irreprehensivel, vae determinando as linhas de uma figura de Geometria Descritiva. Não ha escriptor menos "facil" do que elle. Não obstante, seduziu-o a "facilidade" do outro, porque debaixo della discerniu de prompto o dom agudo de observação, esse mesmo dom, que existe no sr. Antonio de Alcantara Machado.

Em summa, a pilheria anthropophaga era boa, não como pilheria, mas como observação critica. França Junior e Antonio de Alcantara Machado são dois annotadores insignes dos nossos costumes. Com o *Braz*, *Bexiga* e *Barra Funda*, faz-nos viver no meio dos italo-brasileiros de São Paulo, os *Folhetins* de França Junior nos restituem ao vivo a sociedade do tempo em que o sr. Martinho

Campos derrubava ministerios, quando os homens namoravam ou conversavam de politica á porta dos Castellões e do Albernaz e as senhoras se vestiam na Dreyfus ou na mme. Lambert.

Essa faculdade de observação facil é o unico merito dos *Folhetins*, mas por isso mesmo faz dessas chronicas um acervo precioso para o conhecimento do nosso pasado. França Junior annotava tudo e até as palavras com que se convidava para um casamento ou um enterro. Quiz ver se encontrava nos *Folhetins* alguma referencia ao maxixe dança, cuja origem tão proxima de nós está comtudo envolta em mysterio. Só uma vez encontrei nelles a palavra, mas no sentido de festa caseira, synonyma de forrobodó e xinfrin: — "Não ha habitação modesta onde no dia seguinte ao de um "forrobodó", "maxixe" ou "xinfrin", como se diz na gyria, não se veja a dona da casa a mandar a negrinha empastar de barro as manchas de gordura que sujam o soalho." França Junior fala muito é em polka, schottisch e ás vezes samba. Tenho um amigo de perto de 70 annos que chegou ao Rio em 85 onde já encontrou o maxixe. Sendo os *Folhetins* de 76, pôde-se concluir que a dança e o nome nasceram dentro daquella decada.

França Junior era amator de pintura e fazia paizagens que vendia por bom preço. Inimigos seus, ou antes, do curador de orphãos que elle era insinuaram que o pintor se valia da influencia do curador para vender os quadros. Sem duvida calumnia de despeitados. O chronista era levado pelo seu gosto a occupar-se frequentemente de artes plasticas, e assim vemos pelos *Folhetins* como se foi formando o primeiro grupo de paizagistas brasileiros. — Caron, Vasquez, Ribeiro, Parreiras — em torno do Grimm, allemão malcriado que só ensinava ao ar livre.

Deante do esplendor da paizagem carioca, França Junior vivia phantasiando uma cidade mais bella, mais limpa, mais sociavel, mais civilizada. Um dos seus folhetins do *O Paiz* finge um sonho que os cariocas de hoje estão vivendo acordados. Nem todos os detalhes coincidem, mas em linhas geraes o Rio de hoje corresponde ao do sonho de França Junior.

França Junior acordou de bom humor numa bella manhã de verão. Vestiu-se ás pressas assobiando trechos do Trovador, da Traviata "e outras velharias que lhe recordavam — que lhe recordavam não ! "que recordavam-lhe", pois naquelle tempo não se obedecia a regras de collocação pronominal portuguezas — os dias felizes da mocidade"... Aqui o sonhador enganou-se: todos os annos ainda se ouve o Trovador e a Traviata...

Mandou buscar um carro, — elle não adivinhou o automovel, e sahiu a passear por praças e avenidas ajardinadas. Afinal foi dar na avenida da Acclamação, que corresponderia á avenida Rio Branco. Essa avenida da Acclamação sahia da praça da Acclamação (Campo de Sant'Anna) e provinha do alargamento das ruas Senhor dos Pas-

P A R A C R E A N Ç A S

Ha livros que se lêem, e ha livros que se vivem. Não sei bem em que residirá essa differença, mas é sensível; talvez esteja na qualidade da emoção que communicam, mais intellectual nos primeiros, nos ultimos mais directa, mais elemental, isto é, influindo nos elementos, nas fontes da sensibilidade. Lê-se *Salambô*, por exemplo, mas vive-se a *Educação sentimental*...

A's creanças, só a segunda categoria interessa. O leitor de 12 ou 15 anos precisa, tal a sua sêde de vida, crear amizade ás personagens, viver com ellas para sentil-as. E com que generosidade, com que abandono, com que entusiasmo o faz!

Quanto a mim, tenho pena dos adolescentes que não viveram dois livros: *Tartarin de Tarascon*, e *Pickwick Papers*. *Pickwick* principalmente. *Pickwick* é um mundo. Mr. Pickwick e Sam Weller, admiraveis replicas inglezas de D. Quixote e Sancho Pansa, não deveriam ter, na litteratura universal, um lugar menor do que os seus emulos hespanhoes. Mas nelles, tanto o riso quanto a dor se escondem, se disfarçam na vida de todos os dias, apenas enrugam de leve a face impassivel do quotidiano. E não é isso, afinal, o humor?

Devendo ao velho Dickens horas inestimaveis — e não só por *Pickwick Papers*; não poderia, sem ingratidão, esquecer *David Copperfield* — foi com emoção, quasi com ternura que abri o seu livro posthumo, a vida de Christo que escreveu para os filhos. Mas não encontrei nelle o meu prodigioso amigo. Encontrei, isso sim, um pastor rigido, enformando, aplainando, aparando com a sua secca bitola puritana a vivida desordem, a belleza purissima dos Evangelhos.

Aliás, seria difficil, mesmo a Dickens, fazer uma vida de Nosso Senhor sem destoar da narração perfeita dos Evangelistas. Ha quem duvide da sua veracidade, mas é impossivel haver quem os leia sem se sentir empolgado por essa poesia simples e forte. As creanças são muito sensiveis ao bello, por isso a melhor vida de Christo, para o seu uso, é a que foi escripta ha quasi dois mil annos, pelos primeiros e definitivos narradores.

sos e Hospicio. Como vêem, é a avenida ideada pelo prefeito Carlos Sampaio. Ficou até hoje no papel, porém, mais cedo ou mais tarde o sonho de França Junior se fará realidade. Onde o folhetista acertou inteiramente foi na avenida Beira Bar, que chamou das Palmeiras, indo do cães Pharoix até Copacabana. Quando agora vou de automovel da avenida Rio Branco pelos novos jardins da Gloria e praias do Russell, Flamengo, Botafogo e Atlantica, fico pensando no sonho do folhetinista. E o meu gozo é maior que o dos menores de 30 annos, como o sr. Pedro Dantas, porque eu ainda conheci o Rio antigo, o infecto Rio em que França Junior imaginava o maravilhoso Rio de agora.

MANUEL BANDEIRA

Se desaconselho aos pequenos o livro de Dickens, em compensação li ha dias uma obra que merecia ser traduzida para alegria das creanças brasileiras. Trata-se de um livro tcheco-slovaco, dos irmãos Capek, vertido para o inglez com o titulo de *Fairy Tales*. Todo o deslumbramento, todo o imprevisto, todo o infinito do universo infantil encontram-se nessas historias onde o maravilhoso e o quotidiano se succedem sem transição apparente. Aquillo que faz a riqueza das creanças e dos poetas — a acceitação placida do extraordinario, e a surpresa ante o que, a nós outros, parece natural — torna encantador o ambiente do livro.

Ha quem condemne, para a infancia, a leitura dos contos de fadas... Mas esses devem ter tido uma triste meninice, para ignorarem assim que, nessa idade, tudo é conto de fada. Um sabugo de milho é uma boneca, um cabo de vassoura é um cavallo.

Essa sensação de estar vendo realizado o impossivel e destruidas todas as barreiras de alliar a fantasia ás cousas da vida commum, dá um cunho saborosissimo, mesmo para os adultos, ás narrativas dos irmãos Capek. E que bom humor, que frescura de imaginação!

Um livro que dá pena á gente de não ser creança, de não poder lê-lo com olhos novos e alma intacta.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

— O politico Louis Barthou continua a dar-se a pesquisas em redor da vida e dos amores de Lamartine e Victor Hugo. Bibliophilo encarniçado na descoberta de manuscritos preciosos, Barthou é um farejador de textos esquecidos e tem feito muitas revelações sensacionais no que concerne ás paixões dos seus poetas predilectos. Ladeando habilmente a nota escandalosa, interessa sempre que allude ás ligações clandestinas de certos figurões que a gente suppunha maridos irreprochaveis, estreitos burguezes incapazes de aventuras extra-domicilio. Egualmente interessa ao falar dos exemplares raros da sua bibliotheca. Ainda hoje é recordada a conferencia em que alludiu ás manias dos compradores de livros, referindo-se com algum azedume aos que estragam as bellas margens de papel de luxo com tantos commentarios de uma indigencia mental capaz de dar nauseas aos homens de boni gosto.

ELEGANCIAS



VESTIDOS
CHAPÉOS
LINGERIE

MODELOS DE PARIS
ELEGANCIA
OUV. DOR - 175

Lindissimos presentes de grande novidade.

Um Moysés epicurista

Coelho de Carvalho, fallecido agora em Portugal, foi um escriptor cuja gloria não emigrou, evidentemente até nós, e mesmo lá se mostrou sempre discreto. Mão grado essa attitudo elegante e velada, esse meio tom de celebridade feliz, Coelho de Carvalho — que chegou a Presidente da Academia das Sciencias de Lisboa — marcou, com brilho, um lugar tranquillo cuja apaziguada festa não teve invejosos nem mereceu excessos de amor ou odio.

No entanto que fino espirito, que singular e aguçada intelligencia, que frondejante personalidade! Poeta, comediographo, ensaista, historiador, humanista que na traducção dos seus queridos autores latinos viveu repousadas horas de serenidade e volupia — Coelho de Carvalho terá sido, antes de mais nada, um epicurista de especie refinada e refinadas exigencias. Esse lado do seu temperamento — epicurismo, a uma certa luz, equivale sempre a horror a tudo quanto possa ser ou parecer exhibicionismo — terá contribuido para que uma permanente sombra envolvesse, desde cedo, a actividade de tão completo homem de letras, delimitando-lhe a acção, reduzindo-lhe a fama e circumscrevendo-lhe a publicidade. Mas não só o epicurismo: tambem o facto de ter vivido, quasi sempre, afastado dos centros em que a popularidade se entrega aos que a cortejam, no Oriente e em terras hespanholas, onde foi consul, e na provincia portugueza, onde acaba de morrer, encerrado num lindo castello algarvio...

Curioso, pittoresco, feliz e harmonioso Coelho de Carvalho! Lembram-se de *Dolores*, de *Um casamento de conveniencia*? Comedias, tiveram a sua hora de successo. E outras horas, de igual ou maior successo, não faltaram ao poeta contemporaneo de João Penha, ao escriptor de viagens, ao critico, ao erudito de *D. Pedro*, ao conversador maravilhoso, attestam quantos tiveram a alegria de ouvil-o e conhecel-o.

Quem ha ahi, leitor e admirador de Fialho, que não recorde aquellas paginas das *Pasquinadas*, aquella humoristica e saborosa historia do *botão de crystal* de Coelho de Carvalho? Depois de uma critica mais ou menos feroz ao seu volume *Viagens* e de uma serie de paradoxos felizes, e bem fialhescos, em torno do classicismo, symptoma de decadencia em escriptores novos — recebe o dardejante iconoclasta de *Barbear*, *pentear* uma carta de Coelho de Carvalho tão suavemente ironica e crystallinamente pensada que mais não foi necessario para immediata rehabilitação do artista pouco antes increpado de frio e quasi velho...

Oitenta e dois annos de vida prospera e prodiga fizeram de Coelho de Carvalho o contemporaneo por excellencia de varias gerações litterarias. Vindo de tão longe, chegou valido a estes dias que passam, de um mundo em nada semelhante ao seu longinquo mundo inicial. A barba tipicamente mosaica dava-lhe traços patriarchaes de chefe de grupo ou sacerdote escondido no seu deserto. De facto, escondido viveu sempre, e por tal fórma que até criticos minuciosos, annotadores exigentes do movimento intellectual portuguez de ha mais de meio seculo, vêm esquecendo o lugar de Coelho de Carvalho, ou lh'o vêm negando. Mas não será tudo esquecimento: aos oitenta e dois annos ainda se póde ser um luctador, uma creatura valida.

Litterariamente, não se é mais nada...

JAYME CARDOSO

G. Chamberg — *A Marquezinha de Girardin* — Selma Editora — Rio, 1934.

Paginas de amor e galanteria em que são evocados, com bastante delicadeza, velhos ambientes aristocraticos da França. Os eternos idyllios que suggerem logo as fidalguinhas de Watteau e as aléas dos parques de Le Nôtre. O volume é da casa editora Selma, que se mostra empenhada em lançar uma série de narrações amenas para as leitoras jovens do paiz.

A PARTIDA

*Chego na beira do cáes
tomo um trago de tristeza
Vem uma aura de belleza
envolver minha illusão.*

*Sinto um gosto de paixão
dentro da bocca amargosa
Vem a morte deliciosa
arrastar-me pela mão.*

*Vou seguindo sem olhar
vou andando sem rumor
ouvindo a vaga do mar
bater na pedra da dôr*

*Vou andando sobre o mar
Quem sabe onde irei parar?
Vou andando sem saber
onde me leva este amor.*

D. MILANO

— Commentando a ultima interpretação cinematographica dos *Miseráveis* de Hugo, Lucien Descaves, membro da Academia Goncourt e hugoano convicto, recorda os ataques soffridos pelo livro famoso da parte de Barbey d'Aurevilly e do encaderador Eugène Varlin, bella figura de operario que tanto se distinguu na opposição ao Segundo Imperio francez e teve uma morte nobremente tragica.

leiam

LUC DURTAIN

IMAGENS DO BRASIL E DO PAMPA

(Trad. de Ronald de Carvalho)

GILBERTO AMADO

TOBIAS BARRETO

ARIEL Editora

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Augusto Frederico Schmidt	CANTO DA NOITE	7\$000
Celso Kelly	EDUCAÇÃO SOCIAL	7\$000
Jean Webster	PATTY (Trad. de Monteiro Lobato) ..	3\$000
Jack London	A FILHA DA NEVE (Trad. de Monteiro Lobato)	5\$000
Dmitry Merejkovsky	NAPOLEÃO (Trad. de Agrippino Grieco)	12\$000
NOVOS CONTOS DE ANDERSEN (Trad. de Monteiro Lobato)		5\$000
NOVOS CONTOS DE GRIMM (Trad. de Monteiro Lobato)		5\$000
Monteiro Lobato	AVENTURA DE HANS STADEN (2. ^a edição)	6\$000
Monteiro Lobato	VIAGEM AO CE'U (2. ^a edição)	6\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiales em: Rio, Bahia, Recife e Lisboa

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca Brasileira de Medicina Legal, ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

Rodrigo Octavio

MINHAS MEMORIAS DOS OUTROS

Broch. 10\$000

Alfredo Pujol

MACHADO DE ASSIS

(2.^a ed.)

15\$000

Miguel Reale

O ESTADO MODERNO

6\$000

Plinio Salgado

O SOFFRIMENTO UNIVERSAL

6\$000

Ultimas Edições da

Livraria José Olympio

Ouvidor, 110 - RIO

GUSTAVO BARROSO

O Brasil Colonia de Banqueiros . . . 5\$000

BENJAMIN COSTALLAT

A Mulher da Madrugada 5\$000

RIBEIRO COUTO

Presença de Santa Therezinha . . . 7\$ 00

RODRIGO OCTAVIO

Coração Aberto 5\$000

PER SKANSEN

A Conversão de Eva Cavalliére . . 5\$000

COLECÇÃO «SIP»

Ubirajara — José de Alencar . . . Br. 2\$ 00

Tronco do Ipé — José de Alencar . Br. 2\$000

Civilização Brasileira S/A

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 2- 6773 —:— Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

BIBLIOTHECA UNIVERSITARIA BRASILEIRA

Directores: Drs. Helion Povoá—W. Berardinelli
Editores: Flores & Manc—Livraria Moura

RUA DO OUVIDOR, 145

N. 1—Dr. Helion Povoá—*Noções de Anatomia Pathologica*—1 vol. br. 15\$, enc. 20\$000

N. 2—Dr. Isaac Brown—*Semiologia do Apparelio Genital*—1 vol. br. 15\$, enc. 20\$000

N. 3—Drs. Leonel Gonzaga, David Sanson, Genival Londres, W. Berardinelli, Helion Povoá e outros—*Lições de Clinica* (geral e especial) 1 vol. br. 18\$, enc. 23\$000

N. 4—Dr. Rolando Monteiro—*Partenologia* (Doenças Genitais da Virgem), 1 vol. broch. 15\$, encadernado 20\$000

N. 5—Prof. Pedro Escudero—(Da Universidade de Buenos Aires)—*Alimentação*—Trad. dos Drs. Helion Povoá e W. Berardinelli 1 vol. brochado 15\$000

ADERSEN - EDITORES

Maximo Gorki — Em Guarda ! 5\$000

Gastão Pereira da Silva — Rithmo Vermelho 5\$000

Prof. Souza Carneiro — Furundungo 8\$000

S. Fridman — A Educação na Russia Sovietica 7\$000

**Edificio d'A NOITE - 14.º and.
Rio de Janeiro**

ULTIMAS NOVIDADES

GILBERTO AMADO — *Tobias Barreto*

ROQUETTE-PINTO — *Samambaia*

LUC DURTAİN — *Imagens do Brasil e do Pampa*

TRAD. DE RONALD DE CARVALHO)

Ariel, Editora Limitada

Rua Senador Dantas, 40 - 5.º and. —:— Rio de Janeiro

A' Margem de uma Novella Psychanalytica

O sr. C. da Veiga Lima acaba de publicar mais uma novella — *No limiar da vida secreta*. Entenda-se da vida psychica. Confesso que ainda lhe não li as anteriores, de sorte que não tenho elementos para avaliar se ha progresso ou méra continuidade nessa ultima de titulo tão seductor.

Devo, aliás, penitenciar-me de não ter tomado conhecimento das outras obras do nosso autor.

O que logo notei, ao delectrear essa derradeira editada, foi que elle não alimenta o ingenuo preconceito regionalista, agora tão em moda. Para o sr. Veiga Lima existe a cultura universal. A historia que nos conta passa-se em S. Paulo, as personagens são paulistas mesmo de quatrocentos annos, como se vangloria de o ser o illustre academico sr. Alcantara Machado, ostentam até appellidos de velhas familias dali (Prado, Bueno...), mas não falam em calão, não *bancam* o caipira, nem tão pouco se inferiorizam na primitividade dos sentimentos.

Não nego sejam, ás vezes, interessantes os romances regionaes. O que desejaria — e aos mais humildes é licito revelar um desejo — é que não insista muito nessa tecla a pleiade de novos romancistas que ora surge.

Afinal o Brasil não é sómente o caipira analfabeto, o trabalhador de enxada, o romeiro do padre Cicero, o jangadeiro, o pescador de sururú, o cangaceiro da Bahia, o jéca do Tieté impaludado e triste, o gaúcho destemeroso, laçador de potros bravios.

O Brasil tambem é a classe media do campo e das cidades, os restos da aristocracia rural da colonia e do imperio, e a pequena e a grande burguezia que surgiram á sombra das tarifas da primeira Republica.

Têm os mesmos direitos de cidadania litteraria a heroína de Taunay, em *Innocencia*, ingenua sertaneja, e a menina carioca que toma banho quasi nua, em Copacabana.

E' de louvar, pois, o Sr. Veiga Lima, por se apresentar isento dessa serodia bucolinice, que vê com vidros de augmento o sertanejo inculto e retardatario, e despreza a civilização do littoral, que, emfim, não deixa de ser interessante e a muitos respeito superior.

Ora, é pelo litoral que nos prendemos mais directamente ao Occidente, é pelo litoral que entramos na communhão da cultura greco-latina, aquella que nos domina visceralmente e mais de perto nos interessa ou deve interessar.

Só aprimorando os thesouros recebidos conseguiremos a attitude humana, e tanto mais humanos formos tanto maiores. Podemos tresler os nossos sertanistas, mas precisamos meditar os grandes mestres de Socrates a Einstein.

Desprezar os legados da cultura mediterranea pelas migalhas da rica pobreza do americanismo, ou pelas phrases já ultrapassadas daquella, enquistadas nos sertões, é pouco mais que temerario.

O sr. Veiga Lima presa o decoro da linguagem e não entremeia a narrativa de palavras obscenas, moda que se vae introduzindo por imitação de despiciendos modelos europeus.

Os que têm por novidade esse mau gosto, que o sr. Oswald de Andrade foi o primeiro a praticar, enganam-se redondamente. O fim do seculo XVIII viu isto em França até em gazetas.

No limiar da vida secreta é uma novella quasi sem enredo; succedem-se os quadros um tanto descosidamente. Desenrola-se como um filme a que a censura tivesse cortado algumas scenas e até as cabulosas reticencias interminaveis, á Machado de Assis, apparecem para nos desconcertar. Do bom gosto do sr. Veiga Lima, esperam os seus leitores não reincidenta mais nesse passadismo romantico.

O novellista almejou evocar os disturbios que o amor faz numa alma de mulher, o amor que prolonga as suas raizes em abysmo insondavel, thema velha e sempre novo, que explora á luz da psychanalyse.

Anna-Maria, a heroína, aos quinze annos era bella e graciosa, e já havia desabrochado na plenitude de um corpo sadio de carnes, firmes e elasticas, merecedoras das mais ardentes caricias. Caprichosa e inquieta, sentia pela musica uma ardente paixão mysteriosa. Os desejos indistinctos vojavam nas paizagens de sua vida interior, e se traduziam numa ternura, que a envolvia como um halo luminoso.

Não pretendo resumir o enredo, mas sómente frizar que o sr. Veiga Lima possue a faculdade de, em dois traços, fazer surgir deante de nós um typo de mulher que fica incorporado ás nossas relações. "No intimo guardava a obcessão dos olhos côr de phlox de Anna-Maria, onde a avidez era tanta que pareciam olhos allucinados... Notára, muitas vezes, o esplendor de seus braços brancos como o leite, a sua cabeça de passaro, a belleza alada de seu corpo."

Que desejar mais para identificar a pequena, á tarde, na Avenida?

O analysta está aparelhado para apanhar a vida complexa da cidade e para fazer a analyse espectral da alma feminina. Não lhe falta acuidade psychological, luxuriante imaginação, e dons de escriptor. E' um romancista, com que precisamos contar.

Para mim, impenitente folk-lorista, a interessante novella encerra uma pagina, que não poderei esquecer nestas ligeiras impressões.

"As negras contavam-lhe historias mysteriosas, lendas e mythos primitivos deturpados pela religião. A historia do rei das serpentes e dos macacos era devéras interessante. A preta contava que era o rei dos macacos que mais gostava das moedas pesadas, dos dobrões de ouro.

E contava:

Una,

Duna,
Tena,
Catena,
Sou bico de penna.
Carapáu
Carapina
Tim-tim
Conta bem
Que são Dez.

Canivetinho
De Pintainho
Que anda na barra
De vinte e cinco
De cacho de fulô
De bão, bão, bão
De bom bô, bô
Levanta-se mouro
Que tu sois fôrro."

Ahi está uma achega folk-lorica que completa a colheita de Sylvio Romero, nos *Cantos populares*, onde se encontra apenas a terceira estrophe. Denota esse conto velha origem peninsular, já nos archaismos — *duna, tena, catena*, já na velada referencia ás luctas épicas dos christãos contra os mouros, inimigos tradicionaes da raça.

A primeira estrophe da parlenda infantil citada pelo sr. Veiga Lima, merece um estudo philologico. Antes do mais, convem restabelecer o ultimo verso. Em lugar de "sou bico de penna", penso que se deve ler: "sou bicho de penna".

Una não apresenta duvida, é o feminino de *uno*, do latim vulgar.

Duna significa dois. Vem de *duas* com a nasalização do *u* (duas), processando-se em seguida a forma *duna*.

Tena, é uma formação curiosissima. Grandgent (*Introduzione allo studio del latino volgare*, 1914) postula o nominativo *trei*. A essa forma, penso eu, se teria juntado o suffixo *ena*, dando logar a *trei-enan* e por fim *tena*, com a queda do *r* muito vulgar na lingua infantil.

Catena originou-se do *quáttor*, quatro, do latim vulgar, com o mesmo suffixo *ena*. *Quáttorena*, depois *quatrena* e *quatená*.

Curioso é que o suffixo *eno* até agora só se tinha encontrado junto ao cardinal sete, formando o ordinal seteno em deante, conforme Burciez, Nunes, Said Ali. E' forma encontradica no portuguez archaico aquelle suffixo.

O folk-lore infantil é nimiammente conservador.

Nestes ultimos tempos, em trabalhos de ficção, têm apparecido varias contribuições folk-loricas.

O sr. Mario de Andrade, em *Macunaima* (1928), intercalou brejeiras adivinhas, que não transcrevo para não aguçar a malicia de ninguem... Fez referencia á linguagem enigmatica das creanças: vópô, cêpê... As superstições surgem aqui e ali:

"— Mai sonhei que caiu meu dente.

— Isso é morte de parenta, commenta a velha."

Artemidoro já o dizia, como notou João Ribeiro, em *Folk-lore*, p. 149.

Aliás o livro todo é folk-lorico, inclusive o personagem principal — Macunaima. Uma mistura de tradicionalismo amerindio e brasileiro.

Entresachado de muitos dados tradicionaes, cantigas, côces, trovas e o mais, está o *Gororoba*, esquecido romance do sr. Lauro Palhano. Sente-se-lhe a preocupação de intercalar aquelle material, prejudicando mesmo o entrecho.

O sr. Jorge de Lima, no *Anjo*, imita discretamente ao sr. Mario de Andrade na linguagem cryptologica infantil repetindo o *vopô, cêpê*...

Agora traz o sr. Veiga Lima a sua contribuição.

Excepto o sr. Lauro Palhano, todos os mais são autores freudistas ou melhor freudianos.

Serviu a theoria do mestre para encarrear os discipulos nessa trilha que é bôa e merece ser aprofundada.

Por traz da transitoriedade do individuo está a raça, a linha philogenetica. Além, muito além, da realidade social momentanea, acha-se a tradição, o passado, a vivencia das antigas gerações. O folk-lore nos ensina a estimar esse remoto passado.

ALCIDES BEZERRA

NOITE

Vagalumes, olhos da solidão que tem mil cabeças.

Estou vendo?

Estou imaginando?

E este cheiro de flôr, de fructa, de vida?

O gosto que enche a minha bocca?

O ar que pousa na minha pelle?

Uma voz que eu não entendo?

E este amor que me desfaz nas nuvens, nas montanhas, nas arvores, na agua parada, na poeira do chão?

Estou sentindo?

Estou pensando?

Ou é a lembrança de outra noite assim?

Onde?

Quando?

ALVARO MOREYRA

BREVEMENTE:

V E R T I G E M

NOVO ROMANCE DE

GASTÃO CRULS

SUPPOSIÇÕES, LIVROS E REVISTAS

O retorno á provincia continúa... E' a volta da litteratura, que agora vem lá de fóra vencer no Rio, e mostrar ás gentes scepticas da cidade o trabalho silencioso das alegres gentes da provincia. E' no Norte, no Sul, certamente que em Matto Grosso também. Dahi, provavelmente, resultará uma affirmação mais alta de sentimento brasileiro, e talvez que este momento ainda vá ser citado, nas nossas futuras historias de litteratura, como o instante mais bello, o decisivo instante que marcou a livre manifestação de um espirito identificado com a terra e com o homem.

A theoria das mutações successivas é uma coisa incontestavel também no dominio das letras. Certo que não ha uma evolução paciente e methodica, crescendo harmonicamente como as marés. E' aos saltos que se vae para a frente, porque assim se garante um esforço bastante para fixar as novas posições tomadas.

Não havia nada, quasi nada, no mappa litterario. De repente, por um extranho e desconhecido milagre que a gente só póde attribuir á agitação provocada pela Revolução de 30, começou a publicação de escriptores novos, poetas novos, ensaistas novos, chronistas novos, romancistas novos, não falando já da "rentrée" de alguns claros espiritos que estavam perdidos na politica. Imagine-se quanto não teriamos lucrado, todos nós, se outra houvesse sido a importancia desse movimento politico, e se tivesse elle carregado comsigo os fundamentos de uma revolução também cultural. Foi apenas uma inquietação ephemera. Mas logo se manifestaram, a essa primeira excitação, os seus resultados...

A litteratura se enriqueceu de nomes differentes, os espiritos tomaram o gosto abandonado do estudo, e isso se fez de tal maneira que, actualmente, ha mais de uma bibliotheca exclusiva-

mente cultural, lançando livros mensalmente, todos lidos e procurados. Basta dizer que de livros de sciencias fechadas, como archeologia, ethnographia, anthropologia, etc., tiram-se tres e quatro mil exemplares, e que, no Paraná, ha uma livraria que edita, por sua propria conta um jornal mensal das novidades apparecidas no Brasil...

Ao mesmo tempo os Estados mandam livros e mais livros: hontem era *Menino de Engenho*, *Doidinho*, etc. Hoje, entre muitos outros, *Seu Paulo convalesce*, reunião de contos do sr. Telmo Vergara.

Vieram do R. Grande do Sul, esses contos, e são deliciosas mensagens de emoção, em que o escriptor procura a materia emocional na mais escondida intimidade de seus heróes. Para Telmo Vergara os homens e as mulheres do seu mundo não têm aspectos exteriores que marquem e justifiquem as suas existencias. Elle se evade do mundo das fórmulas, e só de raro em raro surpreheende-se a referencia a uns labios carminados, a uns gostosos e meigos braços brasileirinhos.. Para elle existe o mundo das emoções, das coisas que a gente sente com discreta volupia, dos pensamentos que desfilam pedindo amaveis soluções. E' nesse plano que se deve situar o seu livro. E não resta duvida que *Seu Paulo convalesce* marca a appareção de um escriptor, a quem as faces menos bellas da vida não mataram a pureza e o lyrismo.

Sahindo do Rio Grande do Sul, o estado mais proximo é... o Rio Grande do Norte, e depois Parahyba e Pernambuco. Em Pernambuco ha a revista *Momento*. E' o *Boletim de Ariel* de lá.

Antigamente, uma revista de moços do Norte havia de conter, certamente, muitos sonetos. Hoje não. Contem idéas. E idéas expressas com alegria, com coragem, como convem a moços. Quando o seu director Aderbal Jurema me mandou pedir uma

collaboração, confesso que fiquei meio desconfiado: ainda não tinha visto a revista. Mas depois ella chegou, com a sua intelligencia e o seu bom gosto, numa affirmação de vigor que me surpreheendeu. *Momento* editou 26 *poemas* de Aderbal Jurema e Odrício Tavares, dois poetas desses para quem a poesia não é dona futil, mas sim mulher direita, capaz de ter idéas e de servir a essas idéas abertamente, da mesma maneira que os poemas de Paulo Torres e os romances do Jorge Amado, identificada com a causa dos opprimidos da sociedade capitalista. Ainda de Pernambuco, *Movimento*, jornal litterario de menores proporções mas de identica intenção: fixar intelligencia e mocidade.

Esses detalhes, colhidos no Sul (onde haveria ainda a citar as agradaveis *Canções de Luz e Sombra*, de Nilo Ruschel) e no Recife (terra de Gilberto Freyre), são definidores de um momento muito serio. Os dois fios se encontram e apertarão ainda mais os braços do Brasil. Acima, abaixo, e no meio desses dois pontos que não são os unicos, outras coisas assim estarão em nascimento ou concepção. Quem sabe? E' um momento serio, esse. Pena é que no Brasil não se possa ser serio sem ser grave: ha poucos dias, querendo passar um pequeno telegramma a alguem que está em um dos ministerios, escrevi que "o Brasil parece que está tomando juízo". Escrevi e apresentei essas palavras á moça do "guichet". Ella recusou. Insisti. Ella teimou: não acceitaria. O telegramma foi ao director da secção, que veio de lá mostrar um artigo em que se prohibia terminantemente telegrammas em tom de gracejo, destinado ás repartições officiaes... Aquillo era gracejo? Fiquei conhecendo mais essa opinião...

DANTE COSTA.

As minhas boas acções me fazem mais medo do que os meus peccados.
Luthero.

INQUERITOS

Os inqueritos na nossa terra são sempre lamentáveis, já pela tolice das perguntas, já pelo critério das respostas, calculadas sempre no quantitativo, ao em vez do qualitativo como seria natural e proveitoso.

Não faz muito tempo, tivemos um: "Para onde vai o Brasil?" com origem no samba que fez furor na cidade. Mas o sambista era inteligente, de sorte que musicou a pergunta sem se interessar pelo que lhe responderiam, ao passo que o jornalista, que era, parece-me, o sr. Renato de Almeida, á cata de respostas, importunou quanto sujeito tolo ha neste grande Brasil, sem chegar a um resultado maior do que zero, isto é, equivalente á importancia intellectual do autor de *Velicidade*.

Depois foi o *Fon-Fon*, órgão social e photogenico do Integralismo, que deliciau os seus adeptos com um interessante "Vale a pena viver?" ou cousa que o valha, em cujas respostas figuraram os nomes, academicos ou não, mais brilhantes da nossa brilhante mediocridade.

Presentemente, é o supplemento illustrado d'*A Noite* que nos diverte com o seu pittoresco "Qual o mais bello verso brasileiro?", respondido com alto senso democratico por gente de todas as côres e profissões. Entre os ultimos inquiridos, destaca-se como perigoso para a propria decencia do jornal, o dr. Nelson Moura Brasil do Amaral, que confessou responder collocando a poesia em função da sua especialidade — a ophtalmologia — e citou varios "olhos verdes marejando lagrimas", "olhos da côr do mar", "olhos de infinito", e mais originalidades poeticas da mesma elevada bitola. O que me pareceu perigoso, para a decencia do supplemento, é que, pelo critério da preferencia pela especialidade, seria por demais picante a resposta do dr. Raul Pitanga Santos, nosso illustre proctologo.

E por falar em proctologia, lembremos que o *Limiar da Vida*

Secreta, recente romance de C. da Veiga Lima, conferencista, philosopho e economo das suas proprias finanças, é o seu melhor livro, o que com mais clareza synthetica a profunda mentalidade, o elevado conceito artistico do polygrapho, o romance que o vai tornar definitivamente celebre junto ao sr. Orris Soares. Tudo isso é o que se depreheende da resposta que dá o autor ao inquerito d'*O Jornal*: "Como escreveu o seu ultimo livro?"

MARQUES REBELLO

CORRESPONDENCIA

Um leitor — Não conseguimos qualquer esclarecimento sobre a revista *Arte e Sciencias*, da qual nos fala em sua carta. Se nos puder prestar maiores informações a respeito estaremos promptos a servi-lo.

Carvalho Filho — *Integração* — Bahia, 1934.

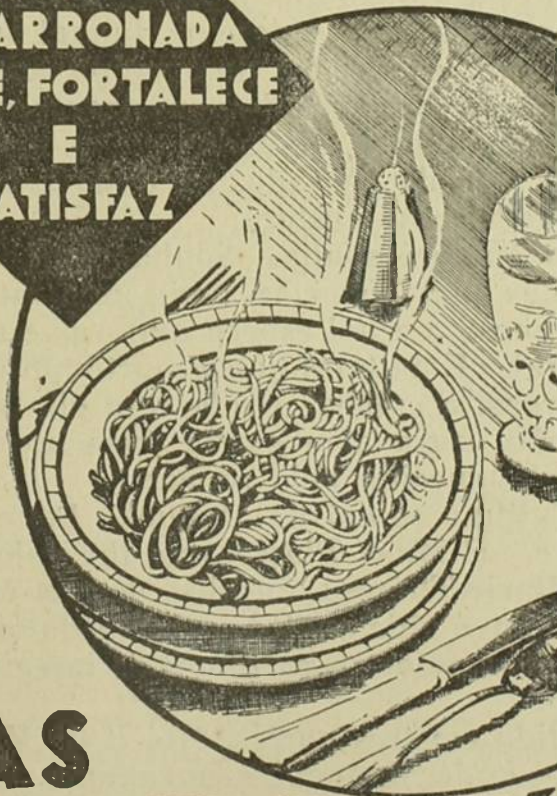
Poemas em que harmoniosamente se fundem amor carnal e pantheismo. O delicioso ambiente bahiano, com o seu colorido e as suas musicas, enriquece e ennobrece o que porventura haja de excessivamente sexual no sr. Carvalho Filho. Sua prosodia poetica compraz-se na plena liberdade de rythmos e não lhe faltam passagens em que a doçura se faz intensidade, marcando uma figura de artista em que nunca se observa o estigma do banal e do rasteiro.

Jair Silva — *Buena-Dicha* — Bello Horizonte, 1934

Nestas noventa e quatro notações avulsas, o sr. Jair Silva ora se socorre de elementos auto-biographicos, ora se expande pelo terreno das generalizações humanas. Alternam, em seu livro, considerações graves e irreverencias humoristicas, e a diversidade de aspectos do volume faz com que a leitura de *Buena-Dicha* não se torne penosa. Agradaram-nos especialmente umas referencias malignas a certo intellectual nosso que deu para andar pelas ruas sem paletot...

PROCURE ALIMENTAR-SE BEM

**UMA BÔA
MACARRONADA
NUTRE, FORTALECE
E
SATISFAZ**



**MASSAS
AYMORE**

MARCA REGISTRADA

"LE VISIONNAIRE" -- de Julien Green

Provincia de França, um mundo onde a menor coisa toma proporções gigantescas, um mundo de rigorosa economia, de tragedias occultas, de vergonhas obscuras, de baixeiras sordidas.

E neste mundo vivem dois entes novos á sombra de outro mais velho, muito diversos uns dos outros, perfectos productos do meio.

Manoel, feio phtysico, amante insaciavel de leituras, vivendo pela imaginação na loja de livros que tem o pomposo titulo de "Aux Mânes du Grand Corneille", loja em que trabalha até á noite para ganhar insignificante salario das mãos de um bruto presumpçoso e ignorante; Marie-Thérèse, menina sadia e robusta que busca no convento, junto ás freiras, o pouco de carinho que a mãe, Mme. Plasse, lhe nega. E finalmente a propria Mme. Plasse que, debaixo do seu catholicismo agudo, esconde immenso rancor á vida por ter visto o homem que amava casar-se com sua irmã.

Manuel e Marie-Thérèse são primos. Para Manuel, a prima é a provocação, e o peccado, a delicia e o desespero da imaginação torturada. Para Marie-Thérèse Manuel é o sobrinho predilecto de Mme. Plasse, que o trata e o protege com singular ardor e, na falta de carinho, o envolve de mil cuidados; Manuel é ainda aquelle que conta historias sombrias, em segredo, historias que Marie-Thérèse não comprehende muito, mas que a prendem ao primo por serem só delles dois e, ella o sente tambem, por serem prohibidas.

Numa casa grande e triste, debaixo do olhar severo de Mme. Plasse, a filha e o sobrinho vivem, a espreitar cada gesto, cada palavra, tudo o que significa vida naquelle mundo morto.

E assim até que uma noite, já todos dormindo, elles fogem para o campo, para um planalto onde, o corpo arrebatado pelo desejo. Manuel ousa apalpar os braços, as pernas da menina apavorada. Mas falta-lhe a coragem de perpetrar o mal até o fim, e fogem ambos, abalados até o mais fundo do sêr, do sitio do peccado, voltando a buscar refugio na velha casa austera.

Então Manuel sonha. Sonha com o castello sombrio das suas historias, onde uma mulher linda, desdenhosa e cruel espera que o pae morra de terrivel mal. E na hora dessa morte tão esperada, ella o abraça, e enlaça, e rola com elle pelo leito e pelo chão, furia alva e nua, insaciavel no seu desejo, enlouquecida pelo prazer.

E' o ultimo sonho de Manuel. Pouco depois elle morre. E Mme. Plasse, que lhe velou os delirios, e Marie-Thérèse, que lhe deu os caleninos, ambas voltam á vida quotidiana, guardando na memoria, bem secretos, os extremos de imaginação do visionario.

Dividido em tres partes, "Récit de Marie-Thérèse", "Recit de Manuel" e novamente "Recit de Marie-Thérèse", este livro parece ser todo escripto em tom pesado, duro, afim de melhor pôr em relevo as paginas exaltadas do sonho supremo do caixirinho phtysico.

JACK SAMPAIO

AOS SUICIDAS

*Enforcados que vos balançaes
como fructos artificiaes,
casaes que morrestes juntos
furando peitos, golpeando punhos,
ó desgraçado João Balbino
que vos afogastes inda menino,
Mariannita, Mariannita,
no ultimo dia do anno — cocaína.
Vós que usaes phrases:
tiro no ouvido, bebi veneno,
não culpem ninguém,
não culpem ninguém,
viver sem ella não podia
rezem por mim uma Ave-Maria,
adeus, adeus é curta a ausencia
era demais meu soffrimento.
E' preciso partir! Tenho pressa!
Desculpe os erros grammaticaes,
Mamãe perdão, até breve, até...
Não quero retrato nos jornaes,
amor não tenho, não tenho fé,
nem inimigos pessoaes,
só acho tudo muito pau.
Deixo cartas pra policia
Tinha de ser assim, sou fatalista,
salto o ultimo obstaculo.*

*E vós suicidas que ninguém reconhece,
de tão desfigurados e horriveis,
sabei todos que a vida vae de mal a peor,
vae de mal a peor, vae de mal a peor.*

JORGE DE LIMA

— Em *Le plus grand amour* de George Sand, Maurice Roy, muito bem documentado, procura evidenciar que nenhuma outra paixão foi tão forte, na vida da grande romancista, quanto a que lhe inspirou seu filho Maurice Sand, o animador dos fantoches do theatrinho de Nohant. Mas o livro é, sob esse aspecto, discutivel, pela confusão de planos que provoca. Com effeito, ao que insinuou um dos seus leitores, é máo isso de querer fazer confronto entre coisas tão diversas. Para que, realmente, fazer uma comparação de quantidade em relação a factores que tanto differem em qualidade? Que, a autora da *Indiana* fosse mãe affectuosissima parece indiscutivel, deante dos informes de Roy. Mas ninguém tambem esquecerá os furores de loba não saciada com que ella rolou por tantas alcovas, passando pelos braços de poetas, musicos, advogados e sacerdotes innumeraveis...

— Joseph Peyré, autor de *Sous l'étendard vert*, é um soberbo evocador dos ambientes do Sahara. Daquillo que tantos supõem deserto puro extráe elle uma vida por assim dizer pullulante. Miragens de palavras e miragens de almas. Máo grado a diversidade dos processos litterarios empregados, Peyré faz pensar nas descrições pictóricas de Fromentin. E uma agitação de drama enriquece-lhe sempre a paisagem, mostrando que, no caso, o pincel do colorista é manejado por um psychologo que está longe de alhear-se ás frementes aspirações do momento humano universal.

— Os amigos do exotico adquirirão o volume *Pékin ville éternelle*, de Henry Casseville. Ahí pompeia "a cidade dos telhados de ouro e das muralhas de purpura, a cidade em que o céu é rei".

“PLUIE D'ETOILES” — de Matila Ghika

Em meio á producção litteraria franceza, geralmente tão homogenea, *Pluie d'Etoiles* é um romance que destôa por completo e, desde as primeiras paginas, apresenta-se inteiramente differente. Embora escripto em francez, num francez sem falla nem fraqueza, vê-se logo ao lêr o primeiro capitulo que o autor é estrangeiro.

Confesso que nada sei a seu respeito. Pelo nome: Matila Ghika, parece ser rumaiico, como parece ser magyar. Será da Transylvania, dessa provincia que foi hungara e passou, mescla desses dois povos, a fazer parte integrante da nova Rumania? Ignoro. O livro leva a indicação de ter sido escripto em Stockolmo em 1932 e 1933 e demonstra ter o autor vivido em Vienna, Paris, Praga e Londres, pelas minuciosas descripções que nos dá dessas capitães. Será, portanto, Matila Ghika um viajante, um instavel, talvez um diplomata. E' para esta ultima supposição que me acho mais propenso. A profissão e a vida de um escriptor têm uma indiscutivel influencia naquillo que produz e dahi a minha curiosidade. Quanto á nacionalidade, ou mais especialmente á raça, é um dos personagens do proprio Matila Ghika quem insiste na sua importancia na *qualidade* de cada individuo, quando procura discernir, na mescla complexa dos outros personagens, qual a “terra rara” que lhes dá o seu caracter distinctivo, o seu tom peculiar, esse “não sei quê” que faz com que um determinado sêr nos interesse, nos fascine, nos subjogue ou nos repugne. Gosto dessa noção de “terra rara”, que me parece vir realçar esse contraste impressionante que verificamos por vezes nos outros, pelo qual, ao lado da maior villeza descobrimos de repente uma scintilla de verdadeira grandeza, ou, por baixo das qualidades mais nobres, um sedimento de torpeza. E' bem certo que, na monstruosa complexidade do brasileiro actual, ha muito enigma interessantissimo para se decifrar á luz desse conceito de “terra rara...”

Mas já me vou afastando da impressão geral que quizera das de *Pluie d'Etoiles*, que occupa um lugar tão singular no romance francez contemporaneo. Não posso deixar de collocar-o dentro da producção franceza, pois foi escripto directamente em francez, e assim, da mesma forma que José Maria de Heredia é um poeta francez e Michael Arlen é um romancista inglez, Matila Ghika é um escriptor francez. Mas é esta a unica razão dessa catalogagem, porque, na verdade, *Pluie d'Etoiles* em absoluto não é um romance francez. Para isso, falta-lhe a construcção solida e rectilinea, os planos harmoniosos, um enredo uno. *Pluies d'Etoiles* é hesitante, vagaroso e pormenorizado como um romance inglez, cheio de digressões, falho, inteiramente, na sua argamassa. Sob este ultimo aspecto, não tenho receio de dizer que é um fracasso; o fim é digno de um romance para mocinhas, de uma puerilidade pasmosa. A tal ponto que fechamos o volume com uma enorme decepção.

E, entretanto, *Pluie d'Etoiles* é um bom livro. Como explicar essa impressão contradictoria que se apodera de quem o lê?

Em primeiro lugar, o romance vale pelo detalhe: os quadros onde vivem os personagens são evocados com tanta minucia, mas tambem com tanto gosto, que parecem surgir deante dos nossos olhos. E a Vienna decadente do após-guerra como a Praga que resurge, rejuvenescida, do seu velho passado, abrem para nós as suas perspectivas, os seus monumentos, os seus thesouros de arte.

Os personagens tambem nos parecem vivos e quasi conhecidos nossos, e, embóra um pouco paradoxalmente, não haja a bem dizer um personagem principal ou central, a figura de Napoléon Udalrich de Maleen-Louis, ex-addido naval da Austria-Hungria em Londres, domina o livro, com seu aspecto um tanto exquisito, seus modos antiquados, sua finura e sua deliciosa delicadeza. Ao seu lado, o vulto feminino da princeza de Wallenstein apparece mais tangivel, mais exteriormente real, enigmatico e seductor, porém menos exacto na sua psychologia. Com os outros personagens do romance dá-se o mesmo: as mulheres são mais vistas de fóra, os homens muito mais analysados de dentro.

E um outro encanto do livro, um dos maiores sem duvida, são as longas palestras dos diversos personagens, nas quaes passa, finalmente commentado, o panorama da Europa de 1924, instavel, convulsionada, ruindo nos seus velhos alicerces e procurando reconstruir-se num plano novo, que ninguem ainda percebe.

Maleen-Louis, que debaixo da sua fleugma occulta uma sensibilidade tão vibratil, nos leva a cada passo a volver os olhos para a Europa de antes da guerra, para esse mundo talvez um pouco futil, sem duvida superficial, mas em que a vida, despida de grandeza, era bôa de ser vivida. Uma saudade confusa apodera-se de nós então e, como Maleen-Louis, gostaríamos de voltar a esse passado morto para sempre...

Talvez seja essa a razão do agrado com que, apesar do seu romantismo e mesmo do seu romanesco quasi piégas, se lê *Pluie d'Etoiles*.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO

Carmen Cinira — *Sensibilidade* — Editor Calvino Filho Rio, 1934.

Palavras enternecidas do poeta Paulo Gustavo fazem sentir quanto a nossa poesia feminina foi empobrecida com o prematuro desaparecimento de Carmen Cinira. Cantora de uma sensibilidade sempre afflorante, expandindo-se sem peias de falso puritanismo e sem ir tambem a exaggeros passionaes que porventura a distanciassem dos pudores e delicadezas do sexo, cantou ella o seu canto com uma voz propria, em tom discreto, sem jámais forçar a popularidade e preferindo ser ouvida e amada por gente de alma identica.

Das Esteppes ás Caatingas

Nenhuma operação mental poderá ser mais commoda do que a de fazer parallelos entre dois phenomenos, que apresentem, ao menos, uma remota semelhança. E esse foi um genero de litteratura muito em favor antigamente. Cesar e Napoleão, Christo e Budha, Tasso e Camões viram-se, centenas de vezes, nesse "tête-à-tête" facil. Modernamente, para só ficar ahi, grande parte da symbolica de Freud é suggerida graças a relações geometricas de semelhança.

Com toda a larga sobra de arbitrariedade que essa attitude comporta, ha um parallelismo que ha longo tempo observo em segredo. Politica áparte, nunca notaram um parentesco muito vincado entre a alma brasileira e a alma russa?

Pois eu desde já proclamo Dostoievsky o meu melhor professor de psychologia brasileira.

Talvez que a maior culpa dessa affirmativa caiba á pobreza do meio litterario brasileiro em obras de analyse. A introspecção nunca ou raramente terá seduzido os nossos escriptores, que preferem a estrada sem grandes surpresas da objectividade, fieis á tradição das velhas pretas contadoras de historias, que se esfumam nas reminiscencias de todas as infancias brasileiras. E é justamente essa escassez que faz as despesas da descoberta. Emprehende-se um cruzeiro através das litteraturas e chega-se naturalmente á russa, que conta, ao contrario da nossa, com uma flóra millionaria de obras de analyse, de pesquisa paciente pelos porões do Eu. E ahi está, entre parentheses, como, forçando semelhanças, se começa por uma differença...

Vae-se viajando lentamente através de uma alma de Dostoievsky. De repente, a marcha se detem, surpresa. "Mas, eu conheço, esse Stravoguine. Morou comigo, na mesma pensão..." Segue-se com o pensamento já predisposto. Reconhecem-se então todos os impulsos, identificam-se

as volições, arruma-se tudo dentro de quadros já conhecidos.

Dahi por deante, a velocidade adquirida nos favorece. Os Karamazoffs tomam o omnibus commosco. Encontram-se diariamente Raskolnikovs provaveis á espera de oportunidade e de uma velha. O principe Mnichkin a cada instante curza com o nosso o seu olhar estranho de epileptico. Todos nos tornamos, ao menos uma vez na vida, aquelle vagabundo das "Noites Brancas". Renunciamos com uma facilidade extrema a todas as venturas, a todas as Nastenkas, sómente, para podermos affirmar, pathologicamente que "um minuto de felicidade é sufficiente para toda uma vida..."

Depois, é que a gente percebe porque, feitas as contas, Tschecov, Tolstoi e Gogol ainda são mais lidos aqui do que Edgard Wallace e Bernard Shaw. Porque não podemos entrar no prestito alegre e veloz da civilização nordica. Com os slavs, pensamos tanto que nos esquecemos de agir. Ou antes, a acção fica sendo desprezível, como seria para um boxeur esmurrar uma

creança. E afinal, quando a acção se manifesta ella é sempre assim, brutal e descontrolada...

Foi Vogue quem destravou o meu pavor affectuoso a esse ajustamento. Lendo-o, encontrei as razões que orientaram a intuição. Todas as carecteristicas da alma russa, por elle anotadas, verificam-se tambem, a esta distancia do Caspio, numa relação maior do que a de simples pareença.

As causas, é bem verdade, são de difficil pesquisa. A mesma vastidão territorial? O mesmo emaranhamento de raças? Pouco provavel, pois em outros paizes, identicas causas têm produzido resultados inteiramente diversos.

Constatemos somente. Em primeiro logar, a insatisfação, a ansia messianica de um melhor que virá, atravessa a historia dos dois povos. Em ambos, a escravidão resistiu tenazmente ás apostrophes inflammadas do racionalismo do seculo 19. Depois, a musica é, aqui como lá, cheia de vaga tristeza, syncopada de gemidos que ninguem explica.

O camponez russo das novellas é irmão proximo do caipira. Os icones das isbas se reproduzem aqui nos quadros e imagens de santos que occultam a lama das paredes das cabanas, do sertão. Tambem, o instincto migratorio do brasileiro acha o seu simile perfeito no Oriente da Europa. Como os mujiks do creador de *Crime e Castigo*, que viajam milhares de verstas para beijar a botina de um "starets" de barba intonse e milagres infinitos, o bronco Mané-Chique-Chique faz caminhadas de epopéa. São da caatinga e vai para a terra-roxa, como ia para os seringaes.

E que os marxistas não se apressem a collocar o dedo sobre a tecla, porque o caipira sac tambem dos seus pagos nos pampas para ir pagar uma promessa ao Bom Jesus da Lapa, no valle do São Francisco, ou a São Gonçalo do Amarante, no fim do Piauí. E' bastante conhecida ainda a seducção do litoral, das

Qual será o caracter de uma nova guerra?

Eis o titulo dessa grande obra politico-social, organizada pela União Interparlamentar de Genebra, e escripta pelos grandes nomes da politica e da sciencia mundiaes:

QUAL SERÁ O CARACTER DE UMA NOVA GUERRA?

Por Sir Norman Angel (Inglaterra), Major K. A. Brant e Tenente G. B. R. Sergel (Suissa), Francis Delaisei (França), Major General J. F. C. Fuller (Inglaterra), Prof. Paul Haensel (Chicago), Prof. Eli Heckscher (Suecia), Prof. Hersch (Suissa), G. Hosono (Japão), Prof. Joegensen (Dinamarca), Major Victor Lefebure (Inglaterra), Prof. André Mayer (França), General Montgelas (Allemanha), Prof. Qualid (França), Nicolas Politis (Grecia), General Réquin (França) General von Haeften (Allemanha), General von Metzsch (Allemanha), e D. Gertrud Woker (Suissa).

Acabam de chegar os exemplares da edição em lingua portugueza. Leia o livro que impressionou a Europa!!! 430 paginas—12\$000. Em todas as livrarias e nas Livrarias CIVILIZAÇÃO, no Edificio Alhambra, e Rua Sete de Setembro, 162.

VISITA INESPERADA

O dr. Marcondes já retornara á actividade da sua vida medica, muito embora não se pudesse considerar de todo restabelecido. O pé fracturado ainda lhe trazia certos incommodos e, á noite, quando regressava do consultorio, sentia-o quasi sempre dormmente e inchado. Mas era-lhe impossivel prolongar aquelle repouso que já lhe custara mais de vinte dias de reclusão em casa. Comtudo, não era só a solicitação dos clientes que o levava a apressar as suas saídas, mas o desejo de se sentir fóra do ambiente familiar, de esquecer junto dos doentes as muitas decepções que lhe tinham dado os seus. E mais do que nunca o consultorio regorgitava de gente.

Foi no meio dessa azafama que, uma tarde, o creado lhe veio annunciar a presença de D. Cle-

grandes cidades sobre os habitantes do interior.

Kipling, de passagem pelo Rio, notou o prazer que os brasileiros experimentavam em enternecer até os extranhos com a narração lamuriosa das proprias doenças. Pois Vogue nos assignala essa vocação para martyrio, emoldurando a vida de todos os russos.

Tudo apresenta um ar de familia, no Vistula ou no Amazonas. E' a mesma vasa viscosa de eschisoidias, de inconsistencias, de sentimentalismo, de morbidez, de mysticismo, numa identidade que essas linhas rapidas apenas esboçam.

Terminemos, lembrando que a roupagem do patriotismo nos dois povos é a mesma. A "Santa Russia" aqui se transforma no "Brasil das grande possibilidades", de cuja altissima missão historica ninguem ousa duvidar. E todos nós, vemos, inquietos e sebastianistas, o Brasil marchar para o futuro, como Gogol viu a Russia, a geito de uma troika a correr desabaladamente, a todo galope dos cavallos, pela esteppe sem fim....

PINHEIRO DE LEMOS

lia. Queria apenas dizer-lhe uma palavrinha e gostaria de ser atendida no intervallo de duas consultas. O dr. Marcondes fel-a entrar immediatamente para uma pequena dependencia contigua á sala de consultas onde costumava receber as pessoas que não precisavam de exame mais detido. Causava-lhe extranheza aquella visita, sobretudo porque o creado lhe dissera que a senhora estava só. Era essa a primeira vez que ia vel-a depois da visita de Clelia ás Aguas Ferreas, em companhia do tio, e não foi sem certa emoção que o dr. Marcondes entrou na saleta onde ella o esperava, nervosa, de pé, sem mesmo ter descansado sobre qualquer movel a bolsa e o guarda-chuva que trazia nas mãos.

Depois de alguns cumprimentos amaveis, houve um instante de hesitação entre ambos. Rompeu-o D. Clelia, com o rosto transmudado, o olhar brilhante, a voz bastante tremula. Falava entre haustos precipitados, mas baixinho, como que receiosa de ser ouvida e as suas phrases, apenas iniciadas, eram logo substituidas por outras.

— Doutor Marcondes, vim lhe fazer um pedido, mas nem sei como tive coragem para chegar até aqui. O que é que o senhor vae pensar de mim! Mas se não recorresse ao senhor, que é tão bom... Ha situações... Nem sei como hei de dizer. Estou tão afflieta, tão nervosa...

E levando o lenço aos olhos, foi presa de uma violenta crise de choro, que lhe afogava as palavras e transia o corpo numa agitação convulsiva.

O dr. Marcondes emocionou-se ante o inesperado daquella scena e, pondo-lhe a mão sobre o hombro, disse com brandura:

— Mas que é isso? Não se afflija assim. Fez muito bem de se lembrar de mim. Estou aqui para servil-a em tudo o que puder.

E pela mente lhe passaram as mais desencontradas conjecturas. Teria sido abandonada pelo marido? Alguma premencia de dinheiro? Doença grave em algum

dos seus? Esta ultima hypothese era a menos acceitavel, pois não teria dado motivo áquelle estado de constrangimento. Comtudo, para dizer alguma coisa, elle aventou:

— Não é doença em ninguem...

D. Clelia agarrou-se ás palavras do medico:

— Sim, doença em alguém por quem eu não podia, por quem eu não devia me interessar, mas que é tudo para mim... Está gravemente doente e eu queria que o senhor fosse vel-o, tratál-o, fizesse tudo para o salvar. E' só com o senhor que eu conto. Não posso fazer nada, tenho que agir de longe, do contrario estou perdida, sou uma desgraçada. Mas tudo precisa ficar entre nós. O meu receio é que titio viesse a desconfiar de alguma coisa. Queria que o senhor fosse vél-o hoje mesmo. Parece que elle está muito mal, com uma infecção, uma febre alta... Seria melhor transportal-o para uma casa de saude. O senhor fará tudo o que entender. Mas eu queria que fosse hoje mesmo. Para as despesas...

D. Clelia fez tenção de abrir a bolsa, mas o medico atalhou-lhe o gesto. Ella insistiu:

— E a Casa de Saude? Onde elle está, é que não póde ficar. Queria mesmo que o senhor o tirasse de lá, e vae ser preciso pagar...

Mas elle tornou mais resolutivo:

— Deixe. Depois nós veremos tudo isso.

O dr. Marcondes mal podia falar. O coração batia-lhe desordenadamente. Um suor frio inundava-lhe a fronte. Um amante! Elle tinha um amante!

D. Clelia continuava: :

— E' verdade, ainda não lhe disse onde é. Fica na Esplanada do Senado. Mas eu trouxe aqui escripto. E enquanto abria a bolsa e apanhava um papelzinho que passou ás mãos do medico, foi dizendo:

— Eu queria era ter noticias ainda hoje. Posso telephonar á noite para a sua casa?

O medico disse que sim. Elle

iria lá ao sahir do consultorio e, entre nove e meia e dez horas, já devia estar em casa.

— Como o senhor é bom! O que é que eu vou-lhe ficar devendo!

De novo os olhos de D. Clelia se marejaram de lagrimas. Num movimento brusco, ella tomou-lhe a mão, procurando leval-a aos labios. O dr. Marcondes teve tempo de esquivar-se ao gesto e conduziu-a até a porta, com um olhar cheio de doçura e magnanimidade.

Gino Sartori — Praça Vieira Souto, 7, 4.º andar — Quarto 16.

A' força de ler e reler o pedacinho de papel que lhe fôra deixado por D. Clelia, o dr. Marcondes já guardara de cór os dizeres.

Gino Sartori... O nome era italiano. Mas quem seria esse typo? Onde é que ella o conhecera? Um italiano que morava num quarto andar da Esplanada do Senado... E vinham-lhe outras

cogitações. Seria algum empregado da Companhia de que o marido era o director? Algum conhecimento antigo de S. Paulo? Mas que adiantavam essas supposições, se elle nada sabia da sua vida, se tudo ignorava do circulo das suas relações?

O dr. Marcondes sentia-se tão perturbado, tão espicaçado na sua curiosidade, que a primeira idéa que lhe ocorreu foi interromper as consultas e seguir immediatamente para o local indicado.

E elle que a suppunha feliz no casamento! E' verdade que o Braga já lhe tinha feito certas restricções sobre a harmonia do casal, achando que o dr. Santos Lima não estava á altura da mulher. Mais dahi a imaginar que ella pudesse ter um amante! E que paixão não era a sua, para leval-a áquelle estado de desespero, que tudo fazia esquecer, que não media sacrificios, e até lhe arrancava dos labios a confissão dos seus peccados! Gino Sartori... E seria este o primei-

ro? Desde quando? Talvez fosse cousa de pouco tempo. E vinham-lhe remorsos de não se ter adiantado. A sua timidez...

GASTÃO CRULS

(Do romance a apparecer: *Vertigem*).

Knut Hamsun — *Um vagabundo toca em surdina* — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

E' finalmente accentuado, nas paginas introductorias deste livro, traduzido pela sra. Rachel Bensliman, o caracter de nomadismo do vida de Knut Hamsun, que, nas suas vagabundagens de moço, jámais poderia esperar a somma polpula do premio Nobel. Atravessando varios paizes e exercendo os misteres mais rudes e por vezes mais oppostos, o grande romancista da *rome* imprimiu a tudo quanto escreveu as caracteristicas de uma verdade dominadora. Mas tambem ha nelle, não raro, uma infiltração de poesia, de pantheismo fremente, tornando-o, nos melhores momentos, uma especie de anarchista lyrico. Este *Um vagabundo toca em surdina*, divulgado por uma casa que selecciona intelligentemente os seus autores, destina-se a um bello successo no Brasil.

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110

PHONE 3-2389 — RIO DE JANEIRO

ULTIMAS EDIÇÕES

Rodrigo Octavio	
MINHAS MEMORIAS DOS OUTROS	10\$000
Alfredo Pujol	
MACHADO DE ASSIS (2.ª edição) ..	15\$000
Miguel Reale	
O ESTADO MODERNO (1.º vol. da Collecção "Problemas Politicos Contemporaneos")	6\$000
Plinio Salgado	
O SOFFRIMENTO UNIVERSAL (2.º vol. da Col. "Problemas Politicos Contemporaneos")	6\$000
Humberto de Campos	
MEMORIAS — 1.ª parte (5.ª edição)	10\$000
SOMBRAS QUE SOFFREM (2.ª ed.)	6\$000
LAGARTAS E LIBELULAS (2.ª ed)	6\$000
José Lins do Rego	
BANGUE	6\$000
MENINO DE ENGENHO (2.ª ed.) ..	6\$000
COLLECÇÃO MENINA E MOÇA — volume	3\$000
M. Amestoy — O LAGARTO AZUL	
M. Bourcel — A HERDEIRA DE FERLAC	
J. Rosmer — A PRINCESA E A CIGANA	
A. Pujo — O PEQUENO REI DE BENGALA	
M. Froment — A MENINA FEITICEIRA	

PROXIMAS EDIÇÕES

Humberto de Campos	
DESTINOS...	
MEMORIAS — 2.ª parte.	
José Americo de Almeida	
BOQUEIRÃO — Romance.	
José Geraldo Vieira	
TERRITORIO HUMANO — Romance.	
Clovis Amorim	
ALAMBIQUE — Romance.	
Armando Fontes	
RUA DO SIRIRY — Romance.	
Plinio Salgado	
A QUARTA HUMANIDADE (3.º vol. da Col. "Problemas Politicos Contemporaneos").	
COLLECÇÃO MENINA E MOÇA	
R. Dombre — A HERANÇA DO CIGANO	
Jaqueline Riviere — A AFILHADA DAS ABELHAS	
J. de Lias — O FEITIÇEIRO DA FLORESTA	
P. Goazec — O TIO PAPÃO	
Valdor — DESVENDANDO O MYSTERIO	

QUESTIUNCULAS

A GEOGRAPHIA HUMANA

A chamada geographia humana tornou-se, de algum tempo a esta parte, um methodo de explicação do meio social por suas condições physicas, como sejam a "situação", a "fronteira", o "clima", etc. Com precursores em Bodin, Montesquieu, Michelet, Humboldt, Ritter, foi Ratzel o principal iniciador e chefe da escola do determinismo geographico. E a ella se ligam, de certo modo, os discipulos dissidentes de Le Play quando, com Tourville, attribuem ao meio physico a distincção dos typos sociaes (communitarios e particularistas) e, com Demolins, apontam "la route", isto é, a rota, a trilha, o rumo seguido pelos povos como determinante desses mesmos typos, "alambique natural das civilizações", para usarmos a phrase pinturesca e ironica de Lucien Febvre. Que as condições geographicas exercem sua influencia no desenvolvimento dos homens e das sociedades, facto é este que não se pôde honestamente apoucar e que de longa data grandes pensadores vem salientando. Mas dahi a affirmar, como o fez Ratzel, que "toda a vida do Estado tem suas raizes na terra" e que "o solo rege os destinos dos povos com uma brutalidade cega", ha uma distancia enorme, que se não pôde transpor sem o exaggero exclusivista com que Ratzel desacreditou a anthropogeographia, rehabilitada por Vidal de La Blache e seus seguidores Vallaux, Brunhes, Lucien Febvre e Bataillon, corrigindo a Ratzel. Por outro lado, Durkheim, oppondo ao methodo anthropogeographico ratzeliano a "morphologia social", observou que "reduzir toda a vida psychica é esquecer que as idéas são realidades, são forças e que as representações collectivas são forças mais activas ainda e mais efficazes que as representações individuaes".

A RAÇA

Tem-se querido inculcar a raça como o factor determinante da nacionalidade. Ora, os povos não são, senão raramente, constituídos segundo sua origem primitiva. Contra esta têm conspirado, vencendo-a, conveniencias geographicas, interesses politicos ou commerciaes. As nações, as patrias se foram esboçando e formando a pouco e pouco, sem que as razões de ordem anthropologica prevalecessem, constituissem criterio nessa formação, motivo de fusão dos povos ou obstaculo a essa mesma fusão. As republicas hispano-americanas são, cada qual, uma nação, a despeito da origem commum; e o mesmo pôde dizer-se de Portugal e de Hespanha, da Hollanda e da Prussia, da Belgica e da França. Por outro lado, a Austria é uma nação, a Russia é uma nação, a Escocia e a Inglaterra formam uma nação, diversos que embora sejam os elementos anthropologicos que as compõem. Assim, o factor "raça" não é como pretende a theoria de Gobineau e Lapouge refundida pelos allemães, constitutivo da nacionalidade. E' que a nação é cousa politica, historica e social,

emquanto a raça é cousa physica e zoologica, cuja unidade, cujo typo puro a sciencia até hoje ainda não precisou. Brachycephalos e dolichocephalos? Simples theoria, ainda dependente de verificação. E, ainda quando verificada, que significação psychologica e social poderia ter? "No craneo que não muda, o cerebro se modifica", escreveu Henri Berr. Todavia, a existencia das raças e a parte que lhes cabe na producção dos conflictos entre povos são cousas que ninguem nega. O que negam, porém, todos aquelles que querem fazer apenas sciencia, e que a raça seja um factor constitutivo da nacionalidade.

O FACTOR ECONOMICO

A importancia dos phenomenos economicos na vida social é, sobretudo na phase industrial da civilização, incontestavel. A constituição das sociedades resente-se constantemente da acção e esforço humanos para a producção da riqueza: delles se resente a familia, visto que o lar é, não raro e de certo modo, uma cooperativa; delles se resente a religião, que mais se propaga e é mais imperativa nas camadas pobres da sociedade, que nas ricas; por elles, através da divisão do trabalho, se condicionam certos phenomenos ethicos; delles é que emanam certas instituições juridicas, como, por exemplo, a da escravidão, dictada pelo menor custo do trabalho escravo; por elles parece explicar-se, no dominio politico, o regimen aristocratico, resultante do desenvolvimento da riqueza territorial, emquanto o regimen democratico parece corresponder ao desenvolvimento da riqueza mobiliaria. Esses e muitos outros, os factos que a philosophia materialista da historia poz em evidencia. O erro dessa philosophia consiste apenas no exaggero, num unilateralismo exclusivista, quando pretende que o factor economico determina toda a marcha da evolução social. Direito, moral, religião, arte, etc. não passariam de superstructuras da economia, simples epiphenomenos que os modos de producção determinariam, como se taes modos de producção não presuppuzessem a existencia de taes instituições; como se as transformações da technica e da economia não presuppuzessem um desenvolvimento da sciencia, que por sua vez implica um desenvolvimento previo da sociedade; como se taes transformações não se operassem dentro de formas sociaes reguladas por normas juridicas que fixam a maneira, as condições dessas mesmas transformações. Se, pois, o direito lhes é preexistente, não lhes pôde ser simples epiphenomeno. E como ao direito preexistem a religião, a moral, etc., tão pouco são taes instituições uma superstructura da economia. O que não impede o marxismo de continuar a ser o começo e o fim da sciencia socialista e *Das Kapital* uma especie de livro sagrado. Saint-Simon, Fourier, precursores de Marx? Sem duvida. Mas Jesus Christo tambem não os teve?...

V. DE MIRANDA REIS

Slovacki, grande vate da Polonia

Tres Estudos sobre o poeta -- Paris, 1934

Nas condições historicas em que viveu a Polonia durante o longo periodo das partilhas, a litteratura tornou-se "uma expressão da sociedade" para que usemos a velha sentença de Bonald.

A inspiração dos poetas, o esforço dos romancistas, e todo o manancial de sentimentos que traduziram, outro fim não tiveram que o nobre fim de servir a causa nacional. Talvez, senão certo, em nenhum outro paiz, foi tão intensa a collaboração da litteratura com todos os aspectos da vida collectiva.

Michelet, espirito de nós sempre perto pela grandeza intrinseca de suas idéas, espirito que deve ser amado por todo polonez que se entusiasma com seus entusiasmos pela Polonia, não vacillou em vão quando assegurava que "ha um direito eterno para as nações".

E' o direito á existencia pelo culto das fórmulas espirituales, é o direito de conservar-se pelo culto da alma, de que nos falou um outro grande coração, igualmente amado pelos polonezes todos: Montalembert.

Para aniquilar as forças supremas das idéas e as idéas são forças que governam o mundo, affirma-o o philosopho Fouillée, tudo foi tentado, tudo... A Polonia reviveu em cada familia, onde, sem distincção de categorias economicas sociaes ou religiosas, eram lidos os versos doridos de seus vates, as paginas estimulantes de seus romancistas.

Apenas acabamos de receber as ultimas noticias das vibrantes expressões de entusiasmo com que foi commemorado, na França e na Polonia, o centenario da publicação do Pan Tradeusz, e eis que nos chega mais uma contribuição para o estudo de um outro consagrado poeta do velho paiz dos Piast: Jules Slovacki. O volume é constituído por tres estudos: "14 de Julho de 1927" de Antonio Potocki, "Vida de Jules Slovacki" por Gabriel

Sarrazin, e "Adeus ás cinzas de Slovacki" por Antoine Martel.

O romantismo polonez foi a época mais ardente da reconstrução nacional. Não obstante todas as affinidades com os romantismos europeus, não é possível comprehendel-o senão como função, como força imperativa da situação da Polonia. Ha, contudo, em Slovacki, a fusão do oriente e occidente. Do occidente elle tomou a ordem do pensamento, revelada pela plasticidade da sua arte; do oriente, por um atavismo aryano, algo de uma força mysteriosa, creadora de mythos e de sonhos...

Tal o itinerario espiritual do poeta.

Bem se pôde dizer que ajudou seus patricios a marchar para um ideal, grande ideal, em que soube encarnar-se como se fôra um propheta da redempção.

Aquelle que prevê será bem recebido pelo que realiza. Slovacki, — o poeta que jámais desesperou, — previu a Polonia livre, e a Polonia redimida o cultua hoje entre os mais destacados dos seus filhos espirituales.

UBALDO SOARES

"SERIE NEGRA"

Esse o titulo de uma collecção de romances de aventuras que vem de ser lançada pela Companhia Editora Nacional. Trata-se de uma série em que figuram narrações empolgantissimas de Conan Doyle, Wallace, Van Dine, Oscar Gray, Peter Oldfeld, traduzidos pelos srs. Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Adriano de Abreu, Gustavo Barroso, Mymoel Bandeira. Moacyr Deabreu e Agrippino Grieco. Já sahiram oito volumes, muito bem acolhidos, muito festejados pelo publico que se affeição ao genero. Cada tomo apparece com uma capa das mais expressivas, que é a condensação graphica do trecho mais impressionante da novella.

— *Lenine tel qu'il fut* é o titulo de uma collectanea de trabalhos devidos a escriptores que conheceram pessoalmente o grande revolucionario russo. Neste volume, collaborado por V. Sorine, Maximo Gorki, Maiakowski e muitos outros, ha uma brilhante introdução em que Staline evoca a obra do organizador do P. C. da Russia. Como se vê, trata-se de um volume de palpitante interesse e que ha de ter numerosos leitores.

Srs. ESCRIPTORES,
Srs. LIVREIROS,
Srs. EDITORES:

BOLETIM DE ARIEL

é a revista litteraria de maior tiragem do Brasil...

BOLETIM DE ARIEL

é lido do Amazonas ao Rio Grande do Sul...

BOLETIM DE ARIEL

é o mensario de maior repercussão na litteratura nacional...

BOLETIM DE ARIEL

é o indice seguro pelo qual se guiam milhares de leitores na escolha de seus livros...

BOLETIM DE ARIEL

é, pois, o vehiculo mais efficiente para a divulgação e prestigio do livro.

Annunciae vossas obras no
BOLETIM DE ARIEL:
é a MELHOR propaganda que
podeis fazer de vossos livros.

Descontos e condições especiaes
para os livreiros e editores.

*A alma tem necessidade de amar,
não importa quem, não importa o
que, como o corpo tem necessidade
de comer.*

Albert Samain.

Guilherme de Castro e Silva — *Poemas Novos* — Rio, 1934.

Surgindo muito novo em nossa poesia, o sr. Guilherme de Castro e Silva recebeu palavras das mais animadoras do glorioso ensaísta Ronald de Carvalho. Esse elogio poderia tontear-o, perturbando-lhe o feliz desenvolvimento de uma obra de emoção e rythmo que tantos anteviam das mais honrosas. A verdade, porém, é que o joven poeta se encontrou em pensamentos mais altos, sem quebra do lyrismo inicial, e este seu segundo livro assegura-lhe, entre os productores de versos do tempo, uma situação que anda longe de ser vulgar. Tito Prates da Fonseca — *Sociologia* — Editores Saraiva & C. — São Paulo, 1934.

E' um volume consagrado aos "problemas prévios" da sociologia. O autor, cuja forte cultura é manifesta, deseja diminuir a confusão reinante nesses dominios, dilimitando-os com clareza, de modo a evitar conflictos de jurisdicção com outras categorias do espirito. Exprime-se sempre com bastante cautela, sem escamotear nenhum ponto importante da materia. Familiar em todas as doutrinas sociologicas, sabe critical-as com a maior imparcialidade, sem fetichismo por nenhum doutrinador, e as suas palavras primam por aquella "bonne foy" que fazia o encanto do velho Michel de Montaigne.

Paulo Setubal — *El-Dorado* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Já accentuamos, a proposito de livros anteriores do sr. Paulo Setubal, que esse escriptor sabe conciliar a vivacidade, a mobilidade da narração com um escrupulo de arte litteraria que o impede de resvalar para o simples romance melodramatico. Evidente é o seu desejo de captar a preferencia das turbas, mas não descarta elle jámais do trato do estylo, e as personagens trazidas á baila, historicas umas, imaginarias outras, mantêm sempre uma composição, uma subtilidade de entonação que muitos cultores do genero ignoram de todo. Mais que um romancista popular, o sr. Paulo Setubal é, no sentido dignificador da expressão, um homem de letras.

Dmitry Merejkovsky — *Napoleão* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Trate-se embora de um assumpto que tem entulhado as bibliothecas, o grande romancista russo Dmitry Merejkovsky soube desentranhar muitos aspectos novos da figura de Napoleão Bonaparte. Especialmente o Homem é perspicuamente estudado no marido de Josephina de Beauharnais e no amigo de Murat. Não faltam interessantes descobertas psicologicas e o livro, em traducção de Agrippino Grieco, surge-nos enriquecido por 24 illustrações preciosas, das melhores dentre as fornecidas pela copiosa iconographia napoleonica.

Théo-Filho — *Annita e Plomark, aventureiros* — Selma Editora — Rio, 1934.

Um lindo prefacio de José do Patrocínio Filho assignala os meritos desta narração de caracter cosmopolita que vem de sahir, em quarta edição, dos prêlos da Selma Editora. Sendo um dos mais fulgidos chronicistas que este paiz produziu em qualquer tempo, o excellente "Zeca" passou a vida a correr terras varias, apprehendendo o que havia de essencial em todas as civilizações europeas. Dahi authenticar, em paginas das mais significativas, a veracidade dos ambientes internacionais por que vão passando, em aventuras nem sempre honestas, o heroe e a heroína do sr. Théo-Filho.

Camille Mauclair — *Magia do amor* — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo, 1934.

Mauclair é justamente reputado um dos prosadores de espirito mais flexivel das letras francezas de hoje. Nada refoge ao exame desse critico arguto, que tanto examina e julga um verso de Mallarmé quanto um "lied" de Schumann ou uma tela de Dégas. Aqui neste volume, trata elle, com bastante subtilidade e sem baixar uma só vez á nota escabrosa, de certos aspectos do amor e da sexualidade. E' obra magnificamente transposta para a lingua portugueza, honrando os escriptores culturais da casa que a lançou.

Lucio Cardoso — *Maleita* — Schmidt Editor — Rio.

Trata-se de um romance de estréia que a critica tem acolhido de modo bem significativo. Em artigo publicado na imprensa carioca, nossa illustre collaboradora Lucia Miguel Pereira definiu o sentido de vida, de palpitante humanidade que ha nessa narrativa dos ambientes do rio São Francisco. E, ainda no ultimo numero do *Boletim de Ariel*, o sr. Octavio de Faria viu em *Maleita* uma "narrativa de qualidades excepcionaes, como poucas, sem a menor duvida", narrativa em que nem sempre a orientação do romancista é visivel, mas onde são sempre robustos os traços da paisagem e onde é sempre bem caracterizada a ambientação dos typos.

Celso Kelly — *Educação social* — Companhia Nacional — S. Paulo, 1934.

O autor consagra este livro a questões didacticas de real preeminencia no mundo culto. Tendo sido director de instrucção do Estado do Rio de Janeiro, mostra-se senhor do que existe de mais recente em technica pedagogica. Seu volume não pôde ser acolhido com indifferença num paiz em que, no momento, impressionam a um tão vasto circulo de leitores as obras de Fernando de Azevedo, Delgado de Carvalho, Lourenço Filho e tantos outros renovadores dos methodos de ensino.

Franklin Lewis — *O Crime do Grande Casino* — Selma Editora — Rio, 1934.

Nunca ouvimos falar nesse autor, mas a verdade é que *O Crime do Grande Casino* é um romance perfeitamente modelado nos melhores figurinos do genero policial. Quem o escreveu tem o dominio das situações patheticas e sabe manter sempre aguçado o interesse do leitor na avidéz de um bom desfecho. A capa é das mais suggestivas, fazendo-nos pensar em ambientes de luxo e de fina corrupção do velho mundo.

Liam O'Flaherty — *O Delator* — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo, 1934.

Esse livro, quando appareceu em lingua ingleza, foi criticado nestas mesmas columnas pelo nosso collaborador Jack Sampaio. E' uma das obras mais significativas do escriptor que tambem mereceu, neste men-sario, um estudo do sr. Eugenio Gomes. Traduzido agora, e excellentemente, pelo sr. Valdemar Cavalcanti, outro nome bastante familiar dos leitores de *Boletim de Ariel*, não faltará a esse volume fervorosos admiradores em nosso paiz.

René Dumesnil — *Vida de Wagner* — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo, 1934.

René Dumesnil, que é uma real autoridade em coisas de arte e agora mesmo exerce o difficil cargo de critico musical do *Mercure de France*, consagra um bello estudo ao creador da Tetralogia. As operas, o genio e a influencia de Wagner são lucidamente examinadas e a bibliographia, das mais ricas, documenta-se em trabalhos de Houston-Stewart Chamberlain, Judith Gautier, Lavignac, Lichtenberger, Liszt, Marnold, Peladan, Pourtalès, Schuré, Wyzewa e outros devotos e exegetas da grande memoria. Quanto á traducção, é da sra. Maria Ricardina Mendes de Almeida, e a edição, com um excellente retrato de Wagner na capa, é mais um testemunho do bom gosto da Livraria Cultura Brasileira.

Olympio Guilherme — *A' margem da historia* — Editor Calvino Filho — Rio, 1934.

Tendo abandonado a carreira de actor cinematographico, o sr. Olympio Guilherme bandou-se para os trabalhos litterarios, apresentando-nos um romance em que fixou nitidamente os costumes da gente cabotinesca de Hollywood. Agora, passando a escriptor de ainda maior efficiencia colectiva, o sr. Olympio Guilherme estuda os problemas sociaes que tanto affligem e inquietam os sociologos da hora presente. A documentação impressiona pela solidez dos textos evocados e o raciocinio é de uma logica amadurecida em longas e lentas reflexões.

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

10th October, 1921

My dear Friend (1),

I am in receipt of your letter of the 21st of September, and after I read it, I was very sorry to see you are getting quite *gecalized* there amongst this awful *pomboca* people. Moreover, I could not understand all you wrote me, because, as you know, I have no practice in speaking the language of the *Gecas*, for I am not a Geca myself, as I am supposed to be by mistake. I am trying to interpret your letter with some masters of the School of Oriental Language, but they are staggered because they cannot have any idea of the Geca dialect.

Tomorrow I will meet a Chinaman who is the interpreter of the Chinese Legation, and perhaps he can help me to decipher the nuzzle you sent me. I could only notice in your letter that you have written against me some uniuist, ugly and libellous things I don't deserve to hear. If you were here, I would have you tried in the Courts and you would have had the same luck as Oscar Wilde. Your letter is quite disgusting and I wonder a University-man, as you are, could have written it. Before you write you might consider all the differences between London and Parahyba, and between Brazilian people and English people, and between our civilized customs and your own barbarian customs. I want to tell you again you are not a gentleman as you threaten to hit me with a truncheon. If you hit me you must know you would be bound to pay me damages worth £100 before the Court, and I would be very glad of that because I am wanting some money just now.

Sincerely yours,

TORRES

Londres, 21 - Fevereiro - 1922.

Meu velho Gastão,

Salve! Acabo de reler o teu cartão, ainda parahybano, do dia 23 do passado. Pensas mal, si supões, que eu tenha encontrado aqui... As inglezas são muito amáveis, mas de uma semsaboria atroz. Assim, cá estou eu em pleno domínio da semsaboria britânica. Não fosse o desejo de ver, ouvir e estudar umas tantas coisas, e eu já teria regressado; porque, de facto, a minha vida aqui representa um sacrificio de que eu proprio não me julgava capaz. Se não fosse a minha capacidade de solidão e mesmo certo prazer que encontro no isolamento, naturalmente eu não teria ficado tanto tempo em Londres, que é a cidade mais pesada e melancolica que eu tenho visto. A não ser que a melancolia esteia dentro de mim mesmo, o que é também possível...

Si não te escrevi mais, foi por estar ha muito tempo com o espirito suspenso a teu respeito. Eu sabia que devias ir para o Rio no principio

deste anno, ou mesmo no fim do anno passado, conforme carta que me escreveste. Assim, eu não queria arriscar uma carta minha para a Parahyba, cujo serviço postal imagino o que seja... Entretanto, as minhas cartas aos amigos do Rio contém sempre referencias a ti. Agora receberás noticias minhas mais a miudo.

Do nosso Miguel Osorio recebi ha dias uma pequena carta. Esqueceu-se, porém, de mandar-me o que lhe havia pedido: o endereço da casa dele! É um costume muito brasileiro esse de ler as cartas sem tomar nota do que se deve responder primariamente.

Quaes os livros de Wilde que não tens?

A vida aqui está terrivelmente cara. Sabe Deus como eu vivo... Leio mais do que escrevo. A leitura distrahe-me dos meus aborrecimentos e da minha falta de recursos materiais: ao passo que escrever não me distrahe...

A atmosfera de um Consulado é intellectual e moralmente inferior á de uma Delegacia de Policia.

Adeusinho. Abraços ao Castilho, ao Miguel Osorio e ao Nuno (2), a quem devo resposta de uma carta. Mandeí pelo Arlanza, que sahíu daqui a dez do passado, os originaes dos *Prós e Contras* ao Castilho. Tel-os-ha elle recebido? Do Godoy não ha noticias. Lá vae ahi um abraço que te manda o velho

ANTONIO TORRES

Qual é endereço do nosso Gilberto Amado, agora que a Camara está fechada?

Londres, 8 - Março - 1922

Meu caro Gastão,

Umás duas palavras de saudade apenas e nada mais. Você então pensa que o A* (3) é planta exclusivamente tropical? Que A* só póde medrar no Rio e em portuquez? Não, meu velho. Nos climas frios também os ha. Em Londres também V. póde achar os A* (4). E em inglez! Delicioso... Ahi vae este retalho do *Pall Mall*. Lendo este jornal, como quasi sempre faco á hora do almoco, lembrei-me de V. Por isso cortei o trecho, que dedico a V. e ao... (5). (*Seque-se o recorte do jornal collado á carta*). "O riso honesto é um tónico que levanta o espirito: é um desinfectante que purifica o ar dos germens da melancolia e do descontentamento, etc. "Eu fico louco! É exactamente o A* quando diz: "A sociedade moderna é um jardim florido. "Mas que...! E o livro deste snieito chama-se *Vozes Inaenuas*, ou, si quizer, *Vozes Sinceras*! Está claro que eu não vou gastar o meu parco dinheiro em comprar o livro desse... P* de M* (6) á margem do Thamisa. Juliano Moreira com elle! — O nos-

so amigo G. K. Chesterton acaba de publicar um novo livro — *Eugenics and Other Evils*. Mando-lhe um retalho de critica do mesmo numero do *Pall Mall*. Depois de lido, passe-o ao Gilberto e ao Miguel O. Ainda não li o livro. Não ha *dinheiros* para adquiril-o; mas um amigo vae fazer-me presente de um exemplar. Assim, estou contente. O *Supplemento Litterario do Times* metteu o pau no Chesterton, com luvas de pellica, ao menos em comparação com o pau brasileiro. Esse retalho do *Journal* é destinado ao Miguel Mello. Será favor fazel-o chegar ao illustre destinatario. — Felizmente o B* (7) foi transferido para Paris. Irra!... Porque não elegem esse rapaz membro da Academia?... E o nosso Castilho? Sempre prospero, não? Não me escreve! Mandeí-lhe originaes (8). Terão lá chegado? Estou ancioso... Adeus, amigo. Abraços ao Juliano, ao Silva Mello, aos Migueis — M. e O. — ao Godoy, ao Gilberto, que não me dá mais signal de si — porque? Falta de tempo ou falta de ternura? Do sempre seu

ANTONIO TORRES

Londres, 8 de Abril de 1922

Caro Gastão,

Um bilhete apressado, para aproveitar a mala, e nada mais. Recebeste a minha carta? Mandeí-a directamente para a tua casa. Ahi vae uma *pintura* (9) da minha pessoa. Verás que estou ficando velho. É uma photographia sem importancia, mas vae d'alma em retribuição á que me mandaste da Parahyba. — ... Peço-te digas ao Castilho que recebi os dois volumes da *Historia de Portugal*. — Lembranças ao Miguel O., ao Miguel M., ao Silva Mello, ao Juliano e senhora, ao Nuno, ao Gilberto, o Godoy, ao F. Neves, emfim a toda a negrada. Abraços do teu velho

ANTONIO TORRES

Londres, 10 de Maio de 1922

Caro Gastão,

Recebi a tua carta e, dias depois, o cartão acerca da mudança do Castilho, que me prometeu uma carta ha muito tempo, mas em vão.

Tivemos dois dias de bom tempo, os dois primeiros deste anno; mas já se foram. O céu está outra vez nublado. A temperatura baixou e, segundo annuncia o Observatorio, vae baixar mais ainda. Creio que este anno só haverá inverno, com curtas intermitencias de dias claros. Não nosso continuar em semelhante clima. No fim do anno, si Deus quizer, pretendo estar ahi. Já estou enioado da Inglaterra. Londres é a Capital do Tedio, a Metropole da Semsaboria, o Quartel General da Hypocrisia. E as inglezas, meu amigo! Que rapari-

gas desenxabidas! São amáveis, são alegres...

Quanto a livros digo-te o que se segue. As obras em prosa de Shelley estão *out of print* há muito tempo. Eu tenho os *Ensaio e a Correspondência*, que, por grande sorte, comprei há tempos num sebo por 16 shillings. Logo que recebi a tua carta, puz-me a campo afim de ver si encontrava um exemplar, que te conviesse — porque só nos sebos se encontra hoje tal coisa. Depois de uma peregrinação pelo Stand, pela City (ahi perto de Liverpool Street) e por Charing Cross Road, só fui encontrar dois volumes do que desejás num sebo longinquo, perto da casa em que moro, em Paddington. Mas o raio do homem queria que eu lhe desse dois guinéus pelo livro, isto é, mais ou menos 70\$000 — quantia essa de que eu não podia dispor. Em todo o caso vou ver si encontro algum exemplar mais em conta.

Quanto a indicações a respeito do que por aqui se publica, é impossível mandar-t'as em carta. Diariamente aqui se publicam centenas de livros sobre todos os assumptos. Vou mandar-te catalogos e vou mandar-te também semanalmente o *Supplemento Litteraria do Times*, por onde poderás ter noticia de todo o movimento livresco quer da Inglaterra quer do Continente. Eu compro esse *Supplemento* todas as quintas-feiras. Hoje é quinta. Logo que se feche o Consulado, irei a Piccadilly e comprarei um para mim, que os collecciono, e outro para o meu querido Gastão. Quanto ao mais, sem novidade. Ah! é uma pena tomares o trabalho de mandar-me os *Propos d'Anatole France*. E' mandar caviar a quem está na Russia. Eu tenho o livro. Pensei em mandar-t'o, e só não o fiz porque vi logo que elle havia de chegar ao Rio de Janeiro e não te escaparia. E' curioso. Comprei um exemplar aqui em Londres, logo que o livro appareceu. Dias depois mandaram-me de Paris um outro, que eu dei de presente ao Severiano de Rezende. Agora vem o teu. Vou guardal-o. Acreditarás que eu não tenho am Londres uma só pessoa a quem possa dar esse livro, quero dizer, uma pessoa capaz de lel-o, apreciar-o e commental-o commigo na palestra?... Agradeço-te as *Cartas do Anthero de Oual* e a *America Brasileira*, do Elysio de Carvalho, que ainda não recebi. Então o nosso grande Elysio é hoje um oraculo do patriotismo? Está muitissimo de accordo com o ambiente moral e social do Brasil contemporaneo. E' um paiz de opereta o nosso. E, por agora, adeus. Abraços do teu velho

ANTONIO TORRES

Londres, 17 - Agosto - 1922

Meu caro Gastão,

Respondo agora á tua carta, na qual te esqueceste de incluir o pedaço de *Noticia* relativo ao meu livro.

Como deves saber, falleceu Lord Northcliffe, proprietario do *Times*, do *Daily Mail*, do *Evening News*, do *Weeekley Dispatch* e socio de outras empresas jornalisticas. Foi um dos homens mais poderosos deste principio de seculo. Era, porém, um jornalista. Sabia escrever, sabia fazer reportagens, etc. Não era jornalista da marca do S* S* e do Commendador Botelho, do *Jornal do Commercio*. não. Pois, meu amigo, Northcliffe, com todo o seu poderio, morreu aos cincoenta e poucos annos de uma infecção streptococcica, que interessou o coração. Vae ahi um retalho do *Evening Standard*, em que a enfermidade vem descripta. Como és também um morticola, talvez isso te interesse. Creio que estou soffrendo essa doença (10)...

O meu livro saiu a 1.º de Julho; hontem recebi eu *Gazetas* que alcançavam já a 27 de Julho e entretanto, até então, nem uma linha havia o jornal dado a respeito do livreco. Só posso attribuir isso a má vontade do S* que, sendo portuguez e querendo damnadamente agradar a gallegada..., talvez achasse melhor prohibir que o seu jornal tratasse dos *Prós*. Mas elle ignora, ou se esquece, de que eu a qualquer hora posso estar no Rio de Janeiro e dar-lhe os *Contras*...

Já li todo o livro do Oliveira Vianna. Não conhecia nada desse autor. Esses *Ensaio de Psychologia Social* pareceram-me excellentes. Ha ali varias opiniões, digo melhor, varias conclusões a que eu também já havia chegado, mas nunca as escrevi. E' um espirito alto. E' pena que falle sempre na primeira pessoa do plural. Talvez seja por modestia, para evitar o *Eu*. Dize a elle que perca esses receios e deixe o *Estivemos* e o *Vimos* para os iornaes, os bispos e o Papa. Aliás o livro delle me deu a impressão de uma aguia a fazer considerações a respeito de piolhos. A sociologia brasileira, com effeito, pode resumir-se nisto: "O Brasil é habitado por uma sub-raça infima, e que nunca será mais do que é. Essa sub-raça é producto de tres raças inferiores: o negro boçal; o indio, mais boçal ainda do que o negro, e o portuguez, que é a raça superior. Basta isto: um paiz em que o elemento superior no conjuncto ethnico é o portuguez. Isto define tudo e explica tudo." Com effeito, não ha sociologo nenhum inglez, allemão, ou norte-americano hoje em dia que não considere os portuguezes como um povo de sexta ou de decima ordem, não só politicamente, mas ainda como *simples raça*. No Brasil elles são — e são realmente — a *raça superior*!

Estou lendo o livro do Tristão de Athayde sobre Affonso Arinos. O livro dá-me a impressão de que o critico vale muito mais do que o criticado. Ora bem. Lembranças ao Ju-

liano, ao Silva Mello e o Miguel Osorio. Abraços do teu velho

ANTONIO TORRES

(1) Esta carta veio em resposta a uma, escripta da Parahyba, e na qual G. C., propositadamente, usava e abusava de termos e locuções colhidos ao linguajar nordestino. (2) Nuno Ozorio de Almeida. (3) Medico, membro da Academia de Lettras, cuja litteratura soffreu violentos ataques de A. T. (4) O nome do mesmo medico, no plural. (5) Um amigo commum. (6) Aqui o nome de um jurista e sociologo patricio. (7) Auxiliar de Consulado a que T. já se referira longamente em carta anterior. (8) Material para o volume dos *Prós e Contras*. (9) Retrato tirado em Londres e cuja dedicatória traz a data de 28-3-1922. (10) Causa curiosa! Doze annos depois, A. T. vinha a morrer de uma infecção semelhante. Apenas na occasião, era inteiramente gratuita a sua supposição de que pudesse estar soffrendo da mesma doença.

General Gil de Almeida — *Homens e factos de uma revolução* — Editor Calvino Filho — Rio, 1934.

O general Gil de Almeida, ex-comandante da 3.ª Região Militar do Rio Grande do Sul, dá aqui o seu depoimento sobre a revolução que derubou o presidente Washington Luiz. Os pontos de vista do autor, no sentido politico, fogem ao nosso exame, mas não temos duvida alguma em reconhecer que o livro é bem estruturado e escripto com a mais perfeita dignidade de estylo.

— Os dous grandes premios annuaes da Academia Franceza couberam este anno: o de litteratura a Henry de Montherlant pelo seu romance *Les Celibataires*, e o de romance propriamente dito a Paule Régnier, que logrou grande exito com *L'Abbaye d'Evolayne*. E' esta a setima mulher que merece as preferencias da Academia Franceza. As outras foram Gérard d'Houville, a Condessa de Noailles, Marie-Louise Paileron, Camille Mayran, André Corthis e Jean Balde.

— *Nonni*, de Jon Svensson, é vazada na maneira, entre realista e didactica, de Daniel de Foe. Ha nesse livro coisas que recordam evidentemente as paginas do *Robinson Crusoe*. O autor é da Islandia e, tal qual o seu confrade, exalta a energia, a robustez moral, a invencivel resistencia reveladas pelo seu heroe quando ás voltas com transees que acovardariam qualquer outro. Robinson creava na ilha deserta um mundo para seu uso exclusivo. A personagem de agora resiste aos gelos das solidões polares, ás tempestades e aos animaes marinhos. Livro muito util como ensinamento de dignidade aos espiritos em formação.

LEIAM

TOBIAS BARRETO

de

Gilberto Amado

« S U O R »

E' este o terceiro livro com que Jorge Amado apparece ao publico brasileiro. Apparece sem se repetir, despertando sempre um interesse novo. Quem conheceu o jovem autor no *O Paiz do Carnaval*, não o reconheceu em *Cacau* e muito menos o reconhecerá em *Suór*. Escriptor integrado na sua época, evoluindo com ella, e ás vezes vindo antes della, fixou nitidamente, no seu primeiro livro, uma phase transitoria de inquietação e de procura por que passou toda a nova geração de intellectuaes brasileiros, soffrendo, como era natural, o reflexo da inquietação que abalava o Velho Mundo, vendo ruir depois da guerra todas as convenções que, por um milagre de equilibrio, vinham se mantendo de pé. *Cacau*, o seu segundo livro, é já de uma época em que o autor, representando sempre a sua geração por ser um dos seus expoentes, encontra uma vereda para onde se dirige, embora ainda um pouco indeciso e um pouco ás cegas. *Suór*, agora apparecido, vem confirmar essa direcção do escriptor já absolutamente seguro quanto ao caminho a seguir, sem titubeios, sem vacillações, empregando o melhor de si mesmo, com a maior honestidade, na ardua caminhada que se impoz, combatendo pela idéa que sinceramente adoptou e que julga, com toda a boa fé, ser a unica capaz de resolver problemas que se lhe afiguram angustiosos. São essa honestidade e essa sinceridade a força máxima desse livro. Foram ellas que deram ao autor a energia precisa para descer á miseria maior, á sujeira mais hedionda, á cloaca mais putrida, para mostrar aos felizes que existe em certos lugares por elles nem sequer suspeitados toda uma região de miseraveis, de doentes, de mendigos, de prostitutas, de invertidos, de degenerados, que dividem os seus cubiculos com os ratos e passam fome, mesmo quando os ratos estão de barriga cheia. Nesse livro o romancista se vê obrigado a tomar o gancho do trapeiro para resolver o casarão do Pelourinho, botando para fóra todas as suas podridões, todos os seus escarros, todos os seus farrapos. Faz uma especie de autopsia num leproso, com uma grande coragem, achando uma enorme difficuldade em conseguil-o sem se emporcalhar, sem permittir que se pense que elle quer ser pornographo para causar sensação. Quanto de esforço lhe é necessario para impedir que os seus personagens se apresentem repulsivos, quando são apenas dignos de piedade! Dignos de piedade, sim, porque a gente que desceu até o 68 da Ladeira do Pelourinho, não é sequer a gente que trabalha nas fabricas, que se intoxica nos bordéis ou que labuta no campo. E' peor. E' a escoria de tudo isso. E' o que sobrou. Os que já foram. Os que não serão mais. Os ex-homens, emfim. São os restos de uma escravidão. São os sobejos da syphilis, da religião e do alcool. Precisam de hospital e de asseio. Asseio physico e moral. Asepsia em qualquer sentido. São elles uma consequencia de alguma coisa muito mal feita, de um grande crime social. Quaes os cul-

pados? Aquelles que os exploraram quando ainda podiam trabalhar, os mesmos que lhes prostituíram as mulheres e as filhas, quando ellas ainda eram sufficientemente moças para fazer nascer os seus desejos libidinosos. E ainda os mesmos que os atiraram juntos para a sargeta quando já não os acharam mais compensadoramente productivos ou não encontraram mais nada de inédito nos beijos das suas mulheres. Todas essas coisas, que são repugnantes, quer quando vemos os effeitos, quer quando nos mostram as causas, são apresentadas ao leitor de *Suór* como num kaleidoscopio magico, onde as imagens vão se succedendo sem se repetir, apparecendo e fugindo, aqui muito nítidas, adeante esfumadas e rapidas, agora apparecendo em corpo inteiro, logo apenas se deixando ver, mas, em qualquer dos casos, se gravando fundamentalmente no seu espirito, sem se confundir jámais, torturando o cerebro, onde fica vibrando uma grande angustia, mixto de piedade, repugnancia e revolta. Essa revolta, ao contrario da que se passa no livro, não veio e não virá do personagem para o escriptor. Irá, sim, dos que estão fóra ainda, nas fabricas ou nos campos, nos quarteis ou nas usinas. A gente que vive no 68 já desceu demais para ainda tentar qualquer coisa. Os outros, os que ainda não foram atirados á sargeta, é que se levantarão pela piedade dos que já cahiram e pela resistencia para não se submeter á quéda. Será exactamente o horror desse abysmo que empurrará os que ainda não cahiram á lucta para evitar a voragem. Para esses é que deve ser o livro de Jorge Amado. Esta a sua finalidade maior, o seu valor maior.

O mesmo asco que dominou o autor quando se achou deante das misérias que se moviam por aquella escada do pardieiro mal cheiroso da Ladeira do Pelourinho e quando teve de trazel-a para a luz do sol, levará fatalmente o oprimido a se rebellar contra a oppressão, que já lhe apparece como o plano inclinado que o levará a todas as baixezas. O trabalho não é para os que já tombaram. E' para os que ainda procuram se manter de pé. Este é, para mim, o sentido social de *Suór*.

Não creio que este romance faça um successo de livraria. Apesar da harmonia absoluta que existe entre os personagens e o ambiente, ferindo pela sua crueza a sensibilidade do leitor em todos os sentidos, irritando-o ás vezes, revoltando-o a miude, mas interessando-o sempre; apesar da movimentação perfeita, do colorido forte, da naturalidade dos dialogos, o livro de Jorge Amado têm dois grandes defeitos, — ter uma technica muito moderna e obrigar o leitor a pensar. Muito pouca gente permite que lhe lembre que o cerebro deve ter alguma utilidade. E, quanto á technica nova, poucos a comprehenderão. Ella está adiantada de alguns annos. E quem vem adiantado sempre se arrepende...

DIAS DA COSTA

IMAGEM DE LUC DURTAIN

Quando Luc Durtain desceu no Rio de Janeiro, em meados de 1932, a nação estava em plena guerra civil.

O grande escriptor francez vinha percorrer tres paizes da America do Sul: Brasil, Uruguay e Argentina. Que iria dizer daqui? Que incompreensões não accumularia na sua valise?

Poderia aprofundar, nos rostos contrahidos pelo entusiasmo, pela cólera ou pela angustia, os segredos da alma brasileira?

Confesso que sua presença me inquietava. Primeiro, pela razão que ahi fica. (Não é bom chegar á casa de uma familia e encontrar as pessoas em batalha. Não se fica sabendo quaes as virtudes domesticas daquella gente). Segundo, porque nós temos uma indistincta seducção pelos escriptores francezes que nos visitam, mas nunca esperamos grande cousa de lisonjeiro, como resultado dessas incursões. Um escriptor francez em viagem pelas terras tropicaes é quasi sempre uma collecção de ironias em perspectiva.

Luc Durtain não nos deu todo um livro sobre o Brasil, mas consagrou-nos a metade das paginas de "Vers la ville Kilomètre 3". E que boa surpresa não foram essas paginas!

A parte algumas apreciações de caracter politico, difficeis tentativas de simplificação e synthese (o que se passou antes e depois de 1930 não pôde caber no canhenho de um viajante), todo o livro de Luc Durtain, mesmo nas linhas relativas á guerra civil, respira uma sympathia profunda pelo nosso povo, pelos nossos problemas, pela nossa energia constructora.

A palavra "sul-americano", para Luc Durtain, tem um sentido profundo, uma ressonancia de mysterio cosmico. Elle apprehendeu admiravelmente o segredo da nossa realidade continental e, sobretudo, da realidade brasileira.

O seu primeiro contacto com a terra do Brasil foi no Recife. Não se poderá esquecer aquelle seu passeio pelos bairros populares, ao entardecer, quando, na sombra das portas e janellas, rostos morenos ou negros parecem olhar do fundo das idades: "Retratos supremos de toda uma raça ou antes, testemunhas da luz, que se demoram ali, antes de voltar ás trevas, de que parecem haver sahido". Descoberta da melancolia sul-americana...

Luc Durtain deixára em Marselha, no caes da Joliette, a maleta da ironia. A' proporção que fui avançando pelo seu livro, tive a sensação de que era ternura, immensa ternura o material de que se munira antes de embarcar.

Nesse ponto, aliás, minha surpre-

sa tinha muito de injusto. Não foi com ternura que elle viu o povo russo, em "L'autre Europe"? Não foi com ternura que elle viu o "Captain O. K." na America do Norte?

Poeta da familia unanimista — a familia de Georges Duhamel e Charles Vildrac — a sátira superficial não o tentou nunca. Esse grave rosto de collegial timido, aberto em olhar de curiosidade em cima de um corpo agigantado, não faz profissão de escriptor pittoresco. Não viajou nunca para descobrir os ridiculos do irmão amarello ou do irmão mulato. Vaja para sentir que a vida é dramatica e a humanidade soffre por toda parte... E por toda parte espera... Não sabe o que, mas espera...

Na Bahia, Luc Durtain acabou de sentir o sortilégio iniciado no Recife. Agora, uma fascinação total. Envolheu-o, nas ruas, o mysterio do passado colonial. Diante das negras bahianas, não fez variações de mordacidade, como tantos turistas litterarios. Commentou apenas, como que em voz baixa, de amoroso entono: "O branco sorri dessa raça, por vezes chega a gostar della... Não sabe ver, nessa persistente infancia da humanidade, o que ella tem de grande".

O testemunho de Luc Durtain sobre a vida dos negros "pobremamente tratados pelo Brasil" marcou em poucos traços a posição brasileira diante do velho problema. E não ha, em todo o seu livro, pagina que seja mais util á divulgação da nossa cultura social.

Mas, como deixar de referir-me especialmente ao capitulo intitulado "Alma brasileira"? Ahi, Luc Durtain deu toda a medida da sua capacidade de philosopho, de sociologo e de poeta. Elle viu (e é bom que isso tenha sido visto por um estrangeiro do seu valor) a formação de uma "ordem" brasileira, "ordem na massa e no espaço", que parece "não ter contornos". "Brasil, não cáos, propriamente, mas universo em estado nascente, cuja maravilhosa riqueza é superior a tantas estreitas homogeneidades". Não está aqui, nesta phrase, toda a formula da nossa existencia em projecção continua?

Se procurarmos o que escreveu da "alma do povo", e não mais da "alma do paiz", encontraremos isto: "... o povo do Brasil demonstra uma qualidade de amplidão e riqueza verdadeiramente soberanas: é a sensibilidade. Magnanimidade, generosidade, tão espalhadas neste paiz, que a gente acaba por não as perceber mais; doçura e bondade, manifestadas muitas vezes para com o proprio adversario. Sensibilidade que, no dominio da intelligencia, sabe transpôr todos os limites pelo immediatismo e a universalidade da

percepção: o Brasil é um paiz em que a idéia do mundo inteiro nunca cessa de estar presente".

O livro de Luc Durtain, que Ronald de Carvalho traduziu magnificamente para o portuguez ("Imagens do Brasil e do Pampa", Ariel Editora) e acaba de apparecer nas livrarias, não contém somente um nobre retrato do Brasil: elle é, antes de tudo, o nobre retrato de um homem. Todos os nossos problemas, sociaes e psychologicos, se reflectiram na sua pupilla attenta, desarmada de preconceitos. E essas "imagens" devem confortar-nos de tantos erros, tantas prevenções e tantos juizos apressados, que correm mundo, por conta de viajantes superficiaes.

Já agora, quando, dois annos depois, Luc Durtain está de novo entre nós, eu sinto não poder dar-lhe senao o meu coração agradecido. Dou-lhe tambem o meu remorso, por haver duvidado, em 1932, de que elle fizesse boa colheita. A terra estava ensopada de sangue, mas elle soube ir longe na sua observação: e a propria luta civil serviu ao seu trabalho. Não lhe mostrámos, então, um Brasil de fachada, para turistas: mostrámos-lhe um povo em toda a sua intimidade trágica, no doloroso momento de uma guerra interna. Nada lhe escondemos: nem no nosso rosto, nem na nossa alma.

E Luc Durtain, tomando posse desse rosto e dessa alma, deu-nos uma "imagem do Brasil" em que até as claridades da batalha parecem favorecer-nos. Ou serão as claridades do alto espirito de Luc Durtain?

Para alguma cousa me valeria hoje ser deputado. Eu levaria á mesa da Assembléa um projecto: declarando Luc Durtain cidadão do Brasil.

Muito brasileiro ha, pessimista e negativo, que pensa mal da sua terra e da sua gente, sorri do seu passado, desgosta-se do seu presente e não crê no seu futuro.

Como não considerar brasileiro de verdade, e da melhor estirpe, o francez admiravel que escreveu as "Imagens do Brasil e do Pampa"?

RIBEIRO COUTO

Transcripto do *Jornal do Brasil* de 9-8-934.

Gomes Netto — *Novellas fantasticas* — Selma Editora — Rio, 1934.

A fantasia mistura-se ao sarcasmo nestas novellas do sr. Gomes Netto. Faz elle uma especie de reportagem impressionante através dos dominios do Irreal, mas sem nunca perder de vista o elemento psychologico que lhe fornece a sociedade circumdante. A proposito de outro volume seu, tivemos palavras encorajadoras. Pois reconhecemos com prazer que o progresso do autor é manifesto nestes trabalhos.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

Jorge de Lima — *Anchieta* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Afonso Louzada — *Peço a Palavra!* — (Fabulas) — Editora Moderna — Rio.

Heitor Moniz — *Não casará* — Marisa Editora — Rio.

Gomes Netto — *Novellas Fantasticas* — Selma Editora — Rio.

Nobrega de Siqueira — *Memorias do Almirante Jaceguay* — Renascença Editora — Rio.

Théo Filho — *Annita e Plomark, Aventureiros* — Selma Editora — Rio.

Guilherme de Castro e Silva — *Poemas Novos* — Rio.

C. da Veiga Lima — *No Limiar da Vida Secreta* — Edições Pongetti — Rio.

Ribeiro Couto — *Poesia* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

General Gil de Almeida — *Homens e factos de uma revolução* — Calvino Filho — Rio.

O. Emboaba — *Zaira* — Contos sertanejos — Curytiba.

Diva Jabor — *A' hora da quinta prece* — (Poemas) — Pongetti — Rio.

Carvalho Filho — *Integração* — (Poesia) — Bahia.

John Reed — *10 dias que abalaram o mundo* — Ed. Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Camille Mauclair — *A Magia do Amor* — Ed. Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Liam O' Flaherty — *O Delator* — (Romance) — Livr. Cult. Brasileira — S. Paulo.

René Dumesnil — *Vida de Wagner* — Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Guy de Pourtalès — *Vida de Chopin* — Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

G. Chambery — *A Marquiezinha de Girardin* — Selma Editora — Rio.

A. Thaleimer — *Introdução ao materialismo dialectico* — Ed. Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Max Beer — *Historia do socialismo e das lutas sociaes* — Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Knut Hamsun — *Um vagabundo toca em surdina* — Livr. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Archivos de Medicina Legal e Identificação — Anno IV — N.º 10 — Agosto, 1934.

Archivos do Instituto de Educação — Vol. I — N.º 1 — Junho, 1934.

Revista Brasileira — N.º 3 — Setembro, 1934.

Xavier Marques — *Lettras academicas* — Renascença Editora — Rio.

Mesmo os que recusam ao sr. Xavier Marques qualidades de grande romancista, fazendo restricções aos volumes em que elle pretende fixar a vida bahiana, não lhe negam nunca os attributos de ensaista e critico admiravel. Assim, é trabalho digno dos leitores mais cultos esta serie de paginas fortes em que o illustre membro da Academia põe em foco aspectos por vezes inexplorados de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Gregorio de Mattos, José de Alencar e Castro Alves. Paginas tanto mais meritorias quanto o sr. Xavier Marques se esforça nobremente para localizar esses nossos patricios na boa cultura do mundo, procurando evidenciar o que elles possuem de permanentemente humano.

Frederico Adensohn — *Os crimes do reporter* — S. Paulo, 1934.

Embora com alguns deslizes de linguagem, o sr. Frederico Adensohn mostra-se bastante agil na affabulação de romances de aventuras. Este aqui, que supomos ser o seu volume de estréia no genero, faz prever que o autor, desbastando certas rebarbas de estylo, poderá ser ainda, no Brasil, um concorrente dos romancistas importados.

Guy de Pourtalès — *Chopin* — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo, 1934.

Mestre em vidas romanceadas, Guy de Pourtalès oferece-nos aqui um *Chopin* em que revê a grande alma nostalgica do supremo poeta do piano. O que em outros seria apenas uma arida monographia, com dados biographicos e explicações technicas, faz-se aqui uma narração penetrada de immensa ternura pelo modelo, apresentando-o quasi como um contemporaneo nosso, como um partcipe de todas as emoções e angustias do nosso tempo. Admiravel retratista espiritual de Liszt e evocador igualmente seguro da estada de Nietzsche em terras italianas, Pourtalès incorporou á nossa retentiva mais uma effigie pathetica: a do amante de George Sand, do interprete da velha melancolia poloneza, do mais subtil dos musicos estrangeiros acolhidos pelas platéas de França. Quanto á traducção é de uma elegancia e de uma finura que nem uma só vez atraçoam o trabalho original.

Alfredo Ellis (Junior) — *Geographia* — Livraria Saraiva — S. Paulo, 1934.

Autoridade em assumptos de ethnographia e sociologia, o sr. Alfredo Ellis (Junior), sempre que se dá ao estudo dos factores geographicos, não se esquece em absoluto da importancia do coeeficiente humano em taes questões. Discipulo de Ratzel, não se restringe ao exame das produções agricolas de um paiz ou á descripção do curso dos seus rios. Acima de tudo, procura ver, na evolução de um povo, este elemento: o homem.

Amador Cysneiros — *Codigo da Justiça Militar* — Livraria Carioca, Editora — Rio, 1934.

Promotor Publico em S. Paulo e Goyaz e socio da Ordem dos Advogados do Brasil, o sr. Amador Cysneiros, que foi longo tempo jornalista aqui no Rio, vae interessar agora os estudiosos de assumptos judiciarios com um *Codigo da Justiça Militar, reformado e commentado*. Acompanha esse valioso trabalho um formulario do nosso processo criminal militar. Não aspirando a laureas de homem de letras, embora escreva sem ferir jámais as leis do vernaculo, o sr. Amador Cysneiros traz, no momento, contribuição nada desdenhavel aos que servem nos reductos da Themis fardada.

O. Emboaba — *Zaira* — Curytiba, 1934.

São contos sertanejos em que é visivel o desejo da fidedignidade, de um localismo ás direitas. Apesar de residir na cidade, o sr. O. Emboaba não rompeu ainda, no sentido do affecto, com as zonas de que parece provir e os seus contos reflectem sempre uma grande ternura pelas almas que permanecem integradas nos lindos rincões ruraes. Pinceladas rapidas suggerem lindos trechos de paisagem e as creaturas exprimem-se com a modestia e a simplicidade que convem á vida rudimentar dos recantos evocados.

Afonso M. Louzada — *Peço a palavra* — Editora Moderna — Rio, 1934.

O Brasil nunca foi prodigo em fabulistas. Porque o genero, parecendo de facil accesso, é dos que mais promptamente põem a descoberto a mediocridade dos autores. Mesmo em França, ao commentar as fabulas de um Arnault ou de um Viennet, não faltou quem accentuasse que esse processo de moralizar em tom brincalhão, soccorrendo-se de pseudonymos de animaes, morrêra com o grande La Fontaine. Aqui tivemos os dois Bomsucesso e, ultimamente, o sr. Catullo da Paixão Cearense. A rigor, nenhum delles pôde comparar-se ao "Bonhomme", áquelle que foi chamado de "arvore de fabulas". Mas, ainda assim, são legiveis, são estimulaveis. Outro tanto deve dizer-se do joven Afonso M. Louzada, que se utiliza dos bichos para dizer aos homens, sem o perigo das represalias, algumas verdades amargas. Versificador escoceito, as suas engenhosas allegorias revelam um observador que tem tambem os seus instantes de fino pensador.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozório de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

BARTHOU E POINCARÉ

Dois typos de uma especie que está desaparecendo: cartesianos, voltaireanos, republicanos democraticos, liberaes, typos classicos da França revolucionario de 89, symbolizações perfectas desse equilibrio francez feito de entendimento da realidade com a idealidade, de conciliação da acção com o espirito, typos de uma "civilização" que foi ha um seculo uma "cultura". Evolucionistas, progressistas, discipulos de Taine e de Renan, creaturas desse relativismo sorbonnard que tão bem se exprimiu no ecletismo das philosophias moraes da terceira Republica...

Homens de gosto, senhores do seu Racine, mas admiradores sobretudo de Victor Hugo, adeptos de um humanitarismo equalitario em theoria mas conservadores na pratica das hierarchias sociaes e das tradições. Homens de tribuna, mas que nunca desceram á tribuna popular, á plataforma dos faubourgs; homens de tribuna academica e parlamentar.

Homens de sciencia certa, de conhecimentos exactos, de palavra segura e limpa, homens da França, paiz do verbo claro, francezes por excellencia de uma França que vae acabar. Equidistantes do socialismo internacional e do nacionalismo dictatorial, ou fascismo, elles se puderam manter do começo ao fim fieis ao conjuncto de principios republicanos cuja atmospheria respiraram na mocidade. Admittiram ultimamente a possibilidade de uma reforma da Constituição, mas para reforçar, dentro dos limites montesqueianos, o equilibrio dos poderes; a restauração de um poder executivo vacillante, devorado pelos excessos de um poder legislativo insaciavel; no fundo, luta da "democracia" contra a "demagogia", como no começo do mundo republicano, como no alvorecer da nossa era.

Homens de paz, mas um fazendo a lei dos tres annos; outro querendo assignar a paz em Berlim,

não em Versalhes. Homens capazes de amar o genero humano, mas sobretudo na gloria e na felicidade da França. Homens de virtudes superiores, mas homens de virtu politica, susceptiveis de adoptar todos os elementos de acção para o exito.

Expressões perfectas da burguezia radical, da qual eram espelho sublime. Morrem quando ella, a burguezia, agoniza na tristeza da tarde que a envolve entre o vento crispado que vem do norte vermelho e os sopros bruscos que vêm do mediterraneo.

Entre o communismo e o fascismo, estes liberaes egregios guardaram o amor da liberdade querida (*Liberté, liberté chérie*), amor que era o substracto da sua razão de racionalistas, o fundo do seu coração de democratas, a essencia do seu pensamento de positivistas.

Bellas figuras humanas, das melhores e altas que o nosso mundo pode crear no periodo que vem de 1870 até os nossos dias, ellas representam tão typicamente a victoria do "terceiro estado" que nellas podemos resumir toda essa época. — esse periodo de 1870 até os primeiros momentos da differenciação syndical dentro da democracia.

Tudo nelles exaltava a burguezia nos seus fundamentos moraes e nas suas direcções intellectuaes. Até nos habitos physicos, no procedimento social, nas maneiras e nas attitudes. Deu-lhes a escola burgueza, não contaminada ainda pelo laicismo dos professores socialisantes, a base humanista e as boas mathematicas elementares. Ambos exemplares de forts en thème saíram da escola primaria aptos a tirar todo o proveito da escola secundaria; entraram na universidade aptos a tirar todo o proveito do ensino universitario.

No barreau e no Parlamento entraram sabendo rigorosamente as leis a applicar e conhecendo os principios geraes do direito que discutiam. Seus gestos eram sobrios, regulares, precisos; suas pala-

UM HEROE NEGRO

Acabava de ler a noticia do Congresso Afro-Brasileiro, que se reunirá em Recife de 11 a 15 de Novembro proximo, quando alguem da minha grande estima deu-me a conhecer o livro de Maurice Magre — *Pirates, Flibustiers, Négriers* — Bernard Grasset, Paris, 1934.

E' um pequeno volume de 290 pags., escripto com emoção e simplicidade, com espirito e sem exaggero.

Diz o autor que o mal tem pittoresco e attractivos de que o bem nem sombra possui. A vida dos máus, accentua Magre, offerece-nos aventuras e fantasias significativas, muito mais que a existencia dos santos. O estudo da vida dos máus permite sondar o mysterio humano.

Foi por isso, em parte, que elle se entregou á tarefa de evocar os Piratas de que está cheio o seu volume. O livro conta cerca de uma duzia de aventuras do seculo XIX. Dois episodios daquela serie empolgante interessaram-me particularmente. O primeiro é historia brasileira: *Le navire des femmes*. O marselezes Sahut, fizera, no Rio de Janeiro, ahi por volta de 1850 boa camaradagem com um certo Almeida, portuguez sem es-

uras, nos discursos e nos escriptos, precisas, sobrias, regulares. Desestimavam tudo que era excesso; reprovavam tudo que era indeciso e incerto. Na conversa, um delles, Barthou, meridional que era, ainda accendia-se em repentes de verve, mas estes não transpunham os limites das gauloiseries permitidas nos salões; o outro, não conversava quasi, senão dictava — principios, ordens, sentenças, reflexões — todos impregnados do espirito de "serviço", do senso do "dever", da consciencia de um "militante" infatigavel na defeza da patria e na explicitação da legitimidade das suas causas.

Homens que vão desaparecendo.

Agora, as blusas e as camisas pretas ou vermelhas ou amarellas, substituem o fraque e a sobrecasaca dos burguezes. A carabina dos milicianos totalitarios substitue a bengala ou o guarda-chuva dos "cidadãos".

O mundo se transforma tão rapidamente aos nossos olhos! O grupo occupa o lugar dos individuos: as classes se organizam suprimindo a liberdade e prescindindo do pensamento; a Verdade é a verdade que convem, a que prova, a que serve ao grupo, verdade pragmatica. A maxima — Politique d'abord — de accepção a principio tão restricta, se amplia a todos os terrenos...

Barthou e Poincaré — grandes imagens de um mundo que se fecha em museu, figuras para Pantheon; gravuras para a Historia; paginas de um livro cujas folhas vão se dobrando.

Grandes imagens sympathicas da nossa mocidade, cujas reproducções não verá mais a nossa velhice.

GILBERTO AMADO

crupulos, como o outro. Os dois sujeitos e mais o vigario de Nova Friburgo (sic), partem para a Europa com o proposito commercial de aliciar mulheres brancas para uns tantos fazendeiros que já não se contentavam com as mulatas da terra. No brigue *Jupiter* embarcaram algumas dezenas de infelizes que sonhavam com vida nova, tranquillidade e confortavel, de que os malandros, inclusive o vigario, o mais patife de todos, lhes haviam falado. As paginas de Magre narram a odysséa tragi-comica da viagem. Sahut, em 1870, ainda vivia em Pernambuco, diz o autor; de lá enviou á sua custa alguns voluntarios que foram combater pela França na guerra de Bismarck.

A outra narrativa que me interessou no volume é uma das maiores epopéas anonymas de que tenho noticia. E' a historia do negro africano *Cinquez* que em 1836 foi enforcado nos Estados Unidos. Filho de um rei africano, ia *Cinquez*, no meio de um grande grupo de escravos, para o Mexico, a bordo da golondrina *Amstead*.

Alma de chefe intelligente, ousado, sensato e apaixonado pela liberdade, *Cinquez* conseguiu revoltar os companheiros. Domina a tripulação. Senhor do barco, sabendo que as terras da Africa deviam estar para os lados do sol nascente, o commandante negro cruza, durante uns dois mezes, as aguas do golfo do Mexico e afinal é preso pelo cutter americano *Washington*.

O espaço não comporta consignar o que houve de previdencia, de talento organizador, de coragem e de dedicação na vida do negro *Cinquez*. Mas eu creio que no Congresso de Recife elle não poderá ser esquecido. *Cinquez* morreu aos 25 annos. Magre termina assim a sua historia: "Le journal de New York, le *Sun*, envoya un dessinateur a New London — (onde estava preso o heroe) — et il reproduit le portrait de *Cinquez*. Ce portrait, tiré et vendu à part, eut un énorme succès de vente. Il fut accroché dans toutes les boutiques de New York.

ROQUETTE-PINTO

Rodrigo Octavio — *Minhas memorias dos outros* — Livraria José Olympio — Rio, 1934.

Um excellente volume de reminiscencias, em que, sem nenhum narcisismo e sem nenhuma fatuidade de palavras, o illustre membro da Academia de Lettras vae passando em revista meio seculo ou mais de vida brasileira. Delicado é o perfil do poeta Dias da Rocha Filho, que lhe foi companheiro de estudos academicos. A figura singularissima do doutor Macario, um notavel advogado perdido no interior do paiz, foi evocada com uma authenticidade que não exclue o interesse da nota pittoresca. Sobre o diplomata Thomaz Riibeiro, autor do *D. Jayme*, tão lido antigamente entre nós, surgem algumas novidades que os memorialistas do quadriennio Prudente não podem desdenhar. E, finalmente, a parte dedicada a Raul Pompeia encerra uma revelação que os biographos desse grande artista não deixarão de levar, no sentido freudiano, ás suas extremas consequencias.

LITTERATURA INFANTIL NORTE AMERICANA

A Associação Brasileira de Educação acaba de realizar a sua terceira exposição internacional de litteratura infantil. E o cuidado com que foi feita deu-lhe, como era de esperar, um grande successo.

Compareceram livros da Escandinavia, da Hespanha, da França, da Allemanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos e até da Russia actual.

E' conhecida a opulencia dos livros para creanças em lingua ingleza, quer da Inglaterra, quer dos Estados Unidos.

E' natural que, dentro da posição occupada pela creança na civilização norte-americana, a litteratura tenha papel destacado, seja pela qualidade, seja pela quantidade.

Ella começa pela iniciação no gosto pelo livro, vivo, expressivo, interessante.

Os albuns, sem textos, fortes de cartonagem, de traços marcados, para colorir ou armar, dão á actividade um motivo e um gosto especiaes.

E o seu proprio custo torna-os accessiveis nas lojas de *five and ten*.

Igualmente organizada é a collecção *The big little book*, pequenos de formato, com biographias dos heroes populares, como Jackie Cooper, profusamente illustradas.

Lá, como na Inglaterra, estão apparecendo agora os livros a tres dimensões, "Pop-up", em que, ao abrir das paginas, as figuras de que o texto cuida, surgem armadas no espaço, como por exemplo este conhecidissimo Mickey Mouse, popularizado pela arte cinematographica de Walt Disney.

Igual cuidado merecem os estudos da natureza, e os de iniciação scientifica, seja nas suas curiosidades, seja na maravilha das descobertas e invenções que deslumbram o nosso tempo.

Assim são os animaes, as plantas, as actividades industriaes, os povos e os costumes, a historia, tudo, não em miniatura, em redução, mas na propriedade da adaptapção ao mundo deslumbrante da creança.

Na Exposição de Chicago encontra-se, logo á entrada do pavilhão de sciencias sociaes, uma pequena collecção de 12 folhetos, com illustrações apropriadas pelo colorido e pela fórmula, construindo *Little Library of Science*.

Entre os livros da natureza não é possivel omittir a collecção organizada pelo prof. Gerald Craig do Teachers College da Universidade de Columbia, em 6 volumes experimentados por professores da Escola Horace Mann, e só depois publicados.

Por igual opulentas pela quantidade e qualidade são as revistas infantis.

Embora accusado de povo sem tradições, o americano olha para o passado com ternura, mas elle não embaraça os passos ao progresso. Na esquina da 5.^a Avenida com a rua 42, que será talvez o ponto do planeta onde circula a maior massa de gente, "a mais admiravel procissão de novidade e de belleza humana" que contemplaram os olhos de artista de Joaquim Nabuco, existe a Bibliotheca Publica de Nova-York com os seus dois milhões de volumes.

Transpostas as suas escadarias, passa-se para um outro mundo, "para a multidão sem voz dos livros."

Entre elles a creança não foi esquecida. Ha a sala da creança, onde ella é livre e alegre, onde tudo fica a seu serviço, os livros ao seu alcance, para ler como quizer e onde quizer e ouvir, a dia certo, as historias escolhidas para seu gosto e seu prazer.

Em dias de setembro de 1933 havia lá uma "Exposição retrospectiva" de litteratura infantil onde tudo estava presente, inclusive uma traducção em portuguez do Almanaque do bom homem Ricardo, de Benjamin Franklin, por onde o mestre,

cujo coração só é maior que a cultura e a intelligencia, Afranio Peixoto, aprendeu a ler no sertão da Bahia e cujos olhos emetropos e argutos contemplaram commovidos.

Costuma-se dizer que o povo americano é infantil...

Virá dahi a impressão de alegria, de mocidade e de belleza que elle nos dá.

Tambem cada um de nós o que tem de melhor em si mesmo foi o que trouxe da idade de ouro da infancia.

FRANCISCO VENANCIO FILHO

LUC DURTAIN

Luc Durtain é hoje um dos escriptores francezes mais conhecidos e estimados entre nós. Deve-se isso ás paginas de carinho e penetrante observação que elle dedicou ao nosso paiz no seu livro Vers la ville kilometre 3, ou sejam estas admiraveis Imagens do Brasil e do Pampa que Ronald de Carvalho tão primorosamente verteu para o portuguez.

Durante a sua segunda e muito recente estada entre nós, Luc Durtain teve oportunidade de fazer duas ou tres conferencias que lograram grande assistencia e mereceram os mais justificados applausos das nossas elites intellectuaes. E' de uma dellas — Maitres-Gestes — em que se estudam algumas das figuras mais proeminentes da litteratura franceza contemporanea, que damos hoje, em outra local desta revista, um pequeno mas saborosissimo trecho vertido para o nosso idioma.

— Paul Gsell, o inesquecivel autor daquellas deliciosas conversas com Anatole France e Rodin, ha muito andava calado ou, pelo menos, nada escrevera de grande repercussão. Agora o seu nome volta á baila, assignando um livro *L. U. R. S. S. et sa foi nouvelle*, que tem sido muito commentado e onde se estuda principalmente o movimento scientifico e artistico na Russia Sovietica.

— *Tandis que j'agonise* é o titulo dado á versão franceza de um dos romances de William Faulkner, o victorioso escriptor americano que colheu um estrondoso successo com a publicação de *Santuário*, não só immensamente lido como levado tambem para a tela do cinema.

— André Metz vem de dedicar todo um volume á obra e á personalidade de Émile Meyerson, o grande philosopho francez recentemente fallecido.

"BREJO DAS ALMAS"

Pertence o senhor Carlos Drummond de Andrade ao grupo dos que primeiro se rebellaram contra a technica poetica anterior a Manuel Bandeira. Coube-lhe, em Minas, o posto de epigono do movimento modernista; vimol-o, porém, em todas as suas phases, pessoalmente bem orientado, o que o livrou de praticar o moderno *tout-court*. Entretanto, elle não se beneficiou dessa prioridade, que todos lhe reconhecemos, para nenhum effeito, nem é isso, de resto, que lhe dá renome nas letras.

Com o seu *Brejo das Almas*, que ora nos apresentam os *Amigos do Livro*, sente-se no sr. Carlos Drummond um dominio absoluto da força lyrica que em *Alguma Poesia*, seu livro de estréa, já se denunciava affeição ao geito do poeta. Apenas se observa que o autor, no segundo mais do que no primeiro, teme desvendar-se, mostrando-se tal como é, o que o conduz ao excesso contrario de esconder-se de mais. Não será, mesmo, tarefa para gigante determinar em algumas de suas produções, a constante do raro e do difficil, a exemplo do que se poderá fazer no tocante á obra de Robert de Montesquiou, com quem tanto se assemelha, nesse particular, o poeta mineiro.

Não vejo nisso uma attitudo puramente cerebral, senão a organização desse tímido superior, cuja sensibilidade é organicamente infensa ás demasias, aos derramamentos poeticos. Quando não os evita, corrige-os o autor (*Oh sejamos pornographicos / (docemente pornographicos)*) derivando para uma especie de poesia que fica indecisa entre o desespero do *Convite triste* e a amargura pathetica de *Coisa miseravel*.

Quem já viu o Rio, do alto de seus morros, num dia de bruma e sol? De quando em quando, uma nortada carrega a cerração; descortina-se, por minutos, o mais bello panorama. Entretanto, logo volta a bruma e o limita de novo. A poesia do sr. Carlos Drummond de Andrade, immersa na silva de suas formulas, de seu *humor*, de sua graça corrosiva, que esconde, no sorriso, o canto crispado da bocca, — a poesia do sr. Carlos Drummond de Andrade dá essa impressão visual. Raros poderão, por isso, igualal-o. Tudo nelle é contido e o que mostra de grande apenas suggere coisas immensas. Não será nunca um poeta declamavel em festas elegantes, e tambem o publico semi-letrado jamais o comprehenderá. Até mesmo o seu *humor* é por demais intellectualizado, razão que tem conduzido á perplexidade mais de um de seus melhores criticos.

Observe-se que o autor de *Brejo das Almas* quando escreve prosa adopta quasi que um pseudonymo por artigo, sendo mesmo o jornalista mineiro que maior numero de creaturas poz no mundo, dentro das columnas de um jornal. Logo, porém, se vê descoberto por um grupo maior que o dos intimos, muda de secção, de nome e de feitio,

sempre com aquelle receio de se banalizar. A phobia do já visto, do repetido, em summa.

Mas que poeta unico elle não sabe ser! Este seu ultimo livro, por exemplo, ficará em nossas letras como uma das mais fundas expressões da nossa poesia. Pena é que dessa collectanea tenham sido retirados, á ultima hora, alguns versos que nella deviam estar, porque o autor nelles se retrata com fidelidade e sua inclusão viria completar a unidade psychologica do livro. E' o caso, por exemplo, daquelle *menino chorando dentro da noite*, para citar apenas um poema excluido della, o qual tem uma intensidade que só o bronze de alguns versos de Bandeira já fez soar a meus ouvidos.

Em *Brejo das Almas* não reencontrará o leitor, senão parcialmente, o espirito que se entregou descuidado em *Explicação*, *Sweet home* e no *Poema das sete faces*, que fazem parte de seu primeiro livro. Por outro lado, verá que a voz do sr. Carlos Drummond de Andrade adquiriu um timbre poetico de uma resonancia admiravel. Póde dizer-se que o *Desdobramento de Adalgisa* é o ponto final de uma phase poetica que começa hesitante em *Infancia* (*Alguma Poesia*, pag 13) e que hoje se destaca, com um sentido talvez unico, na poesia brasileira contemporanea. Deste áquelle poema, com que fecha a sua ultima obra, percebe-se uma evolução das mais curiosas. A unidade psychologica é patente, tanto neste como naquelle livro. *Brejo das Almas*, é porém, mais denso, sua grandeza mais pura e mais amarga, offerecendo deleites perigosos, qual o de se deitar *A' sombra das moças em flor* para meditar na ruindade da vida.

Essa *ruindade da vida* é um thema essencialmente drummondiano, e, se não chega a explodir, se não logra o ponto de fusão, que é o desespero, basta para tornar acres, dolorosamente acres esses poemas de agora e nos quaes ella se sublimou de maneira tão commovedora.

Chega-se á conclusão de que o sr. Carlos Drummond de Andrade perdeu o geito de fazer a poesia que aquelle trecho (*Infancia*) nos revela. Tudo nos diz que não mais voltará ás fontes singelas de que se servia. Daqui por deante será mais poeta á medida que se libertar dos residuos deixados na sua lyrica pelo sentido de reacção dos primeiros dias. Sua intelligencia aguda continuará tambem cerceando-lhe parte da naturalidade? Porque ha grandes achados que em *Brejo das Almas* não se realizam de todo, talvez por effeito daquelle virtuosidade a que me referi, e que vem a ser a cata ao raro e ao difficil. Ahi temos, do ponto de vista da communicação, da comprehensão, um elemento de seccura. Para quem possue, como o sr. Carlos Drummond de Andrade, uma riqueza emocional das mais quantiosas, isto talvez seja um mal.

Eu tanto o admiro, que pouco se me dá a maneira por que o faço.

GUILHERMINO CESAR

«CONFIDENCES DES ILES»

(Poemas de Yanette Delétang-Tardif, Paris, 1934,
editor: R. A. Corrêa)

Uma nova poetisa de França. Como serão os seus olhos? Devem ter a claridade que animava as pupillas ardentes de Renée Vivien.

*Danseuse sur le sable,
Si palpable et si lointaine,
Elle est la branche, elle est le fruit.*

Nos cantos deste livro, ha uma estranha voluptuosidade cósmica — o amor dos contactos marinhos, um frêmito de ondas apalpadas, de agua borrifada no rosto, de algas que batem nas praias, entre conchas e caramujos parasitarios. Si o oceano está em furia, a sra. Yanette Delétang-Tardif ainda melhor encontra mysteriosas correspondencias com os elementos:

*Danseuses claires
Levant les bras dans la tempête
Irons nous errer
Vers cette nuit de la mer?*

Não só as ondas lhe parecerão mulheres a dançar, na superficie infinita, temerosas da noite que avança. A praia tambem lhe fornecera a imagem da ternura violenta:

*La plage est ployée
Comme une femme qu'on jette
Pour la mordre et la creuser sous les éclairs.*

Um psychanalysta maniaco, si brincasse com esta coisa tão séria que é a poesia, poderia afirmar: "Esta senhora tem o complexo de Aphrodite."

Na verdade, tudo, nas praias e no mar, desperta impulsos amorosos na poetisa:

*Plage femme brisée
Par les secrets souterrains,
Elle cède en silence au combat.*

Terriveis confidencias fazem as ilhas, esparças no mar, carregadas de mysterio, cansadas de solidão. A sra. Yanette Delétang-Tardif parece comprehendel-as. Comprehende-as tão bem que se tem a impressão de segredos de torna-virgem, nas vozes do vento:

*Une plage, une vague,
Une femme couchée
S'étonnent de caresses
Et de tendresses cachées.*

Onde os complexos se tornam sinistros é no poema dedicado a uma sereia:

*Transparente fille du fond des mers,
Le mot Sirène est injuste pour toi
Car je sais tes jambes légères
Que tu ouvres à l'amour de tes soeurs.*

Que ilhas serão essas, que fazem confidencias á sra. Yanette Delétang-Tardif? Com certeza do mar Egêo, nas aguas azues do Mediterraneo. Não parece emergir dos horizontes o perfil daquella — a mais confidente de todas as ilhas — em que pisaram as leves plantas de Sapho?

Poesia de duplo sentido, que perturba a tranquillidade das leitoras de internato, desde já prohibidas de se perder por tão melodiosas latitudes. Fiquemos apenas nós, homens adultos, a repetir com uma certa melancolia:

*Respire, ah! respire de joie
En nous regardant.*

Nós comprehendemos essas confidencias.

RIBEIRO COUTO

COLLECÇÃO MENINA E MOÇA

A livraria José Olympio, que, apesar de muito nova nesta capital, já se assenhoreou aqui de uma escolhida clientela, vem de iniciar a publicação de uma série de novellas destinados a leitores e leitoras que ainda vacilam entre o conto de fadas e o romance. *Collecção Menina e Moça* intitula-se a nova série, como que se collocando sob o patronato romanesco de um dos mais delicados poetas elegiacos da nossa lingua. Os primeiros tomos, traduzidos por homens de lettras que não ultrajam nunca o texto original, já se vão espalhando pelo Brasil inteiro, de modo a assegurar o apparecimento de muitos outros volumes consecutivos.

R. Magalhães Junior — *Improprio para menores* —
Record Editora — Rio.

Nã ha em sua geração espirito mais vivo e fulgurante que o do sr. R. Magalhães Junior. Os que lêem a nossa revista bem o sabem, porque aqui mesmo nestas columnas esse ensaista desabusado tem inserido trabalhos de critica por vezes acida em que se lhe percebem os impetos de buliçosa combatividade e o dom de emprestar uma leve deformação burlesca áquelles factos que em outros seriam abusivamente dramaticos. Produzindo muito, no alvoroço da trabalhadeira jornalística em que se vem confinando, o autor do *Improprio para menores* não chega nunca a mediocrizar-se e os mais fugitivos dos seus escriptos, mesmo aquelles que surgem anonymos, andam longe de compromettel-o. O homem de lettras jámais desce nelle á simples graphomania mercantil. E bem o demonstram os contos de agora, menos escabrosos do que o titulo — apenas uma *boutade* — faz presumir. Especialmente na primeira narração ha uma dosagem de humor e sarcasmo que faz sentir a approximação de mais um forte romancista para a nossa terra.

S. S. Van Dine — *O Bispo Preto* — Livraria do Globo —
Porto Alegre, 1934.

S. S. Van Dine é hoje um dos nomes mais prezados da chamada litteratura policial. E' elle dos que sabem infundir intelligencia nas tenebrosas machinações em que se mettem as personagens. E uma subtil nota de "humour" está sempre a demonstrar que o autor é o primeiro a divertir-se com as façanhas dos seus heróes, sabendo o que existe de precario no genero e que tudo isso constitue apenas uma diversão para pobres creaturas de uma época atormentada pelos máos governos e pelos falsos financistas. Dados os inequivocos dons de escriptor que demonstra a cada passo, Van Dine, tal qual já se accentuou a proposito de Georges Simenon, poderia, se quizesse, tentar generos mais altos, de caracter nitidamente litterario.

O SUICIDIO INTELLECTUAL DE JOÃO LYRA FILHO

Um dos acontecimentos que mais me commoveram nesta semana de grandes tragedias nacionaes e internacionaes, pancardia anti-integralista, tiroteios, attentados a pistola, não foi nem a morte do rei Alexandre I, nem o fim tragico de Barthou, mas a noticia do suicidio litterario desse espirito encantador que é João Lyra Filho, o irreverente "blagueur" que tanto ironizava as academias de lettras, grandes e pequenas... João Lyra Filho, meus senhores, é hoje, tristemente, um sub-academico, no gozo de uma precaria immortalidade, medalhão a 50 %, que não vê nickel de "jeton"... E' deploravel o aniquilamento prematuro desse joven escriptor, tão brilhante e sarcastico nas palestras verbaes, quão derramado e vaporoso nos seus escriptos, caracterizados sempre pela nota obcessionante da ostentação de cultura. Nunca suppuz, sinceramente, que João Lyra Filho se deixasse empolgar pelo canto das sereias barbadadas da Academia Carioca de Lettras, cujo expoente maximo é o nosso bizarro Paulo de Magalhães e de cujo quadro fazem parte sujeitos de nomes tão impossiveis e inexistentes como os dos heróes das peças do sr. Claudio de Souza, o celebrado autor da *Chochota Phale-na*... A esse assedio succumbiu tambem meu querido amigo D. Martins de Oliveira, com grande escandalo para todos os seus camaradas. Mas D. Martins de Oliveira, que com o *Paiz das Carnaúbas* já foi buscar um premio da Academia Brasileira de Lettras, nunca foi um demolidor de "immortaes", um inimigo do espirito academico. Sempre o encontramos inclinado a colher as glorias da "immortalidade", já com aquella attitudo sisuda de academico futuro, tendo, talvez, no bolso do collete, o orçamento de um alfaiate camarada para a confecção do "habit vert"... João Lyra Filho, porém, não possuava de academico e vivia em

constante opposição ao pessoal do Petit Trianon, alvo das suas melhores perfidias. Por isso mesmo, é ainda menos perdoavel a sua fraqueza, o sacrificio que impoz á sua propria personalidade de homem de lettras, pela vaidade ingenua de pôr embaixo do nome a declaração que seria pomposa, se não fosse apenas pittoresca: "Da Academia Carioca de Lettras", o que é o mesmo que dizer: "da Academia dos Chicharros Precoces"... João Lyra Filho, creio eu, está doente. Só uma doença gravissima justifica o seu acto. Receiando embarcar para o outro mundo, teria elle, apressadamente, tentado assegurar o prolongamento da existencia periclitante com a sub-"immortalidade" da sub-academia. De uma coisa eu sei: é que João Lyra Filho, campeão internacional das citações, escriptor brasileiro que mais se ampara ás muletas das idéas alheias (em dez paginas de *Pensamento a concluir* elle cita Lamartine, Stendhal, Deus, Gillet, outra vez Gillet, o dr. Fiessinger, Bentham, Freud, Gilberto Amado, outra vez Fiessinger, Gregorio Maranon e outros autores...) deve se ter envenenado com empadinhas no Café Bellas Artes ou na Paschoal, contrahindo uma enfermidade grave, que começa com manifestações singularissimas, obrigando o paciente ao uso de imagens mais ou menos culinarias, e acaba facilmente em Academia... No seu livro recente, a que já alludi, João Lyra Filho começa a manifestar esses symptomas. Diz: "Foram escriptas com sinceridade as paginas deste livro. Não o cozinhei numa fôrma de bateria. Não traz a marca de uma panella de agatha. Esteve crú algum tempo, em cima de lenha em fogo, dentro de paredes de barro. Vem para a mesa em condições de ser partido. O diabo é que eu não tive papel de seda e tesoura para improvisar o corte dos desenhos crespos com que lhe dar o rodeio de uma cinta en-

feitada. Tanto melhor, porque o prato pode ser visto com a cara que tem; offerece, desde logo, a vantagem de abrir e fechar paladares". Isto evidencia, antes de mais nada, que o proprio João Lyra Filho se considera um authentic fabricante de pastelões... Vejam se não é mesmo: "A "coisa" não sahiu de encomenda paga; houve, de minha parte, não somente interesse, mas vontade de fazel-a. Quanto á substancia, mexi, dentro della, o tempero necessario. Quem quizer critique o sabor. Não me dei ao trabalho de peneirar residuos. Tive receio de ver pular fóra, pelos furos da grande peneira, toda a massa preparada". Confessa adeante — ó sublime rebellado! — haver desrespeitado as regrinhas de... orthographia, para noutra pagina revelar outro aspecto da sua molestia impressionante: "Nesta urupema que sacudo, quero distillar o caldo com os condimentos caseiros". Ahi, percebe-se que o autor já quer transformar o pastelão em sôpa. Mas o peor é que o mal prolongou os seus efeitos de tal modo que passou da obra para o autor, fazendo-o renegar suas idéas antigas e ir á Academia Carioca de Lettras, "agradecer sua eleição e assentar o dia da posse"... O photographo De Los Rios é que deve estar contente com isso, tendo já mandado passar o unico peitilho de fardão que os sub-academicos possuem, para o simples effeito das photographias da posse, peitilho elastico, provido de atacadores especiaes, que o ajustam do mesmo modo ao busto do sr. Modesto de Abreu ou da senhora Maria Sabina... Reparando bem, a gente não condemna o gesto de João Lyra Filho. Retiro tudo o que disse. O que elle merece é mesmo academia, dessa meudinha, que como disse pittorescamente o estupendo Martins Castello, é como a syphilis: acompanha o sujeito para toda a vida... Um dia elle se arrepende e para isso não tem injeção que dê geito...

R. MAGALHÃES JUNIOR

LICÇÃO DE CESAR

Quando se installou na Russia o regimen sovietico, os pruridos reformadores e iconoclastas que sempre perturbam o bom-senso dos innovadores levaram-no a tentar modificar inteiramente o estudo da historia. Esta deveria ser encarada pelo angulo exclusivo das luctas de classe, com a omisão systematica das personalidades e dos factos concretos.

Talvez isso trouxesse grandes vantagens sob o ponto de vista doutrinario — na medida em que ha vantagens para uma doutrina em encerrar-se no seu dogmatismo, difficultando o livre exame; mas, para os estudantes, deviam ser supinamente enfadonhas essas rivalidades entre um proletariado impessoal e uma burguezia anonyma. O feudalismo sem Carlos Magno, a época moderna sem Napoleão, devem perder, senão a significação, pelo menos o interesse.

Segundo informações recentes, a intervenção de Staline veio corrigir, nesse como em alguns outros pontos, o excesso de zelo dos seus correligionarios. A pessoa humana foi restabelecida, ao menos no tocante ao passado, em seu verdadeiro lugar; e a sua accção catalysadora vae tornar vivos e comprehensíveis, para os collegiaes russos, os acontecimentos de que o materialismo historico retirará toda a seiva.

Porque a Historia, com letra maiuscula, é feita tambem de historias; o homem procura sempre o homem; ha um fundo de sympathia nas investigações sobre os tempos idos.

Essa sympathia, base do entendimento, é que encanta em *La Leçon de César* de Georges Roux, e que nos torna tão permeaveis á licção de Cesar.

Quando vemos que, ha vinte seculos, os problemas eram semelhantes aos de hoje e — resalvadas as condições technicas — resolvidos de maneira identica, uma grande descrenca nos assalta em relação ao progresso indefinido da especie humana, a essa utopia da ascensão continua que, como o fazia notar recentemente San Tiago Dantas, é característica da mentalidade burgueza.

A usura e a má distribuição das terras: a situação dos sem-trabalho e o predominio da plutocracia; a licenca dos costumes e a diminuição de natalidade; a inter-dependencia das questões sociaes, politicas e economicas e o fortalecimento e centralização da autoridade — foi disso tudo que se occupou Cesar entre os annos 46 e 44 antes da era christã... E a sua visão de estadista não divergia, grosso modo, das soluções propostas hoje em dia para esses problemas.

A historia, embora não se repita exactamente, tem, um movimento cyclico. Ha talvez um limite para as civilizações, um limite que ellas não podem ultrapassar porque corresponde ao momento em que, o progresso material sobrepujando o aperfeiçoamento moral, a desordem e o desequilibrio imperam,

Dois mil annos de esforços, a grande revolução do christianismo, o fosso profundo, mysterioso e fecundo da idade-media, a orgulhosa cultura occidental com as suas conquistas scientificas, todas as idéas pelas quaes tantos homens soffreram e morreram, não modificaram essencialmente as relações humanas, porque não modificaram, em media, a alma humana. Provocaram eclosões de personalidades admiraveis, mas que, justamente pelo seu destaque, escapam á regra commum.

Tratada por Georges Roux como a de um contemporaneo, apreciada á luz do pensamento actual, explicada em termos modernos, a figura de Cesar se approxima de nós, viva, familiar, absolutamente comprehensivel. A sua ambição, os seus pontos de vista, os seus ideaes, caberiam ainda hoje no mundo; a não ser o progresso technico, nada o espantaria na nossa sociedade, se acaso revivesse.

Aquelle super-homem com que sonhou Nietzsche, forte e arrogante, audaz no mal como no bem, encerrando em si, desenvolvidas ao extremo, todas as tendencias activas da humanidade, seria certamente um typo como o desse romano extraordinario, grande amoroso e grande guerreiro, lettrado e homem de accção, estadista e aventureiro...

E se a sua licção, mostrando que não se lhe avantajaram os nossos contemporaneos, é algum tanto desalentadora, é tambem muito alta, porque a sua figura é a de um magnifico exemplar de humanidade. E é fecunda no sentido de não nos permittir illusões sobre as nossas capacidades — nem sobre a superioridade absoluta de uma determinada fórmula de governo.

As soluções humanas são sempre momentaneas, porque para serem efficazes precisam ser adaptadas ás circumstancias. A dictadura que, com Cesar, foi uma reacção necessaria contra a fraqueza e o relaxamento da republica, gerou, prolongando-se e exorbitando, a decadencia do Imperio.

“A historia parece assim apresentar uma successão de depressões liberaes e de concentrações autoritarias, uma alternancia de periodos centrifugos e de periodos centripetos.” diz Georges Roux na conclusão de seu claro estudo.

Os meninos de Moscou aprenderiam infinitamente mais com exemplos destes, do que sabendo que existiam em Roma, no tempo de Cesar, oitenta mil desempregados...

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Gustavo Barroso — *Brasil colonia de banqueiros* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

O sr. Gustavo Barroso, que ultimamente tem figurado com relevo oratorio nas hostes integralistas, insurge-se aqui contra a nossa sujeição monetaria aos banqueiros de outras plagas. A obra, bastante vehemente em suas affirmações, permite ao autor expandir-se numa dessas digressões eruditas em que tanto se compraz.

Mais inqueritos e outras notas O accordo orthographico

Não se acabaram os inqueritos. Abri *Vanitas*, revista em que o poeta Guilherme de Almeida exhibe os seus *sweaters* e dei de cara com outro, que é mais ou menos isto: "Qual é o sonho da sua vida?" Entre as ultimas respostas, ha uma de veras interessante e outra inacabada. A interessante é a do sr. Augusto Frederico Schmidt, que desejaria ser promotor de uma cidadezinha calma do interior. Donde se conclue que está farto de viver agarrado ás figuras influentes, cansado de frequentar o Jockey Club sem ser socio e que o seu grande ideal é ser bacharel. Ideal bem ideal, porquanto inatingivel. O rhapsodo do *Navio Perdido* e mentor poetico de Chico Campos jámais passou dos preparatorios tirados pela familia quando andava pelos seus sete anafados annos. A resposta incompleta é do belletrista Amando Fontes (Amandio Fontes como diz o sr. João Daudt), ao dizer que a sua maior ambição é escrever dous ou tres romances que fiquem. Como se vê, falta alguma cousa. Fiquem o que? Não acreditamos que seja proposital tal omissão, pois o sr. Fontes é bastante modesto para não querer dar a entender com um simples "fiquem" que os seus romances ficarão immortaes. Afinal a immortalidade é uma cousa séria e ainda está em tempo delle retificar o lapso e não permittir que se supponha seja elle igual a Dostoiewski, como o poeta Tasso (da Silveira) deixa transparecer numa trapalhada que escreveu sobre o romancista conterraneo do sr. Laudelino Freire.

O perigo de escrever na primeira pessoa é enorme. Prova isso o fim infeliz de *Maleita*, do jovem narrativista Lucio Cardoso: "E na manhã que avançava, fui trotando lentamente..."

Sempre que leio o nome do dr. Jorge de Lima nos jornaes (quatrocentas e oitenta e nove vezes,

fôra os domingos) me lembro de certa caricatura americana. Um cavalheiro banalissimo era cercado por uma multidão de basbaques. A legenda explicava que o cavalheiro tão ruidosamente admirado, era o unico francez que não pertencia á Legião de Honra. Estou para o publico nacional em situação identica á do alludido cavalheiro: sou o unico brasileiro que ainda não escreveu sobre a brilhante personalidade do romancista dos *Poemas Escolhidos*. Mas ainda está em tempo. Deus ás vezes castiga.

Renato Almeida é o homem fatal do momento. Não ha dia que elle não me desgoste. Qualquer folha que abra, lá encontro a sua corysa litteraria. Já tenho cuidados prophylacticos: antes de abrir os jornaes passo oleo gomenolado no nariz. Porque, afinal, Renato de Almeida néga. Já fiz a experiencia. Dei á minha cozinheira para ler o seu ultimo apologo: *A lata de marmellada* e a sua ultima fantasia: *Parque de Diversões*, esta terminando com um trocadilho digno de Raul: "No parque de diversões estão as mais excellentes amostras de toda a Feira". Perdi a cozinheira. Vou me queixar á Saude Publica.

MARQUES REBELLO

Ultimas novidades "Ariel":

Roquette-Pinto — SAMAMBAIA

Luc Durtain — IMAGENS DO PAMPA E DO BRASIL

(Trad. de Ronald de Carvalho)

Gilberto Amado — TOBIAS BARRETO

Alberto Ramos — POEMAS
Em todas as livrarias

O accôrdo orthographico das duas Academias teve este resultado imprevisto: patentear o desaccôrdo que separa em todas as questões essenciaes portuguezes e brasileiros. Sem duvida a boa razão prevaleceu finalmente. O que não é pouco, tratando-se de homens e que pertencem á mesma familia.

No fundo desta controversia, suscitada no Brasil pelo accordo das Academias, como em geral no fundo de todas as controversias, ha certamente um malentendido. Muitos dos brasileiros que se pronunciaram contra, ou de qualquer modo desapprovaram o accôrdo, não morreriam de amores pelas consoantes dobradas nem quebrarias lanças pelo s contra o z; estariam mesmo dispostos a sacrificar sem pena o malsinado h mudo e até a abandonar á sua propria sorte o k, o w e o y, esses tres proscriptos. Não seriam em summa infensos a uma reforma opportuna e judiciosa da orthographia usual.

A uma reforma, entenda-se, não á reforma conluiada em Lisboa e que provocou aqui natural resistencia. Resistencia de character nacional e que se fará sentir invariavelmente sempre que se teime em collocar o Brasil na dependencia de Portugal ou, para empregar uma imagem, sempre que se pretenda atrellar o novillo brasileiro á carreta portugueza.

Que essa circumstancia tenha sido desconhecida de alguns no Brasil, denota da parte de certos espiritos uma obtusa incomprehensão do problema nacional, que difficilmente lhes será perdoada.

ALBERTO RAMOS

O romance *Fontaines*, do escriptor inglez Charles Morgan, merece estudo muito favoravel do critico Ramon Fernandez, no seu apreciado folhetim hebdomadario pelas columnas de *Marianne*. Para Fernandez, ha qualquer cousa da *Nouvelle Heloise* e da *Maison du Seigneur*, de Alphonse de Chateaubriant na obra do joven mas victorioso escriptor inglez.

O NEGRO NA AMERICA

O Negro Americano! Como reagiu elle no novo *habitat*? Que influencia soffreu a sua psychê ao contacto de outras raças e de outros meios? De outro lado, que influxos exerceu entre os povos neo-continentaes com que se amalgamou? Qual a sua posição no Brasil em paralelo com seus irmãos de côr em outros paizes do continente americano? São problemas que ainda não foram desvendados em todos os seus segredos e determinantes subtilezas. Toda a America recebeu o influxo mysterioso e impalpavel desta raça que foi violentamente arrancada do seu *habitat* de origem pelo branco explorador e cubiceiro.

E se no Continente Negro, a sua alma só agora está preoccupando os psychologos e sociologos, esses estudos e pesquisas repercutirão até nós fornecendo elementos para a devassa dos seus horizontes psychicos, só agora entrevistados á argucia dos prescrutadores do inconsciente colectivo.

A Grande Guerra, as convulsões sociaes desse angustioso momento que vivemos, despertou a nossa attenção para um assumpto até então só explorado como motivo esthetico ou como questão economica, simples capitulo da politica de colonização. A *Cabana do Pae Thomaz* de uma Harriet Beecher Stowe, ou toda a poesia libertadora de um Castro Alves apenas despertam um vago sentimento de piedade para uma raça, que uma falsa logica considerou inferior. Este cyclo classico da escravidão agraria sob o guante dos "senhores" das plantações, com os seus imetos de desesperada reacção explodindo em convulsões tremendas de dôr, "corresponde inteiramente — na phrase ironica de Cristobal de Castro (1) — ao reactivo sentimental e ingenuo da época". Por isso esses poemas de piedade "branca" não são dramas negros, e sim negroides. Correspondem, em sentido, á immensa choradeira indianista sem significação humana. Esse factor "negroide" é a expressão de um romanticismo de mystificação, occultando as verdadeiras faces do problema sob as capas de um sentimentalismo doentio, sado-masochista, onde a piedade exaltada era, na realidade, a contra-parte, o outro polo de um sadismo negricida, sem precedentes.

As tremendas enxurradas revolucionarias de após-guerra inverteram subitamente os dados do problema. Com effeito, a abolição da escravatura nas varias partes de Toda-a-America não haviam libertado o Negro da pesada cadeia de preconceitos seculares. A sua alma continuava presa aos grilhões do seu complexo de inferioridade colectivo. E a "cintura negra", a "*color line*" cingia a pobre raça num circulo constrictivo mais forte do que os "collares de ferro", o "tronco", o "anjinho" e outros instrumentos de supplicio da escravidão. Isso que, no Brasil, era apenas sentido como um cons-

trangimento psychico, interno, sem coacção palpavel, na America do Norte, era a expressão flagrante de uma realidade palpavel. A *color line* é qualquer coisa de tremendo que separa duas raças de uma maneira gritante e odiosa. E então foram os *pogroms* e *lynchings*, os enforcamentos, todas as restricções da vida social e isolamento do branco, — os *Jim Crow Cars*, os bairros negros-Harlem, em New York, Hill District em Pittsburgh, South, em Chicago, etc. (2). O Negro reagiu, então na musica. E á reacção da phase da escravidão — com os seus *plantations songs*, *labor songs*, *revival songs*... — juntou-se a outra, a da odiosidade social, originando o inquietante barulho do jazz, cujos rythmos de uma immensa dôr quebram os muros de Harlem e levam ao mundo inteiro um brado de revolta e de reacção! Os *blues* que subiram do Mississippi cantaram com uma suavidade ancestral toda uma longa historia de dôr e de soffrimento:

To be a Negro, in a day like this

Alas, Lord God, what will have we done

lastimam-se Corrothers. Mas é outro poeta negro, Langston Hughes quem agora, em impeto de soberba affirmação, explode a sua propheta de illuminado:

I, too, sing America

I am the darker brother.

They send me to eat in the kitchen

When company comes

But I laugh

And eat well

And grow strong

Tomorrow

I'll sit at the table

When company comes

Nobody'll dare

Say to me

"Eat in the kitchen"

Then

Besides they'll see how beautiful I am

And he ashamed

I, too, am America

Esta reacção vem vindo. E nós vemos hoje, na America do Norte, que os seus 12 milhões de negros confinados a principio nas zonas algodoeira e petrolifera do Sul (Virginia, Georgia, Florida,

(2) Vide, para a "questão negra", na America do Norte: W. H. Thomas, *The american Negro*, New York, 1901. — Frank L. Schoell, *La question des Noirs aux Etats-Unis*, Payot, 1923. — Id., *U. S. A. du côté des blancs et du côté des noirs*, Paris, 1929 (bibliogr. á pag. 107). — Hinton Rowan Helper *The negroes in Negroland; the negroes in America*, etc., New York, 1868. — Ray Stannard Baker, *Following the color line. An account of negro citizenship in the american democracy*, New York, 1908. — Benjamin G. Brawley, *A short history of the american negro*, New York, 1917. — V. F. Calverton, *Anthology of american negro literature*, New York, 1929, etc.

(1) Cristobal de Castro, *Prologo do Teatro Burlesco de los Negros*, Madrid, 1932, pag. 8.

Carolina, Luiziania, etc.) começaram, nos annos de 1917 e 1918, uma emigração subita e poderosa para as usinas da Pensylvania, do Illinois, do Michigan e, mais geralmente, de todo o Este e todo o *Middle-West* industriaes (3). Essa intensa migração determinada pelas necessidades da guerra, mobilizou grande massa de negros que se derramaram por varios Estados do Norte e do Nordeste americano.

Esta urbanização de, approximadamente, dois milhões de Negros nos Estados do Norte, phenomeno que se completou depois da guerra, com a sua instalação nas grandes cidades — padrões do capitalismo industrial, trouxe movimentos de reivindicação, que vieram mais chamar a atenção do mundo para o “problema negro”. Fala-se muito hoje de um “renascimento negro” nos E. E. U. U. Lembra Schoell que *the new Negro, Racial Revival, Exaltation of Things black, Negro Prestige*, por exemplo, são expressões communs hoje e que mal se encontravam, antes da guerra, sob a penna de escriptores “brancos”. E’ um verdadeiro movimento *pan-negro*, com associações como a N. A. A. C. P. (*National Association for the Advancement of Coloured People*), movimento que tem á frente grandes escriptores negros como Du Bois, Calverton, Brawley, Walter White, etc.

Na realidade, a influencia do Negro em toda a America vinha-se fazendo de uma maneira lenta e insidiosa, mas innegavel, a ponto de chamar a atenção de psychologos, fóra mesmo de toda a questão anthropologica de fusões raciaes, etc. E’ assim que depois de sua viagem á America do Norte, se expressou C. G. Jung, o grande psychanalysta suisso dissidente (4): “O que logo me feriu a atenção foi a grande influencia dos negros, influencia psychologica sem mistura de sangue, naturalmente. E’ nos supplementos comicos das fo-

(3) Cf. Schoell, *U. S. A., op. cit.*, pags. 112 e sqq.

(4) C. G. Jung, Conferencia pronunciada em 1927, na *Escola de Sabedoria* do Conde de Keyserling. — Vide Keyserlin, *Norteamérica libertada*, trad. hesp., 1931, pag. 57 e C. G. Jung, *Essais de psychologie analytique*, trad. franc. de Ives Le Lay, Paris, 1931, pag. 109.

lhas americanas que se póde estudar melhor a exteriorização emocional do Americano, em primeiro logar seu riso; encontra-se a fórmula primitiva do riso inimitavel de Roosevelt no negro de America. Este andar particular, de articulações relativamente frouxas, quadris ondulantes, que se observa frequentemente nas Americanas, vem dos negros. A musica americana tirou sua inspiração principal do negro; a dança é uma dança negra. As manifestações do sentimento religioso, os *revival meetings*, os *holly rollers* e outras estranhezas, são fortemente influenciadas pelos negros e pode-se facilmente comparar a famosa ingenuidade americana, em suas formas encantadoras tanto quanto em suas manifestações menos agradaveis, á puerilidade do negro. O temperamento em geral muito vivo que se manifesta não sómente no jogo da bola, mas sobretudo no prazer extraordinario que se toma á expressão verbal e cujo exemplo mais frisante é a onda de incessante palavrório dos jornaes americanos, póde difficilmente provir dos antepassados germanicos e assemelha-se antes ao “bavardage” da aldeia negra. A falta quasi absoluta de intimidade, a enorme sociabilidade que absorve tudo, lembram a vida primitiva em suas choças abertas, na identidade completa de todos os companheiros do clan. Pareceu-me que as portas de todas as casas americanas estavam continuamente abertas, da mesma fórmula que nas cidades do campo não ha separação entre os jardins. Parece que se está em toda a parte, na rua.

“E’ naturalmente difficil determinar no detalhe o que é preciso pôr á conta da symbiose com o negro e o que deva ser attribuido á circumstancia de ser a America uma nação de pioneiros num solo ainda virgem. Mas, no conjuncto, a influencia do negro sobre o caracter geral do povo é innegavel”.

Com muito maior razão essa influencia se faz sentir nos povos com os quaes o negro se poz em contacto biologico — na America Central e do Sul.

Do livro *O Negro Brasileiro*, a sahir.

ARTHUR RAMOS

Moses Rabinovitch — CIVILIZAÇÃO ULTRAJADA— Unitas Editora--Rio 1934.

Cultura e civilização eis dois termos em torno dos quaes se agitam os velhos doutrinaes da metaphysica politica na Allemanha. Tão esteril debate, não tem para nós outros qualquer sôrte de significação. Educados sob o influxo das idéas occidentaes, o alicerce espirital da nossa formação historica foi o racionalismo do seculo XVIII que, com sua clareza, nos afastou do arbitrario das theses confusas que parecem constituir a profundeza germanica, motivo de tan-

to orgulho para os filhos da loura nórdica dolicocephala.

Recebemos, pois, com sympathia a brochura do Dr. Moses Rabinovitch e acompanhamol-o no seu grito de protesto contra a applicação da doutrina racista no velho e surrado lombo de Israel. O autor versa acaloradamente as questões da actualidade sociologica, amparado em bons esteios e distribuindo com acerto seus argumentos. Nota-se que consegue seu objectivo, pois, ao fim da leitura, o observador acaba detestando a politica do Terceiro Reich. Andou com acerto dirigindo aos brasileiros seu appello em prol dos judeus. De facto, não pactuamos um só instante com os “principes das trevas” que ul-

trajam uma civilização; não pactuamos com o nacionalismo exaltado e intempestivo, que faz da guerra a expressão suprema das conquistas espirituales...

U. S.

C. Malheiro Dias — *Camões e a Raça* — S. Paulo, 1934.

Romancista da *Paixão de Maria do Céu*, o sr. Carlos Malheiro Dias é também um ensaista subtilissimo e sabe, numa boa conferencia, senhorear os auditorios mais lucidos e cultos. As suas paginas, agora retidas em volume duradouro, sobre *Camões e a Raça*, são de um historiador e de um sociologo e unem, em fina obra de arte, pensamento e emoção.

John Erskine--ADAM AND EVE

John Erskine gosta de contar velhas historias de uma maneira nova. Alcançou fama com *The private life of Helen of Troy*, cuja adaptação theatral fez sensação em Nova York.

Essencialmente espirituoso, e tendo grande indulgencia pelas fraquezas humanas, elle costuma considerar feitos heroicos com um fundo de zombaria mas nenhuma amargura. E é isto que torna tão sympathicos os seus livros que divertem e distrahem, chegando mesmo a suggerir pensamentos serios, sem nunca provocar odio ou revolta.

Em *Adam and Eve* elle começa por dizer-nos que Deus fez o homem á sua imagem: solitario. E ahi aborda no que será talvez a maior tragedia humana. E' o desejo de companhia, de tornar-se uno com outro ente, de ser comprehendido e comprehender que leva o homem a amar, a trabalhar além da sua necessidade, a se exteriorizar em musica, em pintura, em poesia, em todas as artes, enfim. John Erskine nos mostra como Adão, logo após a sua criação, sentiu esta necessidade de companhia. Primeiro é junto aos animaes que elle procura allivio, mas, se encontra algum reconforto, paga-o bem caro com sustos diversos. Então so-nha com um ente semelhante. Deus, pressuroso pelo bem estar da sua criação, manda-lhe então a primeira mulher: Lilith, a respeito da qual a Biblia perversamente se cala. E' a mulher, companheira physica do homem, instinctivamente sabia nas coisas da natureza, pratica, materialista, e que considera com um sorriso sceptico as preocupações moraes de Adão. Ella prevê que o homem será infiel, que a deixará, mas não obstante isso, considera-se sua e portanto estará sempre prompta a pertencer-lhe, desde que elle a queira. Lilith é a primeira adepta do amor livre. Mas Adão não está satisfeito. Se Lilith é a companheira ideal do seu corpo e mesmo do seu espirito,

pois é intelligente, ella não consegue comprehender a sua alma, as preocupações superiores do primeiro homem. Mais uma vez Deus põe em marcha o seu poder Divino e manda ao mundo Eva. Desde então data a desgraça de Adão. E' que Eva tem alma, tem preocupações moraes. Ella começa reprovando as relações de Lilith e Adão, a promiscuidade em que vivem, a liberdade dos seus costumes. E, se de um lado ella provoca os desejos do primeiro homem, que retém a seu lado por meio dos classicos artificios femininos, por outro só se lhe entrega (aliás com frieza e dignidade) depois de ter inventado a palavra "casamento" com sua cohorte de subentendidos dentre os quaes se destaca o dever conjugal. Adão ainda tenta se libertar, fugindo para junto de Lilith, mas sem successo pois em sua alma já se creou uma consciencia que não lhe permite esquecer o dever e as responsabilidades. Por fim, a pudica Eva crea o vestuario, e assim consegue que o homem se diffe-

rencie definitivamente dos animaes e perca o acesso ao paraizo.

Esta concepção de John Erskine, separando a mulher-esposa da mulher-amante (apezar de reconhecer que uma mesma mulher pôde desempenhar os dois papeis, geralmente perante homens diversos) não deixa de ser bem interessante, sobretudo quando se considera que elle responsabiliza Eva, com suas preocupações moraes e o seu pudor, de ter feito o homem perder o paraizo. Em todo caso, o autor apresenta a these com elegancia e espirito, e por mais que se discorde das conclusões suggeridas, não se pôde ficar alheio ao "charme" da apresentação.

JACK SAMPAIO

"BIBLIOTHECA DE ESTUDOS CONTEMPORANEOS"

Esta acreditada collecção, tão intelligentemente dirigida pelo Dr. Neves Manta, acaba de iniciar a publicação de uma nova serie de volumes subordinados ao titulo "Cultura", que nada fica a dever ás outras collecções já apparecidas: "Experiencia" e "Esthetica", e onde as nossas elites intellectuaes podem encontrar tres magníficos trabalhos. São elles: Viagem Interior, de A. Austregesilo; Eschyzo-phrenia, de Cunha Lopes e Esterilidade, de Rolando Monteiro. Taes nomes, por demais conhecidos na nossa classe medica, dispensam encomios e são a melhor garantia para o pleno exito que ha de ter mais essa iniciativa do nosso brilhante confrade Neves Manta.

Sylvio Figueiredo — *Quixote* — Typ. S. Benedicto — Rio, 1934.

O prosador, que é tambem desenhista, traça na capa um Quixote e um Rocinante dos mais angulosos, á maneira moderna. Culto, dominando um bom peculio de leituras, especialmente de moralistas, memorialistas, e satiricos francezes, o sr. Sylvio Figueiredo, familiar de Saint-Simon, La Bruyère e Boileau, vae muito bem nestas scenas e perfis em que fala, com ironia ainda assim affectuosa, dos nossos artistas e homens de letras. Ha uma nota de sympathia irrompente nas paginas em que elle se diverte á custa de tantos falhados, de tantos naufragos do jornalismo do Rio. No fundo o que elle detesta realmente são os plutocratas, os opressores de almas de qualquer genero. Tudo sabe contar de modo incisivo e jámais fatigante. Evidentemente é escriptor que não atraçoará de futuro a boa impressão que nos causa este seu volume de agora.

leiam

LUC DURTAIN

IMAGENS DO BRASIL E DO PAMBA

(Trad. de Ronald de Carvalho)

GILBERTO AMADO

TOBIAS BARRETO

ARIEL Editora

«O INUTIL DE CADA UM»

Foi bem diverso o destino dos dois grandes romances que o anno de 1933 nos deu: *Os Corumbas* e *O inutil de cada um*. Não faltou nenhuma consagração ao livro do sr. Amando Fontes. Da ultima das nulidades aos criticos de maior responsabilidade, todos vieram trazer o seu applauso ao nosso maior romance. A' comprehensão dos poucos que realmente ainda interessam no nosso meio litterario, juntou a acceitação innocente da immensa maioria. E emergiu da mediocridade dos romances do anno numa tal saliencia que nem mesmo o peso de um premio litterario foi capaz de diminuir-o. Do romance do sr. Mario Peixoto: *O inutil de cada um* ninguem falou. Não me consta que sobre elle tenha sido escripto nem um só artigo, nem mesmo uma simples nota de apparição nas revistas litterarias. E creio que foi o unico dos nossos ultimos romances a que coube tal privilegio, pois até de *O esforço inutil* se falou. Em contraste com a serie de artigos escriptos sobre *Os Corumbas*, nada mais significativo do que esse silencio total...

O nosso meio litterario não tomou conhecimento do livro do sr. Mario Peixoto. Ao que parece abysmava-se na epoca em que foi publicado em perseguir as curiosissimas semelhanças entre o *Anjo* do romance do sr. Jorge de Lima e Carlito, numa falta de pudor que espantará certamente mesmo aos que vierem muito depois de nós. Ou insistia em nos aborrecer com os seus falsos elogios á nova descoberta de sensação: o romance proletario — esse disparate de importação recente que nos está fazendo perder um romancista de real interesse e ameaçando outro bem seriamente...

Seja por isso, seja por aquillo, *O inutil de cada um* passou despercebido. E como esse esquecimento já se vae tornando pesado demais aos que tiveram o interesse de vencer as difficuldades iniciais que o livro do sr. Mario Peixoto apresenta, decidi-me a quebrar esse silencio absurdo, compromettedor ao mais alto gráo. Tarefa difficil, tão mais ardua para mim quanto era meu firme proposito não tentar falar desse livro como se costuma falar entre nós do commum dos livros apparecidos. Desde que o li pela primeira vez comprehendí que se tratava de um romance bem pouco commum, digno de estudo longo e cuidado. Não era possivel tratá-lo como se trata um romance qualquer que nada pretende dizer... Sem duvida a nevoa que o envolvia então tornava-o aos meus olhos bem menor do que o vejo hoje que um esforço maior me ajudou a penetrar um pouco mais adeante na sua significação. De qualquer modo o que quero deixar nessa nota não é uma analyse do romance, — nem espaço havendo aqui para isso — mas um simples testemunho de admiração e uma manifestação de repulsa por um meio litterario capaz de tanta incomprehensão...

Já deviamos ao sr. Mario Peixoto alguma coisa de muito pouco commum, de unico mesmo: um verdadeiro film: *Limite*. Hoje que os annos passaram e que as diversas tentativas realizadas começaram a tomar as suas justas proporções, não é difficil perceber que *Limite* foi a unica realização que ficou na miseria do nosso cinema. Com alguns defeitos, revelava no emtanto um realizador que alliava a grandes qualidades de cineasta as de um verdadeiro poeta, especialmente aberto á apprehensão dos rythmos os mais interessantes e os mais ineditos da nossa natureza. Foi aliás o que um livro de versos, publicado pouco depois, *Mundéo*, veio inequivocamente confirmar. Menos importante que *Limite*, como revelação de personalidade, como obra mesmo, firmava no emtanto para o sr. Mario Peixoto uma posição especial entre nós.

E' um esforço quasi do mesmo valor de *Limite* o que *O inutil de cada um* representa, sobretudo, se considerarmos as condições do nosso meio litterario. Pois o livro do sr. Mario Peixoto é um dos romances mais difficeis, mais trabalhados que se têm publicado entre nós. Não conheço nenhum outro mesmo que leve mais a serio as exigencias do verdadeiro romance — no sentido em que os francezes e os inglezes escrevem romances, — no unico sentido aliás em que é possivel escrever romances, mesmo no Brasil...

No momento em que o nosso romance, tão bem encaminhado (desde as promessas seguras de *A mulher que fugiu de Sodoma* até a plena realização de *Os Corumbas*) ameaça se perder na tóla aceitação do puro documentario como maximo de romance, nesse momento em que a obcessão de mostrar sob o angulo do romance os diversos aspectos característicos do paiz faz esquecer a tantos que, no romance, o que existe de essencial é sempre o "humano" e não o regional, o nacional ou o social (que têm que vir depois d'elle, em funcção d'elle...) num momento desses o romance do sr. Mario Peixoto tem uma significação especial que merece toda a nossa attenção.

Bem sei que não é o unico nessas condições, que existem alguns outros que podem ser tomados em consideração. Mas creio que nenhum d'elles reúne as grandes qualidades de "romance" que fazem de *O inutil de cada um* um exemplo a citar aos nossos romancistas que o successo dos "romances do Norte" parece ter desorientado por completo...

Livro de difficil penetração, de comprehensão demorada, de acceitação mais longa ainda (— falo pelo menos attendendo ao qu aconteceu commigo). Livro admiravel, uma vez assimilado (mesmo que ainda subsistam no espirito do leitor algumas nuvens — essas que creio que o autor quiz que não se dissipassem nunca...) Romance

JUAN IN AMERICA

POR ERIC LINKLATER

Diz Eric Linklater que a Duquesa de Fitz-Fulke sempre fôra virtuosa. Mas D. Juan a encontrou passando uma temporada no castello de amigos communs, na Escossia, enquanto o Duque viajava pelo continente. Apesar da rapidez desse encontro, a duquesa teve um filho cuja procedencia preferiu não explicar ao marido.

Um seculo e tanto depois, nascia na Inglaterra mais um descendente deste encontro na Escossia e, graças ao romantismo da sua jovem mãe, deu-se-lhe o nome Juan. Este, cedo revelou ser um "enfant terrible", se bem que gracioso nas maneiras e dado a uma certa phantasia no agir. E' d'elle que se occupa a nossa historia que já na parte relativa á sua educação nos mostra de que temperamento irrequieto e extravagante é dotado o nosso Juan. Assim, elle é expulso do collegio devido á volta inopportuna de um mestre cuja mulher lhe dedicava atenções especiaes. Da Universidade tambem é obrigado a se afastar pelo facto da filha de um bedel da igreja ser propensa á maternidade. E' mandado então a uma fazenda de criação de carneiros na Australia, onde pouco campo encontra para os seus talentos. E' portanto com prazer que acceita a sugestão de ir terminar os seus estudos numa universidade dos Estados Unidos.

O nosso Juan se adapta com facilidade a todas as circumstancias, em parte devido aos cuidados que lhe dispensa o sexo fraco, mas sobretudo em virtude da sua natureza bohemia. Vive "au jour le jour", colhendo e saboreando o que a vida lhe offerece sem nunca se prender ao que quer que seja. E' assim que estando farto das vantagens de uma educação universitaria, resolve desistir de estudos e visitar a America. Começa então uma vida que a muitos apavoraria mas que a elle satisfaz. Trabalha numa "cafeteria" em Buffalo; é contrabandista de alcool em Detroit; faz parte de uma troupe de variedades em "tour-née" pelas provincias; é hospede de amigos de parentes em Washington; vive uns dias com negros na Carolina; passa um mez de delicias na ilha particular de um rei de gangsters, com a filha deste; faz "pontas" em Hollywood onde, devido a uma confusão alcoolica, fica noivo de duas amigas, e, finalmente, quando o deixamos, está a caminho de uma colina nudista.

Eric Linklater aproveita-se desta vida accidentada, toda semeada de aventuras amorosas, para dar as suas visões da America e dos seus habitantes. São quadros muito suggestivos, verdadeiros instantaneos dos aspectos mais diversos da vida yankee, onde se sente a finura

de espirito do autor que, com um ligeiro traço aqui e ali, põe em relevo defeitos e qualidades, sem chegar nunca ao exaggero da caricatura nem á caceteação do estudo critico.

JACK SAMPAIO

CORRESPONDENCIA

Um leitor curioso — *A respeito de Machado de Assis, recommendamos a leitura dos ensaios de Alcides Maia, José Maria Bello e, principalmente do livro de Alfredo Pujol, que acaba de ser reeditado pela Livraria José Olympio. Ha ainda na Revista da Academia Brasileira de Letras um trabalho do sr. Arthur Motta, onde se encontra boa copia de dados bio-bibliographicos acerca do autor de D. Casimiro. Grande parte da bibliotheca de Machado de Assis está hoje em poder de uma sua sobrinha, casada com alta patente do Exército, mas na bibliotheca da Academia de Letras ha tambem alguns livros que pertenceram a esse precioso espólio.*

Archivos de Medicina Legal e Identificação — Anno IV. N. 9. Rio, Imprensa Nacional.

Já nos temos referido varias vezes a esta excellente publicação, que tanto abona o zelo e a competencia com que o prof. Leonidio Ribeiro vem dirigindo o nosso Gabinete de Identificação. Aliás, recentemente, o nome deste distincto medico patricio teve justa repercussão no estrangeiro, pois que lhe foi conferido, e ao seu intelligente collaborador dr. W. Bernardino, o "Premio Lombroso de 1933". O numero dos *Archivos*, que vimos de manusear, traz, como sempre, abundante e variado texto e, além de collaborações estrangeiras, são nomes como os de Afranio Peixoto, Arthur Ramos, Antenor Costa, J. P. Porto-Carrero, Murillo de Campos e do proprio prof. Leonidio Ribeiro que assignam os seus principais trabalhos.

cheio de riquezas, de grandes paginas de comprehensão e de emoção. Romance a ler, a reler, a voltar ainda sobre uma ou outra pagina menos clara — porque ao fim de todo esse esforço foi um verdadeiro romance que se conseguiu fazer erguer — um verdadeiro romance, essa coisa tão rara entre nós, sobretudo nesse momento de apparencia de abundancia...

Assim é *O inutil de cada um*, esse romance cuja analyse não tentaremos aqui, mas em cujo valor não deixo por isso de insistir. Depois de *Os Corumbas* não creio que os nossos romancistas modernos tenham produzido nada de mais interessante.

OCTAVIO DE FARIA

Alcides Lins — *A viação ferrea em Minas Geraes* — Imprensa Officiai — Bello Horizonte, 1934.

Trata-se de uma conferencia realizada no Club de Engenharia dest. apital em Outubro de 1933. Technico experimentado em longos trabalhos nas mais importantes vias ferreas do paiz, o illustre engenheiro que subscrive a *plaque* de agora apresenta-nos uma summula criteriosa em torno á função civilizadora das nossas estradas, assumpto que o vem preocupando desde os estudos da adolescencia.

ACABA DE APPARECER:

POEMAS DE ALBERTO RAMOS

PREÇO: 8\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

«La Socializacion de la Medicina»

Dr. Pedro C. Bianco — Buenos Aires, 1933

O estudo critico da historia da medicina revela as suas estreitas dependencias das condições sociaes de cada época. Assim, na accelerada transmutação da sociedade actual, formula-se, como dos mais apaixonantes, o problema da adaptação da medicina ás situações nascentes. Nem os meios mais conservadores e intoxicados pela rotina têm sido indifferentes á necessaria evolução da profissão medica, transpondo os limites de uma actividade privada para tornar-se uma instituição social.

E' este problema, de importancia fundamental, que Pedro C. Bianco, encara no seu livro recente *La Socializacion de la Medicina*. Obra de excepcional valor, pelo realismo da critica, a nitidez doutrinaria e a vivacidade do estylo. E que nos offerece um panorama pittoresco e elucidativo da vida medica na Republica platina. Considere-mol-a, ainda, como um relevante marco, na linhagem de Ingenieros, medico e sociologo, vigoroso devastador de superstições, o qual attesta a existencia, na Argentina, de uma corrente capaz de formular claramente o problema social da medicina.

Na primeira parte do livro, lê-se uma penetrante critica do exercicio da medicina e de pharmacía, como actividades privadas, dentro do actual regimen de livre concorrência. E' inevitavel a deformação da mentalidade medica pelo meio. "El mal no reside en los hombres sino en la institución, en el sistema. El medico mercantiliza su profesion: el enfermo si convierte en cliente. Su interés es opuesto al interés del enfermo y de la sociedad."

Ferindo a questão da plethora medica, mostra o autor que ella é maliciosamente formulada com um espirito estreito, antisocial, "estritamente gremial". Atendem-se apenas a preocupações egoisticas do grupo profissional interessado e não aos interesses da sociedade em geral. "Ja somos

muchos; nuestras ganancias meremam; evitemos que el aumento de competidores acabe por arruinar el negocio". Dahi as diversas medidas, mais ou menos inefficazes, suggeridas para restringir o numero de medicos, desde a advertencia contra o perigo que correriam os jovens estudantes, escolhendo a carreira medica, até ás anti-democraticas prohibições legaes.

Existe realmente plethora? Sim, mas em virtude das condições actuaes, dominadas por duas ordens de factores: de um lado, o material exploravel pelo medico, constituido pelos doentes, é açambarcado pelos serviços sanitarios do Estado, as sociedades mutualistas e de seguros de vida, com redução dos honorarios medicos; por outro lado, a contínua proletarização da classe media e o empobrecimento da classe proletaria concorrem para diminuir a procura dos serviços medicos particulares.

Refutando as soluções propostas para a solução do problema da plethora medica, Pedro C. Bianco formula esta conclusão: "Estamos firmemente convencidos de que ello sólo será posible en un regimen socialista que no sólo acabe con el privilegio burguez de la clase medica, sino que organice la Medicina como función social, ampliamente, de acuerdo a la fundamental importancia que la salud publica reviste para la colectividad. Asi se confirma en la Russia sovietica, donde fué necesario improvisar medicos y donde todavia se apresura su formación para responder a las crescientes necesidades creadas por la nueva organización social. Mientras tantos, en los países capitalistas, según las estadísticas anotadas, la plethora medica se agrava incessantemente sin que nadie vislumbre la esperanza de um término al creciente malestar."

Passa o autor a referir os factos de charlatanismo, immoralidade e delinquencia decorren-

tes da exploração mercantil da Medicina. "Desde que el ejercicio libre es — como sistema — una comercialización de la Medicina, lógicamente pueden deducirse cierto número de consecuencias propias del comercio en geral". Fazendo a critica do exercicio livre da pharmacía, fôca o problema das especialidades e mostra como a preocupação obsedante do lucro pessoal faz esquecer os interesses da saude publica.

Os serviços sanitarios officiaes e os seguros sociaes são outro objectos da analyse concisa e sagaz de Pedro C. Bianco, concluindo a primeira parte do livro, affecta á critica da assistencia medica actual em seus diversos aspectos.

A segunda parte aborda o problema da socialização da medicina, sob o ponto de vista theorico e de sua realização. O autor assignala que não poderá constituir propriedade de um individuo ou de uma classe social todo esse prodigioso conjunto de conhecimentos e de technicas que representam a sciencia e a arte medica, elaborado pelo esforço e sacrificio de numerosas gerações. A appropriação arbitrária dessa criação collectiva e impessoal é tão injustificavel quanto a do capital e do trabalho.

Demonstrando que a socialização medica é realizavel e inevitavel, Bianco examina longamente a questão do estímulo e da "liberdade" profissional.

Antes da transformação radical realizada pela União Sovietica, varios precedentes no sentido da socialização podem ser registrados, na época actual, em diversos paizes. Entre elles, a functionalização pelo Seguro Social, cujos inconvenientes e vantagens são discutidos pelo autor. Era o caso da Allemanha, antes do dominio hitleriano, quando o doutor Liek, segundo informa Bianco, podia affirmar que a socialização da medicina allemã estava por assim dizer consummada,

uma vez que o medico só tinha alternativa de ser funcionario do Estado ou funcionario da Caixa.

E' instructivo saber que, em um paiz ultra-conservador como a Inglaterra, um organismo medico de 35.000 membros, a British Medical Association, propoz em 1930 um projecto de planificação de serviço medico para a assistência preventiva e curativa em toda a nação. Posteriormente, o governo inglez estudou um plano de serviço medico universal de Estado (*Universal State medical Service*).

Apezar desses precedentes, é forçoso reconhecer que sómente na União Soviética a socialização medica é uma verdadeira instituição. Essa refórma, que a evolução social torna necessaria e inevitavel, só poderia, affirma Bianco, ser realizada por um Estado pelo menos de tendencia socialista. A funcionarização possível no Estado capitalista, trará apenas uma mudança formal, sem modificações substanciaes.

A. DE MORAES COUTINHO

"O ONZE DE AGOSTO"

Com uma suggestiva capa a côres e texto muito escolhido, está circulando o primeiro numero desta excellente revista, órgão do Centro Academico Onze de Agosto, da Faculdade de Direito de S. Paulo. Entre os prestigiosos nomes que compõem o seu corpo de redacção, está o do sr. Osmar Pimentel, que já é familiar aos nossos leitores, pois uma ou outra vez tem emprestado o brilho da sua intelligencia ás paginas desta revista.

José de Alencar — *Ubirajara* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Esta edição, accessivel a todos, destina-se a divulgar pelas novas gerações de leitores uma das novellas mais typicas do grande Alencar. Ahi se encontram diluidos em poesia, o seu senso do indianismo pittoresco e o seu dom de fabular dentro dos melhores processos romanticos.

Cap. Frederico A. Rondon — *Pelo Brasil central* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

O professor Pierre Deffontaines accentua bem as responsabilidades que cabem a nós outros cidadãos em relação ás zonas sertanejas do paiz, no sentido de civilizal-as, enriquecel-as, tornal-as verdadeiramente felizes. Todo brasileiro — insinua aquelle homem de sciencia — deve ser forte em geographia, para bem conhecer o mundo formidavel que

« CAMINHOS »

(Poemas de Antonio de Sousa, Lisboa, 1933)

Exactamente porque o soneto é uma fórmula desmoralizada, faz um grande bem encontrar um poeta novo capaz de não comprometter o seu lyrismo na rigidez de quatorze versos. Entre os portugueses da geração dos trinta annos, o sr. José Régio, por exemplo, é um grande sonetista — ademais de grande poeta. Todo o seu livro *Biographia* é em sonetos. E que sonetos! Dos mais altos da lingua. Por elles passam sopros de Camões e de Anthero:

*Vai o menino só na estrada grande,
Grande e medonha entre pinhaes sombrios...
.....
Foi pondo o ouvido em terra que escutei
Lobos uivar e soluçar meninos.*

Esta ligeira nota não tem por fim tratar do sr. José Régio, mas esse nome de extraordinario relevo nas lettras portuguezas de agora, tinha de impôr-se ao meu espirito, pois que me refiro a sonetos, e elle é mestre no genero.

Aqui, desejo so registrar o apparecimento dos *Caminhos*, do sr. Antonio de Sousa. Poeta, creio, que tem pouco mais de vinte annos. E que, por vezes, sabe tambem encher o cantaro de quatorze medidas com a mais pura lympha:

*.....
Bebo o filtro da sombra, de mansinho,
E sou a êrma volta dum caminho
onde outrora Jesus passou chorando...*

O que predomina, entretanto, no livro do sr. Antonio de Sousa — 46 paginas apenas — é o tom menor do cancionero, e ahi, deliciosamente, vamos encontrar uma poesia que está a exigir musica, em surdina, acompanhada por vozes innocentes:

*Caminhos desertos
da noite calada,
caminhos incertos
da minha morada
.....
Caminhos perdidos
na serra e no val'
com fructos cahidos
do Bem e do Mal!*

Sente-se no livro do sr. Antonio de Souza o maravilhamento (um pouco angustioso) da descoberta. A vida abriu-se de repente á mocidade inquieta. O "sentido do Mundo" parece-lhe a "onda perdida". Nem por isso deixa de haver na poesia do sr. Antonio de Sousa a frescura de certas arvores novas, pela primavera. Como serão os fructos de amanhã? Doces ou amargos?

RIBEIRO COUTO

lhe coube nesta parte da America. E o capitão Rondon, sobrinho do grande missionario leigo que inspirou a "Rondonia" de Roquette-Pinto, é dos que realizam ás direitas esse ideal, por isso que viajante, cartographo e narrador singelo e honrado de tudo quanto vem observando pelas regiões centraes do Brasil.

— O sr. Edouard Peisson que com *Gens de Mer* já se fizera um logar de destaque entre os jovens romancistas francezes, acaba de publicar *Une femme*, romance de genero inteiramente diverso, mas onde se reafirmam as suas magnificas qualidades de ficcionista.

ESTANDARDIZAÇÃO

Como um desses pregadores que assomando ao púlpito, limpam os olhos da poeira mundana, e aberta a Bíblia no lugar marcado, se dirigem aos ouvintes: — “O nosso sermão versará hoje sobre o capítulo tal, versículos tantos, da Epistola de São Beltrano...” — eu abro *A Revolução Capitalista Norte-Americana*, volume segundo dos quatro de que se compõem os *Estudos Americanos* de meu amigo Olympio Guilherme, e dahi destaco, para thema destas linhas, um assumpto agora muito em voga — a Estandardização.

Antes porém, das citas que me proponho a debater, quero explicar que estou com Olympio Guilherme em muitíssimas das suas conclusões sobre os Estados-Unidos e discordo d'elle em muitíssimas outras. Outrosim, o facto que muito me sensibilizou e surpreendeu, de Olympio me haver carinhosamente dedicado os *Estudos*, não me invalida para delles tratar, porque, sciente do ponto de vista que sempre manteve através da nossa assidua correspondencia, já o proprio autor, com a sinceridade que lhe é peculiar, deixou dito no prefacio deste volume que não concordo com muitas das idéas e opiniões enfeixadas no seu substancioso trabalho.

Essa disparidade de vistas não se prende, porém, á maneira de vermos o capitalismo americano — base do presente volume — que a nós ambos se afigura vesguíssimo e sem defesa, mas, sim, a outros aspectos da vida nos Estados-Unidos, em que divergimos. Com a minha justificada e profunda admiração pelo paiz, onde ha annos resido, é possível que eu lhe perdôe muitos senões, que o pesquisador dos *Estudos*, conscio da sua função de critico, não deixa passar.

Na verdade, nada ha que dizer contra o esplendido *digest* de toda a historia tariffaria americana-do-norte, com que Olympio Guilherme inicia seu estudo da Revolução Capitalista — um exame completo desse assumpto de tão difficil exegese, todo feito sob a guarda da melhor documentação. São os apartes, ás vezes, que me incitam a fazer alguma observação, como, quando ao referir-se á tariffa de 1828, diz o autor: “Estava inaugurado o *Sistema Americano* de iniquo proteccionismo”, etc. Ora, ainda que esse proteccionismo, instituido para beneficio de certos ramos commerciaes, fosse uma iniquidade, mesmo assim não seria ella exclusivamente americana, por isso que é praticada em outras partes. Sabemos que todas as tarifas são odioass, mas, serão os americanos os unicos que se têm valido dessa barreira de defesa contra competidores estrangeiros? E se o proprio Jefferson, como diz o autor dos *Estudos*, já acreditava serem “as manufacturas tão necessarias á nossa independencia quanto ao nosso bem estar”, nada mais natural, parece, que naquella época, com o paiz ha pouco sahido de uma segunda guerra com os inglezes, procurasse o governo, pela subida dos direitos alfandegarios, proteger e incrementar suas nascentes industrias. Se o governo não velasse por isso quem havia de velar? Assim dizendo não quero entretanto defender o espirito estúpido de certas tarifas.

Outro capítulo interessante, da obra de Olympio Guilherme, é o que estuda a applicação da Lei Sherman contra os monopolios, cujo texto, á força das interpretações que lhe davam os juizes da Suprema Côrte, foi definhando

em poder até ser quasi supplementado pelas sentenças daquelle tribunal, de apoio ao *big business*, facto que tornou possível a concentração industrial norte-americana.

Escudada numa somma formidavel de documentos, prosegue dahi a argumentação deste segundo volume por dezeseis cerrados capitulos, onde Olympio Guilherme passa em revista toda a organização bancaria, industrial e trabalhista do paiz e suas relações com os tres poderes do governo representativo — e chega por fim ao plano economico do Presidente Roosevelt, cujo complexo enigma é por elle decifrado.

* * *

Mas, cuidemos agora do nosso “sermão”...

O facto mais importante a ser considerado no desenvolvimento da nacionalidade norte-americana, foi e vem sendo o seu apego á tecnologia, systema que se caracteriza, na sua descida dos centros de cultura scientifica até o povo, no uso extensivo da machina. A tecnologia, como com toda a sua autoridade nos diz o Prof. Charles A. Beard (“*Toward Civilization*”) — é a base da moderna civilização, porque é ella que põe nas mãos do homem os methodos e meios para a exploração progressiva e efficiente dos recursos e leis naturaes.

Sabemos de sobra que o americano não descobriu os principios basicos nem as formulas scientificas de tudo que, de um seculo para cá, tem inventado e applicado, numa quantidade e variedade de assombrar.

Esses principios e formulas estavam descobertos uns e iam-se vislumbrando outros na velha Europa, de onde, aliás, emanaram os differentes factores que deviam aqui se amalgamar no composto racial norte-americano. Foi a terra da America, foi o ambiente novo e a dinamica nascida deante dos problemas a serem vencidos — sem esquecer o contingente cultural (1) trazido por cada imigrante e a sua fibra combativa aguçada pelas necessidades reinantes e perspectivas de riqueza — que fizeram o prodigio que vemos hoje nos Estados-Unidos. A crise economica é apenas um silvo da sirena automatica, chamando o engenheiro, para que venha deitar umas gotas de azeite nas juntas da grande fabrica...

Sim, um prodigio de alta magnitude, que não encontra paralelo em toda a historia da humanidade, pela simples razão de que não ha na historia o exemplo unico de um continente virgem, riquissimo de tudo, aberto a uma tal colonização — e numa época em que, rôtas as cadeias que o atavam á concepção de um universo fixo, com o homem centro e motivo da ira dos deuses, buscava o ramo mais florescente da civilização occidental um campo propicio para os seus experimentos praticos.

E assim pensando, bato palmas á concepção intelligentissima de Gilberto Amado, que considera o homem americano como “transparente”, em contraste com a “opacidade” do europeu, porque tambem creio num destino differente para o homem nascido sob o céu das Ameri-

(1) A expressão “cultural” não tem ahi só o seu sentido esthetico, mas abarca quaesquer conhecimentos ou experiencias que se possam applicar ao problema da existencia. Depois de tudo, a cultura deve comprehender todos os meios e modos pelos quaes explicamos ou pensamos explicar a vida e tudo que dentro della se agita.

cas, onde a propria extensão geographica lhe dá uma comprehensão mais ampla de liberdade.

Se o Brasil, porção tão grande deste continente virgem, não se desenvolveu technicamente na medida do avanço norte-americano, não foi por falta, guardadas as proporções, do phenomeno da "transparencia", mas porque, derivando de outro ramo da civilização mediterranea (precisamente o mais atrasado na ordem dos factores que estamos considerando, e ao lado de Portugal está a Hespanha, dona que foi de colonias na America, que com o vizinho ainda se resente da falta de cultura technologica) — tinhamos nós, no Brasil-Colonia, que nos subordinar á intelligencia rudimentar que dimanava da metropole.

Emquanto Portugal, que de mecanica rural só conhecia a moenda, o carro-de-boi, o monjolo e a charrua de madeira, nos conservava embotelhados até 1808, os Estados-Unidos estavam abertos em espirito e pratica ás nascentes idéas do progresso technico, e já Washington — isto é phenomenal! — na sua primeira mensagem ao Congresso, falando a uma nação de agricultores, assim se expressava: "Devemos dar amplo encorajamento á introdução de novas e uteis invenções... como proteger e ajudar os que as inventam". Ha nestas palavras do patriarcha, proferidas naquella época, uma definição clarissima do sentido tecnologico de onde devia surgir o gigantesco laboratorio que é a America de hoje.

Para medirmos o grau em que variam os destinos impostos pelas duas fontes de colonização, basta que observemos o que representou para o progresso norte-americano o facto de ser o paiz de origem ingleza e terem da Inglaterra sahido, no começo do seculo passado, as duas balizas mestras da idade tecnologica — a machina a vapor Watt e as descobertas de Farady, que deram o dynamo e o motor electrico. Fossem de nacionalidade lusa esses dois modernos Prometheus, e de Lisboa se tivesse irradiado até nós a influencia social e economica dessas machinas sobre que assenta todo o moderno progresso technico — tal como se deu da Inglaterra para a America ingleza — e outra seria hoje a situação geral do Brasil, porque, deixemo-nos de botocudices, a machina é a unica expressão de progresso com sentido sociologico.

E' bem conhecida a historia da electricidade na America do Norte, a qual enfeixa milhares de inventos grandiosos e culmina no milagre da lampada de incandescencia de Edison, de onde se esgalham o radio, o cinema e a televisão. Uma coisa é ter genio inventivo, estar na "escola das invenções" e inventar, passando dahi a gozar dos proveitos do invento (inclusive a exportação da machina, com que vac uma parte grande e inevitavel de imperialismo) — e outra, bem differente, de perpetua subalternidade, é importar o machinismo e ficar implicitamente escravo de quem o inventa.

O caso esporadico do japonéz, que em 50 annos quasi passou do rural ao technico, não pode ser tomado em consideração, porque os nippões estão ainda fazendo copia de quanto, em inventos, já caducou do lado de cá do mundo.

* * *

Curioso é notar-se que quasi não ha criticos da machina entre os povos nordicos, slavos e anglo-saxões. Os

seus mais acirrados inimigos estão na França (2) e em toda a ninhada de paizes de cultura franceza. A Inglaterra, que deu berço á Revolução Industrial, tem tino bastante para não imputar ao progresso mecanico, base do seu poder de mar e terra, os defeitos que porventura perdurem nas suas camadas sociaes.

Bem ponderada, essa birra ao machinismo reduz-se a um sentimento de pura inveja á situação de illimitada preponderancia que as nações que inventam têm sobre as que ficam atraz, aferradas a certas besteiras atavicas, e que pela vergonha do atrazo ou pela urgencia ou vaidade de prover o seu povo do conforto e facilidades que os meios de divulgação e transporte tornam contagiosos, são obrigadas a importar a machina e a ficar na dependencia dos inventores de além-mar, que a aperfeçoam. Retrata-se nessa campanha retrogradista um evidente complexo de inferioridade, hypocritamente envolto nas expressões "materialismo" e "falta de cultura", com que ellas, as nações de passo de kagado, procuram enlamear a fronte aurea do homem que engendra o desconhecido, o mesmo que com seu genio vae contruindo os degraus por onde elias sobem, impando no orgulho da nullidades.

Mas, retomemos o caminho que nos levará ás conclusões.

Quando Olympio Guilherme diz (pagina 39) — "Não é verdade haver uma crise tecnologica; ha, sim, uma crise de distribuição, motivada pela nossa inadaptação á civilização mecanica. Houve, sem duvida, uma grosseira inversão de valores: porque a machina não foi inventada para que o homem *ganhasse mais*, mas para que elle *trabalhasse menos*..." — parece, enunciando essa verdade, collocar-se ao lado do progresso tecnologico, a menos que o diga por ironia, como se poderia deduzir da citação que vem a seguir: "Infelizmente, a sombria propheta de Ruskin cumpriu-se: — Um dia o engenho mecanico do homem ultrapassará a medida de sua vida e se voltará contra elle".

Ora, o que parece saltar á vista, diante dos factos correntes, é que esse tragico franksteinismo de Ruskin é apenas uma phrase bombastica, sem significação de verdade. Emquanto a machina produzir mais do que consumimos e os inventores se mostrarem ferteis em novas invenções (3) — não haverá nenhuma solução de continuidade para o progresso tecnologico. Na peor e mais estúpida das medidas regularizadoras, queimar-se-á o producto que exceda ás necessidades, como, embora sem

(2) H. G. Wells: "Our Changing World", *American Magazine*, Agosto de 1934. Falando do progresso social, assim se referiu á França: "Of all countries France has made the most resistance to the changes of our times, and remains to this day the land of competing "little man", living within the dimensions that were good for him in the eighteenth century".

(3) Olympio Guilherme, citando William Green, dá 55.103 invenções americanas para 1931. Achamos este total demasiado baixo, pois estatisticas do *Patent Office* accusavam 130.000 patentes conferidas em 1928, sendo que destas 15.000 pertenciam a mulheres. Ray Gross ("Can It Be Done?" — Simon & Schuster, Ed., New York, 1933) dá uma media de 2.000 patentes por semana, para esse anno, o que corresponde á cifra de 1928, não havendo, portanto, decrescimo.

haver saturação do mercado, se tem feito com o café no Brasil.

Essa phrase de Ruskin (o homem que já nasceu velho) revela apenas um atavismo que sempre existiu na cachola das sumidades classicas, desde os gregos mais remotos, os romanos, passando pela Idade Media, ate, por assim dizel-o, a era das grandes navegações. "Esse instinctivo pessimismo dos gregos tingia-se de um certo character religioso, de que nem os seguidores da philosophia mais sceptica de Epicuro, conseguiram libertar-se. Elles julgavam-se deante de estranhos e incalculaveis poderes, e diziam que insidiosos perigos pairavam sempre sobre qualquer empresa que procurasse minorar pelo esforço humano o destino iraçado pelos deuses" (4).

Mas, decididamente, Olympio Guilherme não deve ter muito apêgo á machina, nem á tecnologia, porque um pouco antes da citação supra, já elle se apoiara a esta opinião de Luis Araquistain: "O machinismo, filho de uma concepção quantitativa da vida, é, ao mesmo tempo, pae do dynamismo, da tyrannia da machina sobre o homem, que pouco a pouco, aqui, se vae libertando das derivações servis da antiga escravidão para submeter-se ao tronco da machina." E não sat steito, volvida a pagina 37, vêm os dizeres do finado De Tocqueville: "A America do Norte paga esse progresso indubitavel, á custa da *uniformidade, suprimidora de um dos aspectos da civilização*" (5). E ainda, a seguir, accrescenta com Truslow Adams e André Siegfried: "Utilizada como tem sido, nas usinas americanas, a machina *embrutece o operario, destroe-lhe a iniciativa, reduzindo-lhe a intelligencia*" (5), depois de dominar-lhe o physico a um automatismo aniquilador".

Quem, á primeira vista, não baterá palmas a estas enganadoras expressões? Todos aquelles que não reflitam e acreditem mais no poder de observação e discernimento dos srs. Siegfried e Truslow Adams do que no seu proprio.

De Truslow Adams, grande pensador, sabemos que até bem pouco era banqueiro na Wall Street, não havendo, cremos, abjurado do dólar, e M. Siegfried, embora funcionario do ministerio do exterior da França (6), alliado aos grupos financeiros do seu paiz, não pode ter alma proletaria. E nenhum delles, com De Tocqueville, Waldo Frank, Araquistain e outros citados, jámais passou, estamos a jurar-o, pelo eito das manufacturas americanas. Logo, estão ainda, não obstante os argumentos que apresentem, na parte theorica da these.

Falando de dentro da nossa pequena porém bem sentida experiencia (porque já trabalhamos nas manufacturas americanas!) — não cremos, como queria o sr. De Tocqueville, que a "uniformidade seja suprimidora de

um dos aspectos da civilização", isto é, da liberdade de crear alguma coisa fóra do padrão formado (7). Se assim fosse, uma vez estabelecida uma manufactura, com seus methods perfectamente praticos para o momento, dahi não passariamos nunca; ficariamos a fabricar carros, cadeiras ou canhões dentro dos moldes de uma estagnação asphyxiante, excluida toda a idéa de progresso. Será isso o que na verdade se observa na America, onde até os arranha-céus se reformam totalmente, pelas novas construcções, no prazo de poucos annos? Claro, que não! E quanto a artigos fabris, basta que notemos a variedade de typos e fórmias assignalada na evolução dos automoveis, uma das manufacturas onde — para que o producto se ponha ao alcance de todos — o systema de fabricação em série se fez mais obrigatorio, e logo veremos quão desacertada é aquella affirmativa.

Objectar-se-á, aqui, que os operarios das levas fabris não influem na feição artistica dos carros. A isto diremos que só ficam nas levas, por toda a vida, os individuos sem ambição, os conformados, sem nenhuma scentelha. Esses, bons homens, sim, mas nascidos para o eito, se lá não estivessem — trabalhando, aliás, em optimas condições sanitarias, comida de primeira, etc. — estariam em qualquer outro ramo de labor, seguindo pacientemente os modelos originados por artifices mais habéis... se não estivessem na fila dos sem-trabalho!

Sem estarmos em absoluto satisfeitos com as organizações trabalhistas da America (e são, comtudo, das melhores do mundo) — não podemos admittir o raciocinio desses pensadores de alto cothurno, que o meu bom Guilherme tão sollicitamente acolhe. Vê-se, ao mais ligeiro exame, que o que elles imprimem (e quasi todo mundo acredita) não pode ser verdade. E' certo, não ha provas numericas nem de um nem do outro lado, mas, usando-se a cabeça como o touro, chega-se a conclusões que os deixam de cócoras. Se, como querem, o progresso tecnologico trouxesse o embrutecimento dos que laboram nas suas machinas, seguir-se-ia que onde esse progresso não existe, ahi estariam os operarios mais habéis do mundo — por exemplo, em Portugal, na Hespanha, no sul da França. Será assim? Absolutamente não! Ainda mais, se o padrão matasse a variedade na producção e atrophiasse a intelligencia dos obreiros, á medida que retrocedessemos pela Historia a dentro, iriamos encontrando maiores e maiores cerebrações, e ao chegarmos á idade da pedra — onde a ausencia de progresso é quasi absoluta — ahi descobririamos numa ruma todos os genios da raça! *Bah!*

A uniformidade de methods e typos (que não destróe o poder criador de ninguem; só daquelles que nunca

(4) J. B. Bury: "The Idea of Progress", MacMillan Company New York, 1932. Neste esplendido trabalho, prova o autor que nenhum povo da antiguidade teve a intuição ou a consciencia do progresso, no seu sentido social, idéa que só no periodo do Renascimento começou a se formar.

(5) O gripho é nosso.

(6) O seu ultimo livro, "Impressions of South America", parecia o relatorio de um presidente de banco, que nos fosse tomar o pulso sobre o que devemos a França e investigar novas possibilidades de emprego de capital, como, ao referir-se á obra, disse o *New York Times*.

(7) O autor destas linhas, compondo em linotype artigos de outrem, e por signal que pessimos artigos, escreveu muitos sonetos, que aos pedaços lhe passavam do cerebro para os lingotes de metal, o que prova que a cabeça pode pensar independentemente em mil coisas, enquanto as mãos ou os pés se occupam na mais monotona das tarefas. Outrosim, tem o autor a seu credito tres patentes americanas de invenção, de aperfeiçoamentos do proprio linotype (não acceitas pela Mergenthaler) — uma das quaes, por um methodo de inversão e desinversão das matrizes, provê a machina com matrizes de quatro caracteres, em vez das de dois hoje existentes, tudo isso concebido e elaborado durante o trabalho que então exercia como linotypista.

o tiveram e nem o terão) é antes a véra finalidade do progresso: simplificação para o aproveitamento e regimentação de todos os esforços. Isso não foi "inventado" pelo americano. Sempre existiu na natureza, de onde instinctivamente o vêm adoptando todos os povos, cada qual na medida de sua capacidade mental. Uniformizar é o methodo natural, garantidor do padrão. Dahi o burro dar burros e a roseira dar rosas... No tempo em que os animaes falavam, foi que se deu o escandalo de uma onça "dar á luz" um saguim, mas isso não foi por culpa do onço... (8)

O que regula a variedade dos padrões, nas industrias, é o uso do objecto padronado; com o uso vem a saciação do gosto do consumidor e a seguir a necessidade de novo feitio. Logo, novo typo, como na escola zoologica do Darwinismo. Ora, como uso e divulgação são synonymos commerciaes, e como é pelo progresso intenso e technologico que esses dois factores do cambio de modelos mais se exercem — concluimos que, num gráu menor de progresso, onde o trabalho é todo manual, ahi, sim, com mutações de seculo em seculo, torna-se a tarefa estiolante, embrutecedora, anti-progressista. Quanto mais intenso é o uso, tanto mais cedo vem a saciação do gosto — e o manufactureiro, que nem sempre é burro, appella para nova padronagem, facto que o renovamento da moda mais do que confirma.

Collectivamente, o homem é um animal copista. Os capazes de originar alguma coisa não ficam na leva do essencialmente manual. Quem nega a existencia do padrão fixo entre os artifices communs, nunca observou o producto de um sapateiro de aldeia, que leva toda a vida a fazer sapatos do mesmo formato, systema que passa aos filhos. Uma das nossas velhas rendeiras anda leguas a pé, para ir copiar o papelão-modelo da renda de outra velha, de cujo desenho gostou. Ha na ceramica dos amerindios, na copia repetida de seus motivos, a mais frisante prova de que tambem lá, no começo da tribu, o que o bugre faz, á medida que vae adquirindo luzes, é estabelecer o seu *standard*. E' o methodo economico, indicado pela intelligencia. De feito, essa uniformidade vem depois ser a bitola de que se servem os estudiosos, para achar o indice de adeantamento de um desses povos.

Observemos a vida collectiva dos castores, das abelhas e das formigas. Quem negará summa-perfeição no aproveitamento contribuinte do individuo, nessas aggremações modelo, quanto ao seu harmonico beneficiar do grupo? Se o progresso se basea nos methodos de continuidade superativa, pelos quaes o homem provê as necessidades da existencia na collectividade, não ha por que censurar uma dada etapa desse processo, onde o obreiro, trabalhe em serie ou não, esteja produzindo para manter o equilibrio do todo. E nem mais se pode exigir do progresso!

Ah, mas o que não é justo — e poucos sociologos o dizem, abertamente — é que numa collectividade como a norte-americana, onde a tecnologia centuplicou a força productiva do operario, seja este ainda obrigado, por uma cega incompreensão dos patrões, a dar oito horas de labor por dia — para augmentar-lhes o lucro e desdobrar a legião dos sem-trabalho.

Se a estandardização implica uma dada perfeição de methodo e perfeição de molde, como poderá ella, quando elevada a uma pratica mais ampla, causar a destruição ou o embrutecimento do proprio individuo? A perfeição, embora sempre relativa, não pode produzir o exterminio de quem della se approxima — por ser a perfeição.

ARTHUR COELHO

POEMA

*A menina teve uma expressão longa e triste
uma lagrima cahiu e ella morreu.*

*Foram chamadas todas as meninas
para enfeitarem-na de rosas brancas.*

*Depois, ella ficou bonita, simples,
com o vestido da primeira communhão.*

E todos choravam e tinham pena della.

*Eu era menina mas não sei porque
quando ella se foi com o seu vestido branco
olhando pra mim mesma tive pena
das outras meninas que ficavam.*

OLIVIERI, YOLANDA LUIZA

José Vieira — *O Bota-Abaixo* — Selma Editora — Rio.

E' o Rio durante o anno de 1904. Através de um bom dialogo e movendo as personagens com destreza de jogo scenico, o sr. José Vieira, um dos melhores temperamentos de romancista da sua geração, faz-nos ver, em caracter por assim dizer historico, a transformação architectonica e moral que soffreu a nossa urbe durante a gestão Rodrigues Alves. "A este volume — segundo nota do editor — seguir-se-á *A Escalada* (Chronica da Republica), em que a acção das personagens de *O Bota-Abaixo* se desdobra, até o final, em episodios typicos da vida politica brasileira, escolhida a phase da competição dos chefes Carlos Peixoto e Pinheiro Machado, com a lucta, que se lhe seguiu, pela presidencia, entre o Marechal Hermes da Fonseca e Ruy Barbosa."

Monsenhor Pedro Massa — *Pelo Rio Mar* — Rio de Janeiro.

Prelado do rio Negro e do rio Madeira, Monsenhor Pedro Massa, que é uma das figuras de maior proeminencia em nosso clero, bastante se esforçou pela christianização de remotas paragens nortistas. Na gloriosa "familia salesiana", em tantos feitos inseparavel da historia do Brasil, esse homem culto e affavel, que nunca desdenhou das bellas lettras e sabe o seu Carducci e o seu Pascoli de cór, tem desenvolvido uma actividade das mais prestigiosas para, alargando a obra meridional de Anchieta, levar o Evangelho ás perigosas selvas amazonicas.

Jader de Carvalho — *O povo sem terra* — 1934.

Professor de sociologia no Lyceu do Ceará, o sr. Jader de Carvalho vem de ha muito aprofundando as suas pesquisas em torno ao problema do povo judeu. O livro que acaba de estampar é bem o reflexo de uma longa cultura especializada e a profusa nota bibliographica apresentada ao fim do volume não se destina em absoluto a intrujar os leitores. Os trechos referentes ao nomadismo da gente hebréa, á sua aversão aos trabalhos de agricultura, á inassimilação que tanto tempo a encurralou nos "ghettos", tudo isso é de alguém que procura fazer, no caso, historia objectiva, sem rancores partidarios de qualquer genero.

(8) Recorde-se o conto foclórico *Camarda Folharal*.

PAUL VALERY

Permitti que não vos faça agora critica á maneira commun: abstracta e historica. Buscaremos realizar obra semelhante aos desenhos dos esculptores.

Haveis de conhecer certos desenhos, outróra de Miguel Angelo, recentemente de Rodin ou de Mechtrovich, que se compõem apenas de uma linha muito simples: mas uma linha que suggere mais fórmãs, mais materia do que os innumeraveis traços abertos pelo buril do gravador. A especie de contacto vital que ensaiaremos indicar aqui, prende-se a essa mesma esthetica.

Trata-se, portanto, de desenhar o perfil a um só tempo physico e intellectual de algumas grandes figuras das letras contemporaneas. Valery, Gide, Claudel, Duhamel, Vildrac, Romain. Escolha que não deve ser encarada pelo lado limitativo. Existem actualmente em França outros creadores de primeira ordem. Estamos, porém, adstrictos ao espaço angustioso de uma hora.

Vimos de dizer "grandes figuras". Desejaria começar minhas meditações pedindo-vos para examinar de perto o sentido desta palavra: *grande*, quando se trata de applical-a ao homem.

De um seculo para cá, transformou-se muito a concepção do grande homem; a do grande escriptor está fadada, sem duvida, a modificar-se tambem profundamente. Chefes que devassam amplos acontecimentos historicos? Individuos que concebem idéas novas? O artista que com a força exclusiva do seu genio crea toda uma obra? Tal foi a concepção classica. Mas, de um seculo a esta parte, dada a maneira anonyma e dispersada pela qual a sciencia se limitou, as invenções se manifestaram e as guerras e os movimentos sociaes se produziram, tudo tende a dissipar o phantasma do "heroe", ou melhor, a apontal-o como um phenomeno de optica. Aparece como uma dessas "imagens visuaes" dos physicos: imagens

que as proprias realidades constroem para lá dos seus raios.

De facto, contrariamente ás idéas acceitas, o artista não difere dos outros homens pelas dimensões da alma. Nem mais memoria, nem mais sensibilidade, nem mais imaginação que a media, algumas vezes menos. Os maiores deixam ver defeitos nos quaes a multidão sempre achou um, prazer, aliás bastante vulgar. Digamos com franqueza: os homens, anatomicamente e intellectualmente são sempre mais ou menos os mesmos: apenas uma minima parte dos gestos do espirito distingue do publico commun um Goethe ou um Pasteur.

E' por Paul Valery que eu gostaria de começar, para estudar este problema humano da superioridade.

Examinemos algumas obras de Valery. Inicialmente a *Introdução ao methodo de Leonardo da Vinci*. Não é apenas a força das idéas que deve attrahir a nossa attenção. E' a minucia desse "duello entre a diversidade das cousas e a unidade do espirito". E' a progressão circumspecta, lenta, quasi hesitante do pensador. E, todavia, invencivelmente, esse passo a passo nos conduz aos mais altos cimos do espirito, ao ponto culminante da arte, onde, como diz Leonardo, "é facil de se tornar universal".

Em *Eupalinos* e em *A alma e a dansa* observaes estas indicações precisas, que não passaram despercebidas a René Lalou. "Não ha detalhes na execução", declara Eupalinos. E mais adeante explica com uma precisão applicada como "elle elabora as emoções e as vibrações da alma do futuro contemplador da sua obra". "Nitidez desesperada" que é já a attitude da *Soirée avec Mr. Teste*.

Ora, que vem a ser este methodo de Valery senão uma reconstrução da sua propria natureza? "Leonardo, escreve Valery, de pesquisa em pesquisa transforma-se em mero escudei-

ro da sua natureza: elle adestra indefinidamente seus pensamentos, aguça seus olhares, desenvolve seus actos... distende-se e contrae-se..." Em outra obra, não indica elle: "Á força de construir, acredito ter-me construido a mim proprio". Phrase essencial, que poderia servir de epigraphie ao presente estudo.

"Quando componho uma casa, — declara Eupalinos... — vou dizer-te uma cousa estranha — tenho a impressão de que o meu corpo participa do empreendimento".

Este corpo valeriano, suporte semi-real, semi-symbolico de sua obra, olhemol-o tal qual é. Olhemos Valery tal qual passeia em Paris, pelas calçadas, na rua Villejust ou na Avenida Victor Hugo.

Não ha nada de extraordinario no aspecto physico de Valery. Uma estatura meã: Valery precatou-se de pedir a Deus uma dimensão corporal excessiva. Um busto acurvado pelo estudo e a meditação. Esse rosto de transeunte, volta-se, entretanto, decididamente para "as casas, as grandezas do espaço, o colorido denso da rua", como escreve Valery em *Teste*. A cabeça é esbelta; vista de frente, extraordinariamente convexa, o que annuncia de longe o pensador. Um olhar limpido e percuciente, igual a uma bôa ocular de um instrumento de physica. A bocca é precisa, voluntariamente cerrada, tomando não raro um esgar ironico, algo malicioso. A physionomia deste homem, que gosta de perscrutar o universo inteiro, guarda essa moderação, esse ar de paz, de tranquillidade quasi minuciosa, que se encontra nos seus livros.

LUC DURTAİN

— O ultimo livro de Francis Carco, *Mémoires d'une autre vie*, tem recebido os maiores elogios da critica e sobre elle já se pronunciaram muito favoravelmente René Lalou, André Rousseau, Robert Brasillach e muitos outros nomes de prestigio nas letras francezas.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Angyone Costa	INTRODUÇÃO A' ARCHEOLOGIA BRASILEIRA	15\$000
Glifford Whittingham Beers	UM ESPIRITO QUE SE ACHOU A SI MESMO (tradução de Manoel Ban- deira)	10\$000
Antonio Serpa	PRECEITOS DA CONSTITUIÇÃO	8\$000
Karl Pearson	ELEMENTOS DE ESTATISTICA GE- RAL	15\$000
Pedro Calmon	HISTORIA DA CIVILIZAÇÃ BRASI- LEIRA (para as escolas primarias)	5\$000
Abel Risse	A CAMINHO DA FELICIDADE (trad. de Benjamim Lima)	3\$000
Jean Webster	O QUERIDO INIMIGO (trad. de Montei- ro Lobato)	3\$000
H. Rider Haggard	MYRIAN, A VIRGEM DAS PEROLAS ..	5\$000
Monteiro Lobato	CONTOS DE FADAS	5\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo

Filiaes em: Rio, Bah a, Recife e Li bôa

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

*Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca
Brasileira de Medicina Legal,*
ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

Rodrigo Octavio

**MINHAS MEMORIAS DOS
OUTROS**

Broch. 10\$000

Alfredo Pujol

MACHADO DE ASSIS

(2.ª ed.)

15\$000

Miguel Reale

O ESTADO MODERNO

6\$000

Plinio Salgado

O SOFFRIMENTO UNIVERSAL

6\$000

Ultimas Edições da

Livraria José Olympio

Ouvidor, 110 - RIO

GUSTAVO BARROSO

O Brasil Colonia de Banqueiros

(2 edição)

6\$000

BENJAMIN COSTALLAT

A Mulher da Madrugada

5\$000

RIBEIRO COUTO

Presença de Santa Therezinha.

7\$000

RODRIGO OCTAVIO

Coração Aberto.

5\$000

DELGADO DE CARVALHO

Sociologia experimental

8\$000

PER SKANSEN

A Conversão de Eva Cavalliére ..

5\$000

Civilização Brasileira S/A

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 2- 6773 —:— Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

BIBLIOTHECA UNIVERSITARIA BRASILEIRA

Directores: Drs. Helion Pova — W. Berardinelli
Editores: Flores & Mano — Livraria Moura

RUA DO OUVIDOR, 145

- N. 1—Dr. Helion Pova — *Noções de Anatomia
Pathologica* — 1 vol. br. 15\$, enc. 20\$000
N. 2—Dr. Isaac Brown — *Semiotica do Apparelio
Genital* — 1 vol. br. 15\$, enc. 20\$000
N. 3—Drs. Leonel Gonzaga, David Sanson, Ge-
nival Londres, W. Berardinelli, Helion Po-
va e outros — *Lições de Clinica* (geral e
especial) 1 vol. br. 18\$, enc. 23\$000
N. 4—Dr. Rolando Monteiro — *Partenologia* (Do-
enças Genitais da Virgem), 1 vol. broc.
15\$, encadernado 20\$000
N. 5—Prof. Pedro Escudero — (Da Universidade
de Buenos Aires) — *Alimentação* — Trad. dos
Drs. Helion Pova e W. Berardinelli 1 vol.
brochado 15\$000

ADERSEN - EDITORES

Maximo Gorki — Em Guarda ! 5\$000

Gastão Pereira da Silva — Rithmo
Vermelho 5\$000

Prof. Souza Carneiro — Furundungo 8\$000

S. Fridman — A Educação na
Russia Sovietica 7\$000

Edificio d'A NOITE - 14.º and.
Rio de Janeiro

ULTIMAS NOVIDADES

ALBERTO RAMOS — *Poemas*

ROQUETTE-PINTO — *Samambaia*

LUC DURTAIN — *Imagens do Brasil e do Pampa*

TRAD. DE RONALD DE CARVALHO)

Ariel, Editora Limitada

Rua Senador Dantas, 40 - 5.º and. —:—

Rio de Janeiro

PEQUENAS BIBLIOTHECAS

Seria bom serviço a prestar-se ao paiz a disseminação de alguns milhares de pequenas bibliothecas pelas cidades e villas do interior.

O brasileiro lê pouco, e, quando mora longe das capitães, se deseja ler, não encontra o quê. Cidades importantes, servidas de agua encanada, esgotos, luz electrica, coisas essenciaes á vida urbana que os inglezes consideram indices de civilização, não possuem sequer pequena bibliotheca publica que é o verdadeiro indice de cultura.

Entretanto, todo municipio brasileiro deveria franquear, pelo menos, uma bibliotheca aos seus municipes. E aquelle que tardasse em abrir uma sala de leitura com bons livros escolhidos teria de envergonhar-se disto, por vêr-se desintegrado do ambiente cultural.

O municipio é como que a miniatura da patria, e como esta ha de tomar conhecimento do que vae pela terra e do que foi pelo mundo.

Ora, só o livro lhe facultará a posse desse bem superior; só o livro, ampliando a tradição, diz-nos de onde viemos e para onde vamos. Tenho até acanhamento de estar a repisar truismos deste jaez. Mas, o desejo de contribuir para a solução desse problema do livro espalhado de norte a sul, me fez meditar esse assumpto, estudal-o, e então vi, claramente vi, como estamos longe de resolvê-lo satisfactoriamente.

Ahi está, todavia, um problema brasileiro dos mais serios. E como poderia ser util á unidade nacional uma rêde de pequenas bibliothecas seleccionadas, que alimentasse a curiosidade intellectual de alguns milhões de brasileiros!

Já que não temos universidades para a formação de *élites*, espalhemos, pelo menos, esses modestos focos de saber, que irão irradiando as luzes de maneira uniforme e moldando as novas gerações numa vida melhor, mais elevada, mais saturada de espiritualidade.

Ponhamos, lado a lado, dos bens materiaes, os thesouros inalienaveis da vida espiritual.

A bibliotheca pode ser pequena, modesta, nobre e merecer, no vigor do termo, esse nome. Basta contenha os livros fundamentaes da humanidade. E não são muitos. Tambem, ao contrario, pôde ser grande, montada a primor, rica, e não passar de um deposito de livros insignificantes sómente dignos do repasto dos papyrophagos.

Surge logo, o grave problema da escolha, quando se deseja orientar a fundação de uma bibliotheca.

Cardan (1501-1576), bello espirito do seculo XVI, dizia que somente tres livros bastavam á formação da bôa bibliotheca: um que tratasse da vida dos santos; outro que encerrasse as leis da vida civil; outro, enfim, que fosse uma anthologia de bons versos, para recrear a mente. Se formos seguir á risca conselhos tão avisados, facil será organizar uma bibliotheca digna. Entretanto, Car-

dan não podia prever a mania legiferante de certas republicas.

As leis brasileiras, das Ordenações affonsinas ainda consultas como fontes, aos ultimos decretos do governo provisório, formam carga para alguns camelos. Pouco antes da Cardan, na idade media, houve quem se contentasse apenas com um livro: *A Biblia* ou *O Corão*.

No seculo XIX, Comte, genio universal, não queria para a bibliotheca do operario senão pouco menos de duzentos volumes.

Exiguidade de recurso não obsta a que se dê a uma pequena bibliotheca organização harmonica e systematica com o dotal-a das obras fundamentaes, que orgulham o espirito humano e marcaram, através dos tempos, os grãos da evolução psychologica da humanidade.

Hoje em dia formidavel é a producção scientifico-litteraria.

Felizmente para os estudiosos é possivel fazer-se rigorosa selecção do que merece lido, escudado, meditado.

Não devemos esquecer o conselho de Plinio, o jovem, relativamente á leitura: ler muito, mas não muitos autores.

Nos primeiros annos da vida intellectual quasi sempre não seguimos esse sabio mandamento.

E' preferivel conhecer bem, profundamente, uma dezena de grandes nomes das lettras, a perder precioso tempo com a leitura de escriptores de terceira ordem, que não nos ensinam coisa alguma ou não nos enriqueçam a intelligencia e a sensibilidade.

A escolha dos livros a ler preoccupou a espiritos da estatura de Augusto Comte, incontestavelmente culminancia da mentalidade humana, quaes quer que sejam as restricções que possamos fazer-lhe ao systema philosophico.

John Lubbock escolheu na litteratura universal os cem melhores livros que não deviam faltar á estante do estudioso. Sobejam listas organizadas por amantes das lettras. E um bibliothecario consciante não as despreza em beneficio da sua bibliotheca.

O inventario opulento de Henri Mazel todos o conhecem. (*Ce qu'il faut lire dans sa vie* — Paris — s. d.).

Para a litteratura, sobretudo a allemã, ha o guia de Hermann Hesse. (*Eine Bibliothek der Weltliteratur* — Leipzig — 1932).

Apezar da indiferença que mostramos pelo problema da leitura systematizada, já ha algumas listas nossas que aponta os melhores livros brasileiros: a Associação Brasileira de Educação, ha tempos, distribuiu uma intitulada *Cultura brasileira*, na qual apparecem quasi duas centenas de livros recommendaveis; Humberto de Campos, que allia a erudição ao bom gosto, a pedido da Casa do Estudante, organizou outra, dos vinte melhores livros brasileiros; por minha vez, no *Boletim de*

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

Londres, 14 de Setembro de 1922.
Meu caro Gastão,

.....
Quanto a mim, vou vegetando. Não sei se recebeste alguns jornaes periodicos que te mandei. Supponho que os ultimos traziam coisas a respeito de Shelley. A respeito do que eu faço, isto é, do que eu escrevo, não me perguntas. Eu quasi nada faço. Leio. Ah! isso não tem a menor duvida. Vivo mergulhado na litteratura ingleza. Que mundo immensuravel! Só aqui na Inglaterra e lendo os autores ingleses, vim eu a descobrir que é muito mais agradável ler do que escrever. Cada dia augmenta a minha curiosidade de conhecer coisas antigas e homens do passado. Como as diversões não me divertem, e como não ha em Londres uma só pessoa de meu conhecimento que seja sufficiente para me interessar em palestra, fico em casa. Para equilibrar as finanças é um meio excellente, porque tudo em Londres é carissimo e eu ganho pouco. Este pouco, traduzido em moeda brasileira, faria volume; mas em dinheiro inglez e em Londres não vale mais que pouca coisa. Quasi nada escrevo. Para que? O dinheiro que dão os livros não é coisa que faça diferença de palmo nas finanças de ninguem. Gloria não existe, porque escrever em lingua portugueza e falar em dialecto africano-equatorial é a mesma coisa. Depois, eu vejo que as minhas opiniões começam a fatigar os meus compatriotas. Dos *Prós e Contras* ninguem fallou, nem podia fallar, uma vez que se tratava de um livro que não toma a serio essa coisa immensa que é Portugal: a maior nação, o maior povo do globo! A propria *Gazeta*, da qual eu era collaborador, não disse uma palavra! Só o Mello (1) intercallou numa das suas chronicas umas palavrinhas timidas, que de certo escaparam á *supervision* esthetica do Salvador (2). Ora francamente, não vale a pena escrever para um chiqueiro tão apodrecido. O unico recurso seria fazer como faz toda a gente: escrever bobagens innocuas, logares communs a respeito de Fausto, ou tolices a respeito dos sertanejos,

tendo sempre o cuidado de intercalar uns elogiosinhos a Portugal. E' ou não é lamentavel que ainda estejamos nesse ponto de ser obrigados a elogiar Portugal
Ando, em todo o caso, rabiscando coisas destinadas a tres livros: *Martim Affonso*, *José Eleutherio* e um outro cujo titulo talvez seja: *De Espanador em Punho* — com um subtítulo: *O Pamphleto dos homens limpos*. Dos tres, é este o que tem probabilidade de surgir primeiro, mas, com uma condição: que o Castilho se disponha a edital-o. E' um pamphleto que versa sobre a sociedade brasileira de um modo geral, mas tratando particularmente da Imprensa e dos Portuguezes, tudo isso a proposito da necessidade da Lei de Imprensa. E' um pamphleto nacionalista e conservador. Peço-te que perguntes ao Castilho si elle tem coragem de lançal-o. Tenho desenhollada deante de mim uma bateria de livros e revistas abertas, de onde vou extrahindo notas para esse *magnum opus*. Mas, si o Castilho disser que não, desistirei e largarei tudo de mão. Será favor e grande: 1.º) pedires ao Castilho que me mande quanto antes *O Brasil e as Colonias Portuguezas*, de Oliveira Martins, que dei-xei com elle, juntamente com outros livros meus; 2.º) mandares-me o nome de um livro de viagens, por um explorador (cujo nome tambem não me occorre) que leste e de que me mandaste um trecho numa carta ha muito tempo. O trecho versava a respeito dos Portuguezes e da maneira por que elles conspurcavam a Civilização na America do Sul, *scilicet* Brasil (3).

Sobre os outros dois livros, a unica coisa que te posso dizer é que, por emquanto, qualquer delles não passa de uma massa informe. Tão cedo não estarão elles promptos. Escrever vae-se tornando para mim cada vez mais difficil. A's vezes começo a escrever, mas a verve exgotta-se logo. Escrever é uma coisa muito mais complicada do que parece. E é extremamente fatigante, quero dizer, é tremendamente cacete. Gosto mais de ler. No Brasil parece que em geral se pensa e se

sente o contrario; porque ha lá muita gente respeitavel que não gosta de ler, que não lê e que não sabe ler, e entretanto escreve vastamente livros, poemas e outras coisas difficeis de fazer. Não sei como elles conseguem tamanhas victorias. Creio que isso depende muito do individuo ter a força de ganhar a sua victoria individual sobre os livros; de ser superior aos livros e não escravo delles; de dominar os livros pelo desprezo e não ser dominado por elles. Donde eu concluo que o melhor caminho que tem um escriptor para escrever livros é não ler livros; considerar-se creador e portanto um Deus para os livros e não discipulo, isto é, servo dos livros; tel-os como instrumentos obedientes de informações opportunas, mas nunca olhal-os como uma necessidade. Supponho que no Brasil essa theoria é a mais seguida e com muito proveito para os seus sequazes...

Não sei quando voltarei ao Brasil. Voltar para cair novamente na vida de jornal — nunca! Prefiro a monotonia illustre de Londres. Aliás, como já te disse uma vez, nada me atrahia no Rio (que é o Brasil) a não ser uma meia duzia de amigos, as praias e uns petiscos que eu por aqui não encontro, isto é, camarões á bahiana, peixe á brasileira, feijoada completa, picadinho com arroz, etc. Tirante isso, só vejo no Brasil motivos para desgostos, tristeza e vergonha. Ignorancia e falta de senso moral: eis o Brasil. O peor, porém, não é a ignorancia nem a falta de moralidade. O peor é o orgulho que tem o brasileiro da sua ignorancia — o que significa *ignorancia incuravel*; assim como tambem a força de convicção com que elle ingenuamente procura impor aos outros a sua falta de moral — o que significa *immoralidade irremediavel*. Assim, não sei quando poderei ouvir a voz dos amigos e fallar com os amigos na sua, na nossa propria linguagem. Quantas vezes tenho sonhado com isso! Coisa curiosa: os meus sonhos a esse respeito sempre findam quando eu estou na rua Gonçalves Dias, quasi entrando na Confeitaria Colombo, mas nun-

Ariel, fiz o mesmo, e minha lista pouco differe da de Humberto de Campos, muito embora não tivesse o proposito de imital-o.

Manuel Bandeira, o grande poeta, apontou-nos, em artigo ephemero de jornal (*O Globo*, 29-5-1933, edição matutina) os cem livros representativos da litteratura da lingua portugueza.

Francisco Venancia Filho — no *Educar-se para educar* (Rio de Janeiro, 1931) apresenta-nos os 300 de Gedeão, isto é, a escolha de 100 livros de litteratura brasileira, 100 da universal e 100 de cultura scientifica. Attribute-a a um amigo intimo e

observa com malicia: "Se a lista parecer em conjuncto muito ruim procure-se fazer outra sem a vista desta... Ella é apenas, repita-se, indicativa..."

Mas a lista é bôa, sem embargo da ingenuidade de certas preferencias.

Bem escolhido o livro, resta ainda a aprender a arte de lê-lo, que tem os seus segredos e mysterios. Esta, porém, só a ensinará a experiencia da vida. O que está nas entrelinhas vale, ás vezes, mais do que o texto.

ALCIDES BEZERRA

ca chego lá! E' uma afflicção infernal...

Meu velho Gastão, peço-te muito encarecidamente que respondas logo, a respeito dos dois pontos que vão á lauda 4.^a desta, a saber: a pergunta ao Castilho a respeito do pamphleto e a respeito da remessa do livro do Oliveira Martins e o nome do livro do explorador inglez e o nome do autor. Isto é muito importante para mim. Espero que me sirvas nisto. O Nuno (4) não respondeu a minha carta, na qual eu lhe faço perguntas a respeito de um supposto irmão do Benjamin Jacob. Entretanto, por uma carta do Miguel Osorio, eu sei que elle recebeu minha carta. Costumes brasileiros... Abraços do teu velho

Antonio Torres.

Londres, 30 de Setembro de 1922.

Meu caro Gastão,

Como hoje é sabbado, fui, como costume nesses dias, almoçar no *Royal*, em Regent Street, unico luxo que eu *can afford myself* nesta fria Londres de vida cara. Devo dizer que o *Royal* é um lugar em que, em *table d'hôte*, a gente póde comer por 0.3|6. Tudo, pois, quanto ha de mais modesto. Bem entendido: 3|6 excluindo vinho (que eu deixei de beber), cerveja, café, etc. Isto tudo vem aqui apenas para dizer-te que nesses dias costume comprar tambem jornaes francezes, que lá se vendem. Leio jornaes francezes uma vez por semana, *nem sempre*; inglezes leio-os tambem uma vez por semana, aos domingos, *quasi sempre*. A leitura de jornaes toma um tempo enorme e nos priva de ler livros. Em todo o caso, uma vez por semana eu leio as folhas para não ficar muito alheio ao que se passa no mundo. Aliás os jornaes estão agora muito pouco interessantes. Só tratam de guerras entre a Grecia e a Turquia — dois paizes tambem pouco interessantes. Guerras dignas de interesse só poderia haver duas: uma entre os E. Unidos e o Japão; outra entre os E. Unidos e a Inglaterra. Na primeira desejo que vença a Inglaterra. Si fosse possível destruir a esquadra japoneza e a esquadra *yankee* — mas destruil-as de tal maneira que nunca mais se podessem reconstruir — ficando apenas a Inglaterra a dominar o mundo, então chegaríamos á *Paz Octaviana*. Teríamos ahi uma paz de pelo menos 80 annos. Mas deixemos de lado essas graves matutações. Essa historia toda de jornaes francezes vem aqui apenas para dizer-se que tive o cuidado de cortar alguns retalhos que te envio. Está claro que concordo em genero numero e caso com o que diz Léon Daudet a respeito das *bourdes* scientificas do *Estupido Seculo XIX*. As pequenas entrevistas com letrados francezes tirei-as do *Figaro*. Lamento que não me tenhas mandado o que a *Noticia*, segundo me disseste publicou acerca dos *Prós* (5). Que diabo! Qual a difficuldade que haverá em cortar

um artigo e mandal-o a um amigo? E' questão apenas de um pouco de ternura na amizade e de não ser demasiadamente brasileiro, o que é synonymo de luso-africano e, portanto, de macacal, chimpanzêico, gorillático. E' verdade que é uma questão tambem de tesoura; mas esse problema não me parece tão difficil como a descoberta dos thesouros da Colchida.

..... Adeus, amigo. O relógio de uma igreja proxima está me avisando que é uma hora da manhã. Vou deitar-me, ler um pouco e dormir em paz com Deus. E' possível que sonhe contigo e com os amigos queridos. Lembranças ao Miguel Osorio, ao Juliano e ao Silva Mello. Abraços do teu

Antonio Torres.

Londres, 14 de Novembro de 1922.

Meu caro Gastão,

Algumas linhas apenas, para te agradecer a tua carta de 18 do p. p. e as boas palavras que me mandaste, assim como as informações.

Em uma das tuas cartas me disseste que conhecias já tudo quanto era de Oscar Wilde e que, si eu te descobrisse alguma coisa que ainda não conhecesse, me ficarias muito agradecido — *não tem de quê*. Pois cuido que descobri. Saiu agora um livro de Wilde *For Love of The King*, que está fazendo successo. Será possível que tambem esse já conheces? Vou leval-o para Roma, onde espero a tua resposta com urgencia, dizendo-me — *sim ou não* — si já o leste. No caso negativo, enviar-te-ei logo, registrado. E' uma

Os 10.000 leitores que esgotaram rapidamente a primeira edição do livro

BRASIL — COLONIA DE BRINQUEDOS, de Gustavo Barroso, não devem deixar de lêr;

PREPARAÇÃO AO NACIONALISMO, de Affonso Arinos de Mello Franco. O maior libello contra o judaismo, corruptor do sentimento de unidade das patrias, 5\$000;

ILLUSÃO AMERICANA, de Eduardo Prado. A primeira voz que se ergueu no Brasil contra o perigo da absorpção do Brasil pelas potencias da libra e do dollar, 6\$000;

MAQUIAVEL E O BRASIL, de Octavio de Faria. Livro de vigorosa doutrina nacionalista, escripto por um dos mais claros espiritos da geração moderna, 6\$000.

Edições de grande successo, á venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

— R. 7 de Setembro, 162 — Rio —

fairy, ou, si quizeres, um *scenery*, mas feito com todos os *ff* e *rr* wildeanos. Tem sido muito discutido pelos jornaes.

De Londres é esta a ultima carta que te escrevo, pelo menos por este anno. Logo que chegar a Roma, te mandarei minhas impressões. Creio que ficarei lá apenas o tempo necessario para escrever um livro sobre a Inglaterra, para o qual estou abarrotado de notas e apontamentos. Quer isto dizer que lá ficarei um anno no minimo — findo o qual, *volante Deo*, irei ao Brasil. Lembranças ao Godoy, ao M. Osorio, aos amigos todos. Do Gilberto não tenho novas ha muito tempo. Entretanto escrevi-lhe agradecendo as *Apparencias* (6) e mandei lhe livros. Tel-os-ha recebido? — Bem chochinho o Ministerio do Bernardes; mas tambem, com os diabos, de onde iria elle tirar homens de Governo? Estadismo é coisa incompativel com a nossa pobre sub-raça. Abraços e saudades do velho.

Torres.

Lembranças ao Castilho. Dize a elle que vá preparando os caraminguás, pois eu vou precisar de dinheiro na Italia (7).

1) Miguel Mello 2) Salvador Santos, então director da *Gazeta de Noticias*. 3) Ha aqui um engano de Torres. O livro que lhe fôra citado era o de Frank Harris *Contemporary Portraits*, no qual ha algumas paginas dedicadas ao geographo e explorador inglez Richard Burton. E' deste o conceito sobre a colonização portugueza na America. Diz Harris: «Burton talked... of Brasil, too, and the dirty smear of Portugueses civilisation polluting her silvered waterways and defiling even the immaculate wild» 4) Nuno Osorio de Almeida. 5) *Prós e Contras*, o seu terceiro livro de chronicas 6) *Apparencias e Realidades*, de Gilberto Amado. 7) Referia-se ao que deveria receber pelos direitos autoraes dos *Prós e Contras*.

Roberto Gil — *Multidão* — Guido & C. — Rio, 1934.

Eis ahi um poeta que foi merecidamente louvado pelos srs. Affonso Celso, Carlos Chiacchio, Fabio Luz e José Vieira. E' um romantico e é um realista. Não perde de vista as ideologias que sempre fizeram a nobreza da alma humana, mas sente tambem as desgraças da vida circumstante. Mão grado a seducção que exercem sobre elle os climas classicos da poesia pagã, não se recusa a ver o que lhe ocorre em derredor e tudo nelle é fremito de emoção fraternal pelas misérias e tristezas que affligem o homem moderno, o inventor de tantas machinas ferozes e de tantos falsos paraísos de opio e cocaina.

— De *Amok*, a audaciosa novella de Zweig, que já foi vertida para o nosso idioma, acaba de ser tirado um filme, que faz successo actualmente em Paris e do qual são principaes protagonistas Yonnel e Marcel Chantal.

PROPHECIAS...

Não supponha o leitor, nem por sombras, que iremos desvendar, para seu martyrio, ou para seu regalo, o possível programma do anno de 1935.

O melhor da vida humana, pelo menos para mim, ainda será aquelle capitulo de surpresas que ella nos reserva a cada instante, e com o qual nos ameaça e deslumbra, todas as horas.

Neste momento, minha intenção um pouco mais modesta, é consignar aqui, de relance, algumas prophcias já realizadas, e que foram previstas por homens que, tudo procurando interpretar e investigar, jamais se abalancaram ao terreno das sciencias mystéricas do occultismo.

Principiemos, justamente, pelo grande Emerson.

Quando Emerson, em certo passo de sua Autobiographia, procura explicar o *genio*, como sendo o *contemporaneo do futuro*, a si mesmo explicava e definia.

Eu não tenho noticia, a esse respeito, de conceito nem mais profundo nem mais claro.

Duas ou tres palavras, digamos assim, definitivas e insubstituiveis, e, ninguem melhor do que elle, as justifica e merece.

Emerson, em 1843, prevê as theorias da *relatividade* e, já em 1864, nos annuncia a aurora das doutrinas *freudianas*.

Como se vê, o Ecclesiastes continúa com a verdade, e os genios, igualmente.

Quem folheou o livro citado, lá encontrou, certamente, estas palavras: "Nulle ligne que ne fasse retour. Les mathématiciens nous le diront un jour: ce que nous nommons lignes droites sont des lignes à longues courbes; de lignes droites, il n'en existe pas dans la nature"...

Não estará ahi, em germen, a descoberta de Einstein, antevista pelo genio de um escriptor-philosopho?

Um pouco mais além, o que é para notar, a proposito de Kant, Hegel e Schelling, — Emerson,

accentuando a bastardia dos conhecimentos de outras nações, exalta a Allemanha, em cuja intelligencia de então, elle encontra a *cultura-pratica*, ausente no resto do planeta!

Derivando para outro terreno, mas sempre perspicaz e profundo, Emerson deixaria tombar de sua penna divinatória, essa prophcia que elle previa para os problemas da alma humana: ... "Ce qui nous manque, c'est le Copernic du ciel intérieur"...

E o Copernico appareceu, revolucionando a sciencia e a psychologia. E' Sigmund Freud!

Passando-nos da America para a Europa, vamos encontrar na França, um emulo de Emerson.

Quem é elle? Será um scienista, será um homem de laboratorio, uma pesquisador, um sabio?

Nado disso. Quem será, então?

Demos a palavra a Lucien Descaves, seu incansavel biographo, porque é de Tillier que vamos tratar.

Tillier? o autor de *Mon oncle Benjamin*?

Esse mesmo: ... "un pamphletaire presque ignoré, perdu dans le Nièvre"...

Pois esse pamphletario obscuro e provinciano, diz Lucien Descaves citando o Dr. Michaut, — prevê uma descoberta scientifica, sessenta e dois annos antes que nella pensassem os homens de laboratorio, e fala, já, em *ondulação*, em uma época em que as theorias acerca da luz (theorias de Newton) estavam ainda no nascedouro, e Fresnel era quasi um desconhecido!

Deixando a França pela Russia, lá encontraremos esse monstro, á maneira grega, que foi Dostoiewsky, irmão mais moço de Shakespeare, e que, no *Idiota*, se antecipa igualmente, sessenta annos da sciencia medica, descrevendo magistralmente a *aura epileptica*!

A lista poderia ser maior...

Quero reservar um pequenino espaço á prophcia de um brasileiro.

Esta, é de 1897, e traz uma data preciosa: 14 de fevereiro.

O propheta, aqui, é um simples chronista, que borda comentarios ironicos em torno dos factos da semana.

Quem abrir o seu livro, ás paginas 422, na edição colligida por Mario de Alencar, encontrará o seguinte:

"Ora bem, quando acabar esta seita de *Canudos*, talvez haja nella um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura do *Messias*... Outro Coelho Netto (a chronica saudava o apparecimento do *Sertão*) se tiver igual talento, póde dar-nos daqui a um seculo um capitulo interessante, estudando o fervor dos barbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais facil tel-os dissolvido como uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, reliquia dos *Canudos*, celebre o centenario desta finada seita"...

O erro de Machado de Assis, foi apenas em relação ao tempo, mas a gloria de Euclydes da Cunha está, toda ella, vista e prevista nessas palavras com que elle poderia ter epigraphado *Os Sertões*...

Prophecias... de outra especie, como vêm, mas, nem por isso, menos difficeis de realizar.

Dellas poderão falar, apenas, aquelles que são os *contemporaneos do futuro*!

PHOCION SERPA

Mucio Leão — *Castigada* — Editora Alba, Rio.

E' multimoda e sempre brilhante a actividade intellectual de Mucio Leão que, ao lado da labutação diaria no periodismo carioca, vem realizando uma obra seria de critico, poeta e prosador. Assim, raro é o anno em que não temos qualquer novo livro seu, como ainda agora este romance *Castigada*, que ao simples folhear de suas paginas já nos acena com algumas horas de verdadeiro prazer espiritual e após cuja leitura ha de se dizer mais de espaço nesta revista o que é o ultimo trabalho do nosso illustre confrade.

O ESTRANHO CLAUDEL

(A proposito de *POSITIONS ET PROPOSITIONS II*)

Não ha uma uniformidade em Claudel pela qual o possamos analysar e definir. Quer o exaltemos nas pegadas de Rivière e Madaule — nada menos que “genio” — quer o reduzamos dessa genialidade, sem duvida exaggerada, dando-lhe proporções litterariamente mais humanas, o certo é que existem, pelo menos, dois Claudel, e isso no terreno puramente critico. O homem definirá, acredito, uma personalidade mais homogenea. E será o terceiro Claudel...

Psychologicamente, o caso interessa logo de inicio. Ser assim diverso, sem ser jamais mediocre, que mais lhe poderemos pedir como objecto de analyse? E o certo é que muita cousa mais lhe poderemos pedir.

Principiemos pelo homem, pela creatura Claudel.. Uma paizagem que se movimenta, um rebuscador amavel, e, sem duvida, epicurista, do heterogeneo terrestre. Vida sem episodios concretos, além da sua accidentada movimentação geographica, vida que procura exaltar tudo quanto possa reduzila a proporções communs. Não me contradigo: sem pretender dar de si a idéa de um super-homem, Claudel, mais pelo que occulta do que pelo que revela, é bem um vago mysterio de interpretação litteraria... Aquella physionomia placida, aquelle ar socegado, aquelle meio indifferntismo desdenhoso bem que obedecem a um programma — e com que indeformavel continuidade esse programma vem sendo observado... Até a diplomacia profissional lhe terá favorecido os meios de representar a longa comedia e — não o disse elle aos actores catholicos de Washington? — são tantos os laços entre o diplomata e o actor... Não creio na sinceridade de Claudel. E' claro que me refiro á sua sinceridade integral, á sua maneira de estabelecer contacto com a realidade.

Mas é positivo que ha um mysterio nesse poeta e uma poesia nesse mysterio. Poderemos avisinhar-nos de Claudel: nunca o penetraremos até á intimidade do seu espirito, essa intimidade que se projecta do nosso *eu* — como uma sombra regressa á columna, ou á pessoa, de que se evadira. E é tão raro vermos a sombra de Claudel e tão pouco se afasta, a sombra, do seu portador tranquillo, que mal nos apercebemos de certo minimo desnivelamento, de certa quasi imperceptivel ondulação, e procuramos a figura humana do artista, logo a encontramos toda dentro de si propria...

Todas as suas confidencias giram em torno do *problema da conversão* — inutil pretendermos ir mais além. Pequenos grandes factos da mocidade, accidentes de viagem, o pittoresco exterior, impossivel admittir não haja um pouco de tudo isso na longa biographia do escriptor. Uma vida igual a tantas outras — a diplomacia tudo eguala, e é a estabilizadora universal do cambio da futilidade — uma vida que, elle mesmo o confessa, é

uma permanente representação, sem duvida lhe modelou os gestos pelo figurino cosmopolita e o sorriso, gesto cerebral por excellencia, pelas conveniencias da hora que passa... Ser-nos-á licito admittir a impenetrabilidade dos dois Claudel?

Admittamos, portanto, que Claudel é um grande actor. Não chegarei a pôr em duvida a sinceridade da sua fé. Mas é com impetuosa convicção que ponho em duvida a sinceridade da sua *mise-en-scène*.

Com que cuidado elle evita contar-se, revelar-se... Dirão os do mesmo credo: só houve um grande accidente na vida de Claudel. Mas não: accidente interior, se quizerem, apenas o da sua conversão. Mas esse mystico está bem longe de ser um inadaptado, seu mysticismo nunca seria uma misanthropia. Ter-lhe-ão sorrído os salões de Cosmopolis e sobre os decotes da Venus cosmopolita quantas vezes seus olhos não terão baixado... Bellezas de todos os climas e todos os climas de belleza protestam contra o nenhum paganism desse frigido das grandes emoções communs... Ha reticencias e reticencias, na vida de Claudel, ao contrario do que observou Jacques Madaule na sua poesia a corpo inteiro, de uma só emissão, um unico sôpro, indivisivel, ponto de vista aliás sem originalidade pois não passa da propria esthetica do poeta verificada pelo critico. Verificação arbitraria, em que tudo é possível: a emissão unica, o unico sopro, indivisivel dos versiculos claudelianos são puras unidades subjectivas, valores indeterminados, de um apriorismo por tudo e em tudo inimigo do concreto.

Mas, ao contrario do que certos leitores gostariam de pensar, eu não sou um intolerante quando falo ou escrevo de Claudel. Considero-o mesmo um poeta, talvez um grande poeta e certas paginas, certas approximações, certas dissociações a que nos habituou, não raro certas geniaes *trouvailles* são joias de preço de um refinado joalheiro das idéas.

Inimigo de todo classicismo terá generalizado e mexcesso, ignorante de que o classico é o real. Conseguiu, assim, definir, em prolongamento normal, a continuidade de um processo anormal e a tradição franceza encontrou na esthetica de Claudel um authentico remoinho perturbador. Aceitavel como todas as excepções, acceitemol-o tal qual elle se nos apresenta. Mas nem por isso deixemos de analysar o Claudel anti-classico, isto é, o Claudel anti-humano.

Ha nessa obra, que muitas vezes se humilha, uma permanente demonstração de orgulho interior, de intransigencia, de satisfação pessoal contra a insatisfação geral. Um poeta que, antes de cantar, explica ou tenta explicar a natureza do seu canto e o modula sempre dentro do collete de forças de uma idéa preconcebida será, e é o caso de Claudel, um grande intellectualista mas não entrará

jamais no coração, na sensibilidade, na sympathia de raros leitores a nota lyrica propicia a todas as evangelizações sonoras.

Uma cousa é a theologia de Claudel, a doutrina do creador, as possibilidades da sua vibração doutrinar, outra a meia luz da sua indecisão, o esforço da sua apologetica, a cryptographia das suas bellezas... Não chegarei ao ponto de negar que um bello poema em cifra deixe de ser um bello poema mas será sempre um poema incommodo... O Claudel que se esconde será, possivelmente, um mystico sincero mas com certeza que é um poeta insincero.

Lá no fundo, mais do que a influencia de Rimbaud, sempre e sempre a de Mallarmé. Ao contrario de Valery, que tem dito tantas cousas claras, principalmente nas linhas de crystal de uma prosa que é uma permanente violação de todas as cousas obscuras, Claudel cultiva a penumbra por amor da penumbra, e até ao dizer o simples bom-dia de todos os dias exige, para a perfeita comprehensão das duas palavras communs, a leitura previa da sua *Arte poetica*...

Onde elle é mais interessante, direi mesmo onde elle apparece mais genial, é nas paginas modestas de *l'Oiseau noir dans le soleil levant*. Modestas porque, ahi, elle sentiu a necessidade de ser comprehendido e falou a creaturas com a intenção *generosa* de se fazer immediatamente interpretado. Utilidade das conferencias publicas...

Foi genial, saboroso, pittoresco ao falar da mesura nipponica e descobriu, de facto, certas correlações ao mesmo tempo claras e indecifráveis entre o gesto de um mandarim e a sua determinante interior. E o que nos diz do *Nô*, do theatro nipponico, da indumentaria e dos artistas attinge por vezes a subtilidade refinada, depurada, exaggerada mesmo de um pensamento que deu a volta a todas as sensações e creou uma nova sensação. Claudel possui um sexto sentido e consegue trazer até nós a impressão do novo, do nunca visto e nunca ouvido. Dentro de muita banalidade e de muita vaidosa suggestão palpita uma força nova, não raro perturbadora. E é curioso como esse escriptor que abstrahiria, para escrever, da sua objectividade, consegue ser claro, transparente e tão profundo que nos deixa a impressão de um bocado de luz circumtornando um bocado de sombra, instigando-nos com a duvida visual de não sabermos mais se foi a luz que se deixou invadir pela sombra ou a sombra que se deixou violar pela luz. O mundo physico encontrou nesse mystico um interprete que lhe deu novos valores tornando-o imponderavel, roubando-lhe toda sensação de peso — como elle soube sempre comprehender, o homem que dança, Nijinsky, por exemplo — mas conservando, dentro da variavel de um pensamento que se dispersa a unidade de uma força que é a sua constante e o seu mysterio.

JAYME CARDOSO

Luiz de Góngora — *Os ultimos Samanegos* — O Livro Vermelho — Rio.

Esta novella "sentimental nostalgica e dolorosa", como bem a definiu a sra. Chrysanthème, traz illustrações perfis e lettras do proprio escriptor, que assim se revela artista de mais de uma arte. Ha muita delicadeza nas recordações de infancia, nas doces sombras familiares que enchem o livro. Ainda certa insegurança, de quem escreve em lingua alheia, mas indiscutíveis attributos de prosador.

Aldous Huxley — *Contraponto* — Trad. de Erico Verissimo. — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Ao lado de obras celebres de Papi-ni, Chesterton e Glasser, na "Collecção Nobel", em tão boa hora iniciada pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, surge, agora, o magnifico romance de Aldous Huxley: *Contraponto*, sem duvida um dos romances mais notaveis apparecidos na Inglaterra nestes ultimos annos. Na verdade, ninguém como Huxley soube pintar um tão vasto e bello panorama da sociedade londrina de após-guerra e os numerosos personagens que cruzam e recruzam as suas paginas, soffrem e se agitam aos nossos olhos, trazem todos os traços bem marcantes e se fixam indelevelmente na nossa retentiva. *Contraponto*, dois exhaustivos volumes de difficil traducção, foi vertido para o nosso idioma por Erico Ve-

rissimo, o fino escriptor que não ha muito nos deu *Clarissa*, e é esta a melhor recommendação que pode ter o leitor a respeito do bello romance que a Livraria do Globo acaba de incluir na sua collecção de obras notaveis.

CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO

Prevê-se o maior exito para o I Congresso Afro-Brasileiro que se deverá realizar em Recife de 11 a 15 deste mez.

Este Congresso tem por fim reunir estudos sobre a influencia africana no desenvolvimento cultural do Brasil, e sobre o problema da relação de raças em nosso paiz. Além disso, na mesma occasião, haverá uma exposição de objectos de seitas afro-brasileiras e outra de desenhos e pinturas fixando aspectos da vida africana no Brasil, que reunirá trabalhos de Cícero Dias, Luiz Jardim, Di Cavalcanti, Noemia, Manuel Mandeira e outros artistas patricios. Sabemos tambem que ao mesmo certamen devem comparecer e apresentar valiosos trabalhos os srs. Arthur Ramos, Ulysses Pernambucano, Renato Mendonça, Gilberto Freyre, Edison Carneiro, Mario Marroquim e Valdemar Cavalcanti.

O caracter de uma nação é mais importante do que a sua opulencia.

Joseph Chamberlain.

Paulo Gustavo — *Era uma vez uma illusão* — Civilização Brasileira S. A. Rio.

Mais um livro de Paulo Gustavo, o que quer dizer mais um triumpho para o poeta que goza de situação verdadeiramente privilegiada entre os seus pares e cujos versos são lidos e recitados pelo Brasil inteiro. Todo o mundo está lembrado do que foi e continúa a ser o exito de *Por amor do meu amor*, livro que já alcançou a terceira edição e teve a saudal-o nomes dos de maior prestigio nas nossas lettras, como os de Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Ademar Tavares e muitos outros. Pois bem, *Era uma vez uma illusão* nada fica a dever áquella e outras collectaneas poeticas de Paulo Gustavo, que breve se fará tambem conhecido como prosador, sendo que já são aguardados com justa anciedade os seus proximos trabalhos sobre a figura de Napoleão.

— Acaba de ser publicado o ultimo volume, isto é, o vigesimo, da *Correspondencia de Jean Jacques Rousseau*, num total de 4.148 cartas, além dos documentos annexos, e que abrem luminosas clareiras não só sobre a Historia propriamente dita, mas sobre a historia das artes e das sciencias e sobre a vida social durante o seculo XVIII.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Rodrigo Octavio — *Minhas Memórias dos Outros* — 1.ª série. Livraria José Olympio. Rio.
- R. Magalhães Junior — *Improprio para Menores* — Editora Record. Rio.
- José Vieira — *O Bota-Abaixo* — Selma Editora, Rio.
- Juvenal Brasil — *Sinos de Ouro Preto* — Livraria Schmidt. Rio.
- J. G. de Araujo Jorge — *Meu Céu Interior* — Selma Editora, Rio.
- Paulo Gustavo — *Era Uma Vez Uma Ilusão* — Civilização Brasileira, S. A. Rio.
- Muc'o Leão — *Castigada* — Editora Alba, Rio.
- Augusto Frederico Schmidt — *Canto da Noite* — Comp. Editora Nacional, S. Paulo.
- A. Austregesilo — *Viagem Interior* — Editora Conkson, Rio.
- Cunha Lopes — *Eschizophrénia* — Editora Conkson, Rio.
- Rolando Monteiro — *Esterilidade* — Editora Conkson, Rio.
- Aldous Huxley — *Contraponto* — Trad. de Erico Verissimo — Livrario do Globo, Porto Alegre.
- Lenine — *Memórias* — Selma Editora, Rio.
- M. Pujo — *O Pequeno Rei de Bengala* — Coll. "Menina e Moça". Livr. José Olympio, Rio.
- Jean Rosmer — *A Princeza e a Cigana* — Coll. "Menina e Moça". Livr. José Olympio, Rio.
- Marguerite Bourcet — *A Herdeira de Perlac* — Coll. "Menina e Moça", Livr. José Olympio, Rio.
- Marguerite Froment — *A Menina Feliceira* — Coll. "Menina e Moça". Livr. José Olympio, Rio.
- Archivos Brasileiros de Medicina Legal e Identificação* — Anno IV, N.º 9. Julho, 1934.
- Luc Durtain — *Captain O. K.* Ernest Flammarion, Paris.
- Id. Id. *Douze Cent Mille* — Librairie Gallimard, Paris.
- Ives Chatelain — *Luc Durtain et son Oeuvre* — Paris.

A. Thalheimer — *Introdução ao materialismo dialectico* — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

Encontra-se aqui, em linhas nitidas, o fundamento das theorias marxistas. Tudo, nesta exposição directa, trahe o desejo da maxima concisão. Os trechos allusivos á philosophia idealista na antiguidade, a Hegel e Feuerbach e á concepção materialista da historia, são de um espirito talhado indiscutivelmente para as melhores definições syntheticas. Quanto á traducção, do sr. Luiz Monteiro, é das mais elegantes na absoluta simplicidade.

Lenine — *Tactica e objectivos da Revolução* — Selma Editora — Rio, 1934.

Nesta obra, traduzida pelo sr. Radamés Montá, são expostos os pontos nucleares da campanha de Lenine. Interessam muito particularmente os capitulos consagrados ao programma agrario dos economistas que se inspiram, directa ou indirectamente, em Karl Marx. A parte perduravel e a parte caduca do grande theorista de procedencia judaica ahi estão bem visiveis, através da interpretação do grande realizador de procedencia mongolica que as levou ao terreno da applicação politica.

Clifford Whittingham Beers — *Um espirito que se achou a si mesmo* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

E' a narração de um homem que conseguiu libertar-se da loucura. Obra de extrema originalidade, que William James e o cardeal Gibbons elogiaram. Traduziu-a, com o maior esculpulo, o sr. Manuel Bandeira e o sr. Afranio Peixoto enriquece-a com um prefacio, dos mais definidores do sentido do volume.

Nelson Hungria — *Fraude penal*. — A. Coelho Branco Filho — Rio, 1934.

E' a segunda edição, ampliada, de um livro bastante festejado, á hora da sua apparição, pelos especialistas em estudos jurid'cos. Juiz Pretor no Districto Federal e livre Docente da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, o sr. Nelson Hungria pensa como magistrado e escreve como homem de letras. Seu volume sobre a *Fraude Penal* é um precioso documento para a gente do fóro e agradabilissima leitura para todos nós.

Per Skansen — *A Conversão de Eva Lavallière* — Civilização Brasileira — Rio.

E' o edificante fim de vida de uma creatura que exerceu tamanha fascinação nas rodas mundanas de Paris. Como no tempo das grandes conversões miraculosas, essa alma acabou encontrando-se a si mesma, descobrindo o que havia em si de naturalmente christão, para falar como o doce e aspero Tertulliano. E foi a solidão num recolhimento humilde e foi um sepulchro num sitio sem pompa. A traducção do livro que nos relata todas essas coisas emocionantes, e as relata sempre com uma angustiosa simplicidade, devemos-a ao admiravel escriptor Ribeiro Couto.

René de Castro — *Europa inquieta* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Critico theatral aqui no Rio e em São Paulo, o Sr. René de Castro, que é de procedencia campista, apresenta-nos no momento as suas impressões de viagem a Portugal, á França, á Inglaterra e á Belgica. E' uma reportagem das mais lepidas e que se percorre sem nenhum cansaço. Os capitulos consagrados aos conflictos surgidos por occasião do processo Stavisky são, a nosso ver, dos mais attrahentes.

Azevedo Amaral — *O Brasil na crise actual* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Encontram-se aqui boas paginas do nosso eminente sociologo a proposito de individualismo e collectivismo. Parecem-nos tambem dos melhores os seus conceitos em relação ao conflicto de culturas. Ler Azevedo Amaral equivale sempre a estar em contacto com um homem que longamente reflecte antes de tomar da penna e, em tomando da penna, sabe escrever com clareza avessa a charlatanismos de qualquer especie.

C. da Veiga Lima — *No limiar da vida secreta* — Pongetti — Rio, 1934.

E' conhecido o ensaio do sr. Veiga Lima a proposito de Farias Brito e o movimento philosophico contemporaneo. Tambem o seu romance *Maria Eleonora* foi bastante louvado pelos familiares desse nobre espirito. E agora esta nova obra de ficção, *No limiar da vida secreta*, finalmente illustrada pelo sr. Oswaldo Gooldi, não deixará de suscitar igualmente uma brilhante série de commentarios por parte dos nossos julgadores mais cultos.

POR ESTES DIAS:

V E R T I G E M

NOVO ROMANCE DE

GASTÃO CRULS



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDATOR-CHEFE

Agrippino Grieco

AMERICANIDADE

Argentinidade... Brasilidade... Porque também não americanidade? Exprimiria essas aspirações um tanto vagas ainda de autonomia mental. Será programma para o successivo das gerações, alvo a attingir dentro de seculos futuros.

Agora o passado europeu, a columna atmospherica da cultura, pesa demasiado sobre nós — e a experiencia mais profunda, ancestral, está povoada de horizontes de outros climas, repleta de lendas, conceitos e categorias formadas da outra banda.

E quarenta seculos de litteratura nos opprimem. E a sciencia, que aqui se usa, veio de lá, e o direito que nos rege, nas linhas estruturales, é quasi o mesmo que, ha 14 seculos, Justiniano mandou codificar.

Contrastando com essa herança irrenunciavel, incorporada ao patrimonio da sociedade em que vivemos e ao do nosso proprio subconsciente, ha o desejo de sermos outros, de ficarmos differentes, de trazermos algo nuevo á vida americana.

Mas, o mundo das possibilidades é fertil em chimeras e dois talheres possiveis são mesmo um pouco differentes de dois talheres reaes, coisa de que póde duvidar o logico allemão, porém, que é certeza para o vendilhão da esquina, que só conhece o valor intrinseco do ouro.

A tragedia do americano culto origina-se da convicção de que, apesar dos arranha-céos — talvez a unica novidade nossa no dominio das artes — o continente não passa de paisagem, e as suas cidades, mesmo as antigas e populosas, não são cidades, porque suas pedras, esquinas, praças, templos, ruas, jardins, não estão ainda impregnadas de historia que interesse ao mundo e mereça ser contada.

Por aqui Socrates não confabulou com dilectos discipulos, nem Platão, nem Aristoteles... Jesus não palmilhou esses caminhos, nem por aqueles outros, lageados, passaram as legiões romanas.

Tambem aqui não ha cathedraes gothicas. Não comprehendo Goethe quando disse: "America, tu és mais feliz do que o nosso velho continente, porque não tens cathedraes arruinadas nem basaltos vulcanicos".

Feliz a America, porque só tem paisagens, cidades que não são cidades, povos que ainda não soffreram!...

Feliz a America! Ironia do mago de Weimar... Toda a tua historia pos-colombiana, a unica que sentimos, não vale a de Florença, no momento em que ella foi a flôr do mundo e a consciencia da especie.

Feliz a America! Mas Dante não viu os teus philosophos, os teus politicos, os teus peccadores no purgatorio e no inferno, nem as tuas almas eleitas formando a rosa mystica no paraizo!

A tragedia da America é a tragedia das civilizações transplantadas. Não podem olhar para o longinquo passado porque elle não é mais seu, e lhes falta imaginação para antevêr o futuro.

Demais, na balança dos valores só os genios e os pobres de espirito trocam as realidades pelas possibilidades. A maioria dos mortaes prefere um passaro na mão a dois a voar, e no caso vertente a certeza do que já passou pela incerteza do que vae passar.

Americanidade póde ser collyrio para nos achar a visão do amanhã, ou uma meizinha para lenitivo da incuravel nostalgia do Occidente.

Asia e Europa tiveram bastante tempo de se formar lentamente, e já affirmava Euripedes ser o tempo pae de prodigios. Fizeram a experiencia da juventude, da maturidade e da velhice; os magestosos organismos de suas culturas viram primaveras, carregadas de sonhos e esperanças; verões em que maduraram os fructos; outomnos em que foram colhidos; invernos, em que a existencia da propria arvore perigou, recobrando forças para

RICHARD ALDINGTON — All men are enemies

Conforme nos avisa o autor em curta nota que precede o livro, *All men are enemies* é a historia de um homem que sobreviveu á Grande Guerra. Mas não é só isto. E' tambem um protesto contra a civilização industrial que nasceu no seculo passado e que já deu como fructos terriveis a guerra de 1914 e a Crise Economica de 1928; é um appello aos homens de alma, de sangue, de vida emfim, para que resistam á estandardisação dos sentimentos e dos gostos, ao habito perigoso de trabalhar para enriquecer, á ancia de se distrahir a todo transe. Por este lado, Richard Aldington se approxima de Aldous Huxley, de D. H. Lawrence que, influenciados talvez pela cultura classica predominante na Inglaterra de principios do seculo, clamam por uma volta á natureza, por um homem de carne e osso que viva pelos sentidos e para os sentidos.

Certamente sensual, não quer isto dizer, no emtanto, que Richard Aldington tenha abandonado o espirito ou o despreze. Ao contrario, *All men are enemies* resume a luta de um homem por

renascer. A experiencia do trabalho, a do gozo, a do soffrimento.

A America só tem a experiencia do trabalho, ainda não gozou, ainda não soffreu. Só o negro soffreu na terra de Colombo, por isso só elle contribuiu para a musica, e sapateia nos palcos a liberdade, com a alegria ingenua das crianças.

Novas expressões architectonicas, assimilação de musicas barbaras, tendencias ao nivelamento social, apprendizado de liberdade, eis, em summa, o resultado de quatro seculos.

Como é lenta a educação de um continente!

No conflicto entre as forças do meio e do passado, ainda não se integrou a alma americana.

E os espiritos mais brilhantes, mesmo porque são cellulas do organismo cultural, oscillam entre a paisagem e a cidade.

O nosso grande Nabuco teve a coragem de confessal-o certa vez. Encontraram expressão na sua penna adamantina os sentimentos mais reconditos de milhares de americanos, que sobrepõem ao nativismo ingenuo o amor da verdade e uma experiencia mais bella e mais completa da vida.

Todavia, caberá á America recolher a herança da civilização occidental, no dia, talvez proximo, em que a ninguém seja mais possivel viver na Europa existencia digna de homem civilizado.

Quando soar essa hora hypertragica, o Novo Mundo, dentro da democracia, como Athenas no tempo de Pericles, terá formidavel missão a cumprir: salvar os thesouros moraes da civilização do Occidente.

Por emquanto americanidade é apenas uma bella palavra e a miragem de um programma magnifico.

ALCIDES BEZERRA.

seu ideal, ainda que pagão. Começa o livro com uma reunião dos deuses, banidos da terra pelo des-caso dos homens, e os quaes, de accordo com a suggestão de Jupiter, deverão cercar de graças um menino que está para nascer. E' assim que, sob a influencia de Pallas-Athenas, Antony Clarendon vem ao mundo com o desejo eterno do bem, com esperança, coragem e fé nos homens. Aphrodite dá-lhe sciencia nas cousas do amor, das quaes nenhuma é feia, e sobretudo o divino senso do tacto pelo qual elle poderá conhecer os deuses immortaes. Finalmente Isis o condemna a buscar sempre os fragmentos perdidos da belleza, uma paz que não pode existir, um extase que é um sonho. Assim armado, começa Antony a sua vida, numa bella residencia de campo cercada de magestosas arvores, zelado por paes cultos e gentis, e por Annie, a empregada cuja nudez sadia e robusta lhe revela muito antes da puberdade o prazer do olhar. Mas é com Evelyn, sua prima, que elle se inicia no mundo maravilhoso do tacto, mesmo que casto, no extase do sentir vibrar o corpo com rythmo suave ao apalpar a pelle lisa, a carne morna de outro corpo. Já homem quasi, Antony vae pelo mundo e em Aeoea encontra Katha que na dadiwa simples e plena da sua feminidade lhe desvenda o amor. Mas a guerra os separa brutalmente, e Antony quasi se perde no inferno das trincheiras. Em 1919 é um homem quebrado, ferido no corpo e na alma, que sae tropeçando, tateando, á procura de Katha, da mulher, do amor. Afinal, desesperado, elle cede á influencia do meio, casa com Margaret e entra como director para uma firma da City. Mas é em vão, pois Antony não se adapta nem ao trabalho nem á esposa, e, abandonando a ambos, volta a correr mundo em busca do seu eu. Quando finalmente o deixamos, está feliz, pois tendo encontrado Katha novamente, voltou a vida a ser vida e cada hora uma aventura.

Certamente a muitos desagradará a mensagem que Richard Aldington transmite neste livro. No emtanto para outros a busca de Antony Clarendon será a busca das verdades essenciaes. A estes *All men are enemies* encantarà como resposta a uma pergunta muitas vezes repetida, e estamos certos de que todos reconhecerão neste livro algumas paginas de exaltada belleza e verdadeira inspiração.

JACK SAMPAIO.

— Samuel Rocheblave estuda *Vauvenargues ou la Symphonie inachevée*, mostrando um bello talento de moralista a proposito do philosopho subtil que, apesar de ter abraçado a carreira das armas, sempre conservou ao fundo de si mesmo o gosto dos livros e das meditações solitarias. Vauvenargues, que foi admirado por Voltaire, differia bastante, na sua delicadeza e na sua confiança na bondade do homem, da sequidão e do pessimismo sarcástico de La Rochefoucauld.

ORIENTE E OCCIDENTE NA ACTUALIDADE LITTERARIA

A sensibilidade litteraria do extremo Oriente revela singulares affinidades com a dos paizes da Europa Occidental. Ao lado da litteratura dos proletarios marxistas cresce a dos proletarios tradicionalistas, e os pintores de costumes regionaes japonezes confundem-se com os naturalistas typicamente francezes ou anglo-americanos. Ha ainda os escriptores de caracter sobrio, positivo, pragmatico, discreto, que recusam contacto com os néo-idealistas e desbravam heroicamente os caminhos sempre melancolicos da realidade. A tendencia para analyse do ambiente social moderno, onde se defrontam as mais rudes e autoritarias doutrinas politicas, do nacionalismo exasperado á violencia communista, creou no Japão uma solida mentalidade reconstructora. Ali, como em todos cantos da terra, a litteratura proletaria não tem outro objectivo senão o de agravar, atravez romances cheios de dôr, de sacrificios e de miserias, a velha lucta de classes, subordinando a uma fórmula sovietica todas as cousas do mundo. O argumento sentimental da exploração do fraco pelo forte — e o marxismo pratico de Moscou é peor que isto — surge revestido de lantejoulas de rhetorica.

As novellas populares do oriente não cuidam de seres fantasticos, de personagens fabulosos ou sobrenaturaes, mas dessas existencias inglorias, que definem o grande instante do universo moderno, instante do ultrismo, da néo-sensibilidade, do surrealismo e de outras concepções imprecisas da arte moderna. Possui o Japão escriptores dotados de uma rêde imaginativa tão agil quanto os mais graciosos e irreverentes da vanguarda litteraria européa ou norte-americana. Uma especie de mystica symbolista conduz os prozadores mais jovens, suavizando-lhes as asperezas do conflicto materialista da vida e permitindo surtos admiraveis no dominio da ficção pura e da fantasia.

Os escriptores do immenso imperio do Pacifico ainda não se libertaram de certas ingenuidades, e, assim, a inspiração artistica ou poetica se apresenta timida, repassada de um vigoroso traço de primitivismo, que obscurece as mais audaciosas creações espirituaes. Sob esse aspecto, a producção do extremo oriente se equipara á da America septentrional, onde se chocam duas correntes — regionalistas, do typo de William Faulkner, Ernest Henning, Scott Fitzgerald e Carl Cramer, que exaltam a prodigiosa vitalidade dos Estados meridionaes, e os universalistas, que não concebem o mundo contemporaneo senão como um jogo complexo de forças collectivas.

As historietas de Nagai não diferem em seus motivos fundamentaes — a natureza, os elementos da Creação, as forças eternas, os milagres e os mysterios cosmicos — dos quadros pantheistas de Carl Cramer, onde encontramos os symbolos mais grotescos e peregrinos: a chuva de estrellas que banhou o Alabama, a força prodigiosa do negro Williams, os segredos da maga Carter. Sobre as origens e as directrizes actuaes da novella norte-americana, gravou o escriptor Maurice Edgard Coindreau um dos mais claros estudos criticos destes ultimos tempos. Ha uma energia profunda em todas as cousas. Profunda é ainda a simplicidade com que os psychologos, os poetas e os novellistas da America decompõem a realidade dos destinos humanos.

Na litteratura do oriente, o culto do passado mantem a unidade ethnica; na litteratura occidental, esboça-se, a todo o instante, a tragedia de uma nacionalidade que traça syntheses audaciosas para gozar o espectáculo da eterna liberdade do espirito.

O nacionalismo triumphante ao norte do Pacifico deve a sua expansão ao combate á litteratura esquerdistista, que procurou

se infiltrar no pensamento colectivo do Japão. O estímulo da arte européa, o progresso da cultura nacional, a liberdade dos circulos litterarios, escreve um impressionante asiatico, contribuíram para o prestigio das letras japonezas, e isso não impede affirmar que o momento é alli bastante cahotico e tende para a vulgarização. Ha mais irrealdade e gosto do exotico entre os norte-americanos, que não copiam a realidade, á feição dos naturalistas europeus do seculo passado, mas inventam scenas e episodios que muitas vezes excedem a realidade objectiva. Tres figuras dominam, em nossos dias, a litteratura septentrional: o "gangster", o mineiro revoltado e o negro ansioso de egualdade e libertação. O escriptor asiatico fixa um só typo — o operario rural, porque elle é a somma de todas as iniciativas e esperanças humanas. Personagens inverosimeis, animando aventuras extraordinarias, á semelhança dos bandidos e dos feiticeiros de Faulkner, não se adaptaram ainda ao clima de Takeo Kato. Terão os imaginarios do extremo oriente um sentido mais nobre, mais amplo e mais humano da realidade que os utilitarios americanos do norte? Se a vida pratica dos Estados Unidos modelou o homem do seculo XX, sua actividade litteraria pertence á primeira phase do naturalismo europeu.

BEZERRA DE FREITAS

Rubens do Amaral — *Terra Roxa* —
Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Em fórmula romanceada, o sr. Rubens do Amaral explora varios assumptos de finalidade social e economica. Seu livro "é um film synchronizado de uma fazenda de café em 1918" e, apesar de publicado com algum retardamento, não envelheceu, adquirindo ao contrario um certo caracter historico, pela perspectiva no julgamento de alguns factores de ambiente desaparecidos ou prestes a desaparecer. Trata-se de um valioso documento sobre a nossa vida rural, aclarando muito bem certos aspectos confusos da "derrocada do café".

"S. BERNARDO", de Graciliano Ramos

Li ainda em original o segundo romance de Graciliano Ramos. De *Cahetés* para *São Bernardo* o romancista realizou uma admirável ascensão. Ao contrario do que succedeu ao poeta Jorge de Lima depois da publicação do *O Anjo*. O que, de algum modo, salvou o poeta alagoano foi a humanidade que elle soube imprimir ao padre Joseph Anchieta, no seu ultimo livro. No entanto, a gente encontra ás duzias pelo seu trabalho — guerra bonita — quando se refere ao miseravel trucidamento dos indios pelos agentes de cruz e espada da colonização portugueza. Mas são coisas de poeta que não desce de seu arranha-céu para se misturar com as gentes das ruas. Mesmo assim, com muitas outras falhas de observação, prefiro o *Anchieta* ao *O Anjo*, que em recente artigo, publicado na edição de anniversario do *Diário de Pernambuco*, Olivio Montenegro classificou de "nem anjo e nem diabo". E' o mesmo que dizer: — coisa nenhuma, livro falhado.

Mas vamos ao *São Bernardo* deste outro escriptor alagoano. Embora não seja um romance de massa, porque a historia que Graciliano Ramos teceu gira em torno de um fazendeiro, o livro é um documento honesto da vida de fazenda nordestina. Aquelle Paulo Honório representa muito bem o typo do fazendeiro capcioso e cheio de defeitos da sua classe. O ciúme morbido pela mulher, as scenas de selvageria com os moradores e o despotismo feudal têm uma força muito intensa de realidade. Mas, de accôrdo com o que Paulo Honório diz no fim do livro, elle não possuía a culpa de ser ruim. A ruindade d'elle era uma resultante da maneira como conseguiu "vencer" na vida! De conformidade com o meio, elle para ser alguma coisa tinha de fazer tudo aquillo, proceder de toda fôrma para afastar os concurren-tes, contanto que chegasse a ser dono do *São Bernardo*. E o Padilha, que sугeito curioso! Um typo complicado de idealista e de

covarde. O que se destaca, acima das suas outras qualidades, no romancista de *São Bernardo*, é o poder muito forte que elle possui de descrever seus personagens em perfeita correspondencia com o ambiente onde se desenvolve a historia do romance. Até o adulterio com a mulher do Marciano. Até aquella gratidão com a mãe-preta Margarida. Tudo muito humano, muito nosso, de um regionalismo puro e verdadeiro.

Falta no romance o drama do trabalhador do eito. A tragedia intima entre Paulo Honório e a mulher, as ciúmadadas ridiculas e o temperamento abrutalhado do marido, absorveram completamente os homens do eito, a vida do campo, a exploração feudal do fazendeiro, tudo enfim que se relacionasse com a lucta economica, com a miseria humana, com o desconforto dos pobres diabos que levavam braço no pé do ouvido quando a revolta apparecia nos labios. Como succedeu no caso do Marcolino. E' verdade que temos uma idéa da lucta de

classe pelas referencias de Magdalena. Pelo "socialismo" do Padilha, que terminou como soldado da "revolução liberal", caso de uma generalização unica no Brasil de 1930. E mais algumas referencias apenas aos casebres humidos e frios. A gente dos casebres humidos e frios não tomou conta do livro. Apparecia sempre como panno de fundo das brigas de Paulo Honório com Magdalena. Já no *Banguê*, embora a vida de Carlos de Mello seja a movimentação em primeiro plano, a lucta dos cabras de eito, a vida destes párias, actua mais impressionante no livro, toma parte mais saliente do que no *São Bernardo*.

Os dialogos são bem organizados e se estendem naturalmente, sem o escriptor forçar os personagens. Elles falam por si, ausentes da censura directa do romancista. Este, em *São Bernardo*, puxa os cordões dos mamolengos humanos e elles começam a agir. O unico que soffre directamente a influencia do temperamento secco do autor é o Paulo Honório. Mas, assim mesmo, ás vezes, elle vira um poeta regional. O "seu" Ribeiro, contando a sua vida, nos communica alguma coisa mais forte do que simples piedade para com a sua decadencia. Esta alguma coisa me parece muita poesia. Uma poesia que podemos chamar de recordativa. Quantas vezes estamos a evocar, num lugar esquecido, a vida que ficou atraz e os acontecimentos antigos, ás vezes, banaes, vêm chegando, devagarinho, com uma suavidade tão bôa, que nos entregamos a elles e nos deliciamos, silenciosamente, em recordal-os com um gozo quasi doentio. Gozo de revivel-os e soffrimento por não podermos recuar no tempo.

ADERBAL JUREMA

O mais bello livro de memorias da lingua portugueza, inigualavel na graça, no estylo, na superior essencia do pensamento e da sensibilidade:

MINHA FORMAÇÃO

de Joaquim Nabuco.

Varias tiragens foram feitas e todas se esgotaram. Ha muito que não se encontrava um exemplar desta obra-prima senão nos "sebos". A Companhia Editora Nacional e a Civilização Brasileira S. A., entretanto, empreenderam a publicação de uma

EDIÇÃO UNIFORME DAS OBRAS DE JOAQUIM NABUCO

e o primeiro volume dessa série admiravel acaba de aparecer. E' o MINHA FORMAÇÃO, br... 8\$000

A seguir apparecerá, em dois grosso volumes, a grande obra historica de Joaquim Nabuco, reclamada por milhares de estudiosos, e esgotadissima: UM ESTADISTA DO IMPERIO.

Procure em qualquer livraria do Brasil e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Edifício Alhambra e Rua 7 de Setembro, 162 — Rio

O romance policial, de tão grande exito por todo o mundo, continua a tentar as pennas mais famosas. Agora mesmo Tristan Bernard estreia-se no genero com *Visites Nocturnes*, um punhado de paginas cheias de lances abracadabrantes, que empolgam definitivamente o leitor.

CARLOS CHAGAS

O Governo e o paiz prestaram a Carlos Chagas as maiores homenagens. Na Candelaria, a eça immensa, coberta de preto, e circundada pelas innumeras velas que ardiam, era o ponto de convergencia de todos os olhos, abatidos, ainda pesados de tristeza e obscurecidos pela dôr. Cada uma das pessoas alli presentes invocava a figura de Carlos Chagas e cada uma por motivos differentes.

Lá estavam os pequenos funcionarios e os operarios do Instituto de Manguinhos. Tinham os sentimentos espontaneos e simples dos homens em que a cultura intellectual não introduz complicações e subtilezas deturpadoras. Sabiam todos que o director extinto era um grande homem. Com o desprendimento que felizmente ainda é uma riqueza intacta de nosso povo, elles sempre guardaram essa ingenua e tão tocante capacidade de admiração, esse primitivo e tão absoluto poder de entusiasmo, que só se conservam inalterados, quando nenhum grão de ambições proprias, ou nenhuma possibilidade de comparações, subrepticamente se introduzem e começam a corroer as almas. Entretanto, desse grande homem elles possuíam uma imagem simples, de tolerancia, de bondade, de accessibilidade. Sem descer á familiaridade, Chagas disfarçava sua autoridade, não em uma artificial e estudada affabilidade, mas com uma natural e profunda doçura.

Lá estavam tambem os pesquisadores e os technicos. Certamente reflectiam sobre essa figura, que soube sempre respeitar as individualidades, deu-lhes a plena possibilidade de desenvolverem suas idéas e proseguirem em seus trabalhos, ou ainda de tranquillamente esperarem que chegasse o momento de annunciar os resultados das pesquisas.

A liberdade concedida pelo director do Instituto era absoluta. Cada um fazia o que queria ou o que julgava querer, porque aos homens de sciencia, mais do que a quaesquer outros, se applica a phrase de Schopenhauer: "Sem duvida um homem pôde fazer o que quer, mas não pôde querer o que quer."

Essa attitude de Chagas em relação aos trabalhadores do Instituto foi por vezes mal interpretada. Consideravam-na como uma prova de desinteresse, de indifferença. E certamente não o era. Chagas tinha uma personalidade muito accentuada e, talvez, o fundo de seu temperamento fosse absorvente e um tanto exclusivo. Nos assumptos que lhe tocavam de perto, era de vêr o vibrante interesse por elle manifestado. Mas, sua intelligencia era feita de um modo especial: tornava-se necessario que elle mesmo creasse de novo por um trabalho proprio, as noções que lhe vinham do exterior. Mesmo que chegasse a resultados já anteriormente obtidos, esses tinham qualquer coisa de seu, soffriam já a impressão de sua maneira de sêr. A intervenção constante de personalidades fortes só é util quando um chefe dirige uma escola limitada a um campo de pesquisas estreito e espe-

cializado. O Instituto alargara-se consideravelmente: a Physico-Chimica, a Physiologia, a Chimica vieram emparelhar com a Microbiologia, a Parasitologia; a Anatomia pathologica desenvolveu-se e cresceu após a Pathologia experimental propriamente dita. Chagas preferiu, de certo, que os cultores de cada uma dessas sciencias tivessem seus movimentos livres e faceis; o melhor seria não intervir directamente nas actividades pessoases.

Todos os technicos do Instituto tinham a convicção, e encontravam frequentemente razões para reforçal-a, de que Carlos Chagas havia concentrado na sciencia e no bem do paiz a razão maxima de sua vida. Sabiam-no despreoccupado de proveitos materiaes. Nunca esqueceram o seu gesto destinando o producto de um premio a elle conferido pelo Governo, em reconhecimento de sua descoberta da nova doença, ao monumento de Oswaldo Cruz. As razões moraes, ainda mais que o prestigio intellectual, variavel com a sorte dos trabalhos, são os verdadeiros esteios da autoridade de um homem de sciencia. As verdades descobertas pelos sabios são sempre parciaes. Mais cedo ou mais tarde, ellas serão modificadas em seus aspectos pela evidenciação de factos que eram anteriormente desconhecidos. Quando passam ao dominio de todos, mesmo as mais difficeis de adquirir, assumem uma apparencia de banalidade, que faz esquecer o merito de quem as descobriu. A suprema gloria do espirito original, quer seja elle um sabio ou um artista, deveria ser a de dar á Humanidade uma verdade que rapidamente se desligue de seu nome, um desses factos ou uma dessas idéas que quasi immediatamente passam a ser propriedade de todos, perdendo o character de uma coisa pessoal. Mas a acceitação dessa fórmula de gloria na qual se perde o nome, implica uma profunda superioridade de espirito. Oswaldo Cruz possuía essa superioridade. Tendo que fundar uma escola, esqueceu seus trabalhos pessoases para só ver os de seus discipulos. Chagas tambem a possuía. A repercussão tida por seu trabalho inicial, não lhe permittiu nunca esquecel-o, ou melhor os outros não deixaram que elle o esquecesse. Mas, apesar disso, consciente de ser o seu trabalho uma revelação de uma escola, e, defendendo-se quando era preciso, não para defender-se a si mesmo, mas por acreditar justamente tratar-se de uma conquista de brasileiros, Chagas animava ao maximo os novos esforços, e tratava quanto podia de crear o ambiente necessario para isso.

Entretanto, durante as exequias, não eram só os elementos representativos do mundo official, rendendo homenagem a um nome nacional, nem os collaboradores mais ou menos graduados do trabalho de Manguinhos que se absorviam em uma commovida meditação. Chagas nunca se recolhera completamente á torre de marfim de suas glorias ou ao recondito discreto de suas cogitações scientificas. Era um homem simples, de palavra facil e ideação rapida que sabia crear amizades em

todos os meios. Nelle não se encontrava essa especie de muro de isolamento que mesmo externamente florido e por mais encantador que se mostre, separa do ambiente certos intellectuaes, não permitindo sem que evidentemente elles o queiram, o acesso ás características mais singelamente humanas das personalidades. Não cabe a esse typo de intellectuaes a culpa de serem complexos, difficeis, e por isso mesmo quasi inabordaveis. Chagas não era desses: interessava-se pelas minucias da vida quotidiana, não perdeu a frescura das impressões elementares, nivellava-se ás creanças que o adoravam, saboreava os prazeres de uma palestra voluntariamente esquecida dos grandes problemas e só preocupada das sensações ou dos sentimentos do momento que passa. Sabia despertar affeições sinceras, que dispensavam a admiração pelo grande homem e dirigiam-se muito naturalmente ao homem em si, sempre bondoso, generoso e comprehensivel.

Foi esse um de seus grandes encantos; o destino reservara-lhe o papel de homem celebre: conscientemente nunca representou esse papel. Foi sempre elle proprio, com essa especie de modestia natural, sem os artificios da despretensão estudada e voluntariamente mantida.

Tinha sem duvida intensas preocupações. Eram essas que lhe davam o ar distrahido tantas vezes notado e commentado. Suas distrações eram reaes e provinham ou de um sonho interior em que vivia immerso, ou de um trabalho constante de meditação. Não se o sabe bem: apesar de muito accessivel, Chagas evitava confidencias. Mas não se comprazia em suas distrações, tratava de corrigil-as, como se fossem defeitos graves a sanar.

Cada um de nós, dos que com elle privaram, teria traços a referir, actos a revellar que bem o definiam. Minhas recordações pessoas são numerosas e interessantes. Dellas entretanto, pelo menos por enquanto, nada direi, afim de não falar neste artigo de outrem senão delle proprio.

Com Carlos Chagas desaparece uma grande e original figura. A perda foi immensa para a Sciencia em geral e essencialmente para o Brasil. Possa o estudo de sua vida e de sua obra servir de lição para as novas gerações que procuram se nortear, aspirando a uma vida nobre e a uma obra util.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

— Amédée Fayol publica *Baléares, iles heureuses*, onde não existem apenas descripções pittorescas. Visa o volume uma finalidade mais alta e fornece um retrospecto historico dessas paragens insulares, desde os tempos mais remotos até á época presente. Mesmo o periodo prehistorico não foi esquecido no livro, que é de um artista e de um homem de sciencia.

— Jean-Bernard é um attento memorialista de tudo quanto ocorre de expressivo na capital da intelligencia européa. Sua collectanea *La Vie de Paris* assegura-lhe, annualmente, um acrescimo de prestigio. A politica e a mundanidade merecem-lhe commentarios dos mais judiciosos. Continuador de Jules Claretie, Jean-Bernard é um historiador que não desdenha a anecdota, que sabe encontrar o traço expressivo de um povo mesmo nos factos de apparencia banal.

EDICÕES DA LIVRARIA DO GLOBO

Graças ao fino senso organizador do illustre publicista Estevão Cruz, a quem devemos um excellente compendio de philosophia e um primoroso florilegio de escriptores nossos, amplia-se cada vez mais o prestigio carioca da succursal da Livraria Globo, de Porto Alegre. Essa casa editora, ninguem o ignora, é das de maior relevo no paiz, contando com uma installação e um pessoal que a tornaram um dos mais activos centros de trabalho da bella cidade gaucha. Quanto ás colleções que divulga, com uma acceitação que anda longe de esmorecer, conciliam as obras instructivas ás de simples deleitação espirital. São manuaes redigidos por figuras conspicias da pedagogia e são impressionantes romances de aventura, subscriptos por Edgar Wallace, A. E. W. Mason, S. S. Van Dine e outros mestres do genero. A parte destinada a fazer o enlevo das imaginações infantis tambem não é esquecida, e Lewis Carroll conduz os garotos ao paiz de maravilhas descoberto pela irrequieten Alice, enquanto Charles Kingsley descreve a população amphibia dos nenês que se dão muito bem entre polypos e tartarugas. Finalmente, talentosos escriptores patricios traduziram para encanto de uma clientela de adultos, romances e obras diversas de Pirandello, Papini, Chesterton e Feuchtwanger, nomes todos brilhantemente incorporados á historia litteraria do seculo.

Eduardo Tourinho — *Maravilha* — Editora Marisa — Rio, 1934.

Bastante elogiado como poeta pelo sr. Carlos Chiachio, um dos criticos de maior autoridade do norte do paiz, o sr. Eduardo Tourinho impõe-se tambem pelos seus invulgares dons de prosador. O trato frequente da vida de jornal adestrou-lhe a penna, deu-lhe maior flexibilidade ao estylo. Culto, mantendo um contacto directo com os melhores livros de varias litteraturas, é elle um ensaista á altura de bem julgar um escriptor, um poema, um conto, um romance. Suas paginas sobre Francisco Mangabeira e Hugo de Carvalho Ramos encerram pontos de vista que attraem pela novidade do conceito, sem pretensões a paradoxo facil. O estudo referente a Lenine é de um pesquisador de postulados de renovação social e as impressões de uma viagem a terras argentinas reflectem igualmente, no autor, um homem que sente e um homem que pensa.

Collecção H. Leonardos — *Lendas e contos da Russia* — Rio, 1934.

Ignoramos se estes contos e lendas foram realmente adaptados ou traduzidos do russo. Vemos que a côr local moscovita é aqui das mais satisfatorias. Acima de tudo, porém, devemos dar o nosso testemunho de que os trabalhos são optimamente compostos e interessarão, em qualquer parte da terra, ás creaturas sensiveis que acham as bellas historias tão indispensaveis ao homem quanto o pão e o vinho. A avózinha que desenvolve as formosas narrações do volume possui, a par de imaginação phantastica, uma razoavel dose de bom senso, de malicia encoberta que dá sempre justeza e oportunidade ás conclusões moraes do desfecho. Excellentemente illustrada e impressa com um luxo dos mais artistico, a preciosa collectanea pôde figurar, sem desaire, nas bibliothecas destinadas a fazer o regalo de gerações successivas.

Adalzira Bittencourt — *S. Ex. o Presidente da Republica no anno 2500* — Editora Ravaro — Rio, 1934.

Autora de poesias que lhe asseguraram desde a meninice a estima de intellectuaes distinctos, a sra. Adalzira Bittencourt fez-se mais tarde advogada, adquirindo um bello renome nos circulos forenses. Conferencista apaixonada em prol de reivindicções feministas que todos os espiritos desafogados applaudem, vem agora a illustre patricia de estampar um volume em prosa que se caracteriza pelo destemor de attitudes e pela originalidade de uma these que não deixará de interessar aos visionadores de mundos futuros. O livro, da editora Ravaro, é muito bem confeccionado typographicamente.

LETRAS PLATINAS

O café do Velho Tupinambá é por certo a melhor escola de escriptores que possui o Uruguay. Tendo como base uma idéa nascida em uma de suas mesas, Alfredo Mario Ferreiro, auxiliado a principio por Mario Radaelli e mais tarde pelo emprehendedor Agustin de Ocampo, faz pelo desenvolvimento intellectual platino a maior obra do momento: a fundação da "Sociedad Amigos del Libro Rioplatense". Ao publicar sua primeira edição, a Sociedade alcança grande prestigio. Acaso era possivel a idéa de fracassar uma entidade que conta em seu conselho consultivo com as figuras de Mario Bravo, Arturo Capdevilla, Samuel Eichelbaum, Ricardo Rojas, Juan Torrendel, Emilio Frugoni, Emilio Oribe, Carlo Sábat Eszasty, Justino Zaval Muniz e Alberto Zum Felde? Para affirmar melhor o valor da Sociedade, dirigem-na César Tiempo, Alfredo Mario Ferreiro e Agustin de Ocampo.

Mediante o pagamento de um peso por mez, o socio subscriptor recebe o livro que a Sociedade editar nesse mesmo mez. O Uruguay conta com 2.000 socios e a Argentina com quasi 1.200. O socio já sabe de antemão que o livro que lhe mandam todos os mezes não só lhe augmenta o valor da bibliotheca, como tambem lhe vac proporcionar horas de verdadeiro prazer.

Os volumes publicados até o momento são os seguintes:

Sobre Feminismo — conferencias de Carlos Vaz Ferreira. O exito da venda ao publico exige outra edição, e já se venderam oito mil exemplares.

Cenizas — Recopilação de discursos de Enrique Larreta.

La Cruz de los Caminos — de Justino Zavala Muniz. A melhor produccão do theatro uruguayo dos ultimos annos. Fica no mesmo plano da obra de Florencio Sánchez. Obra inédita.

Sabatión Argentino — de César Tiempo. Quasi todos os poemas do *Libro para la Pausa del Sábado* e mais alguns ultimamente compostos. Poemas quasi que ex-

clusivamente do Ghetto portenho. Bom como todos os livros de Tiempo.

Sombras sobre la Tierra — por Francisco Espinola (filho). A melhor novella escripta nos ultimos tempos sobre o Uruguay. Obra de grande realismo, desenvolvida com tal mestria que se olvida a crueza de suas scenas e de seu ambiente pela crença de que se está lendo um maravilhoso poema de dôr humana.

El viajero Inmóvil — de Samuel Eichelbaum alcançou o premio Municipal de Buenos Aires, bem merecidamente. Suas "estampas" são unicas.

Los Romances Chúcaros — de Fernán Silva Valdez, o poeta uruguayo que, no momento, é o poeta platino por excellencia. A critica o considera um "esplendido caçador de imagens."

Alción — de Alberto Zum Felde. Exito extraordinario. Uma companhia theatral está para encenar a peça.

Del otro lado de la Estrella — de Raúl González Tunón. Leitura emocionante.

Teoria del Nous — de Emilio

Oribe. Livro de philosophia de um conhecido poeta.

Como undecimo volume dessa colleccão apparece o livro de Alberto Gerchunoff, *El Hombre Importante*. Não é arriscado affirmar que esta obra, para cuja publicação a Sociedade adquiriu a exclusividade, é o melhor livro da série. Só o prologo do volume é uma joia da critica litteraria.

A Sociedade não descansa: já annuncia *El Paisano Aguilar*, de Enrique Amorim, um dos autores mais lidos dos ultimos tempos, cujo livro *La Carreta* está em sexta edição; teremos tambem *Estampas de la Biblia*, de Juana de Ibarbouro, e por fim o tão esperado livro de Alfredo Mario Ferreiro, *Teoria del chiquito y otros asombros*. Este ultimo é livro que dispensa recommendações. Ferreiro occupa nas letras um lugar que alcançou unicamente com seu merecimento de escriptor. E completa essa obra com uma Sociedade que veio encher enorme vazio no mundo litterario da Argentina e do Uruguay, porque está conseguindo formar a melhor bibliotheca da America hespanhola.

MERCEDES IRIGOYEN

"HOJE"

É dos mais animadores o interesse que de uns tempos para cá se nota entre nós pelas manifestações puramente espirituales. Além do surto inesperado que tomou o commercio de livros no Brasil, por onde se multiplicam as empresas editoras e as boas livrarias, surgem a cada passo, aqui e acolá, publicações de cunho exclusivamente litterario e trahindo os mais alevantados propósitos dos seus dirigentes. Assim o Momento, em Recife, Surto, em Bello Horizonte, o Onze de Agosto, em S. Paulo, Idéa e Vida Academica, aqui, e, ainda agora, este promissor Hoje, que acaba de apparecer na Bahia, dirigido por Hildegardo Drummond e Reginaldo Guimarães, que á sua volta reúnem um magnifico corpo de collaboradores, entre os quaes vemos os nomes de Alves Ribeiro, Clovis Amorim, Dias da Costa, Edison Carneiro e muitos outros.

Num dos ultimos numeros da revista *La Litterature Internationale*, o sr. P. Nizan faz um penetrante estudo sobre a obra e a personalidade de André Gide, analysando as razões por que o grande escriptor francez adheriu incondicionalmente ao credo de Moscou.

leiam

Gastão Cruls

VERTIGEM

Romance

Gilberto Amado

TOBIAS

BARRETO

ARIEL Editora

NOTA Á MARGEM DO LIVRO DO SR. ANGYONE COSTA:

« **Introdução á Archeologia Brasileira** »

Em artigo muito erudito, publicado no *Jornal do Commercio*, Joaquim Ribeiro fez uma critica ao livro do sr. Angyone Costa, *Introdução á Archeologia Brasileira*. Considera Joaquim Ribeiro como erro fundamental, ter-se o sr. Angyone Costa filiado á escola etnológica evolucionista. Penso de modo differente: fosse qual fosse o methodo adoptado e contivesse o livro informações exactas, bem coordenadas, só por isso já constituiria elemento precioso para a divulgação dos estudos archeologicos e ethnographicos entre nós. Infelizmente vê-se, desde a distribuição dos capitulos, que o sr. Angyone Costa trabalhou ás pressas o seu livro, leu ligeiramente os autores que cita, interpretou mal frequentemente o pensamento dos pesquisadores e informou errado. Ainda bem que o sr. Angyone Costa indica a bibliographia de que se soccorreu de fôrma que, em qualquer tempo, poderá o estudioso verificar os enganos. Mas para a grande maioria dos leitores que não têm lazer para recorrer aos originaes nem interesse nisso, as asserções feitas pelo sr. Angyone Costa, em nome de outros, vão passando em julgado e constituirão dentro de algum tempo ideias correntes.

Não consegui verificar qual o criterio que orientou a sequencia dos differentes typos de jazidas archeologicas estudadas. Razoavel seria começar pelo que passa por mais antigo como formação: sem duvida a documentação anthropologica colhida nas cavernas propriamente ditas. Pois bem, as cavernas só surgem em quarto lugar e o autor conserva ao vocabulo o conceito popular corrente quando teria sido não sómente vantajoso mas necessario distinguir as cavernas calcareas das simples grutas ou abrigos. Não sómente omitta a distincção como reúne ainda ao grupo os hypogéos... Absoluta falta de planos no tempo. A demonstração de completo des-

caso pela chronologia, culmina á pag. 277, na tentativa de traçado de evolução da ceramica indigena. Ahi o autor faz taboazinha dos parques mas seguros elementos de que dispomos para marcar no tempo a successão das culturas indigenas extintas. Depois viriam os sambaquis, os mounds, as esteiarias, etc.

Cada vez que o sr. Angyone Costa se refere ás jazidas constituidas por monticulos artificiaes a que geralmente se dá o nome de *mounds*, diz *mound-builder*.

Provavelmente queria dizer *mound-building*; melhor teria sido simplesmente *mound*; estabelece, assim, confusão constante entre o constructor e a construcção.

Não vejo motivo, em archeologia do Brasil, para abrir capitulo sob o titulo: estações lithicas. Não conheço nenhuma entre nós que constitua typo classico de estação lithica. As poucas que Fróes de Abreu cita parecem-me quadrar tão bem sob essa designação quanto sob outras que teriam a vantagem de não deturpar o conceito firmado sobre a verdadeira estação lithica. O proprio sr. Angyone Costa justifica a minha observação. Das cinco paginas que constituem o capitulo referido, apenas a ultima ennumera jazidas daquelle genero; as quatro primeiras encerram a defesa do titulo. O mais curioso é que o autor attribue a expressão a Ladislau Netto, em carta apposta aos *Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil*, in Archivos do Museu Nacional, vol. I. Quem tiver a curiosidade de reler essa carta verificará que lá não se encontra semelhante expressão. Si Ladislau a empregou em outro lugar, convem lembrar que elle o fez, no inicio das pesquisas archeologicas, já lá se vão 50 annos, e que a pratica não pugnou pela adopção dessa designação. Curioso que logo adiante, pag. 107, o sr. Angyone Costa attribua a Sylvio Fróes de Abreu, uma phrase que, essa

sim, é de Ladislau Netto na carta acima citada.

Para terminar as observações sobre a distribuição dos assumptos na Parte II da *Introdução*, cumpre assignalar algumas notas que testemunham o que venho dizendo do trabalho do sr. Angyone Costa: A' pag. 133, estende a bacia amazonica até o lago Cajary no Maranhão. Raymundo Lopes considera, e com razão, que a ceramica que encontrou no Maranhão em esteiarias tem, por varios motivos, caracter amazonico, fez uma seriação cultural, mas nunca pretendeu dar tamanha elasticidade geographica á bacia amazonica.

A' pag. 133 n.º 35 refere-se a sambaqui de Magé. Não conheço sambaqui em Magé. Estive num areial onde recolhi documentação numa jazida — cemiterio.

No que me diz respeito, em citações feitas pelo sr. Angyone Costa, cumpre deixar aqui alguns esclarecimentos. Basta-me a responsabilidade das coisas erradas que realmente disse; procuro sempre corrigil-as logo que as percebo ou que as apontam. Pela posição que occupo não posso deixar passar a inexactidão de algumas asserções feitas pelo autor, em meu nome, ou o facto de attribuir-me algumas pretensões ingenuas que nunca tive.

A' pag. 77 diz o sr. Angyone Costa: "Heloisa Torres, falando sobre o Pacoval, descreve-o como pequena collina"... etc. Ora, pelo simples motivo de nunca ter visto o Pacoval do Arari, nunca tentei fazer descripção delle. Em minha conferencia sobre *Ceramica de Marajó* — Rio 1929, á pag. 5, ultimo paragrafo appelei para a descripção que resumi dos primeiros estudiosos que por lá andaram. Inexactidão sem importancia mas inexactidão.

A' pagina 79, o sr. Angyone Costa considera que eu me arvora em descobridora do uso da conhecida tanga de barro de Marajó e, para desmascarar a pre-

tensão gasta tres paginas e meia (79 — 80 — 81 — 82) em largas considerações e citações de Ladislau e Hartt. Francamente foi demais! Na minha citada conferencia, á pag. 4, primeiro paragrapho, depois de fazer uma descrição da tanga de cerâmica, digo: "A descoberta de um idolo feminino (fig. 15) portador de uma peça dessas, em Santarem, veio elucidar o caso. Tratava-se de tangas de cerâmica"... etc. Ora, esse idolo feminino a que me referia e que reproduzi, em estampa na conferencia, foi encontrado contemporaneamente ás tangas de Marajó. Está estampado in Arch. do Museu Nacional, vol. VI, estampa III, fig. 10. O sr. Angyone Costa deve estar ao par da contemporaneidade dos achados de Marajó e de Santarem, tão bem estudados por Hartt e Ladislau, e d. Heloisa Alberto Torres, por sua vez, tem todo interesse, pelo menos, em fazer crer que ainda não era nascida em 1882!... Quem, ao fazer uma como que "mise au point" de uma disciplina, relata os factos que marcaram no seu progresso, não está assumindo a autoria dessas descobertas.

Nas pequenas contribuições que publiquei hão de encontrar erros, nunca apontarão uma dishonestidade.

A' pag. 83 da *Introdução* lê-se: "Diz ainda a estudiosa anthropologista, que os indios encontrados em Marajó, pelos portugueses, eram de nivel mental inferior, esquecendo, talvez, que tanto os tupis puros, localizados á margem esquerda do Amazonas, como os Aruaks, que já naquellas terras se installavam, offereciam vestígios de adiantada cultura. Basta lembrar a obra realizada em pleno seculo XVII pelo padre da Companhia de Jesus Samuel Fritz, entre os Omaguas, para se ter uma ideia do que eram esses tupis puros como modelo de vida gregaria".

Em minha conferencia, á pag. 6, ultimo paragrapho: "Os indios encontrados em Marajó pelos europeus descobridores representavam nivel cultural baixo". E' muito differente de *nivel mental*

inferior. Poderiam até ser dotados de qualidades espirituaes muito promissoras e por quaesquer razões economicas ou historicas não apresentar no momento — como não apresentavam — desenvolvimento cultural notavel. De mais a mais eu ali me refiro a indios de Marajó e não a tupis da bacia amazonica ou a culturas aruak fóra da ilha.

O criterio do sr. Angyone Costa para julgar do tempo de permanencia de um grupo indigena em determinado lugar nem sempre é seguro. Referindo-se a achados eventuaes (pag. 109) occorridos em Magé e Campo Grande, diz poder classificar-os "sem exaggero aprioristico" de construcções transitorias. O sr. Angyone Costa lembra, elle mesmo, que os achados foram eventuaes, por conseguinte ignoramos o que possam fornecer as jazidas. Excavações systematicas nunca foram levadas a effeito. Da jazida de Magé, posso hoje affirmar que é consideravel em extensão e documentação. Desde o Iriri, até o Estrella, pelo menos o grande lençol de areia proveniente de desaggregação da Serra dos Órgãos, está fornecendo material ethnographico, do mesmo typo. O Museu Nacional organiza, no momento, a exploração dessa jazida.

A' pag. 136, diz o sr. Angyone Costa referindo-se a sambaquis: "Ha encontros de boas peças (de cerâmica) feitos por Fróes e Heloisa"... etc. Quanto a mim, nunca encontrei nem um caquinho de cerâmica em sambaqui. Não sei onde poderá ter sido colhida a informação. Com relação a Sylvio Fróes de Abreu, na sua monographia *Sambaquis de Imbituba e Laguna*, Rio, á pag. 44 diz: Se bem que nós mesmos nunca tivéssemos retirado *uma* (o gripho é meu) peça de cerâmica em sambaquis"... etc. Muitos têm achado cerâmica nos conchaes, entre elles Roquette-Pinto, Raymundo Lopes e outros; mas, precisamente, Fróes e Heloisa, nunca.

A' pag. 274 (meio da pagina) ha uma phrase entre aspas, attribuida á minha autoria e que, pela forma e pelo pensamento

accusam outra proveniencia. Assim: "Heloisa Torres inclina-se por essa seriação industrial entre esses artistas remotos e conclue que, "ao contrario do que ella mesmo (sic) suppunha ser um privilegiado trabalho do seu sexo, não foi senão a collaboração do homem que marcou o indelevel traço de superioridade á obra de paciencia e habilidade que as mulheres toscamente executavam". Heloisa Torres conclue que "ao contrario do que *ella*"... etc. (?) O pensamento ainda menos é meu. Nunca disse nem pensei coisa semelhante. A minha opinião, com referencia ao desenvolvimento da arte de Marajó aqui fica resumida nestas linhas:

Ha um contraste notavel entre a arte do oleiro (preparação do barro, cozimento etc.) e a arte decorativa em Marajó. Grande atrazo na primeira; adeantamento consideravel na ultima. Por conseguinte, seria necessario admittir que a arte decorativa tivesse tido um outro campo de desenvolvimento que não foi a cerâmica, uma vez sabido que a ilha de Marajó possui material bom para fazer peças de barro (Cf. cerâmica moderna que eu mandei fazer em Marajó, sob as minhas vistas e que está incorporada ás colleções do Museu Nacional). Dados os resultados fornecidos por pesquisas technicas (especialmente as de Max Schmidt) e alguns traços historicos (utilização de cestas impermeabilizadas para guardar liquidos na Amazonia, riqueza formidavel de padrões de trançados ahí e nas Guyanas, identidade dos motivos de cestas e da cerâmica de Marajó onde ás vezes se podem mesmo reconhecer as talas dos trançados) me levaram a admitir que os motivos ornamentaes se tivessem desenvolvido num exercicio longo e perfeito da arte de trançar. Logo, tambem, que a arte se teria formado nas mãos dos homens a quem competem esses trabalhos entre os nossos indios. Sendo a cerâmica occupação feminina, admitti que as mulheres mesmas tivessem transportado para o barro—uma

vez adquirida a arte de cozê-lo — os motivos que os homens haviam creado nos trançados. Foi isso o que eu disse; está bem claramente exposto na minha conferencia. É uma theoria, não resta duvida, mas por enquanto ella tem tanto direito á vida quanto qualquer construcção que, assentando em factos, ainda não tenha encontrado outro facto que a venha derrubar. Por conseguinte, fica de pé, até nova ordem.

Ligando dois paragraphos isolados que nada têm que ver um com o outro, na minha conferencia (*Ceramica de Marajó*, pag. 20 paragraphos 5.º e 6.º) o sr. Angyone Costa estabelece uma confusão. A evolução da representação de animaes na cerâmica é uma coisa; os signaes que possivelmente exprimem ideia, é outra. Nada indica que se devam amarrar os dois paragraphos como fez o Autor da *Introdução á Archeologia*, á pag. 275.

Não affirmo coisissima alguma quanto a escripta de indios: sejamos exactos, digo que ha signaes que dão a impressão de que se trataria de uma expressão de pensamento. Vide a respeito o que publicou Alberto Childe na Revista da Academia Brasileira de Sciencias, Rio, 1922.

Pelo facto de não se ter “deparado elementos que facilitem a construcção de sua chave explicativa” não se pode negar sua existencia. Apesar do que fizeram Sellar e outros ainda não estão decifradas as inscrições mayas.

Ladislau Netto e o capitulo Sambaquis serão objecto de notas a publicar. Em ambos os terrenos ha tanto a dizer que não é possível fazê-lo hoje.

É de lastimar que a Companhia Editora Nacional não tivesse apresentado o volume com outras estampas. Os desenhos de cerâmica indigena constituem uma calumnia aos nossos pobres selvícolas; nelles está completamente deturpado o valor documental. Nem as estampas se acham distribuidas no texto de accordo com a enumeração: á pag. 66 surgem ellas, na seguinte

RIBEIRO COUTO, az do volante

Não tenho memoria de espectáculo mais curioso, nem de discurso mais engraçado, que o do sr. Laudelino Freire, o homem-avenida do ex-humorista Apporelly, saudando Ribeiro Couto na Academia de Letras.

O escandalo foi grande. Ribeiro Couto fez uma oração cheia de harmonia e de belleza, sobre a vida ruidosa de Paulo Barreto e a vida escondida, discreta, caladinha, desse roedor de livros que foi Constancio Alves.

O sr. Laudelino Freire vem, em seguida, e faz um discurso chato. Chato, mas engraçado. O sr. Laudelino mora em Santa Thereza. Sobe de bonde até o largo do França. Ponto de 400 réis. Depois, caminha um bocadinho até chegar em casa. Um dia, pegou “carona” no automovel de Ribeiro Couto. Achou delicioso, formidável, estupendo. Para elle, que nunca havia metido as respeitaveis abas do seu frack historico num taxi, Santa Thereza virou montanha russa. E o passeio imprevisto o impressionou muito mais que a obra de Ribeiro Couto, por elle consagrado az do volante no Petit Trianon.

Gosem este pedacinho:

“Não se me apagará da lem-

ordem III, V, VII, á pag. 76, I, IV, XVI, á pag. 82 XVII, XV, XII, á pag. 82, XIII e II e assim por deante.

HELOISA ALBERTO TORRES

— No volume intitulado *Dante e la Poesia dell'ineffabile*, Luigi Tonelli procura interpretar o sentido metaphysico do grande poema dantesco, especialmente nas situações culminantes do *Paraíso*. Ha no genial florentino muita coisa absconsa, que aturde os seus commentadores, e esta nova exegese de Tonelli anda longe de ser inutil aos que pretendam uma comprehensão total da Biblia dos latinos.

— Marie-Louise Pailleron evoca *La Vicomtesse de Chateaubriand*. A autora é aparentada a um tempo com o severo Buloz, tanto tempo director da *Revue des Deux Mondes*, e com o risinho Pailleron, que evocou, numa comedia immortal, a “sociedade onde a gente se aborrece”.

— Henri Béraud, um dos melhores reporteres da França, impôz-se como narrador das scenas caracte-

brança a violencia da gentileza que vós, destemeroso e cadimo volante, para commigo tivestes, levando-me de automovel a Santa Teresa.

Ruas tortuosas, dobradas de voltas e viravoltas, ladeiras e rampas não detinham o vosso impeto de motorista, que por pouco não precipitou o carro, verambeira abaixo, no oceano de luz que fica sendo a cidade para quem a contempla do alto da quella soberba montanha.

Corriamos, isto é, voavamos, e eu nada mais via, nem ruas, nem rampas... mas, afinal, o inesperado: chegamos com vida.

Eu não sei como vos não seduziu a corrida do circuito da Gavea!”

Ribeiro Couto, para o sr. Laudelino, não é poeta, nem romanista, nem contista. O que elle é, acima de tudo, é az do volante. Irineu Corrêa, para elle, é café pequeno. Porque Irineu pode ser volante. Mas “cadimo volante”, só mesmo Ribeiro Couto, no juizo do pittoresco “immortal”...

Até dá vontade da gente dizer, gaiatamente:

— Sáe, Laudelino!

R. MAGALHÃES JUNIOR

ísticas da vida de Moscu, Berlin e Roma. É um fixador maligno dos scenarios cosmopolitas. Agora descreve elle *Vienne, clef du monde*, procurando resumir a agitação politica que vae por lá. Porque a antiga cidade das operas e dos bailados, a Veneza sem lagunas, se está convertendo num sitio de dolorosas experiencias partidarias. Dadas as complicações economicas e os choques de programmes sectarios, o “tedium vitae” está grassando epidemicamente na cidade que foi em outros tempos “la reine de l'insouciance”.

— O philosopho Giuseppe Rensi publica mais um livro: *Passato, Presente, Futuro*. No entender de Paul Guiton, Rensi é hoje a maior das forças do pensamento italiano. É um irracionalista e um antifinalista confesso. Não indo a um scepticismo total, reconhece no homem um valor bastante relativo. Bem facil é ver nelle um irmão retardado de Leopardi, com uma dose de poesia bem menor, se bem que com uma intensidade de dialectica a que o outro não attingia.

"POEMAS DE ALBERTO RAMOS"

O sr. Alberto Ramos vem de reunir em um só volume de Poemas varias produções suas seleccionadas em livros actualmente exgotados. Escolhendo trabalhos das Odes, do Ultimo Canto de Fauno, dos Epigrammas, das Elegias, dos Versos Proibidos, o nosso illustre collaborador conseguiu organizar um conjunto dos mais significativos para uma avaliação exacta dos seus meritos poeticos. Convem não esquecer que João Ribeiro achava que poucos dos "nossos poetas classicos nas duas litteraturas da lingua" lograram "tamanho exacção e consummada arte, sem damno da espontaneidade". Gilberto Amado affirmou certa vez que "a technica dos seus versos é a mais rigorosa que se pôde obter em lingua portugueza". Abner Mourão, referindo-se a duas composições do sr. Alberto Ramos, assim se exprimiu: "Quem fez o Ultimo Canto de Fauno e A Despedida deu-nos duas das maiores realizações da poesia em lingua portugueza". Os Poemas de Alberto Ramos foram apresentados em edição Ariel.

H. Canabarro Reichardt — *David Canabarro* — Edição do Centenario Farroupilha — Rio, 1934.

Neste volume, excellentemente documentado, esclarecem-se muitos pontos obscuros da vida de um grande heróe. Vê-se bem que o autor longamente se deteve nas bibliothecas e nos archivos, afim de trazer um contingente novo no que se prende á acção de um combatente possuidor de tantos e tão fortes attributos militares. A commemoração do centenario farroupilha será sem duvida das mais benemeritas se inspirar muitos trabalhos como este.

Hildebrando de Magalhães — *Historia do café* — Typ. do Jornal de Piracicaba — 1934.

Filho do illustre polygrapho Basilio de Magalhães, o autor desta *Historia do café* elaborou com bastante escrupulo a sua valiosa monographia. O lado historico da rubiacea, numa crescente irradiação pelo mundo, no interesse que sempre inspirou aos artistas e aos homens de letras, é posto em foco por alguem que se fez perfeitamente familiar do assumpto. A parte referente ao Brasil é, como convem, das mais completas, não omitindo um unico detalhe essencial.

J. Stalin — *O mundo socialista e o mundo capitalista* — Edições Caranurú — São Paulo.

Quem quer que pretenda concluir imparcialmente sobre os acontecimentos da Russia tem de ler todas as exposições que lhe digam respeito. Assim, é impossivel desdenhar o valor de uma contribuição como esta, partida exactamente de Stalin, um dos factores de tantos acontecimentos moscovitas, o mais decidido continuador da obra leniniana.

PIRANDELLO

Luigi Pirandello, que vem de obter o premio Nobel de litteratura, é siciliano. Nasceu em Girgenti no anno de 1867. Estudou philosophia e philologia na Allemanha, ensinou num collegio de mulheres de Roma, e só conseguiu celebrar-se no ultimo decennio. Alguns actores italianos representaram-no aqui no Rio de Janeiro, deante de casas quasi vazias, e é provavel que o galardão recebido da academia sueca lhe assegure agora entre nós mais uma dezena de leitores...

Quanto aos processos artisticos de Pirandello, já os criticos europeus se encarregaram de explicar que consistem especialmente na multiplicação ou na escamoteação da personalidade. Cada um de nós é, para o autor de *Il piacere dell'onestà*, um, cem, ninguém...

La signora Flora e il signor Ponza, suo genere, foi o nucleo de uma peça pirandellesca, das que melhor lhe caracterizam a maneira e maior successo obtiveram, ou seja *Così è, se vi pare*. De resto, isso de desdobrar novella em theatro é coisa frequente no prosador italiano. E ahí se encontra quasi toda a ethica e esthetica de Pirandello. Maluco é o genro? Maluca é a sogra? Malucos são os dois? Maluco é nenhum dos dois? Ou são apenas malucos aquelles que os julgam malucos? Ou é maluco o autor, ou somos malucos nós dois, tu, leitor, e eu, critico? Bella a phrase em que o novellista conclue que todos deviamos chorar e vestir-nos de luto por nós mesmos, pelo que de nós está morrendo a cada instante.

Pirandello accentua que nenhum homem soube, em qualquer tempo soube, sabe ou saberá se "nossa verdadeira personalidade é aquella que sonhamos, aquella que vivemos ou aquella que simulamos em presença dos demais". Eu não sou eu, tu não és tu, elle não é elle... Dezenas de "eus" juxtapostos ou agglutinados. O sub-consciente sáe do sub-sólo e mata o dono da casa, mata o consciente, matando, de resto, apenas uma sombra, o sonho de uma sombra.

Como que o dramaturgo, segundo E'tienne Rey, brinca de esconder com o publico. Metaphysico em cabriolas de dialecta da Sicilia grega, todas as suas personagens parecem clamar: "Quem me restitue o meu eu?" E' a desrazão querendo arrazoar, querendo parecer razoabilissima.

Sympathia visivel pelos doidos, pelas creaturas descontentes de tudo e de todos, e, a par de processos antigos, certos recursos de modernidade, tal no inicio da peça *Comme ci (ou Comme ça)*, representada em francez pelo casal Pitoeff, peça em dois ou tres actos, á vontade do freguez, e onde o comediographo se soccorre de projecções cinematographicas para transmittir ao publico noticias da imprensa sobre o facto central da comedia...

A. G.

Benjamin Costallat — *A mulher da madrugada* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Cada novo livro do sr. Benjamin Costallat assignala manifesta melhoria nos seus processos de romancista. Tendo partido da critica musical e do conto de intenções bizarras, esse talentoso patricio se vem esforçando no sentido de melhor observar os typos e os costumes cariocas. Não se esquivia a estylizar convenientemente as paginas que nos offerece, compreendendo bem que uma narração desnada a perdurar exige cuidados bem maiores que uma chronica ephemera de jornal ou revista.

Cleto de Moraes Costa — *Cruz de Carne* — Edição Pongetti — Rio.

Como bem accentua, em expressivo prefacio, o romancista Théo-Filho, não é o sr. Cleto de Moraes Costa "um novato nas letras" e o seu livro *Ternura*, "livro cheio de luz, de vida, de bondade, de saudade, foi recebido com agrado, mesmo com sympathia, num começo de consagração". Quanto á collectanea de agora, é de um "romantismo que se volatiliza quando nos dá *Força universal*, o poema mais exacto, mais elevado de todo o volume, poema de revoltado que não se furta á volupia de acariciar as idéas marxistas".

DES O B R I G A

Embora tarde, eis-nos aqui rendendo, ao autor de *Casa Grande & Senzala*, o nosso preito, pagando-lhe um tributo que nos parece deverem-lhe todos os que lêem e escrevem no Brasil e que é o de registrar o apparecimento, louvar o esforço, apreciar o valor, estudar, commentar, analysar as theses, os juizos, as inferencias desse tratado — porque é um tratado — versante a formação e a evolução do povo brasileiro.

Que se applauda ou censure o trabalho, que se admittam ou impugnem as interpretações de certos factos, que se goste ou não do estylo, que se seja incondicional no panegyrico ou impiedoso na critica, não faz mal. O que faria mal ás lettras brasileiras é que *Casa Grande & Senzala* não passasse diante dos olhos dos que sabem ler, não pingasse, referida, da penna dos que escrevem, não estivesse, enfim, sempre na memoria dos que respondem pela nossa cultura.

Porque se trata aqui — deixem-nos dizer com os que já o disseram — de uma obra notavel. Notavel pela fidelidade com que retrata a vida preterita do Brasil. Notavel pelo character scientifico de muitas de suas theses. Notavel pela acuidade e objectividade com que são estudadas as nossas instituições. Notavel pela independencia, pela isenção de animo no julgamento das qualidades e defeitos do brasileiro, do portuguez, do negro, do indio, julgamento em que não se esconde nenhum jacobinismo, nenhum lusophilismo, nenhum racismo, nenhum nativismo indianophilo. Notavel, enfim, pelo desassombro, pelo *fira a quem ferir* de certas conclusões.

Obra de sociologia, de anthropologia, de historia social, documentada por innumerados manuscritos e ainda por vastissima bibliographia de sociologos, historiadores, anthropologistas, ethnographos, viajantes, etc., o trabalho do sr. Gilberto Freyre revela accurada observação e longa meditação, sob o influxo dos mais recentes mestres dessas sciencias. E se umas poucas de vezes lhe notamos certo eclectismo, certa falta de espirito de systema no estudo de tal ou tal questão, folgamos de ver, por outro lado, que o autor raramente foge á especificidade do facto social. E' essa especificidade, infelizmente nem sempre observada, que mais recommenda o livro e não a sua base biologica, conforme pareceu a um anthropologista patricio. Sem base biologica não ha sociologia. Possivelmente. Mas, ás vezes, tão pouco com base biologica...

O que só não verão os que não quizerem ver é que, independentemente dessa base, a sociologia existe no livro do sr. Gilberto Freyre e da bôa. Não importa que haja no Brasil philosophos scepticos para negarem a sociologia como sciencia e notarem em *Casa Grande & Senzala* a poesia apenas. A poesia está, sim, nessa sympathia com que o autor se refere aos nossos negros e mestiços, nesse entusiasmo quasi infantil com que descreve os nossos quitutes e doces, nesse "meio de pro-

curar-se o "tempo perdido", de nos sentirmos nos outros, nos que vieram antes de nós e em cuja vida se antecipou a nossa", segundo explica elle mesmo. Será, porventura, poesia o informar-nos, por exemplo, do dualismo de cultura e de raça do portuguez — traço de união entre a Europa e a Africa, dualismo de que decorrem sua miscibilidade anthropologica e sua adaptabilidade? Será poesia o mostrar-nos que, na formação do grupo social brasileiro, o sentimento unificador foi o de fé religiosa antes que o de raça, sendo a mesma fé, e não o mesmo sangue, a condição *sine qua non* para se pertencer ao grupo, conforme a these de Fustel de Coulanges? Será poesia o ensinar-nos que a monocultura, através de uma alimentação defficiente e impropria, e não a mestiçagem, foi a causa da inferioridade physica do brasileiro? E' verdade que nesta questão da alimentação não pomos (quem somos nós?) a mão no fogo por tudo quanto diz o emerito sociologo de *Casa Grande*. Mas não nos parece, como a um doutor se affigiu, que uns quantos deslises, se os ha, tornem o livro um fracasso e seja preciso ser medico para saber sociologia...

As origens amerindias de grande parte de nossos costumes, technicas, crenças, folklore, vocabulario — consequencia da miscegenação; a catholicização dos indios pelos jesuitas; a escravização dos indigenas primeiro, dos negros depois, pelos senhores de engenho; a luta entre os dois imperialismos — o da igreja e o da casa-grande, com a consequente victoria do segundo; os caracteres somaticos e psychicos do indio, do portuguez, do negro; a monocultura e o trabalho escravo como factores principaes de uma serie de degenerescencias e degradações — eis ahi alguns dos muitissimos factos que o autor investiga, aprofunda e põe em evidencia através de um methodo rigorosamente scientifico, recolhendo o depoimento contido nos muitos documentos citados e utilizando a lição dos mestres da sociologia. Lição que é a da interdependencia dos phenomenos sociaes e não a do primado exclusivo dos phenomenos economicos, "nem sempre preponderantes na caracterização da physionomia moral das sociedades", como judiciosamente elle observa. Disso, houve tambem um critico que não gostou. Mas não é uma simples affirmação do autor. E' uma conclusão a que elle chega depois de um exame detido dos elementos, das condições, dos factores e do modo como se processaram a formação e a evolução da sociedade brasileira.

Ora, todas essas excellencias reunidas fazem que com justiça se diga, de *Casa Grande e Senzala*, que é uma obra notavel. E porque notavel, pouca moza lhe produzem, pouco lhe diminuem o valor as incorrecções de detalhe, os ligeiros senões, senão as faltas graves, o fantasioso de certas interpretações, a influencia damnosa de certas theorias em voga ou já velhas, a que nem sempre foi negado intervir. Fica, por ahi, já definida a nossa

posição ante a alternativa, que acima figurámos, do elogio incondicional e desmarcado por um lado e da severidade critica por outro. E' a posição nesse virtuoso meio termo que é o applauso com restricções, maior, sem duvida, que a louvaminha irrestricta, tão bemvinda á fatuidade de certos super-homens. Depois, já o dissemos, o relevante é que se annuncie e divulgue e commente *Casa Grande*, não importando em que tom. E', assim, sem desafinar, que vamos agora aqui mudar de tom.

Quando atraz alludimos a certo eclectismo e carencia de espirito de systema, pensavamos no facto de concorrerem no livro, como explicativas de determinados phenomenos, doutrinas que mais ou menos se excluem. A obra de um modo geral não se afasta da escola positiva franceza, envolvida, é certo, em novas roupagens americanas e allemãs, novas, sim, mas nem sempre muito originaes. Isso, entretanto, não impede que algumas theorias extra-sociologicas sejam chamadas a elucidar factos especificamente sociaes. E' que, no sr. Gilberto Freyre, o anthropologista, o biologista ou o psychanalista desencaminha ás vezes o sociologo. Exemplo — theoria da bissexualidade de alguns individuos como explicativa da *couvade*. Diz Vinogradoff que, não sendo a paternidade um facto patente, a *couvade* só se comprehende como affirmativa dos direitos do pae sobre o filho. E no *Jornal do Brasil* de 28/8/1931, ensina-nos mais ou menos a mesma cousa o autor da "Gaveta de Sapateiro", onde se deve ter inspirado Vinogradoff... Para Tylor, esse costume se apresenta como uma sobrevivencia do matriarcado, isto é, como um resgate pago pelo marido para ter o direito, antes materno, de chefe da familia. Kunike, *apud* Deniker, vê na *couvade* um meio de que lança mão a mulher para reter junto de si o pae de seu filho. Não é tudo isso muito mais acceitavel e claro do que essa historia de bissexualidade, de effeminação, de homomixia? Outro exemplo é o masochismo politico do nosso povo, o que o autor explicará naturalmente á luz da psychanalyse. Ora, sobre haver ahi um pessimismo extremado, não cremos que a nossa mystica revolucionaria, messianica seja differente da dos demais povos. Essa mystica é uma só, aqui, como na Allemanha, como na França, ou alhures. E não consta que em taes paizes ella resulte do regimen de escravidão ou das perversões que fizeram a celebridade litteraria de Sacher-Masoch.

O alicerce biologico continua subindo, apparecendo muito acima do solo, quando se actualiza, com as experiencias de Pavloff, a velha e debatida questão da transmissão hereditaria dos caracteres adquiridos, no proposito de admittir, com os neolamarckianos, a possibilidade dessa transmissão. O que está muito bem. Trata-se ahi, porém, de caracteres physicos. Da transmissão dos caracteres mentaes, intellectuaes propriamente ditos, não parece que haja, até hoje, nenhuma prova eloquente. E isso porque, para que os caracteres psychicos se transmittam, é indispensavel que tenham a simplicidade do instincto. O proprio sr. Gilber-

to Freyre, seguindo a licção de seu mestre Boas e de Robert Lowie, considera a differença entre os caracteres mentaes mais do ponto de vista da historia cultural, que da hereditariedade. Eis porque nos surprehendeu vê-lo, ao fim do livro, apresentar como herança biologica a intelligencia dos filhos de padres, assim como a dos mestiços que resultaram da união dos melhores elementos das casas-grandes com os melhores elementos das senzalas.

Já mostrámos, com o exemplo do masochismo, como o autor, exaggerando, vê nalguns factos universalissimos uma caracteristica do nosso povo, uma herança cultural do indio ou do negro. Outras illustrações desse exaggero são o caiporismo, a crença no sobrenatural, certos vicios e costumes. Ora, da tradição do caipora, só ficaram as palavras *caipora* (azarado) e *caiporismo* (azar). E não existe em toda parte essa mesma superstição? Que é *la guigne*? Que são *il malamo*, *the hard lines*, *das Pech*, *biéda*? E a crença no sobrenatural? Não é ella preponderante em todas as camadas incultas do mundo inteiro? O sr. Gilberto Freyre responsabiliza o totemismo por certas safadezas (sic) dos garotos brasileiros, e não podemos deixar de sorrir. Sorriso que eugenicamente conservamos ante a suggestão de que o jogo do bicho encontra base para a sua popularidade no residuo totemico. Será, talvez, mais verdadeira a reciproca, isto é, que o residuo totemico é que encontra base no jogo do bicho para sua conservação...

Se é exacto o autor quando diz que a vida sexual entre os indigenas é ouriçada de tabús e impedimentos, já não nos parece assim quando não acha taes impedimentos tão numerosos, nem tão agudos, como os que difficultam a vida dos europeus. E' que Levy-Bruhl diz o contrario e acreditamos mais em Levy-Bruhl. Questão, como se vê, de crença...

"Terão havido na Europa consideraveis infiltrações?" Ah, sim! Percebemos. O autor é contra "o vacuo enorme entre a lingua escripta e a lingua falada. Essa opinião é que o leva a empregar em livro serio, de sciencia, expressões populares, de gyria mesmo, como: *supportando o repuxo*, *jamegão*, *vivinha da silva*, *Paiz de Cocagne coisa nenhuma*, etc. E' ella ainda, essa opinião, que o faz chamar a D. Carlota Joaquina uma garanhona. Que quer dizer isso? Será que aquella protuberancia abdominal de D. João VI... Nossa Senhora!!!

Até de palavras chulas o autor se serve, como a que se encontra a paginas 468, com referencia aos habitos dos escravocratas: "Era na rêde que elles faziam longamente o quilo — palitando os dentes, cuspindo no chão, arrotando alto..." e aqui vem o termo que quizeramos ver o sr. Freyre empregar em uma de suas optimas conferencias, perante auditorio selecto... Essa linguagem nada teria de estranha no romance, no conto, desde que viesse da bocca das personagens. O autor da obra, e muito menos o dessa obra, é que não pôde falar assim.

E entretanto, de envolta com todos esses ple-

UMA ARTISTA NOVA

O salão de caricaturas que Yolanda Pongetti expõe na Associação de Artistas Brasileiros, vale para o espirito cansado de formalismos, como uma primeira reconciliação com a alegria, agora que neste começo do barbaro verão carioca, o Carnaval anda se preparando nos morros para libertar a cidade das amarguras convencionaes da estação.

Vae-se á exposição annunciada, por uma intima e antiga ligação com essa fôrma grotesca da pintura, que é a caricatura. O caricaturista é um irreverente feliz. Não é obrigado como um pamphletario ou um poeta satyrico a explicar as suas intenções. Reduz a uma gotta a pupilla dos hypocritas, transforma em Cyrano os avarentos de nariz normal, escancara em fauces de gargantua a bocca do glutão. E' o deus reformador do universo da physionomia humana. O seu lapis despreocupado abre clareiras subitas de comprehensão, como um minuto da genese. E' pensando na pobreza do nosso traço humoristico, e invejando os paizes afortunados que encontram nas revistas as creações maravilhosas de Garretto e Covarrubias, que se entra na exposição.

beismos e brasileirismos, apparece a paginas 296 um "familias de prol", que é tudo quanto ha de mais portuguez, de mais seiscentista, de mais Barão d'Ascurra...

Linguagem escripta igual a linguagem façada ou syntaxe brasileira differente da portugueza — essa, a formula que encheu de entusiasmo ao sr. Gilberto Freyre. *Me dê, me deixe, me diga*, contra *dê-me, deixe-me, diga-me*. Allegam os annunciadores dessa "grammatica nova" que se sente, no primeiro caso, a doçura, a humildade, a delicadeza de um pedido, ao passo que, no segundo, ha a aspereza, a seccura, a brutalidade do mando. Como se isso não resultasse do tom em que se fala, mais do que da posição das palavras na phrase; como se o phenomeno não fosse antes psychologico, que philologico! O francez, o italiano, o inglez, o allemão, o russo, todos pospõem o pronome objecto ao verbo no imperativo, sem que deixem por isso de distinguir, de sentir, na mesma expressão assim formada, aqui uma ordem, um pedido ali. Sabe muito bem disso o sr. Gilberto Freyre. Mas foi, como se diz, na onda, adheriu á tolce de alguns grammaticos, logo aproveitada e explorada pelos que não sabem escrever; o que não se enten-

Ahi, um mundo de surpresas vai revelando successivamente os seus varios continentes de espanto, ante os nossos olhos de turista de alegria.

E então, depois de um encontro com a encantadora simplicidade da artista, contempla-se a "big parade" dos figurões cariocas, atravez da lente convexa de uma sensibilidade requintada.

Vamos perdidos numa alluvião de traços sempre differentes, que procuram se transformar em volumes, que ora esboçam um desejo de perspectiva e têm, ás vezes, a aspiração do colorido. A maneira polimorphica do traço de Yolanda Pongetti desconcerta a principio. Os cabellos são differentes de charge para charge. Não ha quasi olhos desenhados da mesma maneira. Todo nariz representa uma criação.

Vê-se depois, que além dessa instabilidade, reside uma energica personalidade, que adoptou a regra de dar a cada physionomia differente, um carinho diverso de expressão. Porque o cabello de um politico ha de ser igual ao de um sportman? Contentem-se em ser assim na realidade. A caricaturista assumirá um ponto de vista sceptico, negará os dados dos sentidos, e di-

rá que vê nos rostos e em seus detalhes as profundas differencas que dividem as almas, como abysmos. Depois, ao extremo do cruzeiro por aquella costa de Levante de almas reveladas como portos mysteriosos, a curiosidade se demora nas caricaturas de mulher.

A artista aqui é differente e superior a tudo o que temos no genero. Algumas das suas charges femininas são verdadeiras obras primas.

Volta-se para a rua, com a alegria superior e o perdão compassivo do "globe-trotter" que regressa á patria. Guardam-se nas prateleiras do cerebro as caricaturas que deixaram mais profunda impressão. O ministro da Alemanha, a sra. Tetrá de Teffé, a poetisa Maria Sabina, Mussolini, Edgard da Rocha Miranda, Maria Eugenia Celso.

E ganhou-se bravamente o dia, com a felicidade de conhecer uma artista original e vigorosa, nesse genero de que o mundo moderno anda tão necessitado. Uma boa caricatura vale tantas vezes uma má revolução...

PINHEIRO DE LEMOS

No fundo de todas as cousas está a tristeza, como no fim de todos os rios está o oceano.

Amiel.

de, absolutamente, com elle, que allia á sua competencia nas chamadas sciencias moraes a qualidade de um escriptor consummado, cujo estylo não precisa dessa "syntaxe" para ser o que é: um encanto.

Leitor indiscreto, resolve este *test*: Como pode a gente saber que "aos quarenta annos as negras dão a impressão de corresponder ás famosas mulheres de trinta annos dos paizes frios e temperados?" que "uma preta quarentona é ainda uma mulher apenas querendo ficar madura; ainda capaz de tentações envolventes?" (Pagina 485).

Pena é que se encontrem taes cochilos em livro tão cheio de sabedoria, que se lê com uma grande admiração e um immenso prazer. São, todavia, cochilos homericos. E ainda pode ser que o defeito seja nosso — falsa visão de uma critica estrabica e deva dizer-se, de *Casa Grande & Senzala*, que é obra simplesmente primorosa. Como quer que seja, a nossa opinião final, ultima, definitiva é que não existe, em toda a litteratura sociologica brasileira, livro mais valioso, nem melhor contribuição para o conhecimento da nossa gente.

V. DE MIRANDA REIS.

REFLEXÕES DUM LUZO-BRASILEIRO

Tenho dado tantas provas de amor pelo Brasil, e mais do que isso, de sentimento brasileiro, que me esqueço de que sou estranho a essa terra. Mas poderá ser considerado um estranho quem deve ao Brasil grande parte da sua formação espiritual? Qualquer immigrante, pelo facto de se naturalizar, pode ser considerado brasileiro, e eu, só pelo facto de ser cidadão portuguez, não hei-de passar dum estranho ahi quando sou, um pouco, filho espiritual do Brasil, revelando a sua litteratura, explicando a sua psychologia e justificando até, em nome dos interesses do povo brasileiro, os actos dos seus governantes que prejudicam a economia portugueza. Pois, apesar disso, quando, ali, fiz, uma vez, em conversa, certos reparos a coisas do Brasil, alguém me fez sentir a minha qualidade de estrangeiro. Fiquei espantado e indignado. Então, só porque criticava coisas ou pessoas brasileiras, deixava de ser o irmão, o filho adoptivo dessa terra, que a defendera até contra os portuguezes, e desinteressadamente, sem paga, sem desejo de compensação e, até, sem agradecimento dos brasileiros? E quem me fazia sentir a qualidade de estrangeiro era uma pessoa que dizia amar Portugal, e desejar que as relações entre brasileiros e portuguezes fossem verdadeiramente fraternas. Pois entre irmãos, o sentimento que deve dominar é o da franqueza. Só quando tivermos a coragem de ser sinceros e de dizer, uns aos outros, a verdade, é que seremos irmãos.

A morte de Antonio Torres penalizou-me por isso, apesar do mal que elle disse dos portuguezes. A morte dum escriptor causa-me sempre tristeza, mesmo que elle tenha sido meu adversario pessoal contrario ás minhas ideias ou inimigo da minha patria. E' claro que, para sentir pena, é preciso que o escriptor morto tenha tido talento. Só ao valor intellectual des-

culpo que me magoe, que ataque as minhas opiniões ou offenda o meu paiz. O que não perdão ao talento litterario! Que Antonio Torres tinha valor, sempre o reconheci eu publicamente. Em 1926, na primeira tentativa que fiz para tornar conhecida em Portugal a litteratura brasileira contemporanea, falei do "nosso talvez mais virulento inimigo, o vigoroso pamphletario Antonio Torres", accrescentando que nos seus livros se sentia, "apesar do seu odio ou do seu pretendido desprezo por nós, a influencia de Fialho". E não só de Fialho — poderia ter accrescentado — mas de Camillo e dos classicos portuguezes. Esse homem, que nada queria com Portugal, escrevia como um vernaculo e empregava contra nós o estylo dum castiço prosador portuguez. A sua vis pamphletaria vinha directamente do autor da *Bohemia do espirito* e do padre José Agostinho de Macedo. O que eu considero o maior defeito portuguez — a tendencia para a diatribe — teve um dos seus representantes no autor lusophobo de *As razões da Inconfidencia*.

Relendo esse livro, tão tristemente celebre na minha opinião, pensei na inutilidade das obras ditadas pela furia de atacar uma pessoa, uma crença ou um povo. O erudito Antonio Torres não se lembrou de que tudo quanto podia dizer contra a administração portugueza estava dito, em poucas linhas, por um portuguez, e um portuguez patriota. Vale a pena transcrever o que disse Latino Coelho no *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, para que se veja no Brasil como os intellectuaes portuguezes deram sempre razão ás tentativas de independencia:

"Mas que erroneo systema proseguimos em erigir os fundamentos ao futuro imperio americano!

"Legislamos, como se foram os portuguezes de além-mar os parias da metropole. Governamos, como se o Brasil fosse ape-

nas uma herdade, onde trouxemos a gages obscuros e oprimidos jornaleiros. Defendemos-lhe a comunicação e o tracto de gentes peregrinas. Reduzimos a estanco e monopolio grande parte das suas valiosas produções. Prohibimos-lhe que erigisse um tear, uma forja, uma officina. Declaramos por attentado que um só prelo diffundisse timidamente a sua luz naquellas regiões escuras. Condenmamos por subversivas as sociedades litterarias. Receamos que a minima illustração do pensamento nos roubasse a colonia emancipada".

Tendo havido um portuguez que escreveu estas palavras não foi superflua a colera de Antonio Torres? Mas eu nunca lhe quiz mal em vida, e muito menos menospreso a sua memória. Nada poderia fazer-me esquecer que elle foi um authentico homem de letras e — o que é mais talvez — um lettrado. Sabe Agrippino Grieco que não me offendo facilmente com os ataques ao meu paiz ou á minha pessoa. Apesar daquelle seu artigo, *Decadencia*, que vem nos *Vivos e mortos*, não deixei nunca de o admirar e, até, de o estimar. Tambem não me indignei ao saber que, num rodapé de *O Jornal*, se tinha queixado de nada ter feito em São Paulo por eu ter ganho todo o dinheiro que lá havia. Achei graça, e como graça tomei essa referencia á minha visita a São Paulo. Esclareci a pessoa que me informou: "O Grieco é assim; misturou o azeite com o vinagre, e, agora, deita um pouco de acidez em tudo quanto escreve, mesmo sobre os amigos. Porque eu sou, e continuo a ser amigo do Grieco". Mas, aqui entre nós, — meu caro Agrippino! — sempre lhe direi que São Paulo não me pagou o amor que tenho por elle. Nem São Paulo nem o Brasil me deram mais do que o que eu necessitava para os visitar e vir, depois, proseguir na tarefa que me impuz de os revelar aos portuguezes. Quer saber a verdade

CHOROMANSKI, ROMANCISTA POLONEZ

A começar pelo título *Medicina e ciúme* (Paris, Collection Polonaise, 1934) é suggestivo sob varios aspectos o romance do jovem autor polonez, Miguel Choromanski. Livro destinado a despertar, como de facto despertou, vivas controversias, e analysado foi pelos melhores criticos e ensaistas de seu paiz, attrahirá bella pleiade de leitores.

Choromanski pertence, evidentemente, á categoria dos autores, de que nos fala Sainte-Beuve, que escrevem para dizer alguma coisa. Tanto basta para significar, — qualquer que seja o juízo manifestado por seus leitores, que o artista é um vulto singular, distante, bem distante, de uma simples e promissora promessa.

A formação mental de Choromanski, fel-o um homem de dois mundos. Sim, de dois mundos apparentes, diversos entretanto em essencia, e mais diversos ainda em suas tendencias espirituales. Nenhum vestigio, nenhum traço se lhe nota de influencias climatericas interiores quer da Russia, onde foi educado, quer da Polonia, que acaba de consagral-o através do premio que lhe foi conferido pela Academia de Varsovia. Ha que accentuar aqui, e o fazemos sob palmas, o liberalismo dos academicos polonezes, que, sem preconceitos, distinguiram o romance de Choromanski, sem que se dessem conta de que na obra do artista ha paginas bastante livres. Não sabemos se os senhores da congenere franceza o teriam feito, tão eivados de convencionalismos ainda se nos

apresentam. E por ahi nos andam a dizer, que o cenaculo é uma verdadeira gerontocracia, naturalmente conservadora. Que illusão!...

A obra de Choromanski dá-nos a impressão de uma brilhante parodia do romance modernista, como o *Euzebio Macario*, de Camillo, foi uma parodia do romance naturalista. Não lhe faltam analyses psicologicas, que tanto agradam, principalmente nos dias de hoje, em que o romance perde seu caracter intrinseco, para tornar-se campo de disputas doutrinarias e ideologicas, accentuadamente politicas, sob titulos diversos, de litteratura proletaria, freudista etc. E' de notar aqui, que disputas semelhantes estão longe de ter a elevada feição das luctas do passado, a que se refere o publicista allemão Boerne, quando affirmava que cada livro francez era uma batalha social.

Em geral, os heroes do romance de que falamos procedem de fórmula differente da que espera o leitor; o fundo de seus caracteres fica um escuro problema: é que o sub-consciente domina absolutamente o consciente. E eis o traço, dos mais particulares da litteratura modernista, que, em grande parte, se inspira na technica de Dostoiewski, aliás exagerando-a.

A desordem apparente na narração: abundancia de detalhes, que parecem inuteis á acção, allusões mysteriosas a cousas que o leitor ignora, uma athmosphera de terror acabrunhante, todo esse conjuncto lembra Dostoie-

wski. Mas, no meio dessas nuvens escuras fica-nos a impressão de que Choromanski troça de seus leitores. Uma das scenas mais interessantes a esse respeito é aquella que nos apresenta um garoto judeu a repetir, muitas vezes, inexplicavel e mysteriosamente esta phrase: "meu pai tem uma lanterna no ventre". Ora, ahi está bem claro algo de parodia ás phrases mysteriosas que repetem de vez em quando, no meio da acção, os heroes de Ibsen e Maeterlinck. E, nesta occasião, o autor polonez observa: o menino era muito original.

Elementos de freudismo não estão ausentes da obra que, doutro modo, não seria completamente moderna.

O enredo se desenvolve de fórmula muito original, que lembra, noutra esphera da arte, as acrobacias de Pirandello, e, ainda mais, a technica introduzida na litteratura moderna por Jules Romain, no seu romance *La mort de quelqu'un*, isto é: a exposição parallelá das scenas, que occorrem simultaneamente em logores differentes. Aqui se nota analogia com os processos actuaes do cinema, mas é justo observar que o romance de Jules Romain é de 1911, anterior, portanto, á technica actual da dramaturgia cinematographica (*).

Os acontecimentos de *Medicina e ciúme*, ao envéz de marcharem para deante, vão geralmente para traz. Começam por uma scena, não de todo clara para o leitor, que desconhece seus antecedentes. E' preciso, pois, explical-a

completa? Mal ganhei para as despesas da viagem. Ou não sabe você ainda que não sou profissional do intercambio luso-brasileiro? O que faço por vós faço-o porque me interessa o Brasil, mas o Brasil brasileiro e o Brasil litterario; não o que ha de portuguez no Brasil, nem o Brasil official. Não é, mesmo, aos brasileiros lusophilos que me interessa falar, mas aos que teem contra Portugal uma pre-

venção qualquer. A esses é que eu quiz falar ahi da *Psychologia de Portugal*. Aos portuguezes que sentem indiferença pelo vosso paiz é que eu quiz fornecer um *Espelho do Brasil*. E sabe o resultado? O homem que até ha pouco considerei mais irreductivel ao encanto do Brasil, dada a sua formação espiritual, o mediterrânico, o hellenico Teixeira Gomes, de quem Assis Chateaubriand me contou a

indiferença pela vossa terra, escreveu-me ha mezes:

"Quer crer que asua cruzada, em pró da litteratura brasileira, tambem me captiva a mim? Até já sinto pena de a não ter estudado; porém agora, na minha idade, é tarde, e devo contentar-me com as suas bellissimas lições—o que já não é pouco".

Diga isto a Assis Chateaubriand e a todos os brasileiros.

OSORIO DE OLIVEIRA

e o autor remonta ao passado. Este, por seu turno, explica-se por acontecimentos anteriores, ainda mais remotos, e assim é necessario retroceder ainda mais. Após, o autor conta as consequências destes acontecimentos e a acção começa a progredir de scena em scena. Succede que a mesma scena é contada duas ou talvez tres vezes, como consequencia dos antecedentes diferentes serem vistos por testemunhos também diferentes.

Este ultimo processo já foi empregado num romance de Estanié, que apresenta ao leitor a mesma historia contada por tres pessoas diferentes, e por consequente, vista de um modo completamente diverso. Como Estanié não dá os mesmos nomes aos personagens, o leitor pensa que se trata de tres episodios diversos, e só no fim da obra os identifica, como sendo tres aspectos subjectivos da mesma historia.

Até certo ponto, Choromanski usa de artificio deste genero. O leitor esquece a primeira scena, vê progredir os acontecimentos e não repara, que, ainda que posteriores aos antecedentes, são anteriores aos da primeira scena do romance, de modo que, quando esta ultima, no fim do livro, se lhe apresenta pela segunda vez, a principio não a reconhece e extranha, verificando a repetição de certos detalhes, que conservou na memoria, mas, logo em seguida, percebe que lê a segunda narração da primeira scena do romance. Que surpresa! Então, desde o começo, o romance não deu um passo á frente, não marchou, não progrediu?

Ao lado desta originalidade, outra se nos depara. Com o progresso da narração a atmosphera do romance se carrega de nuvens, cada vez mais sombrias. Tudo annuncia um desenlace tragico á Dostoiewski. Não ha meio de afastal-o. O assassinio é inevitavel, imminente. O leitor fremente por antecipação. Por fim, tudo se resolve numa alegre gargalhada. O Widna amoroso e apoucado de Choromanski, evoca o Georges Dandin de Molière.

Tudo que precede a ultima sce-

na é sombrio, horivelmente sombrio, principalmente as descrições de operações, tão naturaes, que dão calafrios no leitor. O odôr do ether, do chloroformio, algodões sanguineos e nauseabundos parecem estar presentes. Aqui, não ha duvida, Choromanski é magistral, soberbo; se não passa, iguala a brutalidade naturalista de Zola. Se fizera a pintura dos soffrimentos Moraes dos hospitalizados com a mesma maestria com que nos apresenta os physicos, attingiria o nivel de Andreieff no *L'E' pouvante*.

Mas já vamos longe e mistér se torna terminar.

Notemos uma particularidade interessante, isto é, a adopção pelo nosso autor de uma these favorita aos senhores sovietistas. Choromanski, com 26 annos, cheio de gloria, no meio de atrahentes polonezas, — ellas são graça e requinte — acha que ciúmes, amor e outras banalidades, resultam da falta do que fazer.

Seu romance, entretanto, não confirma esta these. Um dos principaes heroes, medico, muito atarefado, tem paixões, amor e ciúmes...

Em resumo, diremos: o romance de Choromanski mereceu re-tumbante successo. Original até a esquesitice, é escripto com grande talento, empolga o leitor. Todavia persistimos em crer que em grande parte é elle uma parodia, uma satyra ás modas dominantes. Tão brilhante estréa faz-nos esperar outras obras. Não ha duvida, a litteratura poloneza se

emancipa de velhas formulas, irradiando-se justificadamente para além das bellas margens do Vistula...

UBALDO SOARES

(*) Numa de suas interessantes conferencias, na Academia de Letras, notou o professor Ascoli, que a doutrina de Bergson sobre a duração objectiva e subjectiva e, posteriormente, a theoria einsteineana da relatividade do tempo, influíram sobre os romancistas modernos, como, por exemplo, Mauriac, que nas suas obras não seguem, como os romancistas de outr'ora, a ordem chronologica, mas invertem a ordem e os acontecimentos para melhor estudarem suas repercussões na psyché dos individuos, reunindo algumas vezes o que foi separado por longos intervallos.

— Sob o pseudonymo de *Criticus*, a Nouvelle Revue Française vem de publicar um volume em que se faz critica impiedosa e esmiuçadora á obra de escriptores dos mais conceituados na França, como Duhamel, Colette, Giraudoux e outros. Em livro do mesmo genero, intitulado *Lettres*, René Groos e Gonzague Truc também se mostram bastante severos sobre escriptores da nova geração, como Céline e Malraux, que tanto successo lograram nos ultimos tempos, aquelle com o *Voyage au bout de la nuit* e este com *La condition humaine*.

— Tommaso Gallarati Scotti escreve *La Vita di Fogazzaro*. Nesse bello ensaio biographico apresentam-se qualidades e defeitos do romancista que suscitou na Italia tantos debates e controversias ruidosas. Fundamentalmente catholico, Fogazzaro deixou-se captivar pelos propósitos liberaes de certos modernistas da Igreja e pelos postulados scientificos da transformação das especies. Dahi a situação equivocca em que ficou ao envelhecer, no desejo de conciliar Darwin e a Biblia, os dogmas do Vaticano e certas innovações que este pôde comportar. Mas era um grande escriptor e em torno aos seus romances, de tanta dignidade litteraria, se vae agora operando um verdadeiro renascimento de interesse e admiração.

— Volta-se a discutir a paternidade dos *Discursos sobre as paixões do amor*, attribuidas a Pascal. Foi o critico italiano Ferdinando Neri quem primeiro lançou a duvida sobre a momentosa questão, mais recentemente trazida a debate pelo francez L. H. Boudhors, que participa das mesmas idéas do seu collega italiano. Para ambos, os *Discursos*, pela modernidade da sua lingua, devem ter sido escriptos no fim do seculo XVII ou inicio do seguinte, sendo que em muitos pontos o seu estylo se approxima do de La Bruyère, no *Caractères*.

Ultimas edições "Ariel":

Alberto Ramos

POEMAS 8\$000

Gastão Cruls

VERTIGEM

Romance 6\$000

Graciliano Ramos

S. BERNARDO

Romance 6\$000

O POETA RUY RIBEIRO COUTO

Ruy Ribeiro Couto nasceu em Santos, cidade commercial de longas praias e de crepusculos tristes. Filho legitimo do littoral de São Paulo trouxe para o seu temperamento reminiscencias duma meninice calma e humilde que espiava desconfiada nas grades do collegio dos padres, que era dos meninos ricos, o bate-bola da guryrada entre o desfilar lugubre das sotainas. "Eu soffria porque minha familia era pobre" diz elle numa queixa humilde. Collecionava sellos, e todas as meninas da visinhança foram suas namoradas.

Bôa infancia esta de Ruy Ribeiro Couto. Seu soffrimento foi innocente e foi ingenuo. Foi o grande soffrimento da creança pobre. Não faz mal. Elle então, não sabia que o Coração de Jesus (como mais tarde descobriu) preparava em seu coração a "riqueza ineffavel". Certamente, a "riqueza ineffavel", o presente mais lindo cahido do céu num dia de nevoeiro, num dia de nuvens tristes, foi tornal-o poeta. Poeta, cantou sua terra peregrina e sua infancia humilde, mas cheia de encantamento, com a lembrança cariciosa de santos de Igreja, de templos humidos meio adormecidos na sombra, dos oratorios de nossas familias catholicas...

Minha infancia se pareceu muito com a delle. Fui, como Ribeiro Couto, um pequenino mystico. Tive uma collecção de santos que eu alinhava pela sala de jantar da minha casa e, fingindo-me de padre, recitava missas fabulosas ao som do vozear de minhas irmãs, de minha mãe que entretida no seu "crochet" quasi nunca tomava parte naquelle zum-zum de conversa que vinha marcar nos meus ouvidos um distante e confuso rumor, tão distante! Encontrei-me pois, nos versos de Ribeiro Couto. Foi por isso que chamei de bôbo um sujeito que me dizia, outro dia, que *Noroeste e outros poemas do Brasil* eram um livro de versos artificiaes. Coitado delle, hein Ribeiro Couto? Elle não soube da nossa mansa meninice christã.

Ribeiro Couto descobriu sua cidade nestes versos:

*Sou bem teu filho, ó cidade maritima,
Tenho no sangue o instincto da partida,
O amor dos estrangeiros e das nações.*

Este é, por certo, o primeiro chamamento no contacto rude do mar. Ha, tambem mexendo-se em tudo, a vida commercial de seu berço natal — o escoadouro de toda a producção formidanda dos cafezaes de São Paulo.

*Nasci junto do porto, ouvindo o barulho dos embarques.
Os pesados carretões de café
Sacudiam as ruas, faziam trepidar o meu berço.
Cresci junto do porto, vendo a azafama dos embarques.
O apito dos cargueiros que partiam
Deixava longas resonancias na minha rua.
Brinquei de pegador entre os vagões das docas.
Os grãos de café, perdidos no lagêdo,
Eram pedrinhas que eu atirava noutros meninos.*

São assim os poemas de Santos (1). Trazem, todos elles, uma funda marca individual. São recordações, coisas do tempo de creança e é por isso que estão meio deslocados entre os outros poemas que abrem volume e de feição (ou technica) ben diversa de toda a composição poetica de Ribeiro Couto. Agora que foram publicados o *Jardim das Confidencias* e os *Poemetos de Ternura e de Melancolia* num só volume com o titulo mais puro do mundo: *Poesia*, pôde-se vêr, senão pela simples leitura dos versos bonitos que o compõem, pelas chronicas publicadas na ocasião do apparecimento de ambos os livros e de que os editores tiveram o cuidado de transcrever alguns trechos fechando a brochura. São artigos de João Ribeiro, Ronald de Carvalho, Agrippino Grieco, Rodrigo M. F. de Andrade, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes Neto, Mucio Leão e outros. E pela leitura delles vê-se que Ribeiro Couto ficou sendo o nosso grande poeta penumbriado. Não sei se alguém falou de Albert Samain nacional. Mas o que bastava (e o que interessava) era ser unicamente Ribeiro Couto. Na melancolia desses primeiros versos de sua adolescencia poude ser realizada uma profunda poesia interior, poesia de tarde cinzenta, poesia de clima frio, enfim.

Pois o caso é que em *Noroeste* vamos encontrar um poeta completamente differente. Este livro (estou bem certo) trouxe um novo sentido na poetica de Ribeiro Couto. Ha uma coisa bem mais edificante nestes novos versos admiraveis que falam de immigrantes, de terras por abrir, de cidades mal construidas. E' o milagre da realização duma poesia épica, mas duma poesia épica sem "mares nunca dantes navegados", sem trovoadas, sem bombas, ou guerras, ou maldições. De tudo rescende um gosto nativo que não tinha sido ainda surprehendido. Foi a grande alvorada, o arrebitar da seiva da terra virgem de São Paulo, dum "São Paulo com o mesmo gosto ineffavel do Brasil".

E' esta a "poesia da terra inauguratoria":

*Esta humanidade virgem sem antepassados locaes!
Esta certeza de fundar a vida ambiente,
A alegria de construir a casa inicial!
Chegar um dia com os camaradas,
Derrubar os troncos para os esteios,
Cortar o sapé para a coberta,
Cavar o poço junto da porta
E fazer o primeiro fogo do lar!
Depois na noite do sertão rude,
Dormir no girão cheiroso
Sonhando com as roças futuras em flôr.
Nenhum homem feito, ó Noroeste,
Poderá dizer-te minha terra natal!*

Annunciação de Noroeste que se vae corporificando com intensidade, que se vae vestindo de plantações, de vida e de civilização. Criando um novo motivo para uma alegria mais nova ainda,

não conhecida nas outras terras em colonização (póde-se falar em colonização).

"Poesia da terra inauguratoria!"

E' o poeta mais feliz quem primeiro sentiu essas coisas. E os immigrantes — os mesmos homens que ficaram presos á terra, que serviram de base para toda a força economica paulista — são os heróicos constructores. Produziram riqueza e tiveram filhos nacionaes.

Elles vinham chegando:

*Nesses corpos fetidos que os beliches balançaram
Na travessia do vapor inglez,
Ha uma poesia profunda,
Ha uma poesia violenta.*

Então não é poesia épica esta poesia do Noroeste?

Já se chamou um poeta infeliz, cantor desastado de *Caramuru*, de poeta épico. Não foi só elle (talvez bôa pessoa, coração bem formado, aquelle Santa Rita Durão) que foi chamado assim porque metrificou copiando um trecho historico ou narrando uma lenda. Mas isso é quasi anecdota. Anecdota importante mas é anecdota. Poesia épica deve ser este arrebatamento, esta força viva que é um raio de luz.

* * *

Versos de outra caracteristica são os de *Jardim das Confidencias* (1921), *Poemetos de Ternura e de Melancolia* (1924), *Canções de Amor* (1928). Apresentam-se, na sua totalidade, em balladas e canções. E' tudo musica bem doce, bem pura, bem musica. São lamentações humildes e delicadas proferidas sem desespero. Versos ditos em surdina com pouca luz. Versos de tardes, de crepusculos.

O *Jardim das Confidencias* está dividido em "Os Romances Perdidos", "A Mocidade Inquieta" e a "Espera Inutil". Mas tudo está intensamente ligado e a emoção é a mesma ao ler-se, uma só. Até nas poesias mais ou menos distinctas dentre as puras flôres do *Jardim* a emoção é igual, apesar de renovada sempre. Veja-se, por exemplo, o *Heroe que matara o reizinho inimigo*:

*Volto da guerra maguado.
O povo diz-me: Soldado,
E's o mais bravo da terra".
Como o povo anda enganado!
Volto maguado da guerra...
"Gloria ás tuas cicatrizes!
Nos mais remotos paizes,
Feliz! Teu nome é acclamado".
Ah! Sou dos mais infelizes!
Volto da guerra maguado...
Venci a maior batalha
E deram-me esta medalha
Cobiçada em toda a terra.
Meu Deus, por mais que ella valha...
Volto maguado da guerra.
Foi minha sorte e castigo
Ver o reizinho inimigo
Nestas mãos, ensanguentado,
Morrer chorando commigo...
Volto da guerra maguado.*

Não se explica poesia, meus senhores. Mas é isto que ahí está. Isto mesmo que ficou vibrando, que trouxe, como resonancia, este puro consolo, esta alegria!

* * *

Ribeiro Couto fez publicar em 1926 o seu *Um Homem na Multidão*. Ha composições varias, nesse volume, inclusive uma série de poemas para São José do Barreiro — pequeno logarejo do interior de São Paulo. Dahi já se pressente o cheiro de *Provincia* que havia de vir mais tarde (e veio este anno) ricamente editado de Portugal e todo illustrado por Sotero Cosme.

Em *Um Homem na Multidão* a poesia de Ribeiro Couto já não é muito melancolica. Faz versos alegres: — uma "brincadeira" em que se ri dos poetas que não entendem poesia fóra daquillo "do que elles chamam escola". Ha muito thema futil bem apanhado e bem conduzido. O poeta apparece andando na chuva de botinas rasgadas, "a caminho de casa, pensando um poema". Versos para uma Lolita Gonzalez que houve em São Paulo. Discursos. Pequeninos cantos de Cachoeiro de Itapemerim, Victoria. Um magnifico canto de Santos, que mais tarde appareceu mais crystallizado, mais desenvolvido nas ultimas paginas de *Noroeste* onde ha versos que possuem mesmo uma grande semelhança:

*Junto a estas aguas oleosas nasci.
Nasci para sonhar o bem difficil das viagens,
O encanto triste dos amanhãs do exilio.
O apito longo das sereias, nas partidas,
Foi a musica maravilhosa dos meus ouvidos de
criança.*

A segunda parte do livro está mais fundamentalmente identificada com aquelle poeta "penumbриста" dos *Poemetos de Ternura e de Melancolia*. Ha o mesmo frio. Poeta de inverno. Poeta que fica atraz da vidraça, ouvindo a chuva, lá fóra, a cabir.

Mas eu queria apenas falar agora do poeta da *Provincia* e rara citar no *Um Homem na Multidão* os poeminhas a São José do Barreiro como o aviso do bello livro de 1934 que veio da Europa tão cheio de luxos.

Quero dizer que o que Ribeiro Couto realizou neste seu ultimo grande livro de poesia foi, propriamente, uma poesia da nossa roça. Uma alta poesia por vezes. Outras, ha uma poesia de extrema minudencia. Elle fala em bilhares, na botica, cachaca, etc. Gostei muito dos *Madrigaes para alquem da localidade*. Mais ainda deste lindo *Contentamento*:

*Este ar tranquillo que me envolve,
A mansidão que me penetra,
Na noite fluida, transparente,
E' tudo quanto eu desejava.
Que mais me falta, Deus louvado?
A lua vem, entre as ramagens
Do jardim que morre na sombra,
Fazer-me a suave companhia.
Esta doçura esparsa em tudo
(Que noite para amar a vida!),
Bem sei porque me põe num extase.*

ANGYONE COSTA

Inicialmente quero avisar com a maior honestidade que não entendo nada de archeologia. E' por isto que esta nota não trata absolutamente da *Introdução á archeologia brasileira*. Os entendidos dirão do valor do livro de Angyone Costa.

Nesta minha noticia chamo a attenção do publico unicamente para um facto: em geral os nossos livros de sciencia são miseravelmente mal escriptos. Fazendo excepção de Roquette-Pinto, Miguel Ozorio de Almeida (como esse medico escreve bem!), Afranio Peixoto, Arthur Ramos e uns poucos mais, os nossos cientistas conseguem ser os piores escriptores do mundo. Caso raro o de um Porto Correio, homem de sciencia que é ao mesmo tempo admiravel homem de letras.

Deve ser doloroso ter a obrigação de ler os volumes que os cientistas brasileiros lançam com abundancia no mercado. Já não quero falar dos medicos que evidentemente nasceram unicamente para medicos e teimam, com uma força de vontade immensa, se transformar em escriptores. Falo apenas dos livros de sciencia. De quando em vez um

leigo tem necessidade de ler um volume de sciencia. Por qualquer motivo o sujeito tem que consultar um livro especializado nisto ou naquillo. E' um desastre. Como escrevem mal os nossos especialistas. A começar pelos juristas, que escrevem os livros de direito. Estudante de direito que sou, confesso que tenho sido obrigado a recuar ante a maior parte da nossa litteratura juridica. Que livros mal escriptos...

Pois posso garantir ao leitor que se interesse por archeologia que o volume de Angyone Costa se faz ler com o maior prazer.

Para um leigo no assumpto como eu, o volume com as suas 500 paginas, apresenta á primeira vista um aspecto desolador. Com este calor ler um livro de sciencia tão volumoso, deve ser tragico! Tudo convida a gente para a leitura suave dos romances, das coisas amenas e faceis.

No entanto o livro de Angyone Costa tem a seu favor, para quem o conhece como escriptor, esta garantia inicial: deve ser um livro bem escripto. E é realmente. Apesar de livro especializado não cansa o leitor. Não nos encontramos ante um medico operador que, acostumado com

o bisturi, não sabe pegar na pena. Aqui ha realmente um escriptor, um homem que sabe escrever, que não será apenas admiravel pelo valor que possa ter o seu livro como obra sobre a archeologia. De qualquer maneira, Angyone Costa é um escriptor que sempre será lido com prazer. Sabe dizer as coisas mais aridas com um geito elegante e facil de quem não é apenas professor do Museu Historico.

Mesmo com este calor louco se consegue ler um livro sobre archeologia, sem entender nada do assumpto: quando este livro é escripto por Angyone Costa.

Agora o artigo de verdade sobre o livro, como obra scientifica, só um entendido na materia pode escrever. Porém, se o leitor souber que o volume de Angyone Costa é um bom tratado de archeologia, não o guarde para o ler no inverno. Leia mesmo com o calor, porque é um livro de um escriptor.

JORGE AMADO

O amor mais profundo não é o que gosa, mas o que soffre.

Albert Samain.

Sem as alegrias do amor, a vida não é mais do que uma triste herança.

Frank Harris.

*E' a esmola anonyma do céu
Para a minha alma de homem grato.
Meu Senhor, minha bocca é pobre
Para dizer toda a verdade,
Tudo que sobe do meu peito.
Meu Senhor, á minha familia
Dá sempre saude e paciencia;
Aos meus amigos dá fortuna;
E ao mais indigno dos teus filhos
Este humilde contentamento.*

* * *

No acontecimento litterario de São Paulo, o que ha de bem marcante é a distincção entre os escriptores que exploram a cidade e outros que falam da roça. Factos bem differenciados attingiram o *Belazarte* de Mario de Andrade e *Braz, Beiriga e Barra-Funda* de Antonio de Alcantara Machado o indice mais seguro do primeiro grupo. São authenticos escriptores da roça — Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira, o mineiro Godofredo Rangel, Léo Vaz e outros. E' a vida monotona e repisada que se respira nas *Cidades Mortas*. E' o falar pittoresco dos typos de Valdomiro Silveira. Toda a tragedia simples do "professor Jeremias"...

O que esta *Provincia* quer dizer é roça. E poe-

ta que tivesse cantado a nossa roça, tínhamos em São Paulo, ao que parece, só um: Ricardo Gonçalves, o dos *Ipês*. (Deixo de falar na *Alma de Cabocla*, de Paulo Setubal que é apenas um amontoado de versinhos bem arrançados).

Sombra é um signal magnifico da *Provincia*:
*A tarde entrou pela janella, como um halito.
Na transparencia do ar que tem cheiro de malto.
Uma andorinha passa perdida, vòta sem pressa.
No espelho immovel dos brejos
A agua prolonga o céu e uma primeira estrella.
O crepusculo vem vindo, desce dos morros.
Não tarda, o véo subtil feito de cinza esparsa,
Tudo envolverá em sua grande sombra
E outras estrellas brilharão na agua dos brejos.*

Ha, porém, uma grande differença entre Ricardo Gonçalves e Ribeiro Couto. Enquanto Ricardo é apenas um paizagista de tintas modestas mas impressionantes, é Ribeiro Couto um intenso poeta individual. Repito novamente isso para terminar dizendo que Ribeiro Couto é bem *elle* em tudo que escreve.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

(1) Note-se a c'taçãc quando falo no *Um Homem na Multidão*.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Machado de Assis	CONCEITOS E PENSAMENTOS (Com- pilação de Julio Cezar da Silva	6\$000
Vicente de Carvalho	POEMAS E CANÇÕES	8\$000
Léo Vaz	O PROFESSOR JEREMIAS	6\$000
C. de Mello Leitão	VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO	10\$000
Carolina Nabuco	A SUCCESSORA	6\$000
Viriato Corrêa	HISTORIA DO BRASIL PARA CREEN- ÇAS	10\$000
André Maurois	LYAUTEY (traduc. de Gustavo Barroso)	7\$000
A. J. de Sampaio	PHITOGEOGRAPHIA DO BRASIL ...	10\$000
J. de Sampaio Ferraz	METEOROLOGIA BRASILEIRA	16\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filias em: Rio, Bahia, Recife e Lisboa

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

*Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca
Brasileira de Medicina Legal,*
ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

Rodrigo Octavio

**MINHAS MEMORIAS DOS
OUTROS**

Broch. 10\$000

Alfredo Pujol

MACHADO DE ASSIS

(2.ª ed.)

15\$000

Miguel Reale

O ESTADO MODERNO

6\$000

Plinio Salgado

O SOFFRIMENTO UNIVERSAL

6\$000

Ultimas Edições da

Livraria José Olympio

Ouvidor, 110 - RIO

JOAQUIM NABUCO

Minha Formação

(Nova edição. 1.º vol. da "Edição Uniforme
das Obras de Joaquim Nabuco).

Br. 8\$000

ARTHUR RAMOS

O Negro Brasileiro

(1.º vol. da "Bibliotheca de Divulgação Scien-
tifica."

Br. 10\$000

J. R. BOURDON

Intimidade Sexual

(IV vol. da "Bibliotheca de Estudos Se-
xuaes")

Br. 5\$000

J. M. DE MACEDO

A Moreninha

(Volume da Collecção "SIP")

Br. 2\$000

Civilização Brasileira S/A

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 2- 6773 —:— Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

Bibliotheca de Estudos Contemporaneos

(EXPERIENCIA -- CULTURA -- ESTHETICA)

Direcção de Neves-Manta

1.ª série: **EXPERIENCIA**

Henrique Roxo — PSICANA-
LISE e outros estudos .. 12\$

A. Austregesilo — NEURO-
SES SEXUAES, compreen-
são e terapeutica 10\$

Cunha Lopes — ESQUIZO-
FRENIA, psiquiatria cli-
nica 15\$

Rolando Monteiro — ESTE-
RILIDADE FEMININA .. 12\$

2.ª série **CULTURA**

A. Austregesilo — VIAGEM
INTERIOR 10\$

Santos Neto — PSICOLOGIA
CRIMINAL E JUSTIÇA .. 10\$

Almachio Diniz — SOCIO-
LOGIA SOVIETICA 12\$

Pedidos a ARIEL, EDITORA LTD.

R. Senador Dantas, 40 — 5.º andar.

Rio de Janeiro

ULTIMAS NOVIDADES

GASTÃO CRULS — *Vertigem*

ROQUETTE-PINTO — *Samambaia*

GRACILIANO RAMOS — *S. Bernardo*

Ariel, Editora Limitada

Rua Senador Dantas, 40 - 5.º and. —:— Rio de Janeiro

“N I J I N S K Y”

Ao terminar a leitura do emocionante livro que Romola Nijinsky dedicou á vida e á gloria de seu marido, o prodigioso bailarino que a loucura tão impiedosamente segregou do convívio dos outros homens e ha quinze annos deperece dia a dia, marasmado num tristonho sanatorio da Suissa, aco-de-nos a lembrança de uma anecdota contada por Luciano de Samosata, que tão alto soube elevar a arte da dansa.

Refere o delicioso autor dos *Dialogos* que certo principe estrangeiro, sendo hospede da Roma de Nero, teve oportunidade de vêr dansar um dos bailarinos mais famosos da côrte. E tal foi o seu entusiasmo que, já de torna-viagem, quando o imperador lhe perguntava o que mais gostaria de levar como recordação daquella visita, não trepidou em pedir que lhe fosse cedido o eximio choreographo. Nero se espantou, mas logo viu justificada as razões daquelle desejo. E' que o forasteiro o advertiu: “Sou vizinho de povos barbaros, que não falam a minha lingua e com os quaes nunca me pude entender. Assim conseguirei um homem em cujos gestos hei de ter o meu melhor interprete.”

A arte de Vaslav Nijinsky era, na verdade, universal e se as suas creações levantavam em extase as platéas mais cultas, não foi menor o exito que lhe adveio quando, depois dos triumphos de Nova York, aos arrancos de um trem interminavel, por longos mezes andou com a sua *troupe* a percorrer as cidadezinhas mais modestas da America do Norte.

Comtudo, por esse tempo, o “Deus da Dansa” já não havia de ser aquelle mesmo inimitavel artista que aqui apparecera em fins de 1913, deslumbrando-nos com a magia do *Pavillon d'Armide*, de *Schéhérazade*, e tantos outros espectaculos de esplendor inapagavel. Se o viramos, então, em plena lua de mel, pois que, noivando a bordo com uma das suas companheiras de elenco, fôra casar-se em Buenos Aires pouco antes de apparecer ao publico carioca, — dahi por deante, inclusive quando nos visitou pela segunda vez, em 1927, as responsabilidades de chefe de familia, a ruptura com Diaghilew, os cuidados com uma filha pequena, trouxeram á semsaboria do viver quotidiano, á humidade das contingencias terrenas, um sêr alado e quasi irreal, uma creatura feita de graça e harmonia, como, talvez, em tempo algum, outra igual ha de pisar em qualquer palco.

Bem que Romola Nijinsky se esforce por persuadir o leitor que o bailarino nunca foi feliz como quando viveu a seu lado, gozando do seu affecto, embevecido com as gracinhas da filha. Uma série de desastres até o epilogo no sanatorio, falam mais alto do que as suas palavras e convencem-nos do contrario.

Mas o livro, a par desse juizo que nos leva a um sentimento de revolta contra o destino e mesmo contra a propria autora, tem passagens de um delicado sabor e não são das menores, para nós brasileiros, aquellas em que se fala com carinho do Rio de Janeiro, da sua bahia, que quando con-

templada de bordo, foi logo comparada a um scenario de Bakst; do Sylvestre, “o local mais paradisíaco do mundo”, e onde “não se cansavam nunca de passear nas florestas, de admirar as flores e as gigantescas borboletas de coloridos os mais encantadores e variados, azul turqueza, verde-esmeralda, laranja”. Foi aqui tambem que Romola e Nijinsky trocaram as suas alianças, adquiridas numa joalheria da Avenida. O ourives teve tempo para gravar-lhes no interior os dizeres que o bailarino lhe deixara — Vaslav-Romola — 1-9-13 — enquanto o par de noivos percorria a cidade e os seus arrabaldes mais pittorescos e o *Avon*, que os levaria a Buenos Aires, estava atracado no Caes do Porto.

Ha ainda outros episodios que marcam a narrativa de Romola, embora nos perguntemos, por vezes, se a fantasia da autora não teve parte na sua urdidura. Assim quando ella nos diz que o pé de Nijinsky, anatomicamente falando, não era igual ao dos outros homens e tinha muitos pontos de contacto com o pé das aves. (Reportamo-nos ao passado porque a carreira de Nijinsky parece definitivamente encerrada. Pesa-lhe sobre o futuro um diagnostico de *schizophrenia* feito por sumidades como Freud, Bleuler, Kreplin, Jung e outros). Aquella anomalia, que fez o espanto dos medicos, foi verificada atravez dos Raios X, após um accidente que o bailarino soffreu em Nova York, por ocasião de um ensaio.

Não menos duvidosa, pela pormenorização das circumstancias, é a scena em que nos é descrita a ultima vez que Nijinsky appareceu em publico. Foi na Suissa, num recital privado, para amigos e convidados de escol. Por ahi, já o seu genio frizava com a vesania e a dansa que executou então — uma terrifica symbolização da guerra com todo o seu cortejo de soffrimentos, destruições e mortes — espavorindo a todos, abriu-lhe de par em par as portas do manicomio.

Quanto mais aceitavel, ainda que turgida de sentimentos inconfessaveis, a explosão de ciúme que levou Diaghilew, o verdadeiro animador dos bailados russos, a impedir que Rodin continuasse a tirar de um bloco de marmore um novo David, á maneira do de Miguel Angelo, e para o qual Nijinsky ia posar, todos os dias, no *atelier* do grande esculptor.

Mas seria melho rque Romola Nijinsky não tivesse reunido aos muitos trophéos de victoria sobre o coração do seu eleito, certas asserções que mais ganhariam continuassem na penumbra ou apenas vissem no simples dominio das supposições.

—

Paul Claudel faz admiravel prefacio a este livro. Nelle muito tambem se diz da nossa cidade pois foi aqui que, em 1917, como Embaixador do seu paiz, o poeta francez travou conhecimento com a arte maravilhosa de Nijinsky.

GASTÃO CRULS

"IMAGENS DO BRASIL E DO PAMPA"

O viajante moderno não é mais o romantico enternecido, o homem em extase permanente ante as coisas bonitas das terras por onde andava. Não mais o descobridor (seculo XVI), o evangelizador (seculo XVII), o descriptivo (seculos XVIII e XIX). E', antes de mais nada, o observador em função da utilidade. Elle olha, vê em profundidade, comprehende e actúa, isto é, expõe o resultado dos seus estudos para possiveis applicações futuras. Olhando os paizes, não se perderá apenas na contemplação da paisagem, mas descera á significação humana das terras que o recebem. A natureza ainda é a grande desencadeadora de poesia. Mas, ás vezes, embaladora demais... Em litteratura é preciso explora-la torpemente. Este o seu destino melancolico. Extrahe-se della a beleza envolvente dos seus dons poeticos, utiliza-se o entusiasmo nascido da sua contemplação, e abandona-se a pobre dona.

E' o que faz Luc Durtain.

Partindo da natureza, elle chega ao homem. Fixando o homem, arma a equação da collectividade. Penetra no facto social. Delle retira os planos geometricos com que irá armar a sequencia das suas imagens.

Eguaes a elle temos, no Brasil, dois outros viajantes: Monteiro Lobato e Caio Prado Junior. Esses são da mesma estirpe illustre de Luc Durtain. E, dos tres, poder-se-ia dizer o mesmo que Ronald de Carvalho disse do autor de *Quarantième étage*: têm um olhar que é "permanente lição de realismo", um olhar "que se apodera dos menores fragmentos do mundo". Apenas Durtain é mais lyrico, Lobato mais presente, Prado mais objectivo-utilitarista. Os tres, igualmente senhores do seu mundo.

O Brasil, que tem sido visto de tantas maneiras erradas, o foi, desta vez, de maneira certa. Este nosso paiz é muito tumultuoso: precisa de alguém que tenha a humildade exercitada na limitação scientifica, e a visão aguçada pelo exercicio das grandes sondagens sociaes.

Assim se explica a veracidade das *Imagens do Brasil e do Pampa*. Luc Durtain, senhores, escreveu um livro veridico.

Ao contacto da perigosa natureza do Brasil, sereia que tem arrastado muito Ulysses a caminhos errados, o escriptor francez retira della apenas o excitante de todo esse delicioso lyrismo que anda no seu livro. Appellos mais fortes existem. Elle terá perguntado novamente: "Qu'est-ce qu'un pays? Ou, plutôt: quel rapport y a-t-il entre un pays et sa carte?". E buscou saber. E apreheendeu com a sua poderosa força visual o nosso segredo.

Desde bórdo elle nos descobre. O problema das raças... Elle sabe, como nós, que ha 6.000 annos não existem raças puras. Só o homem das

clans primitivas não se mesclou, e porque lhe faltavam recursos com que vencer os obstaculos naturaes á sua livre expansão. Com os primeiros povos commerciaes começa a mestiçagem. Os proprios europeus não desconhecem isso. São mestiços (no sentido ethnologico do termo) de sangue africano, cretense, contribuição das antigas civilizações minoicas ainda encontradas pelos arianos na Grecia, ao tempo das primeiras invasões. Sendo assim, porque não fazer como Luc Durtain, que comprehendeu e explicou tão polidamente "esses cabellos que frizam de leve sobre as orelhas, essa imperceptivel doçura que se insinua entre os angulos do raciocinio"...

As nossas primeiras invasões agora é que tiveram lugar, não comprehendes isso, velha humanidade?

Pois um representante vosso o comprehendeu. O seu livro, *Imagens do Brasil e do Pampa*, é uma denuncia de comprehensão exacta. Escrevendo sobre "Recife, a equatorial", sobre "a cidade das cem egrejas", sobre Ouro Preto, sobre a Psychologia do povo, sobre a figura politica do Brasil, sobre a trajectoria do nosso destino em face do futuro e do infinito, elle parece um brasileiro senhor dos melhores assumptos, elle segue um itinerario que todos imaginavam apenas aberto aos nacionaes... Mas a intelligencia é um dom universal! Luc Durtain, homem intelligente, venceu o mysterio simples do Brasil.

Mas *Imagens do Brasil e do Pampa*, de Luc Durtain, é tambem uma dadiva de Ronald de Carvalho. Esse foi um authentico traductor-collaborador. De *Vers la ville kilomètre 3*, livro francez, fez um livro brasileiro, só comparavel, em belleza, ás paginas que elle proprio, Ronald, tem escripto. E dizer isso é dizer tudo, porque talvez não haja, nesta terra de lindas palmas, prosa de tão brilhante seducção, assim imprevista, rica, tumida de seiva, precisa e harmoniosa.

E' que o grande poeta de *Toda America* traz para a prosa os dons inenarraveis da poesia. "Herdeiro feliz de Anacreonte, filho mais novo de Omar Khayam", como o chamou Peregrino Junior, Ronald de Carvalho é um saturado de lyrismo: a articulação do seu pensamento, que une o mais harmonioso classicismo á mais clara modernidade, não tem outra fonte.

Traduzindo o livro de Durtain, Ronald de Carvalho affirma a sua presença, constante e não intencional, em todas as paginas, em uma grata mensagem, grata a todos nós, a quem trouxe noticias recentes do seu espirito em perpetua vibração.

DANTE COSTA.

NOTAS SOBRE O "ALAMBIQUE"

Quem não conhece Clovis Amorim basta ler *O Alambique*, seu primeiro romance, para ter do romancista perfeita idéa. Isto porque *O Alambique* e o seu autor são tão parecidos, tão semelhantes, que basta se conhecer um para o outro estar conhecido. Tal pae, tal filho.

O Alambique tem todos os defeitos e as virtudes todas do seu autor. Escrevendo-o, Clovis Amorim reflectiu nelle (certo, sem nenhum proposito) a barbarie e a selvageria da sua natureza de tabaréu verdadeiramente incivilizavel. Deixou escorregar, extravasar mesmo, pelo ficio da penna com que o traçou, a sua alma inteirinha. A sua alma e o seu physico. Dahi, sahir *O Alambique* com as pernas e os braços enormissimos, espectaculares, de Clovis Amorim, com os seus gestos bruscos e impulsivos, voluntarioso como elle, bastante desmazelado, por vezes chocante (horrivel, desnecessaria, aquella coisa de *bijéto* contada por Damazio no capitulo "Bebedo") e, tambem, bello e grandioso como o seu talento, que eu considero — sem receio de commetter uma heresia, — de primeira agua.

O Alambique é mais poema, sequencia de paizagens, chronica brillantissima de costumes, que romance. Como romance, falta-lhe o necessario enredo, a perfeita conclusão, a indispensavel technica. A natureza, alli, immensa, assoberbante, avassaladora, domina de tal modo o homem que este desaparece quasi totalmente. Como poema, como um grande livro de chronicas, sobra-lhe tudo. Riquezas inegualaveis de imagens, — "o Subaé, dum lado, parecia uma gibóia colossal, com a barriga cheia de maré", — rarissima força de inspiração e de sensibilidade, muita poesia, um gosto especial inédito, de narrar. E' bem um grande poema. Poema bruto, brasileirissimo, magnifico. Poema da cachaça e do reconcavo bahiano, onde ainda existem, em lucta constante com as usinas formidavelmente aparelhadas, de grandes e modernas machi-

narias, os alambiques modernos, canhestros, antiquados, dos tempos dos nossos bisavós. E' desses alambiques ronceiros — sombras esfumadas de um passado de gloriosas e dolorosas recordações, — que nos fala Clovis Amorim com poesia infinita e admiravel exatidão. Não sómente delles em si, mas tambem, dos typos que lhes dão vida, das populações que alli vegetam, dos seus costumes, typos rudes, ignorantes, preguiçosos, canalhas uns, ingenuos outros, viciados a maioria, cujas unicas preoccupações na vida são a cachaça, o samba cheio de sensualidade, a ronda furtada e a briga de gallos.

Lendo-o, a gente sente o quanto é real esse poema. Percebe a força do poeta extraviado para a prosa que vive em Clovis Amorim.

Nervosos como o seu temperamento, os traços. Nada de rhetorica barata, de prolixidade desnecessaria, de retardamento nas imagens que estrutura. Uma pincelada forte e synthetica, que deixa sulcos inapagaveis, e o quadro surge, cheio de vida, para nunca mais desaparecer da mente do leitor.

Assim é que a fabricação da cachaça arranca-lhe esta descripção ligeira, mas admiravel, porque diz tudo:

"O boeiro do alambique fumegava. Santos, o foguista, atirava na bocca da caldeira tóros de jequitibá e tapororoca vermelha. Mestre Nogueira, o distillador, chupando o seu cigarrinho de palha e alisando a sua barba de mez, passeava no tabuado, vigiando o pessoal do serviço. O mel grosso, escuro, misturado com agua, fermentava nas dórnas enormes, desprendendo um cheiro forte, de tontear. Zé Costa — qui-ti-xá! qui-ti-xá — puxava uma bomba pesada, tangendo para o aparelho o vinho preparado para a distilação. Luiz Pequeno batia o fermento. As serpentinas ferviam, escapando fumaça pelos tubos. O aparelho suava. Americo, querendo engulir com os olhos o areometro,

media, de cócoras, a cachaça que ia cahindo de uma torneira.

"— Dezesete graus!

"E, suspendendo o cós das calças:

"— Mais calor, sêo Santos. Não tem fôgo. Está fraca. Cuidado!

"— Vou levantar a tampa! — respondeu o foguista, suspendendo uma lasca de ferro segura numa corrente.

"Americo equilibrava-se nos calcanhares, retornando á antiga posição.

"— Dezoito... Mais valor! Vinte... Aguenta a mão!

"E o liquido branco, quente, cahia na medida, mettendo-se agradável pelo nariz da gente".

Assim, tambem, as festas de natal, do mez de Maria, as do sabbado de alleluia (um dos grandes capitulos do *O Alambique*) e a santa missão, de sabor brasileirissimo.

As brigas de gallos (simplesmente admiraveis), o côco repinicado, a cachaça cheirosa e pura, as cerimoniaes fetichistas, as doenças de "coisa feita", os cigarros e as suas ladroeiras, a jogatina desenfreada ("Ólh'o jôgo da caipira: quem mais joga mais tira..."), a prepotencia e o monopolio dos famosos usineiros contra os modestos senhores de alambiques, os amores de Adelino com Pequenita, o pernosticismo de Americo sempre ás voltas com o bom homem Ricardo, de negregada memoria, — tudo isso conta-nos Clovis Amorim com a graça, o tic proprio, personalissimo, de robusto observador, de poeta seculo XX, um tanto epigrammatico, que não namora nem faz madrigaes á senhora dona Lua, mas ama com indizivel ternura a natureza luxuriantemente tropical da sua terra.

E porque a quer tanto é que *O Alambique* só começa a ser verdadeiramente interessante depois que Adelino, após curta temporada na capital, não de todo destituída de interesse, volta á selvageria do Desterro, para nella se integrar definitivamente e se libertar do pêso e das

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

Londres, 26 de Julho de 1926 (1)
Meu caro Gastão,

Respondo á tua carta do dia 22 deste (2), que me deixou assustado. Perguntas-me *si ainda nos veremos?*! E dizes que talvez não, porque eu estrago a saúde e tu morres de tristeza?! Hom'essa!

De saúde felizmente passo excellentemente. A viagem me fez enorme bem. O regimen regulamentado de bordo — systema inglez — restaurou-me o regimen de alimentação. Aqui em Londres — prodigio! — jan-to como um lobo e no dia seguinte — *mirabile dictu!* amanheço com fome e — pasma, ó Gastão de minh'alma! — almôço como um cavouqueiro! Não ha comida que chegue. Está claro que tudo isso não vae sem alguns liquidos, aliás excellentes, purissimos e... moderados. Não me fazem o menor mal. Nenhuma dôr de cabeça. Nada de bocca saburrosa no dia seguinte. Aquella dôrzinha cacete ao lado direito — protesto do figado — desapareceu. Os charutos de Havana, que no Rio me produziam palpitações e tachycardia, eu os fumo aqui e dos mais capitosos — sem o mais leve inconveniente. Os regulamentos (3) me forçam a ir para casa cedo. Leio, deito-me e durmo como um santo. Ama-

preocupações que nos causam as grandes cidades.

Escrevendo sobre este romance, o meu amigo Jorge Amado disse que "não sabia de livro brasileiro tão desalinhavado" e, tambem "tão pessoal, tão verdadeiro, tão gostoso".

Jorge Amado tem razão. O *alambique* é bem isso e, mais, um admiravel poema em prosa do reconcavo bahiano, dos curiosissimos rincões de Santo Amaro, de que tanto se orgulhava Adelino, o herôe do romance, a ponto de dedicar-lhe, arrancando-a do estro juvenil e incipiente, esta quadrinha ingenuamente patriótica, intensamente verdade-marella, e que, segundo nos confessa elle proprio, marcou o inicio da sua infelicidade:

"Tenho um prazer que me ufano, de valor alto e bem raro; meu prazer é ser bahiano e nascido em Santo Amaro".

Mais um ponto para a turma baita do Norte! Marcou-o, brilhantemente, Clovis Amorim, com o seu *O Alambique*.

JOÃO CORDEIRO

nhêço de cabeça leve e idéas limpidas. O que me aborrece é não ter ainda morada fixa. Estou provisoriamente numa *boarding-house*, até poder arranjar um modesto appartamento onde intallar a minha livraria, que veio toda commigo. E' uma familia numerosa e que exige não só espaço como cuidados... Como vês, estou bem. A tua carta é que me perturbou, principalmente por causa de ti. Fallas de tua tristeza de um modo que faz pensar em projectos de suicidio. Será possivel que Paris te haja transformado em Alfred de Musset, soffrendo romanticamente *le mal du siècle*? Gostaria que me escreveses, tranquillizando-me. Estou sinceramente incomodado com a tua carta. Provavelmente soffres da solidão. Isso, porém, é natural em quem se ausenta pela primeira vez da patria. A nossa pôde ter enormes defeitos, mas, longe della, como a amamos! Eu pelo menos, só penso nella e com que piedade! Estivesse em mim fazel-a grande, soberana entre todas! Mas que valho eu? Que posso eu? Nada vez nada igual a zero...

Antes de partires, escreve-me e dá-me o teu endereço na Italia. Farei tudo quanto poder para dar um pulinho até Paris antes de seguires para o Brasil. O serviço do Consulado é grande Hei de fazer todo o possivel por te ver quando voltares da Peninsula.

Si te fôr possivel, manda-me um novo exemplar do livro do Rangel (4). O Castilho muito possivelmente não me devolverá o exemplar que lhe enviaste.

E si tiveres alguma ordem a dar-me, já sabes o endereço. Agora vae um abraço do teu velho de sempre.

Antonio Torres.

P. S. Um abraço ao Gilberto (5), si o vires. Quizera vel-o tanto, tanto...

Londres, 9 de Setembro de 1926.

Meu caro Gastão,

Receberás esta? Respondo ao teu postal ultimo. Será possivel que vás para o Brasil sem que eu te veja?

A minha posição actualmente é esta: consul adjuncto que ainda não recebeu *exequatur*. Este, segundo parece, já foi expedido, segundo noticiou o *Times*. Tenho grande vontade de ir a Montecatini curar o figado. Tenho vontade e — o que é melhor ainda — tenho dinheiro. Mas não sei se poderei ir, porque o Consul Geral pediu aposentadoria e eu estou preso a essa circumstancia, porque, de um momento para outro, elle pode querer ir-se embora e eu tenho que substituí-lo. *Ecco!*

Manda-me dizer si vens aqui. Para mim seria grande prazer e tu lucra-

rias vendo coisas interessantissimas, que só em Londres poderás ver. Pode-se arranjar quarto em pensão à *bon marché*, claro: — dentro das terribéis relatividades esterlinas! Mas o diabo não é tão feio quanto se pinta...

Vê, pois, o que resolves. E o livro do Rangel (6)? Até agora, nada. Vi um exemplar na mão do nosso Consul Geral, percorri o indice e pareceu-me interessante. Escreva a teu velho amigo

Antonio Torres.

Londres, 20 de Setembro de 1926.

Meu caro Gastão,

Hoje é XX Setembro. Viva Garibaldi!

Recebi tua carta. As razões *pin-dahybaes* que apresentas para omittir uma viagem a Londres não procedem. Creio que podes vir sem temor de bancarrota. O caso é como se segue. Compras ahi uma passagem só de *vin-da* até Londres. Aqui serás hospedado pelo Arlindo Ferraz (7), que para tanto se offerece. Quanto a despesas supplementares e á passagem de volta... a Montmartre, dessas me encarrego eu. Nessas condições, a viagem se torna possivel e podes crer que não nos serás pezado. Agora é só resolver e mandar-me aviso em tempo afim de que te vá esperar, com o Arlindo, na estação de Victoria. Será bom que nos digas em que trem partes e qual a hora de chegada aqui, para evitar desencontro. Não debes perder esta occasião de ver Londres durante alguns dias, porque aqui verás o que não encontrarás em parte alguma a não ser nestas terras. Temos tido maravilhosos dias de sol, raros em setembro, e um calor infinitamente mais terrivel do que o verão carioca. Aguardo, pois, as tuas ordens. Commigo e com o Arlindo (que te quer grande bem) estarás feliz. Só não te daremos

Agora, boas paparocas, finos *wiskies*, um delicioso *homard à la cardinal* no *Café Royal*, onde Oscar Wilde gostava de comer, isso nós te garantimos. E theatros e tabacos de primeira ordem. Em caso de bebedeira (coisa que se deve sempre prever quando se convida a amigo de raça flamen-ga), podes contar tambem com o *Sal de Fructas* de Eno. Gostas de Wagner? Pois aqui o temos toda segunda-feira e eu lá estou firme, sempre que posso. Orchestra bôa e cadeiras confortaveis, sendo permittido fumar em sectores reservados para isso. Si, depois de tudo isto, não vieres, é porque decididamente estás muito *pomboca* e

Abraços do teu velho

Antonio Torres.

Londres, 25 de Janeiro de 1927.
Meu caro Gastão,

Respondo á tua ultima carta, aliás a primeira que me escreveste apóz a tua chegada ao Brasil. Em primeiro logar, fallemos da passagem no carro Pullmann para Paris. O bilhete não te foi roubado, mesmo porque seria inutil roubal-o, uma vez que elle era nominal. Tu o perdeste dentro de um automovel que nos levou ao *Café Royal* em Regent Street. O *chauffeur* o encontrou dentro do taxi, levou-o á estação de policia de Vine Street e deu aviso ao *maitre d'hotel* do Royal. Mas eu não quiz ir busca-lo á policia, embora a companhia me restituísse o dinheiro á simples apresentação do *ticket* (8).

A tal *Vida de Shelley*, que me pediste, encontrei-a, mas só na Casa Maggs, especialista nesse e outros assumptos. Mas o preço é de L. 3.10.0. Fiquei arrepiado. Estou á cata de coisa mais barata e procuro tambem os outros que me encomendaste. São livros raros. Raros e caros... Tanto dinheiro nas unhas de miseraveis como o V... de M..., o M... L..., o A. G. F..., e a gente não ter com que comprar um livro necessario. Positivamente este mundo está muito mal organizado.

Noticias de mim proprio, nenhuma que interessem. Continuo á espera do Consul Geral, a ver si se consegue metter um pouco de ordem no Consulado, que é uma vergonha. Tenho lido, e, uma vez por outra, vou a algum theatro. Outro dia fui ver no *Princes* o *Macbeth*, com Sybil Thorndike como Lady Macbeth. E' a creadora da Joana d'Arc de Bernard Shaw. Uma grande actriz, na extensão da palavra. Henry Ainley fez o *Macbeth*, mas com atos e baixos, pelo menos para meu gosto. Ella, porém, foi sublime de principio a fim. Que mais? Tenho ouvido Wagner, naquelle mesmo *Queen's Hall*, onde estivemos — lembra-te? Weingartner esteve ha dias regendo trechos de *Parsifal*, *Tannhauser* e *Guro do Rheno*. Vi tambem ha dias *Pygmalion*, de Shaw, no *Kingsway*. Uma actriz moça ainda, mas de muito talento — Gwen Ffargueusson Davies — fez a Eliza, por signal que uma deliciosa Eliza. O actor que fez Higgins já não me satisfaz tanto. Havia momentos em que era adoravel, outros em que era simplesmente abominavel. Chegava a parecer actor portuguez. Um infame, um miseravel. Já leste o *Pygmalion*? E' leve e... *shawiano*. Não ha necessidade de dizer mais nada. Hontem amanchei muito aborrecido... e, para me consolar, fui ao *Adelphi* ver *Peter Pan*, que aliás já conhecia. *Ferie* para crianças, mas tão bem feita... Só tem um defeito: é ser infantil demais. A sala estava cheia de crianças de varias edades, entre as quaes eu. Havia tambem crianças do sexo feminino e de 60 a 80 annos, horrendas. Como são lindas as

crianças em Londres e como são feias as velhas! Para obter as feitiçerías de *Macbeth*, basta pegar tres velhas inglezas. Qualquer é bôa. Quanto ás crianças, eu não sei si foi Reynolds que copiou as crianças vivas de sua patria, ou si, pelo contrario, serão as mães inglezas que copiam Reynolds durante a gestação. Reynolds e Guido Reni! Que dois mestres! Uma das coisas mais bellas do mundo é o *São Philippe de Nery entre as creanças*, de G. Reni, que está em Roma, na basilica de Latrão, si não me engano. Si não estiver na Lateranense, deve estar na de Santa Maria Maior. Numa das duas certamente. Sabbado proximo pretendo ir ao *Winter Garden*, onde estão dando o *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare. E vou seguir a serie de concertos beethovianos que se inicia agora em commemoração do primeiro centenario da morte do Grande Monstro. George Wells voltou ao jornalismo e está collaborando no *Sunday Express*, com excellentes artigos. Mas esta já vae longa, amigo. Que conversa longa teriamos, si podessemos estar juntos! ... Abraça por mim ao Gilbas e ao Gildo (9). E manda sempre tuas ordens ao teu velho de coração,

Antonio Torres

Londres, 28 de Fevereiro de 1927.

Meu caro Gastão,

Si fosse possivel haver abalroamento de cartas no mar, a tua (que hontem recebi) teria dado um encontro na que te enviei ha dias e que deves ter recebido, porque foi registrada. Agradeço-te não só as cartas, como tambem os livros e os numeros da *Revista do Brasil*. Ha nella um estudo que muito me interessa: o de Lucio de Azevedo a respeito de Antonio José. Mandaste-me apenas os dois numeros que contém a I e a III contribuição. Poderás mandar-me a II e as demais até o final?

Gostei dos dois pequenos contos, ou antes — *sketches* — a respeito dos homens de fraque, anel de grau e guarda-chuva de cabo de ouro (10). Estás com a phobia dessa gente, mas eu tambem soffro dessa doença. O Brasil é um paiz annulo-maniaco. Usam anel os medicos, os engenheiros civis e os advogados. Usam anel os bispos, os monsenhores e os conegos. Finalmente, sem falar nos casados, que usam alliança, e nos solteiros sem pergaminho, que usam formidaveis argolões, ali temos os engenheiros militares, fardados, de botas e esporas e querendo *regenerar a Republica* com aneis de grau: pedra azul-clara cercada de brilhantes. Anel de *cocotte*. E fazem questão do titulo de doutor. E' o unico paiz em que se ouve fallar de *Capitão doutor Fulano* e do *General-Doutor Sicrano*. Até o instincto do jagunço o faz dar o tratamento de doutor aos militares. Euclydes, nos *Sertões*, falla de um que, trazido prisioneiro á presença do

general Arthur Oscar, começou a responder ao interrogatorio assim: *Saiba seu doutor-general...* O brasileiro nasce com as veias tumidas de sangue syphilitico e doutoral. Até as mulheres fazem questão do titulo de doutor junto ao nome. E assim temos: *Madame Capitão Doutor e Viuva Almirante Doutor Fulano*. Eu conheci um tenente do Exército, que nunca relaxava o anel de engenheiro militar e não gostava de ser tratado por tenente. Era preciso tratá-lo por *doutor*, principalmente si havia moças na sala de visitas. Eis o cumulo do coronelismo universitario.

Fallemos, porém, de coisas mais interessantes. Quando vires o Gilberto, exclama em meu nome: *Prends-toi, brave Crillon!* (Ou *brave Gilbert*, si o preferires). O Torres viu o *Man and Superman*, de Shaw e tu não o viste! "Não troco, realmente, este prazer, por uma cadeira de senador. Deram a peça no *Kingsway* e na integra, coisa rara, porque em geral se supprime a *Scena dos Salteadores e Dom João no Inferno*, que constituem o enorme terceiro acto. O espectáculo, com a peça na integra, começa ás 5 da tarde para terminar ás 11 1/2 da noite. Opera de Wagner... Que maravilha! E que deliciosa Anna é Miss Gwen Ffrangcon Davies! E' uma rapariga de genio. Aliás o elenco do theatro é todo elle de uma homogeneidade aurea. A comedia continua a ser representada com assombroso exito, mas sem o terceiro acto, que pôde ser destacado sem prejuizo algum. E eu pretendo ir vel-a outra vez.

Recebi uma pequena carta do Godoy. Até que enfim. Dize a elle que é melhor me escrever sempre, embora resumidamente, do que não escrever de modo algum, á espera de mandar longas cartas, que nunca chegam.

E agora, Gastão querido, esperando cartas tuas *sempre*, ali vae o meu abraço.

Do teu velho do coração,

Antonio Torres

Abraços ao Ramos (11), ao Agripino (12) e ao Lobato (13).

Londres, 5 de Julho de 1927.

Meu caro Gastão,

A ultima carta que de ti recebi (e que tenho deante de mim) traz a data de 28 de Maio. A desordem em que temos andado aqui, devido a obras na nova casa em que installamos o Consulado, não tem permitido escrever-te as longas cartas que desejo. Tu, porém, estás constantemente vivo no meu espirito, na minha amizade, no meu coração. E eu gosto de tão pouca gente neste mundo...

Por enquanto nada tenho escripto nem tenho tranquillidade para tal. Ha noticias vagas de uma reforma no Ministerio do Exterior. Que diabo de reforma será essa? Está bem

visto que será um mixto de bahianada e paulistada, mas... qual será o meu destino no meio de tudo isso? Ficarei em Londres, como desejo? Serei transferido? Serei promovido? Serei rebaixado? Tudo isso me traz em suspenso e, de tal sorte, que a minha actividade mental limita-se apenas á leitura e já não é pouco. Depois, ha o serviço no Consulado, que me absorve a maior parte do tempo. Não é sinecura o posto de consul em Londres...

Tenho uma infausta noticia a dar-te: o fallecimento de um notavel patricio nosso aqui em Londres. Quem passou desta a melhor vida foi o illustre Matá Matá (14). Li o seu necrologio no *Daily Express*, de que te mando o retalho referente ao luctuoso successo. Foi-se para sempre o nosso patricio, com a sua horrenda carantonha cheia de espinhos perfurados, tubulados e, talvez, cheios de liquidos lethaes. Ha agora no Zoo uma nova casa para reptis, uma maravilha que custou apenas dois mil contos.

Agradeço-te os livros que me mandaste: o do Alberto Faria (15), o do Tobias (16) e o do Roquette Pinto (17). Vou lê-los com vagar. Envio-te por este correio um pequeno volume de ensaios selectos de Shelley.

Manda-me noticias do meu querido xará Torres Vianna (18). Como vae elle? Fiquei muito aborrecido com a noticia da doença delle. Quando vires o Ramos e o Agrippino (será com dois *ag* ou com dois *pp*?) abraça-os por mim.

Acabo de ter a noticia do assassinato de Cantuaria Guimarães, Director do Lloyd, por um immediato do *Curvello*, seu protegido! Vê tu: o Cantuario era homem de bem, bom administrador, talvez um pouco rispido, segundo dizem, (eu não o conheci nem de vista) e tinha collocado o Lloyd numa posição que este nunca havia tido: a de poder comprar carvão a credito nas praças de Londres e Cardiff. Hontem... (19).
(Continua)

1) Torres tornou ao Brasil em Março de 1923 e só regressou á Europa em meados de 1926. Dahi o grande Interregno entre a data desta carta e a da ultima publicada no numero anterior do *Boletim*. 2) Escripção de Paris onde se achava G. C. 3) Referência á lei ingleza que restringe a venda de bebidas alcoolicas depois das 11 horas da noite. 4) *Textos e Pretextos*, de Alberto Rangel, editado em Franca, e do qual G. C., suppondo Torres ainda no Rio, lhe mandara um exemplar, confiado aos cuidados do livreiro A. J. Castilho. 5) Gilberto Amado. 6) Ainda os *Textos e Pretextos*. 7) Então exercendo funções na Delegacia fiscal do Thesouro, em Londres. 8) A vespéra da partida de G. C. para Paris Torres offerecera-lhe esta passagem de volta-Londres-Paris numa composição em viaturas de luxo, que se inaugurava justamente no dia seguinte. 9) Gilberto e Gildo Amado. 10) *A Viagem, Conto do Natal*, etc., publicados por G. C. na *Revista do Brasil* (2ª phase). 11) Alberto Ramos. 12) Agrippino Grieco. 13) Monteiro Lobato. 14) *Chelys simbrata*, curioso chelonio amazonense, bastante raro, e de que G. C. e A. T. puderam apreciar juntos um exemplar existente no Jardim Zoologico de Londres. 15) *Mauá*. 16) Tobias Monteiro: *A Elaboração da Independência*. 17) *Seixos Rolados*. 18) Joaquim Torres Vianna, medico patricio, dilecto amigo de G. C., atravez de quem Torres o conhecera. Falleceu justamente á vespéra da data em que foi escripta esta carta. 19) Desta carta, bastante longa, perderam-se as ultimas folhas.

J. G. Araujo Jorge — *Meu céu interior* — Selma Editora — Rio, 1934.

Segundo lemos no prefacio do sr. Povina Cavalcanti, o sr. Araujo Jorge possui apenas dezenove annos de idade. Romantico e lyrico, sabe ser simples na ternura e aquece com seus fervores de adolescente alguns motivos sentimentaes que, explorados com emphase petulante, seriam intoleraveis. O sr. Araujo Jorge é bem da estirpe dos poetas de amor e melancolia que o nosso paiz preferiu sempre a todos os outros. Tudo faz crer que os seus trabalhos posteriores robusteam a innegavel sympathia com que está sendo acolhido o seu volume de estréa.

Francisco de Assis Barbosa — *Brasileiro Typo 7* — Editora Record Rio.

Este livro, como declara o autor, em sub-titulo, é a "noticia de um homem importante". Muito novo ainda, sabe o sr. Francisco de Assis Barbosa manejar as situações comicas com um tom saboroso ainda não explorado por muitos dos nossos narradores quarentões. O desenvolvimento de sua novela não nos mostra nenhum ponto difficil ou enfadonho, e o traço caricatural das figuras é sempre desenvolvido de modo marcante. As scenas de provincia revelam um observador arguto dos nossos costumes ruraes, e o trecho final — a morte do constituinte Boaventura, no momento de proferir o seu primeiro discurso — é armado com habilidade por um jovem que muito breve nos poderá offerecer um notavel romance.

Florencio Santos — *Canções da Alegria Humilde* — Bahia.

O autor é figura de relevo no jornalismo bahiano e sempre se bateu pela dignidade da imprensa em seu Estado. Já nos referimos nestas mesmas paginas a outro volume seu, de chronicas e impressões de vida mundana, *Imagens que dansam*. Nas *Canções da Alegria Humilde* ha varios poemas em prosa, compostos todos elles em torno do bulicio das cidades, na forma despreoccupada e ligeira que tem dado renome a tantas figuras litterarias de Portugal e Brasil.

Fernando Tude de Souza — *O problema social do aborto* — Imprensa Official do Estado — Bahia, 1934.

These apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia e approvada com distincção. Muito honroso para o autor o parecer da banca examinadora, composta de cinco mestres idoneos. Forte em medicina legal e assumptos affins, o sr. Fernando Tude de Souza apresenta um seguro historico do thema escolhido. Não é olvidado nenhum dos aspectos juridicos, e, logo, sociaes do aborto. Póde-se discordar das conclusões do livro, mas sem pôr nunca em duvida a cultura e a probidade mental de quem o elaborou.

Chrysanthème — *Cartas de amor e vicio* — Calvino Filho Editor — Rio, 1934.

A sra. Chrysanthème é escriptora que permanece sempre em contacto directo com o publico. Narradora de contos que seduzem a mentalidade infantil, collabora em diversos diarios e estampa todos os annos mais de um livro. Este de agora, escripto sem empegos de vã rhetorica e sem litteratices inviaveis no tempo, é bem de uma desenvolta chronista da vida, de alguém que soube aligeirar a penna no trato constante com os leitores de jornaes.

Carolina Nabuco — *A sucessora* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

A Companhia Editora Nacional vem offerecendo ás leitoras do paiz um vasto contingente de romances traduzidos do francez e do inglez. Agora, querendo comprovar que tambem as nossas patricias são dignas de atrair a attenção de taes leitoras, apresenta-lhes um romance da sra. Carolina Nabuco. O publico feminino do Brasil terá dessa fórmula oportunidade de julgar se uma escriptora nossa pôde concorrer com as Barclay, as Coulevain, as Chantepleure.

Benedicto Mergulhão — *Maridos transviados* — Adersen Editores — Rio, 1934.

Num volume bem estruturado e bem redigido, o sr. Benedicto Mergulhão, que é uma das figuras mais destacadas de importante vespertino rosso, apresenta-nos a summula das suas observações de certos grupos caracteristicos da vida do paiz. Especialmente os recantos domesticos por elle evocados trazem uma nota de authenticidade indisputavel. As figuras de que o sr. Mergulhão nos apresenta as silhuetas lepidas estão longe de ser caricaturas desdenhaveis e provam, ao contrario, que elle não vae nunca ao papel sem primeiro haver espreitado o que ocorre pela riquissima feira de almas que é uma cidade moderna.

Pizarro Loureiro — *O homem degenerado* — Selma Editora — Rio.

Contradictando a um tempo Haeckel e a Egreja, o sr. Pizarro Loureiro quer "conciliar com a Biblia a theoria do homem degenerado". Apesar de se dizer "uma especie de estrangeiro nas terras aridas da sciencia", seu trabalho revela muitas leituras em assumptos de biogenia. Nada de dogmatico ou de charlatanesco em suas paginas. É o depoimento de um homem de gosto, por vezes mesmo finissimo artista, em relação a um thema que tanto preoccupa os investigadores de bibliotecas e laboratorios. A esta altura, convem recordar que o sr. Pizarro Loureiro já publicou um volume dos mais interessantes sobre a questão do Chaco e que tambem um dos seus ensaios criticos, a proposito da litteratura franciscana, foi incluído na bella anthologia do sr. Estevão Cruz.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Poemas de Alberto Ramos* — Ariel, editora Ltda. Rio.
Gastão Cruls — Vertigem — Ariel, editora Ltda. Rio.
Alfredo Pujol — Machado de Assis — 2.^a edição — Livraria José Olympio. Rio.
Azevedo Amaral — O Brasil na Crise Actual — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
René de Castro — Europa Inquieta — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Benjamin Costallat — A Mulher da Madrugada — Civilização Brasileira S. A. Rio.
Angyone Costa — Introdução á Archeologia Brasileira — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Fleriano de Lemos — Fôra da Lei — Selma editora. Rio.
J. Capistrano de Abreu — Capítulos de Historia Colonial — F. Briguiet & Cia. Rio.
Sylvio Figueiredo — Quixote — Rio.
Jader de Carvalho — O Povo sem Terra — H. Ribeiro, editor. Rio.
C. de Mello Leitão — Visitantes do Primeiro Imperio — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Francisco de Assis Barboza — Brasileiro Typo 7 — Record, editora. Rio.
Pizarro Loureiro — O Homem Degenerado — Selma editora. Rio.
Carolina Nabuco — A Successora — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Léo Vaz — O Professor Jeremias — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Benedicto Mergulhão — Maridos Transviados — Adersen, editores. Rio.
Octavio Dias Leite — Baganas — (Poesia) — Bello Horizonte.
Adolf Hitler — Minha Luta — Livraria do Globo. Porto Alegre.
R. I. Warshow — Wall Street — Ed. da Livraria de Cultura Brasileira. S. Paulo.
Per Skansen — A Conversão de Eva Lavallière — Civilização Brasileira S. A. Rio.
Walfrido P'lotto — Um Tópico da Historia Litteraria do Paraná — Curitiba.
A. Leterre — Hiláritas — Livraria da Federação Espirita. Rio.
Alfonse Bué — Magnetismo e Hypnotismo Curativo — Livraria da Federação Espirita. Rio.
H. van Loon — O Mundo em que Vivemos — Livraria do Globo. Porto Alegre.
Almir de Andrade — La Verdad sobre Freud — Espasa Calpe. Madrid.
H. Foullet — A Vida Sexual na Russia Sovietica — Editora Conkson. Rio.
Leonidio Ribeiro — W. Berardinelli e M. Roiter — Grupo Sanguineo dos Indios Guarany's — Imprensa Nacional. Rio.
Brasil — Polonia — Numero especial — Novembro 1934.
Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo — Fasc. III — Vol. XXX — Julho-Setembro 1934.
Knut Hamsun — Fome — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.
Cesar Salgado — De João Ramalho a 9 de Julho — Ed. Cultura Brasileira. S. Paulo.
Nichan de Monte Cassio — Legião do Oriente — Editora Bandeirante Ltda. S. Paulo.
Machado de Assis — Conceitos e Pensamentos — Compilação de Julio Cesar da Silva — 2.^a edição. Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Henrique Roxo — Psychanalyse e outros Estudos — Editora Conkson. Rio.
Santos Netto — Psychologia Criminal e Justiça — Editora Conkson. Rio.
Vladimir Pozner — A Cultura na U. R. S. S. — Editora Alba. Rio.

C. de Mello Leitão — *Visitantes do Primeiro Imperio* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

E' um vigoroso homem de sciencia que nos faz ver, em obra magnificamente conduzida, o impressionante resumo de quanto disseram a proposito do Brasil e dos brasileiros os nossos visitantes mais significativos durante o Primeiro Imperio. Não se trata, felizmente, de um relato secco e fatigante, mas de uma coordenação harmonica das impressões dos estrangeiros cultos, e a obra, consequentemente, nada possui de salteada e incolor. Tudo vem a tempo, tudo se encontra no logar adequado, nada de interessante foi esquecido e o que figura no livro é sempre completo na informação e na critica. Recife e Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catharina ahi se encontram, tal qual foram vistos por illustres forasteiros e é um regalo rever com elles paizagens e creaturas que a visão atormentada do seculo XX já nos veiu exhibir sob aspectos bem menos pittorescos.

Almirante A. Thompson — *Guerra Civil do Brasil* — Editora Ravaro — Rio, 1934.

Substanciosas paginas sobre a vida e morte do almirante Saldanha da Gama. A figura do notavel marinheiro nos é restituída, em seus lineamentos impressionantes, por alguem que é tambem figura de destaque da nossa armada e, por isso, domina todas as peculiaridades da nobre classe que nos deu Barroso e Tamandaré. Saldanha da Gama, gentilhomem e tecnico das coisas do oceano, encontrou no momento um biographo á altura dessa memoria gloriosa. Nenhum elemento da sua personalidade permanece na penumbra e muitas são as revelações que nos faz o almirante Thompson a proposito de um combatente que despertou tamanhos odios, durante uma deploravel guerra civil, mas se fez tambem o idolo de quantos servem o Brasil em aguas do Atlantico.

Guimarães Cova — *Terra Prodigiosa* — Bahia, 1934.

E' a exaltação das riquezas da Bahia. Conhecedor profundo de tudo quanto tem feito a magnitude do Estado nortista, viveiro de estadistas e poetas, o sr. Guimarães Cova não lhe esquece ambem o ascendente economico, as magnificencias dos tres reinos que estão a assegurar-lhe um dos primeiros postos na vida do Brasil.

Juvenal Brasil — *Sinos de Ouro Preto* — Rio, 1934.

Ha muita habilidade na maneira por que o sr. Juvenal Brasil, que julgamos ser um autor estreante, sabe ligar os sentimentos das suas personagens ao ambiente de Ouro Preto. Segure nos traços realistas, esse escriptor, que não tardará a reaparecer em obra definitivamente consagrada, tem felizes tonalidades poeticas ao falar dos sinos da cidade montanheza, dos seus caminhos evocativos e das suas paizagens como que impregnadas de alma. Léo Vaz — *O professor Jeremias* — Comp. Editora Nacional.

Impossível, já agora, duvidar da importancia litteraria de um trabalho que, destinando-se a leitores de escól. chegou sem esforço á quinta edição. Diga-se sem maiores circumloquios: *O professor Jeremias* é um grande romance e pena é que o autor, confinando-se na estreiteza de vida de jornal, não haja insistido em dar-nos, de longe em longe, outras obras primas como essa.

ACABA DE APPARECER:

VERTIGEM

NOVO ROMANCE DE

GASTÃO CRULS

PREÇO 6\$000



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Mignel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

ARTE E TRADIÇÃO

(DO LIVRO INÉDITO "CADERNO DE IMAGENS DA EUROPA")

No seu admiravel ensaio sobre Winckelmann, escreveu Walter Pater estas palavras profundas: "Comprehendemos, sob o nome de poesia, qualquer producção litteraria que tenha o poder de transmittir, independentemente do assumpto, e só por sua fôrma, uma sensação de prazer. O que a arte moderna deve fazer, em beneficio da cultura, é reflectir a vida moderna. E de que necessita o espirito, para traduzir a vida moderna? Da clara noção de sua liberdade."

O critico inglez seguiu a lição dos mestres. De Aristoteles, de Plotino e de Goethe. Quaes são, porém, os limites dessa "liberdade creadora"? Quaes as suas características e qual a sua razão? Não basta afirmar que o artista é o homem livre por excellencia. Faz-se necessario apoiar o asserto.

O problema da "liberdade de criação" envolve, desde logo, uma questão basica: a da tradição. Devemos, antes do mais, apurar até onde vae, na obra de arte, a influencia do passado, e o que representa esse valor no dynamismo da criação. A tradição, longe de ser um elemento fixo e invariavel, é sobretudo um instrumento auxiliar do espirito, um ponto de referencia, de que este se serve para verificar as novas experiencias que empreende e realiza.

A tradição, pois, não é uma regra de conducta, um dogma fechado, um imperativo categorico. O grego rude e pesado, de Homero, não é o mesmo atheniense avisado e subtil de Socrates. No espaço de cinco seculos, a somma das experimentações accumuladas deu aos contemporaneos de Pericles um polimento e uma graça que faltavam de todo aos hoplitas da Illiada. O estylo sobrio do Banquete de Agathão, assim como os frisos dos tympanos de Phidias em nada recordam a nebulosidade da escola jonica ou o tumulto architectonico das muralhas cyclopicas da Grecia primitiva.

Nem por isso, todavia, perderam os hellenos a

physionomia moral e intellectual. Observou-se no caso, o que se produz em todas as civilizações: um simples phenomeno de caldeamento, nascido das proprias condições naturaes da existencia, um phenomeno de transposição no tempo. O que determina a tradição é, principalmente, o culto religioso e o culto heroico. Mas, se esses cultos são eternos, variam, através das edades, os objectos delles.

A arte medieval, por exemplo, é filha da Egreja. O gothico é o poema de pedra que a idade-média lavrou em honra ao Senhor. Cumprindo o ensinamento dos Evangelhos, o humilde obreiro da Ilha-de-França ou da Toscana desaparecia nos labores da fabrica. As cathedraes não lembram um nome, um individuo predestinado, mas os anseios collectivos de um povo. Em cada lintel, em cada flécha, em cada bocarra de gárgula, em cada torre massiça trabalharam dezenas de mãos, desde aquellas do pedreiro, que arrancou o bloco virgem da montanha, ás do entalhador que o cinzelou. Já não vemos, aqui, o individualismo soberano de Pallas Athena inspirando ao escultor o orgulho da gloria e o desejo da fortuna. Ao revés do hellenismo aristocratico, o austero gothico é de essencia democratica. Palpitam nelle, obscuramente, as torturas, as esperanças, os temores e as beatitudes da alma plebéa, da que soffreu nos circos imperiaes, da que padeceu nas catacumbas silenciosas todos os sacrificios por amor de Jesus.

Vêde, agora, essa mesma tradição no Renascimento. A modestia foi substituida pela vaidade, a fé, "senza la qual ben far non basta", pelo culto externo, a pratica discreta pelo ritual pomposo. As linhas severas da cathedral primitiva cedem o passo aos contornos sensuaes, ás caprichosas curvas da basilica romanica. Cobrem-se os templos de alfaias e tapizes, revestem-se as columnas de florões decorativos, e a pedra nua se transforma no mosaico refulgente. O ingenuo desenho dos imaginarios de

Reflexões á margem do «Combat Avec L'ange»

Giraudoux é innegavelmente o principe do "bavardage".

Bavardage... o prazer de falar por falar... de deixar correr a phantasia, sem pressa, sem esforço... para observar "après coup" as imagens decorrentes das associações de idéas... de seguir o fio tenue do pensamento em vez de dirigil-o... Bavardage... a volupia de espreguiçar-se no mundo das idéas, como um colleccionador, como um amator... divino bavardage, creador do pensamento abstracto, da divagação philosophica.

Felizmente o homem ás vezes pára de trabalhar, de lutar pela vida e, dando rédeas á imaginação, deixa-se ir num mundo de sonhos, absurdo ás vezes, raramente utilitario, mas sempre encantador.

Dessas excursões é que resultam, mais cedo ou mais tarde, a quasi totalidade dos progressos humanos. Foi brincando curiosamente com a lembrança da queda de uma maçã, ao em vez de estudar severissimos compendios, que Newton discerniu a existencia de um principio de gravidade. Felizmente elle resolvera "perder tempo" e comprazer-se no mais perfeito dos bavardages: o de si para si. Só mesmo assim podia achar curioso o mais corriqueiro dos phenomenos: o cahir de uma maçã. Depois terá trabalhado, terá dirigido o seu raciocinio, terá feito experiencias e estudos. Mas não fosse aquelle tempo que elle resolvera perder, o bavardage intimo a que se entregára, nunca teria tido a idéa genial, a lembrança louca de que naquillo havia um "porque".

O bavardage de Giraudoux é essencialmente moderno e culto. Culto e litterario. E seguindo este seu bavardage, moderno, culto, litterario, elle creou um genero, uma maneira, das mais individuaes e "à juste titre" respeitada na litteratura contemporanea. E' apenas que elle se dá ao trabalho, ás vezes, de inventar um enredo ou adoptar uma these.

Como tem gosto, imaginação visual e senso musical (ou antes, para a musica das palavras), as phrases de Giraudoux são como joias esmeradissimas: collares de rubis, braceletes de diamantes incrustados de saphiras, broches multicores encantando os olhos com seus mil fogos. Ou então o gor-

Paris, tão louvados na Divina Comedia, com aquelles dourados e vivos carmezins, é facilmente sobrepujado pelo sensualismo epicurista de Leonardo. O idealismo gothico apaga-se ante o realismo solar de Miguel-Ange.

A tradição está na substancia da obra de arte. Ella se exprime na successão das fórmulas que a renovam. O "tradicionalismo" repete o passado, e é infecundo. E' Voltaire tentando imitar a tragedia do seculo XVII. A tradição é uma corrente de vida que disciplina a experiencia renovadora. E' a lição de que as fórmulas não se reproduzem, no milagre da criação.

RONALD DE CARVALHO

geio curto e preciso de um passaro, o murmurio voluptuoso, subtil, de um riacho, a harmonia sincopada e provocante de uma rua de Paris. Suas palavras se juntam formando phrases como uma chuva de côres que, cahindo, desenhasse arabescos phantasticos.

Que papel secundario, de espectador impotente, faz este Jacques Blisson! Aliás, já é mania do autor. Para elle, é quasi sempre a mulher a figura principal, senão central. Talvez tenha razão: tudo vem da mulher, ou vae á mulher. E' Maia, a divindade hindú, principio e fim. Mas como é insignificante esta heroína Malena Paz, cuja felicidade está toda baseada em futilidade. E como é absurda a sua busca da Vida na miseria, na infelicidade! Como bibelot, como distracção para homens cansados, admittimos a existencia deste legitimo producto do meio cosmopolita sul americano. Mas não admittiremos nunca ver nella o representante typico da mulher sul americana. Não, felizmente temos mulheres, mães, amantes; Maias no seu sentido mais profundo, e mais sublime.

Como Giraudoux está cansado! Como elle descrede dos ideaes humanos! Paz, justiça, são utopias vãs para elle, que ora acha a guerra, a fome, phenomenos incontrollaveis, como o tempo, os vulcões. Mas isto tudo sem amargura, sem rancor. Simplesmente admite, por estar muito cansado, por não poder mais sustentar a exaltação a que obriga a crença num ideal.

Abdicou da vida, e deixa-se viver. E' triste, isto. E' sempre triste ver um homem abandonar a luta. Preferiríamos vê-lo confessar-se vencido, publicamente, mas com odio; seria sempre um grito de revolta, um continuar de luta. Mas isto de ceder, de entregar-se, indifferente!

Que tristeza. Que decadencia inesperada do autor de *Siegfried et le Limousin* (2).

Giraudoux velho! Giraudoux, tão obstinadamente moço, que olhava para o mundo com o espanto e o encantamento de um myope a quem revelassem de repente a visão das coisas por meio de oculos de grão!

Giraudoux velho... Mas nem por isto poderemos deixar de gostar d'elle, seja por sentimentalismo, seja porque não está de todo velho. Seja como fôr, ainda gostamos muito de Giraudoux, e esperamos o seu proximo livro, mesmo sem muito esperar d'elle...

JACK SAMPAIO

(1) *Combat avec l'Ange*, de Jean Giraudoux — Grasset, 1934.

(2) *Siegfried et le Limousin* — de Jean Giraudoux premio Balzac, 1923.

— A morte de Léon Bloy é pungentemente narrada por Joseph Ballery, que põe em relevo a miseria em que se finou o terrivel contendor de homens. O maior tormento de Bloy, o "mendigo ingrato", consistia em deixar no mundo, sem um franco que fosse, pessoas da familia que lhe eram extremamente devotadas.

FUGA DE NATAL

(Tradução de Ribeiro Couto)

I

Ha dias que o frio está polindo as facetas do ar e vivemos dentro de um diamante puro. A neve não tardará. Os campos anseiam por ella, para o mysterioso calor da germinação. A cidade a espera para a alfombra da Noite de Natal. Fumaças resvalam pelos telhados: embora clara, a atmospheria é densa. Ao fim da rua, ha nuvens negras, em tropejos; mas no alto é a embriaguez do azul-vertigem. De dia, sobem olhos. A' noite, descem estrellas. Não ha nada melhor que o céu, onde estão os anjos e os brinquedos para a criança.

II

O pinheiro ardente, festejada árvore de fadas. a cabeça cheia de fitas e de laços, balança nas mãos umas velinhas verdes, vermelhas e azues. Trepam-lhe pelas pernas aranhas de ouro e frageis composições de asa de insecto: figuras inuteis e vistosas, sacrificios de toda uma noite, trabalhadas a ponta de alfinete nas longas vigílias proletarias. O pobre faz de cada brinquedo uma coisa vã: quasi nem mesmo para brincar serve. Entra pelos olhos em figura de rosas de pistillo metallico, rodinhas alaranjadas e purpureas. Flores de um jardim sensitivo; cherubins de pupillas de missunga e seis petalas de esmeraldas; cruces e bicruces quasi de ar colorido. Um reflexo, uma geometria de luz, um signo fragil de alegria: nada. Semicerremos os olhos para ver melhor.

III

Como nas telas dos primitivos: Belém diminuto, pastelão de torrinhas e cupolas. O telhado elementar, suspenso de quatro moirões. Lá dentro, feno e palha, mãe e filho, rezes de brando halito; tres velhos de barba tremula estendem as mãos. Fóra, a curiosidade encarapita-se pelo telhado. Cortejo amarello, preto e branco. Fila de elephantes, cavallo e camello. Pastoreio pelo campo. Soldados romanos na estrada. E uma miniatura da Biblia: o poço com rebordos de pedra, o cantaro. Tudo está bem, familia. Até o regato, entre musgos e o moinho. Até o passarinho num ramo, lyrico e sem objecto: alarde gratuito, caricia.

Octavio Tarquinio de Souza — Ernesto Psichari — Rio, 1934.

Para falar de uma alma discreta e delicada como a de Ernesto Psichari, necessarios se tornavam muito tacto e muito conhecimento desse singularissimo espirito de christão. Pois o sr. Octavio Tarquinio de Souza, consagrado entre nós como traductor de Omar Kheyyam e como historiador da primeira assembléa constituinte da monarchia, soube desobrigar-se perfeitamente do subtil encargo, offerecendo á sensibilidade dos brasileiros, um Psichari que em nada deturpa a nobre figura que as ultimas gerações francezas tanto se habituaram a admirar. Póde mesmo dizer-se que ha aspectos integralmente novos na interpretação do nosso patricio, e que o neto de Renan, o "Centurião", aquelle que morreu na Grande Guerra com um rosario enrolado na espada, se incorpora ainda mais de perto á nossa affeição, graças ás palavras de ternura com que o vem de celebrar um talentoso escriptor dos tropicos.

IV

Salte, pois, o vinho dourado, regando o perú e o bolo. Alegria da crista de coral e do papo hirsuto e galante, quando — écloga anachronica, nem grega sequer — o exercito de perús, conduzido por um pastor anonymo, rompe cidade a dentro, entre filas de automoveis. Os mostruarios das lojas abrem o peito e reluzem de tentações. O povo assalta os bondes, as mãos cheias de pacotinhos. E os perús, de sabor de nozes, se atropelam, tontos, entre duas esquinas, como um ilhote indeciso, cinzento e vermelho.

V

Não demos importancia: alguém anda pelos telhados. Fechemos bem a porta. Estão batendo. Salvemos a felicidade transitoria. Filhas peregrinas de outro clima, as saudades rondam a casa. Pela fresta do postigo, vê-se o caminho branco, sulcado de rastos iguaes. A's vezes o fogão crepita e, então, dansam pela parede as sombras de uns sapatinhos gemeos, escancarados de esperança.

VI

Esse homem sahio de manhã cedo, envolto num leve capote que o vento da Castella banha e penetra. Tem os cotovelos rusticos, os sapatos cambaios. Como é Natal, os mendigos se approximam d'elle, pedem-lhe esmola: e elle pede-lhes perdão, vae andando. Encorujado de frio, na rajada que o aperta e quer despil-o, procura no bolso o lenço ainda morno da taboa de passar caseira. Não possui nada: e já teve solar com jardins e fontes, e salões enfeitados com cabeças de cervos. Será que em sua terra o esqueceram? Ora estuga o passo, ora se detem atôa. Gastou as ultimas moedas comprando brinquedos para o filho. Isto succede a todos: não sabemos mais onde estamos pisando. Basta uma ligeira mudança na luz do dia: ficamos perdidos, extraviados. Esse homem não sabe mais onde está. E de repente fica desamparado, aturdido de esperança e memoria, repleto de Natal por dentro, a tremer na ventania de neve, e naufrago da calçada publica. Ai, amigos! quem era esse homem?

Madrid, Natal de 1923.

ALFONSO REYES

Odylo Costa Filho — Graça Aranha e outros ensaios — Selma Editora — Rio, 1934.

Em que pese á sua extrema juventude, o sr. Odylo Costa Filho pensa e escreve com uma subtileza e uma flexibilidade que lhe estão assegurando vasto circulo de leitores. As tarefas diuturnas da vida de imprensa e a frequencia jámais interrompida dos livros dos mestres authenticos deram a esse adolescente do Piauhý desenvoltura de raciocinio e golpes certos de estylo, á moderna. Neste volume, *Graça Aranha e outros ensaios*, premiado pela Academia Brasileira de Lettras, ha paginas de flagrante interesse a proposito das victorias e derrotas de Graça Aranha e, especialmente, das razões de interioridade metaphysica que tornaram inviavel a sua tentativa theatral do *Malazarte*. Egualmente bem vista a força de ancestralidade que impelliu esse escriptor, de uma familia de ideologos, a tantos arremessos de combatividade renovadora, desde os dias em que o fascinou o verbo delirante de Tobias.

ARTHUR RAMOS—O NEGRO BRASILEIRO—Civilização Brasileira S. A. Rio, 1934

Este bello volume inaugura a "Bibliotheca de Divulgação Scientifica" dirigida pelo proprio professor Arthur Ramos.

Em materia de sciencia, o Brasil precisa muito mais de quem divulgue de que mesmo de quem se dedique á pesquisa. No entanto o livro de Arthur Ramos pertence ao que de melhor se tem feito neste paiz em assumpto da mais alta e séria investigação. O autor não é apenas admiravel semeador de idéas conhecidas. E', além de professor dos mais lucidos, espirito de aguda penetração, paciente perquiridor, honesto e equilibrado. Nesse volume o seu apurado senso critico e a sua pertinacia juntaram-se para deslindar o problema psychologico e religioso dos nossos negros, tão cheio de difficuldades, a começar pela deficiencia de informações ou pelo erroneo interpretar de alguns precusores.

Arthur Ramos principia definindo muito bem as faces do problema da raça negra no Brasil. Annuncia que irá aos poucos considerando cada qual. Preferiu publicar em primeiro logar este volume porque "o estudo do sentimento religioso é o melhor caminho para se penetrar na psychologia de um povo." Lembra o autor, como é de justiça, o trabalho do fundador dos estudos da raça negra no Brasil, Nina Rodrigues, e não deixa de apontar onde e como a sciencia dos nossos dias não concorda com certas theorias dominantes no tempo do illustre mestre da Bahia. O livro dá realmente a impressão de ser o que o autor affirma que elle é: resultado de um largo inquerito procedido directamente nos "candomblés" da Bahia, nas "macumbas" do Rio de Janeiro e nos "cetimbós" de alguns Estados do Nordeste.

Dogmas, culto e regimen, dos grupamentos estudados figuram no volume apresentados com luxuosa documentação.

Depois de considerar, minuciosamente, o fetichismo *gêgê-nagô*, discute o problema dos *Malês* e a religião dos povos *Bantú*.

A proposito do syncretismo religioso — mestiçagem espiritual — muito mais espalhado na humanidade do que alguns pensam, as observações de A. Ramos são igualmente interessantissimas.

A segunda parte do livro é consagrada ao que o autor denominou "exegese psychanalytica". Para os ethnographos que seguem as doutrinas em moda, essa exegese de Arthur Ramos, evidentemente, é uma surpresa, ou mesmo, quem sabe? um escandalo. Ainda para os adeptos do chamado *methodo da historia cultural* nos termos dos postulados de Raizel, nas *areas* de Frobenius ou nos *circulos* de Grabner e Ankermann, o sr. Arthur Ramos não seria talvez tão revolucionario. Mas para os amigos do Padre W. Schmidt...

Eu porém guardo fidelidade aos methodos da psychologia ethnica positiva, de que me servi em 1905 na minha these sobre o *Exercicio da Medicina*

entre os Selvagens da America. E confesso que encontrei na psychanalyse uma interpretação que ás vezes me parece genial nos factos psychologicos que a ethnographia tem de considerar.

O *Negro Brasileiro* é uma das nossas mais lindas affirmações de cultura e de espirito scientifico.

Agora uma observação sem maior importancia: o totemismo, admiravelmente bem estudado por Frazer em 1910, foi realmente descoberto, ou antes caracterizado por Mac Lennan, desde o meiado do seculo XIX.

ROQUETTE-PINTO

J. Capistrano de Abreu — *Capitulos de Historia Colonial* — 1934.

E' a terceira edição, em character popular, de uma das maravilhosas syntheses historicas do continuador de Southey e Varnhagen. Andou muito bem a Sociedade Capistrano de Abreu, onde refulgem altos espiritos como o de Eugenio de Castro, procurando tornar accessivel a todos, pela modestia do preço, um dos melhores livros do mestre immortal.

Julio de Reyorêdo — *Immigração* — Editorial Paulista.

Só podemos rejubilar com a ampliação, cada vez mais fecunda, dos estudos sociologicos e economicos em nosso paiz. O contingente de agora, do sr. Julio de Reyorêdo, é dos mais valiosos. Esse nobre trabalhador do espirito reuniu, antes de escrever, uma vultosa somma de documentos e reflectiu muito e muito antes de tomar da pena. Dahi o perfeito dominio do assumpto, dahi a irreprochavel lealdade das suas conclusões. O que elle diz sobre a politica immigratoria e as medidas restrictivas que lhe têm sido oppostas nos Estados Unidos, sobre os preceitos constitucionaes que regem o caso e sobre o valor e utilização do elemento nacional, é de um bom brasileiro, sem derrames de xenophobia, mas tambem incapaz de esquecer o que devemos aos nossos patricios. Seu livro, por isso que bastante pensado, faz pensar e, por isso que escripto sem nenhuma especie de charlatanice, faz-se ler com satisfação sempre crescente.

Dalmar Americano — *A Legenda do Parintins* — Bahia, 1934

Ainda em plena adolescencia, o sr. Dalmar Americano offerece-nos esta emocionante legenda, vazada nos moldes de Alencar. Mão grado certas imperfeições, sente-se-lhe a finura dos bons instinctos poeticos. Se persistir, estudando e robustecendo o estylo, ligará seu nome a obras perduraveis.

Conferencia sobre as Indias Occidentaes — Editora Record — Rio, 1934.

E' um opusculo em que se trata dos negocios da Hollanda em nossa terra e de como poderiam ser conduzidos com maiores vantagens para a famosa Companhia das Indias. Escripto em forma de dialogo, esse pamphleto, de raridade sempre crescente, merecia sem duvida a reedição divulgadora de agora, e bem haja o interesse da Editora Record vindo tornal-o accessivel a dezenas de cultores de estudos referentes ao nosso paiz. A transposição do precioso livrinho ao vernaculo, devemol-o ao sr. Hyppolito Overmeer, sendo bastante elucidativas a introdução e as annotações do joven patricio Clado Ribeiro de Lessa. E' este figura proeminente da Sociedade Capistrano de Abreu e as suas pesquisas em torno ao padre Antonio Vieira já lhe asseguraram uma situação de prestigio entre os bons commentadores do Brasil colonial.

ANALYSE ESPECTRAL DE UMA FAMILIA CARIOCA

VERTIGEM — Romance — Gastão Cruls

O sr. Gastão Cruls é um homem para o qual existe e precisa observado o mundo exterior. Dotado da mais exuberante phantazia — tendes a prova na *Amazonia misteriosa* — não se fia nella e procura controlar os seus sonhos com esse grande sonho mais consistente que é a natureza. Filho de um sabio, que consagrou a vida ao estudo das rigidas leis do mundo sidereal, não é demais que tenha herdado o gosto da objectividade, tão raro no commum dos brasileiros, cujos antepassados ainda não haviam attingido esse gráo da evolução psychologica.

A magia ancestral dos nossos naturaes aninha-se no subconsciente, aguardando oportunidades para envolver o espirito nos seus delgados véos. Contentam-nos a muitos de nós tão proximos de povos primitivos a inconstancia, a preguiça, a desordem, a esperança de acertar na loteria, as palavras vagas, “o espirito revolucionario”, em summa todo o *fatras* de coisas phantasmagoricas anteriores á disciplina da razão e dos sentimentos.

O *daimon* que persegue o sr. Gastão Cruls é mais civilizado. Inspira-lhe a constancia, o amor do trabalho, a ordem, o gosto dos conceitos claros, o respeito ao que existe e o desejo de saber.

Tudo isto póde resumir-se dest’arte: o sr. Gastão Cruls é um brasileiro um tantinho differente dos outros. As leis da herança o fizeram assim. Elle não tem culpa disso.

E, porque elle é differente de nós, póde observar-nos melhor, com mais precisão, com maior senso objectivo.

Ahi está por que *Vertigem*, o seu ultimo romance, é uma analyse espectral da familia carioca. Se ainda estivessemos na época de Le Play, em que a sociologia girava em torno da observação da familia, poderíamos apontar aos sociologos esse romance como a melhor monographia até agora escripta sobre a pequena burguezia do Rio.

O typo principal, o Dr. Mar-

condes, medico famoso, com vasta clientela, dedicado, operoso, dividindo o seu tempo entre a Santa Casa, as aulas na Faculdade de Medicina, o consultorio, e a leitura de revistas estrangeiras para se pôr ao par da sciencia e transformal-a em dinheiro, esse Dr. Marcondes não sabemos se sahiu da vida para a arte, ou vae voltar da arte para a vida.

A mulher do clinico. D. Alice, optima dona de casa, com o horizonte intellectual limitado pela deficiencia de instrucção recebida nalgum collegio de freiras, vendo o céu e a terra através das sacristias, zeladora do Coração de Jesus, presidente das Obras do Apostolado, protectora das Missões do Rio Negro, e das obras da Igreja de Ipanema, é um pedaço da idade media em carne e osso dentro do seculo XX.

O sr. Gastão Cruls trata essa senhora com a deferencia que merece uma grande dama de Botafogo, ou Lorangeiras, filha de tradicional familia, respeitando-lhe a carolice que tão tocantemente a nivella com a sua cosinheira... Quando se refere ás coisas sagradas e ecclesiasticas que preoccupam D. Alice, fal-o com a discrição devida, sem nem de longe deixar transparecer os pensamentos intimos sobre esse mundo carregado de archaismos mentaes.

Nas paginas consagradas ao assumpto, das mais saborosas, nada que recorde aquella irreverencia mal velada de Lima Barreto quando nos fala da Secretaria dos cultos, na *Vida e morte de Gonzada de Sá*, modelo de humorismo.

D. Alice não lhe merece nem ironia, nem piedade. Aceita-a com a serenidade de homem de sciencia, sabe que ella é assim porque não podia ser de outra fórma. Producto do meio social, tão natural como as orchideas que o jardineiro allemão do dr. Marcondes obtinha por selecção.

Aliás, um profundo determinismo governa as personagens de *Vertigem*.

Aquella D. Clelia, peccadora

elegante, mulher de temperamento, governada pelos instinctos, muito humana no seu amoralismo, capaz de trahir o marido mas tambem de sacrificar-se pelo amante — o romancista não a recrimina, nem a desculpa. Diante della e da sua belleza, triumphante lava as mãos como Pilatos.

Ainda assim procede, coherente, com o determinismo que adopta.

Dentre os typos menores sobresahe o portuguez encarregado do pomar e da horta. Expressa-se de maneira impecavel, á moda lusitana, sentindo-se quando elle apparece que estamos em frente de um estrangeiro que não possui mais conosco a communitade de linguagem. E continue-se a dizer que ainda não temos idioma nosso!...

E’ de notar a precisão e conveniencia do falar dos personagens do romance. Linguagem corrente, que se ouve todo o dia em toda a parte. Modismos cariocas typicos, com aquella phrase de D. Alice referindo-se ao seu caro Marcondes. “O Marcondes? Pois sim!” E ella torcia os labios num sorriso jactancioso: “Vê lá se eu acredito. Não faltava mais nada” (Pag. 13).

Essa objectividade, filha da analyse e da observação, communica á gente que se move em *Vertigem* uma intensa vida real. Com dois traços firmes, o Sr. Gastão Cruls tira do anonymato do não ser uma alma que ama, soffre e palpita, como Licinha, ou um deputado bonacherão, como o Dr. Braga, que é mesmo um *numero*. A penna, com certa malicia, ia escrever uma fracção... um denominador commum.

O dr. Braga, um dia, arrastou o dr. Marcondes até uma pensão alegre, para vêr a sua pequena e receital-a. As loureiras seductoras, o ambiente bordelengo, o desembaraço do gozado parlamentar, a *gaucherie* do medico illustre, tudo muito bem observado.

Mas, não se pense que reina sómente na obra do sr. Gastão

A' margem de "Improprio para Menores"

R. Magalhães Junior dá-me a impressão de montanha russa. Quando o leio nos jornaes e revistas, vejo-o deslizando nos declives e subidas das columnas, fazendo barulho, cahindo numa vertigem, subindo depois vagarosamente, dando gargalhadas, às vezes alegres, às vezes amargas. Foi assim que eu conheci o chronista.

Agora, R. Magalhães Junior resolveu não ficar só nas columnas dos periodicos e apresenta-nos, elle mesmo, a sua montanha russa. Na frente da grande armação lê-se um titulo — *Improprio para Menores*. E os leitores, como bons passageiros, vão lotando os seus carros irreverentes — *Improprio para Menores*, *O Peccado de Dona Salambô*, *A Megalomania de Jacques Clarel de Courteville*...

Ha, nas paginas desse livro de R. Magalhães Junior, um nervosismo, uma pressa que pula da penna e escorrega no papel. Lendo um dos seus contos, tem-se a sensação de estar correndo a 100 kilometros a hora, tão arraigada ao contista está a alma dinamica do reporter do seculo XX.

Essa correria desenfreada do autor de *Improprio para Menores* é uma das suas grandes causas de successo, porque a paizagem que se vae divisando pelo caminho de suas paginas é sempre variada e não cansa o leitor. Tanto no conto como na chronica elle

demonstra uma grande agilidade mental, que é o seu traço caracteristico. R. Magalhães Junior é um verdadeiro inimigo da monotonia.

O chronista R. Magalhães Junior parece-se muito com um *peixe voador*: de vez em quando está vindo á tona, pelos entremeios do conto. Ha, em certas passagens do livro editado pela Record, este facto curioso: o espirito do chronista se intrometendo onde não é chamado.

Nos contos de R. Magalhães Junior ha situações verdadeiramente bem traçadas. Como disse muito bem Joaquim Ribeiro, o valor do conto está na maneira como elle é historiado. Cada individuo tem o seu modo particular de narrar. E R. Magalhães Junior sabe contar a seu geito.

Em *Improprio para menores* (refiro-me ao conto que deu titulo ao livro) ha flagrantes expressivos, colhidos pela machina photographica do autor. A infancia commum, de Cizy e padre Elesbão está muito bem apanhada.

O Peccado de Dona Salambô, põe a nú situações realissimas creadas pelas contingencias da vida. *A megalomania de Jacques Clarel de Courteville* é o conto mais bem realizado e no qual ha scenas de uma ironia amarga contra a humanidade. Sobretudo o final, possui um gosto de fructa travosa...

Cruls essa objectividade tão commum depois da escola realista. Por traz della ergue-se a outra, a da vida psychologica. Não ha uma nota objectiva que não tenha uma correlação subjectiva. E' o que distingue a feitura impecavel impressa por um espirito creador.

Nesse romance alça-se o talento do sr. Gastão Cruls áquelle nivel que o colloca ao lado dos nossos maiores romancistas.

Romancista revelador de almas e de caracteres, desses raros que collaboram com a natureza no augmento da humanidade.

Vertigem afasta-nos desse ro-

mantismo sertanejista, que já deu tudo quanto tinha de dar. E' um romance da cidade, do seculo XX, de gente civilizada. Um romance genuinamente brasileiro.

Vertigem representa na obra do Sr. Gastão Cruls uma volta á civilização do littoral. Gostaria que fosse definitiva. Tenho para mim que o campo não offerece aos romancistas materia prima tão abundante como o ambiente citadino. Se me fosse permittido formular um anhelos diria aos pedagogos — rumo aos campos! — mas pediria aos romancistas que voltassem á cidade...

O sr. Gastão Cruls, depois de

A Mulher que Voltou a ser Mulher e Romance do Menino Infeliz completam o feixe dos melhores contos do livro. Parece que R. Magalhães Junior escondeu, de proposito, os tres ultimos contos. Estão bem escriptos — sobretudo *Um Caso de Amor* — mas não têm a força dos primeiros.

Improprio para menores é uma casa que se visita agradavelmente. O seu dono, primeiro mostrou a sala de entrada, abriu depois a sala de visitas, levou-nos a seguir para a sala de jantar e fez-nos, após, sentar nas poltronas da sala de conversa, deixando para o fim a copa e a cozinha...

ALUIZIO NAPOLEÃO

Mucio Leão — João Ribeiro —
Rio, 1934.

Primeiro volume de um ensaio consagrado ao mais eminente dos nossos polygraphos. O sr. Mucio Leão, que é contista, romancista e critico litterario, estuda, nestas paginas sempre vibrantes de emoção intellectual, aquelle em que vê um dos mestres do espirito brasileiro, um dos maiores disseminadores de cultura que este paiz já produziu. O trabalho desenvolve-se numa atmosphera de real admiração, que não impede a segurança de um julgamento dos mais criteriosos, sempre que se trata de fixar os meritos já agora historicos do nosso grande humanista. Muitos são os elementos novos aqui apresentados, figurando entre elles a correspondencia epistolar trocada entre João Ribeiro e Graça Aranha.

se ter embrenhado nas selvas amazonicas, e de fazer contos regionaes, dirige as suas vistas para a urbe maravilhosa que o viu nascer.

Vertigem, tão cheio de observação e de interesse, impregnado de complexidades psychologicas, communs na vida urbana, excepcionaes no meio rural, será romance que fica, porque retrata um momento do Rio de Janeiro. E reflecte uma das faces mais brilhantes do talento do sr. Gastão Cruls, o de romancista de costumes só agora revelada em toda a plenitude.

ALCIDES BEZERRA

A vida rural fixada nos nossos romances

A civilização da canna de assucar e do algodão no Nordeste é um assumpto seductor para quem se propõe a estudar a evolução da gente pugnaz dessa região brasileira. Os "conhecidos sociólogos" nesse ponto quasi nada têm feito. Como que relegam essa "civilização romantica" para um plano menos interessante. Entretanto, o "erro" salta, bolindo. A pedir mais interesse e mais cuidado. Pois em verdade tal civilização é um complexo admiravel de absurdos. Sem pé nem cabeça. Uma civilização que se iniciou e proseguiu á vontade, não conhecendo ordem, não sabendo o que vem a ser disciplina, em nada se preocupando com o seu destino. Aliás, diga-se de passagem, esta particularidade é inherente ao modo de viver quasi selvagem de um povo escravizado, com inexcusável disposição para não olhar para traz, e nem muito menos para adeante. Trabalha por trabalhar; talvez por instincto é que trabalha. Para servir aos outros mal servindo a si mesmo. A subelite dos exploradores esta sim que é a classe relativamente privilegiada em meio dessa grande massa inculta de abandonados a vegetar nas "prisoões" latifundiarias.

Foi esta existencia de um sentido ainda por explicar minuciosamente que José Lins do Rêgo fixou nos seus romances da varzea do Parahyba. Elle pertence a uma grande e tradicional familia. Nós pertencemos á familia Lins que na nossa aldeia ainda significa muita coisa de força e poder. Pois o ambiente por elle descripto é absolutamente real, posso dar o meu testemunho. A dialogação perfeita. Alguma fantasia e um bocado de exaggero para certos personagens "mortos" e "vivos" com o fim mesmo de offerecer mais interesse na formação psychologica. Se escapassem esses dois requisitos por certo que os romances de José Lins do Rêgo perderiam bastante na sua palpação de vida. Elle comprehendeu a linha da historia em série que ainda não terminou de escrever com uma graça e uma vivacidade tão communicativas nos seus effeitos.

Poucos livros brasileiros como os seus, cujas paginas não são mais do que a preocupação de bem conversar com o leitor. E cada um daquelles livros, isto é, *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*, apresenta feição particular, embora presos ao mesmo tronco, com um ponto de vista premeditado maduramente. Cada livro pôde ser destacado e ficar sózinho. Mas é o proprio escriptor quem procura unil-os com um carinhoso empenho.

Tanto no primeiro, *Menino de Engenho*, como no segundo, *Doidinho*, sente-se que o romancista tinha até os detalhes crystalizados na memoria, servindo-se do seu admiravel talento para fixal-os dentro dos quadros que viveu intensamente. São livros dolorosos. Profundamente melancolicos. O outro, *Banguê*, já se mostra mais differente dos anteriores, porque a força que sahe de suas paginas tem marca de ficção em muita coisa. O que abso-

lutamente não se nota no *Menino de Engenho* e *Doidinho* de fôrma tão visivel. No *Banguê*, que é tambem e, sobretudo, melancolico e doloroso, José Lins do Rêgo como que se descobre, todo livre, mais elle mesmo. Gastou as recordações nos dois primeiros livros sem cuidar que proseguiria, de modo que no terceiro (e provavelmente no quarto) é que teve de segurar-se á imaginação para completar a historia. E não resta duvida que *Banguê* entre os outros se destaca pela feição de romance de verdade nos seus vastos quadros pintados com um "luxo" de simplicidade exuberante. Por vezes o leitor surprehende a doçura da poesia em que o lyrismo de um apaixonado desabrocha com a naturalidade de impulsos delicados e primitivos. Neste particular julgo o *Menino de Engenho* um poema e o *Banguê* um romance; *Doidinho* parece intermediario entre uma coisa e outra: ha muito de romance e de poema dentro delle.

O reflexo da vida agraria nos livros de José Lins do Rêgo ao meu vêr é a parte que mais assignala o seu esplendido esforço intellectual. A oppressão de uma existencia que se arrasta desgraçadamente se acha bem retratada nas suas paginas. Regime de miseria, de exploração e de sofrimento. O camponez trabalha, cultiva a terra e nada possue. Faz a colheita para o latifundiario, o senhor de engenho, o fazendeiro, o dono da uzina. Trabalha sob a chuva e sob o sol sem ter o que comer. Reside em palhoça, maltrapilho e de pés descalços. Dorme no chão com toda a familia e não tem remedios para curar as doenças. Tragica situação de quem planta canna e não pôde comprar assucar e de quem colhe o algodão e anda quasi nú de tão esfarrapado! Nada possue essa misera gente que não frequenta escola porque não ha escola. Opprimida, explorada rudemente, sua energia, entretanto subsiste e, então, o potentado ainda sabe aproveitall-a de maneira solerte, formando o seu exercito de cabras e cangaceiros. Eis ahi um semi-typo de pária. Ha um outro mais adeantado, um pouco acima de nivel, porém, desgraçado tanto quanto aquelle. E' o typo do pequeno lavrador que não "possue" propriedade e que lucha com a falta de recursos para cultivar as "suas" terras. Estas quando são boas, o grande proprietario não descança jámais, acabando por ser o seu dono, por hypotheca ou por compra, pois soube espreitar o momento de aperturas. Quando chove, deseja cultivall-as, mas não tem semente, nem muito menos dinheiro. E' preciso tomall-o emprestado. E um dia a lavoura floresce, como o algodão na folha, vendo-se obrigado a vendell-a por baixo preço, pois que precisa comer, não podendo aguardar a safra nem a alta de preços. Havendo sécca, é quando verifica que a sua pequena propriedade não passa de terra de "taboleiro" tostada pel sol, necessitando entregall-a ao uzineiro ou ao hypothecario por alguns vintens. Ou fugir

dalli como um flagellado. Se pretender resistir, a situação tornar-se-á peor. O proprietario, de olhos crescidos, serve-se do fisco para a sua vingança impiedosa. E, por seu lado, o chefe politico está sempre alerta para ajudal-o, dar-lhe mão forte nas ameaças de ruína e de maior pobreza.

Hoje em dia se procura estudar esses aspectos sociaes. E os que procuram estudal-os não são "conhecidos sociologos". Varias regiões brasileiras ostentam feridas que sangram e que pedem uma cura generosa. A falta de humanidade clama. E' preciso não se ter independencia para fazer como certos escriptores que ainda insistem em dizer que não existe luta de classes no Brasil. Póde ser tambem má fé. Ou ignorancia de amorsos das felicidades advindas de um regime necessario de humanizar-se. Que precisa passar por uma transformação talvez completa. Jorge Amado já publicou dois romances mostrando os fundos de uma situação de dôr generalizada. Sem ter para quem appellar. Nem tanto *Suor*, mas o outro, *Cacáu*, me parece excellente mostruario da "scientifica" exploração em que vive o trabalhador bahiano. Differe bastante no escrever e pintar os ambientes do systema adoptado pelo sr. José Lins do Rêgo. Neste ha mais abundancia de palavras, trata-se mesmo de um escriptor fluente, gostando de apanhar detalhes. E insiste. E volta por mais de uma vez ao ponto de partida. Quer convencer e convence. Com Jorge Amado se dá exactamente o contrario, convencendo tambem, e convencendo penetrantemente. Sente-se nessa sobriedade um romancista vigoroso, com uma seiva e com um elemento vital que lhe trazem uma impregnação de ternura, cheia sobretudo de humanidade. A tactica de Jorge Amado é a mesma de José Lins do Rêgo: salientar a vida miseravel de nossa gente que morre no eito, curvada sbre a lavoura da canna de assucar, do algodão e do cacáu. Se differem na maneira de expôr — um, medido, sobrio; o outro, loquaz e colorido — são, todavia, eguaes nos sentimentos de solidariedade humana. Basta isto para que os seus romances tenham caracter capaz de interessar universalmente e que por outro lado sejam intensissimos dentro de uma litteratura de amor, de cantigas ao luar e de exaggerada ficção. Sem base de natureza sociologica. Tirem-se *Os Corumbas*, *O Quinze* e mais dois ou tres, nada restará em nossas lettras que valha, nesta hora, as honras de um estudo sério, porque são romances de motivos futeis elaborados ainda assim muito distantes da realidade. Geralmente elles se apresentam deste modo: quando o thema é a sêcca, esta se desenrola no littoral, nos brejos, os flagellados namorando, chupando cajú e passando bem de estomago; ou, então, quando o thema é banditismo, este não é o legitimo, o do sertão brabo, e sim o da cidade — o cangaceiro tomando sorvete e saltando do bonde ás carreiras. Poderia citar factos. Mas de que serviriam? São tão conhecidos.

Os romances de José Lins do Rêgo vão ficar como inestimavel depoimento de um regime poli-

ticamente feudal. O mesmo se dará com os de Jorge Amado. Elles representarão sempre o espectáculo de uma época de barbarismo e escravidão que tende a passar. E já agora se vae notando alguma differença sensivel. Pelo menos na Parahyba, no Nordêste. Como que a força do capitalismo deu outra feição á luta para tornar essa "modificação" mais enganadoramente confortavel. As populações ruraes vão melhorando o padrão cultural por via de influências estranhas que se estão infiltrando com uma pugnacidade e uma saúde dignas de registro. Sem duvida que a Revolução neste ponto está operando resultados apreciaveis. O homem do campo continúa explorado, porém, agora explorado com certa "consciencia", tudo indicando que, num futuro proximo, essa mesma "consciencia" se esclareça e se oriente para melhor fazer valer os seus direitos á vida. O movimento preparatorio é notavel: as massas agrarias sobem no grão de cultura e já defendem seus interesses com mais resolução. De modo que a differença de ambientes que se observa de quatro annos a esta parte não se póde deixar de reconhecer como animadora. Os proprios livros de José Lins do Rêgo afinal de contas se encarregarão de demonstrar o que estou dizendo: os tres romances publicados irão estabelecer contraste extraordinario com o annunciado para breve. Isto é, no ponto de vista social, porquanto se desenrolará por entre os espaços largos da uzina de assucar. Largos materialmente e com toda certeza ainda mais estreitos sob a feição moral.

Menino de Engenho, Doidinho — seria longo escrever tudo quanto penso ao seu respeito. E *Banguê*? E' preciso estudal-o como se apresenta na sua photographia rural sobretudo, sobretudo porque, sendo a parte sociologica por excellencia, se mostra unico em condições de preoccupar demoradamente os espiritos voltados para as enganadoras seduccões da politica.

ADHEMAR VIDAL

H. Van Loon — *Historia da Humanidade* — Livraria Globo, 1934.

Assim é que se ensina historia. Sem abuso de pormenores inuteis, sem flagellar a paciencia da infancia, diz-se-lhe apenas o que ocorreu de realmente expressivo através dos tempos. Os factos secundarios são sempre omitidos e ninguém soffrerá nada por isso, ninguém se queixará dessa benemerita omissão. Ao que accentuou judiciosamente um critico, Van Loon possue mais erudição historica que Wells e, ao contrario deste, não se aventura por hypotheses romanescas. Só lhe interessa aquillo em que haja palpação de vida, verdade humana. E os desenhos eschematicos que enriquecem o livro resultam do mesmo espirito incisivo e forte que redigiu este magnifico texto, criação de um homem de lettras que é acima de tudo um homem.

General Borges Fortes — *Casaes* — Edição do Centenario Farroupilha — Rio.

Substanciosa monographia consagrada aos "colonizadores do Sul do Brasil, originarios das Ilhas dos Açores". O general Borges Fortes que é frequentador assiduo de archivos e bibliothecas, possue innegaveis attributos de reconstituidor das épocas extinctas. Tambem já publicou um vigoroso trabalho sobre *O Tupy na Chorographia do Rio Grande do Sul*, e seus livros, graças ao operoso livreiro Mario Porphirio, têm tido boa divulgação aqui no Rio.

A proposito de "POESIA" de Ribeiro Couto

Ribeiro Couto deu-nos, com *Poesia*, um livro extremamente significativo. Reuniu neste volume, sob um tituto commum, os seus dois livros de versos a meu vêr mais typicos e marcantes: *Jardim das Confidencias* e *Poemetos de Ternura e de Melancholia*. Outros livros de Ribeiro Couto poderão ser mais bellos, mais fortes, mais eloquentes. Não discuto isso. Nenhum, porém, mais expressivo nem mais envolvente do que estes dois que elle reuniu sob o rotulo global de *Poesia*. Principalmente o *Jardim das Confidencias* tem para mim uma importancia excepcional. Acho que elle andou bem avisado na escolha. Porque reuniu neste volume dois livros quasi do mesmo tempo (um é de 1921 e o outro, de 1924) e sobretudo da mesma cathegoria lyrica. No *Jardim* como nos *Poemetos* domina aquelle mesmo tom de intimismo, aquella simplicidade mansa, aquelle lyrismo dôce e melancolico, que marcaram com um rythmo tão pessoal a primeira phase litteraria de Ribeiro Couto. Elle talvez goste mais dos versos claros e harmoniosos do *Homem na multidão*; elle talvez prefira a poesia energica e clara do *Noroeste e outros poemas do Brasil*. São poemas de saude e de força. São expressões modernas de alegria creadora. Não duvido. Mas eu resolutamente prefiro os seus poemas da primeira phase. Principalmente o *Jardim das Confidencias*, tem a meu ver uma importancia excepcional. Estes versos trouxeram á nossa poesia uma nota de infinita e inesperada novidade: a doce e melancolica penumbra da intimidade. Ronald de Carvalho, com a aguda penetração que lhe é peculiar, assignalou o phenomeno por occasião do apparecimento do *Jardim das Confidencias*. Poesia no Brasil, naquelle tempo (estavamos em 1921) queria dizer eloquencia. Respiravamos um ambiente saturado de gyrandolas, de fumaradas espessas, de fogos e labaredas alterosas. Como observava o poeta dos *Epigrammas ironicos e sentimentaes*, — "... o poeta que desejasse um triumpho rapido teria que se transformar num pyrotechnico habil, capaz de pôr bichas e bombas chilenas nos seus endecassylabos, buscapés e salta-moleques nas suas redondilhas, foguetões de assobio nos seus alexandrinos. Devia possuir um arsenal de imagens campanudas, montanhas de papelão pintado, sóes de folhas de flandres, meteoros de latão, crepusculos e auroras ouro-banana. Sem esses condimentos picantes, sem essa mostardaria complicada, o paladar commum não encontraria sabor nos seus versos. Era de bom aviso, tambem, não esquecer o poeta o vestuario custoso das mythologias classicas, assim como os respectivos attributos das divindades illustres, a concha de Amphytrite, o feixe de raios de Zeus, o caduceu de Hermes, os galgos de Artemisa. Tudo isso alternaria, então, com os Caapóras, os Sacys, os Corrupiras e as Uyáras da tradição indigena. Entre as solidões intactas do sertão e a radiosa gloria do Olympo caminhavam assim, os nossos bardos desejosos de fama, levando aos hombros as suas bilhas cheias de rimas sonoras e rutilantes.

Com taes armas na mão, tudo lhes seria facil e propicio, o sorriso das musas, os galardões da imprensa e o cacarejar festivo da criticalha sinistra.

Havia, porém, alguns artistas bastante corajosos que chegaram a trocar o verso reluzente e a rima fatal por uma entidade quasi metaphysica, desconhecida da maioria dos nossos versejadores officiaes. Havia entre nós, alguns poetas que faziam poesia. Para esses, o que existia não eram os metros, as formulas e os modelos, mas a realidade da vida. Uns preferiam pintar essa realidade no que ella possuia de mais gracioso, nos seus aspectos simples, na virgindade das suas formas infinitas, em toda a seducção das suas galas exteriores. Outros iam procurar os seus segredos profundos, as forças obscuras que a agitam, a mysteriosa energia que a anima. Aquelles dansavam, numa ronda de luz, sobre a relva dos grammados velludosos; estes penetravam os bosques silenciosos, desappareciam nos seus meandros encantados. A sombra os tentava, a fascinação do mysterio os empolgava. A poesia verdadeiramente nova, no Brasil, soffria as influencias dessa extranha suggestão da sombra e do silencio."

Ora, Ribeiro Couto, incorporado a este ultimo grupo, do qual era o "leader", trouxe-nos, naquelle momento, com a sua reacção corajosa de simplicidade, um allivio de libertação. Foi como se tivesse tirado das costas de nossa poesia o peso incommodo da eloquencia. Humanizou-a. Deu-lhe ternura e intimidade. E deu-lhe sobretudo o prestigio da graça de um lyrismo puro e sem artificios. Uma nota, antes de nada, marcava os versos deliciosos do *Jardim das Confidencias*: as estranhas suggestões da sombra e do silencio. Dahi Ronald de Carvalho ter denominado essa poesia — poesia da penumbra. Foi por causa desse notavel artigo de Ronald de Carvalho que nasceu o "penumbrismo". Eu não sei se vocês ainda se lembram. Vale a pena recordar o episodio. Mesmo porque o "penumbrismo" foi precursor do "modernismo".

Perturbando a monotonia litteraria, tão parnasiana e tão enfadonha, o *Jardim das Confidencias* tinha apparecido. Tinha apparecido e tinha feito um bello successo. Ronald de Carvalho, estudando-o no artigo a que já alludimos, accentuára as tendencias lyricas de Ribeiro Couto para uma poesia de penumbra e melancolia. Isso serviu de pretexto — um lindo pretexto — para que Paulo Moreno, espirito amavel e ironico, fizesse immediatamente uma deliciosa chronica, baptizando a nova poesia com o nome de "penumbrismo"...

O titulo, com ser bem achado, era harmonioso e interessante. Agradou. Fez época. E, mal ou bem empregado, — pouco importa — generalizou-se. Desde então, "penumbrismo" foi o nome generico com que se chrismaram todos os poetas novos. Estava decretado. Tivesse embora o poeta versos cheios de claridade tropical, como Ronald de Carvalho, ou cheios de ironica alegria, como Oswald

Orico, ou ainda cheios de doce melancolia lyrira, como Onestaldo Pennafort — era tudo “penumbrista”.

O “penumbrismo” teve, dest’arte, um caracter alarmante de epidemia litteraria, contaminando todas as intelligencias e todos os espiritos... E tornou-se até um synonymo de futurismo senão tambem de nephelibatismo. Era uma maneira incisiva de fulminar os poetas que appareciam...

Quando alguém lia um livro qualquer e não lograva entendel-o, dizia logo, sem hesitar, com um olympico desdem: — “Este sujeito é penumbrista!...” E o escriptor estava morto. O termo adquiriu um sentido pejorativo, perdendo a sua legitima significação. Porque, verdadeiramente, o que menos havia nos “penumbristas” — era penumbra. Pelo contrario, elles vinham com a alma repleta de sol, repleta de mocidade, repleta de saudavel alegria. Ribeiro Couto era entre elles uma excepção melancolica. Mas o titulo pegou. E a idéa de Paulo Moreno, sobre ter tido uma larga repercussão, teve tambem uma utilidade: — classificá-los. E’ sabido que classificar em litteratura é já uma grande cousa. Em critica — é tudo. Os “penumbristas” estavam, pois, classificados. Assim catalogados, com a devida etiqueta litteraria, elles definitivamente entraram as portas da celebridade, com uma pôse grave de fundadores de “escolas”... E, ao mesmo tempo, confortavelmente se installaram na Historia da Litteratura Brasileira. E o unico “pistolão” que tiveram para tudo isso — imaginem! — foi Paulo Moreno! Tudo por obra e graça de Paulo Moreno! Em face do movimento que então se fez, Pedro Motta Lima, em cuja organização brilhante de jornalista dormia uma linda alma de poeta, teve uma idéa diabólica.

— Vou fazer uma “blague”!
— Com quem?
— Com os “penumbristas”. Vou divertir-me um pouco. Elles são tão engraçados!

E fez as deliciosas parodias de Paulo Geraldino. Era assim a litteratura no Rio em 1921...

E tudo isso nasceu e girou em torno do *Jardim das Confidencias*.

Este livro, por conseguinte, teve uma importancia consideravel: marcou uma época na nossa historia litteraria. E é por isso, além do mais, que eu o considero o livro mais significativo de Ribeiro Couto.

PEREGRINO JUNIOR

Amador Cysneiros — *Direito Penal Sovietico* — Editora X S. Paulo.

E’ uma collecção de direito em que figurarão codigos de varios paizes. A Editora X annuncia tambem a publicação, em collecções varias, de trabalhos de Claudio da Costa, um engenheiro do Brasil que trabalha na Russia; de Tarsila do Amaral, a pintora paulista que andou pela Europa, e de Osorio Cesar, que tanto se tem interessado pela perfeita explicação das theorias pan-sexualistas de Freud.

O ultimo premio Goncourt

Eram muitos os candidatos ao premio Goncourt de 1934. Citemos de passagem alguns dos romances mais collados e de que muito se occuparam os jornaes francezes dos ultimos tempos: *A sa lumière*, de Ignace Legrand, *Soupeçon*, de Hubert de Lagarde, *Capitaine Conan*, de Roger Vercel, *Le beau voyage*, de Robert Francis, *Le peché du monde*, de Mexence van der Meersch, N. R. 234, de Jacques Le Marchand, *Le chant du monde*, de Jean Giono, *La mauvaise fréquentation*, de Louis Francis, etc. etc.

Como se vê, não devia ser muito facil a decisão dos dez, pois todos esses livros attrahiram a attenção da critica e do publico.

Informações posteriores, trouxeram a noticia de que a palma foi conferida a Roger Vercel, o autor de *Capitaine Conan*, e cuja candidatura tivera o patrocínio de Roland Dorgelès, enquanto as sympathias de Léon Daudet se voltavam para Hubert de Lagarde.

O Capitain Conan traz ainda um resabio da grande guerra. Romance de acção, os seus principaes episodios occorrem na Macedonia, em fins de 1918, depois que o armistício já foi assignado, mas quando as tropas ainda permanecem aguerridas e lutam contra as desordens de tal momento. Segundo se propala, Roger Vercel serviu no exercito francez que actuava então na Macedonia e, assim, os trechos do seu livro que descrevem essas passagens são dos mais vivos e assumem o aspecto de um verdadeiro documentario. O Capitain Conan, que dá titulo ao volume, é o principal personagem do romance, que todos dizem escripto com grande singeleza, mas é de solida construcção e admiravelmente contado.

Juan Carlos Blanco — *Discursos y Escritos* — Montevideo.

Figurando entre as mais notaveis personificações da cultura e do civismo platinos, Juan Carlos Blanco era um batalhador das lutas pela liberdade e era tambem um entusiasta da pagina bem composta. Advogado, juiz, publicista, politico, animava-o uma especie de visão demostenica da vida e jámais conspurcou o seu verbo em actividades suspeitas. Irreductivel nas convicções partidarias, tambem não transigiu com os cacographos que pretendiam encher de maculas a lingua castelhana. Tudo era naturalmente classico nessa creatura de excepção, máo grado a vehemencia dos seus sentimentos democraticos. A republica visionada por elle era um regimen de que não fossem excluidas as intelligencias altas, que não tivesse horror ás capacidades authenticas. Dahi a dignidade litteraria dos seus discursos, modelos de nobre rhetorica, e dahi o caracter de perdurabilidade dos seus menores escriptos, que ainda hoje podem ser relidos com indiscutivel proveito. Andou bem o sr. Juan Andres Ramores ao ver no glorioso morto, dentro da fórmula de Alfieri, uma vigorosa planta humana.

H. Van Loon — *O mundo em que vivemos* — Livraria do Globo, 1934.

E’ uma especie de iniciação pittoresca em todos os segredos do planeta. Servindo-se especialmente dos processos de analogia, Hendrik Van Loon vae revelando aos jovens estudiosos a maneira por que se formaram geologica e socialmente todos os paizes do globo. Não sabemos de mestre mais attrahente, mais amavel. Ensina sorrindo, sem catadura repulsiva, sem orgulho exaggerado da sua erudição. Passeia-se em companhia delle através de povos e sociedades as mais diversas e de cada cidade, de cada recanto, se vae extrahindo a nota essencial, inconfundivel. Pedagogia assim não irrita ninguém. Sente-se claramente que o autor, um auto-didacta, dos que lutaram realmente com a vida, não quer infligir aos moços o supplicio de conhecimentos inuteis, que custam a encaixar-se nos cerebros e a gente terá egualmente dificuldade em esquecer, quando verificar a perfeita inutilidade humana de taes conhecimentos. Quanto á confecção do volume, devida á importante Livraria do Globo, de Porto Alegre, é simplesmente primorosa.

ESTADO NEGRO

(Trechos de capítulo)

Voltando á organização dos quilombos afro-brasileiros encontramos no quilombo de Palmares o maior delles, o que mais se desenvolveu, havendo como que uma transplantação da cultura africana para as terras das Alagoas. Cultura não isenta da influencia das senzalas. O Estado Negro de Palmares teve todas as características de um verdadeiro Estado africano. — Cultura agricola africana, organização politica propria; policias de defeza e de ordem interna bem organizadas; technica de cultivo da terra e defeza do Estado. São estes os principaes e notaveis traços do grande quilombo de Palmares.

Certo tempo depois da instituição do trafico de escravos, a oppressão da sociedade colonial brasileira sobre o trabalhador negro provocou neste elemento oprimido a fuga para a selva virgem. Desta fuga em massa nasceram os quilombos, villas creadas no meio da mata onde os negros fugidos trabalhavam e lutavam contra os seus perseguidores. No diario de viagem do capitão João Blaer, agente de Nassau e que dirigiu uma expedição contra Palmares em 1645, vamos encontrar noticias preciosas sobre a organização agricola e sobre os meios de defesa dos negros livres. Estes circumdaram Palmares de *palissadas*, em duas ordens, e de fossos com estrépes. Similhantes em technica de defeza ao uso dos senhores feudaes da idade média que circulavam seus castellos com fossos profundos. Castellos que só permittiam accesso quando baixavam a ponte levadica. Depois os negros, tidos geralmente como incapazes e de uma cultura inferior, pela maneira heroica como combateram e pelos meios de defeza empregados na guerra ao inimigo dominador, deram muitos destes magnificos exemplos de qualidades creadoras fóra do nivel commun.

A organização social de Palmares se compunha de um conselho, de uma igreja e de um rei,

Zumby, que “governava com severa justiça”. Ainda no diario de viagem da expedição do capitão hollandez ha referencias a quatro forjas e “toda a sorte de artificies”, plantações de palmeiras que serviram para tirar o azeite empregado na alimentação e, como sugere Gilberto Freyre em livro inédito, “provavelmente na illuminação” e na construcção de casas. A policia interna em Palmares punia com a morte os crimes de homicidio, adulterio e roubo e os que voltavam por livre vontade ao captivo.

“A suprema *lex* na manutenção de Palmares era a capacidade de manter a liberdade adquirida: faltar a esse dever era desertar e trahir a causa commun e o maximo da punição devia correr em auxilio della, a soerguer e sustentar os animos duvidios”. Assim se expressou Nina Rodrigues sobre a legislação dos negros aquilombados.

Dizem os historiadores ter existido dois Palmares. Um destruido pelos hollandezes e o outro pelos portuguezes. O primeiro, de menor importancia, chegou a abrigar 6.000 escravos fugidos. O segundo, que alguns escriptores calculam em 20.000 habitantes, foi o mais bem organizado e o que maior trabalho deu á sua destruição. O Estado Negro adquiriu tamanha pujança economica e politica que chegou a trocar productos agricolas e mandar embaixadas ao governo colonial negociar a paz. Mas os colonos brancos não podiam vêr com bons olhos o reducto da liberdade dos escravos. Os negros dos engenhos abandonavam as senzalas e iam trabalhar com os seus irmãos. Das cidades e villas fugiam para o grande quilombo. E os senhores viam escassear as negras peitudas que lhes saciavam os instinctos desenfreados e os braços luzidios que revolviam suas terras. Começaram, então, a pensar seriamente na necessidade da destruição de Palmares. Diversas expedições foram rechassadas. Na sua segunda tenta-

tiva as forças armadas do mestre de campo, Domingos Jorge Velho, combinadas com reforços vindos do Recife, conseguiram, depois de guerra terrivel, onde os negros ultrapassaram a todos pela coragem e habilidade na peleja, arrazar a “Troia negra”. Contam até que o chefe do Estado Negro, o Zumby, quando viu tudo perdido, precipitou-se com os auxiliares de seu governo do cimo dum penhasco, preferindo a morte ao retorno á escravidão.

O que concorreu para que os chefes brancos manifestassem tamanho interesse em arrazar o quilombo foi o contracto que o governo firmou com elles de que “as terras (dos negros) seriam doadas aos vencedores” (1). Ficam bem claros, portanto, que foram interesses economicos de classe que impulsionaram os brancos para a destruição do Estado Negro. Guerra de rapina, de saque. Nem por isso deixaram de haver missas cantadas em acção de graças, procissões e grandes festas pelas ruas de Olinda em regosijo ao “notavel feito” das armas portuguezas.

ADERBAL JUREMA

(Do *Potencial revolucionario do negro brasileiro*, a sahir).

(1) Nina Rodrigues — *Os Africanos no Brasil*.

René Brancour — *Vida de Massenet* — Edições Cultura Brasileira, — São Paulo, 1934.

E' a biographia de um dos maios populares dentre os compositores de musica franceza. Qual dos nossos melomanos não ouviu a *Manon*, o *Werther*? Apesar das satiras com que o alfinetou um Léon Daudet, que o acoi-mou de bajulador e avarento, o nome de Massenet ficará ao lado dos que souberam encantar as multidões através de arias e cavatinas que o ouvido facilmente retém. E este volume de René Brancour, excellentemente documentado e escripto com elegancia e limpidez, vale por uma perfeita coordenação da vida e da obra do emulo de Gounod.

Florian de Lemos — *Éora da lei* — Selma Editora — Rio, 1934.

Antigo collaborador do *Correio da Manhã*, o sr. Florian de Lemos contou sempre com um publico fiel ás suas chronicas litterarias. Engenhoso estylista, sabe elle emprestar uma tonalidade galante ás digressões de caracter médio, aligeirando-as o mais possivel, de modo a amenizar em historietas felizes os mais severos postulados de sciencia.

Henri de Montherlant **LES CELIBATAIRES** Grasset, 1934

O celibato, na mulher, é quasi sempre involuntario; é um acontecimento, ou melhor, uma ausencia de acontecimentos: a fidelidade a um sonho desfeito, uma espera sempre adiada.

Mas no homem, via de regra, é um estado de espirito. Os rapazes bisonhos, mettidos comsigo, sempre a se esquivarem das visitas, fugindo a todas as obrigações sociaes, os typos não-dou-satisfações-a-ninguem, são córtes authenticos, indubitaveis de celibatarios. Se se casarem, contrariando a vocação, serão pessimos maridos, não conseguirão desmanchar a prega do celibato. Ha ainda outra categoria de solteirões: os que não sabem escolher, os que nunca se resolvem, e recuam apavorados deante da menor deliberação, os que são capazes de crear casos de consciencia em torno da resposta a dar a uma carta, da acceitação ou recusa de um convite. Os primeiros se classificarão de independentes, obedecendo á generosidade com que cada um de nós rotula os proprios actos; com a mesma complacencia se julgarão os segundos ponderados, escrupulosos.

Ninguém mais dependente do que esses independentes, escravos de suas manias; ninguém mais escorregadio, mais inconsistente do que esses ponderados.

No fundo, domina-os a ambos um orgulho exorbitante e um terrivel egoismo.

Disso se compõe o que poderemos chamar de celibatismo, thema do ultimo romance de Montherlant, romance admiravel, "last but not least", talvez o mais humano e certamente o melhor ambientado dos seus livros.

Livro fechado, sem ar, sem horizonte, em perfeito accôrdo com as personagens, com essa humanidade plana, a duas dimensões, agarrada ás pequenas miserias quotidianas.

No isolamento amargo em que se muraram os dois exquisitões, com a sua rebeldia a todo constrangimento, a toda regra, os actos mesmo os menores, perdem a relatividade. Tudo tem valor absoluto.

O desaparecimento momentaneo de um gato, um objecto fóra de lugar, as mais leves alterações de habitos adquirem fóros de tragedia. Tudo echôa, na densidade do ambiente. E' o castigo dos que fogem da vida, esse soffrimento despropositado e ridiculo.

E que revolta, nesses inadaptados, que se mantiveram voluntariamente á margem da existencia. Nunca quizeram sahir do seu eu, mas exigem tudo dos outros, a quem não dão nada.

"Les "sauvages" de la trentième année, diz o autor, sont les amers de la cinquantaine".

São dois os celibatarios principaes, tio e sobrinho; ha outros secundarios, e tambem muito bons; bons como typos...

E' incrivel (incrivel no sentido em que é incrivel a vida) a miseria physica e moral desses pobres diabos; sordidez que disfarçam, no terreno material, sob a fachada de um titulo de nobreza; no moral, remendam-na com as opiniões dos jornaes,

com as phrases feitas, com todos esses commodos anteparos atraz dos quaes costuma a maioria dos homens esconder a sua ausencia de ideaes e de sentimentos.

A impressão de pobreza, de mesquinhez, de falta de liberdade causada por tudo isso é dolorosa e dissolvente. O livro distilla um desanimo, uma tristeza irremediavel. Tem-se a sensação de estar dentro de um tunnel escuro e sem fim. Por mais que se procure, não se descobre uma sahida para essas existencias vasiaas. Nem sahida, nem motivo. Parece desperdiçado, tanto na economia divina como na humana, o quinhão da vida que lhes tocou.

Um traço novo, esse, na obra de Montherlant, onde havia sempre um impulso, onde as personagens sempre corriam apressadas para um ponto de mira embora quasi sempre illusorio.

Aliás, é singular como Montherlant consegue se renovar em cada livro sem nada perder da sua força. Suas creaturas não trazem a marca do autor, não têm parentesco entre si. Não se póde dizer de alguém: é um typo de Montherlant, como se diz: é um typo de Mauriac.

Ha muita gente parecida com os heroes de *Les Célibataires*, mas é justamente aquella que nada tem de commum com a humanidade de *Le Songe* ou de *Les Bestiaires*.

E, entretanto, elle intervem muito em seus livros, mormente neste ultimo. Não tem a preocupação de fazer crer aos leitores que a obra nasceu por geração espontanea, não receia apparecer nella, investido das prerogativas de "metteur-en-scène". Ao contrario. Ha muitos commentarios, muitas digressões, e algumas longas em *Les Célibataires*, sem prejuizo da homogeneidade e do interesse do livro. Uma, sobretudo, é uma verdadeira chronica, espirituosa e extraordinariamente opportuna.

Um dos solteirões sahira a passeio, num dia de desusado bom humor, e se aventurara até os "boulevards". Ahi intervem Montherlant, com algumas reflexões sobre os objectos expostos á venda. Quasi todos, imitações, falsificações mais ou menos habeis. Muito ao sabor da época, dessa época eminentemente vulgarizadora que é a nossa, época da fabricação em grosso, onde tudo se põe ao alcance de todas as bolsas e de todas as mentalidades. Encontra, por toda parte, bronzes ôcos e colares de perolas de cem francos, relógios que parecem andar, perfumes de agua colorida, laranjadas sem laranja; os gramophones tocavam discos de arias celebres arranjadas para a dansa, eram ficticias as cotações afixadas pelos bancos, falsas, ou pelo menos exaggeradas as noticias dos jornaes. O reinado da apparencia, emfim.

Só o falso é bello, só elle agrada aos homens, concluiu desoladamente, depois de ter affirmado que nos nossos dias, o unico luxo é a authenticidade.

Luxo que se permittiu em seu livro, onde não ha a menor concessão ao bonito, ao gosto da actualidade. São muito feias, nada attrahentes, as almas dos celibatarios — mas são indiscutivelmente verdadeiras.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

BRASILIANA

Os dois livros para os quaes quero aqui chamar a attenção dos leitores, embora de generos muito diversos, têm varios pontos de contacto. Além de fazerem parte da excellente colleção "Brasiliana", em tão bôa hora iniciada pela Companhia Editora de S. Paulo, são ambos da autoria de dois illustres patrios nossos, que têm dado o melhor de sua vida ao estudo das sciencias naturaes e fazem parte desse egregio corpo de professores que é o orgulho do Museu Nacional.

C. de Mello Leitão, o autor de *Visitantes do Primeiro Imperio* é um zoologo de credenciaes inconfundiveis e os seus estudos no dominio dos arachnideos deram-lhe renome mundial. Talvez seja por isso — isto é, em parallelo com as monographias que lhe levaram a fama para além das nossas fronteiras — que elle, muito modestamente, no exemplar que me offereceu do seu ultimo livro, chama ao mesmo de "sub-producto de Historia Natural". Na verdade, vemol-o ahi muito afastado das suas habituaes cogitações, mas, provavelmente, o seu livro não lhe teria sahido tão acabado e interessante se, á sua confecção, não estivesse sempre presente, ao lado do bom gosto do escriptor, o espirito de ordem e paciencia que é o attributo indispensavel a todo naturalista que se preza.

Cremos mesmo não errar dizendo que não foi por mero pasatempo ou de plano preconcebido para qualquer trabalho litterario que o autor mergulhou na leitura de diarios e registros dos nossos primeiros visitantes, mas antes no intuito de alargar conhecimentos no campo das suas pesquisas.

Todavia, a obra nasceu-lhe sem esforço e desdobra aos nossos olhos um pittoresco Brasil de seculo atraz, quando por aqui andaram Freycinet, Maria Graham, Duperrey, Bougainville, Darwin e alguns outros. Com excepção deste ultimo, ainda não

era a turma de grandes sabios que nos visitaria mais tarde, descobrindo-nos verdadeiramente para o mundo. Mas, ainda assim, quanta observação já muito interessante, principalmente dessa Maria Graham, que tinha olhos para tudo, e ha de ser sempre citada entre aquelles que melhor nos souberam vêr!

A *Phytogeographia do Brasil*, de A. J. de Sampaio, o outro livro a que me quero referir, é obra como nunca fôra feita no Brasil. Trabalho solidamente meditado e plenamente amadurecido, transbordante de erudição e cultura, só poderia ser escripto por um botanico verdadeiramente notavel.

Mas esse é o caso de A. J. de Sampaio, para os que o conhecem de perto, na modestia do seu saber, na abnegação aos seus estudos — toda uma existencia votada a um melhor conhecimento das riquezas da flora brasileira, que só o arranca da sua banca de trabalho para leval-o aos nos-

sos campos e florestas á cata da planta rara e do especime ainda por classificar.

A *Phytogeographia do Brasil*, seja embora uma obra de puro cunha scientifico é de leitura extremamente agradável e oxalá possa ter a divulgação que merece.

Aos que nada conhecem do nosso mundo floristico, ella dará, nas suas magnificas summulas sobre as nossas grandes provincias e variegadas zonas botanicas os mais interessante ensinamentos. Aos que, mais felizes, já se perderam por aqui e por ali nestes immensos Brasis, tendo sempre deante dos olhos perspectivas ineditas e aspectos surprehendedentes, advirá o prazer, ainda maior, de outra vez se defrontarem com velhas imagens inesqueciveis. Assim, ao me deter sobre as suas paginas, senti-me entre as preciosas essencias do rio Doce, galguei a serra do Itatiaya, cruzei e recruzei os taboleiros e caatingas do Nordeste, descansei á sombra das grandes castanheiras do Pará, e palmilhei, com renovado encanto, as extensas campinas do alto Parú...

Lembra-se Sampaio?

GASTÃO CRULS

A. de Lima Campos — *A Crise Economica Mundial e a Solução Bimetallista* — (O ponto de vista brasileiro) — Rio de Janeiro, 1934.

O Sr. A. de Lima Campos é hoje, no nosso meio, uma verdadeira autoridade em assumptos economicos e financeiro. Membro da secção de estudos economicos do Banco do Brasil e tendo, não ha muito, servido como assessor tecnico da delegação brasileira á VII Conferencia Pan-Americana que se reuniu em Montevideo, elle vem de publicar agora esse interessante trabalho, que ha de prender a attenção de quantos se dedicam ao estudo dessas questões e a respeito do qual, sem duvida para louval-o e applaudil-o, se hão de pronunciar os especialistas.

— Da Russia communicam ao romancista Jorge Amado que, no plano de edições organizado para 1935-1936, figuram as traducções dos volumes *Cacáu*, daquelle escriptor, e *Banguê*, do novellista parahybano sr. José Lins do Rego.

A "escola nova" não se afasta do espirito christão, eis uma verdade que o Prof. Everardo Backeuser acaba de demonstrar com o seu livro.

TECNICA DE PEDAGOGIA MODERNA

(4.º volume da "Bibliotheca Brasileira de Cultura")

Nessa obra erudita e solida, em que o autor é expositor de idéas educacionais de uso corrente e tambem critico dos chamados "extremismos pedagogicos", está um precioso manual que muito util será tanto aos curiosos e theoristas, como aos praticos devido á parte puramente de "tecnica escolar".

TECNICA DE PEDAGOGIA MODERNA

Vol. broch. 10\$000

Trata-se de um dos ultimos livros lançados pela CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Edificio Alhambra e
Rua Sete de Setembro, 162
— Rio de Janeiro —

GORDON, POETA HIPPICO

Dentre os livros surgidos, nestes ultimos mezes, na Inglaterra, está o de Douglas Sladen: *Adam Lindsay Gordon: Life and Best Poems* (Hutchinson).

Sladen vem diligenciando ampliar o renome desse curiosissimo poeta desde 1912, anno em que fez reeditar as suas poesias, com uma excellente introdução, e em que, ainda, collaborou com E. Humphris, num livro deste, *Adam Lindsay Gordon and his Friends*, sahido na mesma época.

Gordon viveu de 1833 a 1870 e foi o primeiro poeta dos dominios inglezes que teve o seu busto na abbadia de Westminster.

E' interessante assignalar que, embora seja considerado o maior poeta da Australia, nasceu elle em terras portuguezas.

Filho de um capitão escossez, reformado, professor de indostano no Cheltenham College, veio elle ao mundo em Fayal, nos Açores.

Introduzido, aos sete annos, naquelle collegio, e, posteriormente, na Real Academia de Woowich, Gordon tornou-se famoso por suas escapadas de ambos os estabelecimentos.

Sua paixão por todos os desportos ao ar livre que exigissem movimento, celeridade e, sobretudo, bravura, levava-o a preferir o perigo das cavalgadas violentas e bruscas, através dos campos ou das pistas de corridas, á monotonia do ambiente e das disciplinas escolares.

Quando teve de escolher um meio de vida, sentou praça como cavallariano na policia da Australia, para onde emigrára, aos vinte annos, em busca de aventuras.

Durante os dois annos em que serviu na cavallaria, Gordon cruzou, em varias direcções, o interior do paiz, o que lhe permittiu travar conhecimento directo com a gente, os costumes e a natureza australianos.

Nesse periodo de vida estouvada e aventureira, casou-se com uma rapariga, que era uma simples creada, em signal de gratidão pelo tratamento que lhe dispensára quando enfermo. Não obstante, a vaidade dos paes, que viviam a acarinhar o orgulho de ancestralidades illustres, despertava, de quando em quando, nelle, condemnando um tal consorcio, que lhe infundia a desconfiança de estar seccionado da casta.

Nestas alturas, Gordon tinha adquirido a fama de campeão de corridas de obstaculos no movimentado *turf* australiano, e, pelo que se infere de dois desenhos que Douglas Sladen fez juntar ás suas poesias ("*Constable's Miscellany*"), Gordon, que era magro e alto, cavalgava sempre de cachimbo á bocca, retezado sobre o sellim inglez como um automato grotesco.

Havia uma dezena de annos que elle aportára á Australia, quando lhe veio parar ás mãos um legado de sete mil libras sterlinas, após dois annos de pesquisas para lhe descobrirem o paradeiro.

Pouco depois, dava elle entrada no parlamen-

to provincial. Sua actuação resultou, porém, infructifera e, mesmo, desastrosa. Embora assenhoreado das aspirações populares e dos problemas da vida publica australiana, Gordon perdia-se, na tribuna, em incidencias superfluas e entremeava os seus discursos de citações que os tornavam incompreensíveis aos seus proprios pares.

Comquanto deputado, Gordon jámais deixou de concorrer ás corridas de obstaculos e, sempre victorioso, dentro em pouco, a sua fama de *steeple-chase rider* ultrapassava as fronteiras australianas.

Expirado o mandato, que durou pouco, e esvaída, tambem, sem muita demora, a fortuna, que lhe adviera inesperadamente, via-se elle reduzido ás suas faculdades naturais, quiçá, exuberantes, de temperamento e espirito.

Jockey e poeta, restava-lhe agora o favorito e a musa, especie de amazona destra ao sabor das correrias livres do seu pensamento, continuamente empolgado pela agitação trepidante dos prados de corridas.

Depois de Petoeff, o legendario vate magyar, custa a crer tivesse havido um apologista mais ardente do animal, em que os arabes do deserto sempre viram o mais ineffavel companheiro do homem.

Gordon escreveu mesmo a epopéa moderna do cavallo. Não do fogoso corcel de guerra, senão do puro-sangue, destes bellos exemplares de raça que arrastam a applaudil-os, em seus torneios de velocidade, milhares e milhares de espectadores alvoroçados, em torno á pista polida e elastica dos hippodromos.

Aliás, todos os desportos que reclamassem galopadas infrenes, a exemplo da caça da raposa ou do jogo de argolinhas, encontravam nelle um ardoroso partidario e, o que é mais, um destemido concorrente.

Foram, porém, as corridas do *turf*, com a atracção peculiar a todos os jogos, que o dominaram de maneira mais absorvente. Suas apostas, realizadas no calor de entusiasmos insopitaveis, sacrificaram-lhe inteiramente a fortuna inopinada e ephemera como um brinco do tempo.

Justifica-se que Gordon tivesse sacrificado tambem a esse ineluctavel *hobby* a sua capacidade lyrica, comprovada magnificamente naquelles poemas em que procurou fixar a áspera poesia dos campos australianos.

Seus *Swinburne Poems* (Gordon tráhe, ahi e allures, a influencia dos victorianos, Swinburne, principalmente) denunciaram, nelle, um bardo capaz de surtos extraordinarios á feição daquelle que insufla o admiravel *Canto da Ressaca* ("*The Song of the Surf*"), no qual parece reboar a voz solitaria dos mares da Oceania.

O culto do puro-sangue, se não lhe prejudicou, conteve muito o vigoroso impeto lyrico revelado nesse e em varios outros poemas de fundo pantheista.

Em seus poemas consagrados ao *turf*, dentre os quaes sobreleva o poema "De como nós bate-mos o favorito" (How we beat the favourite), ha um resôo atordoante de praça de apostas. As expressões *dead head: a short head* e outras, entre-sacham-se, frequentemente, na contextura de taes poemas, a reclamar alguma familiaridade com a *gyria hippica*.

Nada, porém, revela melhor a devoção de Gordon pelo *turf* que a epopéa denominada "Hippodromania ou as baforadas do cachimbo" ("Hippodromania: or Whiffs from the pipe").

A visão esboçada pelo fumo desprendido do cachimbo, que lhe pende dos labios, é um hippodromo, através do qual:

*"corredores espectraes sobre phantasticas pistas
passam em demanda de invisivel meta."*

O fundo episodico do poema não passa de uma sequencia de páreos, resoante da algazarra dos torcedores e do patear dos puro-sangue esbeltos e rapidos, com appellidos suggestivos de passaros.

Foi, certamente, a esbelteza desses exemplares de raça, que levou Gordon a attribuir ao cavallo, o segundo plano na escala da criação:

*"Se o homem, de tudo o que o Creador planejou,
por sua mais nobre criação é tido,
da obra de suas mãos, ou no céu ou na terra,
o cavallo deve ser, ao menos, o segundo."*

Tal qual Gericault, o grande pintor de cavallos, tragicamente sacrificado pelo animal de suas preferencias, estava determinado que o poeta de "Bush Ballads and Galloping Rhymes" viria a encerrar, tambem, a sua carreira, em meio de uma cavalgada. Quando emprehndia vencer um pareo ousado de *steeplechase*, Gordon cahiu de geito a não mais readquirir as suas qualidades excepcionaes de *steeplechaser*. Sobreviveu seis mezes á queda, mas não pôde subsistir ao desgosto de jámais concorrer ás justas intrepidas de equitação. E, desfechando um tiro contra o peito, incorporou-se aos jockeys soturnos, que "vont vite", através dos tempos, a cavalgar, na noite, os ginetes brancos da morte...

EUGENIO GOMES.

Morreu Alfred Bruneau, o grande amigo de Zola, de quem musicou mais de uma obra de ficção. Suas operas, dados os processos de realismo que as caracterizavam, produziram sempre um forte tumulto. Segundo um critico, "Alfred Bruneau introduziu o naturalismo no drama lyrico". Léon Daudet, num dos seus livros, se diverte bastante com as pretenções desse compositor a fazer musica descriptiva.

Os irmãos Marius e Ary-Leblond apresentam uma reedição do romance *La Sarabande*, com o novo titulo de *La Kermesse noire*. E' um trabalho que reflecte, em tom de farça gauleza, os truques e os manejos de uma eleição em terras coloniaes.

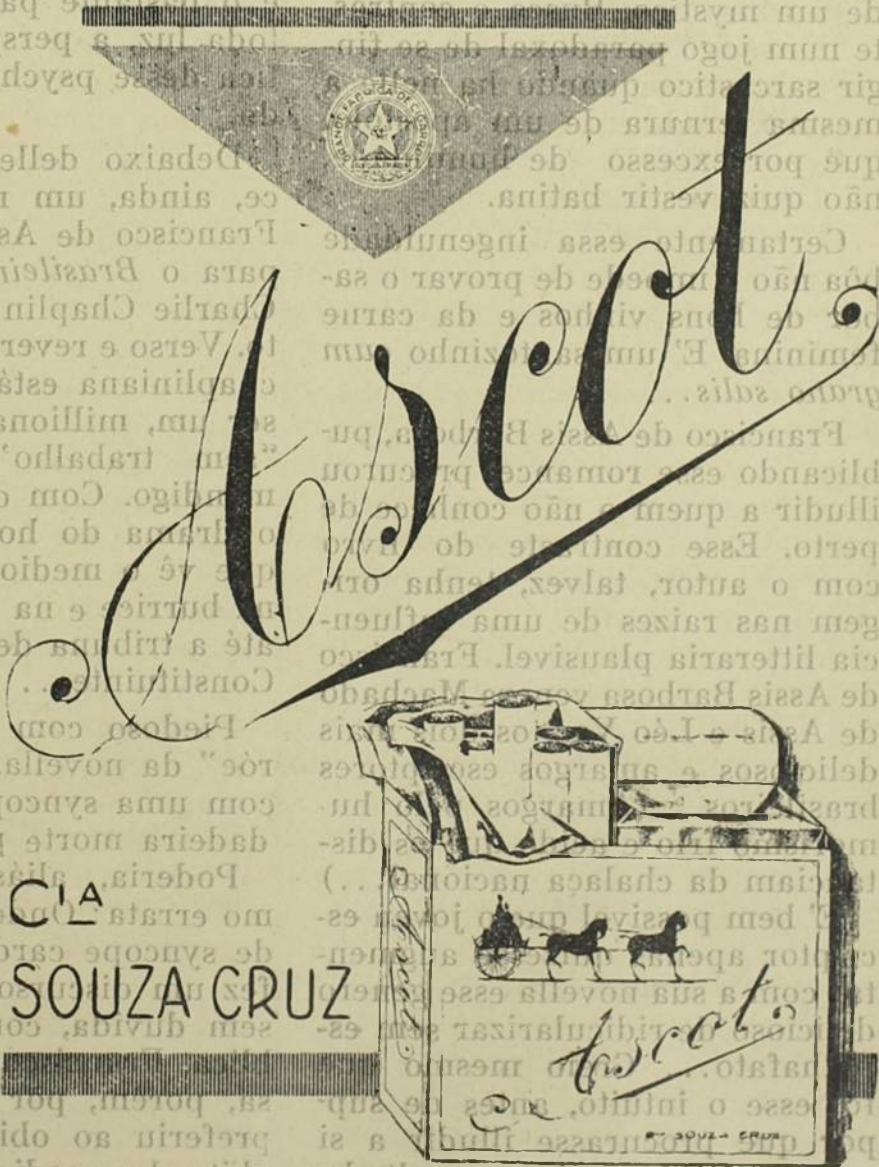
A revista *Le Divan* estampou documentos ineditos com referencia a Stendhal e ao seu desejo de ser condecorado com a Legião de Honra. Vêm á baila, nesse particular, os nomes de Mérimée e Guizot. Mérimée foi amigo e biographo de Stendhal e Guizot, grande estudioso da litteratura ingleza, era em 1834 ministro da Instrucção Publica.

"Sociedad Amigos del Libro Rioplatense"

Muito bem andaram os fundadores dessa brilhante Sociedade ao lançarem-se numa ousada navegação do pensamento, ansiosos por levar a outras regiões os bellos frutos de cultura brotados ás margens do Rio da Prata. Já agora, folheando os volumes a que a nobre iniciativa de Alfredo Mario Ferreiro, César Tiempo e Agustin de Ocampo assegurou um vasto publico, podemos constatar, aqui ás bordas da Guanabara, que o espirito platino é uma realidade impressionante, que nem só o trigo e o xarque pre-occupam os patricios de Rodó e Sarmiento. Alberto Zum Felde apresenta-nos, em "Alción", um mysterio em tres cyclos, uma "tragedia subjectiva, ultra-faustica", com intensa movimentação de symbolos e scenas e personagens que valem sempre por estados de consciencia. "Los Romanes Chúcaros", de Fernán Silva Valdés, são de um poeta deliberadamente regional, preso á sua gleba e ás creaturas da sua infancia, enternecido em todos os mythos da zona, achando poesia até no que aos olhos dos estranhos não passe de simples prosa. Têm muito colorido, muito senso do pittoresco. Finalmente Enilio Oribe, autor da "Teoria del Nous", é um aphorista por vezes atlico, que sabe encontrar a bella expressão para o profundo conceito philosophico. E' um idealista fervente e não estará longe de concluir que, depois da Grecia, tudo tem sido exilio para os homens que sentem e pensam. Conceitos seus sobre Goethe são de um homem para quem o mundo interior existe não menos que o exterior.

No volume *Une laborantine*, Paul Bourget evoca as enfermeiras e outras mulheres que trabalham junto aos pesquisadores de chimica ou bacteriologia. O titulo do livro, um neologismo inventado pelo proprio autor, mostra claramente proceder de "laboratório".

CIGARROS



A apologia das attitudes quotidianas

E' bem uma apologia das attitudes quotidianas esse livro ameno do poeta Francisco de Assis Barbosa, ou melhor, Chico Barbosa como é conhecido na roda litteraria e familiar do Café Bellas Artes.

E' uma novella humoristica feita para esconder o poema lyrico que o poeta não quiz escrever ainda. O contraste em Francisco de Assis Barbosa vem ahi. Poeta, só para teimar com a vocação, fez prosa e quer ser romancista.

Vocação, porém, não se torce. Francisco de Assis Barbosa, apesar de tudo, continúa poeta.

O novellista não conseguiu apagar a ternura pelas coisas simples, que é a nota da sua feição poetica, instinctiva e original.

Procurando o amargôr do humorismo o autor do *Brasileiro Typo 7* apenas provoca attricto consigo mesmo, com o seu temperamento singelo, com a alma de um mystico. Busca o contraste num jogo paradoxal de se fingir sarcastico quando ha nelle a mesma ternura de um apostolo, que por excesso de humildade, não quiz vestir batina.

Certamente essa ingenuidade bôa não o impede de provar o sabor de bons vinhos e da carne feminina. E' um santozinho *cum grano salis*...

Francisco de Assis Barbosa, publicando esse romance, procurou illudir a quem o não conhece de perto. Esse contraste do livro com o autor, talvez, tenha origem nas raizes de uma influencia litteraria plausivel. Francisco de Assis Barbosa venera Machado de Assis e Léo Vaz, os dois mais deliciosos e amargos escriptores brasileiros. (Amargos pelo humorismo frio e acido que os distanciam da chalaça nacional...)

E' bem possivel que o joven escriptor apenas quizesse augmentar com a sua novella esse genero delicioso de ridicularizar sem espalhafato... Creio mesmo que foi esse o intuito, antes de supor que procurasse illudir a si mesmo. E obteve bom resultado.

Outro contraste saliente está na technica do romance.

Sendo escriptor modernissimo e modernista, usando todos os "trucs" da estylistica da moda, incluindo até o cacoête de lascar as phrases e dellas exilar os verbos, — o romancista obedece, todavia, aos imperativos da technica antiga, revelando-se um classico na urdidura da novella. O romance delle, com as narrativas classicas, gyra em torno do "heróe". E' a technica de Cervantes e de todos os novellistas de antanho.

Francisco de Assis Barbosa é um restaurador do *quixotismo*. Não podendo modelar no Brasil um "cavalleiro da triste figura" por falta de argilla bôa, pegou mesmo na lama nacional e nos deu esse perfil estandardizado do *Brasileiro Typo 7*.

O mamolengo sahiu direitinho. Suggestivo. Bem traçado. Delicioso.

O "guignol" dura pouco, mas é o bastante para evidenciar, a toda luz, a perspicacia humoristica desse psychologo improvisado.

Debaixo delle proprio aparece, ainda, um novo contraste. Francisco de Assis Barbosa está para o *Brasileiro Typo 7* como Charlie Chaplin está para Carlito. Verso e reverso. Na concepção chapliniana está o contraste em ser um, millionario e outro, o "sem trabalho" vagabundo e mendigo. Com o nosso poeta ha o drama do homem de talento que vê o mediocre, alcandorado na burrice e na chance chegando até a tribuna de uma Assembléa Constituinte...

Piedoso com o proprio "heróe" da novella, o autor o mata com uma syncope cardiaca, verdadeira morte providencial...

Poderia, aliás, ter posto como errata: Onde se lê "e morreu de syncope cardiaca", leia-se "e fez um discurso". Seria matal-o, sem duvida, com a opinião publica. Francisco de Assis Barbosa, porém, por piedade christã, preferiu ao obito da opinião o obito dos medicos...

O livro é todo assim: um punhado de contrastes, entre o autor e o thema, entre o intuito inicial e a realização...

Revela, sobretudo, intelligencia e, mais do que isso, talento de um grande prosador e num ou noutro detalhe, o genio de um poeta escondido que não tardará a se revelar.

JOAQUIM RIBEIRO

Victor Caruso — *A fiandeira de ouro* — Graphica Paulista — S. Paulo, 1934.

Não ha muito publicou o sr. Victor Caruso, e com absoluto successo, um brilhante livro de satiras, *Pedra no sapato*, prefaciado pelo sr. Sud Mennucci. Agora, estampando *A fiandeira de ouro*, apresenta elle valiosa "contribuição para a litteratura sericicola brasileira." E' trabalho de indiscutivel utilidade pratica, mas onde não são esquecidas uma vez sequer as prerogativas das bellas lettras. Tudo nelle é escripto com clareza e elegancia e o volume anda longe de assemelhar-se, pela sequidão objectiva, aos calhamaços do ministerio da Agricultura. Em logar de uma pedande monographia, encontramos aqui uma exposição attrahente e completa do que o Brasil tem feito e fará nos dominios da industria da seda.

Andersen — *Novos contos* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Agora que estamos nas immediações do dia de Natal, as creanças não deixam de regalar-se com este volume de traducções, devido á penna seductora e agil de Monteiro Lobato. O autor dos *Urupês*, quando deixa de satirizar os grandes, faz-se um enternecido servidor da gente de saias ou calças curtas. Nesta collectanea, Andersen fala aos garotos do Brasil como se fosse tambem um patricio, como se houvesse nascido debaixo do sol dos tropicos.

Dr. Ismael Gusmão — *Asphyxia e Inibição* — *O methodo de Leiche no tratamento das Entorses e Arthrites traumaticas*. — Rio, 1934.

São duas monographias em que se aquilata facilmente da actividade e competencia com que o autor, um dos elementos mais destacados da nossa classe medica, exerce as suas funções de cirurgião da Assistencia Municipal. E' sobretudo notavel a sua contribuição ao estudo e melhor conhecimento da prophylaxia e therapeutica das asphyxias e inibições, adstricta a bôa copia de observações pessoas e apoiada nas melhores fontes bibliographicas.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Afranio Peixoto	MARIA BONITA	6\$000
Elynor Glyn	O HOMEM MODERNO	3\$000
Guy Wirta	A SOBERANA	3\$000
Edgard R. Burroughs	O FILHO DE TARZAN	3\$000
Edgard R. Burroughs	O TESOURO DE TARZAN	3\$000
Herbert Strang	MIL MILHAS POR HORA	3\$000
Mark Twain	AS VIAGENS DE TOM SAWYER	3\$000
André Armandy	O TESOURO DAS ILHAS GALAPAGOS	3\$000
Ruy Barbosa	MOCIDADE E EXILIO	10\$000
Alfredo Ellis	BANDEIRISMO PAULISTA	10\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo

Filiaes em: Rio, Bahia, Recife e Lisboa

ULTIMAS EDIÇÕES DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

HUMBERTO DE CAMPOS ..	Memorias — 6. ^a edição.
HUMBERTO DE CAMPOS ..	Parias — 4. ^a edição.
AMANDO FONTES	Os Corumbas 4. ^a edição.
MIGUEL REALE	Formação da Política Bur- guesia.
PLINIO SALGADO	A Quarta Humanidade.

PUBLICAREMOS ATÉ MARÇO

HUMBERTO DE CAMPOS ..	Memorias — 2. ^a parte.
HUMBERTO DE CAMPOS ..	Critica — 3. ^a parte.
JOSE' AMERICO DE ALMEI- DA	Boqueirão — romance.
AMANDO FONTES	Rua do Siriry — romance.
OMAR KHAYYAM -- Rubaiyat	Traducção de Octavio Tar- quinio de Souza.
JOSE' GERALDO VIEIRA ...	Territorio Humano - romance
MAURICE DE FLEURY	Angustia Humana.
PLINIO SALGADO	Despertemos a Nação!
HELIO VIANNA	Formação Brasileira
MIGUEL REALE	O Operario e o integralismo.

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

*Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca
Brasileira de Medicina Legal,*
ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

EVERARDO BACKEUSER

Tecnica de Pedago-
gia Moderna . . . 10\$000

AUGUSTO FOREL
A Questão Sexual . 8\$000

E. PEREZ ESCRICH
Historia de um bei-
jo 2\$000

JORGE OHNET
No fundo do abys-
mo 2\$000

(Volumes da Collecção SIP)

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 2- 6773 —:— Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

CARTA A UM GREGO

Os vossos versos ⁽¹⁾, Alberto Ramos, ora são rapidos e ironicos como assobios de frauta. Ora, harmoniosos como harpas eolias... e a vossa emoção se desfaz em rythmos fluentes como ondas desmoronadas. Ora, ainda, se ampliam e ferem profundamente a alma como a prôa das galeras, cortando o mar profundo, arrancava-lhe do seio a florada das espumas de prata. Ou, então, se fazem ternos e indolentes como modas de viola, e são da mais pura agua nativa do Brasil. A ordenação geometrica dos gregos se adapta perfeitamente ao nosso cosmos ainda em formação. Não ha duvida: aquillo que um dia se chamará de civilização brasileira nasce sob o signo de Euclides.

Sempre pensei que a geometria de Euclides é o symbolo da Grecia. Creio que ella é a mais bella creação da logica humana. Gostaria de dizer mesmo: o fructo perfeito e eterno... No tempo da relatividade, tal pensamento poderá causar espanto. Explico-me:

Da descoberta da curvatura do espaço nasceu uma nova geometria, não uma nova esthetica. Em Arte, o espaço será sempre euclidean. Tres dimensões, nem mais nem menos. A geometria de Euclides é, em sua essencia, intuitiva. A relativista, pelo contrario, é deductiva. Essa singular propriedade que tem o espaço de curvar-se, é irreductivel a uma imagem visual. As noções de massa e espaço, tal e qual as recebemos através de nossos sentidos, são eminentemente euclidianos. O espaço que nos circunda poderá ter amanhã N dimensões, nas construcções dos mathematicos. Só as tres velhas dimensões de comprimento, largura e espessura continuarão perceptíveis aos nossos sentidos. A geometria do grego nasceu da observação intuitiva das coisas. A de Einstein, da espantosa capacidade de deducção de seu autor. Hoje estamos além de Einstein. O Universo em expansão está na ordem do dia ⁽²⁾. Pouco importa. A geometria de Euclides é a unica pratica. Viverá enquanto viver o homem.

Fala-se commumente em civilização de ordem hellenica ⁽³⁾. Eu preferiria falar em civilizações de ordem euclidean. Civilizações que nascem de um perfeito equilibrio entre os rythmos do homem e os rythmos do mundo. Uns e outros progredindo harmoniosa e symetricamente. A crise actual é essencialmente uma perda desse equilibrio. O phenomeno do Renascimento tambem foi uma perda de equilibrio ⁽⁴⁾. Mas no sentido positivo, o recalque de energia creadora, armazenado durante os seculos austeros da Edade Media, rebentando bruscamente numa floração de grandes homens. O Renascimento é uma grande época, não uma época classica, emtanto que classico exprime ordem e equilibrio, logica e clareza.

Ha hoje quem acredite numa decadencia da logica. Peço licença para discordar. O que ha é o naufragio da intelligencia. O que ha, neste pôr do sol da velha Europa, são as fontes do espirito an-

nunciando que os veios de que se alimentavam estão proximos do fim. Esse "estupido seculo XIX" foi todo elle uma absurda tentativa de racionalizar o irracionalizavel, de reduzir o irreductivel.

Mas a historia, que durante meio seculo de paz parecera dar razão aos que a pensavam ter violado em seus mais impenetraveis mysterios, escapa bruscamente á sanha racionalista. Passa a caminhar em rythmos catastrophicos. Ante a espantosa grandiosidade dos acontecimentos, perdida no centro da borrasca, a intelligencia do homem nem tentou reagir. Para lutar é preciso ter fé. E o homem perdera a fé em tudo, a não ser nas estatisticas dos technicos. Pela primeira vez, a lampada do cartesianismo cavillou no caminho. A sua framma tornou-se impotente para conter a invasão de trevas. E os philosophos, com Bergson á frente, tiveram de contentar-se com as timidias phosphorescencias da sua propria intuição. Eis a grande tragedia contemporanea: a dissonancia que ha entre o homem e o seu destino. Entre o homem que olha para traz e o destino que o arrasta para a frente. Entre o homem que se acovarda deante do soffrimento e o destino que o obriga a enfrental-o. "Vivemos, como diz Spengler, numa época repleta de fatalidade" ⁽⁵⁾.

O equilibrio espiritual que a vossa obra denota, Alberto Ramos, é luminosamente euclidean. Compreendeis agora porque eu disse — referindo-me no começo desta carta áquelles de vossos versos que resumbram a mais pura poesia brasileira — porque eu disse que a ordenação geometrica dos gregos se adapta perfeitamente ao Brasil. Estaes em vossa terra em harmonia com o vosso tempo. A vossa obra não surge, como a de Valéry em França, tal um pharol que pouco a pouco se afoga em nevoas mortaes. Compuzestes os vossos versos sob um signo de juventude, a juventude do Brasil. Por mais que se affirme e proclame que sob todos os aspectos ella é mundial, tenho a mais solida e arraigada convicção de que a crise contemporanea é apenas — que gigantesco apenas! — o esboroamento da Europa. Ainda não nascemos para o mundo. Está em nossas mãos impedir que a gangrena alheia venha macular a alvura de nossas praias, infectando o ar puro e jovem que respiramos. Vêde como se avermelham nossos horizontes... Não são signos de mau agouro, nem prenuncios de guerra: são indicios de aurora.

ARMANDO DE OLIVEIRA

⁽¹⁾ Poemas de Alberto Ramos — Ariel Editora, 1934.

⁽²⁾ Sir Arthur Eddington — L'Univers en Expansion, trad. franceza, 1934.

⁽³⁾ Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa, trad. de Ronald de Carvalho, pag. 66.

⁽⁴⁾ Octavio de Faria — Machiavel e o Brasil, 2.ª edição, pag. 35.

⁽⁵⁾ Oswald Spengler — Años Decisivos, pag. 17. Espasa-Calpe, 1934.

POESIA DE THEATRO

Cocteau, ou o faminto do irrevelado

Uma figura quasi de lenda a desse poeta que aos quarenta annos de idade conserva uma physionomia inalteravel de adolescente. A sua experiencia litteraria significa uma constante aventura em busca do "milagre". Delle se poderia dizer (como Claudel disse de Rimbaud) que, em certos momentos, chega a ter a sensação "physica" do sobrenatural.

Já a sua primeira "roda" intima (a outra creio que foi ou é o grupo musical dos "Seis") constituiu um verdadeiro "estimulante" para as suas intimidades com o mysterio: Picasso, que declarava não se surprehender se visse, por acaso, o seu corpo se dissolvendo durante o banho; Max Jacob, de quem se affirma ter invocado o demonio, por "litteratura", antes da sua inesperada conversão ao catholicismo; Giorgio de Chirico, de quem Breton nos conta que costumava olhar certos typos mais invulgares, indirectamente, através de um espelhinho de algibeira, para situar taes typos numa atmosphaera mais distante e mais "espectral". Sujeitos, assim, extranhissimos, os amigos de Cocteau.

Ora, para um intimo dos "phantasmas", como Jean Cocteau, não é de espantar que a poesia — mysterio por excellencia — constitua um enigma facilmente decifrável. E, effectivamente, Cocteau se movimenta nas profundidades poeticas com uma desenvoltura de escaphandrista: "Poesia — sciencia exacta", escreveu elle, um dia, se a memoria não me falha.

Acerca deste poeta emitem-se as opiniões mais contradictorias. Maritain teve (ou tem ainda, não se sabe) as maiores esperanças na sua alma. "Falso catholico", "Snob intoleravel" — affirmam os suprealistas da actual linha revolucionaria. "Intelligencia pervertida" — escreveu um critico recente, André Rousseaux, estudando a sua complexa personalidade. Esquivo, infixavel, Cocteau desliza entre todos esses conceitos. Um homem que, ao que parece, até agora só "se resolveu" mesmo dentro da poesia:

"Si ma maison n'était pas faite avec mes poèmes, je sentirais le vide et tomberais du toit."

são os dois ultimos versos de um poema de *Vocabulaire*.

A minha intenção, porém, ao iniciar estas linhas era apenas noticiar o ultimo "successo" theatro de Jean Cocteau. Refiro-me a essa extraordinaria *Machine Infernale*, recentemente editada por Grasset.

Muito de proposito escrevi "successo" theatro, no sentido de bilheteria. *La Machine Infernale* tambem o foi, quando encenada.

Indiscutivelmente, Cocteau é um "numero" social e mundano. Já é "snob" applaudil-o. *Femina* ou *Vogue* commentam-no juntamente com o ultimo Rolls-Royce encomendado pelo Maradjah de Kapurthala ou com os ultimos vestidos

daquelles requintados costureiros cujos nomes o sr. Peregrino Junior ainda não desistiu de guardar na memoria.

Dessa infelicidade não sei se Cocteau tem culpa. A minha "torcida" é para que não tenha. Pelo menos, elle não a merece. Não a merece, tão pouco, essa *Machine Infernale*, exemplo puro de poesia theatro.

E', aliás, esse sentido essencialmente poetico que, segundo Cocteau, deve predominar no theatro, como unico remedio contra o actual "impasse" creado pelo estúpido "drama da vida real" ou pela desoladora pieguice dos Paul Géraudy.

Nesse sentido, as idéas de Cocteau são as mais lucidas. Muito menos a poesia agindo no theatro do que a poesia sendo o proprio theatro. Por consequencia, tambem aqui, um campo pertencendo mais á "sensibilidade" do que á "intelligencia". Fusão do quotidiano com as mais audaciosas aventuras do arbitrario.

"Novidade" isso, ou, pelo contrario, um retorno, em essencia, ás nascentes do theatro? Quero dizer, ao theatro grego, aos "mysterios" da idade-média. Aos "modernissimos" mysterios da idade-média. E' isso, precisamente, o que Cocteau aspira. Em *Les Mariés de la Tour Eiffel*, os altifalantes, encarregados de recitar os dialogos ou monologos, têm o mesmo papel impessoal dos coros de Sophocles.

Essa *Machine Infernale*, aliás, nada mais é do que a "depuração" e a "modernização" de um thema classico: a historia de Edipo, rei de Thébas.

La Machine Infernale é escripta noutra "linguagem" de uma época, como a nossa, que está cada vez mais aguçando as possibilidades de "tradução" do profundo mysterio poetico — mas conserva integralmente o tragico sentido de todo o theatro grego: as inuteis tentativas de fuga de miseraveis seres humanos presos a uma "machina infernal" de inexoraveis destinos dictados por deuses voluptuosamente crueis.

No meio de tudo isso, novas "interpretações" de Cocteau. Como, por exemplo, aquella scena em que a Esphyngé, sob a sua primeira forma de "jeune-fille", humaniza-se completamente (sentimos a subita ternura do monstro pela casta beleza do heroe) e resolve "fraudar" a sua terrivel missão, burlando a vigilancia do chagal e "ajudando" Edipo a decifrar o seu enigma.

WILLY LEWIN

S. BERNARDO

ROMANCE DE

GRACILIANO RAMOS

A CREAÇÃO E O CREADOR

(Palavras pronunciadas na commemoração do 10º anniversario da A. B. E.)

A Associação Brasileira de Educação, na commemoração de seu decimo anniversario, não pôde esquecer o oitavo da morte de Heitor Lyra.

Raramente uma associação de-verá tanto a um só homem quanto a elle deve a nossa. Heitor Lyra representou sobretudo pelo seu valor moral uma personalidade que honra não só ao Brasil no seu tempo, mas a propria especie humana. Companheiro seu da primeira hora na A. B. E., desejava apenas recordar aqui, entre os outros daquelle tempo e os que não tiveram a fortuna de o conhecer pessoalmente, os episodios maiores da sua grande vida, cuja ultima phase é a nossa propria historia.

Ha nella uma unidade de direcção inflexivel. De estudante a professor foi sempre notavel o seu prestigio moral.

No Collegio Pedro II, onde fez o seu curso secundario, tornou-se para logo o mais querido e o mais respeitado entre collegas e mestres, por consenso unanime e expontaneo.

Terminado o curso deparou-se-lhe a escolha da escola superior onde completou os seus estudos, antes que uma profissão. E' provavel que fosse, menos por eleição de preferencia, do que por exclusão, que elle se dirigisse á Escola Polytechnica, para conquistar diploma de engenheiro, porque o que elle foi, de coração e de intelligencia, integralmente apostolarmente, foi educador.

Na Escola, muitas vezes pelos escrupulos que só se confessam á sua propria consciencia, deixou para segunda época materias em que não se julgava preparado, embora de algumas dellas fosse professor e explicador dos companheiros.

Foi a figura de maior prestigio na Escola e talvez entre os estudantes daquelle tempo. A correcção de attitudens e maneiras, a tolerancia de opiniões, a segurança de honestidade de propositos, a sinceridade de intenções, a ca-

pacidade do trabalho e sobretudo de sacrificios, compunham de tal modo o seu valor moral que diante dellas os seus collegas mais intimos não tinham coragem sequer de arriscar qualquer palavra menos polida ou policia-da.

A sua acção entre os meios de estudantes, sempre na preocupação e no proposito de trabalhar pela educação, foi aqui recordada em uma destas commemorações por Levi Carneiro, que o conheceu nesse tempo.

Formado em engenharia foi chamado por Torres Neves e Francisco Monlevade, que iniciavam nesta época a grande obra de civilização da E. F. Paulista, trabalhando ao lado de collegas da mesma turma que lhe faziam bôa companhia moral e intellectual, como Cesar Rabello, Henrique Burnier e Roberto Marinho.

Ahi, o educador surgiu desde logo. Mal começou sua tarefa profissional, installou uma escola para os filhos dos operarios da estrada.

Pouco tempo ficou em S. Paulo. Razões de familia fizeram-no regressar ao Rio.

Aqui, foi engenheiro da Estrada de Ferro Central, onde collaborou de modo decisivo na escola Silva Freire, do Engenho de Dentro.

Mais tarde foi nomeado professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. Em 1911 a reforma Rivadaria Corrêa fez varias nomeações para a Escola Polytechnica. Seu nome foi logo lembrado, com applausos, para a secção de que fazia parte, Geometria Descriptiva, cadeira em que era mestre incomparavel, tornando-a humana e accessivel e Calculo Infinitesimal, especialidade de alta responsabilidade, quando se tem o objectivo honesto de dar com exactidão e rigor um instrumento util de trabalho e não apenas um ornamento litterario, cuja inutilidade se mascara, muitas vezes, em falsa apparencia philosophica... A sua probidade sem deslize recusou a nomeação.

Em 1912 Coryntho da Fonse-

ca foi convidado para dirigir a Escola Souza Aguiar. Certo dia, após a nomeação, voltou a Gregorio da Fonseca, secretario do então Prefeito, para dizer-lhe que ia pedir demissão porque não conhecia o ensino de escola profissional. Só após longa insistencia mostrando-lhe Gregorio que não havia quem entendesse daquillo, Coryntho acceitou o encargo. E procurou desempenhal-o com a maior probidade. O ensino profissional é a cousa mais confusa que ha no ensino no Brasil, e um pouco por toda a parte.

A elle se pôde applicar aquella observação: as conclusões é que precedem as premissas... Armado de Omer Buyse, que tanto bem tem feito, mas mal maior a muita gente, foi Coryntho para o recinto das officinas fazer a analyse elemental do trabalho das machinas para tornar systematico e racional o seu aprendizado.

Mas se isto elle conseguiu em relação ao ensino de officina, o ensino theorico ficava dissociado do espirito do outro, dado em livre e pedra. Porque o mestre não crê na explicação theorica e o professor não sabe a realização material.

Neste momento o Director da Escola Souza Aguiar encontra em uma livraria um caderno de trabalhos de physica por H. L. S. A muito custo consegue descobrir o enigma daquellas iniciais: Heitor Lyra da Silva. Vae procural-o, constrangido pelo offerecimento que ia fazer áquelle homem, que era Chefe de serviço de electrificação da Central e Professor da Escola de Bellas-Artes.

Como esperava Coryntho, Heitor Lyra recusou, mas por motivo opposto: não queria nunca que supuzessem que toda a sua propaganda pelo ensino experimental fosse com o objectivo de obter uma cadeira de professor.

Só accedeu quando ponde conciliar o desejo de realização com os seus escrupulos. Tudo quanto recebeu gastou com o aparelhamento de laboratorio da Escola. Verificou, desde logo, que

era necessario, além do livro, o laboratorio economico, accessivel, simples, e o organizou, acompanhado de tres cadernos gradativos. Era uma tarefa de humildade, mas de consciencia.

Continuou a sua obra de pregação, de propaganda, de acção, em toda parte onde lhe parecesse efficaz a sua presença.

Assim, foi attraído pela Liga Pedagogica do Ensino Secundario, onde realizou uma notavel conferencia sobre "Manual Training", precisando e esclarecendo opiniões e conceitos confusos, que fazem dos chamados trabalhos manuaes, ao em vez de methodologia auxiliar, disciplina sobreposta.

Simultaneamente, com o desinteresse de sempre, assumiu a direcção da Revista "Educação", fundada por José Augusto. Desapparecida a Liga Pedagogica, começou Heitor Lyra a pensar em uma acção mais directa e vivaz. Pensou a principio em um partido politico "Acção nacional", cujo programma essencial escreveu.

Mas a idéa era difficil de execução, por não ser possivel encontrar a região commum de concordancias, em meio das zonas de divergencias numerosas. Restringiu os seus objectivos ao que era seu alvo fundamental. Nasceu assim a idéa e depois se formou a Associação Brasileira de Educação.

Como toda sociedade cabe dentro da definição de Miguel Ozorio: um ajuntamento de individuos, onde um fala em pé, em voz alta e os outros conversar sentados, em voz baixa... Mas, ellas assim mesmo são excellentes centros de visitas, de amigos e afeiçoados, que não se podem ver, de outro modo, na vertigem da vida de hoje.

Ao lado disso, a A. B. E. realizou uma obra immensa, quer pela sua acção collectiva, quer pelo trabalho de suas commissões.

As primeiras reuniões foram feitas no Gabinete de Mineralogia da Escola Polytechnica, na mesma sala onde nasceu a Academia Brasileira de Sciencias, na mesma Escola onde nasceu a Radio-Educação no Brasil.

Neste tempo atravessavamos um periodo de inquietações. Tres dos fundadores da A. B. E. dentro em pouco eram presos e outros, inclusive Heitor Lyra, suspeitos ao poder constituido. Mas, assim mesmo a Associação venceu, amparada pelo carinho desvelado de seu fundador. Apenas dois annos poudes Heitor Lyra trabalhar na sua obra, com a dedicação sem fadiga, que exigia de todos uma collaboração immediata, não pelo que elle pedisse sequer, mas pelo que elle dava, como exemplo.

Certa vez propoz passar de Presidente a Secretario, para ter mais trabalho, porque neste trabalho elle podia fazer mais pela A. B. E.

No primeiro dos jantares que o entusiasmo moço de Fernando de Magalhães instituiu para a confraternização dos associados, Heitor Lyra leu estas palavras, as unicas que ficaram delles sobre a sua criação:

"Quando ha pouco mais de anno, fundámos em um grupo muito reduzido, a Associação Brasileira de Educação, moveu-nos principalmente a certeza a que todos tinhamos chegado de que, por maior que seja sua bôa vontade, nunca conseguirão os nossos governos, como não o conseguem em parte alguma do mundo, sem o concurso da iniciativa particular, resolver quer em quantidade, quer em qualidade, esse grande problema nacional.

Pareceu-nos então, como nos parece ainda hoje, que não é possivel continuar a adiar indefinidamente tantas questões de tão grave importancia

que estreitamente se relacionam com a solução de semelhante problema, e entre ellas: o fundo de educação, o contracto de professores estrangeiros, as missões a outros paizes de jovens professores nacionais, a unificação do ensino normal, as bolsas de estudos e a orientação profissional, o trabalho manual e os methodos da escola activa no curso secundario, a fixação dos alumnos aprendizes até o fim do aprendizado, a transformação do cinema em meio de educação escolar e popular, as escolas nocturnas de aperfeiçoamento nos centros populosos e o ensino do desenho e de modelagem, as colonias de férias e a educação dos anormaes, assim como innumeradas outras de importancia equivalente.

.....
E' difficil assegurar em uma agremiação como esta que está reunindo constantemente elementos novos, até que ponto ella manterá suas características iniciaes; é difficil falar por todos. Creio porém, interpretar a maioria, senão a totalidade, dizendo que não temos o fetichismo da alphabetização intensiva, e que estamos convictos, salvo pequenas divergencias secundarias, de que o levantamento do nivel popular tem que repousar sobre uma triplice base: moral, hygienica e economica, o que significa que sem a cultura das qualidades de caracter, sem a melhoria das condições de saude da massa da população, e sem uma racional organização de trabalho, é utopia esperar que a alphabetização rapida e quasi instantanea, se possivel, viesse transformar para o bem as actuaes condições de nosso paiz.

Adoptamos normas que permittam á Associação de

ATTENDENDO ÀS NECESSIDADES DO COMMERCIO A

CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, nas Agencias e Filiaes

Educação tornar-se verdadeiramente nacional.

Para isso, previmos a formação de um Departamento em cada Estado, em absoluta igualdade de categoria com o do Districto Federal, sem subordinações nem dependências, antes em perfeita coordenação de esforços e de acção. A National Education Association da America do Norte, conta cerca de 100.000 associados. Guardadas as proporções, nós esperamos vir a formar um nucleo poderoso no seio da sociedade brasileira.

Em synthese pois: a Associação aspira constituir-se em órgão legitimo da opinião das classes cultas, promptas a colaborar em perfeita harmonia com os governos e a applaudir-lhes os acertos, mas capaz tambem de falar-lhes de frente, de apontar-lhes, quando necessario, os erros e as lacunas de suas leis de educação e de ensino e de defender vigorosamente nesse terreno os grandes interesses do Brasil."

Os que receberam a nobre e pesada herança de Heitor Lyra, na sucessão inevitavel de outros que tambem se foram, Amorooso Costa, Laboriau, Vicente Licinio, para citar apenas os que a dirigiram, podem estar tranquilos porque mantiveram-na sempre na mesma eminencia em que a encontraram, podendo sofrer confronto com as mais altas instituições de cultura do paiz, porque ella, a Associação Brasileira de Educação, póde-se dizer, sem orgulho, mas com ufanía, é, no Brasil, um milagre.

FRANCISCO VENANCIO FILHO

Alpheu Domingues — *Esboço de um glossario de Phytogeographia* — Rio.

O autor, uma intelligencia vivaz, um forte espirito emprehendedor, é nome assaz conhecido entre aquelles que mais se preocupam com os nossos problemas agronomicos. Esse pequeno trabalho, que traz prefacio do Prof. A. J. de Sampaio, do Museu Nacional, é daquelles que muito promettem e, se já utilissimo, ha de ser obra de valor inestimavel quando completado com o methodo e a escrupulosidade que presidiram á confecção dessas paginas. Questão apenas de tempo.

Coelho Netto e Humberto de Campos, memorialistas

Um livro de Coelho Netto que irá, pela certa, á posteridade é *A Conquista*. Não se encontram em suas paginas uma India de papelão, uma França de guia Joanne, uma Grecia de apothéose theatral. Encontra-se um recanto da terra mais simplorio, mais nosso e, por isso mesmo, um pouco mais difficil de descrever, um pouco mais difficil de amar: o excellente, o humanissimo Rio do fim do Imperio. São talhadas de vida, fatias do real. Nada de mythos sumptuosos e apenas as pandegas bohemias, as deliciosas aventuras diurnas e nocturnas de uma gente que ainda não chegara ao arranha-céo, não fazia grande consumo de cocaina e ainda não passara das quatro patas de Pégaso ás quatro rodas do Rolls-Royce.

Evidentemente o genero "coisas vistas" assegura aos autores de talento um salvo-conducto pela eternidade. Dos cincoenta volumes de Victor Rugó, Edmundo de Goncourt preferia exactamente o intitulado *Choses Vues*, despretencioso relato de factos avulsos, sem lendas dos seculos, sem madrigaes ás actrizes e sem invectivas exaggeradas aos tyrannos.

Outro que se distinguiu como romancador do mundo de cada dia foi Humberto de Campos. Um francez, de nervos exacerbados, queixava-se de que a vida fosse muito quotidiana. Pois desse quotidianismo, para tantos prosaico e monotono, é que Humberto extractava a sua suprema poesia. Só se fazia homem de prosa quando metrificava e rimava. Prosador, era um dos nossos maiores poetas, recompondo em vinheta, em chromo, tantas lindas scenas do passado, dando a tudo um tom azul, uma especie de docura lunar que raramente apparecem em outros artistas nossos.

Assim, podemos concluir que muitos volumes de Coelho Netto, muitos volumes de Humberto de Campos passarão. Mas não passarão *A Conquista* e as *Memorias*.

Ha algumas semanas, disse-me um amigo ter visto aqui um filme, trabalhado com a participação de Pabst, em que se trata de Dom Quixote. O heróe da Mancha, ao expirar, vê arderem numa fogueira todos os romances de cavallaria que o haviam posto maluco, a andar pelo mundo com uma bacia de barbeiro convertida em elmo, todo fumegante na defesa de viúvas e orphãos, á semelhança dos paladinos medievaes. Mas, uma vez pacificado na morte o misero patrão de Sancho Pança, das cinzas dos livros de cavallaria vae emergindo um outro livro, que nenhum fogo destruirá jámais e tem feito rir e pensar, através dos seculos, reis e labregos: o volume de Cervantes.

Da mesma fórmula, o *Album de Caliban*, os *Gansos do Capitolio* e outros productos de um gosto suspeito, de uma arte suspeita, já se estão fazendo em pó na admiração recalcitrante dos leitores. Mas a esse aniquilamento resistem, indestructiveis para a emoção dos brasileiros, duas obras primas eternas: *A Conquista* e as *Memorias*...

AGRIPPINO GRIECO

Barros Vidal — *Quero aprender a ler* — Rio, 1934.

Bastante louvavel a attitudo desse brilhante jornalista procurando instigar nas creanças o gosto da leitura. Conta elle, com muita subtilidade a historia de um menino abandonado, e a Cruzada Nacional de Educação declara, de modo explicito, que esse pequeno volume deve "rolar, de mão em mão, no seu destino de agua corrente, para banhar de civismo as consciencias que estão inertes ante o tremendo problema da alphabetização da nossa terra."

Lenine — *Memorias* — Selma Editora — Rio, 1934.

Detalhes que elucidam alguns pontos controversos de uma grande existencia. De Lenine sabe-se que não deixou o mundo tal qual o encontrou e essa é, segundo os philosophos da historia, a suprema prova de força de uma alta personalidade. E' preciso pensar em Luthero ou nos revolucionarios francezes para encontrar um tão intenso agitador social. E este volume da Selma Editora sempre accrescentará algo ao que sabemos do creador da Russia moderna.

Acerca dos Dicionarios

Ninguém de bom senso negará utilidade aos dicionarios. Nelles estão ordenados todos os recursos do escriptor: a setta ervada do polemista, o termo expressivo do sabio, o vocabulo sonoro do poeta e a palavra corriqueira de toda a gente. E' o celleiro em que todo o escriptor se abastece de formas vocabulares e de torneios syntacticos.

Houve tempo em que circumloquios artificiaes amaneiravam e escureciam a linguagem, por excesso de palavras. Hoje é o contrario. A desestima dos dicionarios, consequencia da pressa no compor, gerou um novo obscurismo, por insufficiencia verbal. Para entender certos autores, é preciso boa vontade. O hermetismo é, mais do que tudo, signal de indigencia vocabular.

Não prégo, entenda-se bem, incontinencia verbal, o que seria loucura na "Terra dos Papagaios". Mas, se as palavras existem, é para serem empregadas com justeza, pois a multiplicidade de idéas de vario matiz demanda cabedal correspondente de palavras.

Na linguagem de hoje ha adjectivos que são "pau para toda obra". A conversação é inçada de cacoêtes verbaes: *essa coisa, você não sabe?* E semelhante excrescencias que nada significam e precisam significar tudo. Na linguagem escripta, a mesma pobreza, a mesma accumulção de idéas a cargo de uma palavra só.

Entretanto, os escriptores de nota sempre tiveram os dicionarios na devida conta.

São de Emerson estas palavras: "Não é o dicionario livro de leitura inutil. Repleto de suggestões, nelle não ha affectação nem explicação em excesso. E' a materia bruta da historia e dos poemas possiveis". E, na mesma ordem de idéas, vê nas palavras "poesia fossilizada".

O dicionario, escreveu Manzoni, citado por de Amicis, "é livro enfadonho para muitos, porém mais interessante que um romance, na opinião de outros". Entre esses outros se encontrava Herédia, para quem a leitura do dicionario de Jean Nicot era mais entretida que a dos *Tres Mosqueteiros*.

Gautier ia mais longe e queria medidas drásticas. Devorava os vocabularios innumeraveis das artes e dos officios e estimava como indigno de viver todo o poeta e prosador que não encontrasse prazer na leitura dos léxicos e dos glossarios.

E' de ver o lyrismo com que Anatole France se refere aos dicionarios:

"Eu sinto uma ternura profunda subir-me ao coração deante de todos esses vocabulos da lingua franceza, deante desse exercito de termos humildes e soberbos. Eu os amo a todos, ou, pelo menos, todos me interessam, e aperto com a mão nervosa e commovida o pequeno livro que os contêm a todos..."

Noutro lugar diz ser o dicionario "O universo por ordem alphabetica" e acrescenta:

"Bem vistas as coisas, o dicionario é o

livro por excellencia. Dentro delle estão todos os outros livros. Trata-se apenas de os desentranhar."

Commentando o *Diccionario historico de la lengua espanola*, cujo primeiro volume a Academia acaba de publicar, escreve Azorin em *La Prensa* de 24 de Junho de 1934:

"Interessante es repasar un diccionario. No hay lectura más entretenida. No hay lectura más provechosa. Las horas pasan, y no las sentimos evanescerse. Lemos como más nos place, a saltos, fragmentariamente, deteniendonos en las palabras que el azar nos depara."

Ruy, como todo bom escriptor, lia diuturnamente os léxicos. Se o não provasse de sobra a riqueza de seu vocabulário, que deu matéria a um precioso livrinho de João Leda, bastaria recordar que o autor da "Réplica" apontou para mais de quatrocentas omissões na primeira edição do dicionario de Candido de Figueiredo.

Sem o manuseio dos vocabularios, seria inadmissivel a opulencia vocabular de Coelho Netto, millionario do verbo, e cuja messe dá para abastecer muitos celleiros.

Esbanjador de palavras ou sóbrio no dizer, conforme o temperamento, todo escriptor de véras estima os dicionarios.

O mestre João Ribeiro, elegante e sóbrio, um dos melhores de nossos prosadores, no primeiro estudo da série *Lendo os dicionarios*, escreveu:

"Tenho o mesmo sentimento de de Amicis, que recommenda como fonte de prazer e de inesperadas surpresas, a leitura meditada do dicionario da mesma lingua que se fala e se escreve. O escriptor ali encontra reunida e condensada a elaboração dos seus antecessores espirituales e o genio de expressão do seu proprio povo, através do tempo".

"De qualquer palavra temos a geographia e a historia, a sua situação no espaço e no tempo, a origem, a vida e não raras vezes o olvido ou a morte."

Sem embargo de tão insignes exemplos, que poderiam ser multiplicados, a maioria parece concordar com aquele lord inglez que dizia: "Os dicionarios só servem para a gente se assentar em cima."

Haja, porém, criterio em usar o dicionario para enriquecimento do poder expressional. Aparam as possiveis demasias das apologias citadas, esses avisados conselhos de Agostinho de Campos, postos em pratica, aliás, na prosa limpida deste escriptor portuguez:

"... a verdadeira riqueza do estylo é aquella que, com as nossas pobres palavras de todos os dias, cheias de vida mas destituidas de arte, cria thesouros de arte — arte viva e arte immortal." (*Lêr & Treslêr*, pag. 150).

O autor de *Lêr & Treslêr* adduz o exemplo de Eça de Queiroz. Occorre-me o caso de Camões que,

segundo Afranio Peixoto e Pedro Pinto, no *Diccionario dos Lusíadas*, nos 8.816 versos do poema, empregou 5.000 palavras diversas "dispersas e repetidas nas 55.000 que o compõem." E continuam os autores do citado *Diccionario*: 5.642 (palavras) empregou a Bíblia, no Antigo Testamento; Milton 8.000, no *Paraíso Perdido*; 15.000 Shakespeare, em toda sua obra: ... tão pouco... para os thesouros da lingua, averbados nos dictionarios: 33.000 no da Academia Franceza, 80.000 no allemão de Van Dale, 130.000 no portuguez de Candi-do de Figueiredo, 250.000 no *Century* britannico.

Recommenda ainda Agostinho de Campos:

"Esquecem muitas vezes os litteratos que a materia-prima litteraria é sempre o lugar commum (no bom sentido): tudo aquillo em que são solidarios e podem entender-se, pela expressão ou pela emoção, o escriptor e o leitor. Ora, o primeiro lugar commum aos dois é precisamente a lingua; e se o leitor encontra diante de si uma obra escripta em lingua-gem que não é a sua, mas outra que o escriptor fabricou para seu uso, ou foi buscar ao dialecto da provincia onde nasceu, ou á gyria da cidade em que vive, ou mais incommoda-mente aos dictionarios, elucidarios e alfarra-bios... coitado do escriptor: — os seus ami-gos entendel-o-ão, porque o têm ao pé para lhes tirar os significados; a sua aldeia enten-del-o-á, se o souber lêr; e os papalvos dirão talvez que a sua prosa é rica, illudidos por es-se illudido cunhador de moeda falsa, millio-nario de dinheiros que só para elle têm cur-so."

Azorin, outro prosador dos melhores, diz no lugar atraz citado:

"Si repasamos los dictionarios, no haga-mos acopio de voces para embutirlas luego, a modo de taracea, en la prosa ya escrita; eso es condenable; eso hace insufrible el estilo. El estilo perfecto es el sencillo, claro y tenue. La exuberancia y profusión de vocablos pre-ciosos denota poco dominio del idioma. La mujer verdaderamente elegante, verdadera-mente senoril, se contenta con un brillante, con unas perlas. Deja la profusión de las joyas para las que no pueden vencer, ya en la bel-leza, ya en la discreción, con su propia per-sona.

Se hace más — y es más difficil hacer-lo con pocos vocablos, con un léxico restringido que con un léxico copioso, abundantissimo. En los dictionarios de esta natureza vemos el vo-cabulo en los trozos que se nos cita. Pero esos trozos no pueden darnos el ambiente general del autor. No dan tampoco las antologias, con ser cosa más amplia. Y no es lo mismo ver un pez en el acuario, con todo de estar fielmente reproducido el medio natural del pez, que ver-lo en el fondo del mar, a través delvidrio de una escafandra. Pues, amigos, leamos los dic-cionarios; pero leamos también, con preferen-cia, los grandes autores. Aquí, en su atmósfera

propicia, nadando como el pez en el agua, en el agua del mar o del rio, están los vocablos propios y puros. No anotemos ningún voca-blo de los que nos gustan; ellos bajarán al fon-do de lo subconsciente y cuando menos lo pen-semos nos darán una sorpresa, un dia, que estemos con la pluma en la mano, No nos acordábamos ya del vocablo insólito, y he aquí que repentinamente asoma por los puntos de la pluma."

Entretanto, no geral, o dictionario nem é ao menos um tira-duvidas. A preguiça de o consultar é invencível.

Nos jornaes, o redactor salteado de duvidas, lança em voz alta a indagação e louva-se no parecer do mais afoito que responde. E, não raramen-te, tem perto o dictionario.

Ler os léxicos, em busca daquellas surpresas a que allude João Ribeiro, seria exigir muito. Mas que ao menos se vá aos dictionarios para solucio-nar as duvidas. Muito se apprende na procura de um significado, pois, aberto o livro, a curiosidade acorda e uma questão puxa a outra.

O dictionario pôde ser até fonte de inspira-ção.

Contou-me Eduardo Frieiro que percorria uma vez o dictionario quando viu a palavra "pitú". Gostou della e leu a definição: "especie de pifaro usado entre os indigenas de S. Thomé".

Escrevia elle a esse tempo o *Mameluco Boa-ventura*.

Ora, lembrou-lhe aquella definição uma rela-ção de preços de escravos onde os negros de São Thomé eram dados como excellentes musicos e muito ladinos. Imaginou então uma intriga amoro-sa do preto Eliezer, captivo do Boaventura, com uma escrava da heroína do romance. Mercê da arte e das artimanhas do africano tocador de pitú, grande partido tirou da situação para a urdidura do romance, e ainda teve ensejo para um excuso acerca da escravidão na epoca estudada.

Vê-se, pois, de maneira concreta, o poder dy-namizante de uma imagem verbal e, em ultima analyse, como foi proveitosa essa leitura apparen-temente estéril.

Não são os dictionarios cemiterios silenciosos em que se decompõem as palavras lentamente, mas, ao contrario, os repositórios da lingua viva, das palavras mortas e das que não devem morrer.

Precisam ser usados com criterio e amor, pa-ra que se desmanchem equívocos correntes e não se formem novos, afim de que a prosa não depare o espectáculo deploravel da pobreza na opulencia. Um dictionario sem uso seria a manifestação mais criminosa da avareza, se não fôsse o signal mais evidente de preguiça e desamor ao estudo.

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

(Do livro a apparecer *Escrever Certo*).

Leiam **POEMAS** de Alberto Ramos

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas á Gastão Cruls)

Londres, 31 de Julho de 1927.

Meu caro Gastão,

Saúde, dinheiro e persistencia na vida de solteiro — eis o que te desejo.

Escrevo-te de casa, neste melancólico domingo em Londres, vespera de *Bank-Holiday* de Agosto. Cidade deserta. Eu... de cama ha uma semana. Tive que mandar vir medico. Bem entendido: — medico italiano. Medico inglez só para inglezes e cavallos. Hoje estou melhor, mas ainda soffro. Em todo o caso, já me assento, o que não podia fazer. Lumbago formidavel. Rheumatismo muscular. Soffrimentos atrozes. A respiração não esteve sublime, mas houve dôres fulgurantes — estydo Miguel Couto, que, aliás, não é nem fulgurante nem sublime... Hoje amanheci mais animado.

Já li o livro do Roquette Pinto — *Seixos Rollados*. Muito interessante. Foi pena que tivesse mettido litteratura no meio. Refiro-me ao capitulo sobre V. de Carvalho e ao outro sobre *Dia de Finados*. A litteratura d'elle é ingenua. Ainda assim infinitamente superior ás cataplasmas do A* P* e aos remelexos de bahiana que saem da dengosa penna do dr. A* de C*: *Aiii! Abre alas que eu quero passááá...* Vou arrancar fóra esses dois capitulos e mandar encadernar o livro, porque o resto é tudo do bom e do melhor. Eu só gosto de livros que me ensinam *coisas*. E o livro do Roquette me ensinou. A respeito de eugenia, por exemplo, em que a minha ignorancia é não sómente total como abyssal, eu só conhecia o livro de Chesterton — *Eugenics and other Evils*. Paradoxos e mais paradoxos. O livro do Roquette me traçou a rota. Agora posso ir seguindo o assumpto nos livros de vulgarização. O Roquete não poderia escrever tambem, *para meu aproveitamento*, algumas boas paginas sobre psycho-analyse? Que coisa cacete, santo Deus! A proposito de eugenia, o livro de Roquette é muito justo a respeito de japonezes. Os argumentos que elle dá, para que se permita a entrada de japonezes no Brasil, são excellentes...

O estudo sobre Euclides da Cunha é até hoje o melhor que eu li. E' sympathico e analytico. Euclides não pôde ser estudado só sob o aspecto artistico — o seu ponto mais fraco, o seu ponto vulneravel, porque escrevia mal. O seu estylo não é propriamente estylo: é apenas *maneira*. E essa *maneira* é retorta, aspera, erigada de impecilhos e tropeços, intricavel e intrincada como um cipoal. Euclides é pedante. Pedante sem o querer e sem o saber. Herança da Escola Militar. O que o salvou de cahir no mesmo ridiculo dos seus an-

tigos camaradas do Exercito, quando escrevem, (.....) foi o ter tido talento de sobra, valioso cabedal tecnico e finalmente uma grande alma cheia de janellas rasgadas e dia e noite abertas para a natureza toda. Mas não pôde ser estudado só por specimens dessa variedade de quadrumanos a que chamamos *homens de letras, litteratos, belletristas*... Para poder analysar convenientemente e com criterio seguro as obras de Euclides da Cunha é mistér possuir conhecimentos technicos, sobre historia natural, geographia, historia geral e patria e ter ainda outros conhecimentos correlatos, biologia, ethnographia, etc... São qualidades que concorrem na penna do teu amigo Roquette Pinto, a quem talvez interessem os dois retalhos do *Dailly Express*, que aqui vão com esta. Tratam da fiscalização do casamento: eugenia, portanto. E' o assumpto diario de discussões na Inglaterra, desde 1.º de janeiro até o dia de São Sylvestre. No livro, na revista, no jornal, nos meetings de associações de diversas naturezas, no descampado de Hyde Park, pelas esquinas — discute-se eugenia e *birth control*.

O *Legend*, de Clemence Dane, que me encommendaste, está comprado, mas vou lel-o antes de mandar-t'o. Sei que essa mulher é o que por aqui se chama um *best seller*. Mas eu não tenho muita fé em livro de mulher, não. Elynor Gleen tambem é *best seller*. Tentei ler-lhe a novella celebre intitulada *Three Weeks* e não pude ir até o fim. *Rubbish*... Uma grande borracheira. Ainda assim, podessem as nossas A* B* (.....) escrever coisa parecida...

Vou agora pedir-te um livro d'alta litteratura: o mais recente catalogo telephonico da Light. E' o unico meio de obter o endereço de certos amigos. Si vires o Mario Rodrigues, pergunta-lhe porque não me mandou nunca o jornal e si ainda quer, pelo mesmo preço, a minha collaboração. Jornaes do Rio raramente os vejo. Embora sejam absolutamente desinteressantes, comtudo, lá uma vez por outra, aparece alguma noticia de interesse. Pódes me dizer si o Miguel Mello está dirigindo *O Paiz*?

A morte do Joca (1) (noticia dada pelo Godoy em carta) me aborreceu de tal maneira que eu supponho ter concorrido para o meu ataque de nervos e de musculos. Pobre companheiro... Bem, creio que gatafunhei bastante. Abraça por mim ao Ramos e ao Agrippino. Manda-me noticias do Torres Vianna. E não deixes de bem querer ao teu velho.

ANTONIO TORRES

Aldwych House

Aldwych-W. C.

Londres,, 30 de Agosto de 1927.

Meu caro Gastão,

Acabo de saber agora mesmo da noticia de que falleceu em Paris o Dr. J. Teixeira Soares. Vi-o aqui no Consulado ha mezes, ha muito pouco tempos, mas... *quantum mutatus ab illo!* Não era já o velho expansivo que eu tivera o prazer de conhecer no Rio. Achei-o realmente abatido. Grande homem, todavia, sempre com a sua maravilhosa lucidez de espirito e a cabeça cheia de idéas novas a respeito de tudo. Agora chega-me a noticia da morte d'elle, morte que não me surpreendeu, dada a grande idade em que se achava o notavel brasileiro, homem admiravel por tudo: pelo talento, pela cultura, pela actividade no trabalho e pela sua bondade omnimoda. Peço-te, meu velho, e muito encarecidamente, que dês por mim os pezaes ao nosso querido Oscar, ao Maneco, ao Lico e a toda a familia Teixeira Soares. Não conheço o endereço de nenhum delles na cidade. Escrever para Santa Alta (2) é arriscar a carta de extravio. Parece-me mais seguro encarregar-te disso e espero que não ficarei no esquecimento.

Mandei-te ha tempos uma longuissima carta. Até hoje nem uma linha de resposta! Escreve-me.

Do teu velho

ANTONIO TORRES

The Brazilian Consulate General (3)

Aldwych House W. C. 2

Meu caro Gastão,

Duas palavras apenas. Estás vivo, ou estás morto? Esse silencio é fructo do novo romance que me annunciaste? Que diabo! Manda cá umas duas linhas.

Devido a um accesso grave de fígado e arterias que tive, o meu medico me poz em rigorosissima dieta. Estou melhor. Tenho disposição para o trabalho. Pelo correio tem seguido já uma boa meia duzia de artigos para a *Gazeta*, de S. Paulo. Agora escrevo com mais assiduidade, porque estou melhor, mas olhe que estive vendendo a Parca de perto, menino. Quasi que serias chamado para collocar á minha cabeceira o fatidico G. C. P. A. (4), de que o Arlindo tem um mêto cachorro, enquanto eu encaro taes coisas com mais philosophia. Que podemos nós deante do Irresistivel, do Irreparavel?! Não é assim?

Sabbado fui ao Jardim Zoologico, ver uns novos specimens chegados da Africa e uns filhotes nascidos na *menagerie* da R. Z. S. Ha no novo aquario uma enorme enguia electrica do Amazonas. *Electrophorus Electricus*, junto a cujas aguas uma inglesa, aliás, mais feia do que a sobredita enguia, dizia ao marido — *Oh poor thing!*

Communico-te que já ha lá um novo Matamatá amazonense. Ainda é filhote, mas já é tão feio, funebre, funesto, medonho e encaroçado como o seu parente e antecessor ha pouco fallecido. Está no meio de outras tarugas d'agua e enguias, mas immovel no seu fundo aquoso, no meio do limo, onde custei a distingui-lo — *poor thing*... Indaga do Roquette: 1.º) si o matamatá attinge a 2 metros de tamanho; 2.º) si elle é mesmo venenoso e como trabalha o seu veneno. Não imaginas como me interessa esse monstro. Só conheço um bicho mais feio do que o matamatá: é o (5)

Lembranças ao Castilho. Abraços do teu velho

ANTONIO TORRES

Londres, 1 de Dezembro de 1927

Meu caro Gastão,

Livros e jornaes que me mandaste — recebi-os todos e agradeço-te. Recebida tambem a tua carta de 31 de Outubro.

Lamento que tenhas deixado no esquecimento o Oscar Bormann (6), a quem não mandaste um exemplar do *Elsa e Helena*. O Bormann estima-te, é sensível e me perguntou por que razão não lhe mandaste o livro, que elle, aliás, está lendo de emprestimo. Acho bom que lhe mandes um exemplar com palavras de gentileza.

Quanto ao teu livro, li-o de uma assentada e com prazer. Creio ser este o melhor elogio que te pôde ser feito. Li um artigo de M. e Albuquerque no *Jornal do Commercio*. A palavra *envoltamento*, que elle usa para substituir *enveloppement*, é exactamente a que pretendia suggerir. Etymologicamente, supponho ser a mais adequada e a mais logica. Quanto ao marido de Elsa, que c.....! E' uma personagem que deveria ter o nome de (7). Eu não creio muito nessa historia de desdobraimento da personalidade. Meia duzia de bofetadas, ou de chicotadas, administradas a tempo, curam completamente essas nevroses femininas. O character da rapariga se teria modificado radicalmente si, no dia em que ella soltou os passarinhos, elle revirasse os olhos e gritasse:

— Elsa! Um outro entrou dentro de mim! Olha bem minha cara! Estou barbado! Cuidado! Cuidado! Eu sou o Landru! Arre! Arre! Landru sahii mas entrou outro! Elsa, estou preto! Othelo entrou dentro de mim! Onde está Yago! Cassio! Desdemona soltou os passaros! Si Desdemona fugir, mato-a!

E aqui, urrando e roncando, tirava o revólver e sahia dando tiros nas gallinhas, no cachorro, no macaco, nas criações todas, sempre bufando e de olhos esbugalhados, até cahir num banco arquejante, formidável, atterrorisante...

Elsa viria logo, um pouco pallida, conciliadora!

— Jesus! que é isso? Que é que te deu, meu marido?

— Ah! meu amor! Nunca mais dei-

xes a *outra* entrar em ti. Porque eu tambem soffro dessa doença. Si o *outro* entrar em mim, vaes para o Cajú!

— Cruz! Credo! Que horror!

Realmente um grande desgosto para a familia e para a sociedade em geral...

Garanto que com essa demonstração de força armada a rapariga ficaria curada. Não fugiria para S. Paulo. O heróe não seria c..... O cunhado não se suicidaria. O Orlando Rangel perderia a freguezia de sedol. O casal teria filhos sadios. Festejaria suas bôdas de prata, e de ouro. O rapaz chegaria a Embaixador. A familia seria feliz. E' verdade que Gastão Cruls não poderia escrever o romance, mas a sociedade lucraria com isso. Lucraria de duas fôrmas: em primeiro logar, com aquisição de uma familia honesta; em segundo — não haveria, como vae haver no Rio, uma nova doença: a *elsa-hellenite*. O terrível *mal de Cruls*. Eu não tenho a esse respeito a menor illusão. As Elsas e Helenas vão pulular na Avenida Rio Branco e no Cassino de Copacabana de um modo violento. A não ser que os maridos lhes encostem o relho no lombo e, quando ellas gritarem — *Quem foi a outra!* — elles respondam: *Quem está batendo tambem é o outro. E este chicote perdeu a personalidade. Não é mais chicote: é mar ron glacé!*

Agora, quanto ao jantar na casa do italiano dos quadros de Raphael. Estás redondamente enganado quando dizes que o jantar nos foi offerecido pelo Nada disso. Fomos nós todos que offerecemos a festa ao Bormann, que estava de partida para o Rio. Tu foste *nosso convidado*. Pela minha parte paguei L. 2. O. O. Rectifico este ponto para que não fiques ingenuamente devendo obrigação a quem nada te fez.

Actualmente moro com o Arlindo, que te manda abraços e faz os comentarios mais engraçados a respeito de Elsa Alugamos um *flat* completo: sala de visitas, dois quartos, banheiro, instalações sanitarias e cosinha. Tudo mobiliado, com louça, etc., etc. Assim fica mais barata a vida para nós. Eu ganho pouco e foi o unico meio que tive para viver com algum conforto. Moramos os dois sozinhos. Arlindo é bom companheiro. Não me aborrece, nem eu a elle. Si vieres, a casa é tua Vens ou não vens? O livro dá para isso? — Porque é que o Mario Rodrigues não me manda a *Manhã*? Abraços do teu velho

ANTONIO TORRES

The Brazilian Consulate General
Aldwych House W. C. 2

Londres, 27-3-1928.

Gastão querido,

Duas linhas apenas, para aproveitar vapor, ou melhor, oleo combus-

tivel do *Arandora*. Mande-te ha dias as poesias do Rupert Brooke (8) e a *Legend*, de Clemence Dane, que me pediste.

Realmente o poeta é magnifico, quer pelos versos, quer pela belleza pessoal Quanto á *Legend*, verás pelas paginas cortadas que consegui ler metade, e achei uma

Vou enviar-te por estes dias, uma grammatica ingleza — *English for Foreigners* (9), que é uma maravilha. Basta dizer que a estou lendo como si fosse um romance de aventuras. Com essa grammatica até um burro, até consegue aprender inglez.

Estou engendrando meios de ver si pela Paschoa posso ir a Paris. Londres é horrível durante semanas de feriados. Estive em Paris a ultima vez em Dezembro, pelo Natal.

Aperta por mim nos teus braços a velha carcassa do nosso Castilho, a quem escreverei brevemente, agradecendo um livro de medicina que me mandou. Agradeço-te a *Inconfidencia Mineira* (10). Já percorri o calhamaço. Não é coisa que adiante idéa. Em todo o caso, tem seu valor. Abraços do teu velho

ANTONIO TORRES

(Continúa)

1) João da Camara Vasques, jornalista, que foi companheiro de Torres na *Gazeta de Notícias*. 2) Bella fazenda, então da propriedade do Dr. João Teixeira Soares. Está situado no Estado de Minas, municipio de Além-Parahyba. Torres lá esteve de uma feita, passando dous a tres dias. 3) Detalhando este endereço, Torres esqueceu-se de dar esta carta, o que raro lhe acontecia. 4) Guarde o cadaver para autopsia. Allusão a um conto de G. C. 5) Aqui, com desinencia latinizada, como se fôra um espécime zoologico, o nome de um litterato patricio. 6) Por esse tempo, dirigindo a Delegacia Fiscal do Thezouro em Londres. 7) Aqui o nome de uma alta figura do nosso Corpo Diplomatico. 8) *The Collected Poems of Rupert Brooke: with a Memoir*. 9) Marshall and Schaap-*Manual of English for Foreigner Students*. 10) De João Lucio dos Santos.

J. de Sampaio Ferraz — *Meteorologia brasileira* — Companhia Nacional — S. Paulo, 1934.

O autor possui indiscutível familiaridade com o assumpto e a synthese que nos apresenta constitue trabalho realmente novo em nosso paiz. Os technicos não deixarão de manifestar-se a respeito do character scientifico do volume estudando-o em todos os detalhes. Quanto a nós outros, só podemos affirmar que o illustre meteorologista o compôz com uma extrema clareza, de modo a fazer-se entender até mesmo pelos leigos na materia. E a simplicidade de expressão não deixa de ser um merito em casos desses, conhecida como é a tendencia de tantos scientistas a competir, segundo já observara o arguto Faguet, com os puros homens de letras, desejosos de demonstrar, através de metaphoras rebarbativas, que escrevem tão bem quanto elles, senão melhor do que elles...

BIBLIOTHECA CENTRAL DE
EDUCAÇÃO

Afigura-se-nos dos mais meritorios o trabalho que, em prol da diffusão do livro brasileiro vem desenvolvendo a Bibliotheca Central de Educação, que funciona sob a immediata dependencia do Departamento de Educação do Districto Federal, debaixo da direcção technica do dr. Armando Campos. O serviço de installação da Bibliotheca e da secção de Cinema Educativo obedeceu aos mais rigorosos preceitos technicos, tendo os seus realizadores organizado uma especialização em assumptos de bibliographia e de bibliothconomia, de modo a imprimir á Bibliotheca um caracter antes de tudo scientifico.

Duas grandes actividades são orientadas nessa divisão de ensino: inicialmente o problema do livro, ou seja o da cultura geral, no aspecto de technica profissional ou no de livros que se destinem á infancia. Esses livros, a Bibliotheca Central encarrega-se de distribuir-los ás escolas, para a formação das respectivas bibliothecas escolares, já tendo effectuado no anno que findou innumeradas remessas para cerca de trezentas salas de leitura. Outra actividade da Bibliotheca, é a referente aos problemas de iconographia, estampas, frisos, altos e baixos relevos, retratos, mappas, cartazes, dispositivos para projecção.

Mas o que nos interessa é a parte referente ao livro que, podemos dizer, é a mais importante da Bibliotheca, que já possui 10.000 volumes rigorosamente catalogados e classificados segundo normas technicas, além de 120 revistas especializadas. O serviço de conservação dos livros está organizado com grande cuidado. As salas de leitura distribuem-se de accordo com a natureza das publicações, havendo salas especiaes para o curso secundario, e tambem salas isoladas para estudo e discussão de problemas em conjuncto.

Assim constituida, e tão bem dirigida pelos dictames de uma technica rigorosa, a Bibliotheca Central de Educação contribue com exito consideravel para a boa formação intellectual do professorado brasileiro e, por consequente, para a consolidação da cultura daquelles que, amanhã, serão os orientadores do Brasil.

Jack London — *A filha da neve* — Companhia Nacional — S. Paulo, 1934.

E' simplesmente notavel a actividade intellectual do sr. Monteiro Lobato, que, além de subscrever sempre valiosos trabalhos originaes, ainda traduz tantos e tantos romances de lingua ingleza. No mez que vem de findar, lançou elle em portuguez uma sensacional novella de Jack London, *A filha da neve*, e isto serviu de ensejo para que augmentassem entre nós o interesse pelo nove'llista yankee e a admiração pela agilidade mental do seu traductor.

Moacir Silva — *Kilometro Zero* — Rio de Janeiro, 1934.

O engenheiro Moacir Silva, que é consultor tecnico do Ministerio da Viação, consagra um substancioso volume de 390 paginas ao historico dos caminhos antigos e estradas modernas do Brasil. Tudo quanto se prenda ao assumpto foi intelligentemente colhido pelas uteis investigações desse patricio operoso e culto. Desde os primeiros passos dos colonos na mata virgem ao movimento desafogado nas avenidas e rodovias actuaes, nada falta a aclarar a evolução dos nossos meios de comunicação e transporte. E' o carro de bois, a liteira, o automovel... Inumeros pormenores suggestivos facilitam uma leitura que poderia tornar-se fatigante para os não especialistas no assumpto. O que quer dizer que tanto os profissionais como os não profissionais percorrerão com prazer e proveito o feliz retrospecto do sr. Moacir Silva.

Charles-Robert-Dumas — *L'Homme à abattre* — Fayard — Paris.

As contendas entre a França e a Altmanha suscitaram sempre uma abundante litteratura por parte de escriptores dos dois paizes. Correram mundo os volumes em que Barrès e Bazin falaram de familias de territorios annexados pela Germania, as quaes se mantinham irreductivelmente fieis á gente gauleza de que procediam. Tambem não faltam romances inspirados pelas tramas de espionagem em que francezes ou allemaes procuram servir os seus respectivos paizes. São duellos dos mais sensacionais no sentido da argucia, da audacia, da habilidade em vencer certas situações aparentemente insolúveis. Versando um tal genero, o romancista Charles Robert-Dumas apresenta-nos uma série de aventuras emocionantes, em que a nota de mysterio empresta ainda maior suggestão aos impulsos patrioticos da raça do narrador.

Pablo Blanco Acevedo — *El Gaucho* — Montevideo.

Trata-se de uma conferencia pronunciada no Instituto Historico e Geographico do Uruguay em 9 de Outubro de 1926. O sr. Pablo Blanco Acevedo, que anda longe de ser um intruso em assumptos dessa natureza e, ao contrario, sempre se distinguio pela autoridade com que discorre sobre homens e coisas do Rio da Prata, alonga-se aqui em considerações muito opportunas a respeito da formação do typo gauchó, de tanta influencia em regiões hispano-americanas e mesmo em terras do Brasil. Quer no sentido ethnographico, quer no litterario, o trabalho é revelador de meritos invulgares. Nossos agradecimentos ao prestantissimo livreiro J. Leite pela gentileza com que nos propiciou a leitura dessa valiosa synthese racial.

SOCIEDADE DO LIVRO MENSAL

Acaba de ser fundada em São Paulo, por um grupo de homens de letras, a "Sociedade do Livro Mensal", cujo principal objectivo é a diffusão intensiva do livro em nosso paiz. A actividade da novel Sociedade tem multiplos aspectos, devendo a sua Commissão Julgadora seleccionar o melhor livro do mez, entre os lançados pelas diversas editoras, afim de o distribuir por seus associados, facilitando assim a boa sahida dos livros de cultura e de arte. Propõe-se tambem a Sociedade do Livro Mensal a publicar traducções de obras estrangeiras de notorio valor educacional, livros de cultura scientifica e litteraria, distribuindo-os em edições limitadas, destinadas aos socios; a promover a publicação de um boletim mensal, para os socios, boletim esse que em seu summario comprehenda uma synthese dos artigos de mais interesse das revistas estrangeiras; a patrocinar annualmente uma "Exposição do Livro", em São Paulo, augmentando tambem a publicidade pelo Interior; a organizar concursos que incentivem a producção de originaes de cultura geral, de sciencia, de litteratura e de theatro brasileiro, distribuindo premios aos vencedores; e, finalmente, a realizar cursos de conferencias para os socios. A Commissão Julgadora da "Sociedade do Livro Mensal" é composta dos srs. Prof. André Dreyfus, Dr. Antonio de Alcantara Machado, Dr. Guilherme de Almeida e Dr. Paulo Setubal. O primeiro numero de "Cultura", publicação official da Sociedade, é, de facto, uma "synthese das melhores publicações mundiaes", e apresenta variado e palpitante summario.

Graciliano Ramos — *S. Bernardo* — Ariel Editora Limitada — Rio, 1934.

Ninguém esqueceu ainda o successo obtido pelos *Cahetés* do sr. Graciliano Ramos. Essa narração de costumes regionaes, avivada pela infiltração de deliciosas notas de *humour*, collocou o autor entre os primeiros romancistas brasileiros do nosso tempo. Agora este magnifico volume *S. Bernardo*, uma segunda evocação dos pittorescos recantos nortistas, com as creaturas singulares que por ali se movem, não deixará de robustecer o enthusiasmo suscitado á apparição dos *Cahetés*. Em *S. Bernardo* são descriptas com particular flagrança as tramoias em torno á aquisição de terras de rendoso cultivo, vendo-se que as simples creaturas agrestes dos nossos povoados sabem ás vezes competir, em artilhanhas desse genero, com os mais astutos advogados das grandes capitães. O livro possui dezenas de figuras typicas e não lhe faltam lances de emoção contida, em que se sente a piedade do narrador pelas almas bellas e boas do seu atormentado rincão.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL, pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Graciliano Ramos -- *São Bernardo* — Romance — Ariel Editora Ltda. — Rio.
 Gastão Cruls — *Vertigem* — Romance — Ariel Editora Ltda. — Rio.
 Clovis Amorim — *O Alambique* — Romance — Livraria José Olympio — Rio.
 A. J. de Sampaio — *Phytogeographia do Brasil* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Joaquim Nabuco — *Minha Formação* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Humberto de Campos — *Os Parias* — 4.^a edição. — Livraria José Olympio. — Rio.
 Humberto de Campos — *Lagartas e Libellulas* — 2.^a edição — Liv. José Olympio. — Rio.
 Arthur Ramos — *O Negro Brasileiro* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Octavio Tarquinio de Souza — *Ernesto Psichari, Neto de Renan*. — Rio.
 Armando de Oliveira — *O Poeminha da Rosa* — Versos. — São Paulo.
 J. de Sampaio Ferraz — *Meteorologia Brasileira* — Cia. Editora Nacional. — São Paulo.
 A. de Lima Campos — *A Crise Economica e a Solução Bi-metallista*. — Rio.

M. P. — *Espiraes de Incenso*. — Rio, 1934.

Este livro, apparecido ha poucos dias, já deve andar nas mãos de innumeros leitores e longa será a sua vida. Assigna-o, modestamente, M. P., iniciaes que mal encobrem o nome de uma das damas mais illustres da nossa sociedade, senhora de excelsas virtudes christãs e altos dotes intellectuaes. Dahi o encanto dessas paginas em que, na mais limpida das linguagens e com grande uncção religiosa se fala dos Sacramentos da Igreja, se diz o que foi o magestoso Congresso Eucharistico realizado na Bahia em 1933 e alguns *Quadros e Contos Vividos* realçam as bemaventuranças da Fé.

Armando de Oliveira — *O Poeminha da Rosa* — S. Paulo, 1934.

Trata-se de um delicado lyrista em que são frequentes as notas de sensibilidade romantica. Muito moço, o sr. Armando de Oliveira não se envergonha, neste seculo de machinas, do seu interesse pelas historias de palhaços, pelas arietas moduladas á maneira de Verlaine, pelas miragens das luzes do céu reflectidas na agua. Tece imagens graciosas a proposito de flores e espumas. Perrault, que escrevia para os garotos, ainda é um dos seus mestres de emoção. Finamente descriptivo, enxerga nas coisas mais simples da natureza uma finalidade de symbolo e as apparencias mais fugitivas são para elle manifestações do Eterno. Evidentemente esse poeta ainda nos reserva muitas surpresas, e convem reter-lhe o nome, que encontraremos amanhã em trabalhos destinados a perdurar.

Anyone Costa — *Introdução á archeologia brasileira* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Trata-se de um curso de archeologia desenvolvido pelo sr. Anyone Costa no Museu Historico Nacional. Solida é a base de documentos em que se firmou esse operoso publicista, sendo evidente o seu desejo de não fazer affirmações que não partissem de um documento ou de uma observação respeitaveis. Grande deve ter sido o interesse despertado pelo seu trabalho entre aquelles que o ouviram directamente, nos dominios do Museu, e muitos leitores não deixarão de vir agora applaudir o esforço constructor do nosso distincto patricio.

Diva Jabor — *A hora da quinta prece* — Pongetti — Rio.

O andor inseparavel da gente dos tropicos é dulcificado, neste volume de poemas em prosa, por umas aspirações de religiosidade, de interioridade, que denunciam bem a procedencia oriental da autora. Em meio aos fremitos de entusiasmo deante da natureza, surgem inesperadas effusões mysticas, uns extases de quem sente, recalcadas na alma, as ternuras millenarias da raça a que pertence, raça que cantou junto aos salgueiros de Sião e espalhou tanta poesia por todos os caminhos do mundo. Falando por si, falando pela sua estirpe, a sra. Diva Jabor transmite aos leitores a subtil commoção de que as suas phrases estão impregnadas, e não ha como deixar de auspiciar-lhe um bello futuro litterario.

- A. Austregesilo — *Neuroses Sexuaes* — Editora Conkson. — Rio.
 Joaquim Gonzalves — *Pro-Divorcio*. — Livraria Progresso — Bahia.
 Victor Hugo — *Na Sombra e na Luz* — Livraria da Federação Espirita. — Rio.
Conferencia sobre as Indias Occidentaes — Record Editora. — Rio.
 André Maurois — *Lyautey*. — Trad. de Gustavo Barroso. — Cia. Editora Nacional. — São Paulo.
 Rudolf Hans Bartsch — *O Romance de Schubertã* — Edições Cultura Brasileira. — São Paulo.
 René Brancour — *Vida de Massenet*. — Edições Cultura Brasileira. — São Paulo.
 Boris Pilniak — *O Volga Desemboca no Mar Caspio*. — Edições Cultura Brasileira. — S. Paulo.
 Tirso Lorenzo — *El Celibato del Doctor Adonis*. — Narraciones y contos. — Editorial Liberia. — Buenos Aires.
 Charles-Robert-Dumas — *Les Loups Entre Eux* — Fayard & Cie. — Paris.
 Charles-Robert-Dumas — *L'Homme à Abattre*. — Fayard & Cie. — Paris.
 Enrique Amorim — *El Paisano Aguilar*. — Amigos del Libro Rioplatense. — Montevideu.
 Alberto Zum Felde — *Alción*. — Amigos del Libro Rioplatense. — Montevideu.
 Emilio Oribe — *Teoría del Nous*. — Amigos del Libro Rioplatense. — Montevideu.
 Fernán Silva Valdés — *Los Romances Chucaros*. — Amigos del Libro Rioplatense. — Montevideu.

H. Fouillet — *A vida sexual na Russia Sovietica* — Conkson, editores — Rio.

A reorganização da Russia sob o regimen sovietico continúa a attrahir a atenção do mundo e Marx, se revivesse hoje, seria o primeiro a se espantar da monumental bibliographia que se creou em torno á sua doutrina. O livro de H. Fouillet, traduzido e commentado por Hilio Manna, e que traz prefacio de Osorio Cesar, tem todos os titulos para obter uma multidão de leitores, pois nelles se debatem questões das que mais apaixonam os adeptos do crêdo de Moscou.

C. Doliveira — *O trabalhador brasileiro* — Rio — Esboço das taxas biometricas brasileiras. — Rio.

As questões do trabalho, completamente descuradas entre nós até 1930, começam a merecer dos poderes publicos a atenção que sempre encontraram em outros paizes. Felizmente temos homens á altura de tão momentosos problemas. E' esse o caso do Sr. C. Doliveira, ha longos annos dedicado a essa ordem de estudos e hoje exercendo funções de alta relevancia no Ministerio do Trabalho. As duas monographias a que se refere esta ligeira nota: *O trabalhador brasileiro* e *Esboço das taxas biometricas brasileiras* são prova do dizemos e demonstram á evidencia que bem poucos, entre nós, poderiam ter escripto sobre esses assumptos com tanto zelo e proficiencia.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozerio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

O SONHO E A MACHINA

Um dos aspectos mais impressionantes da guerra é o nivelamento que produz entre os homens. Deante da morte em perspectiva, só uma qualidade tem sentido: a que todos possuem e todos podem perder da mesma maneira para salvar a pátria ameaçada: a vida. O homem passa a valer na medida em que é capaz de matar e, subseqüentemente, de morrer. Desde que possam pegar em armas, o sabio e o vagabundo, o artista e o "raté" ficam para logo irmanados. A personalidade, o passado de cada um, glorioso ou humilde, como que se esvanecem. Um numero os substitue. O soldado n.º tal toma o lugar do cidadão Fulano. Nada importa mais, senão possuir dois braços para manejar os instrumentos de morte.

Num dia de combate igual aos outros, talvez um claro dia de sol, risonho e cruelmente promissor, um soldado tombava nos campos da França invadida.

Como não foi logo identificado o seu cadaver, foi dado como desaparecido. Sem duvida, seu nome foi lido, entre muitos outros, na lista dos "morts et disparus" quotidianos. Um momento, a sua existencia se prolongou na incerteza do destino que tivera. Depois, a certeza veio.

Esse soldado se chamava Alain Fournier, e, como civil, fôra escriptor. Seu regimento perdera uma unidade, a França um combatente. Mais um, entre milhares de outros. Mas o mundo perdera um grande artista, e um grande pensador. Um grande artista que, com pouco mais de vinte annos, se revelara inteiramente no Grand Meaulnes, e um grande pensador que só numa ou outra phrase de sua correspondencia se tinha podido mostrar.

Quando Alain Fournier escrevia o Grand Meaulnes, Blériot preparava seu vôo sobre a Mancha. Entre as asas que, pela primeira vez, se arriscariam sobre o mar e o sonho alado que tentava captar, o joven romancista vislumbrou estranhas coincidencias. Eram dois impetos parallela-

mente temerarios, alçando-se em busca dos grandes espaços ignorados. Eram duas evasões semelhantes, duas tentativas do espirito para se libertar do jugo da materia, para se elevar acima das realidades mesquinhas de todo o dia, para crear alguma cousa de novo.

A sorte do seu trabalho pareceu-lhe mysteriosamente ligada á sorte do aeroplano. Inquietou-se anciosamente pelo destino do aviador, e isso o levou a reflectir sobre a machina, e a sua significação para os homens.

E' um dos trechos, raros e quasi offuscantes de penetração, em que surge o pensador.

"La machine n'est qu'un prétexte, escreveu então, qu'un appui. L'esprit seul pourrait arriver á créer ce monde nouveau. Mais pour l'aider dans cet effort prodigieux il lui faut le secours d'une invention, d'une machine qui justifie raisonnablement sa façon nouvelle de concevoir le monde."

A machina allliada da imaginação, servindo-lhe de trampolim... não será essa, se attentarmos bem, a sua verdadeira finalidade?

Admiravel poder da intelligencia, da comprehensão das cousas!

Um poeta (porque Alain Fournier era essencialmente um poeta, apesar do seu grande livro ter sido feito em prosa) procurando resolver o seu problema artistico, intervem na discussão sem fim travada em redor da machina, e encontra uma formula luminosa que mostra a inanidade do debate. Essa concepção espiritualista da machina, incorporando-a á força creadora, como um mero ponto de apoio, é tambem a mais clara e a mais pratica das definições. Se a houvesse entendido não teria o nosso tempo levantado um antagonismo esteril e artificial entre o homem e a machina, não teria desvirtuado a segunda. Essas imprecações que ouvimos diariamente contra o progresso mecanico accusado de destruir a civilização não teria mais razão de ser. Afinal, o que distingue o homem mo-

O R I O

O rio levava annos e annos sem passar. Quando menos se esperava, vinha lavando os quintaes, num ar de intimidade, confiante, cantando na porta dos fundos, como um bicho de casa. E, ás vezes, mais caseiro, entrava, de sopetão, correndo por salas e quartos de dormir numa desenvoltura impossivel.

A gente gostava do rio familiar: fazia delle seu pote cheio, sua bacia de rosto, sua pia de agua benta.

Mas, quando menos se pensava, de dia para a noite, via-se, em vez da torrente buliçosa, o estendal de areia molhada, como um lençol no quaradouro. O rio tinha fugido do quintal. Ninguém sabia do rio fujão.

A cheia vinha vindo. Partira com festas de relampagos e trovões nas cabeceiras. Usavam, na frente, como batedores bandos de aves aquaticas. Essas azas precursoras, salvo alguns pios avulsos, não conheciam o falario de outras migrações do ar.

Todos accorriam.

A agua era a devoção das terras seccas. A reserva de tantas gottas humildes creava um signo de salvação.

Todos iam dar as boas vindas ao rio que passava. Iam revêr o hospede inconstante que, quan-

do apparecia, era carregando todos os presentes da terra e do céu. Estava sendo esperado. Chegou na hora.

Acocorava-se, no barranco, uma multidão alacre, lavando as mãos, experimentando o gozo da agua, a escorrer, como ouro em pó.

Ninguém notava que a agua estava suja, toda ócre, côr do barro impuro das ribanceiras derruidas.

Era a sensação dos dedos molhados, da frieza da enxurrada preciosa.

Não se fizera esperar, como outros rios que chegam devagar, fossando, aqui e ali, como se viessem comendo pelo caminho.

Apontou, de pancada, crescendo, de uma vez, de barreira a barreira, quando não esborotava por toda a varzea.

Não tinha a sensaboria da agua morta. Jorrava, com força, estrondando, como pedindo passagem aos que o tinham esquecido, de tanto tempo que não passava. Só quando ia baixando cantava a bem dizer um pouco, tocando o pandeiro dos seixos rolados, como em despedida.

O natural era esse arremesso repentino, louco, precipitado, engulindo as vazantes com impaciencias criminosas.

Chegava prateado de peixes que vinham do secco, que ninguém sabia donde vinham.

Como já se disse, olhando bem era sujo; parecia a argilla liquefeita, escorregando como terra cahida. Como se a terra corresse numa faixa escorregadia, baixando e levantando a cabeça de espuma porca.

Era a primeira enxurrada, grossa, pesada de vasculhos. Descia até as arvores naufragas, inteiras, como se estivessem plantadas nagua.

Mas havia tambem fluctuações bizarras. A torrente enfeitava-se de flores e folhas que brincavam num colorido apressado.

E, por cima, patos, marrecos, jaçanans, em saudações de azas tocadas de sol, libravam-se e baixavam, mergulhando, como peixes.

Nadavam na agua corrente sombras de jaçanans delgadas como gravetos soltos.

E, onde havia uma pedra atravessada, ficava toda a cabeça da-gua cacheada.

Corria, um dia, para desaguar toda a cheia, onde não havia precisão.

JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

(De *O Boqueirão*, romance, no prélo).

dermo do antigo é a suppressão das distancias, que torna muito frageis as fronteiras, é a velocidade, que tudo faz proximo e accessivel, é a facilidade de estabelecer um nivel minimo de conforto geral, é em summa, o augmento de possibilidades que a machina lhe veio trazer.

Negando-a, elle quasi que se negará a si mesmo. A sua vida está condicionada por ella, por ella modificada a sua visão do mundo. Mas não num sentido anti-poetico, como tão superficialmente se affirma. Ao contrario. Vinda do espirito, a machina não se poderia dirigir contra elle; conseguiu, isso sim, alargar os limites do possivel, amparar a imaginação mesmo em seus mais ousados arroubos, sem comtudo destruir a miragem do mysterio, do desconhecido. As brumas persistem, como persistirão sempre, porem cada vez mais rechassadas para mais longe por essa humilde e obediante irmã dos sonhos que é a machina assim comprehendida.

Então, porque maldizel-a?

Não só nas suas applicações desportivas, mas tambem nas industriaes, ella veio libertar o ho-

mem. Se o capital a explora, e se recusa a ver nella uma serva do operario, é que desconhece o seu verdadeiro sentido. A sua finalidade profunda não é centuplicar o rendimento, mas facilitar a tarefa e permittir dest'arte ao trabalhador horas de folga para viver a sua vida de ente livre.

Foi a ambição dos homens que transformou numa fonte de males o que deveria ser uma distribuidora de bens. A machina será o que for o homem que a dirige. Veio, em todos os terrenos, augmentar o poder humano.

Onde, portanto, o seu perigo intrinseco? Não devorará o homem, se este a souber entender.

A luta não é entre o homem e a machina, mas entre o homem e o homem, para ver de que lado ella ficará, se com o capital, se com o trabalho.

... Mas seus possuidores, seja qual for o resultado da peleja, só a saberão usar se forem dignos de entender mensagens como a desse Alain Fournier, do soldado que uma bala anonyma prostrou um dia na terra ensanguentada de França.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

O HUMOUR E O SPENGLERISMO

Vianna Moog -- HERÓES DA DECADENCIA—REFLEXÕES SOBRE HUMOUR—Editora Guanabara—Rio, 1934

Mais um livro sobre a philosophia do humourismo acaba de enriquecer a litteratura nacional. Livro bom, de escriptor novo. O nome de seu autor, Vianna Moog, era para mim desconhecido, entretanto me prezo de acompanhar um tanto de perto o movimento litterario brasileiro.

A partir do ensaio de Ruy Barbosa sobre Swift, que é de 1887, nunca mais deixamos de trazer a nossa contribuição para a interpretação do humourismo. Não aprouve ao insigne bahiano dizer-nos o que pensava do humour. Limitou-se a fazer a defesa brilhante do grande humourista inglez. Defender, arrazoar, accumular provas estava nos moldes de seu espirito avesso ás locubrações serenas da philosophia.

Swift levantou-se do banco de réo, livre das objurgatorias de Taine e accusações de Paul de Saint-Victor, pulverizadas, quasi nimbado da aureola de santo. Stella, no dizer de Thackray é uma santa da historia ingleza; não ficava mal ao seu amante platonico tambem um lugar na galeria. O arrazoado ruybarboseano outra coisa não visou: defender um innocente, santifical-o.

Força é confessar que o conseguiu. Foi dos melhores ensaios que saíram de sua penna, e até leva vantagem ao do autor do *The english Humorists* que lhe serviu de modelo em alguns pontos. Thackray, como bom inglez, mostra-se mais objectivo e frio.

Vejam os que disseram do humour outros escriptores nos.

João Ribeiro (*Paginas de esthetica*, 1905) ficou na antiqua-theoria mesologica e anthropologica do humour: producto dos climas frios e de raças privilegiadas. “Na raça saxonia é como a traducção interna e a reflexão especular dos nevoeiros em que vive”.

E’ a these de Taine, verosimilhante em face do respeitavel numero de humouristas inglezes.

O Sr. Alcides Maya (*Machado de Assis. Algumas notas sobre o humour*, 1912) vulgarizou as ideias de Paul Stapfer, que enlarguece o conceito. Humour para o critico suiso é producto cultural, forma de scepticismo. Não ha raças privilegiadas para dar a luz a esses sujeitos que costumam ver o anverso ridiculo das coisas serias.

A analyse da obra de Machado de Assis em face da doutrina adoptada é feita com louvavel carinho e percuciencia. A pequena monographia do Sr. Alcides Maya constitue o primeiro estudo serio da interpretação da obra do nosso maior romancista.

Sud Mennucci (*Humor*, 1923) não se limitou a repetir theoria forjada allures sobre esse interessante phenomeno litterario. Elaborou uma propria, segundo a qual o humour não passa de criação linguistica, producto não da alma mas da lingua ingleza. O problema é posto com elegancia e resolvido satisfactoriamente. A demonstração desdobra-se em raciocinios cerrados que nos deixam bem impressionados. Não nos esqueçamos, porém, que se trata de complexa questão ao mesmo tempo de philosophia, psychologia e litteratura, e como tal sempre aberta e sujeita a ser examinada por outras faces.

O Sr. Afranio Peixoto (*O humour S. d.*) não visou em seu livro, explanar theoricamente o que seja humour, senão dar-nos uma anthologia de humouristas de Petronio a Apporely, passando pelos amerindios e tambem pelo nosso folk-lore. Não nos disse mas poderia ter dito: Eis ahi o que é objectivamente humourismo. E quanto ás theorias não vem fóra de proposito lembrar com Goethe que são cinzentas, emquanto que sempre verde a arvore doirada da vida.

Grau, theuer Freund, ist alle Theorie Und grün des Lebens goldner Baum.

O Sr. Vianna Moog apresenta-se-nos com uma theoria sobre o

humour apoiada na morphologia cultural de Spengler. Respira-se, no seu livro, a elevada atmospha da philosophia da historia.

O humourismo afigura-se ao nosso jovem autor um dos muitos symptomas da decadencia da civilização. E destaca de cada grande cyclo da cultura um exemplo typico. Na decadencia do mundo antigo — Petronio. Na decadencia medieval — Cervantes. Na decadencia do mundo moderno — Machado de Assis.

“Não será o humour outro signal dos tempos?”

Spengler não o definiu expressamente. Mas quem lhe tiver feito o aprendizado do que sejam essas affinidades morphologicas que ligam intimamente as formas de uma mesma cultura, não pode ter maiores hesitações.

O humour representa na litteratura o que a variação representa na musica: — um signal de esgotamento”.

E o que psychologicamente caracteriza o humour?

Responde-nos o Sr. Vianna Moog. — “O humour nasce do desencanto irremediavel da vida: para o authentic humorista, nada vale nada sobre a face da terra”. (Obr. cit. pag. 34).

Como se vê, o novo psychologo não traz novidade para a conceituação do humour, acceta a concepção classica que o entronca no pessimismo. A sua originalidade está em prender o phenomeno a phases decadentes da cultura, juntando uma correlação que escapou ao mesmo systematizador da morphologia da historia.

Em summa, o que nos ensina o Sr. Vianna Moog é que o humour exige condições sociaes determinadas para seu apparecimento.

Flor de cultura, surge quando essa cultura se prepara para fechar um cyclo.

Ahi está porque nem sempre ha humouristas. A decadencia da civilização é o clima espiritual necessario ao florescimento

desse estranho phenomeno litterario.

Como navegamos em sua companhia afastados da ingenuidade da theoria mesologica pura e simples, ou da racial?

Não estou longe de affirmar que é valiosa a contribuição do Sr. Vianna Moog para a interpretação do humour.

Tenho para mim, porém, que é incompleta, porque não leva em conta o factor psychologico individual.

Como vivemos na época de Freud, não me levem a mal o lembrar disturbios da sexualidade para caracterizar os humouristas.

De Swift sabe-se a quanto ia sua frieza de temperamento. Digam de além tumulo a infeliz Stella, e a não menos Vanessa. — "Only a woman's hair" — "Uns cabellos de mulher!" Subentenda-se: "que não pude possuir..."

Machado de Assis chegou a fazer a experiencia do casamento. Mas talvez o atormentasse o complexo de não ter filhos, o da esterilidade.

Recordae, como termina o seu famoso Braz Cubas, livro da maturidade e o primeiro depois que se manifestou decidido humourista. "Ao chegar a este outro lado do mysterio, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capitulo de negativas: Não tive filhos, não transmitti a nenhuma creatura o legado de nossa miseria".

Dir-me-heis — Machado de Assis não era Braz Cubas, todavia vos replicarei — como elle não teve filhos, não transmittiu a ninguem aquella triste herança de viver, o fardo hereditario da miseria.

Precisamos conhecer melhor a vida intima dos grandes humouristas, antes de architectar qualquer theoria sobre elles. Thackeray deu o exemplo fazendo acabados perfis de varios delles.

As condições externas, geraes, do singular facto, que tem desafiado a argucia dos criticos, ventillou-as argutamente o Sr. Vianna Moog. A sua monographia, como a de Sud Mennucci, representa contribuição original de

primeira ordem. Lê-se com encanto e até com grande proveito.

Os que se deliciam com a belleza architectural dos systemas — prazer reservado aos iniciados na philosophia — encontrarão na these do novel escriptor aquelles traços muito raros que costumam deixar *as orgias silenciosas do pensamento*.

Podemos não concordar com a these defendida sob a egide de Spengler, mas devemos reconhecer que o seu livro foi bem pensado e bem escripto.

ALCIDES BEZERRA.

O LIVRO BRASILEIRO EM PORTUGAL

Em carta recente, pede-nos o illustre escriptor portuguez Sr. Osorio de Oliveira, correspondente desta revista em Lisboa, que annunciemos ao publico brasileiro a sua vontade de incentivar o conhecimento do livro brasileiro em terras lusitanas. Por isso, por nosso intermedio vem solicitar a todos os editores, livreiros e autores que lhe remetam suas obras, para Portugal, onde os receberá em seu endereço:

Osorio de Oliveira — Largo do Contador Mór 1-a — 2. Dir. — Lisboa — Portugal.

Othoniel Belleza — *Eurythmia do Infinito* — Bello Horizonte.

Util é esta contribuição do sr. Othoniel Belleza a proposito de uma questão de linguagem de ha muito debatida por parte de mestres do vernaculo. Sem nenhuma pedanteria, apresenta elle uma argumentação que não deixa de interessar e conclue com muita logica dentro das premissas que offerece. Uma carta honrosa de Maximino Maciel, o grande grammatico tão justamente louvado pelo sr. José Oiticica, define bem os meritos desse opusculo, tão modesto quanto valioso.

Adolf Hitler — *Minha luta* — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1934.

Aqui está um documento precioso para o julgamento de uma das creaturas mais discutidas do momento que passa. Dado por uns como um ignorante pintor de liso, como um arrivista sem escrupulos, como um selvagem da Floresta Negra, mascarado de defensor do tradicionalismo racial, Hitler não tem deixado de seduzir milhares e milhares de allemães deslumbrados pelo seu programma de reintegrar a velha Germania na grandeza dos tempos do imperio. Este copioso volume de 578 paginas, intitulado *Minha luta*, fere, em tom biographico ou de um modo mais generico, innumerados detalhes attinentes ao hitlerismo, suas bases nacionaes e suas consequencias internacionaes.

Grimm — *Novos contos* — Cia. Editora Nacional. — S. Paulo, 1934.

Estas admiraveis narrações, magnificamente transpostas á nossa lingua pelo sr. Monteiro Lobato, reflectem bem a imaginação riquissima dos homens do norte da Europa. Em se tratando de recrear os garotos, encontram elles as mais engenhosas historias, para delicia dos filhos do campo e da cidade. Embora os educadores caturras, imbuídos de uma sciencia implacavelmente materialista, combatam essas invenções, fantasiosas, certo é que nunca faltarão entusiastas a livros desta natureza. E não só entre os fedelhos, mas também entre os adultos enfiados por tanta pedagogia austera...

Domingos Neves — *Manual do negociante* — Rio.

Os francezes sempre obtiveram grande successo com os seus volumes de iniciação á vida litteraria, á vida da sciencia, á vida das artes. O trabalho que temos á mão, do sr. Domingos Neves, destina-se a facilitar o accesso da gente nova ao duro trato dos negocios. Muito claro e sensato, esse manual parece-nos redigido por alguém que possui, no caso, a sabedoria da experiencia, talvez a mais completa e decisiva de todas.

Almir de Andrade — *La verdad sobre Freud* — Nueva Biblioteca Filosófica — Madrid, 1934.

Raros escriptores brasileiros podem ufanar-se da victoria que vem de obter o sr. Almir de Andrade: a de entrar, com pouco mais de vinte annos, numa collecção hespanhola em que figuram todos os grandes mestres da philosophia universal. Basta citar alguns nomes: Platão, Aristoteles, Plotino, Descartes, Leibniz, Emerson. E' honra das mais insignes, destinada a assegurar um immenso circulo de leitores ao nosso patricio, dada a expansão mundial da lingua, a que vem de ser transportada a sua obra. Amigos da intelligencia e do prestigio dos nossos autores em ambientes cada vez mais amplos, só podemos rejubilar com o exito do magistral estudo em que o sr. Almir de Andrade rebateu os excessos das theorias de Freud, fazendo-se, em plena adolescencia, um dos contendores do famoso psychanalista de Vienna.

Bugyja Britto — *Muralhas* — Editora Marisa — Rio.

O sr. Bugyja Britto é poeta de delicadas tintas romanticas, e em seus versos ha sempre a nota de um galanteio bem urdido ou de uma paisagem rural descripta com real colorido. Suas composições denotam grande facilidade de versejar, mostrando em certos momentos o rythmo e a cadencia, o desembaraço de quem muito versado já se encontra na arte da poesia. Seu volume, *Muralhas*, enfeixa produções de varias tonalidades lyricas, tendo sido acolhido pela critica patricia com um movimento de attenção dos mais significativos.

RAZÕES CONTRA A RIMA

A rima prejudica a verdadeira poesia.

— O verso dos grandes poetas é o verso branco.

— Muitas obras notáveis da litteratura portugueza são escriptas em verso solto, desde a *Castro* de Antonio Ferreira até o *Camões* de Garret, desde o *Naufragio de Sepulveda* até á *Constança* de Eugenio de Castro.

(De um artigo do sr. Julio Dantas)

Francamente dão que rir as iras do sr. Julio Dantas contra a rima. Acaso pretenderá fazer crêr que das semsaborias metricas que perpetrou a culpada é a rima?

O mais curioso — e não desprovido de certo sal de comicidade — é o açodamento de alguns jovens modernistas, futuristas ou penumbristas destas bandas em bater palmas á palinodia. Mais devagar, mocidade!

Certo, o sr. Julio Dantas abjurou a rima, o renegado! Mas atenção! Abjurou a rima, mas mantém integralmente o verso solto — *plaudite juventus!* — de Antonio Ferreira e Corte Real! Mantem o rithmo, a cadencia, a estrutura classica do verso branco da *Castro* e do *Naufragio de Sepulveda* “obras notáveis da litteratura portugueza”. Caspíte! Ainda bem que tudo não está perdido na canastra do Parnaso!

Mas falando a sério — si é possível tomar a sério o sr. Julio Dantas poeta — admira-me a semcerimonia, para não dizer o desaforo — com que se pretende inculcar por modelo aos jovens poetas do Brasil versos taes como os da *Castro* e do *Naufragio de Sepulveda*, que antes serviriam de argumento decisivo contra o verso solto e — seja dito de passagem — em geral contra toda especie de verso, sem omittir naturalmente o do sr. Julio Dantas.

Sem duvida, a rima não constitue uma necessidade fundamental do verso. Quem pretendeu jámais o contrario desde Homero e Virgilio? Que é uma disciplina e uma difficuldade — e diga-se para honra de todos os bons poetas que não é a unica que lhes offerece a technica da sua arte — admitte-se de boa mente. Mas pretender que a rima obriga a complicados “puzzles”, “periphrases”, “tautologias”, “digressões prolixas” e outras insanidades, alto lá! Como escreveram todos os grandes poetas — Dante, Petrarca, Ariosto, Camões, Goethe, Byron, Heine, Victor Hugo, d’Annunzio, Verhaeren, Mallarmé, Verlaine — os seus poemas immortaes sinão em boa rima sonante?

Onde haveria pedante que se atrevesse a sustentar (perdão! ha o sr. J. Dantas em Lisbôa!) que um terceto do Dante, uma oitava de Camões, uma estrophe de Goethe ganhariam em belleza, em clareza, em força de expressão, sem a disciplina da rima? Não seria antes de acreditar que adoptando a rima, o terceto, a oitava, uma forma determinada de estrophe, aquelles grandes poetas (sem offensa aos manes de Antonio Ferreira

e Corte Real!) quizeram voluntariamente accumular obstaculos e difficuldades de que sahiria finalmente triumphante a arte soberana?

A verdade, em summa, como já disse um poeta, é que a rima em si não é boa nem má. Aos tolos, sr. J. Dantas, suggere tolices; aos verdadeiros poetas bellos pensamentos e bellas imagens.

Mas que nos importam as razões do sr. J. Dantas contra a rima! São razões do sr. J. Dantas, boas para os versos do sr. J. Dantas. E que nos importa o sr. J. Dantas! que nos importam a mallograda *Castro* e o malfadado *Naufragio de Sepulveda*!

E que nos importa afinal a rima!

Com ella ou sem ella, os nossos poetas nascidos ou por nascer, aquelles dos nossos poetas que tiverem olhos para vêr e alma para sentir as maravilhas desta grande e formosa patria — note-se que não é uma esperança que se expressa aqui, mas uma certeza — saberão haurir os motivos rithmicos dos seus versos, as livres harmonias dos seus pensamentos, nas fontes mesmas da poesia borbulhantes de luz, alegria de viver e petulante confiança no futuro, que não são certamente as dos Antonio Ferreira e dos Corte Real.

E, excuso dizer, muito menos as do sr. J. Dantas.

ALBERTO RAMOS.

Erasmu Castro — *Não morreste, Pan!*... — Pernambuco, 1934.

São historias sertanejas de alguém que já escreveu numa revista aqui do Rio, ao lado do fino prosador de *Um sorriso para tudo*. O sr. Erasmu Castro utiliza-se com habilidade da materia plastica do conto e os seus retalhos de vida rustica não deixarão de interessar.

O ALLUCINADO PASSARO CAPTIVO.

*Em meu corpo vive a cantar
Um desejo esvoaçante como uma ave
E os que passam embevecidos se detêm
Para ouvir
Seus gorgeios palpitantes de azul e de ar...
Mas ninguém, dentre tantos, ninguém consegue
definir
O que diz ou o que chora
O allucinado passaro captivo...*

SI EU FOSSE JUIZ

*Si eu fosse juiz, de certo
Condennaria agora você, amigo
Por ter
Com a moeda falsa do seu sorriso
Retirado o socego do meu coração.
Si eu fosse juiz, de certo,
Dava-lhe agora o castigo
De ter
Nas grades dos meus dedos sua perpetua prisão.*

JUDITH NUNES PIRES

FLOR DE SOL

Heloiza Graça não irá para o calendario das santas, porque a justiça tem extranhos olvidos. Ficará na hagiographia irregular. Caso raro no chamado mundo christão, exerceu a bondade total.

Era um modo de Exercito de Salvação individual. Como este, e melhor que este, deu sem indagar se a fome e a dôr eram regulamentares, se traziam o sello da autoridade ecclesiastica, da lei civil, ou dos codigos sociaes. Como elle, dispensou ao soffrimento universal o pão, o tecto, e o medicamento. Porem, mais que elle, dipensou o riso. Emquanto a intervenção desta milicia não raro veio deitar uma nuvem sobre a festa dos que folgavam, Heloiza espalhava a melhor dadiva, — a da alegria.

Inconscientemente epicurista e franciscana, sentiu que a alegria é o supremo thezouro. *Servite Domino in laetitia*. E ella, que não fora contentada, vivia a distribuir contentamento.

Esta creatura solar, cujos olhos de violeta e cabellos de cobre irradiavam uma claridade que lhe envolviam a cabeça num halo, fazendo-me passar no ingenho resplendor metallico dos santos da minha infancia, tinha a bondade matinal das flores, das aves, das creanças. Operava por simples presença. Sua apparição era uma curiosa catalyse mental.

Não calculou nunca, e muita vez foi estoica. Sentia, como São Paulo, e poucos mais, que ha maior prazer em dar que em receber.

A relação dos seus beneficios daria um capitulo da *Légende Dorée*. Teria desta a simplicidade, a poesia, a grandeza.

Certa manhã, um pequeno mercador, que Heloiza mal conhecia, veio-lhe expor a sua angustia: estava ameaçado de ruina total, e de miseria para os filhos, se não pudesse pagar logo determinada somma. Ella não tinha o dinheiro. Não hesitou. Tirou do vestido uma *barrette* de brilhantes e entregou-lh'a para penhorar. Terminado o

prazo do emprestimo, sem uma palavra, ia pagar o juro da prorrogação, quando o homem lhe veio restituir a joia. Estava salvo.

Uma joven, della desconhecida, hostilisada pelo destino, buscando a unica estrada onde a sua coragem e a sua dignidade queriam encontrar o remedio, foi procural-a cheia de confiança. Heloiza recebeu-a fraternalmente. A nova amiga obteve o logar desejado para lutar, lutou e venceu.

Mas foram rarissimos estes casos que tiveram testemunhos completos.

Em geral sua humanidade era calada. Vivia a correr os hospitaes e as ruas de desolação. Porem suas expedições eram clandestinas, e quasi todas só aos beneficiarios se revelavam. Tudo fazia sem anotações nem publicidade, mesmo domestica, e de algum modo sem se dar conta do que fazia, com uma heroica infantilidade, uma abençoada imprudencia. Dava e esquecia.

Não contente com o seu pro-

prio esforço, mobilisava irresistivelmente a dedicação dos amigos. Nesta missão de contentamento, sua ditosa humanidade dominava todas as influencias penosas. Mesmo as ordenadas pela sympathia ella as suffocava serenamente. Heloiza, cuja intelligencia não hesitava, cuja linguagem sabia ousar, no descuidoso desdem da maledicencia que lhe dava a sua profunda e altiva rectidão, Heloiza tinha um singular pudor do seu soffrimento, um minucioso receio de perturbar com elle os seus amigos.

A Vontade de Alegria fez della alguem á parte. E nunca vimos desmentir-se esta inspiração magnifica, transformando tudo em affirmação e força. Defendendo-se, defendia as suas amizades, creava uma atmosphaera de humorismo generoso inconfundivel. Unica, ou quasi, soube realizar brincando os trabalhos de maior gravidade.

Não ha muitos dias, encontrando-a na Avenida Atlantica, achei-lhe o aspecto fatigado, reclamei, aconselhei repouso. Respondeu-me laconicamente que tinha que fazer. Nem a hora nem o vestido eram de occupações mundanas. Compreendi que ia a uma de suas excursões de caridade. E temendo que eu lhe notasse o abatimento, e sentisse, mais do que bem senti, o peso de seu mal silencioso, disse numa grande risada uma pilheria, entrou num omnibus, lá se foi aos donatarios desconhecidos. Tive um momento de inquietação. Mas logo me voltou a confiança. A morte é sempre inverosimil. E a desta creatura prodigiosa de vitalidade parecia inconcebivel. Tal me parece ainda, incrivel contra a realidade.

Aquelle cuidado de afastar imagens tristes foi com ella até ao fim. Nos ultimos dias pediu que a amortalhassem simplesmente, que lhe cobrissem o corpo de flôres, e sem pompas o levassem para o jardim, para o meio das arvores e das aves.

O maravilhoso poeta que foi Graça Aranha reapareceu aqui mais uma vez.

TRISTÃO DA CUNHA.

2 LIVROS NOTAVEIS

ENCERRARAM O ANNO EDITORIAL DA

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

(Rua Sete de Setembro, 162)

JOAQUIM NABUCO

MINHA FORMAÇÃO — 8\$

ARTHUR RAMOS

O NEGRO BRASILEIRO — 10\$

ESTAS OBRAS REPRESENTAM UM DOS MAIS ELEGANTES, LUMINOSOS E SOLIDOS MONUMENTOS DA CULTURA NACIONAL.

ETHNOGRAPHIA E PSYCHANALYSE

Ao rumor da cuica, a toada negra está descendo dos morros, despertando em cada um de nós heranças seculares e tendencias atavicas, evocando, com ou sem o concurso do radio, as nossas origens anthropologicas, ferreteando a pelle eburnea, modificando um pouco o indice cephalico dos nossos dolico-louros. Emfim, e o que é peor: atormentando os que têm mais o que fazer. Sem a surdez proverbial das portas, vão, ou quasi, é todo proposito de trabalhar, de ler, de escrever, de pensar, dentro desse pandemio. Uma pagina de Kant? O problema das relações entre a psychologia e a sociologia? entre a economia politica e o direito? A cuica está roncando... O conceito de soberania? A inquietação contemporanea? O problema moral? A cuica está roncando...

E' nesta altura que nos chega ás mãos *O Negro Brasileiro*, do sr. professor Arthur Ramos, obra cuja leitura, dado o thema — negros candomblês, macumbas, catimbós — parece especialmente indicada para esta quadra estival em que tressuamos. Mas, dado o thema, sómente. Porque *O Negro Brasileiro* é um livro serio, cheio de sciencia. E de sciencia difficil. Ethnographia e psychanalyse, ou antes, a psychanalyse a serviço da ethnographia. Está-se a ver, já ahi, o *Totem e Tabú*, de mestre Freud, como inspirador da obra do sr. dr. Arthur Ramos. E ainda bem. Porque hoje quem, cultivando a sciencia, não é psychanalista, abre mão, imperdoavelmente, de um instrumento precioso para notaveis descobertas, de uma chave para a solução de graves problemas, de um meio de explicação de insondaveis mysterios.

E' simplesmente confrangedora, essa obstinação com que alguns adeptos de doutrinas famosas se fazem cegos e surdos deante de toda critica, por mais bem fundada que seja, e continuam, fechados em igrejas, dogmaticos e fanaticos, na affirmação do indemonstrado. Esse tem sido o caso dos positivistas, dos evolucionistas, dos marxistas, e está sendo, agora, o dos discipulos de Freud. Com uma constancia proporcional á obstinação supra-referida, pensadores e criticos eminentes têm separado o joio, do trigo, a ganga do minerio, o falso do verdadeiro, a ver se elles se decidem, um dia, a *entendre raison*. Em vão, porém! O mestre disse e basta. Quantos espiritos superiores vão sendo, assim, tragados na voragem do dogmatismo, é o que é facil verificar e triste observar. Se ao menos os psychanalistas, que em geral são medicos, se dignassem de olhar, introspectivamente e com olhos de clinico, para o seu proprio caso delles...

Caso que parece ser, um pouco, o do sr. dr. Arthur Ramos. Dizemos "um pouco", porque, por outro lado, elle procura conciliar pontos de vista diferentes, doutrinas diversas e assume com isso uma posição especial, toda sua. Desgraçadamente, trata-se aqui de doutrinas que se excluem. E', pois, um eclectismo hybrido, esse com que o illustre discipulo de Freud junta no mesmo sacco o

mestre e outros theoricos, sem que deixe, por outro lado, de constituir verdadeiro regalo para o leitor esse desperdicio de erudição com que elle se apoia não só nas differentes escolas ethnographicas, mas ainda no que escreveram litteratos e diletantes, no folk-lore e especialmente no que viu e ouviu. Porque ainda lhe sobra tempo, a esse decorador de livros que nos parece ser o Prof. Arthur Ramos, para observações e pesquisas pessoas, ás quaes *O Negro Brasileiro* deve, a nosso ver, as suas melhores paginas.

Fóra da psychanalyse, um dos autores "do peito" do sr. Arthur Ramos é Lévy-Bruhl, cujas obras elle cita amiude e cujas conclusões acceita francamente. Como se tal não bastasse para nosso espanto, vae mais longe o psychanalista bahiano e declara, logo de inicio, que "a psychanalyse continúa e completa as luminosas vistas da escola de Lévy-Bruhl". Affirmação temeraria, que logo nos aguça a curiosidade e faz que, todo attenção, acompanhemos o autor pagina a pagina, a ver como isso se prova.

Mas não se prova. Figura conspicua da escola sociologica franceza, discipulo de Durkheim, Lévy-Bruhl, parte do "social", isto é, destes postulados: — que os estados psychicos collectivos não são os mesmos que os estados psychicos individuaes, ou, como está em *Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures*, pag. 2, que "as representações collectivas têm suas leis proprias, que não se podem descobrir pelo estudo do individuo"; que o individuo não constitue sua experiencia nem disciplina sua razão por si mesmo, mas, ao contrario, as recebe já promptas da sociedade em que vive; que a mentalidade primitiva se oppõe á nossa como typo social, como grupo, e jamais como individuo, porque psychophysiologicamente as differenças entre o primitivo e o civilizado são apenas de grau e não resistem a um confronto com as numerosas similitudes; que os dois typos individuaes são, sim, differentes, mas em virtude, tão só, da differença entre os dois typos sociaes; que, pois, transpostos os lindes da psychophysiologia, é da complexidade, é da natureza propria das sociedades de que fazem parte e de que não podem deixar de fazer parte, que os individuos recebem sua originalidade psychica. Esse, o ponto de partida de Lévy-Bruhl.

Ora, a psychanalyse parte justamente do individuo, das tendencias individuaes, entre as quaes figura em primeiro plano o appetite sexual sob a forma da "libido", isto é, do instincto vital e da busca do prazer em geral, tendencias que, recalçadas, geram os complexos, os actos fallhados, os sonhos, as nevroses, as derivações e as sublimações, phenomenos, todos, individuaes. Insatisfeita, porém, com esses effeitos, a psychanalyse pretende — e é o seu erro — exorbitar ambiciosamente do ambito individual e interpretar phenomenos especificamente sociaes — costumes, cren-

ças, representações collectivas, numa palavra: as instituições.

A consequencia dessa diversidade de pontos de partida e de pontos de vista é que, enquanto para Lévy-Bruhl o mytho resulta de uma interpretação mystica das forças moraes que emanam da sociedade, da vida em commun e que dominam o individuo, para Freud (*apud* Arthur Ramos) o mytho se explica pela *Allmacht der Gedanken*, pela "libido narcisica" e seria uma projecção do mundo subjectivo de desejos do primitivo, uma criação do seu inconsciente; enquanto para Lévy-Bruhl o totemismo é, em ultima analyse, um symbolismo imposto pelo facto de que as representações collectivas, são formadas com o concurso de symbolos, "para Freud o systema totemico teria nascido das condições do complexo de Edipo"; enquanto para Lévy-Bruhl a lei de participação, como aliás toda a mentalidade primitiva, tira sua origem de necessidades sociaes, vem do grupo através da religião, para o Professor Ramos ella "é um corollario dessa extraordinaria confluencia do eu-unico com o universo circumdante", a qual, por sua vez, "deriva desta consciencia primitiva de poderio narcisico".

Como é, então, que uma doutrina continúa e completa a outra, se ellas ficam *ululantes de se acharem juntas*?

Para chegar a alguém a semelhante conclusão, é preciso não ter penetrado o espirito da obra de Lévy-Bruhl e desconhecer em sua essencia a escola sociologica franceza. E é isso o que parece ressaltar de mais de uma passagem de *O Negro Brasileiro*, mas sobretudo deste trecho de paginas 205:

"A representação que, para o civilizado, é por excellencia um phenomeno intellectual ou cognitivo, intervindo em pequena conta os elementos emocionaes e motores, para o selvagem está impregnada, antes de tudo, por estes ultimos elementos. E como estas representações são communs aos membros de um determinado grupo social, emigram do individuo e lhe sobrevivem, transmitindo-se de geração em geração, deu-lhes Lévy-Bruhl o nome de representações collectivas."

Salvo o caso de havermos treslido, ha nesse paragrapho nada menos de tres equivocos. Em primeiro lugar, as representações collectivas não derivam directamente das representações individuaes pelo simples facto de se tornarem communs aos membros do grupo; mas, ao contrario, existe entre as primeiras e as ultimas uma differença de natureza, sendo aquellas o resultado das acções e reacções que entre si exercem as consciencias individuaes ao se communicarem por meio de signaes, gestos, movimentos, ou sejam os symbolos, de que atrás falámos. Em segundo lugar, as representações collectivas não são, como essa passagem insinua, peculiares, ao selvagem apenas, mas constituem o facto social por excellencia e a realidade moral de toda e qualquer sociedade, primitiva ou civilizada. Finalmente, não foi Lévy-Bruhl quem lhes deu, a essas representações, o nome de collectivas e, se fosse, não seria pelo mo-

tivo allegado. "Representações individuaes e representações collectivas", tal é o titulo de um muito conhecido trabalho publicado na *Revue de Métaphysique et de Morale* em 1898 por Emile Durkheim, doze annos antes da primeira edição das *Fonctions Mentales*. E a proposito: é de estranhar que num livro sobre ethnographia, magia, religião, totemismo, sociedades primitivas, etc. como é *O Negro Brasileiro*, não haja a mais ligeira referencia a este ultimo autor, citado por gregos e troianos, dada a sua autoridade em taes assumptos e cuja obra *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, se lida pelo Prof. Arthur Ramos, lhe teria poupado, talvez, esses e outros escorregões.

"O sacerdote primitivo é ao mesmo tempo o mago e o *medicine-man*". (pag. 129). Duvidamos. Se bem que a religião, como se lê na mesma pagina, esteja intimamente unida á magia e não possa ser concebida uma sem a outra, contudo religião e magia se distinguem, como se distingue do mago o sacerdote. E ao contrario do que diz ainda ali o autor, é a religião e não a magia, que é um phenomeno social typico. E' que a religião une em uma mesma comunidade moral todos os que a abraçam. Chamando igreja a essa comunidade, pode dizer-se que não ha religião sem igreja. Donde o caracter eminentemente social da religião. Ora, a magia não apresenta esse caracter. Não ha igreja magica, diz Durkheim. A magia serve-se, como a religião, das cousas sagradas, mas para profanal-as. Embora contando, ás vezes, numero consideravel de praticantes, esse "grupo" de praticantes não apresenta o caracteristico social, os individuos que o compõem não se acham unidos em um corpo moralmente uno, irmanados por uma fé commun. E enquanto o sacerdote invoca regularmente as forças impessoaes ou espirituas que constituem para os primitivos as causas dos phenomenos, observando estrictamente um ritual e praticas collectivas caracteristicas de toda religião, o mago, ao contrario do sacerdote, age sobre taes forças isoladamente, por praticas irregulares, sem culto nem igreja e segundo formulas só delle sabidas. O *Aprendiz feiticeiro*, de Goethe, é uma illustração disso. Justamente porque é uma pratica prohibida pela sociedade, individual e visante a vencer as forças a que se submete o grupo, é que a magia é a transição da religião á sciencia. E' o que demonstraram eloquentemente Durkheim na obra citada e Hubert e Mauss em sua celebre *Théorie Générale de la Magie*. Hubert e não Herbert, como chama ao primeiro o Prof. Arthur Ramos, não sabemos porque...

Essas, ahi acima, as falhas que albinizam *O Negro Brasileiro*, que fazem delle um negro asso, desebanizado. Ha ainda outras menores e poderiamos, por exemplo, observar que o facto de haver tambem, nos terreiros, "sacerdotizas femininas" (pag. 43) não precisava ser mencionado, porque o extraordinario seria que houvesse tambem sacerdotizas masculinas; que o termo "symbiose" (pag. 122), como synonymo de identificação de N. S. da Penha com Aguará, não está muito certo;

que “envultamento” (pag. 139) não chega a ser uma traducção de “envoutement”; que a saga é exclusivamente escandinava e, assim, “a saga de Prometheu” (pag. 209), em lugar de “a lenda de Prometheu”, é má traducção do allemão “die Sage”... E’ verdade que isso são cousas minimas ou, como se disse, “sem maior importancia”. Seja como fôr, não as quizeramos ver, estas falhas e, muito menos, as outras, mais graves, em livro que representa um esforço serio, uma intenção louvavel de contribuir para a cultura nacional, para o conhecimento da influencia do negro, do que vem do negro na formação da mentalidade do nosso povo, para a constituição, emfim, de dados que permitam a formulação e consequente solução de nossos problemas sociaes. Não as quizeramos ver ao lado de paginas como essas da introdução, onde, á parte aquelle trecho sobre Lévy-Bruhl e a psychanalyse, tudo é optimo; nem ao lado de capitulos como esse referente á possessão fetichista, no qual se sente bem que o psychiatra está *at home*; capitulo tecnico e substancioso, tendo, aliás, muito pouco que ver com o negro brasileiro.

E que dizer da discriminação anthropogeographica das tribus africanas, promettida para livro proximo mas já neste esboçada, senão que corrige, como se impunha, muito erro alheio? Que dizer do syncretismo religioso, senão que é muito bem observado e melhor explanado? Que dizer, finalmente, de toda essa parte informativa da vida religiosa dos negros e mulatos brasileiros, senão que é interessantissima e a melhor cousa do livro? Aludimos aqui, porém, ao exclusivamente descriptivo. Sem Ids, nem Egos, nem Super-Egos; sem complexos de Edipo, nem de castração, sem angustias libidinosas, nem libidos narcisicas; sem androgynismos, nem hetairismos. E isso porque uma cousa é a sociologia e outra a psychologia, inclusive a “profunda”. A “Sexualsoziologie” dos mestres allemães do Prof. Arthur Ramos é, por definição, um não-sentido.

V. DE MIRANDA REIS

Eurico de Góes — *Uma festa á Luz XV* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Os amadores de livros bem impressos e bem illustrados não deixarão de adquirir este lindo volume em que são finalmente ornados de graciosas vinhetas os attrahentes alexandrinos do poeta bahiano Eurico de Góes, ha tanto tempo domiciliado em terras paulistas. Este harmonioso sainete em verso relembra, em imagens cantantes, os periodos verdadeiramente classicos da aristocracia mundial. O autor, que é um discipulo attento dos methodos fantasiosos de Rostand e Banville, derrama-se em louvores a tudo quanto lhe traga á memoria as pompas decorativas dos salões do Rei-Sol. Perdido numa época de prosa democratica, esse bibliophilo de fino gosto compraz-se em imaginar ambientes sumptuosos onde patricios nossos renovem, em competição de galanteria, as dansas e os idyllios de Versalhes. É um livro para lêr e para guardar numa bibliotheca de luxo.

Adelmar Tavares — *Á luz do Altar* — Rio.

Mesmo escrevendo prosa, o sr. Adelmar Tavares sabe manter-se inalteravelmente poeta. Sentimol-o sempre o lyrico dos primeiros tempos. Ainda quando fale de professores de direito e de outras sciencias aridas, o seu coração de tal fórma se mescla ao assumpto que tudo se converte em motivos para effusões puramente poeticas. Tratando, por exemplo, de seu mestre e amigo Esmeraldino Bandeira, de facto um dos pri-

meiros juristas e um conceituoso aphorista do nosso paiz, o sr. Adelmar Tavares, ao invés de embrenhar-se em ostentações eruditas, que não lhe seriam difficeis, sendo como é um magistrado dos mais cultos, prefere embevecer-se nas recordações da juventude, quando aprendia, sob a vigilancia daquelle orientador da gente nova e em meio a uma deliciosa alegria bohemica inspiradora de tantos bailaricos pelos arredores de Recife ou de tantas serenatas descuidadas pelas aguas do Capiberibe. E esse dom de impregnar de ternura todos os themas que lhe afloram á penna é que faz do sr. Adelmar Tavares uma especie de confidente do nosso espirito, capaz de articular, de interpretar por nós, muitas coisas que analogamente ocorreram em nossos dias mais bellos e que não saberíamos talvez expressar com a delicadeza, a gentileza com que elle o faz.

J. F. de Almeida Prado — *Primeiros Povoadores do Brasil* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Sendo homem de vida desafogada e não lhe faltando recursos para apoderar-se de um vasto peculio de documentos sobre o Brasil colonial, o sr. J. F. de Almeida Prado não teve embaraços em apresentar-nos a vultosa bibliographia que tantas paginas occupa ao final deste volume. Mas uma existencia commoda e recursos monetarios não bastam para erigir-se algo de duradouro quando não se possui o gosto da cultura, o senso definidor dos factos, a comprehensão das almas e episodios de outrora. E o sr. Almeida Prado tem esse gosto, esse senso, essa comprehensão. Dahi o relevo do seu trabalho, que não é apenas enumerativo, mas fortemente critico, filiando-se á bôa litteratura historica. Os desbravadores do Brasil encontraram, no caso, alguém que não lhes desconhece nenhum pormenor suggestivo. As referencias aos judeus são, particularmente, de um psychologo que procura e encontra sempre, no documento antigo, aquella finalidade moderna que faça realmente aproveitar aos vivos a lição dos mortos.

Arthur Augusto — *Romance de Ignez de Castro* — Edições “Momento” — Lisboa.

É uma interpretação da vida e morte da “misera e mesquinha”, da linda mulher que só reinou posthumamente, feita por um escriptor moço e desabusado, que ataca as academias lusas nas paginas de uma revista borbulhante de vida e sabe insurgir-se contra as falsas glorias, mais ou menos juliodantescas, da sua nobre terra. Embora visceralmente moderno, dando uma adhesão plena a tudo quanto seja renovação litteraria em Portugal, o sr. Arthur Augusto quiz, neste romance, provar que não lhe era difficil escrever á moda de Quinhentos ou Seiscentos, utilizando-se tambem do archaismo quando isso lhe aprouvesse. Tal qual Eça de Queiroz no famoso episodio do ancestral dos Ramires e mais ou menos como o nosso Alencar ao reviver episodios coloniaes do Brasil, aquelle intrepido combatente das lettras lusas soccorreu-se da fórma classica para crear a sua Ignez de Castro, mas infundiu-lhe uma vibração, uma palpitação, um entusiasmo sentimental que são bem nossos, de um lyrismo nitidamente contemporaneo. O livro não tem ranço de archivo ou convento e marca uma personalidade litteraria das mais significativas.

ARRANHA-CEU

*Senhor,
porque me abandonaste sozinho
neste ultimo andar de arranha-céu?*

*Se todas as portas estão fechadas para mim,
se todos os elevadores estão parados para mim,
porque me abandonaste sozinho?*

*Lá fóra, a rua cheia de autos é um convite extranho.
— um convite que extranhamente ainda não quero
seguir.*

Porque me abandonaste sozinho?

AZEVEDO CORREA

De Nova York

CABINE DE PROJEÇÃO

Ninguém mais fervoroso admirador do cinema de Hollywood do que eu, porque sei que foi o americano, inovador e renovador de tantas coisas, que libertou a mais nova das bellas artes da camisa-de-força em que a tinham mettido italianos e francezes. Pondo para um lado aquelle geitão dramatico que era, para elles, o panno de amostra de uma alta cultura — a "Tosca", tragica, apunhalando Scarpia, que vinha abaixo arrancando um mundo de cortinas, ou os dramalhões domesticos, *made in France*, urdidos em derredor do indefectivel leito conspurcado — o americano deu alma nova ao cinema, que dahi por deante começou a nos revelar a vida por moldes menos convencionaes, enriquecendo-o ainda dos necessarios artificios da *iris*, das deslocções de camara, dos *dissolvings* que tanto suavizaram as transições do entrecho; fazendo *fade-ins* e *fade-outs*, dando-nos scenas magicas em transparencia...

Foi o americano, tambem, que pôz na téla a mulher realmente bonita, os chamados *typos knock-out*. Graças á procura que no mercado do filme têm hoje esses bons "pedaços", já o cinema europeu, allemão ou francez, cuida mais da linha de suas estrellas. O cinema russo, que se especializou em generalizar o feio, insiste na sua preferencia pelos barbaças e desdentados, o que talvez tenha dado motivo ás dentaduras de ferro, de que falam recentes telegrammas de Moscou.

Quando um galan de Hollywood diz á sua dama: *You are beautiful!* — a gente vê que não ha por onde discordar. E' bonita um bocado! Lembro-me de uma fita de Pittaluga, com aquelle impossivel Maciste, na qual, falando por meio de um letreiro bombastico, dizia o galan que a estrella era "a mulher mais formosa do mundo", quando na realidade não passava de uma pobre diaba que havia andado por dentro de sete mil pés de

filme sem nunca mudar o vestido.

Cumpre tambem louvar o americano por ter imposto ao mundo o cinema falado, forçando-o de goela abaixo como quem dá oleo de ricino a uma criança enfezada. Os paizes conservadores, muito satisfeitos com o filme de outróra, não viam nenhuma vantagem na innovação. Queriam ficar naquillo, com todas as portas fechadas á musica e ao canto. Achavam melhor entender os mudos por meio de signaes do que assistir a divertidas aulas de Berlitz...

Mas, por outro lado, ninguem menos tolerante com Hollywood, quando Hollywood dá em fazer besteira.

O facto é que hoje, de posse de uma instrumentalidade enorme — os technicos e todos os recursos economicos e artisticos de que dispõe o cinema americano, já não ha desculpas para os máus filmes. A propria industria (ou arte, quando do mercantilismo se liberta) creou em nós, apreciadores do seu producto, um senso critico bastante apurado, e agora, nesta altura da sua evolução, não mais lhe podemos perdoar as tolices da pequena idade.

Quando um filme é ruim, não o é porque seus interpretes trabalhem mal (e quasi todos são impeccaveis, até as crianças, como essa admiravel Shirley Temple), ou porque as montagens sejam defeituosas, o material de má qualidade; tampouco importa que o cinegraphista tenha apanhado uma scena de amor de maneira menos carnal do que permittiam as possibilidades sexo-appellantes da estrela. Esses senões, que nem sempre se repetem, seriam desculpaveis. O que torna algumas fitas de Hollywood deveras detestaveis (e o facto applica-se ás de qualquer procedencia) é a falta de ideia, o assumpto banal, a vulgaridade insulsa levada á conta de cinema.

Muita musica bulhenta, canções destemperadas, um argu-

mento cretino, rapazes e pequenas como chronicos estudantes de fancaria — e lá vem um filme que nos deixa com vontade de ir dynamitar o studio. Erro de technica? Máus interpretes? Photographia descuidada? Nada disso. Falta de ideia, ausencia absoluta de tutano mental!

E não se diga que para ser bom, para que agrade, um filme precise de que nelle se emborquem rios de dinheiro. Ha filmes de recursos materiaes modestos, que pela simples razão de desenvolverem uma ideia, sobrepassam as camadas "supers", em que se malgastam centenas de milhares de dólares.

Exemplo de filme sem grande luxo, que vence pela trama bem cuidada, é "Crime sem Paixão", que a Paramount adquiriu de productores independentes para exhibir no estrangeiro. Estreado em Nova York, onde foi bem recebido pela critica, não attrahiu entretanto o publico que se esperava. Mas Nova York é famosa por essas incompreensões. Não fracassaram aqui filmes esplendidos ("Não Matarás" era um delles) que foram recebidos com elogio em outros paizes? "Crime sem Paixão", não comprehendido nos Estados Unidos, está despertando grande interesse em Londres e Paris.

Sem o estardalhaço de pequenas nuelas, sem a musica espevitada que passa do *écran* para o bico dos moleques de rua, "Crime sem Paixão", de esplendido manejo de camara, é original até na apresentação, que é feita por meio de uma bonita allegoria de sons e imagens. O titulo do filme surge muito depois de começada a projecção, como parte desse prologo symbolico.

E' a historia de um grande advogado — o dr. Lee Gentry — que á força de estudar os criminosos que salva da cadeira electrica, adquire o habito, ou melhor o mania de dissecar psychologicamente as pessoas de sua amizade, principalmente as mulheres. E' uma dessas, Carmen Brown, cantora de um cabaré,

que elle fere casualmente e pensa a ter matado. Começa então a "armar sua defesa" como quem arma uma arvore do natal: perde propositadamente as luvas num cinema para provar que lá estava quando se deu o crime; busca encontrar-se com amigos, passa telegrammas á "morta" e de outros logares manda-lhe flores. Por fim, protegido por tantas "provas", vae calmamente ao cabaré onde dansava Carmen, para completar o seu plano escapatorio. E' ahi que lhe sobrevém o golpe tragico da fatalidade: mata, de facto, o ex-amigo da bailarina, do qual a havia roubado, e quando o vão levando preso, vê então sahir á scena, dansando, a pequena de cuja morte apparente elle andára como louco a architectar tão meticulosa defesa. Não pode acreditar em seus proprios olhos. Será ella, Carmen, a que elle deixára por morta, no quarto, depois daquelle disparo de revólver?

E elle, que para os crimes alheios sempre havia encontrado attenuantes, para o seu, um crime feio, sem paixão, perpetrado deante de tantas testemunhas, não encontra defesa!

Descripta, assim, em duas palavras, despida dos adereços de linguagem e sem os incidentes que se entremeiam na historia principal, a fita não parecerá conter nada de extraordinaria. Mas, na tēla, é formidavel. Prende-nos a attenção por completo. Esse dr. Gentry, interpretado por Claude Rains, o mesmo que fez "O Homen Invisivel", tem muito da intrincada psychologia de um typo de Eugene O'Neill, aquelle Dyon do "The Great God Brown". E' genio que se retrata pela pinta dos olhos. Revela tamanha intelligencia que mete medo, não só a Carmen, como a nós, que o seguimos de fóra. Na parte technica, tambem, ha traços do theatro de O'Neill, no "Strange Interlude", pois, ao commetter o primeiro crime, divide-se o advogado em duas personagens: o dr. Gentry, autor da supposta morte, e a visão do seu genio, aquelle "demonio" que vivia no homem, a qual o segue passo a passo, in-

dicando-lhe as precauções a tomar, e é ella, ante a tragedia do crime real, que procura induzilo, sem ser attendida, á escapula unica do suicidio.

"Crime sem Paixão", filme que não faz alarde de ser nenhum "grande espectáculo", é comtudo um grande filme, porque, com ser cinema da melhor qualidade, que não sacrifica a imagem ao vozerio tōlo de dialogos sem sal, gravita em torno de uma ideia admiravelmente bem trabalhada.

Ninguém de certo desejaria ver o cinema produzindo só filmes de thèse, rigidos e circumspectos. Mas, como na tēla cabe tudo, não nos faz nenhum mal, uma vez por outra, um assumpto serio, fóra do commun das fitas.

ARTHUR COELHO.

H. Rider Haggard — *Myriam, a virgem das perolas*. — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Mais uma excellente traducção destinada a divulgar entre nós um dos mais prestigiosos escriptores de lingua ingleza dos ultimos tempos. Rider Haggard, que começou a impôr-se ao nosso publico através de uma soberba adaptaçāo de Eça de Queiroz, vê-se assim ampliado o numero dos seus leitores. Sabe-se que poucos exploram como elle assumptos que dizem respeito ao Continente Negro e que o seu dom de fabular se completa no vigor narrativo que é uma das forças da gente britannica.

Boris Pilniak — *O Volga desemboça no mar Caspio*. — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

Rompendo com o eterno romance do adulterio e da aventura sentimental rasteira, a narraçāo de Boris Pilniak nos transmite uma impressāo absolutamente nova: a lucta da technica com a natureza. E' o poema das turbinas e das engrenagens, do engenho humano dominando a força dos elementos e revertendo-as em beneficio da humanidade. Trabalho bastante caracteristico da litteratura proletaria que vae empolgando tantos cerebros novos. Quanto á traducçāo, muito escrupulosa, é de dom José Paulo da Camara, filho do eminente escriptor portuguez dom João da Camara.

Gustavo Dale — *Homem Novo*. — Editores Gaspar Silveira & Companhia. — Rio.

Presumimos tratar-se de um estreante muito joven. Si fôr assim, não temos duvida auspiciar um bello futuro litterario a este escriptor que se apresenta culto, preocupado com os effeitos da boa prosa, seriamente interessado por todos os problemas da alma profunda.

PREMIOS LITTERARIOS NA FRANÇA

Já noticiamos no numero passado que o premio Goncourt de 1934 coube a Rogert Vercel (de seu verdadeiro nome Roger Cretin) pelo seu bello romance *Capitain Conan*.

Vejamos, agora, os outros felizes laureados do anno que se acaba de findar.

As preferencias do grupo Femina-Vie Heureuse foram para Robert Francis, jovem engenheiro que, em 1933, lograra extraordinario exito ao estreiar-se com o romance *La grange aux trois belles, roman-fleuve* que não se estancou ahi, pois que os dous livros que se lhe seguiram, *La maison de verre* e *Le bateau refuge* (este ultimo premiado agora), retomam os themas iniciados no primeiro volume.

O premio Theophraste Renaudot foi dado a Louis Francisco pelo seu romance *Blanc*, que tem tido a melhor critica e a respeito do qual Ramon Fernandez, pelas columnas de *Marianne*, traçou um interessante folhetim.

Marc Bernard foi o escolhido pelo Premio Interalliado. Anny, o seu romance, editado pela *Nouvelle Revue Française*, é um estudo de profunda analyse psychologica.

No terreno da prosa, houve ainda o premio da *Academie des Deux Magots*, não ha muito estabelecida em Paris e da qual fazem parte alguns escriptores originaes e independentes. Este jury visa galardoar aquellas obras que pela sua ousadia ou mesmo escabrosidade não poderiam ser applaudidas pelas outras academias, por demais... academicas. Foi contemplado em 1934 o romance *Monsieur Jean, ou l'amour absolu*, da autoria de G. Ribemont-Dessaignes, e a respeito do qual se externou longamente Edmond Jaloux, fazendo-lhe muitos elogios, num dos seus ultimos rodapés, das *Nouvelles Litteraires*.

Quanto aos poetas, não foram tambem esquecidos. Henry Dérieux, com o seu volume *Le regard sur le monde* obteve o premio Buguet, da Société des Gens de Lettres e a Fernand Mazade coube o Premio Lasserre.

COLECCÃO "PROBLEMAS POLITICOS CONTEMPORANEOS"

Os quatro primeiros volumes desta collecção já lhe asseguram um exito definitivo. O primeiro é de Miguel Reale e analisa as varias modalidades do Estado moderno: liberalismo, fascismo e integralismo. Duas edições dessa obra tomaram logo o caminho dos melhores leitores do paiz. O segundo e terceiros volumes, da autoria de Plinio Salgado, estudam vibrantemente o soffrimento universal e a formação de uma nova humanidade em que os postulados de justiça se sobreponham á ganancia desta falsa éra democratica. Finalmente, a quarta publicação é tambem de Miguel Reale e examina com segurança os fundamentos da politica burgueza, lançando uma critica severa que não deixará de impressionar a quantos acompanham a clinica dos males sociaes.

DE LISBOA

BALANÇO DUM ANNO LITTERARIO

Agrippino Grieco que, devido talvez ao sangue italiano, tem certo parentesco intellectual com o Papini das *Stronature*, escreveu ha quatro annos um artigo intitulado *Decadencia*, em que dizia que todas as litteraturas floresciaam e só a portugueza morria a mingua de talentos e de espirito novo. Pediram-me que respondesse eu a esse artigo, por ser o portuguez mais isento de qualquer susceptibilidade deante das attitudes da intellectualidade brasileira para com a antiga metropole. Mas não respondi, primeiro, porque não queria dar a impressão de falar em nome da vaidade nacional offendida; segundo, porque na critica litteraria admitto todos os pontos de vista; terceiro, porque conhecia o espirito verrinoso do autor, e sabia que elle tinha escripto de proposito para irritar os portuguezes; quarto, porque eu proprio não acreditava que estivessemos atravessando, nas lettras, um periodo muito brilhante.

As razões allegadas por Grieco eram mal escolhidas e demonstravam imperfeito conhecimento da nossa actividade litteraria, além de só por acinte se poder dizer que Portugal era, no mundo, a unica excepção. O mal dos outros não consola ninguém, mas a verdade é que nem todos os paizes estavam, ou estão, em plena renascença litteraria. Além disso, não creio que uma nação viva possa decahir, o que se chama decahir, litterariamente. Ha periodos de esplendor e periodos mais apagados, mas não porque o genio dos povos siga uma curva descendente inevitavel. Não houve razão alguma para que, de repente, surgisse em Portugal a extraordinaria geração de 70, como não ha motivos para a nossa actual pobreza de valores. Por acaso, positivamente por acaso, nasceram na mesma época Anthero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Por acaso, só por acaso, não temos presentemente um nucleo numeroso de homens superiores no pensamento ou na criação litteraria.

Mortos Raul Brandão e Antonio Patricio, apenas ficou vivo um grande artista da prosa: Teixeira Gomes. Mas esse é o sobrevivente duma geração que vem de Fialho de Almeida, e, sendo muito embora o nosso maior estylista, não é um renovador, mas o ultimo representante duma época extincta. O mesmo se póde dizer, na poesia, dos dois ultimos membros da geração symbolista: Eugenio de Castro e Alberto Osorio de Castro. Da geração saudosista só uma figura se mantém de pé, pela persistencia e pelo indiscutivel sopro poetico que a anima. Refiro-me a Teixeira de Paschoaes, que, de resto, se entrega á reedição das suas obras, como se não tivesse novos canticos para nos dar. A obra que publicou este annos, *São Paulo*, é em prosa, muito embora o pensamento do autor, seja, como sempre, o dum poeta. E' esse, mesmo, o defeito dum livro que pretende dar uma idéa nova do fundador da Egreja.

Foi pobre para dizer a verdade o anno litterario de 1933-1934. Julio Dantas publicou *As inimi-*

gas do homem, mais um daquelles livros em que vem malbaratando o seu talento. Anthero de Figueiredo deu-nos um volume de "typos e casos", *Miradouro*, em vez duma nova evocação historica. Os poetas Antonio Corrêa de Oliveira e Afonso Lopes Vieira têm estado silenciosos, preparando, o segundo, o seu *Memorial dum constructor de nuvens*. João de Barros não fez mais, ultimamente, que reeditar o *Anteu*. A geração integralista, que tem mantido a sua vibração espiritual graças á publicação das obras posthumas de Antonio Sardinha, deu-nos apenas, ultimamente, um volume de ensaios de Hyppolito Raposo: *Pedras para o templo*. O nosso melhor romancista, Aquilino Ribeiro, deu-nos, em vez de romance, um diario sobre assumpto morto: *E' a guerra*. Os outros romancistas conhecidos do publico: Manoel Ribeiro e Ferreira de Castro, nada produziram, nem facilmente poderão ultrapassar os exitos obtidos com *A cathedral* e *A selva*. Teixeira Gomes, que ainda não ha muito nos deu admiravel volume de critica de arte: *Cartas a Columbano*, limitou-se a reeditar obras anteriores. A maior figura das lettras femininas, Anna de Castro Osorio, com tantas obras inéditas, apenas poudé dar novas edições dos seus romances *Ambições* e *Mundo Novo* e das suas *Quatro novellas*. Das poetisas, Fernanda de Castro deu-nos novo volume de versos, *D'aquem e d'além alma*, mas Virginia Victorino limita-se agora a publicar as suas peças de theatro. Thomaz Ribeiro Colaço publicou, tambem, o seu drama em verso, *D. Sebastião*.

Os ensaistas Fidelino de Figueiredo e Antonio Sergio conseguem manter a sua actividade numa época em que faltam os editores. O primeiro, depois do seu optimo livro *As duas Hespanhas*, publicou uma collectanea de estudos criticos intitulada *Menoridade da intelligencia*. Antonio Sergio publicou o quarto volume dos seus *Ensaíos*, obra importante mas em que o autor dá á polemica um lugar que devia pertencer exclusivamente á critica constructiva.

Obras de historia nunca faltam em Portugal. Este anno appareceram, com agrado da mentalidade passadista do nosso publico, a *D. Maria II*, de Caetano Beirão, varios tomos de divulgação, de Rocha Martins, e, finalmente, os *Elementos de historia de Portugal*, bem documentados mas facciosos de Alfredo Pimenta.

A litteratura colonial, estimulada por um premio compensador, dá-nos todos os annos varios volumes. Este anno, obteve o primeiro premio uma "novella negra", *Audá*, de Fausto Duarte. Bello assumpto o desse livro, infelizmente estragado pela inexperiencia litteraria do autor. Continuamos, assim, á espera do romance da raça negra, que o escriptor premiado estava em condições de nos dar. Faltaram-lhe os meios de expressão, e foi pena.

O segundo premiado no concurso de litteratura colonial foi Henrique Galvão, com o volume de

contos *Terras do feitiço*. Mas este escriptor é, sobretudo, homem de acção, e os seus livros não têm a qualidade litteraria que faz as obras de arte. Também appareceu, de Britto Camacho, já em edição posthuma, um novo livro inspirado pela Africa: *Contos selvagens*.

A geração modernista, agrupada em torno da revista *Presença*, de Coimbra, parece voltar-se para o romance. Depois do *Eloy*, João Gaspar Simões publicou a primeira parte de *Uma historia de provincia: Amores infelizes*, seguindo a moda dos titulos estylo rococó. José Regio deu-nos o *Jogo da cabra cega*. Mas, esses romances são obras de puros cerebraes, quasi exercicios de intelligencia, e não livros humanos como devem ser os romances. Creio que essa geração é, essencialmente critica. São criticos Gaspar Simões, José Regio e Adolpho Casaes Monteiro. Este publicou, como critico, um volume de ensaios a que chamou *Considerações pessoas*. Como poeta, que tambem é, deu-nos Casaes Monteiro os *Poemas do tempo incerto*. O mestre dessa geração, Fernando Pessoa, reuniu agora, pela primeira vez, parte dos seus versos, num livro intitulado *Mensagem*. Contém este livro apenas os versos de inspiração nacionalista, versos admiraveis mas que fazem pensar na obra de sentido universal que podem constituir, reunidos em volume, os outros poemas de Fernando Pessoa. Outro poeta que guarda quasi toda a sua obra inedita é João de Castro Osorio, que parece preferir publicar os seus ensaios historicos sobre a formação da nacionalidade e a expansão portugueza. Um poeta de fama immerecida, Antonio Botto, publicou alguns versos com o titulo *Ciume*.

Um escriptor que parece ter desistido da criação para se entregar, como tantos portuguezes, aos trabalhos eruditos, é Victorino Nemesio, autor duma these exhaustiva sobre Alexandre Herculano. A obra mais importante apparecida este anno talvez seja, de resto, um trabalho erudito: a *Ethnographia portugueza*, do sabio José Leite de Vasconcellos.

De entre os criticos novos continuam marcando os seus logares, Castello Branco Chaves e João Ameal, cada um em seu extremo da vida portugueza. O primeiro iniciou a publicação duma série de pequenos estudos sobre os escriptores contemporaneos, tendo apparecido já os que se referem a Raul Brandão e Teixeira Gomes. O segundo publicou *No limiar da Edade-Nova*, volume de ensaios que, como outros seus, é mais de doutrina politica que de critica.

Alguns talentos novos, como José Rodrigues Miguéis e Manoel Mendes, não encontram editor nem têm, sequer, revistas litterarias onde publicar os seus romances ou as suas novellas. Bourbon e Menezes poudé publicar os seus contos com o titulo *Almas deste Mundo*. O jornalismo absorveu por completo Antonio Ferro, que, depois do grande exito das entrevistas com Salazar, apenas publicou em volume uma reportagem feita em Hespanha, e já atrasada, a que chamou *Prefacio da Republica Hespanhola*.

E eis a que se resume, salvo qualquer esquecimento involuntario, o anno litterario portuguez de 1933-1934.

OSÓRIO DE OLIVEIRA

Alde Sampaio — *Contribuições em materia politica e financeira* — Rio, 1934.

O sr. Alde Sampaio, deputado á segunda assembléa constituinte da Republica, reuniu aqui, sem nenhuma vaidade e apenas com o intento de prestar uma contribuição á historia desse periodo legislativo, os discursos que proferiu nos debates do Palacio Tiradentes. Vê-se que foi sincero o seu desejo de trabalhar pela confecção de uma Carta Magna em tudo digna do nosso povo, e até nas mais fugitivas emendas percebe-se-lhe o criterio de bem joeirar o assumpto em jogo, não se deixando arrastar por engodos fallazes de uma vã democracia.

"BIBLIOTHECA DE ESTUDOS CONTEMPORANEOS"

Nessa apreciavel serie de volumes, lançados pela Editora Conkson Limitada, destacam-se trabalhos dos professores Henrique Roxo (Psychanalyse e outros estudos) e A. Austregesilo (Neuroses sexuaes). A cultura profissional dos dois mestres e o longo trato experimental que vêm mantendo com os assumptos de psiquiatria bastam para assegurar a perfeita probidade das conclusões a que chegam nesses uteis repositórios de factos.

Na parte de sciencia do direito,

toma lugar de relevo a Psychologia criminal e justiça, do illustre magistrado que se chama Santos Netto, ainda ha pouco roubado ás nossas melhores lettras juridicas. Esse juiz, de procedencia nortista, iniciara a sua actividade intellectual com uma bella collectanea de ensaios sobre personalidades do seu rincão, e era ultimamente uma das figuras mais meritorias da nossa vida forense.

Parabens ao distincto confrade Neves Manta pela correcção com que está dirigindo uma tão importante Bibliotheca.

P. I. Warshow-Wall Street — *Edições Cultura Brasileira* — São Paulo.

E' a evocação, precisamente feita dos magnatas que se engalfinham, na lucta pela moeda, num dos mais agitados centros de negocios que o mundo conhece. Todos os millionarios ou milliardarios que compõem a aristocracia de bancos e empresas da America, todos os vorazes comedores de dollars, estão aqui, numa synthese a que não falta o complemento de uma critica segura. O livro é utilissimo para quem queira conhecer de perto os "reis" improvisados pelo tumulto mercantil de Nova York e adjacencias.

Vladimir Pozner — *A cultura intellectual na U. R. S. S.* — Alba. — Rio.

Neste pequeno volume de menos de 100 paginas, são preciosas as informações a respeito do que se tem feito na Russia Sovietica em materia de educação e cultura. As preocupações com o ensino, o apoio dado ás artes, o adeantamento a que têm attingido o theatro e o cinema são assumptos muito bem esplanados no livro de Vladimir Pozner, que é apresentado ao publico brasileiro pelo sr. Almachio Diniz.

Everardo Backheuser — *Technica da Pedagogia Moderna* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Estamos de pleno accordo com o padre Leonel Franca, membro illustre da Companhia de Jesus, quando affirma que este volume do sr. Everardo Backhauser "é a obra de um mestre authenticico que consagrou o melhor das suas energias á nobre missão de instruir e educar". O trabalho de agora representa, indubitavelmente, a summula de "longos estudos assimilados com vagar e reflexão." Conclua-se que quem quer que se interesse pelos problemas de pedagogia não póde deixar de ler estas paginas de um caracter "theorico e pratico, comprehensivo e pormenorizado."

«S. Bernardo» e a Política Litteraria

O sr. Augusto Frederico Schmidt num artigo no «Diário de Notícias» sobre o *S. Bernardo*, segundo romance de Graciliano Ramos, tratou o livro com evidente má vontade. O motivo desta má vontade não sei. O que não quero acreditar é que em vez de má vontade fossem erros tolos de interpretação do livro do romancista alagoano. O sr. Augusto Frederico Schmidt após se rasgar em elogios aos romances apparecidos este anno trata dos dois ultimos: *S. Bernardo* e *Vertigem*. Sobre este ultimo não disse nada de interessante, podendo dizer muita coisa. Mas sobre o primeiro foi peor: tratou o livro que é, não póde restar a ninguem a minima duvida, um dos maiores romances surgidos por aqui, romance á altura de *Banguê* e os *Os Corumbas* e melhor que qualquer outro, como o volume de um estreante a quem não é justo desanimar. Fiquei pensando nos motivos desta attitude e não os encontrei.

Mas num rapido inquerito que fiz nos meios intellectuaes colhi varias opiniões que para aqui transporto para que o publico, principalmente o do interior, tenha idéa de quanta politica, e mesquinha politica, ha na cidade das lettras. Os informes que passo ao publico são todos de valor, não só porque me foram dados por pessoas que merecem fé, como porque qualquer delles póde exprimir a verdade. Vejamos. Disse-me a primeira pessoa com quem conversei: «O Schmidt é um velho inimigo do Graciliano. Inimigo gratuito. Já com o primeiro livro do Graciliano o Schmidt pintou o diabo. Prendeu o livro quatro annos na sua casa editora. O livro sahiu quando estava velho e não agradava ao Graciliano. O poeta pretendia fazer o mesmo com o *S. Bernardo*. Matar o livro, envelhecendo-o nas suas gavetas. Mas o Graciliano não lhe deu o livro e o Schmidt pensou que o destruiria com aquelle artigo. Foi esta a razão.»

Opinião de outro litterato: — «O Schmidt queria afastar o li-

vro de Graciliano da concorrência a um premio e sendo vaidoso em excesso pensou que com aquelle artigo afastaria de vez o Graciliano de certos cinco contos».

Disse o terceiro litterato: — «Foi por estes dois motivos e mais um terceiro. E' que Octavio de Faria ainda não escrevera sobre o livro e o Schmidt tinha medo de elogiar sem saber se o Octavio elogiaria. Telephonou repetidas vezes para o Octavio, mas não o encontrou em casa. Então fez aquelle artigo.»

Opinião de alguém que conhece muito o Schmidt: — «E' que o Schmidt não leu o livro. E' um velho costume delle. Escreve sobre os livros sem os ter lido. Assim fez um prefacio para o *Paiz do Carnaval*, assim escreveu em *Litteratura*, sob pseudonimo, um artigo sobre *Os Corumbas*, assim fez uma faixa para *Maleita*.»

Falou um romancista: — «E' que o Schmidt anda triste e abatido.»

Passo estas informações ao publico. Fica provado que o poeta Augusto Frederico Schmidt escreveu um artigo sobre *S. Bernardo* por motivos de politica litteraria.

—
Eu sou dos que não acreditam que o artigo do sr. Augusto Frederico Schmidt possa sequer fazer o livro de Graciliano Ramos perder um unico leitor. Mas, se trouxe estas coisinhas desagradaveis para aqui, é que fiquei, como muita gente, revolado com a má vontade do alludido artigo.

Revoltado porque o *S. Bernardo* é, realmente, um dos grandes romances do Brasil. Romance de alguém que é hoje o nosso maior romancista. Em verdade temos alguém que melhor que elle sabe armar o arcabouço de um romance: Oswaldo de Andrade. Porém, Graciliano já attingiu uma seccura, uma densidade humana tal, que me parece será este alagoano o primeiro brasileiro que passará da simples emoção para a revolta. Em *S. Bernardo* ainda é emoção, mas tão grande emo-

ção, tamanha força dramatica, que em certos momentos (naqueles em que se volta para a vida dos trabalhadores ruraes) se aproxima muito da revolta. Isto e a sua seccura, o dominio que o escriptor tem sobre este gosto muito brasileiro de se espalhar, de se derramar em paginas de soluços, collocam este romancista numa situação de ser num futuro proximo o romancista dos trabalhadores ruraes do nordeste, dos operarios das cidades, conseguindo dar aos seus volumes um tom épico de revolta, escrevendo livros que não bulam apenas com os nervos dos leitores.

Neste *S. Bernardo* não sei se a maior coisa é o ciúme, o drama daquelle Paulo Honório e da professora sensível, ou serão as pinceladas rapidas sobre o drama do trabalhador rural. E' verdade que Graciliano Ramos passa de leve sobre este drama para fixar fortemente o de Paulo Honório com seu casamento. Porém estas rapidas pinceladas dão uma idéa perfeita da miseria em que vivem os trabalhadores do campo.

O romance de Paulo Honório é tão intensamente doloroso que machuca o leitor. Agita os nervos todos da gente. A seccura do romancista muito concorre para isso, pois não abre uma clareira no tom escuro do romance. Nem os almoços, as festas, nem mesmo o começo da paixão de Paulo Honório, nada neste livro, lembra lyrismo, lembra paginas commovidas e faceis de fazer. E' tudo secco, duro, cruel. O romancista não se afasta da linha que traçou. Não que Graciliano Ramos esteja presente nos seus personagens. Possivelmente elle está presente no romance como todo romancista. Porém, não nos personagens. Estes se locomovem por conta propria, agem como querem e se são seccos e ruins é que assim os fez as condições de vida do tragico nordeste. No entanto a professora é boa e até meio litteratta. E apesar disto onde estão as paginas largadas, lamuriantas, que os romancistas fariam sobre ella? A seccura do

O Populismo e a novella dos sentimentos

A civilização contemporânea adoptou processos da analyse dos phenomenos artisticos e litterarios que se caracterizam, antes de tudo, pela sua profunda expressão moral. A materia prima é sempre o homem, seus recalques e impulsos, suas paixões prementes, suas taras irremediáveis, e a fórmula adaptada pelos novellistas e psychologos para fixar os caracteristicos dessa época se resume na experiencia social. Cidades, multidões, ambientes de esplendor e de humildade, de gloria e de resignação, todos os valores da vida se reflectem, nas suas linhas essenciaes, através os episodios ardorosos do romance moderno. Do homem integral do Renascimento ao typo inquieto, exaerbado e calculista dos tempos actuaes, todos os segredos intimos foram revelados. Dois factores supremos concorreram, sem duvida, para a metamorphose radical do homem — o choque universal de 1914 e o surto mecanico da civilização norte-americana, que determinaram não só um melancolico estado de espirito em todos os climas sociaes como ainda um novo sentimento da existencia. Alguns principios superiores, que conduziam as aspirações dos grandes creadores intellectuaes, foram reduzidos a infima cathegoria, e as cousas de caracter puramente subjectivo perderam a sua significação no tempo e no espaço. Nenhuma sub-

romancista é a mesma. No entanto o leitor sente a immensa differença que vae de Paulo Honório a Magdalena.

Outra coisa a elogiar no nosso maior romancista: a força das suas figuras secundarias. Aquelle negro cão de fila de Paulo Honório é uma figura admiravel. A tia de Magdalena tambem. São figuras que apparecem á margem do drama do livro mas ficam vivendo, marcados pelo maior creador de vida e typos que ha no Brasil de hoje.

JORGE AMADO

stancia humana encerram as novellas psychologicas europeas ou americanas que já não tenham sido denunciadas pelo naturalismo do seculo passado. Apenas, as situações, os lances e as scenas, ainda as que se fundam sobre humildes realidades se transformam em jogos de paciência, incompreensíveis e incapazes de gerar uma emoção directa. Litteratura para as massas populares, á feição do que realizam, no momento, algumas intelligencias poderosas do occidente, significa um compromisso social, significa a selecção de themas susceptiveis de ser desenvolvidos sem ornamentos nem artificios nem sentimentalismos perniciosos. O plebeu romano e o homem intolerante da idade media desprezaram as cousas ficticias — o verso e a prosa dos eruditos — reclamando cada vez mais a presença dos elementos fundamentaes da vida. Nos poemas proletarios da nossa época, nos cantos de rebeldia das massas sem destino, nas homilias cheias de colera, que vêm do fundo das universidades do trabalho, nota-se um sentido de expressão, um horror ás bellas phrases, que synthetiza a consciencia do nosso tempo.

Nem a arte nem a litteratura conseguem se definir no tumulto dos sentimentos que dirigem as forças desordenadas da civilização. O repouso, a fixação e a tranquillidade não podem ser aceites como principios intellectuaes, como elementos basicos para o estudo e a comprehensão do mundo em que as crises moraes e sociaes dominam facilmente os conceitos humanos. Dessa esperança, desse magnifico desejo de vencer os factos e os acontecimentos, com os recursos da vida moderna, originou-se o populismo, especie litteraria que se abre ás aspirações coloridas dos camponeses, dos mineiros, dos tecelões, descontentes em todas as edades, de Plátão a Emile Sorel, com o rude espectáculo da conquista do pão.

Combatem a fantasia litteraria e a "arte inutil", a arte que não exalta os heróes anonymos da industria moderna e não excita á odiosidade dos proletarios os seus dirigentes. André Therive e Henry Poulaille, commandando essa corrente da extrema esquerda, crearam um ambiente de inquietude, onde os homens mais sinceros são apontados como inimigos do povo, snobs e utopicos, capazes de conduzir a sociedade ao tédio, á rotina e á degradação.

A narrativa pittoresca ou barbara, genial ou mediocre, rigorosa ou falsa, da vida das usinas, das campanhas, dos laboratorios, dos grandes centros urbanos offerece contingentes menos valiosos que a analyse das paixões e dos sentimentos que conduzem o mundo moderno. Que representa como unidade psychologica, como visão dos acontecimentos universaes, a descripção de bairros infames de Paris ou dos arabescos de Granada? Será a "Bubu" de Montparnasse um phenomeno social capaz de influir no espirito de uma geração como a Cabana do Pae Thomaz, determinando-lhe directivas dessa ou daquela natureza? A côr e o movimento conferem sensações indispensaveis á nossa alma, e, assim se a novella psychologica se resente de um pouco de realismo, sentindo, apenas, as nossas attitudes através a rêde complexa das influencias hereditarias, o populismo se afasta da intimidade dos seres, das fortes emoções interiores, espreitando ávidamente as normas de conducta, em summa, a utilidade material de cada um. O populismo se attribue a originalidade de um movimento que culminou com Zola, Balzac, e o phenomeno que o produziu — o processo de dissolução da sociedade — não pôde ser explicado em paginas puramente descriptivas. Exige conhecimento do meio social e a sua pintura impõe o jogo de altas qualidades emotivas.

BEZERRA DE FREITAS

F R O N T E I R A S

Foi Ramon Fernandez quem *escreveu* primeiro um pensamento que nós todos já tivemos: "O romancista que admiramos é o que sabe pintar o homem menos intellectual" (1). De facto, o romance, de 1918 para cá, tem dado razão ao critico francez. Os typos artificiaes, litterarios, ao geito de Werther, do Raphael, do Dorian Gray, já não interessam mais, pelo menos á maioria dos leitores. (Ainda ha muita gente que lê Pitigrilli e Maurice Dékobra...)

Todas as escolas litterarias falharam, até hoje, por unilateraes.

O homem que o romancista de hontem procurava fixar não era o homem de todo dia, esse a quem a gente cumprimenta no bonde, com quem a gente toma cerveja na mesa dos bars, esse que volta para casa cheio de embrulhos, mas um homem especial, litteratizado, livresco, dado a imaginações phantasticas e absurdas. Não era, pois, o homem, mas um *certo homem*. O homem do romantismo ficava *no espaço* solto entre o céu e a terra. O naturalismo e o realismo fizeram do homem o joguete dos instinctos mais baixos, miseravelmente ligado á terra, por laços indissolueis, como um escravo. Nos ultimos tempos do mundo antigo, o scepticismo de Anatole tomava o homem como simples espectador da vida que passa...

O romance moderno é exactamente o contrario. O homem intellectual já não interessa. O que se quer hoje, no romance, é o *homem*, principalmente o homem simples, não litteratizado, não artificial, não livresco. O que é necessario é que haja nelle grande dóse de humanidade, que elle saiba agir como o homem age na vida real, que elle não tenha sentimentos falsos nem attitudes estudadas. O homem, emfim, no grande sentido do termo, com os seus heroismos e os seus ridiculos, com as suas misérias e os seus esplendores.

Como se chegou a isso?

A arte teve a sua origem no trabalho productivo (2). A litteratura (poesia, romance, theatro, etc.), que se tornou, pelo tempo adeante, a arte *social* por excellencia, tomou, com a propriedade privada, que substituiu a propriedade communista do sólo, um character individualista, subjectivo. O artista, que é, ao mesmo tempo, producto *natural* e producto *social*, não deixa de ser pelo simples facto de ser artista, um homem da sua época, sofrendo a mesma influencia do meio ambiente, — tanto geographica e economica como cultural. O trabalhador intellectual equivale a um operario qualificado dos nossos dias, — cada qual na sua especialidade, evidentemente. Não ha differença alguma entre ambos. De certo ponto de vista, é a mesma necessidade *organica* que obriga — um, a vender a sua força de trabalho, outro, a trabalhar motivos emocionaes e espalhar noções e conhecimentos entre a multidão (3). E dahi o papel *activo* do intellectual na sociedade. Por seu lado, a arte acompanha a sociedade na sua evolução. Producto social, nascida de necessidades reaes da intelligen-

cia, a arte serve á sociedade. A arte — e isso se aprende até no peor compendio de philosophia (4), — é o conhecimento empyrico, intuitivo, do mundo. Como tal, o dever da arte é nos mostrar esse mesmo mundo, naturalmente através da sensibilidade creadora do artista.

A relativa paz em que viveram as classes sociaes até a grande guerra deu tempo á burguezia (burguezia aqui no sentido maior, incluindo todas as classes exploradoras do passado) para crear a balela das theorias da evolução progressiva, gradual, sem saltos, e para velar hypocritamente o antagonismo, a desigualdade, a luta das classes dentro da sociedade. E, emquanto a burguezia foi uma classe em ascensão, emquanto a burguezia foi revolucionaria, a arte burgueza teve a sua razão de ser, porque, principalmente, ajudava o progresso da sua classe.

A guerra, porém, acabou de derrubar o mundo antigo, com todas as suas creações fóra do real (5). A geração nova se encontrou desamparada, na mais desesperada das situações, sem nenhum traço de ligação com a geração precedente. Para comprehender o homem que, mais do que qualquer outra coisa, sentira, com o estagio nas trincheiras, com os ataques ás posições inimigas, com a união forçada, o proprio mundo interior ruir, — para comprehendel-o, para situar-o na terra, foi necessario uma philosophia, mas uma philosophia que o tomasse como um producto *social*, que o fosse encontrar em contacto com os outros homens, com o trabalho immediatamente productivo, com os prazeres ingenuos da vida e com as afflicções de todo dia. Ao mesmo tempo, a guerra — e, em geral, as situações difficeis, — não permite o artificialismo, não dá tempo para as attitudes litterarias. A grande catastrophe mundial que foi a guerra de 1914-1918 serviu de incentivo á intelligencia para a luta pela solidariedade humana. O intellectual precisou se despir dos preconceitos *litterarios* adquiridos contra o homem do povo e, em parte, do palavreado enigmatico de que se servia até então. (Ninguém dirá nunca o enorme esforço que a nossa geração teve de despendar para se *humanizar*, para chegar á naturalidade!) O intellectual começou por — como quer Ramon Fernandez, — *ser povo*. Voltou á namorada, ao *foot-ball*, ás festas de rua, á vida activa, á communhão com os outros homens.

A arte de hoje é, portanto, uma arte renovadora, uma arte de construcção, tendente a approximar sempre mais os homens de todos os continentes, de todas as raças, de todas as linguas. O proprio artista é renovado por ella. O homem sem litteratura toma o lugar do Raphael declamador do Romantismo e do boneco cynico de Anatole. O romance esqueceu o homem intellectual acima da humanidade, o declamador, o heroe. Para substituil-o, o romance moderno explora o homem de todo dia, o homem cheio de suor e de mau humor, de illusões e de necessidades immediatas, — o ho-

mem "menos intellectual" de Ramon Fernandez, — que reúne 99 % de interesse humano.

Para os escriptores revolucionarios, foi o trabalhador, a sua miseria, o seu ideal politico, o thema preferido. E essa philosophia de que falei, philosophia que comprehendesse o homem como producto *social*, philosophia que, em vez de continuar passivamente "interpretando o mundo de differentes maneiras", se occupasse em "transformal-o" (6), essa philosophia foi o marxismo. Para os escriptores reaccionarios que nada tinham aproveitado da propria experiencia, o burguez continuou servindo e a philosophia adoptada foi a da experiencia pessoal.

E dahi a divisão do romance moderno em objectivo e subjectivo, romance de sentido proletario e romance autobiographico, cujos paradigmas podem ser *Passageiros de 3.^a* de Kurt Klaber, o *Cimento*, de Gladkov, e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

Entre essas duas fórmulas de romance vae um abysmo tão grande como o que separa o capitalismo do communismo. Até mesmo na construção, na *carpintaria* do romance, se sente a influencia economica, a influencia de classe. O romance burguez, autobiographico, não pôde abandonar o personagem em torno do qual gira toda a acção, reflectindo a concepção estreita, individualista, da burguezia agonizante. O romance revolucionario tem ensaiado com exito a visão geral da classe trabalhadora, não já representada por um unico personagem, mas por varios aos mesmo tempo, sem que nenhum, entretanto, occupe maior lugar do que os outros.

Sem falar na intenção de influir efficaamente na sociedade, na coragem de dizer bem alto que, assim como toda arte, o romance revolucionario é litteratura interessada e serve á causa do proletario communista, — o romancista revolucionario conta com um material que a burguezia não poderá reunir no presente, nem tampouco escarafunchando os archivos de ha bem uns cincoenta annos. As classes exploradoras accusam uma decadencia, um esgottamento nervoso, uma falta de ideaes, que chegam a desconcertar os seus proprios ideologos. As classes dominantes não dão heroes. O personagem principal dos romances burguezes é o typo fim-de-raça de uma civilização que só se mantém ainda á custa de concessões e de hypocrisias. Não desperta nenhuma sympathia, nem nenhuma piedade. A gente lê — e esquece. Por acaso, ás vezes apparece um heroe, mas esse mesmo é, sempre, um proletario que adheriu ás classes ricas e cuja capacidade de entusiasmo, de dedicação e de sacrificio o romancista explora a serviço da reacção (7). Os themas dos romances autobiographicos são, na maioria das vezes, o amor, o crime, a vida estéril do pensamento sem azas, mas apesar disso parado nas nuvens, sem utilidade, sem pontos de referencia. Falta de uma philosophia? Talvez. A decadencia da burguezia chegou a taes extremos que até isso lhe falta (8). Falta-lhe uma philosophia (o

que já é um facto significativo), mas falta-lhe, principalmente, apoio na terra. Passou a sua necessidade historica. A burguezia e, com ella, a sua litteratura, terão de ceder lugar a novas fórmulas de vida, a novas fórmulas de pensamento, a novas fórmulas de expressão.

Os romancistas modernos de ambas as tendencias, burguezas e revolucionaria, estão, portanto, muito proximos, separados apenas pela linha delimitadora das fronteiras *nacionais* das concepções antagonicas, mas, enquanto o romancista burguez olha, desolado, as ruinas das suas cidades e o cadaver dos seus ideaes, o romancista revolucionario tem a visão esplendida da Humanidade nova, que construirá um mundo igualmente novo sobre os escombros do mundo capitalista.

EDISON CARNEIRO

(1) Ramon Fernandez, *Le rajeunissement de la Politique*, pag. 82.

(2) Plekhanof, *As questões fundamentais do marxismo*, cap. VIII, paginas 70-79.

(3) Até o cansaço decorrente do trabalho é igual. — "Sabe-se que o professor Mosso, da Universidade de Turim, fez curiosas pesquisas em torno da fadiga intellectual e physica por meio do ergographo, aparelho registrador de trabalhos. Mosso estudou as influencias dos diversos modos de actividade, do regimen, do repouso nocturno, sobre a curva de fadiga do musculo, obtida por meio desse aparelho. Elle constatou que o cerebro em acção emite, como os musculos, substancias nocivas que enlameiam (*souillent*) o sangue e que são em quantidade tanto maior quanto o trabalho cerebral é mais intenso. E concluiu dahi que a fadiga — seja physica ou intellectual, — constitue uma especie de envenenamento. Está fóra de duvida que o trabalho cerebral produz tanto e mais fadiga, para quem não está habituado a elle, quanto o trabalho muscular, como, nos dois casos, os phenomenos resultantes da fadiga offerecem innumerous pontos de semelhança". — Arthur Bochar, *Les lois de la sociologie économique*, pag. 103.

(4) Até mesmo em Mendes dos Remedios...

(5) "O ensinamento mesmo da guerra se reduzia a uma noção, — a de que o individuo e o seu direito á liberdade, idolos do seculo XIX, não eram mais nada e sahiam desses cincoenta e dois mezes de disciplina, de censura e de conformismo quasi anniquilados". — Benjamim Crémieux, *Inquiétude et Réconstruction*, pag. 18.

(6) Marx, *These sobre Feuerbach* (appendice ao *Ludwig Feuerbach e o fim da philosophia classica alemã*, de Engels).

(7) Como exemplo, basta citar o caso do feitor Nicolau, em *Banguê*, romance de José Lins do Rego.

(8) Não se pôde chamar philosophia á metaphysica embaralhada de Bergson, do conde de Keyserling e de outros acrobatas do raciocinio.

Sud Menucci — Húmor — São Paulo.

É correr ao encontro de muitos leitores avidos de conhecer esta obra o dar-lhes a noticia de que ella vem de reaparecer em segunda edição. Com effeito, já se ia tornando rarissimo em nosso mercado litterario um tão precioso ensaio sobre o humorismo universal, e os os seus melhores cultores. O sr. Sud Menucci, consagrado como estudioso dos assumptos pedagogicos e como critico de jornaes bastante prestigiosos da Paulicéa, realizou, neste *Húmor*, um trabalho que sobrepaira ao caracter ephemero das publicações de imprensa e se destina a perdurar nas melhores bibliothecas. Entre outras, as paginas sobre poetas dialectaes e os seguros effeitos de ironia ou sarcasmo que facilmente encontram, são de incontestavel originalidade. Lêr ou relêr o sr. Sud Menucci é sempre um encanto.

FRANCISCO DE RAINVILLE

Li ha dias, nos jornaes, a noticia do 1.º anniversario do fallecimento de Francisco de Rainville. Poucas pessoas ligarão a esse nome a verdadeira expressão que elle encerra. Não foi politico; não exerceu postos de relevo; não o seduziu a gloria rumorosa e ephemera que acena aos que procuram tirar partido do proprio valor.

Mestre de mestres, viveu como verdadeiro philosopho á maneira dos gregos, repartindo prodigamente o pão do espirito, nesse anonymato estoico a que se votam os abnegados apostolos do magisterio. Professor de linguas vivas, e especialmente do allemão, não se limitavam seus conhecimentos a esse campo de applicação empirica. Versado em linguas antigas, profundo em sociologia, em historia, em ethnographia, era uma bibliotheca viva de saber scientifico variadissimo. Profundo conhecedor das mais diversas litteraturas e senhor de um bom gosto litterario que quasi sempre falta aos sabedores theoricos das linguas e das lettras, illustrava suas aulas e suas palestras com observações utilissimas e ao alcance da comprehensão do alumno cujo senso esthetico educava, sem o fazer expressamente.

As maiores mentalidades do Brasil contemporaneo lhe prestaram as homenagens a que faziam jús o seu saber e os seus merecimentos didacticos. Professores dos nossos principaes institutos de ensino secundario e superior com elle aperfeiçoaram seus conhecimentos. Scientistas e estudiosos, antes de rumarem para o estrangeiro, iam beber nas suas lições a segurança para o manuseio dos idiomas. Institutos de alta cultura ufanaram-se de sua efficiente collaboração.

Luiz Nogueira da Gama Filho, conheceu-o numa banca de exames de fim de anno no Estado do Rio. De volta, falou-me, com entusiasmo, da sua personalidade. Uma tarde, fomos visitá-lo em seu curso da rua da Carioca, e de lá sahimos resolvidos a estudar com elle o allemão.

Sua figura physica distinguia-se do commum dos homens: era um homenzarrão, alto e corpulento; a máscara ampla estadeava traços caricaturaes; o craneo inteiramente pelado como o do Aarão Reis. Mas que affabilidade! que simplicidade acolhedora! que solicitude paternal para os discipulos e amigos! Nunca se referia a um alumno como mestre, do alto das tamancas professoraes: eramos todos seus "collegas". Era o primeiro a desculpar a falta de qualquer de nós a alguma de suas aulas. Jámais contradizia, ou se agastava ou procurava impôr sua opinião. Corrigia sem ferir susceptibilidades ao mais orgulhoso, e recebi com grandes encomios, com entusiastico estimulo, as menores demonstrações de aproveitamento e as iniciativas que suas lições inspiravam.

Uns versos de Reinick, *Deutscher Rat*, que eu traduzira, elle os acolheu com grande apreço e os fez publicar, acompanhada do original a traducção, no "Rio Deutsches Zeitung".

Infelizmente as responsabilidades da vida, e a premencia absoluta de tempo, não me permitiram ouvir-lhe as sabias lições por mais do que seis mezes. Mas, si a curteza do tempo não me deixou um conhecimento siquer mediocre das lettras germanicas, deixou-me no espirito, pelo mestre, uma admiração e uma estima como raras tenho por alguém experimentado em meus dias.

Francisco de Rainville foi coronel do exercito prussiano antes da Guerra; amigo particular do Kaiser e professor da Escola Militar de Berlim. Taes honras conferidas a um brasileiro, quiçá as maiores já concedidas no genero pelo governo do paiz mais culto do mundo, attestam o merecimento insigne desse homem raro que ha pouco mais de um anno desapareceu. Mais do que isso: honram especialmente o Brasil, pois Francisco de Rainville, apesar de seu typo de allemão meridional e de seu nome francez, era legitimamente brasileiro, nascido no Rio Grande do Sul,

comquanto se tivesse educado na patria de Remarque.

Ao contrario da quasi totalidade dos brasileiros que, educados desde a infancia ou durante a mocidade em paiz estrangeiro, depressa esquecem as inflexões da linguagem patria, Rainville falava admiravelmente o portuguez, como si nunca daqui tivesse sahido.

Quando penso no seu desaparecimento e na perda que tal facto representa para os estudiosos nesta e na vizinha cidade, o que mais me afflige é pensar que com elle se extinguiu todo aquelle manancial de saber, que elle jámais se preocupou em legar á posteridade em obras modelares, quando mais não fosse, para applicação didactica. Um methodo completo para o ensino do allemão; uma selecta annotada; um tratado de litteratura comparada; uma obra, emfim, que lhe consubstanciasse a solidez dos conhecimentos para proveito dos pósteros, seria empreitada digna só de um homem do valor mental e do superior espirito de Francisco de Rainville.

Porque é uma injustiça e se me affigura verdadeiro roubo a nós outros a summaria subtração de tão precioso repositório de sabedoria que deveria servir de continuo subsidio a quantos tenham de perlustrar as mesmas trilhas que elle perlustrou e que com elle, no emtanto, desaparecerá, como valioso thesouro cuja riqueza jámais aproveitará a outrem, destruida para sempre pela unica especie de verme que não conhece a lei de Lavoisier...

C. INGLEZ DE SOUZA

"JURIDICAS Y SOCIALES"

Temos recebido os ultimos numeros dessa revista universitaria que se publica em Buenos Aires sob a direcção de Juan F. Moia. No numero de setembro-outubro de 1934, além de varios artigos de Segundo Quintana, Juan Olis, Cesar Rayces e Radaelli, ha topicos de interesse sobre Legislação, Jurisprudencia e Bibliographia, dentre os quaes devemos assignalar uma summula substancial da nova Constituição brasileira, em nota escripta com rara perspicacia e agudo espirito critico.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Concordia Merrel	O SELVAGEM	3\$000
May Christie	AMOR IMPACIENTE	3\$000
André Armandy	O THESOURO DAS ILHAS GALAPAGOS	3\$000
J. F. de Almeida Prado	PRIMEIROS POVOADORES DO BRASIL	10\$000
O PROBLEMA EDUCACIONAL E A NOVA CONS TITUIÇÃO		6\$000
Joaquim Silva	HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — 4ª série	8\$000
Francisco Venancio Filho	PHYSICA — 3ª série	8\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiaes em: Rio, Bahia, Recife e Lisbôa

ULTIMAS EDIÇÕES DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

HUMBERTO DE CAMPOS ..	Memorias — 6.ª edição.
HUMBERTO DE CAMPOS ..	Parias — 4.ª edição.
AMANDO FONTES	Os Corumbas 4.ª edição.
MIGUEL REALE	Formação da Politica Bur- guesia.
PLINIO SALGADO	A Quarta Humanidade.

PUBLICAREMOS ATÉ MARÇO

HUMBERTO DE CAMPOS ..	Memorias — 2.ª parte.
HUMBERTO DE CAMPOS ..	Critica — 3.ª parte.
JOSE' AMERICO DE ALMEI- DA	Boqueirão — romance.
AMANDO FONTES	Rua do Siriry — romance.
OMAR KHAYYAM -- Rubaiyat	Traducção de Octavio Tar- quinio de Souza.
JOSE' GERALDO VIEIRA ...	Territorio Humano - romance
MAURICE DE FLEURY	Angustia Humana.
PLINIO SALGADO	Despertemos a Nação!
HELIO VIANNA	Formação Brasileira
MIGUEL REALE	O Operario e o integralismo.

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

*Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca
Brasileira de Medicina Legal,*
ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

EVERARDO BACKEUSER

Tecnica de Pedago-
gia Moderna . . . 10\$000

AUGUSTO FOREL
A Questão Sexual . 8\$000

PADRE LEONEL FRANCA

Psicologia da Fé (2.ª ed) . 8\$000

MONS. PEDRO ANISIO

Tratado de Pedagogia (2.ª
ed). 10\$000

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

O MEZ FEMININO EM VIÇOSA

As nossas escolas, as melhores, são em geral, instituições fechadas. O seu poder de irradiação é reduzido. Cumprem quando o fazem, apenas os seus objectivos restrictos. O meio em que ellas vivem e a que devem servir as ignoram.

As novas doutrinas pedagogicas têm procurado articular os paes e a escola, atravez de circulos, mas os resultados, incipientes e precarios ainda, só se encontram em estabelecimentos de educação primaria.

A Escola Agricola de Viçosa nos seus 12 annos de existencia apresenta já razões sufficientes para ter direito á vida, honesta e util.

E' um organismo que realmente funciona, onde não ha peças de luxo ou superfecção. Tudo que ella possui age por effeito de uma necessidade, seja nos elementos de educação, seja nos de administração, de estrutura simples e clara.

A ella, como a muito pouca cousa no Brasil não se pode applicar aquelle paradoxo conhecido: as conclusões vêm antes das premissas...

Mas, alem disso, a sua actividade fecunda alargou-se para mais longe. Ha alguns annos iniciou, em todo Junho, dentro de um programma largo, planejado por 10 annos, a "Semana do Fazendeiro", em que reúne mais de uma centena de homens de trabalho, para esclarecel-os, discutir com elles os seus problemas concretos, deante da realidade viva que elles têm de enfrentar, na luta economica com a terra.

E todos elles sahem de tal modo satisfeitos com aquella admiravel lição de cousas reaes, que lhes é dada, que o numero de matriculas cresce de anno a anno.

Indicando a directriz segura de uma philosophia pragmatica, singela e directa, a dirigir os destinos da Escola, foi agora iniciado, em Janeiro, e por 3 annos, o "Mez Feminino", com o objectivo de esclarecer o outro elemento humano, em cujas mãos deli-

çadas e fortes está em grande parte o destino do Brasil: a mulher que vive na zona rural.

Della depende a belleza e a alegria da vida do campo, pelo que lhe puder dar de encanto e conforto.

A reunião, que ora se realiza em Viçosa, com cerca de 150 senhoras e senhoritas, apresenta o lindo espectáculo de um encontro de vontades esclarecidas e dispostas a tudo fazer para melhorar a vida dos seus e dos que lhe estão na dependencia proxima ou remota.

E este espectáculo começa pela propria organização social que lhes foi dada.

Installaram-se no predio de dormitorio dos alumnos, ora em ferias.

Este predio representa, desde 1922, alguma cousa de novo, no genero, porque é constituido de pequenos appartamenti para 3 e 4 rapazes, com installações privativas, ao em vez de ser de uma sala immensa, com os renques de leitos, sem recato, nem conforto.

Ahi fixadas, não lhes foram dadas empregadas para o serviço de cosinha, com o objectivo de lhes dar capacidade de se bastarem a si mesmas.

Organizaram-se em cooperativa, o que reduziu extraordinariamente as despesas de alimentação, as unicas que fazem.

Os cursos foram distribuidos por criterio de utilidade e necessidade e divididos em 3 grupos: cursos agricolas, cursos domesticos e sobre hygiene e conferencias ou palestras educacionais e sociaes.

Estes cursos são dados de maneira experimental, deante dos factos, com applicação directa, de accordo com os interesses e as necessidades de cada um, em turmas pequenas.

E vão, desde os problemas de saude, individual ou colectiva, até os cuidados com animaes e plantas, na sua pratica immediata.

As conferencias, para as quaes foi convidada a Associação Brasileira de Educação, são reuniões

geraes, onde se explanam themas de interesse de todos, mas que terminam sempre por uma conclusão, que se transforma em compromisso, e são acompanhadas de musica, tocada pela banda da escola, composta de operarios, auxiliares, alumnos e professores.

Em uma dellas foi homenageada a Mãe Brasileira, symbolizada na primeira senhora inscripta, desde 15 de agosto, vinda de Jaboticatuba, D. Rita Josina dos Santos Pinto, com o intuito generoso de fazer bem ao pequeno torrão, em que mora.

No Brasil os individuos que agem podem-se dividir em 3 grupos:

1.º — Os que não fazem e dizem, com escandalo, que fazem.

2.º — Os que fazem e dizem, com exactidão, o que fazem.

3.º — Os que fazem e não dizem o que fazem.

Belo Lisbôa, que succedeu na direcção da Escola de Viçosa ao prof. Rollfs, que a fundou, com o mesmo espirito de rectidão e realização, e que é a alma e o corpo deste "Mez Feminino", que ora se realiza naquella admiravel casa de educação, pertence ao escasso terceiro grupo.

Quem quizer ter uma lição sadia de optimismo realizador que tome o trem da Leopoldina, e depois de 14 horas fatigantes, vá conhecer o homem e a obra.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Tirso Lorenzo — *El Celibato del Doctor Adonis* — Editorial Iberia — Buenos Aires.

Este livro foi recebido pela critica portenha com grande entusiasmo. Encontramos nelle contos e narrações da atmospheria familiar, ambientes burguezes, pedaços da vida da cidade e do campo, figuras de sonhadores, silhuetas de mulheres romanticas. A historia do Doutor Adonis, que se casa na cidade para attender aos reclamos da provincia, é urdida com visivel habilidade. Os outros contos *Mi Noche Mala*, *El Genio de Lina Pocho*, etc., demonstram no autor um desembaraço invulgar no terreno da ficção. A maior parte desses contos, disse o critico Fernández Coria, "têm algo de satira, de satira amavel", que se dissolve sempre em conceitos de zombaria piedosa.

Subindo a Escada Vermelha

— Os caminhos são difficeis de subir, mas a companhia dos que soffrem, me seduz para as grandes jornadas —, foi como certa vez comecei um poema. Estes caminhos, estas subidas perigosas me veem á lembrança agora com a presença do livro de Oswald de Andrade. Quero falar do seu novo romance *A Escada Vermelha*.

Oswald de Andrade, escriptor anti-burguez, não conseguiu ser neste romance um perfeito intellectual revolucionario. Ainda atulhado de defeitos do modernismo klaxon, antropophagismo & Cia., este escriptor, no qual presentimos um dos homens mais intelligentes do Brasil, dá a impressão de que escreve por esportismo e não por necessidade de lutar contra o capitalismo absorvente. A sua peça theatral *O Homem e o Cavallo* caracteriza nitidamente o ar esportivo de seus escriptos. Elle é o que podemos chamar um revolucionario-amador.

Collocando-se ao lado da cultura proletaria contra a burguezia, no prefacio do seu *Serafim Ponte Grande*, Oswald de Andrade assumiu perante os leitores e trabalhadores brasileiros uma responsabilidade a que actualmente não tem o direito de fugir. Em *Serafim Ponte Grande* elle não revolta o leitor porém mostra em carne viva a organização mundana da sociedade moderna. Livro dissolvente porque estimula a anarchia burguezia para facilitar a victoria proletaria. De qualquer maneira que seja criticado é revolucionario porque está auxiliando o advento da Revolução. No *O Homem e o Cavallo* o processo do escriptor soffre pouca alteração. Esta alteração, no emtanto, prejudica por completo a finalidade social e activa do livro. E' o gosto

excessivo pelas piadas que mais divertem o leitor do que outra qualquer coisa. Por isso em contacto com o publico o romance muda de rumo, seguindo um itinerario completamente diverso do das intenções de seu autor. Toma aspecto de litteratura contra-revolucionaria muito bôa para ser devorada nos horas de ocio pela burguezia litterata. O proletariado não terá conhecimento delle. Servirá tambem para os anti-clericaes gozarem com aquelle novo julgamento de Christo. E nada mais.

O pequeno-burguez no *O Anjo*, de Jorge Lima, acaba mal. Na *A Escada Vermelha* elle encontra o caminho certo a seguir. A maneira de se conduzir é que é muito Oswald — o romantico das noites tropicaes. Ha na differença de direcção entre o pequeno-burguez de Jorge e o de Oswald uma profunda significação de attitudo deante da vida. Uma, a primeira, de commodidade contemplativa, vida ociosa mesmo. A outra, a segunda, de acção intensa, vida de lutas e sacrificios anonymos.

O personagem central deste livro é um artista, joguete de atavismos os mais desencontrados e preocupado extremamente com o sexo. (Ahi ha muito de biographia.) O sexo nelle é tudo até encontrar uma agitadora que lhe explica uma nova concepção da vida e do mundo. Mas, ainda ahi, elle se convence pelo sexo, porque é uma mulher quem fala. De pequeno-burguez desorientado passa a viver o pequeno-burguez revolucionario-romantico. Aliás é um dos traços mais assíduos nos intellectuaes da esquerda que ainda marcam passo no Estado liberal-democratico, têm suas duvidas espirituas e louvam o optimismo dos rotaryos.

O romance do poeta Oswald

de Andrade é um espelho para todos nós. Traz á tona todos os defeitos de uma classe mal definida. Já está em tempo, porém, de nos libertarmos desta bagagem sentimental e encararmos a vida com energia revolucionaria.

A technica deste livro não é de esquerda. E' a velha estrutura do romance burguez com o verniz das idéas novas. Não é romance de massa e nem para a massa.

Sob o ponto de vista litterario não é mais admissivel que este escriptor continue na pesquisa penosa das phrases de effeito. Existe mesmo uma preocupação constante de novidade que não se justifica. Ficamos até em duvida se escolheu a posição de romancista da esquerda por moda, tal a insistencia em querer bancar o original.

“Uma melancholia divina irizava o céu matinal”, eis ahi outra face do escriptor. “Deserto verde”, “terra brasilica”, “festa muda do mar brasilico”, etc. etc., são encontrados a miude pelos degrãos da escada vermelha do poeta.

Descontando certo luxo ridiculo destas phrases, proprias de quem atravessou diversas épocas litterarias, a historia do esculptor está bem fixada e tem muita coisa de humano e verdadeiro. Embora em marchas e contra-marchas elle conseguiu subir a escada.

— Vamos tentar o mesmo, pessoal?

ADERBAL JUREMA.

Ha um segredo de fazer versos como de tocar rabeca. Quem não possui o segredo faz versos, toca rabeca; pelo menos suppõe e engana-se e outros com elle; é que confunde o que suppõe fazer com o que realmente faz, — quando o segredo está precisamente em não fazer essa confusão. PAUL VALÉRY.

ATTENDENDO ÀS NECESSIDADES DO COMMERCIO A

CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, nas Agencias e Filiaes

O Espirito em face da Revolução Mundial

Para os homens que pensam, o mundo moderno offerece hoje o espectáculo imprevisito de um paradoxo desolador cujo fundo desanima e angustia: tendo attingido a uma maximo de "conhecimento", a humanidade dá a impressão de um minimo apenas de "realizações". Nunca foi, como agora, tão reduzido o seu controle sobre os phenomenos, nunca tão distante o ideal de felicidade terrena para o qual devia tender tudo quanto o homem emprehendeu, através do que foi a sua longa vida em busca da perfeição.

"Braceja no caos a humanidade. Na ordem politica os problemas transcendem os homens. Na ordem do pensamento tacteia o espirito humano em direcções contradictorias. A razão se mostra impotente para enquadrar nas suas categorias logicas os movimentos da vida".

Foi com essas palavras que Gilberto Amado viu, de volta da Europa, a transformação dos "valores" que orientavam o mundo occidental. E ellas revelam no entanto a situação precisa da epoca em que vivemos, cuja maior caracteristica é, talvez, a aceleração com que se processam todos os phenomenos sociaes, donde sua consequente imprevisibilidade. Dahi essa impressão de que "os problemas transcendem os homens".

O mundo contemporaneo é uma successão de surpresas. Ideologias antigas que pareciam inabalaveis, morrem em massa, por falta de "clima" moral; passam doutrinas que julgavamos eternas; as mais solidas instituições, infundem, para quem as observa, uma sensação penosa de irresistivel fragilidade. Nada existe de indiscutivelmente estavel, dentro e fóra dos dominios da intelligencia, na Arte, na Politica, na Philosophia. As hegemonias se substituem, a experiencia exgotta as theorias e o que se julgava hoje absoluto, desaparece amanhã diluido no mais completo relativismo. A marcha do pensamento humano parece dotada de movimentos circulares. Dahi, tambem, uma certa tendencia a voltar ao passado que a toda hora nos surge e nos espanta. Cada momento que se define é o opposto do que o precedeu. A uma França de Renan, de Anatole, de Comte, sobrepõe-se outra de Maritain, de Valery e de Claudel, successora da que viveu em Péguy ou em Psichari. A um seculo de intelligencia, de liberdade, de "prosperity", isto é, do methodo experimental, do mercantilismo, da democracia, da burguezia individualista, o seculo do instincto e do inconsciente, da coacção e da "depression", isto é de Bergson e de Freud, de Marx (para não dizer de Staline) de Sorel (para não citar o fascismo) e do "chaumage" universal.

A physionomia dos homens e das cousas se transfigura rapidamente e fére, no mais intimo dos seus recessos, tudo quanto durante seculos constituiu o equilibrio e a continuidade do ser através do tempo: posição do Espirito deante da Vida...

Estamos em plena revolução mundial; e o seu aspecto mais sério é sem duvida esse, o de um deslocamento da posição directora do Espirito, por que vem alterar as forças dominantes do ser, entregando-o ao acaso de um potencial inferior.

E' essa transformação que nos dá a ultima obra de Keyserling, *A Revolução Mundial e a Responsabilidade do Espirito*, em que o autor de *Das Spektrum Europas*, um dos "bienheureux infortunés dont le destin est de conduire les esprits vers l'esprit", como o definiu Paul Valery, procura estudar essa irrupção de instincto, a que elle chamou "revolta das forças telluricas", as quaes vão tomando a direcção da humanidade actual.

"O homem é uma synthese de elementos espirituales e telluricos. Sua essencia profunda, a que talvez seja immortal é o Espirito puro. Mas o facto apenas de que, desde a noite dos tempos, as religiões prescrevem (com tão pouco successo) que é preciso obedecer ás normas do Espirito enquanto que as da Terra e do Sangue não sómente se impõem mas são acceitas por inclinação natural, esse facto apenas prova bem que oitenta por cento do ser humano é de essencia tellurica."

Resta por conseguinte muito pouco para o Espirito. A uma revolta pois dessa grande massa inespirtual que vive em cada um de nós, a uma irrupção violenta dos "bas-fonds" do nosso inconsciente, o Espirito, toda a realidade superior da Vida, sossobriria na voragem de taes elementos desencadeados, por uma simples questão de differença de intensidade de forças. E é essa, lamentavelmente, a impressão que a todos infunde o aspecto da época presente. Donde a *Responsabilidade do Espirito*.

O seculo XIX parecia indicar a derrocada da Metaphysica porque a tendencia "positiva" (Augusto Comte) attingira o mais alto gráo de sua evolução. O seculo XX ameaça o Espirito, pela revolta das "forças telluricas", pregando a substituição da "Intelligencia" pela "Violencia", do "Cognoscivel" pelo "Inconsciente", porque a dessacralização do homem ascende definitivamente ao seu apogeu (Freud).

E essa revolta das forças telluricas que veio estabelecer o problema da responsabilidade do Espirito, na opposição desenhada pela obra de Keyserling, é tanto mais grave quanto della depende a morte ou a vida (para muitos a "ressurreição") de toda a humanidade. E' essa a significação tragica do momento em que vivemos e a que ninguém deve procurar fechar os olhos.

A ameaça que realmente paira sobre o mundo moderno é que essa irrupção de instincto, em época alguma da Historia conhecida agiu tão profunda e intensamente como agora. A semelhança do momento actual com certas phases do passado representa apenas a coincidencia com o que taes phases tinham de inferior, de subalterno, de "tellurico", emfim. E' o que faz um Giulio Evola escrever *imperialismo Pagão* ou Berdiaeff *Uma nova Idade Media*. Semelhança illusoria porque a

Antiguidade e a Idade Media eram o homem integral e por tanto harmonioso em que o instinto e a intelligencia viviam equilibrados ou por uma comprehensão melhor da Vida ou por uma sublimação religiosa. A evolução occidental separou as duas entidades que habitavam o Homem, o instinto e o espirito, collocando-os face a face na disputa fatal de uma supremacia. E o instinto domina; vem dominando...

Para Keyserling o esplendor da philosophia materialista e a consagração de Nietzsche no pensamento universal symbolizam, já, a tendencia do inconsciente colectivo, dessas forças telluricas, a tomar o dominio definitivo.

"Ahi está, na minha opinião (Keyserling) o sentido profundo da immensa expansão da philosophia materialista, ao fundo anti-natural, porquanto os dados primeiros e immediatos da consciencia humana, não são materiaes mas psychicos e espirituaes."

"Toda influencia formidavel de Nietzsche provém do facto de que esse grande espirito que além de tudo era um magico da linguagem e um dos grandes seductores de espiritos requintados que a Europa tenha produzido, se havia constituido, sem o saber, o campeão das forças telluricas,"

"Nietzsche rehabilitou pois, e tornou accessiveis á consciencia cultivada, tendencias que a maioria, pelas razões indicadas ha pouco, sentiam, desde muito tempo, crescer e ganhar terreno no proprio subconsciente."

E para Keyserling a estréa da supremacia das forças telluricas ficou marcada no anno de 1914...

Passa em seguida o chefe da Escola da Sabedoria, de Darmstadt, a indicar as immensas responsabilidades do Espirito.

Lucien Romier já em 1926 quando publicou "Qui sera le maitre" sentia tambem a ameaça que pairava sobre a intelligencia e dizia que no momento "nous arrivons aux "positions conservatrices" qu'il faut défendre à tout prix. La Première de ces positions est la suprématie de l'Esprit"... As outras "posições" eram, para elle, a familia e o senso de humanidade.

E' tambem a defesa dessas posições conservadoras que constitue o plano geral da obra de Keyserling.

Da grande guerra para cá, todos o reconhecem, uma certa tendencia reespiritualizadora parece florescer, no pensamento universal, mas ainda bastante reduzida para operar o "salvamento" do que a civilização occidental — accumulou com tantos sacrificios. Os fructos desse retorno ao primado do Espirito, cujos movimentos iniciaes se esboçam agora, infelizmente, só mais tarde apparecerão.

"E' pois, precisamente e unicamente uma actividade espiritual desinteressada de toda utilidade immediata que poderá enfim mudar os acontecimentos e as cousas, integrando-os num conjunto dominado pelo Espirito".

E, adeante, conclue o philosopho:

"A responsabilidade dos authenticos representantes do Espirito é pois immensa. Cabe-nos mostrar-nos dignos della."

O alcance desse pensamento é incalculavel.

Poderá a humanidade futura assistir, reconhecida, ao resultado da tenacidade dos nossos dias?...

ANTONIO GABRIEL

— Intermédies, de Alfred Fabre-Luce, foi muito bem acolhido pela critica, que assignalou as qualidades de dialogo e estylo, o tacto e não raro o espirito desse autor. Escrevendo para o theatro, não é elle nunca um industrial da ribalta, fugindo aos baixos truques, á carpinteiragem scenica dos discipulos de Sardou. Sua linguagem é sempre de um verdadeiro homem de letras, seus episodios incisivos são abundantes em resumos da vida. Comedias dessa natureza equivalem a substanciosos estudos de costumes.

— Jules Supervielle, poeta de procedencia sul-americana, escreve em francez, e já conseguiu um bello renome em zonas europeas. Não ha muito, estampou um volume, *Bolre à la source*, onde fez allusões bem expressivas á nossa Ouro-Preto. Em *Les Amis Inconnus*, trabalho publicado posteriormente, trata elle de regiões menos reaes, que os mappas não registram, de obscuras paragens da alma, "de secretos corretores que vão da indiferença exterior á amizade, á paixão."

— Italo Siciliano consagra um grosso volume a François Villon. Não se trata de uma analyse meramente pessoal do poeta e sim de um vasto estudo de conjuncto da poesia franceza no periodo medieval. Revivem os costumes, as exterioridades, mas, acima de tudo, a atmospheria espiritual dos seculos em que o mysticismo ardente não impedia as demonstrações de vida ambiciosa e mesmo criminosa. O retrato moral do cantor de tascas, do vagabundo sobre o qual pesa a accusação das peores villanias, apparece-nos, no trabalho de Italo Siciliano, como o complemento, a illustração logica de um tempo em que materia e ideal se fundiam de tal modo.

— Marcel Homet dedica uma especie de monographia ao Congo, que elle classifica de terra de soffrimento. Nada de fantasioso no livro. Homet viveu longamente na Africa central e, com a mais absoluta honradez, conta apenas aquillo que viu. Se muito e muito existe de atroz em suas narrações, queixem-se, não da fidelidade da sua penna, e sim dos methodos pretensamente civilizadores dos grandes homens da Europa. André Gide, máo grado o seu scepticismo, já nos fizera vêr alguns retalhos da vida tragica daquelles climas. Marcel Homet, ainda mais completo, evidencia que em terras do Congo o pittoresco é de todo inferior ao horrivel.

— *Mémoires d'un Soldat de Fortune*, do general Rafael de Nogales, fixa um curiosissimo typo de aventureiro fardado. Trata-se de um homem que teve as suas horas de flibusteiro e viveu como cow-boy, atirando-se á exploração das minas de ouro. Foi o confidente de pachás, de rajahs, metteu-se com revolucionarios americanos. Combateu em Cuba e na Venezuela, seu paiz natal, foi governador militar de regiões algo mysteriosas, praticou os peores contrabandos, caçou animaes bravios e dirigiu conspirações que se destinavam a fazer o dictador. É uma figura de "bravi" medieval extraviada em nossos tempos.

— André Garcet, autor do romance *D'Un Ancien Amour*, nasceu em 1902. É de Lyon, formou-se em engenharia e tem deitado erudição profissional em numerosas revistas technicas. Mas os seus romances, conduzidos com facilidade e felicidade psychologicas, dão realce a aspectos ainda obscuros da mentalidade juvenil de após-guerra. Muita gente accusava os corações novos de hoje de aridez, pobreza de sentimentos, incapacidade de abnegações affectivas. André Garcet prova que, nascidas na desordem, na balburdia e na fereza do fim da grande chacina, as actuaes gerações ainda têm sido muito generosas, muito credulas, muito dedicadas a ideaes superiores.

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

Vichy — Domingo — 23 de Setembro de 1928 (1)

Querido Gastão,

Estás ahi nas brenhas (2) mas aqui neste cantinho do mundo que se diz civilizado ha alguém que se lembra de ti. Cá estou por prescripção medica. Dyspepsia de todas as qualidades, fructo de excessos ethylicos, que fui obrigado a praticar devido á minha dignidade de **Supremo Ethyllista do Universo**. O meu fígado—affirmam-no sabios doutores barbados e de oculos — foi crescendo e crescendo até attingir ás alturas vertiginosas do sovaco, em cuja cavidade recita nas horas vagas:

**Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, inchar, sublr...**

Emfim, é extranho que, sendo eu tão modesto, tenha-me nascido cá por dentro um figado megalomaniaco. Devido a isso estou a beber na Fonte Chomel, embora prefira as mythologicas de Castalia, Gambrino, etc. Não sei si este postal te chegará ás mãos. Só te escreverei carta quando estiveres no Rio. Este postal vae como experiencia. Chegará até a Amazonia? Peço a Deus que não sejas obrigado pelas anophelinas a vir tambem dar com os ossos por aqui. O' lugar pau! Lembranças aos matámatás. Abraços do teu velho

Torres.

Londres — 25-1-29 (3)

Caro Gastão,

Feliz Anno Novo. Que tenhas chegado ao Rio sem impaludismo... Obra **destacadamente** sobre a Guyana Hollandeza **propriamente dita** ainda não achei. Vae esse por emquanto (4). In the **Guyana Forest**, por esse mesmo autor, está exgottado. Vou ver se o desencavo nalgum sebo em Charing Cross (5). Quando appareces aqui? Eu e o Arlindo, que moramos juntos, estamos promptos a receber-te. Moramos perto do italiano das cotovias — lembraste? Vê si consegues dar um pulo até aqui pelo verão ou pelo outomno. **Era no... dito, quando a imagem tua...**

Adeus. Abraços do velho

Torres.

Brazilian Consulate General

Aldwych House W. C. 2

Londres — 10 de Fevereiro de 1929.

Caro Gastão,

Respondo á carta que me escreveste de bordo do **Affonso Penna** a 23 do p. passado. Que alegrão tive em saber-te quasi são e salvo no Rio de Janeiro! De facto essa tua ida ás selvas amazonicas me preocupava muito o espirito. O ponto da minha preocupação era o perigo do impaludismo. Os indios, as onças, os jacarés e as sucuryrs são perigos menores. Conforme teu pedido já te enviei dois livros a respeito daquellas paragens remotas. Um delles, allás, está exgottado e tive que mandar buscal-o no interior em livraria de se-

gunda mão, como verás pelo estado do volume (6). Livro a respeito da Guyana Hollandeza **exclusivamente** ainda não encontrei, mas tambem ainda não perdi a esperança de encontrar. Caso tenhas noticia d'algum é só escrever-me, que irei caval-o com todo prazer. Mandeite tambem um numero do **Mercure de France** que traz um artigo do Severiano a teu respeito e um outro, excellente, magnifico, a respeito do **Ariel** de Maurois. Que te digo eu sempre? Essas biographias romanceadas nada valem. Achei o **Ariel** intragavel. Não consegui mesmo lel-o nem siquer até o meio. O artigo do **Mercure** reduz essa chantagem ás suas verdadeiras proporções. Agora envio-te outro numero do **Mercure** com um artigo do Douglas (7) a respeito de O. Wilde. Esse numero do **Mercure** foi confiscado aqui. O Bosie (8) não tem socego. Ainda ha poucos mezes processou o Harrod's por estar vendendo os dois volumes de F. Harris (9)!

Recebi e li **A Creação e o Creador**. Dizes que muita gente não gostou do livro por achal-o **exquisito**. Comprehen-do perfeitamente, o estado mental dos que não gostaram. O assumpto é, com effeito, original, mas está um pouco desenvolvido. As personagens, na sua maioria, estão apenas esboçadas. Para que o livro se torne mais claro precisas de lhe dar mais cem paginas pelo menos de psychologia solida, evitando pormenores inuteis, de maneira que as figuras das **novellas** se tenham de pé. De facto ha no teu livro **dols** romances entrelaçados, e não podiam ter sido escriptos tão depressa. Creio ser devido a isso que acharam a coisa **exquisita**. Queriam dizer provavelmente: **obscura**. Em todo o caso, attrahente.

O Arlindo e eu te esperamos com immenso prazer. Moramos juntos e perto do italiano das cotovias. Praza a Deus que venhas! Faze o possivel. Achar-me-hás ainda em Londres? Sim, si o Ministerio não me transferir. Andam por lá a fazer uma reforma, sempre as reformas! E não sei que destino me reservam. Só peço a Deus que não bulam commigo até julho do anno proximo, que é quando terei direito a férias e poderei ir ao Brasil, de que ando ralado de saudades. Do Godoy não tenho carta ha varios mezes. Lembranças ao Saul (10), a quem escreverei brevemente. E abraços do teu velho ave-lhantado

Torres.

Brazilian Consulate General

Aldwych House W. C. 2

Londres — 11 de Março de 1929

Meu caro Gastão,

Escrevi-te e mandei-te os livros que me pediste a respeito da Guyana. Enviei-te tambem um **Mercure de France** contendo uma carta de lord Douglas a respeito de O. Wilde. O ultimo numero do **Mercure** (1.º de Março) traz ainda duas cartas do mesmo senhor. De-

ves achal-o provavelmente no Garnier. Agora te mando junto a esta alguns recortes do **Evening Standard** acerca de um caso de dupla personalidade apparecido em Oxford. Terás recebido os livros enviados? Do Brasil não recebo carta de ninguem. A ultima que recebi foi a tua, que já respondi. De Vichy escrevi ao Ramos (11). Depois escrevi tambem daqui, agradecendo alguns livros que elle me mandou. Desejo saber si e **quanto devo** ao Castilho. Nem sombra de resposta. Peço-te ir lá e indagar dessa historia. Quando será que os brasileiros se convencerão de que o papel, a penna, a tinta e os correios foram inventados para a humanidade escrever e responder cartas? Do Godoy recebi ha mais de um mez um telegramma dizendo: **Segue carta!** De carta, porém, nem signal! Até hoje! Quanto a mim, vou vegetando. Espero resposta. Lembranças ao Ramos e ao Grieco. Abraços do teu velho

Torres.

Brazilian Consulate General

Aldwych House W. C. 2

Londres — 14-4-1929

Meu caro Gastão,

Algumas linhas para apenas te comunicar recepção da tua carta de 29 p. p. e tambem da anterior. Recebi tambem as entrevistas (12) (por signal que bem interessantes) e os livros — um da filha do Nabuco, e o do **Homem do Jacto**. (Aaah! eu quero amááá!) Já percorri ambos. O livro sobre Nabuco é bem livro de mulher.

Sei que o Gilberto embarcou para a Europa, mas não tenho delle a menor noticia. Nem sei onde está. Do Godoy tambem nenhuma noticia tenho tido, a não serem as que mandaste nas tuas ultimas cartas. Pobre amigo! E' a bôa fé, a lealdade em pessoa. E os outros? Os que se aproveitam dos serviços delle? Sucia de cães apenas.

Vou hoje mesmo encommendar os livros que pediste. A **Biographia** do Douglas já saiu. Enviar-t'a-hei. Aguardo os artigos do nosso Agrippino, a quem mando abraços. Lembranças ao Castilho, ao Saul e ao Pelagio (13). Si vires o Costa Rego por ahi, abraça-o por mim.

Abraços do teu velho d'alma

Torres.

P. S. Mandeite ha dias um livro ao Saul. Terá recebido?

Brazilian Consulate General

Aldwych House W. C. 2

Londres, 7 de Maio de 1929

Meu caro Gastão,

Ahi vae por este mesmo correio o livro a respeito dos indios das Guyanas que me pediste (14). Demorou a ir, porque, como já te disse em carta anterior, foi preciso caval-o nas provincias. Não o digo para encarecer o presente que delle te faço, mas apenas para saberes a qualidade do livro que tens: é

bem difficil já obtel-o e custou caro. E, portanto, livro para ser conservado. Quanto a mim, percorrendo-o, pareceu-me muito interessante, principalmente na parte que diz respeito á religião e ao folk-lore dos selvagens. Entretanto, como não sou um especialista na materia (eu só me especialisei até hoje em generalidades), não sei que valor scientifico ainda terá esse livro, que é de 1883, salvo engano. Vel-o-has tu mesmo, com as tuas luzes amazonicas. Ende-recei o livro ao Castilho.

Não me perguntes si estou fazendo livros. Estou lendo livros, o que é muito mais agradável e proveitoso. Lendo livros e vendo coisas. De vez em quando tomo uma nota. Uma nota e uma resolução, a resolução de continuar a escrever um livro. Mas ha tantos outros para ler, que eu acho melhor ficar lendo. Lendo e vendo coisas. E considerando-me muito importante por ser capaz de escrever maravilhosos livros que não escrevo! Nem creio que os escreverei jamais. A minha mão direita está ficando rheumatica de tanto assignar papeladas burocraticas. Escrever é hoje para mim um sacrificio horrivel. Si eu tivesse um stenographo a quem dictar, ainda bem. Mas não tenho. Ninguém entende portuguez aqui. Terra feliz! Gente ditosa, que não póde ler Julio Dantas nem os jornaes brasileiros! Ditosa patria! E o artigo de Agrippino? Não no recebi. Lembranças aos amigos. Abraços do velho

Torres.

1) Bilhete-postal com uma vista colorida da Fonte Chomel, em Vichy. 2) Alludia á viagem que G. C. fazia então, acompanhando a Inspeção de Fronteiras, no sector da Guyana Hollandeza. 3) Pequeno bilhete que acompanhava a remessa de um livro. 4) James Rodway: *British, Dutch and French*. 5) De facto, foi remetido tempos depois. 7) James Rodway: *In the Guiana Forest*. 8) Alfred Douglas. 9) Appellido familiar de Alfred Douglas. Assim o chamava Oscar Wilde. 10) Frank Harris; *Oscar Wilde-His life and confessions*. 10) Saul Borges Carneiro. 11) Alberto Ramos. 12) Entrevistas dadas por G. C. á *Folha do Norte*, de Belém, e ao *Diario da Manhã*, de Recife, quando tornava da sua viagem á Amazonia. 13) Pelagio Borges Carneiro. 14) Everard F. Im Thurn: *Among the Indians of Guiana*, London. 1883.

NOVIDADE LITTERARIA

A grande novidade do mez será o apparecimento do novo romance de José Americo de Almeida: *O Boqueirão*, que deverá ser lançado a publico pela Livraria José Olympio.

Contingencias politicas, levaram o notavel escriptor patricio a afastar-se temporariamente do terreno das lettras, mas quantos leram e admiraram *A Bagaceira* tinham a certeza de que o grande romancista tão depressa tivesse alguns lazeres deante de si, havia de tornar á liça com todos os attributos revelados por occasião da sua estreia.

E' o que acontecerá agora, com a publicação d'*O Boqueirão*, de que nos felicitamos de poder dar aos nossos leitores um pequeno mas bem expressivo trecho, inserto em outra local deste numero, e, mais por deante, com a publicação de outros romances já annunciados e anciosamente esperados, como *Os Colteiros* e *Mulher de Ninguém*.

INQUERITOS

A proposito de inqueritos, o sr. Marques Rebello escreveu interessante critica no *Boletim de Ariel* de Outubro.

Depois disso, mais de um inquerito appareceu: "Qual o principe dos prosadores brasileiros?" A este respeito é curioso notar que o sr. Alberto Ramos nenhum voto conseguiu até hoje. Não é elle, entretanto, um dos primorosos prosadores brasileiros? Alguns, senão todos os seus pequenos artigos no *Boletim* são verdadeiras obras primas de boa prosa. Resta mesmo saber se, depois da introdução á *Correspondencia entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, de Graça Aranha; das chronicas que constituem a parte final dos *Contos e Impressões* de Mario de Alencar e de certas chronicas de *Figuras de Constancio Alves* (como, por exemplo, a que se refere a Tennyson) — algo já se escreveu no Brasil, de alguns annos a esta parte, superior á prosa de Alberto Ramos.

E' claro que ninguém vae negar o acerto dos que votaram em Ronald de Carvalho ou Gilberto Amado, mas se até o inimigo n. 1 das lettras brasileiras foi votado...

Esse, um inquerito a proposito de vivos. Mas não seria máo que instituíssem outro para saber dos nossos homens *qualitativos* com quem elles prefeririam *conviver* depois de mortos, no caso de haver intercurso *post-mortem*, entre as almas innumeraveis que povoam os espaços... E' claro que estariam excluidas as pessoas da

familia — por determinação dos organizadores do inquerito ou por exclusão natural...

Imaginemos, porém, seriamente, se em verdade nos fosse permittido escolher uma alma companheira na perpetua existencia espiritual. Qual seria? Confucio, Socrates, Florence Nightgale, Abrahão Lincoln, Joaquim Nabuco? Ou Shakespeare, Virgilio, Shelley, Goethe, Beethoven, Flaubert, Rabelais, Dickens, Castro Alves? Talvez Aristoteles, Platão, Pasteur, Edison, Alberto Torres? Ou então Joanna d'Arc, Julio Cesar, Napoleão...

Imaginemos *conviver* com o seraphico São Francisco — cuja curta vida terrena bastou para illuminar o mundo. "A thing of beauty is a joy for ever". *Conviver* com quem — na formosissima phrase de Chesterton — foi "o bôbo da côrte do Rei do Paraíso"!...

Supponhamos, por um momento, approximarmo-nos da nobre figura de Lincoln, do homem que, possuindo a alma generosa de São Francisco, foi obrigado por sagrados deveres a manter a mais tragica guerra civil da historia. Desse, de quem todos os aspectos e episodios de uma vida interessantissima de mais de cinquenta annos pouco valem, pouco significam perante os quatro annos finaes, do mais sublime sacrificio de todas as inclinações naturaes de seu ser, de todos os anseios de seu enorme coração! Um momento de belleza é uma alegria perenne!...

Ouvir, por exemplo, de Castro Alves as estrophes que não puderam ser escriptas nesta vida passageira... e de Raul de Leoni os ultimos versos de luminosidade mediterranea.

Andar, lado a lado, com Joanna d'Arc ou Beethoven, com S. Thomaz de Aquino ou Emilio de Menezes, com Euclides da Cunha ou Napoleão...

Tem a palavra, para proferir seu voto, o Sr. Marques Rebello...

E. P. MONTEIRO

OBRAS DIDACTICAS DA LIVRARIA DO GLOBO

Não ha exaggero em reconhecer que o *Cours de Français*, da sra. Burtin-Vinholes, concorre perfeitamente á finalidade visada. Tudo nelle é conduzido com uma clareza, uma simplicidade, uma precisão dignas de qualquer notavel educador europeu. Bons exemplos litterarios e suggestivas gravuras augmentarão o interesse dos alumnos na aprendizagem da mais util das linguas culturais. Quanto ás *Apostillas de Historia do Brasil*, do sr. Max Fleiuss, são de um velho e incansavel esmerilhador de todos os episodios da nossa terra, desde a descoberta aos dias que correm. Pesquisando factos historicos, ensinando-os a centenas de alumnos e orientando dezenas de estudiosos nos dominios do Instituto de que é secretario perpetuo, o sr. Fleiuss tornou-se já agora um mestre a que é forçoso recorrer sempre que se deseja travar conhecimento intimo com quatro seculos de Brasil.

leiam

GASTÃO CRULS

VERTIGEM

GRACILIANO RAMOS

S. BERNARDO

ARIEL Editora

Othoniel Motta — *Lyrismo Grego* — São Paulo — 1934.

Grammatico eminente, já tendo escripto paginas valiosas a proposito de Camões, o sr. Othoniel Motta prova, neste opusculo de 74 paginas, quão familiares lhe são os classicos gregos, sem lhes esquecer o contacto com as demais litteraturas do mundo. Sente-se que ha, no momento, casado a um philologo de erudição indiscutivel, um homem realmente sensível ás belezas da admiravel poesia antiga que deu Anacreonte e a maravilhosa cantora de Lesbos.

Humberto de Campos — *Destinos...* — Livraria José Olympio — Rio.

Mais uma admiravel série de chronicas destinadas a manter o renome e a deliciar o vasto circulo de leitores do grande Humberto de Campos. São trechos de vida em que fulguram a mesma poderosa imaginação e o mesmo talento de romanceador do morto inesquecível. Vê-se ainda uma vez não ser em absoluto desdenhavel nenhuma das composições, ainda as de caracter jornalístico, que saíram da penna daquelle cuja morte prematura tão fundamente comoveu todos os homens de espirito do Brasil.

O Problema Educacional e a Nova Constituição — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Trata-se de um util retrospecto em que especialistas em assumptos de educação examinam lucidamente os novos dispositivos constitucionaes que se prendam aos problemas de pedagogia. Figuram neste volume nomes bastante conhecidos pelos encargos desempenhados nos dominios da instrução publica, não lhes faltando, a par de boa cultura, o enriquecimento de uma verdadeira experiencia. Dahi a autoridade com que se expressam sempre em relação á mais difficil das artes: a de formar cerebros novos.

A. Armandy — *O Thesouro das Ilhas Galapagos* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

André Armandy não era ainda muito conhecido do nosso publico, e devemos á Cia. Editora Nacional o tê-lo revelado aos amantes de romances de aventuras em nosso paiz. É mais um serviço que presta ao publico brasileiro a casa que tanto tem concorrido para espalhar civilização intellectual entre nós. Armandy, pela riqueza da fantasia e pela habilidade no manejo das situações mysteriosas, é, sem duvida, brilhante rival de Maurice Leblanc e também de Maurice Renard.

Francisco Ribeiro Sampaio e José Leite Pinheiro — *Orthographia* — Pirassununga.

Trata-se da polemica mantida, em Pirassununga, cidade paulista, pelos illustres professores Francisco Ribeiro Sampaio e José Leite Pinheiro. Nessa troca de idéas, desenvolvida sempre com a maior polidez de palavras, o que é raro em discussões de grammaticos, aquelles distinctos philologos permutaram observações quanto a factos essenciaes da nossa lingua. Louve-se espe-

cialmente a boa fé dos contendores, que apparecem nesse opusculo serenamente congraçados, podendo o leitor avaliar do merito dos argumentos expendidos por ambos.

Guy de Hollanda — *Novo conceito de Historia da Civilização* — Rio.

É simplesmente admiravel que, ainda tão moço, mal tendo chegado á casa dos vinte annos, o sr. Guy de Hollanda já se apresente com uma tão solida armadura de erudição. As palavras introductorias do sr. Jonathas Serrano, cathedratico de Historia da Civilização no Collegio Pedro II, dizem de modo claro o que significa esse precioso contingente de um moço sempre distinguido pelas melhores notas e premios naquella casa de esino. Os assumptos de ethnologia e prehistoria lhe são extremamente familiares e a argucia da interpretação accrescenta sempre uma nota pessoal ao estudo dos velhos textos. Especialmente a critica do evolucionismo materialista é, neste volume denso de factos, algo de impressionante.

Vitorio Canepa — *Manual de Equitação* — Editora Cruzeiro do Sul — Rio.

O volume desse culto e operoso official do nosso Exercito faz desaparecer uma necessidade que ha muito preocupava os cultores e amadores da equitação em nosso paiz. No seu livro, tão conciso quanto substancioso, está compendiado tudo quanto possa interessar aos amigos do cavallo, e o assumpto nada possui de desdenhavel, especialmente se considerarmos o relevo que a cavallaria teve sempre nas grandes guerras e que até um dos maiores soberanos portuguezes, em meio ás lutas administrativas e politicas, achava tempo para compôr um volume sobre a arte de bem cavalgar.

Alfredo Ellis Junior — *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

A *Brasilliana* dos grandes editores da Paulicéa apresenta-nos agora a segunda edição desse volume a que se mostraram, por ocasião da primeira, profundamente attentos todos os pesquisadores do nosso passado historico. O sr. Ellis Junior, rebento de um politico que teve largo prestigio em nossa Camara Alta, não é, ao que seria de esperar, o producto de nenhuma especie de favoritismo. Construiu-se por si mesmo, está erguendo por si proprio um nome duradouro, e os seus livros, alicerçados em boa base de documentos, encerram sempre aquella clareza sem a qual não é permittido divulgar factos controvertidos da formação de um povo qual o nosso.

Moysés Gikovate — *Ensaio* — Museu Nacional — Rio.

A illustre cientista Heloisa Alberto Torres assignala, com bastante criterio, os meritos deste volume, partido da inquirição e da penna de um naturalista joven e desprotegido, que teve de abrir caminho num ambiente, qual o nosso, não muito dado a favorecer as espontaneas iniciativas dos que pretendem consagrar-se a arduos assumptos de

anthropologia e ethnographia. Pesquisador desinteressado e curioso de todas as caracteristicas raciaes da America, o sr. Gikovate mereceu igualmente referencias honrosas de outra grande figura da nossa sciencia, qual o glorioso botânico A. J. de Sampaio, tão exaltado a proposito de livro recente.

Alfredo Pujol — *Machado de Assis* — Editor José Olympio — Rio, 1934.

É uma nova edição, apresentada com extremo gosto artistico, das conferencias que Alfredo Pujol, prestigioso advogado da Paulicéa, desenvolveu em torno á vida e aos livros do maravilhoso estylista do *Braz Cubas*. Para a completa elucidación dos romances do mestre incomparavel, bem como para a comprehensão integral, de certos detalhes de uma existencia por vezes enigmatica, qual foi a de Machado de Assis, não sabemos de orientador mais idoneo, melhor aparelhado quer no sentido intellectual, quer no moral. Um tal volume anda longe de haver soffrido decrescimo de interesse.

Viriato Corrêa — *Historia do Brasil para as creanças* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

O sr. Viriato Corrêa, que logo no começo da sua carreira tanto deliciou as creanças com as suas historias destinadas ao mundo infantil, procura falar-lhes agora do nosso passado, dos nossos varões historicos, dos nossos acontecimentos gloriosos. A narração é em linguagem adequada ao publico de saias curtas e calças curtas, evidentemente o auditorio a que o escriptor maranhense se dirige sempre com maior prazer. Optimamente illustrado pelo grande desenhista Belmonte, o livro fará o regalo da gente miuda e é bem provavel que a segunda edição não tarde a vir por ahi.

Adolpho Ducke — *Colheita de material botânico na região amazonica* — Publ. do Ministerio da Agricultura.

O nome de Adolpho Ducke está fortemente vinculado aos estudos da nossa flora e são sem conta os especimens vegetaes, sobretudo da região amazonica que, graças aos seus esforços e competencia, estão hoje perfeitamente conhecidos e catalogados. Nessa pequenina mas valiosa monographia o autor relata as suas ultimas viagens ao extremo norte do paiz de onde trouxe abundante material florístico para as collecções do Jardim Botânico.

André Maurois — *Lyautey* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

É a evocação de uma das figuras mais varonis da França contemporanea. Lyautey, que teve como nenhum outro o culto da grandeza colonial do seu paiz, o constructor politico e social de Marrocos, encontrou aqui um pintor que não lhe atraía nunca os traços essenciaes. A traducção, bastante cuidadosa, é do academico Gustavo Barroso.

Letras Estrangeiras

— Juana de Ibarbourou é hoje uma das primeiras poetisas de lingua hespanhola. Conhecedores da litteratura sul-americana, como o sr. Sylvio Julio, tornaram-na bastante admirada entre nós. No momento, graças aos esforços da Sociedade Amigos do Livro Rioplatense, vem ella de publicar, numa formosa edição, as *Estampas de la Biblia*, com illustrações de Antonio Pena e prefacio de Gustavo Gallinal. É por assim dizer uma série de vinhetas impregnadas de sentimento. Ahi figuram todas as mulheres fortes ou amorosas do grande livro dos judeus.

— Paul Claudel seleccionou em todas as suas obras aquellas paginas que lhe foram suggeridas pela leitura da Biblia, pelos ritos e pelas ceremonias da Igreja catholica, no sentido de interessar e encantar as almas das mulheres e das creanças. Reuniu-as num volume e deu a este volume o titulo caricioso de *Ecoute, ma Fille*. É um breviario de amor e ternura paternal e, ao mesmo tempo, um livro que não deixará de tocar todos os crentes, todos os christãos sinceros.

— Evan Harrington foi escripto pelo grande George Meredith lá pelas alturas de 1860, quando elle mal saíra da adolescencia. Não obstante, é uma obra forte, onde se descrevem intensamente os meios aristocraticos da Inglaterra, a vida de intrigas de certos fidalgos, tudo naquella mescla de poesia e sarcasmo que dá a esse soberbo narrador, a esse dialogista incomparavel, um dos supremos postos entre os psychologos do mundo.

— Jean Giono é um cantor dos ambientes campestres. Detendo-se de preferencia entre as populações rusticas, longe da comedia parisiense, permanece fiel ás montanhas, aos rios, á gente simples e bôa que revolve a terra para dar trigo e vinho aos civilizados. Um dos seus ultimos volumes, *Le Chant du Monde*, é um poema e encerra detalhes precisos como uma monographia de estatistica.

— Guy Mazeline, que obteve o premio Goncourt de 1932, cultivava os chamados romances-rios. Existe, com effeito, muito de fluvial na sua maneira narrativa. Preoccupam-no especialmente as grandes familias, a successividade das gerações, e faz profundas sondagens na alma da burguezia franceza. De preferencia a filial-o aos discipulos de Proust, devemos collocar-o entre os melhores descendentes de Balzac.

— Um especialista em problemas da alma judaica é Bernard Lecache, que deve tambem ser da tribu, se attendermos á insistencia com que se refere á gente biblica. Seu volume *Les Ressuscités* reflecte bem, ao que já foi accentuado, o amargor e a altivez da mais complexa das raças.

— Eugène Dabit viveu alguns mezes numa ilha do Mediterraneo, ahi saboreando as delicias da primavera, ine-

briado no mar, no sol e no contacto de pescadores e praieros. Mas tambem sentiu vagarem por ahi as preoccupações da pobreza, da guerra, da falta de trabalho. Elle proprio escreveu que ás inquietações da vida moderna não conseguiam eximir-se nem mesmo esses logarejos perdidos no mar alto. Como quer que seja, dessa fuga aos grandes centros extraiu Dabit um livro differente dos que produziu até hoje, sem exaggeros populistas, sem a preocupação dos arrabaldes e das turbas parisienses. Um livro em que realmente se insinúa a poesia do mar.

— Heine, esse mixto atormentado de judeu, allemão e francez, revive num bello estudo de Antonina Vallentin, que lhe evoca a infancia nervosa, o entusiasmo por Napoleão, os impetos revolucionarios, a vinda a Paris. Boas são as paginas que tratam da ligação fraternal do poeta da Germania com Théophile Gautier, que lhe consagraria um suggestivo retrato posthumo; com o solenne Vigny e com a accessibilissima George Sand. É uma successão de silhuetas que dizem sempre muita coisa aos amadores de litteratura. Tambem não deixarão de interessar as referencias feitas a Marx e Lassalle, dois grandes theoristas, que tanto concorreram para a agitação economica do mundo de hoje.

— Vem de sair uma formosa edição, illustrada e completa, da obra prima de Edouard Herriot, *Madame Récamier et ses amis*. Foi esse, ninguem o ignora, o trabalho com que o futuro ministro se impôz, de inicio, á estima dos intellectuaes. Muitos documentos novos apresentou elle, graças á rebusca pelos arquivos, illuminando em cheio a figura, por vezes enigmatica, daquella que foi a rival de Madame de Stael e tanto preocupou Benjamin Constant e o autor dos *Natchez*. Feliz terra a França, onde os politicos são tambem humanistas!

R. L. Stevenson — *A Ilha do Tesouro* — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Stevenson não chegou a viver meio seculo e foi muitos annos torturado pela tuberculose. Não podendo manter-se na Inglaterra, porque o clima de lá não o favorecia, vagou pelas ilhas do Pacifico, até ir finar-se numa dellas. Máo grado, porém, tantas inquietações de uma vida errante, conservou-se inalteravelmente bom, inalteravelmente puro. Ainda quando pintasse em seus livros, figuras de criminosos ou loucos, infundia-lhes um encanto especial de narrador de contos de fadas. Particularmente *A Ilha do Tesouro*, agora traduzida pela sra. Pepita de Leão, é verdadeira maravilha de graça fantasiosa, sentindo-se o que havia de seducção infantil nesse continuador adulto das *Mil e uma Noites*.

"ULENSPIEGEL"

Recebemos o sexto numero desta revista bimestral, órgão da Associação Belgo-Ibero-Americana, que se edita em Anvers, sob a direcção dos srs. Armando Solano e Jan Denucé. A Associação tem por objecto a approximação espiritual da Belgica e dos paizes ibéricos e ibero-americanos. Nesse numero de novembro-dezembro de 1934, podemos notar trabalhos de Ronald de Carvalho, Luc Durtain, Oswaldo Tavares, Mauricio von Wellisch, Machado de Assis, Calo de Mello Franco, Sotero Cosme, além de muitas notas sobre o nosso movimento financeiro e economico. *Ulenpiegel*, muito concorre, sem duvida, para o estreitamento dos laços espirituales que nos prendem á Belgica.

PROTECÇÃO A INFANCIA

Acabam de ser dados á estampa, em 5 magnificos volumes, cada qual mais interessante, os *Annaes da Primeira Conferencia Nacional de Protecção á Infancia*, que se reuniu nesta cidade em Setembro de 1933, e logrou pleno exito. A esse grande certamen concorreram representantes de todos os Estados, não sómente medicos, como juristas, educadores e pessoas interessadas no amparo da creança e os cinco volumes que ora temos em mão são o testemunho da relevancia dos assumptos então ali debatidos, como as questões de Assistencia e Legislação, Educação e Hygiene, e o importante problema da mortalidade infantil.

Clovis Amorim — *O Alambique* — Livraria José Olympio — Rio.

Tendo apenas vinte annos, o sr. Clovis Amorim já se apresenta com um volume que reflecte de modo suggestivo a vida e os costumes do reconcavo bahiano. Se a psychologia não é profunda, interessantes são os detalhes sobre as festas, as crendices, as peculiaridades da linguagem local. O livro nenhuma difficuldade offerece á leitura, e não lhe faltam sequer felizes notações da paisagem. Os typos foram evidentemente colhidos em flagrante, e os futuros livros do sr. Clovis Amorim hão de por certo sagral-o um dos elementos mais intensos da sua brilhante geração novissima.

Dr. Alberton Renzo — *Estudo Clinico da Phreni-Alcoolização* — Arte Moderna Ltd. Rio.

Trata-se de mais um valioso trabalho de quem já se fez um nome ouvido e acatado no terreno da Tisiologia, especialidade a que ha muito se dedicou e á qual vem dando o melhor da sua intelligencia e da sua actividade. Nessa interessante monographia, acompanhada de numerosas observações clinicas, o autor estuda e defende as vantagens da phreni-alcoolização sobre a phrenicectomia.

É poeta aquelle a quem a difficuldade inherente á sua arte dá ideias -- e não o é aquelle a quem essa difficuldade tira as ideias.

PAUL VALÉRY.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Ribeiro Couto — Presença de Santa Therezinha — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Ribeiro Couto — Elogio de Constancio Alves — Discurso na Academia de Lettras — Rio.
 Vianna Moog — Heróis da Decadencia — Editora Guanabara — Rio.
 Othoniel Motta — Lyrismo Grego — S. Paulo.
 J. F. de Almeida Prado — Primeiros povoadores do Brasil — Cia. Editora Nacional. — S. Paulo.
 Julio de Revoredo — Imigração — Editorial Paulista — São Paulo.
 Francisco Galvão — Terra de Ninguém — Adersen Editores — Rio.
 Ruy Barbosa — Mocidade e Exílio — (Cartas inéditas) — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
 Alfredo Ellis Junior — O Bandeirismo Paulista e o Recuo do meridiano — Cia. Editora Nacional. — S. Paulo.
 Everardo Backheuser — Technica da Pedagogia Moderna — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Vittorio Canepa — Manual de Equitação — Editora Cruzeiro do Sul — Rio.
 Othoniel Belleza — Eurythmia do Infinito — These de ocncurso — Bello Horizonte.
 Dr. Alberto Renzo — Estudo Clinico da Phreni-Alcoolização — Arte Moderna — Rio.
 O Problema Educacional e a Nova Constituição — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
 Lobagola — Autobiographia de um selvagem — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo.
 Max Beer — Historia do Socialismo e das Lutas Sociaes — 2.º vol. — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo.
 Herman Hesse — O Lobo da Esteppe — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo.
 Dr. J. R. Bourdon — A Intimidade Sexual — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Juana de Ibarbourou — Estampas de la Biblia — Sociedade Amigos del Libro Rioplatense — Montevideu.

Ruy Barbosa — Mocidade e Exílio — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

São cartas ineditas de Ruy, prefaciadas e anotadas pelo sr. Americo Jacobina Lacombe. Prefacio e anotações elucidativas sempre de recantos e episodios de uma vida tantas vezes não bem historiada por adversarios malevolos ou panegyristas mal documentados. O sr. Jacobina Lacombe, que é intimo de todos os detalhes da actividade de Ruy, no terreno intellectual ou moral, soube colligir admiraveis informes que põem vivo deante de nós o maravilhoso lutador da propaganda republicana e da resistencia aos excessos de Floriano Peixoto. Nem são de desdenhar as epistolas que nos mostram um Ruy sensível ás ternuras domesticas e apegado sinceramente a quantos lhe gravitassem na orbita familiar. Livro sob todos os aspectos excellente.

REVISTAS

Excellent, o numero de Natal da Revista do Globo, dirigida por Erico Verissimo, o vigoroso prosador de Clarissa, e editada em Porto Alegre pelos livreiros Barcellos e Bertaso. Ao lado de historietas infantis, ha optimas reportagens internacionais, contos de aventuras, humorismo e litteratura.

Vanitas, revista da vida elegante de São Paulo, afigura-se nos sempre e sempre mais prestigiosa na sociedade bandeirante. A direcção de Nair Mesquita nunca decresce do impeto dos primeiros numeros dessa publicação, que é hoje espelho fiel da vida intellectual e social de São Paulo.

A Revue Française du Brésil procura unir por fortes laços espirituales os francezes residentes no Brasil, interessando todos os amigos do genio gaulez. O seu numero de Natal oferece variado summario, abundantemente illustrado.

Idéa, publicação de estudantes da Universidade do Rio de Janeiro, firma cada vez mais a sua attitude de combater em defesa da sciencia e da philosophia. Trata-se sem duvida de uma publicação victoriosa da nossa mocidade.

Festa, revista de arte e pensamento, dirigida pelos escriptores Tasso da Silveira e Andrade Muricy, em seu numero de Dezembro ultimo publica poemas de Gilka Machado, Silveira Netto, Murilo Mendes, e muitos outros, além de varios artigos de litteratura.

E a Revista Brasileira, com tanta intelligencia dirigida pelo sr. Baptista Pereira, consegue de modo brilhante realizar o ideal de cultura em que se propõe a reflectir o movimento da vida contemporanea.

PUBLICAÇÕES DE PEDAGOGIA

Da Bibliotheca Central de Educação, por intermedio do dr. Armando de Campos, recebemos diversas publicações do Departamento de Educação do Districto Federal. Além de varios programmas de Institutos e Escolas Profissionais, de monographias sobre a Lei do Fundo Escolar, regulamentos do Instituto de Educação, Organização de Educação Physica, de Cursos Nocturnos Populares, e alguns decretos sobre questões de ensino — podemos notar entre aquelles volumes diversos fasciculos da excellente série do Instituto de Pesquisas Educacionais, dirigido pelo sr. Delgado de Carvalho, e relativos a Planos e Inqueritos, Programmas, Guias de Ensino e obras de vulgarização e informação.

O Boletim de Educação Publica é uma publicação que já-mais desmerece os seus altos propositos de cultura pedagogica, visto como está sempre em dia com os novos methodos americanos e europeus, além de nos offerecer trabalhos de mestres patricios.

Quanto aos Programmas e Guias de Ensino, recebemos cinco dos volumes publicados: Sciencias Sociaes, Linguagem, Mathematica e Jogos Infantis — volumes organizados sob os cuidados de professores de merito, collaboradores da obra de cultura que o Departamento de Educação leva para deante sob a direcção intelligente do Sr. Anísio Teixeira.

— Não são numerosos os livros de caracter japonês que circulam pelo mundo. Difficuldades de transportar ao plano occidental do que é pensado e sentido dentro de propositos orientaes. Mas agora os francezes começam a interessar-se pela divulgação das obras de procedencia nipponica e, entre outros, Kikou Yamata adquire leitores por onde quer que se vendam os volumes da livraria Gallimard. Filho de um consul do Japão em terras francezas, Yamata fez bons estudos europeus, sabendo especialmente muito bem historia de arte. Vies de Geishas, um dos seus trabalhos de maior successo, foge á mythomania de Loti e nos faz ver a existencia daquellas pobres creaturas, daquellas bellezas de aluguel, com uma delicadeza, uma meiguice em que se insinúa por vezes a graça christã.

— Louis Dimier offerece-nos Histoire et Causes de Notre Decadence. Dimier é um austero temperamento de catholico. Figurou longo tempo entre os legionarios da Action Française, trabalhando debaixo das ordens de Charles Maurras. Mas acabou desligando-se deste e lançou um volume em que ha paginas amargas sobre o antigo mestre. Detalhe curioso a proposito desse escriptor é que é um dos poucos em França a se interessarem pela litteratura portugueza, sendo um grande entusiasta de João de Barros e outros classicos lusos.

— O livreiro parisiense Grasset annuncia para este anno a publicação de um punhado de novidades no terreno da ficção, da Historia, do ensaio. Entre outros, publicará aquelle editor romances de Jean Giono (Que ma joie demeure), François Mauriac (La Fin de la Nuit), Henry Poulaille (La Peur du Lendemain), Robert de Traz (Le Pouvoir des Fables), Blaise Cendrars (L'Argent), H. de Montherlant (Les Jeunes Filles), Francis de Croisset, Edouard Peisson, Henri Duvernois, Jean Cocteau, Joseph Peyre e Princeza Bibesco. Entre outros livros de Historia, Erasmo de Stefan Zweig, Montaigne de Alberth Thibaudet, Le Général Lafayette, de Andreas Latzko as Lettres Françaises de Richard Wagner; as vidas de Marie Stuart, por Stefan Zweig, da Rainha Christina, por Gina Kaus, de Marguerite d'Autriche, pelo Conde Karl Tschupik; L'Impératrice Joséphine, de E. A. Reinhardt, e Cathérine II de Ovon Wertheimer. Editará ainda livros de ensaios de Henri de Man, Hyacinthe Dubreuil, C. F. Ramuz e André Suarés, e narrativas de viagens de H. de Monfreid, Francis de Croisset, Edmond Demaitre, e A. t'Serstevens.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACOR-CHEFE

Agrippino Grieco

UM LIVRO PREMIADO

O premio Felipe de Oliveira foi concedido este anno a Casa Grande & Senzala.

Como o livro de Gilberto Freyre é sobretudo um livro de erudição, um "ensaio de sociologia genetica e de historia social", houve quem extranhasse o facto de se conferir a obra de tal genero um premio de litteratura.

Excesso de rigorismo, sem duvida. Basta ampliar o conceito de litteratura, e considerá-la simples synonymo de expressão de vida intellectual, como fazem em geral historiadores e criticos, para perceber a sem-razão da extranheza. Além disso, nunca faltaram livros de historia, que só pela forma, pela expressão linguistica apurada, pela attracção envolvente do estylo, pudessem figurar legitimamente ao lado de poemas e novellas. Quem negaria o feitio litterario dos escriptos historicos de Tacito ou de Plutarcho, de Michelet ou de Renan, de Nabuco ou de Euclides da Cunha? E quem recusaria reconhecer na sobriedade, no pittoresco, no rythmo da prosa de Gilberto Freyre os mais puros dons litterarios?

Mesmo, porém, que Casa Grande & Senzala tivesse sido escripto com o máo gosto de um discurso academico ou com a sensaboria de um relatório de director geral, restaria ainda o miolo, a polpa, que é de primeira ordem. E só isso bastaria a justificar o premio.

Com effeito, o livro de Gilberto Freyre representa, considerado apenas em seu plano, a mais sensacional das novidades da historiographia indigena. E' a primeira vez que se tenta, aproveitando a experiencia e os dados da sciencia actual, escrever uma ampla e systematica historia da vida social dos brasileiros, até agora só observada e descripta, aos fragmentos, pelo sr. Oliveira Vianna, em obras de ficção de novellistas e romancistas, ou por viajantes estrangeiros. Os traços mais salientes do nosso viver publico e domestico andam muitas vezes esparsos nos livros desses visitantes, muitos dos quaes aliás só buscavam, ao apontal-os, a nota

exotica ou o signal de inferioridade. Mesmo assim, são inestimaveis os serviços que prestaram aos futuros historiadores. Nelles se baseou Capistrano de Abreu para bosquejar certos quadros da vida urbana da colonia nos fins do seculo XVIII e no começo do XIX. Nelles encontrou tambem o autor de Casa Grande farta messe de valiosos subsidios para construir o seu largo panorama da vida social brasileira.

Assim, se só pelo seu objectivo o livro de Gilberto Freyre já constitue realização sem precedentes, a orientação historica que adoptou, o angulo em que se postou para apreciar o evoluer da nossa vida collectiva, constitue tambem, até certo ponto, uma novidade.

Discipulo do professor Franz Boas, o valorizador das raças, cujas pesquisas anthropologicas e ethnologicas o levaram a concluir que a noção de inferioridade de raça é meramente relativa e que só ha desigualdade social de raças porque ha desigualdade de culturas, Gilberto Freyre adoptou do mestre esse preceito fundamental e fecundo.

Munido dessas idéas, que fazem do homem um ser essencialmente cultural, foi o autor de Casa Grande & Senzala buscar ao materialismo historico, no que elle possui de solido e definitivo, o complemento da sua orientação de historiographo. Embora não seja nenhum marxista encartado, interpreta economicamente a nossa vida social, e o seu ponto de vista transparece logo no sub-titulo do livro. — Formação da familia brasileira sob o regimen de economia patriarchal. E referindo-se ao factor economico declara sem rebuscos: "temos que admitir influencia consideravel, embora nem sempre preponderante, da technica da produção economica sobre a estrutura das sociedades, no caracter da sua physionomia moral. E' uma influencia sujeita á reacção de outras, porém poderosa como nenhuma na capacidade de aristocratizar ou democratizar as sociedades; de desenvolver tenden-

cias para a monogamia ou a polygamia; para a estratificação ou a mobilidade”.

Cumpre, entretanto, notar que a applicação da doutrina do materialismo histórico aos factos da evolução politica do Brasil já fôra ensaiada, diversas vezes, com maior ou menor exito.

Oliveira Martins, que ao escrever a historia de seu paiz nunca perdeu de vista os factores economicos, já affirmara que “sem o negro o Brasil não teria existido.” E Joaquim Nabuco consagrou, em 1883, um capitulo de *O Abolicionismo* aos effeitos sociaes da escravidão. Notou elle então que os misteres agricolas, como que aviltados pelo trabalho servil, eram repudiados pelos descendentes dos senhores de engenho, dos grandes proprietarios, determinando isso o exodo para a cidade, o bacharelismo, a caça ao emprego publico.

Observação essa que os factos continuaram, por muitos annos, confirmando.

Dez annos depois de *O Abolicionismo*, apparecia a *Historia Constitucional da Republica*, onde o seu autor, o dr. Fellisbello Freire, citando Thorold Rogers e Achilles Loria, já fala abertamente em interpretação economica da historia e até mesmo em luta de classes. E’ principalmente na revolta de Bekman e na conspiração de Tiradentes, consideradas lutas de classes, que o autor da *Historia Constitucional* suppõe entrever o germen dos ideaes democraticos e republicanos no Brasil.

Entretanto, essa maneira de conceber e interpretar a historia não encontraria outros adeptos antes de Gilberto Amado. Foi elle quem, em 1916, num dos maiores discursos já produzidos no parlamento nacional, e estampado mais tarde no Grão de Areia com o titulo de *As instituições politicas e o meio social no Brasil*, analysando com agudeza a estrutura social e politica do Imperio, affirmou que a base da monarchia asseguradora da unidade da nação assentava na economia agraria. E a economia agraria repousava, por sua vez, no trabalho do negro captivo. “Emquanto Evaristo da Veiga, Bernardo de Vasconcellos, no encaminhar-se para a monarchia, pensavam salvar a unidade nacional pelo articulal-a no systema de que julgavam ser os fundadores, a verdade é que os escravos é que realizavam o papel, de que elles eram os generosos theoristas.”

Esta simples phrase, resumo do pensamento do ensaista de Grão de Areia sobre o assumpto, contém a explicação de uma das singularidades da historia da independencia sul-americana — a unidade brasileira.

Os historiadores que se deixaram guiar por Martius, seguindo-lhe a trilha indicada na famosa memoria, e acreditando na força disassociadora dos cinco brasis differentes, enlaçados apenas pela “communidade activa da lingua e passiva da religião”, já não precisavam de recorrer á providencia nem de appellar para o immortal sargento, como Euclides da Cunha.

A unidade nacional, após a emancipação, era, em ultima analyse, o effeito da unidade economi-

ca. E a monarchia constitucional foi, naquelle momento, a sua expressão politica mais adequada.

Esta rapida digressão fornece, creio eu, uma amostra dos resultados da “interpretação economica” applicada á historia do Brasil.

O plano de historia social traçado por Gilberto Freyre não ultrapassou, em *Casa Grande & Senzala*, o estudo da familia brasileira como resultante do encontro e interpenetração das tres culturas: portugueza, amerindia e africana. A nossa formação intellectual e politica será estudada em subsequente ou subseqüentes volumes. Mas a construção que sahir dessas novas pesquisas já está, por certo, delineada nesta planta geral:

“A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um systema economico, social, politico: de produção (a monocultura latifundiaria); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi o banguê, a rêde, o cavallo); de religião (o catholicismo de familia, com capellão subordinado ao pater-familias, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de familia (o patriarchalismo polygamo); de hygiene do corpo e da casa (o “ligre”, a touceira de bananeiras, o banho de gamella, o banho de rio, o banho de assento, o lava-pés).”

Eu disse no começo desta nota que *Casa Grande & Senzala*, pelo seu objectivo e pelo seu methodo, era um livro novo para os brasileiros. Pelo seu objectivo cria uma sciencia nova para nós. Pelo seu methodo fornece-nos elementos para comprehender melhor problemas da magnitude do da unidade nacional, como no trecho que se segue:

“A formação patriarchal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de “raça” e de “religião” do que em termos economicos, de experiencia de cultura e de organização da familia, que foi aqui a unidade colonizadora.”

Eu não consegui dar nestas linhas senão uma idéa mortíca das theses geraes de *Casa Grande & Senzala*. Justificando essas theses geraes ha uma infinidade de theses particulares que exigiriam, para serem apreciadas criticamente, outras tantas monographias e muita familiaridade com os assumptos. Lembrarei tão sómente uma dellas: a importancia da miscegenação na genese do sentimento democratico.

Um livro, pois, que rasga tão amplos e novos horizontes á historiographia nacional não é sómente o melhor livro de 1934. E’ o melhor livro de uma época.

SAUL BORGES CARNEIRO

“BRASIL, PAIZ DE TURISMO”

Com uma luxuosa capa a tres côres e numerosas gravuras a lhe enriquecer a variada e tão interessante materia das suas paginas, acabamos de receber o segundo numero desta magnifica revista, que está sob a avisada direcção de E. Wanderley, D. da Costa Rubim e A. Murillo e tem como principal objectivo intensificar as correntes turisticas para o nosso paiz.

“CONTOS FÓRA DO TEMPO”

Luiz Gurgel do Amaral que publicou o anno passado um interessante livro diplomatico e jornalístico sobre o Anno Santo em Roma, dera-nos antes um livro de contos que passou despercebido á critica e mesmo ao noticiário, livro que acabo de ler com um prazer composto de varias sensações.

Antes de tudo, trouxe-me este livro a sensação do Rio de Janeiro da minha mocidade, o da nossa mocidade, caro Gurgel do Amaral, o Rio de 1910, do convento da Ajuda e de João do Rio, da gloria de Bilac e do Barão do Rio Branco, o Rio do Paschoal Segreto e da Academia de Lettras de Machado de Assis, o Rio de Janeiro sem Copacabana e sem cinemas.

Ao mesmo tempo esse livro reabriu ao meu sêr a atmospheria de antes da guerra, aquelle lento passear pela vida, aquelle sonhar na tarde do mundo calmo, aquella doçura de som de violino morrendo em fim de sonata em que viviamos na illusão do progresso continuo e da felicidade possível, aquella plenitude a que nos conduzira na sua luminosa cegueira o velho satisfeito que era o seculo XIX.

Em seguida, *Contos Fóra do Tempo* reviveram-me, do ponto de vista litterario, aquella technica do bom narrar, do “processo” de apresentação da vida que Eça de Queiroz levou ao maximo da habilidade, aquella “sciencia” litteraria que a guerra derrubou e que o após guerra parece ter deixado, pelo menos entre nós, como uma ruina que nunca mais será arrancada do abandono.

Com isto, tambem a sensação de um refinamento, de uma graça, de um entendimento pacifico dos homens entre si, fidelidade aos sentimentos tradicionaes, respeito pelas grandes cousas consagradas, sympathia humana, e, acima de tudo, alegria de viver.

Os leitores em geral encontrarão neste livro meritos diversos. O talento do autor, ajudado pelo dom de ver e de descrever, se revelará aos seus olhos em toda a

sua força juvenil e em sua frescura de imaginação e de sentimentos. Para mim, porém, particularmente, esse livro é cheio do encanto especial de quem revê em cada uma das suas linhas os dias cheios de ancia e de sonho dos seus vinte annos, e sobretudo, o encanto de quem vive de novo, com elle, as horas do coração amanhecendo em sobresalto.

O autor, companheiro de horas e horas, daquelles tempos, passa ao primeiro plano; sua voz que a maturidade e a responsabilidade tornaram grave e serena, readquire aos meus ouvidos, o tom brincalhão e sentimental ao mesmo tempo, com que ella se produzia aos meus ouvidos ha vinte e cinco annos.

Os *Contos Fóra do Tempo* são assim Luiz Gurgel do Amaral, falando, dizendo, commentando, conversando commigo como, com tantos outros dos nossos collegas naquelle Rio tão differente do de hoje.

Dahi ter o seu livro para mim, sobre o valor litterario propriamente dito, valor estimativo sem par. Aquelle, porém, o valor litterario, é de primeira ordem. Na despretenção da narrativa, sempre natural e vivida, uma aguda psychologia se accusa na pintura dos caracteres e na realidade humana das scenas; um senso do humor na comprehensão das figuras e suas peculiaridades e uma affavel communicabilidade de tom que faz o leitor sentir-se confortavelmente na convivência do autor e dos seus personagens. Alguns contos — como *Uma Conquista* e o *Clarear do Dia*, ainda que bem penetrados de sensibilidade de *avant-guerre* (o livro foi sentido e escripto talvez em 1910), tem para mim uma força intrinseca extraordinaria, e sendo typicos da sensibilidade do autor, são tambem significativos da capacidade do artista, sua objectividade e seu poder creador.

Mas o meu julgamento está tão impregnado de subjectivismo!

Ao escrever estas linhas estou pensando noutros contos e lembrando outras scenas que o

autor não escreveu, mas que nos contou naquelle tempo, em horas para nós, inolvidaveis. Numa época em que se conversava, era já Luiz Gurgel do Amaral um dos mais suggestivos narradores que eu conheci.

Naturalmente, o seu proximo livro trará para o *nosso tempo* outros contos que elle nos disse ou que viveu ao rythmo das horas lentas, horas propicias ao prazer, horas que faziam pensar na felicidade.

GILBERTO AMADO

— André Chamson publica *L'Année des Valcous*, de que Albert Thibaudet se occupa sympathicamente. Este seu romance, como todos os outros, decorre em terras das Cevennas, onde confraternizam, não obstante possiveis rancores da guerra, mineiros francezes e allemães. Tambem o amor não é esquecido no livro e será curioso confrontar estas paginas, destinadas a provar que os odios de raça tambem cicatrizam, com os trechos doutrinaes em que Barrès marcou de um modo tão aspero a impossibilidade de se fundirem sentimentalmente os dois povos que nasceram de um e de outro lado do Rheno.

— Rachilde, que é mulher de Alfred Vallette, dono do *Mercure de France*, continúa a alinhar as suas reminiscencias dos tempos juvenis. Já estando bastante velha, a escriptora franceza tem um formidavel sacco de lembranças a despejar deante do publico. Ainda ha dias falou-nos de Villiers de l'Isle Adam, mostrando-o ás voltas com visões angelicaes e uma incorrigivel quebradeira. Mais recentemente, surgiu em scena Barbey d'Aurevilly, com a sua morada de que se desprendia um singular cheiro de almiscar e as suas fanfarronadas oratorias de tamanha fascinação sobre os ouvintes. Rachilde, não sem alguma vaidade, conta que o Condestavel se impressionou com os primeiros productos da futura madame Vallette. Ao lado do autor das *Diaboliques*, esfuma-se, como comparsa meio enigmatica, meio inquietante, essa senhorinha Read em que alguns enxergam a Antigone paciente do mestre e outros apenas um voraz parasita de saias.

L E I A M

POEMAS DE ALBERTO RAMOS

— Edição Ariel —

— EM TODAS AS LIVRARIAS —

PAGINA DE TESTAMENTO

Si eu pudesse ambicionar a gloria de repartir com os moços meus patricios um pouco de mim mesmo, do melhor de mim mesmo, creio que não hesitaria um instante em legar-lhes este horror á bajulação, que sempre me fez tapar o nariz deante de certos homens, de certos escriptos, como de uma cloaca.

Um philologo não duvidaria de identificar na multiplicidade dos neologismos agora em voga no Brasil para designar a tara indigena da sabujice, da lisonja calculada e interesseira, o indice seguro da decadencia de um povo, talvez de toda uma raça.

De tal maneira que hoje si por qualquer circumstancia fortuita tivéssemos de apontar o exemplo de algum brasileiro notavel pela independencia do character precisaríamos de ir tiral-o de entre os mortos — um Andrade Figueira, um Lafayette, um Ouro-Preto — que são da nossa historia de hontem e já nos parecem figuras de um passado immemorial apagado.

O peor, e o mais grave, é que os moços nascidos e creados nesta athmosphera de subserviencia humilhante vêm para a vida publica persuadidos de que nada se adquire pelo esforço proprio e tudo se consegue pela bajulação e pelo cynismo. Já um estrangeiro illustre de passagem no Brasil, o professor Charles Sarolea, se permittiu a liberdade — ao estrangeiro ao menos se permittem no Brasil todas as liberdades — de advertir-nos destes dois perigos: a preocupação exclusiva dos bens materiaes e a ausencia de virtudes intellectuaes e moraes *sem as quaes uma nação está condemnada a decahir*. E' bom, é opportuno e necessario avivar no espirito da mocidade a lembrança dessas palavras rudes e sinceras que confrangem as entranhas do nosso amor proprio nacional.

A's vozes insidiosas que sopram ao ouvido dos moços as blandicias ineffaveis da politica temporal, do sectarismo religioso, da demagogia civil ou militar — porque não ha mel comparavel á doçura da lisonja na bocca do impostor

— *Le Marchand de Miracles*: eis o rotulo com que ficou, em adaptação franceza, um romance de Concordia Merrel, a prolifica escriptora albionica que, em logar de fazer filhos com que augmente a população de Londres, entulha o mercado de novellas que encontram compradores até nestes distantes Brasis. No volume de agora, Merrel, não ha muito galardoadada com um polpudo premio de romance, fêre este assumpto não desinteressante de todo: pôde-se ficar bella por auto-sugestão?

— Embora vastamente satirizado pelas gerações novas de França, que vêm nelle um aproveitador dos restos de Bourget, Henry Bordeaux não deixa de comparecer de onde em onde com o seu inevitavel romancico. Cantor em prosa do prestigio hereditario das velhas familias francezas, pondo acima de tudo o sentimento da responsabilidade domestica, es-

se antigo juiz da Savoia figura nos catalogos mais recentes com a indicação de *La Maison*, não sabemos se um "acaba-de apparecer" ou uma reedição de velharia. De resto nada chega a ser inteiramente novo neste escriptor velhissimo...

— Um grande premio da cidade de Lille coube a Nicolas Bourgeois, autor de *Le Berceau sous le Beffroi*, que evolue na atmosphera tão caracteristica da Flandres franceza, mesclando romance e historia e marcando de modo muito preciso a organização da vida familiar numa zona em que contendem raças, linguas e aspirações differentes.

— Raymond Fauchet é um dos bons cultores do romance policial em França. *La Folle hurle à la Mort* trata de um crime cometido em circumstancias as mais patheticas, mas ás quaes não faltam elementos brincalhões que fazem pensar num Dickens mesclado á littera-

— eu opporia o lemma SERVIR E OBEDECER unica fórmula capaz de preparar dignamente os homens de amanhã para o exercicio da autoridade e do commando.

E este outro, que escrevi um dia com o pensamento voltado para os meus jovens compatriotas, para os moços em quem é preciso confiar *quand même* para não desesperar de tudo, e que talvez merecesse não ser esquecido:

COMO OS LYRIOS CRESCEI, ALTOS, BRANCOS, DIREITOS!

TRADUZIR POETAS

Traduzir poetas — poetas verdadeiramente dignos desse nome, entenda-se — é perigosa empresa em que têm naufragado os mais afoitos, e temeridade grande.

"Traduzir o essencial, disse Goethe, e não entrar em lucta com a lingua estrangeira. Deve-se ir até o limite do intraduzivel e ahi parar, porque ahi é que está o character e o valor da lingua."

Ora, um verso não é apenas o sentido intellectual, o motivo phonetico, o conceito. Um verso é o composto de todos os elementos mais raros e escolhidos da lingua, de todas as virtudes e preexcellencias do genio da lingua, como essas fructas tardias que contêm dentro de si todos os succos deleitosos e nutritivos. Um verso é sobretudo a cadencia, o rythmo, a mysteriosa concordancia de syllabas e vogaes, e porque não dizer a rima? a rima, em que pese ao sr. Julio Dantas — mas a que vem o nome do sr. Julio Dantas a proposito de poetas! — a musica, as sonoridades, os silencios mesmos, tudo o que constitue a poesia, *tudo quanto rasga para além da pagina branca um horizonte illimitado*.

E esse conjuncto de secretas perfeições não tem, salvo um acaso excepcional inaudito, não pôde ter equivalencia em nenhuma outra lingua, transcende o limite do intraduzivel de que falla Goethe.

Assim que as melhores traducções serão apenas soffríveis. E as peores pessimas.

ALBERTO RAMOS

tura dos Gaboriau. Uma corda de enforcado produz aqui um fremito nos leitores. A ameaça de novas e constantes catastrophes pende sobre as personagens estarecidas e uma mulher mysteriosa torna ainda mais obscura as passagens essenciaes, isto sem alludir aos representantes da policia, figuras bastante bizarras, e a um tabellião dos mais alarmanantes, bem diverso dos senhores pacificos que quasi sempre encontramos em tão respeitavel classe.

ACABA DE APPARECER

CIUME,

romance de

RENÉ - ALBERT GUZMAN

Trad. de GASTÃO CRULS

3.^a Edição

Ronald de Carvalho

INSCRIÇÃO

Naquelle triste fim de tarde em que vi, coberto de flores e entre tanta lagrima sentida, descer á sepultura o corpo gentil de Ronald de Carvalho, tornei a casa de animo torvo e coração pequeno.

Como povoar a minha tristeza, as horas que me esperavam, sem que eu nada mais esperasse ante a brutalidade daquelle tão cruel desfecho?

Mas ali, bem perto de mim, estavam os livros do poeta. Abri os seus poemas. Os versos começaram a cantar. A principio, balbuciados a a medo. Depois, já recitados com mais entono.

E... Milagre da poesia! Tal como aquelle Anjo que, em certas telas antigas, baixa ao silencio dos Campos-Santos e resuscita os seus eleitos, ella de nove poz diante dos meus olhos, já preparada para a Eternidade, na graça de seu espirito, na perfeição das suas linhas, a figura harmoniosa de Ronald de Carvalho.

G. C.

Emiliano Pernetta — Setembro — Rio de Janeiro.

Cabem todos os louvores á fidelidade espiritual com que os srs. Andrade Muricy e Tasso da Silveira se batem pela conservação do nome de Emiliano Pernetta em nossa memoria. O ardor e o entusiasmo com que ambos sempre o trataram em vida não esmorecem agora que silenciou a bella voz lyrica daquelle encantador poeta symbolista do Paraná. Ao contrario, cresce cada vez mais o fervor de exegese com que lhe examinam os livros, os pendores litterarios e a incontestavel influencia em dado circulo de artistas do Sul. A appareção do volume *Setembro* é mais uma prova do desinteressado apêgo daquelles dois moços ao renome querido. Figuram nesse livro muitas poesias dispersas que, de facto, não mereciam perecer nos manuscritos ou nas vagas publicações em que jaziam. Emiliano Pernetta, pela meiguice com que sempre se acercou das Musas, pela coragem com que abriu mão dos laureis da capital e viveu inebriado entre os seus pinheiraes paranaenses, é uma dessas figuras de provincia em que não ha nenhum caipirismo e ha, inversamente, a forte significação regionalista daquelles nobres homens de letras que os criticos francezes costumam classificar de "poètes du terroir".

EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO

E' facto auspicioso para a nossa cultura o relevo que vae tomando nesta cidade a succursal da Livraria do Globo, de Porto Alegre. Dia a dia, novas edições correm a enriquecer-lhe o catalogo,

*Nasci junto do mar, Estrangeiro!
entre palmeiras e montanhas,
debaixo de um céu claro, puro, luminoso.
Viram meus olhos as cousas mais bellas que ha no mundo:
as mulheres, as ondas e as arvores do meu paiz natal!*

*Põe na estela de um poeta amavel e melancolico
a corôa de louros que trazes na mão.*

*Guarda a tua offerenda!
A vida me sorriu...*

RUBAYAT

*Não perguntes quem encheu a tua taça,
nem quem floriu o teu jardim de rosas,
nem quem poz agua nas tuas fontes,
nem quem vestiu de arvores os montes,
nem quem fez as horas doces ou dolorosas!*

*Vive, irmão!
Vive, que a vida passa...*

*Canta!
que a terra é fria e silenciosa...*

CHEIRO DE TERRA

Ha versos que são como um jardim depois da chuva:

*deixam em nós a sensação da agua cahindo,
cahindo em bolhas tremulas da ponta das folhas,*

*escorregando da pelle macia das petalas,
pingando dos galhos lavados, gota a gota,
pingando no ar...*

*Versos que cheiram á terra molhada,
versos que são como um jardim depois da chuva...*

RONALD DE CARVALHO

(Dos Epigrammas Ironicos e Sentimentaes)

e isto em varios sectores das bellas letras, nos dominios da sciencia, da philosophia, da litteratura propriamente dita.

Apezar de ser um homem de letras, o sr. Estevão Cruz não se estiola em vagares contemplativos de poeta, mostrando-se, ao contrario, um realizador como poucos existem presentemente em nosso commercio de livros. Dirige a succursal e, além disso, offerece-nos uma optima traducção da *Psychologia* de Abel Rey, professor da Universidade de Paris.

E' compendio em que existem paginas preciosas sobre a memoria e as sensações, os prazeres e as dôres de ordem physica e de ordem moral, os instinctos e os habitos.

Como autor original, apparece-nos ainda o sr. Estevão Cruz numa *Theoria da Litteratura*, que é synthese incisiva e clara do assumpto. Estas cento e trinta e duas paginas equivalem a uma segundicia iniciação litteraria e os elementos colateraes não foram esquecidos, sendo

muito proveitosas as allusões ás artes plasticas e ás suas relações com os poemas e os romances. De philologia só se encontra aqui o indispensavel e a parte esthetica sobreleva intelligentemente as demais. Espirito clarificador e classificador á maneira de Albalat, o sr. Estevão Cruz articulou aqui um valioso roteiro de didactica do estylo.

Max Beer — *Historia do Socialismo e das Luctas Sociaes* — 2.º volume — Edições Cultura Brasileira. — São Paulo, 1934.

E' o segundo volume, consagrado aos tempos modernos e á época contemporanea, de uma summula historica que todos acolheram com forte interesse. Muito bem traduzido, este util compendio destina-se a divulgar o que de essencial existe sobre o assumpto. Já agora pôde affirmar-se que a estimavel casa de livros da Paulicéa não usurpa o nome de "Cultura" que lhe serve de égide.

O FUTURO DA CULTURA

O Instituto Internacional de Cooperação Intellectual tem levado avante o seu programma de estabelecer entre os pensadores de diversos países, trocas de idéas e de opiniões acerca das grandes questões que interessam á vida do espirito. As correspondencias provocadas, versando sobre temas previamente determinados, foram publicadas em dois volumes. Mas ao lado disso, o Instituto organizou pequenos congressos aos quaes deu o modesto titulo de *Entretiens*. Um desses teve lugar em Madrid de 3 a 7 de Maio de 1933, sob a presidencia de Madame Curie, com a participação de sabios, escriptores, historiadores, philosophos, poetas, musicos, representantes de muitos países diferentes. As palestras tiveram como principal assumpto: *o futuro da cultura*.

Manuel Garcia Morente iniciou os debates. Mostrou-se um tanto pessimista e, fortemente, chamou a atenção para os perigos que ameaçam o futuro da cultura. O primeiro decorre do desenvolvimento excessivo da sciencia, com a especialização forçada e levada aos ultimos limites. Segundo a expressiva formula de um pensador hespanhol contemporaneo, assistimos á formação de uma *barbaria da especialização*. Entretanto, as grandes massas continuam impermeaveis aos resultados intellectuaes do progresso scientifico. Utilizam-se dos aparelhos e instrumentos postos ao seu alcance sem delles nada comprehender. O enriquecimento material não corre paralelo ao enriquecimento moral ou intellectual. A standardização da vida uniformiza os homens, os individuos, subtrahindo a originalidade. A diffusão do ensino elementar torna accessivel ás massas leituras inferiores, animando a superprodução de obras litterarias secundarias e vulgares. Emfim, a cultura humana soffre no momento actual dos effeitos da ausencia de um ideal bem claro e definido, que possa agir sobre a totalidade dos homens. Nada ha de preciso a conquistar, como houve a liberdade nos seculos passados. Dahi uma desorientação inevitavel.

Logo após Garcia Morente, Jules Romaines procurou attenuar um pouco as razões desse pessimismo. Não que elle fechasse os olhos aos perigos assignalados, mas esses perigos sempre existiram e, nem por isso, a cultura deixou de se desenvolver. A especialização é inevitavel, e o que nos falta no momento actual são os órgãos geraes de syntheses e coordenação; Jules Romaines lembra, a proposito, a expressão de Auguste Comte: *a especialidade da generalidade*. Em todas as épocas, houve, mais accentuada do que poderia parecer, uma tendencia para a standardização e para o alheamento das massas das conquistas intellectuaes. O facto da maior parte dos mortaes aprender a lêr e não se utilizar desse instrumento de conhecimento para o alargamento da cultura, é ainda preferivel á total ignorancia do grande numero cercando um nucleo representativo do alto cultivo. A Historia mostrou-nos por varias vezes os perigos dessa segunda

situação. Emfim Jules Romaines pensa que não faltam idéas a se imporem collectivamente. O proprio ideal de liberdade está longe, muito longe mesmo, de ter sua realização completa e definitiva. Ao lado desse, aponta outro digno de um esforço prolongado e tenaz: a organização racional da humanidade.

Julio Dantas foi o terceiro a falar; tambem inquieto, ancioso. O futuro da cultura, para elle, está indissolvelmente ligado ao destino da Europa, e esta atravessa uma hora de crise. Affirma sua fé na sciencia e muito espera das tentativas como a "Sociedade dos Espiritos" já em via de realização.

Depois de algumas observações de Josef Strzygowski e de Otto Lehmann, o primeiro austriaco, o segundo allemão, falou o biologista inglez J. B. S. Haldane. Abordando um dos aspectos do thema escolhido — a cultura nacional — Haldane começa pondo em duvida a existencia de uma cultura especificamente britannica. O que se pretende considerar como cultura nacional britannica, conserva sempre os caracteres de sua origem multiple: o estudo dos gregos, dos latinos e da Biblia. A sciencia tem, de facto, sido, como assignalou Morente, um impecilho para a elevação da cultura geral; mas isso é devido aos defeitos do ensino, ministrado sem os necessarios fundamentos historicos, apresentando a sciencia como um bloco acabado e indigesto. A especialização exaggerada é apenas uma característica dos sabios de segunda ordem, e Haldane preconiza o que a França sempre fez: a criação para uma elite, do espirito *normalien*, o grande espirito culto preparado nas escolas normaes superiores.

A essa altura dos debates, Miguel de Unamuno, que apesar de maior de setenta annos, mantem os gestos e attitudes de um espirito perenemente jovem, interveio para, com amarga ironia, fazer melhor apreciar o proprio fundo da questão. Unamuno declara não saber o que é *a cultura*. Está cansado, necessita dormir, sonhar, repousar, e talvez toda a humanidade esteja nas mesmas condições: possui um stock de verdades ainda não digeridas. Ha superprodução intellectual, e, a esse proposito, cita um de seus amigos, grande ledor, incansavel viajante, mas que nunca escreve. Quando se lhe pergunta: "Porque nada produz? — Eu produzo consummo", responde. Unamuno só interveio, parece, para obrigar os outros a abandonarem as formulas verbaes. Faia, o que poderia parecer estranho, da grande cultura popular existente na Hespanha, e transmittida sem livros, sem universidades, ou antes "na verdadeira universidade popular da Hespanha, que são os cafés."

O Professor Orestano, da Italia, tentou, logo após Unamuno, definir a cultura. Para elle, esta começa com a criação de valores humanos. O alargamento do habitat humano, a transformação desse habitat em um sentido humano, e emfim o enri-

quecimento e a valorização do homem interior, são as phases essenciaes da evolução da cultura. Os povos, como os individuos, podem ser *creadores de cultura* ou *portadores de cultura*.

Edwin Gay manteve-se em um ponto de vista mais estreito. Americano, quiz explicar as razões fundamentaes da evolução dos Estados Unidos, desenvolvendo unilateral, quasi unicamente baseado no progresso das coisas materiaes. Segundo elle, os Estados Unidos pouco contribuíram para a cultura geral. Esta exige lazeres, um espirito a um só tempo livre e concentrado. Os problemas praticos a resolver na conquista e valorização do vasto territorio americano não deixaram lazeres, não permittiram a concentração do espirito. O optimismo americano não é uma das melhores condições para crear valores de cultura. O isolamento em que viveram os americanos, até certa época, não foi propicio ao largo sentimento de collaboração humana que só ultimamente tem evoluído na America.

Viggo Broendal, philologo dinamarquez, esclareceu, sob o ponto de vista linguistico, a significação dos termos civilização e cultura. A cultura é um phenomeno individual, pessoal; a civilização um phenomeno social e convencional. Os individuos, mesmo os mais primitivos, aspiram á melhora, ao progresso, têm como que uma razão profunda de cultura. As civilizações são dependentes das condições de cada povo, e Broendal tem fortes duvidas sobre a possibilidade de uma civilização unica e universal. As differenças de mentalidades dariam sempre tons differentes á civilização de cada povo ou de cada raça. A Europa, entretanto, poderia cultivar as suas tres grandes tradições: o culto da intelligencia pura, herdado dos gregos, o direito racional provindo dos romanos, e o sentido profundo da missão a cumprir, característico da tradição judaico-christã.

H. Pinder, o conhecido historiador de arte, alemão, revelou em sua exposição um espirito essencialmente impregnado de mysticismo, de um mysticismo medieval. Para elle, não foi a Edade Média uma época de obscurantismo, mas, ao contrario, cheia de luz, de uma luz discreta, pondo em relevo só o que merecia. Os artistas medievaes ignoravam o espectador. As cathedraes escondiam obras admiraveis, na realidade inaccessiveis á vista. Não se destinavam á contemplação, mas simplesmente a existir como symbolos de idéas ou de sentimentos. Esse senso profundo da vida interior era devido á fé ingenua e pura, e o futuro da cultura estará ameaçado enquanto a humanidade não fôr de novo sustentada por uma fé pura e ingenua. Talvez venham a soffrer alterações em seus valores as suas formas de expressão. O livro e a palavra escripta perderão terreno, e, como a musica foi em uma certa época representativa do genio allemão, outra arte, a architectura talvez, virá ser a expressão da cultura do futuro.

Georges Opresco, de um lado, Agustin Calvet, de outro, menos pessimistas, assignalaram quantos aspectos de primeira ordem ainda apresenta a cultura moderna. Mademoiselle Helene Vacaresco

compreende a cultura como um aperfeiçoamento moral, estreitamente dependente do progresso da intelligencia, do sentimento e da vontade. A educação equilibrada, orientada no sentido de uma cultura exterior sempre contrabalançada por uma cultura interior correspondente, creará o typo de homem culto do futuro, equivalente ao homem da Renascença, ou ao *honnête homme* do seculo XVII.

Paul Langevin não comprehende o individuo isolado, dentro de si mesmo, nem mesmo exclusivamente limitado ás influencias da nação a que pertence. E' nas massas populares que se recrutam as elites, como o demonstra fartamente a historia do pensamento humano. Essas relações continuas entre as massas, as nações, a humanidade, o individuo, impõe um duplo dever: o de crear, tendo por base o desenvolvimento o mais perfeito possivel da personalidade, e o dever de solidariedade e de communhão com a humanidade.

Para G. Maranon, a crise actual da cultura reduz-se a um mero episodio transitorio. O que nos falta é a possibilidade de apreciar, com um pouco de recuo, o momento presente. A cultura desenvolver-se-á, tomará formas novas e imprevistas. Os intellectuaes de hoje tiveram um defeito, contra o qual difficilmente se premunem as elites: a vaidade, e isso não pouco contribuiu para a hostilidade e a inveja das classes não-intellectuaes, que formam a maioria. Dahi a derrota do intellectualismo.

Com a exposição de Maranon foram encerradas as communicações pessoaes. Varios dos intellectuaes presentes retomaram a palavra para melhor caracterizarem suas posições. Houve muita difficuldade em estabelecer accordo quanto aos termos definitivos de proposições que pudessem exprimir o que havia de commun no meio da diversidade das opiniões emittidas e ainda levando em conta o que não foi dito claramente. Afinal foram approvadas as conclusões seguintes:

"O Comité reunido em Madrid sob os auspícios da Sociedade das Nações, é de parecer:

1. Que o futuro proximo da civilização sob todas as suas formas está estreitamente subordinado á manutenção da paz geral; e que todas as outras condições, mais particulares ou mais technicas, dependem dessa.

2. Que o futuro da cultura, mesmo no interior das unidades nacionaes, está eminentemente ligado ao desenvolvimento desses elementos universaes que, por sua vez, dependem de uma organização da humanidade como unidade moral e juridica.

3. Que a cultura nacional só poderia ser concebida em relação com as culturas nacionaes vizinhas e a cultura universal que as comprehende todas, e que, em consequencia, o homem só póde chegar á plena cultura na liberdade das trocas intellectuaes entre homens, nações e instituições.

4. Que as razões que justificam para o individuo os limites de sua liberdade no interior do grupo nacional, permanecem validas no que diz respeito ás proprias nações na sua conducta respec-

ctiva e nas suas relações mutuas; que, chegada ao ponto em que se acha, a civilização universal não poderia se desenvolver, nem mesmo manter-se, se as nações não admitem, no seu proprio interesse, uma limitação de liberdade de acção, adoptando regras moraes e juridicas que dão uma significação pratica á unidade moral e juridica da humanidade de que, na opinião do Comité, depende o futuro da cultura.

5. Para proteger a cultura contra os perigos que poderiam resultar do egoismo e do conformismo de individuos ou de grupos, da especialização excessiva ou do desinteresse da maioria dos homens, o Comité preconiza a organização e a extensão a todos, de uma educação largamente humana, fundada sobre a iniciação activa ás diversas disciplinas, ao methodo scientifico, — em particular para o alargamento que isso produz na concepção geral do mundo, — e sobre uma orientação progressiva levando em conta as aptidões individuais, sem especialização prematura.

6. O Comité é de opinião que o futuro da cultura, estando ligado, em primeira linha, á sorte dos individuos mais bem dotados, é de toda importancia estudar os meios de recrutamento e de selecção dos jovens destinados á cultura, afim de melhor assegurar a descoberta e o desenvolvimento dos talentos naturaes. Essa importante questão deve ser objecto de estudos profundos.

7. O Comité é de opinião que sem participar de modo nenhum dos sentimentos pessimistas dos que proclamam a decadencia da cultura européa, póde-se pensar que o futuro dessa cultura está ligado a certas condições, das quaes algumas das mais importantes são: 1.º — o esforço creador de uma elite de espiritos que imprimam aos productos do pensamento humano um valor e uma qualidade supremos; 2.º — a malleabilidade e a diversidade das fórmulas de vida que, permittindo o livre jogo das iniciativas originaes, evitem os perigos da uniformidade; 3.º — Uma organização do trabalho que corrija os defeitos da inevitavel especialização pelo sentimento da unidade radical em todas as produções do espirito."

Neste artigo apenas nos foi possivel resumir os debates e dar conhecimento das conclusões. Em um proximo, contamos poder fazer-lhes a critica.

MIGUEL OZORIO DE ALMELDA

Dra. Esther Conus — **Protecção á Maternidade e á Infancia na União Sovietica** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Esta traducção directa do original moscovita foi brilhantemente conduzida pelo sr. Osorio Cesar, um especialista em tudo quanto se prenda a estudos russos, particularmente nos dominios da sciencia. Tendo viajado pelas regiões européas em que se está desenvolvendo a experiencia de um mundo novo, aquelle distincto medico de São Paulo se achava mais que qualquer outro indicado para escolher e transportar á nossa lingua o livro que melhor exprimisse os problemas da maternidade e da infancia em relação ao Estado, na União Sovietica. Neste livro, nenhum trecho inutil, nenhuma divagação dispensavel. A obra é essencialmente objectiva, convergindo sempre para os factores centraes que a suscitaram Documentos a granel e uma argumentação a que não poderá ser insensivel nenhum homem de boa fé, qualquer que seja o crêdo que adopte.

ACTUALIDADES

André Maurois reuniu n'um volume intitulado *Sentiments et Coutumes* uma série de conferencias sobre assumptos de sociologia, nas quaes elle se revela essencialmente moderado. Conservador liberal, Maurois se esforça por demonstrar, com conhecidissimos argumentos, que, apesar dos pesares, o casamento e a familia são elementos indispensaveis em toda sociedade. Cautelosamente, no entanto, elle evita o assumpto religião, apesar de ser este um elemento que sempre coexistiu com os que elle estuda. A parte em que se refere a governo é menos eivada de logares communs, sem por isso se afastar da ideologia burgueza, que caracteriza todo o livro. A respeito de trabalho e distribuição de riqueza elle se mostra igualmente cauteloso em não offender á massa dos seus leitores inglezes e francezes. Livro fraco, sem personalidade nem originalidade, virá certamente causar decepção aos que souberam degustar as nuanças de *Mes songes que voici*; mas servirá de reconforto a todos aquelles que se acham atemorizados com os tempos que correm.

Hell said the Duchess... Com este titulo Michael Arlen estava certo de attrahir os seus leitores, e com razão. Infelizmente não é mais o autor de *These charming people* que escreve, apesar do estylo ser ainda tão perfeitamente perfido e chasqueador. Depois da tentativa de sensacionalismo prophetico de *Men's mortality* é no romance de mysterio e crime que Michael experimenta a sua mão. E no genero, não é máo; mas que saudades temos das personagens de *Piracy* e de *Mayfair*!

Dos Estados Unidos noticiam que Erskins Caldwell, autor dos muito discutidos *Todacco Road* e *God's Little Acre* acaba de publicar mais um livro de sensação: *Journey man*, em tiragem limitada, por temer a censura.

O *Sapo Dourado*, musica de Heckel Tavares, argumento de Martha Dutra, illustrações de Alceu de P. Penna e com *suite* de dois discos phonographicos é certamente das iniciativas mais felizes e originaes em materia de litteratura infantil. Por meio desta combinação de livros e discos, chegou-se a fixar um encanto semelhante ao dos *Silly Symphonies* do Walt Disney em cinema, e isto de uma maneira mais accessivel aos nossos pequenos.

JACK SAMPAIO

LEIAM

S. BERNARDO

ROMANCE DE
GRACILIANO RAMOS

EM TODAS AS LIVRARIAS

BELAZARTE ME CONTOU:

Pois é assim. Mario de Andrade é um brasileiro e tanto; um trabalhador que só elle; um amigo que não cansa nem trahe às suas affeições. Mas convém fixar, explicando melhor e por partes. 1.º — brasileiro e tanto, disse. Não é? Enquanto todos procuram evasão de alma por fóra do paiz, elle nunca sahiu do Brasil, escrevendo sobre Brasil, conhecendo-o todo, por dentro e por fóra, revirando mesmo. 2.º — trabalhador sem fadiga também disse. Incontestavel essa verdade meridiana. O homem não descança? Lecciona a toda hora no Conservatorio de Musica, escreve chonicas diarias e, ainda por cima, faz livros lá em S. Paulo, todos os annos, com material inédito. E que livros! A gente chega a ficar assombrado deante de tanto luxo de originalidade. 3.º — amigo dos bons, disse finalmente. Sim, desses que têm carinhoso cuidado, cercando-nos de delicadezas proprias de coração aberto.

Enfeixa, como se vê tres grandes qualidades — esse brasileiro optimo, que para mim tem qualquer coisa de Rainer Maria Rilke. Não sei bem o que é. Mas tem. Pensando, talvez a subtilidade de sentimentos, aquella aura de sympathia humana que circunda tudo quanto escreve, dando-lhe um sabor de belleza melancolica.

Na fórmula, o Mario não agrada muito não; agrada aos que afinam pelo seu temperamento; aos que se sentem verdadeiramente brasileiros. Escrever como se fala é o que elle tem feito sempre com uma graça e um a-proposito originarios de formoso talento. Ribeiro Couto não vae nisso não. Em recente artigo cita você por causa de como se fala no Nordeste, salientando os perigos e confusões da litteratura actual. Acha que se deve escrever com limpeza grammatical. Escrever portuguez. Estará certo? Estará errado? Não sei. O que sei é que litteratura não pôde deixar de reflectir directamente o linguajar da collectividade.

Em verdade digo: Mario de Andrade aprecia o arrevezado. Porém, esse arrevezado é gostoso que é damnado. A gente entende tudo. Quer mais. Quando chega no fim nos sentimos como que roubados tanto é o desejo que a conversa se prolongue. Que é isso? Aqui no meu fraco entender parece arte, e arte da bôa.

Por falar em arte, escute. Eu li o ultimo livro delle com o titulo de meu nome e, como não sou hypocrita, vou logo gritando que gostei como o diabo. Aquelle Paulino com um arzinho alheio, distante, vago, babando-se todo; o preto Ellis pedindo ao patrão para este ser o padrinho de seu primeiro filho; os signaes de pista na caça aos bugres; a timidez do professor Gomes ante as provocações demoniacas de Dolores; o pacholismo do Almeidinha e os derreios amorosos de Carmela; a negra Rufina tombando num valente pifão; tudo isso, todas essas passagens quem é que poderá esquecel-as? Quanta lucta se respira! Que vida!

O livro de Mario sobre as minhas confissões ha-de transpôr os futuros que forem chegando para se amontoar na tristeza do passado. Respira-se dentro delle a vida na intensidade dolorosa de sua lucta. Agora uma coisa: eu sei que o illustre paulista é muito cahido pelo Nordeste. Sente amor carnal pela terra. Vive a prometter que um dia voltará e provavelmente no fim do anno. Mas não diz o fim de qual anno. O facto é que tem demorado a realizar o passeio. Porque será? Será mêdo da malaria? Para se desculpar elle fala em pancada do ganzá. Qual o que, historias! Febre não é brincadeira não. As febres é que defendem a nossa terra com a efficiencia das forças armadas e com a vantagem de não precisar de um tostão para gastar. Ainda agora convalesço, deante do Atlantico, estirado na rêde nesta linda praia de Tambaú. Se fosse contar os delirios! Estupendos delirios! Até estes coqueiros, que mais parecem fantasticos batalhões de soldados em attitude ecclesiastica, pondo guarda ao continente, che-

garam a marchar contra o oceano furioso por engulir tudo. Felizmente me salvei da confusão para confessar a você estas verdades.

E sem nenhum trinquê...

ADHEMAR VIDAL

— Jacques Boulenger estampa as memorias do conde de Forbin, chefe de esquadra. E' mais uma achega preciosa para o estudo da vida militar da França na segunda metade do século XVII. Jacques Boulenger é dos que se comprazem em aclarar épocas historicas ainda um tanto confusas e, grande amigos das memorias e dos livros de viagem, ainda ha tempos commentou lucidamente uma traducção das reminiscencias cosmopolitas de Fernão Mendes Pinto, portuguez que está hoje interessando bastante os europeus e passando por menos patranheiro do que o julgavam outr'ora.

— D. Dumont-Wilden consagra um estudo, de tonalidades épicas, a **Albert I, Roi des Belges**. O autor é um notável retratista dessas grandes figuras suscitadas em horas de guerra ou de agudas transformações sociaes. Já dedicou um bello livro, bastante admirado em França, ao principe de Ligne, o ultimo dos europeus, a quem um desenvolto sentimento internacionalista dava o dominio e o gozo de todas as delicias de um mundo aristocrata prestes a desfazer-se no prosaismo republicano. Igualmente robusto o seu ensaio biographico sobre Benjamin Constant, pobre creatura abulica opprimida pelo amor trovejante de Madame de Stael, mestre do romance de introspecção e embellezador da miragem liberal aos olhos dos modernos, chegando a ter uma pittoresca duplicata, ao menos na homonymia, em terras brasileiras...

— Henry de Monfreid evoca, em **La poursuite du Kalpan**, muitas correrias pelo mar, duellos de pequenos veleiros com formidaveis navios a vapor. Esse livro é a epopéa da pirataria moderna. Um vento de aventura sacóde-o de extremo a extremo. O mar, seus encantos, suas ameaças, suas catastrophes, encontraram em Monfreid um pintor possante. Accentue-se que o proprio autor, um flibusteiro a seu modo, já andou envolvido em complicadas negociações monetarias através do Oriente, chefiando hordas selvagens e suscitando em derredor de si as lendas mais estonteantes.

— **Dernier Vers et Poèmes d'Enfance**: ahi está o titulo de uma collectanea posthuma da Condessa de Noailles, a grande poetisa da França, da Europa, do mundo. Aquella que se gabava de possuir um "coração innumeravel" e foi a Egéria de grandes artistas como d'Annunzio e Barrès, como que fala aqui, da sepultura, às creaturas jovens para as quaes escreveu sempre os seus carmes inspirados.

A VOLTA DE UM ROMANCISTA

O sr. José Americo de Almeida estava litterariamente numa posição engraçada: era o autor de um livro. E este livro era considerado para o publico o seu unico livro, pois raros tomaram conhecimento do excellente *Parahyba e seus problemas* e rarissimos sabiam da existencia de *Reflexões de uma cabra*. Um grande e unico livro, *A Bagaceira*, que ficou romance classico da litteratura brasileira, romance "fóra de concurso" como os de Alencar, Machado de Assis, Pompeia, Aluizio, Lima Barreto. Com a differença que os outros muito raramente são lidos e *A Bagaceira* ainda outro dia teve nova edição. Os muitos annos que o escriptor passou sem publicar livro como que deram ao publico a certeza que teriamos um caso igual ao de Raul Pompeia, teriamos um escriptor de um grande livro. Mas era que o sr. José Americo andava perdido nos labyrinthos complicados da politica, não que não quizesse enfrentar o publico após o successo do seu grande livro. Quando conseguiu encontrar a sahida do labyrintho politico e respirou o ar mais puro das ruas e dos campos do nordeste, foi logo enfrentando o successo daquelle seu livro com mais dois. Quando um pobre escriptor publica assim um livro de muito exito fica num becco desgraçado: quando o outro livro sae ninguem o julga como *um livro*. Só se julga em relação ao precedente, ao glorioso. Dá-se uma humilhação do livro. Pergunta-se assim: então é melhor que *A Bagaceira*? — Mas tem aquella força de imagens do outro? — e aquelle sentido poetico das paginas taes e taes de *A Bagaceira*?

E muitas vezes o livro não tem nada disto, porque não tem nada de parecido com o precedente. Póde ter no emtanto coisas muito melhores. E' este o caso do sr. José Americo de Almeida.

Romancista, sem duvida. Este titulo, que lhe foi conferido, póde-se dizer que por maioria absoluta da critica e do publico, poderia lhe ser tirado agora com a publicação destes novos livros. Porém o sr. José Americo confirma o titulo. Escreveu dois livros que são bons romances mesmo em relação á *Bagaceira*. Um delles é até melhor.

E' *O Boqueirão*, historia forte das populações do nordeste. Ha nesse livro muito maior densidade, como que uma continuidade de acção mais intensa, um sentido de romance mais profundo, um acabamento, sem duvida mais perfeito. Não é mais um escriptor de grandes paginas e bellas paizagens somente. E' o autor de romance de doloroso e largo sentido humano.

Aqui tudo se movimenta. Nada está parado neste romance, — nem a paizagem que vale como um personagem barbaro que soffre e se revolta. O sr. José Americo sempre possuiu um poder de paizagista que foi uma das fontes do successo de *A Bagaceira*. Em *O Boqueirão* ha paginas de paizagens verdadeiramente admiraveis. E tanto mais admiraveis quanto estas paizagens de rios da seca, do ambiente não civilizado dos boqueirões, é

que movimenta o romance, é que explica, por assim dizer, a these que nelle se desenvolve. E' o romance da terra. O meio reage mais do que o homem. E' elle quem não acceita o artificialismo das idéas yankees que aquelle jovem brasileiro assimilou mal nas universidades norte-americanas. A revolução civilizadora que elle tenta implantar no nordeste bravio das seccas e das grandes fomes prolongadas é inicialmente uma revolução inutil. Ella só attinge as camadas de cima. A massa que se movimenta no fundo do romance espera pão e mais que pão, espera agua. Isso os jovens engenheiros que querem destruir o amor não trazem na sua revolução yankee. Remo porém tem naquelle capitulo dezesete uma visão clara dos motivos do seu fracasso. E a sua voz naquelle momento tem qualquer coisa de prophético quando diz:

— Dia virá em que, com a alma recobrada, soltará (o sertão) o grito de insurreição: *ou agua ou sangue*.

Comprehende-se então que o autor tem uma visão clara do problema, sabe bem da situação que existe e da luta que se prepara entre todos os esfomeados e todos os bem alimentados. Resta saber com quem ficará o autor. Ha porém, a louvar a sua coragem, ou melhor a sua honestidade litteraria, que o levou a fixar esta realidade mesmo na situação politica em que se encontra.

O Boqueirão não é um livro de manchas largas e soltas. E' um quadro construido e acabado. Nelle o sr. José Americo construiu aquillo que eu chamaria a "curva do romance". Isto é partiu de um determinado ponto e chegou ao fim que se propoz. Não ficou pelo meio do caminho. Tambem não fez os seus personagens falarem sob os alicerces de um romance. Quero crer que temos neste livro o seu melhor romance. De qualquer maneira *O Boqueirão* é um dos poucos romances acabados do Brasil.

O problema do cangaço tem preocupado muita gente mas não nos tem dado os livros que deveria inspirar. Deviamos ter uma grande litteratura de romances e ensaios sobre o cangaço. Porém onde estão os romances que o cangaceiro inspirou? E os estudos, onde estão? Ranulpho Prata fez um bom documentario, mas, não sei por que razões ficou apenas no documentario sem querer explicar as causas da existencia do cangaceiro. Eu sou de uma zona onde o cangaço a serviço dos grandes plantadores existiu em larga escala e se está hoje em certa decadencia é que as maiores fortunas já se estabilizaram e os pequenos fazendeiros já foram totalmente engulidos. O pequeno plantador de cacau era sempre a victima predilecta dos cangaceiros a soldo dos fazendeiros de muitas mil arrobas. O pequeno fazendeiro representava a resistencia, a luta heroica contra a invasão do grande capital que tudo açambarcava. Defendia com armas na mão a sua propriedade da qual o fazendeiro feudal queria se apossar de

qualquer maneira. Gastos todos os recursos o cangaceiro agia. Numa noite sem lua no caminho de Pirangy ou de Agua Preta um homem cahia de um cavallo e outro ganhava cem mil réis. A pequena fazenda era dividida entre uma enorme familia e logo depois era do grande fazendeiro a troco de alguns mil réis. Os rapazes se espalhavam pelas plantações e talvez noutras noites sem lua derrubassem outros homens tambem. As mulheres iam residir em ruas onde não passam familias. Drama que eu assisti ás centenas na minha infancia de fazenda de cacau. Porém, ás vezes, é o cangaceiro quem representa resistencia e luta. São os homens despojados da sua pequena propriedade por todos os trucs de justiça a serviço dos endinheirados que resistem de armas na mão e são postos fóra da lei. Caso tambem comum na minha zona.

Quero acreditar que no sertão do nordeste, que infelizmente não conheço, o cangaço tenha quasi sempre esse tom de resistencia, de luta contra os senhores feudaes. E' a revolta anarchica de explorados que não sabem bem o que querem mas resistem e não se deixam escravizar. Digo isso fundado na unica grande litteratura que existe sobre o cangaço, a mais digna de fé: a litteratura popular dos A. B. C. de todos os cangaceiros, que encantam a imaginação de negros e brancos que morrem sob o sol das docas da Bahia. Estes folhetos, que de quando em vez contêm uma grande belleza poetica, dão quasi sempre á luta do cangaceiro um sentido de luta de classes. Ha sempre nelles um motivo justo que levou o trabalhador do sertão a pegar em armas e se transformar em cangaceiro. E se os factos não são verdadeiros isso não tem grande importancia. O que importa ahi é o modo como a massa interpreta o cangaço.

Sou puxado, para perto destas considerações devido ao ultimo livro do sr. José Americo de Almeida: *Coiteiros*. Eu esperava este livro com muita curiosidade não só por se tratar de um romance do sr. José Americo como por estudar o problema do cangaço. Para começar quero avisar que ninguem se engane com o tamanho do livro. Parece um volume muito pequeno para o assumpto. Mas, em verdade, é o que de melhor temos sobre tal motivo.

Ao romancista, o que interessa neste livro é o coiteiro. O fazendeiro que por medo ou necessidade agasalha o cangaceiro. Assim o volume se limita, o que é uma pena, pois por elle podemos ver o que de fabuloso o sr. José Americo poderia fazer se estudasse, em bloco todo o problema.

Porém já neste livro, vivo e agil, movimentado e dramatico, muita coisa de verdadeira é revelada e denunciada ao paiz. Dois pontos principalmente são estudados de um modo magnifico pelo romancista: o interesse do fazendeiro na existencia do cangaço, quando este a seu serviço, e o abandono criminoso das creanças filhas de trabalhadores. Póde-se mesmo dizer que esta face do problema (o filho do cangaceiro vivendo desde cedo a vida do

pae. Este querendo que a moça da fazenda crie a creança e a eduque) toma conta do livro e lhe imprime a sua maior força dramatica. Porque o drama dos noivos e do pae da noiva, o sacrificio final da mulher, é um drama individual que, interessa dentro de um certo limite. Mas o abandono da creança é uma realidade tragica do Norte, é um crime monstruoso, é um drama de toda aquella massa. Dahi tomar conta do livro e o brado do cangaceiro "moça, crie a creança" ser a coisa mais tragica que apparece neste *Coiteiros*. Tudo mais é pequeno junto a isto que não commove, mas revolta o leitor.

O interesse do fazendeiro tambem é largamente estudado no livro e fórma mesmo o seu motivo principal. E' o fazendeiro despistador da policia (policia que luta muito menos contra o cangaço que contra as populações abandonadas do Nordeste miseravel), é o fazendeiro que acoita o cangaceiro apesar de o odiar (não esquecer que o cangaceiro representa uma resistencia contra o grande fazendeiro nesta zona), e que quando póde se aproveita delle.

Nestes pontos o romance do sr. José Americo de Almeida é completo. O romance do coiteiro já está feito. No entanto ninguem melhor que o sr. José Americo póde voltar sobre o assumpto e nos dar ainda varios romances (um livro só, por maior que seja, não abrange todo o problema) sobre o cangaço, delimitando causas e consequencias, estudando as realidades de todo dia do seu nordeste.

Quanto ao romance como romance, o sr. José Americo não se perdeu em detalhes inuteis. Sahiu assim um livro pequeno porém, muito movimentado, de uma admiravel força de expressão, explicando os typos atravez o ambiente. Os dialogos são perfeitos. Foram colhidos da bocca daquelles homens rudes e transportados para o livro. Note-se tambem que a linguagem em que são escriptos esses dois ultimos livros do sr. José Americo é bem mais facil e legivel que a de *A Bagaceira*. Os romances ganharam com isso.

O sr. José Americo de Almeida, falando eu uma linguagem de funcionario de uma commissão de estradas, foi um abridor de estradas no romance nacional. Sem *A Bagaceira* talvez não se processasse todo este movimento de romance que desceu do Norte. Quando elle voltou, encontrou estas estradas ampliadas e mais largas. E elle então partiu do ultimo trecho construido e abriu mais caminho ainda.

JORGE AMADO

— Jean-Louis Vaudoyer é um amoroso da Italia. Romanesco, não dará grande importancia á Italia das usinas, dos automoveis Fiat e dos estaleiros da casa Ansaldo. Prefere os recantos de Veneza em que ainda parece vagar a sombra de Casanova, aturdindo os burguezes e gastando mancheias de ouro com os gondoleiros e os alcoviteiros. Só Henri de Régnier o iguala nessa adoração pelos scenarios do Lido e da praça de São Marcos. Um dos mais recentes volumes de Vaudoyer, *Italiennes*, é ainda um testemunho de amor desse francez pelas zonas em que os stendhalianos encontram sempre a maior delicia humana.

INICIAÇÃO PHILOSOPHICA

RESPOSTA A UM JOVEM ESTUDANTE DE DIREITO

Fui sempre apologista dos estudos philosophicos na formação intellectual da elite brasileira. Quer conhecer o meu joven amigo os motivos desta minha sympathia por uma ordem de preoccupações que parecem hoje um tanto lunaticas. Respondo-lhe ás curiosas perguntas com a sinceridade que lhe devo, certo embora que nada lhe direi de novo ou de original.

Se conseguir que o seu pensamento repouse um instante sobre os meus velhos argumentos, para analysal-os livremente, dar-me-ei por satisfeito.

Preliminarmente tive desde a adolescencia viva ansiosidade pelos estudos especulativos; dahi, elles se me afigurarem base essencial da cultura. Acreditamos no que nos apraz ou no que especialmente nos toca. São multi-seculares as allegações em favor da educação philosophica ou de idéas geraes; mas nem por tantas vezes repetidas, ellas perdem a força convincente. Só a philosophia pode alargar-nos a intelligencia, elevar-nos o pensamento e dar-nos da vida serena e tolerante comprehensão. Em sua occupação mais profunda ou mais completa, é a philosophia a sciencia das cousas primarias e finaes; deve, pois, abrir-se o segredo das nossas origens e destinos. Donde viemos? Para onde vamos? Que representamos no conjuncto do cosmos? Que devemos fazer? Eis ahi perguntas que a humanidade repetirá eternamente e para as quaes, sem o auxilio mysterioso da crença ou da intuição não encontrará respostas satisfactorias. Mas esta philosophia metaphysica, que está além do conhecimento sensível, permittido pelas sciencias communs, é esphera limitada a alguns luminosos espiritos. A controversia sem fim que despertam os seus grandes problemas fecham-se avaramente aos olhos do commum dos homens, parecendo-lhes com razão algo de exoterico e, talvez, de vão e inutil. Porque a indefinida espe-

culação que não conduz a nenhuma consequencia certa?

A philosophia pôde ter, no entanto, sentido mais modesto, que é o que me interessa no momento e julgo indispensavel ao preparo da mocidade universitaria, principalmente das Escolas de Direito. Abandonada a busca das causas primordiales inaccessiveis, ella torna-se a sciencia do mais geral, a chave derradeira dos conhecimentos, que procura systematizar para uma interpretação da vida, logica e rica de consequencias de toda especie. Muito mais do que simples theoria geral do conhecimento, como queriam as doutrinas agnosticas, não se limita a focalizar as regras ou preceitos geraes de cada sciencia ou do conjuncto das sciencias positivas: analisa-os, colhe-lhes os resultados todos, fal-os viver de uma vida nova, erigindo-se em sciencia autonoma, a mais alta e nobre de todas. Tem cada sciencia a sua philosophia propria; será a philosophia geral o complexo de todas as philosophias particulares. Digamos: um estuario onde desaguassem as mil correntes do conhecimento scientifico e intuitivo. Mas este vasto receptor apresentar-nos-ia como alguma coisa mais do que um lençol de aguas mortas. Pelo contrario. Aceitando os mananciaes que lhes descem de todas as fontes ella os pesa, os mede e os depura para a formação da verdade final.

O esforço para conhecer é essencialmente um esforço para unificar. Encontrar os laços que possam prender os mais estranhos phenomenos, eis a excelsa missão da intelligencia e da cultura humana. Um facto não se derivou forçosamente de outro facto, como suppunha o rigido determinismo em voga nos ultimos quarteis do século XIX. Entretanto, condicionam-se todos a causas geraes, que devemos conhecer para que a nossa acção possa ser melhor orientada. Uma instituição juridica, por exemplo, não surgiu do exclusivo arbitrio do legislador.

Ella é resultante de condições ambientes, peculiares ao paiz ou características de um estado de civilização em determinado momento historico. Quem quizesse interpretal-o apenas em suas origens — finalidades immediatas, limitaria tristemente os proprios horizontes. E' o que faz o simples tecnico do Direito, adstricto ao texto da lei, á analyse grammatical e logica dos seus termos e a uma vaga indagação sobre as intenções do seu autor. Vê as cousas sob diversos prismas o homem de cultura geral. Elle sabe que tal instituto juridico vale infinitamente mais do que o seu eventual creador. Desde que surgiu e se firmou adquiriu vida propria, com a complexidade de todas as vidas e imprevisiveis possibilidades de desenvolvimento e transformação.

A personagem de um drama ou de um romance, que sejam realmente espelhos da vida, taes, por exemplo, os de Shakespeare e de Balzac, partido o cordão umbilical, começam a viver por si mesmos. Hamlet ou o Rei Lear, Eugenia Grandet ou o tio Goriot são tão reaes quanto os que os crearam.

Que pôde preparar o espirito para a comprehensão universal dos factos? A sociologia, a economia politica, a biologia, a psychologia, em summa, as sciencias da sociedade e do homem, interpretados pela philolosophia de cada uma dellas e pela philosophia geral que lhes dá a ultima e suprema coordenação. Nos antigos programmas dos cursos juridicos existia uma cadeira de philosophia do Direito que era como uma especie de preambulo para o estudo das materias especializadas. Não parecia aconselhavel o processo. Primeiramente, a antiga philosophia do Direito resumia-se a uma recapitulação da philosophia geral, como esta se comprehendia então: principios de logica formal, de psychologia e de ethica. Depois, presupunha o estudo das mesmas disciplinas no curso de humanidades. Os mais esforçados

estudantes mal conseguiram aposar-se de certa terminologia, um tanto pretenciosa e que nenhum sentido exacto guardava para a sua verde mentalidade.

A victoria das doutrinas positivistas fez relegar a philosophia para as cousas mortas do passado. O que Pedro Lessa, por exemplo, bem representativo entre nós do pensamento dominante no fim do seculo passado e começo do actual, entendia por philosophia do Direito limitava-se a uma imprecisa theoria geral do Direito e a uma discussão academica sobre velhos themas como determinismo e livre arbitrio. O retorno ás puras e livres especulações do espirito, que marca a reacção anti-positivista, tão accentuada depois da guerra de 1914, impoz aqui como por toda parte, a restauração dos estudos philosophicos. Discutindo problemas de sociologia, de economia, de psychologia individual e colectiva, de anthropologia, de ethica, de sciencia dos costumes e de philosophia propriamente, para mostrar-lhe as intimas relações com as varias materias do curso juridico, a "Introdução á Sciencia do Direito" desperta a curiosidade dos jovens estudantes e prepara-lhes a intelligencia para mais ampla comprehensão do que terão de estudar nos annos subsequentes do curso. Entretanto, não me parece que este resumo, forçosamente apressado de idéas e noções geraes deva bastar aos futuros advogados, juizes, administradores, politicos e homens de governo.

De mim, exigiria a inclusão de uma cadeira de philosophia no ultimo anno do curso gymnasial para os candidatos ás Universidades. Não existindo no Brasil — e de certo, não existirá, tão cedo — uma Faculdade de Philosophia e Lettras, as Faculdades juridicas têm de supprir-lhe a falta. Dellas sae, em regra, a elite dirigente do paiz, os homens aos quaes cabem as responsabilidades directas dos negocios publicos, os representantes como que officiaes da cultura brasileira. E como dispensar entre estes um minimo de idéas geraes? Temos a larga e tantas vezes amarga ex-

periencia historica do que vale a direcção de uma elite mal preparada, estranha aos grandes problemas do espirito, adstricta a um empirismo grosseiro que lhe amesquinha os movimentos e lhes diminue as attitudes. Alargar os horizontes dos futuros dirigentes da nação, pelo mais cuidadoso estudo das correntes do pensamento, dando-lhes verdadeira iniciação philosophica, é, realmente, uma tarefa benemerita.

JOSE' MARIA BELLO

V I N C I

*Das trevas do passado
sobraram ondas luminosas
— que atravessaram o espaço
— que atravessaram o tempo.
Faiscaram
extemporaneamente
faiscaram e
tornaram a perder-se
na noite longa...
noite profunda.
Depois
— na hora propicia —
foram captadas
por homens ad hoc
Concretizou-se
o sonho do precursor.
O grande passaro de aço
estendeu as azas sobre a terra
abraçou continentes
cresceu, multiplicou.
Vôa alto
como o pensamento
que o concebeu
nas longinquas vigílias
florentinas.
Sobe
numa luminosa
transfiguração da materia*

HELENA T. DA CUNHA

E. R. Burroughs — *O thesouro de Tarzan* — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Em boa traducção do sr. Manoel Bandeira, temos um novo volume de E. R. Burroughs em que se dilatam por zonas cada vez mais impressionantes as aventuras do legendario Tarzan. E' uma litteratura de repouso, para algumas viagens de bonde ou um domingo em Petropolis.

«Brasil - Colonia de Banqueiros» Na Escola Militar

No ultimo boletim de ordens da nossa Escola Militar do Realengo, de 24 de dezembro de 1934, seu illustre commandante, o general Meira de Vasconcellos, fez inserir o seguinte item, honrosissimo para o nosso companheiro Gustavo Barroso, a proposito de seu ultimo livro "Brasil — Colonia de banqueiros":

"Sejam incluídos na carga geral da Escola e distribuídos á Bibliotheca Escolar e á Bibliotheca de Cadetes tres (3) exemplares, respectivamente, do livro "Brasil — colonia de banqueiros", que significa um protesto e um grito de alerta á Patria escravizada economicamente, para que os jovens cadetes conheçam a verdade sobre a nossa situação economica.

E' uma exposição digna de meditação, servindo de orientação sobre responsabilidades contrahidas desde épocas remotas, com menoscabo das pesadas tributações que correspondem para a nação.

E' dever de alevantado patriotismo procurarmos nos libertar desses encargos asphyxiantes que pesarão sobre gerações successivas.

Só um Exercito e uma Marinha unidos e fortes poderão dar aos dirigentes do paiz o apoio necessario para a resolução de interesses nacionaes.

Precisamos ser um povo independente economicamente, por consequencia donos de facto do que é nosso.

O esforço da mocidade é preciso e a porfia numa collaboração decisiva em prol de um grande Exercito e de uma poderosa Marinha deve ser o objectivo para o qual devemos rumar com decisão".

Vol. brochado 6\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

— Rio de Janeiro —

A linguagem actual da Poesia

A proposito de um livro recente de Bonamy Dobrée sobre o estylo da prosa moderna, Edwin Muir (*) vem de fazer algumas considerações, dignas de maior divulgação, sobre a linguagem actual da poesia.

Occupando-se unicamente do problema inglez, dá-nos elle, todavia, no seu estudo a esse respeito, sahido em Novembro ultimo, em *The London Mercury*, uma synthese impressionante da situação universal da poesia nestas alturas do seculo XX.

A crise de poesia, na hora que passa, é, não haja duvida, um phenomeno generalizado a justificar inteiramente uma predição de Macaulay: "as civilisation advances, poetry almost necessarily declines".

Mais accentuada nos grandes centros em que predomina o "mecanismo avido", na expressão indignada de D. H. Lawrence, essa crise constitue uma evidencia incisiva de que vivemos com effeito num mundo sem alma.

A poesia deixou de ser uma grande voz no universo. E se a sua resonancia ainda não se extinguiu de todo na sensibilidade desse ou daquele povo, menos trabalhado pela corrupção do progresso mecanico, a verdade é que falta a essa resonancia um timbre energico que seja uma expressão de authenticidade.

O que ali subsiste, em tentativas mais ou menos frustes de rejuvenescimento poetico, é antes um esforço doloroso da sensibilidade humana, ainda carregada de alma, para acompanhar o rythmo violento da civilização, na sua vertigem allucinada de desintegração vital.

Desorientada, e intimidada, pelo bramido mecanico das innumeraveis guélas de bronze e aço que ensurdecem o mundo, a poesia vagueia em meio do tumulto da vida moderna como um ser desmemoriado, e tático, esforçando-se inutilmente para crear e articular uma linguagem que se faça geralmente comprehendida.

Detendo-se a commentar o que se passa, presentemente, no seu paiz a esse respeito, Edwin Muir mostra, de inicio, que a preocupação de todo o poeta novo, no momento, é se crear, e impôr, um "idioma individual". Essa preocupação, representa, aliás, um imperativo irrefugivel — esclarece elle — commum a todas as epocas em que a linguagem cessa de ser o vehiculo acceito do pensamento geral. Em consequencia, a linguagem resulta um problema que o escriptor deve resolver por si mesmo. Quando isso ocorre, dá-se, ordinariamente, o retorno á dicção mais simples, menos artificial, quer na poesia, quer na prosa. Houve uma epoca em que a linguagem sumptuosa dos Elizabethanos parecia ôca e inerte aos que a conheciam. Impunha-se, então, uma dicção social mais racional, mais refinada, e Dryden ap-

pareceu. No seculo XVIII, essa dicção tornara-se artificial e sobremodo affectada, até que Wordsworth e os românticos vieram. Em nosso tempo, accentúa Muir, de passagem, estamos assistindo á liquidação da dicção romantica".

O seculo XIX é uma epoca, na tradição poetica da Grã-Bretanha, que se caracteriza por transformações inopinadas e desconcertantes, de modo que o critico vacilla em indicar-lhe o padrão especial de estylo. Menciona a Browning, como um innovador, e, ainda, a Tennyson, em cuja dicção ha indícios de que elle procurou reagir contra as seducções da linguagem romantica, tradicional, que acabou contornando. Com Swinburne, Rossetti, Wilde, Dowson e outros, a linguagem poetica tornou-se um instrumento que nenhum "poeta integro" poderia usar. Presentemente, já não ha linguagem geral acceita para a poesia, o que justifica e explica a exigencia contemporanea de "um idioma individual". O que ha de desconcertante nas transformações que se verificam na poesia ingleza — sublinha Muir — é que, vistas ou apreciadas de relance, parece accusarem uma degenerescencia progressiva. As mais solidas convenções poeticas parece extinguirem-se simplesmente porque de sobejo exaltadas ou demasiado perfectas. A sublimidade de Milton e a exactidão de Pope tornaram-se enfadonhas para as gerações posteriores, como a exaltação emocional dos românticos para os contemporaneos. "Para comprehender actualmente o curso da poesia ingleza, após os Elizabethanos, seria preciso comprehender tambem o desenvolvimento completo do mundo civilizado, intellectual, religioso, politico e economico, durante esse periodo, porque os sucessivos desmoronamentos de velhas crenças e o apparecimento de outras só é comprehensivel como effeito de um movimento geral, do qual a poesia é, a um tempo, parte e reflexo." O effeito desse movimento sobre a linguagem utilizada pela poesia é que periodicamente aquella se desvia dessa.

Observa Muir que a posição do poeta moderno, presentemente, é a mesma de Wordsworth antes de firmar a sua conhecida theoria poetica. Em geral, a poesia, no momento, é intencional ou, melhor, deliberadamente artificial, como a do poeta de *The Prelude* em suas primeiras tentativas de simplificação. O primeiro impulso do poeta, quando desenganado da dicção convencional, é retornar á linguagem falada do povo ou da sua classe, que tenha a vantagem de não ser litteraria. Assim, procederam os Georgianos que passaram a inspirar-se, simultaneamente, em themas ruraes e citadinos, imprimindo-lhes uma linguagem de "litterato provinciano, semi-urbanizado". Essa linguagem — adduz o lucido critico — embora mais sobria que a dos românticos, era, em verdade, uma habil transigencia entre essa ultima e a dicção poetica do seculo XVIII que, não tendo sido usada por algum tempo, ainda conservava muita fres-

(*) Critico e, tambem, poeta, autor do excellente estudo: *The Structure of the Novel* (Hogarth Press, Londres).

cura. Essa observação é ilustrada com um pequeno poema de John Drinkwater, do grupo dos "Georgians". Em seguida, Muir transcreve algumas linhas de um poema recente de T. S. Eliot para positivar que não ha nesse poema nenhum traço da dicção convencional, nem associações românticas e nem, tampouco qualquer nuance do idioma de classe. Esse poema lhe parece elaborado numa linguagem que idealmente poderia ser falada por todos, o que não succede com as composições dos poetas modernísimos W. H. Auden e Stephen Spender que traem, a seu ver, um idioma de classe ou grupo. Uma convenção poética, geral, só pode ser suplantada por outra convenção geral e esta não pode ser baseada sobre uma linguagem privada de classe. Auden incorre nesse inconveniente. Já não assim Spender, em cujo estylo Muir aponta matizes tradicionaes, observando que a sua linguagem é calcada sobre o vocabulário de varias escolas e classes, quer do presente, quer do passado: Eliot, os engenheiros, Rilke e alguns românticos.

Como é sabido, a poesia de alguns novos ingleses, Auden á frente, está insuflada pelo sopro comunista. Acredita, porem, Muir, que, preva-leça ou não, politicamente, esse credo, a moda da poesia comunista está condemnada a passar, porque, embora alguma poesia possa influir sobre as crenças politicas, o seu alvo permanente não é a politica. Essa tendencia constitue antes um obstaculo á criação de uma convenção poética, geral.

Em conclusão, diz Muir que o remedio indicado para a actual enfermidade da poesia seria uma "perfeita simplicidade", embora tal coisa lhe pareça difficil num mundo, como o actual, destituido de crenças geraes. Até que uma nova convenção poética seja descoberta ou creada, a poesia permanecerá em estado de suppressão. E como a sociedade terá que passar por uma mudança radical, antes que essa convenção seja creada, e consolidada, é obvio que não será facil prever quando a poesia reassumirá a posição que lhe compete.

EUGENIO GOMES.

Roberto Lyra — **Economia e Crime** — Rio de Janeiro.

These de concurso para livre-docente de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Trabalho definitivamente consagrador para quem o lançou, se o nome do sr. Roberto Lyra já não se houvesse imposto, por uma produção das mais significativas, ao apreço dos que amam as paginas de boa substancia. Temperamento de certa rebeldia, mão grado a sisudez dos estudos em que se embrenha, esse talentoso escriptor nunca se circumscreve a repetir docilmente preceitos autoritariamente articulados por suppostos mestres. Nada lhe merece a assignatura sem passar antes por uma rigorosa critica pessoal. Dahi o prestigio dos seus trabalhos, desde um volume, bastante corajoso, em que examinou a triste mediocridade da vida de caserna, até este opusculo que, se não impressiona pelas proporções typographicas, não importa nunca em lôgro aos homens cultos que o percorram.

UMA NOITE EM LOS ANDES

Naquella noite de Los

Andes eu ameí como nunca o Brasil.

De repente,

um cheiro de bogary, um cheiro de varanda carioca balançou no ar...

Vinha não sei de onde o murmurio de um correjo tranquillo, escorregando como um lagarto pela terra molhada.

A sombra vertia uma frescura de folhas humidas.

Um vagalume grosso correu no matto. Queimou-se no sereno.

Eu fiquei olhando uma porção de cousas doces, maternas...

Eu fiquei olhando, longo tempo, no céu da noite chilena, as quatro estrellas de um cruzeiro pendurado fóra do logar...

RONALD DE CARVALHO

(De *Toda a America*)

— A Bretanha, com as suas stirpes de pescadores e navegantes, encontrou em Jean Epstein, autor de *Les Recteurs et la Sirène*, alguém que a descrevesse sob aspectos não de todo vulgares e ás vezes mesmo prestigiosamente novos. A singular psyché da gente que nasce nas vizinhanças do mar e vive quasi toda a vida em mar alto é aqui traçada com virilidade de penna, e as situações de um aspero realismo são temperadas por evocações de sereias e outras creações fantasiosas em que a gente illetrada supera os grandes poetas. Apesar de ter andado uns doze annos ás voltas com os problemas cinematographicos, Jean Epstein não transplanta aos livros os methodos de Hollywood e, muito cioso da distincção dos generos, quer que romance seja sempre romance.

— Segundo Benjamin Crémieux, Claude Aveline inaugurou em *La Promenade Egyptienne* um novo genero: o romance de uma viagem. Claude Aveline já se distinguiu como explorador do romance policial, tratando, não sem successo, do caso de dois sujeitos que se assemelhavam prodigiosamente, sósias que se entendiam bem em tudo, excepto ao disputarem as caricias de uma linda mulher.

I. L. Peretz — **Novellas** — Uri Zwerling editor — Rio.

Prefaciado pelo dr. Carlos Sussekkind de Mendonça, espirito dos mais avançados, este volume de novellas representa sem duvida apreciavel novidade em nossas lettras. Não contavamos até agora, em traducção portugueza, com um repositório de narrações que tão de perto definissem modalidades e tendencias da alma judaica. Ha muita humanidade, sem que isso importe em ausencia de arte, nestes fragmentos de vida, extractados do que existe de mais fremente e expressivo entre as creaturas de mentalidade e costumes biblicos. Israel Zangwill não deixava de intercalar certos elementos anecdoticos ás suas evocações dos moradores do ghettos. Aqui se observa um character bem mais pungente, ainda quando os acontecimentos se inclinam para a nota humoristica. Como detalhe interessante, convém recordar que este livro, preciosa dadiva aos nossos amantes de litteratura cosmopolita, foi trazido ao Brasil graças á tenacidade realizadora do editor Uri Zwerling, que, na qualidade de vendedor ambulante de livros, de semeador de cultura pelas ruas da cidade, mereceu uma inolvidavel chronica do grande Humberto de Campos.

DUAS CREAÇÕES DA CIDADE AMERICANA

(Apontamentos para "Becco do Escarro", primeiro volume de um romance cyclico paulista MARCO ZERO)

A ARTE

Elle apparece pelas ruas centraes da cidade de um milhão de escravos, espantoso como a poesia. Atravessado de settas multicores, paradis, aigrettes, corbeilles. Como um chapéu fino e escandaloso de mulher num pateo de fabrica.

E' o vendedor ambulante de vassouras, cestos e espanadores. E vae dizendo metallicamente:

— La possibilité de la cabalité de la population de la maturité de la consolation de la rué de la bondalité de la modalité de la linfité de la condanacion de la litarité!

E' rico. Arranjou uma gaveta na machina do capital, do lado caixa. Tornou-se um papa-nickeis bem collocado. Mas permanece maltrapilho, como no dia em que desembarcou das travessias immigrantes, sem nada, e subiu a montanha paulista num trem de desgraçados. Vinha sahido do bojo de um navio, onde lhe tinham falado assim:

— La rentré de la comidê de la tripulacion de la fatalité de la moralité de la cancion de la teralité!

Era um navio francez. O trauma ficou. Um trauma de terceira classe. Um trauma de fome.

Quando elle se vio senhor das primeiras plumas coloridas, dos primeiros vimes flexiveis e claros, sumptuoso como um indio de opera, sentiu-se no direito de esgottar o choque interior e pas-seal-o como uma fractura exposta.

— La parité de limensité de la pension de la funcion de la mentalité de la revolté de la principacion!

Ninguem o prendeu. Ninguem o conteve. Riram. Pararam. Compraram.

Rico da America, a familia o seguiu, o limpou, o collocou num palacete. Mas uma madrugada, elle retomou a velha galé de ambulante, as vassouras erectas, os espanadores fantasticos, as cestas festivas e levou novamente para a rua o seu estribilho de canario cretino:

— La pluralité de la sensation, de la carité de la fonction de la casé de la ministracion de la pantalité.

A sua appareção diaria na cidade tragica e fria de negocios, é incommoda e espectacular como o surrealismo.

O RITHMO

Donana Paula penetra no Triangulo ás dez horas. Gorda sobre sapatos de tenis e meias baixas. Uma boina de lado sobre os cabellos quasi brancos, bem penteados. Um pullover côr-de-rosa.

Hesita como um homem de negocios. Pára deante de um Banco central. Traz sob o braço uma grande pasta murcha. Onde irá começar o seu dia activo?

Penetrou no edificio severo e enorme da Standard-Oil. Perguntou o preço da gazolina. Um empregado loiro que a conhece, respondeu — vinte mil réis o kilo! Tomou cuidadosamente nota num papel. Collocou-o na pasta. Sahiu.

A caudal de gente preocupada, de gente nervosa, cresce. Dão hombradas nella, trancos, pisões sem desculpa. Eil-a de repente envolvida no atropelo. A agitação afarista a empolga. Ella quer resistir. A caudal forma correnteza no Becco do Escarro.

Ella penetra num tabellionato que está cheio. Estaca deante de uma mesa onde um escrevente desenha compromissos num grande livro aberto. Esbraveja com os outros, como a cidade toda que esbraveja pelo lucro. Sua voz apenas lembra que ella é mulher:

— A hypotheca passa-se hoje! E' preciso ir buscar as certidões. Essa gente adia sempre! A escriptura está lavrada? Então, espere! Vou buscar o recibo.

Sae num vento calculado. Penetrou no Banco do Brasil. Pede o cheque visado. Dão-lhe uma garatuja de cifrão num papel, para que vá embora, para que não amole. Ella sae rosnando e gesticulando como toda a população que se angustia atraz do lucro, naquellas ruas fechadas. Vae receber o cheque nos gui-

chês do Banco do Estado. Faz escandalo:

— Descontei a lettra. Não recebi os juros. Quero liquidar. Protesto!

Pagam quinhentos réis pelo papel. Sae preocupada, victoriosa e activa.

A pasta vae se enchendo de procurações, cheques, promissórias.

Penetrou no escriptorio limpo de um agiota:

— Você fez o desconto, hein? Agora não póde protestar. E os juros? Elle não pagou? Execute!

Donana Paula é o diapasão da cidade do lucro, onde uma massa desesperada se movimenta e trota sob a piramide de Cheops do capital.

Nella resoa o éco profundo da transação.

Onde mora Donana Paula?

Meio dia. Hora de almoço no Becco. Ella fez mil e quatrocentos. Tem na cara um sorriso de ferias. Accommoda o pullover agitado. Refaz a boina. Penetrou num boteco de hungaros, para experimentar a urbanidade com que se serve a miseria. Almoça pastéis e café ao lado de um cego que gosta de mostarda e de um histrião, no silencio das mastigações taximetradas pelos nickeis.

Dizem que foi rica. Ás vezes ella rompe a solemnidade do almoço sem radio, para dizer:

— Vou buscar as minhas joias. Embarco hoje no *Augustus*.

Um advogado a dirigiu. Um corretor lhe offertou negocios. Hypothecou, comprou, assignou papeis. Vieram os protestos, as vendas apressadas, as execuções como esmagamentos sem victimas visiveis, nas tardes ajuntadas do Palacio da Justiça. E veio a expulsão da propria casa. Perdeu tudo, como muitos daquelles que correm com ella, silenciosos, na cidade confusa do lucro.

Calistrato que se balança nas phrases feitas, affirma que Donana Paula vive da caridade publica e soffre das faculdades mentaes.

OSWALD DE ANDRADE

"LA FIN DE LA NUIT", o ultimo romance de François Mauriac

As explicações que François Mauriac dá no prefacio do seu ultimo romance, *La fin de la nuit*, não podem ser julgadas como plenamente satisfactorias pelos que estão acompanhando a sua obra sem par na moderna litteratura franceza. Porque, embora declarando não ter querido dar uma continuação a *Thérèse Desqueyroux*, as suas paginas seguintes desmentem tal asserção.

Além disto, não parece exacto que a sua heroína "pertença a uma época já remota da sua vida, sendo a testemunha de uma inquietação já sobrepujada". Pois o caminho para a salvação dos seus personagens, apenas entremostrado ao Jean Peloueyre, de *Le baiser au lèpreux*, ao Raymond Courrège, de *Le desert de l'Amour*, ao Bob Lagave, de *Destins* e à Irène, de *Ce qui était perdu*, se appareceu afinal ao terrível Louis, de *Le noeud de vipères*, novamente desapareceu para os seguintes, Yves, do *Mystère Frontenac* e agora, confessadamente, também para essa inexgotavelmente dolorosa Thérèse Desqueyroux, resuscitada em *La fin de la nuit*.

Nessa chronologia, que invalida a these da passada inquietação religiosa de Mauriac, desenvolvida por Charles du Bos no seu ensaio *François Mauriac et le problème du romancier catholique*, terminado com a enganosa revelação de *Le noeud de vipères*, — vê-se claramente como esse retorno á antiga personagem é o resultado de uma nova verificação da impotencia que cabe aos humanos, para por si mesmos vencerem as determinações inevitáveis dos seus destinos.

Já em *L'affaire Favre-Bulle*, uma tragedia da vida real, de que Mauriac escreveu impressionante commentario, classificado pelo sr. San Tiago Dantas como um

outro comparecimento de Thérèse Desqueyroux á barra dos tribunaes, bem como na sua aparição, rapida e, aparentemente, sem motivo, no *Mystère Frontenac*, tivemos algumas provas de que o seu problema não estava encerrado para o grande romancista contemporaneo.

E agora, revivendo em *La fin de la nuit* a miseravel Thérèse, "creatura das mais carregadas de fatalidade", sem conseguir demonstrar para ella qualquer innegavel "capacidade para dizer não á lei que a esmaga", como entretanto assegura no seu muito intencional prefacio, Mauriac vem confirmar a persistencia da questão. E, embora esforçando-se por vencel-a, em toda a acção do romance, percebe-se logo que isto não é conseguido senão artificialmente, sendo obrigados os seus personagens a suffocar sentimentos que, apesar de tudo, são mais fortes que as razões contra elles existentes.

Mas a principal prova de que dispomos, para evidenciar a vigencia daquelle problema e a insubsistencia do prefacio para *La fin de la nuit*, está na impossibilidade em que se encontrou Mauriac de descobrir um caminho para a salvação da pobre alma attribulada de Thérèse. A quasi loucura, a preocupação pela felicidade da filha, bem como a volta para a provincia, para junto do marido que quinze annos antes tentou envenenar, não podem ser soluções adequadas para o seu caso.

Confessa-o, embora indirectamente, o proprio Mauriac, quando no mesmo prefacio pergunta porque vae "interromper a historia, um pouco antes que Thérèse seja perdoada e entre na paz de Deus". Promette terminal-a um dia, em poucas paginas, á espora das quaes nós ficamos, com

a mesma angustia que já nos acostumamos a sentir, ao acabar a leitura de qualquer um dos seus grandes romances...

HELIO VIA NNA

Roberto Corrêa — José — Bahia.

Trata-se de um excellente livro de leitura para as creanças. Antigo professor bahiano, o sr. Roberto Corrêa também se distingue como cultor do verso, e o seu volume de epigrammas obteve grande successo na cidade do Salvador, onde muitos lhe sabem as quadrinhas de côr e as repetem por toda a parte. Ironista sem malignidade, esse nosso illustre patricio é dos que trazem aos acontecimentos locais, no momento adequado, um commentario jocoso que equivale a um verdadeiro depoimento colectivo. Quanto ás suas obras didacticas, são também escriptas com um accentuado cunho de regionalismo, de maneira a atrahirem facilmente a attenção dos jovens leitores da zona em que prégou Vieira e cantou Castro Alves. Nesse delicado e dedicado mestre de meninos ha qualquer coisa da ternura e da ingenuidade do De Amicis que falou tão de perto ao coração de tantas gerações novas da Italia.

— Em *Bel-Ebat* Roger Matis historia uma tentativa de reforma social condemnada a doloroso mallogro. Um industrial generoso, de nome Beyle, exactamente como o romancista Stendhal, pretende erguer uma cidade perfeita para os seus obreiros, com todo o conforto e alegria assegurados pela architectura e hygiene modernas. Mas tudo se esborôa na generosa utopia. O livro é forte, não tanto pelo conjuncto quanto por certos detalhes da vida de usina, havendo silhuetas de proletarios muito bem recortadas em periodos celeres.

— Está no quinto volume a correspondencia geral de Marcel Proust, publicada graças aos cuidados de Robert Proust e Paul Brach. Muitas cartas a fidalgos e potentados da França e do estrangeiro. Particularmente interessantes as epistolas dirigidas á Princesa Bibesco. Vê-se que, apesar da sua asthma e da solidão em que mergulhava para compor os seus longos livros, Marcel Proust, em quem muitos viram sempre um certo snobismo, não desdenhava de cultivar relações com a gente aristocratica.

ATTENDENDO ÀS NECESSIDADES DO COMMERCIO A

CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, nas Agencias e Filiaes

UM TRATADISTA BRASILEIRO

O tomo II do *Tratado de Direito Internacional Publico*, do sr. Hildebrando Accioly, foi publicado ainda em 1934, mas não teve a grande repercussão que merecia em nosso meio juridico. Por isso mesmo importa registrar-lhe o apparecimento, embora numa revista litteraria da feição do *Boletim de Ariel*, para salientar o valor excepcional do trabalho realizado pelo actual ministro do Brasil em Buckarest.

Trata-se realmente de uma obra que não se assemelha ás que costumam ser apresentadas entre nós, quando se pretende produzir aqui alguma exposição systematica de qualquer disciplina de direito. Enquanto os tratadistas nacionaes se limitam, em sua esmagadora maioria, a realizar trabalho de méra compilação de doutrina estrangeira, o sr. Hildebrando Accioly elaborou um *Tratado de Direito Internacional Publico* que se distingue das obras que o precederam pela vasta contribuição pessoal do autor na exposição e no estudo das regras e das doutrinas daquela disciplina applicadas ao Brasil ou suscitadas em questões em que o nosso governo tenha sido parte. Diz elle, no sobrio prefacio que compoz para o tomo I, que em seu trabalho "não se notará a preocupação de apresentar idéas originaes." Entretanto, máo grado sua despreocupação nesse sentido, a contribuição original contida no livro é das mais valiosas que os nossos juristas já terão podido apresentar, simplesmente em virtude do empenho que teve o autor de tratar a materia mencionando e apreciando-lhe aspectos observados no Brasil ou que tenham interessado ao nosso paiz.

A esse respeito, o trabalho do sr. Hildebrando Accioly é tanto mais notavel quanto maior se revela sua competencia especializada, adquirida em longos annos de desvelado e intelligente tirocinio no Itamaraty, pesquisando acuradamente os archivos e procurando soluções praticaveis para os casos concretos dia a dia submettidos ao exame e á solução de nossa chancellaria. Em verdade, as disciplinas de direito, como a disciplina militar prestante, não se aprendem, senhor, na fantasia: sonhando, imaginando ou copiando.

Nossos juristas andam frequentemente esquecidos da prudente licção de Luiz de Camões e é por esse motivo que suas compilações, mais ou menos pretenciosas, costumam ter tão pouco prestimo.

De resto, o sr. Hildebrando Accioly não teria razões para receiar objecção nenhuma no tocante á sua erudição na materia que versa. Para comproval-o bastará referir a copiosissima lista das obras citadas no seu tratado, incluída no tomo I e que constitue uma bibliographia exhaustiva da disciplina. E a simples leitura do capitulo I da Introdução, relativo á "noção e fundamento do direito internacional publico", dará idéa precisa de sua capacidade para tratar um dos problemas mais controvertidos da philosophia do direito em nossos dias.

O *Tratado de Direito Internacional Publico* foi dividido em quatro partes. O tomo I contém o estudo das pessoas: Os Estados, O Papa e a Cidade do Vaticano, a Liga das Nações e O homem nas relações internacionaes. O tomo II, apparecido recentemente, comprehende o estudo dos *Bens dos Estados*, — que constitue a 2.^a parte do tratado — e o estudo das relações pacificas entre os Estados, que constitue a 3.^a parte.

O tomo III, a apparecer, será reservado á apreciação dos litigios internacionaes.

E', seguramente, uma das obras de direito mais sérias publicadas no Brasil. O sr. Hildebrando Accioly não tem a mentalidade de diplomata mundano, nem as habilidades de tantos dos nossos compositores de livros de direito em série. E' um tratadista de raça.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

TRANSFIGURAÇÃO

*Quando o silencio vae crescendo, quando
O poente accende os lirios de marfim,
As tuas mãos parecem pombas, voando
Na penumbra macia do jardim.*

*Como um cristal resoante, vaes passando,
Com perfumes nostalgicos, por mim;
E teus braços, de um talhe real e brando,
São dois pavões de espuma e de setim.*

*Subito, é um caule ideal teu corpo esguio,
Uma folha que esvoaça, no arrepio
Da romaria ondeante dos chorões.*

*Mas, depois, vestes o ar de estranho luxo,
E, numa refulgencia de clarões,
Lembras a chuva de ouro de um repuxo!*

RONALD DE CARVALHO

(Dos Poemas e Sonetos).

Tostes Malta — **Da Prisão Preventiva** — Saraiva & Cia., editores — São Paulo, 1935.

O autor, que ha tempos nos dera **Do Flagrante Delicto**, hoje em segunda edição, realiza com competencia e boa vontade uma apreciavel obra de cultura juridica. Sabendo escolher os assumptos e tratando-os com bastante profundidade de conhecimento, vem o dr. Tostes Malta muito contribuindo para o enriquecimento das nossas letras juridicas com trabalhos ineditos ou, senão, com estudos de que até então havia apenas uma escassa e misturada litteratura, espalhada pelos jornaes e revistas, deficiente e de difficil alcance para os advogados. **Da Prisão Preventiva** traz uma grande bibliographia e é um largo e completo documentario sobre o assumpto. A materia é estudada detalhadamente, desde as origens até a sua innumeravel jurisprudencia, e tambem á luz da legislação comparada. O autor dá-nos, em tudo o seu commentario claro, justo e pessoal, o que faz crescer o merecimento do livro e o seu valor como obra de intelligencia viva, sagaz e pratica.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

DR. LELIO O. ZENO — A MEDICINA NA RUSSIA	8\$000
HELIO LOBO — NO LIMAR DA ASIA	6\$000
JOSÉ AMERICO DE ALMEIDA — COITEIROS	6\$000
DRA. ESTHER CONUS — A PROTECÇÃO Á MATERNIDADE E Á INFANCIA NA UNIÃO SOVIETICA	8\$000
PROGRAMMAS OFFICIAES — A EDUCAÇÃO NA REPUBLICA DOS SOVIETES....	8\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo

Filiaes em: Rio, Bahia, Recife e Lisboa

ULTIMAS EDIÇÕES DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rua do Ouvidor, 110 — RIO DE JANEIRO

HUMBERTO DE CAMPOS ...	Memorias Inacabadas.
" " "	... Memorias — 7. ^a edição.
" " "	... Sombras que Soffrem — 3. ^a edição.
" " "	... O Monstro e outros contos — 4. ^a edição.
" " "	... A Sombra das Tamareiras — 2. ^a edição.
PLINIO SALGADO	Despertemos a Nação.
JOSE' AMERICO	O Boqueirão — romance.
HELIO VIANNA	Formação Brasileira
MAURICE DE FLEURY	A Angustia Humana.

PROXIMAS EDIÇÕES

HUMBERTO DE CAMPOS ...	Critica — 3. ^a série.
ISADORA DUNCAN	Minha vida.
PONTES DE MIRANDA	Direito Internacional Privado — 2 volumes.
PEDRO CALMON	O Rei do Brasil (vida de D. João VI).
VICENTE LICINIO CARDOSO	Philosophia da Arte.
MIGUEL REALE	O Operario e o Integralismo.
CUSTODIO DE VIVEIROS ..	Camisas Verdes.
GUSTAVO BARROSO	O Quarto Imperio.
CANDIDO MOTTA FILHO ..	Introdução á Politica Moderna.
MENOTTI DEL PICCHIA ...	Soluções Brasileiras.
JOSE' MARIA BELLO	Panorama do Brasil.

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca Brasileira de Medicina Legal,
ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

NOVIDADES

MARTINHO DA ROCHA	
Cartilha das Mães — car.	12\$000
GASTÃO PEREIRA DA SILVA	
Para comprehender Freud	
broch.	8\$000
GUSTAVO BARROSO	
O que o integralista deve	
saber — broch.	6\$000
PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA	
Discursos Academicos (2. ^a série) — broch.	12\$000
MONS. PEDRO ANISIO	
Tratado de Pedagogia (2. ^a ed.) — broch.	10\$000

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

O NEGRO — denominador commum das duas Americas

E' opinião corrente que, paizes de immigração, os paizes americanos apresentam, como um dos principaes problemas sociaes que lhes entravam o desenvolvimento economico, a escassa densidade de população, que os colloca na dependencia do braço estrangeiro e, em consequencia, do capital estrangeiro. Ainda segundo a mesma opinião corrente, nesses paizes sem tradição politica, a educação civilica do povo é em geral precaria e constitue outro problema de cuja solução dependem a verdadeira soberania popular e a supressão dos caudilhismos, das oligarchias, das demagogias, regimens que concorrem para a conservação de outros tantos males, como o analphabetismo, o alcoolismo, a superstição, etc. Paizes situados em um meio cosmico, em um clima differente e possuindo uma estrutura social diversa dos da Europa, cuja civilização, cujas doutrinas, cujas instituições politicas e sociaes, transplantadas para as terras cisatlanticas, não se poderiam adoptar sem soffrerem as modificações produzidas pelo novo meio, por uma mentalidade outra, os paizes americanos — sempre segundo a opinião em voga — possuem problemas sociaes que lhes são peculiares e cuja solução exigiria uma orientação politica formada no estudo e observação dos elementos caracteristicos de sua physionomia social.

Os caracteristicos que distinguem dos Latinos os Anglo-Saxões teriam que persistir, como traços igualmente distinctos, entre os Norte-Americanos e os Americanos do Sul. Juntando a isso as influencias differentes do meio physico, que evidentemente não é o mesmo em todo o Novo Mundo, ter-se-ia mais nitida a linha que separa a America ingleza da America latina. Eis porque a doutrina de Monroe se comprehenderia como uma "declaração contraria á intervenção europeia na vida independente da America", mas não se comprehenderia quando attentatória contra os direitos das pequenas nacio-

nalidades, autorizando tacitamente uma politica imperialista, cujo lemma seria: "a America para os Americanos... do Norte." Eis tambem porque os Sul-americanos nos achariamos mais ligados e irmanados aos povos latinos da Europa, dos quaes herdamos o sangue, a tradição e os costumes, do que aos Norte-americanos, unidos igualmente pelos costumes, tradição e sangue aos Anglo-Saxões, de que descendem. E eis enfim, porque a America ingleza é principalmente protestante, ao passo que a America latina é, na maior parte e a seu modo, catholica; na America ingleza predominaria o espirito pratico, enquanto a America latina seria altamente idealista; a America ingleza pensaria, por assim dizer, para viver, quando a America latina viveria, ainda por assim dizer, para pensar...

Isso, o que geralmente se pensa, o que se diz, o que se escreve, o que se transcreve.

Ora, se é verdade que a America ingleza e a America latina por um lado se distinguem, têm por outro lado, para irmanal-as, quasi que a mesma historia: uma

e outra começaram colonias e acabaram por tornar-se nações independentes; uma e outra supportaram, sopitando os assomos de uma revolta prematura, os rigores e vexames que lhes infligia o guante das metropoles, até que delle se libertaram um dia; uma e outra tiveram que travar lutas acerrimas contra as antigas metropoles habituadas a sugar parasitariamente o sangue e a seiva de suas colonias, como contra os flibusteiros que lhes estorvavam o commercio maritimo; uma e outra conheceram o sentimento de dignidade humana que as levou a abolir a escravidão, a ver um compatriota no negro que o mercantilismo dos primeiros colonizadores escravizara. E é, sobretudo, este ultimo facto que nos parece importante como factor da unificação americana. Poder-se-á, sem duvida, observar que a America ingleza, porque mais prospera e mais forte, quiz proteger os povos mais fracos e fez de Cuba, Porto Rico, Philipinas, então colonias hespanholas, seus protectorados; que de colonia que, de começo foi, chegou a ser metropole; de dominada, dominadora; que esse destino como que se reflecte na organização social moderna dos Estados Unidos, onde cada um póde (ou crê que póde) passar de proletario a capitalista e onde os presidentes e ministros de Estado começaram quasi sempre a vida como vendedores de jornaes...

Isso, porém, não infirma a these — these, coisa nenhuma! — a hypothese, segundo a qual a America latina se caldeia na America africana, se nem sempre e em toda parte pela transmissão do pigmento negro, sempre e em toda parte por uma especie de mestiçagem moral e social. O patriarchalismo americano de Carolina do Sul, de que nos diz em *Casa Grande e Senzala* o sr. Gilberto Freyre e que se espelha no filme "Carolina", ha mezes passado aqui, a impressão que da America do Norte teve Jung e de que nos dá conhecimento o sr. professor Arthur Ramos, impressão segundo a qual a

leiam

AS TRADUÇÕES DE
GASTÃO CRULS:

RENÉ-Albert Guzman
CIUME 3ª ED.

J. Kessel
LUXURIA

T. S. Matthews
A CAMINHO DA FORÇA

ARIEL Editora

ESTUDOS APOSENTADOS

Quem quizer estudar ethnographia brasileira precisa saber alemão, inglês e italiano. Se ficar no brasileiro sabe pouco. Estabiliza em Barbosa Rodrigues, Ferreira Penna, o grupo illustre do Museu Nacional, desde Ladislau Netto a Roquette Pinto cuja *Rondonia* é o mais "recente" livro necessario. Ha, é verdade, Stradelli que escreveu em brasileiro, mas Stradelli continúa ignorado, com seus Vocabulario publicados pela Revista do Instituto Historico Brasileiro, a Casa da Memoria; ambiente unico para sua existencia bonita. Os que estudaram o idioma, colhendo notas e armando grammaticas, onde andam? Tão difficil arranjar-se uma grammatica tupy como entender de cambio. As velhas grammaticas são inachaveis, como dizia Monteiro Lobato. Anchieta, Montoya, escondido nas

influencia psychica dos negros é visivel no riso, na musica, na dança, nas manifestações religiosas, na ingenuidade, na verbiagem, na sociabilidade "clanica", escancarada dos Americanos, no andar gingado, bamboeante, de ancas frouxas das Americanas não autorizam a gente a suppor que é o Negro o denominador commum das duas Americas, que é a elle que ha de remontar em ultima analyse a origem, através da cultura, de uma possivel tendencia á unificação da familia americana, de uma Toda-a-America?

Supposição todavia, e não these. Simples *als ob*. Como se as cousas fossem assim, pudessem ser assim. Como se não tivesse havido um congresso afro-brasileiro no Recife e a gente tivesse a liberdade de continuar escrevendo, neste capitulo, quantas cousas accodem ao bestunto.

V. DE MIRANDA REIS

P. S. Em nosso ultimo artigo — *Ethnographia e Psychanalyse*, escrevemos que o Prof. Arthur Ramos nos parece um devorador de livros e não um decorador de livros, como sahiu publicado.

M. R.

estantes dos bibliophilos, gente rica que compra livros para ver-lhes o dorso e escrever a data da publicação. As grammaticas mais novas, Theodoro Sampayo, Tastevin, Capistrano voam fóra do alcance dos pobres. Tastevin está em Paris, no seu quieto convento da Rua Lhommond e seus livros exgottados desafiam buscas. Em São Paulo, um estudioso bem orientado, o sr. Plinio Ayrosa, compendiou *Primeiras noções de Tupy* que não estão perto de todas as curiosidades.

Mas essa parte grammatical é, sob certos aspectos, a mais arida e pouco attrahente. Insustituivel e preciosa para articulação da historia vaga das tribus, o idioma pede determinados valores de attenção e de paciencia pouco assíduos em toda a gente.

Mas os estudos sobre a indianologia brasileira são admiraveis e envoltivamente inesqueciveis. Se as lendas que Brandão de Amorim e Max. J. Roberto recolheram, em annos de passeio entre Tarias, Barés e Manáus, puxando a jacumam pelos igarapés silenciosos, guardando historias maravilhosas que positivariam uma producção litteraria typica, inconfundivel e magnifica de originalidade, dispensando figurinos que estão cahindo aos pedaços, fossem divulgadas, teríamos material para commentarios que mudariam inteiramente o criterio classico e somnolento, molde unico dos nossos melancolicos rudimentos sobre a religião e psychê amerindia.

Com tanta livraria, editando toneladas de papel impresso, porque não resuscitar os padremestres da ethnographia brasileira? Traduzir e editar seria vulgarizar e prestar o melhor e mais urgente serviço á intelligencia patricia, adoecida de ignorancia erudita, fóra do Brasil real, deturpado pelo optimismo patriotico ou pessimismo theorico.

Karl von den Steinen, Ehrenreich, Koch Grunberg, Max Schmidt, Fritz Krause, Hartt, Wallace, D'Orbigny, alguns communicados de Stradelli para a Sociedade de Geografia Italiana, muitos

trabalhos dos padres das missões salesianas, especialmente o livro do padre Antonio Colbachini sobre os Orarimugudoge, bororos orientaes em Matto Grosso, os claros livros de Coudreau, os "reports" de Hamilton Rice, etc., não podem, evidentemente, passar para o brasileiro em bloco, totalmente, nem mesmo as obras essenciaes. Uma traducção do *Von Roraima zum Orinoco* de Koch Grunberg ou o minucioso *Zur Animismus der Sudamerikanischen Indianer* de Steinen (de quem o culto sr. Basilio de Magalhães traduziu trechos curiosos) pedem muito dinheiro e têm um mercado limitado. Editar a ethnologia brasileira, na relação de seus mestres pinaculares, seria empatar duzentos ou tresentos contos com a certeza de um escoamento remorado. Melhor, evidentemente, é recorrer ao sensacionalismo pornographico que exgotta milheiros de volumes em dias curtos.

Será essa a finalidade das livrarias editoras? Nós não teremos remedio "legal" para defender a memoria collectiva do avanço de tanta inutilidade suja de tinta? A cultura brasileira, thema de brincadeira graciosa, ficará adstricta ao livre arbitrio do grosso publico, devorador de romances policiaes ou de novelas escabrosas, de questões "oportunas" sobre o trigo russo, o plantio das forragens russas, as usinas hydro-dynamicas russas e a barragem dos rios russos, elementos indispensaveis para a vida brasileira?

Estarão aposentados os estudos indianologistas que alumiam insustituivelmente o passado do homem de bronze de quem descendemos?

Podiamos suggerir que um editor, de intelligencia viva e de algum atrevimento, iniciasse uma série de edições que inevitavelmente possuiria mercado proprio e não pequeno. Em vez do livro total ter-se-ia um volume com os trechos essenciaes e caracteristicos sobre a vida indigena, sua economia, trabalhos, religião, indumentaria, alimentação, lendas.

OS CINCO SENTIDOS DE UM ARTISTA

O discreto e perfeito escriptor que, não ha muito, de novo partiu para o seu *clima*, aquella caprichosa zona de realidade mediterranea em que o ar é o mais leve de todos os ares e o azul parece a mesma emanção colorida das cousas — refiro-me a Matheus de Albuquerque — está entre os raros que, deste lado do Atlantico, procuram viver em funcção de um principio emancipado de belleza, isto é, de uma permanente e sincera attitude de valorização esthetica. Temos alguns grandes artistas — mas onde os nossos grandes esthetas?

Passou em silencio, entre nós, alguns mezes calados e regressou, ainda em silencio, ao seu destino de creatura errante, de cigano do espirito, de caminheiro das emoções.

Não procurou jornaes que lhe engalanassem a chegada, não se despediu de outros que lhe noticiassem a partida. Não appareceu nas livrarias, onde encontraria amigos e inimigos, não mereceu a homenagem classica do almoço de despedida, em vespas de largar. Sobrio em tudo, no estylo e nas maneiras, dir-se-ia receiava acordar excessos de sentimentalismo, dithyrambos ou invectivas. E a reedição dos seus tres romances, da sua *Trilogia de Amores*, feita á maneira de *obras completas*, com extremos de carinho e particularidades de quem pousou, para sempre, a penna feliz, não conseguiu tornal-o ruidoso, differente de si mesmo, estranho, outro...

Esse estado de satisfação interior vale por um indice profundo. Quem o possui traz em si todas as riquezas — é claro que não me refiro á satisfação só apparente dos apathicos, dos grandes indolentes da sensibilidade e da intelligencia. Nem confundamos uns e outros - os que se completam na integração de todas as alegrias e os que não se encontraram ainda, na indeterminação de todas as vacillações. Confunde-se, em geral, insatisfação e indeterminação. Engano. Insatisfeito é tod aquelle que procura, por excesso de possibilidades, ir além do immediatamente concreto. Ha qualquer cousa nisso — com perdão da terminologia scientifica, de emprestimo — de uma fixação de complemento...

Arte tranquilla e sem arestas a em que Matheus de Albuquerque desenha e pinta a orographia dos seus desejos e as variações da sua melan-

colia. Arte repousada, o que, evidentemente, não que dizer arte parada. Muito ao contrario, sob a apparente placidez de um homem que recorda e em cuja complexa variadissima psychologia, todos os fremitos se fazem sentir, todos os caprichos se fazem notar, vive a sua vida uma angustia sem pausa, uma angustia que o proprio prazer não dissolve e é a *maneira de ser* do artista como é a sua *maneira de interpretar*. Arte curiosa, um tanto despreocupada, talvez, logo de inicio, apenas estabelecemos contacto com ella — mas que não tarda a se mostrar em pormenores, a se definir em particularidades, a se desnudar ao claro sol do entendimento, a substituir mesmo certas reticencias pela realidade de uma seducção mais concreta.

Tudo, nos seus livros, parece á primeira vista, simples e conhecido: o drama ou a comedia em que se desdobra a acção, a maneira simples de dizer e colorir, um rythmo amavel, sem vicios, sem sobresaltos, sem o claro-escuro a violencia, a rhetorica dos grandes contrastes sonoros... Essa impressão que nos acolhe e, só por si, já é um elemento de suggestividade amavel, não passa, comtudo de uma primeira impressão. A' medida que caminhamos ao longo das suas paginas — tudo se precisa, define, emoldura. Principiamos a respirar aquelle ar, a vêr aquelle gente, a sentir aquelle brilho de sol, aquelle penumbra cahida de bellas arvores em flôr como a espuma de sombra de grandes fructos que se abrissem. Dora interroga-nos. Magdala seduz-nos. Nair interessa-nos. Localizamos cada qual das tres amorosas no seu recanto natural e sentimos que uma só seria possivel entre Cannes e Monte Carlo, outra no ar tépido de Cadiz, a terceira, nos jardins familiares de Santa Theresa ou na poeira quente da Avenida. Por que? — reflectimos. Houve nisso uma intenção ou será isso uma explendido acaso? Que mysteriosa força, ou sympathico destino, fez dessas mulheres uma como irradiação do ambiente em que nasceram e viveram? E concordamos. Ellas estão certas. tudo está certo. Se retivermos a attenção, se aprofundarmos a analyse seremos levados a explicar o que houve, por que tudo se passa e está certo assim.

E concluiremos que, psychologo, Matheus de Albuquerque é, sobretudo, um paizagista. Sua

abstrahindo-se a parte pessoal descriptiva, da paizagem, geographia, topographia e mesmo linguistica, reservando-se para posteriores utilizações. No final, em resumo nitido, as conclusões do explorador. Nada mais. Teriamos em voga o amigo Koch Grunberg, o detalhista Steinen, o sereno Ehrenreich, o fiel Stradelli.

No Rio não faltam nomes para dirigir a collecção nem carecemos contractar traductores pa-

ra o allemão viajero dos ethnologos, o inglez corrente de Wallace ou de Hartt, o italiano transparente de Colbacchini.

Agora, que não posso entrar nas livrarias de Natal, entulhadas de pacotes de livros, de pilhas de livros, de caixotes de livros e vejo, no fundo da sala, o monte dos volumes que vão ser devolvidos, pensei em pedir aos escriptores de meu paiz, aos que amam o indio e o defendem, Cruls, Roquette Pinto, Basilio de Magalhães,

Theodoro Sampaio, Plinio Ayrosa, os officiaes que acompanharam Rondon, para que iniciem uma tentativa de ambiente para os estudos da indianologia brasileira, aposentados illegalmente, compulsoria sem justiça e presa sem justificação.

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Nota — O esquecimento de Martius e dos holandezes é para thema de outra conversa. — L. da C. C.

psychologia amorosa é a valorização humana da paisagem em que vive, o desenho animado ou sombrio de uma ampla alameda cheia de sol. Elle procura a paisagem e encontra a mulher. Uma — a primeira — é o seu desejo quasi constringente, a sua necessidade quasi respiratoria. Outra — a segunda — é o accidente indispensavel e envolvente, a diffusa perspectiva sensual. Não significa isso, é claro, que o escriptor prefira a primeira á segunda ou que lhe fosse possivel dispensar a segunda pela primeira... Apenas como a mulher é anonyma e universal e a paisagem concreta, nominal e sob certos aspectos localizada, limitada, o romancista escolhe a sua paisagem e localiza nella as suas heroínas. Vae-se para Naples ou Monte Carlo, *encontra-se* Dora ou Magdala...

Obras completas de Matheus de Albuquerque... Virão, depois, os seus ensaios. Mas *obras completas* — esse titulo generico faz pensar, traz em si o seu mysterio, o seu sentido occulto, a sua equação critica. Uma renuncia? Um adeus? Uma cousa e outra, no duplo sentido que lhes daria um sceptico?

Ensaista de grande vibração e poeta de forma perfeita, não é Matheus de Albuquerque escriptor para dias marcados e horas certas, habitante de uma ou varias columnas em um ou varios jornaes. Escrever, para elle, ainda é um processo de sentir em si o contagio do real, de aspirar, no jardim fechado do espirito, o perfume secreto de exemplares hibridos e raros. Não obedeceria, já-mais, a qualquer especie de methodo. Não seguiria, já-mais, qualquer especie de doutrina. Não acompanharia, já-mais, qualquer especie de modelo. Procura e consegue levar a consequencias extremas o refinamento meio desencantado de um cosmopolita incapaz de fazer, por um sentimento ou uma idéa, o sacrificio de os tolerar além da medida em que ambos fossem, ou podessem ser interessantes. Através desse hedonismo delicado e apurado, dessa vida de abelha intelligente e festiva cujo maior prazer está sempre na variedade do mundo floral por onde passa e no refinamento do mel suavissimo em que se transformam as paredes do seu casulo, o artista pode fazer o elogio dos quarenta annos como da idade por excellencia, da idade meio dia, da bella idade do amor comprehendido e devolvido... Um Epicuro moderno assentou a sua tenda á beira do lindo mar azul. Tambem soffre, podeis acreditar, e o tom nostalgico de tantas paginas será, talvez, em ultima analyse, um luminoso punhado de bello sal muito claro, de claro sal mediterraneo. Mas goza mais do que soffre. Confessa que a vida é bella. Comprehenderá, sem duvida, de maneira toda especial, a definição assombrosa de Villiers de l'Isle Adam: "La croix est la forme de l'homme lorsqu'il étend les bras vers son désir ou se résigne à son destin". que eu cito como um pagão a citaria — de braços abertos para a vida.

JAYME CARDOSO

AS LENDAS E OS MYTHOS

Nosso povo não se recreia sómente com os encantos do verso alado e sonoro; é tambem um grande creador de fabulas e historietas, geralmente de tendencias moraes e correctivas. A imaginação popular não tem, no Brasil aquelle fausto nem aquetta pompa do genio oriental.

Em nossos contos indigenas não ha palacios magníficos, nem castellos sumptuosos, forrados de pedraria custosa, como nas Mil e uma Noites.

A Sheherazada brasileira é mais conceituosa que opulenta, educa mais que deslambra. Nas lendas selvagens a natureza domina o homem, e, como nas fabulas de Esopo e La Fontaine, são os animaes que se encarregam de revelar as virtudes e os defeitos da vida, por meio das suas engenhosas artimanhas.

ALENCAR

Onde e quando houve em nossa litteratura pre-romantica uma voz assim, uma tal energia, um tal poder descriptivo, sem emphases, sem recursos de rhetorica, suave e temeroso como a propria natureza omnimoda e fecunda? Alencar é um precursor do estylo nervoso, cheio de tumultos, cortado de accidentes, vario, cambiante, meigo e violento de Euclides da Cunha. E' mister accentuar essa semelhança, pois ha em ambos uma constante exaltação pela terra, em ambos o ambiente domina o homem, a noção do espaço é mais sensivel que a do tempo. Nos dois temperamentos existem affinidades surprehendedentes: ambos eram recolhidos, timidos e super-excitados. Euclides, entretanto, era mais selvagem, mais doentio na sua morbidez, mais desassombrado na sua sociophobia. Alencar, deante dos outros, escondia-se polidamente, Euclides fugia como uma caudal, fragorosamente.

RONALD DE CARVALHO

(Da Pequena Historia da Litteratura Brasileira).

Vianna Moog — Heróis da Decadencia — Editora Guanabara — Rio.

"Reflexões sobre Humour", diz o sub-titulo deste livro. Effectivamente as paginas do sr. Vianna Moog são o transumpto de longas meditações a proposito dos homens que flagellam os mãos costumes através de um riso amargo. Como os precalços da carreira politica o insulassem longo tempo numa zona em que não havia outra coisa a fazer senão estudar, deu-se elle a methodicas investigações em torno ao problema da satira litteraria, especialmente no que concerne a tres escriptores typicos no genero: Petronio, Cervantes e Machado de Assis. Para o sr. Moog (e a observação é das mais judiciosas) os grandes humoristas surgem sempre num instante de decadencia collectiva e são por assim dizer os historiadores epigrammaticos de um mundo prestes a morrer. Petronio reflecte nitidamente a agonia moral de Roma. Cervantes fez burlescamente o registro obituario das arrancadas cavalheirescas da Edade-Média, e a pobreza de sentimentos, a ausencia de christianismo, o horror á pura contemplação que caracterizam o homem moderno, encontraram em nosso Machado de Assis, esse mestiço genial e acido, uma carpideira ironica que misturasse muitas caretas zombeteiras a algumas lagrimas bem raras. O livro do sr. Vianna Moog é, no terreno do ensaismo, estréa incommum em nossas lettras.

Aluizio de Lima Campos --- A CRISE MUNDIAL E A SOLUÇÃO BIMETALLISTA. --- Rio de Janeiro, 1934

George Roux, nesse trabalho magistral que ficará como um dos testemunhos contemporâneos da proverbial lucidez gauleza — *La Leçon de César* — afirma que “entre l'argent et l'esprit il y a un divorce éternel”.

Na verdade, a inercia oposta aos movimentos renovadores parte, geralmente, dos “conservadores” — gente apatacada que (reconheçamo-lhes a razão...) teme as “novidades”, desrespeitadoras de suas economias dolorosamente ajuntadas ou... conservadas.

Aliás, para Taine, essa hostilidade franca ou méra indiferença ante algo que signifique mudança de hábitos, é causada pelas preocupações da vida.

Dahi o entusiasmo, poderíamos dizer quasi inconsciente, do moço ao qual são alheios esses cuidados e essas ponderações.

Mas (sursum corda!) ha excepções e até mesmo no meio das arcas dos bancos!

Uma dellas é o autor de *Crise Economica*.

Apezar de se mover em ambiente que, para Roux, é inhospito ao desenvolvimento de certas qualidades do espirito, o sr. Lima Campos possui o “esprit de finesse”, de que fala Pascal, ao qual junta o “esprit géométrique”, como ex-alumno da velha Escola do Largo de São Francisco e membro de uma familia onde a cultura mathematica, de ambos os lados, é tradicional.

Mas, vamos, a “vol-d'oiseau”, (o sr. Lima Campos é um apaixonado da aviação...) excursionar pelo seu livro, uma vez que já obedecemos ao preceito de Addison.

Inicia-o uma profissão de fé technocratica, a novel doutrina de Howard Scott cujas raizes se vão afundar em Thornstein Veblen, o verdadeiro pioneiro da mentalidade do *New Deal*.

Para o autor, a technocracia virá fatalmente tomar o lugar da economia monetaria que, ha milênios, impera no mundo.

Tão viva é sua fé, que temos a impressão de estar vendo os “pobres” judeus a empurrar ao proximo a sua mercadoria, prestés a

se tornar alcaide e repetindo, em Wall Street e Lombard Street as lamurias de Jeremias que, presentemente, apenas o velho muro de Jerusalém presencia... commovido.

Não ha duvida alguma que a concepção do grupo de engenheiros que se reunia na Universidade de Columbia, é grandiosa e fascina todo espirito formado na escola das sciencias exactas... (ou que assim são consideradas) e que se rebella ante o sacrificio de energia em favor de uma economia puramente lucrativa ou voraz, mesmo.

Quem já leu Stuart Chase não pôde deixar de revoltar-se contra a orgia de esbanjamento da economia moderna.

A *Tragedy of Waste* é um dos libellos mais impressionantes contra o “laissez faire, laissez aller” que caracterizou toda a vida economica e social do seculo da grande industria.

Mas, se, de um lado, nos apaixonamos pela economia puramente scientifica desse grupo de engenheiros — que René Fullop Miler inseriu em sua collecção de visionarios (*Fuhrer, Schwarmer und Rebellen* — Munchen 1934) — de outro, não podemos calar as difficuldades que elle encontra do lado psychologico e, mesmo, do economico.

Porque, afinal, não será facil transformar a economia que, para Gustav Cassel, pôde ser definida como a satisfação limitada das necessidades (*Economia Social Teorica* — 5.^a ed. — pg. 11) — onde o principio da rareza é o que domina — em sciencia da producção illimitada.

O problema é serio, e tanto mais grave quato os argumentos dos economistas não technocratas, podem servir a ambas as partes.

Sob o ponto de vista ethnico, a technocracia é o systema economico ideal que, se fôra conhecido por Santo Agostinho, estaria figurando como appendice ao “Civitas Dei...”

Aliás, devemos dizer que o autor reconhece esses embaraços todos, provenientes do complexo

humano, onde se mistura “l'ange et la bête”.

Sobre o problema bi-metallista, apresenta-nos o livro curioso plano de autoria do engenheiro mexicano Perez Duarte, modificado pelo sr. Lima Campos, o qual podemos resumir no seguinte:

Conjuncto de medidas que annullariam a lei de Gresham, o unico obstaculo real a toda tentativa de sistemas monetarios plurimetallistas, dentro da conversão livre.

Porque, afinal de contas, como o proprio autor reconhece, a efficiencia do bi-metallismo está condicionada a um accordo internacional como já ha quasi tres seculos, sentenciava o grande Newton, quando assediado pelos bi-metallistas.

Temos a impressão de que, apezar de diminuta, se a quantidade de ouro detida por um grupo de nações fosse libertada e voltasse ao giro das transacções internacionaes, melhoraria a situação economica do mundo, para cuja cura radical, comtudo, são necessarias outras muito e variadas medidas.

Temos a impressão de que a solução é mais qualitativa que quantitativa, tal como acontece com o problema demographico.

De qualquer modo, porém, o que não ha duvida é que o problema da prata é mais serio do que geralmente se pensa e que o homem, tanto na pesquisa da verdade como nos remedios para os males sociaes, não deve ter tabús.

Inda que favoraveis ao monometallismo aureo, não é licito deixar de considerar uma solução, só porque é bimetalista.

Podemos estar aferrados às leis de Guyot. Nada nos impede, porém, de estudar outras modalidades de politica monetaria.

Mesmo porque, em ultima analyse, o plano Perez Duarte — Lima Campos pôde ser assim uma maneira de forçar o movimento do ouro, avára e prejudicialmente enfunado nos subterraneos dos bancos centraes de paizes que tanto quanto aquelles que o não possuem, ou, talvez mais

Eduardo Krakowski --- "CHALLEMEL LACOUR E AS ORIGENS DA III REPUBLICA"

E' sempre curioso para os espiritos emancipados de estreito nacionalismo, o depoimento sincero de historiadores ou criticos sobre figuras, acontecimentos capitães ou paizes que lhes sejam estranhos.

A França que, desde a grande revolução, tem dado motivo a tantos commentarios, dos mais variados e contradictorios, como os de Arthur Young *Voyages en France*; Erick Sjoestedt — *Le secret de la sagesse française*; Bodley — *La France*; Seipel — *Les Deux Frances*, só para citarmos os mais notaveis, despertou agora em Eduardo Krakowski, um grande livro: *Challemel Lacour. La naissance de la III République*. (Paris, Attinger 1934).

Trata-se de um estudo sobre a empolgante personalidade como philosopho e homem de estado. Aqui, nesta simples nota, não vamos examinar, como merece ser examinada, a obra de Krakowski mas apenas, bordar rapidos commentarios que nos parecem oportunos.

Que bello periodo para o historiador, esse immediatamente proximo á fundação da III Republica. Vemos passar, diante

ainda, morrem, como Midas, de fome...

Finalizam o livro, dois pequenos trabalhos, de grande alcance: o resumo de uma conferencia do professor Cassel e um plano de organização economico-financeira para o Brasil.

Este ultimo, tendo sido escripto para *O Jornal* — onde desde 1926 tem apparecido collaboração do autor — foi em innumeras folhas nacionaes transcripto e commentado.

Bi-metallista ou monometallista, não importa o prisma por que o vejamos, o facto é que o trabalho do sr. Lima Campos é testemunho de seu esforço em pesquisar os phenomenos vitaes que abranjem todas as actividades humanas. E isso é tudo, pois que a verdade só aos deuses pertence...

J. NUNES GUIMARÃES

dos nossos olhos, tantos actos norteados pelo idealismo, de coragem civica, de luctas impessoaes que, após o debuxo dos magnificos quadros de Krakowski, temos a impressão de estarmos assistindo os soberbos discursos de Gambetta, Jules Ferry, Clemenceau, Spuller, etc.

Se queremos ainda hoje aprender alguma cousa do passado, verificando que as grandes idéas não são ainda mortas, nenhum retrospecto melhor se nos affigura do que o livro de Krakowski, evocação oportuna da grande e nobre vida do republicano Challemel Lacour.

Como Painlevé, Herriot, Tardieu, Léon Blum, Lucien Herr e tantos outros, Challemel Lacour foi "normalien", isto é, sahiu dos bancos da Escola Normal Superior, centro preparador de tantas figuras Moraes e intellectuaes que, durante os dias de lucta do segundo imperio, prepararam, com denodo e ousadia, a terceira republica, esta mesma republica que, a despeito das reacções do momento, ainda fica como um nune a illuminar a velha democracia, cuja morte ou invalidez tanto prognosticam iracundos adversarios.

Vida cheia de vicissitudes, o amargor do exilio, as incompreensões, os ataques, as ironias não diminuíram as duas grandes e permanentes etapas do pensamento de Challemel: sua fé republicana e seu solido livre pensamento. Um grande convicto foi esse vulto de elite, todo cheio de tolerancia e de respeito, cuja existência, Krakowski nos evoca em seu trabalho substancial, tão bem recebido pela critica franceza.

Agora, é mister adduzir duas linhas sobre o autor. Eduardo Krakowski, de longa data domiciliado na França, sem que haja perdido as qualidades essenciaes da psychologia de seu povo, adquiriu, pelo contacto, os dotes caracteristicos do espirito francez. Assim, seus numerosos trabalhos primam pelo methodo e pela clareza, conquistando, em consequencia, vasto circulo de admi-

radores recrutados nas melhores espheras da intellectualidade parisiense, como, entre outros, Paul Valery, que acaba de prefaciá sua ultima obra *La nation polonaise en face de l'Europe*.

Historiador *doublé* de philosopho, Eduardo Krakowski é bem um dos mais autorizados representantes da moderna historiographia poloneza. Com Lutoslawski, e Th. Zielinski, deixou-se conquistar pelos estudos da philosophia em geral, e especialmente, da philosophia grega, dando-nos duas magistraes obras sobre Plotino e Platão. Estamos em presença dum espirito universal, sereno, justo e sobretudo objectivo como historiador.

UBALDO SOARES

LIVROS A APPARECER

"MARCO ZERO"

Oswald de Andrade, poeta, romancista, theatrologo, que tanto revolucionou as nossas lettras com a publicação de alguns livros de incontestavel interesse junto á critica e o publico, como *Serafim Ponte Grande* e *O Homem e o Cavallo*, tem em acabamento um romance cyclico paulista: *Marco Zero*, dividido em tres volumes que terão respectivamente os seguintes titulos — *Becco do Escarro* (industrialização), *Terra de Alguns* (latifundio) e *A Presença do Mar* (imperialismo).

Este romance, que apparecerá brevemente e do qual damos noutra local desta revista um dos trechos mais expressivos, marcará sem duvida alguma um grande exito na vida litteraria do brilhante escriptor patricio.

Ribeiro Couto — *Conversa Innocente* — Schmidt Editor — Rio.

O eminente polygrapho Jean Duriau disse do sr. Ribeiro Couto, em artigo publicado numa revista de Paris: "Escriptor nato, sua linguagem, tanto em verso como em prosa, é de uma flexibilidade deliciosa, bem difficil de realizar em uma traducção." Estamos de pleno accordo. Nunca tivemos duvida alguma quanto aos meritos de prosista desse poeta da penumbra e desse chronista que deliciou, com artigos traçados mesmo ás pressas, os leitores de um popularissimo jornal carioca. Poucos entendem tão bem o nosso povo e, consequentemente, poucos se fazem tão bem comprehender pelo nosso povo. Nada se encontra nas chronicas do sr. Ribeiro Couto que difficulte o accesso dos seus trabalhos a um publico numeroso. Seu estylo, que quasi não se faz sentir, que nem quer ser estylo, é a simplicidade mesma e, em litteratura, a simplicidade é sempre a arte suprema.

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES (Cartas a Gastão Cruls)

Brazilian Consulate General.

Aldwych House W. C. 2.

Londres — 27-5-29.

Meu caro Gastão,

Ha já bastante tempo que não vejo tuas prezadas embora mal traçadas linhas. Faço votos para que essa distração da tua parte para commigo não seja devida a excesso de felicidade. Provavelmente o velho amigo foi esquecido por causa dalguma dessas serigaitas que andam por ahi a ser eleitas rainhas de belleza carnavalesca. Por fallar nisso, mostraram-me aqui numa revista illustrada do Rio os retratos dessas rainhas. Coitadinhas! Apenas bonitinhas... as que chegavam a sel-o! Porque havia-as feias. A de Santa Catharina, por exemplo, era francamente feiosa. A do Rio Grande do Sul — Estado onde ha tanta menina bonita — era creaturinha de nariz grosso e labios tumidos E devem estar ahi convencidos de que o Brasil — terra de mulheres feias numa proporção de 90 % — vae deslumbrar os norte-americanos, cujo paiz contem hoje em dia mais mulheres bonitas do que qualquer outro, sem excluir a Russia! Ah! Brasil! Este nosso Brasil, Gastão, está precisando de terremotos e cyclones — desgraças muito menos tragicas do que a mentalidade portugueza que nos abate, nos corróe e nos degrada. Tudo isso é effeito de lusitanose constitucional, ou, si o preferes, lusose medullar.

Não recebi os artigos do Grieco a respeito do Julio Dantas, de que me fallaste. Em compensação recebi as tuas entrevistas, que achei muito interessantes e já te mandei o livro pedido sobre os selvagens da Guyana Inglesa. Foi registrado. Mando-te agora um retalho de jornal com uma entrevista acerca de dupla personalidade, doença commum no Brasil. No nosso paiz os homens publicos são dotados não de dupla mas de multipla personalidade. A somma dessas personalidades todas multiplicadas pelo seu cubo é igual a zero, isto é, ausencia total de personalidade.

Quando appareces por cá? O tempo tem estado bello. Hontem fui a Kew Garden (o Jardim Botannico) vêr as plantas. Faias copadas, carvalhos umbrosos, cedros do Libano e do Atlas de folhagem evocadora, os campos de bluebells e os canteiros estupendos de rhododendros, sem fallar na estufa magnifica. Cantavam, gorgeavam os thrushes, que são os sabiás daqui. Tarde agradabilissima prateando o Tamisa meio occulto entre as arvores. Esta Amazonia cheia de mysterios civilizados me convem, mas a outra!..... Quando vens? Ha poucos dias o italiano da Nothing-Hill Gate nos offereceu (ao Mario (1) e a mim) um bom copo de vino del paese recentemente chegado. A mulher delle continúa de oculos pretos, cada vez mais mãe do fallecido Alfredo Pinto, mas a filha está appetitosa, e o vinho era de confiança. Lembranças ao

Grieco, ao Ramos, ao Castilho. Abraços do velho

Torres.

Brazilian Consulate General

Aldwych House W. C. 2.

Londres, 28-6-29.

Caro Gastão,

Não preciso de dizer-te o prazer com que recebi a tua carta. Os meus amigos — amigos, nota bem — creio que não chegam a seis. Tu és um delles. Eu chamo amigos não ás pessoas que me querem bem, mas áquellas a que eu quero bem. A amizade parte de mim para os meus amigos e não destes para mim. Creio que deve ser assim. O povo diz: **Amor não é obrigado.** Tem razão. Infelizmente a minha amizade é um sentimento inutil, e, dada a minha insignificancia social, não posso ser util em coisa alguma aos amigos. Por isso mesmo não perco tempo em gostar de pessoas que eu sei perfeitamente que só ligam importancia real (posto que não sincera) aos sujeitos de quem esperam algum osso.

Gostaria immensamente de que vieses este anno. Si vieses de Paris, a combinação é esta: pagarás apenas a tua passagem de vinda. O Arlindo e eu nos incumbiremos da tua hospedagem com o maior prazer. Moramos agora na mesma casa em flats pegados. Tu ficarás connosco. Não gastarás nada Desejo, ou melhor, desejamos que venhas por muito mais de uma semana. É preciso deixar dessa coisa de só **Paris, Paris, Paris** e mais nada. Tens que vir e ficar um mez ou dois para aprenderes inglez. Arranja-se professor, professora, ou... professorinha, uma Miss Piccadilly, caso tu mesmo não caves coisa melhor e mais burgueza, uma Miss South Kensington, por exemplo — o que não aconselho, por ser perigoso: **breach of promise**, etc. Tenho medo de que te apaixones. És muito sentimental. Então? Vens ou não vens? Aproveita, rapaz, enquanto estás solteiro. Não me vaes fazer a asneira de casar-te. O casamento é a maior desgraça que póde succeder a um homem intelligente Adeus! Abraços do velho

Torres

Brazilian Consulate General

Aldwych House W. C. 2.

Londres, 5-7-29 (2).

Caro mio — Com que então no Brasil nosso se continúa a matar gente por dá cá aquella palha em plena rua, hein? Que gloriosa civilização! Queres fazer-me um favor? Envia-me (Garnier) o **Ivanhoe** e alguma outra traducção que lá exista de Walter Scott. Ha uma pessoa aqui me amollando por isto. Mandar buscar W. Scott de Londres! É o cumulo do **surrealisme!** Abraços do velho

Torres.

Cá te espero. Quando vens? Abraços no Grieco.

Hotel d'Angleterre

Place d'Allier

Vichy — 23-VIII-1929.

Meu caro Gastão,

Poucos dias antes de vir para aqui,

recebi em Londres carta tua. Como andava azafamado com muito que fazer, deixei-a para responder daqui. Em primeiro lugar, negocios. Pela tua carta vejo, contrariado, que provavelmente não recebeste uma das minhas, na qual te respondia acerca da possibilidade de editar-se em Londres uma traducção da tua **Amazonia**. Respondo, pois, de novo a esse topico.

Em primeiro lugar não conheço editor nenhum em Londres. Que pensas de um editor londrino, um Cape, um Murray. um Motheven? São personalidades, meu velho, são **knights**, typos inaccessiveis a pobres diabos como eu ou qualquer outro brasileiro. Para chegar até algum delles eu precisaria de ser apresentado por alguém que fosse alguém. Mas aqui a ninguem conheço. A Embaixada? Seria excellente a apresentação, mas a embaixada do Brasil em Londres é uma **ménagerie** Se o tal inglez que traduziu o livro em S. Paulo nada conseguiu, que poderei eu conseguir? Depois, como poderia eu ir ter com qualquer editor sem ter o manuscrito para mostrar e deixar mesmo com elle para ser lido por algum dos leitores da casa? Seria de minha parte fazer papel de bobo ir procurar um editor para lhe propor negocio a respeito de um manuscrito que eu não tenho e nunca vi!

Eram estas as considerações que te apresentara na minha carta anterior e que renovo agora. A difficuldade está no facto (que repito) de não conhecer eu ninguem que valha em Londres. Os inglezes são reservados e eu pouco sociavel — questão de temperamento e educação domestica. Criado sem companheiros, no mais severo e estúpido regimen familiar, fiquei assim, casmurro e vexado por timidez. Cada qual é o que é e acabou-se.

O nosso Cox (3), que muito te aprecia e que, segundo me disse, tem uma irmã que é muito amiga de uma irmã tua chamada Noemi (4), estará ahi **volente Deo** em setembro e leva ordens terminantes para te trazer. Quero verte no **fog** pelo **Christmas time**. Elle e eu temos um plano. O essencial é que não desanimes. Como és especialista em molestias da pelle pódes vir aqui em comissão estudar os institutos de doenças tropicaes inglezes, que são afamados. Não entendo do assumpto, mas creio que ha muita coisa a aprender com elles. Entretanto, compreendo perfeitamente bem o teu desanimo. Eu tambem descreio das coisas da nossa terra. Adoro a terra brasileira, com os seus mares, os seus rios, as suas florestas, os seus indios e os seus jecas-tatús. Detesto, porém, o brasileiro das cidades importantes, que é o que domina e estraga o Brasil Mas é preciso cavares e vires. E por hoje, caro e velho amigo, adeus. Abraços do teu de coração

Torres.

Brasilianisches Generalkonsulat
Hamburgo — 25-11-29 (5).

Caro Gastão — Duas linhas apenas para te comunicar que estou em Hamburgo e, já se vê, às tuas ordens. Cidade bella na verdade. E como é alegre! Tenho a impressão às vezes de estar no sul da Europa... com mais aceio e mais ordem. Mande-te uma piteira por intermedio do Joaquim Eulalio. Procura-o e escreve-me. Escrever-te-ei mais lónga-mente breve.

Torres

Lembcke's Restaurant, Hamburg 5
St. Georg, Langereihe 53, Ecke Gurlittstrasse.

27-Janeiro 1930.

Caro Gastão,

O meu endereço não é este. Continúa a ser o Consulado, onde hoje tive o prazer de receber a tua carta, a qual deve ter cruzado em caminho com a que te escrevi ha poucos dias.

Acabo de jantar. São 11 horas da noite. Venho da opera, onde ouvi *Siegfried*, por signal que um espectáculo maravilhoso, como scenario, vozes, orchestra, tudo. *Fauteuil d'orchestre*. Quanto custou? 8 marcos, ou sejam 16\$000! Esta bagatella para ouvir cantores magnificos das operas de Munich e de Leipzig. Não saio mais de Hamburgo. Um delles, o Melchior, já era meu conhecido de Londres. Bellissimo *Siegfried* na verdade. Mas em Londres eu, para ouvir-o, tive que gemer em 50 shillings, ou sejam 100\$000 pela poltrona. Tudo isso porque na Inglaterra o Estado não subvenciona a opera, ao passo que na Allemanha o Thesouro do *Reich* e as municipalidades gastam milhões. O allemão sem cerveja e sem musica não marcha. Grande povo! Guarda este nome, para o caso em que algum dia elle appareça no Rio: Rudolph Bockelmann. Que Wotan! Ante-hontem, nas *Walkyrias*, no final do 3.º acto, quando Wotan se despedia de Brunhilda, eu me achei (para vergonha minha) passando o lenço nos olhos, pois estava litteralmente chorando! Que cantor e que artista! E' um Amazonas tranquillo e suavissimo de sonoridade canora, emocional, sem esforço, espontaneo com o agua da Fonte da Carioca. Não sei quantas vezes tenho ouvido *As Walkyrias*. Pois este é o melhor Wotan que tenho ouvido, porque allia a gravidade e a technica wagneriana com o que ha de mais nobre na escola do bel canto italiano. Estas Allemanhas (porque são muitas) são positivamente coisas assombrosas. Quando eu penso que os inglezes e os francezes, senhores dos cabos submarinos durante a guerra, divertiram-se durante quatro annos a nos provar que os allemães eram barbaros!... A opera de Hamburgo é em tudo superior ao Covent Garden de Londres. E Londres é uma capital, uma metropole admiravel. Hamburgo é apenas uma segunda cidade. Londres mal consegue manter duas orchestras symphonicas. Hamburgo tem varias. Berlim tem dez, do que se chama grande orchestra.

Ando ás voltas com a lingua allemã. E' tão difficil como achar character em

politico brasileiro, mas é interessante como symphonico de Wagner ou philosophia de Nietzsche. Si me deixarem aqui socegado por algum tempo espero daqui a um anno estar lendo bem o *Berliner Tageblatte*, sim, porque quanto a Fausto, fia-se mais fino...

Já ensinei ao proprietario deste restaurante a fazer arroz, feijão e bifes de panella á nossa moda, porque não me dou bem com a cosinha allemã. Mas preciso de mais pratos. Queres mandar-me (do Quaresma) o *Cosinheiro Nacional*? Quanto mais velho fico, mais gosto dos petiscos da mãe patria. Manda-me, pois, o *Cosinheiro* quanto antes.

Os artigos do Agrippino, magnificos. A tal Josephine Backer é um horror. A semana passada vi-a pela primeira e, ultima vez no *Hansa*. E' uma immundicie. Depois das negresses á plateaux que o Ramos me fez ver no Luna Park de Paris, esta vagabunda é o espectáculo mais hediondo que tenho visto. Aqui não causou impressão. Era um numero como qualquer outro...

Logo que aqui cheguei, escrevi ao Gilberto, mas não sei si terá recebido a carta, porque não me mandou resposta nenhuma. Lembra-me aos amigos, ao Ramos, ao Gilberto, ao Agrippino, etc... Descobri outras revistas *tatás* muito superiores, que te mandarei breve. Abraços do velho

Torres.

(Continúa).

(1) Mario Guaraná, então no exercicio das suas funções junto á Delegacia Fiscal do Thesouro, em Londres. (2) Bilhete-postal. (3) Oscar Cox, já falecido. (4) Ha aqui um engano de Torres. Quem se chama assim é a irmã de O. Cox. (5) Outro bilhete postal.

A Mulher e a Sociedade

De ANATOLE FRANCE

A sociedade é frivola e vã — como quizerem. Contudo, não é má escola para o homem politico. E é de lamentar que della se faça hoje tão pouco uso nos parlamentos.

O que faz a sociedade é a mulher, que ahi é soberana, pois, ahi nada se fez que não seja por ella e para ella.

Ora, a mulher é a grande educadora do homem; ella lhe envia as virtudes encantadoras, a polidez, a discreção e essa altivez que receia ser importuna. Ella mostra a alguns a arte de agradar, a todos a arte util de não desagradar. Aprende-se della que a sociedade é mais complexa e de uma disposição mais delicada do que communmente se imagina nos cafés politicos. Emfim, compenetremo-nos ao pé della desta idéa: que os devaneios do sentimento e as sombras da fé são invenciveis, e que não é a razão que governa os homens.

(Trad. de F. Nery).

Ultimas Novidades

“ARIEL”:

Augusto Tasso Fragoso

HISTORIA DA GUERRA ENTRE A TRIPLICE ALLIANÇA E O PARAGUAY.

F. Contreiras-Rodrigues

TRAÇOS DA ECONOMIA SOCIAL E POLITICA DO BRASIL COLONIAL.

René Albert Guzman

CIUME (3.ª edição)

Gastão Cruls

VERTIGEM

Graciliano Ramos

S. BERBARDO

PROXIMAS EDIÇÕES

“ARIEL”:

Gastão Cruls

A AMAZONIA MYSTERIOSA
(4.ª edição)

A. L. Soullie

A MÃO E SEUS SEGREDOS

Luc Durtain

IMAGENS DO BRASIL E DO PAMPA

(2.ª edição) Traducção

de RONALD DE CARVALHO

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

F. Contreiras Rodrigues — *TRAÇOS DA ECONOMIA SOCIAL E POLITICA DO BRASIL COLONIAL* — Ariel, editora. Rio.

José Americo de Almeida — *O BOQUEIRÃO* — Romance. Livraria José Olympio, editora. Rio.

José Americo de Almeida — *COITEIROS* — Romance. Companhia Editora Nacional. S. Paulo.

Estevão Cruz — *THEORIA DA LITTERATURA* — Edição da Livraria do Globo. Porto Alegre.

Prado Maia — *SURSUM CORDA* — Rio.

Alcides Siqueira — *ABELHAS E ROSAS* — Poemas. Recife.

Helio Sodré — *O HOMEM QUE AMOU DEMAIS* — Editora Nizia. Rio.

Edison Lins — *CABOCA PORANGA* — Contos — Selma, editora. Rio.

Dra. Esther Conus — *PROTECÇÃO A' MATERNIDADE E A' INFANCIA NA UNIÃO SOVIETICA* — Comp. Editora Nacional. São Paulo.

May Christie — *AMOR IMPACIENTE* — (Nova Biblioth. das Moças) Comp. Editora Nacional. São Paulo.

Ronald de Carvalho et Luc Durtain — *LE BRÉSIL ET LE GÉNIE FRANÇAIS* — Imprensa Nacional. Rio.

Georges Raeders — *LE COMTE DE GOBINEAU AU BRÉSIL* — Nouvelles Editions Latines. Paris.

Vinicio da Veiga — *L'APPELLO DI WOTAN* — Cappelli, Editore. Bolonha. Italia.

Arthur Ramos — *O negro brasileiro* — Civilização Brasileira — Rio.

Ethnographia, religião e psychanalyse. O autor é um dos nossos mais attentos pesquisadores em tudo quanto se prenda ás características da gente africana transportada para o Brasil. Conhece-lhe como poucos as crendices, as manifestações fetichistas, os cultos de um tão forte pittoresco e inspirador de tantas dansas e cantos altamente significativos para a explicação de uma raça tão complexa. Procurando interpretar todos esses factores ethnicos á luz das theorias de Freud, o sr. Arthur Ramos, que é o continuador e ampliador dos estudos de Nina Rodrigues, serve inteligentemente a cultura scientifica do paiz.

Guy Wirta — *A soberana* — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Mais um volume de successo para a Nova Bibliotheca das Moças, que se vê a esta hora acolhida e festejada por todos os recantos do Brasil, Guy Wirta faz parte da *équipe* em que figuram Delly, Trilby, Florence Barclay, Guy de Chantepleure e Bertha Ruck. Seus livros encontraram facilmente o caminho dos nossos corações jovens. São tão attrahentes as doces mentiras dessa litteratura côr de rosa...

"ARTE"

Só temos encomios para o brilhante empreendimento realizado pelo sr. Manuel Antonio Bonilla, distincto intellectual e humanista colombiano que, na sua terra natal, dirige o Conservatorio do Departamento de Tolima e como órgão desta instituição conseguiu lançar e fazer victoriosa uma revista como *Arte*, de tão alevantados designios, em cujas paginas se reúnem ensaios, chronicas e poesias da mais escrupulosa escolha e que são bem um indice do alto grão de cultura a que attingiu a sympathica republica vizinha.

— Com introduccão e notas de Maurice Parturier, sabem as cartas de Mérimée a Ludovic Vitet, inspector geral dos monumentos historicos. Ninguém desconhece que o autor da *Carmen* foi um tenaz investigador em assumptos de archeologia e numismatica. Mezes e mezes correu a França a examinar-lhe as velhas cathedraes e os velhos castellos. Homem de sciencia dos mais rigorosos, não brincou uma só vez com aquillo que se prendesse á architectura medieval ou ás inscripções latinas, evitando, nesses reductos estrictamente profissionaes, brincadeiras e parodias como as do seu theatro de Clara Gazul.

O FIM DA HUMANIDADE

De ANATOLE FRANCE

A espécie humana não é susceptivel de progresso indefinido. Para que ella se desenvolvesse, foi mistér que a terra attingisse certas condições phisicas e chimicas, que não são de modo nenhum estaveis.

Houve tempo em que o nosso planeta não convinha ao homem; era demasiado quente ou demasiado humido. Tempo virá em que, de novo não convirá mais ao homem: será por demais frio ou demasiado secco. Quando o sol se extinguir, o que pôde deixar de acontecer, desde muito já terão desaparecido os homens. Os ultimos serão tão desprovidos e estupidos como o eram os primeiros. Terão esquecido todas as artes e todas as sciencias. Estender-se-ão miseravelmente nas cavernas, ás abas das geleiras que hão de rolar então os seus blocos transparentes sobre as ruinas sepultadas das cidades, onde hoje terão morrido de frio; sómente os abetos reinarão sobre a terra gelada. Os ultimos homens, desesperados sem sequer o saberem, nada conhecerão de nós, nada do nosso genio, nada do nosso amor, conquanto sejam nossos filhos recém-nascidos e o sangue de nosso sangue. Uma debil chamma de real intelligencia, bruxoleando-lhes no craneo espesso, assegurar-lhes-á, ainda por algum tempo, o dominio sobre os ursos, multiplicados ao redor de suas cavernas. Povos e tribus terão desaparecido sob o gelo e a neve, com as cidades, as estradas, os jardins do mundo antigo. Subsistirão apenas algumas familias. Mulheres, velhos, creanças, promiscuamente entorpecidos, verão pelas fendas das cavernas elevar-se-lhes tristemente sobre as cabeças um sol fosco, onde, como tição que se extingue, correrão clarões fulvos, enquanto uma nevoa offuscante de estrellas continuará a brilhar todo o dia no céu negro, através do ar glacial. Eis o que elles verão; mas, na sua estupidez, nem sequer saberão que vêm alguma coisa. Um dia, o ultimo dentre elles exalará, sem odio e sem amor, sob o céu inimigo, o derradeiro alento humano.

E e a Terra continuará a rolar, carregando através dos espaços silenciosos as cinzas da humanidade, os poemas de Homero, e os augustos destroços dos marmores gregos, presos aos seus flancos enregelados.

E do seio deste globo, onde a alma humana tantos prodigios obrou, nenhum pensamento mais se arrojara para o infinito, — pelo menos nenhum pensamento de homem. Porque, quem poderá dizer si, então, algum outro pensamento não terá consciencia de si mesmo, e si este tumulto, onde todos dormiremos, não será o berço de uma alma nova? De que alma, ignoro-o. Talvez da alma do insecto.

Ao lado do homem, em que pese ao homem, os insectos, as abelhas, por exemplo, e as formigas já obraram maravilhas. E' bem verdade que as formigas e as abelhas precisam, como nós, da luz e do calor. Mas ha invertebrados menos friorentos. Quem conhece o futuro reservado ao trabalho e á paciencia delles? Quem sabe si a Terra não se tornará boa para elles quando houver cessado de o ser para nós outros? Quem sabe si elles não terão um dia consciencia de si mesmos e do mundo? Quem sabe si, por seu turno, elles não louvarão a Deus?

(Trad. de F. Nery).

ACABA DE APPARECER:

F. CONTREIRAS RODRIGUES

TRAÇOS DA ECONOMIA SOCIAL E POLITICA DO BRASIL COLONIAL

Compilação historica em torno dos problemas da economia social e politica dos tempos da Colonia.

ARIEL EDITORA LTDA.

Preço 12\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

M E N D I G O S

Nada é tão mysterioso para a creança como o mendigo.

E' um dos mais escuros e extranhos mythos da infancia.

Lembro-me dos meus mendigos, os que traziam roupas tristes e bizarras, roupas velhas — algumas de defuntos talvez — e batiam furtivamente na porta de casa.

De um, me recordo precisamente de que o encontrei. Foi o que mais intimamente conheci.

Bateu palmas e pediu comida. Trazia uma barba longa e longos cabellos cheios de poeira das ruas. O olhar era amortecido nos pobres olhos.

Do portão fechado eu o espiei comer o que lhe demos. Assentara-se na calçada e o seu ar era isento do que o cercava. Depois da comida se levantou e limpando com o braço a bocca alimentada se aproximou para entregar o prato.

Foi então que lhe perguntei o nome e de onde era. Disse que se chamava Ventura o que me custa hoje a escrever, por parecer litterario demais. No emtanto se chamava realmente Ventura e a sua ventura de certo fôra triste.

O lugar de onde elle viera, não me lembro, porque os mendigos não são de lugar nenhum.

Mas eu recebi as confidencias de Ventura. Eram palavras arrastadas e confusas, palavras com um tom de poeira e de cinza.

Confidencias que passam, palavras eguaes de certo ás dos outros mendigos, neste particular, tão parecidos com as das mulheres perdidas.

As historias de mendigos são sempre eguaes, nellas entram fortunas passadas, nascimentos illustres e banhos infantis em bacias de prata. Não nasceram jámais em casebres, nem tiveram paes mendigos como elles,

Péguy escreveu sobre os mendigos algumas grandes e justas palavras.

Disse da differença fundamental entre elles e os pobres. E exaltando a Gloria limpida da pobreza, affirmou que os mendigos estão fóra do mundo. Não são do mundo, ou mais propriamente, são os homens que desceram vivos aos infernos.

Ninguém sabe delles senão que têm as fórmulas humanas. Mas nada do que é propriamente do homem está com elles.

Como os mendigos devem olhar o mundo? Indifferentes ou com guloso interesse?

Charles-Louis-Philippe que se honrava de ter mendigos como seus avós, nos fala, nos seus humanissimos romances — na Mãe e o filho — notadamente, num certo estado de continua conformação do mendigo com o mundo.

Não acham nem bom nem máo, mas fatal o estado a que estão presos, elles, os que perderam o equilibrio, os condemnados a morrer de um instante para outro nas ruas das grandes cidades, deante das portas fechadas dos palacios.

Tenho visto muitos mendigos na minha vida. Pelas madrugadas nas Avenidas ou nas claras manhãs em que os homens seguem para o trabalho.

Mas de todos os mendigos que encontrei nenhum, como o da minha infancia, esse Ventura, se fixou em mim!

Não foram as suas palavras que permaneceram na minha memoria, mas um certo olhar de Ventura, quando entregou o prato de comida vazio. Foi o olhar de Ventura, que me atravessou o coração de creança, que o trouxe até aqui.

Olhar cuja tristeza ninguém reproduzirá, olhar sem desespero e sem esperança, olhar enigmatico — de condemnação innocente — e cujo sentido o Christo decifrára quando os dias chegarem.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

ECCE HOMO

(EPISTOLARIO DE NIETZSCHE)

I

Não creio que seja possível exprimir por uma imagem profana o estado de solidão e mortal abandono que revela a correspondencia de Nietzsche. Só a desolação sobrehumana do Calvario nos oferece uma divina analogia.

Desde o apparecimento dos seus primeiros escriptos o deserto cava-se e estende-se em torno de Nietzsche. Os amigos, os raros, da primeira hora, entreolham-se perplexos, retrahem-se, esquivam-se, consternados ou irritados, uns por tibieza moral, por supersticioso respeito das conveniencias, outros por incompreensão absoluta; e são o maior numero. A propria irmã dilecta, aquella que seria para elle mais tarde — tarde demais! — a sombra da grega Antigone, como lhe chamou emphaticamente d'Annunzio, abandona-o, renega-o. Na Allemanha dos philisteus da cultura, o nome de Nietzsche, sobretudo depois do rompimento com Wagner e o wagnerismo, só é pronunciado com desdem e escarneo. Em toda a Europa civilizada — é elle mesmo que o proclama — Nietzsche tem dois leitores. (Mas que leitores! exclamará não sem ufanía na correspondencia).

Vae viver para as montanhas. Começa para elle aquella extraordinaria existencia de nomade e de anachoreta, o que se poderia chamar com muita propriedade a sua via crucis, errante de cimo em cimo, desde as serras dos Abruzzos até os pinheiros nevosos da Sils Maria, perdido por alturas vertiginosas, "planando cheio de pontos de interrogação", inquieto, torturado, só!

Esta nota da solidão exhala-se das paginas da correspondencia como o motivo symphonico de um poema de angustia inhumana:

"Em materia de soffrimento e renuncia a minha existencia destes ultimos annos póde comparar-se á de qualquer asceta de todas as épocas. — Ha momentos em que uma palavra de conforto, um simples aperto de mão approvador teriam sido para mim o supremo balsamo, e foi então que todos me abandonaram. — O silencio se adensa e cresce em torno de mim. — Sinto-me condemnado á minha solidão e ao meu degredo. Não ha escollha possível. — Isto é ser só: não ter ninguem que compartilhe o meu Não e o meu Sim. — Em torno de mim o vácuo é realmente formidável. — Estou só, absolutamente só. E ha annos que dura isto, sem uma palavra de conforto, sem uma gotta de humanidade. — Céos, como estou só!

O fardo que se gostaria de dividir com outros (sinão, de que serviria escrever?) ser obrigado a carregal-o sózinho ás costas.

Só, inexoravelmente só! Sempre este brado angustioso, sempre esta nota fatidica, ora percutida com estridencias de cymbalos de victoria, ora martellada com a lugubre monotonia de um dobre a finados.

Só! Cada qual se integra no seu rebanho, reco-

lhe-se ao seu aprisco familiar, retorna ao calor do seu monturo. Só o mais independente ha de ser o mais abandonado!

Como aquelle outro visionario que prégou na montanha, tambem Nietzsche quiz destruir o que se levou seculos a construir. Tambem elle quiz confundir a impostura, o fanatismo, a hypocrisia, annunciar uma nova ordem de cousas, accrescentar uma parcella de independencia no mundo. A paga era esta: esta solidão, esta desolação, este abandono. Este isolamento sempre maior, *sempre mais glacial, sempre mais cortante*.

Nenhuma humilhação lhe havia de ser poupada, desde a miseria do soffrimento physico até a outra, mais terrível, angustia metaphysica. Desconhecido, escarnecido, perseguido do odio de escribas e phariseus, até repudiado dos do seu proprio sangue. Teve de beber até as fezes o calice de amargura. E se não soffreu o supplicio da cruz é que lhe estava reservado outro mais infamante.

E esse supplicio dos supplicios havia de durar dez annos.

ALBERTO RAMOS

— Pierre Hamp vem de juntar mais um volume, *Gluck Auf!*, á série intitulada *La Peine des Hommes*. Pierre Hamp, como ninguem ignora, trabalha no commercio. Não comprehendendo mesmo que um escriptor possa circumscrever-se apenas á actividade litteraria, trabalha das cinco da manhã até o meio-dia em seus romances e, depois disso, vae metter-se em tarefas mercantis que de modo algum o impedem de retornar no dia seguinte aos seus heróes. Uma das manias do ficcionista é o sport e já fundou um grupo de boxeadores. Talvez uma estadia de sete annos na Inglaterra lhe tenha dado o gosto pelos exercicios physicos. Foi Paul Desjardins o primeiro a interessar-se pelos escriptos de Pierre Hamp, que são todos consagrados á descripção dos mistéres industriaes, quasi sempre nos contactos da usina com a vida rural. Em logar de enthusiasmar-se com os guerreiros e os politicos, exalta de preferencia a diffusão de personalidade de lavradores e operarios, cooperadores de uma grande epopéa em que ha como em nenhuma outra o sentido da raça e da continuidade dos seculos. Seus autores predilectos são Rabelais, Montaigne e La Fontaine, representando este, para elle, "o grande escriptor social e humano da época classica". Quasi não passa um dia sem ler a *Imitação de Christo* e, quando Frédéric Lefèvre foi entrevistado-o, mostrou-lhe um exemplar, bastante fatigado, do grande livro de procedencia anonyma.

— *Zogolbi*, romance do argentino Enrique Larreta, foi traduzido do hespanhol para o francez por Francis de Miomandre. Miomandre é dos que se interessam pela divulgação dos livros em castelhano no mais culto dos paizes. Tambem concorreu para que o mundo conhecesse melhor as "verdades indiscretas" de Unamuno. Por signal que ainda hoje conserva em seu gabinete de trabalho muitos passaros de papel que o professor de Salãmanka ia manipulando, com innegavel destreza, sempre que os dois se mettiã numa tertulia a proposito de Gongora ou de Montaigne. Miomandre obteve muito novo a laurea do premio Goncourt, com o volume *Sur l'eau...*, que, por signal um grave critico do *Le Temps*, não tendo visto o volume nem de longe, suppoz ser uma narração de viagens transoceanicas. Nem a litteratura brasileira deixou de interessar a esse curioso de tudo quanto os homens produzem em qualquer recanto da terra. Tambem nós outros lhe devemos a traducção de um romance de Machado de Assis, feita de parceria com Ronald de Carvalho.

Georges Raeders — Le Comte de Gobineau au Brésil

NOUVELLES ÉDITIONS LATINES — PARIS 1934

A' maneira americana, Gobineau pôde ser considerado o inimigo n. 1 do Brasil.

Dos muitos estrangeiros que nos visitaram, nenhum olhou para a nossa terra e a nossa gente com olhar mais implacável do que o illustre diplomata francez, que aqui representou o seu paiz, por curto espaço de tempo, durante o penultimo quartel do seculo passado. E' isso o que nos vem sendo a pouco e pouco revelado, de alguns annos para cá, com o conhecimento da sua correspondencia epistolar, de que ainda agora a *Revue de Paris* nos dá uma bôa amostra, publicando as cartas que o mesmo enviava daqui, em 1869, a duas moças das suas relações em Athenas, onde o autor da *Renascença* tambem já exercera funções diplomaticas.

Mas não é propriamente a essas cartas que nos queremos referir agora, ainda que sobre as mesmas muito houvesse a respirar, tantos são os commentarios zombeteiros e as criticas acerbas que a cada passo caem da penna de Gobineau a respeito de tudo o que viu e pode observar entre nós. Esta nota visa principalmente assignalar aos nossos leitores a interessante monographia que, sobre o mesmo assumpto, isto é, a estada de Gobineau no Brasil, escreveu recentemente o sr. Georges Raeders, distincto escriptor francez que, ao contrario do seu patricio que lhe serviu de thema á brilhante dissertação, sempre demonstrou uma particular sympathia pelas cousas do Brasil, onde já estivera ha alguns annos e ainda agora vem de se fixar para uma permanencia mais longa, uma vez que, em boa hora, lhe foi confiada a direcção do Lceu Franco-Brasileiro de São Paulo.

Tristão de Athayde, num dos seus rodapés para *O Jornal*, já disse mais de espaço e com a acuidade de sempre, o que é a these com que Georges Raeders obteve o seu titulo de *docteur ès-lettres*, e na qual se objectiva principalmente a grande amiza-

de que uniu D. Pedro II ao Conde de Gobineau. Dessas paginas o que resalta para nós, de uma geração que apenas colheu os ecos da velhice do Imperador — ecos não muito amistosos pois que quasi todos transmittidos por aquelles que fizeram a Republica — o que resalta, diziamos, é a figura varonil do Monarcha, então na força da idade, e não só preocupado com as cousas do espirito, como sempre o conhecemos, mas tambem possuidor de uma grande actividade physica. Desta ultima, não raro Gobineau nos dá o seu testemunho, como por occasião daquella viagem que ambos fizeram juntos a Juiz de Fóra e da qual o escriptor francez diz ter tornado ao Rio fatigadissimo, por ter sido forçado a acompanhar todos os passos do Imperador, que pouco dormia e estava sempre em permanente movimentação. Como se vê, andamos muito longe daquella figura de "Pedro-Banana", bonacheirão e commodista...

Ainda que apoiado tambem na correspondencia a que já alludimos acima e enviada ás Senhoritas Dragoumis, residentes em Athenas, o trabalho do sr. Georges Raeders abebera-se de outras bôas fontes informativas e por vezes ineditas, como as cartas que Gobineau dirigiu a D. Pedro, hoje archivadas no Castello d'Eu, e certos documentos officiaes que o então ministro remetia ao seu Governo.

E' bem de vêr que tanto na correspondencia com o Imperador como nos seus relatorios e officios, nada ou quasi nada transparece do azedume com que Gobineau encarava o nosso paiz, onde nada lhe merecia louvores, nem mesmo a nossa decantada "naturalisa", mas antes criticas sarcasticas e candentes.

Das cartas de D. Pedro a Gobineau, Roquette-Pinto, que já as conseguira por copia, das originaes conservadas na Bibliotheca de Strasburgo, dera-nos anteriormente um resumo, numa serie de artigos escriptos para o

Diario Nacional, de S. Paulo, em Julho e Agosto de 1929.

Foi á sua leitura que o director do Museu Nacional poudes desvendar cabalmente o mysterio que cercava certa estatua de marmore, existente num dos salões do ex-palacio imperial, na Quinta da Boa Vista, e a respeito de cuja autoria e procedencia tudo se ignorava até então. Essa figura, gracioso nú feminino, de corpo inteiro, traz no pedestal, além do seu titulo *Mima* (a deusa da comedia), duas lettras entrelaçadas: A. G., que nada mais são do que as iniciaes de Gobineau: Arthur de Gobineau.

E' que o diplomata francez não só ás lettras era dado, mas verdadeiro temperamento artistico, dedicava-se com carinho á escultura, sendo que aqui mesmo executara um busto, tambem de marmore, de D. Pedro II, mais tarde exposto com exito em Paris, conforme nos elucida o sr. Georges Raeders.

Mas tornemos a *Mima*. Esta estatua foi encommendada por D. Pedro II a Gobineau, depois que este já deixara o Brasil e, posto em disponibilidade, estava em seria abertura financeira. Pagando-lhe adeantadamente 15.000 francos pelo trabalho, o Imperador poudes vir delicadamente em auxilio do amigo que, talvez nesse momento, se ha de ter lembrado com menos desprezo do horrivel paiz de mestiços que ficava lá-bas...

GASTÃO CRULS

"SURCO"

Chega-nos de Buenos Aires o primeiro numero dessa interessantissima revista mensal de arte, sciencia, lettras e critica. Vicente Barbieri, um dos seus redactores, explica: "Hemos dicho surco como diriamos vida. Porque asi tenemos la esperanza: tendida y abierta como surco prometedor, esperancero." Surco publica collaborações em prosa de Octavio Rivas Rooney, Sergio Almar, Raul Gonzalez Tuñon, José Gabriel, José Vasconcelos, Jorge Icaza, Luiz Muriel e Santiago Chierico, além de muitas composições poeticas. Revistas de desabusedos propositos, como esta, têm successo assegurado nos centros cultos da grande metropole portenha.

NO BOM CAMINHO

O dr. Antonio Carneiro Leão, dirigente do ensino de francez no Collegio Pedro II e um dos mais prestigiosos especialistas de questões de ensino em nosso meio, vem de publicar *L'enseignement des langues vivantes (une expérience brésilienne)*.

E' uma exposição succinta dos resultados colhidos durante os dois primeiros annos de applicação do chamado *methodo directo* ao ensino de linguas estrangeiras, vivas, sobretudo do francez, no nosso instituto padrão de ensino secundario.

Como se sabe, a ultima reforma de ensino rompeu definitivamente com as velhas praxes pedagogicas sempre seguidas nos nossos collegios, no tocante ao ensino das linguas.

Entre nós, nos estabelecimentos de ensino official ou officializados, o methodo adoptado foi sempre o de *traducção e versão*, e o material linguistico ensinado, essencialmente litterario, visava com especialidade a justificar os preceitos da grammatica. Era qualquer coisa de muito parecido com aquillo a que o espirito popular chama pittorescamente *ir o carro deante dos bois*.

Ora, sendo as linguas vivas, isto é, aquellas que aprendemos para fins de mera applicação pratica ou como vehiculo de desenvolvimento cultural, uma somma de quatro momentos (compreensão auditiva, compreensão visual, expressão oral e expressão graphica), é claro que o methodo tendente a utilizar apenas dois desses momentos será um methodo incompleto e imperfeito.

Os inconvenientes do methodo indirecto, ou de traducção, eram aliás immediatamente sentidos por todos os que deixavam os bancos das escolas secundarias. Mesmo os melhores estudantes, os capazes de comprehender paginas difficeis de Racine ou de Shakspeare, viam-se abarbadados para manter dois dedos de palestra com qualquer caixeiro viajante francez ou inglez.

Contra essas defficiencias pedagogicas não faltou, é certo, quem se insurgisse. Mesmo antes de se estabelecerem por aqui as escolas de methodo Berlitz, já o nosso eminente linguista, o professor Said Ali, escrevera um longo e sabio relatório onde ao lado da critica severa e justa ao systema vigente, nos apontava o bom caminho. Fructo de minuciosas pesquisas em diversos paizes europeus e de acuradas leituras dos mestres da especialidade, sobretudo dos trabalhos do phoneticista Vietor, o relatório do dr. Said Ali constituia um excellente roteiro para uma remodelação do ensino das linguas.

Esse relatório era datado de 1895. Gastamos, pois, perto de quarenta annos para nos decidirmos a seguir os seus conselhos. Mas em todo caso, sempre nos decidimos.

Romper de vez com a rotina, escolher e guiar o pessoal docente incumbido de realizar o novo plano, preparar programmas e material didactico, foram tarefas nem sempre isentas de obstaculos.

Um dos pontos capitaes consistia na adopção de um livro realmente capaz de auxiliar com efficiencia mestres e discipulos.

A proposito do problema do "bom livro" expõe o dr. Carneiro Leão algumas idéas dignas de registro.

Assim, diz elle: "Un livre de méthode directe pour l'enseignement du français dans les premières années d'un collège anglais ou allemand, n'est pas forcément celui qui convient à un collège brésilien. Non seulement nos préoccupations, nos tendances, nos goûts sont différents, mais aussi notre façon de voir les choses, de juger les faits, de les commenter et de les exprimer."

E não só nas diversidades da psychologia ethnica vae o illustre pedagogista brasileiro buscar elementos para formar uma bôa methodology do ensino das linguas vivas. Tambem considera as semelhanças culturaes, principalmente aquellas que se espelham no vocabulario e na grammatica.

"L'aide apportée à l'enrichissement du vocabulaire par les verbes français analogues aux nôtres, observa elle, par les mots français terminés en *able* et *tion*, ou par les paroles anglaises terminées en *ation*, est considerable."

Na verdade, a semantica, a morphologia e a syntaxe de linguas co-irmãs podem prestar desde o começo do curso poderoso auxilio mnemonico. Desde que não haja, claro é, abuso, e não queira o professor do primeiro ou segundo anno gymnasial concorrer com as universidades, ensinando philologia romanica.

Pelo que toca á semantica, póde ainda o docente bem orientado aproveitar os frequentes enijos que offerece para indicar factos de historia cultural. "Na historia da significação das palavras, já dizia Wundt, reflecte-se toda a historia da cultura humana."

Pela exposição do dr. Carneiro Leão, verifica-se que os resultados obtidos nos dois primeiros annos de experiencia do *methodo directo* são já bastante animadores.

Submettidos a uma mesma prova, alumnos do primeiro anno de francez, ensinados pelo methodo directo, e alumnos do terceiro anno, guiados pelo methodo antigo, ao passo que os primeiros obtinham a média 53,6, não logravam os ultimos alcançar senão 46,66.

Experiencia identica, realizada pelo professor Oswaldo Serpa, dirigente do ensino de inglez, produziu identico resultado. As notas mais baixas obtidas pelos alumnos do primeiro anno de inglez equivaliam ás notas mais altas conseguidas pelos alumnos do terceiro anno.

Deante de tão significativo resultado, não é possivel deixar de reconhecer que, apezar de sobrarem circumstancias desfavoraveis, tambem no Brasil se vão confirmando as vantagens do *methodo directo*, já reconhecidas e proclamadas em outros paizes.

SAUL BORGES CARNEIRO

OS "DONOS DO ASSUMPTO"

Certos aspectos da vida intellectual brasileira, quando observados com serena visão, rebai-xam-nos á condição de um sub-paiz ainda longe de qualquer gráo apreciavel de adeantamento. Desses aspectos, talvez o mais triste, é o da quasi inexistencia, entre nós, de creaturas com a capacidade altruistica de admirar. Muitos brasileiros que pensam, desconhecem essa grande, essa inenarravel alegria. Um máo humor quasi permanente prende certos espiritos. E um fervente egoismo dirige subterraneamente seus actos. E' que a mediania brasileira, possuidora de um grande lastro de ignorancia e, já agora, de uma certa porção de curiosidade, facilita o cultivo do egoismo desses intellectuaes. Basta que se diga que, para muitos delles, erudição é ainda objecto de ciúme, e a cultura coisa que nem todos devem possuir. Já que conseguiram esclarecer um pouco mais o espirito, guardam ciosamente a preciosidade, fecham-se em invencível mutismo, para que não percam aquella situação excepcional que lhes dá, no paiz dos que não sabem nada, credito e prestigio.

Temos uma organização algo conhecida, nucleo desses elementos a que me refiro, que subtil e manhosamente vive perturbando o nosso desenvolvimento cultural, num trabalho egoistico de aprisionamento de cultura: a organização dos "donos do assumpto". Os "donos do assumpto" são aquelles cavalheiros ou aquellas cavalheiras que tomaram conta, em definitivo, de qualquer sector intellectual. Prompto. Por este ou aquelle motivo, certa dóse de estudo, certa porção de audacia, certas facilidades, subtis, elles conseguiram apoderar-se da posição: armam immediatamente a sua trincheira, que tem ao mesmo tempo fins defensivos (impedir que se approximem os curiosos de verificar a profundidade real daquela sabedoria) e fins offensivos (o de exterminar, ó ingenuidade, os que tiveram a coragem de entrar naquelle territorio e fizeram, sobre o determinado assumpto, qualquer coisa de valioso e sério). Essa trincheira é, assim, uma barragem de esperteza e egoismo.

Quem quer que extenda os olhos pelo nosso mappa litterario reconhecerá os "donos do assumpto". São numerosos e varios, homens e mulheres em eterna vigilia, promptos a apitarem se alguém vem ameaçar-lhes as posições. Elles existem na litteratura e na sciencia, no trato das coisas vivas ou na contemplação das coisas mortas, na alegria dos gabinetes litterarios ou no silencio dos museus. Existem e exercem a sua actividade com uma damnosa insistencia, num bello exemplo de firmeza e teimosia. Tem-se mesmo a impressão de que, em nossa vida intellectual, ainda em desordem, essa alegre desordem das organizações, em inicio, os "donos do assumpto" são a unica coisa já firmemente estabelecida...

Os "donos do assumpto"...

E' de vêr a pressa com que elles investem

contra os recémvindos ás "suas" terras... Não apparece livro sobre tal assumpto, obra sobre tal cathegoria de conhecimentos, contribuição sobre tal estudo, que não lhes desencadeie o odio e a feroz actividade. Apparecem logo armados de veneno e lançam as suas reservas sobre o desastado morador. Ha os "donos do assumpto" no romance, na critica, na arte, na sciencia. E nesses sectores elles fixam-se, como caçadores á espreita. O caminho está desde então impedido. Na estrada, que deveria ser de todos, suas presenças marcam o limite imposto pelo egoismo. Acontece, no emtanto, algo que não percebem: é que a posição do caçador é uma posição estática, e a intelligencia precisa do exercicio constante. Resultado: esquecidos de si proprios, os "donos do assumpto" não realizam nada de proveitoso, nada de util, nada de bello. Esterilizam-se na inactividade, gastam-se no ingrato trabalho de demolir o esforço alheio. Foi o sr. Albert Thibaudet quem, escrevendo certa vez sobre as "elites" intellectuaes, disse que quando ellas começam a construir muralhas, a se nuclearem em cidade, começa a decadência. Mas não era preciso que o sr. Albert Thibaudet viesse dizer isso: essa noção existe no espirito de todos os que sabem vêr. Os "donos do assumpto" são heróes em decadência...

Houve um livro, publicado ha bem pouco tempo, que teve um mérito indiscutivel: irritou innocua e profundamente os "donos do assumpto". Trata-se da *Introdução á Archeologia Brasileira*, do sr. Angyone Costa. O caso desse livro foi um exemplo typico. Emquanto que espiritos sem amargura, felizes do prazer de applaudir, recebiam festivamente a obra do professor de Archeologia Brasileira do Museu Historico Nacional, outros espiritos, que não estavam precisamente naquelle mesmo estado de pureza, puzeram-se a negal-o. Todos sabem como são naturaes as divergencias em se tratando de affirmações scientificas. Apenas nem todos perceberam que, nesse caso, não se tratava de sciencia e sim de egoismo. Era a presença dos "donos do assumpto". Os "donos do assumpto" logo surgiram, melancolicos, contra a *Introdução á Archeologia Brasileira*, (Col. "Brasiliana" da Cia. Editora Nacional), ante o sorriso da critica brasileira e o depoimento das sociedades scientificas especializadas. Mas surgiram, dessa vez, inutilmente. Os "donos do assumpto" perderam. A victoria do livro em questão ainda está espalhando largas e fundas melancolias.

DANTE COSTA

LEIAM

S. BERNARDO

Romance de GRACILIANO RAMOS

EM TODAS AS LIVRARIAS

ESPELHO DA FAMILIA BURGUEZA

Não é de hoje que os moralistas officiaes lançam contra o communismo a terrível pécha de pretender destruir a instituição da familia. Mas já em 1847 respondia-lhes Marx em pessoa, no seu historico manifesto, dizendo que os communistas não cogitavam de semelhante tarefa porque a dissolução da familia vinha sendo feita pela propria burguezia... As palavras de Marx têm no caso applicação dupla: referem-se, por um lado, á dissolução da familia entre os proletarios, devido á exploração capitalista sobre os componentes desta familia; e, por outro lado, á dissolução da familia entre os burguezes, como consequencia logica do declinio da burguezia como classe.

Estas coisas me occorriam ao terminar a leitura do romance do sr. Gastão Cruls, *Vertigem*, o qual bem poderia ter um subtítulo assim por este geito: "espelho da familia burgueza". Não se trata do romance de "uma familia", nem como construcção, nem como drama; mas sem duvida alguma é um romance da familia burgueza, cuja instituição se vae dissolvendo na inconsistencia de laços moraes frouxissimos.

Creio que o autor está longe de ser um revolucionario, e de certo não entraria nas suas intenções compôr um livro cujas conclusões sociaes pudessem ser taxadas de revolucionarias. Porém, objectivamente assim, é salvo melhor juizo. A meu vêr, este resultado decorre simplesmente da honestidade do escriptor. Elle architectou o drama, dispôs os scenarios, caracterizou os personagens — tendo sempre em vista a realidade que o cerca e que elle conhece de perto. Feito isso, a narrativa seguiu o seu curso natural, sem deformações nem enganos, isto é, com honestidade. E' claro que não basta narrar o que se vê para que a narrativa se converta em "romance". Na composição deste, além do elemento objectivo, entra tambem o elemento subjectivo, que vem a ser a qualidade do escriptor, a sua capacidade de comunicar ao leitor a emoção sentida na crea-

ção da obra de arte. Preceito banal, bem o sabemos, e baste-me apenas lembral-o de passagem, pois o que me interessa aqui é sómente verificar, digamos, sem pedantismo, o aspecto social do livro.

E repito, precisando o meu pensamento, que *Vertigem* é um romance de um certo modo objectivamente revolucionario por isso que todo elle reflecte uma certa face da familia burgueza em pleno processo de desaggregação. Não porque o romancista tivesse o proposito predeterminado de mostral-o, ou porque tivesse tomado tal processo como "these". Nada disso. A familia burgueza é que de facto se desaggrega, tanto do ponto de vista moral quanto do ponto de vista juridico, acompanhando necessariamente a desaggregação economica e politica da classe burgueza. O autor observou e narrou com honestidade um conjuncto de episodios, — que formam a trama da ficção, — os quaes, sendo verosimeis, se enquadram e se desenvolvem forçosamente dentro daquelle processo.

Possivel objecção, neste ponto, seria a seguinte: dizer que não é justo generalizar como conceito o que resulta de um caso particular, mesmo que este fosse não só verosimil, mas até verdadeiro. Objecção sem base aqui. Porque este caso particular é identico a muitissimos outros. A familia Amaral Marcondes é tudo quanto ha de mais normal, de mais commun em certa camada social; é uma familia burgueza modelo. Familia da regra, sem nenhuma característica extraordinaria, que lhe empreste fóros de excepção. Seus componentes são todos elles typos tambem normaes, pessoas da melhor linhagem burgueza.

O Dr. Amaral Marcondes, professor da Universidade, grande clinico, medico da alta burguezia, é o typo do homem grave e conspicio, justamente admirado na sociedade por seu saber e suas virtudes publicas e privadas; e, com isso tudo, serodidamente apaixonado por uma moça boni-

ta, perde a tramontana e faz da "ethica profissional" uma armadilha em que forceja por prender a mulher do proximo, acabando por aplacar os seus tardios ardores amorudos numa "pension" de mulheres de aluguel. Sua digna consorte, D. Alice, apparece como perfeita dama do chamado grande mundo: não falta á missa domingueira na matriz da Gloria, dirige varios comités de caridade e de obras pias, preside aos destinos da familia com aristocratico despotismo; e, com isso tudo, cada vez se enreda mais na mentira e na intriga, vaidosa e fátua, victima por fim da propria moral domestica. Dos filhos do casal, o mais velho, ociosidade dourada e vulgarissima, vivendo de farra em farra, não se peja de azinhavrar as mãos manicuradas em empréstimos inconfessaveis tomados ao portuguez jardineiro, nem hesita em chegar ao furto das joias maternas. Ruth casou com um joven medico, charlatão sem escrupulos. Liciinha e Jorge, pessoalmente mais sympathicos, soffrem ambos a pressão dos preconceitos familiares — aquella, depois de um primeiro noivado mallogrado, afrontando as iras da mãe que se oppõe catholicamente ao seu casamento com um americano divorciado; e o outro lutando contra a incomprehensão e a hostilidade de paes e irmãos porque procura no communismo uma sahida para a sua indecorosa situação de inutil filhó de papae.

Os outros typos de outras familias burguezas que apparecem no livro não apresentam melhores nem peores características. Tudo gente mediana. Temos principalmente Clelia, esposa de um doente confiado aos cuidados profissionaes do Dr. Marcondes, calida formosura ainda joven, pela qual o medico se embeicou perdidamente, num "coup de foudre" temporão e unilateral. Pois esta senhora Clelia, apparentemente tão pura e tão nobre até metade do livro, revelou-se a paginas tantas uma simples doidivana que se entrega ao primeiro latagão desabusado. Esta

revelação define a moral da gente graúda que se agita no romance. Quando o Dr. Marcondes fez a tremenda descoberta — pensam que sentiu dentro de si o baque da illusão amorosa, que erigira como altar para sobre elle collocar o objecto de sua paixão? Qual nada. Sentiu apenas que era um trouxa por não ter antes do outro avançado na presa cobiçada. Gostei muito também deste pormenor saboroso: o retrato de Mussolini no quarto de Sartori, o italiano em cujos braços sportivos a senhora Clelia buscava mais fortes prazeres que os do lar. Sartori, por isso mesmo que bom fascista, era naturalmente um bravo defensor da sagrada instituição da família. E o Dr. Braga, tio de Clelia? Politico influente em São Paulo, deputado federal. O que se sabe d'elle, através do livro, é que, ademais das infundáveis confabulações e conluios com os seus pares da politicalha, só se preocupa com o mulherio venal que borboleteia pelos antros do amor tarifado. Mas logo se adivinha que elle é no Parlamento uma das vozes mais poderosas no combate á depravação moscovita — precisamente como paladino da família, base da sociedade... Seu nome figuraria por certo entre os mais ardorosos propugnadores da lei scelerada de 1927.

Vertigem se passa no Rio de Janeiro e todo o ambiente do romance é bem carioca. Mas a psychologia da pequena humanidade que alli se move é universal, visível em qualquer latitude. Porque é uma psychologia de classe, psychologia da gente burgueza de qualquer paiz. Mudados os nomes dos personagens e feitas algumas adaptações de paisagem e de outros detalhes secundarios, a acção do romance poderia desenvolver-se em qualquer grande cidade do mundo. Uma contraprova: ella seria inverosimil na URSS, isto é, no unico paiz do mundo onde não domina a burguezia. O que ainda mais valoriza *Vertigem* como optimo espelho da família burgueza contemporanea.

ASTROGILDO PEREIRA

José Maria Bello — *Intelligencia do Brasil* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Tendo estreado, em 1917, com uma vigorosa série de estudos criticos, o sr. José Maria Bello mostrou desde logo a sua preocupação de só se alhear ás figuras de real preeminencia no pensamento nacional. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Ruy Barbosa absorviam-lhe o melhor das cogitações e das pesquisas á hora de bem classificar os valores de um dos periodos mais intensos da ficção e da erudição nacionaes. Mais tarde, consagrando-se á politica, em que abriu victoriosamente caminho, esse publicista pernambucano distanciou-se um tanto das letras. Sobrevieram, porém, mutações partidarias que o fizeram reingressar no mundo da cultura, e o sr. José Maria Bello, restituído áquillo que é evidentemente a predilecção de seu espirito, volta agora a offerecer-nos ensaios excellentes como os desta *Intelligencia do Brasil*, onde, além de bellos retratos dos quatro grandes brasileiros que o empolgam, ha apontamentos bastante perspicazes sobre o conjuncto da evolução litteraria do Brasil.

"REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETTRAS"

Excellent o numero especial em que um bello nucleo de escriptores amazonenses reúne trabalhos, de character oratorio na maioria, em que se sentem cultura e gosto litterario indiscutíveis. Entre outros, o illustre homem de sciencia Araujo Lima e o fino litterato Péricles Moraes, aquelle autor de um substancioso volume de ethnographia sobre a Amazonia e este de um entusiastico ensaio sobre Coelho Netto, fazem-se ler com o proveito de sempre. Igualmente interessantes uma saudação do sr. Leopoldo Pères ao sr. Nelson de Mello e uma digressão do sr. José Chevalier a proposito de philosophos e especialmente do nosso grande Farias Britto.

Humberto de Campos — *Memorias Inacabadas* — Livraria José Olympio — Rio.

Mais vivo que nunca, vivo na admiração de milhares de leitores, o grande Humberto de Campos continúa a ser, do tumulto, o enriquecedor de muitas sensibilidades, o companheiro intimo de muitos serões domesticos. Este segundo volume das suas recordações, a que o editor José Olympio deu o titulo, a um tempo suggestivo e commovente, de *Memorias Inacabadas*, é a manutenção de Humberto no convívio espirital do Brasil que sonha e pensa. Raros escriptores nossos têm a sua sobrevivencia de tal modo garantida. Humberto só desaparecerá quando se obliterar de todo, nos brasileiros, a faculdade de esperar, de amar as paisagens, de recordar os bellos dias da infancia.

Lobivar Mattos — *Areôtorare* — Irmãos Pongetti — Rio.

E' uma série de poemas boróros e o proprio autor assignala que os escreveu em Matto Grosso, no anno de 1923, quando viera de concluir o curso gymnasial. Trabalhos de character regionalista, primam, de accordo com as intenções de quem os elaborou, pelas notas de simplicidade, de humanidade. Os problemas da alma não são esquecidos e também se reflectem no volume os lindos aspectos da natureza mattogrossense.

O LIVRO BRASILEIRO NA ARGENTINA E EM PORTUGAL

Procurando diffundir o mais possivel, no exterior, o livro nacional, a Ariel Editora Limitada vem mantendo regular serviço de distribuição de suas edições e do BOLETIM DE ARIEL para duas livrarias de Portugal e da Argentina: a Libreria Jacob Peuser (Cangallo e San Martin), em Buenos Aires, e a Livraria Lello & Irmão (Rua do Carmo 80), Lisboa. A alludida casa editora pretende ainda collocar suas edições em livrarias de Paris e de Nova York, já tendo para esse fim iniciado correspondencia commercial.

Bibliotheca Brasileira de Cultura

dirigida por

TRISTÃO DE ATHAYDE

ALCEU AMOROSO LIMA

(Tristão de Athayde)

- I — Introdução á Economia Moderna, 2.^a edição, Br. 10\$000
- II — Estudos, Segunda Série, 2.^a edição, Br. 8\$000
- III — Estudos, Quinta Série, Br. 8\$000
- V — Affonso Arinos 3\$000

MONSENHOR PEDRO ANISIO

- IV — Tratado de Pedagogia (Para as Escolas Normaes), 2.^a edição, Br. 10\$000

PADRE LEONEL DA FRANCA

- VI — Psychologia da Fé, 2.^a edição, Br. 8\$000

JORGE DE LIMA

- VII — Anchieta, Br. 6\$000

EVERARDO BACKHEUSER

- VIII — Technica da Pedagogia Moderna — Theoria e pratica da Escola Nova, Br. 10\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

— Rio de Janeiro —

NOTA SOBRE "O NEGRO BRASILEIRO"

O sr. Arthur Ramos acaba de reunir em volume as suas observações geraes sobre *O negro brasileiro*. À parte o livro incompleto de Nina Rodrigues (*Os africanos no Brasil*), não conheço, sobre o assumpto, livro mais sério, nem que mereça, como este, os mais rasgados elogios. De facto, o livro do sr. Arthur Ramos representa um esforço honesto e intelligente para a comprehensão da psychê do irmão negro, esforço que teve de se chocar com a falta de estatísticas, com as observações incompletas, e mesmo falsas, dos pesquisadores que precederam, vencendo uma série de difficuldades que teriam arrefecido os maiores enthusiasmos.

Dahi, naturalmente, algumas falhas, que vou tentar pôr nos eixos.

Antes de tudo, vamos fazer algumas correções orthographicas, desde que é o proprio sr. Arthur Ramos quem fala em *uniformizar* a graphia das palavra aqui introduzidas pelos africanos.

O autor escreve *Oxun-manré* e ainda *Oxumaré*, o arco-iris. Em nagô, o arco-iris se chama Oxumaré. O *x*, aqui, substitue o segundo *s* yôrubá, que vale *ch*. Para approximar, da pronuncia nasalada dos negros, a graphia da palavra, tenho escripto Oxunmarê (embora contrarie aquella velha regra que manda escrever *m*, e não *n*, antes de *b*, *p*, *m*). Esta graphia me parece a melhor. Com este nome existe, na Matta Escura, na Bahia, um candomblé de influencia gêge. O sr. Arthur Ramos escreve tambem *yauô*, que não me parece bem. Em nagô, ha um *w* (correspondente ao *w* inglez, valendo *u*, e fazendo syllaba) no lugar do *u* da palavra. Este *w* me parece, no caso, insubstituivel. Devo notar, aliás, apenas como curiosidade, que esta palavra significa, ao mesmo tempo, noiva e esposa, embora, nos candomblés da Bahia seja empregada no sentido de noviça.

Nunca ouvi ninguem chamar, ao chocalho de Xangô, *chequerê*, e sim *xéréré*. Tambem não vejo razão para se dizer *yorubano* em vez de yôrubá, que é o nome official da nação nagô, e vale como substantivo e como adjectivo.

Em nagô, tambem, as palavras não soffrem modificação alguma passando para o plural. As syllabas *todas* são accentuadas. Ora, o livro do sr. Arthur Ramos não está absolutamente dentro dessas exigencias... A lingua nagô existe, com todos os direitos á vida, e temos o dever de respeitá-la (1).

Um conselho a todos os que se dedicam a estes assumptos. Não se deve confiar muito no nagô d'*Os africanos no Brasil*, lingua que o sr. Homero Pires se encarregou de corromper miseravelmente. Nina Rodrigues *sabia* nagô, mas o tremendo sr. Homero Pires não se lembrou de chamar alguem que conhecesse essa lingua para o ajudar a recompôr o livro...

Vamos adeante.

Não me parece que *Olôxun*, nome que o sr. Ar-

thur Ramos ouviu dar-se, na Bahia, á mãe-dagua, venha de Olôkun, deus do mar, e o de Olôxá, deusa das aguas. Em outro lugar (2), tentei approximar Olôkun de Ôxun, de modo a dar Olôxun. Ninguem conhece, por aqui, Olôxá. Nem mesmo no tempo de Nina Rodrigues. Por que extranhos processos essa Ôrixá viria apparecer agora?

O sr. Arthur Ramos fala, muito apressadamente, em Dôú e Alabá, ôrixás encontrados por João do Rio nas macumbas cariocas. Entretanto, esses possiveis ôrixás me parecem de alguma importancia, principalmente porque se prendem ao culto dos gemeos (Cosme e Damião, Ibêji). O parto duplo, facto muito corriqueiro entre os nagôs, se chamava, e se chama ainda, Dois-Dois, coisa que o sr. Arthur Ramos sabe. No caso de o parto ser triplo, o terceiro filho seria Dôú, coisa que tambem aconteceria no caso de o parto subsequente ser unico. Alabá, que o sr. Arthur Ramos tentou identificar com Êlêgbará, é a creança que vem depois de Dôú, num ou noutro caso. Não comprehendo como o sr. Arthur Ramos não tenha sabido disso, tendo morado por tanto tempo na Bahia.

O sr. Arthur Ramos tem razão quando, falando sobre o *envultamento* como pratica generalizada entre os negros, diz que elles chegam ao extremo de enterrar a imagem. Só não concordo com o termo *extremo*. Num romance inédito, conto qualquer coisa de mais tragico: "Lembro-me de duas noticias lidas pela velha no jornal... Da outra vez, fôra o guarda do cemiterio das Quintas que pegara uma negra, ás seis horas, pulando o muro e enterrando qualquer coisa numa cova raza. O guarda fel-a retroceder e retirar o extranho presente. Era uma caixa de sapatos, com uma boneca de panno preto picada de alfinetes em todos os pontos do corpo. A mulher fôra presa. O jornal trazia o nome da defunta, menina de quatorze annos, enterrada havia pouco". O desejo de tortura, neste caso, não se estende ao morto, que serve aqui de intermediario, para *chamar* a pessoa visada.

No tocante á religião gêge-nagô, encontro algumas pequenas deficiencias e alguns pequenos senões.

Falando sobre Ôxalá, o sr. Arthur Ramos está certo em negar razão a Manuel Querino, que faz derivar a palavra de Och-Allah, mas, ao mesmo tempo, o sr. Arthur Ramos esqueceu que Ôxalá se divide em velho e moço, Ôxédiyan e Ôxólufan, e nunca apparece como Ôxalá mesmo, isto é, fôra destas duas modalidades. Outro caso parecido, o de Xampanan, que se biparte em Omolú (São Lazaro) e Obaluayê (São Roque), não foi lembrado pelo autor. Tambem, o sr. Arthur Ramos se esqueceu de que, pelo menos na Bahia, já nenhum negro diz correctamente Anamburucú, e sim Namburucú, ou, mais simplesmente, Nanan. O que, porém, me parece inconcebivel, no sr. Arthur Ramos, é equiparar Yêmanjá á Senhora do Rosa-

rio e Ôxun á da Conceição, o que, si estava certo no tempo de Manuel Querino (que parece ser a fonte desta affirmativa do autor), já não exprime a realidade hoje. Yêmanjá vale como a Senhora da Piedade e Ôxun como a das Candeias. Já fiz notar que a unica explicação razoavel para esse facto (excluindo a hypothese de erro por parte de Manuel Querino) é serem estas duas ultimas Senhoras de maior devoção entre o povo da Bahia. "Vale a pena attentar no facto de terem os negros *dividido* em duas a Virgem-Maria, divinda-de unica" (3).

A liturgia tambem não está *toda* no livro do sr. Arthur Ramos.

O autor esqueceu de relatar a cerimonia de *dar o nome* (embora reproduza, cem paginas adeante, um trecho de João do Rio sobre o assumpto), como não explicou sufficientemente o modo por que se faz a *compra*, deixando na sombra aspectos interessantissimos (a quitanda das yawô, por exemplo). O sr. Arthur Ramos falou nos *ógans*, socios do candomblé, mas não diz que as mulheres tambem podem ser socias e se chamam, neste caso, *ékédi*. Outra coisa que escapou ao sr. Arthur Ramos, o nome que se dá á *comida* do santo (*ômalá*). Enumerando os nomes por que são conhecidos, no Brasil, os paes-de-santo, o sr. Arthur Ramos esqueceu o de *babalôrixá*, que têm no Recife, e que é, litteralmente, a mesma coisa. O sr. Arthur Ramos tambem não fala na exclamação *ôké*, com a qual, nos candomblés da Bahia, se anima e se reverencia o santo, nem faz nenhuma referencia ao grande papel exercido pelo *ôbi* e pelo *ôrôbô* nos despachos e nas adivinhações em geral.

Ha, no livro, varias notas esparsas sobre o folklore negro. Entretanto, não sei porque o sr. Arthur Ramos não identificou como de origem, ou, pelo menos de forte influencia negra, o samba, (dansa) e a capoeira (lucta), nem porque não diz uma palavra sobre o batuque (lucta), todos existentes na Bahia.

Apenas como curiosidade, farei notar que o sr. Arthur Ramos dá como de Ômolú, nos candomblés de cabôclo, um cantico que, um tanto modificado e resumido, ouvi como canção de capoeira numa Segunda-feira do Bomfim:

Cobra mordeu São Bento,
— Caetano!

Cobra mordeu São Bento,
— Caetano!,

coisa que tambem acontece com o cantico do Velho Lourenço, que tem, na Bahia, uma variante conhecida como estribilho de capoeira:

Zum-zum-zum,
capoeira mata um!

Uma pergunta a mais. O duende do ria São Francisco se chama *negrinho* ou *cabôclo daqua*?

Tambem não vou com a psychanalyse, methodo empregado pelo sr. Arthur Ramos para a explicação das religiões negro-fetichistas do Brasil.

Não nego o grande, o enorme valor da psychanalyse para o estudo dos phenomenos psychologicos individuaes, mas, no terreno social, — exactamente porque, aqui, o homem não entra *totalmente*, nem vale como individuo, — a psychanalyse me parece apenas uma theoria engenhosa, que não resiste á critica. A interpretação dos factos sociaes exige outros methodos. Não servia, para o caso dos negros brasileiros, a escola anthropologica de Nina Rodrigues, como tambem não serve a psychanalyse de mestre Freud, mesmo através de um discipulo como o sr. Arthur Ramos. Sómente a concepção materialista da Historia pôde resolver, de uma vez por todas, a questão. Ainda outro dia, *Rumo*, revista de Carlos Lacerda, publicava uma nota interessante, onde se dizia que Freud e Marx eram os dois termos de uma fracção ordinaria, sendo que Marx bancava o denominador. A consequencia (a psychê individual) não pôde explicar a consequencia (a religião, a super-estrutura ideologica). Sómente o estudo das transformações economicas a que a raça negra se submetteu e se submette ainda, no habitat originario e no Brasil, junto ao estudo das relações entre o homem negro e o meio natural e social, com todos os altos e baixos das acções reciprocas, pôde levar á interpretação exacta das concepções religiosas dos negros. A psychanalyse, aqui, nada tem a fazer, — a não ser bancar a intrusa, que "não entra nem sae"...

Afóra esses pequenos deslises, não vejo razão para não se louvar o livro do sr. Arthur Ramos, pelo menos as 198 paginas iniciaes (as outras são a exegese psychanalytica, naturalmente falha). Pelo contrario, este livro me parece dos mais sérios e dos mais honestos que se têm escripto por aqui, livro capaz de figurar, sem desdouro, ao lado de *Os africanos no Brasil*, *Casa-Grande & Senzala*, *Evolução Política do Brasil* e dois ou tres livros mais.

Um livro excellente, que faz a gente acreditar no Brasil...

EDISON CARNEIRO

(1) — Para a graphia de algumas destas palavras, vêr o *Guide pratique de conversation en français, anglais et yoruba ou nago, langue la plus répandue sur la côte occidentale d'Afrique*, par C. B. & L. B., de la Société des Missions Africaines de Lyon. — F. X. Roux & Cte., Impr. de l'Évêché, Strasbourg, 1908.

(2) — Edison Carneiro, *Xangô*, trabalho apresentado ao Congresso Afro-Brasileiro do Recife, 1934.

(3) — Edison Carneiro, *Xangô*.

LEIAM

SEGREDO

LIVRO DE CONTOS DE

ALUIZIO NAPOLEÃO

Com illustrações de Santa Rosa

PREÇO: 5\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Francis Hackett — "HENRY THE EIGHTH"

Desde que Maurois publicou *Ariel ou la vie de Shelley* a leitura de biographias tem se popularizado cada vez mais. Em proporção igual tem augmentado a produção desses livros, que vão tomando uma feição cada vez mais intima, mais humana.

Assim os autores contemporaneos se esforçam sobremaneira em retratar a personalidade dos personagens historicos do que os factos das suas vidas. Decorrem dahi, naturalmente, obras de valor muito dissemelhante quanto á sua veracidade, pois, se alguns cuidadosamente estudam todos os documentos relativos ao seu heróe, outros deixam correr a phantasia e escrevem verdadeiros romances que não são o producto de sua intuição artistica.

E' evidente que a maneira de julgar esses trabalhos dependerá sobretudo do ponto de vista sob o qual os consideremos, porque muitas vezes os mais precisos são os menos bem escriptos, tendo portanto pouco valor litterario e grande valor historico, emquanto outras vezes, apesar de admiravelmente escriptos são tão vagos e mal documentados que, embora de alto valor litterario, representam desprezível significação historica.

De Francis Hackett temos agora *Henry the Eighth* que, como trabalho de compilação e estudo, é dos mais conscienciosos. Livro em que encontramos frequentemente dialogos, assevera o autor que estes são todos transcriptos de cartas e documentos da época. Mas Hackett se apresenta como um psycho-historiador, e como tal procura interpretar os estados d'alma que determinaram os actos e as palavras de Henrique VIII. Com este fito procura collocar-se na mentalidade da época.

Começa estudando a situação politica da Europa, a da Inglaterra em face desta Europa, e a do seu rei perante o povo. Conclue então que Henrique VIII era um arrivista que se esforçou toda a vida para convencer a si proprio e ao povo do seu direito divino, e para impôr a Inglaterra

á Europa como uma potencia de primeira classe. Realmente a sua situação era difficil. Herdeiro de um throno pouco firme, pois o paiz se resentia ainda da Guerra das Rosas, o seu primeiro cuidado foi consolidar a propria posição, já pelo matrimonio que lhe garantia um herdeiro ao throno além de allianças valiosas, já combatendo por meios de legalidade arbitraria o poder dos grandes da sua côrte e da Igreja. Quanto á situação internacional, parecia á primeira vista impossivel impôr a Inglaterra, com seus tres milhões de habitantes relativamente barbaros e sempre ameaçada por uma Escossia inimiga, a uma Europa onde Carlos V e Francisco I governavam povos maiores, mais ricos e mais civilizados.

No emtanto foi o que conseguiu, explorando habilmente a inimizade dos dois grandes reis continentaes, corrompendo, mentindo e guerreando com successo em occasiões opportunas. Da sua briga com o Papa, que por motivos politicos lhe recusara o divorcio de Catharina de Aragão, resultou o fundar a Igreja da Inglaterra, independente de Roma e tendo como chefe supremo o rei. Esta medida que facilitou os seus divorcios, tambem muito o enriqueceu, desviando para os cofres reaes as rendas fabulosas da Igreja; augmentou além disso o proprio poder, collocando-se como chefe unico do judiciario, pois naquella época as leis da Igreja eram tão valiosas quanto as do Estado.

Assim Hackett demonstra que Henrique VIII foi um grande rei, sem por isso aventurar-se a dizer que foi um bom rei. Essencialmente egoista, megalomaniaco, susceptivel a qualquer commentario, elle foi cruel, violento, absurdo, mas consolidou extraordinariamente o throno e fez da Inglaterra uma potencia de influencia no continente.

No emtanto Henrique VIII deve a sua celebridade mais ás suas aventuras conjugaes do que aos actos administrativos do seu governo.

E', pois, evidente, que Hackett tenha se preocupado tambem com esta parte da sua vida. Ahi elle vê em Henrique VIII um homem de appetites robustos complicados por uma consciencia hypocrita, cujos menores desejos eram logo insuflados por interesses para fins politicos.

Explorando a sua enorme vaidade de todo poderoso, havia sempre algum partido ambicioso que tinha interesse em ver trocar a esposa do rei por alguma que lhe fosse mais amiga. Assim, sem querer innocentar o rei da responsabilidade dos seus actos, Hackett mostra que elle sempre encontrou em volta de si uma maioria de cortezaes obsequiosos que, adulando-lhe o gosto, o auxiliava a calar a consciencia e a convencer-se de que agia baseado em razões de Estado.

Certamente instructivo e bem documentado, este livro de Hackett é de leitura difficil, porquanto ao seu estylo falta limpidez e ao seu methodo clareza.

JACK SAMPAIO

Souza Barros — A Comarca de São Francisco — Recife.

Contribuição que talvez concorra para solucionar condignamente uma velha pendencia de limites que quasi lançou irremediavel discordia entre populações que tudo destina a um amistosso convívio humano. Pertencendo á Directoria de Estatistica do Estado de Pernambuco, o sr. Souza Barros, que, consoante uma definição de Jean Brunhes, bem conhece a intima connexão dos factos humanos com que os phenomenos naturaes, procura estudar a questão que o apaixona através dos elementos de anthropogeographia tão preconizados pelos homens de sciencia do nosso tempo.

S. Fridman — Problemas de Pedagogia Marxista — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Em traducção da sra. Violeta Sandra, temos aqui um resumo, bastante instructivo, do que a pedagogia marxista pôde realizar como disciplina scientifica. Trata-se de obra de indiscutivel elevação, ás vezes mesmo um tanto complexa para os propositos divulgadores que a inspiraram. Quem redigiu essas paginas é forte em assumptos educacionais, conhecendo-lhes rigorosamente a tecnologia. Digno de especial attenção é o que se diz do objectivo investigador da sciencia moderna, tão prezada de Carlos Marx, que não acreditava senão naquillo que uma verdade palpavel referendasse.

LETRAS FRANCEZAS

Maskerade

— Duo é mais um livro de Colette, a antiga mulher de Willy e autora quasi integral de muitos romances que este estampou sem lhe publicar o nome nem mesmo como collaboradora. Colette, grande inventora de imagens, é entusiasta da vida dos bichos e já recolheu, em dialogos inolvidaveis, o que dizem os cães e os gatos na fraternal camaradagem domestica a que ella os obrigou. Segundo Colette confidenciou a um dos seus entrevistadores, seu livro mais verídico é *La Maison de Claudine*, aquelle em que existe menos transposição do real para o imaginario. O pae da escriptora era capitão de zuavos e lutou na Criméa e na Italia, sendo abundantemente condecorado. Tambem escrevia e deixou um livro de versos. Livro de que ella fala apenas de passagem, sem consumir tantos adjectivos quanto ao referir-se, por exemplo, aos romances de Marcel Proust, que conheceu na casa de Mme. Arman de Caillavet e lhe deixou uma impressão inextinguivel.

— René Doumic contou, num artigo da *Revista dos Dois Mundos*, a maneira por que conheceu François de Curel. No tempo, era ainda este um vago gentilhomen do campo, grande caçador em suas propriedades privadas e autor de dois mediocres romances que os editores recusavam irreductivelmente. O contacto com Doumic não lhe foi de todo inutil, e os applausos de um critico que já então pontificava nos jornaes incitaram-no a procurar o actor e empresário Antoine, que começava a aturdir os macrobios da arte com as aventuras do seu Theatro Livre. Antoine foi logo representando varias peças dramaticas de François de Curel, com um rumor que aproveitou ao successo de ambos. e de Curel acabou, como quasi sempre acontece com os revolucionarios das letras, na Academia Franceza, enquanto Antoine, como tambem acontece com os renovadores da scena, foi dirigir um estabelecimento theatral subvencionado pelo governo.

— Robert Valéry-Radot apresenta-nos uma historia da maçonaria, fazendo em conjuncto o que até agora só se havia feito de modo fragmentario. São revelações e surpresas impressionantes, mostrando-se que tanto a victoria de Valmy como a tomada da Bastilha não passaram de grandes mystificações maçonicas. Embora os partidarios da seita possam fazer restricções sobre o livro, a verdade é que este arrola documentos de fonte segura ao declarar que os enredos da mais diffundida das sociedades secretas bastante concorreram para provocar complicações diplomaticas e militares em toda a Europa, durante longos seculos. Acrescente-se que o volume, apesar da sisudez do thema, nada possui de empertigado e solemne e é mesmo por vezes de uma vivacidade de ironia que chega a ser alacridade pamphletaria.

“Você me conhece?”

Era o que mentalmente estavamos ouvindo, ao percorrermos, num dos dias deste ultimo carnaval, as paginas minguadas de *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*. E viamos então, ainda mentalmente, o autor de *O Anjo* e de *Nêga Fulô* mascarado de anthropologista allemão, empoado e “oxygéné”, fazendo jús assim, mais uma vez, a que se exclame, no frontispicio de um livro: *Esse Jorge de Lima!*

Pois não é que esse sr. dr. Jorge de Lima, poeta e romancista, repete nesse livrinho, exactamente, o que sustentou o sr. Oliveira Vianna em sua *Evolução do Povo Brasileiro*?

Os primeiros povoadores portuguezes do Brasil procediam do Minho, do Douro, das duas Beiras, de Traz-os-Montes e é sabido que essa gente tinha sangue germanico, era loura e de elevada estatura; a immigração branca tem sido até hoje continua e o cruzamento desses immigrants com os nossos negros e mestiços vem produzindo a diminuição lenta, mas progressiva, dos elementos inferiores; a arianização da nossa gente é, pois, um facto e esse facto deve inspirar-nos uma politica racial tendente a accelerar o mais possivel nossa arianização.

Eis ahi o que escreveu, faz uma duzia de annos, o sr. Oliveira Vianna e o que agora escreve o sr. Jorge de Lima. E se a critica já mostrou que o primeiro estava errado, será preciso mostrar que o está tambem o segundo? Evidentemente, não. O que é preciso é assignalar que, segundo nos informa no prefacio o sr. Hans Bayer, o trabalho foi escripto em allemão pelo proprio autor, o que, sem ser um caso virgem, é notavel... O que é necessario é observar que, enquanto o sr. Oliveira Vianna costuma citar as fontes em que se abebera, o sr. Jorge de Lima fala, a certa altura, em “*unsere These*” e sómente no fim, como para tornar o livro maiorzinho, é que menciona o nome do sr. Vianna e traduz um trecho da *Evolução*. O que é imperioso é perguntar se era mesmo no navio ou seria, antes, no proprio sangue, que os primeiros portuguezes que vieram para o Brasil já traziam consigo numerosos elementos africanos (p. 25). O que é indispensavel não é notar que o sr. Jorge de Lima acredita ainda, entre muitas outras coisas inacreditaveis, na existencia de raças superiores e inferiores, nem referir que elle vê no processo de arianização pelo alcool, pelo chicote e pela má nutrição, empregado pelos taes “arianos” (p. 35), uma “*Veredelung des brasilianischen Blutes*” (p. 30) e considera as victimas um “*minderwertiges Element*” (*passim*), mas estranhar que justamente elle, Jorge de Lima, julgue da superioridade ou inferioridade das raças pelo pigmento...

Em um livro interessantissimo sobre *L'Athéisme*, mostra-nos Le Dantec que o atheu convicto, o verdadeiro atheu tem logicamente, coherentemente, fatalmente que se suicidar. Não estarão, porventura, no mesmo caso certos arianistas?

Decididamente, não é como anthropologista, não é escrevendo folhetinhos dessa especie, nem mesmo usando o processo polyglottico do “beba mais leite”, que o autor de *O Anjo* terá o seu logar na “*Weltliteratur*”.

E apesar de recommendado, como certos productos pharmaceuticos, por Bayer, o trabalho do sr. Jorge de Lima não tem, sequer, a virtude de curar-nos do enjôo que nos causou a propria leitura delle. Enjôo que ainda não passou. Se lessemos outra vez *Nêga Fulô*?

V. DE MIRANDA REIS

O QUE ERA O CAPITÃO DE CAMPO

O contrario do indio andejo e gostando mais da pecuaria, o negro escravo tinha uma actividade quasi diuturna, levando a existencia toda vergada sobre o cabo da enxada, dedicado ás fadigas da agricultura. Se não fossem as asperezas de um tratamento, felizmente não generalizado e, com certeza, jámais deixaria o aconchego mórno das senzalas. O vavavú das cozinhas. O movimento incessante da casa grande. Passaria alli o resto da vida com a alegria dentro dalma e um pouco de orgulho dentro da humanidade ao receber ordens directas do senhor todo poderoso. Porém nem sempre a existencia correria serenamente. O desgosto de apanhar sem razão plausivel, por obra e graça de um feitor rancoroso ou, então, os dissabores advindos das competições do sexo, eis as razões principaes do suicidio ou da evasão. Os mysticos procuravam a morte com as proprias mãos. Aquelles mais afoitos e de espirito aventureiro se abalançavam aos rigores da incerteza: viajantes sem rumo, em qualquer canto estariam bem. O capitão de campo fez-se nesse meio de aguda pressão. Geralmente era um typo possante. Homem corpulento que se encarregava de caçar escravo fugido. Seu todo revelava a deshumanidade com que agia na captura dos parias, chegando a anthenfical-os com o auxilio da memoria. Sem duvida que o capitão de campo é a figura mais interessante creada pelo regimen da escravatura no Brasil e, particularmente, no Nordeste, porque tudo indica ser uma como especie de cangaceiro, obra regional, sem pontos de contacto com os brigões de outras partes, differentes no trajar, mas bem eguaes nos sentimentos inferiores.

Com o seu grande chapelão, feições de cabra mal encarado, o capitão de campo chegava no terreiro da casa de engenho á procura do senhor e, tal como fazem hoje os compradores de garrafas vazias, gritava a bons pulmões: "tem escravo fugido pra procurar?" Em caso affirmativo recebia todos os signaes do evadido. Não tomava, nota, por ser analphabeto, porém, guardava tudo, sem nada esquecer e, já conversado, sahia para bater á porta de outros engenhos. Montava o seu cavallo e, levando ao lado um facão e uma garrucha, seguia para logares de seu conhecimento, onde presumiu "achar serviço". Henri Koster andou pelas terras do Nordeste e deu o desenho do capitão de campo em colorido. Effectivamente, o caçador de escravo montava a cavallo para realizar o seu trabalho, trazendo uma espingarda a tiracollo, além do negro á frente, andando a pé. Mas não era habito commum. Variava. Assim é que temos conhecimento, por informações de venerandos amigos, na parte que diz respeito á conducção de negro fugido; este quasi sempre era transportado em burro vagaroso que ia de parrelha com o seu guarda. Ou senão no calcante com as unhas deformadas, topando nas pedras do caminho. Havia outra fórmula mais rude de viajar com o prisioneiro. Ouvimos de Gentil Lins que no en-

genho de seu pae, na Maravalha, certa vez chegou um capitão de campo conduzindo o escravo fugido, de nome Manoel Francisco. Vinha de Pernambuco e destinava-se a um senhor da Varzea. O negro estava dentro de um caçoá e, no outro, se achava a grossa corrente que lhe prendia as pernas e braços, fazendo, assim, equilibrio no dôrso do animal. O velho Jôca da Maravalha condeu-se da sorte do captivo. Deante de sua energia, o capitão de campo afracou e, obedecendo ás determinações desse bom senhor, deu liberdade á presa. Foi preciso que a corrente se cortasse a cinzel. O negro Manoel Francisco, todo inchado e moido, ficou por acolá de doente, varios dias, estendido no chão. O capitão de campo não perdeu vaza e tratou de receber o quinhão em paga de seu gesto forçado. Apresentava ares de arrogancia perante os inferiores, porém, muito submisso quando em frente do maioral, que não lhe dava a menor confiança, só fazia ordenar e tratá-lo de resto.

Depois de pôr o negro em liberdade, o seu bemfeitor escrevia a chamada "carta de padrinho", então muito em voga. Feliz era o africano fugido quando tinha por si o amparo dessa carta, que de ordinario começava assim: "Compadre, releve desta vez o castigo, etc." Estava salvo aquelle que lograsse uma tal providencia. E' conhecido o adagio de que "felizardo do captivo fugido que contasse com a carta de padrinho". O capitão de campo saltava de contente se a sua presa obtinha os favores de apadrinhamento das relações do dono do escravo evadido e agora achado. Isto porque recebia gorgêta de ambos os lados pelo serviço prestado na faina de policia amator. Cabra ganancioso, sangue máo — tinha muito de cangaceiro. Na sua fala, o presidente Araujo Lima registrou, que, no dia 16 do mez de março de 1861, "o escravo Gabriel assassinou no termo do Pilar a Manoel Felix Bezerra e feriu gravemente a Vicente Ferreira de Lima, que pretendiam amarrá-lo ao seu senhor". Para attingir o limite de tamanha ferocidade era imprescindivel que o negro perseguido viesse com um saldo formidavel de soffrimentos e desesperos.

Agia o capitão de campo conforme os costumes da casa grande. Se conseguia uma dormida, muito que bem; se não conseguia, "adeus, até amanhã, se Deus quizer", como na canção carnavalesca. Aventureiro completo, tocando quasi ás raias do sublime. Amava certamente a profissão que lhe rendia o meio de subsistencia. Descançava a cabeça pelas moitas de matto com o fim de pôr sentido nos passos de lâ entre folhas murchas. Tinha somno leve, mal dormia e, deste modo, era preciso: tão aspera a vida que levava. Acontecia conhecer algum negro nos engenhos que visitava, em razão de seu officio, perguntando logo por elle, quando não o via em derredor. "Fulano, aonde está?" Foi fazer isso, foi fazer aquillo, era a resposta. A's vezes, porém, lhe chegava aos ouvidos a informação: "foi tirar cipó por conta

propria". Fugiu, eis o que significava a expressão "tirar cipó". E com estas palavras vinham estas outras: "foi descansar, metteu-se no matto." Alguns desses negros fugidos iam dormir e comer nas fazendas vizinhas. As suas amazias sempre alimentavam do melhor prato que lhes cabia na senzala áquelles que tinham ido tirar cipó. Mesmo que fosse de suas relações de amizade, o capitão de campo punha o dever acima de tudo, isto é a sua subsistencia, a renda para o seu viver de soldado montado. E, sem mais preambulos, olho fito no ganho, damnava-se atraz do evadido. Só descansava quando o tinha pelos cós da calça.

Nessa vida de judeu errante, o capitão de campo era judeu mesmo no negocio, pois ganhava de todos os lados e, ainda por cima, ajuntava o indispensavel para garantir alguma doença. Tinha as suas amantes espalhadas por todo canto. Os presentes choviam ás escondidas. Além de perseguir os negros, ainda lhes perseguia as mulheres de peitos pulados. Estas corriam para saber noticia do amante evadido sempre que avistavam a figura arrogante do capitão de campo. Obtinham informações imprecisas e nesse contacto ligeiro ficava a marca de uma promessa a realizar-se em futuro proximo. Cediam aos desejos do "policia" na esperança de que este se interessasse mais pela captura dos seus maridos e amantes. Forneciam tambem dinheiro, que, muitas vezes, era roubado dos cofres das sinhásinhas com o auxilio de dormideiras, provenientes dos cafunés nas primeiras horas mórns da tarde. E se as negras saudosas nada tinham de atracção sexual podia ter-se a certeza de que os seus homens que andavam no mundo seriam mais hoje ou mais amanhã agarrados. Neste caso imperava a força do negocio; era o dinheiro. Occorrendo, entretanto, o contrario ou, melhor, se as africanas eram donas de fórmãs arredondadas, podiam rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria pela alma do seu apaixonado, pois que elle jámais reapareceria. Emquanto isto, o capitão de campo ia gozando os favores da senzala por conta do "contracto", succedendo que acabava o caçador preenchendo o lugar antes vago pela deserção de antigos amores. Tambem acontecia que, quando menos se esperava, lá uma noite surgia o Othello retardatario, disposto á vingança. As tragedias eram frequentes. O sexo trahido fazia com que a cadeia estivesse sempre repleta de condemnados por homicidios.

Nas fazendas os senhores como que mantinham uma caixa para o pagamento de serviços prestados pelo capitão de campo e outras despesas mais ou menos semelhantes. Não havia ordem nessas coisas nem muito menos nas outras. Tudo marchava ao léo dos acontecimentos. Mas nessa desordem se realizava o destino completo dos negocios, pois o equilibrio era completo: a planta, a limpa, a colheita, as obrigações financeiras, a vida da familia na casa grande, a senzala, tudo obedecia a uma disciplina natural. Quebrava-se o rythmo quando acontecia, por exemplo, fugir um escravo, mesmo dos ruins, tanto cavaco dava o senhor no empenho de recuperá-lo fosse

por que meio fosse. Se no momento ou nos dias seguintes não apparecia noticia do evadido começava então a circular entre os engenhos o bilhete do proprietario indagando de algum capitão de campo para ser occupado nos seus serviços profissionais. Na sua actividade, o caçador de escravo não perdia tempo, nem logar para escavar, com tanto que descobrisse o paradeiro da victima. Por ocasião da guerra do Paraguay muitos desses capitães foram á capital no intuito de olhar os recrutados pelas forças de linha. Queriam surprehender aquelles que procuravam com tanto interesse. Nos recrutamentos que se fizeram, os negros perseguidos aproveitaram a hora para sahir de seus enconderijos, satisfeitos de enfrentar as incertezas da lucta, mesmo que fosse para morrer longe das senzalas, cuja significação economica e sentimental era a razão de ser da existencia que levavam. Deuse na Provincia o estouro de varias rebeldias. Nesses movimentos revolucionarios do primeiro quartel do seculo XIX o escravo fugido tomou parte. E o capitão de campo se infiltrava tambem nas columnas de combate á procura de sua presa. Muitos foram os que deixaram a peleja, regressando para outras mais crúas, sob as vistas impiedosas do algoz, espigado no cavallo, debaixo do chapéo de vastas abas, a resguardar-se da soalheira do verão. Chegados que fossem, depois de perguntas e reperguntas, sem haver bebido nem comido, cansados dos longos caminhos, os pobres diabos ainda iam directo para o açoitado. Se o senhor recebia a carta de padrinho consequentemente estava suspensa qualquer penalidade. Neste caso vinham as promessas de futuros ajustes de contas, a mão espalmada: "deixa está!" E a ameaça de que podia ser vendido ao rebanho de Ursulino — acceno de perspectivas pavorosas.

ADHEMAR VIDAL

(Trechos de capitulo do *O negro em tres seculos de escravidão na Parahyba*).

— *Vue de la Terre Promise* está longe de importar em decepção para os admiradores de G. Duhamel. E' este um grande viajante e, durante seis mezes do anno, corre o mundo, armazenando impressões, amontoando emoções que depois, sem grande calculo, transportará aos seus livros. E na outra metade do anno detem-se numa linda habitação de Valmondois, onde prepara volumes que costumam impressionar o mundo. Vive elle ahi entre campos cultivados e não desdenha de conversar com lavradores, sem tomar attitudes de castellão pretencioso. Sabe-se que o autor da *Civilisation*, tal qual Jules Romain, é medico e foi como clinico e operador que teve occasião de perscrutar durante a Grande Guerra tantos crimes fraticidas que depois transmudaria em excellente materia impressa. Vizinho do pintor Vlamínck, um dos ousados renovadores da arte moderna, Duhamel vae frequentemente á casa do outro e ahi se reconforta na tenacidade com que Vlamínck refaz cem vezes o desenho e o colorido das suas télas, numa lição de perseverança que Duhamel aproveita para as suas paginas de escriptor. Psychologo, o creador de Saravin acha que os conhecimentos de psychologia são tambem necessarios a um prosador moderno. E' admirador de Zola, ainda que com restricções, por isso que a preocupação de uma falsa sciencia, de um determinismo excessivo, deturpou muitas vezes as observações desse grande movimentador de massas humanas. No entender de Duhamel a documentação muito premeditada é sempre um mal, tirando o espontaneo, o instinctivo tão necessarios á creação artistica. Tambem não vae muito com os autores excessivamente doutrinaes á Mas-sis, proclamando que ficar prisioneiro de um systema é ver apenas um dos hemispherios da vida, ao invés da vida total.

A Maternidade no Homem

Está escripto ha muito tempo que a minoria pensa para a maioria. O conceito goza da gloria de logar-commum, abrange tudo e todos, attingindo o escriptor e o dono de caixa predial. As analogias, de cerebro para cerebro, dentro do ambito universal que essa verdade traça, chegam a adquirir aquella infinita monotonia em que se abastardam todas as analogias aprofundadas, conforme sentiu Goethe, grande entediado do vicio de comparar e victima aborrecida do seu destino de garimpeiro do aphorismo. A copia disfarçada, as imitações de titulo, o apparecimento dos succedaneos, são características communs ás duas especies de vida que absorvem o mundo: pensamento e acção. O espirito de imitação está sempre alerta para abrir uma casa de moveis proximo á casa de moveis que prospera, cuja fundação, por sua vez, já é o decalque de outra, também decalcada, e assim por diante até chegar-se ao primitivo fundador remoto da primeira casa de moveis, bem como o intellectual sem força creadora reflecte as originalidades dos pensadores natos. Em ambas as formas de vida, porém, tanto na que pontificou Dante quanto na que Ford domina, o destino das falsificações se desmoraliza sem demora e uma nova emissão, uma cunhagem menos accessivel, um symbolo fiduciario mais caprichoso, vão affligir os estellionatarios da concepção e da vontade. Nas regiões da idéa como no mundo da acção, essa cathegoria de cavalheiros pouco geradores adopta o processo odioso dos ciganos, que roubam os filhos alheios para maltratar e desfigurar. Sente-se-lhes, comtudo, na campanha do descredito inconsequente e no corpo de quanto concebem, a influencia da actividade viril que se lhes inoculou no ventre.

Iniciemos agora o que nos parece interessante no antiquissimo conceito, sem a velleidade de ineditismo absoluto, uma vez que o pensamento em alvo se ramifica de theoria alheia. Mas até o

sol assimila, absorvendo o mar para dar-lhe uma nova forma, no espaço, fecundando a terra.

Desejamos commentar o odio que os falsos geradores votam aos verdadeiros creadores. apreciando a correlação existente entre esse odio e o já celebrenmente esgottado complexo de Edipo, defrontam-se varias identidades capazes de encorajar uma affirmativa de antemão sabida fundamentalmente antipathica. Lucto contra esta humanidade integra! — rosna comtudo o velho judeu de genio autor da psychologia profunda, forcejando contra a muralha do preconceito, hymen do mundo, e sentindo talvez quanto a verdade é reproba.

Ora, se através do estylo e da idéa a sciencia vareja a vida humana nos seus recessos inconfessaveis, nada mais plausivel de que encontrar, de accordo com os processos de dissecação de Freud, o odio á influencia do pensamento viril ou da acção suprema no odio á paternidade de que se occupa a psychanalise. Os rebentos da maioria dos cerebros (cerebros que são uteros á espera de reproductor), offerecendo semelhanças inconfundivelmente denunciadoras da verdadeira progenitura, transpiram uma especie de aversão respeitosa por seu authentico creador. Os exemplos dessa similitude entre os phenomenos mental e sexual repetem-se diariamente na imprensa, na litteratura, no commercio, na industria, na politica. São innumeraveis os casos em que observamos essas feições psychologicas contradictorias, de repulsa e semelhança, como se fossem repetições da tragedia do filho de Laio, como se fosse um despeito de não poderem ser os maridos de seu cerebro. Não se contam por poucos os casos de um ciume desesperado, que vae ao extremo, nos incapazes, de desejar a morte do rival incommodo, alegrar-se com o desaparecimento, felicitar-se pelo desterro ou rejubilar-se com a viagem do creador importuno que se lhes apossava do cerebro, parallelamente ao que succedeu a Edipo, que matou seu pae e terminou

casando com a mãe. Os homens que não agem por si e os autores sem potencia para deitar com o symbolo, não sendo paes do que geram e sim mães, parece que vivem angustiados pelo mesmo sentimento complexo de posse illicita, de união hybrida, de fusão em si mesmos, de retorno a si mesmos, repellindo e chamando o Laio espiritual ou moral que os domina. Ainda que não cheguem ao extremo tragico da morte, reproduzem, na escala infinita das tonalidades psychologicas, o terrivel sentimento parricida, esbatido e dissimulado na subtilidade dos incontaveis aspectos e dos mil disfarces do recalcamen-

Tudo isto, afinal, pode perfeitamente estar assentado sobre uma base falsa de leiga analyse comparativa. Apenas não se nega que a litteratura é velha mãe martyrisada nesses incestos...

ALDO MORAES

Francez pelo methodo directo — 1.^o anno — Livraria Educadora — Rio.

Um grupo de professores auxiliares do Collegio Pedro II, servidos pelo longo ensino da materia, lança agora este methodo directo para o estudo do primeiro anno de francez. Louvando-se numa decisão do Congresso Internacional de Linguas Vivas de Paris, estão elles certos de que não é mais possivel condemnar esses methodos em nome de uma grammatica anachronica. O que se quer acima de tudo, como bem accentua o illustre educador Carneiro Leão, prefaciador do livro, é "facilitar a aprendizagem dos alumnos". Aproveitar, no caso, as analogias existentes na estrutura das palavras das duas linguas, é acto meritorio, porque importa em impedir um inutil dispendio de attenção por parte dos discentes. Em pedagogia, como em tudo o mais, já se vae caminhando para a extrema simplificação e foi exactamente esse criterio simplificador que conduziu os mestres do Pedro II a elaborarem, com theoria e pratica, este volume que os rapazes acolherão com jubilo.

LEIAM

CIUME

Romance de R. A. Guzman

Tradução de GASTÃO CRULS

3.^a EDIÇÃO

Em todas as Livrarias

A Poesia de Augusto Frederico Schmidt

Ao falar do sr. Augusto Frederico Schmidt, poderia dizer, recorrendo a um velho conceito, que esse poeta constitue um caso á parte na moderna poesia brasileira.

Ahi está um dos traços mais fortes da sua physionomia intellectual, que é o de não se parecer com nenhum dos nossos grandes poetas vivos, nem com nenhum dos nossos grandes poetas novos. Nem com o sr. Manuel Bandeira, nem com o sr. Mario de Andrade, nem com o sr. Raul Bopp, nem com o sr. Murillo Mendes, nem com o sr. Jorge de Lima, nem com o sr. Carlos Drummond de Andrade. Apenas guardará alguma afinidade com as resonancias biblicas do sr. Francisco Karam, explicavel talvez pelo facto de ambos descenderem de velhas raças pertencentes ao mesmo tronco semita, aportadas ao nosso continente.

Entretanto, o que no extranho poeta das *Leviticas* e de *A Hora Espessa*, ao mesmo tempo carnal e mystico, ainda se reveste de certo intellectualismo, de certo refinamento, de certa virtuosidade verbal, apparece no cantor do *Navio Perdido* com uma tal virginalidade de expressão, alliada a tamanha dramaticidade interior, que lembra, precisamente, o mais puro Claudel. O seu biblicismo, a sua religiosidade, a sua humildade evangelica nada têm de estudados, e ha, acima de tudo, uma nota viva de humanidade nos seus poemas, por vezes desalinhavados, de quem não precisa de recorrer a artificios para suggerir emoções. E' a poesia que brota do inconsciente, poesia pura, "poesia bruta", como eu já tentei definir, escrevendo sobre o *Passaro Cégo*.

Mas, possuindo o sr. Augusto Frederico Schmidt, em tão alto gráo, esse poder de transmissão sensorial, será, a rigor, um poeta "novo", na accepção corrente do termo? Haverá nelle, porventura, aquelle "frisson nouveau", que o velho Hugo descobriu em Baudelaire? Acho que não. E não vae nisto, aliás, a menor restricção, pois o considero, sem favor, como uma das figuras mais expressivas da nossa litteratura, em todos os tempos.

Reagindo contra determinados moldes da escripta academica, desprezando a arte pela poesia, o creador do *Passaro Cégo* não é, absolutamente, dos que se deixam absorver pela moda, pelo convencionalmente moderno, resvalando na extravagancia, para fugir á vulgaridade. Pelo contrario, é elle, hoje em dia, um dos rehabilitadores do nosso lyrismo, comprazendo-se, muitas vezes, em motivos archaicos, que sabe resuscitar com um accentuado sabor de actualidade, isso a que se poderia chamar, sem paradoxo, a frescura do passado. A sua Luciana, que tem um nome prosaico de arrumadeira, ou de funcionaria postal, já hoje póde figurar, entre as nossas musas, com o mesmo prestigio da Marilia de Dirceu e de outras amadas celebres. E que dizer da sua paixão pelas raparigas mortas na flôr da idade, as noivas perdidas, que nos faz pensar no melancolico Alphonsus de

Guimaraens e em todos os poetas do amôr e da morte? O que ha, portanto, de mais curioso nesse romantico retardado, que, se não faz versos á lua, ainda tem extases platonicos, á Casemiro de Abreu, é que elle sabe triumphar, admiravelmente, de certos estados passionaes, mantendo-se em perfeito equilibrio entre o sublime e o terra-a-terra, como quem chora discretamente, em missa de setimo dia, abafando os soluços na garganta.

E' esta a impressão que me fica do seu ultimo volume, que elle baptizou, lyricamente, de *Canto da Noite*. Livro que ficará, em nossa lingua, como alguma coisa de perduravel, porque é um milagre de simplicidade e de ternura amorosa.

Não mais as cavillações de uma alma atormentada pela duvida philosophica:

Porque não creio em Deus, sem me martyrlizar?

Não mais "a inquietação de todos os momentos", o tédio sem motivo, a volupia de soffrimento, de que estão cheios os seus volumes anteriores. A propria ausencia de Luciana já não inspira a revolta dos primeiros tempos e a sua lembrança, atravessa, do principio ao fim do livro, como uma sombra cariciosa. O poeta chegou á serenidade, á suprema resignação christã. O amôr e a paz desceram ao seu coração, dando-lhe uma nova comprehensão do sentido da existencia:

Depois da grande agitação, a grande calma
O recolhimento, o ultimo socego desencantado.
Depois da grande ansia e immenso esforço,
O crepusculo final doce de ser vivido.

Onde estão as tragedias sem remedio?
Onde estão os furores e as desgraças?
Ha apenas a sombra dos jardins silenciosos
As meninas passeando nas calçadas, sorrindo.

Ha apenas as egrejas mortas e os corações dos fieis.
O fumo das agonias finaes se dissolveu no ar.
As grandes maguas desappareceram das memorias.

Nem sequer a consciencia dos peccados.
Só o crepusculo doce, com grandes silencios
E a frescura dos jardins na hora da noite chegar.

Finalmente, não resisto á tentação de citar os ultimos versos da *Morte da India*, que bastaria, por si só, para celebrar um poeta:

Está morta. O sol não virá hoje. Tudo quieto.
Meu coração está parado. Meus olhos fixam seu corpo
Os seios pequenos. As mãos em cruz. Os labios. Tudo morto.
Menos os cabellos. Sua belleza está fria. Sinto-me inteiramente
[lucido.

De resto, devo acrescentar que se trata de um autor que não aspira á popularidade facil, e

CHISPAS

I

VIVOS E MORTOS, DE AGRIPPINO GRIECO

*O Diabo, por fios tortos
neste livro, achou motivos
para dar vida a alguns mortos
e matar todos os vivos.*

II

BRUMAS E CLARÕES, DE M. C.

*Li o seu livro e me espanto
do clarão como da bruma.
Como pode escrever tanto,
sem dizer coisa nenhuma?!*

III

POEMAS, DE ALBERTO RAMOS

*No quadrado da estante, onde agasalho
uns cem bardos, talvez, estes Poemas
brilham mais que a mais rutila das gemmas
entre montes revoltos de cascalho.*

IV

A UM DETRACTOR DE MACHADO DE ASSIS

*A estatua cheira, ergue a perna,
respinga-a e... desaparece...
e do Mestre, a gloria eterna,
como um sol, mais resplandece.*

V

COELHO NETTO

(Propoz-se o Maranhão fazer-lhe o enterro)

*Foi esse gesto expressivo,
mas não nos trouxe conforto:
— Quem já o enterrara vivo,
não deve enterrar-o morto.*

VI

*Amigos... Eu, certa vez,
contei os meus, um por um:
— Fulano, Sicrano, dois;
mais um terceiro... Depois,
tirando a prova dos tres,
vi que não tinha nenhum...*

BELMIRO BRAGA

o meu maior desgosto seria vel-o figurar, qualquer dia, num dos futuros florilegios do sr. Laudelino Freire, ao lado do ineffavel sr. Aloysio de Castro.

Lendo o *Canto da Noite*, não volvi apenas ao convívio de um poeta, que já era uma das minhas maiores admirações litterarias. Foi a propria Poesia, que eu senti. E a Poesia é, sem duvida, nesta hora tragica de incertezas, a unica realidade que existe sobre a face da terra...

ALVES RIBEIRO

Augusto Tasso Fragoso — *Historia da Guerra entre a Triplíce Alliança e o Paraguay* — Imprensa do Estado Maior do Exercito — Rio de Janeiro.

Esta *Historia da Guerra entre a Triplíce Alliança e o Paraguay* compõe-se de cinco volumes. O primeiro é consagrado ás remotas causas historicas do conflicto, consequentes da interferencia do Brasil nos negocios do Prata. O segundo descreve as operações bellicas na região dos rios argentinos e em terras gauchas, aclarando a maneira por que se formou a Triplíce Alliança e narrando a invasão dos soldados de Solano Lopez em providencias da Argentina e do Brasil. O terceiro quasi se circumscreve aos combates desenvolvidos em redor de Humaytá, para obtenção de um optimo posto defensivo, que os paraguayos acabaram perdendo, em favor dos alliados. O quarto consubstancia a marcha victoriosa dos inimigos de Lopez, marcando os insucessos deste, desde a quêda de Humaytá á campanha da Cordilheira. O quinto, finalmente, reflecte o fracasso de todas as aspirações do dictador, e vemol-o tombar com as ultimas reservas paraguayas, ou, como dizia numa phrase real ou supposta, "morrer com sua patria". Tudo quanto, directa ou indirectamente, essencial ou subsidiariamente, se prenda a esses cinco annos de guerra, é relatado pelo General Tasso Fragoso. Notas complementares, graphicos, schemas das operações, tudo está a fazer desta obra a verdadeira encyclopedia, o livro classico sobre a refrega, ainda hoje tão discutida, que enfuriou quatro povos da America, do Sul. Como detalhe curioso, convem recordar que o autor não se occupa da Retirada da Laguna, vendo nella, em que pese ás bellas paginas de Taunay, um incidente á margem da guerra e, consequentemente, sem nenhuma importancia bellica. Tambem deixou de lado os attritos diplomaticos, que alongariam a narrativa com pormenores talvez parasitarios. Trabalho para technicos e tambem para leigos, dada a extrema clareza e a lealdade de argumentos com que é redigido, este notavel repositório de factos, em que a lenda já-mais se sobrepõe á historia, honra as pesquisas de um soldado que enxerga as questões militares dentro de methodos estritamente objectivos.

Jonathas Serrano — *Historia da Civilização* — F. Briguet — Editores. — Rio.

Prosegue o sr. Jonathas Serrano no seu empenho de fornecer-nos uma *Historia da Civilização* em cinco volumes, para o curso secundario. Este de agora prende-se á época contemporanea, ferindo em cheio dezenas de acontecimentos que modelaram a vida de hoje e a cada passo se confundem com a actividade de todos nós. Da revolução franceza de 1789 á revolução brasileira de 1930, é um desfile de nomes convizinhos todos da nossa sensibilidade, dos nossos gostos, das nossas leituras. Em quadrinhos celeres, como o exige a cultura mnemonica dos exames, o sr. Jonathas Serrano, sem abdicar das suas qualidades de homem de letras, mostra-se sempre um magnifico professor, preocupado com a economia verbal que o assumpto requer. Varias synopses chronologicas forçam o alumno a repassar o thema anterior, em linhas incisivas, e, no final do volume, encontram-se os retratos de quantos se constituíram artifices da sociedade actual, influindo nos outros homens pelo impeto das armas, pela infiltração da palavra christã, pelo encanto da musica, da pintura ou da poesia.

Dr. Lelio O. Zeno — *A Medicina na Russia* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

Em traducção do Dr. Osorio Cesar, que já viajou pela Russia, temos agora um volume dos mais instructivos sobre o que a sciencia medica tem feito de proveitoso em terras que tanto a ignoraram durante o dominio dos Romanoff. O livro consta de duas partes, numa das quaes se estuda a socialização da medicina nos paizes capitalistas. A somma de i formações é ahi impressionante. E na segunda parte esmerilha-se, com uma força de investigação raramente igualada, o que os clinicos e higienistas estão realizando na zona dos soviets. Obra de especialista no assumpto, o trabalho do Dr. Lelio O. Zeno fornece-nos pormenores ineditos sobre a cooperação feminina nas universidades russas e sobre o caracter amplissimamente democratico que os elementos renovadores vão dando aos soccorros medicos, evitando-se assim a força excessiva que ia convertendo a casta de esculapios numa especie de segunda casta sacerdotal.

Jornalistas Argentinos

Quero falar aos leitores brasileiros de quatro redactores da *Crítica*, de Buenos Aires, o admirável jornal de Botana e Bedoya.

Um delles é Edmundo Guibourg. Afilhado do empresario Lugné-Poe, amigo de actores e actrizes, é um noctambulo irreductivel e bem pôde dizer como outro bohemio, olhando a lua: "Voilà mon soleil!" Enthusiasta das litteraturas que exprimem os sentimentos essenciaes do homem, sabe tudo do que escrevem inglezes e russos. Criticando as peças theatraes, não quer que o creiam sob palavra e procura sempre justificar as suas affirmações. Não é, nessa função, um deformador de espiritos, mas um modelador de physionomias litterarias que se incorporam a todas as retentivas. Rejubila sempre que lhe é dado louvar, elogiar. Sensibilidade das mais lucidas, e, entre outras, as paginas que consagrou ao dramaturgo Samuel Eichelbaum são notabilissimas.

O segundo, José Barreiro, nutre-se de Sarmiento e Alberdi como de pão e carne. Sem preocupação da posteridade, redige coisas que poderão mesmo ser lidas por varias gerações. Com um estylo em que ha a elasticidade do passo humano, um estylo que ás vezes parece vivamente gesticulado, procura ver, não só a fructificação dos factos, como também as suas raizes e germens secretos. E' um dos bons testemunhos da cultura politica da Argentina. As idéas não trabalham contra elle e as palavras não se recusam a bem exprimir-lhe os altos pensamentos que lhe enchem os escriptos. Desmonta os moveis moraes com uma precisão mecanica de que nunca se ausenta a intelligencia. Ignora a covardia de certas periphrases. E' um talento e também um temperamento. As agitações partidarias o attrahem e tudo faz crer que irá longe, no parlamento, quem lançou o magistral ensaio sobre Irigoyen.

O terceiro, José d'Espanha, fidalgo castelhano de boa estirpe, ostenta a cabeça de um inquisi-

tor, mas não martyriza ninguém. Só se martyriza a si proprio, devido ao tormento de auto-introspecção de que o sentimos possuido. Buscando ver claro no emmaranhamento de almas da Buenos Aires dos caudillos, debruçou-se para dentro da vida de Rosas e compôz uma obra historica em que epopéa e satira se interpenetram. Espirito de profunda unidade classica, ha no que elle escreve muitos periodos de uma bella nudez desadornada de rhetorica. Estylo que tem raça, de um escriptor que também a tem. Encontra sempre a melhor definição pelo caminho mais curto, exprimindo-se não raro com a sequidão de um diagnostico clinico. Desdenhoso de certos livros, evita-os através de monosyllabos escassos, quando não de um simples meneio de cabeça.

Finalmente o quarto, Lopez Lecube, é gentleman numa cidade de dois milhões de habitantes, mas seria também gentleman numa ilha deserta. Andar com esse famoso jurisconsulto pela calle Florida, numa linda tarde, ainda é uma grande alegria humana. Sabe elle resumir estados de espirito collectivos numa unica phrase incisiva e poucos comprehendem tão bem as reacções da alma local em face do cosmopolitismo absorvente. Não descrê ainda da ideologia liberal, embora sentindo o que existe nella de contingente e limitado. Advogado preferido dos jornalistas portenhos, quando processados pelos magnates, é amigo do sussurro das saias femininas e não gosta dos sermões leigos de certos prégadores sem pulpito, cujos actos, em geral, seriam capazes de fazer baixar os olhos a um chimpanzé. Máo grado os autos forenses que lhe entulham a vida, Lopez Lecube nunca foi um inappetente das bellas lettras e é mesmo autor de excellentes aphorismos em que ha uma perfeita dosagem de pittoresco e dramatico. Um homem argentino, mas, acima de tudo, um homem.

AGRIPPINO GRIECO

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

Pôde dizer-se que o nosso collaborador Miguel Ozorio de Almeida, scientista brasileiro, é já agora também scientista europeu, scientista do mundo. O premio biennal Sicard, na importancia de vinte mil francos, que vem de lhe ser conferido, por decisão unanime da Faculdade de Medicina de Paris, consagra uma bella vida de devotamento ao estudo e anima o nosso glorioso patricio para uma operosa maturidade de que só advirão proventos para a generalidade da cultura humana.

UM BOLETIM VALIOSO

Além de magnificamente impresso, encerra materia de agradabilissima leitura o *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*. Um numero especial, commemorativo da Primeira Exposição Colonial Portuguesa realizada no Porto, divulga, entre outros, substanciosos trabalhos sobre a politica indigena de Angola, a instrucção militar em Moçambique, o planalto de Benguela e a cidade de Lourenço Marques.

Beatriz Bandeira — *Ouro e Sândalo* — Rio.

E' uma série de poemas orientaes, em estylo ora austeramente biblico, ora fantasioso á maneira dos narradores das "Mil e uma Noites". Prosadora subtil, a sra. Beatriz Bandeira transporta ás terras das tamareiras as suas emoções de adolescente dos tropicos e é nella evidente a aspiração de dar espiritualidade mesmo ás effusões de ternura que em outras não vão sem transbordamentos rhetoricos.

Antonio Spinetti Dini — *La Palabra al Viento* — Merida — Venezuela.

Americanista vehemente, nem por isso o illustre poeta venezuelano cerra os ouvidos ás inspirações providas de outros continentes. Ha seductoras tonalidades universalistas em seus poemetos, muito bem musicados, com uma variedade de rythmos que facilita a leitura e tornará esses versos familiares de todas as memorias, no lindo recanto em que o autor escreve.

Fenimore Cooper — *O Ultimo dos Mohicanos* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Em traducção do sr. Agrippino Grieco, vem de ser estampada pela Companhia Editora Nacional a empolgante narração em que Fenimore Cooper captivou tantos milhões de leitores através de um seculo de prestigio intellectual. Lembre-se que os norte-americanos continuam a percorrer o autor do *Ultimo dos Mohicanos* com o mesmo fervor com que os inglezes percorrem o autor do *Ivanhoe*. E nós brasileiros devemos-lhe muito, porque foi elle o inspirador de alguns dos nossos romancistas, especialmente José de Alencar, que o leu dos dezoito aos vinte e cinco annos e chegou mesmo a redigir um volume sobre contrabandistas, vazado na melhor maneira de Cooper e que um seu parente desatento foi queimando, ainda em manuscrito, para accender o cigarro ou o cachimbo...

ESTHETICA

A criação não está apenas sujeita aos imperativos interiores. Do mundo exterior também nos chegam appellos insistentes, que desviam todo o curso da obra de arte. E nem poderia ser de outro modo, se os nossos sentidos, até certo ponto, constituem, em sua conexão, uma forma de conhecimento. E isto, que parece truismo, é uma surpreendente realidade, que aos mais avisados escapa, muitas vezes.

De facto, as correntes de idéas não se manifestam nunca sem uma imagem inicial, motora, digamos.

Impossível, por exemplo, pensar no amor sem objecto, assim como no odio ou outro qualquer sentimento em que a participação de duas figuras se responsabilise pela sua existencia.

Mais do que ninguém o romancista deveria ter sempre em mente essas coisas, para maior resultado dos effeitos pretendidos, no entrechoque das situações. Eis porque, supponho, Machado de Assis poudé compor tantas e tantas paginas admiraveis "sem partida", quero dizer, sem um plano qualquer de criação preconcebido. Dahi a imagem do bilhar, que o autor de *Dom Casmurro* propoz como definidora da arte do romancista. Palavra puxa palavra, uma bola (personagem) toca na outra; esta pára, aquella rodopia, etc., etc.

Os chamados superrealistas não fizeram outra coisa. Acontece que as suas expressões, porque trahiam o intellectualismo da attitude, falharam. Nesta altura, sou capaz de me contradizer. Porque é preferível, ao romancista, ignorar todos os trucs de sua arte (Jorge Amado, Amando Fontes, etc.) que pratical-os intencionalmente. Aliás, qualquer preocupação de pesquisa deve sempre ser empanada, quer nos refiramos ao romancista, ao poeta, ao pintor, ou a outro qualquer artifice da arte.

A' critica, sim, compete analisar a obra, apontando as determinantes que levaram o creador á factura final da peça. Um James Joyce, cuja technica é abso-

lutamente assombrosa, não chega a competir-se com Proust.

Acontece que este ultimo foi grande e novo, inconscientemente, como se dá em geral com os iniciadores disto ou daquillo. Porém, o autor de *Ulysses* quiz transcendel-o, o que de certo modo conseguiu. Um creou o genero, outro, valendo-se dos dados anteriores, deformou-o. Essa differença ha de existir sempre entre "criação" e "experiencia". Proust é um marco, embora tenha passado. Mas haveremos de lembrar-lhe sempre o nome glorioso. Joyce é um documento; e, como tal, valido *ad referendum*, até a substituição por um outro. Este outro poderá ser, por exemplo, Michael Gold, escriptor da mesma lingua, posto carregue sangue diverso nas veias.

A arte é assim mesmo, uma constante e permanente transacção de "descobertas". A's vezes, a gente pensa que está progredindo. Mas a noção de progresso aqui é uma, digamos, epi-noção do conceito de progresso social, e, portanto, como este, precario sempre em sua finalidade. Em essencia, não ha renovação de coisa alguma.

O estado de espirito colectivo de determinado momento é que constroe esses "trompe l'oeil" habilidosos.

O romance de nossos dias está para o realismo stendhaliano, assim como a critica de hoje está para a de Taine, cujo estylo — diziam no tempo — cheirava a reacções de laboratorio, assim como o de certos escriptores de hoje, criticos e romancistas, trescala a oleo de machina e a pó de officina.

ROSARIO FUSCO

— São frequentes em França os romances a proposito da vida dos ciganos. Jean Richepin escreveu um, que corre mundo, sobre *Miarka, la fille à l'ourse*, por signal que musicado por um filho seu. Mais tarde, Marcelle Vioux apresentou *Ma Route*, "romance de uma joven bohemia de independencia indomavel, evocação da vida fóra da lei dos Romanichels com suas tradições, seus instinctos de rapina e seus altivos heroismos."

RONALD DE CARVALHO

Publicamos neste numero a traducção do artigo que o illustre escriptor gaulez Luc Durtain escreveu sobre Ronald de Carvalho, no numero de 23 de fevereiro ultimo das *Nouvelles Littéraires*. Por essa commovida pagina do autor das *Imagens do Brasil e do Pampa* os nossos leitores poderão calcular o largo prestigio intellectual que gozava na França o grande poeta de Toda a America.

Alfredo Cecilio Lopes — *A Raclonização dos Partidos Politicos* — São Paulo.

Ainda que sem aspirações a uma originalidade impressionante, o sr. Alfredo Cecilio Lopes offerece-nos, neste rapido volume, o essencial dos bons estudos que fez em materia de direito politico. Traçando á baila autores varios, e especialmente esse Mirckine-Guetzévitch pelo qual os nossos patricios mostram decidida predilecção, procura elle assimilar e transportar á nossa vida partidaria tudo aquillo que os europeus desenvolvem no momento, no sentido de uma politica de construcção e não apenas de loquacidade e ganancia eleitoraes. Trata-se de um daquelles livros "de bonne foy" que o velho Montaigne sobrepunha a todos os outros e que os homens de hoje, fartos de lindas palavras, não pódem deixar de acolher com sympathia.

Carlos Devinelli — *Bonecos que sangram* — Editor Calvinio Filho — Rio.

E' um prosador que tem indiscutivelmente o senso da composição dos episodios e sabe conduzir a phrase sem dissonancias e cacophonias, que afugentem e leitor. Perspicaz observador da vida, não lhe falta por vezes um pouco dessa deformação caricatural propria de quem escreve na lingua de Gervasio Lobato e Arthur Azevedo. Mas, sendo bastante moço, ao que se afere do retrato que lhe acompanha o volume, correrá mais e mais, no decurso do tempo, para uma contensão e uma concisão classicas, e aproveitará de todo os bellos dons de ficcionista de que o sentimos provisionado.

Wenceslau Pareja — *Voces Lejanas e Otros Versos* — Guayaquil — Equador.

Os motivos inspiradores deste delicado poeta de Guayaquil são quasi sempre recolhidos da vida que o cerca, numa das mais bellas regiões sul-americanas. São as vozes da selva, dos rios, as nuvens que passam num convite para longas viagens. A forma adoptada por elle não deixa de aproveitar avariedade de rythmos em que se comprouveram os innovadores do modernismo. Mas a essencia dos seus poemas ainda se prende ás delicadas arias do symbolismo, percebendo-se que o autor leu com attenção e encanto os versos de Albert Samain. O facto de habitar em sitios de uma natureza por vezes selvagem e adversa ao homem não lhe tira a finura de sensações, a faculdade de humanamente commover-se sem a qual não ha poesia possível.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

PEDRO CALMON — <i>ESPIRITO DA SOCIEDADE COLONIAL</i> (Edição ilustrada)	10\$000
JOSE' MARIA BELLO — <i>INTELLIGENCIA DO BRASIL</i>	8\$000
S. FRIDMAN — <i>PROBLEMAS DE PEDAGOGIA MARXISTA</i>	8\$000
AROLD DE AZEVEDO — <i>GEOGRAPHIA</i> , 4. ^a série	12\$000
ERASTO TOLEDO — <i>HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO</i> , 5. ^a série	8\$000
JACOME STAVALE — <i>QUARTO ANNO DE MATHEMATICA</i>	10\$000
C. DE MELLO LEITÃO — <i>HISTORIA NATURAL</i> , 3. ^o anno	14\$000
H. G. WELLS — <i>A ILHA DAS ALMAS SELVAGENS</i> — (Traducção de Monteiro Lobato)	5\$000
J. FENIMORE COOPER — <i>O ULTIMO DOS MOHICANOS</i> (Traducção de Agrippino Grieco)	3\$000
M. DELLY — <i>ES CRAVA OU RAINHA</i>	3\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiaes em Rio, Bahia, Recife e Lisboa

Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389
RIO DE JANEIRO

EDIÇÕES DE MARÇO

PONTES DE MIRANDA	Tratado de Direito Internacional Privado (2 vol)
HUMBERTO DE CAMPOS ...	Crítica 3. ^a série
" 1. ^a " nova edição	" 2. ^a " nova edição
" " "	Destino, 2. ^a edição, 5 milheiros
" " "	Os Párias, 5. ^a edição
PLINIO SALGADO	Despertemos a nação
CUSTODIO DE VIVEIROS ...	Camisas Verdes

PROXIMAS EDIÇÕES

LUCIO CARDOSO	Salgueiro — Romance
JOSE' LINS DO REGO	O Moleque Ricardo - romance
JOSE' GERALDO VIEIRA ..	Territorio Humano - romance
ISADORA DUNCAN	Minha Vida
PEDRO CALMON	O Rei do Brasil (vida de D. João VI)
BERDIAEFF	Uma nova Idade Média
AMANDO FONTES	Rua do Siriry — romance
VICENTE LICINIO CARDOSO	Philosophia da Arte
MIGUEL REALE	O Operario e o Integralismo
GUSTAVO BARROSO	O Quarto Imperio
CANDIDO MOTTA FILHO ..	Introdução á Politica Moderna
MENOTTI DEL PICCHIA ...	Soluções Brasileiras
JOSE' MARIA BELLO	Panorama do Brasil
GRATIA	Encabulamento e Timidez
OMAR KHAYYAM	Rubayat (Trad. de Octavio Tarquinio de Souza)

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca Brasileira de Medicina Legal, ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

NOVIDADES

MARTINHO DA ROCHA

Cartilha das Mães — (2.^a

edição) — Cart. 12\$000

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

Para Compreender Freud

(4.^a edição) — Br. 8\$000

GUSTAVO BARROSO

O que o integralista deve sa-

ber (2.^a edição) Br. 6\$000

MONSENHOR PEDRO ANISIO

Tratado de Pedagogia Mo-

derna (2.^a edição) — Br. 10\$000

PE. LEFONEL DA FRANCA S. J.

Psicologia da Fé (2.^a edi-

ção) — Br. 6\$000

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro

Para o interior, sem aumento de porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

RONALD DE CARVALHO

Ronald de Carvalho: um desses homens em que "o heróe obscuro que ha em todo homem" — como elle proprio escrevia sem pensar em si mesmo — se encontra radiosamente illuminado. Figura cujo secreto dever parecia ser o de sem cessar derramar no mundo toda a poetica ebriedade que a ordem exterior é capaz de conter: e, não obstante, sabendo indicar o mais subtil contorno, acertar no alvo a frecha mais fina. Genio bem equilibrado de Latino, revelado pela união dos olhos esplendidos, sonhadores, que atravessavam as coisas e viam para além dellas, um riso sempre disposto, um riso sem odio, de prazer, de admiração. Character dos mais estaveis, em contacto directo com o acontecimento e, assim, sempre em segurança: o universo parecia ser sua testemunha, quasi seu cúmplice.

Mas, ah! um dos epigrammas de Ronald, musicados pelo compositor Villa-Lobos, também brasileiro, não indica: "A vida não é boa, nem má. A vida é indifferente?" Assim aconteceu, ha poucos dias, num passeio de automovel, em Petropolis, nas alturas magnificas que dominam a Bahia do Rio de Janeiro e as cem ilhas. Uma manobra desastrosa... E hontem, uma das mais raras combinações do pensamento sul-americano acabava de se dissipar, e os parentes e os amigos de Ronald conheciam o mais injusto dos lutos.

Diplomata de estirpe, como um Claudel ou um Paul Morand, Ronald de Carvalho só via em si um poeta. Seus poemas, de golpe, não lhe tinham dado um lugar de primeiro plano, não sómente na litteratura brasileira, mas nas lettras internacionaes? *Toda a America* releva, numa fórmula whitmaniana, mas dotada de musica propria, de colorido brasileiro, o lyrismo novo das savanas, das florestas, das cidades que brotam em momentos:

Ah! os tumultos do nosso sangue temperado em saltos e disparadas sobre pampas, savanas, planaltos, caatingas onde estiveram boiadas tontas, onde estou-

ram batuques de cascos, tropel de patas, torvelinho de chifres!

Alegria virgem de rios-mares, enxurradas, planicies cosmicas, picos e grimpas, terras livres, ares livres, florestas sem lei!

Alegria de criar o caminho com a planta do pé!

Ninguém melhor que elle sentiu a America inteira, desde o chão épico, chão lyrico, chão idealista, chão indifferente de Broadway, até as Antilhas e os Andes:

Eu fiquei olhando, longo tempo, no céu da noite chilena, as quatro estrellas de um cruzeiro pendurado fóra do lugar...

Noção do Novo Mundo profundamente brasileira: ao mesmo tempo observada pelo illimitado e pelo cháos (*maré de massas informes onde as raças e as linguas se dissolvem*), illuminada pela luz selvagem do dia americano, alçando-se enfim até a peroração:

E' o canto dos teus berços, Brasil, de todos esses teus berços, onde dorme, com a bocca escorrendo leite, moreno, confiante, o homem de amanhã!

Junto á rude amplidão de *Toda a America*, deixemos lugar na poesia de Ronald para a precisão classica dos *Epigrammas*, para a delicadeza do *Espelho de Ariel*.

Devemos ainda a Ronald uma *Pequena Historia da Litteratura Brasileira*, titulo modesto, mas livro importante; e uma série de *Estudos Brasileiros*, escriptos com a concisão dum historiador da antiguidade, e que revela a cultura de Ronald. Uma *Historia das origens do Brasil* devia ser o labor capital dessa vida — e para os primeiros tomos da obra já Ronald reunira immensa documentação.

A obra de Ronald? Sul-americana, sem duvida. Mas, pela dimensão, pela alma, verdadeiramente universal... E tão proxima de nós! Porque, nessa marcha para si mesmo e para o mundo, Ronald de Carvalho — muito tempo hospede deste Paris que adorava, e onde tantos amigos vão ficar feridos no coração pela triste nova! — fixou muitas vezes o olhar nas indicações do espirito francez. No mesmo sen-

tido em que nós, em França, consultamos a antiguidade. Elle gostava de affirmar: os textos dum Montaigne ou de um Rabelais, dum Claudel ou dum Valéry eram para elle estimulos de vida...

Não fosse elle proprio um admiravel escriptor francez, por sua obra *Rabelais et le Rire de la Renaissance*, directamente escripta em nossa lingua. "O riso de Rabelais, concluiu elle com força, não tem a perversidade florentina do Decameron, nem a elegancia geometrica de Luciano, nem a mordacidade cruel de Swift. Não é um riso de homem de lettras. E' o riso do homem. Do homem que vence a realidade pela disciplina da alegria."

E como poderia esquecer aqui a fidelidade creadora com a qual Ronald reuniu as luminosas *Imagens do Brasil e do Pampa*?

A ultima obra de Ronald de Carvalho, recebi-a em Paris, no dia mesmo em que devia saber da catastrophe... Aparecido em francez, na Imprensa Nacional do Rio, esse trabalho interrogava com profundeza o espirito dos dois paizes.

Entre os escriptores recentemente arrancados ás lettras brasileiras, um Graça Aranha e um Felipe de Oliveira, Ronald de Carvalho, attingido mais moço que o primeiro, mais realizado já que o segundo, conservará, aos olhos da posteridade, um perfil semelhante ao do nosso André Chénier. Generosa figura de joven deus, toda ella impregnada de humanismo! Assim essa voz, tão cedo interrompida, mas cujos ecos reboarão para sempre de uma para outra borda do Atlantico, só terá exprimido o mais novo, o mais verdadeiro, o mais grandioso.

LUC DURTAİN

Luiz Amaral — Vencer — Empresa Graphica Revista dos Tribunaes — São Paulo.

Escriptor que já conta com um numero seguro de leitores é o sr. Luiz Amaral. Acaba elle de dar-nos a segunda edição do volume *Vencer* e isso demonstra não figurarem os seus livros no numero dos desdenhados pelo grosso publico. Facto explicavel na preocupação, sempre evidente nesse autor, de expressar-se em linguagem correntia.

ROTINA E REVOLUÇÃO

Ouçamos o optimista compatriota: "Daqui a duzentos annos será o Brasil um paiz maravilhoso". Cego, surdo e insensível aos espectáculos, rumores e impaciencias da vida moderna, evoca as impressões de sua infancia. Comparando-a á existencia de seus mais proximos antepassados, julga não encontrar nenhuma differença flagrante. Como o seu avô não foi, tambem elle, ás festas em carro de boi? E a imagem desse veneravel e rustico vehiculo entretém-lhe nalma a volupia da morosidade e da somnolencia.

Esse expoente da rotina nacional não quer admittir que uma profunda revolução scientifica e philosophica, iniciada no seculo XIX, veio abrir á humanidade perspectivas surprehendentes. Desconcerta-o a ironia de pseudo-pensadores, assaz tolos para zombarem de Darwin e da evolução. Impressionado pela verve truculenta de Léon Daudet crê ingenuamente na "estupidez" do seculo dezenove.

Seculo dezenove, seculo vinte, desenvolviment impetuoso da sciencia e da technica e a revelação do homem revolucionario, factor integrante da natureza, consciente de seu poder de agir na evolução — eis o que nos permite acreditar num progresso cada vez mais acelerado.

Considerae, optimista compatriota, a idade das principaes descobertas e invenções. Poucos attingiram o centenario, muito mais jovens, pois, do que aquelle chinez, morto, o anno passado, além dos duzentos annos. Vós mesmo, que tendes quarenta annos de idade, sois mais velho do que o avião, filho prodigioso de predestinado genio brasileiro e para cujo desenvolvimento o Brasil, paradoxalmente, nada fez. Comparae o deslumbrante vôo, circumdando a terra em poucos dias e galgando as alturas celestes ao passo moroso do vosso carro de boi. Dois indices de velocidade, caracterizando o rythmo de duas épocas. A roda descripta e a aza ardente de porvir.

Será para nós consolo sêrdes mais joven do que os raios X? Recordemos alguns episodios expressivos da psychologia do tempo de sua descoberta. Quando o immortal Roentgen apresentou á Sociedade de Physica de Berlin, entre outros documentos, a radiographia de sua propria mão, aquella sabia assembléa julgou-se mystificada. Em França, um fabricante de tecidos, com o conhecido opportunismo do espirito mercantil annunciou aos clientes roupas impermeaveis aos raios X. Julgando servir á moralidade publica, um membro da Camara dos Representantes da America do Norte teve a comica idéa de propôr uma lei pro-

hibindo usar nos theatros binoculos com raios X.

Quão longe e quão perto estamos desse tempo! Entre um mundo em violenta metamorphose, sob as nossas vistas, e um outro, o antepassado, veneravel, de certo, mas sem força vital.

Iremos invergonhar-nos do nosso enthusiasmo pelos fundadores de nossa época, que nos deram a sciencia experimental, a chimica synthetica, o urbanismo, a prophylaxia das doenças, o clima artificial, a electricidade, as vitaminas, a engenharia sanitaria, a eugenia, o avião, o radio, a televisão, a estratosphera, dotando-nos ainda de uma infinidade de instrumentos maravilhosos para augmentar nossa capacidade na conquista, no conhecimento e na contemplação da natureza?

Amundsen e Byrd incarnam o heroismo humano em circumstancias que differenciam duas épocas. Um tragicamente perdido no deserto do polo antartico, o outro, em condições de relativo conforto e segurança, em constante communicação com o mundo. As regiões polares, cada dia mais abordaveis, serão em futuro proximo fascinantes estações de turismo. Não estamos vendo crescer impetuosamente uma verdadeira civilização na tundra siberiana?

Que bella época essa que permite aos antipodas a permuta de suas falas e de seus cantos, prenuncio de mais intimo convivio entre os homens, na promessa da televisão.

Podereis objectar que tudo isso vos é familiar. Mas se o radio e o avião entraram nos vossos habitos não agiram no vosso espirito. Eis a causa de vossa diathese. Ouvistes Henri Claude affirmar: Saiba a humanidade que se se esgotassem todas as fontes de energia conhecidas, ella encontraria na energia thermica oriunda do mar uma força inextinguivel. Seria indispensavel uma temperatura corporal de quarenta grãos e tres noites de insomnia, para attingirdes a lucidez delirante propicia a apprehender o conteúdo revolucionario daquella revelação.

Eis porque impõe-se oppor, deliberadamente, ao espirito de rotina o espirito revolucionario, ás tentativas vãs do empirismo tacteante aos soluções promptas e acertadas da sciencia e da technica e ás previsões seculares os planos quinquennaes sovieticos.

A' raposa da fauna imperialista britannica, Lloyd George, não escapou a significação historica do primeiro plano quinquennal. Affirmou o astuto politico que a sua realização, mesmo parcial, constituiria a mais grandiosa obra realizada pela humanidade. Isto quer dizer que a victoria

ATTENDENDO ÁS NECESSIDADES DO COMMERCIO A

CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, nas Agencias e Filiaes

O Ensino das LINGUAS Vivas

Parece indiscutível que seria muito mais commodo a existencia de um só idioma universal, em que todos se entendessem. Seria correcção necessaria á obra da creação...

Esta necessidade tem provado varias tentativas, seja de uma lingua unica, como foi o latim outr'ora no terreno scientifico, ou no entendimento commum o volapuck e o esperanto, que teve maior successo, conseguindo realizar já 24 congressos internacionais. Não ha muito, 50 sabios e escriptores, entre os quaes Bernard Shaw e Wells, publicaram um manifesto sobre a necessidade de uma lingua auxiliar internacional, sem prejuizo dos idiomas nacionaes.

A circumstancia respeitavel de ser o inglez falado pela maior massa humana, sobretudo depois do advento do cinema sonoro americano, pois cerca de 1/8 da humanidade fala-o ou ao menos o entende, justifica a opinião do philologo allemão Grimm de que seria elle o escolhido.

Dahi o prof. Odgeu ter tido a idéa do que se chama o *Basic*, extrahido do inglez, com facilidade, graças a estrutura grammatical simples que apresenta, o que quasi o torna principalmente no seu uso americano, monosyllabico e reduzido a sons consonantae.

O vocabulario do *Basic* consta de 850 palavras: 400 substantivos, 100 verbos, 100 adjectivos, 200 palavras para objectos e 50 pares de palavras.

Que parcimonia para as 15.000 de Shakespeare ou 70.000 arroladas em todo o idioma!

As criticas têm sido severas e o systema não tem ainda o successo que devia merecer se o merecesse...

O anno passado o prof. Delgado de Carvalho fez aqui, uma tentativa no genero, bem interessante.

Entretanto, enquanto não se chega ao accordo sobre a lingua commum, em que todos se possam entender, não ha louvores bastante aos que procuram tornar suave e facil a acquisição de uma lingua estrangeira.

E' o que se dá com os trabalhos da professora Maria Junqueira Schmidt, escriptora e educadora, que se consagrou a esta tarefa benemerita.

Aos seus dois livros *Heures joyeuses* e *Mon petit univers*, nada falta para que sejam comparaveis ao que melhor se tenha feito, não aqui, mas em qualquer parte do mundo.

Elles são, antes de mais, magistraes cursos praticos de pedagogia moderna, pois que representam uma peça de um systema em que tudo collabora para o resultado final, naquillo que ella organizar com gosto e arte — o Laboratorio de linguas vivas — constituido de vitrolas, radio, cinema, jogos, desenho, gravuras, exercicios vivos, tudo posto a serviço da aprendizagem, com harmonia e ordem. Na impossibilidade de transpôr o alumno para o ambiente da terra, em que a lingua paira no proprio ar, só preparando dentro da classe esse ambiente. E este curso já está reduzido a disco, em francez e na versão ingleza.

Quem percorrer dois volumes, a que uma vestimenta typographica a primor accrescenta um outro encanto, verificará que não é, entre nós um livro actual, porque no seu conteúdo, na sua fórmula, no gosto e no arranjo que lhe presidiram a feitura, é um livro do futuro. E no dia em que o ensino de linguas fôr feito por este methodo encantador, talvez que não seja necessario este esforço de agora por um idioma commum, porque todos poderão adquirir mais de uma voz, com todos os encantos de fructos nativos de cada terra.

FRANCISCO VENANCIO FILHO

— O grande chimico Lavoisier foi estudado por um dos seus mais brilhantes discipulos e continuadores: Edouard Grimaux. Aquelle que os corta-cabeças do Terror mandarem tranquillamente para o outro mundo, sob o pretexto de que a Revolução não carecia de homens de genio, encontrou, com uma centuria de intervalo, quem bem lhe historiasse os methodos e as victorias scientificas, sem esquecer algumas anedotas que bem exprimem o caracter da vida do fim do seculo que deu Buffon e a Encyclopedia.

— Francis Jammes publica *Le Crucifix du Poète*, naquella maneira, bem conhecida de todos nós, que faz tanta gente ir, em romaria espiritual, ao eremiterio desse poeta, desse patriarcha de oculos e barbas longas que compôz as georgicas christãs e deu um filho ao culto directo da Egreja.

— Jean Maxence offerece-nos *Le Mort*. Maxence é um cultor de ideologias patrioticas e a gente da *Action Française* não deixa de olhal-o com certa ternura catechista. Muito moço ainda, gosta de discursar nos comicios, com uma verve aggressiva que vae á truculencia invectivadora. Parece que Maxence é pseudonymo e, ainda ha tempos, o escriptor andou ás voltas com um processo que lhe moveu o filho do grande pintor desse nome, que se dizia prejudicado pela homonymia illegal.

do primeiro plano quinquennal, se não valer como justificação de um regimen, representa um testemunho da capacidade creadora do homem. Ella demonstrou como a applicação integral e violenta da technica e das energias humanas pôde transformar, em pouco tempo, a vida economica, social e cultural de um povo.

Que será, não o Brasil, mas a terra, daqui a duzentos annos? Em vez de previsão, façamos um sonho. Haverá a metamorphose deste planeta em um globo feerico, enviando aos espaços estellares, em feixes de uma luz ineffavel e ondas de sonori-

dades seraphicas, as mensagens de uma humanidade libertada. Isso se dará quando o homem tiver confiança em sua capacidade de realizar todos os seus ideaes de felicidade e belleza.

Haverá, então, a transmutação de velhos valores e a criação de novos. Ao ouro, metal satânico, disse Illitch: "Tu servirás um dia para revestir as latrinas."

A honra da humanidade futura exigirá a confirmação dessa phophecia.

A. DE MORAES COUTINHO

Duas Novellas que se dizem Romances

Não vejo acontecimento mais pernicioso para um escriptor do que estrear com um livro de retumbante successo. Não quero me referir sequer ás influencias maleficas desse exito invulgar sobre o seu character, insuflando-lhe a vaidade e o orgulho, o que, por certo, dentro de algum tempo, repercutirá desagradavel e molestamente no espirito e na estrutura de sua obra. Agora, antes de tudo, penso principalmente nas suas responsabilidades para com a critica que, como é natural e de inteira justiça, exige impiedosamente que o talento se ultrapasse a si mesmo, marcando sua carreira numa ascensão gloriosa. Cada livro deve ser uma obra prima mais luminosa, inflammando um entusiasmo mais pujante e esplendendo em bellezas sem par. Tal prova é difficilima e della sómente se salvam os predestinados.

Tive sempre presentes essas considerações — em virtude da magnifica e justiceira acolhida feita *A Bagaceira* — ao ler os dois ultimos livros do sr. José Americo de Almeida — *O Boqueirão* e *Coiteiros* — e aqui as tenho mais do que nunca, já que me proponho a escrever minhas impressões sobre elles.

Os titulos e os assumptos tratados (o choque de duas mentalidades no nordeste brasileiro e o problema do cangaço regional) levam logo a supôr que estamos em presença de dois romances de costumes. E esse genero de romance na minha opinião é qualquer coisa de semelhante, nos moldes e nos processos, ao romance realista, embora escoimado de certos exaggeros descriptivos e demasias de detalhes. Uma scena ou uma attitude podem ser definidas — quantas vezes com que rara felicidade! — com uma simples phrase, sem necessidade de fatigar o leitor. Mas, o que não resta duvida, é que a caracterização de detalhes suggestivos é importante, assim como a perfeita retratação dos typos secundarios, profundamente representativos. E' indispensavel a completa reconstituição dos scenarios e a movimentação da fauna humana que os animam e modificam.

Nos dois livros apresentados, entretanto, nada disso se realiza. Nelles, exaggerando uma tendencia já latente nas paginas d'*A Bagaceira*, o sr. José Americo de Almeida define e suggere tudo em largas pinceladas. Usa exclusivamente a technica do novellista, passeando á flôr da vida, sem descida ás raizes, insinuando mais do que dizendo, suggerindo mais do que descrevendo. Não se detem deante de um quadro ou typo, illuminando-o demoradamente, possibilitando o contacto intimo e prolongado com a sua realidade. Imitando os processos de architectura moderna, o autor pretende provocar movimentações de grandes massas de sentimentos e emoções, agitando excessivamente os typos principaes e secundarios dos romances. Esquece-se elle, no emtanto, de que taes processos constructivos só poderão dar bons resultados em construcções monumentaes, realiza-

ções de excessivas dimensões. Nos seus livros, porém, compostos de duzentas paginas bem esticadas pelos editores, essa condição preliminar não está satisfeita. O resultado é que, com a simplificação levada ao extremo e a demasiada exiguidade de muitas das scenas, esse pretenso jogo de massas e movimentação de estados emocionaes chega parecer pueril. E a velocidade de mutação dos episodios é tão vertiginosa que sentimo's e contemplamos tudo como atravez de um kaleidoscopio.

Os caracteres, em ambos os livros, suspendem-se no momento da acção sem firmes enraizamentos no passado. Pouco sabemos delles, ignorando-lhes os pensamentos e sentimentos intimos bem como as suas ligações com os antepassados e a terra. São typos desprovidos de contornos, não pelo incaracteristico de suas personalidades, e, sim, porque o escriptor não quíz retardar a sua lanterna em frente a elles. Os dois processos classicos de caracterização dos personagens, o dialogo e a acção, são rara e apressadamente aproveitados pelo sr. José Americo de Almeida que prefere definir as creações da sua imaginação a esperar que ellas se definam por si mesmas.

Todas essas figuras, homens e mulheres, passam em suas paginas como grandes manchas de vida, fugitivas e açodadas, como seres sem raizes. Antonio Vilharim, Frank White, Remo Fernandes, Elsa, Gracinha e Dorinha todos correm pelos livros como creaturas esboçadas. Os proprios typos permanentes da terra, com a estrutura psychologica já firmemente modelada por longos annos de influencia mesologica ou ensimesmações sentimentaes, como Sete-Couros, Roberto dos Anjos e Irma, são simplesmente entrevistados de passagem, com o inacabado de figuras de sonho.

O que ha de inegalavel nessas obras, como característica mais notavel da personalidade artistica do sr. José Americo de Almeida, é a pintura e o sentimento da natureza. O dom descriptivo anima as paizagens com a palpitação da flora, o aconchego das sombras, a ardencia dos carrascaes e o brilho parado da atmosphaera. Sente-se a ondulação do panasco das caatingas como coisa viva. E o sentimento pantheistico do autor apparece assim como a maior garantia de duração dessas novellas. Poucos ambientes physicos, em nossa litteratura, surgiram aos meus olhos com tal poder de evocação como a representação da fazenda de Antonio Vilharim. A impressão da terra é dominante.

Pena é que a mesma capacidade de animação não fosse aproveitada na reconstrucção do ambiente social. Parece ter faltado tempo ou paciencia ao autor. Se em vez de espreitar as discutíveis modificações do nordeste brasileiro em contacto com a onda de forasteiros que foram combater a secca, unicamente nas suas relações sentimentaes, o escriptor tivesse estendido a sua ana-

lyse a todas as manifestações da vida collectiva, talvez podessemos saudar *O Boqueirão* como um dos mais interessantes e poderosos romances brasileiros. Mas não é licito criticar um livro pelo que elle poderia ter sido. E por isso, resta-nos sómente lamentar as falhas dos dois romances apresentados e louvar o apparecimento dessas duas magnificas e duradouras novellas. Optimas novellas.

VIRGINIO SANTA ROSA

F. Contreiras Rodrigues — *Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial* — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Habitando embora em modesto recanto do Rio Grande do Sul, o sr. Contreiras Rodrigues está adquirindo, no decurso dos annos, uma reputação irrestrictamente brasileira. A principio, preocupado apenas com os factores regionaes do seu Estado, dera-se elle ao estudo de gauchismos que nem sempre poderiam interessar ao commum dos leitores do paiz. As estrophes que subscreeu com o pseudonymo de Piá do Sul não encontrariam repercussão affectiva senão nos municipios cujos costumes haviam inspirado o autor. Mas, posteriormente, tendo feito uma bella e fecunda viagem de estudos á França, onde se poz em contacto com o eminente economista Charles Gide, o sr. Contreiras Rodrigues entrou a ampliar a sua zona de actividade mental, lançando trabalhos perduraveis sobre questões de sociologia e politica. Neste volume de agora, pôde asseverar-se que o talentoso escriptor guasca dá o melhor do seu espirito, do seu potencial de investigador e de reconstructor de velhos periodos da nossa historia. Realizando obra em que quasi tudo teve de fazer por si, dada a escassez de precusores no genero, elle patenteia, em trezentas paginas opulentas de substancia, quanto o factor economico plasmou acontecimentos e factos em que outros enxergavam apenas a preponderancia de elementos de abstracção ideologica. Sem ser um fanatico do materialismo historico, o sr. Contreiras Rodrigues não é, inversamente, um lyrico do passado e, mantendo-se equidistante de todos os excessos, toma lugar entre os nossos mestres de historia com esta evocação do trabalho dos brasileiros, desde o periodo embryonario ao de pleno florescimento. O que devemos aos indios, aos negros, ás missões religiosas, aos administradores lusos, é fixado por alguém que bem conhece os methodos de sciencias sociaes preconizados pela escola de Demolins e Tourville e sabe traçar portal-os, sem compromettel-os, ao plano brasileiro.

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO

Constituem indiscutivel novidade em nossa terra os estudos que os doutores Leonidio Ribeiro, W. Berardinelli e M. Roiter, director e anthropologistas do Instituto de Identificação, vêm consagrando á delimitação dos grupos sanguineos. Já o eminente Afranio Peixoto accentuara a importancia dessas investigações no sentido de "resolver mysterios ethnographicos e anthropologicos". Começando com o elemento nosso, nitidamente autochtone, Leonidio e seus dignos parceiros dedicaram utilissima monographia aos indios guaranys, constatando que cento e sete indios examinados por elles, homens, mulheres e creanças, pertencem na totalidade ao grupo sanguineo zéro. Todos os detalhes esclarecedores do assumpto figuram, com a maior probidade scientifica, em opusculo que os cultores de estudos raciaes, do paiz ou do estrangeiro, não deixarão de percorrer com proveito. Da autoria exclusiva de Leonidio Ribeiro é a substanciosa monographia destinada a evidenciar, com uma argumentação irrebativel e copiosa informação photographica, que a lepra é capaz de alterar os desenhos papillares das impressões digitaes. A competição surgida, a esse proposito, entre o joven mestre patricio e o grande Edmond Locard, da França, empresta perfeita actualidade ao volume, que é a summula de muitos e muitos mezes de pesquisas por parte de um brasileiro habituado a trabalhar autonomamente, respeitoso apenas da sancção da verdade experimental.

LITTERATURA CUBANA

Sendo uma das primeiras personalidades litterarias do seu paiz, o ministro José Manuel Carbonell, representante de Cuba em nossa terra, vem trabalhando para uma perfeita divulgação, entre nós, dos escriptores em verso e prosa da patria de Marti. Autor de um livro notabilissimo sobre a evolução da cultura cubana, esse illustre diplomata, orador eloquente e conversador de grande amenidade numa tertulia sobre artes e lettras, bem comprehende que nem só a propaganda dos productos mercantis deve ser desenvolvida pelas figuras da "carrière", e tambem a dos productos do espirito, significativos como nenhuns outros da vitalidade de um povo. Assim, graças á visão desafogada desse embaixador da intelligencia, pôde, já agora, o nosso publico estabelecer contacto directo com os publicistas de Cuba, classicos e modernos. Trabalho meritorio é a reedição das obras completas de José Jacinto Milanés, cujo centenario os homens de gosto da ilha formosa festejaram com tamanho entusiasmo; trata-se de um poeta a um tempo erudito e popular, cultor de legendas antigas e tambem evocador enternecido dos costumes cubanos. Outra individualidade preeminente das Antilhas, posta em foco pelos seus admiradores, é a de Antonio Maceo, creatura de forte combatividade civica, admiravelmente estudada num perfil incisivo de Miguel Angel Carbonell. Os poetas de *El Laúd del Desterrado*, cantores de visão accentuadamente romantica que julgavam o patriotismo inseparavel da pura contemplação poetica, são robustamente historiados por José Manuel Carbonell, numa série de ensaios em que o artista vibrante se casa ao attento rebuscador de textos. Sobre a novella em Cuba, suas manifestações, ideaes e possibilidades, temos um discurso de Salvador Salazar, valiosa synthese em que não é omittido nenhum daquelles que em Havana e adjacencias dominam prestigiosamente a arte da narração, de tanto influxo nas turbas ledoras da democracia. Finalmente os annaes da Academia Nacional de Artes e Lettras compendiam o que vae de melhor pelos espiritos de Cuba, sem fugir a nenhuma demonstração de cultura constructora, da politica ao folk-lore local. E' um transumpto de longos e minuciosos estudos que faria honra a qualquer nucleo vanguardeiro da Europa que pensa.

ARMAND GODOY

Do poeta cubano Armand Godoy, tão festejado nos circulos litterarios de Paris, recebemos agora o lindo volume *Triste et Tendre*, com prefacio de Jean Royère, o fino theorista do "musicismo" e critico dos que mais lucidamente explicam os trabalhos do compatricio de José Maria de Heredia. *Triste et Tendre* é mais uma prova da subtil sensibilidade lyrica de Armand Godoy, que se apoderou com a maior segurança do material plastico e rythmico da lingua franceza, impregnando-se de Baudelaire e Verlaine e dando a sensação de que a sua lingua materna é, não a de Zorrilla, e sim aquella em que foram escriptas *Les Fleurs du Mal* e *Sagesse*. Mas é bem de ver que nem só o valor melodico existe nas estrophes de Armand Godoy. Tambem ha nelle densidade de pensamento e, transportado a um outro idioma, nem por isso sóffre grande decrescimo de emoção e belleza. Verificamol-o, no momento, através da formosa traducção italiana do seu poema *Ite Missa Est*, devida ao certo gosto adaptador de Alda Rizzi, figura das mais destacadas da Italia feminina que deu Ada Negri e Annie Vivanti.

"O BIBLIOPHILO"

Publicação das mais sympathicas, destinada a interessar mesmo os que se sintam fortemente enfarados da coisa litteraria, é este boletim bibliographico de Garanhuns, Pernambuco. Com effeito, representa para nós agradabilissima surpresa vêr que, numa cidade do Norte onde muitos acreditariam existir apenas cangaço e paizagem, ha cultura, gente que lê, homens de lettras que redigem ensaios em condições de não deslustrar qualquer jornal do Rio que os acolhesse. Elemento de propaganda de uma livraria local, *O Bibliophilo*, deixando longe os propositos mercantis que o suscitaram, serve o espirito, discute e divulga os livros que realmente exprimam o Brasil pensante. Edmundo Jordão, Amadeu Aguiar, Paulo Sena, Morse Lira e outros, são nomes a reter, porque amanhã ou depois reapparecerão ligados a trabalhos duradouros. E detalhe não contristador para nós outros que editamos livros é saber que em Garanhuns se vendem annualmente dez mil e tantos volumes.

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

Hamburgo, 11 de Abril de 1930

Meu caro Gastão,

Recebo neste momento a tua carta de 25 de março ultimo e respondo logo por medo de que não venhas a Hamburgo, como desejo.

O meu caso é simples.

Tenho direito de requerer férias em julho e o Mangabeira me telegraphou que m'as concederá quando eu lh'as pedir. Não pretendo, porém, requerel-as a não ser lá para o fim do anno, porquê, estando a estudar allemão ha quatro para cinco mezes, e sabendo ainda muito pouco da lingua goetheana, não desejo interromper esses tão necessarios e difficeis quão apraziveis estudos philologicos. De sorte que, si vieres directamente a Hamburgo, isso será para mim um alegrão. Mas devo dizer-te: no fim de maio não estarei em Hamburgo, e sim. com a graça de Deus, na Baviera, em Ober-Ammergau, onde pretendo assistir á famosa Paixão de Christo, que só se representa de dez em dez annos. Já estou munido de bilhete para hospedagem. Depois disso voltarei para Hamburgo. O essencial é que não interrompas communicações commigo, porque pode-se dar o caso que eu vá por exemplo a Berlim, ou a Paris, ou ao Rheno e nos desencontremos, o que seria positivamente um desastre.

Recebi o livro culinario. Já tenho comido mui bom bacalhau (aliás receita do Bormann), peixe á brasileira, arroz, etc.

Leio com prazer que o Papa-Verde Borges de Medeiros não quer revolução. A lição do Bernardes serviu-lhe... Louvo o seu patriotismo.

Mandei ao Ramos alguns catalogos e tambem um volume de Nietzsche. Não sei si os terá recebido. Vou escrever ao Saul, que me mandou um livro de O. Vianna, que já li.

Espero que me escrevas e aguardo o teu novo livro. Abraça por mim ao Gilberto, ao Ramos, ao Agrippino, ao Saul. Escrevi ao Juliano Moreira, mas não recebi resposta. Não sei si minha carta lhe terá chegado ás mãos.

Abraços do teu velho.

Torres

Hamburgo, 8 de Junho de 1930

Meu caro Gastão,

Quer da janella de minha sala (porque eu aqui tenho sala, coisa que nunca conheci no Rio) quer da janella do meu quarto, vejo uma boa nesga do Alster, sobre cuja face, lisa como espelho azul-cinzento, deslisam docemente barcos a vela. Minha sala e meu quarto, por suas janellas, dão para quintaes e jardins visinhos, ou melhor, pequenos parques, porque canteiros de flores não existem, ao passo que frondejam vigorosa e altivamente a bella faia vermelha, que os allemães chamam **Rot Buche** e os inglezes **copper-beech**; o soberbo e copado bórdo, que os latinos chamam **acer**, assim como tambem castanheiros e tilias, nobres arvores estas ultimas, pois é empoleirado numa dellas que o **Passaro da Floresta** premune Sigfried

contra as perfidias e o veneno de Mí-me. Ahi, por entre as frondes desses arvoredos, tão bellos quanto a propria civilização que elles adornam, fazem a sua festa matinal e vespertina os melros de peito dourado, a que os allemães chamam **Pirol**, os tentilhões, os tordos, cujo canto lembra o do nosso sabiá (e que julgo ter-te feito ouvir uma vez em Windsor, lembas-te?); os estorninhos, cujo canto parece uma série de gritinhos irritados e irritadiços, e finalmente os rouxinões, que Hamburgo possui em bandos. Esta cidade foi a primeira em que ouvi cantar esses passaros. Durante o dia, durante as horas calmosas, calam-se todos. Mas, para substituil-os, tenho eu os canarios de alguns visinhos, sem fallar nos pardaes, que não são nenhuns Carusos, é verdade, mas nos alegam quando nos vêm comer o miollo de pão que lhes offerecemos no peitoril da janella. Ha dias foi tal a grulhada dos rouxinões, melros e outros musicos da orchestra alada, que despertei as 3 1/4 da manhã. Nesta latitude e nesta estação as noites são curtissimas, como sabes. A' tarde assento-me junto a pequena varanda da minha saleta e, enquanto ouço a bella musica, leio algum bom livro. Tal o **décor** no meio do qual li a tua **Amazonia Que Eu Vi** — livro magnifico, que ensina sem aborrecer e espalha sciencia sem as sabedorias do pedantismo. Fallas no uirapurú. Como eu quizera poder ouvil-o para poder comparar a sua arte com a do rouxinol! Si elle canta de facto pela solfa que o teu livro reproduz, deve ser o seu canto mais variado do que o deste. Mas sem ouvil-o é imprudente dar opinião. Não quero fazer aos passaros a injuria que aos artistas fazem os nossos criticos musicaes do Brasil, os quaes criticam os maiores virtuosos, quer cantores, quer instrumentistas, quer regentes de orchestra, sem tomar a pequenina precaução de aprender pelo menos os rudimentos de musica.

Concordo integralmente com o que dizes a respeito da horripilante immigração portugueza á pag. 102, mas não admitto que isso seja motivo para entregarmos sem mais nem menos a Amazonia aos pelles-vermelhas de Nova York, os quaes ali poderiam derramar os seus negros, que nos Estados Unidos são tratados peor do que os parias da India (estes pelo menos não são lynchados nem queimados vivos) e seriam pessimos elementos no norte do Brasil. E no dia em que elles, secretamente açulados pelos argentarios de Wall Street e pelos industriaes de Detroit, se revoltassem para proclamar-se autonomos, a marinha norte-americana, que é apenas a capanga dos capitalistas, estaria prompta para vir defender "as legitimas aspirações daquelles cidadãos dos E. Unidos", que lá nem siquer podem tomar o mesmo trem que os brancos. Com os E. Unidos nada bom se póde aprender. Ali só se salva o dollar, mas este elles só nol-o dão a custa de juroscorchantes. Eu desejo cordialmente uma boa chuva de fogo e polvora sobre a Inglaterra, os E. Unidos

e todos os paizes de raça e lingua ingleza. **Gott strafe England und Amerika!** De accordo me acho tambem com o que dizes na pagina 138: o norte é o verdadeiro cadinho da verdadeira brasilidade, o norte e o centro. Do sul de Minas para o sul do Brasil, é este uma colcha de retalhos

Mudar o governo para um rancho no Planalto Central seria bom. Mas qual o heroe capaz de realizal-o? Ora o nosso Brasil não produz heroes nem santos. Acho justos os elogios que prodigalisas ao general Rondon. É uma notabilidade, não ha duvida

(A lettra está começando a ficar ruim, porque o punho começa a doer-me, motivo por que não escrevo mais para jornaes).

Applaudo immensamente, **manibus pedibusque**, as tuas luminosas intenções de abandonar as seringas e os emplastos para obter algum posto no Exterior. O serviço do Exterior é arma bigume. Vir para a Europa é excellente, mas ha sempre o perigo de ser mandado para algum logar da America. Ora, de America, só o Rio et encore... quanto ao mais, prefiro ir para o Inferno a ir para qualquer posto de Americas, seja norte, centro, ou sul. Que ha nos Estados Unidos? Brutalidade, machinas, casas de setenta andares. Onde está a beleza de tudo isso? Ha por lá muito dinheiro. Mas os **Yankees** darão cheques de mil dollares aos homens intelligentes que lá vão? Não me consta. A casa, em Roma em que viveu Bernini, a casa de Goethe aqui em Francforte, a casa do Dr. Johnson em Londres, tudo isso tem a meus olhos muito mais importancia do que a 5.ª Avenida e todos os bancos de N. York, que são cavernas de ladrões. Si me dissessem agora que os livros de Carlyle ou os do Dr. Johnson pereceram num incendio, que amargura para mim! Mas si me dissessem que as fabricas do Ford se incendiaram e que tambem o velho Ford tinha lá sido esturricado como um rato, isso não tiraria nada ao meu prazer de tomar um copo de boa cerveja bávara. Da America latina nem fallemos. Tirando o Brasil, essa tal America hespanhola póde bem ser chamada

..... A nossa gente do interior é boa. Só lhe faltam educação e hygiene para se transformar num grande povo. O doutoreco politicante e o tenentoide philosophante das cidades, esses nada valem. Mas o jeca é bom. E creio que, tirados os desconfortos materiaes, espiritualmente devias achar-te melhor nas selvas, entre os bugres, do que entre medicos, bachareis e academicos, não é? Montaigne acha que se póde aprender muito com os selvagens, porque, sendo simples e grosseiros, são capazes de dar melhor testemunho do que les fines gens, que enfeitam o que narram e glosam mais do que informam.

Recebi e agradeço os versos de Castro Alves. Reli-os. Que desillusão acerbou! As **Vozes d'Africa**, o **Navio Negro**

e o resto dos *Manuscriptos de Stenio*, que bobagem!

Recebi uma carta do Gilberto e vou escrever-lhe, provavelmente amanhã, segunda-feira feriado, pois hoje é Domingo de Pentecostes. Quizera poder escrever um artigo a respeito do teu livro. Mas imagina: que jornal publicaria as idéas que estão nesta carta e que seriam as idéas do artigo? Ora, escrever artigoide que nada diga não é commigo. Prefiro emmudecer a escrever coisas no genero do que fazem os nossos litteratos bemquistos. Abraça por mim ao Ramos, ao Agrippino e — já se vê — ao preclaro senador sergipano — que horror! Collega de bancada do Lopes Gonçalves! É o cumulo! Uma estrella ao lado de ... Bom. Termino. Já estou ficando inconveniente. Abraços do velho

Antonio Torres.

P. S. Agora são 10 da noite. Crepusculo. Todos os passaros emmudeceram, menos os rouxinões, que agora ouço cantar absolutamente só. Posso ouvi-lo a meu gosto. E comparando o seu canto com o do uirapurú, segundo a solfa do teu livro, duvido de que o nosso patriocio possa competir com o europeu não só na pureza do timbre como na variedade do gorgeio rossiniano. Mas, repito, opinião precaria...

Hamburgo 2-VIII-1930

Meu caro Gastão,
Duas palavras apenas.

Enviei-te hoje pelo correio e devidamente registrado o *English for Foreigners* que te promettera. Demorou a seguir, porque tive de encommendal-o a Londres e de lá também demoraram a mandar-m'o. Como verás, é excellente.

Quando nos veremos? Virás até cá? Os navios do Lloyd tocam em Hamburgo... quando não ficam no fundo do mar.

Abraços do velho

Torres.

Hamburgo 6-X-1930

Querido Gastão,

Ha muito não recebo cartas tuas. A ultima me trazia retalhos de jornaes e os folhetos humoristicos do Apporelly.

Estive em Bruxellas para ver o Gilberto e muito se fallou de ti.

Os jornaes aqui trazem telegrammas alarmantes de revolução, sempre a mesma coisa o nosso pobre Brasil! Mandame um relatorio a esse respeito, si a censura deixar passar correspondencia sem abril-a... O unico lugar da Europa onde os brasileiros têm noticias mais frequentes do Brasil é Paris. Mas aqui, por estas plagas septentrionaes, só se sabe o que nos dizem os parques e vagos telegrammas, das folhas locaes. Que desgraça! Nova rebordosa no Brasil! Passei hoje um dia horrivel. E, como sei que não dormirei, passarei a noite lendo. Felizmente estou morando em local silencioso, de onde te escrevo. Não ha mais rouxinões, nem tordos, nem tentilhões a cantar. Começa o inverno. Faz frio e ha ventania, que me sacode as vidraças. O vento geme, uiva, e zune lá fóra como almas do outro mundo. Faz pensar no Navio Phantasma ou no Peer Gynt. Tem havido desastres e mortes por esses mares bravios estas ultimas semanas, santo

Deus! E hontem, devido ao nevoeiro, um dirigivel inglez, mais possante do que qualquer Zeppelin, arrebeitou numa collina, perto de Beauvais, ás duas horas da manhã, pouco mais ou menos, e morreram quasi todos! Isto prova que o homem, não sómente é o rei dos animaes, como também já dominou a natureza. Na minha fraca opinião, prova apenas que o homem é apenas o maior e o mais imbecil dos animaes. Quando nos veremos? Eu quizera ficar por aqui mais algum tempo a estudar. Em todo o caso, si as coisas ahi não estiverem em ordem, parece que lá irei mais depressa do que pensava, isso no caso do governo futuro m'o permittir. Mas qual será o governo futuro? Rem difficilem... Abraça por mim ao Ramos, ao Agrippino, ao Godoy, si o vires. O Gilberto vae para lá breve. Do teu d'alma

Torres.
(Continúa)

Soares de Faria — *Dilemma* — Editora Guanabara — Rio.

Certas deficiencias de composição, certos deslizes de estylo, fazem crêr que está em jogo um autor ainda muito novo, provavelmente estreante. Mas seria iniquo desencorajal-o, por isso que o vemos sinceramente attrahido pela materia plastica do romance e em condições de bem historiar o que ocorre de expressivo por esses vivissimos recantos mineiros de cuja descripção nos apresenta agora um simples escorço, ainda assim por vezes saboroso. Certas physionomias do volume, embora fugitivamente entrevistas pelo leitor, provam que, se o sr. Soares de Faria abordou, logo de inicio, o mais difficil e complexo dos generos litterarios de hoje, não está de modo algum desapparelhado para manter-se com brio no terreno das lettras.

Marietta Menna Barreto Costa —
A Missão da Belleza — Livraria do Globo — Porto Alegre.

A proposito do livro *Desherdada*, dessa brilhante poetisa gaucha, escreveu o illustre critico Paulo Arinos que qualquer dos "nossos melhores poetas da geração passada não recusaria assignar alguns dos seus versos e os mais amplos e vibrantes." O sr. Darcy Azambuja, notavel escriptor regionalista, disse que nada falta a essa creadora de rythmos "para ser em breve a melhor poetisa riograndense." "Escreva, escreva sempre e com a arte suggestiva que revela em seus formosos versos", recommendou-lhe o sr. Alberto de Oliveira. Da nossa parte, verificamos a apparição deste segundo volume da sra. Marietta Menna Barreto Costa que não se trata de uma verzejadora mediocre, a exigir louvores convencionaes de quem quer que seja. Trata-se, sim, de uma entusiasta das bellezas pantheisticas do Brasil e também de uma creatura que sabe extrahir lyrismo dos melhores sentimentos christãos.

— André Le Breton, professor na Sorbonne e titular da cathedra Victor Hugo, estampou um substancioso ensaio sobre a juventude do grande poeta. Vemol-o ahi ás voltas com seus irmãos, num ambiente domestico meio desordenado, em que cedo se manifestou o dissidio paterno e materno. Felizmente, as constantes viagens, as mudanças de guarnição do pae, que era official do Imperio e chegou a general, aproveitaram bastante ao futuro colorista de tantas paginas intensas. Sabe-se que a mãe de Victor Hugo, realista fervorosa, procurou infundir-lhe os seus sentimentos de fidelidade aos soberanos decahidos, querendo converter o joven estudante numa especie de vendeano irreductivel. Mais tarde, é verdade, Victor sacudiu para longe esses pruridos monarchicos e se voltou, de preferencia, para os entusiasmos napoleonicos do progenitor.

— Sob o titulo de *Le Chef-d'oeuvre*, a Casa Stock, de Paris, acaba de divulgar, para o publico francez, mais um romance de Sinclair Lewis. Nesse trabalho, como em *Babbitt*, o festejado autor americano dá-nos outro grande panorama da tão debatida civilização yankee. Agora, o que vamos encontrar nas suas paginas, é a historia de um modesto hoteleiro de pequenina cidade do Oeste, que coçado da sarna da riqueza e dos grandes empreendimentos que contagia a todos os seus compatriotas, projecta e realiza transformar-se no dono do maior hotel dos Estados Unidos. Mas nos seus planos não entrara a crise nem o reverso dos grandes compromissos que assumira, e é a ruina o que o espera dentro dum scenario de sombras espessas, onde outrora só brilhavam as mais deslumbrantes miragens. Mas o homem tem a fibra dos seus ancestraes e não esmorece. Mesmo sob os escombros, continúa a agitar-se e ainda procura encontrar um outro logarzinho ao sol.

Acaba de apparecer :

Luc Durtain

**IMAGENS DO BRASIL E
DO PAMPA**

Traducção de

RONALD DE CARVALHO

2ª edição

Em todas as Livrarias

— Richelieu continúa a preocupar os biographos e historiadores. Agora é o sr. Augusté Bailly quem nos dá uma nova vida do famoso cardeal, ministro de Luiz XIII, e que de accordo com um dos seus apologistas, "domina toda a sua época e, envolto de purpura, flammejante, passa á historia como um heroe de Corneille".

— A casa Stock vem de reeditar *La Vie d'un Simple*, de Emile Guillaumin. Este romance, quando appareceu, ha trinta annos, fez um certo ruido, sobretudo porque mereceu um daquelles bombasticos artigos de Octave Mirbeau, sempre desmentido, tanto nos elogios como nos ataques. *La Vie d'un Simple* tem agora o seu instante de actualidade com o surto da escola populista e dos escriptores que vão buscar inspiração aos meios proletarios.

— *Le Renaissance*, de Raoul Morçay e *Les Écrivains Classiques*, de A. Gaillard de Champris, são dois livros recentemente apparecidos, ricos de erudição e abundantes de luminosos conceitos, que não podem deixar de figurar na estante daquelles que se interessam pela historia da humanidade e acompanham o evoluer da litteratura.

— Henri Massis vem de publicar *Débats*. A respeito deste livro, assim se exprime Thierry Maulnier num artigo publicado na *Action Française*: "Nesses ensaios, que parecem percorrer e illuminar alternativamente os problemas essenciaes e as grandes influencias destes ultimos annos, de Gide a Spengler, de Barrès ao pan-germanismo, ha de se ter encontrado, ainda mais perto do objecto e com uma resonancia ainda mais rica, a preciosa intransigencia dos Juge-ments."

— Paul Morand publica *Mes Debuts*. Não falta interesse ao livro porque esse escriptor tudo sabe contar agilmente, mesmo quando o fundo não seja dos mais ricos. Morand é de uma familia de litteratos e seu pae traduziu o *Hamlet* para o francez em companhia de Marcel Schwob. Cosmopolita por excellencia, acha vantajoso para os francezes sairem sempre de sua terra e correrem amplamente a terra dos outros, tal qual fizeram Mac Orlan, Giraudoux e Valery-Larbaud, depois de Stendhal, Gobineau e Chateaubriand. A interpenetração de povos ainda é um grande fomento litterario. Já agora a França não pôde viver mais sem a Russia de Dostoïvsky, que, como é sabido, era um grande leitor de George Sand e até mesmo de Paul de Kock. Isto não quer dizer que Paul Morand não continue a achar Paris a cidade mais deleitosa do mundo. A grande capital o enthusiasma desde que elle, muito creança, se pôz em contacto com os amigos do pae, tendo occasião de conhecer especimens artisticos dos mais bizarros. Foi por exemplo Lord Alfred Douglas, o tal que esteve envolvido no escandaloso processo Wilde, quem o aconselhou a ir estudar em Oxford, ainda com treze annos de idade. Ah, graças em boa parte aos exercicios de gymnastica, a natação e ao box, viviã-se uma vida bem mais movimentada que a dos alumnos da Sorbonne, ás voltas com professores tediosos que parecem estar sempre remexendo em tumulos egypcios. Litterariamente, a gente franceza predilecta de Morand é o grupo da *Nouvelle Revue*, sejam catholicos como Claudel ou pagãos como Larbaud. Costuma falar de Proust com grande veneration, embora prefira a rua a todas as bibliothecas e citasse a um reporter que foi ouvi-lo o trecho em que Emerson diz que "a vida é nosso dictionario" e só sabe viver realmente aquelle que se consome nos trabalhos directos do campo ou do commercio, na sociabilidade sincera com um grande numero de creaturas, fugindo o mais possivel á contaminação dos vicios livrescos.

— No Theatre de l'Oeuvre, em Paris, representa-se actualmente uma peça de Maurice Rostand: *Le Procès d'Oscar Wilde*, que attrahe grande publico e desperta a attenção da critica. Peça mais que á clef, nella apparecem em scena não só o autor de *Salomé*, primeiro no esplendor de sua gloria, depois como encarcerado de Reading, Frank Harris e outros, como até a figura de Lord Alfred Douglas, que ainda hoje vive na Inglaterra e, já muito alquebrado pelos annos, amarga as consequencias da sua juventude escandalosa.

— O *Tartarin de Tarascon* acaba de ser transposto á tela cinematographica por uma empresa de Paris. A critica não lhe tem sido muito favoravel. E' que o romance está bem vivo na memoria de todos e ha na filmagem varias infidelidades ás saborosas paginas de Daudet. Fez os seus dialogos Marcel Plagnol e é o actor Raimu quem se mette na pelle do fañhudo e potoqueiro heroe dos Alpes. Mas, como observa um critico, este actor tem mais uns vinte centimetros do que o verdadeiro Tartarin...

— A' maneira do *Mon ami Robespierre*, de Béraud, a sra. Longworth-Chambrun, que é uma profunda conhecedora de Shakespeare, a respeito do qual já tem escripto muitos trabalhos curiosos, vem de publicar uma deliciosa biographia romanceada sobre a tão discutida personalidade do autor do *Hamlet*. Aproveitando-se da tradição que diz ter sido o comediante John Lacy um dos maiores amigos de Shakespeare, a sra. Chambrun simula reconstituir as suas memorias, actualizando-se assim em plena vida do seculo XVI e dando-nos dest'arte um delicioso *Mon grand ami Shakespeare*.

— O ultimo premio *Gringolre* foi conferido ao livro de Jacques Bacot: *Les Flambeurs d'Hommes*, em que se relata uma interessante viagem aos confins da Abyssinia. E' livro dos mais instructivos e no qual se estudam com muita probidade, mas sem nenhum prejuizo do verdadeiro talento litterario do autor, os costumes, a religião e as artes de povos ainda muito pouco conhecidos.

— Num dos ultimos numeros da magnifica revista *Cinema Quarterly*, que se publica em Londres, e na qual collaboram nomes dos de maior prestigio na arte cinematographica, apparecem dois artigos do nosso distincto patricio Alberto Cavalcanti, ha muito residindo na Europa, e que é hoje um *metteur en scène* dos mais afamados.

— Como acontece actualmente com a nossa, existem varias vagas na Academia Franceza, e tambem como aqui, lá pullulam os candidatos. Entre os nomes mais cotados para as proximas eleições, citam-se os de Paul Claudel, cuja candidatura é apoiada por François Mauriac, Claude Farrère, Georges Lecomte, Jacques Boulenger, Poerre Champion e outros.

LEIAM

POEMAS DE ALBERTO RAMOS

EDIÇÃO ARIEL

Em todas as Livrarias

— *Le Livre de San Michele* é, no momento, a revelação para os francezes de Axel Munthe, um medico que soube tecer a mais encantadora das auto-biographias depois de viver a mais interessante e a mais surpreendente das vidas. Doido pela medicina, exercendo-a como por effeito de uma vocação quasi poetica, soube elle mesclar qualquer coisa de maravilhoso á sua carreira de clinico, exercida não raro em ambientes de sonho, em paizagens lyricas como essas de Anacapri, onde o sol, o mar, os habitos pittorescos fazem esquecer as misérias e as angustias das populações. Grande amigo dos cães, o doutor Axel Munthe metteu-se em incidentes incommodos para defender a pobre raça canina. Recorde-se, finalmente, que, tratando desse livro onde o pathetico e o comico se misturam, um dos nossos grandes homens de sciencia, Miguel Ozorio de Almeida, teve occasião de escrever optimo ensaio no *Boletim de Ariel*, apresentando Axel Munthe aos leitores do Brasil.

— Vilfredo Pareto, o notavel economista italiano que foi ensinar na Suissa, é evocado num saboroso opusculo de G. H. Bousquet. Especialmente valiosa é ahi a bibliographia completa das obras de Pareto. Foi este, ninguem o ignora, um dos maiores sociologos dos ultimos decennios. Formou-se em engenharia e só depois dos quarenta annos começou a consagrar-se á investigação dos problemas de economia politica, no que bastante o ajudaram os seus conhecimentos de mathematico e de humanista profundo. De curiosidade sempre despertada para todos os phenomenos da vida, Pareto, que não se eximia a ouvir uma boa anecdota mesmo frascaria e sabia gargalhar da parvoice dos mãos administradores, sentia bem que as sciencias sociaes são sciencias de relativismo, não raro abundantes em conjecturas bem precarias. Lecionando na Universidade de Lausanne, defendeu a verdade scientifica, mas sem cair no fetichismo materialista, e, um tanto avesso aos creadores de paraísos equalitarios, desfez muito illusão dos socialistas modernos.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Helio Vianna — **Formação Brasileira** — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Gustavo Barroso — **O que o Integralista deve saber** — Civilização Brasileira — Rio.
- José-Maria Bello — **Intelligencia do Brasil** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Pedro Calmon — **Espirito da Sociedade Colonial** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Helio Lobo — **No Limiar da Asia** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Marietta Menna Barreto Costa — **A Missão da Belleza** — Poemas — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Abdias Silva — **Historia da Civilização** — 5.^a série — J. R. de Oliveira. — Rio.
- Piá do Sul — **Farrapo** — Memorias de um Cavalo — Edição Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Juvenille Pereira — **Paiol** — Poemas — Edições Paiol — Rio.
- Luiz Amaral — **Vencer** — 2.^a edição — São Paulo.
- Soares de Faria — **Dilemma** — Romance — Editora Guanabara — Rio.
- Alfredo Cecilio Lopes — **A Racionalização dos Partidos Politicos** — São Paulo.
- Lobivar Mattos — **Areotore** — Poemas Boróros — Irmãos Pongetti — Rio.
- Jonathas Serrano — **Historia da Civilização** — 5.^a série — F. Brigueit Editores — Rio.
- Gastão Pereira da Silva — **Para comprehender Freud** — Civilização Brasileira — Rio.
- Francez pelo Methodo Directo — por um Grupo de Professores — Livraria Educadora — Rio.
- Jorge de Lima — **Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien** — Leipzig.
- Horacio Quiroga — **Mas Allá** — Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo — Buenos Aires.
- Lelio O. Zeno — **A Medicina na Russia** — Trad. de Osorio Cesar — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
- A Educação na Republica dos Soviets** — Programmas Officiaes — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Armand Godoy — **Triste et Tendre** — Poésies — Editions Bernard Grasset — Paris.
- Wenceslau Pareja — **Voces Lejanas y otros Versos** — Guayaquil — Equador.
- Antonio Spinetti Dini — **La Palabra al Viento** — Venezuela.
- M. Delly — **Escrava... ou Rainha?** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Fenimore Cooper — **O Ultimo dos Mohicanos** — Collecção Terramarear — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
- Lanterna Verde — **Bol. da Sociedade Felipe de Oliveira** — N.º 2 — Rio.

Abdias Silva — **Historia da Civilização** — R. J. de Oliveira — Rio.

Professor do Gymnasio São Bento, de tanto influxo em nossos meios educacionais, o sr. Abdias Silva apresenta-nos agora uma 5.^a série da **Historia da Civilização**, redigida de accordo com o programma do Collegio Pedro II. Trata-se da esculpida synopse de quem, sobre versar de perto os melhores historiadores nacionaes e estrangeiros, dispõe, no caso, do exacto criterio seleccionador que só resulta da experiencia, do longo contacto directo com dezenas e dezenas de alumnos. Não basta correr os textos, não raro inactuaes e controvertidos, em que homens de gabinete lançam os seus julgamentos e sentenças sobre almas e acontecimentos de outras éras. E' preciso saber escolher, nesse turbilhão de factos, o detalhe realmente expressivo, aquelle que define caracteres e dá os moveis Moraes da serena evolução ou das agitações collectivas. Tudo isso, o sr. Abdias Silva, que bastante reflecte antes de ir ao papel e dirige o seu pensamento ao invés de ser arrastado por elle, pratica de modo satisfactorio. Outro merito seu é saber adaptar os factos essenciaes da civilização ao interesse brasileiro, escolhendo, das innumeras minucias atordoantes, aquellas em que um joven estudante do Brasil possa encontrar proveito manifesta para a nossa raça e o nosso ambiente.

Helio Vianna — **Formação Brasileira** — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Tendo realizado, num departamento provincial da Acção Integralista Brasileira, um curso de historia politica e social da nossa terra, o sr. Helio Vianna foi elaborando com a maior naturalidade este volume que bem lhe confirma os meritos esboçados em trabalhos anteriores. Documentando-se com escrupulo e sendo desses discipulos de Fustel de Coulanges que jámais fazem uma asseveração sem se apoiar na autoridade de um texto indiscutivel, esse moço que pertence á geração brilhante e operosa dos San Tiago Dantas, dos Jacobina Lacombe, dos Antonio Galotti e dos Gilson Amado, passou em revista, com a attenção de quem não quer atraioar os mortos, o essencial do passado brasileiro. A formação da nossa nacionalidade foi sempre o facto central das suas cogitações de estudioso e elle, não se restringindo jámais a um nativismo aggressivo e corruptor, vae buscar as raizes dessa formação "nos acontecimentos europeus da época dos descobrimentos maritimos e até mesmo nas condições medievas dos povos peninsulares". Não comprehende que exista povo sem genealogia, formado por uma especie de miraculosa geração espontanea. Dahi, remontando tanto quanto possível ás origens, dizer-nos palavras nunca superfluas sobre a maneira por que o Brasil se fez entidade politica no mundo. Os trechos referentes á nossa expansão territorial, ao cyclo da canna de assucar, da caça ao indio, da creação de gado e do ouro e das pedras. são simplesmente notaveis. E os seus conceitos a proposito dos males administrativos de hoje são de um clinico moral dos mais avisados, em que a extrema juventude não prejudica a maturidade da reflexão.

Pedro Calmon — **Espirito da Sociedade Colonial** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

A "Brasiliana" da Comp. Editora Nacional enriquece-se com mais este volume do historiador que fez a revisão do processo de Pedro I e tratou sem nenhuma fatuidade domestica de um seu glorioso ancestral, o Marquez de Abrantes. Com a autoridade que lhe advém do trato diurno e nocturno de todos os livros e manuscriptos que elucidem o Brasil antigo, um Brasil que tantos reputam morto, o sr. Pedro Calmon faz-nos vêr, neste volume em que a lição critica illumina sempre em cheio a montoeira de documentos, o que foi a sociedade colonial, o que foram o homem, a organização e o espirito coloniaes. A gente da cidade e a gente do campo, a indumentaria e a mesa, os preciosismos da lingua erudita e a saborosa fala, popular, a religião e a instrucção, o amor e o crime, tudo ahi está, numa synthese que presume esfalfantes analyses. Historia e sociologia utilizadas por um neto de gentishomens que da sabedoria nada recebeu de pedantesco e transmuda os homens antigos em permanentes contemporaneos seus, patricios todos do seu coração e do seu cerebro, seja o mameluco, o bandeirante, o lusiada que de marujo passou a sertanista. São intensas as paginas que, com laivos de epopéa, tratam do mysticismo da riqueza, das pobres Golcondas de turmalinas que fizeram tantos illuminados rebentar de sede ou fome em Goyaz ou em Matto Grosso. Livro notavel, de um notavel historiador e, acima de tudo, de um notabilissimo homem de letras.

ACABA DE APPARECER:

F. CONTREIRAS RODRIGUES

TRAÇOS DA ECONOMIA SOCIAL E POLITICA DO BRASIL COLONIAL

Compilação historica em torno dos problemas da economia social e politica dos tempos da Colonia.

ARIEL EDITORA LTDA.

Preço 12\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDATOR-CHEFE

Agrippino Grieco

CRISE DA EUROPA OU CRISE DO ESPIRITO ?

Creio que de todos os prazeres proporcionados pela leitura, o maior, o mais penetrante é a compreensão fácil e prompta do assumpto. Talvez, entre nelle essa pontinha de vaidade que se insinua em todos os sentimentos humanos. Compreendendo logo á primeira vista, o leitor se sente inteligente, fica contente consigo mesmo, attribue á sua capacidade de percepção o que vem da clareza do autor... Talvez, mas é tambem verdade que, deante dos textos erçados, de acesso difficil, hoje tão communs, a gente tem a impressão desagradavel de não estar á altura, culpando assim a propria deficiencia, quando, de preferencia, deveria pôr em duvida as faculdades de exposição do escriptor.

Por mais alto que proclamemos o nosso horror á litteratice e o nosso amor á sinceridade, o artificio litterario não morreu. Mudou apenas de forma. Como o brilho está no ostracismo, livrámo-nos das flores de rhetorica, das imagens, dos "morceaux de bravoure". Mas nem por isso nos contentamos em escrever simplesmente o que temos a dizer. E como a época é dos technicos, pedimos emprestado á mecanica, a physica, á geometria, á psychologia ou á psychiatria os seus termos. Qualquer ensaio que se preze — sobretudo no ensaio é que a moda pegou — precisa ter aquelle aspecto rebarbativo outr'ora reservado aos livros de sciencia. Se não se falar em angulo, incidencias, entropia, dynamismo, reflexos, eschizophrenia e recalques a cousa não fica com apparencia profunda.

Houve tempo, ao menos aqui no Brasil, em que a elegancia era escreverem os scientistas com requintes de classicos. Agora os litteratos — e não só os brasileiros — deram para empregar a linguagem scientifica. Significará isso que a parte preponderante da cultura deixou de ser a litteraria para ser a technica?

O livro em que André Siegfried estudou a cri-

se economica da Europa escapa a essa mania; é uma leitura recommendavel a todos aquelles em quem a difficuldade de penetrar em certas obras anda ameaçando crear um complexo de inferioridade. (Tambem eu tive de recorrer á expressão pedante; emfim, vá lá, deixemos o complexo. Freud trocado em miudos pelos seus divulgadores, estão-nos a todos muito familiar).

São cento e vinte paginas que se lêem de uma assentada. E o melhor é que, quando termina a leitura, fica-se com a impressão de haver entendido a crise da Europa e a crise do mundo, encaradas sob o ponto de vista economico, e com a convicção de que ellas são, no fundo, uma crise do espirito.

A primeira parte, com o panorama do século IX, é, admiravel. Nesse seculo, o seculo europeu por excellencia, aquelle em que a Europa impoz a toda a terra a sua concepção da vida e os seus moldes, o funcionamento da engrenagem economica estava assegurado pelo facto de existirem no mundo povos economicamente jovens, adultos e senis. Os adultos — os europeus — tinham os mercados livres graças á incapacidade dos demais. Foi a época da crença no progresso indefinido. Esse apogeu puramente material e arraigadamente materialista influiu sobre tudo mais, transmutou todos os valores. A sciencia passou a ser um mero agente de novas conquistas e a producção se transformou, ao contrario, em objecto de idealismo e apostolado, creando a mystica do progresso. Dispensadora de beneficios, a Europa diffundia a civilização abrindo novos escoadouros aos seus productos e assegurando o seu dominio sobre os pontos os mais remotos do globo. Tudo parecia definitiva e satisfactoriamente installado. O século XIX, foi, afinal, para ella, a era feliz em que poudo reunir o util ao agradavel, a philanthropia e o lucro commercial. Vestindo os negros em nome da moralidade collocava ao mesmo tempo o seu "stock" de fazendas.

Sobreveio a guerra, *chronologicamente* situada no começo do século XX, mas que realmente foi o fim do XIX, e os povos tributários, postos subitamente diante da contingência de não só proverem às suas próprias necessidades mas ainda de supprir de quasi tudo o velho continente, passaram de importadores a exportadores. Terminada esta, a inflação manteve durante algum tempo muito alto o poder aquisitivo dos consumidores. Foi uma época de produção *gtneralizada*, febril, para mercados aparentemente transformados em toneis das Danaídas. Hoje, que se desvaneceu a parte fictícia dessa faculdade de absorção, a super-produção se declarou, com todo o seu cortejo de misérias, e é uma das causas da crise, a que Siegfried chamou de "liquidação da guerra".

Evidentemente, a conflagração de 1914, como o accentua o autor, veio apenas apressar um phenomeno que mais tarde ou mais cedo se daria. O regimen colonial de que beneficiava a Europa era, por sua natureza, um regimen de transição.

A passagem do instrumento á machina foi a verdadeira origem da revolução a que assistimos e a adaptação ás fórmulas de vida decorrentes do nosso estado de cousas constitue a crise fundamental da nossa época. Crise geral, reflectida mais fortemente pela Europa porque veio pôr em perigo a sua hegemonia sobre o mundo, facilitando a todos os paizes a industrialização.

Graças á immigração europeia, aos capitães europeus, a civilização material se implantou nos confins do mundo. E o homem da Europa se viu, de repente, posto em pé de igualdade com os povos que formara. A iniciadora da revolução industrial baseada no carvão e no vapor ainda foi ella, mas os pioneiros da produção em série, methodicamente organizada, que transformou nestes ultimos vinte annos a face da terra, foram os Estados Unidos.

O centro da irradiação economica, se não se deslocou inteiramente, ao menos se subdividiu. O problema da hegemonia da raça branca, até ha pouco inherente ao do predomínio da Europa, já não depende exclusivamente deste.

E assim, já que se misturaram intimamente os problemas moraes e os materiaes, a crise economica suscita a questão da direcção espiritual do mundo. A Europa poderá continuar a exercel-a, com os seus meios de acção enfraquecidos pela concorrência?

A civilização occidental confundiu-se quasi completamente, a partir do século XVII, com o bem-estar material; sua mensagem foi mais de conforto do que de espirito. Na bagagem de suas expedições de conquista, no carregamento de suas frotas commerciaes, uma philosophia da vida se escondia: a do direito á felicidade, filha do conforto, e portanto possivel na terra e accessivel a todos.

Agora que o mundo, ou já não acredita nessas

miragens, ou, se acredita, espera conseguil-as por seus proprios meios, irá se desvanecer a influencia europeia?

Siegfried não o crê, porque não desanima do poder de adaptação da Europa. O problema é o do equilibrio entre os continentes. E nas relações entre os povos, os mais evoluídos — no caso os da Europa — põem, segundo elle, mais technica, mais arte, mais criação no seu contingente; além dos productos, fornecem a competencia, a organização, o espirito emfim. Sua exportação, se requintando, espiritualiza-se e se torna por isso mesmo menos vulneravel. Para lutar contra os salarios baixos da Asia e contra o aparelhamento superior da America do Norte, a Europa terá assim de lançar mão mais das suas faculdades de intelligencia, genio inventivo e cultura do que propriamente da competição commercial.

A civilização material que implantou se rebel-la contra ella justamente no terreno material. Para salvar-se, precisará se elevar acima delle. Póde-se interpretar esse alvitre como sendo um deslocamento — ou um mero adiamento — do combate. Ou como uma esperteza; a fuga para as regiões moraes será assim uma especie de pulo da onça da lenda brasileira. Mas póde-se tambem ver nisso uma magnifica revanche do espirito.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

— Os italianos caracterizam-se pela facilidade com que fabricam escolas poeticas. Seria difficil catalogar todos os "ismos" com que a Peninsula costuma aturdir o resto da Europa. Entre outros, Marinetti tornou-se famoso como innovador, ao menos typographico, em materia de poesia, e os programmas do mestre fizeram mesmo ruido muito maior que os poemas em que elle procurava cumprir e justificar esses programmas. Felizmente o poeta Giuseppe Villaroel não se propõe a impressionar ninguém com a rotulagem dos seus productos. Apresenta-se muito modestamente com um volume intitulado *Il Cuore e l'assurdo* e em que, aproveitando-se do aphorismo celebre de que o coração tem razões que a razão não comprehende, não se envergonha da falta de logica, das contradicções frequentes da sua inspição.

— André Bellessort, que acaba de ser incluído entre os immortaes francezes, é um intrepido viajante de paizes e de livros. Com a mesma insaciavel mobilidade do velho Regnard que annexou a Laponia ás lettras francezas, Bellessort andou pelas terras mais bizarras do Oriente e do Occidente, bem comprehendendo, ao contrario da personagem de Montesquieu, que se possa ser persa e mesmo japonéz. Mas é curioso como essa permanente agitação physica, essa vagabundagem pelos hoteis não o tenha desprendido das bibliothecas. Como diabo poderá lêr tanto um cidadão que viaja tanto? Em geral "globe trotter" e humanista são coisas que não se harmonizam facilmente. Pois André Bellessort, escrevendo, sobre os paizes que visita, livros em que os povos são intelligentemente summarizados e as paizagens se fazem entrever em toques suggestivos, pensa tambem no seu Virgilio, no seu Sainte-Beuve, e lá vêm paginas de um fino saboreador de espiritos a proposito do poeta de Augusto ou do homem que todas as segundas-feiras conversava tão encantadoramente com a gente culta da França. Não convem esquecer que o "fauteuil" em que se vae aboletar o intellectual — turista pertenceu a Henri Brémont, que inspirou tão vehementes debates ao discorrer sobre a poesia pura, não comprehendendo separação entre o verso e a prece.

ALBERTO RANGEL - GASTÃO DE ORLEANS: O ULTIMO CONDE D'EU

COMPANHIA EDITORA NACIONAL — SÃO PAULO — 1935

E' um livro dominador. Toma conta da gente... Recebi pela manhã o alentado volume. Sendo *fan* decidido de Alberto Rangel, nunca tive especial sympathia pelo principe. Meio curioso, meio desconfiado, abri o livro. E li, de um trago, as quatrocentas e tantas paginas compactas. Temperado vigor de estylo, clareza, minucia, encanto raro e capitoso. E, depois, que bello tomo de honesta exegése, que obra prima de restauração de uma epoca e de algumas figuras!

A' luz de documentos novos e decisivos — cartas intimas de Gaston d'Orléans, escriptas com abandono e sinceridade — Alberto Rangel recompoz uma personalidade impressionante até hoje desconhecida e mal julgada, talvez, pelas suas qualidades de franqueza e descortínio.

Não seria razoavel, nesta curta noticia despretenciosa, dizer do livro tudo quanto a leitura me suggeriu. Quero ser, apenas, o annunciador da boa nova: um livro de Alberto Rangel, a mais importante monographia historica dos ultimos tempos. Diz o autor, no prefacio, que o Brasil tem sido a *terra da confusão e do olvido*; mas, nos capitulos da obra, si não destróe a confusão, desmente o esquecimento...

Neto do rei Luis Philippe, admirado pelo severo Augusto Comte, Gaston d'Orleans, filho do duque de Nemours, nasceu a 28 de Abril de 1842 num aposento da *Aile des Princes*, do castello de Neuilly. Porque, então, *Conde d'Eu*? E' que o Conselho Municipal daquela cidade do Senna Inferior tinha pedido ao rei a honra de ter o nome ligado á melhor nobreza de França, e que o esperado principe, neto de S. M., fosse senhor do titulo. Ao nascer Gaston d'Orleans, o rei que estava em Neuilly, vendo o neto exclamou: "Temos o Conde d'Eu!"

Em 43 o principe de Joinville, irmão do duque de Nemours, desposava D. Francisca, irmã de

Pedro II. Foi, afinal, a princeza de Joinville quem promoveu o casamento da nossa princeza imperial com o Conde d'Eu. Em 48 Luiz Philippe deixava o throno e partia com os seus para o exilio, no castello de Claremont, na Inglaterra. Ahi viveu e cresceu Gaston d'Orleans. Nesse castello, e na epoca, fez o dr. Mussy, medico da familia, uma descoberta que vem citada em todos os bons compendios de hygiene. Verificou a formação do acetato de chumbo nos canos d'agua, então fabricados com esse metal, produzindo intoxicações frustras. De onde o emprego da liga de estanho hoje adoptada. Em Claremont recebeu o principe, do mestre Gauthier, como presente de chrisma, um bello exemplar da Biblia, traducção de Sacy, que muito mais tarde verificou, com espanto, elle, excellent catholico, era livro condemnado pelo Index...

Em 59 faz o conde d'Eu as suas armas sob a bandeira de Espanha, tomando parte na guerra de Marrocos. Depois matricula-se no Collegio de Artilharia em Segóvia.

Apezar das honrarias que lhe dispensou a corôa de Espanha e do bom trato do povo, o principe confessa que não gostou daquelle paiz: "Plus je connais ce pays ci, plus je l'aborre". Reconhecia, comtudo, que nada justificava a aversão.

Consignados ás duas princezas do Brasil, D. Izabel e D. Leopoldina, partem em 64 Gaston d'Orleans e Augusto de Saxe. Este, ao que se esperava, seria o esposo da herdeira do throno de Pedro II. No Recife ouviram missa; e o conde d'Eu, no seu diario, a respeito do loquaz sacerdote negro que pregou um grande sermão, annotou que a facundia dos negros denuncia a facilidade que têm *para se elevarem ao nivel da raça branca*, traço que elle considerava muito favoravel ao desenvolvimento da civilização no Brasil.

A proposito o principe comparou o negro do Brasil com o da Africa, indicando com muito bom senso as diferenças. Os soldados do Imperio deram-lhe, á chegada, a peor das impressões, mormente pelo costume de atirar o bonet para a nuca...

O imperador pareceu-lhe amavel e bom, mas *rebarbatif*. "As princezas são feias" — escreveu ao pai; e acrescentou que o Imperador já tinha decidido que elle seria o esposo da Princeza Imperial. A 15 de outubro de 64, o consorcio; viagem de nupcias a Claremont. Regresso. Partira para o Sul o Imperador. O Conde d'Eu vai encontrá-lo em Caçapava, caminho de Uruguayana.

Nesta altura começa a parte mais interessante do livro de Alberto Rangel.

Integrando-se aos poucos, mas rapidamente, na vida brasileira, Gaston d'Orleans annotava dia a dia os acontecimentos; ou escrevia longamente ao pai, ao mestre Gauthier, aos parentes de Claremont. Cartas interessantissimas. Mesmo porque o principe além de ser observador minucioso e frio, era dono de um bello estylo, espirituoso e sempre distincto. Nota de uma carta de Caçapava: "Ici tous les vieux généraux que l'Empereur a amenés de Rio ne font que se lamenter sur le froid, sur l'humidité..." O grande *drawback* (sic) era a luta de Caxias — o unico chefe militar de prestigio — dizia o principe — com o ministro da guerra, Silva Ferraz.

Ali, deante de Uruguayana, começou o Conde d'Eu a insistir com o sogro para que o deixassem partir para a guerra, em qualquer posto. E as repetidas recusas chegaram a entibiar as relações de ambos. Os serviços burocraticos que o Ministerio da Guerra lhe confiou foram para o Conde d'Eu magua profunda. No entanto, como commandante geral da artilharia — no Rio — e presiden-

te da Comissão de Melhoramentos do Exército, deixou Gastão de Orleans observações preciosas para quem quizer apurar algumas das razões que fizeram tão longa a luta no Paraguay. “Figurez vous — escrevia elle ao pae — que personne ne peut dire ce que le Brésil a acheté d’armes portatives dans le courant de l’année dernière. Le directeur de l’Arsenal, d’après ses souvenirs personnels ne l’évalue pas a moins de 180.000 armes; et cependant nous n’avons que tout au plus 60.000 hommes sous les armes e n’en avons pas besoin de plus”. Havia como se vê, grande rigor no emprego dos dinheiros do Estado... E por isso a Alfandega cobrou ao Principe os direitos da pauta sobre o que havia trazido da Europa...

A desordem administrativa não parece ter sido inaugurada em 89. Da imprensa, no tempo de Pedro II, escrevia o Conde: “Ils acceptent (os jornaes) et impriment tout ce que leur apporte n’importe qui sur n’importe quel sujet...” Quanto á rapidez com que se movia a administração ha essa linha de ouro: “Mais sous aucun rapport rien ne marche vite en ce pays.”

E do famoso parlamento do Imperio — “ninho de estadistas” — como dizem alguns? A Camara? — “de jour en jour plus plate”. E o Senado? — “à défaut de mieux bataille sur les mots autant qu’il peut”. Paranhos e Caxias durante quatro mezes obstruíram a discussão do projecto de lei autorizando pensões aos militares feridos na guerra (Sic.)

A 9 de outubro de 66, Gastão de Orléans enviava ao Imperador um memorial pedindo, mais uma vez, entrar nas operações da guerra, cuja lentidão profligava com vehemencia. Rangel transcreveu o notavel documento a que dá o titulo de “verdadeira carta de naturalização” do principe. O Conselho de Estado — o famigerado Conselho! — votou contra. Indignado, o principe escreveu para a Europa que a opinião “de ces 11 barbons ne représente pas celle de la nation

brésilienne”. E no seu estylo vivo e claro assim definiu o celebre *areópago*: “Hommes tous d’un certain age et appartenant presque tous au parti conservateur, la préoccupation constante des Conseillers d’Etat est d’écarter tout ce qui soit de la routine ordinaire”. Consultado sobre a abolição do captiveiro, sobre a abertura do Amazonas ao commercio das nações — respondia a incomparavel junta de notaveis que era preferivel adiar essas questões difficeis. Mas ha melhor: o Conselho de Estado, diz o Conde d’Eu, votou contra a installação do telegrapho submarino entre o Brasil e os Estados Unidos...

Alberto Rangel acha, porém, que o Conselho foi “equilibrio, cuidado, attenção, respeito, prudencia, força, profundidade, bom senso e independencia”. *Excusez du peu!* E cita os grandes homens daquella assembléa: Nabuco, S. Vicente, Bom Retiro, Abaeté, Paranhos... Os homens eram grandes; o Conselho sahia sempre pequeno. Vide o famigerado Lebon, a proposito da psychologia dos grupos.

O apaixonado autor do bello volume que estou acompanhando ás carreiras accrescenta que a republica, em nossos dias, ainda quando quizesse restabelecer o tal Conselho, não teria homens para tanto. Concorda com o sr. Oswaldo Aranha. Isso é, porém, materia de que não entendo.

Parte Caxias para commandar o exercito imperial. Mas não vae apenas com o seu inquebrantavel prestigio, nem com os *impedimenta* de um grande chefe.

O Conde d’Eu deixou para os historiadores, numa carta intima a seu pae, esta informação: “Il (Caxias) emporte, dit-on, de nombreux millions pour maintenir l’alliance à prix d’or et fermer la bouche à Urquiza et consorts”.

A guerra seguia, sempre parada. Em Tuyuty, informa o principe, imprimia-se no exercito um jornal — *Saudade*, construíam-se igrejas, um theatro, “et les officiers s’y donnent des banquets...”

Isso dizia elle dos *officiers* mobilizados; e dos paizanos? “Les brésiliens d’esprit se vouent à devenir docteurs dans une des trois facultés: médecine, droit et mathématiques, aucune des quelles ne donne à leur intelligence une tournure bien plaisante”.

Não deixa de ser estranho que o Conde d’Eu não haja dito uma palavra sobre de Gobineau, ministro da França e intimo de Pedro II.

Os numerosos documentos inéditos, transcriptos por Alberto Rangel a respeito das operações de guerra, não poderão passar sem discussão por parte dos entendidos. Ao Imperador, Gastão de Orléans falou sempre com firmeza, condemnando o que se ia fazendo. Reconhecendo que era Caxias o unico homem de quem se podia valor o Imperio, dizia do grande chefe: “Seulement je crois Caxias très impropre à cette tâche, par son esprit étroit et ignorant, quoique non dépourvu d’un certain bon sens et tres habile à décevoir le monde par des affirmations creuses; ses habitudes lentes, et son ambition de chef de parti...”

Quem, como eu, considera Caxias um dos esteios da nacionalidade, não póde ler isso tudo sem emoção. Grave, porém, é a accusação do Conde d’Eu ao grande general, quando foi tomar o seu posto no commando. Escrevendo ao Imperador, “Sua Alteza, diz Rangel, reclamava contra a retirada que Caxias fizera dos archivos do commando do exercito. *Ora, este systema de fazer desaparecer os archivos, não sei si é licito mas póde trazer em resultado privar o seu successor dos esclarecimentos e pô-lo em embaraços*”.

E’ — evidentemente — um caso que não póde deixar de ser esclarecido. Tomadas as capitães de Lopez, embrenhado nos alcantis das serranias o chefe vencido, o Conde d’Eu considerou, *elle* *tambem*, a guerra terminada.

No Rio, mesmo “o grave *Jornal do Commercio* era partidario da paz ainda “com Lopez á frente do exercito”. O principe perguntou numa carta intima:

“Que veut-on de plus? On ne peut pas appeler guerre la poursuite d'un homme à travers le désert”.

E Alberto Rangel esclarece que “Por força do Tratado da Triplique Aliança a campanha estava finda, pois o governo de Lopez não existia”. O Tratado não cogitava da pessoa do dictador.

No derradeiro capitulo, Rangel continua a estudar a vida do principe á luz de documentos do mesmo tomo: notas do seu diário e das cartas intimas. Numa dellas lê-se esta phrase: “Le sentiment catholique est à peu près complètement inconnu au Brésil”.

Vimos a sua autorizada opinião sobre as camaras da monarchia. E do processo de escolha dos “representantes do povo”? E' assim que elle explicava ao velho Gauthier, com abandono, em plena intimidade, o mecanismo da politica do Imperio que deveria mais cedo ou mais tarde ser entregue á sua esposa, sinão a elle mesmo: “Le président du Conseil une fois choisi par l'Empr., le ministère fait élire les députés qu'il veut et obtient ainsi invariablement si non l'unanimité de la nouvelle Chambre comme il est arrivé parfois, au moins une majorité écrasante. Il en résulte que les changements de la politique dépendent uniquement de la volonté impériale”.

E, por isso não me admirei nada encontrando, noutra carta, esta opinião que tanto vae alegrar o meu amigo Gustavo Barroso: “Ce dont le Brésil a le moins besoin, c'est de députés et de réformes législatives”.

No dia em que completava vinte annos de vida brasileira, escrevia ao pae observando que *naquelle tempo todo, nada tinha mudado*.

Rangel cita a celebre phrase de Sylvio Romero em que se diz que o Brasil adormecera monarchista e acordara republicano, em 15 de novembro. O principe, nas suas cartas intimas ao pae, dá-nos mais um depoimento decisivo sobre essa *historia* de con-

siderar o 15 de Novembro *rôlo militar*, sem raizes na opinião: “Mais depuis lors, — (a guerra) — et notamment depuis 1870, l'esprit de republicanisme et d'insubordination s'est beaucoup propagé sourdement”.

Lendo os vibrantes capitulos de Rangel sobre a actividade republicana do Club Militar, lembrei-me do Chantecler... O Club Militar não era, de facto, o agitador; era tambem agitado pela idéa em marcha. Cantava ao sol nascente; não fazia nascer o sol...

Agora uma das coisas que não sabia e aprendi no livro admiravel do meu querido amigo é que “*havia entretanto, os que, atacados do virus paraguay, admiravam Solano Lopez e reclamavam uma figura semelhante para dominar o Brasil...*”

O Conde d'Eu, porém, sempre lucido, continuava a informar (1888):

“La décadence de la monarchie, ne fait que s'accentuer...” “La chose certaine est que la multiplication des manifestations republicaines dans tous les coins des provinces centrales...” E depois de haver transcripto fielmente essas cartas, Rangel chama á proclamação da Republica — “*turumbamba de Novembro*”.

Mas, em geral, os *turumbambas* são sarilhos episodicos que estalam sem grandes antecedentes, nem preparo.

Nesta rapida noticia do livro magnifico de Alberto Rangel, que ha de ser leitura obrigatoria dos estudiosos, não quero analisar o que elle diz de Caxias, Benjamin Constant, Floriano, Silva Jardim. Penso que nem sempre foi sereno e justo. O vigor das phrases de chamma com que maltrata aquellas figuras, em nada augmenta o porte de Gaston d'Orléans, que ali está reabilitado e redivivo na bella obra. Por outro lado, o principe, no seu depoimento, presta um enorme serviço á memoria dos proceres republicanos de 89...

ROQUETTE PINTO.

GRANDE PREMIO DE ROMANCE MACHADO DE ASSIS

A Companhia Editora Nacional, de São Paulo, resolveu instituir para este anno um premio de Romance, patrocinado pelo grande nome de Machado de Assis.

Para o julgamento dos livros concorrentes foi escolhido o seguinte jury: Moacyr Deabreu, Herbert Moses, Gilberto Amado, Gastão Cruls, Agrippino Grieco e Monteiro Lobato. Tambem fazia parte do jury o escriptor Ronald de Carvalho, não tendo sido escolhido substituto para seu logar em vista do facto de, na data de sua morte, já ter sido encerrado o prazo para entrega dos originaes.

A comissão julgadora do Grande Premio de Romance Machado de Assis, no momento, procede ao exame dos trabalhos apresentados, que sommam o numero de 66.

Os volumes em questão trazem os seguintes pseudonymos: Plauto Guaynaz, D. Casmurro, Vera Martha, D. Casmurro, Alvaro Euzebio, Ariel Martins, J. J. Brasil, Miriam Magdala, Um Concorrente, Helix, Maura Dutra, Nilson de Oliveira, Philotecto Telles, Inah, José Maria Nocaute, Marenilda Ard, Huxley Americano, Nemo, Barbara Jos, Miosotis, Vinicius, Goldsmith, João Bandeirante, José Antonio, João d'Alva, Jaldo Duarte, Ganymedes, D'Oreilles. D. Casmurro, C. David, B. Felipe, José Fernando, Souza Passos, Mirela Lis, Maria da Luz Brasileira, Humberto Parahyba, Bem-Hur, Januario Lura Pango, Luzardo Aranha, A. Z., Amozah, Alvus, Aurelio Bacellar, Marusca Karvilha, Serra Azul, Lelio, Diogo de Villa-Flor, Uiara, Mahomet, Bandeirante, Anhanguera, Alfredina Paraguassú, Agamenon, Altamirando Luiz, Paulista, Maximo de Sá, Elmo Pelayo, Nina Beatriz, Ego Ipse, Simplicitas, Rudá, Marcelo Navarro, João do Sul, Ivan Illitch, Angra dos Reis, Ivone.

A comissão julgadora do premio Machado de Assis espera chegar a uma classificação por todo o mez de maio.

“REVISTA DA BAHIA”

Dos srs. Milton Figueiredo, Portella Couto e Humberto Machado, tres nomes bastante familiares aos leitores bahianos, recebemos o primeiro numero desta publicação bimensal em que se unem com um fecundo eclectismo, lettras, cinema, sociedade, variedades, economia e finanças. Não existe, neste magazine essencialmente divulgador de idéas e conciliador de postulados varios, nenhuma preocupação restrictiva de escola ou capella litteraria. Todos trazem aqui o seu depoimento, o seu coefficiente em favor da terra em que o espirito não pôde murchar, perecer, porque é a terra em que prégou o grande Vieira e o grande Castro Alves cantou. Por aquillo a que chamaremos, sem intenção de prosaismo pejorativo, as “amostras” do volume de estréa, vê-se que a *Revista da Bahia* está destinada a uma risonha longevidade.

A CULTURA E SEU FUTURO

Em um artigo anterior, publicado no *Boletim de Ariel* de Março, resumimos as trocas de opiniões entre alguns dos mais autorizados representantes do pensamento contemporaneo ácerca desse problema, ás vezes um pouco angustiante, do futuro da cultura.

Os pontos de vista apresentados á discussão eram variados, e em uma ou outra ocasião, antagonicos. Entretanto, em alguns aspectos do problema, houve convergencia de apreciações, um accordo sufficientemente largo para que algumas conclusões geraes pudessem ser formuladas. Os perigos da especialização exaggerada, do egoismo dos individuos isolados, do conformismo de grupos mais ou menos homogeneos, a acção nefasta da guerra, a indiferença das massas, a necessidade de uma educação profundamente humana que não abafe os tons proprios das mentalidades nacionaes, foram questões sobre as quaes não houve divergencias accentuadas.

Quem aprecia, em conjuncto, todas as bellas exposições de idéas e convicções, feitas nessa pequena conferencia de Madrid por homens de formação e de nacionalidade diferentes, colhe logo algumas impressões significativas. Em primeiro lugar, as tentativas de previsão do futuro da cultura traduzem mais ou menos fielmente as opiniões sobre o estado actual da cultura, suas tendencias e sua evolução. De que futuro se fala? De um futuro remoto e longinquo? Evidentemente não. Seria inteiramente inutil procurar descortinar o estado e o gráo de cultura da humanidade daqui a dez ou doze seculos, sem poder estabelecer a menor previsão sobre os acontecimentos a se passarem nos proximos dois ou tres seculos. O problema restringe-se, desse modo, ao futuro proximo, ás gerações que virão logo após a nossa. Fica mais delimitada a questão, e, como a cultura das proximas gerações será uma consequencia da actual, uma continuação da linha de evolução que se póde observar neste momento, trata-se de definir essa linha, de traçar essa trajectoria, procurando quaes as direcções que ella tende a tomar.

Discutir, pois, o futuro da cultura, reduz-se, em principio, a analysar e criticar o estado actual da cultura. Quando muito, é possivel fazer um trabalho de comparação entre este estado actual e o que foi a cultura em determinadas épocas do passado, e isso foi justamente esboçado por alguns dos intellectuaes presentes á conferencia de Madrid.

Mais de um dentre os oradores dessa conferencia mostraram-se preocupados, e mesmo pessimistas. A cultura actual não é satisfactoria e, portanto, o seu futuro não se lhes afigura promissor. Quando analysamos as razões desse pessimismo, encontramos o receio de uma excessiva acção prejudicial das necessidades materiaes. Morente por exemplo, denuncia os males da especializa-

ção scientifica levada aos ultimos limites. Ora, essa especialização decorre de uma necessidade tecnica. A vida moderna apresenta innumera-veis problemas urgentes de sciencia applicada. Para resolvel-os, torna-se indispensavel a concentração de attenção e a applicação de todo o tempo a trabalhos bem limitados e forçosamente estreitos. A especialização inevitavelmente vem, ou como uma preparação ou como uma consequencia. Os vastos conhecimentos em si, afiguram-se dentro de algum tempo, aos espiritos assim orientados para a especialização, como causas de dispersão de esforços, de perda de tempo, e finalmente, como verdadeiras inutilidades. Foram aliás approximadamente estas, mas expressas de outra maneira, as razões apresentadas por Edwin Gay para explicar a deficiencia da contribuição americana á cultura geral.

A especialização scientifica é uma resultante da divisão do trabalho, e, em particular, do trabalho destinado a satisfazer a uma imperiosa imposição de contingencias praticas. Nos seus aspectos habituaes ella se distingue da especialização do pesquisador de sciencia pura, que, sem um instante perder de vista o conjuncto das leis geraes, dedica largo tempo á solução de um problema definido, e procura localizar-o no quadro immenso dos conhecimentos, determinando sua posição e suas relações com as questões visinhas. Ha hoje uma expressão corrente, uma imagem já banalizada, mas que traduz bem essa posição do pesquisador: elle procura trazer uma pedra para a construcção do edificio da sciencia. Mas, para bem collocar sua pedra, por pequena que seja, necessita conhecer as linhas geraes architectonicas do edificio em cuja construcção collabora, ou então receber instrucções de quem as conhece.

As criticas á acção nefasta da sciencia, principalmente visando a tendencia á especialização com o abandono da cultura geral, talvez tenham sido exaggeradas, e representam um erro de visão. Houve uma pequena confusão entre o caracter profissional de grande numero de scientists e o ideal do conhecimento pelo seu proprio valor, independente das applicações, e sua contribuição fundamental para a cultura. Os primeiros são instrumentos indispensaveis do progresso material e da melhoria das condições da vida humana. Dedicam-se á solução de questões essencialmente utilitarias, cujo valor é indiscutivel, e, como a vida se complica e impõe exigencias cada vez mais apertadas, essa elevada classe de scientists cresce e tende a augmentar todos os dias. Tal multiplicação só póde ser benefica, senão mesmo indispensavel. Entretanto, esses scientists não pretendem representar a sciencia livre e convencionalmente chamada pura. Esta desenvolve-se independentemente das necessidades de época e do local. Visando o estudo do mundo, do universo, ou em outros termos, dos phenómenos naturaes, ella

procura construir, com os elementos fornecidos pela experiencia, orientada e austera em suas rigorosas disciplinas, uma imagem logica e coerente da natureza. Imagem movel, ás vezes pouco nitida, em um ou outro ponto clara e brilhante, em outros obscura ou esbatida em meias tintas, a sciencia vive em perpetua evolução e perenne renovação.

E' essa fórma de sciencia, a grande, a profunda, que traduz uma necessidade psychologica, uma insophismavel aspiração do espirito humano. Quasi atrophizada em grande numero dos homens, entretanto nunca deixa de existir. Mas em alguns exemplares de humanidade, ella se expande e tudo domina, avassaladora e irreductivel. E' ella que participa da cultura, no sentido mais puro do termo, pois enriquece, alarga, aprofunda o espirito, trabalhando para o seu polimento.

No momento actual são menos numerosos que outróra os cultores da sciencia pura? Nota-se alguma decadencia desse espirito ao mesmo tempo inquieto e harmonioso, activo e contemplativo. apaixonado e reflectido, interessado pelo adquirir mas visando de preferencia o que ainda se acha occulto e desafia a sagacidade? Não o cremos. Os grandes scientists, como os grandes artistas sempre foram pouco numerosos. Existem, entretanto, na época presente, pelo menos em tão grande numero como em qualquer das mais brilhantes épocas do passado. Guiados por uma obscura e quasi sub-consciente inspiração, elles proseguem na millenar tarefa de procurar conhecer o universo, ou alguma porção do universo.

Os homens da Renascença, que fundaram a sciencia moderna, não surgiram do nada. A luz intensa accendida pela Grecia não se apagára de todo. Algumas chammes eram, ás occultas, mantidas pelos obscuros pensadores da Edade Media, á espera de um sopro que as aticasse. O sopro veio e a luz não se apagou mais, e seguramente não mais se apagará. Obscurecida por véos que se antepõem, em consequencia de circumstancias occasionaes, nunca lhe faltará alimento.

E' esse alimento de uma luz intellectual e ainda, para mais largamente fallar, espiritual, que constitue talvez a essencia da cultura, essencia que os participantes da conferencia de Madrid tiveram tanta difficuldade em definir. Não é a somma de conhecimentos accumulados em um cerebro que forma um sabio, como não é a quantidade de quadros pintados que caracteriza um pintor. E' a capacidade de avaliar e pôr em evidencia verdades scientificas, e o poder creador de obras de arte que distinguem, de um lado, o homem de sciencia, de outro o artista. Por mais differentes que sejam as manifestações exteriores e os resultados dos trabalhos dos sabios, dos philosophos, dos artistas, dos pensadores, todos apresentam um fundo commum: a attitude intellectual e, ainda mais profundamente, espiritual, e — não resisto neste momento ao desejo de reunir os dois termos em um só — humana, deante da vida, da humanidade, do mundo exterior. E' essa attitude de homens

livres, que conscientemente se deixam conquistar e entregam-se ao serviço da verdade, do bem e da belleza, que seríamos tentados a indicar como formando, talvez, a base da cultura. Sem duvida, é essa base o dominio de todos; é ella que permite a comprehensão mutua de homens habituados a generos de trabalhos tão differentes.

A reunião de Madrid foi uma prova de cultura. Mathematicos, physicos, philosophos, historiadores, poetas, philologos, artistas, achavam-se reunidos em uma sala. Extranhos uns a outros? Quem isso pensasse estaria illudido. Pertencentes todos a uma mesma familia, cujos ramos se espalham por toda a superficie da terra. Cada um delles ignorava quasi tudo do que faziam os outros. Nessa apparente heterogeneidade de mentalidades, nessa agglomeração mesclada de personalidades desenvolvidas, e o que mais é, ciosas de suas características proprias, havia, entretanto, um accordo fundamental. Os laços de parentesco ficaram bem patentes. Procurando, cada um a seu modo, contribuir para o desenvolvimento da cultura, todos, em termos differentes, diziam o que nos arcanos da consciencia elles tinham de uniforme e de commum.

A cultura poderá, assim, desenvolver-se, disseminar-se, ou ao contrario, restringir-se, decahir, alterar-se, mudar de rumo, ao sabor das circumstancias externas favoraveis ou perniciosas. Mas ella não poderá desaparecer.

O problema visado mais de perto pelos membros da reunião de Madrid foi a pesquisa dos meios de tornal-a mais intensa na humanidade actual, fazendo com que o maior numero possivel de homens della beneficiem. Evidentemente, os grandes espiritos creadores a ninguem devem dar excessivas preocupações; por si, elles acham o seu caminho e as circumstancias exteriores apenas podem accelerar ou retardar a sua marcha. Mas, a experiencia demonstra que muitos espiritos, incapazes de resolverem o seu problema de cultura por si proprios, são extremamente receptiveis e capazes de uma educação fecunda. E' para esses possiveis recrutas da cultura, que o problema do futuro se nos apresenta com toda sua agudeza.

O que se passará nos proximos tempos? As questões nacionaes, as lutas de classes, a situação economica, as guerras, impedirão a eclosão da cultura nessa massa que espera o impulso inicial e o amparo constante? Não é possivel, e neste ponto surgem de novo as justificadas apprehensões da hora presente.

Entretanto, um exaggerado pessimismo não seria justificado. A verdadeira cultura é uma expressão genuinamente humana, para que a humanidade possa desconhecê-la, ignorá-la ou destruí-la. O já adquirido não poderá ser totalmente aniquilado. E, se outras aspirações menos nobres e menos elevadas se sobrepõem por momentos ao verdadeiro e profundo interesse da cultura, isso é transitorio.

A cultura corre e caminha como um rio. Nasce de fontes modestas, mas muito puras e cris-

KRISHNAMURTI VISTO POR UM PROFANO

Quando surgiu, a legião de photographos, cercou-o por todos os lados: eram *Diário, Noite, Jornal, Correio, Fon-Fon, Careta, Revista da Semana*, etc. etc. Todos os jornaes e revistas da cidade queriam, em attitudes diversas, o retrato do hindú lendario.

Olhos negros, enormes agulhas penetrantes, mostram-se, conforme dizem, insensíveis á paizagem natural, porque, talvez, permanentemente attentos á contemplação das almas.

Trazia o corpo escondido por larga indumentaria que lhe facilitava os movimentos ageis e rapidos commandados por um espirito apressado em transmittir, a dez mil pessoas avidas, a verdade, a felicidade, e a belleza. Depois começou a falar, liberto, pelo menos apparentemente, dos photographos ferozes que dispersos, agora, de cócoras, pela relva do Fluminense, mais pareciam sapos brotando da terra.

Fala pausado e embora as mãos se mexam indolentemente, tendo desistido de acompanhar a marcha vertiginosa da idéas, estas encontraram, naquelles olhos, poderosos auxiliares que lhes augmentem a força persuasiva.

Philosopho contrario á philosophia, combatendo tradições, sem patria, sem familia, sem amôres; inimigo das convenções, dos protocollos, das cerimoniaes, avêso, em summa, a todas as limitações, dizendo-se inteiramente livre, Krishnamurti é o mais individualista dos pensadores contemporaneos.

A seu lado um moço habilissimo, o senhor Aleixo Alves de Souza, praticava esta proeza incrível: tachygraphava, em portuguez, o inglez admiravel de Krishnamurti e em seguida lia, em voz alta, a folha tachygraphada. Em todos os parlamentos do mundo os tachygraphos se revezam de quarto em quarto de hora. O sr. Aleixo permaneceu, traduzindo daquella fórmula o conferencista, uma hora e tanto. Finalmente, apesar da sua pasmosa resistencia, começou a trincar as palavras: estava exausto. Nesta altura, nos levantámos deixando nosso companheiro, o Dr. Genival Londres aguardando pacientemente o momento de empregar seus multiplos recursos clinicos em socorro daquelle pobre tachygrapho.

Mas como ? Krishnamurti não percebera a evidente fadiga de seu prodigioso interprete ?

tallinas, sua marcha é tortuosa e caprichosa. Por vezes, elle se espraia, outras vezes occulta-se em um percurso subterraneo mais ou menos longo. Mas seu volume cresce, impõe-se cada vez com mais força, e sua acção é sempre de refrescar e fecundar as regiões ainda asperas e agrestes da consciencia humana.

MIGUEL OZORIO DE AAMEIDA

Mais tarde, lendo *A Vida em Liberdade*, de Krishnamurti, encontrámos a resposta desejada. O philosopho não percebe o cansaço alheio simplesmente por isto — porque supprimiu o tempo. Para quem, como elle, descobriu a verdade — presente, passado, futuro — o tempo, emfim, não existe.

Assim Krishna (como alguns o chamam para, talvez, erradamente, approximarem-no do homonymo) apesar da enganosa simplicidade, a pouco e pouco, surge para nós, em muitos pontos, hermetico, abstracto e incomprehensivel.

Verdade, Felicidade, Belleza, são termos de sua preferencia. Mas elle não os define. Definir presuppõe limitar, restringir, aprisionar. E aquellas idéas são demasiadamente grandiosas para serem encarceradas pela palavra.

O homem deste seculo não poderá comprehendel-o. Para comprehendel-o seria preciso renunciar a todos os preconceitos creados pelas nossas civilizações.

Religiões, crenças, seitas, são inuteis para a conquista da verdade, da felicidade e da belleza. As religiões geram guerras; os systemas dividem; os livros mesmos constituem barreiras, muralhas que circundam o paiz ideal onde habita a sabedoria.

Pois se desdenhas methodos, codigos, leis, propriedade, autoridade, porque falas, te vestes, escreves, exteriorizando teu pensamento em linguagem tão elegante que, quasi, nos fazes julgar-o mais consistente pelo seu aspecto formal que pelo seu valor intrinseco ?

O verso de Krishnamurti tem melodia e rythmo; na sua prosa, sujeita ao jugo da grammatica, submettida rigorosamente a todos os preceitos da arte difficilima de escrever, encontra-se o ponto, a virgula e até mesmo o execravel ponto e virgula. Ao acceitar o crivem de perguntas e respondendo-as, utiliza o socratico methodo millenario. Na transmissão das suas idéas elle emprega, não raro, para attrahir as intelligencias, a armadilha suggestiva, porém, classica das parabolhas. Destruindo tudo o que o homem accumulou desde a pedra lascada até hoje, Krishnamurti é o revolucionario mais authenticico e radical do planeta.

Mas o pensamento de Krishnamurti, embora inatingivel, tal o ponto e a linha geometricos, é uma construcção harmoniosa e bastante robusta afim de resistir aos nossos argumentos profanos.

Aquillo que nos parece inexplicavel, para Krishna deve ser transparente e clarissimo.

Attrictando as mesmas idéas durante annos, estas são como pharões interiores fazendo parte de seu organismo e elle deve extranhar que alguém não os aviste quando, constantemente, seus proprios olhos encharcam-se na sua luz.

MANLIO GIUDICE

AINDA O SALAO DE MADAME HARITOFF

Despertou certo interesse a chronica que publiquei aqui sobre o salão de madame Haritoff, brasileira elegante, intelligente e rica que floriu pelos fins do segundo reinado, na sociedade carioca, com a fragancia de mimosa flor de caféiro.

Ella realmente tambem foi uma flor do café, ou antes da aristocracia que a planta do Oriente fez surgir primeiro que esgotasse as ubertosas terras fluminenses.

Afranio Peixoto teve a amabilidade de me informar que o seu retrato se acha na pinacotheca da Escola de Bellas Artes.

— Vá vêr Madame Haritoff na galeria da Escola de Bellas Artes. Ha poucos dias visitei-a... disse-me o grande romancista, caridosamente aguçando minha curiosidade.

Lá fui e custei a descobri-la, porque resplende na gloria anonyma dos retratos não identificados.

Recostada ao balaustre de uma escada acaricia lindo cão de raça... Em torno desse retrato ha uma lenda, observou-me o guarda. De outra feita contal-a-ei.

O prestimoso sr. Tancredo Paiva chamou-me a attenção para o curioso livro de Passos Maia, *Guapé*, onde se encontra uma pagina sobre a fazenda do conde Mauricio Haritoff.

Por fim um contemporaneo do casal que não quiz revelar o seu nome (talvez por não se mostrar idoso na sua guapa maturidade) enviou-me dados preciosos, que aproveitarei em parte.

O meu correspondente anonymo confirma a influencia social e politica do salão de Madame Haritoff. Frequentavam-no homens como Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Rodolpho Dantas, nessa época no verdor de sua radiosa mocidade, J. J. Seabra, um dos ultimos e mais fieis.

O palacete do rico casal, uma grande casa que já não existe, ficava nas Laranjeiras, entre as ruas Leão e Cardozo Junior.

Eram ahi as suas recepções ás terças-feiras, muitas vezes abrlhantadas com a presenca do Conde e da Condessa d'Eu.

Conde Mauricio de Haritoff dizia-se aparentado com os Romanoffs e portanto com o Czar de todas as Russias.

Foi em Paris que elle conheceu a brasileira que se tornou sua mulher. Era baixa, morena "nada bonita", todavia muito interessante e graciosa. Possuia, como me informa o seu saudoso e discreto admirador, o *charme* das francezas. Haritoff tinha, ao que parece, decidida predilecção pelas mulheres morenas. Mais tarde, já pobre, viuvo, funcionario publico, convolou a segundas nupcias com uma mulher bem morena. Não sei ainda em que anno elle entrou para o quadro do funcionalismo federal. Teria pertencido ao Ministerio da Agricultura, segundo uns, ou ao da Fazenda, conforme outros, e nesta hypothese fôra aproveitado por Murtinho, quando ministro. Collector em Barra do Pirahy... depois de ter frequentado por mais de dez annos as melhores rodas europeas.

Uma irmã de Haritoff casou com um filho do Visconde da Penha, então secretario da Legação brasileira em Paris. E foi mãe de Luiz de Lima e Silva, ministro aposentado, ultimamente, quando servia na legação de Vienna, da condessa de Souza Dantas, mais duas filhas e um filho, este de nome Leopoldo.

A mulher de Mauricio Haritoff pertencia ás familias dos Moraes e dos Breves. Consta-me que ainda vive uma sua irmã, apelidade familiarmente D. Ritoca, viuva do ex-deputado Theophilo Ottoni, filho do famoso tribuno liberal.

"Madame Haritoff", diz o nosso amavel informante, "exercia grande influencia na sociedade, era modelo das jovens e concorria para a escolha dos noivos".

Transcreverei, agora, todo o

trecho do livro de Passos Maia referente a Haritoff. E' um depoimento de primeira ordem, pela confiança que merece o narrador, pessoa de alto conceito em Minas Geraes.

Sendo Passos Maia estudante de medicina no fim do Imperio e começos da Republica, certa vez teve de ausentar-se do Rio, pelas férias, temendo um surto de febre amarella. O dr. João Alves Meira, seu amigo, mandou-o, e elle, com outro estudante mineiro, foi passar uma quinzena em Vargem Alegre, na fazenda do Conde Mauricio de Haritoff, até que amainasse a epidemia.

"O conde", diz Passos Maia, "era um nobre russo, ex-capitão do exercito moscovita e parente do Czar. Viuvo de uma formosa senhora da familia Moraes, vivia na fazenda de Vargem Alegre, que era uma vasta plantação de café, onde trabalhavam mais de trezentos operarios nacionaes, unicos que admittia em sua propriedade, por se ter uma vez revoltado uma turma de polacos, os quaes teve de enfrentar sózinho, conseguindo dominal-os e despedil-os com perigo de vida.

Era de meia idade, forte, destemido e um bom conversador. Enquanto vivera sua esposa, dera festas e bailes no Rio, aos quaes compareciam os Condes d'Eu e que deixaram fama pelo esplendor e magnificencia.

Nessa occasião o café dava trinta mil réis por arroba, quando despolpado.

Sua fazenda era mobiliada com uma riqueza tal, que jámais vi no Rio, a não ser no Cattete, moveis e tapeçarias de mais valor e gosto. Tinha a sala de jantar que era um primor de estylo; o salão nobre, atapetado e forrado de um grosso velludo vermelho, onde havia um piano, cuja capa era de velludo brocado a ouro, de fino lavor e uma vitrina, onde estava guardada rica baixella de ouro. Na sala de armas ostentavam-se armas e panoplias de todos os feitios e idades e das paredes pendiam telas da Idade

Média, que iam do tecto ao pavimento. Havia, ainda a sala de bilhar, atapetada de palhinha, onde ficava a bibliotheca, e um salão de soalho envernizado, — junto aos quaes estavam localizados diversos quartos para os hospedes — todos com finos cortinados e bem mobiliados.

Nas cocheiras nunca faltavam animaes ensilhados e um tilbury para passeio pelos cafesaes e arredores. Na frente da casa um bello jardim e nos fundos o pomar. Era uma maravilha a morada daquelle russo excentrico, que vivia cultivando a memoria de sua fallecida esposa. A' noite de com que elle tratava seus hospedes.

Passámos ali uns quinze dias, como num solar encantado, onde o menor desejo era logo satisfeito, tal a delicadeza e solicitude com que elle tratava seus hospedes."

Mais de quatro decadas decorreram e o sr. Passos Maia não esqueceu a captivante hospedagem recebida, arrolando aquella quinzena bucolica entre os dias felizes de sua vida.

Mauricio Haritoff contou ao academico Passos Maia um phenomeno singular que presumia ter observado bem:

"Uma vez, nos arredores de Lyon, em França, pernoitara num velho castello, em que havia um quarto no qual ninguem ousava dormir. Exigiu para si esse aposento, mas não lhe foi possivel conciliar o somno por causa do gemido que começava a se fazer ouvir, logo que se apagava a luz. A's duas da madrugada mudou de lugar, não de medo do gemido, mas porque, com taes sons lastimosos, não lhe era possivel adormecer".

Nyktophobia? *Pavor nocturnus*? Escolham entre o grego e o latim ao menos nome para tão extranha manifestação, que encheu de terror o nobre russo. A explicação, porém, só a moderna parapsychologia, nol-a dará, porque no mundo ha mais mysterios do que os que cogita a nossa *vã philosophia*... Já o entrevia Shakespeare!

Ainda algumas notas de Passos Maia sobre Haritoff:

"Quando levou á Europa sua mulher, atacada de uma molestia da espinha, para submettel-a aos cuidados do professor Charcol, ella desejou ir a Lourdes usar da agua daquelle santuario. Charcot aconselhou-lhe que mandasse vir uns pipotes daquelle agua para banhar a doente. Como ella melhorasse, elle ficou então passeando de um lado para o outro do aposento em que estavam e exclamava em alta voz:

— Todos dizem que sou um sabio! Eu sou, antes, um burro; o que cura sua esposa é agua fria!

Annos depois de formado li, com pezar, nos jornaes do Rio, um edital de venda em hasta publica dos bens e dos moveis desse bondoso potentado, nobre de estirpe e de sentimentos nobres.

Ainda guardo a visão dessa morada encantadora, que me deu a idéa do que foram as vivendas dos Torres, dos Leite, dos Rezendes, dos Breves e dos Moraes, no tempo da hegemonia do Estado do Rio, no Segundo Imperio, e que formaram a mais magnifica e esplendorosa aristocracia do mundo!" (Passos Maia — *Gua-pé*, Rio, 933).

O que ha publicado sobre os salões cariocas do segundo imperio é tão pouco, que seria pena não divulgar tão interessantes dados sobre o casal Haritoff, que possuiu um dos mais movimentados e brilhantes.

ALCIDES BEZERRA

— Estão arrancando de um injusto esquecimento a figura de Ascanio Condivi, pintor e escultor nascido no Sul da Italia e que foi discipulo de Miguel Angelo. Nas suas tentativas artisticas, não é exaggerado dizer-se que Condivi fracassou. Mas tendo vivido na intimidade de um dos mais singulares genios da Renascença, de uma das mais complexas creaturas, já saídas de ventre de mulher, teve elle oportunidade de fazer uma especie de reportagem directa em relação aos habitos de trabalho, ás sympathias e ás phobias, especialmente as ultimas, do grande animador de marmores. Foi na obra de Ascanio Condivi que Vasari, escrevendo sobre Buonarroti, recolheu muitas indicações essenciaes de biographia e esthetica.

EDIÇÕES "CULTURA BRASILEIRA"

Raras as casas editoras do Brasil que trabalhem com a precisão de gosto e fundo respeito da intelligencia demonstrados pela "Cultura Brasileira" de São Paulo. Sua série de biographias romaneçadas diffunde o culto das figuras exponenciaes das lettras e das artes. Ainda agora saiu a vida de Dickens, devida á penna de Paul-Louis Hervieu. E' um trabalho de divulgação a que não falta o valimento artistico. Lendo-o, acompaña-se a marcha ascendente de um escriptor que, não deixando nunca de ser homem, falou por tantos milhões de inglezes, historiando patheticamente a miseria de Londres, ridicularizando os avarentos e os prepotentes, pedindo aos governos uteis reformas judiciarias e policiaes que tanto beneficiariam a communitade dos soffredores. Não menos meritória, entre as edições da "Cultura", a collecção de romances em que acabam de sair *Paes e Filhos*, de Tourgueniev, e o *Eterno Marido*, de Dostoievsky. Ahi estão dois novellistas que não serão estranhos, não serão intrusos em parte nenhuma do planeta, dada a generalização de sentimentos com que falam sempre, o tom amplissimamente humano que emprestaram á mais fugitiva phrase ou attitude dos seus heróes. Acresce que o trabalho typographico é sempre dos mais estimaveis e que a traducção não deslustra de modo algum os autores convidados a esta travessia do Atlantico.

"BOLETIM DA SOCIEDADE PESTALOZZI"

Admiravel é a simplicidade e a clareza com que são vehiculados neste volume tantos complexos problemas da educação moderna. Sabendo explicar tudo porque tudo começaram por comprehender direito, aqui estão varios homens de estudo perfeitamente á altura de ensinar os demais. Quanta coisa substancial sobre a personalidade das creanças! São contribuições das mais uteis em torno ao aproveitamento da capacidade e mesmo da incapacidade infantil, e tudo exposto dentro das melhores pesquisas da sciencia do tempo. Frise-se que o Boletim n. 16 da Sociedade Pestalozzi traz o titulo de *Infancia Excepcional*, e veio até nós desse já agora perfeito centro de cultura pedagogica que é Bello Horizonte.

Josué de Castro — *As condições de vida das classes operarias do Recife* — Rio — 1935.

E' a util separata, mandada fazer pelo Ministerio do Trabalho, de um estudo economico do sr. Josué de Castro sobre a alimentação do proletario recifense. Dedicado ao sr. Jarbas Peixoto, "um estudioso dos problemas sociaes e brasileiros", este opusculo consubstancia, em linguagem desadornada de qualquer rhetorica, tudo quanto baste a dominar o assumpto. E' trabalho technico em que a sociologia não desdenha da estatistica e os quadros demonstrativos, no seu prosaismo terra a terra, valem mais que muitas dissertações abstractas.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Antonio de Alcantara Machado jámais trahiu a sua fé de jornalista. Contagiado por essa doença miseravel, que é o jornalismo, manteve-se no seu posto, e elle assim o queria, até que a morte cessasse de maneira tão brusca e revoltante a sua acção, que foi continua e productiva. Estreou com um livro de reportagem sobre a Europa — *Pathé Baby*, impressões de viagem onde eram prohibidas as entradas de favor. De *Braz, Bexiga e Barra-Funda*, seu grande livro, elle mesmo disse que tinha nascido jornal, que era o órgão dos italo-brasileiros de São Paulo. Na galeria sentimental e grotesca dos typos que elle fixou em *Laranja da China* ha, evidentemente, o olho do homem de jornal que vae catando o ridiculo e tambem a tragedia da miudinha vida quotidiana. Quando fez bôa critica litteraria, "por innocente espirito de aventura", fez questão de prevenir: "Reportagem Litteraria".

Sua obra possui uma immensa importancia. Não apenas a litteraria, como os seus notaveis estudos sobre Anchieta — a memoria premiada pela Sociedade Capistrano de Abreu: *Anchieta na Capitania de São Vicente* e as anotações ás *Cartas, Informações, Fragmentos Historicos e Sermones* — em que se revelou o mais perfeito dos seus commentadores. "Anchietano de quarta geração", chamou-o Afranio Peixoto, "revela-se um mestre".

Aliás, dominou-o sempre um sereno *espirito de perfeição*. E todos os livros que deixou são perfectos. Trabalhava com uma calma absoluta que ultimamente vinha sendo interrompida pela actividade politica que absorveu seus derradeiros annos de existencia. Desde *Braz, Bexiga e Barra Funda*, vinha annunciando o *Capitão Bernini*, romance que já deve estar concluido, bem como um outro e mais um ou dois livros de contos. Amigos seus dos mais intimos, melhores conhecedores do seu *espirito de perfei-*

ção como o Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, encarecem, e com razão, o valor da producção inedita de Antonio de Alcantara Machado.

Já não terá a mesma importancia o que escreveu para jornal. Seus ultimos artigos de commentarios politicos, escriptos "de bom humor e depressa", não possuem de facto interesse litterario; nem elle pretendeu isso. Porém quando fez critica litteraria não quiz fazer nada mais que litteratura. Desculpava a sua displicencia invocando o exemplo de João Ribeiro. "Mestre João Ribeiro, dizia elle, me disse ha tempos que isso de fazer critica é como concertar relógio. Aos não iniciados parece difficil. Mas na realidade não ha nada mais simples. O relógio para, o dono d'elle vae a um relojoeiro, o relojoeiro pede vinte mil réis pelo concerto e manda o interessado voltar dahi a quinze dias. Depois, dependura o relógio num prego. Passam-se quinze dias, o dono comparece, o relojoeiro tira o relógio do prego, abre a tampa, dá uns sópros para jogar fóra a poeira, o relógio começa a andar, entrega ao dono, recebe os vinte mil réis. Era poeira. Só. Quero ver se com o tempo tambem pegando num livro, sopro daqui, sopro dali, está prompta a critica".

A actividade jornalística de Antonio de Alcantara Machado foi bastante consideravel. Começando como critico theatral no *Jornal do Commercio* de S. Paulo até director do *Diario da Noite* do Rio, fez elle coisas espantosas neste paiz de analphabetos. Dirigiu revistas como *Terra Roxa e Outras Terras*, *Revista de Antropophagia*, a *Revista Nova* que tiveram no seu tempo tanta importancia como hoje desfruta o *Boletim de Ariel*. Sem falar n'a *Vida dos Municipios*, jornal interessantissimo publicado em quatro ou cinco cidades de São Paulo. Antonio de Alcantara Machado escrevia-o quasi que todo, até mesmo a secção graphologica

sob o pseudonymo de "*Maria Rosa*".

O jornalismo, porém, não foi mais do que a sua obcessão. Porque Antonio de Alcantara Machado foi sobretudo um grande escriptor. Escriptor no sentido puro e humano da palavra. Homem de lettras da cabeça aos pés foi elle o maior dos stylistas novos do Brasil. Provinha do mesmo tronco de Machado de Assis e Lina Barreto, isto é, escrevia simples, sem rodeios, quasi seccamente, mas com aquelle fogo vivo que se occulta nos montões côr de ouro das cascas de arroz, fazendo uma comparação.

A morte que tanto se tem regalado levando alguns dos nossos poucos homens de merecimento, paralysoou a subida de Antonio de Alcantara Machado, alma simples e bôa.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

Publicam-se cartas ineditas de Victor Hugo a Léon Cladel, que foi um dos mais possantes romancistas rusticos da França, com manifesto gosto regional em tudo o que escrevia. Cladel era um frequentador assiduo da casa de Alphonse Daudet e o filho deste, o feroz Léon, com o sarcasmo de sempre, declara que o seu xará não primava pelo amor ás banheiras e costumava deixar sempre, nos sofás em que se reclinava, uns bichos incommodos dados a conspurcar as cabelleiras dos poetas românticos.

Rendeu um total de 3.727.000 francos, ou sejam, dentro do cambio actual, uns 3.727 contos da nossa moeda, a venda das obras raras da bibliotheca de Louis Barthou. Foi este, ao que ninguem ignora, um dos mais entusiastas e ardorosos dentre os bibliophilos da França. Nas horas que a politica e a administração lhe deixavam livres, era visto farejando raridades á beira do cães do Senna ou nos leilões do Hôtel Drouot. Reteve em casa muitos incunabulos, muita edição "princeps", e seu jubilo supremo era quando conseguia para a primeira edição de um autor querido uma expressiva carta autographa desse mesmo autor, que tratava logo de juntar ao volume, em encadernação nova ou reformada, com o auxilio da arte impecavel de um Marius Michel. O proprio Barthou contou, numa conferencia proferida na Universidade de Les Annales, que ficou indignissimo com duas damas que, indo visitar-lhe a collecção de classicos, deixaram inapagaveis vestigios de umas luvas ensebadas nas paginas de um Racine e de um Molière dos mais sumptuosos.

PONTOS EM CERTOS ii

Um artigo consciencioso como o do Sr. V. de Miranda Reis num dos ultimos numeros do *Boletim de Ariel*, analysando com admiravel independencia, e ao mesmo tempo sympathia, o livro, já inactual *Casa-Grande & Senzala*, não é dos que deixem indifferente um autor. Revela-se ahi a nobreza intellectual do Sr. Miranda Reis — critico que se sente na obrigação quasi religiosa de falar dos livros brasileiros de sua especialidade — a sociologia. Attitude rara no Brasil — eses sentido de "noblesse oblige" applicado ás coisas intellectuaes. Aqui os criticos são em geral uns aristocratas que não se julgam com obrigação ou dever nenhum: só com privilegio.

* * *

Não venho debater com o illustre collaborador do *Boletim de Ariel*, as questões fluctuantes de sociologia que elle agita em sua analyse: apenas esclarecer algumas passagens, evidentemente meio vagas, do livro que commentou de modo tão elevado.

1 — O Sr. Miranda Reis considera extra-sociologico o criterio da bi-sexualidade, cuja possibilidade de applicação á *couvade* vem suggerida, aliás timidamente, em C. G. & S. Timidez deante dos factos, que nas sciências sociaes são uns gigantes terriveis, bichos-de-sete-cabeças que não se deixam facilmente analysar e medir por uma sciencia só nem mesmo por todas reunidas. O reparo do Sr. Miranda Reis talvez se baseie numa exaggerada noção da rigidez de limites entre as sciencias sociaes; e entre estas e a psychologia. Mas evidentemente ha problemas communs que se impõem ao mesmo tempo ao estudo do sociologo, do anthropologista, do psychologo, do biologo, variando o methodo especial de versar o problema e o objectivo particular em resolvel-o. Entre a sociologia e a psychologia ha mesmo uma zona ou territorio indeciso que para alguns é "psychologia social", para outros "sociologia psychologica".

2 — A vida sexual será mais livre, mais desembaraçada de repressões, entre os civilizados do que entre os primitivos? O Sr. Miranda Reis acredita que sim, porque Levy-Bruhl diz que sim e "acreditamos mais em Levy-Bruhl". "Questão de crença", adianta. Eu como acredito mais, não na palavra, mas nas pesquisas de Malinovski, de Briffault, de Lowie, de D. Margarida Meade, isto é, no que taes pesquisas parecem indicar, fico com esses anthropologistas e contra o santo preferido pelo Sr. Miranda Reis para suas devoções anthropologicas. Santo aliás muito bom, muito virtuoso, muito digno de culto.

3 — Um ponto de que não devo me esquecer é a questão do masochismo. O masochismo me parece caracterizar grande parte da massa brasileira. Não affirmo de modo nenhum, como supõem o Sr. Affonso Arinos de Mello Franco e o Sr. Miranda Reis, que semelhante masochismo seja

peculiar ao Brasil. Encontra-se em outros povos, derivado de outras causas ou melhor, condicionado por outras influencias sociaes. Em paizes de longo ou accentuado regimen de casta militar ou religiosa, por exemplo: a Allemanha, a India. No Perú, onde a escravidão desenvolveu-se em efeitos moraes e sociaes semelhantes aos que se observam entre nós. Em Cuba. No sul dos Estados Unidos. Na Russia. Si o encontramos tão vivo no Brasil parece-me que é por estar ainda tão perto de nós a escravidão, desenvolvida sob um regimen patriarchal caracteristicamente sadista-masochista. Tão perto que no Norte ainda lhe sentimos o mau halito de instituição que não morreu de todo; que ainda respira.

4 — O mesmo direi do caiporismo, das superstições, da tendencia para certas fórmulas de intimidade com os animaes. Não affirmo ser peculiar ao Brasil o mysticismo grosso, sensual, elementar que aqui envolve até a gente das camadas altas. Apenas salientei a sua maior vivacidade entre nós, devida a causas sociaes proximas, a contactos mais recentes com culturas primitivas e com o matto virgem, cheio de mysterio.

5 — Jogo de bicho e totemismo. O que me parece é que o residuo totemico porventura existente na massa brasileira, em certas regiões ainda muito proximas das culturas primitivas, contribue para certa maneira mystica de interpretação de sonhos com animaes entre a gente do povo; para a predilecção de individuos e até de familias inteiras por certos bichos que "sempre lhes trazem sorte" no jogo. Bichos que "dão felicidade" a determinadas pessoas que sonhem com elles ou os avistem em circumstancias especiaes.

6 — Os pronomes. O Sr. Miranda Reis escreve a respeito do modo brasileiro de collocar pronomes: "... como si o phenomeno não fosse antes psychologico que philologico!" Exactamente a opinião do velho e admiravel mestre João Ribeiro. O que pretendi acrescentar á interpretação psychologica de João Ribeiro foi o elemento historico e sociologico que parece reforçal-a. O filho pequeno, o menino creado pela india ou pela negra, o escravo indigena e o africano — individuos, estes escravos, em geral de cultura primitiva — a propria mulher — esposa, filha, mucama — seriam, dentro do regimen brasileiro de organização patriarchal, creaturas para quem o *me* antes do verbo, accentuando seu *eu*, seu egoismo infantil ou primitivo, chamaria para esse *eu* maior attenção. A esse uso infantil ou primitivo se teria associado, pela pressão do patriarchalismo, a nota de supplica, de pedido, de ternura, caracteristica daquelle modo de empregar o *me* que aqui se desenvolveu.

7 — "Terão havido, etc." Erro, erro de grammatica, e dos mais tremendos. O bom Deus que me perdôe na sua alta misericordia e, abaixo de Deus, o Dr. Laudelino.

8 — Não foi intenção do autor de C. G. & S. salientar os filhos de padre e os mestiços que resultaram da “união dos melhores elementos das casas-grandes com os melhores elementos das senzalas” como casos de “transmissão de caracteres mentaes” adquiridos. Dessas uniões teriam resultado mestiços mais sadios, individuos mais bellos e mais aptos á victoria social, crescidos em ambiente hygienico favoravel, recebendo desde pequenos a alimentação mais equilibrada e os cuidados mais intelligentes, possiveis em meio tão acaanhado. Principalmente os filhos de vigarios. Os padres eram os grandes intellectuaes e educadores da epoca. Homens de boas familias e de vida farta. Alguns amigados com moças brancas, negras Minas ou mulatas bellissimas. De modo que seus meninos eram uma gente bem nascida e bem creada. Meninos bem nutridos e bem instruidos. Uma serie de condições vantajosas para a ascensão social cercava-os de modo particular. Na obra monumental publicada pela Universidade de Stanford, *Genetic Studies of Genius*, o professor Terman e seus collaboradores mostram, baseados em largas pesquisas, que ao desenvolvimento da intelligencia superior ou do genio na criança se acham geralmente associadas condições de boa origem social e os cuidados de paes intelligentes e em situação economica regular ou farta. Os individuos de genio ou de intelligencia superior, morbidos, mal nascidos ou creados em condições adversas, parecem ser casos rarissimos. Mas isso já é outra historia. O que não desejo é passar por um individuo de idéas radicaes em face dos problemas de hereditariedade e de ambiente acceitando exclusivamente a influencia de um desses factores. Mesmo porque para certos estudiosos mais novos, diante das pesquisas recentes, sobretudo de bio-chimica, nem sempre é possivel separar de modo absoluto as duas influencias: hereditariedade e meio ou ambiente. A's vezes se interpenetram.

9 — Quanto a expressões “portuguesissimas” e até “seiscentistas”, talvez sejam mais frequentes em C. G. & S. do que suppõe o Sr. Miranda Reis. Não tenho nenhuma prevenção contra ellas quando usadas na lingua brasileira, burguesa ou popular. Ora, “familia de prol” é. “Aquillo é gente de prol”. Pelo menos na região onde nasci e me criei. “Prol” aqui não é nenhum “á sorrelfa”, nenhum preciosismo, embora não seja, por outro lado, expressão popular. Ha casos curiosos — e este talvez seja um — de expressões archaicas, inteiramente mortas ou só de requintados, necrophilos de palavras, numa região, mas vivas e até correntes, noutra. Por um triz não sahiu em C. G. & S. um “Vote! Tibi!”, expressão que Alfredo de Carvalho apurou ser muito bom do latim do tempo do requintado Petronio mas que corre nas cozinhas de Pernambuco. Resultado, talvez, da colonização desta parte da America se ter feito, em grande parte, com gente de prol, aqui apparecendo no seculo XVI os primeiros lettrados e os primeiros fidalgotes alitteratados do Brasil.

10 — A linguagem de uma conferencia mundana não me parece que possa ser a mesma de um livro. No livro o autor não tem os deveres sociaes que o limitam numa conferencia, com muita senhora chic ou respeitavel olhando para elle e atenta ás suas palavras, embora indifferente ás suas idéas. São considerações muito burguezas, estas, mas me confesso orientado por ellas quando me encontro. —o que aliás é raro — perante plateas mundanas, fazendo conferencias.

GILBERTO FREYRE

— *La Vie des Forçats*, de Eugène Dieudonné, apparece com prefacio de Albert Londres, o grande reporter, o rei dos reporteres, morto em naufragio sensacional. Dieudonné, pela flagrancia dos detalhes, bem que mostra haver conhecido de perto todos os horriveis transes de um desses presidios que, segundo já accentuou alguem, encerrariam muitas surpresas para o proprio Dante dos circulos infernaes.

— Emmanuel Berl escreveu que os romancistas modernos obtêm, com romances exiguos, muito mais que antecessores seus com formidaveis in-folios em cuja confecção se empenhavam durante mezes e mezes de trabalho exhaustivo, arquejando e suando no meneio da phrase e na mobilização dos respectivos heróes. Com effeito, os livros de um Balzac, e especialmente os de um Zola, eram, mesmo esquecendo o lado qualitativo, muito mais quantitativos que os de um Mauriac. O autor do *Germinal* era de tal forma compacto, senão monolithico, nos volumes consagrados á epopéa burgueza dos Rougon-Macquart, que o seu editor, para melhor exploral-o, passou agora a dividir-lhe em dois os romances mais espessos. Lembre-se que, tratando de uma personagem de cento e tantos kilos, houve um novellista que a dissesse “gorda como um volume de Zola”. Pois o nosso Emmanuel Berl parece participar, no caso, do entusiasmo dos turcos pelas creaturas de gorduras fartas e prefere a rotundidade zolesca ou balzaquiana á sequidão quasi esqueletica do psychologo de Thérèse Desqueiroux.

TERRIVEL TRAGEDIA

*E agora que o coração
Está quieto como um morto,
porque choram os meus olhos ?
Porque me corre este pranto
se não tem razão de ser ?
Se agora já nem consôlo
me podem dar estas lagrimas,
porque nem motivo eu tenho
para estar a padecer...*

*Se até tu, ó minha angustia,
fugiste, me abandonaste,
se já não tenho na vida
nem Hontem, nem Amanhã...
Porque, então, choram meus olhos ?*

*Minha tragedia terrivel
deste pranto sem porquê !
Tristes lagrimas absurdas
que brotaes assim atôa,
sem saberem os meus olhos
onde as hão de ir verter !*

RACHEL SALLUS
(Trad. de Gastão Vieira).

ECCE HOMO

(EPISTOLARIO DE NIETZSCHE)

Nietzsche não ignorava a fatalidade da sua vocação de solitário. Como bom psychologo, sabia que o artista, o philosopho, o poeta, para serem lidos e entendidos da sua época, hão de estar ao nível da sua época, exactamente ao nível da sua época, nessa especie de zona neutra impermeavel onde campeia a "opinião collectiva", a "opinião soberana", a "opinião" *tout court*, e que faz com que a maioria se reconheça nos escriptos de certos autores, nos juizos de certa critica official, nas insulsas homilias de certa litteratura de sacristia.

Um seguro instincto de legitima defesa instiga a sociedade a odiar e perseguir todos os precursores, os innovadores, — os "inactuaes", para empregar uma expressão nietzscheana em voga. Nietzsche não ignorava a sorte reservada aos da sua dymnastia: a incompreensão, a hostilidade, a indifferença dos contemporaneos. Como Schopenhauer, experimentaria a delicia *de passar sublimemente desconhecido*. Esse glorioso ostracismo estava na ordem normal das cousas humanas. Não só lhe parecia comprehensivel, mas até justo e necessario:

BREVEMENTE:

ESTRANGEIROS

O Novo Livro

de

AGRIPPINO GRIECO

em

Edição ARIEL

"Acaso me queixei jámais do meus destino, que quer que eu seja tão pouco lido e ouvido?" escrevia a um correspondente. "Tenho a convicção intima — declarava a outro — que os meus problemas e a minha posição de "immortalista" são por demais prematuros para hoje e que o terreno para elles ainda está muito pouco desbravado." A um terceiro advertia: "Note bem: a minha obra tem por si o tempo e não quero absolutamente que ella seja confundida com os problemas que têm de ser resolvidos pela época actual."

Mas Nietzsche sabia tambem com admiravel presciencia que a sua hora haveria de soar. Essa certeza da sobrevivencia do seu nome e da sua obra apparece repetida em muitas passagens da correspondencia, como um desafio: "Dentro de 50 annos — escreve — os olhos de alguns se abrirão talvez sobre a obra por mim realizada. Por enquanto, não é só difficil mas absolutamente impossivel, segundo as leis da "perspectiva", falar de mim publicamente sem ficar infinitamente *àquem* da verdade". A' velha mãe mortificada socega com estas palavras: "Sou bastante psychologo para saber que dentro de cinquenta annos haverá, no que me concerne, um revivamento completo de opinião e que uma aureola de respeito cercará o nome do teu filho precisamente pelos mesmos motivos que me têm valido até aqui doestos e injurias."

O tempo realizou esse vaticinio. *Tempo é galant'uomo*.

ALBERTO RAMOS

— Fernand Fleuret faz uma viagem espiritual De Ronsard à Baudelaire. São inilludiveis os sentimentos catholicos desse escriptor, desse erudito com estylo que não confere o direito de figurar em livro senão áquellas paginas que possuam algo de superior ao ephemero dos jornaes. E' elle dos que cooperam na famosa collecção de capa violeta dirigida pelo severo Henri Massis: *Le Roseau d'or*.

ESTRADA DE FERRO DO PARANÁ

Só merece elogios a attitude dos directores dessa importante via-ferrea do Sul organizando um volume que compendia criteriosamente os cincoenta annos de progresso que marcaram a vida do Paraná exactamente no meio seculo em que aquella estrada fez correr as suas locomotivas do mar á montanha, na linda terra dos pinheiraes. Nesta synopse historica vêem-se trabalhos de Tobias Monteiro e outros incansaveis rebuscadores de archivos. Attrahente o perfil do glorioso engenheiro Teixeira Soares, supremo fautor das iniciativas ferroviarias do Paraná, ao que se afe-re das palavras eloquentes do sr. Antonio Covello, aqui transcriptas.

Gomes de Moura — *Gritos da Guanabara* — Impressora Paulista — 1935.

Num intelligente equilibrio, fugindo cautelosamente a qualquer especie de exaggero, o sr. Gomes de Moura, que não é um estreante nas lettras, procura conciliar o pensamento moderno e a fórma antiga. Não desdenha explorar velhos assumptos como Job e Atahualpa, e os aproveita em tonalidades de tal maneira sympathicas que o leitor jámais o vê resvalar para o ridiculo. Trata-se de alguém que procura infundir nas estrophes um rythmo e um colorido especiaes e bem se comprehende que um seu volume anterior fosse acolhido com des-embuçadas expressões de estimulo pelos srs. Eloy Pontes e Fabio Luz.

Juvenile Pereira — *Palol* — Edições Paol — Rio, 1935.

São versos livre, versos sem rima de quem não acredita mais nas artes poeticas. O autor, que canta francamente assumptos revolucionarios, acha que devem ir para o museu todos os cultores das velhas fórmulas metricas. A seu vêr, apenas Paulo Torres e Aderbal Jurema se encontram perfeitamente integrados na poesia moderna. Quanto aos themas do sr. Juvenile Pereira, são o desencanto patriotico, a marcha funebre dos operarios que vão dar-se a reivindicações violentas numa fabrica, a crença stricta nos factos da pura natureza e a aversão a qualquer genero de idealidade que importe em acovardar os homens.

Wellington Brandão — *O Tratador de Passaros* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte — 1935.

São trabalhos avulsos, mas nem por isso fragmentos insignificativos. O sr. Wellington Brandão, que já se revelara poeta de fina sensibilidade pantheista e narrador em quem os impulsos de pessimismo não conseguiam destruir de todo a delicadeza nativa, impõe-se agora como um aphorista que sabe concentrar em breves linhas muitas entrevistas fugitivas da vida da intelligencia. Seus conceitos, na incisiva brevidade desejada pelo autor, não são dos que correm celeremente pelo papel e logo se distanciam do nosso interesse: são, ao contrario, notações subteis que se incorporam á parte melhor da nossa sensibilidade.

O ROMANCISTA DA TIMIDEZ

Confesso que a leitura de *Les Célibataires* constituiu para mim uma surpresa. Não que o nome de Montherlant significasse uma garantia menor aos olhos do seu leitor ou do seu crítico: esse nome é uma flammula heroica na moderna litteratura franceza. Mas é sempre com um tal ou qual sentimento de surpresa que nos animamos a collocar uma grande obra contemporanea ao lado da meia duzia heroica com que, em cada genero, as lettras de um paiz atravessam os seculos e conciliam as grandes contradicções temporaes. Ora, terminada a leitura de *Les Célibataires* é impossível deixar-se de pensar nos grandes vultos do romance francez: Stendhal, Flaubert, Maupassant, Daudet, Zola (com o perdão de muita gente) Anatole, Bourget... todos os profundos reveladores da interioridade sensível, todos os grandes esculptores — por dentro — do intimismo vital. E peço desculpas de não accrescentar Balzac ao meu rol, reconhecendo embora que elle agrupa nos seus livros uma empolgante densidade humana. Apenas a densidade balzaqueana é toda a uma dimensão e essa dimensão se propaga em terreno plano. Ora os romancistas citados são creadores para dentro e para cima.

Les Célibataires é o romance da timidez. Titulo errado, como logo observou Edmond Jaloux ao propor, por exemplo, o de *Les Enfants*. A timidez não chegou a assentar no romance como um dos seus elementos inspiradores. Quando muito apparece á margem dos entrecchos exhalando seu apagado perfume ou lançando sua pallida sombra. Nem se confunda, no caso, aquella outra especie de timidez a que se dá o qualificativo de amorosa,

mas é, afinal, mais amor do que propriamente receio, mais inibição verbal do que propriamente vergonha. E' claro: sob o aspecto psychologico tudo isso se confunde e não passa da mesma poderosa luta de recalques. Mas distingamos, quando mais não seja para, a titulo de hypothese provisoria, podermos aceitar uma fórmula positiva e comum de personagem timida — a personagem amorosa — e uma fórmula rara, sempre negativa, de que *Les Célibataires* desvenda a poderosa anomalia.

O timido é o inimigo da vida. Ou não faz nada — e isso o tem afastado do romance — genero de acção, de qualquer especie de acção — ou vae além dos seus objectivos, transcendendo-os na marcha delirante ou no galope assustado de uma permanente desharmonia.

São creaturas novas no mundo immenso do romance as que Montherlant arrancou á argilla do seu genio, á brutalidade dos seus processos e á acerada tortura do seu estylo. Acompanhando Léon de Coantré ao longo das trezentas paginas em que o sentimos viver, isto é não viver, verificamos que aquelle homem é a dissolução quasi physica de attitudes cada qual menos real e de impulsos cada qual menos espontaneo. Tocamos, de maneira quasi physica, essa permanente decomposição da personalidade. E, de maneira quasi physica, sentimos que em tão longa decomposição não apparece um unico elemento agglutinador. Isto, ao que eu penso, é novo no romance e não vale a pena de evocar Proust que foi por outros caminhos a outras realizações. Montherlant levou-nos á psychologia da não reacção, da nenhuma possibilidade de controle, e, até, de

autocritica, de auto-analyse. Léon não reage. Não se póde dizer que seja um satisfeito, uma creatura que se acceitou como é, Léon não é. Ignora-se. Seus gestos não chegam ao interior de si mesmo. São gestos soltos, uma espuma de onda morta. Entre aquelle physico e aquelle moral não existe ponto de referencia de onde Léon possa partir para encontrar Léon. Não, elle não escolheu aquella vida á primeira decepção amorosa: encontrou-a, e caminhou no seu desorientado sentido.

Sua attitude, na cidade, não chega a ser nem de longe a de um espectáculo. O mundo sensível não existe para elle. Elle não existe para o mundo sensível. E' uma quantidade moral indifferente. E' quasi um precipitado. Mas é ainda menos do que um precipitado, pois não ha agitação de ambiente, impulso interno ou externo que por momentos o dissolva na reacção humana. Nem nos serve, para Léon, o conceito physico das substancias colloidaes... Léon não é nada disso. Vive em suspensão, se quizerem, mas esse estado, nelle, é o de uma substancia neutra. E é tão difficil definil-o que melhor o faria quem pudesse realizar semelhante *tour de force* através de uma serie infinita de negações. De qualquer modo elle está todo na definição insuperavel que Bergson nos deu do timido: "Le timide peut donner l'impression d'une personne que son corps gêne et qui cherche autour d'elle un endroit ou le déposer".

Illogico, incoordenado, sombrio — aqui a grande criação de Montherlant — Léon possui uma logica de não procedimento, uma força de desharmonia. Esqueço voluntariamente Elie de Coetquidan. Léon é todo o romance. Ha

ATTENDENDO ÁS NECESSIDADES DO COMMERCIO A

CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, Agencias e Filiaes

raciocínios nelle que não sabemos como Montherlant os terá encontrado... Ha estados de espirito que caberiam integralmente na mais absoluta falta de espirito. Ha reduções a zero da capacidade pensante que mais parecem arrancadas ao caderno de anotações de um louco mais ou menos lucido. Até onde a sugestão de *Bouvard et Pecuchet*? E aquella travessia de Paris, com quinhentos francos no bolso e vagas imagens de desejos no cerebro, é a contradição radical do dogma sensualista, agora modificado: *Nihil est in sensu quod prius non fuisse in intellectu*... E nada sahiu daquella apagada intelligencia e o desejo, ali, não passou de uma sombra sobre outra sombra.

E esse estado — essa ausencia de estado — atravessa *Les Célibataires* e chega á morte de Léon, pagina épica, de transcendente belleza e empolgante sentido. A natureza reassume então sua função integradora, só nesse instante final dominando aquella farrapo, aquella creatura que lhe fugira. Ouve-se agora, no ar, como um zumbido, talvez numa só voz, a voz de Léon e a das arvores na madrugada fria. Pela primeira vez elle é alguma coisa, de maneira positiva: um moribundo. Associa-se-lhe, nesse passo, a natureza, menos indifferente do que vingativa á visão de um fim de vida — de não vida. O quadro é bello e a nós mesmos nos perguntamos qual a intenção de Montherlant fazendo desaparecer o seu heroe em pleno scenario heroico, assim como se procurasse um contraste maximo á mesquinha evidencia de uma vida mediocre.

Deve ser um amargurado esse sr. de Montherlant! Se a propria excepção do *typo* impossibilita qualquer generalização, sobram os traços, as ferroadas de vespa em que não é difficil encontrar o escriptor perante todo o genero humano. Montherlant fez a guerra e *La Relève du matin* foi escripto nos bivaques e nas trincheiras. Está cheia de confidencias a hora que lhe roubou Lefèvre: "Je vis dans une joie perpe-

tuelle, je suis joyeux du fond de ma colère, je suis joyeux du fond de ma souffrance, car j'ai souffert dans mon esprit et dans mon coeur mais puis dire que je ne sais pas ce que c'est que la tristesse. Quand je suis chez moi je passe mon temps à siffler et à chanter. Mes parents m'appelaient "l'homme-orchestre".

Ah! essa necessidade de ruido, essa reacção ao silencio, essa impossibilidade de estar só! Não creio que Henri de Montherlant possua uma tão completa ignorancia da tristeza. Aquelle assobio e aquelle canto o desmentiriam, sem mais nada. E Léon de Coantré confirmaria, por si só, aquelle desmentido... O pessimismo de Montherlant não vae, entretanto, para o que a humanidade e a vida possuam de máo: vae para o que uma e outra possuem de insufficiente. Observação que não terá escapado a André Thérive: "M. de Montherlant, qui este possédé d'un génie lyrique, doit pareillement excrécer les ironies et les pédantismes. "Fugindo á ironia elle terá chegado ao sarcasmo e observando o pedantismo insulou-se no quasi misticismo da sua maneira — um misticismo de valores humanos e de aggressão ao banal e ao indifferente.

JAYME CARDOSO

Acaba de apparecer :

Alberto Rangel

GASTÃO DE ORLÉANS

(O Ultimo Conde d'Eu)

Volume de mais de 400 paginas com numerosas gravuras

PREÇO : 12\$000

CIA. EDITORA NACIONAL

Em todas as Livrarias

"PRESENÇA"

Dá gosto percorrer uma revista tão nitidamente impressa e de tão excellente papel quanto a *Presença*, de Coimbra. Mas nem só a exterioridade vale nessa magnifica "folha de arte e critica". O texto excede immenso a apresentação typographica. Espiritos moços, verdadeiramente rejuvenescedores das lettras portuguezas, refulgem na revista de João Gaspar Simões, José Régio e Casaes Monteiro, a qual, dispensando maiores louvores quanto á sua utilidade cultural, já vae no oitavo anno de vida.

Washington Azevedo — **A Organização Technica dos Municipios** — Irmãos Pongetti — Rio — 1935.

Versando um thema que constitue especialidade nem sempre deleitosa, o sr. Washington Azevedo teve o intelligente cuidado de expressar-se em linguagem que não afugenta os leitores porventura novatos no assumpto. Começou por dispôr os seus materiaes na melhor ordem possivel e expressa-se sempre com methodica clareza, utilizando-se de subtitulos marginaes que são dos mais orientadores para uma consulta rapida. Quanto á bibliographia manejada pelo sr. Washington, é das mais ricas, sentindo-se, pela maneira por que os textos alheios foram assimilados, não haver nenhum engodo charlatanesco na indicação das fontes eruditas a que recorreu o autor da monographia.

Godofredo Vianna — **Terra de Ouro** — Calvino Filho Editor — Rio — 1935.

Quando afastado temporariamente da politica, o sr. Godofredo Vianna, que já governou o Estado do Maranhão e o representa agora no Parlamento, andou a espairar pelos archivos de Minas Geraes, especialmente pelos da Camara Municipal da antiga São José d'El Rey, "erigida em villa no anno de 1718 pelo Conde de Assumar, que lhe mandou levantar pelourinho e dividir o termo". Nesse recanto, que desfrutou outr'ora da mesma pompa de Ouro Preto e que hoje nem o patronato de Tiradentes consegue fazer reverter ao esplendor primitivo, o illustre maranhense foi achando, com surpresa, nos papeis velhos que se reanimavam ao contacto da sua curiosidade ardente, episodios dos mais suggestivos para a revivencia de alguns seculos extinctos. Todos aquelles factos — e são innumeraveis — que da velha Lisboa vinham repercutir nas montanhas mineiras, foram inspirando ao sr. Godofredo Vianna esta série de narrações da *Terra de Ouro*, historia romanceada ao de leve, sem mutilação da verdade social e racional. Os periodos da Colonia, da Independencia, da Abdicação e outros "deixaram em São José documentos curiosissimos", e esses documentos o humanista do Extremo-Norte, ás voltas com retalhos de vida do Sul, soube convertel-os em lições amenamente desenvolvidas, de modo a fazer-nos recuar ao tempo das minerações sem tédio ou cansaço de qualquer especie.

« O A L A M B I Q U E »

A litteratura no Brasil começa verdadeiramente agora a formar-se. E' na escolha de typos brasileiros e no phraseado popular que se deve basear o nucleo de uma litteratura nacional.

Verdadeiros estudos do que é nosso apparecem no *Banguê* de José Lins e no *Cacau*, de Jorge Amado. Dois livros admirados, peçados de elogios com motivo.

Apparece agora um aspecto inteiramente novo e original do nosso interior, bem vivido no romance de Clovis Amorim.

Deixo de lado qualquer censura, descabida em um critico de ultima hora. Vamos a elle...

Não conhecia nada de Clovis Amorim. Adivinhei um pouco que elle devia ter sido poeta. Depois o Bopp me disse que o Amorim já tinha feito versos.

Ainda me contaram que elle, Amorim, era dono de alambique na Bahia. Já tinha desconfiado. Para descrever tão bem a exploração do alambique, era preciso ter praticado...

Eis o que apurei sobre a vida do romancista. Não sei se satisfará a alguns criticos, que esquecem as obras falando da vida dos autores...

Em linguagem tipicamente brasileira, sem requififes lusitanos, nem termos cabotinos, *O Alambique* corre suave na exposição, leve, mostrando como se faz esse "grande mal", a cachaça, assim desse geito:

"E o liquido branco, quentinho, cahia ha medida, mettendo-se agradável pelo nariz da gente. Eu assistia, interessado ao nascimento de uma das "desgraças brasileiras", tão combatida pelos puritanos rhetoricos que soffrem do figado ou do estomago. Via a origem do "evitem o grande mal" dos discursos bombasticos. O horroroso e terrivel" caminho do hospital, do carcere e do hospicio" começava ali, naquella torneirinha innocente..."

Francamente. Poucos periodos se terão escripto mais a favor da

"canninha". Lendo tal descrição, os apreciadores e admiradores do objecto devem ter agua na bocca...

Uma nota: o estylo de Clovis Amorim é entrancado de ameno e ironico. Essa ironia que dá tanta leveza á exposição lhe é cara.

E' certo que repugna a muitos espiritos a fecundidade patriarchal, em Amorim, dos palavrões... E' outro "grande mal" dos brasileiros...

A preocupação do autor em documentar o livro, faz deixar á margem os traços nitidos de seus personagens.

O desejo ardente de mostrar a exploração dos trabalhadores do alambique pelo "coronel" Maneca do Desterro, deixa meio

indistinctos o Zé Costa, Sanefa, o Bertoso, o Luis Pequeno.

Apenas o Americo se individualiza, graças á sua sciencia positiva... O leitor é visitado pela Alicinha e Seu Vadú.

Entretanto os typos centraes, a Pequenita e Adelino se destacam bastante. E' de notar a base exclusivamente sexual que os vem unir. E' dessa correspondencia satisfeita que nasce o amor de ambos.

Os scenarios passageiros cedem logar ao documentario facto. Vem o côco "Eu me chamo Chico Dôce", a morte de um bebedor na roça, os cigarros, a Santa Missão...

Tudo é um *pagode* só.

Mas o povo já sonha com a libertação, com o communismo:

"Zé Costa chefiava uma turma de trabalhadores. Sanefa pulava contente:

— O amô agora é á vontade...

A multidão comprimia-se aos berros: "Viva o communismo!"

Para muita gente, o communismo é avançar na mulher e na casa do vizinho...

Até nisso *O Alambique* é real...

Que *alambique!* Distilla gente e cachaça...

RENATO MENDONÇA

— Jean Davray estampa um volume, *George Sand et ses Amants*, destinado a produzir certo escandalo. Se é que se pôde fazer mais alguma revelação sensacional em torno á pobre mulher que tem servido de repasto a tantos farejadores de segredos de alcova.

— Num Salão de humoristas francezes appareceram, seleccionadas, diversas caricaturas de Léandre. Os criticos de hoje não são muito affaveis para com esse deformador da cara do proximo, tão famoso em seu tempo. Precalços da gloria! Vae para uns trinta annos, todos os parisienses se divertiam sempre que apparecia nos jornaes ou nas revistas illustradas um homem celebre da época burlescamente maltratado pelo lapis desse émulo de Abel Favre. Lembramo-nos, assim de prompto, das "charges" em que elle converteu Sarcey num repolho, pôz um fio de fumaça a sair vulcanicamente do craneo de Rostand ou representou o imperador Guilherme II com um uniforme de espavento junto a um barril de polvora secca.

LEIAM

O ANINISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS

A Grande Obra de

NINA RODRIGUES

Agora publicada pela 1.^a vez como 2.^o volume da "Bibliotheca de Divulgação Científica", dirigida por Arthur Ramos.

Compõe-se dos seguintes capitulos:

Prefacio e notas de Arthur Ramos.

O aninismo fetichista.

Theologia fetichista dos africo-bahianos.

Lithurgia fetichista dos africo-bahianos.

Feitiço, vaticinio, estado de possessão, oraculos fetichistas.

Cerimonias de culto fetichista: candomblés, sacrificios, ritos funerarios.

A conversão dos africo-bahianos ao catholicismo.

UMA OBRA INDISPENSÁVEL
A TODAS AS BIBLIOTHECAS
DE CULTURA

PREÇO \$5000

EM TODAS AS LIVRARIAS
E NA LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua 7 de Setembro 162

Rio de Janeiro

RETRATO DO INTELLECTUAL

Quem desenhou, nessa hora incerta e angustiante, o melhor retrato do intellectual, foi o autor de *Lobo da Esteppe*. Herman Hesse não fez caricatura. Fez foi mesmo retrato, botando nelle toda a parecença possível. E para que o intellectual nos apparecesse hoje com um rosto contrafeito e um sorriso caricatural de quem afinal de contas não está se sentindo muito bem, não era preciso caricatura nenhuma.

Qualquer um de nós se encontra em certas paginas deste livro delicioso, cuja traducção vem de apparecer em edição da Cultura Brasileira, uma das nossas casas editoras, diga-se de passagem, que melhores livros nos têm apresentado nesses ultimos annos. Vamos nos encontrar com o *Lobo da Esteppe* e essa figura tirada do quotidiano da vida ficará entre as personagens de romance que passam a viver junto a nós. Mas não fica apenas como conhecido. Fica como um retrato nosso, admiravelmente executado, um retrato que nós não encommendamos, é certo, mas que alguém fez e que temos que reconhecer ser fiel apesar de toda feiura.

Esse *Lobo da Esteppe* não é nenhum aventureiro, nenhuma das figuras heroicas de homens de grande vida, perdido na esteppe sem fim. Nada disso. O lobo é o intellectual e a esteppe é a sociedade burgueza que o educou e o matou. E' o livro do intellectual deante do mundo burguez de hoje. Educado dentro da educação tragica da pequena burguezia, acreditando em tudo que não deve acreditar, preso a uma série de preconceitos, carregando uma bagagem enorme de complexos, torturado e inutil, elle se afasta de tudo e vae viver solitario a mais miseravel das vidas, namorando pedacinhos de paisagens de felicidade domestica, fazendo o bohemio contra o burguez na definição de Oswald de Andrade. Tragedia do intellectual de hoje. Poderia ser chamada tambem de comedia. Fica a vontade do freguez.

E' o homem que quer fugir de tudo aquillo que o afoga, que o mata e que quer viver sozinho comsigo mesmo e com seu saber inutil. Mas no fundo está preso ao pinheirinho das varandas familiares. Elle não sabe para onde ir e carrega comsigo uma piedade de todos e de si proprio. Nasceu suicida. Ou melhor o educaram para o suicidio. Fizeram com elle o que a burguezia fez com todos os intellectuaes: suicidas.

Eu recommendo esse grande livro a todos os intellectuaes brasileiros. Todos se acharão nelle. E' o mais perfeito retrato que existe do intellectual solto na vastidão da tragedia que está se processando.

JORGE AMADO

Lucilo Varejão — *O Lobo e a Ovelha* — Edições da Casa Mozart — Recife — 1935.

Ao que assignala, em prefacio bastante perspicaz, o sr. Luiz Delgado, é este "o livro que melhor reflecte o sr. Lucilo Varejão, tanto nas qualidades propriamente litterarias de sua arte, como em seus sentidos espirituales". Para nós, foi um novo prazer a leitura de mais este romance de um autor discreto e probo, que não faz alarido cabotinesco em torno ao que produz, contente com espelhar, em narrações perduraveis, os acontecimentos essenciaes da alma e do ambiente pernambucanos. Romancista dos mais possantes dentre os que o Norte possui actualmente, o fixador de caracteres que nos contou *O Destino de Escolastica* honra, tanto quanto o sr. Mario Sette, o dom de fabulação que caracteriza a gente das proximidades do Beberibe e, especialmente, o seu escrupulo em estylizar a vida sem fantasias obscenas e sem violentos erros de portuguez.

Thornton Wilder — *A Ponte de São Luiz Rei* — Cia Editora Nacional — São Paulo — 1935.

A publicação deste romance, em traducção primorosa de Monteiro Lobato, vem ao encontro do desejo de muitos dos nossos frequentadores de cinemas. Com effeito está aqui uma especie de libretto completo do film que impressionou tantos patricios nossos, quando o papel da heroína foi interpretado pela seductora Lily Damita. Não sabemos se a narrativa possui real fundamento historico, mas sabemos que a personagem da Perichole, a irrequieta dansarina que seduziu fidalgos e plebeus em terras do Perú, já foi tambem explorada pelo grande Mérimée na *Carrosse du Saint-Sacrement*, representada aqui no Rio por occasião do Theatro de Brinquedo.

Piá-do-Sul — Farrapo — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.

Já não é segredo para ninguem (e nós mesmos nos encarregámos de esclarecel-o num dos ultimos numeros do Boletim) que Piá-do-Sul é o grande sociologo riograndense Contreiras Rodrigues. Por signal que, identificando esse pseudonymo, fizemos algumas restricções quanto aos meritos de poeta regionalista desse patricio illustre. Felizmente, essas restricções não se pôdem estender ao Piá-do-Sul prosador, que conta, com tanta vivacidade pittoresca, com um senso tão agudo da ambientação historica, com uma documentação enriquecida em longas leituras e viagens, os factos que retratam melhor a singular mentalidade e sensibilidade gaucha. Evidentemente fala um historiador, que reflectiu muito sobre os papeis manuseados, que conduziu um inquerito directo pelos municipios mais distantes do Rio Grande do Sul. Mas fala tambem um amigo da anecdotia, do traço epigrammatico, dessa inexaurivel graça popular que não raro sobrepuja em profundeza humana todas as pesquisas de eruditos. Folk-lore e psychologia fundem-se nesse risonho epitome da vida do extremo Sul. "Memorias de um Cavallo", reza o sub-titulo, e é bem de vêr que o autor se soccorreu daquelle velho processo já utilizado por Esopo e La Fontaine, isto é, fazer com que os bichos se encarreguem de dizer certas duras verdades em lugar dos homens...

Anisio Jobim — *A intellectualidade no Extremo Norte* — Livraria Classica — Manãos.

Contribuições para a historia da litteratura no Amazonas, muito bem articuladas por um homem de estudo e gosto. Não só os escriptores amazonenses são aqui arrolados em biographias tão concisas quanto substanciosas. Tambem os intellectuaes de outras paragens que transitaram pelas lettras e pelo jornalismo do grande Estado do Norte. A par de indicações completas sobre autores que já nos eram de certo modo familiares, pullulam elementos de absoluta novidade para nós outros leitores do Sul e a obra adquire assim um caracter de forte benemerencia para quantos pretendam uma visão de conjuncto do que vae pelo espirito nacional. Entre outras, as notas sobre Pericles de Moraes e João Coelho Cavalcanti são limpidamente redigidas, com uma equanimidade de julgamento que é raro encontrar nesses balanços de valores mentaes de uma dada região.

LEIAM

POEMAS DE ALBERTO RAMOS

EDIÇÃO ARIEL

Em todas as Livrarias

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Pandiá Calogeras	FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL .	15\$000
Alberto Rangel	GASTÃO DE ORLEANS, O ULTIMO CONDE D'EU	12\$000
Fernando de Azevedo	PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA	15\$000
Thornton Wilder	PONTE DE SÃO LUIZ REY	5\$000
Henri Pieron	PSYCHOLOGIA DO COMPORTAMENTO	10\$000
Gabriel d'Aubarêde	IGNÊZ	3\$000
Oliver Sandys	A GAROTA	3\$000
Hyperides Zanello	ELEMENTOS DE GEOMETRIA E DE- SENHO LINEAR	3\$000
Hyperides Zanello	SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES	9\$000
Paulo Mangabeira — Albernaz	OTO — RHINO — LARYNGOLOGIA ..	22\$000
Dr. Hans Dietlen	TUBERCULOSE PULMONAR	18\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiaes em Rio, Bahia, Recife e Lisbôa

Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389
RIO DE JANEIRO

EDIÇÕES DESTE ANNO — DE JANEIRO A ABRIL

HUMBERTO DE CAMPOS

- Memorias — 1.ª parte — 7.ª edição.
- Memorias Inacabadas — 20.º milheiro
- Destino — 2.ª edição
- Os Párias — 5.ª edição
- O Monstro e Outros contos — 4.ª edição
- A' Sombra das Tamareiras — 2.ª edição
- Sombras que Soffrem — 3.ª edição
- Critica 1.ª série — nova edição
- " 2.ª " " "
- " 3.ª " " "

PLINIO SALGADO

- Psychologia da Revolução — 2.ª edição
- Despertemos a Nação

MAURICE DE FLEURY

- A Angustia Humana

JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

- O Boqueirão

HELIO VIANNA

- Formação Brasileira

CUSTODIO DE VIVEIROS

- Camisas Verdes

PONTES DE MIRANDA

- Tratado de Direito Internacional Privado — (2 volumes)

AMANDO FONTES

- Os Corumbas — 4.ª edição

PROXIMAS EDIÇÕES

GRACILIANO RAMOS	Angustia — romance.
AGRIPPINO GRIECO	Gente Nova do Brasil.
LUCIO CARDOSO	Salgueiro — romance.
JOSE' LINS DO REGO	O Moleque Ricardo — romance.
JOSE' GERALDO VIEIRA	Territorio Humano — romance.
ISADORA DUNCAN	Minha Vida.
PEDRO CALMON	O Rei do Brasil — Vida de D. João VI
BERDIAEF	Uma Nova Edade Média.
AMANDO FONTES	Rua do Siriry — romance.
VICENTE LICINIO CARDOSO	Philosophia da Arte.
GRATIA	Encabulamento e Timidez.
OMAR KHAYYAN	Rubayat (Trad. do Dr. Octavio Tar- quinio de Souza).
RODRIGO OCTAVIO	Minhas Memorias dos outros — (No- va série).

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

*Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca
Brasileira de Medicina Legal,*
ambas sob a direcção do Professor
A. RANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

NOVIDADES

NINA RODRIGUES

Animismo Fetichista dos
Negros Bahianos (2.º vol.
da Bibliotheca de Divul-
gação Scientifica) — br. 8\$000

HILDEBRANDO ACCIOLY

Tratado de Direito Interna-
cional Publico — 3.º vol.
— broch. 35\$000

HAVELOCK ELLIS

Seleccção Sexual no Homem
(7.º vol. da Bibliotheca de
Educação Sexual) — br. 10\$000

VICTOR PAUCHET

Conservae a Mocidade —
(Obras Educativas) —
(Nova Edição) — br. . . 5\$000

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 —:— Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

POESIA E SAUDOSISMO

Estamos muito longe dos punhos de renda e das anquinhas. Acabaram-se os torneios. Os jovens com rostos de anjos estão adquirindo côres vivas para as faces nos campos de gymnastica. Ou morrendo lentamente nas usinas e nas fabricas sem tempo para pensar na poesia. Mas, assim mesmo, a poesia continúa a existir nelles, sem ser notada, despertando aqui e acolá em formas lyricas e humanas.

Nos poetas que levam uma existencia feliz ella se manifesta sempre em trajes sumptuosos, em sonhos de amor e de prazeres sobrenaturaes requintados. E' a poesia dos "super-poetas", ou melhor, a dos homens de sensibilidade bem nutrida que se divertem em jogos lyricos e combinações poeticas "innocentes". Hontem, elles gostavam de "cock-tails", velocidade, sururú, macadam e cocaina. Hoje, não deixam em paz os anjos, as noites profundas, as amadas irreaes, a graça e a luz mortíca dos ultimos lampeões "que ardem nas ruas como cirios".

A verdadeira poesia não precisa dessas coisas inverosímeis. Para os que vivem voltados para as desigualdades sociaes ella surge com um sentido maior, global, mais pungente, mais lyrica, mais prophetica e sobretudo mais humana. Estas considerações me vieram ao ler alguns saudosistas da poesia "supra-tempus", como Jorge de Lima, Willy Lewin e Orlando M. Carvalho.

Willy Lewin, ex-chronista mundano do Recife, disse um dia destes que nós estávamos sem critica e sem criticos. E atravez de um artigo de Orlando M. Carvalho, publicado em "Surto", se admirou da "concessãozinha" que eu havia feito ao poeta Carlos Drummond de Andrade. Na critica que fiz a *Brejo das Almas*, publicada em *Momento*, disse que era pela poesia de acção social. Fui coerente com a minha maneira de pensar, e honesto sobretudo porque escrevi: "Embora sem este caracter, não podemos deixar de sentir e admirar a poesia immensa de Carlos Drummond de Andrade, poesia tão intensa que conquistou para o poeta de *Brejo das Almas* uma posição unica entre os poetas novos do sul do Brasil". Não foi concessão e sim honestidade e questão de sensibilidade que me levaram a admirar a poesia do poeta mineiro. O verdadeiro "triumphante", o saudosista Willy Lewin, devia voltar á sua época. Foi como chronista mundano que pontificou em todas as rodas "littero-esportivas" do Recife, chegando a sua popularidade ao ponto de muitos rapazes passarem a usar gravatas á Willy Lewin, tomar "cock-tails" de accordo com as receitas de Willy Lewin, assistir, fitas e "talkies" orientados pelo saudosista e até passear na rua Nova á Willy Lewin. Bons tempos aquelles em que Jean Patou possuia em Recife um litterato como representante e divulgador das suas ultimas creações.

Ha um grande esforço entre os rapazes que se supõem donos da cultura em querer situar a

litteratura e as artes "au delà de la vie", estranha ás leis economicas e sociaes que dirigem os destinos do mundo. Por isto o que Orlando M. Carvalho achou "sem pé nem cabeça", José Bezerra Gomes explicou muito bem. Existe uma profunda, complexa e ao mesmo tempo clara ligação entre os phenomenos de uma sub-estrutura economica com os de uma super-estrutura social e artistica que lhes correspondem.

A poesia é um estado de sensibilidade. Mas a sensibilidade do individuo oscilla de accordo com as condições materiaes de existencia. Os da "torre de marfim" e os saudosistas modernos, agarradinhos á poesia pela poesia, argumentam que esta sempre esteve acima das competições humanas. Aceitando este conceito logicamente temos de aceitar tambem que ella não é um producto da sensibilidade humana. Portanto passaria a ser algo "sem pé nem cabeça" ao invéz de poesia. Mas tudo isto resulta desses rapazes não mudarem de observatorio. Querem criticar todo mundo pelo mesmo angulo de observação. Para se comprehender um determinado poeta devemos nos transportar ao ambiente emocional que o cercava na sua poesia.

Ha determinadas éras na sociedade em que a luta entre opprimidos e oppressores fica aparentemente adormecida. Para muitos ella desaparece totalmente. Este phenomeno se dá toda vez que uma classe triumphha ruidosamente sobre outra. O periodo que se segue é de um certo equilibrio social. Nesse momento surgem os poetas acima das luctas sociaes. Mas retrafiam, como sempre, o estado poetico de seu tempo. O maior exemplo temol-o em Goethe. Depois Shakespeare. Este, nos seus livros, documenta o caracter dos homens e os costumes da aristocracia européa, seus contemporaneos.

Nos periodos em que os antagonismos de classe são mais vivos começam a apparecer as grandes vozes lyricas do povo. Ahi estão na historia os poetas da revolução franceza e os da russa. No Brasil tivemos Castro Alves fazendo da sua poesia uma clava de combate contra a escravidão do braço africano. Dos Estados Unidos nos chegam os protestos contra a oppressão de classe e de raça atravez dos poemas admiraveis de um Claude Mc Kay, de um Langston Hughes. Cada poeta se expressando de conformidade com a sua época.

A uma situação burgueza corresponde uma litteratura burgueza. A uma revolucionaria corresponde uma litteratura revolucionaria. E a uma democracia proletaria corresponderá uma litteratura poletaria.

O caso de Carlos Drummond de Andrade é que seu systema nervoso ainda se alimenta da quietude dos dias prosperos da burguezia brasileira. Tudo no seu livro indica absoluta ausencia das convulsões sociaes. Por isto os seus poemas reflectem um estado emocional sincero do poeta. Nós, que

sentimos bem de perto o profundo antagonismo que separa os homens e que somos pela democracia dos que trabalham e na arte pela "socialização do sentimento", vivemos com todos os nossos sentidos a hora que passa. Não nos curvamos ao capitalismo absorvente e louvamos a poesia de acção social.

— Quantos ainda não andam esquecidos por este immenso Brasil, esperando a mensagem da poesia e da acção?

ADERBAL JUREMA

— Extinguiu-se em França, com pouco barulho, o romanista Félicien Champsaur, cuja maior gloria, se não estamos equivocados, consiste em haver creado o vocabulo "arriviste", que nós outros transportamos ao portuguez "arrivista", não sem algum escandalo das vestaes do idioma Champsaur, que começou a carreira litteraria redigindo interessantes perfis de escriptores e artistas do tempo para uma revista illustrada por André Gill, traçando divertidos commentarios em torno a Aurélien Scholl, Émile Zola e outros, desfrutou mais tarde de uma notoriedade por assim dizer desacreditada e diffamatoria, quando ligou o nome a uma serie de romancicos obscenos, em que, acreditando fazer psychologia, não faziam senão escaldar os sentidos de pobres leitores que procuram nos livros uma especie de transito para o lupanar. Morto Champsaur, trataram, como é natural, de liquidar-lhe o espolio, e viram então, com grande surpresa, que as suas tão apregoadas manias de bibliophilo não passavam de doença senil de um colleccionador erotico, doido pelos albuns de figuras frascarias e outros objectos que denunciavam o gosto das suburras de todo o genero.

— Continuam a ser recordadas as phrases de espirito ou simplesmente as phrases de effeito de Jean Moréas. Ninguém desconhece que esse poeta era de procedencia grega e trouxe mesmo dos Balkans um nome dos mais longos, que elle difficilmente carregaria na sua marcha para a gloria e muito intelligentemente transmudou naquellas leves syllabas incisivas que ficaram a cantar no entusiasmo de tanta gente. Conta-se que Moréas, acceitando de uma feita a refeição que lhe offerecia um admirador sul-americano, olhou-o, a certa altura, com uns ares indefiniveis e disse-lhe que devia estar naquella dia bem contente, por estar almoçando em companhia do maior poeta da França. Maurice Barrès, que se demorou annos e annos na intimidade do autor das *Stances* e foi por assim dizer o seu testamenteiro poetico, não perdia ensejo de exaltar o atticismo de Moréas, o genio faiscante do conversador que todos os dias semeava, aos azares da palestra, livros magnificos jámais escriptos. Inversamente, Laurent Tailhade, que parecia escrever misturando caparrosa á tinta, não perdia ensejo de desfigurar a bella mascara atheniense do outro, dizendo que Moréas nutria pelas lavadeiras um odio irreconciliavel e dava a impressão de trazer nas longas unhas negras o luto das velhas familias de Janina massacradas pelos turcos...

LEIAM

SEGREDO

LIVRO DE CONTOS DE

ALUIZIO NAPOLEÃO

Com illustrações de Santa Rosa

PREÇO.... 5\$000 EM TODAS AS LIVRARIAS

THEORIA E PRATICA DE ENSINO SECUNDARIO

TRABALHO DAS INSPECTORIAS REGIONAES DO ENSINO SECUNDARIO DO DISTRICTO FEDERAL

Muito se tem discutido, inutilmente, as cousas do ensino. A educação anda correndo parelhas com a politica no interesse que desperta. E tambem nas censuras em que incorre. Todos os deslizes, todos os desmandos do nosso povo são postos á conta da educação insufficiente ou mal dirigida.

Entretanto, força é confessar que os educadores constituem entre nós uma classe tão activa quanto devotada. A publicação dos livros dos inspectores regionaes é uma prova disso. Trabalho difficil, porque inteiramente original, não recuaram deante delle os seus autores. Se outro merito não possuisse, teria o de ser uma contribuição propria, adaptada á creança brasileira. Combinando harmoniosamente a theoria e a pratica, visando estabelecer os factores psychologicos e methodologicos do ensino bem como a maneira de verificar o aproveitamento do alumno, esses estudiosos da educação revelaram um agudo senso da realidade.

Programmas bem delienados, eloquentes, cheios de idéas "à la page" e ricos de pensámento e cultura nunca nos faltaram. Mas justamente por serem muito elevados são quasi sempre utopicos. Os inspectores regionaes não cuidaram de analysar, nem de ostentar os seus conhecimentos; procuraram simplesmente adaptar á creança o que está feito. E como tal mostraram conhecer perfeitamente o seu officio e serem capazes de desempenhar cabalmente as funções de que se acham investidos. E' esse o melhor elogio que se pôde fazer ao seu trabalho e á sua capacidade. Gente integrada com os cargos que exerce é cousa rara — e preciosa — no Brasil.

Henri Piéron — *Psychologia do Comportamento* — Cia. Editora Nacional — São Paulo — 1935.

Em traducção fidedigna do sr. J. B. Damasco Penna, professor de psychologia no Collegio Universitario annexo á Universidade de São Paulo, temos este bello volume de Henri Piéron, que estuda os processos reaccionaes e as fórmulas do comportamento, a reacção affectiva e a orientação da conducta, a reacção perceptiva e a aquisição da experiencia, a reacção intellectual e a elaboração da experiencia, os níveis de actividades e a utilização da experiencia, e, finalmente, os estadios e typos mentaes. Vê-se que nada existe de superfluo no livro. Todas as ultimas observações colhidas na materia acham-se aqui compendiadas por um mestre que foi seleccionando os factos e as leis no trato frequente com os alumnos. Nestas 270 paginas domina, acima de tudo, um caracter pratico, e o guia do expositor foi a philosophia da experiencia.

Sergio Milliet — *Roberto* — Editores L. Niccolini & Cia. — São Paulo — 1935.

Figura de destaque nas correntes renovadoras da nossa litteratura, o sr. Sergio Milliet, que estampou varios livros na Europa e ali manteve contacto com os elementos das escolas modernistas, offerece-nos, no momento, esta curiosa narrativa que elle proprio resume efficaçamente em algumas linhas introductorias: "*Roberto* não é auto-biographia. Nem tão pouco romance "a chave". Evidentemente resultando de experiencias e observações pessoaes, muito vividas e sentidas, foram os personagens da narrativa construidos com pedacos de almas verdadeiras. Não são retratos, porém, nem caricaturas".

A Nova Gazeta Allemã — Edição Record — Rio.

Em tiragem artistica de mil e quinhentos exemplares, o operoso editor Antonio Simões dos Reis trouxe mais esta valiosa contribuição ao estudo do nosso passado. Obra de alto valor ethnographico, traduziu-a escrupulosamente o erudito Clemente Brandenburger, e Joaquim Ribeiro, que não deslustra o nome paterno, accrescentou ao livro uma boa série de perspicazes commentarios. Reproduções do texto original e de gravuras no estylo da época quinhentista convertem o conjuncto em verdadeiro mimo para todos os bibliophilos de gosto.

O HOMEM QUE SE RECORDAVA

— Tivera meningite em pequeno — diziam, — e por isso ficara idiota.

No entanto, não sei porque, aquelle homem interessava-me. Todos os dias, da minha janella, eu o via passar. Passava sem ver ninguém, ensimesmado, gesticulando a esmo. Não falava. Por isso me espantei no dia em que elle me pediu fogo para o seu cigarro. Aquelle homem excitava a minha curiosidade. Convidei-o para almoçar num restaurante perto. Aceitou. Comeu pouco, sem falar.

Eu já estava desilludido de obter qualquer coisa d'elle quando, á sobremesa, me perguntou á queima-roupa:

— O senhor acredita na metempsychose?

Esbocei um gesto de duvida.

— Pois eu sou o homem que já teve vinte e duas encarnações. E olhe, isto é que é mais estranho, recordo-me de todas.

— Então deve ter visto muita coisa interessante.

— Alguma, alguma... E' verdade que muitos factos antigos, que têm uma importancia enorme, na sua época foram factos banaes. A Historia enxerga sempre com lentes. A's vezes para augmentar, outras para reduzir. Por exemplo, a crucificação de Jesus Christo. Eu posso narrar-lh'a com todos os pormenores. Era legionario romano e assisti. Foi uma execução como outra qualquer. Rabbi Jeschoua bar Josepha, nascido em Galiléa e conhecido por Jesus e por Christo, era um revolucionario de talento. E pauperrimo. Não tinha nada de seu e prérgava o que hoje se chama communismo. As suas idéas não incommodavam Poncius Pilatos, o proconsul romano em Jerusalém, que, olhando para nós, na terra Antonia, tinha a certeza da força invencível dos Cesares. Mas Jesus foi um revoltoso imprudente e um máo politico. Prérgava a desistencia dos bens terrenos. Só podia interessar aos que nada possuíam.

Afirmava trazer comsigo a verdade. A verdade é lá coisa que se prérgue?... Pôz contra si todos os burguezes, expulsando os mercados do Templo. Offendeu o Sannhedrim. O resultado não podia ser outro. Naquelle dia do mez de Nizan, Jesus foi crucificado. Foi um facto banal. Hoje, esse facto é o alicerce de uma religião. A Historia usa lentes. Lá isso usa.

Fez uma pausa.

Eu, curioso, pedi-lhe:

— Conte-me mais alguns factos das suas vidas.

PROBLEMAS POLITICOS CONTEMPORANEOS

- N.º 1 — Miguel Reale
O Estado Moderno —
2.ª edição 6\$000
- N.º 2 — Plinio Salgado
O Sofrimento Universal — 2.ª edição . . . 6\$000
- N.º 3 — Plinio Salgado
A Quarta Humanidade 6\$000
- N.º 4 — Miguel Reale
Formação da Politica
Burgueza 6\$000
- N.º 5 — Hello Vianna
Formação Brasileira . . 6\$000
- N.º 6 — Plinio Salgado
Despertemos a Nação . 6\$000

PROXIMAS EDIÇÕES

- Miguel Reale
O Operario e o Integralismo.
- Gustavo Barroso
O Quarto Imperio.
- Candido Motta Filho
Introdução á Politica Moderna.
- Menotti Del Picchia
Soluções Brasileiras.
- José Maria Bello
Panorama do Brasil.
- Victor Vianna
Brasi entre as Nações.

EDIÇÕES DA

Livraria José Olympio Editora
RUA DO OUVIDOR, 110

— P'ra que? No fundo, a humanidade é sempre a mesma. Eu posso falar-lhe de cadeira. Fui escravo de Cleópatra. Vi os seus amores com Julio Cesar. Vi depois os seus novos amores com Marco Antonio. Assisti á batalha de Actium, o suicidio de Marco Antonio e o suicidio de Cleópatra. Fui cavalheiro andante na Idade Média. Pra quê pormenores? A vida é sempre banal. Vi em Veneza no seculo XII. No seculo XV, fui conterraneo dos Medici. No seculo XVIII, fui amante de Catharina da Russia. Duvida? Eu fui muita coisa. Fui escravo e fui principe. Fui soldado e fui general. Conheço o mundo todo e todas as profissões e nem por isso sou mais feliz que os outros.

— E nunca teve uma vida de ventura?

— Sim, houve uma vida em que fui cão. Está admirado? Sim, senhor, fui cão. Não desses cães mimados que têm uma dona moça e bonita que os beija, que lhes regula as horas da comida e lhes prohiu o amor com cadellas vadias. Não, senhor! Eu fui desses cães sem dono. Feio e magro. Dormia ao relento e roubava o que comia. Ia para onde me dava a gana. Amava ao ar livre e coçava as minha pulgas com toda a liberdade. Não tinha a quem dar satisfação dos meus actos. Roubava o que comer e uivava á lua. E creia, senhor, foi essa a unica encarnação em que fui completamente feliz.

(De *Pensão Familiar*, contos, no prélo).

DIAS DA COSTA

— Os francezes percorrem agora, em edições escoimadas de erros typographicos, as paginas de Calvino sobre *L'Institution Chrétienne*. Falando desse livro, Bossuet declarou ser elle escripto num "estyllo triste". Mas a verdade é que Calvino foi, com Rabelais, embora os dois differissem tanto no resto, um dos creadores da lingua franceza, dada a forte latinidade e a voluntariosa concisão com que imprimia eternidade aos seus conceitos biblicos.

A ESTRÉA DE UMA ROMANCISTA

Acabo de lêr *A Successora*, o romance de Carolina Nabuco. A filha do brasileiro illustre, depois de nos dar uma magnífica biographia de Joaquim Nabuco, em que escolheu com senso e amor filial as melhores phases e passagens da existencia gloriosa de seu pae, surprehende-nos agora com um romance.

Se, muitas vezes, a autora deixa o espirito se introduzir demais na narrativa, em phrases prolixas que perturbam a vida do romance, em outras, no entanto, nos dá scenas psychologicas penetrantes, em que retrata flagrantes admiraveis de almas humanas que se cruzam. Sobre tudo, Carolina Nabuco possui a facilidade de analyse, indo, muitas vezes, á extrema profundidade das suas personagens. Além disso, só mesmo uma mulher poderia realizar com exactidão a figura de Marina, personagem central da ficção.

A Successora é mais um romance em que se agitam existencias diversas. Ha até devido ao excesso de introspecção, relativa falta de movimento, de acção, característicos de outros autores. Aqui, a psychologia de certos temperamentos é o que preoccupa Carolina Nabuco. Como José Lins do Rêgo no seu trio admiravel — *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê* — em que focaliza a existencia de Carlos de Mello e outros typos que com elle convivem mais intimamente, assim acontece em *A Successora* com Marina e as figuras que a rodeiam. A' feição de *Coiteiros*, o romance de Carolina Nabuco apresenta personagens, que a autora trata, ás vezes, com muito carinho, como alguém que espana objectos de seu agrado, só pelo prazer de espanar.

Marina, moça creada no interior, fica noiva do primo — Miguel — com quem convivera desde menina. A influencia do rapaz sobre ella vem de muito cedo. Miguel, verboso, orador facil, expunha-lhe suas idéas com entusiasmo. E ella ouvia, embevecida. Era elle o unico com quem trocava idéas naquella lo-

garejo acanhado do interior brasileiro. Ficam noivos. Nisso, surge Roberto — viuvo, homem de cidade — sobre cuja mulher Marina ouvia tantos commentarios. E apaixona-se por Marina, que corresponde ao seu amor. Rompe-se o noivado. Miguel tenta evitar, mas é inutil. Marina casa-se com Roberto, contra os desejos da mãe que já pensava na tranquillidade que a filha gozaria ao lado do sobrinho... Roberto traz Marina para o Rio depois de uma viagem de nupcias. Aqui, a figura da ex-mulher de Roberto — Alice — começa a ter influencia sobre o espirito da segunda mulher. E essa influencia vae crescendo, crescendo, a ponto de Marina ficar totalmente dominada por ella. Chegá a sentir medo da morta. Esse dominio de uma pessoa que já não existia concretiza-se num retrato de Alice, que Marina fitára pela primeira vez no dia em que entrára em casa, de volta da viagem a Buenos Aires... Dahi por deante, o quadro e a sua dona terão tal importancia na vida de Marina que ella vive nervosa, sem socco, completamente atada áquella effigie que repousava, tão tranquillamente e indifferente, numa parede pacata da casa. E o retrato fala, a physionomia de Alice agita-se, as mãos gesticulam, reprehendem, ameaçando, e a imagem communica-se, enfim, com a sua "successora". Os amigos da morta continuam a frequentar a casa, falando della, elogiando-a. Marina acha-os insupportaveis futeis, no seu artificialismo de gente *chic* da sociedade... Marina, todavia, não diz nada a ninguém. Nem a Roberto. E vae reprimindo, recalando os temores, as inquietações que a "presença" da morta lhe imprimiam... Tentava, ás vezes, ser franca com o marido. Mas não podia. Queria tomar uma resolução, ir embora, mas o seu temperamento irresoluto — consequencia do dominio que a mãe sempre exercera sobre ella — fez com que desistisse da primeira tentativa de realização do acto reclamado. Continuou a occultar o facto e a sof-

rer sozinha... Certo dia, porém, resolve fugir para o ambiente da infancia, para junto de sua mãe. Não tem coragem de annunciar as suas intenções a Roberto, porque este a crivaria de perguntas. Telephona-lhe da estação, na hora de partir o trem, e desliga quando o outro começa a interrogar-a... Longe da figura de Alice, melhora consideravelmente. Roberto, sem comprehender, mas tolerante, deixa-a na fazenda. Chama um medico para vel-a e este aconselha uma viagem, para que se apague alguma impressão estranha que a desorienta, embora não saiba o que seja, pois Marina continuava a occultar tudo... Por essa época, Marina descobre os primeiros symptomas da gravidez. E saem os dois, satisfeitos para a Europa. Na volta, Marina, sentindo Alice distante, sem aquella envolvença que a trazia em constante sobresalto, confessa-se ao marido. E ambos, juntos á amurada do navio, olhando as ondas e pensando no filhinho que vae nascer, julgam-se o casal mais feliz do mundo...

Um facto curioso a notar. A troca de phrases que no começo se introduz esquiva e escassa pela narração — fazendo suppor que a autora não possuia a espontaneidade do dialogo — surge esplendida no fim do livro, quando Marina se encontra com Roberto na fazenda e os dois começam a discutir. Ha, neste trecho, scenas conjugaes de uma grande subtilidade e expostas com muita felicidade.

Se *A Successora* fosse despojada de certas passagens superfluas que contém, fosse mais condensada ou menos espalhada, tornar-se-ia bem mais romance. Entretanto o que se póde deprehender da estréa de Carolina Nabuco é que está apta a compôr obras magnificas no genero, com o aperfeiçoamento gradativo que a experiencia lhe fôr proporcionando. O que não resta duvida é que, com Rachel de Queiroz e Lucia Miguel Pereira, fórma ella o grupo de mulheres de talento que actualmente escrevem romances no Brasil.

ALUIZIO NAPOLEÃO

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

(Cartas a Gastão Cruls)

Hamburgo 23-X-1930

Seu Gastão,

Você, o que merecia... Estou uma féra, estou mais féra do que o W. Luis contra os bandos do Antonio Carlos. Então deu V. agora para ser hyena e desenterrar cadáveres, como esses versos do *Carmen Tropicale* (1) e o celebre almoço no sitio do Viriato Correia? Coisas ha tanto tempo sepultadas nas catacumbas do passado... (Esta imagem é digna de um salvador da Republica.) Fallar em taes phantasmas, despertar semelhantes aventesmas... Quem lhe contou a historia do almoço? Não! Positivamente, o que o salva é a distancia, o vasto mar que nos separa. Offereça um vitello gordo, virgilianamente, a Neptuno, porque, não fóra esse barbudo deus, e os seus ossos não se livrariam de um bom surrote de cacete curto, como se diz lá pela Parahyba do Norte e adjacencias. Não se tratava de convescotes em Helgoland. Tratava-se apenas de passar um sabbado e um domingo empaz, em companhia de um casal alemão, gente minha amiga — honny soit qui mal y pense Helgoland fica a sete horas de distancia de Hamburgo e a viagem offerece altos e baixos. Sim, senhor, os altos e baixos das tempestades do mar do Norte... Emquanto se desce o Elba (cerca de duas horas) vae tudo optimamente. Mas, é sahir de Cuxhaven, e meia hora depois ahi está o navio a dançar, ou melhor, a pular como viadinho novo, até uns 15 minutos antes de Helgoland, que se começa a ver de longe, como se fosse um immenso couraçado ancorado em pleno mar, immovel. Tal é o seu perfil avistado a certa distancia. E garanto-lhe que foi um dos passeios melhores da minha vida. Apesar da tempestade tremenda quer na ida quer principalmente na volta, vale a pena ir até lá, nos naviozinhos de 2.000 toneladas que dansam como peixes.

O silencio, a tranquillidade, a calma, o pescado fresco, as lagostas frescas, que nos hotéis são trazidas vivas para V. escolher a que mais lhe appetecer, lagostas pescadas naquella manhãzinha mesma; e tambem os excellentes vinhos e magnificos charutos brasileiros, barattissimos, pois não ha alfandega em Helgoland; a solemnidade dos largos horizontes meio envoltos em nevoas onde o sol faz brincar os seus raios como fazem as mães seus filhinhos brincar nas areias da praia: — Gastão, isso vale um mundo. Depois, que museu e que aquarium estupendo, contendo apenas a fauna do mar do Norte, mas tudo arranjado com perfeição tedesca! Entretanto, não pense V. que ande ahi dedo de mulher. Não penso em taes coisas. A minha vida é hoje puramente espiritual, contemplativa. Eu bem quizera que ella fosse tambem um pouco epicurista, mas para isso é preciso haver dinheiro, o que não ha, infelizmente para mim e para os meus possiveis fornecedores...

Novo surrote de cacete curto! Imagine que o X... me mandou o seu livro, que percorri, depois emprestei a um conhecido (que não conseguiu ler-o), e, sendo-me restituído, foi para a cesta de papéis. Estou de pleno accordo com V. O X... é illegivel, intragavel. É um parlapatão que lança ao papel, com facilidade incrível, palavras e mais palavras cujo conjuncto nada significa. É um dom extraordinario. Não sei como se póde escrever assim, fluctuando no vacuo. E V. ainda me manda mais um exemplar! Foi logo para a cesta dos papéis servidos. O Brasil está cheio desses cerebros-cocos da Bahia seccos que fallam e escrevem para nada dizer e não ser entendidos.

Que tristeza essa situação do Brasil! Que prejuizos formidaveis, que perdas, que desmoralização, que desgraça, tudo sem o mais vago indicio de ideal patriótico! Paiz infeliz, o nosso... Não tenho bem comido nem bem dormido. Esta noite passada não dormi um minuto até 6 h. da manhã. Passei-a lendo Montaigne. É um grande consolador. Os Ensalos são a Imitação de Christo de quem gosta de raciocinar. Que homem, Montaigne! Que intelligencia luminosa, que nobreza d'alma, que pureza de caracter, que capacidade de abranger com a vista toda a humanidade, finalmente, que equilibrio de razão no meio de todos conflictos e destemperos religiosos, políticos e supersticiosos do seu tempo! É um dos typos mais completos que tem produzido o genero humano.

Não se esqueça de abraçar por mim o Ramos, Pierrette e Agrippino. Por que razão não me escreve o Ramos? Ainda tem elle uma cosinheira mineira que nos fazia couvezinha com picadinho e arrozinho soltinho e sequinho? Palavra que me vem agua á ponta do focinho. Hontem jantei sopa e salsicha com batata. Que quer V.? Na Allemanha é preciso viver como allemão. Mas não me abandona a saudade dos bons piteos brasileiros.

Agrãos do seu velho

Torres

Merk Hotel und Pilsner Urquellstuben (2).

Hamburgo — 23-Março-1931.

Gastonê!

Não! Positivamente! A sua ultima carta é um sucesso! Surrôte de cacete curto é que V. merece! Si continuar a citar-me versos idiotas, que me recordam tempos ridiculos, não lhe escreverei mais. E quem é essa tal X..., a quem V. allude? Não, meu velho, bastam a Dom João as conquistas que já fez. Nessa X... nunca ouvi fallar. Nesse andar são vocês todos capazes de me fazer passar por ter sido amante da rainha Dona Carlota Joaquina, esposa do amavel c... Dom João VI, de c... memoria!

Semanas de neve intensa tivemos até agora. Estes tres dias, porém, tem sido bons, mais que bons. Hoje já surpre-

hendi os primeiros brotos de jacynthos num jardinzinho que existe em frente do Consulado. Pobre jardinzito! Tem estado todo este tempão coberto de folhas e ramos de pinheiro, para proteger contra a neve as batatas de flores que já estavam na terra... As arvores, porém, ainda estão completamente pelladas. Entretanto já avistei um tordo e já lhe ouvi o canto pela manhã, canto que distingo com tanto mais facilidade quanto elle (o canto) se parece com o do nosso sabiá. E no meio da grulhada dos pardaes — não sei se terá sido illusão — cuido já ter tambem discernido o chilrear, ainda indeciso dos estorninhos, zombeteiros impertinentes. As gaivotas, por seu lado, já não vêm ás nossas janellas esvoaçar e piar para que lhes atiremos migalhas de pão, que ellas apanham no vôo com uma elegancia encantadora. Já se foram para as praias. E' a época da postura. Graciosas aves, cujas evoluções aereas eu contemplava e contemplo como espectáculo sempre novo... É o que lhe aconselho, meu querido Gastão, como remedio contra o spleen: ir diariamente á praia ver voar as gaivotas marinhas. É bello, é poetico. Não se ria, pois é verdade o que digo. Creia que as gaivotas me fazem falta. Consola-me, porém, a certeza que daqui a mais tres mezes começaremos a ver as andorinhas, e as gaivotas, regressarão mais tarde, boas, elegantes, bemfazejas amigas e companheiras de inverno... Caso V. não queira ir sozinho á praia contemplar as gaivotas, convide o Lico, o Ramos e o Fiuza, que com certeza devem apreciar immensamente os movimentos agéis e artisticos dessas esbeltas aves. O Arlindo talvez esteja contrariado pelos ultimos acontecimentos. Será bom leval-o tambem para contemplar o vôo das gaivotas no Flamengo, no Mercado Novo, na Ponta do Calabouço e outros sitios apraziveis da Capital Federal Isso fará enorme bem ao Arlindo. O vôo das gaivotas é a verdadeira therapeutica dos nervosos. Entretanto o professor Austregesilo ainda não sabe disso! Que especialista em neurologia! Ah! ia-me esquecendo do Castilho! Ainda está muito contrariado com os negocios? Deve estar e com razão, pois as coisas vão mal, não só para elle como para toda a gente. Pois convide tambem o Castilho para ir ver gaivotas. Melhorará tanto dos nervos, que talvez os negocios tambem por sua vez melhorem. Tentar não custa. E agora meu Gastão, ahi vae um abraço do seu velho amigo, que espera carta sua com prazer.

Antonio Torres

P. S. Meu endereço é sempre o Consulado.

Hotel Reichshop — 14 de Maio de 1931
Caro Gastão,

Neste luminoso dia de Maio — feriado em Hamburgo por ser dia da Ascensão do Senhor, *Himmelfahrt*, como elles dizem — resolvi escrever-te, e o faço aqui

no bar do hotel — completamente deserto, a não ser eu — enquanto a orquestra executa, e com bravura, a 2.^a Rhapsodia Hungara de Liszt.

Nem de ti nem dos amigos — Gilberto, Grieco, Ramos et reliqua — ha muito não tenho novas. Nem novas nem velhas... Que é isso? Será possível que a revolução de outubro passado tenha estancado a verve de todos nós, ó amigos saudosos?

Quem sabe lá se preferes que eu falle de mim? Fraco assumpto. De mim nada tenho a dizer senão que estou mais velho, mais gordo, com algumas cans a mais e minado por uma descrença doce que me faz dar á estupidez humana indulgencia plenaria embrulhada em desprezo... A humanidade é incontentavel. Já ha alguns annos atraz, ella, com a sua idiotice, irritou de tal modo o Creador, que este, segundo diz o Genesis, arrependeu-se de ter feito o homem — *poenituit eum quod fecisset hominem*. Creio que o texto latino é este... E no auge da indignação mandou abrirem-se as cataractas do ceo — *et cataractae coeli apertae sunt* — e um diluvio universal destruiu a humanidade, menos a familia Noé. Deus me perdõe o atrevimento do que vou dizer: a conservação do sr. Noé, de Mme. Noé e dos meninos Noés foi um divino erro. Porque, essa protecção escandalosa a um cidadão troçado até pelos proprios filhos durante a sua bebedeira? *Dicant paduani!*... Meu querido, desculpa esta abundancia de latinorios que me escapam da pena. Supplico-te encarecidamente não supponhas que eu esteja bebado como Noé. O que ha é o seguinte: não sei o que tem hoje a orquestra que só executa musicas classicas. Já nos deu (aos garçons, á bar-mald e a mim, freguez unico) a protofonia dos **Mestres Cantores**, uma *selection* do **Navio Phantasma** e uma outra coisa que, pela mellosidade, parece obra de Tosti, ou de Toselli... Essas musicas tão graves despertam, já se vê, pensamentos graves. Ora, para exprimir pensamentos taes, nada como o latim de São Jeronymo, o latim da Vulgata, do Missal e do Breviario Romano. Mas isto me fez perder o fio das gravibundas considerações que vinha fazendo. Onde estavamos mesmo? Ah! já sei: estavamos na estupidez humana, espaço por certo o mais vasto de quantos possa offerecer o mundo que conhecemos.

Os telegrammas com certeza te têm contado os horrores que se passam na Hespanha: egrejas queimadas, bibliothecas incendiadas, obras de arte irremediavelmente perdidas, um horror. Só a bibliotheca do Convento dos Jesuitas de

Madrid continha cem mil volumes preciosos. Ora, que queimassem os padres já não era bello nem humano, mas emfim vá lá, porque é facil obter outro padre. Mas um livro raro, uma primeira edição do Dom Quixote, uma tela de Ribera ou de Zurbaran, isso não se substitue. Uma vez perdidos, acabou-se, é para sempre. Que crime!

Deixemos, porém, de lado coisas tristes. Já comeste ovos de gaivota? É um acepipe raro. Em Londres cada ovo custa um shilling. Aqui obtém-se dois por 25 pfennig. Hontem provei desse bocado tão querido destes povos. É delicioso. Tomar uma fatia de pão ou uma torrada, untal-a de manteiga, collocar-lhe por cima uma fatia do ovo cosido, por cima desta fatia um camarão salgado, ou dois, e por fim introduzir tudo isso, gulosamente, na bocca. Uma garrafa de Mosella auxilia deliciosamente a delicada operação. Amigo, é uma delicia. Nunca supuz que a gaivota pozesse ovo tão grande. Não chega a ser do tamanho de um ovo de gallinha normal, isso não. E' porém, apenas um pouco menor do que um ovo de gallinha, dos menores. A côr da casca é verde-cinzenta-escura, com pintas negras. A clara é espessa e gordurosa. A gemma é amarella-sanguinea e contem muita vitamina. E, pois, um alimento ao mesmo tempo delicado e substancial. Nós temos tanta gaivota no Rio e não sabemos aproveitar-lhe os ovos! Estive reflectindo que tu, com o teu saber e teu sangue flamengo, és o homem indicado para introduzir no Rio de Janeiro e por todo o paiz essa *dellkatesse*. Porque não convidas o Arlindo para teu companheiro na caça aos ovos de gaivota? O Arlindo, estou certo, ficará encantado com a proposta, pois é dado aos esportes. Já o viste jogar tennis? E' eximio. Quando elle atira a bola em direcção oeste, é fatal ir ella bater no nariz d'algum pacifico espectador estacionado ao sul. Em Londres tornou-se elle popularissimo por essa e outras manobras. O Cox pôde explicar-te isso por miudo. Portanto, ao trabalho, em nome da civilização e da arte culinaria; levar o Arlindo para apanhar ovos de gaivota. Outra coisa: esses ovos podem tambem ser comidos com *sauceverte*, como a *remoullade* (que tanto aprecias) ou outra qualquer que prefiras. O Bormann, que é um eximio cosinheiro, pôde ministrar-te explicações e instrucções seguras e de confiança. O ovo de gaivota, quanto ao sabor, nada tem de peixe, como eu erradamente suppunha. Sabe um pouquinho, muito levemente, e alguma coisa como uma suavissima e distante maresia. O allemão, meu companheiro, que commigo comia, me perguntou si eu queria ficar como um **Bock im Fruhling**, um bode na primavera! Allusão a Ibsen. É que ha tempos tinhamos ido juntos ver e ouvir **Peer Gynt**, com musica de Greeg. E ha um momento em que **Peer Gynt**, no meio de mulheres, berra: *Ich bin ein Bock im Fruhling!* realmente, disse-me esse allemão (que é muito instruido) que ovos de gaivota tem a propriedade de transformar a gente em bode na primavera. Mais um motivo para dal-os a comer ao

Arlindo, não te parece como médico?

Bem, meu querido Gastão, esta já vae longa. Desculpa a caceteação. Mas eu não tenho aqui com quem conversar a não ser em allemão e sobre assumptos indifferentes. Resultado: paulifico os amigos por escripto. Escreve-me, filho. Manda-me noticias da patria, da qual só tenho seccas informações officiaes, que não satisfazem nem á curiosidade nem á alma. Abraços mil do teu

Torres

(1) Seu segundo livro de versos. Foi publicado no Rio, em 1915. Pequena brochura, de 80 pgs. impressa na Typographia da Livraria Castilho. G. C., sabendo que A. T. repudiava esses versos, amiude, por zombaria, gostava de cital os nas suas cartas. (2) Esta, como outras cartas, traz papel timbrado de um hotel. Como já era muito de seus habitos, aqui no Rio, Torres gostava muito de conversar, ler ou mesmo escrever, sentado á mesa de um bar, e tendo de diante de si um chopp ou outra qualquer bebida.

— Jacques — Emile Blanche é pintor; tambem escriptor. Pintor, mostrou-se sempre um tanto indeciso entre escolas varias, sentindo-se-lhe uma certa divida para com os impressionistas e tambem alguns emprestimos feitos junto aos deradeiros preraphaelitas. Mas, como prosador, tratando dos demais, fazendo-se momorialista arguto e maneiroso, Blanche demonstra que a penna lhe corre bem mais agilmente entre os dedos que o pincel. Amigo das mundanidades, havendo frequentado longamente os salões parisienses, esse homem complexo, de tantas procedencias e tantas direcções em sua arte, pôde ser um tanto inseguro no aproveitamento da palheta, em que pese ao seu notavel retrato a côres de Maurice Barrés. Mas, quando apenas se utiliza da tinta negra sobre o papel branco, detem com vigor muito episodio da vida artistica e litteraria da França dos ultimos trinta annos, muito detalhe precioso que os historiadores futuros não desdenharão de modo algum.

— Lucien Descaves, membro da Academia Goncourt desde a sua fundação, o que quer dizer que escolhido pelo proprio Edmond de Goncourt, é uma singular figura de impulsivo. Descendendo de uma familia de proletarios e filho, cremos,, de um gravador que desfrutou de certa notoriedade em seu tempo, Lucien celebrizou-se com um romance sarcastico sobre a vida militar, **Sous-Offs**, que o levou ao tribunal e lhe espalhou immediatamente o nome por toda a França, numa atmospha de exaltação e escandalo. Fundada aquella Academia, o romancista não passava uma sessão sem deblaterar com qualquer dos confrades, e muitos annos decorreram mesmo sem que elle comparecesse ás reuniões do cenaculo. Não ha muito tempo, graças á interferencia do cidadão que na época era prefeito de Paris, Lucien voltou a almoçar e a premiar livros com os collegas, mas não tardou a zangarse de novo e parece-nos que, presentemente, anda de cara meio amarrada para os litteratos que, de doze em doze mezes, lançam no mundo um glorioso homem de lettras, de gloria por vezes bem precaria.

LEIAM

CIUME

Romance de R. A. Guzman

Tradução de GASTÃO CRULS

3.^a EDIÇÃO

Em todas as Livrarias

VIDA LITTERARIA

O Brasil, no seu passado, na sua historia, nos elementos da sua formação, vae sahindo do limbo do esquecimento e merecendo uma attenção que não é apenas aquella dos dithyrambos patrióticos.

Tiradentes está ficando um pouco de lado; o "Amazonas, maior rio do mundo" é thema que cahiu em desuso...

Problemas mais sérios occupam, hoje, os estudiosos, os pesquisadores da historia brasileira, e o resultado de suas vigilias se ostenta em livros conscienciosos, reveladores do conhecimento e do amor dos assumptos versados.

Já se foi o tempo em que na indumentaria de apparencia pouco asseada do hirsuto Capistrano de Abreu muita gente via as consequencias de suas viagens ao passado, o pó das caminhadas pelos archivos entregues ás traças...

Os dias mais antigos do nosso passado colonial resurgem em estudos feitos com o apoio de methodo seguro e excellente documentação.

Ha pouco disse aqui o bem que penso do livro "Primeiros Povoadores do Brasil", do sr. J. F. de Almeida Prado, nesse primeiro tomo da obra de larga envergadura que vae levar a cabo, assim como applaudi o ensaio, por varios titulos notavel, do sr. Helio Vianna sobre a "Formação do Brasileiro" e hoje já tenho que assignalar o apparecimento de outro trabalho valioso.

F. Contreiras Rodrigues — "Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial" — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1934.

Não é em vão que o sr. Contreiras Rodrigues, na enumeração que faz dos seus escriptos anteriores, menciona livros de versos...

Neste estudo sério e bem fundamentado da actividade economica do Brasil colonial, é lamentavel que appareçam de quando em vez laivos de uma preocupação litteraria, que não é lá das melhores, enfeitando-o com descripções de uma trivialidade que se contenta com "o bello e alteroso panorama", as "invias florestas", as "amenas campinas" e os "sertões adustos"...

Isso e um certo tom de panegyrico patriótico desfiguram um pouco o livro digno de grande apreço sob outros aspectos.

Logo na introdução, o sr. Contreiras Rodrigues frisa um ponto, que é muito importante no estudo de nossa historia colonial e que tem ficado em geral esquecido: o caracter imperialista peculiar a todas as colonizações. E affirma com toda a razão que "paiz colonizado é paiz subjugado, sem direito a instituições que não sejam destinadas a sugal-o e empobrecel-o em beneficio da metropole".

Foi o que aconteceu com o Brasil durante largos annos.

Todo o esforço colonizador de Portugal foi a exploração economica do Brasil, com a evasão de suas riquezas, á custa da longa escravização de duas raças.

Esse caracter de eterno provisorio, esse aspecto de joven ruina que o observador menos sagaz descobre nas nossas coisas, vêm seguramente desse espirito de aproveitamento facil, de conquista, de espoliação que animava o colonizador.

Nada se fazia pela colonia ou para a colonia; e não se visava o desenvolvimento senão para della tirar o proveito maximo com o minimo de dispendio.

Foi o movel economico preponderando sempre, inspirando tudo, indisfarçavelmente.

Não quero diminuir a acção colonizadora do povo de que em boa parte descendemos. Ao contrario, sempre se me afigurou, para uma nação exigua, de população tão reduzida como Portugal, uma empresa immensa a conquista e a colonização do Brasil.

Como isso aconteceu, principalmente nos seus aspectos economicos, é o que nos mostra, com muita lucidez, o livro do escriptor gaúcho.

Que tarefa difficil não deveria ter parecido aos que primeiro aqui aportaram, a penetração do nosso territorio, através desse "desertão", que ficou sendo depois o nosso sertão.

Para o sr. Contreiras Rodrigues, duas forças levaram os primeiros exploradores ao remoto interior do continente recém descoberto: — a correnteza dos rios e a attracção do desconhecido. Taes foram os impulsos que animaram a epopeia da conquista brasileira. A cubiça e o sonho misturados, o instincto da presa e a seducção do mysterio...

Que especie de gente era essa, que atravessava os mares tenebrosos, arriscando-se a viagens tão longas e incertas?

Que eram, no seu estófo moral, na sua individualização social, esses povoadores do Brasil-colonia?

Durante muito tempo, não se quiz ver nesses colonizadores do Brasil senão a ralé de Portugal, os degredados, criminosos de toda a especie...

O sr. Contreiras Rodrigues, não participa dessa opinião pessimista e um tanto apressada, considerando-a mesmo unilateral e erronea. E assevera que para cá vieram pessoas bem nascidas, todas entroncadas nas mais illustres linhagens de Portugal e muitas "com seus haveres trouxeram suas familias e seus costumes seculares e seus principios de honra e intrepidez transmittidos pelas gerações".

As difficuldades da expansão portugueza no Brasil ficam evidentes no livro do sr. Contreiras Rodrigues.

O primeiro seculo foi de "esperas, delongas e precauções", periodo verdadeiramente de reconhecimento da nossa natureza, de apalpadelas no littoral, como caranguejos de praia, e de lento avanço pelo interior, como sapos de rio, época de adaptação do homem á terra, com o apparecimento do mazombo, do mamaluco, do mulato, do cafuso, seculo da escolha dos sitios proprios ao

povoamento, em que se abriu, "com grande trabalho, de que todos receberam grande segurança e proveito", a estrada de São Vicente a Piratininga.

Os cem annos seguintes "foram de conquistas de braços, ao mesmo tempo que se dilatava o conhecimento da natureza" — para, afinal, organizado o trabalho, começar-se regularmente a exploração economica da colonia.

Não vieram propriamente capitães da metropole para essa exploração. Pouco influiram os recursos que os primeiros exploradores nos trouxeram, como, entre outros, Vasco Fernandes Coutinho, Lucas Giraldes, Francisco Fernandes Coutinho e Duarte Coelho Pereira.

O padrão da vida dos tempos colonias sempre foi muito baixo, e, máo grado as nossas decantadas riquezas, vivemos muito modestamente, muito pobremente. A cultura da canna e o fabrico do assucar proporcionaram, desde os fins do primeiro seculo, a alguns habitantes do norte, principalmente de Pernambuco, uma certa abastança, mas, em outros centros colonias, como Santo Amaro e S. Vicente, o estado era quasi de penuria, como se póde ter a prova pelos inventarios do tempo.

Nos começos do seculo XVII, segundo da colonização, já havia algum progresso. A caça ao indio e a importação do negro offereciam novos elementos. E' a época em que se iniciam as bandeiras.

Mas o rythmo do enriquecimento não correspondeu, como accentua o sr. Contreiras Rodrigues, á actividade desenvolvida entre os primeiros annos de 1600 e aquelles que, pela sua ultima década, viram rebentar, como por encanto, o ouro de todos os lados do paiz.

"Houve uma parada no sentido da intensidade de enriquecer; no Sul, em consequencia do exodo das populações em "bandeiras" que ás vezes não mais voltavam; e no Norte, em consequencia da longa e extenuante guerra contra os batavos. Mas houve compensadoramente o progresso em extensão..." (pag. 78).

Ainda assim, os colonos do segundo seculo tinham conseguido melhora nas suas condições de vida, o que se verifica cotejando os inventarios dessa época com os anteriores.

O inventario de Garcia Rodrigues, em 1594 é, de bens que sommam 100\$000; o inventario de Pedro Vaz de Barros, em 1697, ascende a 3:391\$985, e já apparecem objectos de algum luxo, lençoes, toalhas e guardanapos de linho e de bretanha, coxins de damasco, 70 escravos negros e indios...

Isso acontecia no Sul; no Norte, melhor era ainda a situação, e, a despeito da reserva de Capistrano de Abreu (Contreiras Rodrigues — pag. 81) — "as casas dos ricos (ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem o que têm) andavam providas de todo o necessario" — o segundo seculo foi o tempo maximo da prosperidade dos habitantes de Pernambuco e Bahia.

Com o seculo XVI, toca de preferencia aos paulistas o melhor quinhão.

E' a época do ouro. A procura das riquezas mineraes sempre fôra uma verdadeira obsessão dos exploradores co-

LETRAS ESTRANGEIRAS

loniaes. O que acontecia nos dominios hespanhóis da America alimentava a co-biça dos occupantes do Brasil.

Depois de incessantes tentativas desde os primeiros tempos da descoberta, afinal, pelo anno de 1690, o sonho começou a transformar-se em fulgente realidade. E o Brasil pareceu, sobretudo durante a primeira e a segunda década do seculo XVIII, uma "immensa mina de ouro, rolando nas aguas o metal precioso e com elle dourando as areias, por não poder contel-o nas entranhas".

Nesse periodo ha a notar, entre outros, dois aspectos dos mais interessantes, dos que mais merecem attenção.

O primeiro é a feição de rude exploração imperialista de que a extracção do ouro se revestiu.

Todo o ouro se escoou para a metropole portugueza. Certo, as regiões que guardavam os thesouros até então desconhecidos, pela força das circumstancias, lograram algumas vantagens, beneficiando das sobras e migalhas do festim magnifico. Mas a evasão das riquezas para Portugal foi o que se verificou implacavelmente. Todo o immenso capital, que o ouro representava, emigrou, ao invéz de ficar no paiz, elevando o seu nivel de vida e accelerando a marcha do seu progresso.

Muitos foram, sem duvida, os senhores, os fazendeiros e os negociantes que, por esses tempos, arrotaram grandezas e viveram em grande luxo e dissipações. Mas a massa geral da população não desfrutou melhores dias, antes soffreu com a alta dos preços de todas as mercadorias.

Por outro lado, parallelamente a essa calamidade da carestia ou, como uma consequencia, houve a calamidade da fome.

Os faiscadores do ouro, os que recolhiam o metal que iria propiciar a abastança de alguns aproveitadores e permittir a realização de tantos projectos da metropole, morriam de fome, afogados em pó de ouro, já pela difficuldade de abastecimento das regiões remotas em que se operava a mineração, já pelo egoismo deshumano dos exploradores do trabalho alheio.

E' o que resalta do estudo imparcial e sereno do sr. Contreiras Rodrigues, nesse livro que é uma das contribuições mais dignas de apreço dentre as que ultimamente appareceram para a elucidação dos problemas da nossa historia colonial.

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA
(Transcripto do O Jornal de 14-4-35).

Othon Chateau — **Traços de Hygiene** — Livraria Gillet — Belém do Pará — 1935.

São pequenos ensaios muito bem lançados em que se versam momentosas questões de hygiene. O autor, conhecido medico paraense, já se fizera notado por outros trabalhos de não menor valia. **Traços de Hygiene** é livro que interessa não só aos especialistas do assumpto como tambem ao grande publico, pois que a sciencia ahi é posta ao alcance de todos, embora sempre tratada com muita proficiencia e perfeita correcção de linguagem.

— Daniel Halévy, que é o orientador e mais de uma casa editora de Paris, está publicando, com introdução e notas, os "Carnets" de seu pae, Ludovic Halévy. Este, ao que ninguem ignora, collaborou com Meilhac em muitas peças ironicas ou burlescas que reflectiam a vida futil do segundo imperio francez. Os dois parceiros da comedia deram-se até a deformações de obras classicas que todos os professores e humanistas respeitavam, tecendo humoradas a granel em torno á descida de Orpheu aos infernos e outros lances respeitaveis da mythologia ou da historia. Mas, envelhecendo, Ludovic Halévy como que se concentrou em si mesmo, tanto mais quanto uma especie de paralyia o forçava a manter-se a domicilio, longe das mundanidades de que tanto gostava. E a publicação destes "Carnets" posthumos evidencia que era elle tambem capaz de vida interior, de julgar os homens, de etiquetar as almas, de definir os acontecimentos de manifesta importancia collectiva.

Francis James, segundo elle proprio confessa, dá-se bem vivendo na "região dos patriarchas, dos poetas e dos contrabandistas". Trata-se de uma zona meio franceza, meio hespanhola, em que a policia se vê abarbadada para se oppor ás aventuras de sujeitos que nasceram com invencivel vocação para infringir as leis e as tarifas da aduana. Particular é o entusiasmo do poeta pelos caçadores locais, não obstante o seu amor aos passaros e aos bichinhos que esses successores de Nemrod destroçam com uma furia bem pouco christã.

— Pierruche au soleil, de Maurice Mardelle, tem sido bastante elogiado. Maurice Bedel vê nesse romance "uma obra resplandescente, que aquece o coração e fustiga o espirito como um vinho da Turania". "Toda uma poesia familiar, que cheira a pão fresco, se exala desse livro, com deliciosas invenções comicas, com uma especie de bufonice natural", escreve Robert Brasillach.

— Gengis-Khan, em quem tantos enxergam uma especie de Napoleão mongol, talvez superior ao corso, prosegue na sua penetração pacifica em paizes europeus. Não ha muitos annos, o inglez Harold Lamb consagrou-lhe um volume denso de novidades. Agora é Fernand Grenard quem procura vêr claro na physionomia e na alma desse gigantesco movimentador de homens, que, além das qualidades de guerreiro, tambem possuia as de legislador, diplomata e enxadrista.

— Em geral as vendas de livros são postumas. Quebrando a praxe, o romancista Jean Ajalbert, membro da Academia Goncourt e director de uma fabrica de tapetes artisticos em Beauvais, começa a vender ainda em vida os seus volumes preciosos. Na bibliotheca de Ajalbert o que predomina, segundo assignalou um reporter, é o elemento goncourtiano. O autor de **Sao-Van-Di**, que deu forma scenica a um romance de

Edmond de Goncourt, recebeu deste, com amistosias dedicatorias autographas, exemplares de luxo fresquinhos ainda da tinta dos prêlos. E são essas as peças mais sensacionais da venda que está agora interessando os parisienses. Acrescenta-se que Ajalbert, seguindo intelligentemente os processos de Louis Barthou, enriqueceu os seus livros com muitas cartas, bilhetes e photographias dos autores amigos, de Lucien Descaves, que irritou o tradicional patriotismo francez de caserna, a Paul Adam, que viu um dos seus romances condemnado pelos tribunaes de Paris.

— Na enquête sobre o que ha de melhor e de peor em Victor Hugo, Fernand Vandérem respondeu que não possui diplomas sufficientes para conferir grão a um tal discipulo... Vielé-Griffin gabase de o haver lido e relido na integra, declarando que esse poeta pôde fornecer o texto de quatro ou cinco volumes que serão, verbalmente, os mais bellos da litteratura franceza. Apesar de supra-realista, Philippe Soupault reconhece que Victor Hugo "está acima da sua reputação".

— Maurice Paléologue, foi embaixador da França na Russia, exactamente no instante em que se operou no ultimo paiz a total transmutação de valores politicos e sociaes que deu em resultado a queda de Nicoláo II e o advento de tantos homens totalmente ignorados na vespera. Paléologue, apesar das suas cautelosas ondulações de phrase, proprias de quem fez longo tempo diplomacia profissional, não deixa de patenar dons de psychologo perspicuo num dos seus ultimos volumes, em que confronta o ultimo imperador de todas as Russias com o ultimo imperador da Alemanha. As paginas dedicadas a Guilherme II importam em toques de luz que aclaram muito recanto penumbrento do soberano de mil uniformes e mil attitudes que, num dado momento, tanto concorreu para que mudasse o curso do rio da historia.

— O cinema continua a apoderar-se das obras-primas dos grandes escriptores. Ainda agora estão sendo passados pela tēla varios romances de Dickens e prepara-se uma nova versão do **Conde de Monte Christo**. Não ha muito uma segunda interpretação cinematographica dos **Miseraveis**, feita por actores francezes, impressionava os criticos do écran, e, em recente estudo sobre Lamartine, Fernand Gregh, que é um hugoano fanatico e dirige mesmo uma cadeira de estudos sobre Hugo na Sorbonne, não deixou de reconhecer que em Lamartine ha um valor scenico dos mais evidentes e que o seu **Jocelyn**, "nossa unica epopéa moderna", de que deriva a **Mireille** de Mistral, não perdeu o prestigio sobre os corações populares e prova disso é que, sendo levado á tēla, fez chorar salas inteiras nas cidades mais cultas da Europa.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Alberto Rangel — **Gastão de Orléans — O ultimo Conde D'Eu** — Cia. Editora Nacional. — S. Paulo.
 Sergio Milliet — **Roberto** — Romance — L. Nicollini & Cia. — São Paulo.
 Aluizio Napoleão — **Segredo** — Contos — C. Mendes Junior — Rio.
 Pandiá Calogeras — **Formação Historica do Brasil** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Gomes de Moura — **Gritos da Guanabara** — Poesias — Impressora Paulista — Rio.
 Wellington Brandão — **O Tratador de Passaros** — Os amigos do Livro — Bello Horizonte.
 Lucilo Varejão — **O Lobo e a Ovelha** — Casa Mozart — Recife.
 A Nova Gazeta Allemã — Editora Record — Rio.
 André Coeuroy — **Panorama da Musica Contemporanea** — Cultura Brasileira — São Paulo.
 Paul-Louis Hervieu — **Dickens** — Cultura Brasileira — São Paulo.
 Luc Durtain — **Yagouta Aux Cavaliers** — Romance — Flammarion — Paris.
 E. Barrington — **Cleopatra** — Trad. de Monteiro Lobato — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Gabriel D'Aubarède — **Igne** — Romance — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Thornton Wilder — **A ponte de São Luiz Rei** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Henri Piéron — **Psychologia do comportamento** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
 Dostoevsky — **O Eterno Marido** — Romance — Cultura Brasileira — São Paulo.
 Tourgueniev — **Paes e Filhos** — Romance — Cultura Brasileira — São Paulo.

Pandiá Calogeras — **Formação Historica do Brasil** — Cia. Editora Nacional — 1935.

Muito bem andou um grupo de intellectuaes, de que faz parte o sr. Antonio Contijo de Carvalho, organizando a Fundação Calogeras. Trata-se evidentemente de homenagear a memoria de alguém que, em quarenta annos de trabalho indefesso, soube servir o espirito brasileiro. Pandiá Calogeras, homem de estudo e homem de acção, ligou o nome a dezenas de trabalhos de mineralogista, sociologo e historiador, que terão por certo vida duradoura em nossas bibliothecas e em nossas casas de ensino. Quando se pensa na actividade politica e administrativa desse antigo parlamentar e ministro, fica-se surpreso com a longa lista das suas obras apposta á segunda edição da notavel synthese que é a **Formação Historica do Brasil**, lançada agora, na excellente collecção **Brasillana**, pela Companhia Editora Nacional.

Aluizio Napoleão — **Segredo** — Typ. C. Mendes Junior — Rio — 1935.

As illustrações, em branco e negro, de Santa Rosa, ajustam-se perfeitamente ao contexto destas felizes narrativas em que, sem se desprender das ternuras affectivas proprias da nossa raça, o sr. Aluizio Napoleão se mostra armado, para o estudo da vida, de uma irresistivel argucia de psychologo. O dialogo, por vezes disposto em fórma nitidamente theatral, é dos mais escorreitos, servindo para vehicular celeremente os pensamentos do autor. Recordações da infancia se casam a fragmentos do Rio de hoje e o real e o imaginario se fundem numa dosagem bem subtil, que deixa perceber a leveza de espirito e a leveza de mão de um prosador destinado a avançar em passadas seguras pelo caminho das lettras. O sr. Aluizio Napoleão, que já se revelara um dextro ensaista, escrevendo paginas finamente definidoras sobre confrades seus, affirma-se aqui um creador directo, que olha a sociedade e os costumes por si proprio, em lugar de vê-los refrangidos nas produções alheias.

— Poucos esperavam que Claude Farrère se sentasse assim tão facilmente num "fauteuil" da Academia Franceza. E' que o seu competidor era Paul Claudel, em quem muitos enxergam o maior dos poetas vivos, e, como o autor da **Tête d'Or** seja tambem diplomata de prestigio, quasi que não se duvidava da victoria deste no glorioso cenaculo, tanto mais quanto Claudel já se acha em idade bastante "academizavel". Mas o caso é que um segundo escrutinio fez com que ingressasse na casa de Richelieu o narrador de tantas aventuras transoceanicas, alumno e subordinado de Pierre Loti na marinha litteraria da França, o romanceador dos fumadores de opio e das devastações feitas em longinquas terras orientaes pelos suppostos civilizados da Europa. Farrère, quaesquer que sejam as suas inferioridades e concessões ao gosto frouxo do publico, é um narrador de exuberante verve gauleza, dos que não dão nunca aos leitores tempo para bocejar. E ficará melhor que o outro no ambiente algo burocratico dos "40", sem a genialidade inquietante e as meias obscuridades do poeta que parece fundir em seus versiculos christãos o phrenesi de Rimbaud e os lances dos "mysterios" medievaes de Rutebeuf.

— Jacques Bainville vem de succeder, na Academia Franceza, a Raymond Poincaré. Não ha exaggero em affirmar-se que a mentalidade de ambos se approxima grandemente nisto: a preocupação suprema dos factores politicos em todos os actos communs. Bainville, que é entusiasta da monarchia franceza e redige a chronica parlamentar no jornal de Charles Maurras e Léon Daudet, já compôz uma historia de França, onde presta vehemente tributo á obra constructora dos Bourbons e Orléans, mostrando que a nação crescida entre os Pyreneus e o Rheno deve tudo aos seus seculos de realeza. Fez elle tambem critica dramatica, reunida num curioso volume, e tentou igualmente a ficção. Mas não se deteve longamente nessas variações á sua actividade de historiador. Acima de tudo, pela cultura, pela reflexão, pelo devotamento ás syntheses raciaes, vale elle como um resuscitador de quantos, oppondo-se ás invasões inglezas e germanicas, mantiveram a França homogenea ao centro de tantos paizes adversos, conservando e mesmo ampliando a obra unificadora de Luiz XI.

— Foram vendidas, no Hôtel Drouot, ao correr do martello, as cartas de Léon Dierx. Talvez nem todos se recordem hoje de que esse senhor foi no seu tempo o principe dos poetas francezes. Provindo de regiões exoticas, mais ou menos como no caso de Leconte de Lisle, Dierx escreveu coisas impressivas sobre a resurreição de Lazaro. Frequentava um botequim discreto de seu bairro, sendo naturalmente um homem de penumbra, avesso a falar alto e a gesticular com exuberancia. Não pretendia nada de ninguem, contentando-se com a amizade de tres ou quatro espiritos selectos. Senão quando, Catulle Mendès e outros artistas de fama bem mais bulhenta resolveram guindalo-o, com a sua cabeleira romantica e as suas gorduras meio tristes a uma preeminencia em que haviam brilhado tambem os nomes de Mallarmé e Verlaine, antes desse fanfarronesco Paul Fort que andou aqui pelos nossos Brasis. Não faltaram maliciosos que assegurassem haver Catulle Mendès conduzido todo esse movimento glorificador apenas para divertir-se á custa do pobre Léon Dierx....

— Francis Goutton põe em foco **Le Souvenir de Pierre Loti en Turquie**. Ainda não foi esquecido que o grande romancista das **Desencantadas** era um turcophilo fanatico. Provocou bastantes commentarios um volume seu contra atrocidades que os bulgaros haveriam praticado em relação aos filhos de Constantinopla e adjacencias. A atmosphaera historica e architectonica predilecta de Loti era a do Bosphoro, com sua luz, suas aguas e suas reminiscencias inconfundiveis. Na habitação franceza de Rochefort, onde pretendia viver á moda de castellão antigo, o japonista litterario gostava de vestir-se á maneira de Stribul, escandalizando não raro os admiradores que iam visital-o e, esperando encontrar um senhor sisudo com a farda de official de marinha, encontravam um sujeito extravagante, vistosamente maquilhado e envergando uma especie de salote de mercador musulmano.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

ETHNOBOTANICA

A Ethnobotanica, como o nome indica, é o estudo da materia prima de origem vegetal, usada pelos indios e gente rustica, em artefactos e na construção de habitações rudimentares.

A esse proposito já tive occasião de apresentar, ao Congresso Internacional de La Plata, em collaboração com o Prof. Magalhães Corrêa, uma nota relativa ás habitações rusticas do Brasil.

Continuando a estudar o thema, com a collaboração do conhecido autor do Sertão Carioca, vimos reunindo os dados esparsos, pelo que posso dar hoje uma primeira noção geral sobre as construções de nossos indios, embora sem entrar ainda em detalhes botanicos minuciosos.

Construidas geralmente de palha, seja de folhas de palmeiras, seja de gramineas, segundo os casos, variam os typos de casas dos indios, desde a choupana muito baixa, dos indios do rio Juina, na Serra do Norte, no E. de Matto Grosso, estudados pelo Prof. Roquette Pinto, até a grande choupana, de véras artistica, indicada por Alexandre Rodrigues Ferreira, em aldeias de indios do rio Apoporys.

Mesmo na citada Serra do Norte, o prof. Roquette Pinto verificou construções mais adeantadas que as dos indios do Juina, choupanas altas, de forma quasi hemispherica, com um forte esteio central, identica á dos Pianocotós no rio Cuminá, E. do Pará, descripta por Gastão Cruls, em sua A Amazonia que eu vi, e antes por Avelino de Oliveira, em trabalho relativo ao citado rio, também chamado Erepecuri.

Outro é o estylo das choças indigenas, nas zonas alagaveis, vendo-se ali uniformemente o typo palafítico ou de casas lacustres, sobre esteios ou estacas, tanto na Amazonia, como em outras regiões do Brasil, assim nos antigos Campos dos Goytacazes, segundo as chronicas dos Sete Capitães, iniciadores do povoamento dos referidos cam-

pos, citadas por Alberto Lamego, em seu livro A Terra Goytacá.

Varia também a locação das casas, em relação ás aldeias, ou aos terrenos respectivos: em uns casos, assim no rio Cuminá, cada casa representa um lar, uma familia, e se encontra em terreno separado, á maneira de sitios isolados, embora não muito afastados uns dos outros.

Bem diversa é a locação, na aldeia dos indios Canellas, nas chapadas do Maranhão ou zona dos cocaes, onde as casas ficam em circulo, sendo por isso um exemplo de habitat agglomerado circular, descripto pelo Prof. Fróes de Abreu, em seu livro Na Terra das Palmeiras.

O babassú ali domina nas construções, por ser a zona delle, enquanto que em Matto Grosso, a palmeira usada pelos indios da Serra do Norte é o burity.

Os que fazem casas muito baixas, onde têm de entrar de cócoras ou de rasto, como os do rio Juina, não ligam ao terreno circumvizinho, em geral campestre; os que se estabelecem em sitios separados, como os Pianocotós, cuidam de seu terreiro e mantêm plantas diversas em cultura: abacaxi, algodão, mandioca, amendoim, etc., e chegam mesmo a esboco de pomar, com mamoeiros, cajueiros, urucu' e bananeiras, independentemente de culturas maiores que façam em clareiras que abrem mais longe nas mattas, para as suas lavouras.

A cultura que fazem junto de casa, já representa sensivel adiantamento, espirito de previdencia, preocupação da fartura domestica.

Não pensei, porém, que entre os nossos indios se pudesse verificar algum indicio, mesmo vago, de jardinagem, e muito menos o facto que vou indicar e dá motivo estas linhas.

Artigo recente, V. M. Petrusho, no The Museum Journal, de 1932, periodico da Univer-

ty Museum de Philadelphia, sobre "Primitive Peoples of Matto Grosso", relata diversos typos de habitações indígenas, entre as quaes cita o caso singular de choupanas dispostas em terreno gramado, com arbustos e arvoretas esparsas, onde os indios abrem caminhos curvilíneos, bastante graciosos; á frente de uma choupana, para a qual dá um desses caminhos, a gravura respectiva apresenta dois arbustos, ali evidentemente plantados, tal sua symetria com a entrada da choupana.

Um tal senso esthetico, revela na alma indígena possibilidades sobremodo auspiciosas ao trabalho educativo a desenvolver e de assistencia social, no sentido da integração definitiva dos indios na communhão nacional, o que já está sendo visado pela catechese religiosa e leiga.

Nos tempos actuaes, a exemplo dos Estados Unidos e do Mexico, entre outros paizes, a acção social em favor dos indios precisa ser mais ampla, como desejam os que se entregam á obra benemerita da Protecção aos nossos incolas.

A esse respeito, lembra aqui o recente exemplo do Mexico, creando um "Departamento de Acção Social, Cultural e de Protecção Indígena", encarregado de tudo quanto relativo á educação, problemas agrarios, trabalho, organização syndical, enfim tudo quanto possa contribuir para a incorporação effectiva da raça indígena á Civilização, por exemplo, a protecção de seus interesses sociaes.

E' o que informa o Journal de la Societé des Américanistes de Paris (1934, pags. 319), sob a direcção do eminente Prof. Paul Rivet que, em seus trabalhos mais recentes, fez vêr a necessidade de activar os estudos ethnographicos (e assim os ethnobotanicos que particularmente me interessam), pois dentro de cincoenta annos, affirma, não haverá no mundo um ponto a que não tenha chegado o influxo salutar da Civilização.

Urge, pois desenvolver no Brasil os estudos ethnobotanicos, a exemplo dos importantes trabalhos já realizados neste particular por Koch-Grünberg e de fôrma que no periodo de transição dos incolas para a nossa cultura, todos os factos da vida primitiva delles fiquem devidamente registrados e já então por indios educados e instruidos, como recommendou o Prof. Nordenskiöld, que a proposito affirmou categoricamente: "Só o proprio indio, educado e instruido, é capaz de interpretar a alma indígena".

Não se trata de uma simples affirmacão theorica, mas ao contrario, eminentemente pratica e que lhe foi suggerida pelo exemplo dado por um indio da aldeia Cuna, do Panamá, e que levado por Nordenskiöld, ao Museu de Gothemburg, na Suecia, para classificar a colleccão de artefactos de sua tribu, no referido instituto, aqui com tal intelligencia e tão profundo senso ethnographico que, ao regressar á sua aldeia, recebeu o titulo de membro effectivo da Sociedade dos Americanistas de Paris, por proposta de Nordenskiöld e Rivet!

E regressou, premido pela nostalgia, pela saudade de sua gente, mais fortes que os reiterados pedidos dos technicos de Gothemburg, para que se

demorasse mais na Suecia; e ao regressar, recebeu um solemne almoço de despedida, dos mais eminentes ethnologos suecos.

Chegado ao Panamá, o sabio indio organizou logo, com outros indios igualmente educados e instruidos, uma Academia de Historia e Ethnographia de sua tribu.

Imagine-se o interesse scientifico e turistico que offerece hoje essa aldeia de indios do Panamá com a sua "Academia de Sciencias".

A proposito, ha longo artigo de Henry Wassen, no Journal des Américanistes de Paris, T. XXIV, 1932.

E' claro que os indios Cuna que hoje constituem sua Academia de Sciencias no Panamá, passaram primeiro por escolas primaria e secundaria, como faz ver Henry Wassen, chegando mesmo a falar correntemente o espanhol e o inglez; mas o chefe da tribu que mandou á Escola seus pupillos, é analphabeto!

Quer isso dizer que a alma indígena tem em si todas as qualidades, para passar rapidamente do estado primitivo á mais alta cultura, desde a primeira geração escolar, e isso é o facto mais importante a que precisamos attender, para que essa transição rapida, quando a Escola se instalar ao lado dos incolas na devida escala, seja acompanhada do registro minucioso de suas successivas etapas.

Ter-se-á de considerar então tambem a diversificação do ensino, uma vez que umas aldeias são mais adeantadas do que outras; nas que fazem sómente pequena lavoura domestica, estimular suas culturas, mantendo, porém, religiosamente os seus typos de plantas cultivadas; quanto aos que já esboçam jardinagem, cada aldeia poderá vir a ser para o turismo no Brasil um grande attractivo, desde que seja estimulado o senso esthetico dos indios, no embelezamento de suas aldeias, com as plantas locais, sómente com as plantas locais, e nisso devo insistir, sómente com as suas plantas locais.

Quanto ás plantas uteis, já cultivadas pelos indios, posso dar pessoalmente meu testemunho, pois os abacaxis, os cajús, as bananas e os mamões que vi na aldeia dos Pianocotós, no rio Cuminá, são verdadeiramente standards.

Em qualquer exposição de fruticultura, fariam jús, sem nenhum favor, aos mais altos premios, no minimo medalhas de ouro, se não "Hors Concours".

Questão da terra fertil, dirão talvez; não ha, porém, terra fertil que melhore de tal fôrma ruins sementes; é que os indios tambem sabem seleccionar sementes e mudas, como ponderou o botanico F. C. Hoehne, em um de seus trabalhos.

A proposito das fructas dos Pianocotós e do respectivo beijú, que o diga, por exemplo, Gastão Cruls, que os viu tambem e os degustou, pois fomos companheiros na Expedição Rondon á Serra Tumuc-Humac, em 1928.

Lembras-te, Gastão?

A. J. DE SAMPAIO.

VARIAÇÕES SOBRE A LIBERDADE

A liberdade é de todos os excitantes talvez o mais perigoso. E' certamente o de que mais têm usado e abusado os homens. Não admira que acabasse por toldar-lhes a razão e o entendimento. Liberdade de pensamento, liberdade de cultos, liberdade de imprensa, liberdade de associação, liberdade de greve, liberdade... Neste crescendo se chegaria á liberdade de todas as liberdades e por uma deducção logica á negação de todas as liberdades, isto é a revolução e o chaos.

De um modo geral se poderia affirmar que são as liberdades que geram o despotismo e a tyrannia. E consequentemente que o unico meio capaz de assegurar o regimen liberal está na supressão pura e simples da liberdade. Não ha nisto paradoxo si não apparente. Na pratica o que se observa com effeito é que no Estado moderno organizado um partido politico só conquista o poder graças ás liberdades outorgadas ou consentidas. Ainda que a primeira cousa que faz — e aqui a prudencia manda baixar de tom — é confiscal-as em proveito proprio.

A tendencia que parece prevalecer modernamente convergiria para uma formula transaccional intermediaria — *in medio virtus* — que consiste em precisar e definir, dentro do triplice conceito de autoridade, propriedade e moralidade, um nucleo de liberdades essenciaes — por ex. liberdade de consciencia, liberdade de pesquisas scientificas, de criação artistica, de organização pacifica para a defesa economica, etc. — fóra das quaes o mecanismo do poder se exerce automaticamente com caracter repressivo. Em virtude deste principio axiomático que si ha liberdade para os que pretendem destruir o organismo social ha de haver necessariamente a mesma liberdade para os que o querem preservar e manter.

A difficuldade estaria em precisar essas liberdades essenciaes intangiveis.

SERVIR E CALAR

A unica razão de ser do officio das armas como funcção permanente no Estado moderno é a disciplina. Sem a disciplina a profissão militar seria em nossos tempos uma aberração e uma impostura.

Pascal comparou o soldado a um monge cartuxo, iguaes "na

obediencia e dependencia". Numa época como a nossa, que fez taboa rasa de todos os valores da proporção e da medida e quebrou como imprestaveis as velhas taboas da hierarchia, a disciplina transfigura, exalça, reabilita o soldado. Mais que o monge de Pascal, faz delle um asceta e um santo. O que confere ao soldado uma dignidade singular no Estado moderno não são de modo nenhum os dotes vulgares da bravura pessoal nem a destreza no manejo das armas ou a preeminencia na arte militar, mas a abnegação, a renuncia voluntaria e desinteressada, o alheamento das luctas estereis e das competições mesquinhas, a obediencia passiva até o sacrificio da personalidade. São em summa as virtudes excelsas da disciplina. E esta maior de todas, por ser de todas a mais difficil para a creatura humana, que lhe manda tragar em silencio a injustiça e, ainda nas circumstancias mais penosas, servir e calar.

Porque, como já observou excellentemente Vieira, "quem tem muita espada tem pouca lingua."

E' verdade que logo adiante adverte o ladino jesuita que "isto não é regra geral".

ALBERTO RAMOS

E. Roquette-Pinto — Rondonia — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Iniciativa meritoria foi a reedição deste admiravel livro tão anciosamente procurado pelos estudiosos das coisas do Brasil. A Rondonia, na primeira edição, só se tornara acessivel á gente rica, tamanha a quantia que por ella exigiam os nossos alfarrabistas. Pondo-a agora ao alcance de todos os leitores, numa edição tão sympathica quanto de preço modico, a principal casa editora do paiz dá ensejo ás nossas gerações intellectuaes mais recentes de sentir quão notavel foi o concurso de Roquette-Pinto nos dominios da ethnographia e da linguistica nacionaes. Não ha exaggero em assegurar-se que se trata de um volume em que os factos se amontóam, utilissimos sempre e sem que lhes falte o traço de synthese incisiva. Bem se comprehende que trabalho de tanto relevo haja sido premiado por um dos primeiros institutos culturaes do paiz, com medalha de ouro a que se acha ligado o nome glorioso de Pedro II. Galardão concedido na mesma época ao immortal Capistrano de Abreu, não era indigno delle o pesquisador incansavel que viu tanta coisa inédita dos nossos ambientes e costumes. "Possam os meus filhos, nestas paginas, encontrar motivos para amar ainda mais o Brasil e razões para bem servir-o", declara o autor nas linhas liminares do volume e estão visiveis nessa phrase commovida o seu culto imutavel por tudo quanto diga respeito á nossa terra e o seu desejo de que nunca esmoreça, por parte dos vindouros, esse entusiasmo de descobertas psychologicas destinadas a valorizar as lendas e as verdades humanas da pobre gente do interior, que poucos examinaram com tanta delicadeza e tanta sagacidade.

Fernando de Azevedo — Principlos de Sociologia — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Eis ahi um dos grandes nomes do humanismo brasileiro. Ha muitos annos vem o sr. Fernando de Azevedo enriquecendo as nossas bellas lettras com volumes que o tornam, sem imitação ou servilismo, um nobre discipulo de Gaston Boissier. Seus estudos sobre a cultura athletica e seus ensaios sobre a antiguidade latina asseguraram-lhe a admiração de quantos pensam ainda com um fremito de amor no tempo de Petronio e sentem que espalreceriam com deleite nos jardins de Sallustio. Procurou elle decifrar o segredo da Renascença e foi deixando sempre á margem da vida e dos livros finas notações impressionistas. Nesta época de tumulto, como que reverteu á tranquillidade classica, esmerilhando os textos romanos com um geito familiar, com uma analogia de emoções que fazem desse homem antigo e moderno um dos bons educadores do nosso gosto litterario e artistico. Tendo passado pelo ensino do Districto Federal, o sr. Fernando de Azevedo ligou o seu nome a innovações progressistas que não se oppunham a um feliz tradicionalismo cultural. E' o entusiasta dos sports, mas tambem das bibliothecas e, dentro de uma elevada politica pedagogica, sempre se esforçou para que os nossos jovens patricios unissem intelligencia e saude, horrorizando-se á idéa de uma humanidade composta de gigantes imbecis. Ainda agora, offerece-nos elle estes substanciosos Principlos de Sociologia, com uma bibliographia formidavel, e toda ella criteriosamente assmilada, passando em revista, sem inutil dispendio de phrases rhetoricas, tudo quanto os homens têm accumulado de precioso em torno ao estudo scientifico dos factos sociaes.

"SALGUEIRO"

Mais ou menos ha um anno atraz live ao mesmo tempo nas mãos dois originaes do Snr. Lucio Cardoso: *Maleita* e um volume de poesia, até hoje ainda inedito: *O Riso Inutil*. E confesso o meu engano: só vi o poeta, indo no intimo talvez, mais longe ainda: levantando duvidas sobre o possivel romancista. *Maleita* era uma simples narração, não me restava nenhuma duvida, como não me resta ainda hoje. Mas eu temia no momento outra coisa: que se tratasse realmente da narrativa de um poeta, e peor ainda, de um poeta momentaneamente desviado do seu grande caminho.

Sem duvida as altas qualidades da poesia de *O Riso Inutil*, justificam uma boa parte do engano. Mas já certas scenas de *Maleita*, relidas hoje, me parecem sufficientemente indicativas — o bastante pelo menos para não justificar tão grandes duvidas.

Seja como fôr, hoje que está deante de nós esse grande romance que é *Salgueiro* — romance de authentic romancista que é, sem sombra de discussão possivel — não cabe mais a menor hesitação. *Maleita* foi um ensaio, uma tentativa, mas num determinado caminho bem differente do que me pareceu a principio. E nesse caminho, com toda a força que é possivel exigir, com todas as qualidades do genero, temos hoje *Salgueiro*, e já a promessa de *A luz no Sub-Solo*. Os que, como eu, acaso tenham formulado duvidas sobre as possibilidades do Snr. Lucio Cardoso como romancista não têm, a meu ver, outra coisa a fazer se não confessar quanto se enganaram.

*
*
*

Excluido o romance do Snr. Amando Fontes — que cada dia cresce e domina de um modo mais seguro a nossa producção desses ultimos tempos — não vejo outro romance publicado que se approxime do livro do Snr. Lucio Cardoso. Pois mesmo *O Inutil de Cada Um*, do Snr. Mario Peixoto ou *Sob O Olhar Malicioso dos Tropicós*, do Snr. Barreto Filho, por mais que me agradem, não me parecem attingir emquanto "romances" o conjuncto de qualidades excepcionaes que *Salgueiro* reúne. Falta-lhes a meu ver esse volume, esse desenvolvimento de vida, plena, exhaustiva, descontrolada, que dá ao livro do Snr. Lucio Cardoso toda a sua importancia e faz esquecer os pequenos defeitos que é possivel descobrir nelle.

Estamos aqui deante de um authentic mundo de romancista, denso, profundo. Mais do que por qualquer outra razão *Salgueiro* me agrada por isso. Existe, estende-se, abriga qualquer coisa de vasto. Ha grandes distancias entre os extremos dentro dos quaes os heroes do romance se movem — um espaço delineado, um mundo quasi. E é nos limites desse territorio — territorio de criação do romancista — que os personagens surgem, intimamente ligados a uma natureza que como que os acompanha em todos os seus extremos, partici-

pando tambem ella do drama que se derenrola. Personagens vivos, "creados", estão inteiramente soltos deante de nós. Movem-se pesadamente, atravessam o romance uns em busca dos outros repellem-se, odeiam-se, fogem. O drama arma-se, desdobra-se. E como se todo esse espaço ainda fosse pouco, o romancista excava todo ao longo do livro uma grande abertura para o alto, uma mysteriosa comunicação com o plano divino.

Horizontes tão largos, tão grandes dimensões, um tão violento rompimento com a nossa praxe de restringir o material do romance a assumptos limitados, á simples narração de pequenos casos quasi sempre característicos de determinadas regiões do paiz, espantam verdadeiramente. Tanto mais quanto o Snr. Lucio Cardoso, como a desafiar as difficuldades e a critica dos tolos, localizou o seu drama no que poderia haver de mais apertado, de mais secco em todo o Brasil: o morro do Salgueiro, as ladeiras onde moram os seus negros. Procurando deliberadamente o "humano", o geral, em vez do "local", do simplesmente característico, como seria o recurso de que lançaria mão a maioria dos nossos romancistas, sobretudo nesse miseravel momento de exaggero do característico no romance que estamos vivendo aqui no Brasil, o Snr. Lucio Cardoso tentou uma das mais difficeis emprezas que é possivel imaginar.

E' porque me parece ter sahido plenamente victorioso — os defeitos que o seu livro tem não sendo de importancia — que me parece que *Salgueiro* deve ser apontado nesse momento como o marco mais avançado dessa reacção ao excesso de característico, de local, de social, em favor do humano, do psychologico, do ontologico, que, desde *Sob o Olhar Malicioso dos Tropicós* e *A Mulher Que Fugiu de Sodoma*, conta entre nós realizações já seguras e que se confirma ainda agora, do modo mais vivo e mais decisivo com *Um Romance*, do Snr. Mario Vieira de Mello, cujos originaes tenho deante dos olhos e sobre que pretendo me deter aliás em proximo artigo.

*
*
*

No que tem de mais essencial *Salgueiro* é um grande movimento, continuo e absorvente, que não só domina os personagens como os proprios acontecimentos do romance. A decompol-o, vejo de inicio dois movimentos mais nitidos, de cuja fusão o romance tira grande parte da sua força. Um segue e explica o progressivo esphacelamento da familia do heroe que nos é mostrada na successão de tres gerações: avô, pae e filho — um avô que se vem desfazendo ao longo da vida e que termina uma verdadeira poeira perdida, um pae que a escravidão á carne destróe irremediavelmente deante dos nossos proprios olhos, e finalmente o filho que é no romance o centro principal, a constante reacção, esforço por alcançar a liberdade, linha que parte para fóra e para o

HORIZONTAL

"Catholica!" — Sebastião Dias via quando resplandecia o clarão das fortalezas e quando o lusco-fusco das colheitas estereis cegava a immortalidade verde dos martyres. E concluiu que o sonho das quitandeiras era irresistível: em primeiro lugar nem todas as cegonhas eram entre as aves o que as zebras eram entre os mamíferos. Depois... para que uma comparação inútil? Imagem! Anseio dos anonymos parados para não soffrerem os solavancos polidos das agglomerações curiosas. Extendia-se o mappa espontaneo, as estratégias inesperadas, que faziam o desespero dos militares de longo curso e que mesmo não podiam soffrer a pécha de burocrata. Assumpto extraordinario! Para os jornaes. Para a commodidade retrospectiva dos padres, os quaes, entre parentheses, não deixavam de dizer a missa com um fervor sempre renovado. Deus zela pelos seus ministros (os padres rezavam modestamente ou immodestamente, mas rezavam. O habito não prejudicava a sua fé). Deus zela, etc., os ministros guardavam as suas ovelhas. Até houve um ministro que não desdenhava a ironia, e que não se esquecera da religião de seus paes, que

comparava a solicitude ecclesiastica com o cuidado que elle tinha com o gado de sua fazenda. A "boutade" fez successo. Ainda bem que as preoccupações de indole administrativa não excluíam uma certa ironia (nada desrespeitosa!) e a consideração pela religião do povo. Desastre!! "O mal de que padece a intellectualidade deste paiz é a mania (que ha de acabar!) da imitação das novidades estrangeiras. Os adolescentes esquecem os conselhos de seus santos conductores espirituaes... e o resultado é o que se vê... a confusão, a anarchia, a desconsideração, pelos varões que já são avós e que são oráculos, pois o seu colloquio com madame vida não foi infructifero, tendo em vista a sua percuencia e o seu conhecimento da literatura classica.

Qual será o resultado disso tudo? Lembremo-nos do sonho das quitandeiras. Os revolucionarios são uma creanças. Pervertem tudo. Todos os males são necessarios. E ha inquietudes perniciosas. Já se antevêem os que terão o estoicismo de buscar, de saber buscar, a salvação. Essa desordem é passageira. E depois da refutação scientifica, metaphysica, cosmica destas

verdades sedutoras como os idolos de barro das éras remotas (idolos que ainda não desappareceram) uma grande paz descerá sobre o Cosmos, victima até agora da vindicta de Satan. E os que resistirem, os réos confessos, cúmplices do anjo orgulhoso e decanado, soffrerão *as flammæ*, a fogueira redemptora do inferno immortalizado por *Dante*. Bem tentol!"

ENIO FONTES

— O commandante Chack é especialista em narrações sobre a vida do mar, de preferencia sobre os combates maritimos. Seu volume de estreia contava exactamente essas pelepas longe da terra. Mas não serão menos interessantes os volumes em que elle nos fala da vida modesta dos pescadores sem gloria, que trabalham longos annos em silencio, simultaneamente expostos ás traições do mar e dos outros homens, não esperando medalhas dos contemporaneos nem estatuas da posteridade. Tratando das pequenas populações das bordas da Mancha, o commandante Chack revela-se um grande conhecedor dos costumes praeiros, a par de um pintor impressionante de temporaes e naufragios.

— *L'idée socialiste* por Henri de Man e *Socialisme fasciste* por Drieu La Rochelle são dois livros recentemente publicados e que estão encontrando um justo favor do publico. A respeito dos mesmos, não ha muito, Ramon Fernandez escreveu uma magnifica chronica em *Marianne*, o conhecido hebdomadario parisiense.

alto, mysteriosamente desligada de todas as outras que inutilmente a procuram envolver e dominar.

O outro movimento não se estende como esse pelo solo e pelo sub-solo do *Salgueiro*, mas procura as alturas e a livre communicação com Deus. Varia entre polos oppostos irreductiveis: o homem que tem Deus no seu coração e o que tem apenas o pavor de Deus — entre o divino sob a fórmula de acceitação do soffrimento humano e o demoniaco sob a fórmula de desespero secreto. Entre elles o heroe procura sem comprehender, ouve sem ouvir, vê sem ver. E soffre até o momento em que o abandono de todos e de tudo, o isolamento em si mesmo e a desillusão, preparam-no para a revelação desse Deus que está sempre com o homem que soffre e que foge sem esperanza mais no mundo que o abandonou.

E' a fusão desses movimentos que leva os personagens de *Salgueiro* de um extremo ao outro do romance. Da treva inicial — treva densa contra que se esborôa toda uma familia de desgraçados, verdadeiros animaes que se destróem mutuamente — dessa treva que está tambem na alma

do heroe, a luz pouco a pouco vae se fazendo, libertando-se tragicamente de tudo que a procura esconder. E' um grande movimento de separação e de destruição, de carne arrancada, despedaçada pelos choques furiosos de desejos e de odios que constituem o principal da experiencia vivida pelo heroe em dias tenebrosos. E' um trabalho profundo de luta, de penetração da luz no que ha de mais escuro, de revolvimento da natureza do homem no que tem de mais profundo. Mas é tambem no final, quando á volta do heroe só ha ruinas e contra elle luta o desejo surdo do verdadeiro animal que lhe destruiu o pae e que agora o persegue na sua furia, é então que subitamente a luz triumpho e a tranquillidade vem a elle, ao seu coração despedaçado. Toda a miseria do mundo o espera e nenhuma creatura lhe virá em auxilio. Mas ha alguma coisa nelle que é mais forte que tudo. Que importa pois o que venha? E o heroe desce do Salgueiro como a luz que, irrompendo, nada mais pôde conter...

OCTAVIO DE FARIA.

O THEATRO DE SOMERSET MAUGHAM

Não sou daquelles que acreditam na tão apregoadada decadencia do theatro contemporaneo. Poder haver havido — coisa aliás bastante discutivel — um pequeno recuo do grosso publico das bilheteiras theatraes attrahido antes pelas maiores grandezas, liberdades, sumptuosidades e encantos da arte cinematographica. Mas isso não quer dizer que a vida do palco esteja fallecendo visto que esse genero artistico, como toda especie de litteratura, presuppõe a existencia de uma camada social fiel e cultivada, capaz de animar as produções com o seu dinheiro e o seu bom gosto.

Entre alguns de nós, brasileiros, arraigou-se esse preconceito da agonia da comedia e do drama modernos porque quando fallamos em theatro, pensamos logo no theatro francez. E este sim, eternamente entretido com as intrigas de alcova, raro com a attenuante de vir cercado de circumstancias interessantes, entedia já toda gente. O famoso espirito dos boulevards, que salga e anima os dialogos, enfastia o espectador pela monotonia dos ditos e ausencia de finalidades superiores. A blague inconsistente, o gracejo e o espirito vivendo de si mesmos e para si mesmos, pouco interessam como litteratura e como espectáculo. É um brilho passageiro de bolha de sabão, fastidioso e vazio. Não ha quem não se sinta enfastado com tamanha monotonia e tanta insignificancia e não prefira a tudo isso a vivaz naturalidade de um film de Hollywood.

Entretanto, dirigida a nossa attenção a outros sectores da litteratura universal, o theatro dos nossos dias se destaca como alguma coisa de vivo e impressionante, dominado por intenso surto de renovação nos methodos scenicos e em seu proprio espirito. Attingiu-se a extrema liberdade e perfeição de processos, alargando-se o ambito da acção pela multiplicação dos palcos e a quebra da rigidez dos actos em scenas continuas e a introdução de maiores ousadias na dialogação. A velha lei das tres unidades chegou assim ao grão maximo de esfarelamento, mercê da influencia poderosissima da technica cinematographica nos methodos da scena fallada. E o theatro, nessas formas mais amplas, alcançou grande riqueza e maior rapidez de representação e arrojou-se aos themes mais difficeis. E o resultado é que rarissimas vezes na historia litteraria — contradizendo a these da decadencia do theatro moderno — podemos contar tantas personalidades eninentes entre os dramaturgos e comediographos como na epoca actual. Basta assignalar a existencia simultanea de Bernard Shaw, Pirandello e Eugene O'Neill para desbaratar os que pretendem assistir o perecimento da scena hodierna. Ahi estão todos tres como pontos culminantes de uma phase litteraria, figuras altamente representativas, padrões legitimos de um theatro onde vive a ideia, e perdura a arte.

*
*
*

Dentre os vultos salientes do theatro contem-

poraneo não podemos deixar de resaltar a personalidade singular do escriptor inglez W. Somerset Maugham. Nasceu elle para a vida litteraria no começo deste seculo e, desde então, caminha, de ascensão em ascensão, atravez do conto, da novella, do romance e da alta comédia. Aqui, sómente nos interessa encarar a sua personalidade como escriptor de theatro. É, julgam muitos, a faceta mais rica de sua individualidade complexa e poderosa.

As primeiras comedias que sahiram de sua penna — *Lady Frederick*, *Mrs. Dot* e *Jack Straw* — peregrinaram cerca de um anno de empresario em empresario sem que nenhum delles quizesse montal-as. Os palcos londrinos, naquelles annos distantes do inicio do seculo, andavam inteiramente monopolizados por Sir Arthur Pinero, Henry Arthur Jones e R. C. Carton, quando não o estavam por traducções de peças francezas e allemãs. Somerset Maugham porém não recuou, insistindo tanto que acabou por encontrar um empresario que, de repente, o atirou em plena fama. Dahi por diante a sua veia dramatica jámais cessou de pulsar e as produções de sua lavra se succederam com exemplar regularidade.

O genero escolhido pelo autor de *The painted veil* nessas primeiras peças foi a comedia ligeira, tal como Noel Coward nas suas obras de estreia. Não pretende senão agradar e obriga a pensar com um sorriso nos labios. É alguma coisa que eleva o espirito sem grandes tensões intellectuaes e exaggeros de emoção. E nesse genero, Somerset Maugham, brilhante, vivo, jogando o paradoxo de maneira fascinante, attinge grandes profundidades sem atravessar regiões de sombra e desespero. Elle passeia; flôr das coisas exteriores e das almas, contentando-se em illuminar a raiz de uma attitude ou um sentimento aparentemente complexo com o picante de uma observação ironica. Nunca insiste. Os dialogos estão assim salpicados de malicias encantadoras e a verdade de suas observações mais profundas e interessantes apparece sempre enroupada em linguagem scintillante. A sua penetração psychologica assombra o espirito mais prevenido e a leitura de suas comedias é fertil em delicias e proveitos.

Nessas primeiras peças, e tambem em *Penelope* e *The constant wife*, assistimos viver o mundo dos snobs da aristocracia e da alta burguezia. Mundo de escravos de preconceitos, de habitos de vida elegante, de formalidades de classes sociaes, contorcendo-se nas tenazes de um mal estar insuportavel, desejoso de uma vida mais repleta de sinceridade e affeições sadias. Os personagens procuram despir a indumentaria falsa, os sentimentos artificiaes, as ambições absurdas e iniciar uma nova existencia, alicerçada em solidas realidades, compenetrada dos sentimentos essenciaes do homem. Enraizados em costumes hereditarios, affeiçãoados aos habitos de conforto, pretendem despojar-se sómente das artificialidades

do snobismo e da ambição para attingir a felicidade perfeita, sem lutas e fraudes. É um embate da parte profunda com a camada superficial do sêr, onde o homem quer readquirir o predomínio sobre o boneco. É uma luta entrevista no amago dos caracteres mais ou menos complexos — soberbamente focalizados e poderosos de vida — atravez da superficialidade faiscante dos dialogos cheios e effervescencias de espirito satyrico e rico de observações psychologicas. E o que ha de intensamente caracteristico nesse embate é o esforço de todos para conseguirem a libertação dentro do quadro normal da vida ambiente, sem rompimentos com o passado no que diz respeito á existencia exterior.

Nas comedias que se seguiram — *Smith, The Land of Promise, The circle, The breadwinner* e outras — demonstrando melhor maturidade do escriptor, o dialogo assume maior condensação de vida e profundidade psychologica, perdendo muito de sua superficialidade brilhante. Algumas scenas e personagens se deslocam para meios sociaes mais primitivos, reflectindo talvez os verdadeiros motivos da inquietação que levou Somerset Maugham a correr mundo. Apresentamos como exemplo frizante dessa nova maneira, onde o talento dramatico do escriptor se desenvolve e alcança quasi a perfeição, as scenas jogadas entre *Norah Marsh, Taylor e Gertie* no 2.º acto de *The Hand of Promise*. As paixões explodem pelos intersticios das phrases e os temperamentos e moveis secretos se revelam como que a contragosto do autor.

É outro tambem o sentido do conflicto entre o individuo e a sociedade. Os personagens não se contem mais nos quadros normaes da vida exterior. Aqui, talvez descrente de qualquer salvação dentro dos moldes usuaes, profundamente enfiado dos nobismo social, o homem rompe as velhas amarras e procura a felicidade nas terras novas do Imperio Britanico. A insatisfação se torna mais funda e invencivel e sómente o prazer da criação, o esforço de levantar uma nova existencia social, trazendo o homem ao contacto dos seus instinctos fundamentaes, consegue a reconciliação d'elle com a vida. É o caso de *Thomas Freeman* na *Rhodesia*, dos *Marsh* no *Canadá*, de *Edward Luton* nas *Malayas* e de muitos outros.

A personalidade dramatica de Somerset Maugham, a partir dessas comedias, chegou á perfeição. "*Cesar's Wife*", "*East of Suez*", "*The sacred flamed*", "*Rain*" e outros dramas presentes ou futuros, são marcos inapagaveis de uma carreira gloriosa. As scenas são conduzidas com sobriedade, buscando effeitos intensos e provocando correntes de emoção. O dialogo, sem perder a naturalidade primitiva, adquiriu maior humanidade, concentração de sentimentos intimos e poder explosivo, tudo isso dentro de uma forma eminentemente litteraria — no mais elevado sentido da expressão. Os caracteres, escolhidos de preferencia entre as modalidades mais fortes, apresentados numa psychologia complexa, numa technica de

claro — escuro, espantam pela complicação de vida interior em alta tensão emotiva. Os ambientes se deslocam, recorrendo o autor aos meios exóticos, cuja poesia e originalidade de civilização dão um caracter decorativo a algumas scenas e permite o livre encontro do homem com os seus instinctos occultos graças á ausencia da censura exercida pela sociedade de outros de sua raça e educação. E, sobretudo, em cada um desses ultimos dramas, vive-se numa atmosphaera de tragedia imminente, quasi embriagadora, e assistimos as victimas caminhando indefesas para o golpe do destino.

Não se trata mais, nesses dramas, do conflicto do homem com a sociedade para poder attingir os instinctos fundamentaes. Agora é o homem em presença d'elle mesmo, procurando sua verdadeira personalidade ou forcejando manter a sua estrutura moral ameaçada pelas forças de dissolução que se levantaram do seu proprio eu. São os formidaveis combates da vida moral com a vida instinctiva. Os dramas da renuncia de um amor, o holocausto dos desejos mais intimos em face de circumstancias imperiosas. Renuncias que sangram, tragedias abafadas nas consciencias entre risos e disfarces. É o soffrimento de *Violet, Ronald Parry e Sir Arthur Little*. É o drama das vidas de *Daisy, George Conway, Mrs. Tabret, Stella Maurice e Colin Tabret*. É, antes de tudo, o embate formidavel que se occulta e morre no peito do missionario que converte e se apaixona pela corteza *Sadie Thompson*.

VIRGINIO SANTA ROSA.

— Jules Bertaut estampa *Le Faubourg Saint-Germain sous la Restauration*. É uma publicação em que fervilham os detalhes suggestivos sobre uma das épocas mais attraentes da vida social em França. Bertaut é memorialista amavel, ou antes, um reporter retrospectivo, e tiveram bastante divulgação os seus volumes a proposito da vida anecdotica e pittoresca de grandes escriptores, composto de parceria com *Alphonse Séché*.

— Ha poucos mais de oitenta annos morria *Lamennais*, uma das creaturas que melhor demonstraram quanto é singular a psyché dessa nevoenta e nostalgica Bretanha que deu tambem *Renan e Chateaubriand*. *Lamennais* foi bem o christão amargo que o Christianismo jámais conseguiu pacificar, foi uma especie de mystico atheu, de homem sem fé que se exasperasse com a facil crença dos simples e dos humildes que encontram Christo apenas com o coração, sem nenhuma necessidade de saber theologia e historia.

— Aparece em traducção hespanhola o livre de *Jean Cassou* sobre *El Greco*. O pintor de procedencia grega, que parecia soffrer de um bizarro defeito visual, continúa a seduzir os decifradores de incognitas psychologicas. Já *Maurice Barrès* consagrava ao retratista estranho, ao homem que alongava systematicamente as figuras dos seus quadros, uma analyse que é a revelação de um artista e de uma época, um livro cheio de reacções chimicas em que tudo apparece transparente, mão grado os seculos decorridos entre o pintor e o escriptor que o revive. Conhece-se uma formosa téla em que *Zuloaga* apresenta *Barrès* meditando entre as rochas e as ruinas de *Toledo*, exactamente o sitio em que mais mysterioso se tornou o mysterio do *Greco*. Pois aquillo que ainda persistisse de indeciso após o retrato em palavras de *Barrès*, aclara-se deante das pesquisas que *Jean Cassou*, hispanista dos mais fervorosos, conduziu nos museus e nas bibliothecas da Hespanha, capital e provincias.

«UMA FAMILIA CARIOCA»

Quando, em 1932, Enéas Ferraz me pedira para rever a tradução, feita por Manoel Gahisto, dos quatro primeiros capítulos do seu ultimo romance, que elle pretendia publicar primeiro em Paris, e para verter directamente para o francez os quatro capítulos restantes, foi cheio dessa alegria intellectual oriunda da amizade e da admiração que accedi ao seu pedido.

Em verdade, comquanto *Uma Familia Carioca* — agora editado no Brasil e que acabo de receber — me fosse dado a ler primitivamente em fragmentos, logo me apparecera ao espirito como uma grande obra da nossa litteratura e, por isto, me encheu dum sadio enthusiasmo. Após leitura mais repousada e completa dos originaes, confirmei e ampliei a minha primeira impressão desse livro, que tenho na conta de um dos melhores romances brasileiros.

Do contrario, aliás, não me atreveria a tarefa tão ingrata e rude, qual é a de adaptar ao genio subtilissimo da lingua franceza, sem trahir a fórmula e a idéa do autor, estylo tão pessoal e tão inçado de idiomatismos, como o de Ferraz.

Enéas Ferraz — vale lembrar — surgiu na litteratura com a *Historia de João Crispim*, livro publicado no Rio, em 1920. Oso-rio Duque Estrada o insultou, como habitualmente fazia; e como o fazem ainda hoje os seus lamentaveis discipulos, com os escriptores cujo talento se colloca mal ao lado do pronome *se*. . . Lima Barreto, porém, e João Ribeiro, bastariam, com os seus louvores, para encorajar o estreante si, mais do que a vaidade do elogio, o não animasse a consciencia do valor proprio, e esse superior desprezo pela mediocridade, que faz a força tranquilla dos vencedores: "*La paix est entre les forces*" (Alain).

Em principios de 1931, Enéas Ferraz, editado por Albin Michel, publicava, em Paris, o seu segundo livro *Adolescence Tropicale*,

na "Collection des Maitres de la Litterature Etrangère".

Successo raro e completo. Naturalmente, o contracto de vinte annos com tão importante casa editora, a natureza magistral dessa "Collection", e, emfim, o infinito desdém com que é tratada a mediocridade indigena naquella livro de sensibilidade explosiva, não deixaram de espicaçar a inveja de mais de um "patria-amada", — como, numa synthese pittoresca de ironias, chama Ferraz a muita gente que todos conhecemos. E varios dos seus proprios collegas da carreira consular não hesitaram em dizer delle que "escrevera um livro contra o Brasil". São, por certo, os que, pelo menos, nunca leram *Adolescencia Tropical*. (Vezo, de resto, muito nosso, esse que consiste em criticar-se logo o que só se conhece por "ouvir dizer").

Ora, aquelle livro não é, nem contra, nem pelo Brasil. E' simplesmente, a despeito de certas allusões pessoaes, "o depoimento de uma adolescencia"; assim intitulara o nosso grande e pranteado Ronald de Carvalho, com a sua perfeita visão critica, um estudo que escreveu sobre *Adolescencia Tropical*, no "Diario de Noticias" do Rio, e que foi reproduzido pela "Revue de l'Amerique Latine" de Paris.

A verdade é, como já escrevia no seculo passado o velho Anatole, que "*tout roman, á le bien prendre, est une autobiographie*". E, desenvolvendo este thema, o veneravel mestre do Bom Senso concluia: "*Ce que nous avons de mieux á faire, ce me semble, c'est de reconnaitre de bonne grace cette affreuse condition et d'avouer que nous parlons de nous-même chaque fois que nous n'avons pas la force de nous taire*". Enéas Ferraz é um homem que carece desta força; elle precisa falar, gritar, explodir, chorar. João Crispim era um grito de revolta. O Innocencio de *Adolescencia Tropical* uiva entre dentes, mas já com os olhos rasos de lagrimas.

O Cardoso de *Uma familia Carioca*, mais velho, mais experiente do que João Crispim e do que Innocencio, não grita, não range os dentes, não chora. Tambem não se resigna: quer conter-se, recalcar-se, e se contém e se recalca durante a vida toda. Mas acaba com um berro, um grande berro, um berro animal, que é tudo o que póde fazer um homem que soffre. Apesar dum *refoulement* de quasi sessenta annos, ou talvez por causa disto mesmo, Cardoso não attingiu a serenidade.

Enéas Ferraz tambem não.

Mas essa necessidade que sente o sêr humano de se extravasar, de se recontar, e que apparece infallivelmente em todos os periodos de transição da arte, se acha aqui contrabalançada por uma construcção mais solida do que a dos seus primeiros livros. *Uma Familia Carioca* é um romance completo, com intriga e tudo; em *Adolescencia Tropical* havia tudo, mas faltava a intriga. Havia principalmente emoção. Em grande quantidade, talvez em demasia. Eu tenho para mim que, si a emoção é um ponto de partida na obra de arte, ella não deve ser tudo, porém; deve ser um meio, e não um fim. Emoção sem disciplina é anarchia. Em arte como em politica ou em philosophia. A emoção póde transformar-se com o tempo; pode, até mesmo, vir a ser ridicula, segundo a moda, tão variavel, dos sentimentos. "O risivel — explica Bergson — apparece sempre que nos apresentam uma coisa, tida antes por digna de respeito, como mediocre e vil". Isto acontece hoje com tantas obras de arte do mais puro romantismo, ou do peor 1900, do mesmo modo por que acontecerá dentro de alguns annos com grande parte dos artistas "modernistas", que tanto respeitamos actualmente. A regra bergsoniana para a obtenção dum effeito comico, que consiste em transpôr-se a expressão natural duma idéa num tom differente, póde ser applicada, por exemplo, e com muito proposito, a certos poetas patricios que se julgam fartos de cultura, saturados de emoção, e que desviam

esta da sua finalidade poetica para o tom da *blague* facil. Esses se dizem *blasés*; penso que não passam de timidos. Por temerem o ridiculo caem nelle, muitas vezes, mais depressa do que outros.

Em *Uma Familia Carioca* a emoção se encontra disciplinada, contida, dosada em diferentes rythmos. A personagem central, Cardoso, atravessa o livro todo, anima-o, agita-o, exalta-o, e, entretanto, quasi não apparece em carne e osso. Até quasi o fim do livro, Cardoso não abre a bocca: Cardoso pensa... Quando fala, pensa ainda em voz alta, como no soliloquio com o gato. A alguns, Cardoso pôde parecer um bôbo. Mas, Ferraz assim o fez para melhor accentuar nelle a ironia com que a vida arma a tragedia dos seus actores. Como Hamlet, Cardoso é digno de piedade, e tambem de inveja: Cardoso é nobre, de uma nobreza rara, em desproporção com o meio em que o destino o collocou. Dentro da enorme mediocridade ambiente, Cardoso é um homem, é o homem, no sentido universal.

Eis, a seguir, num breve resumo, a physionomia psychologica de Cardoso:

Abandonado pela familia num internato do Rio Comprido, o 210, numa noite do anno da graça de 1876, é chamado ás pressas para a casa, onde encontra o pae morto, pôdre, com a cara coberta de pustulas. Fôra difficil resumir aqui toda a intensidade dramatica desse dantesco primeiro capitulo. Ali mesmo, sobre o cadaver do pae, Cardoso vomita numa golfada. Mais tarde, vem elle a viver, durante uns dez annos, uma vida mediocre, estúpida, mas tranquilla, como sempre desejára. Certo de que os primeiros embates duma mocidade dolorosa desapareceriam na chateza duma vida socegada Cardoso não aspira, então, a mais do que a sua cadeira de balanço, o seu cigarrinho de palha e a prosperidade da firma Ambrozio Teixeira & Cia., onde está empregado. Ora, é precisamente quando a fatalidade o vem jogar numa "pensão familiar para cavalheiros distinctos". Ahi o seu drama

principia com as visitas inesperadas duma joven viuva, no seu proprio quarto, á noite, quando os demais hospedes dormiam. Cardoso não vem a si da surpresa e apenas pôde repetir: Ora, essa é bôa! — E passa a cuidar mais attentamente dos bigodes, pelos quaes se prendera a viuva sensual. A sua estupefacção, porém, é maior ainda quando lhe empurram nos braços a outra filha da dona da pensão, com quem Cardoso acaba se casando, e repetindo sempre: — Ora, essa é bôa! Pois nunca soube ao certo porque nem como se deixou "pescar"...

A partir desta curva do caminho da sua vida, Cardoso vae passeando a sua barriga de commerciante prospero, a sua virgula de cabello na testa, e as suas attribuições familiares, accrescidas por um desejo cada vez mais forte de viver anonymo e tranquillo, por entre vinte e cinco personagens que, voluntariamente ou não, se encarregam de lhe envenenar a existencia. Quanto mais Cardoso quer se evadir, mais se sente enleiado. As scenas com o amigo Camillo são magistralmente descriptas: na casa de Camillo, diante da felicidade conjugal do amigo, na qual elle não quer, não pôde acreditar, a tortura de Cardoso é multiplicada. A rua vem a ser a sua unica evasão. E o gato, philosopho, sereno Dom João, é o seu refugio sentimental. Mas Camillo é realmente, incontestavelmente feliz: mais uma desillusão para Cardoso. E o gato morre de tédio: Cardoso fica cada vez mais só, no mundo da sua solidão, no inferno do seu *refoulement*.

No fim da vida, tendo constituido e installado confortavelmente a familia, Cardoso toma, enfim, a resolução suprema: fugir! E despede-se dos seus, como um hospede de pensão que se vae embora, como o hoppede que elle sempre fôra no seio da propria familia. Volta para o antigo bairro onde, durante dez annos, vivera tranquillo. Tarde demais, porém, para recommençar a ser feliz. Cansado. Exhausto. Enlouque

ce. E sahe para a rua, de camisola de dormir, berrando como uma cabra, como as cabras que elle imitava quando pequenino...

Fecha-se, assim, o livro com a mesma exclamação com que se inciara a historia de Cardoso: Bééé... A unica exclamação intelligente e possivel diante duma vida adversa.

Si o livro todo fosse só a descripção de Cardoso, da tortura de Cardoso, do *refoulement* de Cardoso, da psychanalyse de Cardoso, seria por certo uma obra moderna de grande emoção, mas não seria um romance perfeito. O autor, porém, entrelaçou a tragedia com paizagens dum colorido luminoso, com notas dum lyrismo delicado, sempre com um desenho vigoroso, impressionante, de typos e de ambientes. Ora são quadros duma ironia sorridente, como os faria Eça de Queiroz, ora são scenas dum naturalismo commedido, como as não faria Zola, ora são paginas de franco humorismo, á maneira dum Courteline dos Tropicos.

Todos esses nomes de escriptores, e mais os de Aluizio de Azevedo, para a escolha do ambiente e de Giraudoux (*La première disparition de Jérôme Bardini*), para o desfecho da intriga, vêm instinctivamente ao espirito de quem lê *Uma Familia Carioca*. André Maurois, quando leu *Adolescencia Tropical*, perguntou a Ferraz si elle tinha lido muito os autores russos; e citou-lhe Dostoiewski, Gorki, Turgueniev, Tchekov e outros, em que esse livro fazia pensar... Ora, só quem conhece Enéas Ferraz sabe que o seu unico mestre é a vida; o seu gabinete de estudo, a rua; os seus modelos, os fantasmas que assolaram a sua mocidade. De resto, si Maurois tivesse acertado, Ferraz estaria em bôa companhia... Mas, não está. A companhia em que elle anda é ainda melhor: é a da sua forte personalidade, isolada, e, comtudo, universal, neste momento cahotico de evolução que a nossa literatura atravessa, á procura dum sentido proprio.

MAURICIO V. WELLISCH

LIGANDO DOIS MUNDOS...

A bibliographia sobre Rupert Brooke accresceu-se, recentemente, de uma contribuição muito interessante. Trata-se do livro *Bridging Two Worlds*, no qual um certo Wallis Mansford, membro de uma instituição londrina de investigações psychicas, relata como estabeleceu contacto com aquelle poeta e James Elroy Flecker, ambos desaparecidos em 1915, através de alguns mediums britannicos.

A critica litteraria não costuma se occupar de taes obras. Essa, porém, é de molde a provocar irreprimivel curiosidade entre aquelles que, criticos ou não, já experimentaram a fascinação de Rupert Brooke.

Nada sabemos de positivo sobre o destino dos mortos. E, mesmo perante as manifestações mais impressivas da sobrevivencia humana, é comprehensivel que se possa hesitar, como Bernardo, deante do fantasma do rei, na esplanada de Elsinore:

Is not this something more than fantasy?

Tudo obra da imaginação? Não temos a pretensão de liquidar, em duas palavras, esse importantissimo problema. E passaremos a commentar o livro do sr. Mansford sem a idéa preconcebida de combater ou defender os seus principios de ordem seclaria.

O sr. Mansford fôra homem de negocios até 1919. A partir desse anno, entrou, parece, a desfructar, em confortavel ocio, como todo bom inglez, as rendas do seu cabedal. Conta, elle, que, no começo de 1920, um amigo incutiu-lhe a idéa de filiar-se a um grupo de pessoas que se dedicavam a experiencias de psychometria. Homem credulo, o sr. Mansford incorporou-se, sem vacillação, a esse grupo. E, pouco a pouco, foi ampliando as suas relações com os espiritalistas até alcançar o posto, que elle julga honrosissimo, de secretario honorario da "London Institution". Essa sociedade, cuja fundação data de cento e tantos annos, teve, outrora, uma phase de extraordinaria ani-

mação scientifica. Por sua tribuna, passaram, em carne e osso, Darwin, Faraday, Huxley, Tyndall e outras personalidades da sciencia, da arte e da litteratura ingleza. Ultimamente, a "London Institution" já não era um centro de grande irradiação. E extinguiu-se em 1932.

O sr. Mansford ainda estava preso ás suas preocupações commerciaes quando uma irmã o presenteou com o volume das poesias completas de Rupert Brooke que traz o substancioso memorial de Edward March. Um anno depois, já em contacto com os espiritalistas, suspeitou elle estar sendo acompanhado pelo espirito do poeta. E, sob os influxos dessa presença invisivel, emprehendeu uma excursão pelos sitios particularmente associados á vida terrena de Rupert e por elle celebrados em alguns dos seus poemas, Cambridge, King's College, Grantchester, Old Vicarage, Byron's Pool. Deante dessa fonte, em que o bello poeta de "Dust" nadára tantas vezes, o sr. Mansford, acommettido de subito delirio visual, suppoz vel-o impellindo, a fortes remadas, uma canôa, em direcção da margem em que se encontrava. A illusão desfez-se, porém, inteiramente, com a aproximação do verdadeiro canoeiro. Ainda perturbado com essa allucinação optica, o sr. Mansford perpetrou, ali mesmo, um poema em honra de Rupert. Era elle poeta? Não. E, como reconheça algum merito nesse poema, dá-se pressa em frisar que a sua inspiração viera do além. Embora assistido por um tão alto espirito, o sr. Mansford confessa, penalizado, que não possui, em si mesmo, antenas capazes de apprehender as mensagens dos espiritos descarnados. E para captar as communicações do grande poeta georgiano, teve que se valer de varios aparelhos adestrados nesse mistér. Antes de recorrer a taes intermediarios psychicos, para conversar o poeta, havia elle surprehendido na obra deste uma revelação inil-

ludivel de fé espiritalista, em tres linhas do poema "The Greater Lover", que já tive a oportunidade de traduzir e commentar:

"Oh! não resta duvida que, em algum
[logar, eu hei de despertar
e distribuir, ainda, uns restos de amor,
[e fazer
novos amigos, agora desconhecidos..."

Nessa passagem do grande poema de Rupert, o sr. Mansford encontrou um forte estimulo para estabelecer, por via psychica, o contacto do poeta com a sua querida Inglaterra.

Ha, comtudo, entre as suas poesias, outros poemas bastante expressivos da sua curiosidade pelas manifestações da sobrevivencia espiritual: "The Life Beyond"; um soneto suggerido pelo relato de uma sociedade ingleza de investigações psychicas e o formosissimo poema "Tiare Tahiti" em que se mostra elle tão deslumbrado com a crença primitiva dos tahitianos:

"Mamua, quando os nossos sorrisos se
[apagarem
e os corações e os corpos trigueiros ou
[brancos,
forem poeira em torno da porta dos
[amigos
ou um perfume que se expanda de noite;
então, oh, então, como asseguram os sa-
[bios,
principiará a nossa immortalidade."

No soneto "Clouds" ("Nuvens"), elaborado, como "Tiare Tahiti", nos mares do Pacifico, procura elle interpretar, a seu modo, o destino dos mortos:

"Dizem que os mortos não se extinguem,
[mas ficam
proximos aos ricos herdeiros de suas do-
[res e alegrias.
Eu penso que elles percorrem o calmo
[céu, baixinho, como essas nuvens,
num sabio, majestoso e melancolico cor-
[tejo,
a espiarem a lua, o sempre raivoso mar
e os homens, que vão e vêm, sobre a
[terra".

Haveria a citar varios outros exemplos da obsessão de Rupert pelo problema do além tumulo. Mas, a um iniciado dos mysterios da seita de Kardec, que é ainda

preciso para o julgar um sympathisante dessa seita?

No volume da correspondência de Edmund Gosse, editado em 1931, encontra-se uma carta dirigida a John Drinkwater em que o grande escriptor se confessa bastante impressionado com um sonho que tivera, na véspera, a respeito de Rupert Brooke. Essa carta traz a data de 24 de abril de 1915, dia seguinte áquelle em que o poeta expirou, longe da patria. "Estou hoje muito perturbado — escreveu Gosse — porque sonhei essa noite, novamente, com elle (refere-se ao poeta). Elle appareceu-me em sua maneira habitual, mas com uma expressão insupportavelmente triste; parecia dizer-me, em agonia, alguma coisa, mas sem emittir uma palavra, e eu despertei, não uma, senão duas vezes, procurando, num vexame inutil, ajudal-o a falar. Raramente sonho, e a viveza dessa visão deixou-me inteiramente conturbado".

Gosse era um espirito profundamente serio. Que dizer de um tal sonho?

Mas, voltemos ao sr. Mansford. Depois de suas peregrinações por Grantchester e outros logares, sempre acompanhado pelo espirito do poeta, colheu elle, em successivas sessões, varias provas de identidade, que o convenceram definitivamente da presença de Rupert. Acudiu-lhe, então, a idéa de organizar um festival de musica e declamação, em honra do poeta. Nesse festival, um medium vidente annunciou, com grande sensação para os assistentes, a presença do homenageado. Rupert vestia uma tunica branca e, em dado momento, ergueu-se, ligeiramente, no ar, sustendo numa das mãos uma corôa de louros. O successo desse festival incentivou a organização de outros. Num delles, Rupert fez serias recriminações contra o estadista britannico Winston Churchill, a proposito do plano estrategico da defesa de Antuerpia, na grande guerra. Foi nessa cidade que Rupert teve o baptismo de fogo, na hecatombe que viria a tragal-o, mezes depois.

Após a morte da mãe do poeta, em fins de 1930, o sr. Mansford organizou um outro festival, a que compareceu, reunida, em estado incorporeo, toda a extincta familia Brooke...

Posteriormente, em reunião privada, Rupert falava, atravez do medium Vont Peters, quando, de repente, dirigindo-se ao sr. Mansford, proferiu as seguintes palavras: "O senhor não fez a sua declaração do imposto de renda correctamente. O senhor vem pensando em mim frequentemente e eu desejo demonstrar-lhe como me interesso por seu bem estar, tanto em seus esforços poeticos, quanto em relação aos seus problemas praticos. Quero amparar as suas economias. O senhor precisa de dinheiro para viajar e não deve pagar mais imposto do que é necessario."

Com as libras que pagára de mais ao Fisco, o sr. Mansford fez uma excursão até a Grecia e, ahi, visitou o tumulo do poeta, na ilha de Skyros. Homem pratico, o sr. Mansford não disfarça o seu contentamento por essa comunicação providencial e adverte, reconhecido: "Não são apenas mensagens inuteis que vêm do outro mundo".

Em outra parte do livro, narra elle as communicações de James Elroy Flecker. Esse poeta, mais velho que Rupert tres annos, morreu, tres mezes antes d'elle, num sanatorio suiso. Flecker era um poeta de inspiração fidalga, ainda seduzido pela forma requintada dos esthetas do Rhymer's Club. Tinha a paixão do exotismo asiatico e, particularmente, dos navios errantes e legendarios. O seu famoso poema "The Old Ships" é uma obra prima da poesia ingleza contemporanea. Flecker é, comtudo, um poeta desconhecido entre nós, ao contrario de Rupert Brooks, que já conta muitos admiradores no Brasil. De resto, as communicações psychicas do poeta de "Brumana", que se fazia sempre acompanhar, nas sessões, em que o invocavam, de Rupert e, uma vez, de Byron, nada têm de sensacional. E o que ahi ficou dito sobre o livro do sr. Mansford, talvez seja sufficiente para dar uma idéa de seus esforços por estabelecer uma ligação entre os dois mundos separados pelo mysterio terrivel da morte.

EUGENIO GOMES

As Livrarias CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro n.º 162
e no Edificio Alhambra

**adquiriram e estão vendendo os
Ultimos Exemplares
dos seguintes livros de
MACHADO DE ASSIS**

"CRITICA",
"D. CASMURRO",
"ESAU E JACOB",
"RELIQUIAS DA CASA VELHA",
"HELENA",
"HISTORIAS DA MEIA NOITE",
"HISTORIAS SEM DATA",
"A MÃO E A LUVA",
"MEMORIAL DE AYRES",
"BRAZ CUBAS",
"OUTRAS RELIQUIAS",
"PAGINAS ESCOLHIDAS",
"PAPEIS AVULSOS",
"POESIAS COMPLETAS",
"QUINCAS BORBA",
"RESSURREIÇÃO",
"SEMANA",
"THEATRO",
"VARIAS HISTORIAS" E "YAYA GARCIA".

Volume brochado 6\$000

Volume encadernado 9\$000

LETTRAS BRASILEIRAS NO ESTRANGEIRO

Sempre crescente é o entusiasmo que as lettras brasileiras despertam no espirito intelligente de Manoel Gahisto. Esse operoso publicista, num dos ultimos numeros do *Mercure de France*, na sua secção *Lettres Brésiliennes* consagrou longo estudo critico a diversos livros brasileiros, entre elles *Poesia* de Ribeiro Couto, *Contos Pesados* de Monteiro Lobato, e varios livros infantis do autor de *Urupês*.

Ainda no numero de março de *Le Thyrs*, Revista de Arte e de Litteratura que se publica em Bruxellas, Manoel Gahisto dedica demorado ensaio á figura de Gastão Cruls, analysando seus livros de contos, seus romances, seus livros sobre a Amazonia, e sua actuação no *Boletim de Ariel*. Em relação ao *Boletim* e á casa *Ariel*.

VELHARIAS SOBRE UM ESCRIPTOR VELHO

Quando divulgados em Paris, entre 1890 e 1895, os trabalhos de adolescência de Gabriel d'Annunzio produziram intenso ruído. Acharam os críticos, especialmente Charles Maurras e René Doumic, que depois de Musset, nada se escrevera com uma tal embriaguez, um tal alvoroço de imagens plasticas. Surgiram em torno a esse embelezador da volúpia, a esse soberbo retratista da carne feminina, lendas a granel. Em consequência de um fácil raciocínio, o herói de *Il Piacere*, Andréa Sperelli, entomologista de corações, passou a tornar-se inseparável da figura de d'Annunzio, e este recebeu dezenas de epistolas de leitoras que se declaravam irmãs das suas fidalgas e plebéas esmalhadas pelo amor.

Já então, quem quer que lhe acompanhasse as páginas sentia que nas veias do poeta corria uma espécie de fogo líquido. Os pessimistas ou os inimigos da gente mediterrânea punham-se a falar, careteando, na bancarrota espiritual da Itália, na falência estética da raça que dera Dante e Boccaccio. Mas Vogüé e outros enxergaram, com a transplantação franceza das páginas de d'Annunzio, claros indícios do renascimento do gênio latino. Bem se via que esse autor adestrara a mão traduzindo Tibullo e Propércio, andara por entre as esculturas e pinturas do palácio Pitti e da galeria do Vaticano. Mystico ou sensual, norteava-o um feliz e nobre classicismo e, por isso, todas as anthologias o espreitavam. Do mais prosaico extractava elle sempre a alta poesia. Detinha as apparencias illusorias, as sombras fugitivas, em eternidade de arte. Esse fauno prisioneiro das roupas dos bons alfaiates deslumbrou os parisienses, adquiriu logo direitos de cidadania intellectual na velha Lutecia, onde pontificavam — respeitável triumvirato! — France, Bourget e Loti.

Procurando, para a sua época, um rythmo que correspondesse ao "dolce stil nuovo" dos discipulos de Petrarca, o homem vertiginoso, parasita dos antepassados, amphitryão dos contemporaneos, procedendo de tantos quinhentistas e dando o impulso a tantos novecentistas, o enamorado dos loureiros, dos sarcophagos e dos rouxinões das villas de Roma, Villa Doria, Villa Borghese, Villa Albani, comprehendeu e explicou bem cedo o profundo significado da civilização que foi mestra e seleccionadora do mundo, a todos ensinando o gesto elegante com que se traça uma túnica e o gesto autoritario com que se unem as creaturas num só feixe de vontades. Mas a obsessão da cidade heroica não o impede de ser também byzantino, decadente, descendo a um exaspero de analyse que é quasi diagnostico clinico e amargo como esses cachos de uvas em que se sente o sabor do enxofre destinado a combater a phylloxera. Vehemente e meditativo, d'Annunzio é do tempo de Horacio e é do nosso tempo, mesclando archaismos e neologismos, repetindo metros deslembados e dando-se a ousadas invenções e combinações rythmicas, vindo dos classicos que partilhavam dos pratos de Mecenas aos symbolistas que se regalavam nos bo-

tequins de Montmartre com um absintho grosso de cortar com a faca.

A ardência carnal adoça-se, num tal artista, na paixão dos marmores e das télas e, no fim, é difficil desprender, differenciar uma da outra. Pagão e catholico, d'Annunzio não prescindiu de explorar os deuses gregos, abusando por vezes dos dictionarios de mythologia, mas, simultaneamente, resuscitou a tragedia christã, senão o mysterio á moda da Idade Média, como nessa sublime pastoral da *Figlia di Jorio*, cuja leitura só terminarei definitivamente com a morte, por isso que a recomeço todos os annos. Outras vezes, possuirá um pouco de buddhista: assim no *Trionfo della Morte*, onde a caça do absoluto em amor termina pela destruição do objecto amado, verificando-se que o amor só se torna perfeito na morte, só na morte adquire a sua extrema pureza. Em tudo isso, atraído Buddha e Christo, a virtude é frequentemente golpeada, e os suicidios e os adulterios não são raros, chegando a haver incestos, fraticidos e um parricidio. Mas é tal a castidade, a innocencia plastica do verbo que os zangões da Moral (com maiuscula) nada poderão arguir de infamante contra quem não mercantiliza a libidinagem, não a utiliza industrialmente, mas aproveita o nú com a fina idealização allegorica dos seus ancestraes Botticelli e Correggio.

A italianidade fremente do poeta vaccinou-o contra a pornographia de balcão de certos povos primarios que ignoram o humanismo, que não têm, para salvá-lo, um grande poema ou uma grande cathedral na raça, que não possuem, em summa, civilização agglomerada pelos seculos. Ninguém surprehende um rictus grosseiro nesse peninsular que parece sorrir sob a meia mascara de velludo dos venezianos que iam dansar ou beber no palacio dos doges. Desafogando-lhe as concepções de tonalidades aparentemente realistas, ha o branco e o fulgor da neve da Majella dos Abruzzos, a montanha sagrada de que descem os rebanhos para as bordas do Adriatico, e ha a frescura santificada do leite com que a sua velha ama de Chieti lhe irrigou de ternura o sangue de pequena fêra mal disciplinada. Se o crime quer embrutecel-o, a poesia dá-lhe um par de asas. Fra Diavolo fez-se Fra Angelico...

AGRIPPINO GRIECO

(Do livro a apparecer "Estrangeiros").

— Os nossos estudiosos de heraldica não deixarão de lêr a obra que Henri Jouglas de Morenas vem de escrever sobre o *Grand armorial de France*. O Sr. Gustavo Barroso infundiu em muitos patricios nossos o gosto desses assumptos, também versados, em obra volumosissima, pelo barão Smith de Vasconcellos. Neste livro recente encontra-se um catalogo geral dos braços das familias nobres da França, seja das que participam de uma velha aristocracia, ufanando-se de parentes notabilizados nas Cruzadas ou nas guerras com allemães e inglezes, seja daquellas que o Imperio e a Restauração arrancaram da burguezia para uns baronatos e uns condados bem discutíveis. São riquissimas as notas genealogicas e a linguagem, rigorosamente adequada ao thema, é de quem perfeitamente o domina em todas as suas variedades e segredos.

DESTINO DA POESIA

Com este titulo acima, o meu confrade Jorge de Lima escreveu um bello artigo, que saiu estampado no "Columna do Centro" do "O Jornal". Neste bem feito artigo, discordava o meu distincto amigo da opinião do sr. José Americo de Almeida, que afirmava estar a poesia em crise por falta de leitura. De accordo, tambem. Não deve ser essa a causa. Acha o confrade Jorge de Lima que a verdadeira explicação seria viverem os poetas afastados de sua finalidade divina sobre a terra: captar a poesia. Isto é: recolher a poesia em estado nascente, por assim dizer; não consentir que a poesia se misture com a politica, com a philosophia, etc.

A verdadeira causa da decadencia poetica em nossos tempos seria ter o poeta se distanciando dos themas eternos: mulher, Deus, eternidade, amor, descendo até a poesia geraldiana.

Para mim, tudo isso não passa de simples effeito; as causas são bem outras. Pensou-se, a principio, que a decadencia da poesia provinha do metro. E o metro foi destruido para que a poesia livre pudesse alar-se á altura que lhe era devida. Tal, porém, não aconteceu. A poesia livre, moderna, actual, continuou tão decadente como a poesia academica. Tão decadente como o nosso gato domestico está para o tigre selvagem. Uma poesia de estufa, artificial, rachitica, desdentada, como os leões de cinema.

Mas tudo isso acontece sem que muitas vezes o poeta se afaste dos themas eternos. Não é que elles não tentem captar a boa poesia. E' que os seusapparelhos de captação já não podem desempenhar a contento o seu papel.

Estão cansados, gastos. Dia a dia diminuem os campos da fantasia e da imaginação do homem. A sciencia com o seu progresso crescente e sua crescente divulgação; os meios de pesquisa scientifica cada vez mais aperfeiçoados, ampliam cada

vez mais o raciocinio e os conhecimentos humanos, desvendando aos olhos attonitos do homem os mysterios surprehendedentes da vida, suffocando consequentemente os seus impulsos fantasistas e imaginativos. A sciencia vae destruindo, como um veneno subtil, lentamente, progressivamente, o potencial de sonho que existe na humanidade. Até bem pouco tempo poderíamos sonhar coisas absurdas; poderíamos sonhar, por exemplo, que os navios voavam como as gaivotas, navegavam submersos como os peixes. Mas a sciencia veio e com a sua vara magica ordenou que os navios voassem de verdade, descessem ás profundidades como os peixes. Eis ahí o mundo do poeta actual; mundo desvendado, sem mysterios. Um mundo demasiadamente explicado.

Não acontecia assim antigamente. Os povos antigos eram dotados de uma grande imaginação; o seu mundo de fantasia era illimitado. E a imaginação "inventava" uma explicação para tudo que era desconhecido. Por esse modo explicaram todos os phenomenos physicos; desse geito crearam os deuses e todos os mythos que existem espalhados pela face da terra.

Entre os povos primitivos não

eram raras as allucinações. Elles viviam num mundo fastastico povoado de trasgos e de duendes. Possuiam uma imaginação intermediaria entre a condição de um cidadão moderno sãmente prosaico e de um fanatico exaltado, de um homem presa de um acesso de febre ardente (1).

Ainda hoje entre os povos selvagens são communs esses estados quasi permanentes de allucinação. Assim se exprime o meu talentoso collega e amigo Arthur Ramos, nas bellas paginas do seu livro *Psychiatria e Psychanalyse*: "Os zulús vivem constantemente assombrados com aparições de serpentes de olhos terriveis, leopardos ameaçadores, da mesma forma que os habitantes da Groelandia costumam assistir a procissões allucinatorias de figuras humanas e animaes. Os esquimós, ou pelles vermelhas, têm allucinações semelhantes."

E as creanças que tão perto estão dos primitivos, dos poetas e dos loucos (2), nos ensinam tambem a existencia de uma realidade quasi que allucinatoria. As bonecas, os soldadinhos de chumbo, muitas vezes simples "sabugos de milho", "pedaços de

(1) — E. Tylor. *La civilisation primitive*, vol. I, pag. 350, seg. Arthur Ramos, *Archivo de Medicina legal e Identificação*, Rio, 1934, pag. 74.

(2) — Todos nós sabemos que entre sonhos, arte, psychose, pensamento primitivo, a differença é só apparente. Veja-se a este respeito: Alfred Sorch, *Das archaisch-primitive Erleben und Denken der Schizophrenen*; Andrew Lang, *Mythes, Cultes et Religions*; Tanzi, *Il folklore nella patologia mentale*; Antheaume-Dromard, *Poésie et Folie*; Ch. Baudouin *Psychanalyse de L'Art*; Ch. Blondel, *La mentalidad primitiva*; E. Laurent, *La poésie decadense devant la science psychiatrique*; K. Abraham, *Über der modern Kunstrichtungen*, etc. etc.

BREVEMENTE:

ESTRANGEIROS

O Novo Livro

..... de

AGRIPPINO GRIECO

em

Edição ARIEL

UM GRANDE HOMEM DE DOIS SECULOS

Adam Lewak. *Le Général La Fayette et la cause polonaise. Lettres, Discours, Documents. Varsovie, Gebethner & Wolff. 1934.*

Quando comparamos a vida politica do passado, que é de hontem ainda, grandiosa e nobre, plasmando homens e idéas — com a mesquinhez do nosso tempo, do nosso espirito se apodera um sentimento de profunda tristeza. Perplexos ficamos quando nos vem á mente o conhecido mote pelo qual um dos reaccionarios francezes ousou qualificar o seculo XIX. Agora, sim, razões cabem de sobejo para applicar, com propriedade, o pejorativo de “estupido” ao seculo actual.

Do termo em moda é mistér fazer uso. Digamos, pois, que a “insatisfacção” dominante attesta bem de perto o sentido desorien-

páo”, “pedras brancas do rio”, como no caso do “*Menino Impossivel*” (3), possuem uma alma e sentem e soffrem como os seres de verdade.

E a producção poetica nada mais é do que fundos mergulhos nesse mundo maravilhoso da criança e do selvagem; mundo que, dia a dia, se restringe sob o peso da cultura, que ameaça aniquilar toda e qualquer actividade poetica.

Já não ha mais logar para devaneios e fantasias. A sciencia tudo explica. Os mythos scientificos vão substituindo, a pouco e pouco, os mythos creados pela poesia. Os deuses agonizam juntamente com os poetas e prophetas, os seus creadores. Os ultimos verdadeiros poetas desaparecem tristemente neste occaso de civilização, sem ter quem lhes ouça o canto eterno.

A crise não é somente de poesia, mas tambem dos poetas, que não sabem mais captar a verdadeira poesia.

ROCHA FILHO

(3) — Jorge de Lima, *O Mundo do Menino Impossivel*, Macieio.

tado dos nossos agros dias, sem homens e sem fé!

As bandeiras que empunham são rotas e gastas bandeiras!

Graças, que ainda nos chegam aos sentidos os vultos e actos dos varões do passado. Entre os melhores, La Fayette foi dos mais puros, dos mais idealistas, dos mais desinteressados e impessoaes!

Authentico exemplar de dois seculos. Do XVIII herdou a nobre ideologia politica e social, do XIX a fibra do entusiasmo pelas causas que constituíram a essencia deste grande e nobre seculo! Entre ellas, nenhum apostolado maior devia merecer, como mereceu, das justas consciencias, que áquella da libertação dos povos oprimidos que, dotados de individualidade propria, foram subjugados pela força imponderada dos tyrannos!

A homenagem da Polonia intellectual a La Fayette tardava; veio, porém, a tempo de não esmaecer a velha divida de gratidão. Temol-a aos nossos olhos no livro de Adam Lewak, *Le Général La Fayette et la cause polonaise*. São cartas, discursos e documentos que encerram a actividade de um grande homem em prol de uma grande causa.

Ao par de outros — Victor Hugo, Michelet, Montalembert, só para citarmos os maiores — La Fayette empregou-se com tanto ardor pela libertação da Polonia que com ella se confundiu, e entrelaçado ficou com as aspirações e anseios dos seus maiores, muitos dos quaes conheceu e admirou.

Viu a nobreza de Kosciuszko, companheiro de armas pela independencia americana, sentiu o ardor, quasi juvenil de Mauricio Mochnacki, privou com Chodzko, comprehendeu Lelewel!

Toda a Polonia épica da insurreição de 1830 lhe foi familiar e, em dado momento, n'um bello gesto de emancipação patriotica, num de seus discursos contra a politica de Louis Philippe, afirmou: “a bandeira da liberdade europeá, que com a revolução de

Julho delinhamos em nossas mãos, está agora nas mãos dos polonezes. Ella está em Varsovia!”

O livro de Adam Lewak não é só o attestado da gratidão historica da Polonia á França, por isso que recorda a empolgante figura de La Fayette; por elle sentimos saudades do seculo XIX, todo de grandezas, tão distantes da mesquinhez dos nossos dias...

UBALDO SOARES

— E” um truismo afirmar-se que nada é mais variavel que o gosto litterario. Ainda agora, Julien Benda, o autor da *Trahison des Clercs*, dá uma prova disso. Quasi todo o mundo acha, que *La Fin de Satan* é um dos peores trabalhos de Victor Hugo, com uma pretenciosa mistura de religião e philosophia que a ninguém illude. Dos productos da ultima phase do mestre é mesmo este um dos que encontram mais refractarios até entre os hugoanos de velha data. Pois Julien Benda, ouvido num inquerito jornalístico sobre qual seja a parte melhor da poesia do grande Victor, acha que é esse mesmissimo poema do fim de Satanaz.

— Albert de Mun pertencia á mesma familia que deu Madame Craven, autora do *Récits d'une Soeur*, que foi coroado pela Academia Franceza e correu todos os paizes, através da admiração de milhares de leitores piedosos. Vê-se que o grande orador do Parlamento da França não podia deixar de ter uma formação catholica bem accentuada, sendo tal a sua dignidade christã que, por occasião dos conflictos da Communa em 1871, não vacillou em tomar por vezes, máo grado os seus sentimentos aristocraticos, a defesa de pobres operarios primeiro explorados e depois chacinados pelos pretensos directores de homens.

— Os litteratos do norte da Europa commemoraram, em fevereiro deste anno, o centenario do poema *Kalevala*, producto de um finlandez que, estudando sem professores e tendo de abrir elle proprio o seu caminho, mal chegou a concluir os estudos medicos e se empenhou logo numa formidavel epopéa que exprimissem o seu povo e o ambiente natal. Lonrot, apesar de auto-didacta, não se conduziu de todo mal nessa série de legendas em que revivem os costumes e as ambições heroicas de uma das populações mais caracteristicas do Velho Mundo. Não falta á obra um real caracter de primitivismo e, embora os estrangeiros relutem em tritural-o e digeril-o na integra, os filhos da Finlândia não deixam de encontrar nesse livro aquillo que um sagaz escriptor de lingua franceza classificou de “*Illada nordica*”.

POEMAS DE ISMAEL NERY

(RECOLHIDOS POR MURILLO MENDES)

EU (1933)

*Para os ricos nascerei nas estrebarias,
Para os pobres nascerei nos palacios dourados.
Nascerei para os máos p'ra fazer-lhes o bem,
Nascerei para os bons p'ra fazer-lhes o mal.
Para mim eu ainda não acabei de nascer.
Tenho mães pequeninas ou que ainda não nasce-
ram.
Deverei ser parido aos pedaços por todas as mães
do universo,
De Eva a não sei quem.
Como o meu mestre e collega Jesus Christo, filho da
Virgem Maria,
Eu tambem tenho uma mãe official — a "Irmã Ve-
ronica".*

A UMA MULHER (1933)

*Só te quero para mim si te puder dar aos outros,
Porque os outros não são sinão eu ampliado.
Quero vêr-te beijada por todas as minhas boccas,
Quero vêr-te abraçada por todos os meus braços.
Quero vêr-te numa rotula e depois num altar
Distribuindo o castigo e o premio final
Que merece um poeta na escola da vida.
Quero ter-te no céu ou talvez no inferno.*

POEMA (1933)

*Nossa filha não sahiu a nós, nem é parecida
com ninguém que conhecemos. Ella é perfeita-
mente inedita de alma e de corpo. Repara como corre
por aquelle gramado com um ar de quem procura
qualquer coisa que já encontrou sem saber. Por-
que será que os homens só a desejam da cintura
para cima? Porque será que os velhos são accom-
mettidos de accessos de riso quando a vêem? Por-
que será que as creanças fazem manha quando ou-
vem a sua voz? Já reparaste que as roupas que ella
despe sujas estão sempre esverdeadas e sem chei-
ro algum? Eu sinto uma especie de pavor meta-
physico quando ella sorri para mim, e quasi des-
maio de gozo quando ella me chama: Papae! —
Não concebo um neto meu vindo della, pois acre-
dito ser o seu ventre macisso e de uma materia
parecida com a do meu cerebro. De resto, ella não
acceitaria homem algum, porque nem os percebe,
e, mesmo que os percebesse, seria com nojo e des-
preso. Em compensação, nosso filho já perdeu o
cheiro do nosso lar e traz para seu leito, de madru-
gada, no seu corpo, o cheiro de todas as mulheres
com que elle gastou o dia; e nós gostamos de chei-
rar seu travesseiro todas as manhãs. As amantes
delle parecem-se sempre contigo e dão sempre
presentes a nossa filha, que os aceita com a satis-
fação de quem recebe um presente do noivo. Nossa
filha se casará no dia em que apparecer um ho-
mem com tua cara e com meu corpo, no dia em
que seu irmão fôr assassinado por uma mulher de
typo opposto ao seu. Nós temos em verdade um
filho só neste casal.*

A VIRGEM IMPRUDENTE (1932)

*Que incrível loucura a tua, ó virgem impru-
dente, que fez com que extinguisses a lampada do
teu espirito antes de te teres encontrado em mim!
Que incrível loucura a tua, ó virgem mil vezes
imprudente, que te forçou a esgotar os homens na
minha facil procura! Não viste que eu estava em
tua frente?! Não sentiste os impulsos do teu sêr
que te empurrava para mim como uma forte e in-
visível mão?! Porque gastaste tua mocidade e amol-
leceste tuas carnes na vã experiencia dos outros
homens? Não tinhas a prova do teu erro no teu
desanimo e no teu crescente cansaço? Porque in-
sististe violentamente nos beijos que só augmen-
tavam tua insaciabilidade, e nos carinhos offen-
sivos e sem significação que recebias? Nasceste
para mim, e só por isto chegaste a mim. Não te
esperava mais, ó desgraçada virgem! Irias sentir
agora que só nos meus braços caberias sem folga —
que só em frente a mim sentirias o prazer do im-
pudor — que só meus beijos te saciariam e que
só os carinhos da minha mão te seriam agrada-
veis e te poderiam revelar o sentido real da tua
fórma, desperdiçada e gasta por todos os que te
tiveram. Sentirias agora a paz da verdade e a ale-
gria de quem se perpetua nos fructos do seu amor.
E' tarde, porém — chegaste a mim exhausta, di-
lacerada e quasi extincta. O meu contacto faria
sangrar de novo todas as feridas do teu corpo; e
teus olhos, acostumados ás trevas, cegariam com a
luz ou veriam então o terrivel nojo que eu sentiria
de encontrar em ti o vestigio dos outros. E' tarde
demais! Só uma idéa ainda nos poderá consolar:
foste usada mas não possuida. E's ainda virgem, ó
virgem imprudente e louca.*

A VIRGEM PRUDENTE (1932)

*Na noite das nossas nupcias eu não me apre-
sentarei a ti com este meu ar solemne de propheta.
Desmanharei as rugas da minha fronte e trans-
formarei a linha severa da minha bocca, que sorri-
rá. Nessa noite comprehenderás todo o teu grande
significado e terás com isto uma alegria immensa.
Possuir-te-ei como mulher alguma foi por ho-
mem algum possuida. O mundo todo será reduzido
ao nosso quarto nupcial. Seremos insensíveis ao
tempo. Dormirei depois ao teu lado o somno dos
justos, e tu acordarás de vez em quando para
me olhares. Sentirás uma estranha sensação em
me vêres de perto e abrirás os meus olhos com o
dedo, como se abre os de um morto, para te vêres
nelles. O cheiro da tua carne, no qual nunca repa-
raste, misturado com o da minha, te inebriará —
e na minha ausencia beijarás os teus braços e te
farás carinhos como si fosse eu. No dia seguinte,
a cada passo dolorido que dêres, sorrirás com a
lembrança de que foste minha, e te consolarás na
minha ausencia. Como sabes, deverei partir na
madrugada da noite das nossas nupcias.*

Uma Chamma e uma Sombra...

Antonio dos Santos Torres, consul-adjunto em Hamburgo, falleceu num leito de hospital, numa destas manhãs, depois de lenta e longa agonia.

O coração, o figado e os rins, órgãos methodicos, que estabelecem o equilibrio da actividade biologica, não suportaram as loucuras e desregramentos de um cerebro e estomago extravagantes e incontinentes, de quem tanto abusára do espirito em altas doses...

Mas quem foi esse obscuro e desconhecido funcionario consular, que morreu em consequencia da vingança de visceras tão burguezas? Ninguém o saberia, si eu aqui não fizesse, como faço, a eliminação da graça intermediaria "dos Santos", para só tratar do meu, do vosso, do nosso adoravel Antonio Torres. Tirando-lhe aquella incidencia nominal, que o entregava a uma posse exclusiva dos seres beatificos que souberam ganhar o reino do Céu, não obedeço senão ao egoismo logico do instincto humano de conservação, porque elle, egresso da batina, foi, na vida secular, para o goso profano de todos nós, uma delicia bem terrena e quasi, pelas flammias de seu espirito rebelde e irreverente, o Diabo em pessoa.

A vida tem os seus contrastes e o destino os seus caprichos. A sua existencia planetaria e o seu karma encerraram a força imprevisivel dos mais estranhos paradoxos: em vivendo aqui e com-nosco vestindo o lódo ephemero da Carne, foi uma chamma do Verbo; em morrendo, uma restea de luz perseguida pelo bafo do grande mysterio. E ficou sendo sombra apenas, méro disfarce de uma alma...

Bohemio integral e belluario da Palavra, tendo muito de Boccacio e muito mais de Verlaine, Antonio Torres dispunha, por talisman do próprio plural appellativo, de um dominio do horizonte... E foi, assim, uma extensa e intensa projecção do espirito brasileiro.

Conheceu, nas tres phases decisivas da vida, a malicia ironica das antitheses: rapazello, brincou com as parabolias do Evangelho e ouviu com asombro e enlevo os rhetóricos biblicos, no libello das tremendas prophcias e dos vaticinios fulminantes; a sua mocidade, na vertigem tropical e turbilhão carioca, foi orgia do paladar, combate da intelligencia, estouvado enthusiasmo de estroinices, excessos e invectivas; e passou a idade madura mas amarga na Europa, percorrendo bibliothecas, museus e tabernas, a ingerir mel e veneno, numa saturação de philosophias, de requintes estheticos e fortes *cock-tails*, para enganar a razão e os sentidos.

Pouco sei de sua vida no devaneio da infancia. Não teve alegria infantil, nem desenvoltura de meninice em Juiz de Fôra, onde nasceu a 1º de janeiro de mil oitocentos e oitenta e tantos, porque o Almanack do Exterior fez a pilheria official de tornal-o mais velho, affirmando que o fôra em 1881. Desconheceu a dynamica peralta de moleque en-

diabrado, que lhe preludiasse a vivacidade aristo-phanesca, fazendo satyras precoces com a cumplidade das nuvens, das rans, das aves e das vespas. Uma infancia tristonha, vigiada, contida no circulo de ferro da rija autoridade paterna. Filho e aprendiz de ourives, trabalhava na officina, obediente, submisso e receioso, enquanto o pae frio e tranquillo concertava relógios e lidava com as pedras e metaes preciosos, ignorando que forjára no filho e discipulo a sua joia de mais preço, cujo fulgor iria mais tarde irradiar-se, para ataviar a nossa memoria... E o garoto, sem brinquedos e gazetas, victima da rispidez e rigorismo de seu genitor, só adulto poudo fazer as suas *traquinadas*. Quando ficou engaiolado num seminario de Diamantina, sentiu allivio, apezar das missas e penitencias, dos jejuns e disciplinas dos Doutores da Egreja, dos sermões e narcoticos de Theologia. O Antonico escapuliu da jaula do direito canonico, depois de tonsura e corôa, indo exercer o seu myster sacerdotal numa parochia qualquer, até que despiu as vestes talaes, num rompante de alforria. Desceu as montanhas nataes e veio respirar os ares salinos da Guanabara.

O contacto do mar e da civilização, os cantos da cidade sereia e o fremito do espirito desenvolto abriram-lhe o caminho no mundo. Veio anonymo para o Rio orchestrado pelo genio oral de Ruy Barbosa, no auge da campanha civilista, noivado civico da nacionalidade. Mas trazia um vulcão escondido na cratera do craneo. E esse desconhecido, sem ser illustre, esse adolescente montanhez, que se confundia com a massa dos transeuntes apressados, viera com o seu lastro de eternidade — o latim de sua iniciação humanista. Forrado de cultura classica, cochichavam-lhe, no recesso do Eu, odes de Horacio e orações de Cicero, éclogas de Vergilio e trechos pantheistas de Lucrecio, canticos de Salomão e hyperboles clamantes de todos os prophetas, enquanto lhe badalava no coração uma lembrança liturgica de sino para o convite augural do extase e lhe vinha á flor da alma uma saudade tangida pela harpa de David... O mineiro bisonho, com resto de credulidade matuta e abundancia de boa-fé provinciana, não resistiu, comquanto ex-vigario, ao conto do mesmo, dando o ouro do cerebro por um pacote de jornaes: entrou para o inferno voluvel do jornalismo, para, em vez de gozar, mourejar nas gazetas, dia e noite, na sua penuria de reporter, — soldado raso de uma batalha indiscreta das palavras.

Romantico no fundo, com essa doce illusão, que faz da esperanza o elixir da longa vida do pensamento, atirou um punhado de rosas aos quatro ventos da publicidade: as estrophes calidas do poema *Carmen Tropicale*. Mas raras sensibilidades souberam sentir-lhes o lyrico perfume.

Esse primeiro quichotismo de menestrel passou despercebido do publico, circumscripto ao exito escasso de sua roda litteraria, sem lograr o

prestigio retumbante dos cabotinos. Não fez mós-sa á vasta bemaventurança digestiva dos ruminantes, bem installados nas sinecuras e mandatos euphemicos, doutrinando nas tribunas e nas cathedras, de pandulho farto e o vacuo no bestunto. Dahi a reviravolta do seu espirito. Desfez-se da lyra superflua para esgrimir a sua penna de ouro, manejando-a com audacia e dextresa de um espadachim do sarcasmo. O poeta contemplativo cedeu o logar ao vibrante pamphletario. Quasi inedito pelo éstro, tomou de assalto e por encanto, com a vara magica do escandalo, o galarim da celebridade. E fez entrada de leão nas columnas da *Gazeta de Noticias*, com a sua prosa lesta e esfu-siante, esvasiando os templos onde repimpavam idioma, uma sucia de homunculos e manipaños, litteratura mais bronca, e espanando com a rajada do ridiculo todo esse lixo e caruncho. Exhibia, com impetos e laivos de expressão, no bronze ductil do idiom, uma sucia de homunculos e manipaños, para escorchal-os com o seu ridendo poder de castigar os costumes de sua época. Devastou a empafia dos mediocres e o monopolio impune de sátrapas e sacripantes. Zurziu-os todos, esbanjando talento e folego de polemista, na violencia explosivel das apostrophes. Por influxo de sua pericia exegetica do *Velho Testamento*, derivava, no seu convivio com o seculo, a tempestade que rugia na bocca abyssal dos prophetas, — feras de Deus. E todo esse clamor de mil trombetas e trovões em ribombo ficou resoando em suas obras, formando uma torrente de baldões, vaias, apòdos e apupos, e um florilegio de chistes, facécias, verrinas, chalaças, piadas, chufas e remoques. Alluvio de bom humor, de furia pejorativa, e jogo malabar de fecundas delendas. E o Camillo Castello Preto, como lhe chamava, por blague, Paulo da Silveira, gigante jovial, deixou-nos o seu rastro de immortalidade, num sabor de linguagem castiça e effusão de gaz hilariante, prolongando o riso sardonico de Eça e Fialho, de Gregorio de Mattos e Emilio de Menezes: prolongou-o na pirralhice serodia das *Pasquinadas Cariocas* e no azedume jacobino de *As Razões da Inconfidencia*.

Depois dessa pugna libellista, o campeão, es-falfado talvez, ou no desencanto do successo que se lhe tornára tão rapido quanto ruidoso, acceitou o premio ardiloso de uma offerta de viagem para o Velho Mundo e para o outro... Expatriou-se voluntariamente, indo encaramujar-se num cargo da carreira consular.

Foi o seu eclipse, o seu banho de silencio: esqueceram-no. O seu nome, que era um espantalho, deixou de zumbir na algazarra do papel impresso, e a sua penna fascinante perdeu o condão do ser temivel.

Aqui, em Londres, entre góles de whisky e tragos de *fog*, Antonio Torres aprendeu o inglez com relativa facilidade, porque, por uma graça do santo de seu nome, tinha o dom das linguas. Aprofundou-se no genio de uma raça formidavel, sondando todas as seus portentos e subtilezas, desde Shakespeare a Kipling, e entendendo todas as pri-

meiras e segundas intenções de Swift a Bernard Shaw, no original.

Transferindo-se para Hamburgo, encontrou na Allemanha o clima de seu espirito, convivendo com a philosophia e o alto senso especulativo de uma raça que marcha ao compasso dos rythmos isóchronos dos grandes e serenos pensamentos. E o mestiço transplantado, entre aquelles frios teutões, no entono de uma pretensa pureza aryana, tornou-se, como Tobias, fascinado pela mentalidade germanica, embuido de todos os segredos do genio nordico. Por força do longo estagio e benigna influencia do factor climatico, operou-se-lhe um caso de exuviabilidade: mudou de pelle, sem trocar de fórma. E adquiriu nova personalidade, sem mudar de alma, num surto de transfiguração evolutiva. Retrahiu-se, para viver introspectivamente; concentrou-se, para poder entregar-se, na gruta espiritual da scisma, á volupia total do Universo. Foi para o bulicio de Berlim, por uma das contradanças habituaes do Itamaraty. Mas voltou para a doçura hanseatica de Hamburgo, afim de continuar o seu idyllio de solitario, mirando-se nas aguas placidas do Elba, em meio da loura delicia da cerveja e das suas *frauleins* irresistiveis — as idéas que lhe fulgiam no nimbo da metaphysica...

A doença ia-lhe minando a vida e, talvez, tambem, o estivesse matando a saudade da patria distante. Escrevendo para o seu amigo Mario Guaraná, seu compadre e tambem ex-padre, communicou a esse poeta de altos e claros accordes do sentimento, o prenuncio de sua morte proxima:

"... Da minha preciosa saudinha acho melhor não falar em detalhe. Baste dizer-lhe que estou um pouco melhor mas incerto quanto á duração da minha permanencia neste atribulado planeta. Mas, de qualquer fórma, estou perfeitamente resignado a passar para regiões mais tranquillias e cujo clima seja temperado, condição *sine qua non*... Em caso contrario, prefiro ficar em Hamburgo *in aeternum et ultra*".

O seu depauperamento physico provinha de sua vida inexoravel de bohemio inveterado, inimigo figadal da temperança, virtude que abominava e só admittia como condição essencial para alguem figurar no *Flos Sanctorum*... Forjava, ainda assim, uma obra substancial — o Elogio do *Elogio da Loucura*, num estudo apologético do immenso Erasmo, o mestre hollandez, luminar dos humanistas da Renascença. E compunha esse trabalho notavel com a minucia das pesquisas, o esméro da forma e o emprego de uma paciencia benedictina. Temo, porém, que não chegasse ao fim, ficando interrompida essa proeza que iria revelar todos os multiplos dons de sua magia de escriptor. A morte estava ao seu encalço, espreitando-o, para leval-o no deliquio de um sonho emoliente, num regaço de nuvens, para a viagem sponsalicia de outro mundo...

O mal foi-se-lhe aggravando e teve de desertar do Consulado, de afastar-se da companhia dos livros, do retiro de sua vida de solteiro, para o tratamento na clausura hospitalar, onde o seu isola-

mento foi absoluto e definitivo. Sem lar e sem a patria; automato nas garras dos graves e impassíveis esculapios; victima da implacavel thrombóse do figado; inchado, com o ventre enorme, os cabellos eriçados e a barba de quatro dedos, infundia terror e piedade: o desmoronar de Torres! Nesse estado lamentavel foi, providencialmente, encontral-o uma senhora brasileira, sua comadre. E elle, que estava já na abulia pre-agonica, esphacelado e irremediavelmente alheio ao mundo exterior, vivendo um resto de mecanismo organico, abriu os olhos do espirito e reconheceu-a por milagre da bondade feminina, que lhe segurava as mãos disformes, lhe beijava a fronte macerada e lhe dava o balsamo das palavras de carinho e consolo. E chorando de alegria, de uma alegria já tocada de Infinito, conseguiu articular a sua gratidão commovida:

— “Minha comadrinha, eu estou chorando, estou chorando de alegria de ver você aqui, perto de mim!”

Pediulhe que o levasse para o Brasil, onde queria morrer. E repetia, com voz debil de moribundo:

— “Minha comadrinha, que prazer!”

Depois, prostrado pelo esforço, mas com um sorriso, semi-cerrado na commissura dos labios exangues, entre-adormeceu e ficou na meia lucidez do somno povoado pelas asas do delirio, despedida da imaginação.

E Antonio Torres, celibatario, bohemio incorrigivel e sem a menor predisposição para aturar o alvoroço dos pirralhos, poz-se, delirando e de novo poeta, a ver um bando de creanças em torno de si:

— “Quantas creancinhas!”

E as chamava para perto de si, num aceno paternal e todo enlevo pelo bando seraphico, que estava fazendo a sua illusa delicia, por artimanha da mais bella mentira dos seus sentidos.

— “Como gosto de creanças... A casa está cheia de creanças... Como gosto de creanças...”

E foi assim a sua agonia. Os seus ultimos dias de vida sobre o orbe tiveram, por ante-videncia celestial, essa ronda angelica: sorriu-lhe, desse modo, a alegria que não teve na infancia!

E aquelle, que viveu como uma chamma do Verbo, foi, em morrendo, uma sombra de alma que debandou sorrindo para essa caricia ineffavel do Paraíso.

Recebeu a extrema-unção e a benção enviada pelo Papa, numa reconciliação com a Igreja, cujo sacerdocio refugára, sem nunca perder a fé catholica. Mas a sua maior e integral beatitude foi aquelle sonho com as creancinhas que lhe rodearam o leito, nos ultimos lampejos da vida. Quem vivêra num estado de violencia desbordante, brandindo as armas da intelligencia demolidora, teve, paradoxalmente, por um toque de bondade divina, a euthanásia de partir deste mundo brincando, em extase, com a melhor e a mais casta doçura da Terra... Morreu, assim, em estado de graça.

SAUL DE NAVARRO

Alberto Rangel — *Gastão de Orléans* — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1935.

E' uma obra de historia de Alberto Rangel, consagrada ao ultimo Conde d'Eu, e possui 434 paginas de materia compacta. Isto significa que se trata de volume estruturado e redigido com aquella honradez mental a que nos habituou o homem, que, estudando Pedro I e a Marquiza de Santos, foi como se abrisse em nosso paiz um cartorio de documentos sobre o assumpto, cartorio em que se aprovisionaram tantos e tantos outros escriptores não affeitos a esfalfantes pesquisas directas. Póde dizer-se que nenhum papel, nenhuma informação concernente ao genro de Pedro II escapou ás indagações esmiuçantes do escriptor pernambucano. Como que se acompanha a vida de Gastão de Orléans dia a dia, acontecimento a acontecimento. Desde a sua meninice na formosa região em que se levanta o castello de Neuilly á sua norte a bordo de um navio que o levava mais uma vez d'Brasil para a Europa, acompanhamos, sem nenhum falseamento de perspectiva sem omissão de nenhum factor essencial, a nobre actividade humana daquelle que não podendo occupar nunca ostensivamente o primeiro plano da administração de qualquer povo, foi, apesar disso, o trabalhador que amou o dever diuturno e ajuntou sempre algo ás virtudes tradicionaes da sua estirpe christã. Soldado na Hespanha, batendo-se com bravura na famosa campanha riffenha, e desenvolvendo proficuos estudos militares em Segovia, como que o futuro principe consorte já se preparava para as arduas tarefas da chamada campanha da Cordilheira, em que lhe coube a responsabilidade de completar a obra de Caxias na reacção aos exasperos bellicos de Solano Lopez. Mas, se se fez admirar no fastigio palaciano, o marido da princeza Isabel não se mostrou menos á altura da sua raça quando sobrevieram os annos amargos, a proscricção á hora da queda do throno, a volta á terra natal que para elle importava na realidade em exilio, o doloroso crepusculo numa inacção forçada, apenas interrompida pelos heroicos impulsos que o levaram a fazer-se voluntario do exercito da Terceira Republica franceza, quando a terra dos Orléans era pisada de novo pelos inimigos hereditarios vindos de além-Rheno. Uma obra notabilissima.

Ildefonso Albano — *Brazil Reader* — Livraria Francisco Alves — Rio.

Depois de se haver destacado na vida politica, chegando a presidente do Estado do Ceará, o sr. Ildefonso Albano se está distinguindo como admiravel professor de inglez de um dos nossos melhores estabelecimentos de ensino. Parlamentar e publicista, escreveu elle volumes duradouros sobre as seccas nordestinas e sobre o admiravel typo ethnico do cearense, um delles em revide á satira tão brilhante quanto injusta de Monteiro Lobato nos *Urupês*. Bem se via estar em jogo o brilhante rebento de uma familia de intellectuaes que deu o maior talvez dos nossos poetas mysticos, o adoravel José Albano, continuado, ainda que discretamente, por um seu irmão que traduziu de modo impecavel a sublime elegia de Gray sobre o cemiterio campestre. Pois, em se desprendendo das funções politicas, o sr. Ildefonso Albano não se deixou, de modo algum, acovardar por um doloroso ostracismo em que adversarios rancorosos pretendiam confinal-o. Esqueceu as pompas do poder e fez-se pedagogo, nobilitando um vocabulo que tantos outros compromettem e aviltam. Investigador perspicuo da lingua e da litteratura inglezas, ensina-as com um vigor e uma nitidez de programma que o converte em mestre ás direitas, dos que infundem nas creanças e adolescentes o gosto dos substanciosos textos estrangeiros. Engenhoso e inventivo, é um encanto seguil-o em seus methodos didacticos, sempre suggestivos e pittorescos, sem desrespeito a um nobre e fecundo tradicionalismo.

S. BERNARDO

ROMANCE DE
GRACILIANO RAMOS

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

WILL DURANT — Historia da Philosophia — Traducção de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel	broc.	15\$	end.	18\$
PAULO SETUBAL — O Romance da Prata	broc.	6\$	end.	8\$
PAULO SETUBAL — O Sonho das Esmeraldas	broc.	6\$	end.	8\$
ESTEVAM PINTO — Os Indigenas do Nordeste (brasiliãna)	broc.	10\$	end.	12\$
NUNO S. VASCONCELLOS — English Simplified Grammar	Cart.	4\$		
JOSE' AMERICO DE ALMEIDA — Os Coiteiros (2. ^a edição)	broc.	6\$		
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO				
Districto Federal — Programma de Sciencias, vol. I	Cart.	7\$		
" " Programma de Sciencias, vol. II	Cart.	6\$		
HENRY GEORGE — Progresso e Pobreza	broc.	10\$	end.	13\$
DR. ALBERT HERZ — Diagnostico Differential das Molestias Infecciosas, Traducção annotada pelo dr. Oscar Monteiro de Barros	End.	15\$		
DJACIR MENEZES — Diccionario Psycho-Pedagogico	broc.	8\$	end.	11\$

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiaes em Rio, Bahia, Recife e Lisboa

Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE MAIO

HUMBERTO DE CAMPOS — Critica 3. ^a série, 10.000 exemplares	10\$000
" " " 2. ^a " 2. ^a edição	10\$000
" " " 1. ^a " 3. ^a edição	10\$000
PEDRO CALMON — O Rei do Brasil (Vida de D. João VI)	10\$000
GONÇALVES DA FONSECA — Bolchevismo	10\$000
MENOTI DEL PICCHIA — Soluções Nacionais	8\$000
LUCIO CARDOSO — Salgueiro — romance	7\$000

PROXIMAS EDIÇÕES

SYLVIO ROMERO	Machado de Assis e Tobias Barreto 2. ^a edição
AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO	O Brasil e a ausencia das idéas.
MIGUEL REALE	O Capitalismo Internacional.
GRACILIANO RAMOS	Angustia — romance.
AGGRIPINO GRIECCO	Gente Nova do Brasil.
JOSE' LINS DO REGO	O Moleque Ricardo — romance.
JOSE' GERALDO VIEIRA	Territorio Humano — romance.
ISADORA DUNCAM	Minha Vida.
BERDIAEFF	Uma Nova Idade Media
VICENTE LICINIO CARDOSO	Philosophia da Arte — 2. ^a edição.
GRATIA	Encabulamento e Timidez.
OMAR KHAYYAN	Rubayat (Trad. de Octavio Tarquinio de Souza).
RODRIGO OCTAVIO	Minhas Memorias dos Outros (nova Série).
AMANDO FONTES	Rua do Siriry — romance.
VICTOR VIANNA	O Brasil entre as Nações.
GUSTAVO BARROSO	O Quarto Imperio.
CANDIDO MOTTA FILHO	Introducção á Politica Moderna.
JOSE' MARIA BELLO	Panorama do Brasil.

PROCUREM AS EDIÇÕES DA EDITORA GUANABARA

*Bibliotheca Scientifica e Bibliotheca
Brasileira de Medicina Legal,*
ambas sob a direcção do Professor

AFRANIO PEIXOTO

Obras de Freud, Stefan Zweig, etc.

LIVRARIA GUANABARA
OUVIDOR, 132

NOVIDADES

GUSTAVO BARROSO

A palavra e o Pensamento
Integralista — broch. . . 6\$000

GUSTAVO BARROSO

Brasil Colonia de Banquei-
ros — 4.^a edição . . . 6\$000

CORNELIO PIRES

Tarrafas — 2.^a edição . . 5\$000

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETTRAS

Anuario — 1935 . . . 4\$000

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de
porte

REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

ENIO FONTES E A ORTHODOXIA

A instituição da Razão como deusa determinou oficialmente o início das theologias modernas. A Intelligencia foi o Paraclete desse novo espiritualismo, mais transcendente que qualquer outro systema até então imaginado, sendo o materialismo dialectico, que hoje se assenhoreia de tudo, um equívoco de nomenclatura, porque na genese do movimento está "a carne feita verbo". O marxismo é a ultima *encarnação* do espiritualismo, a penultima tinha sido o espiritismo. A materia foi divinizada como dogma imprescindível, e divina entre todas é a materia nervosa, cuja *secreção* melhor — a Intelligencia — governará sozinha os destinos do mundo. Estamos portanto bem longe dos tempos *felizes* da Renascença: o individuo volta a submeter-se, activa ou passivamente, a leis, principios, systemas, para ter o prazer de se annullar na massa. No seculo XIX analysava-se, pesava-se a materia e os seus productos. Hoje é preciso crêr nella com uma fé que volta a ennobrecer o homem. Eis porque Comte é um precursor esquecido e mesmo odiado: era ainda um impio, não acreditava na materia. Ora, o que é certo é que a nova Religião venceu, e hoje não conta mais com scepticos em seu seio. E essa Religião, que teve para começar o seu grande Messias — o Proletariado (apenas entrevisto por João Jacob, definido por Marx), teve os seus martyres (sorte que não coube ao mallogrado espiritismo), teve os seus Papas e concilios, teve os seus schismas, e exige, sobretudo, uma tyrannica orthodoxia. Comtudo, enquanto o novo Credo não tiver extinguido todos os outros, é bem logico que, como reacção, as orthodoxias pre-existentes se fortaleçam de novo sobre bases igualmente despoticas. As resistencias terão que ser submettidas, conscientemente ou não.

Enio Fontes foi o melhor exemplo de quebra de uma formidável resistencia. Nascido no Nordeste, veio creança para o Rio, tornando-se cario-ca por temperamento. O Rio foi uma descoberta para elle, quasi um paraíso. Conheci-o estudante de preparatorios, quando estava em pleno periodo de vêr em todas as coisas um achado. Já era

então francamente aborrecido com a sua curiosidade, e muitos collegas evitavam-no para fugir aos seus inqueritos. Perguntava tanto que ninguém se lembrava de fazer-lhe também algumas perguntas. Isso naturalmente o encantava, porque era um grande tímido, e nada queria revelar de seu interior, mesmo nas minucias objectivas. Mas manifestava-se desde então um fervoroso da Intelligencia. Passou muito tempo como um liberal, campo aberto a todos os ventos, n'aquella disponibilidade que tanto irrita o nosso Tristão de Athayde. Entre seus amigos mais chegados contavam-se um catholico, um positivista, e um excepcional budhista. Fazia questão de comprehender a todos, porque é obvio, achava todos inteligentes. Quando discutia com o catholico accusava-o até de falta de intransigencia, e não concordava com a existencia do "sexto sentido" de William James. Não concordava porque o sexto sentido era uma explicação para a fé, e essa fé elle a tinha, num grande potencial. E foi paulatinamente procurando definir-se. Não chegou a terminar os preparatorios. Tinha tenções de estudar medicina, talvez porque a biologia o attrahisse muito. Mas não estudava nada com verdadeira dedicação. Levava uma vida erradia, de jornal em jornal, como revisor. Frequentava muito livrarias e bibliothecas, folheando, nunca lendo, procurando sempre opiniões, modos de vêr. Descobriu e admirou muito Gomez de la Serna. Evidentemente era o esboço da crença na materia: as "greguerias" são bem mais que simples brincadeiras, são a expressão litteraria da ansia de personalizar o inanimado, no mesmo plano de Strawinsky ao querer crear musica só com o valor physico do som. Não é materialismo, é o desvairo da transcendencia. Depois, inevitavelmente, orientou-se para o marxismo, onde se manteve, a principio, como méro espectador. Talvez o considerasse como uma manifestação social de sentido equivalente ao de muitas outras, fascismo, capitalismo, etc. Mas a sereia litteraria fizera-o, por essa epoca, travar conhecimento com o supra-realismo, onde os encantos do sub-consciente o prenderam por muito tempo. Os

P. J. J. Franco, S. J. — *Simão Pedro e Simão Mago* — Livraria Boa Imprensa — Rio.

E' mais uma dadiva preciosa com que nos alegra o espirito operoso e brilhante de E. Vilhena de Moraes, traductor desse excellente livro italiano. O autor da obra pertence á Companhia de Jesus e sabe socorrer-se da fórma romanceada para espalhar certas verdades respeitáveis da Egreja. Houve na Hespanha um outro jesuita, o padre Coloma, que tomou logar na historia litteraria com as suas satiras á vida social do tempo. Não menos meritorio nos parece o talento novellesco deste servidor do Vaticano, que, sem falsear os textos sagrados, desentranha tantos aspectos seductores da historia dos primeiros tempos christãos.

"ORTO"

Ahi está uma publicação cubana que, segundo diz bem o seu sub-titulo, é "revista de diffusão cultural". Vinda de Manzanillo, formoso recanto da terra de Marti, traz-nos esse mensario provas indiscutíveis de que o pensamento e o trabalho não soffrem ali intercadencias. Ao demais, distingue-se o *Orto* pela variedade das questões versadas, passando-se de um succulento artigo sobre o cientista Ramón y Cajal a pittorescas variações em redor da poesia negra. Uteis apontamentos bibliographicos põem o estrangeiro a par do que ocorre de expressivo no espirito local, e não sabemos de melhor elemento de propaganda para os valores humanos da região.

— Cansados de explorar directamente os grandes homens, os francezes vão agora ao extremo de explorá-los através de parentes e amigos. Assim é que Maximin Deloche consagra um copioso volume de 553 paginas a um irmão desconhecido de Richelieu, cartuxo, primaz das Gallias, cardeal e embaixador. Muitos são os documentos ineditos apresentados nessa inesperada resurreição. Em contraste com o famoso cardeal Dubois que foi chamado em seu tempo "l'Éminence Grise", Deloche dá a esse consanguineo do ministro de Luiz XIII o cognome sympathico de "l'Éminence Blanche". E os criticos estão de accordo em que se trata de uma figura realmente digna de emergir da sombra que tanto tempo a envolveu.

supra-realistas, no entanto, não eram litteratos burguezes, sem intenções, eram instrumentos intellectuaes a serviço da Grande Causa (os adversários acoimavam-nos de subvencionados), eram adeptos da nova Religião, e como taes tiveram que render-se á orthodoxia. Foi assim que Enio Fontes se tornou marxista, conclusão inevitavel do seu culto de adolescente á Intelligencia. Embora occultamente, estudava muito a serio o novo credo, e quando, a contra-gosto, se enredava numa discussão sobre o assumpto, não assumia mais aquelle indifferentismo, ou melhor, aquelle cynismo de antes, compenetrava-se, e si lhe faltava o argumento allegava que não conhecia ainda a fundo a questão, aliás muito mais complexa do que nós pensávamos. E, estou bem certo, ia mergulhar então nos textos sagrados para melhores esclarecimentos. Perdera-se a transigencia de outr'ora, o liberal estava bem morto. Por isso esquivava-se dos amigos antigos, e apenas se entretinha com algum d'elles por acaso, e si voltava a conversar durante longas horas com algum hereje, é porque cedia momentaneamente á fascinação da Intelligencia, sua orientadora de sempre. Ignoro as suas actividades desse periodo, e não sei si chegou a pertencer a algum partido, nem si deixou algum trabalho inédito de depois da conversão. O facto é que era visto com companheiros desconhecidos, provavelmente camaradas, com os quaes tinha attitudes um tanto convencionaes apesar do excesso de auto-critica de que sempre foi dotado. Faz mais ou menos um anno que soubemos, os amigos antigos, por uma nota do ultimo jornal em que trabalhou, de sua morte numa enfermaria do Hospital S. Francisco de Assis, depois de uma enfermidade de tres mezes. A orthodoxia exigira-lhe o ultimo sacrificio: morria sem mandar chamar um só dos antigos amigos, sem uma palavra para elles, os companheiros de varios annos, que não podiam deixar de ter no seu coração um lugar bem grande, maior, sem duvida, que o dos seus recentes correligionarios. Mas elle era o grande fervoroso da Intelligencia, e vergar ás razões seria uma intransigencia inominavel.

Enio Fontes morreu anonymo, mas conhecia bem de perto a todos os de sua geração. No tempo em que via a litteratura como arte, quasi nada escreveu. Era então um indomavel preguiçoso. Como marxista teve forçosamente que despertar e congregar todas as suas energias. Mas não creio que tivesse tido tempo de produzir cousa alguma: era-lhe necessario o estudo completo dos Textos para não perpetrar heresias.

CORRÊA DE SÁ.

— O Cardeal Wiseman e Sienkiewicz deram aos europeus o pendor para as grandes reconstituições historicas, especialmente romanas. Léon Feuchtwanger, de procedencia semita, tambem é cultor infatigavel do genero e estampou um *Flavius Josephus*, que nos parece redigido em linguagem meio cifrada, com digressões sobre velhos defuntos que talvez se destinem a zurzir muita gente viva, dadas as preocupações politicas do autor. Ultimamente, abandonando essas resurreições de ambientes latino-judaicos, Feuchtwanger vae se entranhando pela Germania dos nossos dias. Não mais allusões indirectas ao nazismo e sim uma critica em cheio, através do romance, de tudo aquillo que não pôde deixar indifferente qualquer allemão dos nossos dias, mesmo quando lhe pese nas veias o velhissimo sangue das tribus de Israel. Em *Die Geschwister Oppenheim* estuda o ficcionista o caso da familia Oppenheim, como o titulo o está indicando. E' uma dessas familias-troncos que o sociologo Le Play analysou meudamente e forneceram tantos elementos typicos ao Zola dos Rougon- Macquart. Detalhes subjectivos e observações de character colectivo, estas sem duvida muito mais abundantes, decorrendo o romance como decorre numa época em que os homens transbordam uns pelos outros.

— Vitalidade impressionante é a de Francis de Croisset, que nos visitou vae para alguns annos e escreveu coisas amabilissimas a nosso respeito. Croisset é dos que produzem sem interrupção e, se possuísse o genio de um Flaubert, seria o caso de se lhe abençoar a actividade inexhausta. Mas é sabido que elle trabalha apenas para uma clientela de "snobs". Seu theatro é de um Marivaux respiravel e potavel, que não pretende aturdir ninguem com enigmas psychologicos ou excessivas complexidades de vida sentimental. São antes chro-niquetas floridas transportadas ao palco que propriamente penosas excavações na alma humana. Narrador desenvolto das barcas de Paris, Croisset, quando quer renovar a provisão de anedotas e idyllios superficiaes, mette-se num paquete de luxo e viaja por outras plagas, como quando se dirigiu ao Oriente, de que nos deu uma visão colorida e machinada como numa boa peça de theatro. Nenhuma profundeza, mas tudo dividido em quadrinhos de boa movimentação scenica. Nos *Marionnettes* é o ultimo livro de Francis de Croisset e, se outra utilidade não tem, serve ao menos para evidenciar que as "marionnettes" são indispensaveis a esse velho empresario de bonecos, que jámais conseguiu pôr no mundo uma creatura de carne e osso...

— Num vigoroso estudo sobre o romance inglez, Abel Chevalley põe em evidencia que os novellistas de além-Mancha são sempre conduzidos pela preocupação do factor moral. Nenhum d'elles refoge ao exame dos problemas collectivos. Pôde mesmo dizer-se que muitas reformas politicas e muitas decisões que importaram em verdadeira melhoria para os costumes resultaram de obras de puros ficcionistas ao tratarem das miserias e das tristezas da vida. Charles Reade e outros, através do disfarce da ficção, foram insinuando as suas prédicas em favor de quantos não haviam nascido de lordes ou commodoros e eram por isso triturados pela feroz engrenagem da sociedade moderna. Podendo escrever, de um modo generico, aquillo que os jornalistas não podiam escrever, personalizando os typos, o que os levaria á cadeia ou ao pelourinho, Richardson, Fielding, Smollett e seus contemporaneos indicaram muitos pontos fracos da civilização britanica e concorreram para, com o auxilio dos legisladores, fazel-os desaparecer. Ainda hoje, os casos de consciencia affligem os romancistas inglezes, que não conseguem ser nunca partidarios exclusivos da idéa pura, da arte pela arte. Wells é um especialista em mensagens propheticas, e demora-se a construir e reconstruir mundos em que os homens nem sempre invadem e conspurcam os dominios do prximo.

ATTENDENDO ÀS NECESSIDADES DO COMMERCIO A CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, Agencias e Filiaes.

CONVERSA DE DOIS CAVALLOS E OUTRO BICHO

Em certo dia do verão passado, estando por graça dos céos sem muito o que fazer, tomei da minha lazarina de matar tempo e saí por onde me quizeram levar as pernas.

Tal como acontece quando se caçam patos, que o caçador vai à lagôa; quando se caçam lebres ou veados, que o caçador vai ao bosque; assim, quando nos deitamos à deliciosa caça dos segundos, minutos e horas, procuramos de commun os logares onde esses seres alados e abstractos mais abundam, ou, pelo menos, onde a sua existencia se nos afigura mais real, que é em pleno contacto com a natureza.

E' certo, ha mal-avisados estafemos que se encarapitam no segundo andar de um omnibus da Quinta Avenida, e perdem ali toda uma tarde, para cima e para baixo, dizendo que estão matando o tempo, quando na realidade apenas ajudam a encher a rua de rodas. Não é essa, parece-me, a maneira mais proveitosa de não se fazer nada.

Ora, não havendo um parque ao meu alcance, dirigi-me instinctivamente à pracinha do porto (Battery Place), de cujos bancos, nesses dias de sol, a gente apreciava o vôo das gaivotas, o ir e vir das barcas, o bando das *girls* de escriptorio, como as gaivotas, leves e airosas no vôo...

Estava um dia claro e quente, sem mormaço. Havia algum tempo que me abancára perto de um tanque de pedra que ali existe, aonde, outróra, antes do progresso vehicular, os carroceiros levavam seus animaes a beber. E ainda hoje, a despeito do imperio dos motores, não raro apparece por ali algum carretão anachronico, cujo guia, dada a razão de aveia aos animaes, deixa-os a beber, e vai elle matar a fome nas petisqueiras da vizinhança.

Havia um bom pedaço que eu ali estava, quando me pareceu ouvir um trocar de vozes. Era uma inglezança arrastada, monotonica, semelhante ao realejar de marinheiros bebedos. Embora, investigando, não visse ninguem,

não podia haver duvida: meus ouvidos não só accusavam os sons, como os iam traduzindo em idéas, perfeitamente correlatas. Ao cabo de uns momentos de attenção, applicando as ouças para o lado do tanque, notei então dois cavallos que descansavam sob as ramagens de um velho carvalho, e coisa rara — conversavam!

Estava explicado o mysterio. Fartos da boa aveia, bem refrigerados pela agua fresca do tanque, os dois bucephalos — racionalissimos quadrupedes! — matavam o tempo como se deve, numa agradável palestra. Um delles era um cavallo de linhas elegantes, pellame lustroso, de um lindo castanho-escuro. Pernas delgadas, orelhas pequenas e alertas. Em resumo, um animal de bôa linhagem, que quatro ou cinco gerações atraz havia sido arabe de puro sangue. O outro, de tom alvadio, meio pedrez nas ancas, era o opposto do primeiro. De raça normanda já adulterada, era grosseiro de fórmãs, pesado, patas enormes e peitudo como um touro. Notava-se logo ser um animal talhado para a tracção de carros ou affeito ao deprimente serviço de albarda.

— Eu sou de descendencia arabe, disse o primeiro com orgulho de suas linhas reflectidas no espelho do tanque. Segundo dizia minha mãe, que foi uma estimada egua de sella, a nossa familia cresceu nos planaltos do Oeste e chegamos a ter no lote mais de trezentas cabeças...

— E', interrompeu o normando, olhando para o outro com inveja. Já ouvi dizer que no Oeste ha cavallos bravos...

— Claro que ha. A minha familia cresceu nos campos, sem dono.

— Sem dono? Pois, eu, amigo, desde que nasci que é isto — puxando carro de dia á noite. Já estou acostumado, não me queixo.

— Não sei por que você se admirou, disse-lhe o arabe chicoteando as ancas com a cauda.

Todos nós, de sangue puro, descendemos de um magóte de cavallos salvo de um naufragio.

— De um naufragio? Então é dahi que vêm os taes cavallos marinhos? perguntou o normando, cuja estupidez parecia ter dado nome á especie.

— Você não sabe? Pois eu lhe conto. Foi isso ali por 1500. Um galeão hespanhol levava para o Mexico uma porção de cavallos de raça. Nas alturas da Virginia, uma tempestade destroçou o navio, morrendo no mar a maior parte delles. Dos poucos que alcançaram a terra, surgiu a grande familia de equinos americanos, que hoje campêa pelo vasto Oriente, da qual descendo.

— Familia de equinos! frisou o normando ao soltar uma risada cavallar.

Nesta altura da conversa, notei que um Ford velho, que estava perto, começou a piscar os olhos e a sorrir pela bocca enferrujada do radiador. Era um modelo T, dos primitivos, de páralamas cahidos. Capota alta, arrebitada para trás, dava os ares de um turista inglez. O dono o deixára ali, á sombra, porque se o expuzesse ao sol, seria capaz de explodir.

— Estava ouvindo a conversa dos collegas... disse o Ford, todo camarada, numa linguagem que era um chocalhar de ferros soltos. Disse e foi-se chegando para junto dos cavallos.

— Melhor saia-se daqui! berrou o normando dando tamanha patada no Ford que a lataria estrondou como uma trovoadã. Não gosto de vocês... Ainda me lembro do que um dos seus fez comigo, na estrada. Quasi me mata, só porque eu não corria como elle — e murchando as orelhas, deu-lhe outro couce.

Mas o arabe, dando provas de bôa estirpe, entrou conciliatorio:

— Não seja assim, amigo... Bem pensado, nós, animaes de carga, muito devemos aos Fords,

caminhões, tractores, a todas as machinas. Deixemos aos homens, que são burros, não as comprehenderem.

— Está vendo, malcreado? rousnou o Ford com raiva. O seu companheiro sabe o que valem. Não foi para os matar na estrada, que nós viemos ao mundo. Foi para os ajudar em tudo — a mal-agradecidos como você!

Ahi, o normando, meio envergonhado com a demonstração que dera de couceiro, já se fazia mais camarada:

— Bem, quanto á patada, peço-lhe desculpas... Mas que me tenha ajudado no trabalho, isso é que não acredito!

— Olhe, quando estou assim velho, e enferrujado, não é de brincar, commentou o Ford com uns geitos de martyr. Trabalhei muito. Fui um dos primeiros carros que entraram por esses mundões, em direcção ás fazendas. Nesse tempo, as estradas viviam apinhadas de animaes, e cada qual puxava o seu carro, chian-do no rêlho. Que fizemos nós? Fômos-lhes tomando a carga pouco a pouco, até que hoje são raros os cavallos que se vêem pelos caminhos. O trabalho pesado foi todo distribuido entre nós e os tractores. E como não comessemos, não sentissemos canseiras, labutavamos sem parar... A producção cresceu. Os campos abriram-se em maiores colheitas, e vocês, com milho a faltar, aveia e trigo de sobra, ficaram de reserva, engordando...

— O camarada Ford tem razão, confirmou o arabe. Quando eu nasci, na fazenda do Coronel MacDonald, todo o trabalho era feito por nós. Suavamos o verão inteiro puxando o arado, levando carradas ao mercado, numa labuta de morte... Davamos graças quando chegava o inverno e nos mettiã no estabulo. Assim, sim, ficavamos descansando até a primavera...

— Nunca me queixo do trabalho, intercalou o normando.

— Eu era bem pequeno, (continhou o arabe ser dar ouvido á estúpida observação do outro),

mas ainda me recordo do primeiro auto que vi. Passou saltando, pela estrada, fazendo uma zuada de temporal. Na Fazenda, o primeiro Ford que veio já foi um allivio. Depois vieram outras machinas: tractores, enfeixadeiras, segadoras, debulhadeiras...

— Ahi está! exclamou alegremente o Ford. As machinas não ajudam sómente ao homem. Os animaes ganham também enormemente com o seu uso...

— O que admira é que havendo hoje tanta machina, que tudo produz e em tão grande quantidade, haja tanta miseria entre os homens — ataca o normando com impafia, como se tivesse esgottado os argumentos.

— E' porque os homens, de estúpidos que são, ainda não aprenderam a tirar todas as vantagens do uso das machinas, como deviam, retrucou o Ford com a acquiescencia do arabe. (O normando, calado, beigos cahidos, fazia que pensava...) Não admira que você ignore o que as machinas representam na vida de hoje, foi dizendo o auto velho. Como só vive para a labuta animal, não estuda, não medita, julga que nós, machinas, somos méros pedaços de ferro sem um destino. Engana-se, amigo! Somos intelligencia, está ouvindo? — intelligencia da melhor, passada pela craveira da mathematica! Temos um destino a cumprir e o estamos cumprindo!

— Muito bem! bradou o arabe, entusiasmado.

— Olhe isto aqui, disse o Ford tirando um volume de debaixo da boléa. Ah! você não sabe lêr... Eu leio, ouça. E' um estudo sobre as fabricas de tecidos na Inglaterra. Em 1769, quando Arkwright inventou o primeiro tear mecanico, eram necessarias 700 pessoas para tecer a mesma quantidade de panno que um só operario tecia em 1855, depois de 86 annos de progresso nessa industria. Se as machinas só trouxessem desemprego, teriamos que daquellas 700 pessoas haveria uma só trabalhando e 699 estariam sem fazer nada. Mas em

1856 havia na industria de tecidos ingleza 379.000 operarios em comparação com 218.000 em 1836. Em 1914 esse numero havia subido a 689.000 obreiros. Se de 1831 a 1911 a população ingleza duplicou, o numero de seus operarios, ajudados pela machina, passou do triplo...

— Isso são historias de inglez! besteirou o normando.

— Com este você perde o seu tempo, "Henry", observou o arabe. Essa cabeçorra só attende a cabo de macaca.

— Já vi que tem mentalidade de ferro de engommar: só se move quando é empurrado. E' o escravo que se ri sob o rêlho do senhor... Mas, aqui está — disse o Ford continuando: Se as industrias inglezas dispunham em 1881 de 6.373.000 operarios, em 1911 esse numero era elevado a 9.468.000, ou 48 % de augmento num periodo em que a população britannica crescera apenas de 38 %. E' certo, nao houve nesse espaço de tempo, de constante progresso mecanico, quem se detivesse para criticar a pessima applicação que o capitalismo ia dando ás machinas. Como havia lucros fabulosos e os esbulhados não se queixavam, tudo ia bem... Mas quando machinismos mais perfeitos começaram a produzir mais do que os mercados podiam absorver, nenhum dos industriaes — esses gran senhores vazios de entendimento — se lembrou de restabelecer o equilibrio pela natural redução das horas de trabalho. O que nesse terreno se tem conseguido, foi tirado ás guélas dos abutres á força de grèves, com o risco de vidas.

— Tal como se deu na America, commentou o arabe.

— Exactamente! Que culpa tem a machina da estupidez dos que a exploram? Os industriaes e banqueiros, quando apertados pela crise economica que elles proprios, pelo trancafiamto da riqueza, ajudam a criar, — o primeiro que fazem é deitar á rua os operarios para quem não ha trabalho. Respiram então desafogados. Pensam que se livraram

da carga. Mas como os desempregados não caem no mar, — ficam às costas do Estado, que depois se vê obrigado, afim de evitar revoluções, a taxar esses mesmos industriaes e banqueiros para manter os sem-trabalho. E' uma beleza de systema!... O que parece evidente é que nós, machinas, no nosso inescapavel determinismo, pela repetição das crises, estamos a forçar o nosso objectivo social, que é prover maior conforto para todos, com menos trabalho...

O Ford ia tirando outro canha-maço de estatísticas, afim de provar a estupidez do capitalismo americano — igual em tudo á do inglez — quando os carroceiros, voltando do almoço, tocavam os cavallos cada qual para o seu lado. E como o normando se fizesse de ronzeiro, o amo chegou-lhe o rêlho — *lépto! lépto!* — Toca p'ra frente, manzanza!

O Ford ouviu e commentou: — Toma, diabo, para não maldizeres das machinas!

ARTHUR COELHO

"TEMPO E ETERNIDADE"

Jorge de Lima e Murillo Mendes entregaram no principio deste anno á Livaria Globo, de Porto Alegre, os originaes do livro de poemas "Tempo e Eternidade". São 45 poemas de cada um. O livro se afasta das correntes poeticas em moda e pretende fazer reconduzir os poetas ao seu verdadeiro lugar, que é o de mostrar aos outros homens que existe qualquer coisa de mais elevado do que a luta em que se debatem quotidianamente todos os homens. O volume, em cuidada edição daquella casa editora de Porto Alegre, acaba de ser posto nas livrarias.

"ESPIRITO NOVO"

E' um valioso relatorio da directoria da Associação Universitaria da Bahia, ou seja a A. U. B., como a tratam familiarmente os seus admiradores. Indiscutíveis não os serviços prestados por esse nucleo de estudantes nortistas á terra natal de Ruy, tanto mais quanto, evitando uma actividade estritamente local, procuram elles levar frequentemente á Bahia intellectuaes de todo o paiz, como no caso do brilhante poeta Guilherme de Almeida, que ali se fez ouvir com encanto por um finissimo auditorio. Filho de um dos mais opulentos agricultores do sul do Estado, o sr. Orcair Berbert Tavares, academico de direito, bem merece que o cumprimentem pela dignidade com que se desobrigou das suas funções de presidente, tão arduas quanto desinteressadas.

Monteiro Lobato — Contos Leves — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Não se trata de uma novidade, por isso que o volume é composto da reedição das *Cidades Mortas* e outros trabalhos do grande Monteiro Lobato. Mas desse escriptor tudo se nos afigura sempre palpitante de vida, com uma frescura de estylo e uma juventude de impressões que hão de encantar ainda por muito tempo os amigos dos bons livros em nossa terra. Sendo um dos autores mais lidos do Brasil, Monteiro Lobato pôde igualmente ufanar-se da clientela selecta que o está festejando em paragens distantes, como nessa culta e brilhante Argentina, onde todos os percorrem nas excellentes traducções de Benjamin de Garay, encontrando nelle algo de semelhante ao prosador regionalista Benito Lynch. No momento, o contista dos *Urupês* é dos que mais honram o Brasil mental.

A. Séché e J. Bertaut — George Sand — Liv. Cultura Brasileira — São Paulo.

Séché e Bertaut são especialistas na vida anecdotica dos grandes escriptores. Tudo faz crer que obtenha grande successo entre nós esta evocação de uma das creaturas mais completas que já viram as lettras europeas. Magnificamente retratada em duzentas paginas repletas de documentos expressivos, George Sand apparece-nos na sua incomparavel fertilidade de romancista e ao mesmo tempo nos ardores sexuaes que a fizeram agitar-se entre tantos adoradores, de profissões diferentes, o pianista Chopin, o advogado Pedro Leroux e esse padre sem nenhuma vocação que se chamou Lamennais. A traducção, das mais elogiaveis, é da sra. Maria de Lourdes Cabral.

PROXIMAS EDIÇÕES "ARIEL"

Devem apparecer por todo este mez os seguintes livros, lançados por Ariel Editora Ltda., que assim prosegue no seu programma de disseminar a boa cultura litteraria por intermedio de autores escolhidos.

"ENSAIO DE SYNTHESE SOCIOLOGICA" — Trata-se de uma segunda edição dessa obra já consagrada pelo publico, e com a qual o nosso distincto collaborador V. de Miranda Reis se tornou conhecido como um dos mais dedicados cultores da sciencia social em nosso paiz. Esta obra apresentar-se-á agora em volume bastante ampliado e accrescido de capitulos nos quaes se versam os novos problemas da sociologia moderna. Pela distribuição das materias e clareza de methodo, o *Ensaio de Synthese Sociologica* é trabalho que já se tem imposto aos nossos circulos didacticos com real proveito.

"ESTRANGEIROS" — Collectanea de ensaios a respeito dos principaes vultos da litteratura estrangeira em diversas épocas, como sejam os perfis de Pirandello, Shaw, Chesterton, Bergson, d'Annunzio, e tantos outros, da autoria de Agrippino Grieco, o assaz conhecido critico que nos deu recentemente a *Evolução da Prosa e da Poesia*.

"ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS" — Num grosso volume, serão colligidas varias das principaes monographias apresentadas ao Congresso Afro-Brasileiro, que com tanto exito se reuniu, não ha muitos mezes, em Recife. A obra será prefaciada pelo illustre ethnographo Roquette-Pinto e reunirá trabalhos de Arthur Ramos, Ulysses Pernambucano, Rodolpho Garcia, Cunha Lopes, Renato Mendonça, Ruy Coutinho, Edison Carneiro e muitos outros.

"COMO ESCOLHER UM BOM MARI-DO" — É uma nova edição do livro, ha muito esgotado, do conhecido eugenista Dr. Renato Kehl, autor de innumerables obras que hoje se divulgam por todo o Brasil. Este livro obteve grande exito quando do seu primeiro apparecimento e será apresentado agora em cuidada edição, com desenhos de Santa Rosa.

"A AMAZONIA MYSTERIOSA" — Em 4.ª edição virá novamente a lume este conhecido livro de Gastão Cruls, que tem visto numerosas tiragens esgotadas em espaço de tempo relativamente curto.

"INSURREIÇÕES NEGRAS NO BRASIL"

Sob este titulo e editado pela Casa Mozart, de Recife, deve apparecer breve um interessante livro do sr. Aderbal Jurema, o jovem escriptor pernambucano, já bastante conhecido dos nossos leitores, pois que amiude os seus trabalhos illustram as paginas desta revista. Em *Insurreições Negras* procura-se dar uma interpretação materialista ás revoltas negras na America e salienta-se a sua importancia na Historia Social e Politica do Brasil. O volume trará capa com desenho de Cícero Dias.

leiam

LUC DURTAIN

IMAGENS DO BRASIL E DO PAMBA

2.ª EDIÇÃO

(Trad. de Ronald de Carvalho)

GILBERTO AMADO

TOBIAS BARRETO

ARIEL Editora

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruis)

Hamburgo, 1.º de Abril de 1931.

Caro Gastão,

Apezar da data, esta carta é autentica e sem pilheria do *all fools-day*.

Recebi os meus dois volumes de *Don Quixote*, de que já andava com saudades. Atirei-me de novo á sua leitura e isso quer dizer que me tenho regalado de rir-me. Ultimamente tenho confinado minhas leituras quasi que só a Rabelais, Montaigne, Shakespeare e Cervantes. Quizera ter aqui o meu Luciano de Samosata e o meu Aristophanes, mas esses amigos velhos estão encaixotados em Londres, de onde pretendo mandal-os vir breve, agora que me fixaram (?) aqui em Hamburgo. Estarei, porém, firme no posto? Quem e que coisa estará firme no Brasil? Em se tratando de homens e coisas do Brasil, que confiança se póde ter? Não ha paiz mais incerto nem gente menos solida no mundo. E que desgoverno! Imagine só o seguinte: mais de uma vez temos recebido telegrammas e instrucções do Itamaraty para **desmanchar boatos tendenciosos**, informando imprensa local, etc., etc... Pois bem. Qual o nosso espanto quando, ao abrir um dos principaes jornaes da cidade, encontramos dados **officiaes authenticos**, fornecendo, em nome do Thesouro Nacional, as informações mais alarmantes a respeito da nossa situação financeira e mostrando que não temos nem lastro ouro, nem nada?! É positivamente tragicomico, não é?

Hontem me disseram aqui que a Academia de Sciencias Mondrongas de Lisboa entrou em accordo com a Academia de Letras Vencidas do Rio para uniformisação da orthographia d'ambos os **paijes irmõex**. Não nos faltava mais nada! Mas afinal, Gastão, quando é que os portuguezes.....? Pois elles não vêem que no Brasil essa reforma não será acceita, ainda que o governo queira impol-a?

O Governo Brasileiro, que tambem não prima pelo brio e pelo bom senso, póde tornar essa orthographia obrigatoria nas escolas e repartições publicas. Ainda assim encontrará resistencias pelo menos passivas. Eu, pelo menos, jámais, mesmo em documentos officiaes, usarei semelhante orthographia!

Imagine que no Brasil escrevemos e dizemos **recepção**, soando o p, ainda que levemente. Em Lisboa se escreve **receção** e se pronuncia **riciçãõ**. Como adoptar isso no Brasil? No Brasil escrevemos e dizemos **quer**. Em Lisboa se escreve e se diz **quere**. No Brasil só algum negro velho é que diz **preguntar** em vez de **perguntar**. Em Lisboa a linguagem academica é **preguntar** e até **preguntáire**. Ora bolas!

Como V. sabe, os norte-americanos fallam e escrevem de modo differente dos inglezes. Elles procuram o mais possivel distinguir-se, differenciar-se. Basta pegar uma revista ingleza e comparal-a com uma norte-americana para notar as differenças. Porque então não fare-

mos o mesmo? Porque não nos distinguiremos? Tem elles orthographia tradicional? Pois façamos nós uma moderna. Têm elles uma moderna? Pois nesse caso conservemos nós a antiga. Como disse Euclides da Cunha, devemos fallar e escrever de tal fórma que em Lisboa não nos entendam. Não ha progresso sem differenciação e por isso nós devemos procurar progredir cá do nosso lado, mas sempre differenciando-nos, afastando-nos e isolando-nos cada vez mais, em summa, cultivando o **Pau Brasil** orthographico. Eu me revolto e não adoptarei, nem siquer oficialmente, essa orthographia de..... O Agrippino, o Tristão de Athayde, o Gilberto, o Mucio Leão (este quer entrar para a Academia!...) nada dirão a isso? E' preciso promover desde já uma agitação contra isso.

O plano da Academia Mondronga de Lisboa é obter que o Governo do Brasil imponha essa refórma ás escolas, repartições publicas e tambem aos jornaes, typographias, casas editoras, etc., sob penas de multas, como fizeram em Lisboa! E' preciso reagir contra isso emquanto ainda é tempo. Quanto a mim, nunca me sujeitarei a semelhante orthographia, oriunda de Porque não ficam elles quietos em Lisboa? Porque vivem sempre a procurar e a implorar o auxilio e a camaradagem do Brasil..... Mas, seja como fôr, eu não me submeterei, haja o que houver, **Non serviam!** Estivesse eu lá no Brasil e dispondo de apenas uma columna e meia de algum jornal... não **multo ignobil**, e garanto que eu levantaria a opinião contra essa canalhice antipatriotica. Mas estou longe e não disponho de jornal em que escreva... Vocês, porém, que ahi estão, têm obrigação de oppor-se a essa safadeza com toda a vehemencia, sem attender a razões pseudo-technicas, e grammaticas. Só ha uma idéa a defender: o **Brasil deve ser differente do Portugal em tudo e por tudo!** Lute, Gastão, lute. Os seus antepassados flamengos fizeram guerra de morte aos portúgas... Lembranças aos amigos todos. Abraços do velho.

Antonio Torres.

Hamburgo, 26 de Maio de 1931.

Querido Gastão,

Que atroz silencio é esse? Escrevo e não recebo resposta! Que é isso..... Agora dirijo-me ao collega plumitivo e ao homem da sapiencia. Illumina-me ó astro da sciencia!

Estou trabalhando seriamente num livro de contos cutubas. Preciso, porém, de fazer morrer dois pobres desgraçados: um de operação para extracção da vesicula biliar, e outro de uremia. O operador é um medico que cuida mais de politica do que de sciencia. Por isso o operado morre durante a operação.

I) Pergunta-se: como se morre de operação e durante ella? Pequena descripção rapida .O segundo doente, que

é uma besta quadrada do Itamaraty, morre de uremia. O seu medico assistente é um academico que cuida de Garcia da Orta, Vieira, et * reliqua. Preocupado com uma collocação de pronomes, não examina bem o doente e receita conio se fosse para insulto cerebral.

II) Qual a receita, ou melhor, que é que se faz em caso de insulto cerebral?

III) Que é que se prescreve em caso de uremia?

Pelas minhas perguntas já vae vendendo a tendencia do conto. Esses dois casos, aliás, são simples episodios. O facto principal é outro. Responde-me amigo sapiente. Reparte com o ignorante o pão da tua vasta sciencia. Depois de prompta, mandar-te-hei a minha lenga-lenga. E nesse interim, irei escrevendo outras, embora não saiba onde nem de que fórma publical-as, ou dal-as á estampa, como diria o D. Cerqueira.

Esse postal que ahi lhe mando illustra a minha excursão a Helgoland o anno passado. O numero 1 é um amigo allemão. O n. 3 é sua esposa, tambem allemã. Eu estou entre os dois. O postal representa o desembarque, que lá se faz em lanchões, por não haver caes. O navio fica a certa distancia, onde possa fundear.

Como vae o Gilberto? E o Ramos? E o Agrippino? Que disse este a respeito do tal accordo orthographico das Academias de Burros lusos e patricios? Que miseria! Lembranças ao Saul. O Castilho querera o meu livro? Abraços do seu velho, que espera resposta prompta, — Antonio Torres

Hamburgo — 6 de julho de 1931.

Meu caro Gastão,

Recebi as suas duas cartas e agradeço-lhe muito as informações scientificas.

Quanto ao retrato da dama que V. viu a meu lado, não continue a fazer juizos temerarios, pois isso é um peccado feio. É, sim, uma creatura de rara bondade.

Contrariaram-me muito — e nem podia deixar de ser por menos — as noticias que V. me deu dos seus negocios. Entretanto, parece-me que V. deve ter procedido com a hombridade e altivez costumeiras. Salva-se, em taes circunstancias, pelo menos a dignidade. *Tout est perdu hormis l'honneur...* Aliás com a sua competencia e as suas excellentes relações, certamente obterá V. brevemente (si já o não obteve) situação compensadora.

Felizmente, entremeada no meio dessas noticias melancholicas veio como recheio uma alviçareira. Refiro-me ás suas corajosas intenções de fundar uma empresa editora e revista independente. É preciso ser dotado de uma fé bronzada e de uma coragem super-heroica para pensar em tal coisa neste momento ahi no Brasil. E os capitaes? Afinal V., o Ramos e o Grieco (1) não são ricos. Occorre-me ainda a circunstancia de que nenhum dos tres é homem de

negócios. Demais, todos tres têm empregos que os afastarão do *business* durante as horas mais activas do dia. De certo arranjarão um gerente, mas que perigo! Onde é que Vocês pretendem arranjar, nesse Rio aporçuguezado e emporcalhado por todas as immoralidades dos chamados regeneradores políticos um homem competente e honesto a quem entregarem a parte administrativa da empresa? É preciso ter olho para escolher e para observar o escolhido muito attentamente. Além disso, com esse cambio vergonhoso que agora temos (metade do cambio do W. Luiz!) o papel, a tinta, os prelos e tudo mais que tem de ser importado ficam por um preço elevadissimo. Junte-se a isso a concorrência do livro impresso em Portugal, ao qual os nossos governos, inclusive o actual, dispensam de impostos aduaneiros! Que Republica de... protege o producto estrangeiro contra o similar brasileiro! Protege o trabalhador portugua contra os nossos patricios! E estes não se organizam nem se revoltam! Comtudo, não emitto estas desconsoladas considerações com o intuito — que seria incomprehensivel e imperdoavel — de desanimar os amigos. Minha intenção é ser-lhes util, pondo-os de sobreaviso contra canalhas e canalhadas possiveis

Não seria nenhum delles (2) que, ao deixar o governo (desthronado ou não) recusasse, como o insigne Pedro II, um cheque de 5.000 contos, cambio 27 d., oferecido pelos successores! Portanto, Gastão querido, mãos á obra! Viva a casa editora! Viva a revista! Vivam os seus inclytos fundadores! Nos tempos horribéis que correm, a unica salvação nossa é buscar refugio e consolo nas letras e nas artes, ler jornaes o menos possivel e não pensar nem em politicagem nem em politiqueiros, sejam paisanos, sejam militares. *Sursum corda!* Abraços ao Ramos e ao Grieco e diga ao Gilberto que não lhe escrevo por não lhe conhecer o novo endereço. Você me disse em carta o nome da rua, mas não mandou o numero da casa! Aguardo ancioso o livro delle. Lembranças ao Rodoy e ao Arlindo, quando os encontrar, e ao Bormann tambem. Do seu velho — Antonio Torres.

Hotel Reichsot — Hamburgo — 3 de outubro de 1931.

Meu caro Gastão,

Fica V. prohibido de andar a passar sustos nos amigos que têm suspeita de soffrer do coração. Quando, no principio da sua ultima carta, V. me dizia que ia editar as... do..., parei e pensei: Mas que idéa! Será possivel?! Emfim, linhas abaixo dizia V. que editaria tambem um livro da velha maluca... Ahi vi que não era possivel! Tratava-se de brincadeira...

O principal é o *Boletim de Ariel*. Como diria o Nestor Victor: O Gastão, mêu amigo, ééé o nóóso Maurois. *Ilincontestavelmente!* Aqui, uma risadinha *sacadée*, assim: Han! — Han! — Han!... Mas V. qual prefere ser com o seu Ariel? Maurois ou Shelley? Este ultimo, não é Para o numero de 1º de novembro não é possivel mandar coisa alguma. Nada

tenho prompto, embora não me faltem apontamentos. Vou fazer, em todo o caso, o possivel por aproveitar a mala do dia 6, que deve estar lá a 21. Vou escrever uma *review* do segundo volume das *Cartas da Rainha Victoria*, que justamente acaba de apparecer. Pelo outro correio então mandarei uma apreciação do ultimo livro de George Moore: *Aphrodite in Aulls*, que estou lendo. É um romance quasi posthumo, pois a primeira edição foi impressa em numero limitado. Mandarei tambem alguma coisa acerca do ultimo livro de Paul Reboux sobre culinaria, e sobre o Rasputin de Forster, um teuto-russo. Emfim, assumpto não falta. Quanto aos contos tudo atrazadissimo. Mas agora tenho editor, vou atirar-me ao trabalho.

Você conhece o livro *Wells of Loneliness* de Miss Radcliff-Hall? Eu tenho um longo estudo iniciado, a respeito desse livro, que é a historia de uma mulher homo-sexual. (Sem pilheria, o estudo está ha muito iniciado). Mas, si V. quizer dar preferencia á X..., (3) para fazer a critica de Miss Hall, rasgo o que já tenho prompto. Deve ser uma delicia a... X (4) apreciando a super... Hall!

Quanto ao nosso pobre e querido Cox (5), o que houve foi que elle adoeceu dos rins na Suissa. Teve que ir ás pressas para Paris, onde lhe extrahiram um delles. Depois foi para Clermont-Ferrand, perto de Vichy, por ordem medica. Lá, ia indo elle melhor quando um bello dia teve um ataque cerebral e hemiplegia. Um horror! Quasi morre. Transportado para uma casa de saude, está em tratamento. Segundo me escreveu a bôa Mrs. X, que lá está com elle, os medicos são optimistas quanto a seu estado, mas este ainda é bem grave. Estou desolado. O Cox é uma das melhores almas e um dos mais nobres caracteres que me tem sido dado conhecer na vida. É um typo raro. Permitta Deus que elle arribe desta, que tem sido terrivel.

Passando a assumpto menos tragico,

Acaba de apparecer:

Luc Durtain

**IMAGENS DO
BRASIL E DO
PAMPA**

Traducção de

RONALD DE CARVALHO

2.ª edição

Em todas as Livrarias

tive agora uma idéa: que lhe parece no Ariel um artigo de X, sobre um livro do X? Deve ser, como diria o Luiz Carlos, um beijo de luz! Recebi A Nova Maneira de Fallar (6). Ri-me a valer. Foi pena ser tão pouco. Mas tenho relido o livrinho e de cada vez rio mais. Consta-me que o Governo já está arrependido de ter assignado o decreto da reforma. O mais picante é que em Lisboa tambem não querem a uniformisação orthographica. Que gaffe do parteiro Magalhães E a pretensão da Academia, ehin? Ninguém pode mais ensinar a lingua sem licença della! É o cumulo! Essa Congregação do Indice... está precisando de ovos podres e batatas. Eu não morro, Gastão, sem ter collado um rabo de papel no fraque do Laudelino, Lomelino... como lhe chama Sylvio Romero numa das suas cartas. Basta, porém, de mexericos e objurgatorias. Vou escrever os artigos. Lembranças ao Grieco, ao Ramos, ao Saul. Diga a este ultimo que já adquiri o Fausto que elle me pediu. Na semana proxima lhe será remetido. Abraços do seu velho, Torres.

1) A sociedade constituiu-se depois de outra maneira, e sem que da mesma fizessem parte A. Grieco e A. Ramos. — 2) Refere-se aos nossos governantes. — 3) Escriitora patricia, autora de paginas arrebatadas e sensuaes. — 4) A mesma. — 5) Oscar Cox, já fallecido. — 6) Opusculo publicado sob o pseudonymo de Barão d'Ascurra, em meados de 1931 e no qual se ironizava o accordo orthographico.

Julio Ribeiro — *Procellarias* — Liv. Cultura Brasileira — São Paulo.

Bem avisada se mostra a Cultura Brasileira reeditando estas vivissimas paginas do autor da *Carne*, que evidentemente não mereciam ser perdidas pelos entusiastas dos bons textos. Dado o nervosismo da sua linguagem, o tom impulsivo que infundia aos seus mais rapidos trechos, Julio Ribeiro é dos que vão sempre excellentemente nos trabalhos curtos. Odiando a superfluidade de palavras e vazando as suas observações e emoções num portuguez sem solecismos, é elle digno da attenção dos moços de hoje, aos quaes, linha a linha, parece estar aconselhando o culto do bom raciocinio e do respeito ás bellezas vernaculares.

D. Havelock Ellio — *A Selecção Sexual no Homem* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Havelock Ellis figura entre os mais attentos pesquisadores de questões sexuaes e o apreço em que o tinha o inolvidavel Remy de Gourmont prova não se tratar apenas de um fancarista de paginas escabrosas destinadas a excitar uma freguezia suspeita. Accresce que a traducção deste volume tem a prestigial-a o nome de Leonidio Ribeiro, que é um puro homem de sciencia e não paronympharia com a sua assignatura um trabalho que visasse explorar baixos instinctos physiologicos. Uteis considerações sobre o tacto, o olfato, a audição e a visão distanciam o livro de uma torpe finalidade obscena e o tornam digno das bibliothecas mais escrupulosas.

(Guarany)

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível

- E. Roquette-Pinto — RONDONIA — Col. Brasiliana — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 Monteiro Lobato — CONTOS LEVES — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 A. Saboia Lima — ALBERTO TORRES E SUA OBRA — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 Dr. C. de Mello-Leitão — CURSO ELEMENTAR DE HISTORIA NATURAL — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 Fernando de Azevedo — PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 Aydano do Couto Ferraz — CANTICOS DO MAR — Poemas — Bahia.
 Mario Mello — ASPECTOS DA HISTORIA — Casa Mozart — Recife.
 Silvino Lopes — LADRA — Casa Mozart — Recife.
 Julio Ribeiro — PROCELLARIAS — Cultura Brasileira — São Paulo.
 Eduardo Jacobina — CONFLICTO DE DUAS CIVILIZAÇÕES — Editora Record — Rio.
 Hehmano Ribeiro da Silva — NOS SERTÕES DO ARAGUAYA — Cultura Brasileira — São Paulo.
 Nina Rodrigues — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS — Civilização Brasileira — Rio.
 Robert J. Payró — LOS TESOROS DEL REY BLANCO — S. A. del Libro Rioplatense — Montevideo — B. Aires.
 Prof. Charles Anderson Aldrich — COMO DESENVOLVER O APPETITE DA CRIANÇA — Editora Nacional — S. Paulo.
 Dr. Victor Pauchet — CONSERVAE A MOCIDADE — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Dr. Havelock Ellis — A SELECCÃO SEXUAL NO HOMEM — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
 Claude Farrère — A BATALHA — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 Ruby M. Aires — O HOMEM SEM CORAÇÃO — Trad. Albertino Pinheiro — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
 Willibald Nagel — VIDA DE BRAHMS — Cultura Brasileira — São Paulo.
 Séché e Bertaut — GEORGE SAND — Edições Cultura Brasileira — São Paulo.

— Stefan Zweig consagra um solido estudo a Erasmo. Eis ahi um humanista da Renascença que desfruta de uma actualidade bem superior á de muitos contemporaneos nossos. Uma luz plena banha, traço a traço, o homem estupendo que foi antes de qualquer outro o encyclopedista por excellencia, prégou a necessidade da interpenetração da cultura, antecipou todos os nossos estudiosos de litteratura comparada. Vendo, com lucidez de propheta e precursor, o advento de uma época em que desapareceriam fronteiras mesquinhas para o espirito e um escriptor flamengo poderia ser tambem escriptor totalmente europeu, Erasmo como que lutou pela paz dos povos através do congraçamento dos cerebros. Sabendo varias linguas e correspondendo-se com as figuras primaciaes do tempo, desde Rabelais ao portuguez Damião de Góes, foi a mais tolerante das intelligencias. Escreveu sempre de janellas abertas para todos os horizontes. Critico incomparavel, devolvia centuplicado tudo aquillo que recebia dos outros autores. Nelle existia algo de um Platão que fosse ao mesmo tempo um antecessor de Sainte-Beuve.

— O Conde Carton de Wiart vem de escrever um pathetico volume sobre Marguerite d'Autriche. Esse politico da Flandres é um grande amigo do Brasil e redigiu lindas paginas que historiam costumes nossos e desenham com flagrantia bellos recantos de Petropolis. Veiu elle até nós em semanas de férias e, mesmo não se enraizando neste paiz, soube compôr a nosso respeito um volume em que não ha os arranhões encobertos e os estorrecientes erros de historia ou geographia tão communs em estrangeiros que redescobrem periodicamente o Brasil.

Luc Durtain — Yagouta aux cavaliers — Librairie Ernest Flammarion — Paris.

Grande viajante de civilizações varias, Luc Durtain vê a um tempo com subtileza e profundidade tudo o que se está operando de significativo nas almas e nos cerebros de hoje. A nossa gente deve-lhe paginas de grande perspicacia e poucos estrangeiros souberam vê-los com a imparcialidade e a humanissima vibração desse robusto escriptor que a traducção perfeita de Ronald de Carvalho como que tornou um escriptor do Brasil. No momento, mostrando a ductilidade de um espirito que os estudos sociaes, os retratos de povos pareciam absorver, o autor do *Vers la Ville Kilometre 3* distrae-se numa interessante ficção em estylo á moda arabe, com um pouco da fantasia das Mil e Uma Noites e certas crispções sensuaes, certos furores criminosos como só os conhecem as creaturas atormentadas dos tempos de Freud e Proust. Neste livro, a par do homem que se diverte com o assumpto, tambem se sente o homem que pensa e que de uma narração de sangue e volupia extrae sempre qualquer coisa de alto e nobre, como quando estudou a America das casas de 40 andares e essa "outra Europa" de mujicks e popes que pretenderam renovar no Occidente a sublime aventura dos christãos primitivos.

Horacio Quiroga — Mas Allá — Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Ao que indica, em brilhante prefacio, o escriptor Alberto Zum Felde o sr. Horacio Quiroga realiza em terras uruguayas uma bizarrissima figura de narrador. Começou "decadente" e hoje é modernista dos mais fervorosos. Admira os choques de vidas das cidades de mais de um milhão de habitantes e gosta das almas solitarias, dos typos de misanthropos que passam annos e annos sem vêr a odiosa cara de um cidadão estranho. Entendido em todas as modernas descobertas de laboratorio e usina, parece acreditar ainda em visões de incubos e succubos e fala de vampiros com a mesma naturalidade com que fala de um agalado machinista ferroviario. Se algum modelo o obseda é evidentemente Edgar Allan Poe, antecipador do "maravilhoso scientifico" que o sr. Horacio Quiroga pratica ás vezes com tanta habilidade e felicidade. Em summa, trata-se de um prosador que se faz ler sem tédio, por isso que agil nas escamoteações psychologicas, sendo, a par de um inspirador de fremitos de espanto, um culto e prestigioso estylista.

— Uma das obras maximas de Daniel Halévy é a que se intitula *Visites aux Paysans du Centre*. Trabalho lentamente sazonado, em quasi vinte e cinco annos de meditação dramatica ou lyrica. E' a alma da França rural, a alma dos campos, a alma da verdadeira França. Daniel Halévy, apesar de pertencer a uma velha estirpe judaica, o que os seus adversarios lhe lançam por vezes em rosto, mostra-se um investigador tenaz de todas as tradições francezas. Sabendo como poucos a historia desse adoravel paiz, conhecendo tudo quanto ocorreu na vida de Thiers e nos dias mais obscuros do Segundo Imperio e da Terceira Republica, Daniel, que se celebrou com uma biographia intellectual e sentimental de Nietzsche, gosta de vagar pelos povoados mais esquecidos da terra que Joseph de Maistre achava a mais bella das regiões depois do Reino dos Céos.

ACABA DE APPARECER:

F. CONTREIRAS RODRIGUES

TRAÇOS DA ECONOMIA SOCIAL E POLITICA DO BRASIL COLONIAL

Compilação historica em torno dos problemas da economia social e politica dos tempos da Colonia.

ARIEL EDITORA LTDA.

Preço 12\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

P O E S I A

O anno de 1935 pode-se dizer que foi litterariamente da poesia. Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima e Murillo Mendes arrastaram a nossa poesia para um primeiro plano... E, com tal força e com tanta seriedade que ninguém poderá mais afirmar que os poetas não terão mais lugar na terra.

Negar ao poeta o direito á vida é o mesmo que negar a propria vida. Porque qualquer esforço creador está ligado á poesia como a uma espécie de vida interior. Enganam-se os que ligam a sorte da poesia ao destino de certos poetas, daquelles que por serem alheios ao tempo se tornam em anachronismo, em pobres repositórios de resíduos. Os artificios do verso sim, estes não exprimem mais nada e nem tão pouco os simuladores de poesia.

Em poesia a mentira não produz nada. Sendo uma criação das mais ligadas ao corpo e ao espirito do homem, falsear e fingir em poesia é como se commetter um suicidio ou um attentado a uma vida essencial no homem. E, no entanto, poesia ficou para certa mentalidade do tempo, synonymo de mentira.

Não sei onde, parece que num dialogo de film de cinema, um sujeito dizia para uma mulher: "pode ficar tranquilla, é poetico mas é verdadeiro".

Tudo isso porque o artifice tomou conta do verso. Artifice em todos os sentidos: os que faziam versos perfeitos, e os artifices da desordem, os que rompiam com regras, mentindo do mesmo jeito. Velhos e modernos trahiam a poesia da mesma maneira.

No Brasil então fizeram uma pantomima do que era um drama dos mais sérios da humanidade. Emquanto em outras terras o poeta era um martyr na luta contra a monstruosidade do século, entre nós poesia virou recreação, uma coisa exterior, brincadeira de rapazes que falhavam no futebol.

Manuel Bandeira foi um caso aparte em sua geração, dando nos seus poemas uma tensão de vida que nos commove. A poesia delle viverá emquanto existir mundo porque exprimiu a porção de verdade que elle não disfarçou. Os outros mentiram, falsearam. Mas tambem ninguém mais sabe se elles existem.

O movimento moderno brasileiro esteve cheio destes embusteiros. Não se pôde dizer que elle tenha falhado, mas pouco criou. E até certo ponto foi util. Delle se serviu uma meia duzia de grandes espiritos para se exprimirem mais á vontade, mais livremente. Então, no que diz respeito á grammatica ninguém poderá negar a influencia benefica dos modernos. Os collocadores de pronomes que eram em nossa litteratura uma especie de carrascos, foram desmoralizados. A lingua se libertou assim de instrumentos de supplicio.

Mas os modernos mentiram demais. A poesia ficou rebaixada em suas mãos aos mais inferiores themas de composição.

Deu-se no Brasil com a litteratura o que sempre succede com as revoluções politicas, uma perturbação de sentidos. Todo mundo querendo mandar, ter o seu pedaço de autoridade. Sem as rimas, sem a metrica e os rigores grammaticaes o quadro da poesia regorgitou. Havia poetas sahindo de todos os fundos de recalques. O que é de lastimar, porém, é que esta avalanche não nos tivesse surpreendido com um desses valores, que as revoluções improvisam.

Aquillo que mais tarde no campo politico serviu para uma phrase de sensação, "o tal deserto de homens e de idéas", não foi mais que uma repetição. Nem um grande poeta nem uma grande expressão nova de vida se aproveitaram da confusão para attingir posição de culminancia.

Raul Bopp foi, realmente, o unico grande poeta do modernismo, e isto, porque, a sua Cobra No-

rato não era mais do que uma quasi auto-biographia. Isto pôde parecer extranho, mas é verdade. Todos os outros que fizeram jogo, que entram na poesia como num "bal masqué", estes nada fizeram que seja alguma cousa.

Mesmo falando de poesia moderna, Katherine Mansfield dizia: que ella lhe deixava uma triste impressão porque em grande parte ninguém podia ter a certeza se os autores dos versos eram de facto elles mesmos. A intelligente ingleza sentia uma separação absoluta entre o conteúdo da poesia e os poetas. Em vez de uma sinceridade que fosse um estado de alma, o mais inconfessavel disfarce dos sentimentos. Poesias e poetas andavam separados. Foi isto mesmo o que se verificou no Brasil. Deixando a mentira dos sonetos, cahimos na mentira dos poemas ironicos, anecdoticos, verde-amarelllos, anthropophagicos.

O livro de versos *Tempo e Eternidade* de Jorge de Lima e Murillo Mendes já nos chega fóra do modernismo, como já esteve Augusto Frederico Schmidt. Fóra do modernismo para estar mais dentro da vida. E' ahi que a gente sente que poesia é mais auto-biographia que mesmo o romance, e como é individual o destino de cada poeta, e como é differente e pessoal a poesia de cada um.

Jorge de Lima e Murillo Mendes resolveram se confessar num caderno, em commum, de versos. Acho este livro de poemas com este character de confissão, com esta cruel marca de realidade. Dois sujeitos crentes que abrem as suas almas em publico, e por serem, absolutamente, sinceros, o que elles cantam, commove, assume um relevo extraordinario perante nós outros.

Fui ler o *Tempo e Eternidade* prevenido, desconfiado de qualquer simulação. E, no emtanto, esse livro me deixou uma impressão profunda. Não só pela belleza, pelo rythmo, pela intensidade de suas imagens, mas pela penetração que elle deu na vida. Boukharine, o grande theorico do marxismo acha, que elles na Russia, deviam dar aos versos mais profundez, encher de sabedoria, de um conteúdo mais grave e mais complexo e de um pensamento mais philosophico, a poesia de seus contemporaneos. Boukharine fala assim, porque elle com a sua experiencia sabe que só é verdadeiramente grande o que se tira da vida.

Os grandes poetas christãos não são aquelles que quizeram ser, mas os mysticos que exprimiram os seus extases. *Tempo e Eternidade*, dos grandes poetas brasileiros, nos traz essa sabedoria que se elaborou na vida dos seus autores.

Em Jorge de Lima, o catholicismo sempre foi uma constante, e em Murillo Mendes, mais intellectual, mais secco, mais critico, a igreja foi mais um alvo, um ponto a attingir.

Por isso a gente sente nos dois poetas o modo pessoal de cada um contar o seu caso. Um se confessa mais sensualmente do que o outro. Os peccados de Jorge de Lima são mais da carne. Os de Murillo Mendes mais do espirito. E por isso mesmo mais dolorosos, mais complexos.

Mas ambos se elevam, abrem os seus corações com uma vibração de crentes. E fizeram um livro de fé e de experiencia. E por isto uma poesia que não mente e não simula. E lendo-os sabe-se que elles sentem aquillo mesmo, crêem daquelle geito e que os seus cantos saem mesmo dos seus corações, como a maior cousa que elles têm a offerecer ao seu Deus, o ouro e as essencias que elles trouxeram de longe.

JOSE' LINS DO REGO

Annibal Mattos — *Almas Solitarias* — Edições Apollo — Bello Horizonte.

De uma familia fluminense de artistas, filho de um homem de trabalho que foi amigo e protector do paizagista Grimm, o sr. Annibal Mattos está sendo um dos grandes animadores das bellas-lettras e das bellas-artes em Minas. Productor inexhausto, tanto a pintura quanto a litteratura e a sciencia são dominios familiares ao seu espirito. Fazem autoridade os estudos que lançou sobre Ouro Preto, sobre o doutor Lund, reputado por elle o verdadeiro creador da nossa paleontologia, e sobre os trabalhos de mestre Valentim, que deixou tantas coisas lindas nos altares e nos portaes da nossa egreja da Cruz dos Militares. Escrevendo tambem para o palco, o sr. Annibal Mattos mostra-se animado por uma vivacidade scenica que não deixará de empolgar os ouvintes. Seu dialogo, não sobrecarregado por uma parolagem preciosa, reflecte estados de alma bem brasileiros, e não lhe falta nunca aquelle calor humano, aquella vibração de ternura sem a qual não pôde existir obra de arte perduravel.

Guillermo Francovich — *Supay* — Norma Editora — Rio.

Poesia e pensamento puros são as characteristics desse livro do sr. Guilherme Francovich, joven escriptor da Bolivia que os convencionalismos da carreira diplomatica não roubaram ao trato constante de um nobre lyrismo philosophico. Mesmo escrevendo em prosa, sente-se nelle o poeta, mas um poeta que enxerga na vida, acima de tudo, um problema de consciencia e não consegue jámais separar o homem esthetico do homem moral. Sua maneira litteraria predilecta é a do dialogo, flor de espirito e flor de cultura que Plátão e Renan semearam e colheram com as mãos purissimas. Mas o seu dialogo, partido embora de um artista para quem o mundo é constante formação de belleza, não se derrama nas luxuosas ornamentações verbaes, no hedonismo fidalgo de um Wilde. E' apenas a meditação a duas vozes do homem que caminha para dentro de si mesmo, que, sem desdem aristocratico pelas turbas, prefere reingressar na propria alma, para bem saber o que significam Destino e Eternidade. O sr. Guillermo Francovich é dos que vêem tudo em função de symbolo. Tem um rythmo, sim, mas um rythmo que transcede da precaria ordem terrestre e, se é tão seguro, é porque está marcando as passadas de quem tomou desembugadamente o rumo de Deus.

Arthur Augusto — *Imagem* — Edições "Momento" — Lisboa.

Ninguém pôde permanecer insensível á sadia juventude romorosa, por vezes provocadora, desta intelligencia batida por todos os ventos que trazem polens e germens de uma feliz renovação litteraria. Senté-se, no sr. Arthur Augusto, a aversão ao estavel, e para elle classico é o que é realmente bello, ainda que tenha sido produzido agora mesmo. Em palavras que parecem apenas brincar ou provocar os adversarios, vae elle elucidando muita tendencia, muita personalidade portugueza de hoje, especialmente quando se trata de gente nova. Diz coisas de grande argucia sobre o escriptor Casaes Monteiro e, a proposito do poeta Antonio Botto, procura joeirar o bom do máo, accentuando o que ha de pessoal na inspiração desse patricio e o que ha de emprestimo ou contrafacção a outros autores. Estendendo-se á nossa litteratura, o sr. Arthur Augusto mostra que, espiritualmente, tem viajado bastante por aqui. Evidentemente, esse portuguez é dos nossos e, sem lisonja, sem ganancia de qualquer especie, muito se esforça por servir com honestidade o espirito brasileiro.

EXCESSO DE NORTE

Ao exaggero do incaracteristico, do artificialmente creado, do que brotou fóra de uma experiencia pessoal profunda, do quasi imitado dos exemplos europeus — que caracterizou mais ou menos o movimento modernista no Brasil — succedeu no terreno do romance a reacção do Norte a que assistimos durante esses ultimos annos, reclamando os direitos da terra, dos enraizamentos nacionaes, dos ambientes condicionadores dos dramas humanos, toda uma exigencia de não esquecer nunca que no Brasil o homem vive sempre num determinado lugar, numa dada zona, mesmo que se trate de capitaes ou de grandes cidades. E assim, ao longo dessa variação, o movimento litterario deslocou-se gritantemente do Centro para o Norte.

Não tardou porém que os limites dentro dos quaes essa reacção tinha de ser comprehendida fossem completamente ultrapassados e aos poucos até postos de lado. E o resultado foi bem triste: uma avalanche de testemunhos vindos do Norte ou do Nordeste, todos elles se pretendendo romances, mas na maioria dos casos simples depoimentos sobre a mediocridade litteraria nacional. De modo que não resta mais duvida hoje em dia: confundiu-se tudo, as noções certas que pareciam estar firmadas foram inteiramente por agua abaixo. Confundiu-se romance com testemunho, com obra educacional, com geographia, com historia, com propaganda (nacional ou anti-nacional), com pornographia, com vinte outras coisas. Escreveram-se romances, realmente? Salvo um ou outro, não creio que se possa responder que sim...

Não é possível negar: o successo dessa onda de pseudo-romances foi immensa — e os editores podem testemunhar... Creio mesmo que se póde dizer sem exaggero que, se nós não tivemos o momento das tolissimas "biographias romanceadas" com que os Maurois de todos os paizes substituíram a litteratura, tivemos, e infelizmente ainda teremos por muito tempo, o momento da geographia romanceada ou da propaganda ideologica romanceada que são fórmulas diversas de uma mesma subordinação do romance emquanto "romance", obra de arte, a fins determinados, isto é: concessões, traições, não raro mesmo simples meios de substituição litteraria.

Desappareceu assim o romance — o romance que era o essencial de *A Bagaceira* (1928) como quasi tudo em *Os Corumbas* (1933) — para só ficar o depoimento, a descripção de logares curiosos e de flagellos, de males sociaes e de explorações, como se no romance o caracteristico pudessem tomar lugar do geral, o social do psychologico, o politico do ontologico. O testemunho prestado deixou de ser testemunho do homem para ser testemunho do local, do regional, isto é, em ultima analyse, do social e do nacional. E a bem dizer o heroe desses romances passou a ser o Norte, quando só o homem podia ser esse heroe, como na

verdade só elle o é nos romances verdadeiramente certos que nos vieram do Norte: *Os Corumbas*, *A Bagaceira*, *João Miguel* e alguns poucos outros, entre os quaes não é possível deixar de contar alguns mais recentes como *Banguê* e *São Bernardo* (que não me agradam por muitos lados, mas que innegavelmente devem ser considerados romances certos).

Foi uma invasão, quasi um delirio. Os que tinham pensado que o Norte esquecera as suas funestas propensões á oratoria começaram a indagar se não estavam apenas deante de uma nova fórmula de escoamento ou de cristallização... E foi como se se tivesse dividido a região toda em varias capitánias para a devida exploração. Esse teria o Reconcavo, aquelle as fazendas de cacáu, aquelle outro os engenhos, ainda aquelle outro veria se conseguia tirar alguma coisa das seccas. Havia um romance de successo sobre o cacáu, outro sobre a vida das fabricas, outro sobre os diamantes. Far-se-iam novos, sobre o café, sobre a herva-matte, sobre o algodão, sobre a borracha, sobre a canna. Contar-se-ia tudo isso que vae ali esparso pelo Brasil, de Norte a Sul, tim-tim por tim-tim, sem deixar nada de esquecido, nenhum detalhe, nada mesmo. E a mysteriosa sociedade de elogios mutuos de autores do Norte promoveria a propaganda. Grande programma e grande sonho que aos poucos vae se tornando realidade á nossa custa, pobres leitores que ainda somos enganados, que estamos ficando mais espertos mas que ainda compramos *O Boqueirão* e *Coiteiros* porque *A Bagaceira* nos entusiasmou e esperamos do Sr. José Americo de Almeida a obra de um authentico romancista.

Na verdade eu não tenho nada contra esse furor civico de querer revelar "O Brasil aos brasileiros", louvavel até sob outros pontos de vista, innegavelmente, e tanto quanto se quizer... Acho apenas muito curioso que se tenha a coragem de escrever "romance" na capa desses documentarios porque os enganos não são poucos e os prejuizos ás vezes bem grandes...

Quem leu, por exemplo, *A Bagaceira* e gostou, compra naturalmente *Coiteiros* e *O Boqueirão*. Lê até com certa avidez, como me aconteceu. Entretanto, muitas vezes eu já me perguntei se jamais se escreveu no Brasil insanidades maiores? Não digo tanto por *Coiteiros* — que é por demais tolo e sem colorido para irritar, especie de film de far-west com "bad-end" — para não parecer ingenuo — mas por *O Boqueirão*, que é seguramente dos romances mais ridiculos, mais artificiaes, verdadeiramente peores em todos os sentidos possíveis, que já tive occasião de ler. Deante d'elle a propria *Viagem Maravilhosa* de Graça Aranha deixa de parecer artificial e ridicula. E os mais tolos e desenfreados desabamentos finaes do papelão pintado dos studios de Ce-

cil De Mille estão na verdade ainda distantes do final grotesco de *O Boqueirão*.

No entanto os dois romances do Sr. José Americo de Almeida foram considerados, discutidos seriamente — admirados como grandes testemunhos sobre dois dos nossos problemas capitais: o banditismo e a yankeesação do interior. Mas o mais engraçado é que ninguém, que eu saiba, teve a idéa ingenua mas acertadíssima de perguntar: por que o autor se lembrou de dizer essas coisas todas em romances? Por que não em pequenas monographias, uma vez que a unica coisa que elle tem para dizer são essas magras idéas?

Mas a febre do Norte era muito forte e ninguém queria saber de indagar se existia ali — ou nos outros romances de que cuidamos — alguma coisa que se approximasse de um romance. Situavam-se no Norte, descreviam regiões conhecidas, havia pelo menos um personagem falando sobre os nossos problemas? Então, se traziam o nome de romance, eram romances. E os livros não só se vendiam como todos os criticos falavam delles.

Emquanto isso surgiam romances e livros de interesse que passavam despercebidos porque não vinham no sentido da mania do momento. Não só não se falava delles, como não se considerava sequer que existissem. Já não me refiro a livros de poesia de importancia como os dos Srs. Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Francisco Karam e outros, mas a romances mesmo, situados apenas, por infelicidade de seus autores, em logares como a capital, onde o caracteristico, o local não podia apparecer, não tendo ahi grande importancia, não dirigindo mais os destinos.

Ecoaram assim no vazio romances cujas reaes qualidades são innegaveis. Para não falar de *Sob o Olhar Malicioso dos Tropicos* do Sr. Barreto Filho, que na verdade é anterior a todo esse movimento do Norte, lembro esses dois livros de qualidade bem rara no Brasil que são: *Em Surdina* de Lucia Miguel Pereira e *O Inutil de Cada Um* de Mario Peixoto. Falou-se muito da obra do Sr. José Americo de Almeida e da do Sr. Jorge Amado, falou-se até nas estréas estonteantes dos Srs. Clovis Amorim e João Cordeiro. Todo o mundo achou que estava na obrigação de saudar o apparecimento de *Banguê*. Mas ninguém leu *O Inutil de Cada Um* e *Em Surdina* foi englobado no mesmo esquecimento de *Maria Luiza*, exactamente como se se tratasse de romances da mesma qualidade...

Tal foi a avalanche que nos veio do Norte querendo completar e reforçar um testemunho que, começando com *A Bagaceira*, encontrou nos *Corumbas* o seu maior momento e que já agora degenerou quasi inteiramente. No entanto convem precisar um ponto para que não haja equívoco quanto ao sentido do que pretendi dizer.

Reclamando contra o exaggero do testemunhal, etc., nesses romances vindos do Norte não

quize absolutamente excluir o testemunho, em bem de um possível romance unicamente psychologico ou ontologico. Nem, denunciando a preocupação excessiva com o caracteristico, procurei fazer apologia do "aereo" (digamos assim, para caracterizar uma especie de romance do typo do *O Anjo*, do Sr. Jorge de Lima, a meu vêr a ultima das bobagens a que, num certo nivel intellectual mais alto, é possível chegar).

Não foi portanto nada disso o que quize dizer. Imaginar que romances passados no Norte, com homens que vivem em determinadas regiões, assolados por flagellos, lutando cegamente pela vida, etc., etc., possam não trazer a marca desses logares onde vivem — ou que os seus destinos assim necessariamente marcados não tenham interesse do ponto de vista do romance — parece-me igualmente errado, no primeiro caso por se negar a importancia do enraizamento ao solo do homem, no segundo por se levar longe demais a "hierarchia dos assumptos" de que Daniel Rops fala. Apenas, todos esses enraizamentos têm que ser mostrados (dado que se está escrevendo romances) através do homem, enquanto elementos do destino dos homens cujas vidas estão sendo seguidas.

Pois a verdade continúa sendo que no romance, se tudo não vier por intermedio do homem, não vem certo. O testemunho é sempre — ou pelo menos primordialmente —: testemunho do homem. Nesse como em muitos outros pontos sirva de exemplo aos que estão hesitando ou aos que precisam da lição a excellencia do ultimo romance do Sr. Lucio Cardoso: *Salgueiro*...

No homem da capital ou das grandes cidades o testemunho do local não importa (ou apenas de um modo especial, em certos casos). No homem do Norte é, pelo menos em grande parte dos casos, fundamental. Dessa opposição basica não podemos fugir. Tudo consiste, portanto, no romance não se deixar nunca absorver pelo testemunho, a que não póde ficar reduzido. Pois o romance é o homem e fugir a isso é negal-o ou ignoral-o, trahil-o ou sacrificial-o ao documentario, á propaganda ideologica. E é errar fragorosamente.

OCTAVIO DE FARIA

A. Pereira Caldas — A Idéa de Numero — Rio de Janeiro.

Engenheiro civil e professor de mathematica do Instituto de Educação, o sr. Antonio Pereira Caldas apresenta-nos uma interessante digressão em torno á parte subjectiva do numero. Alludindo aos velhos mestres que reconheciam a existencia de uma geometria não euclydiana, alonga-se, através de demonstrações das mais judiciosas, numa especie de bello jogo cerebral em torno de assumptos que manejados por outrem não saem de uma aridez das mais repulsivas. Familiar de todos os expoentes da mathematica e da geometria, o sr. Pereira Caldas é dos que encaram esses problemas com arte e elegancia. Eminent cooperador do nosso progresso ferroviario, leccionando e trabalhando dia a dia, não foge elle uma noite que seja ao contacto dos seus livros, esparecendo nas obras literarias sempre que as obras scientificas o fatigam um tanto. Dahi saber escrever com clareza, além de saber raciocinar com elevação.

"Rôle et Formation du Bibliothécaire"

Institut International de Coopération Intellectuelle — Paris, 1935.

O volume — admiravelmente bem apresentado — é dividido em duas partes. Na primeira encontra-se uma synthese comparativa do que se faz no Mundo a respeito de bibliothecas e seus respectivos serventuarios; na segunda, as respostas officiaes ao questionario do I. I. C. I.

Uma rapida introdução recorda coisas que se lêem em qualquer encyclopedia. Tomei nota de duas passagens: um pensamento de Milton — "Os livros não são, como parecem, coisas mortas; têm, de facto, um potencial de vida quasi igual á das almas que os crearam"; e um proverbio da Idade Media: "Convento sem bibliotheca é fortaleza sem armas".

Em latim tem mais sabor. *Clastrum sine armario quasi castrum sine armentario.*

Armarium — era o nome empregados pelos escriptores latinos do segundo seculo para designar uma collecção de livros. Das informações officiaes contidas na segunda parte é mais in-

teressante, por minuciosa e original, a da U. R. S. S.

Existem na U. R. S. S. — (Outubro de 34) — 103.376 bibliothecas fixas, 90.693 bibliothecas circulantes; quasi 272 milhões de volumes, cerca de 2 volumes por habitante. Uma bibliotheca para 1.645 camaradas. Isso, diz a nota, sem contar as bibliothecas do Exercito Vermelho. Antes da revolução sovietica possuía a Russia 12.000 bibliothecas, 9 milhões de livros. Respeitando os idiomas e outros caracteristicos espirituales dos povos que a constituem, a União das Republicas Socialistas Sovieticas organizam o que a noticia chama "rede de bibliotheca", todas ellas divididas em tres grupos: 1 — Bibliothecas Scientificas; 2 — Bibliothecas populares; 3 — Bibliothecas Infantis.

As do segundo grupo, talvez, as mais originaes, são, em geral, "regionaes e profissionaes". Vivem annexas ás fabricas, aos colchozes, aos parques de tractores, etc.

O preparo do enorme pessoal que as bibliothecas sovieticas requerem apresentou serias difficuldades. Quando estalou a revolução de outubro a Russia contava cerca de 77 % de analphabets. Das 160 nacionalidades que constituem a União, 130 não possuíam publicações proprias. Já em 1933, dezeseis annos depois da queda do regimen czarista, 90 % da população estava habilitada a tirar partido dos livros. Mostra o exemplo que si o Brasil ainda não sabe ler é que os mandões não querem... *et pour cause.*

E. ROQUETTE-PINTO

LEIAM

POEMAS

De Alberto Ramos

EDIÇÃO ARIEL

Em Todas as Livrarias

— O nome de Paul Claudel continúa em ordem do dia, depois da sua recente derrota na Academia Franceza, que preferiu ver sentar-se numa das suas poltronas a Claude Farrère, o conhecido autor de *Les Civilisés*, *La Bataille* e outros romances que lograram grande voga. Mas ha os que não se conformam com essa preferencia dada em detrimento do grande poeta de *L'Annonce faite à Marie*, tido por muita gente como uma das maiores glorias da poesia franceza contemporanea. Agora mesmo a Nouvelle Revue Française vem de lançar dois livros de Claudel: *Conversations* e *Le Livre de Christophe Colomb*. O primeiro é trabalho inédito, pelo menos em volume, e que reúne ensaios e criticas tão penetrantes e suggestivos como aquelles que já nos dera em *Approximations*. O segundo é apenas uma edição corrente do estudo acerca do grande genovez, que até então só pudera ser apreciado dos bibliophilos, através de tiragens limitadas e de grande luxo.

— Dez foram os concorrentes ao Grande Premio de Litteratura Colonial, de França. Ganhou-o Oswald Durand com o romance *Terre Noire*, no qual retrata aspectos e costumes de pastores e camponeses de Fouta-Djalon. Outros livros que mereceram a attenção do jury foram *Sahara*, de Charles Diégo e *Poupée de Chair*, de Arthur Martial.

— O romance de Simone: *Jours de Colère* tem merecido os melhores louvores da critica parisiense. Delle diz Edmond Jaloux nas *Nouvelles Littéraires*: "Uma data na evolução do romance... Um tal livro pediria longos commentarios, de tal modo é forte a lição geral que elle nos dá. *Jour de Colère* é uma obra de primeira ordem".

— Estão em moda as collectaneas de paginas escolhidas, em que os autores reúnem num volume o que mais lhes agrada na sua propria obra. Agora quem faz uma dessas anthologias é Francis Carco. O volume traz prefacio de Roger Verceel, um dos novos de mais renome no momento e justamente laureado pelos Goncourt no anno passado.

— A velhice não faz tremula a mão dos escriptores francezes. Assim é raro o anno em que Rachilde e Marcel Prévost, ambos já encanecidos e talvez septuagenarios, não nos dão um novo livro. Apenas, com o dobrar dos annos, a primeira se torna mais pudibunda e o segundo menos futil. Assim, para fazer esquecer *Madame Adonis*, *Le Vice Suprême* e outros romances cujos titulos já nos dizem bastante sobre os seus temas, Rachilde dá-nos agora *La femme Dieu*, historia muito humana e a que não falta uma sincera nota de emoção. O romance de Marcel Prévost: *Clarisse et sa fille*, embora não abordando um assumpto muito novo — os ciúmes despertados numa mulher pelo amor que o marido dedica á filha unica do casal — é conduzido com grande maestria e alcançou juizo bastante favoravel de Ramón Fernandez, na sua chronica semanal de *Marianne*.

— Georges Blond estreia-se com um romance, *L'amour n'est qu'un plaisir*, que é um dos grandes exitos do momento. Edmond Jaloux acha o novo romancista dotado de uma qualidade rara, o *realismo satyrico*, e acredita que o principal encanto do seu livro está "no relevo das silhuetas e na arte com que são apresentados os diversos episodios". Robert Brasillach, pela *Action Française*, chama Georges Blond "um Duvernois mais pessimista" e Eugène Marsan, pelas columnas de *Comoedia*, diz: "...este novo romancista, duma tão subtil originalidade, duma originalidade sem ostentação". Como se vê, os elogios vêm de todos os lados, pois que para aqui poderíamos trasladar outras referencias não menos auspiciosas.

— E' mais um livro de viagens, o que nos dá Jean Pellene com o seu *L'Inde s'entrouvre*. Aqui, nada de fantasias e caraminholas ao sabor dos que se comprazem com os contos das Mil e Uma Noites, mas uma narrativa honesta e precisa de tudo o que o autor poudo observar. Aliás, é elle mesmo quem nos adverte no prefacio: "Acompanhei, buscando retratar o perfil da India, a lenta progressão segundo a qual esta me appareceu".

Impressões de um Christão Novo do Regionalismo

O Regionalista Aprendiz vivia muito envergonhado de só conhecer de livros o sabor regional da vida de engenho. Não sabia como era um banguê. Em menino esteve em Muribara. Mas naquella tempo não era ainda regionalista. Da casa de engenho só lhe ficou como lembrança uma mancha escura de almanjarra, a que estava ligada a recordação sinistra de um primo esphacelado na moenda. O que o atraia então era a grande piscina de cimento onde se podia nadar... E o vulto encolhidinho da bisavó de noventa annos, cujos dentes perfectos começavam a cair.

O Regionalista Aprendiz fazia muitas perguntas sobre os banguês. Tinha medo que elles se acabassem de todo. Queria sentir de verdade o famoso cheiro das tachadas que respirado na infancia, dizia Nabuco, embriagava para o resto da vida. E perguntava a si mesmo se seria ainda possivel embriagar-se agora.

Não era só em materia de engenhos que lhe faltava o contacto vivificador da realidade. Ignorava tudo da alma profunda do Nordeste. Tinha um amor grande por todas essas coisas. Mas era um amor sem nenhuma experiencia, muito desinfeliz, embora cheio de ternura.

Na genealogia de certo tronco illustre da velha aristocracia rural, a "brava gente" das chronicas, não sabia distinguir o ramo hespanhol, que se assignava com *y*, do portuguez que se assignava com *i*.

Lembrava-se bem como lhe apontou o gosto pelas tradições de sua provincia. O pae possuia na bibliotheca uns livros grossos de lombada azul onde havia um titulo que o Regionalista Aprendiz, aos treze annos, não entendia bem (nem procurava entender): *Miscellanea*. Esses tomos de *Miscellanea* representavam um mundo para elle. Desse mundo um dos cantos mais cheios de delicia eram umas paginas de folk-lore de Sylvio Romero. As historias de jabotis e de onças encantavam-no. Havia detalhes perturbadores em certas quadrinhas que elle lia e relia sem se aborrecer. Por causa mesmo de uma quadrinha dessas metteuse em cabeça que aquella leitura devia de ser coisa prohibida e por isso lia sempre ás escondidas a tal *Miscellanea*.

Ha duas coisas no mundo
Que são da minha paixão:
Perna grossa cabelluda
Peito em pé no cabeção.

Que era *cabeção*? Uma vez, depois de muitos dias de medo e hesitação, perguntou á mãe: — "Mamãe, que é cabeção?" A mãe perguntou onde elle tinha lido a palavra. Então elle desconversou e sahiu correndo.

Disse que elle ignorava tudo da vida do Nordeste. Não é verdade. Ao menos a cozinha conhecia bem. Tinha viva a recordação das grandes tachas de cobre onde pelas festas a avó fazia

preparar a cangica de côco. (O encarnado do cobre polido era a côr mais nitida de toda a sua infancia.) Não só conhecia, como se deliciava sinceramente no paladar de todos aquelles pratos, de que ficou privado a partir dos nove annos.

Essa a unica superioridade que podia allegar sobre o ex-Regionalista, o que propriamente o differenciava do outro. Com effeito, o ex-Regionalista era um sujeito enfastiado que todas as manhãs, em frente de uma mesa repleta de cuscús, tapioca molhada, angú de milho e outras gostosuras, bebia um copo de leite condensado de Horlick a que misturava uma colher de um pó exquisito feito com ovo, malte e cacau, tudo coisa de fabrica.

Esse ex-Regionalista fôra como elle. Escrevera sobre cozinha pernambucana, sobre os descendentes dos fidalgos viannezes que vieram com Duarte Coelho, sobre os negociantes portuguezes que comiam nas calçadas da rua Nova em porcelana azul de Macau, sobre as sinhás que as mucamas espiolhavam na madorra das sextas, tudo com abundantes citações de Koster e Tollenare. Para acabar tomando leite condensado de Horlick...

Elle tinha que defender o seu amor periclitante contra o ruim pessimismo do ex-Regionalista. E foi sob os apupos do outro que partiu para o banguê de Victoria, a pequena cidade do interior pernambucano. A viagem correu difficil. Automovel empacado na lama, empurrado a braço, cordas enroladas nos pneumaticos. Mas no engenho o fresquinho de Petropolis; a hospitalidade confirmando as tradições ruraes; a varanda acolhedora; a capellinha tão amoravel, restaurada por um curioso mais dentro das linhas do estylo que tanta coisa que ha por ali afóra com pretensão a architectura tradicional; e finalmente o banguê.

A machinaria complicada da descripção de Antonil estava ali com a grande roda de agua, a moenda, o pairol, as tachas, a fornalha, a bagaceira, as fôrmas de purgar, tudo tão simples, facil, accessivel.

A expectativa sarcastica do ex-Regionalista ficou lograda. O Regionalista só tinha encontrado motivos de prazer. E' verdade que não contou para o outro a sua impressão do famoso cheiro que embriaga para a vida inteira quando respirado na infancia. Pareceu-lhe que pôde ser sentido numa simples chicara de mel de engenho e dispensa a infancia. O que não dispensa é o dom de poesia, como existiu em Nabuco.

MANUEL BANDEIRA

LEIAM

S. BERNARDO

ROMANCE DE
GRACILIANO RAMOS

SIGNAES DA ESCRIPTA

Como nos parece tosca e grosseira a nossa escripta occidental comparada com a oriental, com essa estranha e singular escripta chinesa, por exemplo, que é uma arte como a pintura, mais requintada talvez que a pintura porque a pintura se limita a sugerir pensamentos ou sentimentos por meio de formas concretas mas geralmente inexpressivas ao passo que a escripta chinesa, a escripta ideologica, transpõe directamente os pensamentos interiores ainda os mais complexos, que se traduzem desse modo por signaes graphics cada qual com o seu sentido proprio e suggerindo uma idéa nova. E' o que faz que muitos primores da litteratura chinesa são intraduzíveis, perdem a sua graça e o seu encanto quando transcriptos phoneticamente por isso que a maior parte do seu valor artistico está precisamente na riqueza e variedade infinita dos caracteres. De sorte que é comum ouvir dizer a um lettrado chinês á leitura de um bello poema: para bem apreciar este poema seria preciso vel-o escripto num painel por um habil calligrapho.

Ao lado dessa escripta ideologica, luminosa e decorativa, que nota o *sentido* das palavras articuladas, o nosso alphabeto latino, que se limita a registrar o *son*, é realmente grosseiro e rudimentar com as suas pobres vinte e cinco letras uniformes e inexpressivas: vinte e cinco pequeninos sarcophagos onde a idéa jaz inerte. Fossilizada, inerte, como o vôo incrustado de um insecto no sedimento calcareo.

THEORIA DA VIRGULA

A proposito da pontuação litteraria — digo litteraria para distinguir da pontuação usual corrente — quero expôr aqui succintamente o que chamarei a minha theoria da virgula. Admittindo que os signaes da pontuação na escripta latina são feios e desagraciosos (e acredito que ninguém se atreveria a contradizer-

me) excluido por conseguinte o factor esthetico que de algum modo justificaria o emprego ostensivo dessas excrescencias graphicas subsiste a favor da pontuação unicamente o factor *utilidade pratica*. Chegamos assim por uma deducção logica a este principio absoluto que prescreve formalmente os signaes da pontuação salvo:

a) com a função de notações musicas para marcar as pausas e os silencias.

b) *excepcionalmente* para supprir as defficiencias ou lacunas da clareza.

Advirta-se que uma clareza essencial é inseparavel do bello periodo ordenado e medido segundo as regras da proporção e da symetria e que o emprego abusivo das escoras da pontuação na estrutura da phrase denota menos uma technica infirme que um espirito claudicante.

Por isso chamei aos signaes da pontuação *as muletas do estylo*.

ALBERTO RAMOS

— Igor Strawinsky, um dos maiores nomes da musica contemporanea, vem de iniciar as suas memorias com um livro lançado pela casa Denoel e Steele e que tem por titulo: *Chroniques de ma vie*. Alguem, falando desse volume lamenta que lhe falem as anedotas vivas e agradaveis, de que são tão ricas as obras do mesmo genero escriptas por Berlioz e Gounod.

— Mais um filme inspirado na vida de Christo. Este tem por titulo *Golgotha*, e delle se dizem maravilhas. Os scenarios são de Ferdinand Earle, um mestre no genero. O papel de Nazareno coube a Robert Le Vigan e o conhecido actor Harry Baur encarna o Tetrarcha da Judéa.

— J. Kessel já é um escriptor bastante conhecido entre nós, depois que o seu excellente romance *Belle de Jour* foi vertido para o nosso idioma sob o titulo de *Luxuria*. Mas o livro que divulgou em França o nome de Kessel foi *L'Équipage*, um dos primeiros romances da aviação surgidos logo após a guerra. Kessel foi aviador durante a grande catastrophe, de que até hoje ainda não se refez a Europa, e, por isso, o thema não lhe tinha segredos. Agora, em seu livro mais recente, *Le Repos de l'équipage*, Kessel pega novamente nos seus antigos personagens de *L'Équipage* e lhes dá a continuação de seus destinos numa novella do mais palpitante interesse.

"O MOLEQUE RICARDO"

A Livraria José Olympio Editora, lançará em todo o proximo mez de julho, o *Moleque Ricardo*, o novo romance do escriptor José Lins do Rego. Continuando a sua série de typos da vida rural nordestina, o notavel romancista de Banguê e Menino de Engenho, dá ao *Moleque Ricardo*, a mesma força de suggestão, a mesma riqueza verbal que o collocam no primeiro plano das nossas lettras.

Menotti del Picchia — *Soluções Nacionais* — Editor José Olympio — Rio.

Neste livro o autor estuda a crise da democracia e a crise brasileira, apresentando soluções que devem ser levadas em conta pelos especialistas em taes assumptos. Não se trata, como poderia parecer, de uma simples sociologia de poeta. O illustre escriptor paulista, esquecendo no momento os seus lindos madrigaes, deu-se a uma analyse attenta dos problemas que nos opprimem e, apoiado em boa bibliographia, estruturou um livro em que ha, além de estylo, todas as fecundas virtudes da meditação.

Djacir Menezes — *Pedagogia* — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

Volume da Bibliotheca de Iniciação Cultural e Profissional. Apresenta-o um jovem sociologo e pedagogo nortista que, apesar de estar ainda longe da extrema maturidade de pensamento, já se fez ouvir e estimar em muitos recantos do Brasil. E' o sr. Djacir Menezes dos que se insurgem "contra o verbalismo da escola tradicional", procurando desenvolver o seu programma "dentro de orientação scientifica e positiva". Não receia elle aventurar-se por estradas ainda não familiares ás passadas de outrem e, nessa tarefa renovadora, conta com a brilhante collaboração dos professores patricios. Ao que se vê, espiritos como o do sr. Djacir Menezes, por isso que rebeldes á somnolencia da rotina, só poderão ser uteis a mestres e alumnos, provocando em nossas escolas a mais bella e a mais fecunda das emulações intellectuaes.

Humberto de Campos — *Crítica* — 3.ª Série — Livraria José Olympio — Rio.

Não sendo um critico profissional e não possuindo nenhuma deformação de espirito propria dos que julgam em caracter permanente, Humberto de Campos foi, com o encanto que lhe marcava todos os escriptos, um homem que passeava através dos livros nacionaes, a lembrar sempre coisas de litteratura estrangeira e a extractar desses confrontos os mais felizes effeitos, num jogo de analogias que ninguém sabia conduzir como elle. Nesta terceira série de commentarios a autores nossos, observava-se em Humberto, como de costume, uma grande tendencia ao louvor e nenhuma severidade de zollo mettido a estraçalhar as produções alheias. Formosas são, especialmente, as paginas consagradas aos srs. Menotti del Picchia, Jonathas Serrano, Peregrino Junior e Paulo Setubal.

Alfred Fabre-Luce — “La Vie de D. H. Lawrence”

Editions Bernard Grasset — Paris 1935

O livro de Alfred Fabre-Luce é o terceiro que teio sobre Lawrence; digo o terceiro, embora só conheça dedicado a elle o volume de memorias daquella excentrica Mabel Dodge, porque, segundo Fabre-Luce, o seu romance *Sons and Lovers* é uma auto-biographia muito fiel. E confesso entender eada vez menos essa figura extranha, hybrida de apostolo e gozador, repulsiva e seductora.

Exerce sobre os leitores uma singular fascinação — a fascinação dos seres para quem o bom-senso é letra morta, que são por isso mesmo sempre inesperados, oscillando entre a razão e a loucura.

Um intellectual que despreza a intelligencia; um escriptor que vive a falar em innocencia e pureza e cujos livros foram perseguidos como pornographicos; que não admite Freud mas constróe a sua obra sobre o sub-consciente; um pintor de quadros — e de paredes; um artista que se compraz nos trabalhos manuaes os mais grosseiros; um homem franzino e doente para quem a vida animal tem uma importancia absoluta; um mystico que empreendeu de idealizar a materia, que pregou uma sublimação ás avessas: a purificação do sentimento pelo instincto e não mais do instincto pelo sentimento.

Dahi talvez lhe venha a sua antipathia por Freud; este ainda admite uma hierarchia, um certo primado do espiritual, não como causa, mas como fim; os que logram sublimar uma tendencia de algum modo se elevam. E' contra essa elevação que se ergue a obra de Lawrence; exige o predomínio do instincto sem restricções, não como uma expansão necessaria mas podendo, senão devendo, ser guiada e canalizada, mas como a suprema conquista da natureza humana.

O poeta — porque todo o valor de Lawrence está em ter sido um incomparavel poeta — foi muito mais longe no materialismo que o scien-tista.

Sobretudo conseguiu estabelecer uma confusão completa entre os planos da materia e do espirito, emprestando áquella toda a belleza deste.

Essa confusão faz de Lawrence o propheta da nossa época, que a outra cousa não tende senão a collocar a desordem no lugar da ordem, a intuição no do raciocinio, o instincto no do dominio sobre si, a obscuridade no da clareza.

Aliás, assim incomprehensivel como é, esse inglez tão pouco britannico parece uma encarnação de muitas tendencias modernas. Homem de genio, sentiu-as com maior intensidade, tornou-as mais apuradas, mais visiveis. O novo mysticismo, esse mysticismo sem Deus que Chesterton denunciou como um dos nossos males, tem nelle o seu melhor representante.

Alfred Fabre-Luce, resumindo a sua vida agitada em pouco mais de duzentas paginas de uma rara penetração, nos dá della uma admiravel vi-

são de conjuncto que torna muito nitida essa harmonia entre Lawrence e o seu tempo. E' verdade que foi combatido; mas a immensa repercussão de sua obra mostra bem que o foi apenas pelo decoro official da Inglaterra. Para além dessa fragil capa puritana, quasi todos os homens de um mundo pagанизado estavam promptos para receber a sua turva mensagem.

Homem excessivo, caprichoso, morbidamente cioso do seu eu, a sua existencia se resentiu disso. Nomade, em toda a parte fazia logo em torno de si um ambiente extranho, exaltado, sobrecarregado de intuições, de percepções quasi divinatorias, de communicações mudas, de obscuras correntes espirituaes. Uma sensualidade diffusa e forte, misturada com um quê de infantilidade, banhava os objectos como as creaturas. Parecia haver sempre uma tempestade suspensa no ar, prestes a explodir. Mas uma certa ingenuidade — a ingenuidade dos que não fazem nenhuma differença entre o bem e o mal — adoçava um pouco a athmosphera electrizada.

Pela Inglaterra, pela America, pela Australia, pela Italia, passeou esse solitario imperialista a sua sensibilidade morbida e a sua mulher exuberante, aquella allemã Frieda a quem amava e odiava furiosamente.

Só uma cousa lhe valeu, impediu-o de resvalar de vez para a loucura: a sua actividade manual. Cozinhando, esfregando o chão, lavando roupa, pintando moveis elle conseguia aplacar um pouco a sua excitação. O cansaço physico agia como um calmante e mantinha esse agitado em contacto com a realidade.

Está ahi um caso que vem desmentir as theorias sybaritas de Wells sobre as condições do trabalho intellectual... Viver apenas no mundo das idéas e da criação artistica representa quasi sempre um grande perigo. Lawrence o percebeu em boa hora. Tuberculoso, sem filhos, sem outra profissão, fugindo do convívio dos outros homens que suspeitava sempre de lhe quererem sugar a força vital, sem essas obrigações salutaes se teria perdido de todo no seu desvairado mysticismo.

No livro de Alfred Fabre-Luce, retrato mais do que biographia, e retrato muito vivo, a sua figura bizarra não é nunca amesquinhada pelo desejo de explicar, de buscar pretextos plausiveis para as attitudes. Não ha nenhuma dissecação. Nenhuma catalogação. Mostra Lawrence como foi, cheio de sympathia por essa personalidade mysteriosa. Conduzido com uma rara maestria, entrando em cheio no assumpto, escripto numa linguagem luminosa, o estudo, com excepção das ultimas paginas, é admiravel. No fim, cõe bruscamente.

Levado por seu enthusiasmo por Lawrence, estabelece uma parallelo entre elle e Jesus. Ora, não é preciso ser christão para sentir toda a monstruosidade de semelhante comparação. Além de um

EROTISMO E MYSTICISMO

Estou diante de um livro de versos que traz no portico este distico: *Restauramos a poesia em Christo*. Poderia, aqui, tomar a attitude de Voltaire. Não tenho relações com Deus, mas cumprimento. Respeito as intenções dos dois poetas, Jorge de Lima e Murillo Mendes, que se propõem a fazer poesia religiosa em *Tempo e eternidade*. Digo propõem muito de proposito. Para esclarecer: nenhum bispo daria o "imprimatur" a esse livro, bem differente das locubrações de Durval de Moraes e daquela exuberante senhora da Bahia que assignava Ancilla Domini nos jornaesinhos dos Salesianos de Santa Rosa, onde, diz a apostilla biographica, o senhor Murillo Mendes aprendeu o seu primeiro latim... Podem os autores ter, talvez, um elogio com restricções do sr. Tristão de Athayde, mas o conego Henrique de Magalhães achará que a obra não é dessas que possam ir ás mãos das meninas do Sacré Coeur... Não é que o livro não seja interessante. E' precisamente porque é interessantissimo. Em vez do dedo padresco, que vinca as edições chatas das *Voices de Petropolis* e da *Bôa Imprensa*, o que *Tempo e Eternidade* traz é a marca de duas personalidades fortes, dessas que não se despojam nem um tiquinho do que é seu.

Jorge de Lima, aliás, varre logo a sua testada, não querendo confusões com padres:

Pobres de espirito os que julgam a Lei pelos homens da lei.

A Igreja pelos homens da Igreja.

A eternidade por um trapo de tempo...

sacrilegio, é contraproducente. Ridiculo o seu herói. Porque a mãe e o pae de Lawrence viviam mal, diz-nos que é, no sentido profundo, filho de uma virgem. Porque soffreu com a guerra, nol-o mostra como o redemptor da ignorancia dos homens de estado e da crueldade das machinas. Porque, num jantar no Café Royal em Londres, jantar em que reunira os seus amigos para os convidar a romperem com o mundo e viverem segundo as suas idéas, recebe um beijo de seu inimigo Murry, o marido de Katherine Mansfield, o seu biographo ousa evocar a ultima ceia e o beijo de Judas.

Ahi está. Jorge de Lima, toda gente sabe que é mesmo poeta. Poeta ao geito antigo, teve um soneto que ficou celebre. (Um soneto celebre era a gloria dos poetas antigos do Brasil: *Quando uma virgem morre...*, *A vingança da porta*, *O cysne*, *Cadaver de virgem*, etc.). Poeta ao geito moderno, teve dezenas de poemas sabidos por toda gente e alguns mesmos, como *Nega fulô*, só faltaram andar viajando de bonde, como aquelle *Veja, illustre passageiro*, que persegue a gente em toda parte. Em *Tempo e eternidade* elle é o mesmo poeta, com o mesmo sensualismo que transborda de *O Anjo*, seu poema em prosa com feitio de romance. A cantiga do rei David na janella é a confissão de pensamentos intimos do proprio poeta, vendo, através dos seculos, pelo telescopio magico de uma imaginação erotica, a autentica mulher de Urias, de peitos tão bellos como jamais se viu. Essa cantiga, que lembra o rythmo dos velhos romances, é uma das coisas melhores do livro. E meninas não podem declamar nos theatros e nos radios, porque as mães acharão feio. De um espirito independente, com a cultura e o talento de Jorge de Lima, não se podia esperar uma attitude de subordinação ao dogmatismo. Seria logo frade de uma vez esse distribuidor de graças medicas incansavel. O mesmo digo de Murillo Mendes. Não tenho o direito de duvidar de sua fé religiosa, que elle mesmo proclama. O que duvido é que Murillo nella permaneça. Espirito inquieto, sarcas-

tico, de uma irreverencia sem medida e por isso mesmo optima para o consumo das palestras entre camaradas, não sei se elle se accommodará por muito tempo no sector em que se collocou, na sua conversão recente. Murillo não pode fugir ao seu destino. Seu espirito epigrammatico se manifesta mesmo nas entrelinhas do que escreve com tendencias christãs. Aquella allegoria que termina com a citação da legenda "Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade", é um exemplo disto. Murillo atravessa uma phase de profundo misticismo, mas ainda é o mesmo Murillo que ridicularizou o mais apothosado feito revolucionario do Brasil, a batalha de Itararé, que não houve... Tem momentos de alta poesia, como no seu *Testamento do poeta*, mas a gente sente que está constrangido, fóra do seu lugar, quando entra a fazer obra de evangelização. Murillo inconoclasta é preferivel a Murillo apostolico. *Tempo e Eternidade* é um documento litterario interessantissimo, como já disse, e vem pôr novamente em fóco a poesia, que andava muito escorraçada. Jorge de Lima e Murillo Mendes vão ser discutidissimos por quem possa fazel-o melhor do que eu leigo em religião e mais leigo ainda em poesia. Dos padres, porém, é que não hão de ganhar applausos, elles que acceitam a vida "perdida", com seus cinemas, e talvez só comprehendam os anjos voando pela estratosphera em monoplanos de 400 HP...

R. MAGALHÃES JUNIOR

E finalmente diz que Lawrence passará á posteridade "crucificado na cruz do sexo". Depois de tudo isso, a figura de Lawrence poeta, que surgira tão attrahente aos olhos do leitor, com a sua sinceridade, o seu magico poder de creador, se vae amesquinhando deante do ante-Christo improvisado, com os seus arrepios de hysterico, o seu egocentrismo de doente, o seu complexo de Edipo, a sua pobre humanidade cheia de fraquezas.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

" MAIN STREET "

Graças ao bom Deus, ao premio Nobel, ao cinema e a dois ou tres divulgadores mais imperitinentes o nome de Sinclair Lewis vae se tornando um pouco familiar ao publico leitor brasileiro. E oxalá que esse interesse cresça sempre em intensidade e extensão, permitindo que a influencia de uma literatura tão humana e viva se faça sentir beneficemente no artificialismo das nossas letras.

Sobre os processos de technica de romance do autor de *Arrowsmith* nada diremos aqui, para não repetir aquillo que já explanámos em artigo anterior, quando procurámos attingir o sentido intimo da obra do grande escriptor americano. E é facilmente verificavel, desde a publicação de *Our Mr Wren* até *Ann Vickers*, que os methodos litterarios de Sinclair Lewis são sempre os mesmos, embora progredindo, de livro a livro, em elegancia e simplicidade de fórmula, sobriedade no jogo dos elementos artisticos e minuciosidade no estudo dos caracteres principaes e secundarios.

Aqui, como claramente indica o titulo que escolhemos, queremos restringir a nossa critica ao seu romance *Main Street*, um dos primeiros da serie dos seus grandes romances universaes e cuja traducção franceza parece ter alcançado pouca repercussão entre nós. Foi esse grande livro, entusiasticamente recebido por John Galsworthy, que exalçou o seu valor de obra-prima da litteratura humana, a chave que abriu para Sinclair Lewis o mundo culto europeu. Se *Babbitt* e *Arrowsmith* consagraram-lhe a nomeada universal, só o poderam fazer depois que *Main Street* chamou a attenção dos homens civilizados para o novo expoente cultural que se elevava na terra yankee.

O livro é o estudo de uma pequenina cidade do Minnesota, Gopher Prairie. E' a retratação fiel do localismo, do espirito provinciano do grande povo norte-americano, da eterna satisfação e orgulho de si mesmos e da moralidade estreita do puritanismo que encobre os instinctos de expansão e predomínio. O ambiente está magnificamente posto de pé, entrechocando-se na minuscua cellula social do Northern Middle-west todos os grandes problemas de uma nacionalidade cujas palpações de vida são demasiado importantes para os demais povos do planeta. Perpassam, em suas paginas ironicas, todos os typos e almas da cidade que se ergue entre os gigantescos trigaes como um polvo que suga tudo, atravez dos bancos e das hypothecas. Exprime eloquentemente a estreiteza dos sentimentos, a falta de superioridade moral e comprehensão intelligente de uma collectividade muito primaria, que cogita, antes de tudo, de assegurar o predomínio proprio com a satisfação dos instinctos egoistas de cada um dos seus membros. E' um crustaceo que se encolhe e reage á menor tentativa de mudança, ao minimo ensejo de uma transformação que não esteja fadada ao augmento de poderio dos seus membros mais proeminentes.

E o livro demonstra, com muita clareza, pela simples evocação da vida ambiente, como todas essas acções e reacções do instincto de conservação e da ansia de expansão de cada um são mascaradas com os intuitos mais nobres e elevados, rotuladas como se fossem manifestações de uma actividade superior e de um pensamento sublimado. E a mais deliciosa das hypocrisias — consciente ou inconscientemente — perdura em todos os actos da maioria dos personagens — Sam Clark, Maud Dyer, Juanita Haydock, Aunty Bogart, Mrs Westlake — fazendo-os agir como verdadeiros fanaticos na defesa dos seus interesses immediatos. E a acção delles, silenciosa, invencivel, nos momentos normaes, transforma-se, se preciso fôr, numa furia de tufão, sacudindo tudo por baixo, agitando os instinctos elementares da collectividade para a segurança e progresso das suas preciosissimas existencias. Commungando nos mesmos principios, elles tecem uma rêde de malhas cerradas e invisiveis que se infiltra em todos os sectores da vida social e sómente permite a influencia alheia quando aparentemente inoffensiva e humildemente respeitosa e resguardadora dos quadros de sua existencia normal como no caso da reformista Vida Sherwin.

Essa *élite* dos Clarks, dos Westlakes, dos Haydocks, dos Dyers, dos Jersons, dos Elders e outros, corpo e alma da nação, é composta dos americanos 100 %, a fina casta que opera e orienta. Elevam-se como uma torre de sabedoria, majestade e poderio entre a multidão desprezada e vil dos *farmers* escandinavos e germanos. São ardentes, entusiastas, amigos da lingua solta e das palmas nas costas e campeões das recepções estardalhaçantes. Têm sempre os olhos fitos no proximo modelo Ford, o ouvido aguçado para o ultimo escandalo local e a preocupação firmada nos lucros das especulações sobre os dominios territoriaes e na construcção de uma nova residencia, imitando a fachada da casa do vizinho mais prospero. São os homens da campanha do *boosting*, adeptos da côr local, que é a côr de mais de dez mil cidades eguaes, e insensiveis ás modificações do universo. Para elles, Gopher Prairie é o que está certo. E' o quadro indispensavel e normal de toda e qualquer existencia razoavelmente humana. E aquelles que assim não pensam, e não agem em consequencia dessa idéa tão alevantada, são considerados como rebeldes, os renegados, dignos de excommunhão e exterminio. E quando um desses notaveis cidadãos do Minnesota — espiritos summamente provincianos — se desloca atravez do mundo, viaja procurando sempre os pontos de contacto com a sua cidade querida, desejando que todo o planeta seja uma reproducção fastidiosa e monotona do ambiente quotidiano de sua vida pacata e sem aventuras.

O romance, em todas as suas paginas, é a luta continua e sem quartel de Carol Kennicott, esposa

do Doc Kennicott, com esse meio estreito e mesquinho. Nascida e educada em St Paul e Minneapolis, acostumada á atmospheria rarefeita das grandes cidades do Middle-west, ella reage desde o principio, desde quando o trem se approxima de Gopher Prairie, contra a esterilidade e a inferioridade da sociedade em que começa viver. Toda a sua história, superiormente desenvolvida pela penna de Sinclair Lewis, é o esforço de um organismo robusto para resistir á intoxicação do *village virus*, endemia local, que se apossou de uma intelligencia tão viva como a de Guy Pollock. E cada uma das multiplas scenas e choques que compõe o romance é a narração artistica e minuciosa das suas tentativas de fuga deante da pressão esmagadora da pobreza dos espiritos que a cercam e envolvem. Pouco a pouco, annullados os seus anseios de adaptação e seus esforços de mudança do ambiente, Carol é tomada por um desanimo invencivel que culminou na scena da fuga final para o East, de onde volta dominada pela serenidade e equilibrio indispensaveis para viver em Gopher Prairie.

O drama dessas fugas, magnificamente architectadas, consagra o creador de Babitt. Tudo está admiravelmente focalizado, desde as reconstituições da natureza — lagos e trigaes — sahidas da mesma penna que descreveu o ambiente de *Mantrap*, até os caracteres dos personagens e os moveis psicologicos de cada uma de suas attitudes. Assistimos, de scena em scena, o debate intimo de Carol, expulsa de todos os refugios onde procurou abrigar-se da seccura das almas e da mesquinharia dos espiritos vizinhos. A principio, o amor do marido encheu-lhe a vida de illusões e animou-lhe o entusiasmo para transformar a pequenina cidade do Middle-west numa terra medianamente habitavel. Desde logo, porém, viu-se obrigada a recuar desse retiro por encontral-o inteiramente conquistado pelo espirito local que fez do Dr. Kennicott uma das suas mais predilectas armas de combate contra as suas velleidades e aspirações de *doing things*. Buscou, então, apoio na amizade de Guy Pollock, na inclinação commum dos mesmos gostos litterarios e, de subito, recuou por descobrir nelle um accommodado, um espirito já conquistado pelo ambiente. Num instante, a maternidade e a amizade de Miles Bjornstam, temperamento rebellado, critico caustico da sociedade local, animaram a sua existencia de uma côr mais viva. Mas, muito cedo, o seu espirito inquieto procurou alguma coisa mais forte, já que o filho não lhe satisfazia a intellectualidade vibrante. E, assim, as obras de benemerencia social, o esboço de uma associação dramatica e o seu grande amor por Erik Valborg tiveram tambem um epilogo quasi grotesco e desanimador. E, dia a dia, Carol foi batida, destruida nos seus anseios e entusiasmos, cedendo o terreno aos magnates locais, aos herões da vida prospera, aos adoradores do misero quotidiano. Foi então que, fugindo para Washington em companhia do seu filho Hugh, apezar de definitivamente vencida por Gopher Prairie, ella encontrou em si mesma, depois de um anno de luctas e

CARIOCAS E PAULISTAS

Impressões do Brasil

por Mendes Corrêa - Porto, 1935

Sem favor é Mendes Corrêa um dos espiritos mais ageis e eruditos de Portugal. A grande nomeada que soube conquistar nos meios scientificos, pela originalidade e segurança das suas pesquisas technicas, em nada prejudica á sua reputação de escriptor vivo e leve, observador espirituoso e amavel que, neste volume, deixou mais um traço da encantadora personalidade.

Imagino bem o alvoroço com que acceitou a honrosa missão de vir inaugurar o Instituto Luso-Brasileiro, lendo no seu livro que "anthropologista, ardia em desejo de conhecer esse formidavel laboratorio de ethnogenia que é esse grande paiz. Portuguez, ambicionava contemplar o mais brilhante padrão do esforço colonizador dos Portuguezes e admirar a sequencia actual desse impulso magnifico".

Mesmo recheiado de conceitos amaveis para os institutos culturaes e para os representantes das sciencias, letras e artes do Brasil — conceitos, ás vezes, como no meu caso, demasiadamente generosos — o livro de Mendes Corrêa não deixa, quasi sempre, de apontar com justiça, delicadeza e finura, muitos aspectos criticaveis da nossa vida. O illustre mestre andou por aqui ás pressas; não chegou, litteralmente, para as encomendas, tantas as pessoas que desejaram prestar-lhe homenagem e aproveitar do seu convivio. No entanto, ás pressas, de certo, mas de olhos bem abertos. Pontilha-se o volume de numerosos traços de observação arguta e espirituosa, a respeito dos nossos costumes, da nossa falla, da nossa existencia corrente. Até mesmo aneddotas, ouvidas no Brasil, Mendes Corrêa transcreve com graça e sympathia. Ao lado disso, porém, não ha como esquecer o que elle consagrou a muitas questões puramente scientificas de anthropologia, ethnologia, medicina legal, historia e arte.

Mendes Corrêa, em tão poucos dias, *sentiu* o Brasil profundamente, no espirito do seu povo e nas feições da sua terra. Um dos milagres do coração — é que elle não precisa de Tempo...

E. ROQUETTE-PINTO

indagações, a energia e o equilibrio necessarios para viver entre os insupportaveis amigos do seu marido, acceitando as realidades de suas vidas mesquinhãs sem perder a inteireza da sua personalidade mais do que nunca entretida no cultivo proprio e na educação de Hugh Kennicott, fóra da contaminação daquelle espirito provinciano que ella odiara e finalmente soubera vencer pela serenidade e indifferença.

VIRGINIO SANTA ROSA

Problemas da Philosophia da Cultura

Havemos de pagar bem caro o nosso descaso pelo estudo dos problemas da cultura. Nem sequer supomos que existem.

Deu-nos o ensino superior até hoje apenas bachareis, medicos e engenheiros. Entretanto não é sómente de profissionaes que necessita o paiz.

Nas democracias apressadas do Novo Mundo não ha lugar ainda para os homens de idéas geraes — sociologos, philosophos, estadistas, — guias, todavia, indispensaveis ao bom governo dos povos.

Já estou prevendo objecção de peso. Dir-me-á o leitor: a Russia, com o seu grande idealismo romantico; a Allemanha com a sua technica e tradição de cultura philosophica; a Italia, com o seu rico patrimonio intellectual, ameahado desde a Renascença, cahiram nas mãos de primarios incapazes e barbaros.

Alli em nome do materialismo historico, philosophia obsoleta, turfado de sorelismo, se commetteram as mais terriveis devastações, prejudicando pelo excesso justissimas reivindicaciones proletarias. Na patria de Goethe desenterra-se o racismo, doutrina pseudo-scientifica só digna de figurar em banca de engraxate entre os folhetos da litteratura de cordel, para norma suprema da politica do Estado. Na Italia, em falta de doutrina mesmo antiquada, entrega-se o poder, sem controle de especie alguma a um dictador perpetuo. A sua ordem juridica baixa ao nivel da de republiquetas americanas.

Mas, essas nações tiveram e têm uma cultura que reagirá mais cedo ou mais tarde, contra os regimens que, de momento, as infelicitam e degradam. Que será de nós, porém, quando trasladarmos e arraigarmos aqui essas ideologias extremistas, totalitarias, ou que outro nome tenham?

O campo está aberto para o infeccionamento. A alma nacional ainda em formação, apta para

receber o virus e sob seu influxo descontrolar-se por completo. O atavismo indigena, que jaz dentro de nós mal adormecido, virá á tona e não se duvide que poderemos voltar até ao ritualismo da anthropophagia. E pregadores da ordem forte e rigida talvez contemplem, desolados, os mais vastos panoramas de desordem.

Então veremos como nos descuidamos no tratamento dos problemas da cultura. E sentiremos como já estamos sentindo, a falta de seguras directrizes.

A Constituição que ahi está já é uma bôa amostra do abaixamento do nivel de certos aspectos de nossa civilização. Tambem parece que houve ogeneralizado proposito de afastar da constituinte os valores, que poderiam ter contribuido para que não sahisse de todo obra atabalhoada e insincera.

Velam, todavia, por nós as leis da morphologia da cultura silenciosamente. E, ainda que o não queiramos, havemos de nos affeição ás sãs conquistas do pensamento contemporaneo. En-

tramos, ha mais de seculo, na area da cultura franceza e della não nos será mais facil sahirmos. Felizmente para o Brasil

Sem embargo de estarmos culturalmente presos á França, devemos tomar conhecimento de alguns allemães, modernos theoricos da cultura.

Conheceis, por ventura, Sauer? Elle nos fala de *monadas de valor* e funda a sua philosophia da cultura na hypothese da conservação das mesmas nas profundezas do real.

Conheceis Alois Dempf? Sua *Filosofia de la Cultura*, trasladada ao hespanhol, edição da *Revista de Occidente* é o mais completo tratado philosophico do assumpto.

Continuam ambos as especulações de Eucken, Rickert, Breysie, Spengler e tantos outros que tem aprofundado o problema na Allemanha.

Não é delles que vos quero approximar agora, senão de H. Schneider que induziu uma lei de cultura que particularmente nos interessa como paiz de immigração.

Descobriu Schneider que os principaes surtos culturaes europeus apparecem entre 500 a 600 annos após um intenso mesticismo. E se annunciam pelo apparecer de um grande poeta.

Assim aconteceu na Italia, que seis seculos depois da conquista do norte pelos lombardos, houve Dante. Assim se deu na França: no V seculo os borgunhões lhe invadem o meio dia, e em principio do seculo XII dá-se a maravilhosa eclosão da poesia trovadoresca. Assim tambem occorreu na Grecia, onde o nascimento de Eschylo teve lugar seis seculos depois da invasão dos dorios.

Na China, cinco seculos depois da conquista dos Tchou (1123) vem a época classica de Lao-tse e Confucio (600-480).

Schneider ainda offerece outros exemplos.

Esses e outros facto apontados, demais significativos, não pode-

leiam
ESTRANGEIROS

O Novo Livro

de

AGRIPPINO GRIECO

em Edição de

ARIEL Editora

riam ser tomados como meros productos do acaso, palavra que apenas mascara causalidades mais profundas desconhecidas.

R. H. Towner (*La Philosophie de la Civilisation*, 1927) também nos chama a atenção para a grande importancia do problema sexual (monogamia, polygamia; mulheres de temperamento frio, e por isso mesmo dotadas de cerebralidade, etc.) como factor de civilização. Entreviu, pois, a questão ventilada por Schneider. E, interessante, também assignala periodo não tão longo, porém, de tres seculos, para se colherem os primeiros resultados dos casamentos frios. Creio que assim se deveriam chamar aquelles não consentidos pelas mulheres... Entre o rapto das Sabinas e o apparecimento das Lucrecias e Virginias medeia aquelle periodo.

Das nupcias forçadas das princezas e aristocratas chinezas com os Tartaros ao nascimento de Gengis Khan, o conquistador famoso, dellas descendente, também decorreu aquelle periodo trisecular.

Schneider, pode-se dizer, generaliza: não é preciso que as mulheres sejam frias, basta que sejam differentes. E aqui, no Brasil, senhores e escravos fizeram á noite, não só os homens do futuro, e como diria Augusto dos Anjos, mas também a cultura independente a que aspiramos. A luz desses philosophos da historia, devemos todos reler o grande livro de Gilberto Freyre — *Casa grande e senzala*.

Todavia prefiro, num mergulho no porvir, antever o que será o Sul, quando os casamentos entre italianos, hespanhoes, alemães e brasileiros começarem a dar o humus biologico para florir uma nova civilização.

Que problemas interessantes se enquadram no ambito da philosophia da cultura!

E nós que possuímos tanta terra e a largueza do tempo, a nos preocuparmos com os *ismos* da politicalha européa, como se tivéssemos o dever de acompanhar a decadencia do Occidente!

Esperemos do Tempo prodigios!

ALCIDES BEZERRA

"JEAN LE BLEU" - Jean Giono

Jean le Bleu... Como considerar este livro? Romance, novela ou biographia?

Poderia ser qualquer dessas coisas, mas preferimos pensar nelle como sendo um ensaio de biographia, e como tal o collocariamos ao lado da magnifica *Portrait of the artist as a young man* de James Joyce. Não que sejam parecidos, quer na composição, quer nos factos que relatam, mas porque em ambos sentimos a mesma nota de sinceridade, de honestidade, de desnudamento de alma.

Jean le Bleu é um meninote, filho de um sapateiro philosopho e bondoso, que vive num casbre escuro da provincia, em França. Aos poucos vae elle abrindo os olhos para a vida e para o mundo; para o que têm de sordido e de magnifico; para o magnifico do sordido e o sordido do magnifico.

E vae aprendendo a sentir, a utilizar-se dos sentidos conscientemente para viver, para viver pelos sentidos aguçados, analysados e sabedores pela imaginação e pelo pensamento. Vae aprendendo a ser sensual, voluptuoso, sem no entanto se tornar materialista, espesso, bruto ou animal. Nisto, nesta reivindicação dos sentidos, como sendo da natureza humana, vem Giono em apoio aos trabalhos de D. H. Lawrence, que dedicou a sua obra a combater o puritanismo malefico e deshumano dos que pretendem, pelo excesso do espiritismo, deturpar a natureza e o homem.

No entanto este livro de Jean Giono quasi que não toca em assumptos sexuaes, não porque o autor tenha medo disso, mas sim porque não cabem elles na vida desta creança que deixamos (e com que pesar!) apenas abordando a hombridade.

Como se vê o assumpto é de maximo interesse, pois que pôde haver de mais apaixonante do que o despertar á vida de um sêr intelligente e sensível? Mas era preciso que tal despertar fosse descripto com arte e delicade-

za, que fosse justo, preciso sem ser esdruxulo.

E' esta a tarefa que Jean Giono se impôz e da qual se saiu de maneira a merecer os mais effusivos elogios. Descrevendo apenas passagens, momentos da vida de Jean le Bleu, elle dá um eschema maravilhosamente claro do florescimento de uma alma. No genero não conhecemos nada de mais perfeito e pouco que se lhe compare. Talvez em *Dusty Answer* de Rosemond Lehman tenhamos algo semelhante, mas ahí, havendo mais romance, mais acção, ha em consequencia menos introspecção, menos psychologia.

JACK SAMPAIO

KUKULCÁN — Eduardo Tourinho — Rio, 1935.

Neste pequeno e delicioso volume de rapidas impressões, narra Eduardo Tourinho, estylo claro e nervoso, algo do que viu na invejavel excursão realizada, de aeroplano, pelo norte do Brasil passando pelas Antilhas, pondo um pé em Miami e attingindo o Mexico. Um *tapete magico* deste seculo...

Da mythologia mexicana tirou o autor o titulo para o livro:

"O céu vermelho dos mayas e dos aztecas, escreve, era povoado de deuses crueis. Kukulcán — entre os mayas — Huitzilopochlo — entre os aztecas — foi o mais terrivel dos deuses. Ainda mais feroz do que o Melkart dos carthaginezes".

Mas, a série de lindos quadros pequeninos, do seu tapete magico não tem nada de terrivel, nem sanguinario... A não ser o chamado, no Mexico, *duello irregular*, especie de luta corsa, *catch-as-catch can* de dois sujeitos armados.

O livro faz lembrar um film documentario, intelligentemente composto, apresentado com arte vigor e simplicidade.

R. P.

Um Grande Livro de Sempre

Comemorou-se, ha pouco, em Paris, o cincoentenário de *Bel Ami*. Oportunidade deliciosa para que lessem o grande romance todos quantos o ignoram e o relessem todos quantos já o conheciam. Estou certo de que Maupassant terá conquistado através do pretexto amavel daquelle data alguns milhares de leitores. E certissimo estou de que os seus leitores de sempre, os que o não esquecem e vivem na intimidade do seu mundo, terão vivido um pouco a desculpavel e ingenua vaidade de quem vê á plena luz de um claro sol de glórias o nome de um idolo e a figura de um genio.

Commentando *Bel Ami* frizou René Dumesnil, devoto do culto de Maupassant, que está tão vivo como quando surgiu — e será, antes de mais nada, a sua mais palpavel característica. Essa actualidade sem cabellos brancos, esse rythmo que nada perturbou e atravessa hoje os grandes *boulevards* do seculo com a mesma graça e o mesmo sentido, tudo isso que em *Bel Ami* é o prestigio da mesma continuidade moça e da mesma inquieta vibração moderna, exige mais do que uma observação exaltada — exige uma analyse minuciosa. Não me proponho fazel-a. Mas conversarei um pouco á margem das suas grandes paginas.

Maupassant romancista é maior do que Maupassant contista, seus romances vão muito além dos seus contos. Costuma dizer-se o contrario. Sem duvida não faltam paginas de grande criação na verdadeira anthologia que são as novellas de Maupassant, e reconhecer que o romancista supera o *conteur* não é evidentemente diminuir o *conteur*: é, tão só elevar o romancista.

Pela profunda amplitude do plano em que se desenvolve e das relações em que se architectam, pela força da analyse, que vae longe, e nos dá a corpo inteiro, esplendidas unidades humanas, pela densidade do meio em que se movem e da ossatura em que se unificam, pelo indice, de tão viva significação, do coefferiente humano que as aggrega na mesma impetuosa reacção instinctiva e passional, por um conjuncto tão real, tão complexo, tão transcendente mesmo de forças positivas em marcha, de elementos irradiantes em suspensão, de contrastantes inibições em lucta e desvario, os romances de Maupassant definem o drama e a comedia humanos por fórmula a não permittir confronto com as sedutoras novellas em que nos deu de preferencia o lado anecdótico, humorístico, passageiro de uma vida também real, é certo, mas com certeza de uma realidade menos permanente e menos longa... *Fort comme la Mort* atravessará as épocas e, em qualquer época, ainda que o amor se transforme e annulle, se indefina e desapareça de entre os homens (o que não parece provavel) Olivier e Anne de Guilleroy surgirão ás mulheres e aos homens dessa

era hypothetica e absurda como expressões ou symbolos da maneira de amar na antiguidade... *Pierre et Jean* e a vida, o drama, familiar, o choque diario, a luta de preferencias que não se confessam, ou mal se confessam, e caminham sempre no sentido dos mutuos sacrificios. E *Bel Ami*?

Bel Ami é o romance do arrivismo e a victoria do *arrivista* — termos que deixaram de existir e foram amavelmente e commodamente substituidos por uma realidade tranquillá e commun. O arrivista e o arrivismo desapareceram em 1914, nos ultimos momentos do seculo XX. Desappareceram, é claro, como excepções, como typos, como singularidades. A' semelhança daquelle conto de Poe, perturbador e ironico, substituidos uns por outros, enclausurados os sãos e libertos os loucos, já seria difficil, a certa altura, esclarecer quaes os loucos, quaes os sãos...

E será o motivo por que Georges Duroy, que deve ter irritado a opinião publica do tempo, e sem duvida alguma a irritou, pela aggressiva seducção dos seus processos de ataque e de conquista, não nos irrita hoje e isso sem ter deixado de ser a mesma intensa unidade humana. Vejo neste aspecto do livro um dos milagres de Maupassant. Todos conhecemos Georges Duroy, e os sentimos a nosso lado, e lhe apertamos a mão, e o reconhecemos em tantas outras figuras de todos os dias e em tantos outros audaciosos de todas as horas. E' um ser banal á força de se ter transformado numa entidade commun. Mesmo assim, lendo ou relendo *Bel Ami*, é como se penetrassemos sempre num mundo novo. Duroy não nos enfastia. Duroy é um trecho do panorama da vida...

Não pretendo justificar os seus processos. Encarregou-se a vida de justificá-los. Explica-os a vida cada passo, e naturalmente. Explica-os o raciocinio. Explica-os, até, o sentimento.

Mas a vida de *Bel Ami* não é com certeza a que nos vem apenas de Duroy, dos seus methodos, das suas victorias. Talvez, só por si, com as suas victorias e os seus methodos Duroy tivesse desaparecido na legião dos heroes de romance que se annullam porque ficam eguaes a todo mundo... E eu penso, para meu uso exclusivo e personalissimo, que a vida real de *Bel Ami* está sobretudo, na vida das suas heroínas. Sem duvida Duroy é um ponto de referencia amorosa, na variedade daquelle scenario em toda a sua força, em todo o seu prestigio de grande romance é entre Madeleine Forestier e madame de Marelle com as heroínas lateraes, é claro, e até com a paixão confusa de madame Walter...

Não será facil, talvez, destringar o que Maupassant pretendeu fazer de uma e outra. Confundem-se sob certos aspectos as duas psychologias para que as tenhamos por symbolos de atti-

tudes oppostas. Madeleine Forestier, grande jornalista cujo pseudonymo é o nome dos maridos, é a sedução inteligente de Paris acolhendo a habilidade deseducada de Duroy. Logo de início sentimos que em Madeleine Forestier o cerebro está alguns dedos acima do coração. Existe, penso eu, a psychose do disfarce que leva certas creaturas, em geral homens de acção e largos planos, a mobilizar energias e a decidir de situações por entre a penumbra agitada das primeiras filas. Phenomeno raramente observavel em litteratura (não me refiro ao uso de pseudonymos transparentes...) ainda assim haverá exemplos de um que outro caso. O jornalismo entretanto transborda de authenticas vocações, que mal apparecem, e fruem, ás escondidas, a volupia maliciosa do *suelto*, numa ironia, e do artigo de fundo, numa investida. Curiosos escriptores desaparecem assim nos farrapos gloriosos de uma actividade que o indifferentismo pulveriza e apaga com a esponja de seda, ou os salpicos de lama de outras evidencias. Mas em tudo isso não será difficil verificar-se o meio sadismo de certas penas decidindo de homens e factos, de glorias e ridiculos — e é claro que me refiro, de maneira muito especial, aos meios propicios em que o jornal é a segunda linha, intensa, vibrante, apaixonada, da litteratura em movimento continuo. Ai de nós, ai do nosso jornalismo! Nada disso é nosso, nada disso existe entre nós...

Os romances vivem das creaturas que nelles vivem — e não raro das que nelles morrem. Não ha muito, a proposito de *Les Célibataires*, de Montherlant, frisava eu que, a titulo excepcional, é esse um romance da não vida ou antes um romance cujo processo caminha sobre uma serie infinita de descontinuidade, de negações. Em *Bel Ami* a vida é tão simples, a continuidade tão sem saltos nem arestas de acção, o rythmo tão de todos os dias que bem poderemos cognominal-o romance da hora que passa, hoje como ha cinquenta annos...

Se Madeleine Forestier é a intelligencia sorridente e refinada de Paris, madame de Marelle é o prazer meio bohemio, a curiosidade voluptuosa e livre que se compraz na alegria ao cabo innocente de passear a vida sem preocupações e gozar as horas sem outra perversidade além da perversidade quasi ingenua de um bello animal que não acceita a metaphysica... Detenho-me nesse aspecto da amante por excellencia de Duroy, daquella que atravessa todas as épocas da sua existencia e todas as realidades do seu combate, fructo sempre saboroso e summarento, de fresca polpa e convidativa côr, que os dentes mordem com delicia e voltam a trincar com insatisfacção. Repare-se, comtudo, na sua maneira de apparecer e ficar, de suggerir o amor e de proporcionar o amor: ao cabo é uma creança que se diverte com brinquedos adequados á sua idade... Nada mais procura, nada mais deseja.

JAYME CARDOSO

Georges Raeders — Le Comte de Gobineau au Brésil
— Nouvelles Editions Latines — Paris.

Trabalho dos mais completos sobre a permanencia no Brasil do grande escriptor que tratou da desigualdade das raças e só depois de morto conseguiu o universal renome a que fazia jús. Nomeado ministro da França no Brasil, o conde de Gobineau não deixou de relutar em metter-se no paquete que o traria até nós e chegou a amaldiçoar a memoria de Colombo por haver descoberto a America. De passagem, viu Lisboa, que bastante admirou. Chegando aqui, entrou logo em amistosso contacto com Pedro II, seu parceiro de longas conversações sobre assumptos de lettras e sciencias. Mas, em relação aos diplomatas do tempo, não se mostrou nunca entusiasta, insulando-se o mais possivel e só se desforrando dessa especie de exilio moral e intellectual nas longas caminhadas que fazia pelos sitios pittorescos do Rio. Viajou por Minas em companhia do Imperador, visitando fazendas dos arredores de Juiz de Fôra, e não deixou de interessar-se pelas festas religiosas, tão caracteristicas, da nossa Capital, num dos periodos mais suggestivos do Segundo Imperio. Tambem ouvia musica, executada pela esposa do consul da Hollanda, e fazia escultura, com aquelle seu desejo de ser, como os homens da Renascença que tanto amava, um espirito completo, um artista de todas as artes. Com Pedro II, mesmo em se afastando daqui devido a um incidente com um medico illustre do tempo, continuou a manter as melhores relações de affecto, e ambos, mais tarde, viajaram juntos pela Russia, Turquia e Grecia. Contando-nos tudo isso, num livro em que não ha uma palavra de mais e em que o leitor não perde um minuto da attenção que lhe consagre, o sr. Georges Raeders demonstra que o nortelam sempre clareza, serenidade e imparcialidade. A documentação não permite que nenhuma lacuna subsista e a bibliographia é de um homem que não recua deante das mais esfalfantes pesquisas em bibliothecas e archivos. Estamos, porém, longe de uma arida e stricta monographia e o trabalho pôde filiar-se ao que ha de melhor em pintura de intelligencias.

Estevão Pinto — Os Indigenas do Nordeste — Cia.
Editora Nacional — São Paulo.

Professor e jornalista em Recife, o sr. Estevão Pinto tem sabido, sem rumor e sem presumpção irritante, amalgamar uma erudição das mais fortes, especialmente em torno a assumptos brasileiros. E' um apaixonado da nossa terra, de preferencia no que se prende ao Nordeste, á ethnographia indigena, aos problemas archeologicos das terras pisadas pelas tribus selvagens. O livro que vem de estampar importa, já agora, na consagração definitiva do autor. Falara-nos elle, em outras obras, dos costumes pernambucanos do seculo XIX, tratara da educação dos bem dotados, num trabalho que mereceu a honra de ser traduzido para uma das melhores collecções pedagogicas da Hespanha. Mas o volume de agora é o mais sério, o mais vigoroso de quantos tem produzido, e o que elle diz dos indios, dos jesuitas, dos pretos escravos, traz sempre uma estimavel novidade, acrescenta sempre algo de inedito a um thema que se fez, nos ultimos tempos, centro de convergencia dos estudos de tantos eruditos.

Jesualdo — Vida de um Maestro — S. A. del Libro
Rioplatense — Buenos Aires.

Ao que nos esclarece o escriptor César Tiempo, brilhante prefaciador do livro, Jesualdo nasceu no norte do Uruguay, em terras asperas, e seus paes eram simultaneamente de origem brasileira, portugueza e allemã. Com vinte e dois annos apenas publicou um livro de versos livres, influenciado pela maneira sibyllina de Malarmé, versos que foram commentados pela poetisa Gabriela Mistral. Nesse e nos volumes subsequentes sentia-se-lhe, acima de tudo, o desejo de romper com os rythmos vulgares, correndo atraz de fórmas novas e procurando sempre conservar na idade adulta a innocencia do collegial, do rapazelho amigo de polichinello, crescido num dos mais estranhos recantos da America. Num mixto de ingenuidade e de reflexão, de desvario e de calculo, Jesualdo transporta ás paginas em prosa a impressionante desconnexão dos seus poemas. Sua arte é de um menino que ás vezes se exprime como velho dos mais experimentados.

ROBERTO, HERÓE

Um dos homens mais definitivos na arte de escrever e no geito de contar do paiz foi de certo esse admiravel Antonio de Alcantara Machado. Tanto porém quanto era gostoso de ler, elle era enjoado para conversar, embora muitas vezes dissesse coisas profundas e soubesse varias anedotas. Quando o senhor Francisco de Assis Barbosa foi me apresentando a elle, embora mettesse os hombros na attitude paulista (digo paulista porque Monteiro Lobato tambem a tem) de "inimigo das bellas-lettras" logo Antonio de Alcantara Machado achou notavel o romance que Sergio Milliet estava escrevendo. E aquillo ficou um habito: das poucas vezes que nos vimos, falamos, isto é, falou elle desse romance. E não digo "me falou" porque muitas vezes o assumpto não era conversado commigo, não tínhamos nem mesmo uma affectuosa antipahtia mutua.

Uma vez, portanto, que eu era para aquella intelligencia agilissima uma especie de asterisco lembrando o sr. Sergio Milliet e seu romance, esperava encontrar na narrativa uma vasta pareença commigo. A unica que achei, e essa mesma muito vaga, foi na capa.

Roberto é apenas rapidamente a meninice paulista. Elle é, antes de tudo, *um menino em São Paulo*, com sua tragedia, sua madrastra, seus empregos e seus vicios solitarios. O mesmo menino de toda parte que apenas usa São Paulo como paizagem e os moleques da cidade como companheiros. Roberto chega ao mundo com um geito universal: suas tias, seu pae, o patrão que lhe entrega embrulhos e sua hypocrisia de menino-victima não tem nacionalidade. Para que?

Tão humanas são essas figuras todas, que ellas escapam do livro, e que o sr. Sergio Milliet previsa nos prevenir que *Roberto* não é copia, não é autobiographia, não é romance a chave. Tão humanas mesmo que pulam os epiphonemas innume-

raveis, os riachosinhos de rhetorica do começo, do meio ou do fim dos capitulos.

E' natural que ninguem saiba o que são epiphonemas, essas vastas orações intercolutorias do tempo antigo. "Considerae, senhores, se mais longe tem ido a ousadia de Amadis e Oriana, que não resistindo a vil tentação naquelle mesmo momento se abraçassem... etc." O epiphonema no sr. Sergio Milliet é mais natural, mais logico; ha nelle uma renovação da technica do epiphonema. Estamos ha quatro seculos de distancia, e os dragões positivamente desapareceram. Em compensação, hoje existem Freud e outros accidentes.

Roberto viaja para a Europa, não simbolicamente, não. E é ahi, entre montes de neve acostumados a ser descriptos e crepusculos, que elle se embriaga de litteratura, de Yvonne, de Regina, de Sonia, de Suzie, e entre o ridiculo enorme dos homens e das mulheres adolescentes e do

namoro na Suissa se enche de desemprego, de versos, de explicações e de vicios. Ha uma briga muito accentuada entre o senhor Sergio Milliet e seu personagem: Roberto quer viver, quer caminhar, quer andar na noite frio, quer arranjar theorias para justificar-o; o sr. Sergio Milliet quer *explicar-o*. E Roberto pega o vicio tambem: o que elle quer é saber porque sua infancia, sua adolescencia e sua mocidade foram cheias desses vagos recalques sentimentaes que fazem a vida.

Quando Roberto volta ao Brasil, depois de Paris, acabou-se aquelle ar de sua infancia, de conhecimento das coisas e de contacto com as realidades essenciaes. Vem para a burrissima burguezia do Rio e de São Paulo, para os grupos mais ou menos typo Juca Aranha, que considera litteratura um codigo escripto com "l" grande e se acham incomprehendidos, centro esoterico da communhão pela arte pura. Os jornaes, os partidos, os homens vistos deste romance apparecem sem andaimes e sem capas. A gente comprehende como é que vae secando, perdendo o lyrismo e o amor pelas grandes coisas, ao contacto das vaidades, das ambições e das hypotheses. E, agora, que poeta! Um dos maiores poetas do Brasil, um lyrico inebriado pelos gestos, pelas ruas, pelas palavras.

*Sou puro
de uma pureza aspera
a pureza da areia que sae do barro.*

Foi, aliás, como poeta que o sr. Sergio Milliet foi o homem mais citado do Brasil dos ultimos tempos, com o sujeito que vae a cabaret, bebe, joga, fuma, e vae ao cinema, e no fundo, porém, é familia. Esse poeminha não sei como se chama. No dia em que o li pensei em *Definição do Pensamento Brasileiro*, nome que eu acho optimo e que proporia para o poema se não fosse redactor do *Jornal do Commercio*.

ODYLO COSTA FILHO

Acaba de apparecer:

Luc Durtain

IMAGENS DO
BRASIL E DO
PAMPA

Traducção de

RONALD DE CARVALHO

2.^a edição

Em todas as Livrarias

ENCRUZILHADA

Os sinos de Bruges batem compassados. As badaladas escoam vagarosas pelo emmaranhado das ruelas; attrictam-se, com resonancias estranhas, de encontro ás fachadas carcomidas, e modulam longamente, divertindo-se em subir e descer os recortes em degraus dos altos frontões alevantados á flamenga.

Do amontoado massudo dos telhados escuros as esguias antennas de pedra das igrejas arremessam-se ao alto. Longe, lá nas brumas, os seus rendilhados gothicos se esfumam e captam do céu os sons plangentes dos carrilhões...

Ao som dos carrilhões magicos, nessas tardes pacatas de domingos festeiros, as velhas cousas emmudecidas ainda exhalam um vago perfume de outros tempos.

Seculos a fio, ao longo dos canaes tranquillos, batelões e batelões deslisavam repletos de tapeçarias vistosas e linhos muito finos, que meio mundo ansiava possuir.

Lá na praça do mercado os tecelões alarmaram-se pela primeira vez com a noticia de frotas portuguezas, voltando das Indias, cada vez mais abarrotadas de cachemires, brocados e damascos...

Os Flandres ainda luctaram muito por sobreviver ás poderosas corporações de artifices, que decahiam aos poucos da sua hegemonia manufactureira.

E hoje, domingo, a enorme procissão serpenteia em silencio e traz apenas ás ruas solitarias um lampejo passageiro daquelle bom tempo de antigamente.

As botas ferradas dos camponeses marcam no lagedo de pedra um rythmo muito lento.

Agora são os floricultores que passam. Os seus largos chapéos de feltro preto nas grossas mãos vermelhas descobrem testas queimadas que uma profunda ruga sombreia... Elles vão preoccupados com uma nova especie de begonia! E seguem supplicando a Deus, como creanças, que na proxima "féerie" de flores cada qual seja consagrado como o mais habil jardineiro dos Flandres...

A procissão passou. Nos portaes das antigas tavernas os lettreiros medievaes ainda dependuram, nos braços de ferro batido, um convite cheio de requinte e bom humor: "Ao velho vinho de Burgonha". E os homens rosados mergulham de novo na meia luz das salas aquecidas. Todos tornam ao convivio tranquillo das madeiras lustrosas e dos cobres polidos, a decifram, em frente ás grandes doses de cerveja dourada, um novo enigma da vida...

Mas eis que um carro de turistas para. O ranger dos freios e um vozerio estranho sôa como uma injuria, e rompe-se a fina teia que os carrilhões, aos poucos, urdiam por sobre as cousas.

Desce do mais caro automovel em série um americano forte sorrindo de dentro do seu terno

em série, e pensando exactamente de accordo com o ultimo "magazine" da semana. O seu sorriso bonachão é de quem ainda não realizou todo o desencanto que os homens como elle trouxeram ao mundo!

No começo do seculo XIX, quando os Estados Unidos moviam uma longa campanha contra os remanescentes colonias da Europa, os americanos bloqueados por mar viram-se aos poucos privados de armas. Foi quando Eli Whitney — quem lhe conhece o nome? — promptificou-se junto ao governo construil-as em grande escala. E desde então abriu-se um novo caminho á evolução social da humanidade.

Os Estados Unidos da época resumiam-se nos algodoaes ao sul, nos pioneiros perdidos no longinquo oeste, num começo de poderio financeiro ao norte e a leste, retalhando para os novos emigrantes vastas concessões de terras. Ainda nenhuma grande organização manufactureira. E Whitney estava incumbido de improvisal-a.

Até então, no velho mundo, uma espingarda, como tudo o mais, era a obra de um só artifice, era o fructo do esforço de um só homem. Na America faltavam officiaes habilidosos e não havia como improvisal-os. Whitney contornou então o problema, e imaginou improvisar espingardas uma vez que não conseguiria improvisar artificios. Fez com que cada homem se limitasse á preparação de uma só peça de arma — o que implicava numa aprendizagem reduzidissima e facultava aos Estados Unidos ingressarem de chofre na era das grandes manufacturas.

Surgiu dahi a divisão do trabalho, o que permittiu o advento das machinas. O artezão por sua vez foi se automatizando numa especie de mecanismo humano — o operario. E da divisão do trabalho, ao taylorismo, á padronização e a tantas outras systematizaçõs industriaes foi um passo: a era das machinofacturas tornou-se logo um apanagio americano.

Em 1831 morria em Philadelphia o primeiro millionario industrial. Stephen Girard já deixava seis milhões de dollares! E as Nova York e Chicago do começo do nosso seculo XX, todas ellas cresceram no afan de imital-o.

A industrialização americana se não realizava do bom, poz-se entretanto a produzir em grande escala e a preços baratos. Os excedentes de energia no mundo, sempre rumo ao oeste, fermentavam intensamente na America e absorviam todos os excessos de uma producção desmedida. Democratizou-se assim o conforto, enquanto que milhares de chaminés começavam a desfazer em fumo, lá em cima, as vociferações cheias de fel das colmeias de trabalhadores. Mas o povo percebeu ao seu alcance qualquer novo encanto material, que a sciencia, numa phase creadora excepcional, of-

ferecia ao bem estar dos homens. A ambição de chegar mantinha o mundo em ordem, e a moral do exito fomentava o grande surto da philosophia pragmatica americana.

O conforto material se democratizava, e, como corollario, as grandes fortunas se avolumavam — reservatorios reguladores indispensaveis á circulação de tantas riquezas. Surgiram logo fórmas politicas a pretenderem fazer com que os grandes não se enkystassem, escapando de mais ao interesse collectivo. Veio a socialização das grandes industrias, o estado industrial.

Mas eis que a prosperidade já não embala o mundo. Depois de annos de fartura veio a phase das miserias!

Os mercados consumidores deixam de ser sorvedouros inexgotaveis. As grandes industrias, entretanto, não conseguem moderar o seu rythmo de producção intensa sem uma desorganização completa, e, com a inercia da enorme massa productiva em movimento, passam a crear a superproducção.

Houve a ruina. Os homens a principio perplexos, acabaram por se resignar com o novo estado de cousas e procuraram outros rumos. (As crises, felizmente, só duram o tempo de nos acomodarmos com ellas!...) A producção e o consumo, numa escala productiva mais razoavel, defrontaram-se de novo, tomando-se mutuamente o pulso.

As grandes organizações industriaes, nas épocas de crise, não pareciam proporcionar felicidade ao povo e olhou-se para ellas com um certo scepticismo.

Houve então quem pensasse de novo nas co-operações, quem almejasse para a cidade uma volta á placidez dos campos.

Estudou-se a Idade Media com os seus artifices, as suas communas profissionaes, as suas cidades estheticas. Em frente aos bellos frontões rendilhados em degrãos das co-operações dos tece-lões, dos cortidores de couro, ou dos açougueiros da antiga Flandres, interrogou-se anciosamente o passado. E a humanidade sentiu-se como numa encruzilhada e pôe-se a pensar.

Uma bifurcação. De cada lado uma estrada. Agenciadores ardilosos de turismo, com seus cones alto falantes, apregoam os encantos dos circuitos. E o povo ouve boquiaberto e indeciso ante tantos systemas politicos infalliveis.

De um lado annunciam conforto barato, e mostram a massa tomando parte em todos os folguedos. Mas esses prazeres só poderão ser gozados durante as folgas escassas, depois de dias de trabalho embrutecedor. O individuo monotona-mente, mezes a fio, terá que repetir o mesmo gesto, ajustando parafusos sem conta, e todos iguaes, em milhares de automoveis de uma mesma marca...

De outro lado mostram o homem trabalhando mais feliz, sentindo a alegria de quem crêa ao aca-

bar, como um verdadeiro artista, um par de botinas ou uma espingarda. Mas esse homem não encontrará muita oportunidade de gozar do conforto, que as vitrines só poderão expor a preços exorbitantes.

De um lado, em summa, todos descambando para o operario, em eternas reivindicações; do outro os artifices, aneando por se tornarem artistas e vislumbrando a felicidade que a arte, através o bello, está sempre a nos prometter...

E a humanidade continúa indecisa, apoquentada pelos gritos dos agenciadores de turismo.

Riqueza, felicidade... E ninguém sabe em que doses usar esses dois elixires; o ponto exacto, o momento á partir do qual a exigencia physica do bem estar recalca o desejo imperioso de sorrir!

MIRAN DE BARROS LATIF

Raja Gabaglia — *Curso de Geographia*, 1.^a e 2.^a séries — F. Briguiet & Cia. — Rio.

Indiscutivel a originalidade dos methods seguidos por esses illustres professores, adextrados pela pratica do ensino e pelo desejo de renovar uma disciplina que se convertera em tortura dos jovens estudantes. Abandonando as longas digressões tediosas, os irmãos Raja Gabaglia só se apegam ao essencial, ao indispensavel, sem obstruir com pormenores inuteis os cerebros infantis. Numa successão de quadrinhos engenhosos, claros e faceis de reter, lançam o mais efficiente processo de aprender geographia. Tudo é illustrado convenientemente, em gravuras que accrescentam ao texto um decisivo encanto. Tem-se a impressão de uma sciencia nova, e é o caso de felicitar-se os rapazes das nossas escolas por haverem encontrado dois mestres que lhes vão adoçar de tal forma uma aprendizagem dantes tão ardua e atormentadora.

J. P. Proudhon — *Que é a propriedade?* — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo.

Muita gente conhece Proudhon unicamente pela celebre phrase em que affirmava ser a propriedade um roubo, aliás em desdobramento a um anterior conceito de Goethe, quando asseverava que ao fundo de toda fortuna ha sempre uma ladroeira que os cartorios não podem elucidar. Mas o grande Proudhon merece mais do que a gloria de uma simples "boutade" de effeito. E' precisc que os leitores criteriosos vejam tal phrase localizada nos conceitos que a esclarecem, dentro de uma argumentação das mais documentadas e impressionantes, e sintam que polpa de sociologo exista em Proudhon. Entre outros, Sainte-Beuve, que o admirava enormemente, elogiou-o como homem de idéas e como um soberbo estilista de côres fortes, afogueado pela vivacidade da discussão em que carregava tantos robustos pensamentos novos. Foi absoluta a probidade da vida desse homem que, insurgindo-se contra a propriedade, não era apenas porque pretendesse ser beneficiado na partilha das terras e das casas do proximo. Tambem Emile Faguet o teve em grande conta e o incluiu entre as grandes forças pensantes e moraes do seculo XIX. Evidentemente este livro merecia passar á nossa lingua, só sendo de louvar o gosto e escrupulo com que se desobrigou da tarefa o sr. Raul Vieira.

— Já ouve alguém que nos dissesse achar certos pontos de contacto entre Jean Giono — o Jean Giono de *Le Chant du Monde* — e o nosso Euclides da Cunha. Na verdade, ha em ambos a mesma força de expressão, a mesma fuga épica, certos laivos de barbarismo, o mesmo pendor pelos assumptos agrestes: a luta do homem com a terra. Jean Giono appareceu com *Colline*, um romance que teve logo vasta repercusão, e dahi para cá succedem-se os seus livros, com curto espaço de tempo entre elles, numa producção abundante e valiosa. *Que ma jole demeure* é o seu trabalho mais recente, obra de folego, e onde a critica aponta grandes qualidades e não pequenos defeitos.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

da Bibliotheca Medica Brasileira: Dr. Alipio Correia Netto:		
PATOGENIA, DIAGNOSTICO E TRATAMENTO DO MAGAESOFAGO (Mal do Engasgo) — Vol. II — da Serie II — Monographias"	Enc. Flexivel	22\$000
da Serie "BRASILIANA": Vol. 45 Basilio de Magalhães:		
EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL COLONIAL — 2. ^a edição augmentada. Br.		12\$000
da "Colleção "Para Todos" (nova Phase) Vol. 8		
Baroneza Orczy:		
O PINPINELA ESCARLATE (2. ^a Edição) — Tradução de Godofredo Rangel e illustrado com scenas do film de igual titulo	Vol. Br.	5\$000
A V U L S O S :		
Essad Bey:		
A LUTA PELO PETROLEO — Tradução revisada por Monteiro Lobato	Vol. Br.	6\$000
João Luso: ALEGRIA E TERNURA	Vol. Br.	6\$000
Paulo Setubal: AS MALUQUICES DO IMPERADOR (4. ^a edição)	Vol. Br.	6\$000
da Bibliotheca de Estudos Commerciaes e Economicos: Vol. VII		
Henri de Lantueil: CORRESPONDENCIA COMMERCIAL FRANCEZA	Vol. Cart.	8\$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiaes em Rio, Bahia, Recife e Lisboa

Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE JUNHO

GUSTAVO BARROSO — O Quarto Imperio (da Colleção "Problemas Politicos Contemporaneos")	6\$000
MIGUEL REALE — O Capitalismo Internacional	6\$000
CANDIDO MOTTA FILHO — Introdução á Politica Moderna (da Colleção "Problemas Politicos Contemporaneos")	10\$000
GONDIN DA FONSECA — Bolchevismo — 2. ^a edição	10\$000
HUMBERTO DE CAMPOS — Memorias — 8. ^a edição	10\$000
" " " — Sombras que Soffrem — 4. ^a edição	6\$000
" " " — O Monstro e outros Contos — 5. ^a edição	6\$000
" " " — Lagartas e Libélulas — 3. ^a edição	6\$000

NOTA IMPORTANTE

Publicaremos em Julho os dois primeiros volumes das obras postumas de Humberto de Campos, sendo um delles "Notas de um Diarista". O outro volume será de chronicas no genero de "Parias", "Sombras que Soffrem", "Destinos".

O GRANDE SUCESSO DESTESERASERA'

ESTRANGEIROS

DE AGRIPPINO GRIECO

NOVIDADES

3 LIVROS DA COLLECÇÃO "SIP"

MAXIMO GORKI	
A Mãe — br.	2\$000
LEWIS WALLACE	
Ben Hur — br.	2\$000
JOHN M. SAUNDERS	
A Patrulha da Madrugada — brochado	2\$000

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de porte

REMETTE-SE CATALOGO -GRATIS

NOTICIA SOBRE O GRUPO MODERNISTA DE MINAS

Quando ha uns quatro annos vim estudar direito em Bello Horizonte, conhecia apenas dois nomes dos intellectuaes vivos de Minas e esses mesmos de referencia, através da critica: o de Eduardo Frieiro e o de Carlos Drummond de Andrade. Sabia que um era romancista e o outro poeta. O primeiro tinha escripto *O Mameluco Boa Ventura* e um outro romance, e o segundo tinha publicado *Alguma Poesia*, um livro de versos modernistas.

E só muito tempo depois de minha chegada a Minas fiquei conhecendo Eduardo Frieiro e Carlos Drummond de Andrade verdadeiramente. Foi quando deixei de me interessar só pelos intellectuaes de fóra e fui me interessando também pelos de Minas.

Comecei lendo as obras de Eduardo Frieiro, o escriptor torturado á maneira de Flaubert e como tal é hoje um escriptor impar em Minas e mesmo no Brasil todo. Depois passei para os poemas de Carlos Drummond de Andrade, uma das maiores expressões poeticas do modernismo no Brasil, que *Alguma Poesia* revelou e *Brejo das Almas* veio confirmar. E acabei lendo quasi todos os do chamado grupo modernista de Minas: João Alphonsus, Emilio Moura, Wellington Brandão, Abgar Regnault e outros.

E' justamente sobre elles, muito menos conhecidos fóra de Minas do que Frieiro e Carlos Drummond, que vou escrever agora.

João Alphonsus é o que se pôde chamar a preguiça em pessoa para escrever. E' dos que nunca escrevem ou só escrevem quando têm muito tempo deante de si e muita coisa para escrever. Por isso, tudo quanto sãe da sua penna é pouco, muito pouco, mas bom, muito bom. Nunca vi qualquer coisa de João Alphonsus que não fosse interessante. O seu *Gallinha Céga*, publicado em trinta e um, é um livro de contos que lembra pelo novo, pelo vivo e pela força de

abarcas o assumpto, os melhores de Oswald e Mario de Andrade. Mas depois disso, de *Gallinha Céga*, que a gente saiba, não falou mais noutro livro.

Emilio Moura, um grande poeta e uma das creaturas melhores que eu conheço, é outro retrahido, outro fechado. *Ingenuidade*, livro de poemas de uma força lyrica lembrando muitas vezes um Schmidt ou um Bandeira, é de trinta e um. Depois ainda andou dando para a imprensa amiga, isso mesmo com muita reserva e muita sobriedade, um ou outro poema. Tem ineditos, prompts, dois livros, sendo um de hai-kais, mas não fala em publical-os. E' assim.

Ainda o anno passado Abgar Regnault e Wellington Brandão andaram publicando uns poemas. Tanto *Litteratura* como *Surto* trouxeram uns poemas de fundo lyrico do primeiro e *Rumo* trouxe um poema ou dois de fundo revolucionario do segundo. De Wellington Brandão, tudo o que tenho lido revela um grande espirito, chamando para si, para sua poesia as

...almas que o mundo crucificou na in-
[compreensão,
almas que se queimam no silencio dos
[muros espessos
do sacrificio que ninguem percebe.
Vinde a mim e derramae a vossa dor
no estuario immenso do meu coração.
Dae-me as vossas mãos, ó irmãos,
ó irmãos que não conheço e amo até as
[lagrimas!
dae-me as vossas mãos e formemos
uma cadeia de mãos que se estremeçam
[de sympathia
e se apertem, no heroico anhelos de com-
[mungar as horas de agonia!

Os seus versos guardam sempre esse tom vindo de uma grande força exterior de que está possuido, transbordando. E nisso Wellington Brandão se distancia de quasi todos os outros do grupo, voltados ainda para si, para o intimismo de sua poesia e de sua prosa.

Ha ainda outras forças intellectuaes no grupo de Minas, entre ellas Cyro dos Anjos e Guilhermino Cesar, que o jornalismo e a burocracia têm absorvido. Guilhermino Cesar, que veio do grupo de *Verde*, de Cataguazes, onde fez o curso gymnasial e partilhou do movimento modernista ao lado de Rosario Fusco, Henrique de Rezende, Francisco Ignacio Peixoto e Ascanio Lopes, é um dos nomes da imprensa bello-horizontina. E Cyro dos Anjos, que ainda ha pouco tempo fazia chronicas para o *Estado de Minas*, é um espirito vivo e interessante.

Vou fechar esta noticia com o nome de um grande artista: o de Del-pino Junior, a maior expressão da arte nova em Minas e um dos maiores desenhistas vivos que já conheci. Hoje quasi não desenha mais, quasi não sae mais de casa, isolado de um mundo pequeno e reaccionario de mais para o seu grande talento de artista revolucionario. Quando me levaram um dia á casa de Del-pino para conhecê-lo, fazia poucos dias que tinha desenhado num dos seus grandes momentos, á carvão, na parede do quarto, um Lenine que só faltava falar e que depois de ser photographado por um amigo de Del-pino andou sendo espalhado. Foi dahi que Del-pino ficou sendo uma das minhas admirações e uma das minhas amizades.

Mas já é tempo de dizer que o grupo de Minas, que vem do modernismo, continua ainda, na sua maioria, fazendo modernismo, por assim dizer. E o modernismo é uma coisa que vae ficando tão grave para nós como o grammaticismo do academico Laudelino Freire. Hoje, no Brasil, acho que só o grupo de *Festa* ainda faz modernismo.

O proprio Mario de Andrade, a quem o grupo de Minas estava tão intimamente ligado, já viu isso e tomou rumo novo.

JOSE' BEZERRA GOMES

FRONTEIRA

O fecundo castigo de quem pensa é a penitencia imposta pela impressão identica á dos pagadores que dão um troco a mais: fica-se correndo no meio do povo até cansar, sem encontrar quem nos enganou e culpando a insinceridade publica de nosso equivoco. O que tarda um pouco a chegar é a comprehensão de nos esforçarmos por evitar tantos descontos no fim do mez. Mas felizmente esses factos occorrem na vida de qualquer pessoa e constituem a base benefica da evolução humana, o desenvolvimento, a principio amargo, da dulcissima prudencia e por ultimo do perdão, da generosa humildade.

Por minha parte, innumeradas luctas de consciencia venho sustentando ha algum tempo, responsabilizando sempre a humanidade, dentro da qual escolho geralmente alguém materialmente forte para alvo da minha desconfiança. Esse procedimento um pouco vivaz anda-me ahi por alguns mil réis revestidos em amarguras, reserva de que me valho para repôr os meus equívocos, cujas consequencias me sacodem de um lado para outro, numa peregrinação só por mim sabida e soffrida, atrás de pagar o insincero que não me devolveu o insulto de lhe ter dado demais ou de me suppôr coisa peor por dar a menos.

Acontece, porém, que essas longas e incessantes caminhadas produzem a destruição dos sapatos, a sensibilidade excessiva, o tom de voz irritado e irritante, ás vezes rouco e incompreensível, e dão ás roupas um máo aspecto de farrapos, numa vizinhança insupportavel de nudez vergonhosa. As pessoas de preconceitos que nos julgam, sem nos conhecer, pelos nossos andrajos e através delles, em vez de se commoverem (em silencio!) com o contraste de nossa presença descalça, abrem o leque de seu falso pudor e de sua intransigencia aristocratica e cobrem o rosto para não vêr. Apenas evitam

o halito de seus sentimentos occultos e confusos. Alguns chegam mesmo a expressar o seu temor insinuando a suspeita de uma possível loucura.

Ninguém nega totalmente e sinceridade desses escrúpulos, mas unicamente se admite a sua pureza naquelles que na somma de suas viagens podem apresentar talões de passagens de todas as classes. Isto de fazer turismo na qualidade de membro da familia acaba no vicio detestavel das commissões rendosas, no parasitismo de uma conveniencia modorrenta e impiedosa de philosopho adoptivo, esse bandeirante do conhecimento cujo cansaço precoce só admite a investigação por conta do instituido e de extranhos, com muitas malas e fundos positivos...

Sinto profundamente esse perigo na qualidade de descendente de indios que acabou de soffrer a brusca mutação da especie e que, liberto, póde lembrar o carcere sem paixões. O periodo de caldeamento é que é insincero porque aquelles que principiam pelo meio sentem pela metade. Nessa phase de antithese, a natureza não requer outra coisa além da intriga, esse caldo envenenado das coincidencias, essa fusão salobra de foz repellida pelo oceano. O lucro dos que evoluem do meio para cima está em nunca restituirem o que recebem a mais e nos accusarem na sombra se lhes damos a menos, depois de exigirem o que faltava. São assim os aristocratas do pensamento, que não se formaram na vida, mas nas piscinas dos cursos de catalogo, completamente alheios á sensação de gorgetejar-se a si mesmo nos "automaticos".

Desconheço a existencia de alguma observação sobre a singularidade de os indios caldeados comprazerem-se em revêr aos seus iguaes primitivos, rigorosamente trajados dentro da selva. Se a observação existe, confirmo-a. Se não, faço-a eu, simplesmente, por não sentir necessida-

de de testemunhas: os detalhes, as citações. Ficaria muito legal. Quem anda evadido não gosta de autos, ainda que isto possa ser visto como um depoimento. A lei também é ré. O certo, porém, é que naquelle facto reside a miseria de sua insinceridade, a negação de seu equilibrio moral e espiritual, sobretudo se attentarmos para o constrangimento que os amargura quando ha extranhos presenceando sua exhibição de gravatas e ternos, constrangimento que os outros não sentem e que nelles estorce uma vergonha de si mesmos. Seu amor excessivo á indumentaria homisia sua fuga do não ser. Sua evolução humana até ao perdão sincero fica incompleta. E se é isso impossivel, como, porque perdoal-os?

Depois que se transpõe essa fronteira, corre-se da selva para o nomadismo andrajoso através do progresso. Cae-se na phase espiritual, independente e sem freios, sem medo de nenhuma flexa e levando entre as mãos o antidoto milagroso do verbo ser. Despreza-se os adereços vistosos e a realidade nua do passado não nos constrange. Nem humilha como as corôas nem envergonha como as tangas. Nossa alegria nasce do entusiasmo de luctar contra qualquer um e permutar o perdão depois da lucta. Reagir para esquecer. Libertar-se para contar o soffrimento dos escravos, mas sem cair no mysticismo de chamal-os bemaventurados, a elles que se não vencem, que jamais confessam e que não perdoam. Nem em nome do futuro, mesmo que no futuro o façamos. A's vezes somos obrigados a parar um instante, de individuo para individuo, afim de seguir com mais impulso, repôr o equivoco como quem se fere colhendo um fructo.

Repillo e desprezo quantos me julguem pelos meus andrajos, sem poderem documentar sua autoridade com os bilhetes de passagens de todas as classes. Essa especie de gente compre-

henda mas não sente. Nelles não é completa a musica divina dos sentidos procurando annullar-se. Talvez soubessem, por ouvir dizer, que essa vertigem, por exemplo, é que dá propriedade ao titulo do livro do sr. Gastão Cruls, mas não adivinhariam na narrativa puramente narrativa do livro o segredo de uma consciencia superior que pôde seguir pela mais densa treva sem tactear e sem bater-se. O auditivo puro musicando *tudo*, naquella *realejo* e não o objectivo.

Oh! felizmente existe no Brasil esta fonte da unidade para dessedentar os que se perdem procurando-a, os andrajosos de todos os logares, empoeirados, semi-loucos de cansaço, quasi pedindo um guia e ao vêr tanta gente diversa, quasi perguntando, para escrever sem critica e não morrer de fome:

— Os senhores não sabem dizer se existe por aqui algum japonês que precise de um dactylographo?

ALDO MORAES

A IGNORANCIA

(De Anatole France)

A ignorancia é a condição necessaria, não digo da felicidade, mas da existencia mesma. Se soubessemos tudo, não poderíamos supportar a vida, sequer por uma hora. Os sentimentos que nol-a tornam suave, ou pelo menos toleravel, nascem de uma mentira e nutrem-se de illusões.

Se possuindo, como Deus, a verdade, a unica verdade, um homem deixasse cahil-a das mãos, o mundo seria immediatamente anniquilado e o universo se dissiparia logo como uma sombra. A verdade divina, como um julgamento final, reduzil-o-ia a pó.

(Trad. de F. Nery)

— Vem de morrer em França Adolphe Lacuzon, exactamente o creador da theoria poetica do "integralismo", methodo de versejar que repousava em complicados processos mathematicos. Lacuzon, pouco modesto, julgava-se, no sentido philosophico, tão importante quanto Bergson e, na perspectiva de vêr a sua popularidade augmentar, ficou contentissimo quando lhe disseram que o papa o excommungara, o que aliás não passava de pilheria de confrades maliciosos...

— O ultimo premio Femina, de 5.000 francos, coube á sra. Claire Sainte-Soline pelo seu romance *Journée*.

REALIDADE BRASILEIRA

(Epigramma Nacionalista)

Realidade brasileira — eis aqui uma expressão que está em moda. Não ha ninguem que se preze nestes Brasis, — os bacharéis que citam Freud, os "amigos de Alberto Torres", os poetas que fazem versos livres, os politicos que querem conquistar o Poder á custa de demagogia, — não ha ninguem que não fale disso a todos os momentos. Sobretudo depois da revolução de 30, a coisa assumiu as proporções de verdadeira calamidade, nos dominios da graphomania e da logomachia nacionaes.

Mas em que consiste essa decantada "realidade brasileira", que já inspirou um longo ensaio longo e soporifero, ao sr. Affonso Arinos de Mello Franco? E' o que pergunta, com malicia, alguém que não encontrou significado para a expressão, e é o que perguntamos nós tambem.

Entretanto, admittindo que a "realidade brasileira" seja isso que ali está, — esse colosso de pés e mãos atados, — a terra fertil, porém, improductiva, á falta de meios racionaes para o seu amanho; minas extraordinarias, mas que só existem na imaginação, como as de Roberio Dias; 85 % de analphabetos, sem falar em algumas centenas de doutores, que saem, cada anno, das escolas superiores; dois milhões de brasileiros, que as seccas do nordeste reduzem á miseria e á fome, annualmente; o banditismo victorioso e impune, pelos serções a dentro, com a cumplicidade escandalosa dos poderes constituídos; a falta de meios de transporte, para o escoamento da já precaria produccão; o servilismo, a superstição e o fanatismo religioso, producto da famigerada colonização jesuitica; o pauperismo, a tuberculose, a maleita, a syphilis, o alcoolismo o jogo, o caciquismo politico, a corrupção administrativa, o augmento da divida publica, o descredito no estrangeiro, a queda cambial, a litteratice, — todos os

males, todos os erros, todas as desgraças que nos affligem, de norte a sul, no littoral e no centro, na cidade e no campo — neste caso temos duas realidades brasileiras.

Uma, a *realidade* dos môços bonitos da Avenida, para cuja solução talvez baste uma doutrina qualquer, importada pelo ultimo Zeppelin. A outra, a verdadeira realidade, realidade viva e concreta, realidade sem solução, — esta é bem possivel que nos leve á quebra da unidade nacional ou ao protectorado.

Salvo si se pudesse pôr em equação a formula de Capistrano: — "Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha"...

ALVES RIBEIRO

— M. Galtier-Boissière não é apenas um magnifico romancista e um excellent e alerta jornalista. Interessamno tambem os assumptos historicos e a sua *Historia da Guerra* já evidenciou o que ha de ser a sua *Historia da 3.ª Republica*, cujo primeiro fasciculo (Da Communa ao Boulangismo) acaba de apparecer.

— Esta revista já teve oportunidade de se referir ao romance de Robert Bourget-Pailleron, *L'homme du Brésil*, que obteve um premio litterario, o anno passado, na França. Agora, o mesmo autor vem de publicar *Coeur de Russie*, outro romance que desperta tambem a attenção da critica e do publico.

Marcos — O Quilombo de Manoel Congo — R. A. Editora — Rio.

Embora seja licito discordar de certas conclusões sociologicas do autor, forçoso é reconhecer que esse seu livro é traçado com uma bella impetuosidade de impressões historicas e humanas. Passando em revista, numa synthese golpeante, os principaes factos que marcaram a nobre rebeldia dos pretos escravizados aos fazendeiros que os opprimiar o sr. Marcos, nascido e crescido numa zona ainda repleta de vestigios da organização rural que explorava o negro, revolta-se retrospectivamente, contra os vendedores de homens e almas, e toda a sua sympathia é pelos africanos offendidos que iam agglomerar-se nos quilombos e davam por vezes provas de uma bravura que fez alguns historiadores falarem em Spartacus e o mais artista de todos elles em Troya Negra.

O Romance Contemporaneo

Em meio das inquietações sociais, a intensidade litteraria é uma affirmação das mais saudáveis na mocidade brasileira. Ha em todos nós uma preocupação sempre crescente de estar em dia com as correntes do pensamento do Brasil e do mundo. Indo ao encontro deste desejo colectivo os escriptores vêm se revelando cheios de seiva nova e as editoras moças vão traduzindo o que ha de melhor na litteratura internacional. Ellas não se resumem a traduzir obras francezas, como ha alguns annos atraz em que os intellectuaes faziam disto aqui colonia espiritual de Montparnasse e Sorbonne. Actualmente podemos ler em lingua brasileira desde os livros densamente lyricos de Knut Hamsun até os romances profundamente humanos de Michael Gold e Boris Pilniak.

Não implica em dizer que os francezes estejam em segundo plano. Agora mesmo vemos nas montras das livrarias provincianas traducções das obras de André Cocuroy, René-Albert-Guzman e Kessel ao lado de André Malraux, este moderno romancista gaulez que pôz em "knock-out" os Mauriac e Maurois que habitam do outro lado do Atlantico.

Atravez dos novos romances estrangeiros e nacionaes nos deparamos com o romance moderno, livre das escolas e dos rigorismos de linguagem. Os criticos que se degladiam pela pureza da lingua lusa no Brasil censuram acremente a humanização da linguagem que vêm fazendo José Lins do Rêgo, Amando Fontes, Jorge Amado e muitos outros escriptores jovens. Esta humanização, este escrever-como-se-fala, sem a rhetorica oratoria e sem imagens que, geralmente, alcançam o ridiculo da metapho-

ra, não se dá sómente entre nós, não é um "não gosto" exclusivamente dos nossos romancistas jovens e dos nossos sociologos, como pensam certos "grammaticos" travestido em criticos litterarios. (Claro está que não se inclue entre elles um comprehendedor da lingua brasileira da estirpe do grande João Ribeiro).

Na França, Barbusse escreveu ha quasi 20 annos o drama da Grande Guerra, em *Le Feu*, usando do popularissimo "argot". Na Allemanha, Remarque faz o mesmo com os seus romances-pamphletos contra as misérias e os horrores da guerra desencadeada pelos senhores do mundo. Upton Sinclair, Val Lewton, Gold, Claude Mc Kay e muitos outros escrevem como se fala em diversas regiões dos Estados Unidos, sem preocupações de seguir os classicos da lingua ingleza dos tempos de Isabel — a sanguinaria. Na terra de Shaw e Wilde, Huxley realizou o admiravel *Contra-ponto*, que é sem contestação, o maior romance moderno das Ilhas Britannicas, superior mesmo ao *O Delator*, do irlandez Lian O'Flaherty.

Escrever com simplicidade e sem mutilar a harmonia da lingua do povo foi uma das coisas que mais approximou o romancista moderno na sua aventura em busca da classificação de seus typos, e da realidade e intensidade de seus romances.

— Que tortura não seria para o leitor em se interessar por um livro narrando a vida dos homens do campo em linguagem difficil e plena de phrases feitas e sem nenhuma relação com o drama psychologico e social das figuras do romance?

Annos que não vão longe, o pedantismo litterario se avolumava emproadamente nos homens que liam os mestres de

França e os civilistas da Italia e da Allemanha. Muita cultura, muito saber, accumulado como se guarda milho em paiol para aguentar a secca, murchava no phrasear arrevezado dos escriptos, impossiveis de ser digeridos pelos leitores de boa vontade. Resultado: essa casta de escriptores, essa "elite intellectual" de que nos fala Romain Rolland tornava-se em medalhões nacionaes, disputando e conseguindo as gordas cadeiras na Academia Brasileira de Lettras, sem nenhum leitor que houvesse comprehendido suas obras. Eram promovidos a genio pela incomprehensão humana.

Hoje, não. A coisa está mudando de figura. A mocidade que anda trepando nos livros e revistas, para me servir de uma phrase do poeta-amigo Mario de Andrade, não vae atraz de conversas. Ella quer ler muito, porém, faz mais questão de entender o que está lendo. E muitos não se satisfazem em comprehender o pensamento do escriptor. Querem mais. Discutem-no, criticam-no e fazem a selecção de idéas. Por isto os que escreveram ha dez annos atraz e hoje se aventuram a publicar novos livros ficam espantados deante da irreverencia da critica dos novos. Escrever misturando eruditismo com phrases de effeito não mais impressiona o publico brasileiro. E este traço de intelligencia faz parte da vida nova que aspiramos.

O romance de hoje, acompanhando toda a evolução da época actual, vem adquirindo um sentido internacional de solidariedade humana, perdendo o seu conteúdo individualista para ganhar as amplas tendencias das multidões. Os dramazinhos sentimentaes já não interessam, salvo quando elles possuem rela-

ATTENDENDO ÀS NECESSIDADES DO COMMERCIO A

CAIXA ECONOMICA

MANTEM UM SERVIÇO COMPLETO DE SUPPRIMENTO DE SELLOS
ADHESIVOS E MERCANTIS Na sua Matriz, Agencias e Filiaes.

ção intima com o drama social do instante em que vivemos.

— Todo romance contemporaneo é de these. Quando não apparece gritante na bocca das personagens ella está bem viva nas entrelinhas ou nas attitudes da gente que se movimenta no livro. O escriptor novo que se atreve a romancear *factos e vidas* sem uma possível correspondencia com o humano e social se arriscará ao fracasso prematuro. São as taes obras que já nascem de cabellos brancos.

A condição humana das collectividades impõe ao romance e á novella de nosso dias a mais livre e avançada das technicas: — a technica do livro de massa. Na hora actual, em perfeita união de vistas com o panorama economico, politico e social do mundo, o que avulta no romance é o homem-massa e não o homem-individuo. E para elle estão voltadas as attensões dos politicos, dos sociologos, dos scien- tistas, dos artistas e dos poetas.

ADERBAL JUREMA

— A Academia Franceza ainda não se manifestou sobre os seus dois grandes premios annuaes, o de romance e o de litteratura em geral. Entre muitos nomes, parecem bem cotados o de Daniel Rops para o primeiro e o de Pierre Mac Orlan para o segundo.

— A obra de D. H. Lawrence continúa a ser divulgada em França. Agora é a livreria Stock quem nos dá as *Matinées Méxicaines*, livro de esbocetos e annotações traçadas ao correr da pena e de que se serviu mais tarde o grande escriptor inglez para escrever *A Serpente de Pennas*.

— *Avant le grand silence*, tal é o titulo do ultimo livro de Maeterlinck, que tantos admiradores conta entre nós. Trata-se de uma collectanea de pensamentos a respeito dos grandes problemas do Universo, que aliás fazem o escriptor desencantado e pessimista.

— Subordinada ao titulo geral de "Em que ponto está a Medicina?" Jean Prevost acaba de fazer em numeros successivos de *Marianne*, uma série de inqueritos junto ás maiores summidades médicas. Para tal balanço foram ouvidos Charles Nicolle, os professores *Abraimi* e Gosset, os technicos do Laboratorio Fournau e o professor Debret, falaram respectivamente das doenças infecciosas, das doenças funcçionaes e organicas, da cirurgia, dos remedios e da medicina social. Um ultimo capitulo, muito bem lançado, trata da homeopathia, da physiotherapia e outros processos curativos. O inquerito de Jean Prevost, pela sua actualidade e honestidade com que foi feito, é digno da attenção de toda a nossa classe medica.

Raul Briquet — *Psychologia Social*
— Livreria Francisco Alves.

Não se deixando arrastar por nenhum exaggero de personalismo e procurando para todos os factos a sancção da experiencia, o sr. Raul Briquet merece para seu livro a attenção de todos os homens cultos. Muita gente tem discorrido sobre essa ardua materia de psychologia collectiva. Muito papel se tem gasto nesse particular, com proveito e sem proveito. Mas o sr. Briquet não chegou tarde para se fazer ouvir, tanto mais quanto realmente chega bem provisionado na materia. A documentação e a segurança logica com que faz intervir no assumpto o estudo subsidiario da biologia e da sociologia, inseparaveis já agora do esclarecimento dos factores psychicos, redunda numa synthese conclusiva que bastante aproveitará aos exegetas da vida social. Demonstrando intenções manifestas de divulgador, nem por isso faz descer um thema cultural a qualquer especie de banalidade plebéa e offerecer-nos um livro escripto por quem leu centenas de outros, mas conserva sempre virtudes de creador em opposição á tarefa mecanica do compilador. O nome do sr. Raul Briquet deve ser guardado por quantos prezam as pesquisas da intelligencia.

J. de Souza Martins — *Terra...* —
A Graphica — Bahia.

O autor possui apenas dezoitos annos e é esta a sua estréa litteraria. Lendo-o, nossa impressão é de que o estreante deve ser acoroçado. Indiscutivelmente ha nelle pendor para o dominio da materia artistica, e não podemos deixar de estar de accordo com o grande poeta Arthur de Salles, uma das mais puras vozes lyricas do norte do paiz, quando escreve: "O trabalho do sr. Souza Martins revela uma individualidade litteraria das mais reaes esperanças. Nas suas paginas ha imaginação viva, dramatização, movimento que despertam interesse no leitor. O scenario magestoso e selvagem em que se desenrola o drama intenso dessas vidas de ideaes desconstrados está descripto com tintas de uma palheta variada e suggestiva. A fixação dos typos, o dialogo denotam dotes de observador que se irão alargando, intensificando com o estudo e a meditação".

Essad Bey — *A Luta pelo Petroleo*
Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Encontram-se aqui paginas vivissimas sobre o petroleo, seja na realidade, seja numa interpretação romanceada. Rockefeller, o grande magnate nonagenario, perpassa pelo volume, seguido da competição e das insidias de todos os machinadores de tramas dos bastidores economicos. E' uma guerra de interesses, que poderá provocar, se já não provocou, matanças sangrentas. Conhecendo bem o assumpto, por isso que tambem participe dessas rivalidades monetarias, o autor do livro demora-se particularmente na lucta travada entre o trust americano e o inglez, para a conquista de ricos mananciaes petroliferos e de excellentes mercados pelo mundo afóra. Quanta gente, inflando as bochechas com a palavra liberdade, não está sendo, sem saber-o, simples servidora e cumplice das marchas e contramarchas desses vo- razes amontoadores de dollares! Uma obra sensacional.

Henri Wallon — *Principios de Psychologia Applicada* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Foi muito bem traduzido pelo professor Caldeira Filho este volume de um grande mestre de psychologia da Europa, de um homem cujas lições os alumnos da Universidade de Paris sempre ouviram com proveito. Seja tratando das condições psysiológicas do trabalho, seja elucidando os principios e origens do methodo dos testes, Henri Wallon diz-nos coisas que só poderíamos entrevêr vagamente, que só um scienista como elle poderia articular de maneira tão nitida. Não ha aqui uma pagina que não encerre a sua dose de proveito para o leitor que saiba ler, que não se rebelle contra o autor, que não pretenda orgulhosamente saber mais do que elle. A quem quer que olhe em cheio os problemas concretos dos nossos dias, recommendamos o que vem neste livro substancioso a proposito da selecção e da orientação profissionaes.

As Livrerias CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro n.º 162

e no Edificio Alhambra

adquiriram e estão venden o os
Ultimos Exemplares
dos seguintes livros de
MACHADO DE ASSIS

"CRITICA",
"D. CASMURRO",
"ESAU E JACOB",
"RELIQUIAS DA CASA VELHA",
"HELENA",
"HISTORIAS DA MEIA NOITE",
"HISTORIAS SEM DATA",
"A MÃO E A LUVA",
"MEMORIAL DE AYRES",
"BRAZ CUBAS",
"OUTRAS RELIQUIAS",
"PAGINAS ESCOLHIDAS",
"PAPEIS AVULSOS",
"POESIAS COMPLETAS",
"QUINCAS BORBA",
"RESSURREIÇÃO",
"SEMANA",
"THEATRO",
"VARIAS HISTORIAS" E "YAYA GARCIA".

Volume brochado 6\$000

Volume encadernado 9\$000

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES (*Cartas a Gastão Cruls*)

Hamburgo, 5 de Outubro de 1931.
Caro Gastão.

Por esta mala deve seguir uma longa carta na qual eu lhe dizia não poder mandar coisa alguma para o numero 2 do *Ariel*. Resolvi, porém, fazer um *tour de force* e ahi lhe envio um artigo sobre o ultimo volume publicado das cartas da Rainha Victoria. Não sei o que V. pensará disso. Estará longo demais? Como posso eu saber se ainda não vi o jornal? Só depois de vêr o primeiro numero é que poderei graduar as doses de semsaboria que lhe enviarei. Tive agora uma idéa para V. explorar no *Ariel*: um artigo do Almachio Diniz sobre o Pontes de Miranda. Deve ser luminoso. Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo 28-outubro de 1931.
Meu caro Gastão.

Obrigadissimo pela sua carta. Que noticia atroz a que me deu V. da morte do Antonio! Peço-lhe o favor de ir ao Castilho (a quem já escrevi) e dizer-lhe que não me consólo da perda do rapaz, que era uma perola. Este anno tem sido ruim para mim nesse ponto: com o Antonio é já a quinta pessoa de minha estima que morre este anno. O corpo do Cox deve ter chegado ahi hontem. Imagine: um amigo de tantos annos! Que joia! Nem é bom falar nisso...

Falo do seu *Boletim*. Saiu esplendido. E' coisa nova no Brasil. Cheio de bons artigos, materia interessante. Recebeu V. o que lhe mandei acerca da Rainha Victoria? Hei de ir mandando o que me fôr possivel. Aqui junto encontrará V. dois. Receio que fiquem muito grandes. Mas enquanto não vir um dos meus no *Boletim*, não posso calcular a quantidade de espaço que devo garantir. Dos numeros que trouxeram trabalhos meus peço-lhe mandar-me mais de um exemplar, pois não faltam *pidões* para taes coisas.

Por hoje basta, porque estou muito perturbado por todas essas noticias e o continuo vae sair para o correio. Aproveito, pois, o portador.

Peço-lhe a fineza de entregar o bilhete junto ao Grieco.

Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo, 3 de novembro de 1931.
Meu caro Gastão.

Ahi vae mais um artiguete para o *Boletim*.

Não tenho visto nenhum dos discursos que elle tem feito por toda a parte, conforme V. me diz na sua carta! Imagine como não devem estar vãos, ocos e idiotas. Mas, meu querido, é um dos grandes homens do actual momento, na nossa pobre terra. Gastão! Só a enorme desmoralização em que chafurdou o mundo depois da guerra é que tem ainda permitido e até justificado que um paiz tão ignobilmente carnavalesco como o Brasil ainda tenha esse simulacro de in-

dependencia politica que conserva. Digo isto porque o Brasil me parece maduro, madurinho para uma occupação estrangeira. Quando um paiz chega á falta de dignidade de que temos sido testemunhas (haja vista a questão orthographica), perdeu o direito de intitular-se independente. Mas páro aqui, porque estou hoje lugubre. Talvez seja effeito da dôr que sinto num dente... Recebi carta do Gilberto Amado. Do Idem Freyre não tenho noticia.

Lembranças ao Grieco e ao Ramos.
Abraços do velho

Torres.

Hamburgo, 23 de novembro de 1931.
Caro Gastão.

Duas palavrinhas apenas... Até agora não recebi o numero do *Boletim* deste mez e já ha tempo de sobra para ter chegado! Talvez vocês se tenham esquecido de mandar. E' bom que alguém na redacção, ou melhor, na expedição, fique encarregado disso. Por sua carta fiquei inteirado de que esse artigo só pôde sair em dezembro. Tenho mais coisas para mandar. Mas imagine só: levei uma quêda que me teve de cama uma semana inteira. Estou ainda com o braço esquerdo terrivelmente dolorido. Nem posso vestir o paletó sózinho. Querera você mandar-me o endereço do Arlindo? Desejo escrever-lhe, embora elle não me escreva, o que eu perdôo por conhecer as difficuldades atroztes com que elle luta quando tem de escrever qualquer coisa que não seja....

Dagora em deante mandarei notas mais succintas para o *Boletim*. Já lhe disse em carta anterior a minha opinião a respeito. Está uma publicação excelente, civilizada, culta, uma coisa de que o Brasil é pouco digno, pelo menos o Brasil de hoje!...

Brevemente

ROTEIRO DAS MÃES

Alimentação da
criança

pelo Dr.

Suikie Carneiro

Em edição

" ARIEL "

Depois do nosso Cox, foi-se tambem o nosso Severiano de Rezende! Pobre Amigo! Enlouqueceu nos ultimos dias. Levou-o a diabetes.

Lembranças aos amigos.

Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo, 12 de Dezembro de 1931.
Meu caro Gastão.

Recebi sua carta ultima. Duas palavras apenas, no meio da attribuição do serviço e com tres machinas de escrever a trabalhar. Detesto esses maleficos instrumentos. Vou providenciar a respeito da traducção da *Amazonia*. Mas agora uma pergunta: como é que V. mandou os originaes sem guardar copia? Não sei si conseguirei desencavar a tal senhora ingleza, mas farei todo o possivel por intermedio de um inglez meu amigo em Londres. Recebi o livro do Agrippino que vou ler e sobre elle escreverei algo, talvez hoje mesmo.

Abraços do velho

Torres.

Hamburgo, 24-XII-1931.

Caro Gastão.

Duas palavras apenas nesta nublada vespera de Natal. E' o tempo proprio da estação... Tendo escripto ao meu amigo Cresswell, de Londres a respeito dos seus originaes, delle recebi uma carta da qual transcrevo o topico que lhe interessa: (1).

Como V. vê, estou agindo. Aguardo a segunda carta do Cresswell e logo que a receber, V. será sabedor.

Ahi vão dois manuscriptos. Estão muito emendados, de sorte que as provas devem ser revistas com muito cuidado. Continuarei a mandar mais. Recebi o maço de *Boletins*, que agradeço. Continúe a mandar-me assim, para que eu possa satisfazer a amigos.

Lembranças ao Grieco, ao Ramos e ao Gilberto, que não me escreve. Mandei-lhe uma carta concitando-o a falar sobre Goethe. Não sei se a terá secebido.

Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo, 31 de dezembso de 1931.
Caso Gastãozinho.

Obrigado pelos votos que me mandou em carta autographa! Raridade! Maravilha! Vou conservá-la. Pretendo ganhar dinheiro com ella, vendendo-a nalgum leilão de Christie's em Londres, onde ella será disputada por millionarios yankees ao lado de cartas de Shaw, Dickens, Shelley e outros. E' um encanto aquelle papel, com aquella mulatinha em chromolithographia que lhe orna o cabegalho

Com esta vae mais um artigo para o *Boletim*. Outros se seguirão. Grandes como o que foi sobre a Rainha Victoria não irão mais. Peço cuidado com a revisão desse artigo, porque, além de ir muito emendado e inçado de entrelinhas, contém coisas em allemão. Convoque o Saul para ajudar a revê-lo. Quanta emenda, Meu Deus! Mas que quer você? Genios como Flaubert e eu

soffrem dessa atroz doença que é a Tortura da Fôrma...

Com esta encontrará V. também já a segunda carta que o meu amigo Cresswell me escreveu de Londres ainda sobre a encantada Mrs. Sheridan. Recebi-a hoje. Como V. verá, não ha signaes da dama mysteriosa. Mas como é que V. entrega a uma creatura originaes de livro seu **sem conservar copia do mesmo**? Não atino com semelhante desatino por mais que procure penetral-o. O meu amigo inglez promete continuar na alcateia a ver si consegue descobrir algum rastro della. E' rapaz de palavra. Confio nelle, embora sem esperanças de que essa Madame X seja descoberta aqui ou ali.

Abraços do velho grato.

Torres.

P. S. Quando sair artigo meu, mande-me sempre alguns numeros a mais. Antes que me esqueça, poderá V. mandar-me um exemplar da **Vida dos Peixes**, de Von Ihering? (Comp. Melhoramentos de S. Paulo). Ha já muitos dias que seguíram pelo correio, devidamente registrados, dois artigos: um sobre o livro de Grieco e outro sobre Rasputin. Tel-os-ha V. recebido?

Hamburgo 7-1-32.

Caro, amado e adorado Gastãozinho mimoso da minha alma.

Ahi vae um artigozinho sobre o malquinhozinho Nietzsche. Espero que agrade aos leitores do nosso **Boletimzinho** de **Arielzinho**. E' o primeiro artiguinho que escrevo este annozinho. Cuidado com o allemãozinho, porque é linguinha muito arrevezadinha. Acho bom chamar o Saulzinho para fazer a revizãozinha de accordo com o originalzinho. Terá V. recebido a criticazinha sobre o livro do Agrippininho? Seguiu já ha bom tempinho e em naviozinho velozinho. Espero que não tenha havido extraviozinho. Recebi o livrinho do Miguelzinho Ozorio. Gostei muito. Vou escrever ao autorzinho. **J'aime Michel... Honny soit qui mal y pense...**

Abracinho e beijinho do todinho seuzinho.

Totoninho.

Hamburgo, 16-1-1932.

Meu Caro Gastão.

Ahi vae mais um linguado. Desta vez é sobre o livro de Manoel Bomfim — **O Brasil na Historia**. Bom livro. E' pena que o Bomfim escreva tão mal. A revisão foi pessima.

Tenho recebido suas cartas, que são para mim como torrões de assucar para fox-terrier. Gostou da comparação? Poetica, não é? Agradeço-lhe os retalhos de jornaes que me tem enviado. Vou escrever ao Amarilio de Vasconcellos agradecendo-lhe sua gentileza. Tenho mandado sempre coisas para o **Boletim**. Raro é o correio que não leva algumas tiras. Terá V. recebido a carta que me mandou de Londres o Cresswell a respeito da mysteriosa Mrs. Sheridan? Já seguiu ha muitos dias.

E aqui fica sempre a seu dispôr o seu velho

Torres.

Hamburgo, 1 de fevereiro de 1932 (2)
Meu caro Gastão.

Por este correio envio-lhe um livro de

George Moore (3), que V. me fará o favor de entregar ao Gilberto Amado.

Por este mesmo correio envio-lhe também uma carta que V. me fará o obsequio de entregar ao sobredito.

Mando-lhe apenas este bilhete porque estou com muita pressa.

O **Boletim** só me chegou no dia 25 de janeiro. Está excellente mas custa muito a chegar a Hamburgo.

Brevemente lhe escreverei mais longamente.

Abraços do seu, **Antonio Torres.**

Hamburgo, 2 de fevereiro de 1932.

Meu Caro Gastão.

Ahi vae uma chapa de gramophone na qual lhe dictei uma carta que trata de um possivel livro de chronicas, etc. Ha nella outros assumptos, como por exemplo, a couraça para o Fiuza. E' preciso fixar a chapa muito bem no aparelho, usando para isso o anel de borraça que vae junto. Não sei se isso já é conhecido ahi no Rio. A's vezes a chapa falha por estar um pouco empenada. E' preciso desempenal-a, mas sem forçar os dedos sobre a parte gravada para não prejudical-a. A chapa leva também lembranças ao prof. Juliano e Dona Augusta, assim como a outros amigos. Da-gora em deante só escrevo aos amigos por meio do gramophone.

Abraços do velho **Torres.**

Hamburgo, 17 de fevereiro de 1932.

Caro Gastão.

Duas linhas apenas para saudal-o e enviar-lhe o que vae junto. Peço-lhe a fineza de entregar ao Miguel Ozorio, cujo endereço ignoro, a carta que ahi encontrará. Agradeço o livro sobre os peixes e também o do Baptista Pereira. Este parece estar escrevendo agora um pouco melhor, sem excessos de classicismos idiotas. Não se esqueça de mandar-me alguns numeros do **Boletim**, que, por signal, me chega aqui sempre no fim do mez! Recebeu uma chapa de gramophone que lhe mandei? O porte do Correio fica mais caro do que a chapa. Já mandei ha muito o artigo sobre o livro do Grieco. Mando tudo sempre registrado. Abraços do seu velho.

Torres.

Hamburgo, 16-3-1932.

Meu caro Gastão.

Peço-lhe a fineza de entregar ao Juliano Moreira a carta inclusa. Terá V. recebido a carta do Cresswell a respeito da tal ingleza mysteriosa como a propria Amazonia?

Ha muito V. não me manda noticias.

Recebi o **Boletim** de Fevereiro. No meu artigo sobre o **Natal na Allemanha** havia alguns erros, mas isso é do officio. Aguardo agora o de Março!

E o Gilberto? Não escreve mais? Estará tão mergulhado na advocacia que já não encontra tempo para as bellas-lettras? Tão absorventes serão as lettras juridicas? Um abraço a elle.

Do velho

Torres.

(Continúa)

(1) Segue-se uma transcrição em inglez, sobre assumpto que não interessará ao leitor. — 2) Uma das raras cartas de Torres escriptas a machina. Provavelmente foi dictada a alguém no Consulado. — 3) *Aphrodite in Aulis*, livro a que elle já se ha-
via referido em carta publicada em numero anterior.

Paulo Setubal — **O Romance da Prata e O Sonho das Esmeraldas** — Cia Editora Nacional — São Paulo.

E' o sr. Paulo Setubal um dos melhores reanimadores do nosso passado, para confusão de quantos affirmam que romance historico não é romance nem é historia. Na evocação dos que procuravam com tamanho ardor as minas de prata, contagiados pelo sonho de Roberio Dias, haverá certas repetições monotonas e relativa ausencia de entrecho, mantendo-se muitas vezes em estylo de chronica aquillo que deveria ser novella movimentada e intensa. Mas a narração das proezas dos caçadores de esmeraldas tem vida impressionante, numa constante renovação de effeitos, não faltando nunca imprevistos de fabulação e episodios. O orgulho paulista converte-se ahi em obra de arte creadora. Fernão Dias Paes avulta nessa prosa como nos versos de Bilac. Fascinam-nos as aventuras desses mercenarios que acabavam authenticos heróes e de simples rapinantes subiram a civilizadores do Brasil, fazendo germinar cidades e homens por todos os cantos. A rigor a historia dos bandeirantes é só o que possuímos de epopéa. E bem haja a tarefa de quem, como o sr. Paulo Setubal, possue cultura historica, o que poucos romancistas nossos possuem, e dispõe de um estylo agil e persuasivo, coisa absolutamente ignorada pela maloria dos nossos historiadores.

Arnaldo Cathoud — **A Raça da Lagoa Santa** — Edições Apollo — Bello Horizonte.

Trabalhos destes evidenciam quanto é fecundo um nobre exemplo de dedicação desinteressada á sciencia. Com effeito, da benemerencia de um Peter W. Lund resultou toda uma escola, toda uma longa sequencia de estudiosos do Brasil que ainda não era Brasil, do mysterioso Brasil paleontologico. O senhor Arnaldo Cathoud é bem da estirpe intellectual do sabio dinamarque, dispondo de uma armadura de erudição e de um senso realista das pesquisas que o tornara digno de proseguir na obra daquelle que, fazendo trabalho inteiramente novo e tendo de casar a intuição á investigação, deu nesse terreno prestigio internacional á cooperação scientifica do Brasil.

Mario Mello — **Aspectos da Historia** Edições da Casa Mozart — Recife.

Coisas de linguistica e ethnographia. Velho collaborador de jornaes, bastante popular em Recife, o sr. Mario Mello, não obstante ser secretario perpetuo do Instituto Archeologico Pernambucano, apresenta-se-nos sem pretensões a grande historiador, recolhendo dados pittorescos, detalhes anecdoticos, pormenores da vida antiga que não entediam o proximo e permitem uma leve interpretação de folhetim. E' a pequena historia, a deusa Clio na intimidade, e muitos francezes de real merito não desdenham de fazel-a assim.

"REVISTA CONTEMPORANEA"

Só se póde rejubilar com a apparição, cada vez mais frequente entre nós, destes inqueritos á vida e á cultura nacionaes. Reunindo nomes que não carecem de informes biographicos para que se lhes avalie do merito, a **Revista Contemporanea** representa um vigoroso sumario da actividade intellectual de homens como Joaquim Pimenta, Azevedo Amaral, Porto Carreiro, Leonidio Ribello, Mario de Andrade, Pedro Calmon e tantos outros. O Brasil de hoje, o momento internacional, sciencia e philosophia, lettras e artes, tudo aqui se reúne, sem atropelo de idéas, para deleite e edificação dos que procuram, em publicações destas, algo de superior ao pontapé esportivo ou ás photographias exhibicionistas da vida mundana.

Peter W. Lund — **Memorias Scientificas** — Edições Apollo — Bello Horizonte.

Sabe-se que, tendo vindo para o nosso paiz tuberculoso, esse grande cientista escandinavo aqui viveu longos annos e aqui lançou os fundamentos da paleontologia brasileira. O solitario da Lagôa Santa, ermitão da sciencia, reuniu, no tocante ao homem primitivo do Brasil, elementos que impressionaram a Europa. Era um observador minucioso e exacto que recorda, em outros dominios, o admiravel Fabre da Povença. Dahi o irresistivel encanto das suas memorias, escriptas sem pedantismo arrogante, com um geito simplicissimo de quem apenas pretendia transmittir factos, enriquecer os demais com os fructos de uma vida que foi toda ella dedicação e operosidade de um monge sem burel e sem tonsura.

Gustavo Barroso — **A Palavra e o Pensamento Integralista** — Civilização Brasileira — Rio.

Mesmo sem que isto importe em adhesão á doutrina, forçoso é reconhecer que no momento o credo do Sigma está enipolgando boa parte da opinião nacional e sendo discutido por milhares e milhares de brasileiros. Figura de destaque nesse movimento é o sr. Gustavo Barroso, cujo nome, na hierarchia partidaria, vem logo depois do sr. Plinio Salgado. Assim não poderá deixar de interessar aos defensores da grei, e tambem aos seus adversarios, este volume em que são postos em evidencia muitos dos mais expressivos postulados do Partido Integralista.

C. Paula Barros — **O Guarany** — Ria.

Idéa felicissima a de transportar á nossa lingua o libretto italiano da opera immortal de Carlos Gomes. Devemos a excellente lembrança ao poeta C. Paula Barros, um dos mais ardentes cultores das lendas e tradições do Brasil, e podemos assegurar que talento litterario e sadio patriotismo competem nessa meritoria iniciativa. Transplantando ao nosso idioma o **Ballada de Cecy** ou a **Canção dos Aventureiros**, provou o poeta patricio não faltarem flexibilidade e doçura para o canto ao admiravel instrumento de expressão que operou tamanhas maravilhas quando manejado por um Alencar ou um Arinos.

Eduardo Jacobina — **Conflicto de duas civilizações** — Editora Record. — Rio.

Ahi está mais um theorista do problema judaico. Theorista que, de resto, não receia fazer-se, por vezes, homem de acção e ir affrontar os adversarios na defesa dos postulados ethnicos que o apaixonam. Sabe-se quanto é perigoso apparecer deante do publico a discutir essas questões de raça, tão odiosas em geral. Ainda o verificamos no caso do sr. Eduardo Jacobina. Apparelhou-se este convenientemente para a sua tarefa, percorreu attentamente os autores essenciaes, architectou com habilidade os seus argumentos. Não obstante, a gente de pensamento opposto procurou vencel-o com a habil tactica do aparte manhoso ou, o que é peor, da calculada indiferença. Houve mesmo quem insinuasse maldosamente ser esse inimigo dos judeus de origem tambem judaica, o que o sr. Eduardo Jacobina solemnemente contesta, affirmando que os Souza Queiroz, estirpe a que se ufana de pertencer, não estão absolutamente tocados do sangue hebraico, não são de modo algum foragidos do "ghetto". Por tudo isso, este **Conflicto de duas civilizações** é livro dos mais vivazes, que se faz ler de extremo a extremo sem esmorecimento de interesse por parte de ninguém.

Charles Dickens — **A Voz dos Sinos** — Edições Cultura Brasileira — São Paulo.

Houve um tempo em que os chamados esthetas inglezes alludiam a Dickens com superior menospreço, achando-o um divertidor vulgar ou um explorador do pathetico que só poderia interessar á plebe ignorante. Esse era mais ou menos o conceito de Wilde sobre o creador de David Copperfield. Mas Chesterton e outros reagiram contra esse julgamento iniquo e hoje Dickens volta a ser reputado o maior vivificador de almas que appareceu na litteratura da Inglaterra.

Hermano Ribeiro da Silva — **Nos Sertões do Araguaia** — Ed. Cultura Brasileira — S. Paulo.

De uma velha familia da Paulicéa, mostra-se esse prosador tocado do antigo ardor bandeirante. Sertanista emérito, sem mythomania e sem litteratice inuteis, representa o typo do viajante objectivo á moda ingleza. Discipulo e continuador do inolvidavel Couto de Magalhães, vê os nossos ultimos indios sem falseal-os, sem deturpal-os numa illusoria pintura romantica, de mão imitador de Alencar e Gonçalves Dias. O senhor Hermano Ribeiro da Silva empolga-nos exactamente porque escreve com simplicidade e, em casos taes, a simplicidade é o que ainda ha de mais difficil. Não o attráe sómente o pittoresco das mattas e dos rios, mas de tudo extráe o corollario humano, o depoimento do brasileiro que quer vêr o Brasil melhorado, por isso que o sabe menos perfeito e edenico do que pretendem os patriotas delirantes.

PROXIMAS EDIÇÕES

"ARIEL"

Gaslão Cruls

A AMAZONIA MYSTERIOSA

(4ª edição)

V. de Miranda Reis

**ENSAIO DE SYNTHESE
SOCIOLOGICA**

(2ª Edição)

Renato Kehl

**COMO ESCOLHER
UM BOM MARIDO**

(2ª edição)

D. Milano

**POETAS MODERNOS DO
BRASIL (Anthologia)**

Arhus Sab

A MÃO E SEUS SEGREDOS
(2ª edição)

Baptista de Castro

**VOCABULARIO TUPY
GUARANY**

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Pedro Calmon — **O Rei do Brasil** — Livraria José Olympio — Rio.
- Marcos — **O Quilombo de Manoel Congo** — R. A. Editora — Rio.
- Roberto Seidl — **Carlos Gomes** — Rio de Janeiro.
- Humberto de Campos — **Crítica** — 1.^a, 2.^a e 3.^a séries. — Livraria José Olympio — Rio.
- Menotti del Picchia — **Soluções Nacionais** — Livraria José Olympio — Rio.
- Estevão Pinto — **Os Indigenas do Nordeste** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Aires da Matta Machado Filho — **Escrever Certo** — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.
- Nina Rodrigues — **O Animismo Fetichista dos Negros Brasileiros** — Civilização Brasileira — Rio.
- J. de Souza Martins — **Terra...** — Romance — A Graphica — Bahia.
- Paulo Setubal — **O Romance da Prata** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Paulo Setubal — **O Sonho das Esmeraldas** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Lucio Cardoso — **Salgueiro** — Romance — Livraria José Olympio — Rio.
- Edgard Liger-Belair — **Diccionario de Verbos Francezes** — Livraria Edducadora — Rio.
- Guillermo Francovich — **Supay** — Norma Editora — Rio.
- Francez pelo Methodo Directo — Um grupo de Professores — Livraria Educadora — Rio.
- Henri Wallon — **Principios de Psychologia Applicada** — Trad. de Caldeira Filho — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Charles Dickens — **A Voz dos Sinos** — Edições Cultura Brasileira — São Paulo.
- J. P. Proudhon — **Que é a Propriedade?** — Edições Cultura Brasileira — São Paulo.
- Will Durant — **Historia da Philosophia** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Casaccia Bibolini — **El Bandolero** — Editorial Atlantida — Buenos Aires.
- Juan F. Bazan — **Divagaciones Literarias** — Editorial El Liberal — Assumpção.

Aires da Matta Machado Filho — **Escrever Certo** — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.

O que antes do mais nos surprehe no sr. Aires da Matta Machado Filho é a sua polidez, a sua perfeita educação de escriptor. Ninguém ignora que os grammaticos primaram sempre pela iracundia, pela aggressividade com que lançam os seus ukases philologicos, pedindo o fogo do céu para os seus contendores, quando na impossibilidade de recorrer ao fogo terrestre de qualquer inquisição implacavel. Pois este illustre escriptor mineiro faz grammatica sem acrimonia, sem insultos a ninguém. Claro, simples, raciocinando e expressando-se com a melhor compostura, confere a esses assumptos subalternos a dignidade de um nobre genero litterario. Attendendo a consulentes dubitativos, orienta-os sem carranca ameaçadora e sem ultrages aos que porventura relutem em acceitar-lhe os ensinamentos. E', como André Thérive, um grammatico que dá lições com amenidade, e a gente, concordando ou discordando, sempre o lê com prazer, vendo que o que está realmente em jogo é um excellent, um indiscutivel homem de letras.

Servindo-se de documentos até então inéditos Pierre Monardi vem de publicar **Napoléon Bonaparte, enfant d'Ajaccio**. São paginas que se reportam á meninice de um pequeno de genio turbulento, brigador e voluntarioso, que então era conhecido por Nabulione. Não estão ahi as qualidades (ou os defeitos) daquelle que mais tarde modificaria a carta da Europa?

Pedro Calmon — **O Rei do Brasil** — Livraria José Olympio — Rio.

Trata-se da vida de dom João VI e, para historial-a, quem melhor do que este perfeito conhecedor de tudo quanto se prenda á casa dos Braganças? Vindo para aqui com a sua corte, o marido de Carlota Joaquina denunciava, de inicio, um grande horror pelos homens e coisas do Brasil. Mas o tropico fez um desses milagres que lhe são habituaes e o principe foragido acabou de tal maneira affeiçoando-se á nossa gente que, em tendo de retornar á Lusitania, só o fez com uma profunda saudade, não mais podendo desprender-se sentimentalmente de nós outros. Sem louvor e sem ataque excessivos, estudando ás direitas um soberano que parece muito simples e a rigor era bastante complicado, o sr. Pedro Calmon, exímio retratista historico, como que nos apresenta um dom João VI inteiramente novo. A mulher e os comparsas do gentilhomen bragantino são igualmente bem interpretados por esse seguro classificador de almas humanas. E o estylo, não antepondo nunca superfluidades ao essencial dos factos, não indo nunca á vaidade verbalista, é sempre um gozo para o leitor e uma lição de equilibrio e bom gosto aos outros historiadores.

Lopes Rodrigues — **Anchieta e a Medicina** — Edições Apollo — Bello Horizonte.

E' um trabalho de novidade innegavel e calculamos quantos obices não teve de vencer o autor para levá-lo a cabo. De facto, se muitos elementos existiam para falar-se do Anchieta em seus contactos com a medicina, estavam quasi todos esparsos, e só um medico, um desinteressado homem de sciencia, poderia coordenar-os com tamanha segurança e com um tão apaixonado devotamento pela memoria do homem mais puro que já pisou em terras do Brasil. Percorrendo o volume, sente-se, sem vislumbre de discussão, que o dr. Lopes Rodrigues nada ignora de quanto fizeram os jesuitas para combater as epidemias que nos devastavam. Eram, por instincto, naturalistas e therapeutas admiraveis, eram-no quasi por dom divinatorio. Mas, de todos elles, foi Anchieta quem mais christãmente minorou desgraças e soffrimentos dos nossos indios ou dos portuguezes vindos para cá. A lepra e outros males não lhe inspiravam nenhuma repulsa e existem em seu apostolado detalhes sublimes como só os encontramos na vida desse outro amigo dos pedintes e dos chagados que foi São Francisco de Assis.

Silvino Lopes — **Ladra** — Edições da Casa Mozart — Recife.

Ao que frisa judiciosamente o notavel romancista Lucillo Varejão, o sr. Silvino Lopes "é um bello definidor de caracteres e sabe com precisão crear um conflicto capaz de interessar o publico. Sua exposição é agil, sobria e tem a virtude de despertar a curiosidade pelo desfecho, sem que entretanto se perceba esse meio natural de que nos servimos como um recurso de necessidade". Estamos de pleno accôrdo com o novellista pernambucano e é-nos grato testemunhar que bastante esperamos de espiritos jovens como esse em pról da renovação do theatro brasileiro.

Juan F. Bazan — **Divagaciones Literarias** — Editorial El Liberal — Assumpção.

Esboços criticos, ensaios e artigos. Trata-se de uma intelligencia de curiosidade universal, seduzida sempre pela cultura, proceda de onde proceder. Livros desses testemunham do bello renovo que vae pelas letras paraguayas, e rejubilase ao pensar que o sr. Juan F. Bazan tem um numeroso publico assegurado para os seus escriptos, dada a divulgação continental, mais do que continental, da lingua que maneja. Espirito sem seita, sem barreiras de escolas, o ensaista de Assumpção tanto estuda o romancista sul-americano Blanco-Fombona como o delicioso novellista hespanhol Amando Palacio Valdez. Especialmente encantou-nos, nessa amavel collectanea, um trabalho sobre o nosso grande Eça de Queiroz, pelo qual possui o critico um entusiasmo dos mais intelligentes, defendendo-o da pecha de plagiario e igualando-o em muitas coisas a Gustave Flaubert. Sabe-se, de resto, que os volumes de Eça, traduzidos por Valle-Inclán e outros, circulam irrestrictamente por todos os paizes em que se lê castelhamo.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

A ESQUERDA E A DIREITA LITTERARIAS

Já vai longe o tempo em que estas duas palavras — direita e esquerda — eram usadas quasi que apenas em sua acceção litteral e propria e o unico risco que porventura, ou desventura, poderiam offerecer aos incautos era o de um andaime a esmagar-lhes um pé, a fracturar-lhes um braço, a partir-lhes a cara.

Da bitola dos carris, a direita e a esquerda se foram alongando numa extensão tal de sentido, que invadiram o dominio politico e social. De sorte que, de simples posição espacial que antes indicavam, a esquerda e a direita passaram a assumir tambem um sentido moral ao mesmo passo que se coloriam: uma é vermelha e a outra é branca, o que não quer dizer pacem habemus; não é, absolutamente, a cor da paz, já que tambem existe um terror branco...

Ora, a litteratura, que não pode ser exclusivamente a zona neutra da fantasia e do sonho, o paiz da evasão e da renúncia, da arte pela arte, das attitudes ensimesmadas, a litteratura, que é social por excellencia, teve que definir-se. Donde a esquerda e a direita litterarias. Donde, em que pese aos que lhe negam a legitimidade, o romance de these, these que não existe menos pelo facto de ser panglossiana ou de esconder-se atrás de uma pretensa isenção de espirito.

O palco litterario tem, portanto, uma direita e uma esquerda. A familia litteraria está desunida, dividida, bipartida. Ha, dentro della, duas tendencias contrarias, dois partidos adversos e não ha como furtar-se a gente a uma posição definida, sem incorrer na pecha de oportunista.

Impende-lhe, assim, ao litterato que não queira mudar diariamente de "camisa" litteraria, observar e comparar sufficientemente as duas bandas, antes de optar, de definir-se, de tomar posição. Impende-lhe verificar se é exacto que, emquanto a esquerda insiste no primado do social, a direita sobrepõe ao sentido do social o sentido

do humano; que, emquanto a esquerda prega mysticamente a revolução, a direita descobre "a verdadeira mystica", que, emquanto a esquerda deblatera contra as desigualdades e as injustiças sociaes, contra a exploração do homem pelo homem, a direita perscruta o "verdadeiro sentido da vida" e se perde em verticalidades, em profundidades, em densidades, em superposição de planos e outras subtilidades; que, emquanto a esquerda critica os preconceitos sociaes, a direita, emprestando a um não-sentido, a uma imbecillidade um sentido profundo, allude ao "preconceito de não ter preconceitos".

E então elle perguntará, de si para si, se a condição humana não é uma redução da condição social, resultante da differenciação progressiva do grupo; se a "verdadeira mystica" não é uma segunda edição da pedra philosophal e os seus "descobridores" uma resurreição dos antigos alchimistas; se, para as creaturas oprimidas, dessoradas, desossadas, embrutecidas, para os ex-homens enfim, a vida pode ter um verdadeiro sentido ou um sentido qualquer; se é possível, finalmente, ter e não ter uma coisa ao mesmo tempo, ou, por outra, se o principio de contradicção deixou de ser um principio essencial da razão humana...

Perguntará ou não perguntará. Isso é com elle. E' cousa que, mais que da intelligencia, que da razão, que do bom senso, geralmente depende, ou, pelo menos, soffre a influencia da educação litteraria, da posição social, dos gostos, das tendencias, das amizades, dos sentimentos, dos ressentimentos, das vaidades, do grau de moralidade do belletrista em questão. Se na especulação pura, nos estudos e apreciações de ordem objectiva, scientifica, é difficillimo fugir a esses factores negativos, inevitavel se torna a sua acção nos juizos normativos, nas attitudes idealistas, nas tentativas de solução de questões ethicas ou es-

The Ukiyoye Primitives -- By Yone Noguchi

Edição Particular — Tokyo, 1933

De uma riquíssima edição, em papel da China, protegida numa pasta com fechos de marfim, recebe o numero sete, do milheiro que foi tirado, assignado pelo autor.

Edição maravilhosa, de maravilhosas gravuras em madeira, que os japonezes denominam *Ukiyoye*. No prefacio Noguchi accentua como foram injustos os proprios japonezes para taes gravuras, interessados exclusivamente na historia dos desenhos feitos a mão. O livro mostra que existem ainda no paiz admiraveis *Ukiyoye*. Noguchi passa em revista algumas collecções. Gravuras xylographicas de Moronobu, Morofusa, Jihei, Moroshige, Ando, Dohan, Suio, Choshun, Sukenobu, Kiyonobu, O Issho, Kiyomasu, Masanobu, Toshinobu Shigenaga, Toyonobu, Matabei — compõem o lindo album de mais de cem quadros.

Cada qual Noguchi commenta da maneira a mais erudita. Escolho, ao acaso, as que me pareceram mais suggestivas. De Jihei — “Mulher louca de ciúmes” — nem precisava de legenda... Das diversas “Love scenes” que contem a collecção, só a de Moroshige lembra um idyllio á moda do occidente. “Camponezas”, batendo o arroz, é outra viva composição de Sukenobu; de Toyonobu uma banhista, meio desnuda.

Chama particularmente a attenção uma gravura de 1702, de Kiyonobu, em que se vê uma rapariga segurando com a mão esquerda a cabeça de um jovem e pespegando-lhe, na bochecha, do outro lado, um beijo...

Ora, quem ouviu a *Geisha* — velha opereta que corre mundo — bem se recorda que ali certo personagem japonês pede a uma inglezinha sapêca: “*Fattemi provare quella dolce usanza europea*”... O autor da opereta, vejo agora, andava atrasado: os japonezes já conheciam a “dolce usanza” desde muitos annos.

Emile Hovelacque dizia que a India era a terra da metaphysica; a China, da moral e o Japão a terra da arte. O volume de Yone Noguchi serve de prova.

ROQUETTE-PINTO.

theticas, nas cogitações sobre “o que deve ser”.

Quanto a nós, está-se já a vêr do exposto que, muito embora não pertençamos á grei litteraria, a essa “familia instavel” malquerida dos Le Plays, tomamos partido na questão. E que partido poderia tomar quem veio até aqui, gauchement, por estas linhas tortas?

V. DE MIRANDA REIS.

HISTORIA

Um dos nossos leitores paranaenses pergunta-nos se, além da admiravel *Historia do Brasil* de Robert Southey, alguma outra existe, igualmente de escriptor estrangeiro. Responderemos que a obra de H. Handelmann consagrada ao nosso passado é tambem trabalho de polpa e, em traducção levada a cabo por dois ou tres operosos cultores de lettras historicas, occupa exactamente mil paginas amplas, de composição compacta. A primeira vista, a enormidade do volume pôde apavorar os leitores affeitos ao manuseio de compendios portateis. Mas em se penetrando nessa admiravel reconstituição da vida brasileira, desde a chegada de Cabral ao periodo da Regencia, forçoso é convir que a impressionante móle de erudição nada contém de superfluo. A quantidade não vem ahi em menospreço da qualidade. Handelmann é um enumerador de factos, mas é tambem um philosopho da historia, um julgador de sociedades, um seguro critico de homens. Filho dessa região europeia que deu os historiadores por excellencia, de Niebuhr a Mommsen, soube elle transportar ao plano brasileiro todas aquellas qualidades realistas que caracterizam o espirito germanico quando se dá a anatomizar povos, sobrepondo aos mythos uma severa interpretação humana. Muito deve o enriquecimento da nossa cultura aos traductores desse livro, já agora inseparavel do de Southey dos de Varnhagen e dos trabalhos avulsos de mestre Capistrano. Mas deve muito especialmente ao sr. Max Fleuiss infatigavel mantenedor das tradições de um instituto em que o Brasil é ponto central de todas as cogitações.

Henri de Ziegler — *Vie de l'Empereur Frédéric II de Hohenstaufen* — Editor R. A. Corrêa — Paris.

E' um trabalho de historia feito com largueza, com uma desenvoltura que leva a pensar nos mestres do genero. Henri de Ziegler ha muito que se apaixonou pela singular, pela perturbante figura de Frederico II e sabe fazer vêr o que esse imperador de procedencia germanica tambem possuia de latino, fundindo numa personalidade complexa os melhores e os peores attributos dos homens do norte e do sul da Europa. Ora amigo, ora inimigo da Igreja, construindo ou destruindo, passando sem transição da extrema bondade á perversidade extrema, esse politico temivel não ia sem finuras e sem delicadezas que o tornaram por vezes um precursor dos mecenas de poetas e artistas da Renascença. Evidentemente, Henri de Ziegler conseguiu decifrar muitos aspectos de uma inquietante incognita humana e o seu livro, copiosamente documentado, é retrato em que nenhum detalhe physionomico foi desfigurado, seja no sentido do aformoseamento adulativo, seja no da grosseira deformação caricatural. A edição parisiense, do nosso patricio R. A. Corrêa, simplesmente magnifica.

Acaba de apparecer:

ANTOLOGIA DE POETAS MODERNOS

Organizada por D. Milano, com poesias de

ABGAR RENAULT — AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO — ALVARO MOREIRA — AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — FELIPPE D'OLIVEIRA — JOÃO ALPHONSUS — JORGE DE LIMA — MANUEL BANDEIRA — MARIO DE ANDRADE — MURILLO MENDES — OSWALDO DE ANDRADE — RAUL BOPP — RIBEIRO COUTO — RONALD DE CARVALHO — ETC. ETC.

PREÇO: 6\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

CALUNGA

Poderão objectar que Jorge de Lima neste livro pouca um problema e não indica sua solução. Entretanto a solução compete aos politicos, aos economistas, aos technicos.

Calunga é um esquema poderoso da vida miseravel do Nordeste. E é um documento social de grande alcance, que attinge á realisação artistica justamente por ter sido escripto sem preocupação de these ou propaganda politica.

Actualmente no Brasil ha uma certa tendencia a se considerar "litteratura social" sómente uma determinada expressão de litteratura que visa enaltecer os postulados communistas. E' um erro, porque um escriptor da direita pode perfeitamente ter uma compreensão social da litteratura e da sua influencia sobre uma collectividade. Póde-se mesmo dizer que não ha nenhuma especie de litteratura que não seja tambem social.

Jorge de Lima comprehendeu a dupla função individual e social da litteratura, collocando-se numa posição de equilibrio. Si o individuo é anterior á sociedade, como poderá o escriptor observar, reproduzir e re-crear os factos de significação social, si não construir a sua personalidade de maneira efficiente a poder julgar-os com acerto?

A confusão em torno da litteratura "proletaria" augmenta dia a dia no Brasil, embora Trotsky, Rosa Luxemburgo e outros já tivessem posto os pontos nos ii. Esta chegou mesmo a escrever que o fim da arte é commover a alma humana, qualquer que seja a posição politica do artista. E' claro que não existe arte desinteressada, o que varia são os *alvos do interesse*. Nada mais interessado do que, por exemplo, a poesia religiosa, a poesia que converge para Deus; pois que Deus é o supremo interesse.

Jorge de Lima não é politico nem economista. E' um poeta e um artista.

Mas como a poesia é uma das chaves do conhecimento da vi-

da, elle serviu-se deste meio para mostrar aos outros homens a miséria do nordestino, supprindo assim a imperfeita sensibilidade alheia, pois a função da arte é eminentemente educativa, e, como se sabe, esta precede muitas vezes á sciencia.

O dedo indicador de Jorge de Lima, poeta e medico, *aponta* aos outros a doença que elle mesmo não sabe ou não pode curar. Que venham outros para auxiliar.

Até o momento presente não conheço nenhum romance da esquerda que possa contrabalançar *Calunga*. A grandeza individual do homem perde-se deante da terra que o acaba esmagando com sua força bruta e suas doenças a que nenhum palliativo reformista dá geito. Sente-se que só uma transformação da estrutura economica da sociedade poderá melhorar aquillo.

Ha no livro uma especie de força genesica que não abandona nem uma de suas paginas. A atmosfera da ilha, com sua immundicie, sua flora e sua fauna, que ás vezes assumem mais importancia que o proprio homem, a degradação dos instinctos e a desgraça das forças teluricas, tudo isto pesa sobre a gente como a propria maleita que é um dos personagens centrais do livro.

A façanha de Pióca com os cabras do Delegado é uma pagina de agilidade incrível. Anna, embora esquisada, é uma admiravel figura feminina, extremamente humana. O Santo, symbolo da falsa religião do Norte, e o Coronel Tôtô, são duas fortissimas creações. A novella é lançada em linhas muito simples mas ás vezes attinge quasi o épico, como na final, em que as duas gerações personificadas no Coronel Tôtô e no Doutor Lula se fundem numa mesma unidade de miseria, absorvidos pelo redemoinho que elles não souberam vencer. Um ou outro preciosismo enfeia o livro. Algumas concessões á modernice, que

já passou e já está ficando pau. Mas uma força poetica muito grande servida por uma bôa documentação realista. Sem duvida, um dos grandes livros da litteratura brasileira, em todos os tempos.

MURILO MENDES.

Fernando L. Osorio (Pae) — *A Guerra dos Farrapos* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Pertencendo á estirpe do grande guerreiro que tanto fez pelo Brasil nos recontros do Paraguay, o autor da *Guerra dos Farrapos* estampa mais um livro destinado a avivar o fervor civilco das festas gaúchas de setembro proximo. Trata-se de um historiador que dispõe de um farto numerario de informações. De ha muito vem elle redigindo os seus volumes em torno ás glorias da familia Osorio e do Rio Grande do Sul em geral. A politica não o distrahiu nunca desse arduo e nobre mistér de recompôr em prosa chã a epopéa dos homens que conviveram com Garibaldi e deram em Bento Gonçalves um dos paradigmas da bravura brasileira.

Maximo Gorki — *A Mãe* — Civillização Brasileira — Rio.

E' essa uma collecção das mais estimaveis, porque divulga a preços modissimos, livros que de modo algum desajudam a cultura alheia. Basta dizer que, entre os seus volumes até agora sahidos, figuram romances de Victor Hugo, Leão Tolstoi, Alexandre Dumas e José de Alencar. Muitos estão exgottados, o que evidencia não ter faltado o favor publico a essa suggestiva série de ficções de todos os matizes. Um dos ultimos volumes nella estampados é a traducção d'*A Mãe*, de Maximo Gorki, precedida de um rapido estudo de S. Perski. E uma feliz transposição cinematographica, ha tempos exhibida entre nós, deve estar aguçando a curiosidade de muitos leitores para o conhecimento de tal livro.

Jenny Pimentel de Borba — *Mendiga de Amor...* — Livraria Jacintho — Rio.

Directora de uma brilhante publicação feminina que conta com um profuso numero de leitores, a sra. Jenny Pimentel de Borba evidencia, com a publicação de agora, não circumscrever ao jornalismo as suas aptidões mentaes. Contista, ao que ella propria esclarece nas palavras liminares da *Mendiga de Amor*, seu principal objectivo é reflectir o humano, o real. Ao invéz de decalcar personagens nas personagens dos livros alheios, decalca-os na vida. E, como os seus trabalhos são em geral ligeiros e incisivos, todos em quadinhos e esbocetos dialogados com espontaneidade, não ha como deixar de louvar-lhe a collectanea de estréa.

PRIMEIROS POVOADORES DO BRASIL

O livro que o sr. Yan de Almeida Prado publicou recentemente é resultado de trabalho consciencioso servido por uma bem orientada cultura sociologica. Acerca dos nossos primeiros povoadores existia muita coisa esparsa que necessitava concatenação methodica. Estava reclamando sentido. E esse grande serviço foi corajosamente enfrentado para o fim de ficar de vez por toda demonstrada a formação historica da nacionalidade brasileira. Sahiu, desta forma, um livro compacto, ponderado, excellente mesmo, por certo indispensavel a quem se disponha examinar o assumpto, a fundo, entre os annos de 1500 a 1530. E' o primeiro volume de obra vasta que o escriptor emprehendeu realizar com minuciosidade dentro das brumas de quatro seculos batidos. A historia do nosso paiz neste particular reclamava contribuição tão interessante.

Portanto, o valor consequente desse apreciavel esforço de erudição impõe que se faça justiça, que se diga affirmativamente: não constitue apenas um prazer, porém uma necessidade dominante a leitura dos *Primeiros Povoadores do Brasil*. Ninguém mais poderá dispensar o seu conhecimento de vantagens innegaveis; ninguém que se preocupe com a formação do nosso povo, formação complicada e exotica, soffrendo influencias raciaes numerosas. Sem salientar outras também poderosas que o conde de Keiserling classifica de telluricas. E que "possuem todo o potencial da natureza, toda a sua força de designios inconscientes e toda a sua ingenua crueldade.

Para estudar os elementos ethnicos que vieram parar na terra brasileira, teve o sr. Yan de Almeida Prado de ir longe. Desceu ás raizes mais profundas. Dahi o capitulo completo que consagra ao Portugal de 1385 a 1495. A historia colonial do Reino inicia-se a bem dizer com o infante Dom Henrique e culmina com Dom João II. Após vem Dom Sebastião. Tudo é examinado com escrupulo cuidadoso. As descobertas empolgavam as ambições do luzitano daquella época em que o espirito aventureiro se atirava ás tremendas incertezas dos "mares tenebrosos". O reconhecido heroismo dessa gente fez com que o "jardim á beira-mar plantado" se tornasse uma potencia de primeira ordem, não por causa de seus proprios recursos materiaes, ainda hoje precarios, mas por força das consideraveis conquistas territoriaes conseguidas na Africa, na Asia e na America.

O infante Dom Henrique, filho do rei Dom João I, tivera a intuição das viagens descobridoras, por isso que se dedicava a estudos nauticos, á armação de navios e á exploração de paizes novos. Seus pilotos conheciam bem a costa africana e o archipelago dos Açores — onde chegaram a cultivar o assucar. Sua ambição de tornar Portugal poderoso deu inicio ao movimento que

em breve iria culminar com o descobrimento do Brasil. A iniciativa "particular", isto é, o gosto pela navegação, encontrava decidido apoio do soberano eventualmente no poder, ou de algum principe de mentalidade mercantil. E' que as expedições, ás vezes sem rumo, traziam sempre colheitas extraordinarias, não obstante as surpresas advindas dos piratas que cortavam e dominavam os oceanos.

Incontestavel, porém, é que para a Fazenda do Reino se canalisava quasi todo o ouro provindo de transacções commerciaes ultramarinas, problematicamente licitas; e de saques sangrentos, realizados sob as vistas complacentes de capitães de fama pelos seus crimes deshumanos. No entanto glorificados officialmente. Não fosse o destemor desses marinheiros afoitos e sem a menor duvida seriam retardadas as iniciativas que directamente influiram na civilização do tempo. Também os filhos de Israel foram revelados de maneira pormenorizada na sua participação ethnica, defendido o Santo Officio e justificadas as tremendas perseguições da Egreja — ponto este, no dizer dos catholicos, inacessivel á comprehensão dos "primarios".

Foi o homem portuguez, como se vê, apreciado em faces variadas. Foi estudado antes de emprehender a sua penetração no Brasil colonial. O hespanhol e outros povos do Mediterraneo ficaram fóra do plano pré-estabelecido, sendo que este reparo vae á conta dos ruidos historicos sobre a presença nestes lados verde-amarellos do novo continente, anteriormente a 1500, de sujeitos ousados e curiosos, navegadores e também possiveis povoadores. Demonstrando o quadro da formação da nacionalidade brasileira, teve o sr. Yan de Almeida Prado de se remontar a todos esses fascinantes factores de natureza social, politica e moral, collocando-se de certo modo em situação opposta á do sr. Paulo Prado quando este desenvolve a these litteraria a respeito de degredados e ssnuaes, typos considerados basilares, admittidos como origem mesmo dos sentimentos que tornam o nosso povo um tanto triste. Na *A Provincia*, de Recife, cheguei a publicar três artigos criticando a contribuição do illustre paulista, logo depois de apparecida, isto por volta de 1929. Foram aquelles pontos os mais debatidos: criminosos, luxuria, etc. Negava-os como influencia preponderante. Nego-os ainda hoje.

O autor encara a situação dos povoadores sem deixar de registrar primeiramente a casualidade da descoberta feita por Pedro Alvares Cabral, fundamentando-se para tanto nas razões do escrivão Pero Vaz Caminha, expostas na carta dirigida a Dom Manuel, o Venturoso. Mostram nas entrelinhas a excellencia do movimento dos jesuitas de moral dura e orthodoxa, não procurando estabelecer confrontos com a obra dos franciscanos na Asia, cuja orientação, no caso de haver

sido applicada no Brasil primitivo, poderia ter dado estabilidade economica á familia christã recém-organizada. Salienta os dois importantes focos civilizadores ao sul com o famigerado João Ramalho e ao norte com Diogo Alvares, o Caramurú — cheios de gloria porque iniciadores da miscibilidade resultante do sangue europeu, ame-rindio e, posteriormente, do africano.

Sobre o selvagem que vivia em communidade tribal, se estende de maneira particular, revelando conhecimentos admiraveis, mencionando todas as tribus catalogadas, os seus costumes, os seus usos, até como lembra o intellectual Caminha, as mulheres “encobrendo suas vergonhas” do olho malicioso do estrangeiro. Cita paginas inteiras, paginas interessantissimas de Montaigne e de outros observadores contando coisas dignas de nota, mostrando conhecimentos pessoaes que teve oportunidade de fazer. Fala o autor dos anthropophagos quasi pela rama. O tupy que mastigava e engulia carne humana por odio; que quando um inimigo lhe vinha ás mãos se vingava de todas as mortes, as passadas e possiveis, infligidas á sua tribu pela tribu do infeliz prisioneiro, que era, assim, promovido sem lithurgia á bode espiatorio. Já o tapuia indomavel não fazia “isso”. Comia por piedade. Moqueava por veneração. Havia mesmo tabas onde o indio velho se indicava aos filhos para o sacrificio, certo de que a arvore devia ser cortada logo que os fructos estivessem maduros e as sementes garantissem a vida de outras gerações. Então os filhos matavam-no. Repar-tiam-no com a maior calma deste mundo. Cada pedaço como se fôra de um frango assado, ser-

vido com “farinha de guerra”, era gostosamente saboreado em lentas volupias religiosas. A alma do morubixaba passava, transportando virtudes, ao corpo dos demais membros da tribu, adquirindo uma continuidade, uma eternisação que sorria da morte.

Aliás, o capitulo consagrado ao selvagem e que é, ao meu vêr, um dos mais admiraveis, embora se procure amesquinhar um pouco os predicados de uma raça de pescadores e caçadores, eu já o conhecia em parte. Li-o ainda em original numa fria e amavel manhã de inverno carioca.

Notei que as referencias feitas propriamente aos indios do Nordêste, aos que povoavam a região nos tempos que se seguiram ao descobrimento, poderiam ser mais minuciosas, em virtude do livro em questão recomendar-se, sobretudo, pelo detalhe e pela probidade de uma impressionante documentação. Porém tudo isso ficará provavelmente para os volumes que terão de vir. Por ora nada de adeantamentos inoportunos. O sr. Yan de Almeida Prado sabe o que está fazendo, estuda a formação historica da nacionalidade brasileira e, para isso, se fazem necessarios alguns livros alentados. Haverá tempo para tratar de todos esses aspectos com os vagares de um espirito habituado ao methodo e ao trabalho impregnado de ponderação e seriedade. E quando o fizer certamente ha-de estender-se na apreciação dos indios pugnazes que dominavam desde a Borburema á margem esquerda do rio S. Francisco.

ADEMAR VIDAL.

Mario Sette — *Maxambombas e Maracatús* — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

Já era bastante conhecido do paiz inteiro o Mario Sette dos romances, narrador fidedigno dos costumes do Norte com a dóse de idealização necessaria aos ficcionistas. Pois, renovando agora o seu campo de actividade, o escriptor pernambucano vem de revelar-se igualmente um memorialista admiravel. Seu livro historico sobre os habitos sociaes de uma ingenua Recife quasi destruida, prestes a diluir-se na lembrança de todos, é como um passeio através da cidade de tantas bellezas fluviaes, de tão incomparaveis encantos humanos, na época dos coches e das crinolinas. Quanta delicadeza no viver fraternal desses nossos patricios que gostavam de tal sorte dos sarãos domesticos e das representações em theatrinhos simplorios! O sr. Mario Sette dá-nos neste volume, que é uma especie de segunda estréia das mais promissoras, qualquer coisa de inedito na litteratura nordestina, levando-nos a pensar num Vieira Fazenda que conhecesse tanto as vizinhanças do Beberibe quanto o outro as travessas e as ladeiras do Rio.

V. de Miranda Reis — *Ensaio de Synthese Sociologica* — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Dentre os collaboradores do BOLETIM DE ARIEL, foi o sr. V. de Miranda Reis um dos que mais attenção despertaram logo de inicio. Com effeito, já estampara elle o *Ensaio de Synthese Sociologica*, de que são agora a segunda edição, mas a sua indiferença pela publicidade barulhenta, a sua incapacidade de exhibir-se nos grupos que fabricam gente celebre, não lhe assegurara ainda a boa porção de leitores cultos a que faz jús esse nobre e alto espirito. Felizmente, e disso nos orgulhamos, os primeiros numeros do nosso mensario divulgaram esse nome de sociologo, de pen-

sador, e com um successo de tal maneira prestigioso que intellectuaes da preeminencia de Gilberto Amado, Lucia Miguel Pereira, Miguel Ozorio de Almeida e Octavio de Faria não tiveram duvida alguma em contal-o como companheiro no Conselho do BOLETIM. Que não houve ali nenhum impulso de favor fartamente o evidencia este ensaio, na sua apresentação remodelada de agora. O sr. V. de Miranda Reis, homem de estudo e homem de reflexão cuja companhia nos faz honra, não é um aprendiz em materia philosophica, não se tendo lançado a esta difficil synopse senão depois de se haver totalmente assenhoreado dos elementos basicos e collateraes do assumpto. Trabalho de alguém que é sempre extremamente leal em suas pesquisas e, mesmo sabendo allemão, sabendo-o de verdade, não é nunca pedante e sentencioso em suas conclusões.

MUSA DECADENTE (1932)

Poema recolhido por Murilo Mendes

*Quem teria descoberto sem mim
Que tua nuca pallida e que tuas pernas finas,
Que tua voz rouca e que teus olhos mortos,
Que teus cabellos ralos e que teu riso amargo
São coisas bellas, mesmo muito bellas?...
Tu és a minha musa e meu elogio vivo
Feito por todos que tenham em vão te conquistar.*

ISMAEL NERY.

Dostoiewski

Dostoiewski, "rei dos domínios obscuros", o doente que viu como ninguém os outros doentes, o Balzac de sub-sólo, encontrou afinal o seu crítico brasileiro. O sr. Hamilton Nogueira compreendeu o rythmo desses pesadelos, a refração desse homem em si mesmo, e explica como Dostoiewski carregava a humanidade nos próprios nervos, soffrendo por todos, mas indo dia e noite bater á porta de Deus.

Sim, porque as personagens desse grande poeta tragico, sinistro povo de termitas, creaturas que parecem ter no bizarro o seu ambiente normal, vivem sem vodka mas não sem christianismo, christianismo involuntario, inconsciente, mas sempre christianismo.

Que floresta e que poço de mina a obra de um tal genio! Tratando da desordem do autor dos *Possessos* como que o sr. Hamilton pôz em ordem muitas idéas do nosso tempo. O estudioso que nunca confundiu intelligencia e sentimento, sentimento e sensação, encontrou o verdadeiro significado religioso desse apostolo epileptico em que tantos enxergam uma caricatura de Christo, um Christo mallogado. Percorreu-o todo em edições completas, percorreu todos os seus commentadores, e conseguiu ligar, no caso, a obra do intellectual ao sentido de Deus.

Nobre é a avareza de palavras do sr. Hamilton ao tratar das figuras dostoiewskianas, figuras intensas, paroxysticas, gente que parece estar sempre com febre alta, pedindo não um romancista e sim um Pinel ou um pope, um alienista ou um confessor. Famílias de doidos, em que o parricidio anda sempre espreitando o chefe da tribu. Balzac viu o dinheiro; este seu traductor russo viu de preferencia o crime.

Afinal, o que nos quer este slavo, a nós outros que nos presumimos latinos dos tropicos? Sem nenhuma aspereza doutrinaria, com uma finura, uma

brandura não frequentes em medico, faz-lhe o sr. Hamilton a historia moral e mental, prova que nossa época está profundamente marcada por elle, que os moços não se fartam delle, desse santo leigo que amava a roleta e precedeu Charlie Chaplin na maravilhosa creação do principe Muischine.

Lendo Dostoiewski, descobrimos a jaula horrivel que cada um de nós traz dentro de si.

E quem nos fala de tudo isto, o sr. Hamilton Nogueira, não quer ser homem de letras, por isso que não respira direito no cabotinismo e no escandalo, mas em letras vae bem melhor que muitos escriptores profissionaes.

Elle e o sr. Tristão de Athayde são hoje duas das maiores nobrezas do Brasil catholico que pensa e trabalha. E dizer que este livro é a melhor coisa que já se escreveu entre nós sobre Dostoiewski talvez ainda seja pouco.

AGRIPPINO GRIECO.

Basilio de Magalhães — Expansão Geographica do Brasil Colonial — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

E' a segunda edição, augmentada, de uma das obras indispensaveis ao estudo do Brasil colonia. Grande autoridade em assumptos dessa natureza, galaradoado pelos applausos de Capistrano de Abreu e outros, o sr. Basilio de Magalhães concentrou, nestas quatrocentas paginas succulentas de factos, todos aquellos elementos syntheticos que bastem á elucidação de tres seculos de vida brasileira. Nada do que importe em illuminar o nosso passado foi aqui esquecido. Sem prejuizo da rigorosa veracidade historica vê-se ser grande o entusiasmo do autor pela obra épica dos bandeirantes, e o seu impeccavel conhecimento da terra e da gente mineiras muito o ajudou a situar as realizações daquelles desbravadores de florestas na altitude moral e racial que já agora ninguém lhes recusa.

Fernando de Azevedo — *Petronio y su tiempo* — Ciencias Sociales — Claridad — Buenos Aires.

Vae ter merecida irradiação em todos os paizes de lingua e cultura castelhana esta bella collectanea de ensaios de um dos nossos melhores humanistas. Aqui se encontram, finalmente entretecidos, estudos dos mais completos sobre a poesia de Lucrecio, a *Philosophia* de Seneca, os dons de historiador de Tacito e o sincero estoicismo de Marco Aurelio. Delicadas paginas sobre as mulheres de Virgilio unem-se a commovidos conceitos referentes ao desterro de Ovidio. Mas, acima de tudo, o que preoccupa o autor são as observações a proposito da educação entre os romanos. Não separa elle a esthetica da pedagogia e, tratando de Petronio, principal assumpto do volume, interessa-se, antes do mais, pela finalidade didactica que os modernos podem extrair de muitos commentarios realistas do perverso autor do *Satyricon*.

Roberto Seidl — Carlos Gomes — Imprensa Moderna — Rio.

Revive aqui, em paginas substanciosas, o grande musicista que, apesar de acoiado de italiano por tantos detractores da sua arte, fez sempre questão de affirmar-se um amigo da nossa terra. Os seus sessenta annos de vida decorridos entre 1836 e 1896, seis decadas marcadas por um labor copioso, foram bem historiados pelo sr. Roberto Seidl, que estuda todas as produções musicas do glorioso symphonista de Campinas, marcando-lhe os dias de fastigio e os dias de miseria, os momentos de pleno esplendor e as amargas horas crepusculares. Abundante é a documentação do livro e sente-se no sr. Roberto Seidl um real fervor pelas nossas grandes figuras dos dois sexos, já sendo elle como é o historiador de Nisia Floresta e João Caetano, e propondo-se agora a examinar os typos de Anna Nery, Martins Penna, Pedro Americo, Victor Meirelles e Arthur Azevedo.

Acaba de apparecer :

Luc Durtain

IMAGENS DO

BRASIL E DO

PAMPA

Traducção de

Ronald de Carvalho

2.^a edição

Em todas as Livrarias

André Fauconet. Etudes sur l'Allemagne

PARIS. ALCAN. 1934

A pécha de superficialidade, tantas vezes aos francezes attribuida, em geral por mediocres de todos os quilates incapazes de haurir o suave e inebriante perfume que se desprende do vasto e florido jardim da França intellectual, talvez em nenhuma outra esphera de conhecimentos como no estudo da psychologia dos povos, encontra tão fórmal e categorico desmentido.

Os francezes são pintados, por aquelles que os desconhecem, como um povo narcizado pelos seus proprios valores, um povo que outros povos não vêm senão para suppor que representam o espelho de suas refulgências.

Que illusão! Porque, em verdade, é na França que vamos encontrar sobre os estrangeiros litteratura das mais vastas e das mais seguras. Talvez na propria Inglaterra não haja sobre as modalidades da psyché britannica depoimento mais nitido que o de Jusserand; impossivel não parece que, sobre a Russia, a Polonia, os Estados Unidos e o Brasil, sejam das mais notaveis as apreciações de Leroy Beaulieu, Henry Grapin, André Siegfried e Luc Durtain. Em nenhum campo, porém, os francezes tanto se destacam como no entendimento da mentalidade allemã. Tradição que vem do tempo de Guinet, Renan, Taine, Michelet, seguidos pelos Boutroux, Andler, Raynaud, Bossert e vinte outros.

Temos, agora, á vista, um dos ultimos commentarios: ANDRÉ FAUCONET, *Etudes sur l'Allemagne*. O passaporte de entrada do nosso autor no magestoso salão da cultura germanica parece valioso: "A esthetica de Schopenhauer". Os estudos de Fauconet sobre o philosopho mereceram varias traducções pelo critico Deussen, Presidente da Sociedade Schopenhauereana, e alguns d'elles foram incluídos, em 1914, no annuario consagrado ao grande pessimista.

O volume de hoje, ainda que nos delicie com um capitulo sobre "A mulher na obra de Scho-

penhauer", é mais contemporaneo, mais vivo, mais necessario. E' que Fauconet nos fala dos problemas em ordem do dia: psychologia dos chefes allemães na primeira batalha do Marne, cultura e civilização entre os allemães e, finalmente, variações sobre Spengler.

O primeiro dos ensaios citados, mostra-nos, de perto, a profunda differença na mentalidade de dois povos. Scientes de que o superior commando francez déra ordem a Gallieni de que não abandonasse a defesa de Paris, os chefes allemães basearam n'esta eventualidade toda conducta das operações militares. Para elles, seria impossivel o desrespeito a ordem superior. Succedeu que Gallieni, cuja disciplina não poderia ser cumprida ao extremo limite da abdicção completa de seus pontos de vista, entendeu agir em determinado momento sob sua exclusiva responsabilidade, contribuindo seu gesto autonomo para decisação da victoria franceza nas margens do Marne.

Certo assim não o teria feito

nenhum general allemão. A concepção mecanista dos deveres militares, que nos lembra uma das obras mais festejadas do poeta Kleits, *O principe de Hombourg*, ficou alheia ao espirito francez e os chefes allemães, por um erro fatal de apreciação psychologica, vieram a soffrer a derrota decisiva, verificada no grande choque do Marne, derrota confessada nas Memorias de todos os altos chefes militares do ex-imperio Kaiserista.

No segundo ensaio, "Cultura e civilização entre os allemães", Fauconet examina as idéas de Thomas Mann, expressas em uma obra publicada em 1922, quando o illustre escriptor, diversamente de seu irmão Henrique, ainda não estava livre dos preconceitos pangermanistas e odiava a divisa: *liberté, égalité, fraternité*. E' curioso notar que, em muitos pontos, o Thomas Mann de 1922 se approxima do Spengler actual. O espirito da doutrina é o mesmo: metaphysica nebulosa com o fim immediato da glorificação do militarismo prussiano, identificado com a cultura, a musica, o destino, o subconsciente, a liberdade e finalmente com... Goethe.

Hoje, que outros ventos sopram, Thomas Mann, expulso da Allemanha pelo divino militarismo, se arrepende de antigos entusiasmos e trata a philosophia spengleriana de falsa e profundamente selvagem.

Fauconet expõe as idéas de Thomas Mann com perfeita objectividade. Nota-se-lhe o mais vivo intento de esclarecer o leitor eximindo-se de qualquer sorte de critica.

No mesmo tom concebeu seu estudo sobre o celebre Spengler. Tanto se furta ás observações, que chega a dar a apparencia de que elle mesmo é partidario dos sinistros e aggressivos pensamentos do prussiano, que muitas vezes fortifica com suas contribuições.

No fim do volume, porém, declara que, como francez, não póde admittir as phantasias do

leiam
ESTRANGEIROS

O Novo Livro

de

AGRIPPINO GRIECO

em edição de

ARIEL Editora

homem que acredita no declínio do occidente.

Enganados seriam os leitores se porventura acreditassem, diante da ausencia de objecções aos absurdos de Spengler, que recursos falem a Fauconet para refutal-os. Todavia, por excesso de objectividade, o ensaio de Fauconet sobre Spengler pôde servir á propagação do virus spengleriano. Ahi está um phenomeno commum ao ambiente da França contemporanea. Os pensadores da esquerda de tal modo são imbuídos de liberalismo e espirito de tolerancia que acabam perdendo todo nervo de combatividade e já não defendem, com ardor, as posições conquistadas, deixando, em consequencia, campo livre aos campeões do recuo cultural. Querendo mostrar que comprehendem o ponto de vista dos adversarios, não percebem que estes semelhante conducta estão longe de merecer. Seria, pois, muito mais acertado que ao lado do veneno puzesse Fauconet o antidoto respectivo.

Procuremos, agora, abrir os olhos e augmentar consideravelmente a capacidade da nossa retina para que saibamos vêr, todos nós, se algum motivo ponderavel milita em favor da exdruxula adopção das doutrinas do spenglerismo que alguns transviados querem diffundir, esforçando-se em defendel-as com argumentos sem base. Que temos de commum, nós brasileiros, acostumados á larga tradição de liberalismo pacifista, com as theses bellicas que se escondem no cipoal spengleriano? Que temos?

UBALDO SOARES.

Serviço de Reembolso

LEIAM NO FIM DA REVISTA
AS VANTAGENS QUE OFFERECEREMOS AOS NOSSOS LEITORES COM ESSE NOVO E INTERESSANTE SYSTEMA

Luiz Delfino — *Intimas e Aspasia* — Irmãos Pongetti — Rio.

O illustre sr. Thomaz Delfino, que já exerceu posições de relevo na politica do Districto Federal, destacando-se tambem como educador á moderna, continúa a reunir em livro os sonetos e poemas do seu glorioso progenitor. Este é o quarto volume em que são coordenadas as brilhantes produções esparsas de Luiz Delfino, o maior dos poetas catharinenses e um dos maiores poetas já surgidos no Brasil em qualquer tempo. Nesta collectanea, como nas anteriores, é a mesma opulencia verbal, o mesmo encanto e diversidade de rythmos, o mesmo esplendor de paizagens, a mesma incoercivel abundancia de metaphoras. Trata-se de um artista que parece oriundo das selvas sagradas da India e, até quando procura conter-se nas fórmulas moderadas do soneto, dá a impressão de estar collaborando num desses arrematados poemas védicos que tomam aos leitores dias e dias de attenção extasiada.

Alessandro Varaldo — *O Sete Bello* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

O autor deste livro é um illustre comediographo e critico de arte italiano. Residindo ha muito tempo em Milão, conhece os recantos mais secretos dessa cidade tumultuosa, em que tantas fabricas rumorejam ao lado de bellissimos templos antigos, como esse admiravel Duomo todo feito de marmore. Dada essa familiaridade com os aspectos de vida moderna, temperados pelo respeito ás tradições, inevitavel num paiz classico como a Italia, estava Alessandro Varaldo, mais que qualquer outro, habilitado a tramar as scenas por vezes allucinantes deste intricado romance policial. Romance sahido na mesma collecção da Livraria do Globo em que acaba de apparecer o *Mysterio de Markenmore*, de J. S. Fletcher, outro creador de lances macabros, desenvolvidos em ambientes de paixão e mysterio, com a malicia propria dos cultores do "humour" britannico.

Edgar Liger — *Belair* — *Diccionario de Verbos Francezes* — Livraria Educadora — Rio.

Finissimo poeta de amor, laureado pela Academia Franceza, o sr. Edgar Liger-Belair, depois de corajosas proezas de aviador durante a grande guerra europeia, veio ter ao Brasil e aqui se fixou, com brilho, no magisterio. Excellente professor do Collegio Pedro II, ahi tem interessado bastante os nossos jovens patricios, dados os seus efficientes methodos de ensino, resultantes de uma forte cultura mas tambem de uma subtil comprehensão dos processos pedagogicos que melhor convêm aos estudantes de hoje. Da justeza e segurança da sua orientação didactica é testemunho directo esse *Diccionario de Verbos Francezes*, cujos meritos são evidentes mesmo para os leigos na materia. Resumindo: homem de letras de valor, o sr. Liger-Belair é tambem um mestre á altura de beneficiar os cerebros moços.

PREMIO

Machado de Assis

Finalmente o Jury do Grande Premio de Romance Machado de Assis, reunido na redacção do *Boletim de Ariel*, resolveu deliberar sobre a concessão do Premio, tendo para isso que escolher entre os sessenta e seis originaes remetidos.

Tomando a deliberação de dividir o premio, o Jury distribuiu-o por quatro dos concorrentes, e foi realmente feliz nessa escolha, porque veio attingir escriptores já de nomeada no paiz, taes como Marques Rebello, Erico Verissimo e João Alphonsus, bem como a um novo romancista cheio de qualidades, Dyonelio Machado.

E' a seguinte a acta que o Jury subcreveu, dos trabalhos de concessão do Premio Machado de Assis:

"O jury permanente do "Grande Premio de Romance "Machado de Assis", instituido pela Companhia Editora Nacional de S. Paulo e patrocinado pela Associação Brasileira de Imprensa, reunido hoje na redacção do "Boletim de Ariel" manifestou de inicio a sua grande magua pelo fallecimento do inesquecivel companheiro Ronald de Carvalho, e decidiu juntar a importancia de 2:000\$000 (dois contos de réis), correspondente á Menção Honrosa, á de 10:000\$000 (dez contos de réis), correspondente ao premio, e dividir o conjuncto em quatro premios iguaes, de 3:000\$000, (tres contos de réis), cada um, a serem conferidos, dentre os sessenta e seis originaes apresentados, aos quatro seguintes, por julgal-os em igualdade de condições quanto ao merito litterario: "Musica ao Longe", de José Fernando (pseudonymo de Erico Verissimo); "Totonho Pacheco", de Philocteto Telles (pseudonymo de João Alphonsus Guimarães); "Romance Branco", a sahir com o titulo de "Marafa", de José Maria Nocaute (pseudonymo de Marques Rebello); e "Os Ratos", de B. Felipe (pseudonymo de Dyonelio Machado).

De cada um dos livros premiados a Companhia Editora Nacional fará uma edição de 2.500 exemplares numerados. Rio de Janeiro, 1 de Julho de 1935. — Agrippino Grieco, Gastão Cruis, Gilberto Amado, Herbert Moses, Moacyr Deabreu e Monteiro Lobato".

Antes de encerrar a sessão, foi resolvido, por unanimidade de votos, a designação do nome do escriptor e critico Tristão da Cunha para substituir o Dr. Ronald de Carvalho, na composição do referido Jury.

ANDRÉ MALRAUX — LE TEMPS DU MEPRIS — N. R. F. 1934

Depois da *Condition Humaine*, uma das maiores obras contemporaneas, das que estão destinadas a durar, a fixar a arte e a mentalidade deste segundo quartel do século XX, seria quasi impossivel a Malraux continuar a rapida ascensão dos seus livros. Com *Le temps du Mépris* conseguiu não desmerecer, não ficar inferior a si mesmo, levando até o ultimo romance a vantagem de ser mais synthetico, mais incisivo, de linhas mais puras. Não fôra a diversidade do quadro e *Le Temps du Mépris* poderia constituir um episodio da *Condition Humaine*. O seu thema é a condição humana, em toda a sua miseria e em toda a sua grandeza. A condição humana como a comprehende esse comunista sincero, a condição do homem desamparado num mundo sem Providencia, devendo tirar de si mesmo, da sua coragem, da sua dignidade, do seu devotamento, uma razão de existir.

Ponto de vista de que podemos discordar, mas cuja dura nobreza é innegavel.

O livro é sobrio, directo, narrativa mais do que romance; sem nenhuma complexidade psychologica, elle se reduz, como o accentua o autor no prefacio admiravel, a duas personagens: o heroe e o seu sentido da vida.

Kassner, membro importante do partido comunista illegal, é aprisionado pela policia nazista ao sahir da casa de um camarada onde fôra, ao saber que iria ser revistada, destruir uma lista de nomes comprometedora para muitos dos seus companheiros. Como possuia papeis falsos não conseguem estabelecer a sua identidade; ainda assim é conduzido a um campo de concentração, mettido num carcere completamente escuro, espancado pelos esbirras. Na noite sem fim, na solidão allucinante, todo o seu esforço se concentra em não se deixar abater, em não se humilhar aos proprios olhos. Mas a fome, a immobilidade o vão lentamente desmoralizando; pensa no suicidio, lamentando apenas morrer de uma morte que não será util a ninguem. Um dia — um dia ou uma noite, pois era impossivel distinguil-os — começa a ouvir umas pancadas rythmadas, repetidas; depois de longos esforços, consegue descobrir o código a que obedecem e entender o que significam: palavras de animação de um camarada preso no cubiculo vizinho.

Essa solidariedade a um tempo poderosa e impotente lhe dá novas forças; já não pensa em morrer, quando a porta se abre e elle é posto em liberdade, sem comprehender o que teria acontecido. Alguem que elle não sabe quem é se sacrificara por elle, denunciando-se como o verdadeiro Kassner, querendo poupar a sua vida mais util á causa commun. Dão-lhe dois dias para deixar a Alemanha. Embora uma tempestade se annuncie e haja risco de vida, um piloto o conduz á Tcheco-Slovaquia, onde encontra a mulher e o filho numa união tornada ainda mais forte pela certeza da pro-

xima partida, do recommear da luta, da volta ao perigo, talvez á prisão e á morte.

A historia, muito simples, se desenrola num ambiente muito denso, que lhe dá uma repercussão immensa. Ha em todo o livro uma cohesão extraordinaria, cohesão devida não só ao nervo do estylo, á força da narração, como a uma idéia dominante, a da fraternidade humana. Kassner, arriscando-se pra não deixar cahir em mãos da policia um documento importante, o preso que ousa se comunicar com elle a despeito da guarda — que effectivamente o surprehende e tortura — o martyr que vae morrer em seu lugar, a ternura abnegada de sua mulher, tudo isso respira, poreja, distilla fraternidade. Vendo-se salvo, o primeiro pensamento de Kassner é que sua mulher escapara de uma desgraça: a desgraça representaria para ella a sua morte. Nenhum romance de amor exprimiu nunca tão profundamente, tão completamente a união de duas creaturas, o desdobramento da personalidade que representa a confiança reciproca e absoluta. Entretanto, quando se encontram, não dizem grandes phrases. A fraternidade de Malraux é alguma cousa de muito grave, de muito intimo para se traduzir em palavras.

Fraternidade, chamou-a elle. Aliás, se existe um espirito inteiramente viril, masculino, cheio de confiança no esforço, no valor do homem, é o de Malraux. D'ahi a sua sobriedade, a sua força, a sua sympathia pela acção, pelos homens energicos. O soffrimento das suas personagens leva-as ao dominio de si e dos acontecimentos. Gente forte, viril, a dôr não a degrada; dignifica-a. A sua força moral se sobrepõe aos padecimentos physicos. E' gente para quem a vida tem um sentido, um sentido espiritual.

Esse livro de um comunista não precisou de uma só expressão grosseira, de um só pormenor escabroso, da mais leve dramatização da miseria para ser humanissimo, para dar uma pungente impressão de verdade e sinceridade. Uma menina o poderia ler, e todos o deveriam fazer. Obra de paixão, mas não obra intencional, sem nenhum intuito de provar o que quer que seja, *Le Temps du Mépris* é um livro que nos reconcilia com a natureza humana, que mostra a belleza da dedicação absoluta a uma causa — embora, infelizmente, tão illusoria... E' o primeiro livro de tendencias comunistas em que senti o amor, a piedade, a comprehensão da força immensa do sacrificio.

Esse pequeno volume é incontestavelmente um grande livro, tanto moral quanto litterariamente.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Historia da Primavera

Foi na Italia e era na primavera. Aquelle ali no album, o de bigodões, era seu pae. Toda a sua familia tivera circos. Na photographia mais velha, a que está amarellada pelo tempo apparece o seu avô fardado. Não era general, não. Era dono de um circo... O Grande Circo Internacional... Mas naquelle tempo era um circo de verdade. Só leões tinha para mais de trinta. Vinte e dois elephants... Tigres... Todos os bichos...

— Bebi uns tragos, mas não estou mentindo não...

Antonio Balduino acredita.

Os bigodes de seu pae faziam successo. Elle era menino e assim mesmo se lembrava. Quando o velho subia no trapezio parecia que o Circo vinha abaixo de tantas palmas. Um delirio. Tambem os saltos que elle dava, de trapezio para trapezio, o salto mortal dado no ar, tres voltas sem se segurar em nada... Era de fazer os corações pararem. Sua mãe andava no arame. Vestia de azul e parecia uma fada... Ia com a sombrinha japoneza, se equilibrando. Elle era de uma familia de gente de circo. Herdou tudo quando o pae morreu. Só leões tinha não sei quantos. Cavallos ensinados. Pagava uma fortuna de salarios a artistas, os mais famosos da Europa...

— E todos recebiam no sabbado. Nunca nenhum se atrazou.

Um dia o Rei, o proprio Rei, viera ao seu Circo. Que dia aquelle... Antonio Balduino não estava acreditando com certeza porque o estava vendo ali, bebendo e mal vestido. Mas elle fôra applaudido pelo Rei... O Rei só, não. Toda a familia real que estava num camarote de luxo. Foi em Roma e era na primavera. Quando elle appareceu que coisa, meu Deus. Nunca se viu coisa igual.

— Pensei que as palmas não acabavam mais...

Estava ali no album o seu retrato naquelle tempo. Vestido de casaca, sim. Era como elle entrava no picadeiro. Depois ia

tirando a roupa aos poucos. A casaca, as calças, o peito duro. Ficava vestido com uma roupa de meia, assim como estava naquella outra photographia. E era bonito. Nem parecido com hoje... Hoje está um esqueleto. Mas naquelle tempo as mulheres se apaixonavam. Houve uma que era condessa... Loira. Cheia de joias. Marcara uma entrevista com elle.

— E você chamou aos peitos? — o negro se interessava.

— Um cavalheiro não conta essas coisas...

O Rei estava lá no camarote de luxo. Toda a familia real... Elle deu o duplo salto mortal e — pôde não acreditar — o Rei não se conteve e levantou-se para applaudir. Que noite aquella...

As Livrarias CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro n.º 162

e no Edificio Alhambra

adquiriram e estão vendendo os

Ultimos Exemplos

dos seguintes livros de
MACHADO DE ASSIS

"CRITICA",

"D. CASMURRO",

"ESAU E JACOB",

"RELIQUIAS DA CASA VELHA",

"HELENA",

"HISTORIAS DA MEIA NOITE",

"HISTORIA SEM DATA",

"A MÃO E LUVA",

"MEMORIAL DE AYRES",

"BRAZ CUBAS",

"OUTRAS RELIQUIAS",

"PAGINAS ESCOLHIDAS",

"PAPEIS AVULSOS",

"POESIAS COMPLETAS",

"QUINCAS BORBA",

"RESSURREIÇÃO",

"SEMANA",

"THEATRO",

"VARIAS HISTO-

RIAS" E "YAYA

GARCIA".

Volume brochado..... 6\$000

Volume encadernado.... 9\$000

Tambem Risoleta estava bonita como nunca estivera. E quando pulou com elle foi um successo... Ella vendia o retrato dos dois aos espectadores, aquelle retrato que estava bem no meio da pagina do centro do album e no qual se viam uma mulher em attitude de quem agradece as palmas, a mão segura por um homem vestido de uma especie de roupa de banho. Olhando bem se via que o homem era Guisepe.

— Um mulherão... — falou Antonio Balduino.

— Era minha mulher...

Ella vendia aquelle retrato aos espectadores e não havia quem não comprasse. Pois não era primavera e ella tão linda como as flores da primavera? Era uma flôr da primavera e todos os romanos queriam uma lembrança da estação que se ia. Ficavam com o retrato della. Naquelle outro retrato ella estava em cima do cavallo com uma perna levantada. Era Jupiter o nome do cavallo e valia um bom dinheiro. Ficou com um credor na Dinamarca numa das vezes que o Circo andara lá. Aquelle retrato de Risoleta em cima do cavallo fôra tirado poucos dias antes della cahir. Andava tão bonita naquella primavera, tão moça que ninguém diria que ia acontecer aquella coisa estúpida. Guisepe nunca pensara sequer que aquillo pudesse se dar. Pois ella cahiu. Tinha tanta gente naquella noite no circo que parecia um mar. Elles eram o grande successo daquella primavera. Todos falavam nos *Diavolos*, nome por que eram conhecidos. Quando Risoleta apparecia na rua as mulheres paravam para vel-a. Imitavam os seus vestidos, que ella sabia serem elegantes; não era bonita sómente no circo, pulando no trapezio. Os homens viviam doidos por ella. Elles eram o successo da primavera que estava florida em Roma. Naquella noite tinha muita gente no Circo. Este retrato é della vestida com trajes de sahir. Guisepe olha o retrato.

Caminha até a cama e traz uma garrafa de cachaça.

— Pinga de Santo Amaro, hein? — riu Balduino.

Assim Guisepe está bebendo de mais. Não tira os olhos do retrato da mulher. Também Antonio Balduino vê que ella tinha o rosto triste de mulher presa. Guisepe bem sabia que ella não gostava muito daquella vida de circo, que aspirava andar na sociedade, bem vestida, elegante, fazendo furor entre os homens. Mas quem diria que ella ia cahir naquella noite? Não haviam quebrado nenhum espelho... Elles entraram na arena, foi aquelle mundo de palmas. Ella cumprimentou sorrindo e subiram. No principio tudo correu bem. Mas no salto mortal... Nunca tinha acontecido aquillo. O trapezio balançou menos... Ella não alcançou as pernas de Guisepe para se segurar. Ficou uma posta de carne no chão. Quando Rex, o leão pegou John, aquelle domador inglez e o estraçalhou, não ficou tão feio. Porque Risoleta tinha virado uma posta de carne, sem rosto, sem braços, sem nada. Elle não sabe como não cahi também, como teve forças para descer. Lá fóra era a primavera e passavam casaes. Depois o palhaço disse que elle tinha feito de proposito porque soubera que ella tinha um amante. Chegaram a fazer um inquerito que resultou em nada... Desde este dia começou a decadência do Grande Circo Internacional.

— Dava um romance... — afirmou Balduino — Bastava escrever. Vou contar ao Gordo.

— Mas você acredita que ella tivesse mesmo um amante?... Disseram, mostraram elle, mostraram cartas delle para ella que estavam no meio das coisas della... Mas era mentira, não era? Gente de circo é ruim... Você não se fie em gente de circo. E' gente invejosa... Ella lá podia ter um amante... Elles tinham era inveja do sucesso que ella fazia. O que me dá raiva e me faz beber é pensar que ella podia ter mesmo um amante. Tinha as cartas. Mas ella era tão bôa. Gostar daquella vida, não

gostava não. Mas não era mulher para ter amantes. Tinha as cartas, tinha. Falava em encontros... Eu só queria era ella viva para me dizer que era mentira, que era tudo inveja. Você não acha que era?

Será que elle vae chorar? Apertou a cabeça nas mãos e cerrou os olhos. Agora é Antonio Balduino quem vira a garrafa de cachaça e bebe um trago enorme.

Lá fóra está uma noite de primavera também.

(Do romance *Jubiabá*, no prelo).

JORGE AMADO.

— Sardou não envelhece e o seu *Divorçons* volta novamente ao cartaz do Odeon, de Paris. A peça está sendo representada com os scenarios e a indumentaria da época e, se esta agrada, os criticos fazem restricções quanto ao passadismo daquelles. Outra resurreição é a dos *Cenci*, de Shelley que estão sendo levados á scena nas Folies-Wagram, de Paris. O espectáculo não tem despertado grande interesse, a não ser no que concerne á apresentação da bella artista Lady Iyá Abby, que encarna Beatriz.

— *L'Amazone des Sables* é o titulo de um volume em que Claude-Maurice Robert evoca Isabelle Eberhardt, "a boa nomade". Explicam-se ahi as razões que a levaram a converter-se ao islamismo. E' que essa alma vertiginosa de mulher errante não sabia resistir ao fascínio das lendas, das livres correrias e da indumentaria do Oriente. O Occidente fatigava-a com os grilhões de uma civilização postíga e uma absoluta impossibilidade de surpresas pittorescas. Grande escriptora, falou ella com amor sincero das tribus que tanto amava e nunca explorou profissionalmente os assumptos que lhe tocavam o coração, ao contrario de tantos orientalistas de fanfaria, como a complicada Myriam Harry, que só se fez celebre explorando a indefesa senilidade do pobre Jules Lemaitre.

— A bella Gabrielle d'Estrées, que foi quasi rainha da França, graças ao amor desvairado de Henrique IV, inspira uma preciosa monographia a Henri Carré, que por signal é alta patente do exercito francez. O livro procura indagar se, dado o seu ascendente sobre o "vert-galant" e o facto de ter tido delle tres filhos, a formosa concubina não se veria positivamente guindada ao throno se não houvesse desaparecido do mundo em pleno fastigio, apenas aos vinte e nove annos de idade. Como quer que seja, trata-se de uma das mais suggestivas mascaras historicas do paiz da Pompadour e da Du Barry. Os velhos historiadores e os romancistas de capa e espada pareciam haver exgottado o assumpto, mas o caso é que Henri Carré soube apresentar documentos ineditos a proposito da alegria e do bom humor em que sempre se manteve aquelle rei durante a vida de Gabrielle d'Estrées.

Mario de Andrade — *O Aleijadinho e Alvares de Azevedo* — R. A. Editora — Rio.

São dois magnificos ensaios do romancista de *Macunaima*, do contista do *Belazarte*. Ambos redigidos com aquelle personalismo sem exaggerada insolencia do homem que pensa e escreve sempre a seu modo. Em relação ao Aleijadinho lêem-se coisas que, quando estampadas pela primeira vez, não foram sem utilidade para tantos entusiastas posteriores da gloria do artista mineiro. Quanto a Alvares de Azevedo, resurge sob aspectos que haviam escapado á inquirição de criticos simplesmente eruditos, de criticos sem a sensibilidade do poeta que compôz o *Acalanto do Seringueiro* e andou recolhendo tantas deliciosas canções populares pelo norte do paiz. Particularmente interessante o estudo do que ha de "complexo de Edipo" nos versos do autor da *Noite na Taverna*. Vê-se que nunca se vae inutilmente ao encontro de um livro do sr. Mario de Andrade e que jámais se volta desse encontro sem trazer nos alforges alguma nova riqueza.

Gaston Figueira — *Mi Deslumbramiento en el Amazonas* — Cabaut & Cia. — Buenos Aires.

Esta revista já teve oportunidade de se referir ao poeta argentino Gaston Figueira, um apaixonado das cousas do Brasil e para cuja sensibilidade os aspectos da nossa natureza já não têm mais segredos. Assim, a bahia de Guanabara, a praia de Copacabana e as florestas da Tijuca já lhe mereceram versos do smais encantadores. Agora, em *Mi Deslumbramiento en el Amazonas*, é toda a historia do grande valle, as suas lendas e os seus mysterios, os seus esplendores e as suas perfidias, que trazem ao poeta estrophes de alta inspiração, num livrinho que é verdadeiramente delicioso e a que não faltam pequenos desenhos e vinhetas de um sabor tipicamente reigional.

Já está á venda

GASTÃO CRULS

A Amazonia
Mysteriosa

4.^a edição

CAMINHOS CRUZADOS

ROMANCE DE ERICO VERISSIMO

O Rio Grande do Sul acaba de dar-nos, sem duvida, um dos grandes romances do anno. Essa dadaiva, sendo de um autor surgido com o movimento modernista, friza um aspecto interessante do caracter deste movimento: é que o modernismo brasileiro, que representou innegavelmente um grande papel na evolução da litteratura e da lingua brasileira, agiu principalmente á distancia, foi mais uma corrente evoluída para a periphéria, que um phenomeno de acção facil nos seus lugares de origem. Excluída a brilhante acção do grupo "Verde", esse bem no coração do Brasil, toda a agitação modernista se processou em torno do Rio e de S. Paulo, cidades onde a alegria animadora e restricta de Graça Aranha, a ampla solicitude de Alvaro Moreyra, e os exemplos ruidosos de Mario e Oswald de Andrade, botavam juventude e luz no espirito de todos nós, e mais um desejo sincero de renovação. Pois bem: precisamente no Rio e em S. Paulo é que o modernismo creou menos valores novos. De certo a efficiencia de uma escola não vale apenas pelo que realizaram seus creadores ou divulgadores, nem apenas pelo territorio influenciado por ella na intelligencia do paiz, dando-lhe, como aqui aconteceu, uma concepção mais liberal dos caracteres exteriores da obra litteraria.

E' preciso tambem o apparecimento de novos individuos, como continuadores do espirito inicial. A todos estes tres pontos o modernismo attendeu. Sua influencia até hoje se verifica, e alguns dos livros que o exemplificaram restarão perennemente na nossa litteratura. Mas quanto á segunda geração, á geração que o devera continuar, força é reconhecer que longe, na provincia, é que ella surgiu.

Inexplicavelmente, não se falla mais hoje em "modernismo", tendo mesmo a palavra um sentido pejorativo que certos espiritos reaccionarios têm exaggerado. No entanto, tudo isso que por ahi anda, da tragedia de João Miguel á doçura idyllica do amor de Maria Alice e Carlos de Mello, do rosto mulato de Oscarina ao soffrimento do Sergipano, representa apenas a ultima etápa do modernismo, que desapareceu em sua fórmula primeira, mas que restará indefinidamente atravez de fórmulas depuradas e livres. Mudou, nos annos de 20, a physionomia da litteratura brasileira. Foi o "modernismo" que executou essa mutação, e possibilitou o apparecimento de tudo o que ahi existe de novo, nos quadros da "equipe" litteraria do Brasil. Attestando a sua presença benefica, vivem os escriptores surgidos nestes ultimos annos. E mais: vivem tambem, no vasto Brasil, milhares e milhares de "rapazes com pretensões litterarias" que os imitam avidamente, como no outro tempo os rapazes de igual porte repetiam descripções de Coelho Netto, e capengavam sobre o arame rigido da poesia de Alberto de Oliveira.

Erico Verissimo surgiu nos tempos da Revolução da Anta, registro que se faz para ligar esse gaúcho ameno a uma revolução, como é de praxe... Erico Verissimo surgiu naquella tempo, e já hoje a nossa litteratura lhe deve um de seus melhores livros.

Não me refiro a *Musica ao longe*, com que elle venceu o premio "Machado de Assis", romance que a Cia. Editora Nacional lançará brevemente. Mas a um outro, *Caminhos Cruzados*, largo pannejamento em que se percebe a existencia de um verdadeiro romancista, sabendo fazer o romance, ou melhor, deixando que elle se faça livremente, á vontade das personagens, o que lhe garante um interesse humano raramente encontrado entre nós em tal intensidade. E' que *Caminhos Cruzados*, esse romance do Sul (isso não é referencia a Octavio de Faria e aos "romances do Norte"...) a que me refiro, não é uma historia acontecida a trez ou quatro ou seis personagens reunidos por um autor. E' uma especie de exposição enterneçada do quotidiano, com comentarios e poesia. Assim como se o Autor, de repente, se alçasse sobre a vida, e de uma distancia breve, que permittisse a visão geral e tambem a sinuosidade dos detalhes, nos mostrasse o que acontece. O Autor está num aeroplano, num balão, em qualquer outra coisa que paire acima da terra: olhe, Dante Costa, a vida tem uma porção de faces, é uma criação complexa e homogenea, por mais que isto pareça paradoxo ou ignorancia. Mas é. Eu a fixei em unidade, mas não sacrifiquei as partes que a harmonizam.

De facto, *Caminhos Cruzados* exprime a vida sem parcialidade, a vida que o Autor não buscou, mas os heróes viveram. Nenhuma intenção de mandar, nenhuma arrogancia de creador. Submissão, apenas submissão aos destinos das creaturas. As creaturas são diferentes, a vida é multippla. Para dona Dodó ha de ser um bello caminho, enfeitado de detalhes de sachristia e noticias nos jornaes sempre dispostos a noticiar a philanthropia da senhora rica, uma das "Damas da Caridade", que desceu de um automovel de oitenta contos para dar dez mil réis á infelicidade acontecida e por acontecer de um pobre homem proximo da morte. Para Leitão Leiria, ha de ser uma beila historia burgueza, cheia de victorias burguezas. Para o interiorizado e dóce Noel, especie meditativa de homem bom, lyrico que contempla com timidez, ha de ser o aperfeiçoamento, a victoria sobre os terrores sobrenaturaes que Fernanda lhe ha de mostrar serem frageis e inexistentes. Fernanda é a mulher. Chinita não é a mulher, no que esta palavra exprime de independencia, sol puro, perfeição. Chinita acabará um dia, quando a sociedade extinguir as mentiras de onde brotam as "modern-girls" ao seu geito. O professor Honorato ainda por muito tempo desejará escrever o

seu livro, o livro do observador de Sirius. Depois desistirá. Muitos tuberculosos morrerão. Muitas "garçonnières" serão inauguradas, para o gozo dos Salús. Os caminhos continuarão sobre a terra, marcados pela alegria ou pela tristeza, sob o signo de Ariel ou na sombria dôr. Esse espectáculo, diverso, rico de mutações, imprevisto, palpitante, é a materia de que Erico Verissimo formou o seu romance. Ha, nessas paginas, em que elle condensou a vida de uma maneira natural e pura, talvez um excesso de introspecção, todos os heróes pensando demasiadamente, mas isso bem pôde ser a evidencia de que cada um delles sabe como é fragil o destino humano.

Como romancista, Erico Verissimo se afirma definitivamente: rico de imaginação, fidelissimo á vida, poeta que não deturpa a physionomia das coisas, pessoa humana. Depois, um escriptor esplendido, o que nem todos os grandes romancistas são. Erico Verissimo dá-nos a impressão de ser daquelles que sentem, como o velho Remy de Gourmont, "os prazeres litterarios", e isso assegura á sua prosa uma doce uniformidade, uma justa adaptação aos modelos visados, uma perfeita significação verbal. Tratando-se de uma obra em planos tão differentes, é com a mesma facilidade que elle penetra no quartinho sujo dos operarios ou nos salões de millionarios authenticos, onde a sua ironia marca tantos typos já agora annexados á nossa litteratura. E' principalmente como uma exposição de typos, de caracteres, de homens, que *Caminhos Cruzados* interessa, pois o romance não pretende marcar regionalismo, rotina, nem banal historia de crime ou de amor. O romance todo se passa em cinco dias: sabbado, domingo, segunda, terça e quarta. Antes do sabbado, já viviam os personagens. Depois da quarta, continuarão elles a viver, e ás vezes a se encontrar num escriptorio commercial, na piscina de um palacio, ou na escada suja de uma casa de commodos. Mas o que ha de essencial, de agitado, do porejante, de fremente, de doloroso, na vida dessas 19 creaturas, isso está definitivamente fixado.

Erico Verissimo fez um romance, um alto e magnifico romance, cujo apparecimento significa alguma coisa, e exprime a vitalidade de uma litteratura em plena ascensão.

DANTE COSTA.

LEIAM

SEGREDO

LIVRO DE CONTOS DE

ALUIZIO NAPOLEÃO

Com illustrações de Santa Rosa

PREÇO.....5\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Augusto de Lima Junior — *Historias e Lendas* — Schmidt Editor — Rio.

Filho do grande poeta das *Contemporaneas* e egualmente nascido em terras mineiras, este commovido narrador das *Historias e Lendas* como que se tem consagrado de todo ao estudo e á interpretação poetica do que fizeram, em zonas montanhezas, os creadores de uma admiravel civilização a que tanto deve o Brasil do Imperio e da Republica. Depois de haver estampado um romance, *Marianna*, que o barão Ramiz Galvão não hesitou em classificar de bello e o sr. Lindolpho Gomes de admiravel, dá-nos agora o sr. Augusto de Lima Junior uma série de quadros destinados a reavivar a obra benemerita do cléro estrangeiro e do cléro nacional em Sabará, no Caraça, em Ouro Preto. O trecho que se prende ao irmão Lourenço, fundador de um collegio em que tantas gerações de moços sedimentaram a sua cultura, faz-se lêr como um pedaço de romance, tal o fascínio dessa figura mysteriosa de pastor de crentes, que muitos dizem provir da celebre familia Tavora, martyrizada pelos carrascos a serviço de Pombal.

Sebastião Cesar — *Summa Política* — Editora Record — Rio.

Percorrendo este livro, ver-se-á quanto os problemas politicos preocuparam sempre os portuguezes. Talvez não os absorvessem muito num sentido objectivo, de construção social, mas o certo é que os excitavam ao menos como pretexto para divagações eruditas em que vinham á baila dezenas de nomes historicos. Este Sebastião Cesar, tão pouco conhecido entre nós, é bem o exemplo do pendor dos lusitanos para esse genero de cogitações. Leia-se um tal volume, cuja primeira edição data de 1650, e observe-se a argucia, a finura do autor, que sabia indiscutivelmente comprehender o que ia em derredor de si, numa época em que Portugal, passado o seu periodo de grandeza e riqueza, se sentia na perspectiva de longa decadencia. Sebastião Cesar, homem culto e perspicaz no julgamento dos valores administrativos, bem merecia a expressiva reedição com que o trouxe até nós um dos mais operosos editores do Rio.

VENEZA

*No bote lento o motor palpita
Com voz macia de pellucia.
Riscos vermelhos, labaredas
Cáem do alto das janellas
Dansam no oleo verde dos canaes.
Canções de radio andam no ar da noite,
Vozes mornas de amôr de primavera.
A agua de prata se biparte sob a navalha da proa.
Veneza.
Ha uma attitude sentimental para cada turista,
Uma ansia de sentir a cidade
Uma promenade maravilhosa no silencio augusto
dos marmores
Dentro das noites phosphorescentes do mundo.
Pois seja:
Aqui, dentro do bote-automovel,
Sobre o meu romantismo se reclina
Como um fremito, o lyrio de um corpo anonymo.
E sob a luz que dança nos canaes,
Veneza, ao pé de mim, tem olhos de violeta.*

REINALDO MOURA.

PABLO PIZZURNO

Ha cerca de 5 annos vinha ao Brasil, em excursão, um nobre educador argentino, que depois de occupar todos os postos do ensino em seu paiz, se consagrou á obra da paz pela educação.

A impressão que causou a palestra realizada pelo prof. Pablo Pizzurno nos poucos que tiveram a rara fortuna de ouvi-lo, naquella epoca, foi consignada nestas palavras publicadas pelo órgão que o idealismo politico de Mario de Brito e Mattos Pimenta mantinha então.

"Augusto Comte estabeleceu que á phase guerreiro-conquistadora da civilização succederia outra pacifico-industrial. Faltou, intermedia, a guerreiro-industrial que estamos vivendo. Léon Daudet, em livro pamphletario, exaggerado e violento, mostra que foi o seculo XIX, "lestupide", o do advento da industria moderna, que preparou os recursos da mais horrorosa das guerras. E quanto mais se fala em guerra, mais se pensa na paz.

Ha dias falou-nos a respeito um grande argentino, velho pelos annos, mas joven pelo espirito, referto de entusiasmo e ardor, que, inspector aposentado de ensino, se consagrou á propaganda da paz pela escola.

De modo singelo, familiar, communicativo, o sr. Pablo Pizzurno, desenvolveu este thema: "Não nos basta estar convencidos, consideremo-nos obrigados a convencer a quantos fiquem a nosso alcance, de que a guerra, além de ser o mais injustificavel dos crimes, é tambem a maior estupidez humana".

As idéas que espendeu e desenvolveu, se não eram de todo novas, elle as apresentou de modo pessoal, com angulos de visão proprios.

Mostrou que a cultura dada pela escola ainda é hoje muito impregnada de impressões bellicas. São os heroes militares. São seus feitos, seus habitos, nas singularidades, esquecendo muitas vezes seus aspectos moraes

muito mais notaveis, como de um Caxias, um Belgrano, um Sarmiento, por exemplo. São as commemorações de datas nacionaes, feitas com exhibição de forças militares. E' a noção de "servidor da patria", que desperta para logo na maioria a idéa de servidor militar.

E' a historia feita dos Alexandres, dos Cesares, dos Napoleões, das aventuras guerreiras, de preferencia.

Ha poucos dias, passou-se uma historieta curiosa que illustra bem esta impregnação de guerra, mesmo entre as creanças. Em classe primaria de uma escola, perguntava-se aos alumnos qual o navio mais bonito da bahia de Guanabara. Responderam quasi todos — um navio de guerra!

Mas, a guerra poderá ser extinta? Apesar da apparencia em contrario pode como o foram a inquisição, a escravidão, phenomenos normaes e que hoje nos causam horror. O mesmo que se deu com os antigos instrumentos de tortura, hoje peças reservadas aos museus, de futuro se dará com as de guerra, que hoje constituem esta aparelhagem complexa e infernal, que supprimiu a bravura e o cavalheirismo de outr'ora.

A litteratura que ora está surgindo, de relatos da grande campanha de 1914, de que o livro de Remarque, crú, vivo, frio, é padrão, vem mostrando este aspecto dos combates em que os homens matam e morrem sem saber como e de onde lhes vem a morte.

Mas, como acabar com a guerra? Primeiro pela cultura em cada um da convicção de que ella pode e deve ser estirpada da civilização.

Depois pela modificação do velho conceito de patriotismo, porque, como diz Pizzurno, "morrer pela Patria", deve ser convertido nesta formula mais util "viver para a Patria", collaborando com os demais povos. Finalmente, pela escola.

O livro que o eminente prof. Pizzurno está escrevendo mostra como em qualquer assumpto é possivel combater a guerra. Os exemplos que nos deu, em arithmetica, são expressivos. Tomou dados do custo de vasos de guerra, de material perdido em torpedeamento e fez as creanças avaliar quanto isso daria para a fundação de escolas, vestir e abrigar milhares de creanças...

Quem visitou um dia, com horror, os campos de batalha da Europa, onde ha cemiterios em andares, sente a obrigação de combater, a todo transe, a guerra. Ouvir o prof. Pizzurno, com a vehemencia da sua convicção, causa uma impressão semelhante.

Cinco annos depois volta ao Brasil Pablo Pizzurno, o mesmo mestre admiravel de entusiasmo e de fé e nos diz, com sua palavra encantadora, a mesma confiança, a mesma segurança tranquillã e inabalavel na força do idealismo. Deante delle accode sempre uma reflexão feita uma vez por Euclides da Cunha, que dizia desejar em face de certos moços, perguntar a alguns velhos se já, tinham feito 20 annos. Pablo Pizzurno tambem dá vontade á gente de lhe perguntar: Mestre, o Sr. já fez vinte annos?

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

ACABA DE APPARECER:

F. CONTREIRAS RODRIGUES

Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial

Compilação historica em torno dos problemas da economia social e politica dos tempos da Colonia

ARIEL EDITORA LTDA.

Preço 12\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

PINTURA
EXPOSIÇÃO PORTINARI

O grande pintor brasileiro realizou no mez de julho mais uma exposição magnífica. Sente-se que Portinari já está "construído", tendo ultrapassado uma phase de vacillações, pesquisas e incertezas, para nos apresentar uma obra maduramente pensada e realizada. Portinari emprega actualmente na tela o processo usado na pintura a-fresco, obtendo um excellente resultado.

Durante a exposição ouvimos no hall do Palace Hotel um commentario inteiramente errado a respeito das influencias soffridas por este pintor. Ainda será preciso explicar mais uma vez esta coisa elementar que a vida é uma troca de influencias e de reacções, e quem não fôr capaz disto não vive, ou é um cretino? Portinari soffre a influencia de diversos artistas, mas não servilmente, e sim como pontos de referencia para desenvolvimento da sua personalidade. Todo o mundo está farto de saber que Picasso soffreu profundas influencias de Greco, Cezanne, Ingres, dos mosaicos antigos, do diabo — e não deixa de ser elle mesmo, terrivelmente Picasso. Ha muitos outros pintores, entretanto, que se deixam influir por muita gente... e não são coisa alguma, pois não sabem extrahir a licção que os outros mestres offerecem.

Portinari está já definido como pintor. Quem executou os retratos de Maria Portinari, Adalgisa Nery, Jorge de Castro, a "Mulher sentada", Pilar, e outros trabalhos que figuraram nesta sua ultima exposição, não pôde mais temer confusões. Só desejamos que elle arranje novas influencias, e ainda melhores do que as que tem tido, porque ahí então é que vai mesmo ficar um pintor mestre, capaz de exercer sobre outros notavel influencia. A proposito, é digno de elogios o acto do Director da Universidade Livre do D. Federal, convidando Portinari para professor de pintura. Isto é que se chama ter juizo.

M. M.

«Ultimo Bandeirante»

Arinos, essa bella alma rural e fluvial, encontrou, em complemento á inolvidavel obra do sr. Tristão de Athayde, mais um soberbo retratista: o sr. Mario Mattos. Aquelle que foi em sua zona um thaumaturgo christão e como que estava sempre a fecundar a terra com o gesto do sementeiro do poema hugoano, o mineiro que em Paris não esquecia Paracatú, apparece neste livro tal qual foi em vida: o homem que não distinguio a poesia da prosa e achou tudo poetico. Uma tal creatura é a verdadeira encarnação graphica de Minas, e mais que nunca sentimol-o ao lêr o seu novo historiador e critico.

Vemol-o aqui no encanto de quem não chegou propriamente a envelhecer, não soffreu a humilhação das molestias e dos remedios.

Nosso primeiro bucolico, nosso Virgilio baptizado, seu nome, como o de Alencar, é o que melhor canta, o que mais resôa em nossas memorias. Assistiu ao romper da aurora mais vezes que Rousseau e não apenas para fazer litteratura em paginas descriptivas. Sábua andar a pé, gostava de andar descalço. Queimem-lhe o livro e ficaremos sem nenhuma grande poesia regional. E' o que bem accentúa o sr. Mario Mattos, amigo de Antonio Torres, sobre quem escreveu um artigo obra-prima, e entusiasta do conselheiro Lafayette, cujo relevo em nossas lettras marcou num prefacio de concisão classica.

Não sendo apenas um calligrapho do estylo e sabendo chegar ao perfeito pela suppressão do inutil, o evocador de Arinos accrescenta á cultura uma alma. Affirmativo pela razão mas tambem pelo coração, elle escolheu esse modelo por uma analogia de sensibilidade, tanto mais quanto debaixo das apparentes fantasias do outro encontra muitos arrepios de humanidade real. Uma harmonia constante dá-lhe vida aos periodos, a mesma vida da linguagem de Arinos, homem que jámais se deve ter demorado num museu ou adquirido um ramilhete de flores de papel. Nenhuma eloquencia vaidosamente decorativa.

Espirito em que a flexibilidade não exclue a força, o sr. Mario Mattos vê em Arinos o "ultimo bandeirante", o descobridor de coisas bem mais ricas que as pedras de Fernão Dias e o ouro de Sebastião Raposo. Critica de idéas, critica creadora. Homogeneidade de inspiração e materiaes. O brasileiro que evidenciou estar o heroismo ao alcance de todos, Affonso Arinos, é o seu assumpto predilecto e apraz-lhe servir, desinteressadamente, essa sombra radiosa, o renome de quem recolheu numa collecção de contos todos os germens e succos da natureza de Minas, tendo como ninguem o gosto das canções e das lendas, exprimindo como ninguem a gente e a paizagem mineiras.

Um bello livro, um livro fortissimo este. Em nosso ensaismo não sei de cinco ou seis que o valham.

AGRIPPINO GRIECO.

— Os irmãos Croiset foram dos maiores hellenistas da Europa contemporanea. Ainda agora vem de morrer Maurice, bella figura de "normalien" á maneira de Taine e Prévost-Paradol. Após longos estudos da melhor substancia humanistica, ensinara elle, como de praxe, no interior da França e, em chegando ao magisterio em Paris, teve de prompto a honra de succeder a Gaston Boissier, o immortal biographo de Cícero. Maurice Croiset, por sua vez, foi logo enriquecendo o cerebro de dezenas de alumnos, abrindo sulco na vida da cultura, ligando o nome a livros que

perdurarão enquanto perdurar em França o gosto das coisas do espirito. Estampou uma selecta de paginas de Homero, que é modelo de escolha segura e de commentario em que a synthese e a estylização se conciliam sempre admiravelmente. Mas a sua obra prima é a *Historia da Litteratura Grega*, em cinco volumes compactos, escripta, entre 1887 e 1899, de parceria com o irmão Alfred. Não ha melhor resumo do pensamento hellenico e da perpetua criação de belleza que foi a vida dos povos floridos á beira do Egeu.

Lucio Cardoso -- SALGUEIRO

Appareceu um grande romancista: Lucio Cardoso, moço, ensaindo os passos como a creança que, nos seus tropeços, encerra a potencialidade de homem vigoroso. E' exactamente esta imagem que me ocorre ao considerar, após a leitura de *Salgueiro*, o prodigioso talento deste escriptor: Lucio Cardoso ainda não encontrou seu equilibrio. Profundamente original, ainda não se abandonou a si mesmo; olha os outros, e só não copia porque seu subconsciente reage e imprime um carater de transfiguração aos caminhos batidos por onde anda.

Em *Salgueiro* apparecem bem nitidas as influencias discordantes que orientaram o romance, e o poderoso instincto do romancista reagindo, afirmando-se debaixo dos disfarces. A acção de *Salgueiro* é toda entre gente do morro, e não ha, em todo o livro, uma justificativa para a escolha de tal ambiente. Não existe a intenção de fazer romance de costumes: o material com que o romancista joga é todo constituido de elementos espirituaes, no sentido mais largo da expressão. Ora, estes elementos apparecem no livro condicionados por tendencias subjectivas, sem relação com o meio: o velho Valerio apoiado na dôr como caminho para a redempção; o aleijado no seu pavor; Zé Gabriel e Rosa arrastados por uma vontade cega; Geraldo procurando uma direcção, — não são "gente do morro", são creaturas humanas de qualquer latitude e de qualquer classe. Oscillam entre os dois polos vitaes de todo sêr: medo e amor.

Foi sob este angulo que Lucio Cardoso os viu. Para que então os collocou no morro, do qual não conhece nem a linguagem?... Nem mesmo a vida do morro apparece: os personagens não tem occupações; estão sempre pensando, soluçando, dando gritos.

O morro só vive, mas de uma vida magnifica, como scenario. Ahi Lucio é insuperavel, porque é poeta: os casebres acachapados, o zinco dos telhados brilhando, as bandeirolas festivas apparecem carregados de significação. O vento é um dos principaes elementos de belleza no livro; não é um phenomeno meteorologico, é a expressão symbolica de estados d'alma.

Se não fosse esta comprehensão intima da Natureza, que o pôde ter levado a fazer sua gente viver em contacto com o sol, o vento, a chuva, julgaria que o morro do Salgueiro foi escolhido por influencia dos romances proletarios correntes. Influencia, no caso, nociva, mas menos perniciosa que outra influencia, nitida em todo o romance: da influencia proletaria, Lucio vai se desapegar naturalmente, como de um elemento estranho; a religiosa, porém, está mais proxima da sua tendencia espiritualista, e ameaça deturpar sua comprehensão da personalidade humana total.

Em *Salgueiro* sente-se este *parti-pris*: um romance feito para chegar a um certo fim — a necessidade de Deus, demonstrada por meio de tres typos que encontram Deus, pela resignação, pelo

pavor e... vai se vêr de que maneira. Vai o romancista escrevendo seu romance, atirando as creaturas umas contra as outras, num drama de paixões, quando se lembra de que está deixando de parte seu intuito principal — a necessidade de Deus — e larga os personagens simplesmente de romance que estão vivendo uma vida palpitante, para ir buscar os typos incumbidos da obra de proselytismo. O fio do romance fica assim perturbado por um elemento que apparece enxertado de quando em quando, artificial, porque não acompanha invisivel a trama em que se devia incorporar.

Valerio mal apparece no livro: entra só para lançar no espirito de Geraldo a ideia de Deus causador do soffrimento de suas creaturas. Nas poucas phrases que diz, transparece a necessidade de transformar seu soffrimento em motivo de orgulho; é a defesa da ambição frustrada servindo-se da dôr para alcançar uma recompensa maior que a dos felizes deste mundo: — "O miseravel, o que soffrer mais, estará mais perto d'elle! Eu quero, por que sei que um dia estarei lá..." — Lucio Cardoso chama "resignação" a esta lucta ardente pela defesa de si proprio...

O aleijado soffre da angustia moral, que Bergson definiu como a perturbação das relações entre o "eu" individual e o "eu" social: para si proprio elle é um criminoso, para os outros, um puro. Sente que os homens não se dirigem a elle tal como é, mas a creatura ficticia que conhecem, e o mesmo desespero que o leva a confessar a Geraldo sua verdadeira personalidade, gera a necessidade de crêr em alguém que, embora lhe reservando tremendo castigo, conheca a sua falta. Trata-se de lançar uma ponte entre elle e outro sêr, e Deus é uma projecção da sua necessidade de fugir á solidão.

A fé em que elle e Valerio se apoiam não é mais que o resultado de um processo psychologico de defesa e, se aprouve a Lucio Cardoso que esta fé fosse em Deus, poderia ser igualmente em qualquer outra idéa apta a servir-lhes de apoio. A necessidade espiritual do homem é de conhecer; não podendo, pela sua intelligencia limitada, satisfazer esta sêde, pede, na sua miseria, um ponto fixo no meio do chãos: é a crença, urgencia commum a quasi todos os homens, mas inteiramente distincta da idéia de Deus. Quasi todos nós, que não conseguimos corporificar em Deus esta necessidade interior, acreditamos seja no que fôr: em valores mais largos ou mais restrictos, mas potentes para nós.

Por que, em *Salgueiro*, todos encontram em Deus este apoio? Se o Deus de Valerio e de Vicente não subsiste por si mesmo, mas é forjado pelo desamparo das creaturas? Para estes dois, ainda existe a explicação de serem creaturas vencidas, só podendo um esperar compensação em outra vida, e o outro, com medo dos homens, im-

plorando um aliado secreto. Mas na figura de Geraldo apparece claramente a intenção deliberada do autor de levar-o a Deus.

Sua angustia vem de sentir a miseria daquellas creaturas vivendo como bichos, physica e moralmente. Só teve uma explicação para comprehender a organização do Universo e o Destino das creaturas: Valerio lhe dissera que Deus fazia suas creaturas soffrerem, elle era o autor de tudo. Mas sua interogação se volta sempre para a cidade lá em baixo: não seria ali a vida melhor, os homens mais felizes?... Parece pois que sua reflexão vai seguir um terreno todo humano, conforme a tendencia da sua personalidade sensível ao aspecto physico das coisas. Mas o homem de bem chama á ordem o romancista que ia deixando o personagem seguir sua propria individualidade: o drama moral pôde tomar rumos alheios ao intuito do livro. Supprime-se então o drama por um *truc* de escamoteação: a graça de Deus faz calar todas as interogações daquella alma inquieta.

Para mostrar que não é má vontade minha esta observação, citarei o final de *Salgueiro*, no trecho onde se nota a intervenção violenta do proselyto: "Alguma coisa nova se agita na sua alma. Alguma coisa grande que elle sente como a alegria e a crença na vida que se desenrola sempre igual. Afinal, são os homens que fazem a vida".

Mas este sentimento de euphoria não pôde perdurar: é pagão. Depressa o appello irresistível, a fatalidade de Deus: "deante daquellas faces desconhecidas, daquellas janellas abertas, daquelles gritos differentes, Geraldo comprehende que Deus havia descido para sempre ao seu coração".

Snr. Lucio Cardoso, seja bom catholico, mas seja tambem bom romancista. Que suas duas tendencias — a de romancista, poderosa, a outro, não sei, — se desenvolvam em linhas parallelas, mas sem interferir uma na outra. Si algum dia ellas se superpuzerem, teremos a cohesão harmoniosa do romance perfeito.

Por enquanto, não procure forçar a approximação: tenha confiança no seu talento, que o ha de redimir aos olhos de Deus, se crear creaturas pagãs.

VERA PEREIRA.

Casaccia Bibolini — *El Bandolero* — Editorial Atlántid — Assumpção.

Folgamos em vêr o entusiasmo com que o Paraguay se vae reintegrando nas suas bellas tradições de cultura. Fugindo a ser apenas um tributario das letras platinas, a terra de tantos poetas e prosadores que um bom florilegio sul americano não pôde omitir, quer pensar, quer escrever autonomamente. Entre os espiritos com que conta, para esse reerguimento litterario, está o de Casaccia Bibolini. Particular é a attracção que exerce nessa intelligencia o theatro, talvez pela sua acção directa sobre o povo, e *El Bandolero* caracteriza-se pela gradação sempre crescente dos effeitos dramaticos. As personagens, como que reflectindo a intensidade de sentimentos e paixões de uma zona em que tudo vae facilmente ao paroxysmo, assignalam-se pelo ardor com que convertem em irresistiveis impulsos de amor e sangue aquelles movimentos de alma que facilmente poderiam acomodar-se na mediocridade burgueza. Casaccia Bibolini possui lances de boa psychologia, sem prejuizo da movimentação externa que conduz á captação dos applausos da turba.

Ivan Monteiro de Barros Lins — *Introdução ao Estudo da Philosophia* — Rio.

Bellas conferencias sobre escolas philosophicas, realizadas na Associação Brasileira de Educação em 1934. Filio do venerando magistrado Edmundo Lins, o autor desta vigorosa synthese cultural mostra fortissima predilecção pelas doutrinas de Augusto Comte, em quem vê um incomparavel mestre de raciocinio. Cita-o a cada instante. Mas não é apenas um repetidor tautologico dos postulados do mestre de Montpellier. Por isso que o percorreu com intelligencia e honestamente o assimilou, soube o sr. Yvan Monteiro de Barros Lins converter em substancia propria o melhor dos ensinamentos do émulo de Littré, não se notando, nos comentarios do nosso patricio, nenhuma arrogancia fatua, nenhuma intransigencia em acceitar conceitos e reformas que porventura houvessem escapado ao autor do *Système de Philosophie Positive*. Em geral, os nossos contistas acham que o espirito humano entrou em catalepsia com a morte de Comte e que após este todos são intrusos em materia philosophica. Não assim o nobre conferencista da Associação Brasileira de Educação. Nutre-se elle do que ha de realmente eterno no grande francez, mas nem por isso deixa de lêr e meditar os trabalhos subsequentes de um Bergson, de um Boutroux, de um William James.

— Acaba de apparecer em volume o ultimo romance de Francis Carco: *Ténèbres*, que Gringoire offerecera em primeira mão aos seus leitores numa série de folhetins. Nesse livro o autor de *Paname* e de *Jésus-la-Caille*, que vae sempre buscar os seus themas á ralé mais baixa de Paris, faz um penetrante estudo psychologico acerca do remorso.

CAIXA ECONOMICA
TEM SUAS AGENCIAS ESPALHADAS
POR TODA A CIDADE



Botafogo - Carioca
Barão de Mauá
Avenida: Secção Cheques
Sete Setembro: Penhores
Praça da Bandeira
Vila Isabel - Meyer
Madureira - Campo Grande
— FILIAES —
Niterói - Petropolis
— Juiz de Fora —

AO ANO **4 1/2** %
JUROS
CAPITALISADOS
SEMESTRALMENTE

1/3 DA POPULAÇÃO TEM
SUAS ECONOMIAS GUARDADAS NA
CAIXA ECONOMICA

SERVICO DE PUBLICIDADE
CAIXA ECONOMICA

ODE AOS DIAS DE OURO

A ROQUETTE PINTO

Sinto atrás de teus muros,
Chácara fechada,
O perfume e a doçura de teus fructos maduros
E o gorgueio sonoro de tua passarada!
Pudesse repousar por um instante apenas
A' sombra fresca de tuas árvores amigas;
Transpôr o teu portão sem cuidados nem penas,
Ajoelhar em teu seio acolhedor e bom,
Beber de bruços a água de teu riacho quieto
E esquecer!...

De coração suspenso contemplo-te á distancia
Moldura verde e illuminada de minha infancia!
Rincão feliz, terra tranquilla,
Sinto que as minhas raizes de teu humus se alimentam,
Corre nas minhas veias a tua chlorophylla
E os meus versos sazonom
Como os teus fructos amadurecem devagarinho.

A tua paisagem definiu a minha vida
Contemplativa
Como os teus chorões á beira do tanque extáticos;
A paisagem interior que ainda contemplo:
Cochichos de água murmura entre pedras e avencas;
Em cima as copas espessas de tuas arvores
E mais no alto a fronde maior de um céu que de tão puro
Só podia cobrir aquella terra,
Um punhado de terra que era um mundo!

Tenho no coração o musgo de tuas pedras...
(Felicidade de soffrer baixinho
Encolhido na sombra e no silencio...)
Guardo nos olhos a mesma luz que illuminava
A frescura de tuas madrugadas
E quando choro
As tuas orvalhadas dessedentam minha alma!

Bem me lembro da voz de teus pássaros-poetas,
Bem me recordo... Envenou-me a vida
A amargura do canto do Jaó
A' hora crepuscular;
Quando um resto de sol ainda estemmava
Os galhos mais altos das árvores mais altas
E doirava
O vôo incerto das taperás!

Revejo a tua casa grande, solarenga,
De janellas e portas sempre abertas
A' luz e á vida, aos que quizessem chegar;
A tua casa de amplas varandas e alpendres
Com begonias, avencas, samambaias,
Cheirando a madressilvas e jasmims
E emoldurada pelas sébes vivas
E a alegria vermelha dos ibiscos!

Foi ali que sonhei de olhos abertos
Durante tantos annos,
Emquanto os ninhos se multiplicavam,
Emquanto a terra rebentava em flôres
E a vida ia abençoando em cada fructo
A missão silenciosa da raiz!
Ali a minha esplendida alegria
Cantava, descuidada,
Feliz por não saber que era feliz...
Ali, ao sortilégio do luar de Maio,
Quantas vezes ouvi a canção que o silencio então nas horas
mortas:

Um chio, uma zoeira, o estalido de um galho,
O hálito da flôr que está bebendo orvalho,
Uma folha qua cae e vae na asa do vento
Arrastada de leve...

Lá no fundo do ouvido um violino em surdina...
Asas occultas tatalando na sombra da noite enorme...
O luar de Maio dormindo no calix das papoulas
E os olhos se cerrando lentamente
A' luz das lamparinas trêmulas...

Nas noites frias de São João ardia
O coração sangrento das fogueiras
E entre palmas e gritos de alegria
Subiam os balões aos céus distantes;
Balouçavam ao vento e se perdiam
Chorando lágrimas de breu candentes
Emquanto os foguetões os perseguam
Como settas em chamma!
— Senhor meu Deus, porque hão de as nossas vidas
Ter o destino incerto dos balões?...

Hoje, volvidos tantos annos aqui me tens de novo,
Paraíso perdido,
Sem aquella frescura de illusões,
Sem aquella innocencia de esperanças,
Doente de uma saudade sem remedio...
Venho em busca daquillo que me falta,
Das promessas de sol, da confiança!

A vida me acenou com taes enganos,
Tanto sonho floriu na minha mente
(Eu já tive a cabeça illuminada!)
Tanto castello edifiquei na areia,
Tanta illusão acalentei nos braços
Como si fossem filhas pequeninas!...

E hoje, de mãos vãs, pobre e triste,
Aqui me tens de novo como quem,
Perdida a crença, volta ao templo de ouro
Em cujas aras officiou,
Volta para provar a mentira dos ídolos
E, de repente,
Se surprehende a rezar ninguem sabe porque...

Velha chácara fechada, paraíso perdido,
Os teus fructos são eternos,
Eterno é o canto de ouro dos teus passaros,
Eterna e milagrosa a tua seiva,
Eterna a luz que as tuas frondes côam,
Eterna a tua vida que se renova sempre!

Sei
Que ha outros corações que te possuem!
Ouço atrás de teus muros vozes claras!
E murmuro com os olhos rasos d'água:
— Que vim fazer aqui?...

CARLOS LEBEIS.

— O cinema cada vez mais se apoia na litteratura e vae buscar os seus temas aos grandes romances de repercussão mundial. Agora mesmo prepara-se em França uma filmagem de **Crime e Castigo**, de Dostoiewsky e cujos dialogos serão confiados ao conhecido romancista Marcel Aymé, autor de **La jument verte**. Prepara-se tambem uma transposição á tela do romance de Pierre Mac Orlan, **La Bandera**, que decorre em Barcelona e no Marrocos hespanhol, para onde deve ir o proprio autor, afim de acompanhar a filmagem dos scenarios. O **Peer Gynt** de Ibsen foi tambem adaptado ao celluloid e logra agora um grande exito em Paris, onde está sendo passado no salão de **L'Ermitage**. Faz o protagonista Hans Albers, um grande actor allemão que, por coincidência, exhibe-se tambem ao publico parisiense á frente de uma **troupe dramatica**.

LEIAM

S. BERNARDO

ROMANCE DE
GRACILIANO RAMOS

Litteratura Allemã Contemporanea

W. E. Süskind.

O nome de "expressionismo" com que o poeta Otto zur Linde baptizára o movimento litterario determinado por Gide, Joyce, Wedekind, Werdel e outros, foi, na Allemanha, substituído, ao impulso da moderna geração, pelo de: "Austakt". E, em verdade, *arvoravam* os jovens, na explosão chaótica dos seus impetos, um desejo sedento de liberdade.

No livro *Der Sohn* de Walter Hasenclever, o filho, ameaçado pelo pae, ao se defender de revolver em punho, tomba num ataque de apoplexia murmurando: "— Não somos dementes, somos homens e vivemos duplamente, porquanto nos querem matar... dá... dá-me a liberdade!"

Entre os "Jungen" que visam contrapôr um novo gesto ao reflexo do que tentaram seus predecessores, lançar um novo grito ao echo do que estes clamaram, se distinguem Joseph Roth, Eschmid, Bruno Frank e Süskind.

O ultimo, simples no seu ardor, livre no seu estylo do rebuscamento que por vezes lhe affectára a pureza de outros escriptos, é, talvez, o melhor realizador do ideal litterario contemporaneo na Allemanha. As suas narrações em *Tordis* têm um sabor inedito. Por vezes traduz, ou num subito silencio ou num gesto inesperado, a insatisfação inquieta que agita o espirito moderno. Assim, um de seus personagens, Vera Martin, accende todas as luzes, desperdiçando electricidade: "Para que se passe algo no mundo que não traga proveito a ninguem".

Não ha ficção nestes excessos, ha apenas o reflexo fiel de um exaltamento irrefreavel. Süskind é destes espiritos que, gerados "après guerre", relembram a sangrenta visão que lhes embarça os pés no enleamento das incertezas, mas assaz para que busquem, allures, algo de mais alto e de mais puro. Buscam-no fugindo á confusão que perdura nas suas proprias al-

mas. Dahi ser a litteratura contemporanea essencialmente *interior*. Ao invés de juxtapôr o scenario da civilização aos seus sentimentos, recuam-no aos bastidores para que taes sentimentos melhor logrem frutificar.

Os derradeiros livros de Süskind mantêm-lhe o nome entre os mais consagrados da litteratura allemã contemporanea pelo rythmo intuitivo dos seus valores, pela espontanea perfeição da sua fórmula.

EDYLA MANGABEIRA.

"ESTUDOS APOSENTADOS"

A proposito de seu artigo sob o titulo acima, publicado no **BOLETIM DE ARIEL** de março deste anno, o nosso brilhante collaborador Luiz da Camara Cascudo recebeu a seguinte carta:

São Paulo, 23 de Março de 1935.

Meu caro amigo Dr. Luiz da Camara Cascudo.

Acabo de lêr, em um dos ultimos numeros da revista *Ariel*, opportunissimas palavras suas a proposito de estudos aposentados. O meu amigo tem toda a razão comsigo mas, perdõe a vaidade dos paulistas, é preciso fazer uma excepção a São Paulo... Como sabe, a nossa Universidade está em pleno funcionamento, com todos os seus cursos providos pelos mais abalisados professores nacionaes e estrangeiros, entre allemães, francezes, italianos, portuguezes, etc. Ora, entre esses cursos ha dois que justificam aquella excepção: o de *Ethnographia brasileira* e o de *Tupy-Guarany*. Não são, como é habito no Brasil, cursos de fachada, cursos apenas constantes de decretos. Este anno elles darão os seus primeiros fructos. Dos trintz e quatro alumnos que os frequentam obrigatoriamente, dez estão preparando theses sobre *ethnographia* e sobre *tupy*. E não são alumnos quaesquer, são em geral alumnos que já se formaram em algumas das outras escolas superiores da Universidade, ou diplomados pelas Escolas normaes superiores. As aulas se desenvolvem com toda regularidade e com frequencia grande de ouvintes livres, etc. Actualmente estamos tratando da instalação de um grande Museu *Ethnographico*, sendo que já possuímos abundante material indigena, trazido das regiões do Rio Negro, Madeira, Araguaya e sertões de Mato-Grosso. Um *ethnographo* especializado e pago regimento por um particular, amante dessas cousas, tenta neste instante approximação definitiva com *chavantes* e *parintintins* visando exclusivamente collecta de material para o nosso Museu. Das regiões do litoral de São Paulo, eu mesmo, por encargo do Museu, consegui descobrir interessantissimas urnas funerarias indigenas e copioso

material de barro pintado, cousa rara e pouco conhecida até hoje na ceramica do sul... Ha em São Paulo um verdadeiro entusiasmo por tudo quanto diga respeito á *Ethnographia*; os livros, as monographias sobre o assumpto exgotam-se rapidamente: o meu livrinho — *Primeiras Noções* — vae entrar no seu 5.º milheiro em 2.ª ed., após um anno de publicação; o livro de Th. Sampaio já é raro neste momento sinão exgotado; uma *Grammatica* de Figueira vale aqui 50\$ minimos, etc. O *Dicc. Brasiliano* que publiquei na *Rev. do Museu Paulista* tem feito um grande successo. O Dr. Taunay incumbiu-me da publicação de um outro — o de *Frei Arrouches* — escripto ahi no norte em 1739. Vae sahir em breve. Logo que os programmas da cadeira de *Ethnographia* e de *Tupy-guarany* estejam impressos enviarei ao bom amigo um exemplar para que veja a razão de nossa pequenina vaidade... Emfim, felicitando-o pela justeza de seus commentarios e agradecendo nisto as referencias ao meu nome, quero apenas que fique ao par do esforço de São Paulo em pról desses estudos que hão de "voltar á activa", porque nós não consentiremos no escandalo de uma aposentadoria injusta. Em breve enviarei detalhes de nossos cursos e darei noticias dos trabalhos sérios que temos em elaboração na Universidade e no Museu *Ethnographico*.

Seu, como sempre,

PLINIO AYROSA.

Michael Gold — 120 Milhões — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

Menos vigorosa que os *Judeus sem dinheiro*, romance-padrão em que se têm banqueteado tantos modernistas, esta série de narrações e chroniquetas de Michael Gold nem por isso deixa de constituir leitura apreciavel. Muita coisa se encontra aqui traçada com um fremito irreprimivel de vida. Percebe-se que tudo foi visto directamente pelo autor. O elemento visual é o predominante nestas paginas por vezes atropeladas, pelo desejo que teve Michael Gold de dizer o mais possivel no menor numero possivel laudas de papel.

John Luccock — Aspectos Sul-Rio-grandenses — Editora Record — Rio.

O incansavel editor Simões dos Reis vem de enriquecer a sua *Bibliotheca Historica* com este precioso volume em que se agglomeram detalhes dos mais expressivos sobre os costumes gaúchos nas primeiras décadas do seculo passado. A traducção, do original inglez, feita pelo sr. Nelson C. de Mello e Souza, que pertence a uma familia de intellectuaes, é das mais escrupulosas e nem uma só vez desfigura o pensamento e o estylo de John Luccock. Graças ao cuidado de quem trouxe isto ao nosso idioma, poderão os guascas, especialmente agora que vão commemorar o Centenario Farroupilha, verificar quanto um estrangeiro soube intelligentemente observar o meio physico do Rio Grande do Sul e as peculiaridades typicas da sua vida em sociedade ou em bandos nomades. 122 paginas interessantissimas.

Uma Novella Cerebral

Veio, enfim, uma novella cerebral. Já estava cansado e mais do que cansado, atordado com tanto romance puramente objectivista e, não raras vezes, descriptivo. Nossos romancistas, de regra, amam esse methodo facil, mais proprio de photographos do que de perscrutadores da alma humana. Alguns sustentam até, com extranho exclusivismo, que o romance brasileiro ha de ser sempre um romance rural.

Justamente por acreditarem nessa affirmativa deveras contestavel, nossos romancistas se transformam insensivelmente em paizagistas. Foi José Americo que affirmou: Escrever um romance no Brasil sem paizagem, seria a mesma coisa que escrever sobre Eva sem o paraíso... A phrase, se não está literalmente reproduzida, é, não ha duvida, mais ou menos assim. Os discipulos do Snr. José Americo, que são numerosos (José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amando Fontes, Jorge Amado (o do *Cacau*), o autor de *Ma-leita*, etc.) prestigiam o postulado do mestre.

Todavia essa opinião é mais falsa do que verdadeira. O nosso mundo rural é um mundo despovoado quasi. A vida, geralmente, prima pela ausencia do homem. O drama brasileiro está nos nucleos, nas agglomerações humanas, nas cidades, nas capitaes. A paizagem é uma pincelada perfectamente dispensavel.

Machado de Assis, que foi, sem duvida, o mais agudo dos nossos romancistas, esquecia-se sempre da paizagem. Nos romances e contos do autor de *D. Casmurro* as descripções da natureza estão, de regra, ausentes e apenas um ou outro rabisco, fugaz e fugidio fuge da penna do subtil prosador. Essa lembrança me ocorreu apenas para documentar a precariedade daquelle postulado, tão do sabor de nossos ultimos romancistas.

Sem embargo do merito delles, é bem certo que não andam

na estrada melhor. E' claro e razoavel que não tardará uma justa reacção contra o exclusivismo dos romances ruraes. Nesse sentido, creio, é que surgiu *Drama essencial*. E' a nossa primeira novella cerebral. Escreve-a João Ribeiro Pinheiro, espirito em que a imaginação creadora, ardente e febril se debate com uma cultura luminosa, invulgar.

Todas as novellas cerebraes são resultantes da introspecção. Revelam uma analyse introspectiva da alma. Como todo homem que pensa e, ao mesmo tempo, possui uma sensibilidade aguda, João Ribeiro Pinheiro não podia deixar de demonstrar, a toda luz, uma grande inquietude interior. Nelle, todavia, essa inquietação não reflecte apenas o seu espirito creador.

Percebe-se que ella deriva tambem do attrito com a humanidade. João Ribeiro Pinheiro é um dos poucos companheiros de geração que, como eu, esteve em contacto com a vida em todos os seus sectores amargos. Foi, sem duvida, della que apprehendeu toda essa riqueza de impressões, que dansam tragicamente no bico de sua penna.

Sob esse prisma *Drama essencial* é um depoimento psychologico de absoluta precisão. A intensidade da vida, que na flôr da adolescencia viveu, articulada com a intensidade cultural dos livros em que estudou — não poderia deixar de fornecer ao espirito creador de João Ribeiro Pinheiro uma massa moldavel aos seus intentos de estheta.

A limpidez de sua linguagem casa-se perfectamente á sua estylistica bem contornada, e definida como as arestas de um cristal. Essa novella não é méro esboco como as demais novelas do autor. *Drama essencial* resultou de uma definição, mais lenta e mais acurada. O "leitmotiv" é a insatisfação humana dentro da realidade. *Drama essencial* não é apenas a fome e o amor, symbolos centraes da vida. Ha qualquer coisa, uma for-

ça espiritual talvez, que o Homem ainda não comprehendeu.

O livro de João Ribeiro Pinheiro termina com esse mysterio, que atormenta a todos nós, e nos leva a vêr em todas as attitudes a inutilidade de tudo...

O livro não encerra um exemplo; contem, no entanto, uma confissão. Está tão cheio de verdades e de bellezas, que eu invejo não o ter escripto.

JOAQUIM RIBEIRO.

Alban Stein — *Mimologe* — Minerva Verlag — Ceará.

Alban Stein é o pseudonymo de um illustre membro da família Albano, do Ceará, e que tambem costuma assignar-se Pedro de Aratanha. Polyglotta dos melhores, já traduziu elle, sem deslize de construcção ou rythmo, a famosa elegia ingleza de Thomas Gray sobre um cemiterio campestre, que anda em todos os florilegios da Grã-Bretanha. Agora, mostrando com a mesma segurança e robustez o seu dominio da lingua alemã, transporta elle ao idioma de Goethe algumas das mais bellas redondilhas em que portuguezes e brasileiros vazaram os seus enternecimentos de amor e saudade. Muitas vezes são como que poemets incisivos em quatro linhas curtas e bem andou o nosso patricio tornando-os accessiveis aos milhares de leitores de uma das grandes nações pensantes do mundo.

Arnaldo Nunes — *Relampagos* — A. Coelho Branco Editor — Rio.

E' interessante observar, nesta época de tumulto litterario, de allucinada renovação de credos e escolas, a persistencia com que certos poetas se mostram apegados ao tradicionalismo do verso bem cadenciado, bem metrificado. Neste numero figura, sem deslustre, o sr. Arnaldo Nunes, autor da *Escalada* e dos *Relampagos*. Não se apressando em ser ingrato com os velhos mestres que lhe encantaram a juventude e lhe afeiçãoaram a sensibilidade, dá-se elle ainda ao trato do soneto e não prescinde das minucias descriptivas em que se esmeravam os pantheistas do Parnaso. Isto não quer dizer que não faça tambem com agilidade, quando lhe apraza, poemets de rythmos varios, sendo egualmente um habil traductor das producções de Heredia, Villaespesa e Santos Chocano.

LEIAM

CIUME

ROMANCE DE R. — A. GUZMAN

TRAD. DE GASTÃO CRULS

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

Hamburgo, 12 de Maio de 1932

Meu caro Gastão,

Obrigadíssimo pela sua carta aviatória. Hontem, por carta também aviatória, deu-me o Gilberto noticias de sua adoravel pessoa.

Sua carta veio encontrar-me de cama e gravemente enfermo. Tive um ataque seriíssimo por uma destas manhãs. Materia purulenta, escapada de um abcesso de um dente mal tratado no Rio, accumulou-se-me nos pulmões e quasi me mata suffocado e com um principio de hemoptyse! Estou agora em tratamento severo, reduzido apenas a leite para desintoxicar o sangue e tão fraco, que ha mais de uma semana o Consul Geral te de me dispensar do serviço, pois as pernas não queriam carregar-me. Um accidente soffrido pela lingua durante o colapso me privou de fallar por algumas dias. Agora, felizmente já estou melhor e fallando desembaraçadamente. Eis porque não lenho escripto. O medico, aliás, me prohibiu qualquer trabalho mental, incluindo até leituras. Mas isso eu não aguento. Leio. Sem leitura eu morro de tédio. Mas na semana proxima, isto é, depois destas férias de Pentecostes, irei retomar o meu serviço no consulado, pois graças a Deus estou muito melhor, embora, segundo diz o medico, o meu systema nervoso esteja grandemente affectado. O exame do meu sangue revelou profunda anemia! Brevemente continuarei a mandar artigos.

Bem, meu caro Gastão, adeus. Queira bem ao seu velho e doente amigo,

Torres.

Hamburgo, 29-5-1932.

Meu caro Gastão

Escrevo-te agora ás 11 da noite para aproveitar a mala de amanhã. Comecei a escrever um grave artigo a respeito do ultimo drama de Gerhart Hauptmann, que se chama *Vor Sonnenuntergang*. Já o li e já o vi representado. A minha opinião tel-a-has no meu artigo. Tenho muita coisa a escrever para o *Boletim*. Não pude, porém, concluir o meu artigo sobre o dramalhão do Hauptmann, porque estou realmente doente. Ha quatro dias sahi da casa de saude, onde estive de observação. Não imaginas quanta doença eu tenho. Sou, para empregar o titulo de um romance italiano (Pirandello ou Papini?) *un uomo finito*. Para teres idéia: a coisa mais inoffensiva que me encontraram foi uma aortite. De sorte que o trabalho intellectual não me interessa mais. Escrever? Para que? Em todo o caso, pelo proximo correio receberás o meu artigo de critica theatral e ainda outros que farei. Só para te ser agradavel, está claro, porque não creio que eu dure muito. Uma coisa entretanto posso garantir-te: é que deixarei este mundo sem a menor saudade. Lembranças ao Grieco e ao Gilberto. Abraços do teu velho

Torres.

Horriavel, o fructo amargo da vida...

Hamburgo, 2-6-1932.

Caro Gastão,

Ahi vae um artigo. Pelo proximo correio segue mais. Estive na casa de saude. Continuo muito doente, muito mesmo. Meu unico consolo é a leitura. Diga ao Fiuza que recebi a carta delle. Infelizmente elle não me mandou o endereço. Onde mora elle? Agora só no dia 13 haverá mala para o Brasil: o *Atlantique*. Os jornaes daqui noticiaram innumeradas prisões ahi mas sem dar nomes. Quaes os presos? Poderás dizer-me? Nenhum amigo nosso? Espero-o... Abraços do velho

Torres.

P. S. Peça ao Saul (1) que reveja cuidadosamente esse artigo (2).

Hamburgo, Dia de Santo Antonio -- 1932.

Meu caro Gastão,

Lá em casa está um artigo começado. Amanhã ainda ha outra mala e por isso farei o possivel para termina-lo hoje. Ha dias enviei-lhe um a respeito da ultima peça de Ger. Hauptmann. Tel-o-ha V. recebido?

O ultimo numero do *Boletim* estava excellente, excepto no que toca a um artiguete

Você, companheiro, é engraçado. Teve escrupulo em publicar o meu artiguete sobre vampiros (3) por se afastar um pouco do plano da revista, palavras suas. Ora, respeitando, como me cumpre, a opinião do sr. Director e do amigo, sempre direi que esse artiguete era resumo de uma conferencia scientifica, feita por um psychiatra de Bonn, universidade notavel, acerca de um dos mais famosos delinquentes dos ultimos tempos. Entretanto V. publica um artigo... Si lhe escrevo isto, está claro que não me move despeito, nem magua nem ciu-

me. Digo-lhe as coisas francamente porque a minha amizade por V. é sincera e a sua revista é a unica publicação decente que possuímos actualmente no Brasil

Bem, Gastãozinho, não me queira mal pelas minhas rabugices. Abraços ao Grieco, ao Gilberto e ao Saul. Do seu velho e rabugento.

Torres.

Hamburgo, 15 de Junho de 1932.

Meu caro Gastão,

Antes de tudo muito obrigado pelos avisos que me das com referencia ao meu artigo, sobre o magnanimo e saudoso monarcha. Como andam as coisas por ahi, hein? Já não se póde mais nem dar uma opinião sobre personagens desaparecidas ha tanto tempo? Positivamente, Gastão, a nossa terra é o paiz dos tabús. Reli agora o meu artigo (4) e francamente nelle coisa alguma encontrei que justificasse qualquer movimento de indignação a não ser de fanaticos.

Vou mandar-te um artigo sobre a nova *Grammatica da Academia Franceza*. Os grammatiquistas já começam a descobrir-lhe as falhas. A grammatique é a mesma por toda a parte. Entretanto eu tenho gostado immensamente della. E' clara, firme e exacta. Não é livro com o qual possa aprender francez quem nada saiba desta lingua, mas, para quem já a estudou e sabe folhear livros de philologia, é um manualzinho precioso. E nem podia ser por menos, pois foi feito por academicos não da Academia Brasileira e que tinham contratado de fóra philologos de verdade para auxiliá-los... — Indica-me V seis livros dos seguintes autores: José Maria dos Santos, Sertorio de Castro, Oliveira Vianna, Handelsmann, Mattos Pimenta e Paulo Duarte. Desses não conheço nenhum, mas só me interessam ahi os livros do José Maria e do Handelsmann, que ha mais tempo já devia ter sido publicado. O livro desse sr. Paulo Duarte, em quem nunca ouvi fallar, já começa errado pelo titulo: *O que é que ha?* Nas orações interrogativas *nunca* se colloca o demonstrativo antes do pronome relativo, a não ser quando se trata de uma *repergunta*. Por isso *O que é que ha?* está errado. Em todo o caso, com o livro do José Maria e do Handelsmann, queira V. mandar-me também o do Sertorio, que é muito intelligente e bom observador.

Estou em falta para com V. num ponto. V. me pediu que lhe indicasse um livro sobre chiromancia que pudesse ser traduzido. Immediatamente indaguei o caso e obtive uma informação, que guardei cuidadosamente no bolso para lhe mandar. E guardei-a tão bem, que já se passaram mezes e ella aqui está. Um allemão meu amigo tem aqui um parente proximo que é entendido nesse assumpto, do qual não pesco patavina. Elle me indicou logo como o melhor este: *Chiromantie* por Lloyd Haldane. O nome do autor parece inglez. Si assim fôr, tanto melhor, porque a traducção será

Brevemente

ROTEIRO DAS MÃES

Alimentação da
criança

pelo Dr.

Suikire Carneiro

Em edição

"ARIEL"

mais facil. Eu, porém, não conheço o livro e, si o conhecesse, daria tudo no mesmo, porque desse riscado nada entendendo.

Diga ao Barão d'Ascurra que tenho mostrado os artigos delle ao Barão do Sumaré, o qual está disposto a defender-me. O Barão do Sumaré é o contrario do Barão d'Ascurra: muito modernista, embora respeite e venere muito o sr. d'Ascurra, mas é homem que aprecia garbulhos de franchinotes, como diria o sr. Coelho Netto. Emfim, lá se entendam. Eu nada tenho a vêr com o caso. Aguardo e com agua na bocca o livro do nosso Gilberto (5). Abraços aos amigos.

Do velho

Torres.

F. S. Só agora, depois de relêr a carta, verifico haver nella dois tratamentos: tu e você! Paciência, agora é tarde...

Ha dias seguiu carta pelo correio. Esta, creio, chegará lá antes.

Hamburgo, 23 de Junho de 1932.

Meu caro Gastão,

Ahi vae mais uma conversa fiada. Só hoje recebi o Ariel e recebi tambem carta do nosso Ramos, a quem peço queira V. entregar a resposta que junto aqui vae. Veja si obtem do Ramos (sem dizer que é para mim) todos os livros delle, excepto o Canto do Centenario, que tenho. Envie-me quanto antes esses livros, porque desejo concluir o artigo que comecei sobre elle com o titulo: Elogio de um poeta. Mas sem os livros não posso concluir-o. Faça-me esse favor, meu velho e quanto antes, melhor. Vou fazer outro artigo para a mala proxima, dia 5 de julho — dia fatidico... Estou lendo, com alguma difficuldade, o ultimo livro do Kayserling: Sudamerikanische Meditationen. Talvez o proximo artigo seja a respeito delle. Não contem grandes novidades. Abraços do velho

Torres.

Hamburgo, 15-7-1932.

Meu caro Gastão,

Recebi ha dias a carta que V. me mandou por via postal e que agradeço. O Ariel ainda cá não chegou.

Que trabalho V. tomou para justificar as do! Conheço bem e ha muitos annos o seu caracter para saber que seus moveis são sempre nobres, meu velho. Si fallei no foi em parte por brinquedo e em parte a serio, porque realmente é pena ver tanta tolice na sua bella revista, a unica decente que possuímos e que eu nunca suppuz que algum dia apparecesse no Brasil. Mas se se trata de amigo paciência: é aguentar, como não ha remedio sinão supportar com longanimidade as charadas do

Por aqui têm corrido as noticias e boatos telegraphicos mais desencontrados, mais absurdos a respeito da nova rebordosa que arrebitou em S. Paulo e adjacencias. Eu já não entendo mais. E' verdade que, por intermedio da Legação em Berlim, vêm-nos umas noticias de fonte official. Mas, coisa curio-

sa, as noticias officiaes ainda mais concorrem para atrapalhar e desorientar tudo! Hoje eu soube que na Bolsa do Café d'aqui receberam noticias de que houve accordo entre o Getulio e os contrarios. Será verdade? Esperemos mais alguns dias...

Alegaram-me as noticias que V. me dá do Ariel. Isso é assim mesmo. Roma não se fez em um dia. E o que V. já tem obtido me parece prodigioso num meio como o nosso, completamente hostil a tudo quanto seja intelligencia. Chegado a esse ponto, em que V. está, avante, avante!

Lembranças ao Grieco, ao Ramos, ao Gilberto, ao Saul, de quem hoje recebi carta.

Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo, 5-VIII-1932 (6).

Meu caro Gastão,

Recebi e agradeço os livros. O do tal F..... (a quem não conheço) já foi hoje mesmo para a cesta de papéis por estar escripto em orthographia phonetica e academica. Vou escrever o artigo sobre o livro do Ramos. Mas imagine! Estou sem cabeça: além de outros males, tenho aqui o consul geral gravemente enfermo. Abraços do seu

Torres.

Meu caro Gastão,

Hamburgo, 19-VIII-1932.

Meu caro Gastão,

Espero que V. vá bem de saude. Quanto a mim, vou passando como Deus o permite.

Quero de V. uma grande fineza: enviar-me quanto antes os livros constantes da lista junta. O cheque não vae hoje por já ser tarde para pedil-o. Seguirá, porém, pelo Duillio no dia 22, isto é, daqui a tres dias. E' essencial que os livros venham por navio allemão, nunca por navio brasileiro. Tambem é indispensavel que V., ao pagar os livros, exija factura-recibo, pois essa encomenda é para o Consulado, será paga pela verba expediente e tem de ser escripturada em livro proprio, devendo eu depois mandar o recibo para a Contabilidade do Exterior para justificar a despesa feita. Todos esses livros encontram-se na Imprensa Nacional. Caso V. gaste ainda alguma coisa de seu bolso com aquisição de caixote e transporte para bordo, mande-me o competente recibo para que eu os indemnisse. Para dar mais aspecto commercial á transacção, o seu recibo pôde vir em papel da sua empresa Ariel. Espero, meu caro Gastão, que V. me remetta esses livros e me desculpe a massada que lhe dou.

Recebi hontem o livro do Gilberto (7). Admiravel. Ainda não recebi o Ariel deste mez. O mez passado mandei-lhe seis artigos. Este mez ainda não escrevi nenhum, devido a varios contratempos. Quero ver, porém, si mando algum pelo Duillio daqui a tres dias.

Lembranças aos nossos amigos todos. Abraços do seu gratissimo,

Torres.

A adquirir na Imprensa Nacional (8): Collecção de Leis:

Anno de	1910	3 volumes	Rs.	30\$000
1911	4	—	45\$000	
1912	4	—	40\$000	
1913	4	—	40\$000	
1914	5	—	40\$000	
1915	3	—	30\$000	
1916	3	—	20\$000	
1917	3	—	20\$000	
1918	3	—	20\$000	
1919	3	—	20\$000	
1920	5	—	40\$000	
1921	6	—	40\$000	
1922	4	—	30\$000	
1923	4	—	35\$000	
1924	4	—	30\$000	
1925	2	—	20\$000	
1926	3	—	35\$000	
1927	2	—	20\$000	
1928	2	—	25\$000	
1929	4	—	35\$000	
1930	2	—	15\$000	

630\$000

Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, do Instituto Historico,

2 vol. 90\$000

Licenças (Dec. 16.539, de 5 agosto 1924) 10\$000

Registros Publicos (Dec. 18.542, de 1928) 3\$000

Seguros (Regulamento, Dec. 14.593, de 31-12-1930) 1\$500

Saude Publica (Regulamento) . 6\$000

Vendas Mercantis, Dec. 17.535, de 10 de novembro de 1928) . 1\$000

Renda (Imposto sobre a). Dec. 17.390 de 2-7-1926 1\$500

Somma: Rs. 734\$000

Acondicionamento e transporte até a bordo (app.) 66\$000

Total 800\$000

Os volumes devem ser acondicionados em uma caixa de madeira e esta remetida por um navio allemão, rapido, com frete a pagar, trazer o endereço de Consulado Geral do Brasil em Hamburgo. Remetter-nos immediatamente o conhecimento de embarque, para poder-se desembaraçar a caixa logo á sua chegada.

Hamburgo, 22-VIII-1932.

Meu caro Gastão,

Conforme prometti na minha carta de 18 deste, segue hoje o cheque de 800\$000 para pagamento dos livros encomendados por seu intermedio á Imprensa Nacional. Envio mais uma lista (duplicata) da encomenda, isto para o caso em que a minha primeira carta se tenha extraviado. Como eu disse anteriormente, é preciso que V. me mande recibo da Imprensa para eu poder prestar contas ao Ministerio. Os livros são para o Consulado e não para mim pessoalmente. Guardo aqui a duplicata do cheque.

Já li todo o livro do Gilberto. Creio que escreverei algo a respeito para o Boletim. O numero deste mez ainda cá não chegou.

Abraços do seu gratissimo.

Torres.

Hamburgo, 14 de Setembro de 1932.

Meu caro Gastão

Ahi vae a segunda via do cheque que lhe mandei para V. adquirir os livros na Imprensa Nacional. Caso a minha carta se tenha extraviado, ahi tem V. uma copia da lista dos livros a mandar. Si a tiver recebido, nesse caso rasgue tudo. Abraços do seu gratissimo. No proximo correio serei mais longo.

Torres.

Hamburgo, 5 de Janeiro de 1933.

A. S. Mostre esta carta ao Gilberto nosso.

Meu caro Gastão,

Só agora posso responder á sua amabilissima carta ultima, que veio por avião, e bem assim agradecer a remessa que me fez dos livros do Grieco (9) e do Brandão sobre Marília (10).

Espero que a esta hora seu sobrinho e socio, rapaz tão digno de ser querido de todos, esteja melhor. Eu agora fiquei sabendo o que é doença grave e o que é ter a morte deante dos olhos. Coisa curiosa! A Parca, vista de perto, não inspira o terror que nos faz quando a vemos de longe, isto é, quando estamos perfeitamente sãos. Afigura-se-nos na qualidade de uma solução como outra qualquer. A morte parece mais natural do que a vida. A vida é artificial. O verdadeiro, o real é a morte.

Naturalmente está V. ancioso por saber o que eu tive, que me retém ainda na Casa da Saude desde Novembro até hoje.

Um sabbado, tendo almoçado com o Ferreira de Araujo (Consul Geral) e sua esposa no hotel de Ambes, senti-me febril depois do almoço. Nada disse. Despedi-me e fui para a casa sentindo calafrios. Pensei logo em gripe, o que seria naturalissimo neste clima e neste inverno. Em casa o thermometro accusou 39 1/2 de febre, o que, francamente, para começar era demais... Tomei capsulas. A noite foi atroz. No dia seguinte mandei chamar meu medico, que é chefe de clinica de uma grande casa de saude de Hamburgo. Este cientista ordenou que sem detença fosse eu removido para a **Krankenhaus**, o que se fez logo. Lá se fez o Roentgen da minha coxa esquerda, onde se descobriu certa accumulção de puz, que não sei de onde terá vindo. Operação logo, mas sem resultado. Havia perigo desse puz espalhar-se pelo corpo e produzir septicemia geral, o que seria a minha morte certa. Novo Roentgen, melhor localisação da infecção, nova operação. Ahi conseguiram conjurar o perigo da infecção geral concentrando a infecção na coxa esquerda. Dias depois... terceira operação! Como V. vê, soffri a valer! Creguei a ter mais de 41.º de febre. Agora, graças a Deus, não tenho febre nenhuma. Pouco a pouco voltam-me o appetite e o prazer da leitura. Logo que sahir da Casa de Saude, a primeira coisa que farei é um artigo para o **Ariel** e creio que será o artigo sobre o nosso Ramos (11), que tenho ha muito engatilhado. Por enquanto ainda tenho aberta a ferida da operação, uma ferida de quasi uma cha-

ve de comprimento e profundissima. Imagine: foi até perto do osso! Agora está quasi a fechar-se, mas ainda levará umas duas semanas, nunca menos. Continuo, pois, de cama e soffrendo diariamente um cauterio a fogo, que aqui chamam **Bestrahlung**, durante vinte minutos, isto sem contar o travesseiro electrico, que trago sobre a incisão o dia inteiro. Ainda não posso andar. Agradeça por mim ao Ramos, ao Grieco, ao Saul a todos os amigos do **Ariel** os bons telegrammas que me mandaram. A você um abraço daquelles de tamanduá. Do seu velho

Torres.

P. S. Peço entregar esta carta ao Gilberto nosso.

Hamburgo, 2-2-1933.

Gastão querido,

Já estou em casa, mas ainda estendido numa chaise-longue, por causa da perna doente. Que doença foi esta minha, que quasi dá commigo no cemiterio? Relendo a copia do attestado medico, que tive de obter para tirar licença para tratamento de saude, leio que soffri uma **inflamação da medulla do osso do quadril esquerdo**. Em allemão, para que V. mostre ao Juliano e outros sabios d'ahi: **Knochenmarksentzündung des linken Oberschenkels**. Os medicos dizem não saber de onde vem isso. Você não poderia, mesmo de longe, mandar-me di-

zer qual a origem possivel de semelhante calamidade? O certo é que me furaram o osso do quadril para tirar tutano cheio de purulencia. Agora a ferida já está fechado mas a perna esquerda está um tanto encolhida, de sorte que, capenga como estou, ando com grande difficuldade, tanto mais quanto essa perna teve tambem uma trombose que ainda necessita de cuidados. Trombose na perna! Eu nunca ouvi fallar de semelhante aberração! Agora tenho de fazer tratamento orthopedico para desenvolver e flexibilisar essa perna, isto é, banhos de ar quente, **pendeln** e massagens. Vou á Casa de Saude tres vezes por semna. Si poder me responda pelo avião, ficar-lhe-hei gratissimo. Desculpe-me esta amolação. Como vae seu sobrinho? Agora vou reencetar a minha collaboração no **Boletim**. Vae surgir enfim o encantado artigo sobre o Ramos! Lembranças ao Grieco e aos amigos todos. Abraços do velho grato,

Torres.

Hamburgo, 9 de Março de 1933.

Meu caro Gastão,

A sua carta, vinda por avião, foi para mim um jorro de luz. Os medicos allemaes só dizem ao doente o que elle sofre depois que elle está completamente restabelecido. Então lhe dão um relatorio por escripto. E' pelo menos o que me dizem aqui. O Silva Mello provavelmente poderá explicar-lhe esses costumes da ethica profissional allemã melhor do que eu, que sou leigo no officio. Já frequento o Consulado. Já trabalho. Já ando **tant bien que mal**. Estou realmente muito melhor. Mas ainda continuo a ir duas vezes por semana á Casa de Saude para soffrer tratamento orthopedico, que consiste em banho de ar quente até 80.º de calor, massagem, **pendeln** em appaerlho proprio. Isto padeço eu desde 9 h. da manhã até 10 1/2, meu amigo querido! A inchação da perna, consequencia da trombose, está quasi por completo desaparecida. Resta, porém, a inchação do pé. Além disso, a extrema fraqueza do joelho. Ando como um velho de 70 annos, vagarosamente, apoiado a grossa bengala munida de ponteira de borracha. Dizem os medicos que só daqui a dois annos ficarei completamente restabelecido... **si até lá não tiver morrido**, accrescente eu. Aliás a morte, com já lhe disse em carta anterior, não me parece tão feia como a pintam. Pelo sim, pelo não, estou escrevendo o meu pequeno testamento. Entretanto o meu estado geral parece bom. Durmo bem como bem e c... **melhor**, expressão do velho Capistrano de Abreu. Sinto, porém, que ha no meu corpo varios focos de infecção, provenientes de doença do nariz, dentes e garganta. Os meus ouvidos zumbem. Creio que tenho **polyps**. Os meus nervos, porém, devido a melhor alimentação, estão muito menos impressionaveis. Estou muito mais calmo, embora terrivelmente emotivo. A menor contrariedade me tira o appetite e o somno. Sou um intranquillo. Ha dias em que me persegue a idéa do suicidio com uma crueldade satanica. Para evitar isso, atirei fóra as balas e guar-

Acaba de apparecer

Agrippino Grieco

ESTRANGEIROS

Com o seguinte summario:

POE -- PIRANDELLO -- RABELAIS
SHAW -- TOLSTOI -- LINCOLN --
ELISABETH BROWNING -- HEINE
-- BERGSON -- CERVANTES -- SHEL-
LEY -- GONCOURT -- GOETHE --
CHESTERTON -- CONRAD -- SHAKES-
PEARE -- DUMAS PAE -- MAUROIS --
MAURIAC -- TENNYSON -- MONTES-
QUIOU -- CROCE, ETC. ETC.

Preço 8\$000

Em todas as Livrarias

dei o meu revólver no cofre do Consulado. Ahi o trabalho e as discussões com os companheiros me distrahem. Depois venho para a casa. Raramente saio á noite. Só Wagner e Beethoven me fazem deixar o meu repouso attribulado de pensamentos ás vezes sinistros. Depois d'amanhã, por exemplo, irei, volente Deo, á opera ouvir o Crepusculo dos Deuses. Mas é só isso, meu querido. Sou um Uomo Finito — titulo de um romance de Papini (salvo engano) que eu nunca li. Por fallar em livros, recebi A Dansa sobre o Abysmo, do Gilberto. Já o li.

Brevemente receberá V. minha collação para o Ariel. Este ultimo numero, o de Fevereiro, está muito interessante pela variedade. Espero que seu sobrinho esteja restabelecido. Dê-lhe um abraço por mim. Do Gilberto ainda não tive novas. Nem sabia que elle já partira do Rio. Hoje escrevi ao Levy da Embaixada em Paris, perguntando-lhe si o nosso grande homem já lá estava. Abraços ao Ramos, ao Grieco, ao Saul, aos amigos todos. Da seu velho

Torres.

(Continúa).

(1) — Saul Borges Carneiro. (2) — "O Ultimo Drama de Gerhart Hauptmann", artigo apparecido no BOLETIM DE ARIEL, de Julho de 1932. (3) — "A Respeito de Vampiros", artigo apparecido no BOLETIM DE ARIEL, de Maio de 1932. (4) — "PEDRO II", artigo apparecido no BOLETIM DE ARIEL, de Abril de 1932. (5) — Gilberto Amado. (6) — Bilhete postal. (7) — *Espirito do Nosso Tempo*, de Gilberto Amado. (8) — Pela carta acima e sobretudo por esta lista de obras, vê-se que Antonio Torres não era o bohemio incorrigivel que muitos suppunham e cujas funções na carreira consular se limitavam apenas a folgados lazeres nos centros civilizados da Europa. Tendo assumido temporariamente a chefia do Consulado em Hamburgo, elle se preocupa em enriquecer essa repartição com obras indispensaveis ao bom andamento dos serviços publicos. (9) — *Vivos e Mortos*, de Agrippino Grieco. (10) — *Marília de Dirceu*, de Thomaz Brandão. (11) — Alberto Ramos.

Jorge de Lima e Murilo Mendes — *Tempo e Eternidade* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Reunem-se aqui dois autores de temperamento e expressão diversa, mas unidos no caso pelo desejo de servir lyricamente o crêdo religioso que os empolgou. O sr. Jorge de Lima, neste volume, passa das suas effusões languorosas de nortista a uma concentração, uma compuncção mystica que raros adivinhariam nelle, na época em que redigiu as maravilhosas estrophes da *Nêga Fulô*, conhecidas do Brasil inteiro. E o sr. Murilo Mendes parece ter abandonado para sempre o culto do epigramma cortante que todos retinham na memoria e todos os amigos do "humour" repetiam: agora o que lhe interessa é cantar aquellas entrevisões da alma profunda em que se comprazem os illuminados da poesia catholica. Percorrendo este livro terão os leitores ensejo de verificar quanto a casa de Christo está em condições de comportar os caracteres, as figuras mais oppostas, sem diminuição de personalidades para ninguem. Conservando-se dois grandes lyrists, os srs. Jorge de Lima e Murilo Mendes apresentam-se indiscutivelmente, neste livro, como dois admiraveis poetas religiosos.

Roberto J. Payró — *Los Tesoros del Rey Blanco* — Amigos del Libro Rioplatense — Buenos Aires.

E' a obra posthuma de um dos mais notaveis escriptores argentinos. Apesar da sua mascara dolorosa e algo tragica, Roberto J. Payró foi um optimista, querendo que todos os homens respirassem livremente e só se indignando quando via a juventude disposta a acceitar, sem mais exame, os ensinamentos autoritarios dos velhos. Com uma largueza

Affonso Freire — *Luneta de Pygmeu* — Irmãos Pongetti — Rio.

Advogado, o sr. Affonso Freire distrae-se fazendo lettras nas horas de ocio, e o caso é que as faz com dignidade e idoneidade de espirito. Como bem accentua um commentador do livro, "basta ler para ficar com a opinião que se está deante de um homem que sabe, seguramente, o que escreve, como escreve e o que pensa". Visivel é o seu rigor vernaculo, mas, embora conheça intimamente o idioma, não se lhe sente nenhum autoritarismo philologico e, critico, procura fazer desaparecer os muitos obstaculos que se interpõem entre autores e leitores, ao invés de augmental-os ingloriamente, como fazem tantos aristarchos superfluos. Assignale-se que elle tambem discute assumptos politicos e economicos, o que lhe empresta ao livro uma latitude bem mais ampla e lhe garantirá um maior numero de amigos espirituales.

Aydano do Couto Ferraz — *Canticos do mar* — Bahia.

Este volume, dedicado ao notavel ensaista Eugenio Gomes, uma das nossas maiores autoridades em materia de estudos inglezes, reflecte bem os sentimentos pantheistas do autor, especialmente em presença do mar. Raros livros vêm de tal maneira impregnados das bellezas do oceano. Tendo nascido, como elle proprio confessa, "á beira da-gua", jámais o sr. Aydano do Couto Ferraz conseguiu vencer o influxo que exercem sobre elle as vagas, as lindas ilhotas, o cheiro da marezia. Nas suas cadencias ha qualquer coisa do mudavel rythmo das ondas e por vezes brami-dos de revolta que fazem pensar no vento do largo. De resto as suas estrophes não são simples transcripções litterarias das maravilhas do Atlantico, sendo, ao contrario, vigorosas interpretações objectivas de um thema que está sempre prestes a resvalar para a banalidade.

Diogo de Vasconcellos — *Historia da Civilização Mineira* — Edições Apollo — Bello Horizonte.

Continuador de Xavier da Veiga e de Joaquim Felicio dos Santos, Diogo de Vasconcellos foi um dos grandes coordenadores e classificadores da historia mineira. Não lhe escapou nenhum documento que fizesse luz sobre uma entidade ou um acontecimento importante da gente montanheza. Enthusiasma-se ao recordar o fausto de Villa Rica e orgulhava-se de haver nascido num ambiente em que ficaram tantos testemunhos da vitalidade civilizadora, da impetuosidade combativa e constructiva do nosso povo. Qualquer bibliotheca sobre o passado de Minas, o que quer dizer passado do Brasil, não estará completa sem os volumes de Diogo de Vasconcellos, verdadeiros mananciaes de factos, archivos inteiros resumidos em paginas incisivas.

Alexandre Lopes Bittencourt — *Rancho de Cigano* — Imprensa Victoria — Bahia.

Para consagrar os meritos deste escriptor basta recordar que o illustre ensaista bahiano Carlos Chiacchio, um dos melhores criticos do norte do paiz, dedicou ao seu livro todo um folhetim da *Tarde da Bahia*, exuberante de palavras elogiosas. Com effeito, o sr. Alexandre Lopes Bittencourt, sabendo que insistir em certos themas é as mais das vezes entediar, prima pela diversidade dos assumptos, borboleteando por questões varias. E' bem a feliz e despreoccupada vagabundagem desses ciganos tão bem representados na capa do volume, do pintor Presciliano Silva. Seja falando das mulheres ou referindo-se ao pacifismo, seja estudando um poeta ou tratando da vida academica, esse despretencioso escriptor detem-se no essencial dos factos, sem descer a minucias que nos fatiguem o espirito.

panoramica de horizontes que o tornava realmente um cerebro universal, esse constructor de livros, que foi tambem um grande constructor de vida, escreveu sobre tudo quanto pudesse redundar em maior grandeza da sua terra, da sua querida Argentina. Viajou pela Patagonia, estudou a imigração italiana, realizou uma admiravel conferencia sobre Emile Zola, analysou o falso Inca, não desdenhou de redigir uma novella picaresca, aprofundou os costumes "criollos", demorou-se na chronica romanceada do descobrimento do Rio da Prata. Era contista e para o theatro compoz diversos dramas e comedias em que ha vigor de episodios e tambem a pertinacia de um mineiro de consciencias, sempre á cata do intimo filão revelador.

Charles Gounod — *Memorias* — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

A alma encantadora do gentilissimo artista que compoz as arias do *Fausto* e musicou a obra prima de Mistral, transluz nestas paginas de memorias redigidas sempre com uma grande affectividade pelas creaturas encontradas em seu caminho. A mocidade de Gounod em Paris, suas primeiras tentativas na grande arte que o apaixonara, sua estada em Roma, sua viagem á Allemanha, tudo é narrado com a maior brandura de tons, sem resentimento contra ninguem, sem restricções maldosas á gloria de nenhum concurrente. O trecho sobre Veneza, em confronto com a cidade dos Papas, é de quem sabia claramente ler na alma dos povos, de quem não era apenas um musicista inculto, um alinhador de sons que falassem unicamente aos ouvidos, mas tambem um homem de pensamento, capaz de reflectir sobre a complexidade dos destinos humanos.

Momentos

*Descerraste as palpebras pisadas
E tiveste, no ouro profundo e acceso das retinas
O espectáculo immovel, repousado,
Das fórmag vagas na penumbra.
Perguntaste a ti mesmo:*

*— Que hora clara e triumphante,
Que hora sombria e profunda,
Cobrirá neste instante a belleza do mundo?
Então, fatigado e lento, abriste uma janella,
E a luz doente e febril de um crepusculo entrou
Dourando de violeta a penumbra vazia
Da tua vida.*

*Lá fóra andava a hora brumal do outomno,
Uma neblina amortalhando arvores velhas,
Como um incenso sobre o mundo.*

*Então, fechaste a tua janella,
E de novo buscaste os braços do teu somno.*

*O suór azul da madrugada
Torna mais lucido o perfume dos jasmíns.
Na neblina rosada ha estrellas que parecem
Derramar sobre a terra humida a ternura
De uma agonia aromal.*

Poeta

*Sente este instante no deslumbramento
Da tua vida interior.
Accendeste um cigarro? Vaes fugindo?
Anda em torno de ti uma onda errante
De frescura que lembra o suór das magnolias.
Tens ainda o corpo pisado de amor,
E no pudor da hora indecisa,
Porque fôges assim da vivenda discreta
Cuja porta em silencio agora se fechou?*

REINALDO MOURA.

Louis Dimier — *Le Nationalisme Littéraire et ses méfaits chez les Français* — Editor R. A. Corrêa — Paris.

Louis Dimier foi longo tempo um dos mais esforçados participantes do movimento politico da *Action Française*, destinado, como se sabe, a restaurar a monarchia em França. Muito pelejou, muito escreveu, muito discursou ao lado de Léon Daudet. Mas, no fim, irritou-se um tanto com as maneiras autoritarias de Charles Maurras e desprendeuse daquelle rumoroso grupo de defensores da realza. Entrou a trabalhar sózinho e o caso é que este seu segundo periodo de actividade tem sido dos mais fecundos, dos mais proficuos. Bellos ensaios consagrou elle, nos ultimos tempos, a escriptores e philosophos da sua terra. Interessou-se pela divulgação dos litteratos lusitanos em zonas gaulezas, mostrando particular interesse pelo grande João de Barros. E agora, insistindo no seu desejo de que a França não se escuse a conhecer os pensadores e homens de letras de outras paragens, publica Dimier este vigoroso trabalho, em que aponta os males de um excessivo nacionalismo em materia intellectual. Seus conceitos são de uma austeridade que não exclue por vezes a nota sarcastica e muito nos agrada a altivez, a coragem com que elle diz aos patricios verdades que talvez amarguem ao chauvinismo de alguns. Optima edição, do brasileiro R.-A. Corrêa.

Henry George — *Progreso e Pobreza* — Cia Editora Nacional — São Paulo.

Muita gente costuma falar no georgismo, discutindo-lhe o fundamento economico, a ethica, os ideaes. Mas é evidente que nem todos haviam ainda folheado o copioso volume ou volumes em que o mestre expôz os seus principios, de tamanha repercussão no planeta. Pois os brasileiros vão ter agora ensejo de conhecer de perto as bases da theoria de Henry George, suas premissas e corollarios. Graças a uma traducção synthetica de Americo Werneck Junior, portador de um nome illustre em nossa cultura, ficaremos perfeitamente connecedores de tudo quanto o economista famoso escreveu a proposito de salario e capital, população e subsistencia, progresso e distribuição, proclamando a inefficacia dos remedios geralmente propostos em taes assumptos e apresentando um methodo que se lhe afigurava resolver de todo o problema. Certo de ser profundamente injusta a propriedade particular da terra, o homem que hoje repousa na collina de Greenwood estava seguro de que o processo por elle indicado poderia evitar, se applicado a tempo, terriveis catastrophes entre os homens.

Marcel Brion — *Pour la Poésie* — Editor R. A. Corrêa — Paris.

O Editor R. A. Corrêa, que dignifica o nome do Brasil em França, continúa a enriquecer o seu catalogo com os mais prestigiosos nomes da litteratura de lá. Marcel Brion, figura de irradiação universal, é um dos seus predilectos, e agora mesmo vem de lançar-lhe dois volumes: *Pour la Poésie*, série de estudos em que ha paginas notabilissimas sobre Baudelaire e Verlaine, e *La Folie Céladon*, romance premiado por um grupo de julgadores que realmente possuem idoneidade para discernir o melhor trabalho entre centenas de concurrentes. Brion, collaborador assiduo das *Nouvelles Littéraires*, infunde á sua critica um ar entre antigo e moderno que é extremamente seductor para quantos detestam os grupelhos artisticos fechados á circulação geral das idéas. Não tem fetiches, nem se circumscreve a callejar os joelhos deante de idolos de pouca duração. Trata dos francezes, como convém, mas também dos hespanhões, dos allemães, dos italianos, e a proposito de todos elles faz sempre descobertas das mais engenhosas. Quando nos dominios da ficção, é um fantasista delicioso, infundido ás suas narrações um vago, um indeterminado em que se sentem o poeta, o critico e o contemplador algo ironico de todos os espectaculos da vida.

Raymond Escholier — *A vida Gloriosa de Victor Hugo* — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

Sendo zelador de um museu em que se conservam muitas reliquias do genio da *Lenda dos Seculos*, Raymond Escholier possuia naturalmente todos os attributos para bem desobrigar-se da tarefa de biographar o mestre. Mas, da sua parte, poderia persistir um pouco de malicia em se tratando de historiar certos detalhes porventura prosaicos de uma grande existencia de poeta. Felizmente não foi assim. Não se insurgindo contra o modelo, não trabalhando contra elle, Escholier, que é um velho amigo do perverso Brousson, falou sempre como um hugolatra que se orgulha da sua hugolatria e não procura occultal-a aos olhos de ninguem. Para elle, como para Banville e Mendês, Victor Hugo é o pae de todos os poetas de hoje, procedendo todos d'elle, devendo-lhe tudo mesmo aquelles que o ridicularizam e o tacham de genial cretino. Por isso a biographia em causa é viva e palpitante como uma novella e ao mesmo tempo orientadora e esclarecedora como uma critica precisa.

Edouard Peisson já foi chamado o "Conrad francez", tanto os seus contos e novellas, quasi todos tendo por thema principal o mar, recordam o maravilhoso autor de Typhon e outras obras primas com que o escriptor polonez enriqueceu a litteratura ingleza. *Passage de la ligne* é o ultimo livro de E. Peisson, que, segundo Jean-Pierre Maxence, é "uma bella narrativa, nobre e concentrada, angustiante e forte".

Othelo Rosa — **Vultos da Epopéa Farroupilha** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Publicista de grande notoriedade em seu Estado natal, o sr. Othelo Rosa, admirador fervoroso da obra de Borges de Medeiros, traz agora o seu valioso contingente á interpretação das pugnas guerreiras em que tanto se distinguiram os campeadores dos pampas. São biographias traçadas com estimavel poupança de palavras, de modo a não sobrecarregar nunca a memoria do leitor. E esse dom de synthese resulta, não da carencia de materiaes, do desconhecimento do assumpto, mas, ao contrario, do pleno dominio mantido pelo autor sobre os factos invocados. Nada ignora elle do que occorreu de realmente significativo entre os guerrilheiros farroupilhas, mas o seu objectivo immediato é extractar sempre o detalhe definidor por excellencia, desprezando as minucias que apenas servem para enturvar a perspectiva dos actos historicos. Uma obra de jornalista que o frequente contacto com o publico conduziu ao gosto da concisão e da simplicidade.

Clodoveu d'Oliveira — **Tabellas de Invalides Permanentes** — Ministerio do Trabalho — Rio.

Trata-se de um valioso trabalho que virá resolver definitivamente a questão tão difficil das indemnizações em casos de accidentes profissionaes. Essas tabellas completam o que dispõe o artigo 25 do Decreto n.º 24.637 de 10 de Julho de 1934 e approvadas como foram pelo governo, serão adoptadas em todo o paiz. Nada recommenda mais essa publicação do que o nome de seu autor, alto funcionario do Ministerio do Trabalho e hoje uma das figuras mais acatadas e ouvidas sobre assumptos da especialidade.

Henrique Moura Costa — **Aspectos e Particularidades da Syphilis no Brasil** — Sodré & Cia. — Rio.

Merecia bem ser divulgado nesta separata o interessante trabalho acima que teve destacada acolhida nas columnas do **Brasil Medico**. Fruto de longas observações colhidas por um dos nossos mais acatados syphilographos, o trabalho do dr. Henrique Moura Costa ha de ser lido e meditado por quantos se interessam pelo problema da lues no Brasil.

— Alguns romances de Georges Simenon — o Wallace francez — já tiveram vasta divulgação entre nós, como **O mysterio de um morto**, **O cão amarelo** e **Um crime na Hollanda**, todos lançados em cuidadas edições Ariel. Mas Georges Simenon não é apenas o urdidor de entrecos empolgantes e narrativas abracadabrantes. Mesmo nos seus romances de aventuras, visando o grande publico e sem qualquer pretensão á fina litteratura, revela-se o escriptor de recursos invulgares, capaz de delicadas annotações psychologicas e senhor de uma technica perfeita para traçar uma paisagem ou crear uma atmosphaera. Esses dons, mais dia menos dia, haviam de ser aproveitados em obras de maior alcance, como acontece actualmente com o seu romance **Les Pitard**, que lhe tem valido applausos de criticos como Ramón Fernandez e outros.

Jorge de Lima — **Calunga** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Dos romances do autor este é o mais vivo e movimentado. Descreve, com muita celeridade e precisão, aspectos curiosissimos do Nordeste, aos quaes se mesclou, de modo irrestricto, a emoção do romancista, de maneira a realizar no caso uma obra de arte perfeitamente humana. Os dons de poesia do escriptor, as suas qualidades de magnifico lyrista, não foram sem ajudal-o em certas passagens onde surgem creaturas penetradas por esse encanto de alma, por essa irreprimivel ternura muito frequente em nossos patricios do septentrião. Sendo ao mesmo tempo livre de folk-lore e aneddotario riquissimo, o ultimo volume do sr. Jorge de Lima é uma narração de primeira ordem.

Alcebiades Delamare — **Villa Rica** — "Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Membro do Instituto Historico de Ouro Preto, o sr. Alcebiades Delamare, que já publicou dezeseite livros e anuncia mais uns onze, prosegue aqui na obra de divulgação das bellezas da antiga Villa-Rica, especialmente dos trabalhos de esculptura do Aleijadinho, iniciada pelo grande Diogo de Vasconcellos e outros perfeitos conhecedores do passado mineiro. O volume do sr. Alcebiades encerra paginas de indiscutivel utilidade sobre as igrejas da mais caracteristica das cidades do sul do Brasil e muitas gravuras estão a augmentar o interesse de um evocação historica que foi conduzida com muito amor e muita attenção pelo assumpto versado.

— O sr. M. P.-V. Stock, que por longos annos dirigiu a conhecida casa de edições francezas ainda hoje existente, acaba de publicar **Memorandum d'un éditeur**, interessante repositório de anedotas e recordações de seu convívio com um punhado de personalidades celebres.

— Mais um volume de correspondencia de Ricardo Wagner. Agora são as suas cartas francezas recolhidas por Julien Tiersot e lançadas por Grasset. Muitas dessas cartas são dirigidas a Catulle Mendès e á sua mulher Judith Gautier, por quem, mais tarde, Wagner se veio a apaixonar.

— Os ratos estão ameaçando os milhares e milhares de volumes da Bibliotheca Nacional de Paris. Os quarenta kilometros de prateleiras que ali se alongam servem agora de "trottoir" a esses roedores, não obstante os gatos que lá se incorporaram ao funcionalismo da casa.

— **Mémoires de ma vie** é o titulo que a ex-mulher de Paul Verlaine escolheu para um livro de recordações que acaba de ser lançado pela livraria Flammarion e que é apresentado ao publico por François Porché.

A poesia tem por objecto fazer da lingua de uma nação algumas applicações perfeitas.

PAUL VALÉRY.

ULTIMAS EDIÇÕES "ARIEL"

Gastão Cruls

A AMAZONIA MYSTERIOSA

(4.^a edição)

V. de Miranda Reis

**ENSAIO DE SYNTHÈSE
SOCIOLOGICA**

(2.^a edição)

Renato Kehl

**COMO ESCOLHER
UM BOM MARIDO**

(2.^a edição)

D. Milano

**ANTHOLOGIA DE
POETAS MODERNOS**

Agrippino Grieco

ESTRANGEIROS

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Agrippino Grieco — **Estrangeiros** — Ariel, editora Ltda. Rio.
 V. de Miranda Reis — **Ensaio de Synthese Sociologica** — 2.^a edição augmentada. Ariel editora Ltda. — Rio.
 D. Milano — **Anthologia de Poetas Modernos** — Ariel, editora Ltda. — Rio.
 Renato Rehl — **Como Escolher Um Bom Marido** — 2.^a edição. Ariel, editora Ltda — Rio.
 Jorge de Lima e Murilo Mendes — **Tempo e Eternidade** — (poesia) Livraria do Globo — Porto Alegre.
 Jorge de Lima — **Calunga** — Romance — Livraria do Globo — Porto Alegre.
 Erico Verissimo — **Caminhos Cruzados** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
 Hamilton Nogueira — **Dostoiewsky** — Schmidt, editor — Rio.
 Humberto de Campos — **Memorias** — 8.^a edição — Livraria José Olympio — Rio.
 Augusto de Lima Junior — **Historias e Lendas** — Schmidt, editor — Rio.
 João Ribeiro Pinheiro — **Drama Essencial** — (Romance — Rio.
 Mario Sette — **Maxambombas e Maracatús** — Edições de Cultura Brasileira — S. Paulo.
 A. J. de Sampaio — **Nomes Vulgares de Plantas da Amazonia** — Museu Nacional — Rio.
 J. Mello Macedo — **Arribada** — (Poemas) — S. Paulo.
 Jenny Pimentel Borba — **Mendiga de Amor** — Livraria Jacintho — Rio.
 Laurita Pessoa Raja Gabaglia e Annita L. Guerreiro de Castro — **Juventude de Hoje e Lares de Amanhã** — F. Briquet & Cia. — Rio.
 Michael Gold — **120 Milhões** — Edições de Cultura Brasileira — S. Paulo.
 H. de Balzac — **Luz Interior** — Edições de Cultura Brasileira — S. Paulo.
 Raymond Escholier — **A vida Gloriosa de Victor Hugo** — Ed. de Cultura Brasileira — S. Paulo.
 Gaston Figueira — **Mi Deslumbramiento en el Amazonas** — Cabaut & Cia. — Buenos Aires.

Erico Verissimo — **Caminhos Cruzados** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Esse brilhante prosador do Sul continúa a fazer circular, através de livros deliciosos, as figuras attrahentes do seu rincão. Emquanto não prosegue na série cyclica em que é principal personagem a seductora Clarissa, uma criação de indiscutivel originalidade, o sr. Erico Verissimo apresenta-nos, nesses **Caminhos Cruzados**, outras creaturas typicas do formoso Rio Grande. Em lugar de insistir nos detalhes de simples regionalismo, tão limitadores para a visão de um romancista ás direitas, procura elle o geral, o universal nas almas e nos factos. E' possível observar-se, em escriptor tão joven, uma relativa influencia dos methodos de construcção e estylização de Aldous Huxley, cujo **Contraponto** traduziu. Mas o certo é que ha uma luz especial nas scenas dos seus romances e as suas personagens não se annullam numa subserviencia excessiva aos figurinos do autor inglez. **Caminhos Cruzados**, narração que se percorre sem esmorecimento de interesse, é livro bastante honroso para o ficcionista de menos de 30 annos, ainda ha pouco attingido pelo Premio Machado de Assis.

J. Mello Macedo — **Arribada** — Editora X — S. Paulo
 Amigo do distincto actor Odilon Azevedo, o sr. J. Mello Macedo é, como elle, um perseverante cultor da litteratura campeзина. Mas, emquanto o sr. Odilon se mantém nos dominios da prosa, tratando da gente rural de um modo mais directo e realista, o sr. Mello Macedo como que vê os aspectos sertanejos através de uma delicada idealização romantica. A fonte de um grotão, a cruz anonyma de uma encruzilhada, a alegria dos pôtros fartando-se de luz pelos

campos, tudo isso apparece nos versos da **Arribada** entre imagens das mais graciosas, e a saudade de tudo isso se faz verdadeiramente poesia nas evocações do autor. Bem se vê que este não conseguiu ainda desprender-se sentimentalmente dos sitios em que decorreram a sua infancia e a sua adolescencia. Permanece-lhe nos ouvidos o rumor dos monjolos da roça, passa-lhe ainda pelos olhos, mesmo quando elle se vê atordoado pela turba das grandes cidades, um vôo de passaros que vão ter a sitios mysteriosos...

Valfredo Martins — **Imagens Perdidas** — Imprensa Nacional — Rio.

O sr. Valfredo Martins é, sem duvida alguma, o melhor dos poetas campistas apparecidos depois da morte do admiravel Azevedo Cruz. Parnasiano sensibilizado por uma emoção finissima, não quiz ser apenas um esculptor ou um cinzelador de joias, e os seus sonetos, mesmo impeccaveis de labor, testemunham sempre de uma vibração de meridional que admira os bellos corpos femininos, os prazeres da vida pagã, mas não os comprehende inseparaveis de uma alma, de um espirito. Os dez sonetos contidos neste volume, tão artisticamente impresso, já elle os divulgara aos seus amigos intimos desde 1910, quando em plena adolescencia, e não encerram nenhuma surpresa para quantos haviam guardado na retentiva os versos lindissimos da **Taça**, do **Bracelete**, da **Navalha de Rollinat**. Mas aquelles que não conviveram com o sr. Valfredo Martins terão ensejo de situar-o agora no verdadeiro posto que lhe cabe em nossa historia poetica. Um livro destes, ainda que apparecendo tardiamente, importa em lição de rythmo, de gosto, de equilibrio a quantos confundem poesia e ruim prosa e pensam que sem syntaxe e sem metrica é possível interessar aos que leram Raymundo Corrêa e Raul de Leoni.

— Raros romances conseguiram nos ultimos tempos o successo de **Fountain**, do escriptor inglez Charles Morgan. Immediatamente vertido para varias linguas, agradou a quantos o leram, nos meios os mais differentes. Agora, o seu triumpho se estenderá tambem ao cinema, através de um film que foi encenado por John Cronwell e tem agrado muito em Paris.

— Charles Du Bos, na ultima série das **Approximations**, procura desfazer, com tacto subtil, a bizarra legenda de um Goethe de marmore, como que já empedernido na propria estatua, incapaz do divino dom do pranto. A rigor, não houve ninguem mais propenso ás effusões de amigo e mesmo de amante. O culto pela antiguidade classica esteve longe de transmittir-lhe a impassibilidade que tantos lhe attribuem, apenas porque o homem de Weimar não gostava que lhe dessem piparotes na pança nem se desmanchava em faceis ternuras deante do primeiro recém-chegado.

Acaba de apparecer

GASTÃO CRULS

A Amazonia Mysteriosa

ROMANCE — 4.^a Edição

Em todas as livrarias

Edição ARIEL



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

LITTERATURA PORTUGUEZA

A historia da litteratura portugueza deve muito a estrangeiros illustres. Carolina Michaelis desvendou-lhe os mysterios da phase ante-classica. Aubrey Bell deu-nos, não ha muito, excellente historia do conjuncto, talvez a melhor das até hoje apparecidas. Agora, surge-nos o sr. Georges le Gentil — Maître de conférences à la Sorbonne — com um apanhado synthetico dessa grande litteratura, “a maior que um pequeno povo tem produzido, exceptuada a Grecia antiga”, na opinião daquelle critico inglez.

O livro do professor Le Gentil sahio na secção de linguas e litteraturas da collecção de Armand Colin, o que já seria recommendação se o autor não invocasse aquelle titulo maior de conferencista da Sorbonne.

Não falta ao pequeno compendio o attractivo de excellente apresentação material, inclusive cuidadosa revisão das palavras portuguezas do texto, as quaes costumam sahir estropiadas nas typographias estrangeiras.

Ahi está livro que merecia immediata traducção vernacula, para andar em todas as mãos como a Pequena historia da litteratura brasileira do saudoso Ronald de Carvalho.

E' raro milagre de synthese. Senão vejamos: o primeiro capitulo trata do lyrismo do seculo XII e XIII e dos começos da prosa do XIV e do XV. O segundo occupa-se dos chronistas e do cancionero geral. Quatro capitulos são dedicados á renascença, focalizando-se a tradição, o humanismo, as descobertas, a personalidade de Camões. Tres ao seculo XVII, iniciado com sobrevivencias do anterior, impregnado de influencia hespanhola, mas tambem caracterizado pelo apogeu da prosa com Vieira, frei Luiz de Sousa, Bernardes, della grandes “virtuosi”. “Ce qui manque aux “seiscentistas”, c'est le contrôle d'une discipline fondée sur la science et sur la raison” — diz muito bem o sr. Le Gentil.

Passa o nosso autor ao seculo XVIII, a que dedica tambem tres capitulos, sob as epigraphes: o espirito de progresso, a Arcadia, precursores do romantismo. A mesma trinalidade ao seculo XIX, explanando o romantismo; os independentes, assim chamados Julio Diniz, Camillo, representantes do romance campestre e do romance passional, intermediarios estes entre o historico e o realista; a escola de Coimbra, movimento politico philosophico e litterario, anticatholico e antimonarchico, cujos corypheus foram Theophilo Braga, Anthero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Gomes Leal...

Um capitulo consagra-se ao movimento nacionalista (1890-1934), e figuram nessa rubrica symbolicas saudosistas, integralistas, isto quando á poesia, visto como, quanto á prosa, não se esquece de frizar o sr. Le Gentil que a variedade dos talentos desafia qualquer classificação.

Finalmente, o ultimo capitulo coube-nos, isto é, á litteratura brasileira. 18 paginas apenas! Podem ser poucas para o nosso ingenuo orgulho de meridionaes, mas foram bastantes para caracterizar, a largos traços, o panorama litterario nacional. O sr. Le Gentil não estava obrigado a essa gentileza para conosco, não só porque a nossa inexperiente litteratura já está independente da de Portugal, como tambem porque o titulo do seu livro não promettia mais do que a explanação dos productos litterarios da velha alma peninsular.

Ainda não demos nenhum nome á Welt litteratur, nem tão pouco as outros nações americanas. O Novo Mundo por enquanto é paisagem, e esta muito pouco ainda humanizada. Faltam-nos por ventura densidade historica propria.

Se excluirmos o Perú, o tabaco, o milho, a batata e a borracha, nada mais a Europa deve á America. Sommem-se algumas contribuições scientificas. Mas, no meio daquella paisagem ainda não lhe podemos mostrar grandes personalidades ori-

JAMES HILTON — «LOST HORIZONS»

Como disse Sinclair Lewis, na sua critica a respeito, "apesar de inteiramente differente do *The Fountain* de Charles Morgan, ha em *Lost Horizons* a mesma curiosa compulsão que vem da historia de um inglez activo encontrando a paz e achando-se a si mesmo num aprisionamento singular".

Com effeito, *Lost Horizons* prende inteiramente a attenção do leitor com a revelação gradual de uma philosophia contemplativa que cada dia mais parece popularizar-se entre os ritos da Grã Bretanha.

Seja como reacção ao materialismo brutal dos Estados Unidos e da civilização moderna, seja por consaço após seculos de luta para a conquista de um grande imperio, e que culminaram na mais tremenda das guerras — a Inglaterra de hoje parece querer se dedicar á vida interior, á vida contemplativa, isolando-se por meio das fortissimas barreiras do tradicionalismo e do conservadorismo. Ou talvez ainda devessemos, considerando o caso do ponto de vista economico, achar que a Grã Bretanha, depois de intensa actividade em busca de riqueza, agora põe a proveito o seu lazer de paiz capitalista para desenvolver as artes e o espirito. Seja como fôr, não são muitos os exemplos de intellectuaes inglezes manifestando a sua reacção contra a vida moderna de actividade materialista, em beneficio de uma vida contemplativa, espiritual.

Assim Aldous Huxley no seu *Brave New World* Morgan no *The Fountain*, Yats no seu *Lives of a Bengal Lancer*, e agora James Hilton em *Lost Horizons*. Estes ultimos têm em commum o contar o caso de um inglez culto que atravez de um aprisionamento fortuito aprende a viver de si para si, por introspecção, e pelo espirito.

No *The Fountain* era um official inglez detido na Hollanda que, partindo do estudo de philosophias, dessas cujo apparecimento influa de maneira permanente.

O sr. *Le Gentil* demonstra extensas leituras dos classicos portuguezes e não recuou mesmo diante de afamadas obras xaroposas, como, por exemplo, as *Epanaphoras* de D. Francisco Manoel de Mello. Revela-se mestre consumado em gizar os perfis dos autores principaes. O retrato do citado, bem como os de Vieira, Garrett, Camillo e Eça de Queiroz, mostram-nos esses escriptores palpitantes de vida. A synthese não prejudica a nota exacta, a caracterização precisa; pelo contrario, faz sobressair o cunho do perfeito conhecedor.

Se o capitulo da litteratura brasileira tivesse merecido o mesmo cuidado, estariamos de parabens, porque o Sr. *Le Gentil* allia erudição ao melhor bom gosto. Provavelmente voltarei a offerecer-lhe algumas notas e reparos quanto a esta parte, de antemão reconhecendo que nas linhas geraes foi justo e sympathico para comnosco.

ALCIDES BEZERRA.

phos do século XVII aprende a viver quasi monasticamente, num mundo de reflexão e especulação, sem finalidade pratica.

Em *Lives of a Bengal Lancer* é um official inglez prisioneiro dos Turcos que, atravez de philosophias hindús e da pratica do Yogi desvenda um mundo de exaltação espiritual ao lado do qual a vida de acção lhe parece insignificante e mediocre.

E, finalmente, em *Lost Horizons*, é Conway, funcionarios do corpo consular britannico que, achando-se após circumstancias extraordinarias aprisionado num recolhimento do alto Thibet, a tal ponto se encanta da vida de estudos abstractos e de especulações philosophicas que, quando afinal livre e de volta á civilização não tem outra preocupação senão a de voltar á antiga prisão para entregar-se definitivamente aos prazeres do espirito sem a interferencia perturbadora do reboço febril da vida moderna.

Livro bem escripto, directo e simples, apesar da sua mensagem um tanto rebuscada, bem merece *Lost Horizons* o extraordinario successo com que foi acolhido tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra.

JACK SAMPAIO

— Como obra posthuma de um grande lettrado, Bernard de Watteville, a editorial Kundig, de Genebra, acaba de lançar *Le Banquet*, traducção franceza do *Convivio*, de Dante Alighiere.

— Marc Slonim e George Reavey, acabam de lançar em Paris, por intermedio da Livraria Gallimard, uma *Anthologia da Litteratura Sovietica: 1918-1934*. Esse trabalho abre com um imporante prefacio do Sr. Marc Slonim e reúne quarenta escriptores russos, entre poetas e prosadores. E' livro que tem despertado um grande interesse, dado o pouco conhecimento que ainda se tem nos outros paizes do movimento intellectual na U. R. S. S.

— *Pour un Réalisme Socialiste* é o titulo que Louis de Aragon escolheu para o seu volume de ensaios, recentemente apparecido. São estes os principaes trabalhos contidos no volume: d'Alfred de Vigny à Avdénko, John Heartfield et la beauté révolutionnaire, Message au Congrès des John Reed Clubs, Hugo réaliste e Le Retour à la réalie.

— Bernard Shaw completou ha pouco 79 annos. A melhor maneira que o velho humorista inglez encontrou para festejar essa data, foi trancar-se no seu quarto e começar a escrever uma nova comedia. Como lhe perguntassem qual seria o seu assumpto, elle logo respondeu: Peguei um thema inteiramente novo: o amor.

— E' ainda de hontem o successo alcançado por Marcel Aymé com a publicação do seu romance *La jument vert*, livro cujo titulo estrambolico veio revelar um escriptor cheio de originalidade e humorista dos mais finos. Agora, devido a essa mesma penna que já se fez um lugar a parte na jovem litteratura franceza, apparece *Maison Basse*, outro romance a que a critica se vem referindo com os maiores elogios.

— Annuncia-se para breve uma nova adição do *Jornal dos Goncourts*, que se achava esgottado ha quasi quinze annos e começava a ser disputado nos leilões e sebos. Infelizmente, ainda não será desta vez que virão a publico os trechos inéditos e que, segundo Edmond de Goncourt, poderiam ser revelados em 1916. Ao que parece, ainda se teme a escabrosidade de certas passagens attinentes a pessoas ainda vivas ou que mortas embora continuam a ter quem lhes zela pela memoria.

Oscar Wilde e o Jury

E' difficil imaginar um quadro mais abjecto que o desse grande e infeliz Oscar Wilde pregado ao banco dos réus diante de um conselho de jurados mais ou menos brancos ou brachos, insultado e escarnecido na sua dignidade de homem e de poeta, tentando a principio reagir com as finas armas do espirito, com as flechas mordentes da ironia, debatendo-se no cipal das perguntas insidiosas e afinal baquendo no lodo de todas as ignominias para maior gloria da moral britannica, do puritanismo britannico, da hypocrisia britannica. Todos sabem, aliás, que nesses requintes de ferocidade, nessa arte inquisitorial de queimar a fogo lento o adversario, o povo inglez sempre rivalizou com a outra velha torcionaria a Igreja. Basta citar o exemplo famoso de Napoleão e o seu sinistro Hudson Lowe.

Mas, em summa, contra o heroe a Inglaterra tinha razões antigas, que tremia — e treme ainda, porque o perigo é hoje maior que nunca — de uma descida fatal nas costas que foi sempre a idéia fixa de Napoleão. E comprehende-se afinal que procurasse vingar-se torpemente do susto que lhe pregou o curso apocalypico. O caso de Oscar Wilde era differente. Wilde era um artista, um poeta, um espirito amavel, demoniaco e fabuloso desses que seguramente participam da natureza dos sylphos e das ondinas, um creador de beleza como a Inglaterra não produzira outro depois de Byron e Shelley, e o autor de algumas paginas que segundo o testemunho do subdito britannico Frank Harris *durarão mais que o Imperio Britannico*. O que se passou no pretorio de Old Bailey que condemnou Oscar Wilde deshonor uma nação, uma época, e é inconcebivel que essa farça abominavel não tenha des-acreditado para todo o sempre a instituição do jury popular, aparelho anachronico, legado do mais remoto feudalismo.

Admitte-se que a sociedade na

sua temivel omnipotencia cometta o tenebroso officio de fazer justiça — a *sua* justiça, entenda-se — a magistrados especiaes, juizes prudentes e experimentados que, bem ou mal, julgam em função do cargo. Mas que essa perigosa investidura seja arbitrariamente conferida aos primeiros seis ou sete imbecis designados pela sorte é uma aberração e um contrasenso.

Contudo a famosa instituição ainda dura. E durará provavelmente até o dia em que por uma suprema elevação moral, por uma alta e esclarecida consciencia da dignidade humana, o individuo chamado a exercer as funções de jurado declare preliminarmente: "Declaro que não me sinto apto a julgar o meu semelhante e que *absolvo systematicamente o accusado*".

Esse dia o jury terá vivido. A sociedade nada perderá com isso, e a justiça ganhará certamente em majestade e recato.

Heroe — Histrião

Cada ser humano traz consigo a particula de um despota dissimulada nos limbos sub-conscientes, que dormita. Ao menor sopro da fortuna esse atomo imperceptivel agita-se, apruma-se, empina-se, é o homem todo: Tamerlão ou Napoleão. E às vezes Torquemada.

Um successo imprevisto, a circumstancia mais banal, um simples grão de areia basta a operar no obscuro laboratorio interior a tenebrosa alchimia. A suscitar o heroe ou o histrião.

ALBERTO RAMOS

O. Emboaba — O Sertão e o Sertanejo — Curityba.

Trata-se de um discurso em que esse joven escriptor, de que já nos temos occupado a proposito de contos regionaes de sua lavra, apresenta uma especie de synthese das questões relativas ao brasileiro que ainda permanece em recantos de um barbaro primitivismo. Apesar de muito moço, o sr. O. Emboaba, fugindo aos engados de uma litteratura facil, é homem que pensa, a revolver problemas de ethnica ou linguistica que ajudem a bem comprehender o Brasil de hoje.

PREMIO MACHADO DE ASSIS

Em outro local desta revista, inserimos um pequeno trecho do romance *Marafa*, da autoria de Marques Rebello, e já no prélo, um dos livros escolhidos pelo jury entre os numerosos concorrentes ao Grande Premio de Romance Machado de Assis, instituido pela Companhia Editora Nacional, de S. Paulo. E' desejo do *Boletim* publicar em proximos numeros exceptos dos outros romances que tambem mereceram o mesmo premio e são: *Musica ao longe*, de Erico Verissimo; *Os ratos*, de Dioneilio Machado e *Totonio Pacheco* de João Alphonsus Guimarães.

LETTRAS BELGAS

O *Bulletin Officiel de l'Association des Ecrivains Belges* é um pequeno mensario, já no seu quinto anno de existencia, que se publica em Bruxellas, e pelo qual se tem uma informação muito segura do movimento litterario na bella terra que já nos deu poetas e escriptores do vulto de Verhaeren e Maeterlinck.

Passando a fazer, daqui por diante, o intercambio da nossa revista com essa interessante publicação, temos tambem a promessa de que, por iniciativa da sua actual directoria, começaremos a receber um exemplar de todas as obras de maior importancia que se vierem a publicar na Belgica.

Dest'arte, estaremos aparelhados para trazer os nossos leitores a par de todas as manifestações litterarias nesse paiz das mais altas tradições intellectuaes.

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

Com as cartas insertas neste numero, finda a correspondencia de Antonio Torres com Gastão Cruls, que tanto interesse despertou entre os nossos leitores. A partir do nosso proximo numero, entretanto, iniciaremos a publicação de novas cartas suas a outros de seus amigos, como Miguel Ozorio de Almeida, Saul Borges Carneiro e A. J. de Castilho, que tiveram a gentileza de pol-as á nossa disposição. Mais tarde, é desejo de Gastão Cruls reunil-as num volume em que se faça detido estudo da obra e personalidade do grande e inesquecivel escriptor patricio.

DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA

A partir do proximo numero, inicio do seu quinto anno de existencia, esta revista pretende reservar maior espaço a artiguets e notas de divulgação scientifica, quer sobre assumptos geraes, quer consagrados particularmente ao radio e ao cinema. E' desejo do *Boletim de Ariel* desenvolver opportunamente essa secção, talvez mesmo dedicando-lhe todo um suplemento. Tal iniciativa, entretanto, dependerá da acolhida que essa orientação venha a ter por parte dos nossos leitores e, a esse respeito, ser-nos-ia grato receber suggestões.

DIVAGAÇÕES

(Chronica Scientifica irradiada a 19 de Agosto na "Hora do Brasil")

Por gentileza de um amigo, notavel estudioso dos problemas relativos á educação dos cegos, percorri, ha dias, o excellente volume publicado em New York (1931) *Proceedings of the World Conference on Work for the Blind*.

Interessava-me saber si algo de novo tem apparecido quanto ao que chamo bases scientificas da educação dos cegos. O volume da Conferencia diz relativamente pouco sobre a materia. Recordo o que é corrente: levar em conta a psychologia infantil, desenvolver os sentidos restantes, facilitando a avaliação das relações especiaes, as distancias, os volumes, os tempos, cultivando a habilidade manual, promovendo o treinamento vocacional. Tudo isso continúa a ser o fundamental dos preceitos e ali se encontra estudado por mestres de grande autoridade.

Tambem a parte consagrada ás occupaões dos cegos, desde a industria até a medicina — (acupunctura, massagem, etc.), acha-se no livro muito bem exposta. São assumptos de que, na *Hora do Brasil*, um destes dias, tratará com proficiencia o professor Espinola Veiga. Não é delles que desejo falar nesta nota. O que me interessa, aqui, é indagar si as bases da educação dos cegos foram já totalmente esgottadas pelos especialistas, á luz do que hoje se sabe em Biologia. Por outras palavras: A educação dos cegos — actualmente baseada no desenvolvimento dos sentidos restantes — tem motivos para esperar da sciencia e da technica alguma coisa de novo, de importante e pratico? Ou, diante do que sabe a biologia, nada se póde esperar de melhor, si não desenvolver os velhos methodos classicos?

Está fora das nossas cogitações o caso da cegueira transitoria ou curavel. Tambem não se trata de nenhuma tentativa medica ou cirurgica. O que se deseja é indagar si a biologia consente em que se admitta como possivel a supplencia da retina pelo aparelho cutaneo como photo-receptor. Trata-se de um verdadeiro aparelho, extremamente complexo. Ao lado da protecção do corpo, elle tem funcções secretorias, internas e externas, e funcções nervosas da maior importancia. A pelle é uma das maravilhas da historia natural. Mas o revestimento cutaneo dos animaes superiores adaptou-se ás condições do meio; perdeu a faculdade de reagir ás radiações luminosas do espectro solar, do vermelho ao violeta. Reage bem, como todos sabem, ás radiações infra-vermelhas — (thermicas) e ultra-violetas — (actinicas).

De alguns animaes inferiores — (certos moluscos, certos batrachios, certos peixes) — a pelle não é indifferente á luz; quer dizer, é sensivel — como a retina — ás radiações luminosas que dispersas formam o arco-iris e, juntas, dão a luz branca.

O nosso problema biologico, então, pode ser

formulado deste modo: será possivel dar á pelle humana o poder de sentir a luz?

Conhecemos, actualmente, uma serie muito grande de factos relativos aos corpos chamados photo-sensibilisadores. Tecidos vivos que não são normalmente alterados pela luz, passam a ser influenciados por ella, desde que estejam impregnados de substancias fluorescentes: fluoresceína, eosina, quinina, etc. Os veterinarios conhecem doenças produzidas pela luz solar agindo sobre animaes alimentados com certas plantas. (Fagopirismo, etc.). Amoremam-se mais depressa as louras que se expõem ao sol das praias com a pelle besuntada de cremes especiaes, em que dominam substancias photo-sensibilisadoras...

Não é, porém, por esse caminho que estou imaginando o futuro. Scientificamente nada impede admittir a possibilidade theorica da *visão pela cutis*, seja illuminando os objectos com raios aos quaes a pelle reaja, radiações de comprimento de onda muito mais curto do que a *luz visivel*; seja incorporando ao organismo, ou simplesmente á pelle, substancias daquelle grupo acima referido.

Será preciso, porém, que nos dois casos a acção photo-chimica imaginada seja reversivel ou transitoria. Sem o que a pelle não voltaria a reagir... Ha, porém, outro caminho. E' ainda a pelle que nos dá esperanza; mas o processo imaginado é mais simples e mais seguro. Elle não se apoia na photo-sensibilidade artificialmente provocada; baseia-se no sentido electrico, ou mesmo no tacto. Porque, sendo certo que a cellula photo-electrica (usada no movietone) é capaz de traduzir em variações de corrente as mais pequeninas variações de luz; sendo certo que os amplificadores thermonionicos (lampadas do radio), são capazes de restituir, enormemente augmentadas, as variações de corrente recebidas da cellula photo-electrica, nada nos veda a admittir a possibilidade de um processo novo de educação dos cegos, tendo como fundamento as reacções da pelle ás variações da corrente electrica.

O Ikonoscopio, de Zworykin, actualmente empregado na televisão, está preparando o terreno. Evidentemente, ha de ser preciso educar a pelle para distinguir as variações de corrente, e poder identificar os objectos pelas características electricas de intensidade e duração, que traduzirem formas, volumes ou côres. Mas com a vista não se faz outra coisa. As creanças normaes aprendem a vêr com a retina; os pequenos cegos aprenderão a vêr com a pelle. Tudo isso, dirão, não passa de sonho exaltado de um poeta vadio, transviado nos asperos e magestosos bosques da sciencia. Que importa? Desculpae o devaneio... Hoje é um sonho; um bello dia poderá ser realidade. E' um sonho que não faz mal a ninguem e pode fazer bem a muita gente.

ROQUETE-PINTO.

A Gloria de Euclides da Cunha

Cada 15 de Agosto que passa revive a gloria de Euclides. Este anno ella surgiu sob novo aspecto, pela palavra do prof. Enrique Fabregat, esse eminente — compatricio uruguayo, que acaba de traduzir para o castelhano entre deslumbrado e agradecido, *Os Sertões* que realizou uma magnifica palestra sobre o homem e a obra.

Vivemos neste continente, a despeito das proximidades no espaço e na lingua, a nos ignorarmos. O prof. Fabregat lembrou que, apesar de procurar sempre conhecer o pensamento latino americano, só o seu exilio viera permittir conhecer o grande pensador sul-americano, porque Euclides era sobretudo uma alta expressão de toda a America.

A carinhosa traducção, por elle feita e offerecida ao governo brasileiro, irá levar ao continente a obra maior da nossa vida emancipada.

Porque a obra de Euclides apresenta por um lado o sabor da gleba nativa em que se embebeu as raizes profundas do seu sentimento e por outro, pelo alto, pela copa densa, toca a atmospheria clara e luminosa do pensamento universal.

Assim elle ha de ser por certo a voz audível desta porção do planeta, quando ella puder e dever ser ouvida.

*

“Euclides da Cunha, como não podia deixar de ser, veio da Bahia”, disse, no formoso discurso de posse, na Academia, Afranio Peixoto.

“Foi na terra de S. Paulo que Euclides da Cunha nasceu para a arte e para a gloria”, falou, em conferencia memoravel, Roquette Pinto.

As terras do interior do Brasil só passaram a preocupação nacional depois da sua palavra de fé e de fogo, escreveu Alberto Rangel.

A Amazonia só entrou na consciencia do paiz com os artigos que se encontram n’*A’ Margem da Historia*.

E Jean Jaurès poudé dizer “Euclides é o mais nacional dos vossos escriptores, o mais caracteristicamente, o mais profundamente brasileiro, aquelle que melhor se constituiu num typo representativo da vossa nacionalidade, das feições e tendencias do vosso espirito e das proprias aspirações inconscientes que se descobrem nas linhas da vossa evolução historica”.

O mappa de “euclydeanismo”, que o Gremio organizou, mostra como a sua vida e a sua obra se superpõem á carta do Brasil.

Por isso não espanta que já lhe disputam o berço S. Paulo e o Estado do Rio.

Elle é brasileiro e, principalmente, homem.

*

A data do seu nascimento já foi igualmente objecto de duvidas. 1861 informação da Bibliotheca Internacional de Obras Celebres. 1865 de Vicente de Carvalho. 1867 de uma das edições de *A’ Margem da Historia*. 1868 do *Jornal do Commercio*, conforme nota do proprio Euclides a Ernesto Senna.

Esclarece definitivamente o caso a sua certidão de baptismo, que escapou a um incendio na matriz de Cantagallo:

“Padre Francisco Antonio Pinto Pereira da Veiga, vigario da freguezia de Cantagallo e encarregado da regencia de Santa Rita do Rio Negro — *Certifico* que no livro numero um dos assentos de baptismos da freguezia de Cantagallo, digo de Santa Rita do Rio Negro, a folhas 161, se encontra o termo seguinte: Aos vinte e quatro de novembro de mil oitocentos e sessenta e seis, baptizei e puz os santos oleos a Euclides, branco, nascido a vinte de janeiro do corrente anno, filho legitimo de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e Eudoxa Moreira da Cunha; foram padrinhos José Teixeira de Carvalho e Emerenciana Teixeira de Carvalho do que para constar fiz esta. — O Vigario Collado Geminiano da Piedade Miranda. Declaro, que transcrevi este as-

sento do proprio livro de baptizamentos desta freguezia de ordem do Revmo. Vigario Geral e Governador do Bispado. O Vigario Collado Geminiano da Piedade Miranda. Nada mais continha o dito assento, que fielmente aqui copiei e aqui me refiro. In fide parochia Matriz de Cantagallo, 13 de agosto de 1913. Pe. Franc.º Ant.º Pereira da Veiga”.

Documentos outros confirmam a data e o local do nascimento.

Carta a Machado de Assis, de 1904, de Santos, para Friburgo, diz: “O Snr. está numa cidade que eu vi na mais remota juventude e bem perto do logarejo em que nasci — Santa Rita do Rio Negro”.

Do Archivo da Escola Polytechnica (Livro 5.º pg. 203), se extrahé a mesma confirmação: 1866 e Provincia do Rio de Janeiro.

Igual depoimento e testemunho dá o seu cunhado, esposo de sua unica irmã, o digno Ministro do Tribunal de Justiça de S. Paulo, Dr. Octaviano Vieira.

Não pode, pois, haver duvida sobre um e outro facto.

A gloria de Euclides da Cunha tem grandeza bastante para se poder projectar até além das fronteiras brasileiras.

Nascido na terra fluminense — percorreu Minas, viveu na terra generosa de S. Paulo, encontrou na Bahia o motivo de sua gloria, viajou o norte e pelo pensamento attingiu a todas as terras e a todas as civilizações, com a visão prodigiosa de seu genio.

Euclides da Cunha é, antes de tudo, figura que dignifica e honra a propria especie humana, pelo que ella tem de mais alto e de mais nobre.

Francisco Venancio Filho.

— Thomaz Mann espera consagrar tres volumes aos episodios mais interessantes da Biblia. Desse tryptico, já vieram a lume as *Historias de Jacob*, onde os heroes legendarios surgem aos nossos olhos como pobres creaturas humanas, a lutar com sentimentos em tudo iguaes aos nossos.

IMAGENS ALHEIAS...

A proposito da minha these — encorporação da ilha de Marajó ao continente — exposta no primeiro capitulo das *Notas dum Jornalista* sob o titulo Ilha que Immigra, o conhecido archeólogo Raymundo Lopes, no VII volume do *Boletim do Museu Nacional*, fez algumas considerações de ordem geologica e hydrographica. Nesse trabalho o publicista em questão me julga “influenciado pela noção das barragens glaciárias de Agassis, hoje virtualmente abandonada pela sciencia e que a sua imaginação (minha) se compraz na visão desse caminhar de terras á qual Euclydes já dera pagina suggestiva; em todo caso a sua contribuição (minha) para a these é interessante”. Só agora, neste claro mez de agosto de 1935, leio, por acaso, *Entre a Amazonia e o Sertão*, excellente memoria do escriptor maranhense, em cujas paginas sou injustamente accusado. Eis o motivo do traso desta resposta, quasi fóra da oportunidade. Dou-a, no entanto, para declarar destituída de qualquer fundamento a apreciação do nobre ensaista das transições regionaes.

Sempre combati a theoria do periodo glacial no Equador do sabio suiso. Na imprensa e no livro, desde que me feriu a visada essa bizarra phantasia do rumoroso ichthyólogo da Helvecia, espóso a contestação fundamentada de James Orton, agitador e denunciador daquellas idéas no mundo scientifico. Entretanto, mesmo que eu applaudisse a falsa concepção de Agassis, como depois ficou provado pelos seus proprios discipulos, que laço affim encontra o illustre professor Raymundo Lopes entre as “barragens glaciárias” e a morna encorporação de Marajó ao continente? Ainda quanto ao facto do festejado archeólogo da Athenas brasileira declarar que a minha “imaginativa se compraz na visão desse caminhar de terras á qual Euclydes já dera pagina suggestiva”, respondo: a visão não é de Euclydes, privilegiada

intelligencia sem duvida, na assimilação e no estylo, mas de mo-fina originalidade em certas imagens amazonicas. Assim, a retumbante phantasia de que o delta do Amazonas vae pelo mar a fóra através das Antilhas rumo dos Apalaches, na America do Norte, dada a lume por elle n’A *Margem da Historia*, não constituiu novidade geographica porque não lhe pertence. Elysée Reclus, no seu grande livro *Estados Unidos do Brasil*, traducção magistral de Ramiz Galvão, já a registra, colhida aliás, em segunda mão de varios naturalistas. Digo em segunda mão em virtude de nunca ter vindo á Amazonia o famoso escriptor francez. Se eu tivesse pois, de me desdentar nalguma fonte alheia áquella em que bebo directamente, não iria á de Euclydes, mas á dos samaritanos scientificos e que se chamam Hartt, Derby, Herndon, Ladario, Brenner, Maximiliano da Prussia, Katzer, Rathbun, Goeldi, Huber, Ferreira Penna, Bates, Wallace, La Condamine, Herber Smith e tantos outros que viram paciente e demoradamente a natureza dentro da qual naveguei e habito.

Mas não foi só isso que o extraordinario autor d’Os *Sertões*, sem dizer donde tirára, dava como seu. A imagem perfeita que nestas linhas se segue, referente a *terras cahidas*, remarca ainda o poder transformador do estylista patricio. Leiamol-o na pagina 16 d’A’ *Margem da Historia*: “Mas formam-se para se destruirem ou se deslocarem. As ilhas trabalhadas pelas mesmas correntes que as geraram, desbarancam-se a montante e restauram-se a jusante, e vão lento e lento derivando rio abaixo, ao modo de monstruosos pontões desmastreados, de longas proas abatidas e popas altas, a navegarem dia e noite com velocidade insensível”. Abra o sr. Raymundo Lopes o II volume dos *Archivos do Museu Nacional*, folhas 103 e 104, ao findarem as *Contribuições para a Geologia do Baixo Amazonas*, do professor Or-

ville A. Derby, e espante-se com estas poucas linhas a que Euclydes, com seu talento perturbante, animou naquelle colorido vigoroso: “As ilhas formam-se e desaparecem, ou até navegam lentamente, rio abaixo, pelo progresso continuo de destruição e de formação”. A imagem original, sem duvida nenhuma, é deste aguado e sensaborão geólogo, que escreveu antes de outrem, mas sem nervo, sem vibração, recortando apenas a idéa. A larga cultura de Euclydes deixava-lhe por certo na memoria residuos de leituras que o sub-consciente corporificava depois como delle em letras de fórmula e que só o acaso nos leva a descobrir no manuseio e no confronto diuturno dos livros.

A trahição da retentiva prodigiosa do autor de *Perú Versus Bolivia*, não fica porém aqui. Corramos os olhos no seu depoimento a respeito da impressão que recebeu do Amazonas, quando o viu pela primeira vez e teremos um novo desapontamento, porque a imagem tambem não é delle. E’ de Darwin. Reproduz, irreflectida e floridamente, do 1.º volume da *Viagem dum naturalista á volta do mundo* as palavras com que o scientista inglez annotou o seu primeiro contacto visual com o rio platino. Copiemos Darwin: “Nossa viagem é longa e desagradavel. No mappa, a embocadura do Prata parece bellissima; na realidade, porém, está longe de corresponder ás illusões architectadas. Não ha grandeza nem formosura nesta immensa extensão de aguas barrentas.” Como se vae ver a mansa confissão do genio britannico, argamassada no *fog* londrino e na fuligem do Reino Unido, metamorphosea-se, com a trepidante força euclydeana, ao ingressar na 3.ª pagina das Impressões Geraes d’A’ *Margem da Historia*, quando Euclydes descortina o Rio-Mar, nestes termos: “A massa de aguas é, certo, sem par, capaz daquelle terror a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um

« MARAFA »

A madrugada não tardava. De luzes apagadas, dentro da nevoa rala, a rua das mulheres dormia finalmente. Cae, não cae, o homem bebado vinha cantando. Apoiava-se ao companheiro, que gemia no violão, e de cabeça tombada para o lado cantava sempre. Parou na esquina e cresceu mais a voz na valsa seresteira:

"Com o vestido de baile das estrellas,
Vem a noite dansar no teu jardim.
Abre a tua janella para vel-as,
Que as estrellas do céu fallam de mim".

A voz não é bôa, mas tem o tom inconsciente e apaixonado dum appello. Ella attendeu como a um chamado. Abriu a ro-

Amazonas ideal, mercê das paginas singularmente lyricas dos não sei quantos viajantes, que desde Humboldt até hoje contemplaram a hyléa prodigiosa (é bom notar que Humboldt não conheceu nem o estuario nem o baixo Amazonas; a referencia á hyléa é uma forma habil para citar o genio allemão) com um espanto quasi religioso — succede um caso vulgar de psychologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemol-o inferior á imagem subjectiva ha longo tempo prefigurada."

Com estas ligeiras rectificações apura-se que a minha modesta theoria da encorporação da ilha de Marajó ao continente não obedece a reminiscencias das "baragens glaciárias" de Agassiz, como pensa o professor Raymundo Lopes; e quanto ao caso das terras que emmigram, se eu não as visse na faina tecelã das aguas, que urdem e plasmam o panno tellurico da planicie, não seria em Euclides que buscaria elementos para qualquer sortida geognostica, mas nos mestres na materia, naquelles que expuzeram originalmente idéas sobre a agua e sobre a terra da Amazonia, sem que por isso diminúa no meu espirito a admiração pelo aranco verbal de Euclides.

RAYMUNDO MORAES

tula-espiou. Fazia frio. Mais que frio, uma humidade penetrante. Ella não sentiu. Era magro o homem e mal se aguentava nas pernas:

"Lua! Freira do céu! Irmã das dôres!
Pára em cima da casa onde ella está!"

Encostado ao poste, o companheiro dedilhava, chapéo cobrindo os olhos, cigarro escorrendo no canto da bocca amarga. Ella sahiu, chegou-se fascinada. A combinação é a unica peça sobre o corpo; traz as coxas de fóra e a gaforinha eriçada. O homem nem a viu; com os olhos fechados acabava num lamento, o camarada, imperturbavel, acompanhando:

"Diz que eu sou infeliz nos meus amores
E que infeliz como eu, assim não ha!"

Acabou. Como se o cantar fosse o seu equilibrio, cahiu. Ella amparou-o:

— Vem commigo.

O trovador dormia derramado nos hombros nús, babando. Foi levado. Cahiu de borco na cama de travesseiros altos. Ella voltou. Disse um adeus ao companheiro — elle fica. O rapaz partiu sem resposta, devagar. Mal a olhava. Ia indifferente, de novo tocando pela rua sem ninguém. Ella cerrou a rotula. O violão sumia.

O sol ia alto — passava das duas — quando o homem acordou. Acordou com sede e com fome, extranhando o quarto calorento. Onde estaria? Havia um perfume de sabonete. Risoleta deu-lhe como bom dia:

— Andava um tanto ruimzinho hontem, hein, mano!...

Elle aclarou-se, sentou-se na cama. A cabeça pesava-lhe um tanto, mas aquillo era estomago vasio, fraqueza, e com desembaraço pediu "qualquer trophéo que enchesse o buxo".

— Vá lavar a bocca primeiro, seu porco! rallou Risoleta, mostrando a dentadura forte.

Elle ahi olhou-a bem. Era carnuda, tinha os seios fartos, as axillas raspadas, cabello sedoso

e negro. Achou-a linda, batendo os chinellos de arminho e salto alto. Estava alli ha pouco mais de dois annos. Perdera-se com um soldado que a largara, não achou geito de voltar novamente para ama-secca, dormiu com um e com outro — cahira na vida. Era esta a sua historia. Foi para o espelho e prendeu os cabellos com uma fita verde. Que linda!

(Do romance *Marafa*, a apparecer).

MARQUES REBELLO.

A. J. de Sampaio — *A Flora do Rio Cumina — Resultados Botânicos da Expedição Rondon á Serra Tumuc-Humac em 1928.* Archivos do Museu Nacional — Vol. XXXV-1933.

A. J. de Sampaio — *Nomes Vulgares de Plantas Amazonicas* — (Com anotações de A. Ducke) — Separata do *Boletim do Museu Nacional* — Vol. X — 1934.

São duas valiosas contribuições com que se enriquecem as publicações do Museu Nacional. No primeiro trabalho, vasta monographia, fartamente illustrada, e com mais de 200 paginas que por si só constituem todo um volume dos Archivos, o autor faz minucioso estudo, sobretudo da parte botânica, dessa curiosa região que nos limita com a Guyana Hollandeza e que, por assim dizer, era terra ignota até que por ella penetrou, em fins de 1928, a Inspeção de Fronteiras, sob a chefia do General Rondon e da qual fez parte, para estudar-lhe a flora, o distincto professor do nosso Museu.

A separata sobre *Nomes Vulgares de Plantas Amazonicas* é também trabalho de grande oportunidade, pois ainda não houvera quem colligisse por ordem alphabetica, á maneira de um glossario, e juntando-lhes a designação scientifica, os termos vulgares, quasi todos indigenas, por que são conhecidas as plantas do grande valle.

Serviço de Reembolso

LEIAM NO FIM DA REVISTA
AS VANTAGENS QUE OFFERECEREMOS AOS NOSSOS LEITORES COM ESSE NOVO E INTERESSANTE SYSTEMA

"Os Arcos dos Annos" de H. Sutherland

Fazem actualmente furor entre os leitores de lingua ingleza os livros de autobiographia e entre elles, ganharam justo renome os de dois medicos: a *Historia de San Michele*, do sueco Axel Munthe e *Os arcos dos Annos*, do escossez Halliday Sutherland, de origem judia.

Tanto num como no outro não se trata dessas biographias novellizadas, tão do gosto dos francezes, nem dessas biographias no sentido rigoroso e classico, onde se começa por saber quem eram os pais, os avós, o lugar de nascimento, os primeiros brinquedos, a coqueluche, o sarampo, a primeira namorada, e na leitura das quaes a gente dorme antes da narrativa dos primeiros successos litterarios ou publicos do biographado.

Aqui diriamos antes uma série de quadros, pequenas manchas ou paizagens mais amplas, ligados apenas pelo estylo e pela assignatura.

Em Axel Munthe sente-se mais o medico, e sua longa estadia na Italia trouxe-lhe o gosto da arte antiga. Ha em seu livro um curioso mixto da nebulosidade nordica e do entusiasmo peninsular.

Quasi todos os criticos inglezes approximam o livro de Sutherland do de Munthe, "obras que podem ser tomadas ou abandonadas em qualquer momento e absorvem desde o primeiro instante de leitura". Mas a autobiographia de Sutherland apparece-me como mais vivida, como mais real, de quem esteve mais em contacto com a natureza, com menos accentuado perfume de sala de hospital.

Cada capitulo é um delicioso conto, no qual nem sempre o autor é o protagonista, antes collocando-se na penumbra, quasi como simples espectador, o que dá mais realce á descripção. E como são um encadeado de varias historias, á parte, é difficil resumir esses *Arcos dos annos*.

Começa com uma recordação da meninice: férias passadas em herdade escoceza, entre montanhas, á beira de um lago. E' nesse quadro, deliciosamente esboçado que, uma noite, Cox, o louco que pedia "um detective para prender o vôo do tempo", é tomado de um accesso de loucura e tenta matar o velho Sutherland. "Vendo o sangue atravessando o curativo", escreve o autor, "eu poderia gritar, mas havia occasiões em que elle detestava o pranto. Esta foi a primeira vez — e em seu leito de morte foi á ultima. E comtudo elle e eu tinhamos derramado lagrimas sobre as tristezas de *Les Misérables*, que lera em voz alta para mim."

A proposito das impertinencias de um desses conselheiros importunos, diz adeante: "Ha pessoas que caminham pela terra buscando ser assassinadas e ha vezes em que o homicidio é desculpavel."

Delicioso o capitulo sobre as velhas superstições da Escocia e cheio de vida o papel de seu professor de Pathologia — Hamilton, cuja clareza na cathedra e nos livros traz a Sutherland este commentario, que se ajusta como uma luva á nossa

litteratura medica: "Muito tempo, incommodos e dinheiro seriam poupados no ensino medico se os compendios fossem mais bem escriptos. E' insupportavel que um conceito tenha de ser lido meia duzia de vezes antes de poder ser comprehendido por uma pessoa intelligente lendo sua lingua natal... Muitissimos escriptores medicos são simplesmente compiladores assiduos dos escriptos de outros. E ha os que se esforçam por cultivar essa prosa imitativa, chamada *preciosa*, que é ainda mais irritante que a má syntaxe, porque menos original".

Sente-se em muitas passagens do livro de Sutherland a influencia de Munthe. Em vez da Italia a Hespanha, onde seu ensaio de toureador ao ar livre podia ter sido fatal. O idyllio com Ignez lembra uma pagina da *Historia de San Michele*, mas ha, como já disse, mais frescura de juventude descuidada, e os commentarios sobre as touradas de Sevilha, a *Porta do Sol* explicam e desculpam o barbaro espectáculo: "Ha dois graus de crueldade e é mais cruel achar prazer nos soffrimentos alheios que em ser indifferente a seus males".

A pesca da baleia, as confissões do velho Planter, "fiel á *Sua Majestade Carlos Stuart*, as impressões do asylo de alienados são paginas de intensa dramaticidade.

Suas impressões da guerra, como cirurgião naval, não expõem o lado horripilante e immundo das trincheiras, como em tantos livros de facil successo nem se derramam em tiradas patrioticas, eucas e tendenciosas. Ha uma certa nobreza na "guerra naval onde os homens não alvejam outros homens — mas os navios". Entre rasgos de grande emoção e dignidade lá vem, de vez es quando, episodios ridiculos como osse das medidas tomadas contra a invasão da Inglaterra, a compra do microscópio, o batalhão dos voluntarios de Dover.

Termina o livro uma descripção dos costumes das Hebridas, dessa Lewis calvinista onde "a dança, a musica e as roupas alegres eram tabú", e de Uist, catholica, onde ha "dança, canto e cachimbo". E o escocoz Sutherland póde dizer: "Em seu lado peor o catholicismo é humano; e pelo lado melhor o calvinismo é deshumano". E' curiosa a observação do mixto de immundicie dessas *casas negras*, nas quaes durante o inverno vaccas e gallinhas vivem com as pessoas, cobrindo o chão, de terra batida, com uma camada de esterco que "é renovada mas não removida"; e de asseio, pois apesar do fumo e do cheiro não ha um grão de poeira, uma só mancha na mesa pintada de branco; desse povo coberto de piolhos "porque estes se geram do sangue e são signal de saude", e no qual a mortalidade infantil é apenas de 28 por mil; dessa gente que se revoltou contra os beneficios de um millionario sonhador e prefere conservar-se como seus antepassados, na miseria feliz, vendo as ondas do Atlantico "rebentarem nos rochedos da Ultima Tule".

MELLO LEITÃO

Noticia de um Grande Romance

Eu sempre acreditei muito nas possibilidades intellectuaes do sr. Erico Verissimo. Desde que li *Clarissa*, passei a admirar-o e delle fiquei esperando um outro romance, em que melhor ficassem positivadas as suas qualidades de romancista. Felizmente, não me enganei. Acontece, porém, que esses *Caminhos Cruzados*, que a Livraria do Globo acaba de editar e eu li verdadeiramente maravilhado, foram muito além de todos os meus calculos. Não sei mesmo de moderno romance brasileiro mais serio, mais equilibrado, mais actual que esse do sr. Erico Verissimo. E' positivamente um grande romance. Nelle está substanciada a propria vida (claro, que fallo exclusivamente da vida burgueza) na sua mais fiel manifestação. Por isso mesmo, esse romance não resvala nunca para a litteratura e, em lugar de caricaturas, monstros, deformidades, o que em *Caminhos Cruzados* encontramos são homens anatomicamente delineados, typos perfeitamente humanos.

Escriptor de uma simplicidade verdadeiramente encantadora, nada parecido com os seus coestaduanos, gente que não pôde viver sem fabricar rhetorica e phrases bombasticas, o sr. Erico Verissimo não é somente um psychologo argutissimo, mas, tambem, um grande animador de vidas. Dahi a razão maior da belleza do seu romance. Tudo alli é flagrantemente real: typos, caracteres, ambientes, focalizados com muita força, muita humanidade, muita intelligencia por quem conhece realmente a vida nas suas mais infinitas minucias.

O povo que enche *Caminhos Cruzados*, mesmo depois de se ir embora, de se despedir da gente nas ultimas paginas do romance, continúa a viver em o nosso cerebro com igual intensidade, desde aquelle formidavel João Benevolo áquella maravilhosa Fernanda. O burguez, o novo rico, o chronista imbecilmente lyrico, a semi-virgem, o filho familia, retratou-os o sr. Erico Ve-

rissimo em instantaneos felizes, de uma realidade extraordinaria.

Como o de Huxley, o seu estilo é limpo e sereno. A technica observada pelo romancista de *Caminhos Cruzados* é a mesma que poz em pratica na feitura do seu extraordinario *Contra Ponto*, o grande mestre do moderno romance inglez. Em *Contra Ponto*, como em *Caminhos Cruzados*, não existem os classicos personagens principaes. Todos os typos estão situados num mesmo plano. Os romancistas não se deixaram entusiasmar por nenhum delles. Retrataram-nos taes como elles são realmente fóra do romance. Se voltassem á vida, de onde foram arrancados, não sof-

reriam nenhuma modificação. Isso porque tanto o mestre inglez como o romancista gaúcho ao transportal-os para as paginas dos seus grandes romances, conservaram-nos inteiramente integros, isto é, homens de carne e osso, profundamente reaes.

Ainda como Huxley, o sr. Erico Verissimo é um humórista dos mais subtis, desses que não descem nunca á sátira lanhante e irreverente, e que têm o senso da oportunidade.

Escriptor objectivo, pode-se mesmo dizer revolucionario, o autor de *Caminhos Cruzados* é sem duvida nenhuma um grande narrador e um psychologo verdadeiramente notavel. Póde ser que o critico profissional encontre defeitos de forma nesse grande romance. Deixo aos criticos essa missão.

Póde ser, tambem, que contra a sua realidade palpitante, invisitam, com unhas e dentes á mostra, os nossos escriptores reaccionarios que, em pleno seculo XX, ainda se deixam entusiasmar pela litteratura afeminada e se-bosa, desossada e languenza, cheia de caspa e de vidrinhos de saes e, por isso mesmo, deshumana e horrivel, dos falsos romancistas.

Tudo é possivel. Deus faz muita cousa... Para mim, porém, o romance do sr. Erico Verissimo não é somente um excellent romance, mas, principalmente, um grande romance, um romance do qual a gente não se póde esquecer nunca.

JOÃO CORDEIRO

Acaba de apparecer a 5.^a edição
(25.^o milheiro), do livro

"A ARTE DE COMER BEM"

Senhora! — "A ARTE DE COMER BEM", de Rosa Maria, está novamente á venda, apresentando innumeradas maneiras de ter uma boa mesa e de como organizar jantares e almoços de cerimonia, almoços e jantares para convivas estrangeiros, jantares e almoços de pouca cerimonia, jantares e almoços mais intimos, jantares e almoços simples, jantares variados para intellectuaes, epicurista e vegetarianos, recepções, formulas de "Cock-tails", chás de cerimonia, bebidas quentes, pratos especiaes para a roça. Sorvetes, meus semanaes para biabeticos, etc. etc., fornecendo enfim, uma somma enorme de ensinamentos sobre a maneira certa de receber com fidalguia, de cozinhar saborosamente, e de comer bem.

Vol. cartonado — 12\$000

Pedidos á

Civilização Brasileira S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

RIO

Karl May — Laranjas e Tamaras — Livraria do Globo. — Porto Alegre.

Karl May não levou existencia sedentaria e os muitos romances de aventuras que escreveu resultam de material colhido em longas viagens por varios continentes. Esse filho da Saxonia, nascido em 1842 e morto em 1912, foi uma especie de Julio Verne, mas, ao contrario do outro, quasi não parou em casa, urdindo e compondo as suas novellas em constante movimento. Tal era a sensação de vida irradiada, pelos seus romances que muitos acreditaram haver elle sido effectivamente ladrão de estrada, assassino e outras coisas que as suas narrações reflectem.

"O Moleque Ricardo" de José Lins do Rego

Acabo de lêr este novo romance de José Lins do Rego.

Lendo-o, tinha ideia de que não podia se comparar ao grande, ao possante *Banguê*. Pensando assim, fui procurar o *Banguê*, e perdi-me nas suas paginas, onde vive intensamente a Natureza de mistura com as paixões do homem, circulando por todo o livro a seiva vegetal.

A' medida, porém, que eu lia e se afirmava minha admiração por esse grande livro, ressaltavam as qualidades de *Moleque Ricardo*, que numa primeira impressão global eu não percebera nitidamente.

Moleque Ricardo é o inicio de uma curva ascendente na evolução do romancista. E' o primeiro romance de José Lins em que o personagem central deixa de viver só para si mesmo e participa da vida que o rodeia. O primeiro em que as paixões, não o absorvendo inteiramente, deixam lugar á expansão da sympathia, da ternura simplesmente humana pelos seres.

Menino de Engenho, *Doidinho*, *Banguê* contam a vida de muita gente, criam mesmo figuras inesquecíveis, mas quem as fixa é o romancista: o heróe está todo absorto pela sua propria vida, é um solitario em torno do qual giram os seres.

Tem-se a impressão de que nesses primeiros livros o autor esteve desabafando. Não fez autobiographia, mas falou de si todo o tempo. Soltou seus recalques; deu vasão a todas as possibilidades do seu eu que a vida não lhe permittiu expandir ou que talvez nem tenham chegado a tomar corpo.

Agora, em *Moleque Ricardo*, elle apparece livre de si mesmo; pode criar folgado um romance de ficção.

Romance de ficção — para mim, é o traço distinctivo entre este livro e os anteriores. Não se sente nelle a premencia dos sentimentos, a urgencia, que faz os personagens agirem como arrasados por uma necessidade interior irresistivel.

Ricardo não segue seu caminho ás cegas. Formado embora do mesmo material que Carlos de Mello — tanto é certo que o romancista cria dentro dos limites de sua experiencia, tomando "experiencia" no sentido largo de "possibilidade interior" — Ricardo differe profundamente daquelle, pela sua capacidade de reagir. Livra-se da luxuria, escapa ao terror, resiste á ruina, porque na sua personalidade entra um elemento novo que, só agora, fazendo criação artistica consciente, José Lins do Rego conseguiu introduzir: a capacidade de libertação.

Assim, o que a obra perde em força, ganha em perspectiva. Desapparece a atmosphera morbida dos primeiros romances: o heroe não é ponto fixo contra o qual se chocam os acontecimentos, desmantelando-o sem o modificar. E' substancia plas-

tica, adaptando-se, reagindo, criando vida cada vez mais alta.

Foi o que me pareceu mais digno de nota no livro novo do Snr. José Lins do Rego, este caracter absolutamente inédito em suas creações, promettendo uma nova etapa fecunda na sua carreira de romancista.

Quanto á acção do romance, nem sempre me agradou.

O curso da grêve, o caso politico de Pestana, Borba e Pessoas, tudo isso é moroso, ás vezes até embaraçado. Dá saudade de ar livre e de uma atmosphera menos artificial. E' com verdadeira delicia que a gente encontra, depois de um trecho desses, Ricardo evocando as noites do engenho com toda sua poesia agreste.

Esse dom de José Lins, de tornar viva a paisagem, foi transferido com muita felicidade para a pintura da vida das ruas e, principalmente, da terrivel Rua do Cisco. O mangue com o sol batendo, os urubús, a molecada se enfiando na lama, tomam extraordinario relevo na descripção em phrases breves, marteladas quasi.

No decorrer do livro ha muita repetição de scenas quasi identicas: Seu Alexandre medonho (é excellente este, "medonho"...), com o pãozeiro; conversas á bocca do forno com poucas variantes; opiniões e commentarios que tornam a se exprimir.

Mas não me parece que isto seja defeito. Serve, como um estribilho, para fazer seguir o fio uniforme da vida, continuo debaixo dos acontecimentos: cria a impressão de vida real, com uma fieira de dias iguaes, dias de torpor que se succedem sem que nada aconteça.

Ficando a acção meio adormecida, realça a ascensão vertiginosa do final, do mais puro lyrismo, onde se condensa toda a inquietação humana.

Esse final que, no *Banguê* é a fuga do vencido é, no *Moleque*, uma esplendida evasão para o alto, ponto culminante de um livro tão bonito.

VERA PEREIRA.

Faria Neves Sobrinho — Noite — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Os problemas da alma estão presentes sempre nos versos desse admiravel poeta pernambucano. Artista dos mais precoces, versejando desde os sete annos de idade, Faria Neves Sobrinho chegou á velhice com o mesmo candor de alma, a mesma ternura subtil, o mesmo enlevo lyrico das primeiras producções. O afastamento do torrão natal, os reveses politicos, a doença que longos annos o immobilizou, tudo isso não conseguiu matar-lhe a bondade de homem que jámais esqueceu os coqueiraes de Recife e as velhas casas de Olinda, sabendo celebrar sem prosaismo e sem vulgaridade os encantos da vida domestica, os unicos que lhes restavam nos dias de insulamento final. Este volume posthumo, affectuosamente prefaciado pelo sr. Annibal Freire, demonstra não ter havido sombra de declinio nos versos de Faria Neves Sobrinho, não obstante o que exista de sombrio e presago neste titulo: *Noite*.

CONTRARIANDO LOTI...

Quando procurei o tumulo de Aziyadé no cemiterio turco de Scutari, não foi facil encontral-o no atravancamento de marmores em desalinho, espetados como estacas mais ou menos a prumo, ao sabor bucolico de um jardimheiro.

Mostraram-me uma placa coroadada de flôres identicas ás que estavam esculpidas nos tumulos de todas as mulheres, numa graciosa homenagem aos encantos do sexo e no desdem o mais profundo pelo o que pudesse ser a mulher. Era sem duvida a igualdade. E as velhas matronas, desinteressantes e contrafeitas, aproveitavam gostosamente dessa unica occasião para se confundirem com o espirito e os vinte annos de Aziyadé, e todas se enfeitavam com as mesmas flôres de pedra...

O matto crescia alto e verde claro. Já ia longe o tempo em que o governo ottomano, attento aos menores passos de Loti, preparava-lhe sempre uma surpresa á sua chegada ao Bosphoro.

Um funcionario corria então ao cemiterio de Scutari, e, abrigado na sombra escassa dos cyprestes, fiscalizava a capina e as doses exaggeradas de acido, com que o zelo official desenganava a patina dessa pedra ennegrecida. Loti chegando, pasmava-se de sempre encontrar o recanto de sua Aziyadé mysteriosamente cuidado pelas mãos carinhosas desse povo de Constantinopla, que elle dizia amar tanto...

Mas o cemiterio de Scutari nunca mais veria Loti, e o velho lobo cinzento turco, baldados os seus esforços em direcção á Europa, recolhia-se definitivamente com Kemal Pasha á sua tóca asiatica, indifferente á bôa ou má impressão que pudesse causar a um grande escriptor qualquer. E o matto crescera exaggeradamente, e o meu guia hesitou muito antes de apontar com firmeza para o tumulo de Aziyadé.

Quem teria sido esta mulher? Loti a teria amado de facto? Teria ella realmente existido?

O vento asiatico, acariciando a nossa crista de morro, sussurrou pelos cyprestes uma resposta vaga. E depois, mais em baixo, encrespando o espelho tranquillo do Bosphoro, foi varrendo para o lado de lá o escuro da noite, até amontoal-o todo sobre o casario de Constantinopla — esse escuro arroxeadado das noites do Oriente, em que se caldeiam o roxo das auroras, da morte, e do mysterio...

Depois do congresso de Berlim, em 1878, a Rumania, a Servia e a Bulgaria, seguindo o exemplo da Grecia, obtinham a sua independencia. E as outras minorias christãs, ainda sob o jugo turco, as mal aquinhoadas na repartição da herança do Imperio Ottomano em decomposição, reaccendiam por toda parte a chamma das suas esperanças e davam curso ás suas velleidades nacionalistas, secularmente recalçadas por uma tutela inepta e barbara.

Na Thracia ainda havia um restante de Bulgaros ambicionando reunirem-se á nova Bulgaria, como os Gregos de Creta, de muitas das antigas ilhas e da Asia Menor queriam adherir á nova Hellade. Os Armenios, desprotegidos da influencia russa, desesperavam-se de não ter obtido quasi nada em Berlim. Foi quando Abdul Hamid, homem fraco e máo, no throno de um paiz enervado, a se acabar na doença e na decrepitude, resolveu dar livre curso a todo o barbarismo mongolico dos turcos, organizando o massacre official.

Começaram com os Bulgaros; passaram-se aos Gregos, para depois atacarem-se aos Armenios com especial afinco. "E" um problema, dizia o sultão vermelho, que eu resolverei com a supressão dos armenios. "Foi, então, proclamada a guerra santa, e, em muitas cidades, atraz dos balcões de commercio, junto ás placas de suas profissões liberaes ou das arcas pesadas em que se amontoavam as suas ferramentas de artifices, o Armenio succumbiu praticamente indefeso

ante as tropas irregulares de Hamid. Mas no campo, recolhidos aos reductos escarpados das montanhas nataes, elles trocaram os seus instrumentos de lavoura por armas de combate e bateram-se, como em novas cruzadas, conduzidos por seus proprios padres. Nas noites escuras, o vento levava-lhes longe a rouquidão dos canticos guerreiros arrastados, e, pela cumiada dos morros, a cruz, trazida como estandarte na procissão de guerra, desenhava-se negra sobre o ceu claro, á procura do crescente como para um encontro corpo a corpo!

A repressão a essa revolta nos campos exigiu a mobilização de exercitos inteiros. Do Caucaso, pelo Tauros afóra até junto do Mediterraneo, os actos de heroismo se multiplicaram, sem que um só daquelles rudes montanhezes soubesse cantar a sua epopéa.

Depois dos massacres de 1895, o mundo acabou por se indignar com a Turquia e o sultão Hamid, assustado com a grita da Europa inteira, decidiu espalhar dados officiaes falsos, comprou jornaes que explicassem tendenciosamente os factos, poz ao seu serviço a força da litteratura — e foi a primeira grande campanha de propaganda que um paiz comprehendia.

Na Inglaterra sobre tudo crescia a indignação. O partido liberal já fizera, havia muito, dos massacres ás minorias christãs a sua bandeira nos ataques aos conservadores de Disraeli. Disraeli, ambicionando o imperio das Indias, sempre apoiara na Turquia a inimiga tradicional da Russia, dessa Russia cujo imperialismo desde Ivan o terrivel — ao mesmo tempo que Portugal, contornando a Africa e Colombo tentando circumnavegar a terra, — já pretendia tambem attingir a India, lutando contra as montanhas do planalto central asiatico, que de intransponiveis passaram a se chamar Celestes!

Foi então um triste ennumerar de miserias sem conta, que, se deram varias vezes ganho de

causa a Gladstone na luta contra os conservadores, nem sempre serviram a contento os interesses da Armenia. Os homens apiedam-se facilmente dos martyres mas só secundam os heroes! E se era facil ennumerar misérias, tornava-se bem mais difficil cantar heroismos...

Meu pae, naquella tempo ainda não inteiramente arraigado á nova terra, reclamava, como representante armenio junto á França e a Inglaterra, a intervenção das grandes potencias nos negocios internos do imperio Otomano. Fornecendo dados aos liberaes inglezes e á imprensa, para que refutassem as affirmações turcas, elle bem sentiu que a propaganda armenia estava sendo mal conduzida naquella toada lamuriosa de massacres.

Logo depois Loti, por encomenda turca, começava a preparar *Aziyadé* e *Les désenchantés*, com franquia de certos harens de pachás complacentes, submissos ás ordens do sultão que lhes dissera: "Para os francezes, sobretudo mulheres".

A Loti juntou-se o talento mais modesto de Farrère com *L'homme qui assassina* e o pessimismo *Djevaldine*, em que o autor não conseguiu encobrir a finalidade tendenciosa do propagandista.

A Turquia esmerou-se tanto em tornar facil a tarefa desses dois escriptores que no turcophilismo de Loti, pelo menos, transparece uma certa sinceridade. E o seu genio encantador atrazava por muitos annos a solução da pendencia armeno-turca.

Sem muito entusiasmo, numa simples manifestação de piedade — essa pequena concessão do commodismo humano — as grandes potencias nunca secundaram devidamente as reivindicações dos armenios, e estes, ainda em 1920, batendo-se contra Kemal Pasha, tiveram que se organizar em republica communista para obterem o apoio de Moscou.

O tratado de Sévres, pautado no bello idealismo de Wilson, tornou-se lettra morta.

Os armenios necessitavam de uma propaganda mais intelligente, que incitasse á formação de um contra-peso á obra de Loti.

Ha uns tres annos surgiu *Antaram de Trebizonde* por Paule Henry Bordeau, que logrou algum successo. Agora, no *Musa Dagb*, Franz Werfel descreve, em trechos admiraveis, a epopéa de uns camponeses armenios que durante a grande guerra resistiram á deportação que os queria remover para longe, no interior, onde elles não pudessem racilar o desembarque de forças alliadas. Isolando-se na montanha de Musa esses homens, atravez mil peripecias, inflingem varios revezes a mais de cinco mil homens do exercito turco, e batem-se até que navios de guerra francezes conseguem soccorrel-os.

Musa Dagb, traduzido em varios idiomas, por centenas de mil exemplares, já anda percorrendo o mundo e está inspirando um filme em Hollywood.

Apezar das longas descrições, a explorarem a sensibilidade num expressionismo morbido exaggeradamente allemão; apezar das entrelinhas infundáveis em que um germano-judaico melindrado expande-se demais em insinuações criticas ao Nazismo, *Musa Dagb* é um livro admiravel e poderá antepor-se ás tendencias turcophilas que Loti tanto se esforçou por crear.

MIRAN DE BARROS LATIF

Affonso Celso — *O Visconde de Ouro Preto* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Filho de um dos mais eminentes estadistas do Imperio, o sr. Affonso Celso poderia, ao tratar da individualidade paterna, deixar-se arrastar por um panegyrico excessivo, tanto mais se quizesse revidar com acrimonia áquelles que censuravam no Visconde de Ouro Preto a sua conducta pouco plastica nas ultimas semanas da monarchia. Mas, no presente volume, o illustre homem de lettras preferiu expôr os factos com serenidade e clareza, reunindo abundantes documentos que habilitem os julgadores equanimemente a bem definir o papel do ultimo chefe de gabinete ministerial de Pedro II.

AS NOSSAS LETTRAS EM PORTUGAL

No supplemento litterario do *Diario de Lisboa*, de 12 de Julho proximo passado, destacámos a seguinte nota em que se fala das nossas revistas litterarias:

"Tres revistas, das que chegam a Portugal, parece orientarem hoje a gente moça do Brasil. Em primeiro lugar temos o "Boletim de Ariel", exclusivamente destinado á bibliografia e á critica litteraria mas não exclusivamente dos novos, apesar de muita independencia e de certa irreverencia juvenil. Depois dessa, temos a "Festa" dedicada á esthetica e defensora da arte, da poesia e dum certo espiritualismo. Desapparecido o "Rumo" e fracassando o "Espirito Novo", surgiu a "Revista Academica", com as mesmas preoccupações sociaes e a mesma orientação esquerdista. Pode-se preferir qualquer destas revistas mas é forçoso reconhecer que todas três demonstram e mesma intensidade de vida intellectual. São indices preciosos para quem deseje informar-se da extraordinaria actividade litteraria e ideologia das novas gerações brasileiras".

Pe. Frederico Maute S. J. — *Hymnos e Canções Escolares* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

E' um trabalho util porque compendia os pontos de theoria musical exigidos pelo programma do Gymnasio Pedro II. A exposição dos principaes detalhes é muito bem desenvolvida por um especialista no genero, e quem quer que se haja habituado a admirar as nossas principaes modinhas, as que mais directamente espelham a sensibilidade do nosso povo, irá reencontral-as aqui, em virtude de uma selecção intelligentemente feita e sempre de accôrdo com um sympathico criterio de amor ás poesias nacionaes.

Dr. Alexandre Moscoso — *Alimentação e Saúde* — Rio de Janeiro.

Neste trabalho o autor, um dos nomes mais acatados da nossa classe medica, reuniu algumas conferencias que teve oportunidade de realizar num Curso de Aperfeiçoamento para Professoras Municipaes. O assumpto é dos de maior relevancia pra a saúde da nossa população e tratado como foi por um competente especialista, merecia, em verdade, ter a divulgação que lhe dará agora essa publicação, escripta em moldes perfeitamente scientificos e referta de preciosos ensinamentos.

Leão Machado — *Cecilia* — Livraria Elo Ltda. — S. Paulo.

São contos lançados por uma casa editora que tambem tem divulgado livros de Affonso Schmidt, Guilherme de Almeida, Waldomiro Silveira e outros. Narrações tanto quanto possivel ligeiras e impressivas, preferindo a descrições cheias de rodeios o movimento preciso e directo dos dialogos. O autor parece bem integrado na moderna technica do genero. Mesmo quando faz litteratura sertaneja, não se deixa prender pelo convencional.

Exposição Hugo Adami

Uma certa critica de pintura, uma certa critica litteraria se apoderam do assumpto litterario ou pictural, mais para mostrar seus conhecimentos do que para analysar, applaudir ou censurar a obra visada.

Por occasião da sahida do livro *A mulher que fugiu de Sodoma*, Aloysio Branco escreveu um artigo muito erudito a respeito daquelle romance, descobrindo influencias de Conrad, de Proust, etc. No caso em questão Aloysio Branco conhecia verdadeiramente os autores nos quaes foi encontrar analogias. Igual coisa succedeu ao senhor Olivio Montenegro — autor da piada — *O Irmão Marçal*, que pela publicação de meu penultimo livro me accusou de haver plagiado Menotti. Com effeito, dizem que o supracitado escriptor pernambucano conhece Picchia como ninguem, sabendo de-cór longos poemas picchicos que recita nas reuniões em que servem declamações. Quero fugir portanto desse costume e não apontar analogias, influencias, approximações na obra desse pintor anti-litterario que é Hugo Adami. Effectivamente não vejo litteratura nessa realização de artista. E' verdade que pintura só por si, tem seu valor. Mas é preciso botar na pintura além de technica, alguma coisa a mais. Põe-se naturalismo, anecdota, descripção, alguns botam em suas telas mais supra-realismo que num poema, outros não podem falar senão com o recurso de verdadeiras metaphoras plasticas. O que raros põem em seus quadros é poesia. Hugo Adami põe mais poesia nos seus quadros que muitos poetas em suas produções.

Não ha duvida que elle trabalha com sua technica, porém ao mesmo tempo com os materiaes de seu espirito, com os elementos de sua imaginação, transformando o abstracto em pura representação concreta. Essas magicas são facilimas para o poeta. O pintor tendo que manipular o material grosseiro das tintas, dos pinceis, etc., ha de fazer prodigios de magia para conseguir o milagre da transformação que é nesse afan de imitar o creador no milagre da transubstanciação a essencia mesma da obra de arte.

Não vejo magica de grande valia, nos homens da pintura que ha vinte annos transformavam um nariz num cone, um braço num cylindro, um arranha-céu num cubo; não vejo. Difficil é fazer o que faz Adami: tirar o barqueiro de seu barco, enxotar o homem de dentro do arranha-céu e ambos continuarem com a alma do "homem" dentro, a tristeza e o vago do poeta enchendo a construção. E' um pintor com responsabilidade humana — superior á simples responsabilidade de pintor, conseguindo se desviar naturalmente desse aspecto decorativo que tráe o pintor intencional subjugado pela natureza.

Em Adami existe antes uma sensibilidade amiga de certos aspectos sentimentaes do cosmos. Para elle: pintar não é apenas construir coisas,

descrever, fabricar objectos, mas um processo de expressão, de se fazer entender, de dizer os poemas que estão brotando d'elle. Quer dizer que essa especie de artista não copia a natureza, tira sabidamente della os pontos de correspondencia e de sympathia essencialmente humanos para servirem a sua tyrannia de artista.

Nunca se teve no mundo mais necessidade de poesia como nesse momento austero. O economico, o material são apenas uma faceta da vida. O homem suffocado pelo calculo aneia por poesia como por ar livre.

Menkes em sua auto-biographia escreveu: "Vous savez que dans la vie d'un peintre il y a des moments ou il sent venir la clarte dans son coeur et dans son cerveau. La capacité de recevoir les impressions plastiques acquiert une telle plenitude et une telle clarte, qu'à partir de ce moment les objets qu'il regarde — un paysage, une tête, une nature morte, — tout se reflète en lui comme dans une matière très subtile et sensible aux impressions plastiques".

Não ha duvida que esses momentos são momentos communs aos espiritos verdadeiramente poeticos. E' quando a poesia desce. O pintor que é visitado por essas descidas pôde perfeitamente fazer os quadros que Adami fez com a sua technica admiravel, e sobretudo, com os elementos creadores de seu espirito.

JORGE DE LIMA.

AMADYOMENICO

*Desponta o sol rasgando brumas
E a longa praia branca se illumina
Num turbilhão de ouro e nevoa e espumas.*

Devia o mar ser assim quando Venus nasceu!

*Hora divina,
De belleza infinita,
Em que, bem junto ao seu,
Meu impetuoso coração palpita.
Na inquieta vastidão sonora
Das águas verdes
Ha fórmulas claras de cabellos verdes,
As sereias...
E maravilhas de uma estranha flóra
E esmeraldas, coraes e thesours sem par!
São, bem perto, de nacar, arrecifes, ilhótas.*

*Corro e grito dentro da luz, pelas areias,
E minha
Dir-se-ia a vida do mar!*

*Tambem sobre mim voam gaivotas.
Hoje todo o meu ser é uma amplidão marinha!*

ABNER MOURÃO.

HEGEL, FEUERBACH, MARX

Foi Heraclito quem affirmou que ninguém podia descrever duas vezes o mesmo rio, porque elle se modificava, não permanecia igual a si mesmo. E foi Crátilo, seu discipulo, quem, completando o pensamento do philosopho grego, affirmou que não se poderia fazel-o nem mesmo uma vez, porque o ria se modificava a cada instante, virava outro rio. Aqui está, numa fôrma intuitiva, toda a theoria do movimento permanente da materia, acceita por todos os materialistas, — Heraclito, Feuerbach, Marx, — até mesmo Hegel. O velho Goethe poz na bocca de Mephistopheles estes versos admiraveis:

...denn alles was entsteht
ist wert dass es zugruden geht.

Nem o proprio repouso chega a contradizer o movimento. "O movimento é o modo de existencia, a maneira de ser da materia... Cada movimento, tomado em particular, tende ao equilibrio, o movimento total supprime novamente o equilibrio. Assim, o repouso e o equilibrio são, onde se encontram, o resultado de um movimento limitado — e ocioso é dizer que esse movimento é mensuravel por seu resultado, talvez expresso nelle e talvez restabelecido a partir delle, sob uma fôrma ou outra" (Engels). Ora, como esse movimento é permanente, conclúe-se que tudo está eternamente se modificando, mudando de fôrma, sofrendo um processus de desenvolvimento. Para o marxismo, cada coisa, considerada nas suas relações com as outras coisas, é e não a mesma coisa, ao mesmo tempo. E aqui todo o caracter revolucionario da dialectica.

Hegel não pôde ir até ahi, porque era um idealista. Para Hegel, o processo do pensamento, *der Denkprozess*, era o creador da realidade, *der Demiurg des Wirklichen*, e a natureza era a exteriorização, a degradação da Idéa absoluta. O sêr era o reflexo do pensamento. O materialismo nascente, pela palavra de Ludwig Feuerbach, varreu o Deus de todas as religiões (inclusive a celebre Idéa de Hegel) do mun-

do da philosophia. Para Feuerbach, como para Marx e Engels, "o mundo da idéas não é senão o mundo material transplantado e transformado no cerebro humano" (Marx). Assim, segundo a expressão de Engels, a dialectica foi posta *sobre os seus pés* — e pôde se revelar em toda a sua força, como "a sciencia das leis geraes do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano". O mundo material determina o mundo espiritual, porque a materia é anterior, e principalmente *independente* em relação a elle. Para provar a affirmativa, basta citar a phrase de Engels, de rudeza admiravel: "O homem tem necessidade de comer e de beber antes de philosophar". O pensamento não pôde existir sem a materia, mas, ao contrario, o proprio pensamento é uma actividade material, função de um órgão material (o cerebro), que se exerce sobre corpos e seres igualmente materiaes. E por isso mesmo fica prejudicada a theoria das idéas *innatas*, defendidas pelos ideologos da burguezia em todas as oportunidades. O cerebro só começa a funcionar quando em contacto com o mundo da materia, por meio dos sentidos. A observação da vida intellectual das crianças é convincente no particular, si se prestar attenção á difficuldade real de ellas se acostumarem ás idéas abstractas de Patria, de infinito, de lei, etc. Tambem o seu mundo interior vae se formando ao contacto da realidade das coisas e de accordo com ella. "Não é a consciencia dos homens que determina a realidade, é, ao contrario, a realidade social que determina a sua consciencia" (Marx). Em todo caso, essa transposição não se processa de modo mecanico. Os homens reagem, modificam conscientemente o aspecto da realidade social. Marx criticava, no materialismo de Feuerbach, não levar em conta "o facto de que as circumstancias são modificadas pelos homens e de que o proprio educa-

dor tem necessidade de ser educado". Assim, chegamos á concepção da acção e reacção reciprocas entre o sujeito e o objecto, que iremos encontrar, depois, na interpretação materialista da Historia de Marx e Engels. E chegamos, tambem, á concepção do papel *activo* da philosophia no mundo. "Os philosophos não têm feito, até aqui, sinão interpretar o mundo de differentes maneiras — dizia Marx, na primavera de 1845. — Trata-se, agora, de transformal-o". A dialectica materialista considera as relações entre o sujeito e o objecto, não apenas do ponto de vista da passividade do sujeito, como em Feuerbach, mas tambem, e principalmente, do ponto de vista da *acção* do sujeito sobre o objecto, do ponto de vista *pratico*. O marxismo é a philosophia da acção revolucionaria, a philosophia do trabalho consciente e organizado.

Posta *sobre os seus pés*, a dialectica hegeliana teve de reconsiderar todas as fôrmas no curso do desenvolvimento, *im Flusse der Bewegung*, incluindo, portanto, o apparecimento e o desaparecimento de cada phenomeno, pondo á mostra o caracter transitorio de todas as coisas. E dahi a dialectica de Marx e Engels ser, antes de tudo, "critica e revolucionaria", *kritisch und revolutionar*, para espanto e terror da burguezia allemã. Marx se propunha, em 1844, "fazer dansar as relações sociaes petrificadas de accordo com a sua musica". Ora, essa musica, independente, critica, essencialmente revolucionaria, só podia ser a dialectica.

A dialectica materialista propoz-se *transformar* o mundo.

(De *Os resultados intellectuaes do Seculo XIX*, no prélo).

EDISON CARNEIRO

— Como Henri Lavedan e Maurice Donnay já o tinham feito, Abel Hermant vem de publicar as suas memorias: *Souvenirs de la vie mondaine*. E' um mundo ainda de hontem, mas que já está muito longe, tanto a grande guerra veio accelerar o rythmo da vida e dar outra face á civilização.

ARTE E ARTISTA (Recolhido por Murillo Mendes)

E' de estranhar que na época em que a arte tem passado por tão formidáveis transformações o conceito objectivo de artista tenha permanecido absolutamente intacto. A ideia de que um artista seja um copista da natureza é tão repugnante quanto a de que um artista possa commental-a através do seu temperamento. O conceito primordial de arte encerra a idéa de equilibrio, eis porque achamos que um artista moderno não deva mais ser um cultor de temperamento e sim um estabelecedor de relações.

Cultivar um temperamento é desenvolver um ou mais elemento do nosso complexo, deixando em atrophia todos os outros.

Temperamento é, portanto, desproporção. A vida nos offerece necessariamente um complexo de emoções quasi infinitas em suas escalas oppostas, emoções que qualquer homem percebe sem ter absolutamente cultura especial. O facto de haver homens inicialmente propensos a certas emoções, apenas serve para provar que as deformidades moraes, tanto como as physicas, também são hereditarias, cousa aliás sabidissima.

Ser optimista ou pessimista é levar inicialmente um *parti-pris*. A vida nos offerece em seu curso as emoções as mais oppostas, emoções necessariamente oppostas, pois de outra maneira não teriamos relações constructivas.

A humanidade não te msido outra cousa senão um homem submettido aos reflexos do ambiente dentro do tempo. Theoricamente não temos

duvidas de que o homem possa ser estandardizado, achamos porém, que dentro do estado de justeza.

Attingir a este estado deve ser justamente o objecto das nossas cogitações actuaes. O artista para nós hoje é justamente o homem que não só parte para este estado inconscientemente (como aliás todo o mundo) mas também que se apressa conscientemente, seleccionando a vida com o producto de suas relações.

Todos os conceitos que se possa fazer de artista fóra do essencialismo, transformarão o artista em objecto de arte, deslocando, portanto, a idéa de valor e subordinando-o ao papel de ponto de referencia. A idéa justa das cousas só poderemos conseguir pelo methodo essencialista que consiste em receber sem *parti-pris* todas as emoções se ope-rem em nosso inconsciente e que se transformem em affinidades ou repulsas segundo a dose que temos de instincto de conservação, ponteiro da moral.

O papel de intelligencia no essencialista deve estar restringido unicamente a fins exclusivamente therapeuticos, isto é, percebido o desequilibrio, cuidar de sua reposição (justiça pessoal).

Achamos, portanto, que o temperamento é sempre uma molestia tanto mais grave quanto mais intensa.

Consideramos que o mal é uma desproporção pela razão simples que produz desequilibrio dentro da idéa necessaria e essencial da unidade.

ISMAEL NERY.

Dr. Suikire Carneiro — **Roteiro das Mães** — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Eis ahi um livro que todas as mães percorrerão com proveito. São conselhos e indicações de quem vem ha muito estudando os problemas alimentares da creança. Medico de uma geração que tem por principal cuidado o culto da saúde das gerações mais novas, o dr. Suikire patenteia neste volume o trato directo de taes assumptos, não perdendo tempo em digressões superfluas e procurando unicamente gravar no papel aquillo que aproveite ás senhoras porventura inexperientes em questões dessas.

M. Carlos — **Aspectos da Philosophia Universal** — Editora Ravaro — Rio.

O sr. M. Carlos, homem que lê, é, acima de tudo, um homem que pensa. Não lhe sendo estranho nenhum volume essencial sobre a philosophia moderna, é, especialmente, um critico directo dos acontecimentos sociaes do mundo de hoje, julgando-os por si mesmo, sem vê-los deformados na refração dos livros alheios. Dahi o persuasivo character humano das suas elocubrações de philosopho, que sabe estudar comparativamente os povos estrangeiros, desejoso de extrair da perpetua contenda internacional uma lição de bom senso e equilibrio que realmente aproveite ao Brasil.

Martinho Nobre de Mello — **Rumo do Brasil** — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

São varios trabalhos do Embaixador de Portugal no Brasil. Trabalhos de character diplomatico, mas que acabam quasi sempre assumindo um bello character literario, dada a cultura e o fino gosto esthetico do autor. Tendo entrado na vida intellectual como poeta, ao que se afere dos florilegios lusitanos, o sr. Martinho Nobre de Mello possui uma dignidade de estylo que é bem do manejador da lingua em que escreveram seus mestres Oliveira Martins e Eça de Queiroz.

Rabályat de Omar Khayyam — Livraria José Olympio — Rio.

E' a segunda edição, luxuosissima, da bella série de poematos que o sr. Octavio Tarquinio de Souza trouxe com incomparavel elegancia á nossa lingua. Omar Khayyam, um dos poetas que melhor exprimem o Oriente no seu fantástico scepticismo e no seu gosto do vinho, das mulheres e das rosas, encontrou em nossa lingua um interprete que não empobrece nunca o original. Ainda que pensador de evidentes tendencias espiritualistas, o nosso patricio nem uma vez perturbou a belleza voluptuosa e colorida dos trabalhos do admiravel persa do seculo XI.

REVISTA DO GREMIO EUCLYDES DA CUNHA

Como faz todos os annos, a 15 do mez passado, vigesimo sexto anniversario da morte de Euclides da Cunha, o Gremio que tem por patrono o inesquecivel autor d'**Os Sertões**, além de outras homenagens á memoria do grande escriptor, distribuiu mais um interessante numero da sua revista, em que, a par de trabalhos firmados por vultos de renome nas nossas lettras, se destacam novas cartas até então ineditas de Euclides a alguns de seus amigos.

Augusto Meyer — **Machado de Assis** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Outro escriptor que se propõe a decifrar uma das mais complexas figuras das lettras do paiz. Tal qual acontece com Prosper Mérimée em relação aos francezes, Machado de Assis é indubitavelmente o nosso autor que mais preoccupa e inquieta os historiadores de espiritos. Poeta dos melhores do Rio Grande do Sul na hora que passa, o sr. Augusto Meyer, que é também director de importante bibliotheca do Estado, dispõe da finura critica e da riqueza cultural necessaria para consagrar, como consagrou, um ensaio de polpa ao romancista de Quincas Borba.

Discussão sobre o filme sonoro

Irradiada pela Bristish Broadcasting Corporation de Londres em Fevereiro de 1935, entre Allistair Cooke, critico cinematographico da B. B. C. e o nosso patricio Alberto Cavalcanti, encenador de filmes

I — INTRODUÇÃO

Allistair Cooke: — Se um musico ouve alguém assobiar a "Primavera" de Grieg, não chega a prestar á melodia a menor attenção. Para elle é uma aria commum, e nada mais. Mas se um amator de cinema escuta a mesma musica, ella já vem evocar alguma coisa de differente, e de horroroso, porque é essa a aria assobiada por Peter Lorre em "M", o filme de Fritz Lang. Desse modo a aria consegue tornar-se a representação de um dos effeitos sonoros mais perfectos, mais populares de um filme.

A qualquer pessoa é dado perder a paciencia deante de qualquer coisa de novo, ou de complicado, e suspirar nostalgicamente pelo passado. Praticamente, todo mundo, durante os primeiros tempos dos "talkies", podia alcançar popularidade pelo facto de possuir um juizo apurado sómente dizendo que o cinema sonoro era qualquer coisa de barba-ro e primitivo, e que o filme só tinha valor quando silencioso, "porque nos filmes mudos os actores representavam como nas pantomimas".

Perder a paciencia e suspirar nostalgicamente: eis ahi dois meios bem commodos de não se encarar qualquer coisa nova, que exija um exame minucioso, e eu proprio estou certo de que se, ha cinco annos, tivessem perguntado minha opinião sobre o filme sonoro, teria respondido dessa mesma maneira.

Já disse, não ha muito, que a razão de ser do critico era vêr as differenças quando outros tendem a vêr as semelhanças. Devo agora accrescentar que uma das funcções mais penosas do critico é a de inculcar duvidas no espirito das pessoas que estão seguras de si mesmas; mesmo quando essa certeza tiver pouquissimas ligações com a realidade.

Ora, hoje, queria eu persuadir-o á duvida sobre a excellencia do som no filme sonoro.

E, nesse ponto, não quero falar das qualidades de gravação ou de reproducção do som... Se só se tratasse disso, bastaria dizer que esses dois elementos convenceram todos os Estados Unidos de que os inglezes falam pelo nariz, e toda a Inglaterra de que os americanos falam pelo nariz; eis ahi um golpe de boomerang que dagora por deante os dois paizes não mais poderão evitar.

Quero falar principalmente do papel que o som representa no corpo de um filme, da Arte ou da falta de Arte com a qual o som é usado.

Ha alguns annos, em 1929 por exemplo, nós mesmos creaturas simples, iamos ao cinema para assistir o desfile de imagens numa tēla, e se conseguíamos ouvir outra coisa além dos commentários do vizinho de cadeira, essa outra coisa era uma orchestra, um gramophone ou, senhor! um órgão tentando improvisar uma "adaptação musical" Souza para as actualidades, Tchaikovsky para as scenas de amor, e a sonata "au clair de la lune" para os assaltos discretos.

Depois descobriu-se o filme sonoro. Os actores de cinema, bons ou máos, precipitaram-se todos para elle, e os productores, encantados por se livrarem das adaptações musicas, decidiram servir-se d'elle para substituir as orchestras.

Foi então que se descobriu que as portas rangem, e que uma assembléa de musicos póde ter effeitos maravilhosos no seu conjuncto de sons. Todo mundo, no écran, apanha do chão um objecto qualquer só pela alegria de o tornar a deixar cair.

Mas isso não póde durar sempre, porque um homem que assigna um cheque não produz evidentemente o ruido dos sapatos ferrados de um alpinista que vae galgando rochas escarpadas...

Foi o fim desse periodo louco de exaggeros. Era preciso encontrar uma outra coisa: começou o segundo periodo.

Nesse, tudo vae de mal a peor. Unica preocupação: escrever um longo dialogo, puramente theatral, e depois fazel-o recitar pelos actores deante dum microphone. E isso durou quasi que até agora.

E' curioso pensar que mesmo os encenadores intelligentes não cogitaram de seleccionar os sons para os seus filmes, se bem que ficassem aterrorizados deante da perspectiva de uma camera mostrar todos os pequenos momentos inuteis de um conflicto.

E' um facto: enquanto a camera continúa a preparar, a escolher, a rememorar, a sublinhar, o microphone não cessa de estar presente. Isso vae creando uma curiosa mistura de imagens escolhidas e de um som inicial.

Supponhamos um filme que comece em Picadilly; o encenador nos mostrará sómente tres planos: — a estatua de Eros, o relógio luminoso e a entrada do metrô; por certo que os espectadores vão ouvir a cacophonia de todos os sons do logar, porque ainda não começámos a aperfeiçoar o uso do som. Uma buzina de automovel, uma invectiva de chauffeur de taxi, seriam uma "escolha" sonora muito mais viva e suggestiva de Piccadilly que os "ruidos do trafego" geralmente utilizados nos filmes.

O uso do som encontra-se em um estagio semelhante ao do filme mudo, muito distante, felizmente, e no qual — lembrem-se? — um sub-titulo annunciava: — "Ella não será deshonrada... Hei de leval-a de encontro a tudo!..." e ahi via-se o heróe vestir-se, abrir a porta, descer a escadaria, sair de casa, chamar um taxi, entrar no alludido taxi, viajar alguns kilometros, descer do taxi, pagar a corrida, subir outras escadarias, e encontrar a heroína a dormir num divan, o que não surprehendia ninguém depois de tanta espera. Pois bem, o som está nesse mesmo ponto, tão pouco organizado se acha actualmente.

Os maiores prazeres que podemos encontrar na parte sonora de um filme são de duas especies. (Abandono, de proposito, o prazer, muito intellectual, que sentimos ao ouvir um dialogo bem feito, o modo pelo qual foi concebido, e o geito pelo qual é recitado, pois vem collocar-o, naturalmente, mais perto do theatro que do filme).

Quero falar dos prazeres que são especificamente cinematographicos; dizia eu assim que elles eram de duas especies.

O primeiro e mais directo é a sensação de associar uma acção familiar com o som que a acompanha. Quando digo "prazer directo", sei que se trata do mesmo prazer que o homem encontra, em situação identica, na vida real... quando o homem, por exemplo, vê e escuta alguém fazer a barba. O som póde divertir os velhos barbaçudos, as creanças e as mulheres, não por ser um som divertido, e sim porque os ouvintes o associam com um dos momentos considerados divertidos na vida. Mas se, para obter o som, eu fizer a barba sem sabão, todos os homens que fazem a barba vão estremecer, enquanto aquelles que não fazem barba acharão a coisa tanto mais divertida quanto mais forem descobrindo que

estou sentindo por isso uma certa dôr. Aquelles que pensam: "Isso podia acontecer commigo..." já acharão a colsa menos divertida.

A segunda especie de prazer consiste em encontrar novas associações de gestos e de sons, de uma scena e da musica que a acompanha.

O thema de Peter Lorre, ao qual fiz allusão mais acima, pôde ter agradado aos musicos porque Grieg não anda muito na moda; mas os demais ouvintes pensarão que se trata de uma melodia qualquer; já as mães de familia que viram "M" de Lang, quando de novo a ouvirem, correrão para suas filhinhas a vêr se ellas estão bem, a salvo — porque esse thema musical ficou atrozmente associado, no filme, á loucura erotica do "Campiro". O vampiro assobiava essa melodia toda vez que, vendo uma menina, tinha a intenção de assassinal-a.

Agora, procurem ouvir, sem vêr as imagens, o som de um filme que recommendei aqui, ha algum tempo: "Ahi vem a Marinha". E' um exemplo do que então chamei a "sensação directa".

O trecho escolhido é a musica que acompanha a sequencia de um combate durante as manobras navaes. Os ouvintes terão a mesma sensação, como se realmente estivessem assistindo ás manobras da esquadra americana. O som e a imagem caminham, por assim dizer, de mão dadas. Vou dizer primeiro o que as imagens mostram, e já poderá comprehender tudo. Segundo esta simples descripção, pôde-se facilmente vêr, imaginar a parte visual do filme.

A scena passa-se num cruzador. Primeiro, apparece o marinheiro que executa um toque de clarim no convez, depois os aeroplanos que levantam vôo; um official dá ordens, trata-se de preparar o bombardeio. Um sub-official responde: "Prompto". Na torrinha, Pat O'Brien grita: "Não esqueçam, rapazes, que devemos bater o record". Elle e seus homens carregam os torpedos, contando-os previamente. Depois, fecham a culatra. Ha um crescendo até a explosão. Seguem-se alguns outros tiros de canhão. Os aeroplanos descem como bolidos por sobre o navio capitanea. Os canhões são de novo carregados, os homens contam alto, as culatras tornam a fechar-se. Ha um crescendo, e uma outra série de explosões. Então, começa o tercelro episodio: um marinheiro grita: "fogo!" (Projecção).

Este é o meio costumeiro de se empregar o som nos filmes. Mas não consegue elle satisfazer a todos. Não satisfaz, entre outros, o celebre encenador europeu que está aqui ao meu lado, e o sr. Alberto Cavalcanti — que realizou "En Rade" e muitos outros filmes que collocaram seu nome entre os grandes nomes historicos do cinema — aqui está para dizer porque o som, assim utilizado, só é um começo, um estagio primitivo, inaproveitado, na evolução do filme sonoro.

II — DIALOGO

A. Cooke — Cavalcanti, você ouviu as impressões do publico sobre os primeiros filmes sonoros. Quer dizer-nos o que você proprio sentiu, como encenador?

Cavalcanti — No principio do cinema sonoro, os productores chamaram para junto de si todos os especialistas de theatro que puderam encontrar, deixando á margem os seus proprios technicos.

A. Cooke — Que lhe aconteceu então?

Cavalcanti — A primeira "chance" que tivemos para re-

começar a trabalhar foi fazer filmes falados ou musicaes inteiramente no estudio; a proposito, filmes da mesma especie desses que faziam então os homens de theatro. Foi um pesado handicap, pois não estavamos habituados nem á dicção "theatral", nem ás convenções theatraes... e a ausencia dos "exteriores" que dessem ar aos filmes foi uma grande perda para nós,

A. Cooke — Avalio bem. Mas você não quererá estabelecer como principio que o filme ficará sem character, sem ar, como você diz, se fosse feito inteiramente no estudio, não é verdade?

Cavalcanti — Oh, não! Se o trabalho fosse feito assim, ainda daria resultado. Entretanto, o filme sonoro não podia desenvolver-se, evoluir, porque os productores forçavam todo mundo a trabalhar nos estudios.

A. Cooke — Veja: vou defender o trabalho nos estudios...

Cavalcanti — Ouvil-o-ei com prazer.

A. Cooke — Parece-me que naquella occasião havia duas especies de directores. Aquelles que diziam: a atmosphaera está no essencial de um scenario, de um rosto, de uma cadeira. Ella é de qualquer modo inherente ao objecto, á colsa em si. E os outros, aquelles que diziam, por sua vez: um scenario, uma arvore ou um gongo não significam coisa alguma por si mesmos, mas os directores pôdem dar-lhes uma significação, um estylo particular, segundo o modo pelo qual os colloquem em relação ao assumpto, pelo modo por que os "dirigirem", em summa. Não quero dizer que essas duas escolas tenham alguma vez formulado tão alto e tão claramente os seus pensamentos, mas é certamente este o modo pelo qual os seus preconceitos poderiam ter falado. Um director diz: "o character está no "assumpto" e outro diz: "o assumpto" é uma creança de collo e meu dever é educal-a pelo modo que eu proprio escolher". Pessoalmente, não penso que um filme, feito inteiramente em scenario, tenha menos atmosphaera que um outro que utilize todos os elementos de som, naturaes ou artificiaes, mas creio tambem que, quando alguém assiste a uma porção de peças de theatro representadas todas no mesmo scenario, e quando alguém ouve annos seguidos o mesmo genero de dialogo e vê os actores caminhar para a direita e caminhar para a esquerda afim de exprimir a sua colera, e para a janella do fundo para exprimir o amor proprio ferido (o genero é conhecido: "Isso é demais... estou farto disso!"); sim, creio que o escriptor e o director, e o publico tambem, ao fim começam todos a sentir que um salão, afinal de contas, é um local bem tedioso. Entretanto, o salão ou o quarto de dormir se transformam, ás mãos do director. Do mesmo modo vocês directores dirão: — Você obriga a que todos comam com garfo... mesmo áquelles que estão habituados a comer arroz com pauzinhos... E eu disse então: — Só no instante em que vocês virem uma formosa americana comendo uma salada complicada tendo um garfo á mão direita, começarão a comprehender o quanto um garfo é um instrumento efficiente e gracioso.

Cavalcanti — Muito justo, sem duvida. O genero theatral não deve ser totalmente afastado do cinema, ao menos por enquanto. Mas enquanto os filmes forem feitos com scenarios, e sobre palcos, o director não poderá libertar suas proprias idéas das associações com más peças de theatro, e só ouvirá os sons que pôdem acaso existir no seu scenario.

A. Cooke — E' porque, eu supponho, os primeiros filmes sonoros faziam tanta questão de mostrar como se podia também ouvir a campainha de um telephone, como vêr o proprio aparelho.

Cavalcanti — Exactamente, e foi por isso que se tornou impossivel aos trabalhadores de um estudio imaginar num palco e nos scenarios uma nova maneira de utilizar o som: uma maneira que pertencesse sómente ao cinema. E quando os directores puderam, afinal, levar as cameras e os aparelhos de som para fóra, para refazer os exteriores, pôde-se dizer que foi só então que o filme sonoro passou desse primeiro estagio.

A. Cooke — E esse primeiro estagio, como poderia ser definido, ou antes rotulado?

Cavalcanti — Eu o chamaria do "som sincronizado". Essa primeira fórma de filme falado muito cedo se tornou excellente, e a prova é o exemplo que você escolheu para os nossos ouvintes. Como disse, justamente, é muito simples, depois de uma breve descripção, "vêr" o filme, só por ouvir o som. Mas, como também disse, esse som sincronizado não nos pôde satisfazer. Estavamos habituados a utilizar as imagens para suggerir a atmospheria, para crear situações comicas ou dramaticas, e pensámos que fosse erro deixar o som depender completamente das imagens.

A. Cooke — Houve alguém que, no principio, em 1929, pensasse fazer algumas experiencias por esse caminho?

Cavalcanti — Alguns verdadeiros directores de filmes que tiveram um pouco de liberdade, ou "chance" tentaram utilizar o som de outro modo que não o theatral, e alguns filmes brilhantes, taes como "A Melodia do Mundo", de Ruttman, foram apresentados. Nós pensavamos sempre: porque não utilizar o som nos filmes como um paralelo, como um complemento ás imagens? Porque não conseguir que o som se dirija á imaginação das multidões do mesmo modo que as imagens?

A. Cooke — E como foi que você se arranjou?

Cavalcanti — O som das actualidades mundiaes foi sempre, para nós, uma fonte contitnua de ensinamentos. Observámos então que o som de um aeroplano tanto podia suggerir a velocidade como a profundidade. Entretanto, o custo do filme sonoro era muito mais elevado que o dos filmes mudos. E nós outros, os independentes, não podiamos fazer experiencias. Pois, bem, ha pouco menos de um anno, vim até a Inglaterra, e tive uma palestra com John Grierson. A sua G. F. O. Film Unit estava perfeitamente bem no filme mudo. E Grierson sentia que já era tempo, para sua escola, de se lançar no dominio do som, mas queria também que esse som fosse tratado com espirito cinematographico. Muito pouco tempo depois dessa palestra, os studios de Blackheath estavam abertos e o som da G. P. O., num caminhão, vinha de toda a Inglaterra. Durante as nossas experiencias, alguns problemas inesperados surgiram. O som não devia ser sómente re-registrado (o que é muito frequente no trabalho comum dos studios) mas devia ser também "montado". E ainda falta fazer muito na montagem sonora.

A. Cooke — Diga-nos agora o que fez você com a G. P. O. Film Unit no dominio do som.

Cavalcanti — Primeiro, reduzimos ao minimo a musica e a palavra.

A. Cooke — Porque a palavra?

Cavalcanti — Você sabe que quando o som é projectado nas salas o seu volume é enormemente amplificado. Pense

num adoravel primeiro plano de Greta Garbo a sussurrar palavras de amor, a sussurar como um canhão... Pois bem, nós pensamos então que a amplificação (e a amplificação é inevitavel com a projecção do filme sonoro), exige um estylo especial. Comprehende?

A. Cooke — Sim, você quer dizer que o filme sonoro exige um estylo tão afastado do natural que a creação que nós chamamos Greta Garbo está muito longe da joven suéca que ella teria sido fóra dos filmes.

Cavalcanti — Sim; este é um detalhe importante. Depois, banimos o synchronismo absoluto e as leis da "mise en scène" theatral. Tomámos então os sons naturaes como materia prima. Arrancámos esses sons, gravámol-os, orchestrámol-os, e tentámos estylizar o conjuncto. Você viu algumas dessas innovações em certos filmes produzidos este anno, taes como "Uma tempestade vem chegando..." (Director, E. Epice), e cedo verá outras experiencias, mais adeantadas ainda, num filme mais longo, mais ambicioso, intitulado "La chanson cingalaise" (Director, Basil Wright).

A. Cooke — Eu gostaria que você nos desse um exemplo, para illustrar esse uso do som differente do primeiro estagio — o estagio do som sincronizado. E você deve também baptizar o segundo estagio.

Cavalcanti — Muito bem. Posso chamal-o "o som complementar". Vou pedir ao nosso operador, no estudio de Blackheath, que lhe dê um exemplo desse trabalho. Trata-se do fim de um filme curto, "Droitwich" (dir. Watt). Meu caro Cooke, explique aos nossos ouvintes o que são essas imagens.

A. Cooke — Este filme é um simples documento sobre a nova estação radiophonica de Droitwich. Descrevendo as imagens, deixo aos ouvintes as ligações que elles entenderem de fazer. Emquanto no exemplo precedente as vistas que os ouvintes imaginavam eram verdadeiras, desta vez seria impossivel adivinhar, tanto as imagens como o som, se eu só fornecesse qualquer dessas coisas separadamente. E' isso que Cavalcanti chama o som suplementar. Tentem crear as imagens seguindo a minha descripção. Guardem a descripção nos olhos do espirito, e tornem a vêr as imagens quando ouvirem o som. O triumpho será facil, e os ouvintes ficarão surprehendidos com o segundo estagio, que constitue a nova etapa do desenvolvimento do som no filme, bem mais subtil que a primeira. Ahi vão as imagens: série de planos tomados no edificio da estação radiophonica. Emquanto a voz do engenheiro-chefe diz "Preciso corrente daqui a um minuto. Está prompto?" e um operario responde "Prompto para o numero 3", vêem-se os dynamos, as rodas que gyram, cada vez em maior velocidade. Descobre-se uma machina de alta tensão, um contra-mestre passa por uma plataforma, olha as machinas, tira um cigarro do bolso. O seu trabalho do dia está acabado. Vê-se então, no crepusculo, o exterior do edificio. Encadeando: as agulhas contra um céu nublado; depois, também encadeando, o campo onde os ultimos carros de feno se afastam para a granja e, finalmente, nuvens que cavalgam, superpondo-se, fundindo-se. A partir do exterior, a symphonia das machinas é substituida pela synthese do programma irradiado pela estação. O modo pelo qual esse resumo foi concebido constitue o ponto culminante do trecho escolhido. (Projecção).

A. Cooke — Eis ahi, graças a Alberto Cavalcanti, muita coisa para se reflectir...

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Série Brasileira:

Vol. 47 — Manoel Bomfim — O Brasil	10\$000
Vol. 48 — Urbino Vianna — Bandeiras e Sertanistas Bahianos	10\$000
Vol. 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — (Edição illustrada c/ 50 gravs. e mappas)	10\$000
Collecção Para Todos (nova phase):	
Vol. 3 — P. C. Wren: Beau Geste — 3. ^a edição — Traducção revista por Monteiro Lobato	5\$000
Vol. 4 — Herman Meville: Moby Dick — A Fera do Mar Tradução de Alberto Rechsteiner e Monteiro Lobato	5\$000
Collecção Terramarear:	
Vols. 39 e 40 — Edgar Rice Burroughs: Tarzan e o Leão de Ouro — Traducção de Azevedo Amaral em dois volumes — cada volume	3\$500
Vol. 6 — Tarzan o Filho das Selvas — 2. ^a edição — Traducção revista por Paulo de Freitas	3\$500
Bibliotheca das Moças (nova phase):	
Vol. 1 — Luisa May Alcott: Boas Esposas — Traducção de Genolino Amado	4\$000
Vol. 2 — Charlotte M. Brame: Louco Amor — Traducção revista por Luis Amaral	4\$000
Vol. 6 — Glorencia L. Barclay: Um Nobre Amor — Traducção de Luis Amaral	4\$000
Vol. 7 — Elinor Glyn: Por Que? — Traducção de Paulo de Freitas — volume duplo	6\$000
Vol. 8 — Elinor Glyn: O Grande Momento — Traducção de Ruth A. de Mello	4\$000
Collecção Viagens:	
Vol. 6 — Lyder Sagen: Dinamarca — Paiz e Povo — Edição illustrada	6\$000
Vol. 7 — Ribeiro Couto: Chão de França	6\$000
Os "Grandes Livros Brasileiros":	
Vol. 7 — Guilherme de Almeida — Messidor — 5. ^a edição	7\$000
Vol. 8 — Menotti Del Picchia — Poemas (Completo) 2. ^a edição	6\$000

Edições da Companhia Editora Nacional — Sede: Rua dos Gusmões, 24 a 30 - S. Paulo — Filial: Rua da Imperatriz, 43 - Recife e na Civilização Brasileira, S. A. a Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

[RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE AGOSTO

Humberto de Campos — Notas de Um Diarista — 10.000 exemp.	8\$000
" " " — Sepultando os meus Mortos 10.000 exemp.	6\$000
" " " — Os Párias — 5. ^a edição	6\$000
" " " — O Monstro e outros Contos — 5. ^a edição	6\$000
" " " — Sombras que Soffrem — 4. ^a edição	6\$000
" " " — Carvalhos e Roseiras — 4. ^a edição	6\$000
" " " — A Sombra das Tamareiras — 3. ^a edição	6\$000
" " " — Lagarta e Libélulas — 3. ^a edição	6\$000
Rocha Ferreira — Gloria — Poesias	6\$000

OUTRAS EDIÇÕES DESTE ANNO

José Lins do Rego — O moleque Ricardo — Romance	7\$000
José Lins do Rego — Doidinho — 2. ^a edição — Romance	7\$000
Omar Khayyat — Rubaiyat (Trad. de Octavio Tarquinio Souza)	
Edição de luxo — Illustrada	15\$000
Humberto de Campos — Critica — 3. ^a edição, 1. ^a série	10\$000
" " " — Critica, 2. ^a edição, 2. ^a série	10\$000
" " " — Critica, 10.000 exemp., 3. ^a série	10\$000
" " " — Memorias Inacabadas, 20.000 exemp.	6\$000
" " " — Memorias, 8. ^a edição	10\$000
Miguel Reale — O Capitalismo Internacional	6\$000
Gordim da Fonseca — Bolchevismo — 2. ^a edição	10\$000
Gustavo Barroso — O Quarto Imperio	6\$000
Candido Motta Filho — Introducção á Politica Moderna	10\$000
Menotti Del Picchia — Soluções Nacionais	8\$000
Plinio Salgado — Despertemos a Nação	6\$000
Helio Vianna — Formação Brasileira	6\$000
Lucio Cardoso — Salgueiro — Romance	7\$000
José Americo de Almeida — O Boqueirão — Romance	6\$000
Maurice de Fleury — Tratado de Direito Internacional Privado (2 volumes)	70\$000
Pedro Calmon — O Rei do Brasil (Ed. Illustrada)	10\$000
Custorio de Viveiros — Camisas Verdes	6\$000
Plinio Salgado — Psychologia da Revolução — 2. ^a edição	6\$000

NOVAS EDIÇÕES

OSWALDO ORICO

"Imagem do Rio de Janeiro"
(1.^o Premio do "Concurso para o Melhor Livro de Viagens sobre o Brasil")
edição illustrada, br. 10\$000

BASTOS D'AVILA

"Questões de Anthropologia Brasileira" (3.^o volume da "Bibliotheca de Divulgação Scientifica) br. 8\$000

GERALDO ROCHA

"Fim de Uma Civilização"
(Estudos sobre politico contemporanea — O problema do pagamento das dividas externas) br. 6\$000

VICTOR HUGO

"O Homem Que Ri" (2 volumes da "Collecção Sip")
Cada volume br. 2\$000

MARIE FARGUES

"A Verdade" (1.^o volume collecção "Deus e os nossos pequeninos") Volume cartonado

Tempo e Eternidade

Les vrais compétents ne méprisent pas la chétive collaboration des vrais curieux; ceux-ci, leur bosogne faite, s'effacent avec joie devant les craies compétents.

HENRI BRÉMOND.

Tempo e eternidade: são os dois espaços em que se move a poesia dos srs. Jorge de Lima e Murillo Mendes, cujo livro em colaboração acaba de ser publicado.

De dois espaços, pois, se entretetece a realidade; não, porém, de dois espaços se sobrepondo em plano superior e inferior, mas se insinuando um no outro, de modo que, se o tempo se desenvolve em extensão, a eternidade o livra dessa contingencia, transcendentalizando-o, fazendo a duração derivar da depuração do proprio movimento. A eternidade seria assim a essencia do tempo que, adentrando-se pela sua propria natureza, se desenvolvesse em sentido contrario á extensão e cada vez mais se encerrasse em si, até alcançar o maximo de crystalização interior em que, mysteriosamente annullando a extensão, attingiria a eternidade.

O tempo condiciona a poesia dos dois poetas, enquanto a eternidade é apenas o iman a que converge a ansiedade delles. Elles sentem o peso do

tempo, é um sentimento positivo nas primeiras poesias do sr. Jorge de Lima, isto é, representado directamente em imagens positivas, de que se resente o proprio rythmo, como neste poema (um dos mais bellos do volume, eu acho, e seguramente o mais caracteristico desse feitio):

Lá vem o vento correndo,
montado no seu cavallo.
Nas asas do seu cavallo
Vem um mundo de vassallos,
vem a desgraça gemendo,
vem a bonança sorrindo,
vem um grito reboando,
reboando, reboando.

O mais caracteristico, eu falei, e garanto o que falei, mesmo que os outros se lembrem de levar em conta que a idéa de tempo não é expressa ahi por nenhuma allusão directa que a deixe entrever em algum conceito claro. Mas sem duvida nenhuma que aquella imagem do vento correndo, o rythmo facil, sahido assim meio de um jacto, com um só ponto, as finaes em "endo", "indo", "ando", dando a impressão de vasio, de ôco, sem duvida nenhuma que o poeta, ao escrevel-a, estava sentindo vivamente a evanescencia das coisas, que lhe fez brotar do sêr aquella imagem, em que se trasfigurou o conceito. E imagem positiva, quero dizer com isso que claramente expressa e definida: objectiva, afinal de contas.

Assim o tempo é um sentimento positivo nas primeiras poesias do sr. Jorge de Lima, viajando ha seculos entre o mar e a terra, sem encontrar céu, sem encontrar céu, lá indo sobre a náu, a náu mysteriosa, acima della, que é que ha? mão de piloto? mão de quem é? a náu mergulha, o mar é escuro, o tempo passa. Depois se torna negativo, a gente só o percebe como uma ellipse, uma falha, se intercalando ao desejo de eternidade, de vez em quando se quebrando em solução de continuidade. Desse geito elle transparece em outras poesias do sr. Jorge de Lima e em quasi todas o sr. Murillo Mendes.

A luta deste contra o tempo a modo que é mais ardua. O sr. Jorge de Lima é mais voltado para o exterior, qualquer coisa que o pertube por dentro, refloresce logo em imagem que o allivia. O sr. Murillo Mendes, não; é mais intellectual, não tem aquella facilidade de exteriorização do outro, parece que precisa botar dentro da cabeça, creando-a ahi como coisa, a mesma idéa de eternidade, como um anteparo, uma defesa contra o tempo. Não se contenta de observar apenas a mutabilidade do universo, se desalliviando da transitoriedade com essa simples verificação. Tambem no sr. Jorge de Lima algumas vezes se entremostra esse estado de espirito atravez de varias poesias delle.

Não tem, porém, a mesma evidencia. E' mais visivel e intenso o esforço do sr. Murillo Mendes

Brevemente

Estudos Afro-Brasileiros

(Annaes do 1º Congresso
Afro-Brasileiro, reunido
em Recife)

em edição ARIEL

para a libertação da contingencia de tempo. A propria estrutura dos poemas, de rythmo mais secco, toda a hora se interrompendo em pontos finaes, se exprimindo de modo mais intellectual, de maior densidade, com versos longos toda a vida, tudo isso obrigando o vate (e quem o lêr) a uma tensão interior maior, mais forte, mais crispada, para contra a dispersão do tempo conservar integra, como um sêr inteiriço, toda a unidade intima dos poemas, tudo isso é consequencia do extraordinario esforço que o poeta emprega para se livrar do tempo:

Meu Deus, Tu és o unico poeta que dura e durará eternamente.

Só Tu és o dono da poesia absoluta e total. Tu que restauras nos poetas o que se destruiu nelles por uma questão de natureza ou de repouso no tempo.

Tu, a quem se offerecem os homens que estão para nascer, os recém-nascidos, as creanças, os adolescentes, os moços, os velhos, os agonisantes, os mortos e as almas dos mortos.

Ou então, em outro, em que o poeta, tentando se definir, ou melhor, procurando se identificar inteiramente, numa actualização total de suas possibilidades, a cada momento sossobra exausto em meio da luta. O eu do poeta vae se distendendo, se distendendo, quasi que se realiza, dá porém de repente com o tempo, suspende-se, faz uma reviravolta, vem ao principio de novo:

Vim para conhecer o mal e o bem

E para separar o mal do bem.

Vim para amar e ser desamado.

Vim para despresar os grandes e consolar os pequenos

Não vim para construir a minha propria riqueza

Nem para destruir a riqueza dos outros.

Vim para reprimir o choro formidavel

Que gerações anteriores transmittiram ao meu sêr.

Vim...

Vim, vim, vim, é o ser em constante luta contra o não-ser, sobre o qual vae conseguindo uma victoria completa, dá para traz de subito, e principia outra vez, num vae e vem continuo. O poeta na hora que diz que é uma coisa, sente logo a força da affirmação neutralizada pelo peso morto de tudo quanto não é, impressão sob a qual a euphoria esmorece, mas a que procura reagir com uma nova affirmação.

Assim, pois, a contingencia temporal envolve de precariedade a atmospheria desses poemas, cuja textura traduz um anseio para a eternidade, anseio que não se mantem, sempre o mesmo, com igual grão de intensidade, mas ora se crispa, ora se afrouxa, entrecortando-se de hiatos denunciadores de um desequilibrio no sêr dos poetas que, tendo deslocado o eixo do universo de sua individualidade para a eternidade, ainda não a atingiram, nem conseguiram uma certa estabilidade no tempo.

Sentem o problema solicitar-lhes todo o sêr. Acharam já a solução d'elle, mas intellectualmen-

te, collocando-o na integração na eternidade — de que têm apenas uma noção mental, a que cuidam de fazer adherir a sensibilidade num esforço continuado em que, intelligencia e sensibilidade se juxtapondo e se completando, se realizam afinal absolutamente.

JOÃO PACHECO.

EDIÇÕES "CULTURA BRASILEIRA"

Vendem-se muito os livros dessa casa editora. Vendem-se porque em geral de excellentes escriptores europeus e porque magnificamente traduzidos. A collecção de musicos circula por todo o paiz. Outro tanto ocorre com a relativa ao movimento economico dos ultimos tempos. Ainda agora, M. Pokrovski interessa, com o volume **Causas Economicas da Revolução Russa**, a todos os que queiram saber o que existe de realmente basico na nova organização social resultante das prégasões e da acção de Lenine. A. Losovski estuda **Marx e os Synricatos**, não deixando inexplorado nenhum aspecto do problema, recuando aos primordios da actividade do grande judeu nascido em terras germanicas e explicando detalhe por detalhe, os factores corporativos que tanto poder imprimiram aos operarios da nossa época. E igualmente lançados pela Cultura Brasileira, não deixarão de ter muitos leitores **O Segredo de Joanna d'Arc**, de Péladan, o mago e estheta que tanto se preocupou com a theoria do androgynismo e com os manuscriptos de Leonardo de Vinci, e uma série de discursos que o sr. João Neves, ardoroso tribuno dos pampas, denominou **A Voz das Opposições Brasileiras**.

CAIXA ECONOMICA
TEM SUAS AGENCIAS ESPALHADAS
POR TODA A CIDADE



Botafogo .. Carioca
Barão de Mauá
Avenida Secção Cheques
Sete Setembro Penhoes
Praça da Bandeira
Vila Isabel .. Meier
Madureira .. Campo Grande
— FILIAES —
Niterói .. Petropolis
— Juiz de Fora —

4 1/2%
AO ANO
JUROS
CAPITALISADOS
SEMESTRALMENTE

1/50 DA POPULAÇÃO TEM
SUAS ECONOMIAS GUARDADAS NA
CAIXA ECONOMICA

SERVICO DE PUBLICIDADE
CAIXA ECONOMICA

Commentarios sobre o "O Boqueirão"

Antes de fallar sobre *O Boqueirão*, quero esclarecer um ponto, sem o qual não poderia me referir a esse livro de José Americo de Almeida. Trata-se de informação que tive, por diversas pessoas que privam com o romancista, de que o autor de *A Bagaceira* compoz os seus ultimos volumes dictando-os a um secretario. Este facto, por si só, justifica de certo modo algumas duvidas deixadas pelos seus dois ultimos romances. Se nós attentamos para a grande differença que existe entre o escrever à mão e o plasmar o pensamento nas teclas de uma machina, iremos comprehender, com mais forte razão, a enorme distancia que vae destes dois modos de escrever ao de dictar. O pensamento, dictado, toma outro rythmo, como a cadencia das teclas differe do correr da penna sobre um papel. São maneiras de escrever que só serão bem manejadas com a força do habito. Sem o trabalho constante, o pensamento continuará sempre impreciso. Esta explicação vem a proposito da falta de nitidez de grande parte das scenas que passam atravez do *Boqueirão*. Tem-se a impressão de que o autor, ao dictar o livro, ainda estava pouco exercitado nessa nova maneira de produzir. O seu pensamento, as suas idéas, as suas concepções teriam de tomar outro rythmo no momento de se crystallizarem em phrases concretas. Dahi a difficuldade do autor em se integrar, assim de chofre, no novo processo de redigir.

Não sei qual dos dois romances foi escripto primeiro, se *O Boqueirão* ou *Coiteiros*. Pela leitura dos dois, porém, vem-me a convicção de que o segundo teve a primazia. Assim supponho, porque *Coiteiros* foi mais bem realizado que *O Boqueirão*. Sente-se que o primeiro é muito mais concreto, mais claro, mais tecnico, mais bem concebido do que o outro. Essa comparação é necessaria para notar-se o contraste existente entre os dois.

Emquanto as figuras de *Coiteiros* vivem dentro de um enredo bem ultimado, o outro romance de José Americo apresenta-nos typos dissolvidos na vida que corre, nas scenas desalinhas dos capitulos, que muitas vezes acabam bruscamente, sem o leitor esperar.

Além disso, *O Boqueirão* expõe-nos alguns deslises do romancista na mudança brusca de alguns quadros focalizados, perturbando muitas vezes o leitor, que suppõe estar ainda numa scena ou num ambiente, quando já se acha em outro muito differente. Este facto obriga-o a voltar a pagina e relel-a, para se integrar na vida do romance. Aliás, já tive occasião de accentuar este mesmo facto, quando escrevi sobre *Coiteiros*.

As figuras do americano White e do brasileiro Remo, que sahiram da America e vieram para o Brasil — este "querendo afeiçãoar a terra da secca a um typo de civilização pratica e feliz" e "trazendo a alma dos Estados Unidos" porque "a terra da secca ainda não tinha alma", — passam muitas vezes pelo livro como fantoches, como symbolos de uma idéa que está vi-

vendo. Estar acima do ambiente, até mesmo no modo de fallar, dizendo phrases que são verdadeiras maximas, como se estivessem discutindo seriamente theses circunspectas. Mas não é sempre. Quando se põem em contacto com as mulheres do sertão e o dialogo começa, Remo e White tomam côres humanas e naturaes.

O problema melhor focalizado no romance é o do preconceito social do sertanejo contra o sexo, a severidade com que se prendem as raparigas, procurando resguardal-as da tentação. Nesse ambiente de distancias em que se conservam os homens e as mulheres é que vão penetrar Remo e White, borrando o quadro sertanejo com as suas intromissões chocantes. Os dois engenheiros foram brincar com o amor do sertão, daquelle sertão fincado de "cruzes passionaes". Aquella naturalidade que existia, na America, entre o homem e a mulher, torna-se como que um phosphoro riscado, quando tentada na polvora do meio sertanejo. O sangue tropical não admittia aquellas intimidades facis dos yankees, que os dois engenheiros procuravam introduzir no interior brasileiro. O amor aqui era barbaro e Remo brincou com o de Irma, querendo transformal-a numa mulher americana. E, no fim, sentiu todo o seu crime, quando Irma se despenca da montanha e Gracinha corre atraz de White, que a abandona, fugindo na sua barata. E' ali que Remo vae comprehender todo o seu grande erro, pretendendo adaptar os costumes modernos dos americanos á alma tropical do nordeste brasileiro.

Apesar dos defeitos de composição, o romance possui paginas bellas e vigorosas, em que se sente o traço, o cunho forte da personalidade de José Americo. A pintura da paisagem continua a ser o seu grande segredo. Essa qualidade caracteristica do autor do *O Boqueirão* surge plena,

Brevemente

Baptista de Castro

VOCABULARIO
TUPY-GUARANY

Em edição
"ARIEL"

renovada, cheia de viço como nos tempos saudosos da *Bagaceira*. Aquelle quadro das raparigas tomando banho no rio é um exemplo disso. Ha ainda a assignalar no romance os dialogos galantes de amor que são como que passeios suaves que a sensibilidade do autor effectua, para fugir da tragica realidade ambiente poetizando um pouco a vida sertaneja...

As realizações materiaes que Remo se propoz executar, quando chegou da America, atravessam o livro de vez em quando, de longe, como um navio que passasse ao largo unicamente para avisar a sua passagem. Os planos de transformação da terra, no romance, fazem sómente o papel de fundo de quadro. O encontro dissonante da mentalidade yankee, assimilada em Remo, com a realidade do sertão — “onde um beijo pedido era um beijo dado” — essa, sim, foi a visada primordialmente pelo romancista.

Por isso, *O Boqueirão* vale como a concretização de uma daquellas reflexões iniciaes da *Bagaceira*, que “resumem a esthetica do autor e o modo como elle concebeu essa sua grande tragedia brasileira” (*): “O amor aqui é um tudo-nada de concessão lyrica ao clima e á raça. E um problema de moralidade com o preconceito da vingança privada”.

(*) — Tristão de Athayde — Estudos (2.ª serie — 1.º vol.), pg. 141.

ALUIZIO NAPOLEÃO.

UMA CARTA DE A. METRAUX

O sr. Angyone Costa recebeu, a proposito da publicação do seu livro *Introdução á Archeologia Brasileira*, a seguinte carta do eminente ethnologo francez sr. A. Metraux, director do Museu de Ethnographia do Trocadero e que ha bem pouco tempo passou pelo Rio, de volta de uma viagem scientifica á ilha da Paschoa:

“Prezado sr. Angyone Costa.

Tenho em meu poder já ha algum tempo o seu admiravel livro e a amavel carta que o acompanhou. Desejaria ter concluido a leitura da sua bella

obra antes de responder-lhe, mas tenho estado tão sobrecarregado de trabalho nesses ultimos tempos, que iria retardar muito esse agradecimento se quizesse acabar a leitura para então escrever-lhe.

Fico muito satisfeito em saber que os meus trabalhos sobre os tupys puderam ter qualquer utilidade, mas só a sua indulgencia pode encontrar nelles excessivo merito.

A sua *Introdução á Archeologia Brasileira* preenche uma grande lacuna e está destinada a prestar immensos serviços á sciencia. O dr. Rivet e eu proprio admiramos a sua vasta erudição, a sua documentação exacta, e a clareza da sua exposição. O sr. satisfaz a um velho desejo que eu tinha formulado desde muito tempo, mas que não pudera ainda realizar: ver condensado em um volume o estado actual dos nossos conhecimentos sobre os indigenas do Brasil.

Todos os Americanistas não poderão senão se rejubilar pelo apparecimento da sua obra, que inaugura uma nova era na ethnographia brasileira. Possa a sua obra incitar os seus compatriotas a imitarem os bandeirantes e irem ao sertão, não para procurar ouro, mas os documentos humanos que esclarecerão o mysterio remoto do homem americano. Sua obra abriu o caminho, possam os seus discipulos continual-a.

Quanto a mim, meus estudos actuaes situam-se fora do Brasil, paiz do qual anteriormente me occupei com tanto entusiasmo, mas tudo o que concerne á ethnographia desse paiz me interessa no mais alto gráu. Tenha a amabilidade de me enviar as suas publicações futuras. Eu as lerei sempre com avidez, e procurarei divulgá-las aqui.

Agradecendo-lhe mais uma vez, eu lhe peço, acceitar a expressão dos meus sentimentos os mais cordiaes. — A. Metraux.

ACABA DE APPARECER:

F. CONTREIRAS RODRIGUES

Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial

Compilação historica em torno dos problemas da economia social politica dos tempos da Colonia

ARIEL EDITORA LTDA.

Preço 42\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

SEIVA

O sr. Amadeu Cysneiros é uma brilhante figura de lutador na imprensa. Homem de iniciativas que a indiferença alheia não faz esmorecer, multiplica-se em lembranças das mais louvaveis no sentido de servir á nossa cultura, e o successo deste mensario intitulado *Selva* mostra que esse prosador encontrou algo em que se demore victoriosamente. Trata-se, com effeito, de uma resenha que, embora em caracter de compilação, traz, a unifical-a, um criterio de harmonização dos mais sympathicos.

Balmaceda Cardoso — Oscar Wilde — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Tratando de uma das personalidades mais discutidas da litteratura europeia, o sr. Balmaceda Cardoso não se propoz, evidentemente, a brilhar pela originalidade. Mas o que elle diz com referencia ao Oscar Wilde já conhecido importa numa reunião de documentos utilissima. Aqui estão, num retrospecto dos mais seguros, a vida e a obra daquelle que se despenhou de tão alto e, após o dominio irrestricto de milhares de leitores e admiradores, se viu rebaixado á condição de criminoso vilissimo da prisão de Reading. Já tendo consagrado um solido estudo á gente norte-americana, o sr. Balmaceda Cardoso mostra-se ainda, neste volume, um attento conhecedor de psychologia de muitos povos estrangeiros.

Rodrigo Octavio — *El Contractador de Diamantes* — Editorial Tor — Buenos Aires.

Em bella traducção de Benjamin de Garay, grande amigo, grande divulgador dos escriptos do Brasil, vae agora circular em terras argentinas e em outras de lingua castelhana esta chronica dos nossos tempos coloniaes, do sr. Rodrigo Octavio. Acompanha a edição portenha um judicioso prefacio do sr. Rodolfo Rivarola, outro entusiasta das nossas lettras e apaixonado intercambista de tudo quanto se prenda á cultura sul-americana. Assignale-se aqui o apparecimento simultaneo da versão com que Benjamin de Garay vem de assegurar ao seu amigo Monteiro Lobato um vasto publico estrangeiro. *O Macaco que se fez Homem* é mais uma prova dos incomparaveis meritos desse traductor, tão dedicado quanto desinteressado, e o primeiro a espalhar ás margens do Prata o nome do grande ironista dos Urupês.

Adolfo Casais Monteiro — *A Poesia de Ribeiro Couto* — Edições Presença — Lisboa.

E' um expressivo estudo, fraternal e definidor, de um dos nossos melhores poetas, visto por alguem que maneja com igual dextreza poesia e critica. Homem culto, sem prejuizo das effusões lyricas inherentes a quasi todos os filhos da Lusitania, o sr. Casais Monteiro surprehende bem os momentos realmente característicos da emoção e inspiração de Ribeiro Couto. O livro é o retrato de um delicado espirito traçado por quem não se mostra jámais um intruso em coisas de arte.

Poesia alemã contemporânea

Não ha muito, foi editada na Alemanha por Hans Mann uma anthologia lyrica, a *Anthologia Jugster Lyrik* seleccionando, exclusivamente, poetas de menos de trinta annos. Poetas estes que, embora ainda, de algum modo, influenciados pelos seus predecessores, fundem estas influencias e as amalgamam ao fogo de novas sensações, á luz de novos sentimentos.

Nesta curiosa selecção, em que figuram os nomes de Altendorf, Klepper, Nieretz, Johst e outros, transparece, ao rythmo de cada poema, a sêde intensa de vida, de "Weltanschauung", que caracteriza a geração actual. Por vezes o ardente desejo de independencia espiritual leva o artista a taes e tão contradictorios extremos que a propria imagem, á qual busca fugir, resalta das palavras que a querem negar. Porquanto a negação já implica a existencia do que se nega...

Assim, á ascendencia de Werfel, cujo *Wir sind* echôa no individualismo dos nossos contemporaneos, levanta Koeppen um verdadeiro protesto em seu canto patriótico: *Wir Bauern*.

Nós que em sangue e que em sólo irmanamos,
Nós que o mesmo torrão cultivamos
.....
.....
Nós seremos um só, não ha: Eu,
Vida ou morte por ti, povo meu!

Outros ainda, não se desvencilharam da influencia rilkeana. Do grande Rilke que unia o mysticismo de Rodenbach á sensualidade de Whitman. Na plasticidade do rythmo repercute o paradoxal sensualismo mystico do poeta de *Herbsttage*.

.....
Reserva-te algum fruto... o mais maduro.
Vive, então, uns dois dias resplendentes
Bebe ainda, aplacando os labios quentes,
Um dulçor derradeiro em vinho puro...
Nós velamos, e ha cartas que se espalham
.....
Pelo todo, ora perto, ora distante
Erradios... e ha folhas que farfalham...

Não raro deliciosas melodias se inspiram num "Volklied". Co-

mo no *Spruch des Jungen Madchens* de Bade:

.....
Uma andorinha, pela vez primeira,
Eu vi por sobre o muro, a esvoaçar,
Da casa. Em suas pennas a brilhar
Resurgia do sol a luz inteira.
Palpitava-lhe a turgida garganta
Como o teu coração, amigo, arfante.
Mensageira do além de asa arquejante
Como, amigo, este Amor que assim te encanta.
.....
E se vês cada flor desabrochada
Aos teus passos cantar canções amenas.
Nas pennas da andorinha as minhas penas.
Meu amigo: são como a prece alada!
.....

Predomina, talvez despida de qualquer affectação, fructo natural de uma escola evolucionaria, a nota original da personalidade. Prevalece o estylo conciso que determina a tão almejada "Neue Sachlichkeit". Lendo, porém, estes poemas novos, deturpados que sejam por sensibilidade. Prevalece o estylo con-

encias morbidas, levados por vezes ao léo das escolas phantasis-tas, fica-nos uma deliciosa impressão de frescura, como se duas mãos leves, brancas, nos envolvessem a fronte. Seria, talvez, simplesmente, a Poesia imutavel e unica...

Envolta em plumas como a vemos aqui, della se poderia dizer o que disse Proust de uma extranha mulher: "Elle donne l'idée du fabuleux, avec le frisson de la beauté!"

EDYLA MANGABEIRA.

Rocha Ferreira — Gloria — Livraria José Olympio — Rio.

Eis ahi um poeta que não mais precisa de consagração. Consagrado já foi elle, a proposito de livros anteriores, por grandes autoridades lyricas do continente, seja o tumultuoso Santos Chocano, seja o nosso harmoniosissimo Bilac. Numa época em que todos celebram a vida paroxystica, as fabricas, as machinas, em versos mais ou menos arbitrarios no que concerne á metrica e á syntaxe, o sr. Rocha Ferreira, intelligentemente tradicionalista, ainda encontra no soneto emoções e melodias pessoas. O amor é o seu thema, tal qual o era dos nossos melhores românticos. Homem activo da Paulicéa, não se circumscrevendo apenas ao trato das rimas e vivendo directamente aquellas aventuras que muitas vezes lhe inspiram poemets, é bem um artista amigo das attitudes, das phrases e dos titulos pomposos.

Henrique de Casaes — Vultos Farroupilhas — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Apesar de nascido na Bahia, o sr. Henrique de Casaes, que se vem destacando na magistratura e no professorado, é um grande admirador dos fastos e tradições gaúchas. Ainda agora, ás vespas do Centenario Farroupilha, celebra elle, em versos bem medidos, os vultos gloriosos dos pagos. São retratos compostos á maneira classica, sem exaggeros modernistas que desfigurariam o assumpto, constituindo verdadeira nota anachronica em relação a estas personalidades historicas.

Carmen de R. Annes Dias — Almas — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Como que essa narradora sul-riograndense, filha de um medico notavel, transporta á litteratura certos methodos victoriosos do cinema. No quadro ligeiro ou na acção de psychologia mais complicada, move-se ella com igual desenvolura, manejando dextramente o dialogo e não deixando afrouxar em caminho o interesse da trama. Esquecidos certos romantismos demasiado facels, não se lhe podem negar attributos de escriptora.

Acaba de apparecer

Agrippino Grieco

ESTRANGEIROS

Com o seguinte summario:

POE — PIRANDELO — RABELAIS
SHAW — TOLSTOI — LINCOLN —
ELISABETH BROWNING — HEINE
— BERGSON — CERVANTES — SHELLEY — GONCOURT — GOETHE —
CHESTERTON — CONRAD — SHAKESPEARE — DUMAS PAE — MAUROS
MAURIC — TENNYSON — MONTESQUIOU — CROCE ETC. ETC.

Preço 8\$000

Em todas as Librarias

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(CARTAS A GASTÃO CRULS)

Hamburgo, 9-3-1933

Caro Gastão,

Este bilhete fôrma parte integrante da carta com que vae (1). Poderá você mandar-me pela primeira mala um mappa, um plano da cidade do Rio, e compreendendo Nictheroy? Será possível obter ahi essa coisa de civilização que se chama um plano da capital de um grande paiz? Espero que Você se esforce, meu querido, por me mandar a carta do Rio o mais cedo possível, pelo primeiro navio. Não é para mim: é para um intellectual e commerciante alemão que me atormenta por isso com uma calma teutonica. De vez em quando elle vem me cobrar essa divida já velha para com a exactidão germanica. Gastão, livre-me desse germano amavel mas exigente. Mande-me logo o mappa. O homem é geographo. Você não sabe o que é um geographo allemão?

Abraços do seu velho

Torres

Hamburgo, 20-4-1933

Meu caro Gastão,

Depois de tão longa e prolongada interrupção, devido á terrivel doença que tive e de que ainda não estou completamente restabelecido, mando-lhe agora o primeiro artigo com que reenceto a minha collaboração no *Ariel*, a qual d'agora em diante seguirá regularmente como outrora.

O artigo que mando hoje saiu-me um tanto longo, mas não houve outro recurso. Note-se que resumi e omitti muita coisa. Por causa do Gondin (2), a quem não conheço, tambem levei algumas lambadas em Lisboa. Entendi que era preciso revidar e assim o fiz.

Dividir o artigo (3) por dois numeros não me parece que valha a pena, pois, com um mez de intervallo, perde a importancia. Parece-me que o melhor será publical-o integralmente, embora em typo pequeno, comtanto que seja composto em linotypo que contenha italicos.

Por este mesmo correio envio ao Saul o tal maço de jornaes portuguezes, para que o Barão d'Ascurra diga tambem alguma coisa. Ainda ha muito que respirar por ahi.

Por aquelles livros que V. mandou (Collecção de Leis, etc.) ficou ainda o Consulado a dever-lhe 22\$000. Devido á doença não pude envial-os. Faço-o agora e mais uma vez lhe agradeço a extrema bondade e presteza que V. teve em mandar a encomenda. Agora está o Consulado perfeitamente quite com Você.

Já soffri ha poucos dias pequena operação no nariz e na garganta. Melhorei um tantinho, mas ainda não estou bom. Hoje vou de novo ao medico para soffrer curativo...

Atirei-me de novo á traducção do livro inglez que lhe promettí. Vae adian-

tada. Não digo o nome do livro só para aguçar a curiosidade.

Abraços ao nosso Ramos, ao Grieco, ao Saul.

Do velho grato

Torres

P. S. O nosso Gilberto (4), segundo parece, fez grande successo em Paris. (5). Onde está o Gilberto Freyre? Veja si me manda o seu endereço certo.

30-6-1933

Meu caro Gastão,

As razões que V. me apresenta para não publicar o artigo sobre a gallegote do *Diario de Noticias* parecem-me pertinentes. Não faço grande questão de que o artigo venha a lume.

Envio-lho aqui, dois artigos, sendo um sobre Luiz Edmundo (6) e outro sobre Alberto Ramos (7). O proximo será sobre o nosso Gilberto Amado. Estou em Berlim, ainda em hotel. Amanhã me mudo para uma pensão. Ahi então poderei escrever.

Outro assumpto: na Legação aqui me disseram que o nosso bom Juliano Moreira ultimamente passava necessidades! Será isso verdade? Será possível que a ingratidão e o descaso pela sciencia tenham entre nós chegado até esse ponto? Custo a crer. Escreva-me logo, dizendo o que ha sobre os dois assumptos supra.

Recebi o livro do Agrippino, que estou lendo (8). Excellente. Agradeça-lhe por mim as palavras amaveis que escreveu

a meu respeito. Espero concluir breve a traducção do romance inglez, si o Ministerio me deixar em paz e ás moscas — meu maior desejo! Lembra-me ao Ramos, ao Gilberto e ao Grieco. Espero que o Ramos goste do artigo.

Abraços do seu velho

Torres

Brunshaupten — 21-VII-1933

Caro Gastão,

Como V. já deve saber, estou transferido para Berlim, onde já tenho casa (um quartinho com pensão) e tomei posse do meu cargo. Vim, a conselho medico, passar uns dias nesta praia do Baltico, bem frequentada e cheia de allemãs bundudas que, para estarem nuas, pouco falta... Que alcatrões, seu Gastão! Tenho me lembrado muito do Lico Teixeira Soares. Sim, senhor! Alcatrão e jatahy! Que lindos corpos! Metade Walkyrias, metade sereias...

O artigo sobre o Gilberto (9) está prompto. Mande-o para Berlim afim de ser dactylographado. Parece que não ficou de todo mau, embora eu não tenha dito a respeito dos dois livros (10) nem a quinta parte do que podia dizer. Por fallar em Gilberto, de-lhe um abraço. Não lhe escrevo por ignorar o seu endereço. Podia mandar a carta para a Faculdade de Direito, mas não o faço por temer que ella se extravie nessa engenhoca de bachareis.

A traducção do livro inglez ficou interrompida na metade porque os medicos acham que eu não devo trabalhar muito. Devido ao pessimo estado dos meus nervos prohibiram-me tambem de ouvir Wagner, Beethoven, Brahms e outros classicos! Vê você a que ponto cheguei? Mas esta parte eu não obedeco. Não bebo, não fumo, não posso trabalhar muito. Bem! Mas não ouvir Wagner e Beethoven? E' muito, Isso já não é mais medicina: é desafôro. Prohibiram-me tambem Mas não ouvir boa musica? Uma ova! Então para que viver?

Foi um sujeito ter com um medico, e se declarou doente. — O senhor fuma? — perguntou-lhe o medico. — Não, doutor. — Bebe? — Tambem não, doutor. — Deita-se tarde? — Pelo contrario: delto-me cedo e levanto-me ás 5 h. da manhã. — Abusa dos prazeres venereos? — De modo nenhum. Sou casto. — Come muito? — Oh, não! Sou muito sobrio. — Então, exclamou o medico, para que é que o senhor quer viver?!...

Não é o caso? Não sei porque, mas tenho o presentimento de que não viverei muito. Tive um novo ataque durante o qual fiquei desacordado quasi uma hora. Sou um homem liquidado.

Envio-lhe junto a esta um *Instantaneo* tirado no jardim da casa da família ami-

leiam
ESTRANGEIROS

O novo Livro

de

AGRIPPINO GRIECO

em edição de

ARIEL Editora

ga em cuja companhia moro aqui nesta praia.

Abraços ao Grieco, cujo livro estou lendo, ao Ramos e ao Saul.

Do seu velho

Torres

Berlim — 3-10-1933

Caro Gastão,

Duas linhas apenas. Em primeiro lugar peço dizer ao Gilberto Freyre que recebi a carta d'elle e aguardo o livro. Em segundo lugar quero que V. me responda por via aerea o seguinte: sabe se ha ahi alguém traduzindo o *Erewhon* de Samuel Butler? Já traduzi metade desse livro admiravel que pretendo (por enquanto pretendo apenas) fazer preceder de um estudo critico-biographico do autor. Mas se ha ahi alguém querendo traduzir, ou traduzindo o livro, não me valerá a pena continuar o trabalho. Assim — ó amigo! — tira-me da incerteza. Uma allusão do Jack Sampaio ao romance de Butler fez-me temer que não haja por lá algum Amaral Marcondes (15) tomando-me o caminho. Em terceiro lugar mande-me os numeros 2, 3 e 4 do 2.º anno do *Boletim* para que eu mande encadernal-os. Extraviaram-se esses numeros durante minha mudança para aqui. Em 4.º lugar, veja se me manda a *Grammatica* de Paula Reis e Norbertino Gomes. Em 5.º lugar que faz o Barão d'Ascurra (17) que não escreve mais? O visconde do Sumaré pergunta sempre por elle.

Abraços aos amigos todos.

Do velho e grato

Torres (18)

1) — Carta que traz a mesma data, publicada no numero anterior. 2) — Gondin da Fonseca, que publicara pouco antes o seu *Portugal na Historia*. 3) — Este artigo tinha por titulo *A infundavel querela entre brasileiros e portugueses* e d'elle G. C. ainda guarda o original. 4) — Gilberto Amado. 5) — Refere-se ás conferencias que o mesmo fizera como representante do Brasil no Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura. 6) — *O Rio dos Vice-Reis* inserto no N. 12 Anno II, da nossa revista. 7) — *Elogio do Poeta*, N. II, Anno II, do *Boletim*. 8) — *Evolução da Prosa Brasileira*. 9) — *Dois livros de Gilberto Amado*, no N. I, Anno III, do *Boletim*. 10) — *Espirito do Nosso Tempo e A Dansa sobre o Abysmo*. 11) — Bilhete-postal escripto por Torres e ao qual Luiz Edmundo additou, do proprio punho, a quadrinha por elle assignada. 12) — *O enigma de Konnersreuth*, apparecido no N. I, Anno III, do *Boletim*. 13) — Segue-se a mesma palavra em caracteres gregos. 14) — Gilberto Amado. 15) — Cretura imaginaria, creada por Torres para uma burla applicada a G. C. Longo seria narrar aqui. Desse mesmo nome, Amaral Marcondes, serviu-se G. C. para a principal personagem do seu romance *Vertigem*. 16) — Saul Borges Carneiro, que já tem assignado varios artigos jocosos com esse pseudonymo. 17) — É esta a ultima carta que G. C. conserva do seu grande amigo. Até a data em que morreu o escriptor, a 17 de Julho de 1934, mediam nove longos mezes, e, como é natural, durante todo esse periodo, ambos sempre se corresponderam. Apenas, Torres, já doente, escrevia mais espaçadamente. Por outro lado, não era raro que elle supprisse as suas longas e tão interessantes missivas por notas escriptas apressadamente á margem dos artigos que enviava para o *Boletim*. E esta se extraviaram. G. C., entretanto, pela copia de uma de suas cartas a Torres, sabe que a ultima que d'elle recebeu, infelizmente perdida, trazia a data de 7 de Julho e fóra-lhe remetida por via aerea.

Augusto de Lima Junior — *Canção da Grupiara* — Rio.

Filho de um dos maiores poetas de Minas, o autor desse livro já se distinguira como prosador, coordenando lendas e tradições da velha provincia dos arcades e dos inconfidentes. Agora, para mostrar que a metrica e a rima não perderam direitos em sua familia, offerece-nos elle uma collectanea de estrophes em que os assumptos continuam a ser a gente, a paisagem e a gloria mineiras. De instante a instante perpassam vultos inseparaveis hoje das reminiscencias dos filhos das montanhas. As lendas continuam a florir nos poemetos do sr. Augusto de Lima Junior, que não procura distinguir o real do imaginario e povoa de symbolos todos os formosos recantos em que viveram os seus e em que elle proprio viveu uma infancia maravilhada.

Bensimon — *Clandestino* — S. Paulo.

Sendo um estreante de vinte annos apenas e vindo á litteratura com uma rara modestia que o habilita a ouvir intelligentemente os conselhos dos entendidos, o sr. Bensimon especializa-se em narrações das mais breves, em que se volta de preferencia para os aspectos da vida real, eximindo-se a reincidir em velhas abusões romanticas. Sente-se-lhe o dom de tudo observar por si proprio, de tudo colher em flagrante e a sua linguagem, quer na descripção, quer no dialogo, muito faz confiar-lhe no espirito e auspiciar qualquer coisa de realmente notavel em seus livros futuros.

Sergio de Gouveia — *Inquietação* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Critico do *Correio do Povo* em Porto Alegre, o sr. Sergio de Gouveia é também artista que sabe utilizar-se habilmente de todas as conquistas da poesia moderna. A mesma vida dos seus artigos de jornal como que se estende á mobilidade dos seus poemetos, onde uma leve infiltração de ironia impede a aparição de notas melodramaticas ou demasiado regionaes.

— De uma fecundidade espantosa. Georges Simenon acaba de publicar, dentro de curto espaço de tempo, cinco novos romances: *Les gens d'en face*, *Le haut mal*, *Le locataire*, *Les Suicides* e *Les Pittard*. Accresce que estes livros, sobretudo os dois primeiros e o ultimo, conforme assignala Edmond Jaloux num recente e extenso rodapé das *Nouvelles Littéraires*, o collocam num plano muito mais alto na litteratura franceza, de tal modo que desse escriptor, ainda muito jovem, tudo se pode esperar.

— A complexa personalidade de D. H. Lawrence continúa a apaixonar os biographos e criticos. Ainda ha pouco tivemos o bello livro de Albert-Fabre Luce, que deu motivo a um interessante artigo da nossa illustre collaboradora Lucia Miguel Pereira; agora vem-nos noticia do estudo que ao autor de *Sons and Lovers* dedica René Schickel, num volume apparecido em Amsterdam.

— Sob o titulo geral de *Les Mille et Un Jours de l'Islam*, Jérôme e Jean Tharaud iniciam uma trilogia cujo primeiro volume, *Les Cavaliers d'Allah*, acaba de apparecer. Seguir-se-ão *Les Grains de la Grenade* e *Le Rayon Vert*. Grandes conhecedores do Marrocos moderno, já no primeiro volume os irmãos Tharaud associam á imaginação dos contistas arabes a technica e a intelligencia de dois escriptores modernos.

— Ha quasi cinco annos, quando esta revista lançava o seu primeiro numero, já chamavamos a attenção dos nossos leitores para um livro recente de Joseph Roth: *Job — Romance de um homem simples*. Depois, esse escriptor allemão, já traduzido para a nossa lingua, não fez senão firmar o seu nome, que é cada vez maior entre os romancistas contemporaneos. Agora mesmo elle vem de publicar mais dous livros, ambos apparecidos em Amsterdam, *O Antechristo* e *Tarabas*, que mereceram referencia especial de Marcel Brion na sua chronica de Actualidade Litteraria Estrangeira, nas *Nouvelles Littéraires*.

— André Suarès acaba de receber duas grandes distincções: com o espaço de poucos dias foi consagrado pela Société des Gens de Lettres, de Paris, e obteve o Grande Premio de Litteratura da Academia Franceza. Aliás, nada mais justo do que a consagração desse escriptor, que ha annos e annos enriquece a litteratura franceza com obras verdadeiramente notaveis.

Acaba de apparecer:

DR. SUIKIRE CARNEIRO

Alimentação da Creança

1.º volume do

"Roteiro das Mães"

Em todas as Livrarias

ROMANCES DE AVENTURA

Nossos optimos escriptores Monteiro Lobato e Moacyr Deabreu continuam a assegurar o irradiante prestigio da "Série Negra" lançada pela Companhia Editora Nacional. O prosador paulista traduziu, com a rapidez e a habilidade que o caracterizam, *O Crime do Casino*, de S. Van Dine, e *Scarface*, de Armitage Trail. O primeiro volume é uma urdidura novellesca em que os lances policiaes são aviventados por subteis preocupações de sciencia ou metaphysica, uma vez que o detective encarregado de fazer luz no assumpto é homem de cultura e dono de grande bibliotheca. O segundo narra as aventuras atordoantes de um rei dos gangsters de Nova York, typo complexo em que o romancista parece ter fundido Al Capone e dezenas de émulo seus. E' uma verdadeira Iliada do crime, numa successão de arancadas macabras a que a emoção de nenhum leitor poderá subtrair-se. Quanto ao prosador Moacyr Deabreu, trouxe ao portuguez, com segurança de polyglotta, a narração de um ficcionista relativamente pouco conhecido em nosso paiz, H. Van Offel. A novella intitula-se *O casse-tête malaio* e mescla, em feliz dosagem, scenas da vida bohemia dos artistas de Paris e sugestões de vicio e ignominia proprios de homens vindos de terras selvagens. São festas algo carnavalescas, noites de pintores e esculptores de Montmartre ou Montparnasse, a desenalverem-se á beira dessa sinistra guilhotina que os scelerados de Paris tratam lugubrememente de "viuva".

NOVAS PUBLICAÇÕES

De S. Paulo nos vêm duas novas e excellentes revistas: *Geographia* e *Movimento*. A primeira, já no seu segundo numero, mas com a qual só agora travámos conhecimento, é uma publicação trimestral da Associação dos Geographos Brasileiros, que muito honra aos seus redactores e que ha de ter vasta repercussão nos meios culturaes do paiz. O numero que temos em mão, de magnifico aspecto e muito bem illustrado, traz valiosos trabalhos dos professores Pierre Deffontaines, Geraldo H. de Paula Souza, John Lane e outros.

Movimento, embora obedecendo a outros moldes, é publicação que tambem deve merecer a attenção do publico. Dirige-a um pugillo de jovens e as suas paginas, de texto escolhido e variado, e trepidantes de vida e idéas novas, querem ser o porta-voz da mocidade do Brasil. E' rica a sua collaboração e no primeiro numero reúne trabalhos de Pontes de Miranda, Paulo Emilio, Lucia Miguel Pereira e Flavio de Carvalho.

Amando Caiuby — *Rincão de Heróes* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

O sr. Amando Caiuby, que, conhecendo de perto os ambientes policiaes, se especializara em novellas sobre crimes e criminosos, amplia neste livro o seu ambito de acção, passando a tratar das almas heroicas da velha Paulicéa. E' a gloria da sua gente ainda no nascedouro, nos primeiros lineamentos da terra que viria a assumir tamanha preeminencia em nossa composição moral e politica. Pondo em destaque a figura dos colonos lusos, nem um instante esquece o sr. Amando Caiuby o prestigio e eficiencia dos cooperadores que por aqui surgiram a cada passo, no elemento selvagem ou nas primeiras gerações de mamelucos. Um livro feito de entusiasmo e de precisão historica.

Renato Kehl — *Como escolher um bom marido* — Ariel Editora Ltda. — Rio.

E' a nova edição de um livro que conquistou leitores innumeraveis, pela amenidade com que o autor transmite em fórmula despretenciosa os postulados e observações da sua honesta carreira de eugenista, de homem preocupado sempre com a beleza e a sanidade do nosso povo. Não comprehendendo o desprezo em que deixamos os problemas hygeos de maior transcendencia, aconselha elle sejam praticados methodos de intelligente selecção sempre que se trate de compôr um lar, de organizar uma nova familia. Unindo sciencia e experiencia, o dr. Renato Kehl exerce, em nosso meio, função analogá á exercida em França por esse bem-feitor da collectividade que se chama Victor Pauchet.

C. de Mello Leitão — *A Vida Maravilhosa dos Animaes* — Comp. Editora — S. Paulo.

São ainda muito raros na nossa litteratura os livros como este, de tanto agrado na bibliotheca de outros povos e pelos quaes se consegue a mais suave e encantadora iniciação scientifica. E todavia, que mundo de surpresas e maravilhamento não reserva a nossa fauna e a nossa flora aos olhos percucientes e á alma poetica de um Fabre! A C. de Mello Leitão, scientista forrado de um homem com perfeito gosto litterario, estava fadado ser o pioneiro dessa ordem de estudos entre nós, dando-nos em *A Vida Maravilhosa dos Animaes* um volume que ha de ser lido com igual deleite por jovens e velhos ou sejam quantos se interessem pelas bellezas da nossa natureza. Assignalando alguns dos seus principaes capitulos, como a Vida Social dos Animaes, Animaes Engenheiros, A Dansa e o Canto nos Animaes, Plantas que abrigam e Plantam que devoram, O Exemplo das Formigas, A Vida das Aranhas, etc., etc., terá o leitor uma ideia das horas de particular encanto que lhe trarão a leitura dessas paginas.

Laurita Pessoa Raja Gabablia e Annita Lima Guerreiro de Castro — *Juventude de Hoje, Lares de Amanhã* — Livraria Briguier — Rio.

São paginas em que o bom sentido da pedagogia moderna nem um instante faz esquecer o que ha de tradicionalmente religioso na formação dos espiritos brasileiros. Vê-se, percorrendo-as, que o dominio do mundo material não pôde, não deve importar em obliteração daquellas virtudes que deram sempre, ás nossas gentis patricias, um prestigio moral e uma irradiação de graça e ternura em condições de enlevar os estrangeiros illustres que nos visitavam, mesmo quando provindos de civilizações ironicas ou scepticas como a franceza.

C. Paula Barros — *Yaraporanga* — Editora Record — Rio.

Se existe um poeta deslumbrado pelas nossas tradições, pelo que resta de fabuloso no norte do paiz, esse poeta é o senhor C. Paula Barros. Longa permanencia na capital do paiz, onde obteve um brilhante successo de homem de letras, não o impede de ser, ainda e sempre, o cantor dos nossos mythos, das nossas florestas, de crer em nossos indios com a mesma vibração enthusiastica dos dias de Alencar e de Carlos Gomes. Sabe elle ambientar as entidades primitivas que evoca e, em poemets sempre bem musicados, aproveita intelligentemente os motivos nacionaes, sem nada de archeologico ou postiço. Seus versos, fremindo sempre de emoção brasileira, não deixam nunca de ser arte das mais apreciaveis.

Carlos Deambrosis Martins — *Armando Godoy*, poeta frances — Santiago de Chile.

E' mais um exegeta da personalidade e da obra do grande poeta cubano que se fez um nome de tanto relevo em terras francezas. Nestas mesmas columnas já temos registado varias vezes o apparecimento de livros de traductores e commentadores de Armando Godoy, sendo que em Paris não diminue o largo movimento de interesse suscitado pelos versos do emigrado das Antilhas que se apoderou com tamanha agilidade do rythmo e da plastica verbal dos Verlaine e dos Baudelaire. Agora, o volume do sr. Carlos Deambrosis Martins significa mais uma substanciosa contribuição para o julgamento de conjuncto dos poemas profanos ou mysticos do patricio de José Maria de Heredia.

Rodriguesia — Anno I — N.º 1 — Inverno de 1935. Rio.

Com esse titulo, justa homenagem á memoria de Barbosa Rodrigues, inicia-se a publicação de uma revista que promete ser das mais interessantes no genero e é órgão do Instituto de Biologia Vegetal, Jardim Botânico e Estação Biologica do Itatiaya. Bem illustrada, com texto variadissimo e escolhido, nella encontrámos trabalhos firmados por nomes dos de maior prestigio na especialidade, como sejam os de Fernando Romano Milanez, F. Rodrigues da Silveira, A. Ducke (um minudente relatorio das suas ultimas excursões botanicas no Amazonas), Paula Parreiras Horta, etc., etc., além de muita nota instructiva e esclerecedora sobre assumptos da nossa flora.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel, pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.
Dr. Suikire Carneiro — **Roteiro das Mães** — Alimentação da Creança — Ariel, editora — Rio.

Gastão Cruls — **A Amazonia Misteriosa** — 4.^a edição — Ariel, editora Ltda. — Rio.

Farias Neves Sobrinho — **A Noite** — (Poemas) — Ariel, editora Ltda. — Rio.

Arhus Sab — **A Mão e Seus Segredos** — (Chiromancia) — Ariel, editora Ltda. — Rio.

Humberto de Campos — **Sepultando os Meus Mortos** — (Obra Posthuma) — Livraria José Olympio — Rio.

" " " — **Notas de um Diarista** — (1.^a serie) — (Obra posthuma) — Livraria José Olympio — Rio.

C. de Mello Leitão — **A Vida Maravilhosa dos Animaes** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

José Lins do Rego — **O Moleque Ricardo** — Livraria José Olympio — Rio.

Joaquim Ribeiro — **Origem da Lingua Portuguesa** — Editora Record — Rio.

Augusto de Lima Junior — **Canção da Grupiara** — Pimenta de Mello & Cia. — Rio.

José Lins do Rego — **Doidinho** — 2.^a edição — Livraria José Olympio — Rio.

Rocha Ferreira — **Gloria** — Poesias — Livraria José Olympio — Rio.

Phocion Serpa — **Calouro!** — Schmidt, editor — Rio.

Ronald de Carvalho — **Caderno de Imagens da Europa** — Comp. Editora Nacional — Rio.

Leão Machado — **Cecilia** — Contos — S. Paulo.

A. J. de Sampaio — **A Flora do Rio Cuminá** — Archivos do Museu Nacional — Vol. XXXV — 1933.

" " " " — **Nomes Vulgares de Plantas Amazonicas** — Separata do Boletim do Museu Nacional — Vol. X — 1934.

M. Carlos — **Aspectos da Philosophia Universal** — Editora Ravaro — Rio.

Amando Caiuby — **Rincão de Heroes** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Omar Khayyam — **Rubaiyat** — Versão portugueza de Octavio Tarquinio de Souza — Livraria José Olympio — Rio.

Bensimon — **Clandestinos** — (Contos) — Est. Graph. Cruzeiro do Sul — S. Paulo.

Adolfo Casais Monteiro — **A Poesia de Ribeiro Couto** — Edições "Presença" — Porto, Portugal.

A. Losovski — **Marx e os Sindicatos** — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

M. Pokrovski — **Causas Economicas da Revolução Russa** — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

João Neves — **A Voz das Opposições Brasileiras** — (Discursos) — Ed. Cultura Brasileira — S. Paulo.

Peladan — **O Segredo de Joanna D'Arc** — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

S. S. Van Dine — **O Crime do Casino** — Trad. de Monteiro Lobato — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Alexandre Puchkin — **Agua Negra** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Oliver Goldsmith — **O Vigario de Wakefield** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

F. Dostoiewsky — **Humilhados e Offendidos** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Sigmund Freud — **Sexualidade** — Trad. de Osorio de Oliveira — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Edgar Rice Burroughs — **Tarzan o Rei da Jangal** — Collec. Terramarear — Comp. Ed. Nacional — S. Paulo.

Armitage Trail — **Scarface** — (O tzar dos gangsters) — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Jack London — **O Grito da Selva** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

LIVROS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Pôde dizer-se que o publico brasileiro anda longe de faltar-se dos trabalhos do grande Humberto. Cada livro seu que surge encontra o mesmo entusiasmo e a mesma recepção commovida por parte de admiradores innumeraveis. Ainda agora apparecem dois e é o mesmo indiscutivel successo de livraria, a animar o ardor com que o sr. José Olympio serve infatigavelmente a gloriosa memoria. **Sepultando os meus Mortos** é uma collectanea de necrologios, mas redigida sem tonalidade funebre excessiva, antes com a graça, a lampejante ironia, o sorriso de coragem estoica proprios de tudo quanto escreveu o autor maranhense ás voltas com os horrores phisicos que o dilaceravam. **Notas de um Diarista** formam aquelles apontamentos auto-biographicos que são talvez o melhor de Humberto de Campos e fazem vêr a arte incisiva com que elle tudo observava em derredor, colhendo typos, examinando outras almas, ás vezes não menos atormentadas que a sua. Dois livros que os "humbertistas" não poderão deixar de adquirir e reter na fileira de volumes do mestre.

Ronald de Carvalho — **Itinerario e Caderno de Imagens da Europa** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

E' um accrescimo á obra gloriosa de um dos mais perfectos homens de letras que este paiz já produziu. **Itinerario** enfeixa admiraveis paginas sobre o Mexico, de uma côr e um movimento que fazem pensar no brio e na intensidade das melhores télas aztecas de Diego Rivera. **E Caderno de Imagens da Europa** serve para evidenciar quanto os assumptos politicos iam preocupando nos ultimos annos o grande Ronald de Carvalho. Historiador notabilissimo da nossa litteratura e poeta que rejuvenesceu tantos sectores do nosso lyrisimo e do nosso pantheismo, elle ainda encontrava tempo, em meio ás suas tarefas de diplomata, para vêr o que occorria de typico na sociedade europeá, marcando-lhe a um tempo com precisão chronometrica e sensibilidade de artista, as principaes personalidades.

Joaquim Ribeiro — **Origens da Lingua Portuguesa** — Editora Record — Rio.

Mão grado o solemnidade do titulo, esta obra do sr. Joaquim Ribeiro faz-se lêr com prazer que não esmorece em caminho. São trabalhos fragmentarios, mas nos quaes se percebe a cada momento não só a indiscutivel erudição do autor como tambem o seu dom de infundir interesse palpitante em assumptos quasi sempre destinados a entediar o proximo. O sr. Joaquim Ribeiro possui tudo quanto se torna indispensavel á carreira philologica, mas acima de tudo o que o torna legivel e estimavel é a sua capacidade de comprehender e colligir argutamente as vozes do povo, tendo verdadeiros enternecimentos de poeta ao referir-se ás lendas e ás cantigas em que são prodigas as creaturas ainda proximas da vida primitiva.

Graciano Neves — **Doutrina do Engrossamento** — Flores & Mano — Rio.

Esse nome talvez não signifique grande coisa para os leitores de hoje, talvez lhes resôe aos ouvidos como um nome totalmente ignorado. Emtanto ao que se afere do commovido prefacio do sr. Madeira de Freitas, foi Graciano Neves um desses entes complexos e ricos em que se accumulam os dons mais variados de pensador e escriptor. Politico, admistrador com honra uma importante unidade federativa do Brasil. Foi polemista, violinista, palestrador que supprimia nos ouvintes a preocupação das horas. E, farto dos aulicos que o haviam bajulado quando no poder, ainda escreveu esta saborosa **Doutrina do Engrossamento**, em que ha instantes de "humour" finissimo, de um homem que nada ignorava das letras britannicas e das letras italianas da Renascença. Não sabemos se elle chegou a lêr Mathias Aires, mas o caso é que entre os dois existem muitas analogias mentaes, havendo em ambos o mesmo sorriso desabusado de conhecedores de ambientes palacianos, de decifradores da escripta encoberta da alma dos politiqueiros velhacos.

